



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**Parresia e hermenêutica de profundidade nas trilhas de
Hermes: raça e gênero em formas simbólicas sobre o jornalismo
como profissão no Brasil**

Isabel Cristina Clavelin da Rosa

Brasília
2016

ISABEL CRISTINA CLAVELIN DA ROSA

Parresia e hermenêutica de profundidade nas trilhas de Hermes: raça e gênero em formas simbólicas sobre o jornalismo como profissão no Brasil

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB).

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Dayrell Porto
Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Lourdes Maria Bandeira

Brasília

2016

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Cp Clavelin da Rosa, Isabel Cristina
Parresia e hermenêutica de profundidade nas trilhas de Hermes: raça e gênero em formas simbólicas sobre o jornalismo como profissão no Brasil / Isabel Cristina Clavelin da Rosa; orientador Sérgio Dayrell Porto Lourdes Maria Bandeira. -- Brasília, 2016.
688 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Comunicação) -- Universidade de Brasília, 2016.

1. Comunicação. 2. Jornalismo. 3. Trabalho. 4. Raça. 5. Gênero. I. Lourdes Maria Bandeira, Sérgio Dayrell Porto, orient. II. Título.

ISABEL CRISTINA CLAVELIN DA ROSA

Parresia e hermenêutica de profundidade nas trilhas de Hermes: raça e gênero em formas simbólicas sobre o jornalismo como profissão no Brasil

Autora: Isabel Cristina Clavelin da Rosa

Orientador: Professor Doutor Sérgio Dayrell Porto

Co-orientadora: Professora Doutora Lourdes Maria Bandeira

Defesa: 14/10/2016

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Dayrell Porto

Presidente (FAC/UnB)

Co-orientadora: Prof^a Dr^a. Lourdes Maria Bandeira

Membro Interno (SOL/UnB)

Prof. Dr. Antônio Fausto Neto

Membro Externo (UNISINOS)

Prof^a Dr^a. Célia Maria Ladeira Mota

Membro Interno (FAC/UnB)

Prof. Dr. Edson Lopes Cardoso

Membro Externo (UMESP)

Dr^a. Sueli Carneiro

Membro Externo (USP)

DEDICATÓRIA

*A Bernardo, meu filho amado, razão pela qual
a minha vida ganhou novos ares e sentidos.*

IN MEMORIAM

*À minha amada e saudosa mãe Maria Isabel
pelo seu amor constante, companhia calorosa
e presença marcante e barulhenta, por ser quem
me ensinou a ser quem sou. Agora, resta-me acessar o coração
para amenizar a ausência sofrida pela lembrança diária do
bem-querer, da alegria, da confiança, do ânimo
e dadada compreensão da vida também pela fé e pelo espírito.*

AGRADECIMENTOS

Ao orientador desta tese, Prof. Dr. Sérgio Dayrell Porto, que alicerçou este estudo com paciência e respeito e me enveredou para o território fértil da linguagem, dotando-me de ferramentas importantes – e até então desconhecidas – para pensar melhor o jornalismo, a comunicação e a minha própria vida pela hermenêutica, a ciência do espírito.

À co-orientadora desta tese, Prof^a. Dr^a. Lourdes Bandeira, que acompanhou meus passos no retorno à vida acadêmica de maneira colaborativa e generosa, apresentando-me às leituras sobre a teoria feminista e aos estudos de gênero.

Às importantes colaborações críticas da banca de qualificação desta tese, composta pelo Prof. Dr. Muniz Sodré, Prof^a. Dr^a. Dione Moura, Prof^a. Dr^a. Célia Ladeira, Prof^a. Dr^a. Lourdes Bandeira, Prof. Dr. Sérgio Porto e Prof^a Dr^a. Liliane Machado.

Às jornalistas e aos jornalistas entrevistados – Adriana Carranca, Alessandra Machado, Antônio Gois, Cleidiana Ramos, Deivison Campos, Flávia Oliveira, Heraldo Pereira, João Freire, Jorge Freitas, Joyce Ribeiro, Juliana Nunes, Julianna Granjeia, Luciana Barreto, Lúcio Pinheiro, Mara Régia, Maicon Bock, Marcos Guimarães, Oswaldo Faustino, Patrícia Zaidan, Roldão Arruda e Sílvia Salek –, pela confiança no compartilhamento de suas vivências e trajetórias profissionais e pela espontânea colaboração acadêmica, fundamentais para a realização desta tese e para os debates sobre jornalismo no Brasil.

Ao Núcleo de Jornalistas Afro-Brasileiros do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul (Sindjors), ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, por meio da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira), ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de Alagoas, por meio da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira), ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Amazonas e Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Acre e à Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj), pelo apoio na realização da pesquisa de campo.

Às queridas amigas e aos queridos amigos ativistas do movimento de mulheres negras e negro, com quem aprendi muitíssimo a compreender política e ideologicamente as minhas vivências como mulher negra. Todas e todos, de maneira afetuosa, brindaram-me com

seus conhecimentos teóricos e vivenciais sobre relações raciais. Meus agradecimentos especiais a Vera Lopes, Vera Daisy Barcellos, Jeanice Ramos, Oliveira Silveira (*in memoriam*), Edson Cardoso, Regina Adami, Sueli Carneiro, Lúcia Xavier, Jurema Werneck, Elaine Oliveira, Maria Conceição Lopes Fontoura, Eliane Gonçalves, Maria Inês Barbosa e Valdice Gomes.

Aos meus irmãos, Manoel Pedro da Rosa Jr e Cristiano Clavelin da Rosa, e ao meu pai, Manoel Pedro da Rosa.

Às minhas tias, tios, primas e primos que me acolheram em momentos de profunda dor, especialmente Maria Isolina Clavelin Fraga pelo carinho afável.

Às amigas queridas pela afetuosa amizade e companhia animadora em momentos bons e difíceis da vida: Lucimeri Neves de Souza, Marlúcia Fontenele, Nilza Scotti, Cássia Assis, Danielle Valverde, Susana Martinez, Maria Helena Barreto, Ana Cristina Barreto e Ana Célia Barreto.

Aos amigos Luiz Claudio Eugênio, Jorge Carneiro, Lunde Braghini Jr e José Carlos Torves, pela amizade.

Às minhas alunas e alunos dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Serviço Social da Universidade Católica de Brasília (UCB) por me inspirarem a realizar um trabalho acadêmico propositivo e analítico e pelas ricas trocas de conhecimento, especialmente aquelas e aqueles que tiveram estudos concentrados na elaboração de trabalhos de conclusão de curso.

Às minhas colegas professoras e aos colegas professores da UCB, em especial Erci Ribeiro, Karina Figueiredo, Maria Valéria Duarte, Joadir Foresti e Angélica Córdova.

Às colegas da ONU Mulheres Brasil pela colaboração no desenrolar do curso de doutorado.

Às colegas da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) (2005-2008) e da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) (2009 e 2012-2014).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modos de operação da ideologia	40
Figura 2 – Formas de investigação da hermenêutica	52
Figura 3 – Caracterização da ou do parressista	56
Figura 4 – Hipótese da tese: revelação das dimensões de raça e de gênero sobre o jornalismo como profissão no Brasil.....	58
Figura 5 – Vivências comuns das jornalistas negras	417
Figura 6 – Vivências comuns das jornalistas brancas	425
Figura 7 – Vivências comuns dos jornalistas negros	433
Figura 8 – Vivências comuns dos jornalistas brancos	437
Figura 9 – Percepções comuns de jornalistas sobre a profissão no Brasil	444

RESUMO

Estudo sobre as dimensões de raça e de gênero no jornalismo como profissão no Brasil a partir de formas simbólicas de 21 jornalistas, mulheres e homens, negros e brancos, disciplinado pela análise dos discursos e com referencial teórico-metodológico da hermenêutica de profundidade do pensamento feminista negro. A parresia – a fala franca, a coragem de dizer – corresponde às condições elementares para a produção de formas simbólicas sobre racismo, relações raciais, sexismo e relações de gênero, essas sob o recorte de mulheres e homens no exercício da profissão de jornalista. Tais formas simbólicas estão em vias de organização e, ao tornarem-se formações discursivas, entram na arena discursiva sobre a incidência do racismo e do sexismo no jornalismo como profissão, revelando novos contornos para a identidade profissional, desafios para a comunidade discursiva jornalística e novas questões para os estudos sobre jornalismo no Brasil. Por meio da hermenêutica de profundidade, os sujeitos-enunciadores e sujeitos-discursivos evidenciam, em decorrência da hermenêutica do sujeito, ontologias em contraposição ao mito da democracia racial e ao patriarcado.

Palavras-chave: Comunicação. Jornalismo. Trabalho. Raça. Gênero.

ABSTRACT

Study on the dimensions of race and gender in journalism as a profession in Brazil from symbolic forms of 21 journalists, women and men, black and white, based on Discourses Analysis and on black feminist thought. The *parresia* – frank speech, the courage to say - corresponds to the basic conditions for the production of symbolic forms of racism, racial relations, sexism and gender relations, these under the focus of women and men in the practice of journalism. Such symbolic forms are being organized and as soon as they become discursive formations, they enter the discursive arena on the incidence of racism and sexism in journalism as a profession, revealing new dimensions for the professional identity, challenges for the journalistic discourse community and new issues for studies about journalism in Brazil. Through the depth of hermeneutics, the subject of enunciation and subject-discursive the discursive subject show identity ontologies in contraposition to the myth of racial democracy and the patriarchy.

Keywords: Communication. Journalism. Work. Race. Gender.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	19
PARTE I CORAGEM DE DIZER E LEITURAS INTERPRETATIVAS	
CAPÍTULO 1 PARRESIA E HERMENÊUTICA EM PROFUNDIDADE	46
CAPÍTULO 2 PESQUISA DE CAMPO	71
2.1 As entrevistas: produção de formas simbólicas	73
2.2 Jornalistas	76
PARTE II ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA	
CAPÍTULO 3 RAÇA, RACISMO E RELAÇÕES RACIAIS	90
CAPÍTULO 4 PATRIARCADO, SEXISMO E RELAÇÕES DE GÊNERO	109
CAPÍTULO 5 TRABALHO, PROFISSÃO E JORNALISMO.....	129
5.1 Sociologia do trabalho	135
5.2 Sociologia das profissões	141
5.3 Sociologia da imprensa.	144
5.4 Sociologia do jornalismo	150
5.5 Profissionalização da atividade jornalística no Brasil	157
5.6 Identidade profissional e marcas de parresia sobre raça e gênero	170
PARTE III ANÁLISE FORMAL OU DISCURSIVA	
CAPÍTULO 6 JORNALISTAS NEGRAS	190
CAPÍTULO 7 JORNALISTAS BRANCAS	279
CAPÍTULO 8 JORNALISTAS NEGROS	318
CAPÍTULO 9 JORNALISTAS BRANCOS	373
PARTE IV INTERPRETAÇÃO/ RE-INTERPRETAÇÃO	
CAPÍTULO 10 PARRESIA NAS FORMAS SIMBÓLICAS DE JORNALISTAS ...	401
10.1 Jornalistas negras	402
10.2 Jornalistas brancas	412
10.3 Jornalistas negros	420
10.4 Jornalistas brancos	428
10.5 Jornalismo nas dimensões de raça e gênero e futuro da profissão	435
CONCLUSÕES E OUTRAS CONSIDERAÇÕES	441
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	450
OBRAS CONSULTADAS	465
APÊNDICE A	470
APÊNDICE B	541
APÊNDICE C	588
APÊNDICE D	657
APÊNDICE E	687

INTRODUÇÃO

Percorri alguns caminhos para chegar às inquietações que motivaram a realização de estudos acadêmicos sobre jornalismo e a questão racial negra. Todos esses estudos estão vinculados à minha pertença como mulher negra e a questionamentos sobre os limites do jornalismo como profissão perante o racismo na sociedade brasileira. Meus primeiros passos na discussão acadêmica foram dados na graduação, quando percebi que o jornalismo ofertava espaços mais largos e criativos do que os explorados. Na época, a proposta materializava-se em programa-piloto de rádio chamado Cor & Atitude com estudo de recepção em grupo focal formado por ativistas do movimento negro – Oliveira Silveira, Vera Lopes e Eliane Gonçalves – e estudantes negras e negros de diferentes cursos da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo (RS).

Era um período de efervescência pessoal pelos horizontes mais amplos que o mundo do conhecimento teórico me propiciava, contrastado com a visível – embora escassa – presença de universitárias e universitários negros em meio à prevalência branca de numa universidade situada no Vale dos Sinos, um dos redutos da colonização alemã. Era, ainda, um período latente do debate nacional acerca do ingresso de negras e negros nas universidades públicas, motivado pela determinação do governo brasileiro de reservarreservarreservar cotas raciais para negras e negros enviada na III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas. Aquele foi o momento em que me inseri na militância negra, até mesmo com oportunidades abertas por ativistas em veículos da imprensa negra, tais como o Jornal Como É (Porto Alegre), Ìrohìn (Brasília) e Revista Eparrei (Santos) – todas publicações vinculadas ao movimento negro e movimento de mulheres negras, sendo um dos principais redutos para o meu desenvolvimento profissional como jornalista.

Com tudo aquilo e tudo o que hoje se apresenta, compreendo melhor a liga entre o mundo da vida, a experiência vivida e a pertença racial como pilares fundantes para a busca de conhecimento acadêmico que ilumina e valora os saberes vivenciais na perspectiva coletiva, especialmente entre negras e negros, políticos e ideológicos e, em alguma medida, com um pouco mais de sentido e significados em depuração.

Anteriormente, a vivência negra era percebida e assumida desde a tenra idade, porém, pouco engajada num movimento político, o que viria a se organizar por meio do contato com ativistas.

O segundo movimento que reconstituiu aqui é remetido ao trabalho que desenvolvi como assessora de comunicação da então Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) da Presidência da República, entre os anos de 2005 e 2009, quando me via às voltas com contatos com a imprensa nacional e, por vezes, internacional e com crises de imagem do órgão e de sua dirigente nos principais meios de comunicação. Os tensionamentos decorrentes do mundo da vida, o que corresponderia à farta empiria, e o reconhecimento da Universidade de Brasília (UnB) como um espaço possível de acesso ao saber, animaram-me para o curso de mestrado, no qual produzi pesquisa de análise de conteúdo sobre a cobertura noticiosa da Folha de S. Paulo referente à temática racial negra no período de 2000 a 2010.

No mesmo ano de defesa da minha dissertação, em 2011, decidi inscrever-me no curso de doutorado, imbuída das indagações decorrentes de entrevistas que eu havia feito com jornalistas da Folha de S. Paulo, Correio Braziliense, Rádio CBN e Empresa Brasil de Comunicação (EBC) para o curso de Gênero, Raça e Etnia para Jornalista, promovido pela Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj) e pela ONU Mulheres Brasil. Aquele era um momento em que a organização realizava programas internacional e nacional sobre a questão de gênero, raça e etnia e havia demanda para questões relacionadas à comunicação.

A disposição de colegas em absorver o componente de comunicação e a minha vivência profissional e pertença ao campo propiciaram a realização de curso para jornalistas, retomando esforço fracassado na Seppir de investir nessa área, o que também era verificado na SPM. Ambos os órgãos não dotaram energia própria para uma agenda efetiva de comunicação antirracista e antissexista. Adotaram a posição da conveniência política de figurarem como meros apoiadores coadjuvantes de encontros de comunicação – o que para a institucionalidade é um bom resultado garantir a inclusão da logomarca

num seminário¹ ou evento similar – sem ingressar, assertivamente, na disputa política e ideológica de comunicação, com vistas a mudanças estruturais.

Recomponho esse quadro de vivências distintas na tentativa de fornecer elementos para as avaliadoras, avaliadores e o leitorado desta tese sobre o campo pré-interpretativo, viabilizado pela minha transição em distintas comunidades discursivas dos movimentos negro, de mulheres negras e no jornalismo. Tais vivências me dotaram de elementos para ser uma sujeita-intérprete do objeto desta pesquisa – as dimensões de raça e de gênero no jornalismo como profissão. Este estudo chega a sua finalização em momento político emblemático para a profissão: o estabelecimento de prisão de jornalista em caso de racismo por decisão do Superior Tribunal de Justiça (STJ), movido por um dos entrevistados desta tese, o jornalista Heraldo Pereira, e a mobilização de mulheres jornalistas contra a demissão de duas jornalistas do Portal- iG devido ao sexismo. Nas redes sociais, #jornalistascontraassedio.²

A partir do que formula Raymond Williams (2011, p. 20), em **Cultura e Sociedade**, esses acontecimentos podem evidenciar certa mudança “na maneira de interpretar toda nossa experiência comum e, nessa nova interpretação, transformá-la”. Contudo, o agir político e o tempo são elementos determinantes para o que há de vir em detrimento de interpretações efêmeras. Por ora, a própria entrevista de Pereira (Capítulo 8) e a composição das denúncias de mulheres jornalistas contra o machismo evidenciam o quanto o racismo continua à margem das grandes mobilizações por justiça.

¹ No caso da Seppir, em 2014, foi organizado o seminário “Diálogos: Democracia e Comunicação sem Racismo, por um Brasil Afirmativo” como tentativa – depois de 11 anos de existência do órgão – de organizar uma agenda de comunicação, em que se somou a iniciativa Prêmio Antonieta de Barros, para fomento de projetos de mídia negra, ambas as iniciativas da gestão da então ministra Luiza Bairros (2011-2014). Ao longo da existência do órgão, a questão da mídia foi, sistematicamente, esvaziada e, quando ensaiada, era conduzida por pessoas sem a devida compreensão e capacidade de gestão perante o racismo na mídia. No âmbito da SPM, o órgão limitou-se a apoiar eventos, tais como o Seminário Mulher e Mídia, e posicionamentos públicos sobre campanhas publicitárias sexistas e/ou racistas, sem chegar a constituir uma atuação própria estruturada e em condição de fazer frente ao sexismo na mídia brasileira.

² Um dos núcleos organizativos do movimento é a comunidade #jornalistascontraassedio no Facebook em reação às demissões das jornalistas Giulia Pereira (repórter) e Patrícia Moraes (editora-chefe) após o assédio do cantor Biel à repórter. Disponível em: <https://www.facebook.com/jornalistascontraoassedio/about/?entry_point=page_nav_about_item&tab=page_info>. Acesso em: 31 jul. 2016.

Esta tese estrutura-se sobre a análise do racismo e do sexismo no jornalismo como profissão do Brasil por meio das formas simbólicas produzidas nesta pesquisa por meio de entrevistas semiestruturadas com 21 jornalistas – cinco negras e cinco negros, seis brancas e cinco brancos – sobre a atividade profissional referente às suas trajetórias, dispostas no desenvolvimento do trabalho, avaliação da carreira, relacionamento entre colegas, relação com as fontes e o público. Tais sujeitas e sujeitos falantes-enunciadores-discursivos lançam mão da zona de conforto do nada dizer, ingressando numa disputa discursiva sobre questões até então mais restritas ao ambiente das Redações do que circulantes em outros espaços discursivos, a exemplo do acadêmico.

São reconstituídas e registradas memórias sob formas simbólicas, as quais podem agregar novos elementos acerca da sociologia do jornalismo - no Brasil pelo fato de evidenciarem os efeitos do racismo e do sexismo na profissão a partir das vivências e trajetórias enunciadas por jornalistas negros e brancos, mulheres e homens, entre 30 e quase 70 anos, de norte a sul do Brasil. Este estudo atenta-se, por conseguinte, às formas humanas e às interações raciais entre mulheres e homens no exercício do jornalismo como profissão. Classifico as colaborações como extremamente valiosas e generosas na medida em que se inscrevem na parresia foucaultiana, a fala franca decorrente da coragem de dizer os efeitos do racismo e do sexismo no jornalismo como profissão, temas tabus no mercado de trabalho em dinâmicas endógenas corporativas.

Todavia, somente foram possíveis devido ao exercício de cada uma e cada um dos entrevistados da hermenêutica da sujeita e do sujeito. Posicionam-se, assim, na contraordem discursiva hegemônica de negação, silenciamento, ocultação e invisibilidade de tais fenômenos. Acrescenta-se à parresia, a vontade de dizer que alça as e os parresiastas às formações discursivas desafiadoras à comunidade discursiva, concentrando discursividade contestatória, por exemplo, ao mito da democracia racial e à meritocracia.

O referencial teórico-metodológico da tese está ancorado na hermenêutica de profundidade e no arcabouço conceitual da teoria feminista negra em face da fenomenologia ontológica sartriana sob a égide das sujeitas-discursivas e dos sujeitos-discursivos a respeito do objeto da pesquisa.

Quatro partes e dez capítulos organizam esta tese. As partes correspondem à estrutura da hermenêutica de profundidade thompsoniana, a saber: (i) campo pré-interpretativo vinculado aos Capítulos 1 e 2; (ii) análise sócio-histórica referente aos Capítulos 3 a 5; (iii) análise formal ou discursiva correspondente aos Capítulos 6 a 9; e (iv) interpretação/re-interpretação sobre o Capítulo 10, inspirada na organização da tese do jornalista Geraldo Valente Canali (2005), e alguns elementos da tese da historiadora Claudia Pons Cardoso (2012) sobre feminismo negro.

A primeira parte da tese tem em seu primeiro capítulo as examinações da participação de negros e brancos, mulheres e homens no jornalismo no Brasil, apresentando as definições de conceitos referentes à parresia – a fala franca, a coragem de dizer, tudo dizer – e da hermenêutica de profundidade, com vistas ao acionamento de leituras interpretativas para além das crenças comuns – *doxa*. No Capítulo 2, é exposta a pesquisa de campo, até mesmo pelo emprego da técnica de entrevista semiestruturada como indutora da composição de formas simbólicas para fomento do *corpus* da pesquisa e elencados os perfis de jornalistas entrevistadas e entrevistados.

Na segunda parte, sobre a análise sócio-histórica, os Capítulos de 3 a 5 reúnem conteúdos sobre raça, racismo, relações raciais, patriarcado, sexismo e relações de gênero para reflexão sobre trabalho, profissão e jornalismo no Brasil, necessários para a depuração referente à atividade jornalística no país, identidade profissional e marcas de parresia.

Na terceira parte, aglutina-se a análise formal ou discursiva em quatro Capítulos (6 a 9), organizados pela perspectiva intrarracial e intragênero sobre as formas simbólicas de jornalistas, produzidas no trabalho de campo desta pesquisa: mulheres negras (Capítulo 6), mulheres brancas (Capítulo 7), homens negros (Capítulo 8) e homens brancos (Capítulo 9). Tais formas simbólicas assumem o caráter de formações discursivas já no momento de sua incorporação à tese. Embora extenso, é fundamental a integração do *corpus* na sua totalidade em face da materialidade ao objeto desta pesquisa a despeito do seu volume.

A quarta parte congrega o Capítulo 10, no qual se apresenta a dinâmica da interpretação/re-interpretação da hermenêutica em profundidade em razão dos fenômenos

do racismo e do sexismo pela discursividade de jornalistas e a articulada com os aportes teóricos hermenêuticos e do feminismo negro ante o desafio interpretativo aqui assumido de examinar a operacionalização do racismo e do sexismo no jornalismo como profissão no Brasil.

É mister, ainda, registrar que as leituras interpretativas empreendidas decorrem da perspectiva da sujeita-intérprete mulher negra e circundam racismo, relações raciais e racialidade sob o enfoque negro, assim como as leituras referentes ao sexismo se baseiam na imbricação entre raça e gênero, e a interpretação sobre as relações de gênero ocorrem na relação entre mulheres e homens, fundamentada na teoria feminista negra.

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Esta tese lança mais questões do que as responde. Mais distante de uma tese teórica, possivelmente, esteja mais próxima de uma tese política, como em alguns momentos o professor orientador³ chegou a cogitar, por ater-se a questões políticas e sociais, contudo, nem por isso menos científica. No dizer de Umberto Eco (1996, p. 24): “Pode-se fazer uma tese política observando todas as regras da cientificidade necessárias”, e aqui foi o que se buscou fazer do início ao fim, com vistas à contribuição teórica para os estudos sobre o jornalismo.

Esta tese versa sobre a análise da incidência do racismo e do sexismo no jornalismo como profissão mediante a verificação de aceitações, resistências, enfrentamentos e estratégias de superação a essas práticas a partir das enunciações de jornalistas – negros e brancos, mulheres e homens. Estas são compreendidas como “conjuntos de discursos que interagem em uma dada conjuntura [...] em um conjunto de formações discursivas” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 91).

Tem como objeto de estudo o jornalismo como profissão no Brasil nas dimensões de raça e de gênero sob o prisma da hermenêutica de profundidade (THOMPSON, 1995) no enfoque da análise formal ou discursiva sob o viés da análise dos discursos, empregada para interpretar as formas simbólicas sobre as relações raciais e de gênero presentes na identidade profissional de jornalistas negros e brancos, mulheres e homens, com vistas à análise do jornalismo como profissão no Brasil. Conforme os fundamentos de Michel Foucault (1972 e 2005), o discurso confere materialidade e densidade a esta investigação. A hipótese levada à qualificação da tese, em junho de 2014, era a de que a interdiscursividade racial e de gênero de jornalistas sobre a profissão poderia fornecer mais elementos teóricos e interpretativos sobre as condições de trabalho; a caracterização das relações de trabalho entre profissionais; conflitos, rupturas e conciliações, alargando

³ Entre eles, destaco os debates ocorridos na disciplina Análise e Hermenêutica em Narrativas e Discursos, ministrada, em 2015/2, pelo orientador e pelas professoras doutoras Célia Ladeira e Jandyra Cunha, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da UnB (PPG/FAC/UnB).

os entendimentos sobre a identidade profissional e o exercício do jornalismo como profissão no Brasil.

Os pontos elencados para o estudo do objeto seguem marcas político-ideológicas e históricas intrínsecas tanto desta pesquisadora, na condição de sujeita-intérprete, quanto das 11 mulheres e dos dez homens jornalistas entrevistados, assumindo o objetivo teórico-metodológico de fomentar novas interpretações e leituras sobre o jornalismo como profissão no Brasil e contornos sobre essa identidade profissional. A depender das interpretações que vier a suscitar – talvez daí o virtual teor político – possa colaborar para ampliar a compreensão sobre tal atividade profissional, os problemas deflagrados pelo racismo e pelo sexismo – cuja superação implicariam materialidade dos fenômenos e responsabilização de entidades representativas e empresas jornalísticas –, assim como repensar o *ethos* profissional em razão do teor das formas simbólicas reunidas. Todavia, o objetivo é mais modesto e se circunscreve à esfera acadêmica.

São três os objetivos específicos deste trabalho, quais sejam: (i) fomentar, sistematizar e interpretar formas simbólicas e os discursos produzidos por jornalistas – negros e brancos, mulheres e homens – sobre as relações raciais e de gênero no exercício da atividade profissional; (ii) verificar como têm sido caracterizadas as trajetórias profissionais que, a partir dos pertencimentos raciais e de gênero, desencadeiam condições diferenciadas de gestão da carreira, percepções singulares sobre a profissão e sobre a realidade sociopolítica do país, além de estratégias particulares de aceitação, de enfrentamento e de superação do racismo e do sexismo; e (iii) descentrar o e a enunciativa/sujeita-falante jornalista da sua faceta individual, incorporando-a à dimensão coletiva e aos traços peculiares da categoria profissional sobre raça e gênero, expandindo o repertório analítico-reflexivo sobre o jornalismo como profissão no Brasil.

Na gestão do *corpus* da pesquisa, é esforço empreendido promover leituras e interpretações em que o e a enunciativa/sujeita falante jornalista é retirado da sua faceta individual. Como a realidade sociopolítica brasileira é configurada por privilégios e exclusões, poder e dominação de ordem racial e de gênero, estes perpassam e estruturam dinâmicas do mercado de trabalho. Dentre as singularidades dos e das jornalistas, está o agir como se estivessem à parte da realidade sociopolítica do país: cobrem os fatos e os

acontecimentos, mas experienciam o distanciamento contínuo como se dela não fizessem parte. Ou se fizessem, estariam integrados e integradas, demasiadamente, à empresa jornalística, ao veículo ou à instituição imprensa. Outra conduta pode ser associada ao empoderamento, que consistiria na conquista de consciência identitária, de espaços de expressão, decisão e participação ativa. Quando ativada, pode ser expressa nas Redações, no fazer jornalístico e nas relações interpessoais entre jornalistas negros e brancos, mulheres e homens.

Tais circunstâncias discursivas podem deflagrar a emergência de discursividades no jogo de intencionalidades, confrontos e tensões vinculados às relações raciais e de gênero. Segundo Orlandi (2005, p.48), a discursividade é a “interpelação ideológica do indivíduo em sujeito”. Busca-se, assim, expandir a compreensão do jornalismo como profissão no Brasil e da identidade profissional a partir dos vestígios discursivos sobre raça e gênero produzidos por jornalistas.

Esta tese inscreve-se na corrente teórica dos Estudos Culturais (SILVA, 2000; MATTELART; NEVEU, 2004), disciplinada à Hermenêutica (GADAMER, 2002) e à Análise de Discurso Francesa (PÊCHEUX, 1990; MAINGUENEAU, 2004) sob a perspectiva do pensamento teórico do feminismo negro (COLLINS, 2000; HOOKS, 2000; CARNEIRO, 2005). Esse conjunto de conhecimentos pode gerar as condições para o acionamento da hermenêutica de profundidade (THOMPSON, 1995), com enfoque na análise formal ou discursiva.

Conforme Williams (2011),

A história da ideia de cultura é um registro de nossas reações, em pensamentos e em sentimentos, às mudanças nas condições de nossa vida em comum. [...] A história de ideia de cultura é um registro de nossos significados e nossas definições, mas essas, por sua vez, só podem ser compreendidas no contexto de nossas ações. A ideia de cultura é uma reação geral a uma mudança geral e significativa nas condições de nossa vida em comum. Seu elemento básico é seu esforço para realizar uma avaliação qualitativa total. (WILLIAMS, 2011, p. 321)

Os Estudos Culturais são incorporados pela produção científica sobre as relações de poder de raça e de gênero, as hierarquizações sociais impostas por estruturas políticas

em seus contextos históricos e culturais e pelo estudo dos impactos na vida social e na identidade de indivíduos. Em conjunto com outras correntes teóricas, os Estudos Culturais propiciaram campo de reflexão intelectual sobre as identidades e os fenômenos políticos e culturais a partir da década de 1960.

Podem ser definidos como “tradição intelectual e política; ou em suas relações com as disciplinas acadêmicas; ou em termos de paradigmas teóricos; ou, ainda, por seus objetos característicos de estudo” (JOHNSON, 2000, p.19-20) ou simplesmente como “movimento teórico-político” (ESCOSTEGUY, 2000, p. 136). Em **Introdução aos Estudos Culturais**, Armand Mattelart e Érik Neveu (2004, p. 13), os consideraram como “paradigma” e “questionamento teórico coerente”, além de “análise “ideológica” ou externa da cultura” (MATTELART; NEVEU, 2004, p.72). A dimensão política não vulnerabiliza os propósitos científicos, pois “a questão central é compreender em que cultura de um grupo, e, inicialmente, a das classes populares, funciona como contestação da ordem social ou, contrariamente, como modo de adesão às relações de poder” (MATTELART; NEVEU, 2004, p.14).

Interessados nas questões afetas à sociedade, às determinações e relações sociais e às formas das subjetividades, os Estudos Culturais também dedicaram atenção aos discursos e aos signos em contextos de relações de poder:

Precisamos de análises cuidadosas que nos revelem onde e como as representações públicas agem para encerrar os grupos sociais nas relações de dependência existentes e onde e como elas têm alguma tendência emancipatória. Fora isso, podemos, entretanto, insistir na importância do *poder* como um elemento da análise, ao sugerir as principais formas pelas quais ele está ativo na relação entre o público e o privado. Existem, naturalmente, profundas diferenças em termos de acesso à esfera pública (JOHNSON, 2000, p.48).

Às contribuições dos Estudos Culturais, acrescento os conceitos expostos em Adriano Rodrigues (1995) sobre signos linguísticos, os quais podem ser signos sincategoremáticos, com “significação própria independentemente da sua inserção no enunciado” (RODRIGUES, 1995, p.103), expressos por pronomes, preposições, conjunções, desinências, indicadores de gênero, número e flexão verbal, ou categoremáticos, isto é, com “significação própria” (RODRIGUES, 1995, p.101), por

meio de normas comuns e verbos. É por meio dos signos linguísticos sincategoremáticos e categoremáticos que a linguagem se transforma em discurso, possibilitando elementos de distinção que poderão conformar os entremeios elementares para a análise dos discursos.

Para a análise sociopolítica, os Estudos Culturais se aproximaram da teoria marxista, da Psicanálise e da Linguística – a exemplo da Análise de Discurso Francesa (PÊCHEUX, 1990) – para compor o quadro teórico necessário para a compreensão de situações enfrentadas pelos sujeitos decorrentes das hierarquizações sociais. Nesse sentido, os Estudos Culturais lançaram mão da observação dos processos culturais a que o sujeito está atrelado, elementos definidores de sua subjetividade e das experiências comuns de coletividades na luta social. Retomaram as aproximações com a fenomenologia (essência das coisas), etnometodologia (vida cotidiana) e interacionismo simbólico (interação social/sócio-histórica).

Ao desenvolverem-se de forma interdisciplinar e dedicarem-se à vida em sociedade, conforme compreensão de Johnson (2000, p.75), os Estudos Culturais tomaram como objeto de estudo “a *vida subjetiva das formas sociais* em cada momento de circulação, incluindo suas corporações textuais”, por meio de três áreas de concentração de estudos: produção cultural, textos e culturas vividas. Demarcava-se, assim, o campo propício para a abordagem teórica para a articulação de temas – até então considerados à margem e menos valorados para a ciência –, tais como relações raciais, divisões sexuais, classe, identidade de grupos, como, por exemplo, os punks. Um campo epistemológico fornecedor de condições teóricas para o fomento dos estudos sobre raça e gênero (MATTELART; NEVEU, 2004), racismo e imigrações, pensamento feminista negro (COLLINS, 2000), teorias feministas e relações de gênero (BUTLER, 2007), entre outros, reconhecendo novas alteridades.

A hermenêutica inscreve-se na Filosofia, tendo como propósito a arte ou a teoria da interpretação de textos – dos bíblicos aos jurídicos e literatos. Atém-se ao processo interpretativo verbal ou não-verbal para aferição de discursos por meio da linguagem e da semiótica. Para Hans-Georg Gadamer (2002, p.35), o “problema da hermenêutica sempre esteve forçando os limites que lhes são impostos pelo conceito metodológico da

moderna ciência”, haja vista que “entender e interpretar os textos não é somente um empenho da ciência, já que pertence claramente ao todo da experiência do homem no mundo”.

Para esta tese, a hermenêutica eleva o patamar epistemológico e os procedimentos metodológicos, pois considera experiências e vivências humanas – como as destacadas nas perspectivas racial e de gênero de jornalistas brasileiros e brasileiras – como tangíveis de interpretação na busca de sentidos e significados, ou pelo menos, aproximações sobre o jornalismo nas dimensões de raça e de gênero. Parte das enunciações dos e das sujeitas-falantes, sujeitas-enunciadoras, para depreender os discursos e significá-los na historicização e na contemporaneidade. Conforme Foucault (1972, p.70), o discurso é “um conjunto em que se podem determinar a dispersão do sujeito e sua descontinuidade consigo mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos”.

A hermenêutica gera as condições para o transitar constante em dimensões diferenciadas de tempo, imprescindível para a conexão dos pensamentos dos e das , da história, da ideologia e da realidade atual do jornalismo como profissão no Brasil. As explicações para a conformação atual do mercado de trabalho no que concerne à força de trabalho alocada nessa atividade profissional não estão postas somente na atualidade.

Aliás, a configuração recente está repleta de discursos e de representações que obscurecem a compreensão da presença (limitada) e da ausência (por vezes, absoluta) de trabalhadores e trabalhadoras negras, por exemplo. As enunciações dão conta de que todos e todas podem ser jornalistas e de que as mulheres estão no poder. Há movimentações em direção da segunda afirmativa, porém, é preciso refletir de que modo elas ascendem ao poder e como fazem uso dele. Se conscientes da sua própria condição de sujeitas ou influenciadas pelo androcentrismo. Na prática, a primeira afirmativa é falaciosa quando confrontados dados estatísticos, pesquisas e, o mais relevante, os depoimentos de jornalistas – negros e brancos, homens e mulheres – sobre as relações raciais na profissão tanto em vozes discursivas, dispersas na comunidade discursiva ou nas formas simbólicas reunidas no trabalho de campo desta tese.

De acordo com Gadamer (2002):

Uma reflexão sobre o que é verdade nas ciências do espírito não deve se ver refletida a partir de uma tradição, cuja vinculação lhe tenha escapado. Por isso, para a sua própria forma de trabalho, terá de apresentar a exigência de adquirir tanta autotransparência histórica quanto lhe for possível. Esforçando-se para entender o universo da compreensão, melhor do que parece possível sob o conceito de conhecimento da ciência moderna, a reflexão terá de procurar também um novo relacionamento com os conceitos que ela mesma utiliza. Terá de se conscientizar de que sua própria compreensão e interpretação não é nenhuma construção a partir de princípios, mas o aperfeiçoamento de um acontecimento que lhe vem de longe. (GADAMER, 2002, p.35)

Este trabalho ancora-se na disciplina da análise dos discursos (PORTO, 2012) por sua articulação teórico-metodológica, caracterizada pela observação, identificação, coleta e interpretação de discursos. Instada como disciplina que articula campos teóricos de matrizes de conhecimentos distintas – Linguística (deslocamento da fala para discurso), Marxismo (materialismo histórico) e Psicanálise (descentramento do sujeito) – a Análise de Discurso Francesa, surgida na década de 1960, propõe-se a interrelacionar os efeitos da língua com a ideologia do e da enunciativa/sujeita-falante. Michel Pêcheux (1990) considera o caráter político-ideológico das formações discursivas e a influência de formações imaginárias. As formações discursivas são definidas por Eni Orlandi (2005, p.68) como “acontecimento do texto como discurso, o trabalho dos sentidos nele” enquanto as formações imaginárias propiciam o reconhecimento entre diferença, lugar e posição do sujeito no discurso por meio de suas projeções imagéticas entre contexto sócio-histórico e memória (o dito). Concernente à categoria analítica de gênero, Lia Zanotta Machado (1992, p.32) credita “à concepção linguística o pensar mais radical sobre sua maior autonomia no simbólico”, pois é possível perceber “mais claramente o plano da produção simbólica do conceito de gênero”.

Tais formações revelam sentidos, efeitos e significados a partir de atos locutórios, atos ilocutórios e atos perlocutórios. Rodrigues (1995, p.117) define os atos locutórios como “o próprio ato de falar [...] um ato que ocorre no mundo, a realização de um acontecimento independente do que se diz e como se diz”. Segundo Foucault (1972, p. 104), os atos ilocutórios referem-se ao “que se produziu pelo fato mesmo de ter sido enunciado – e precisamente esse enunciado (e nenhum outro) em circunstâncias bem

determinadas”. Outra definição é agregada por Adriano Rodrigues (1995, p.135): “ato de linguagem que, além daquilo que faz enquanto ato locutório, produz algo ao dizê-lo”. Já os atos perlocutórios, conforme Rodrigues (1995, p. 120), são atos locutórios e atos ilocutórios com “determinados efeitos, tais como sentimentos, pensamentos, comportamentos, quer sobre os nossos interlocutores quer sobre nós mesmos”.

Valendo-se da releitura de Karl Marx por Louis Althusser e da psicanálise de Jacques-Marie Émile Lacan, a Análise de Discurso Francesa ampliou as fronteiras interpretativas das práticas político-ideológicas e dos fenômenos sócio-históricos:

Desse modo dá uma função heurística ao fato de que a história “aparenta” o movimento da interpretação do homem diante dos “fatos”. Por isto a história está colocada. E a Análise dos discursos trabalha justamente no lugar desse “aparentar”, criando um espaço teórico em que se pode produzir o “descolamento” dessa relação, desterritorializando-a. (PÊCHEUX, 1990, p. 9).

Em **Análise de textos de comunicação**, Dominique Maingueneau (2004) desprende-se de críticas de ordem ideológica, da organização da mídia e da sua incidência sobre as representações coletivas. Todavia, é contundente ao considerar que “na sociedade contemporânea, as produções midiáticas desempenham um papel essencial; elas são mesmo a marca dessa sociedade” (MAINGUENEAU, 2004, p. 9). O autor entende que a análise dos discursos se aplica a qualquer tipo de texto e não somente como uma técnica de comunicação textual, pois enraiza conhecimento linguístico. Alerta, ainda, para a abordagem associada entre organização textual e situação de comunicação, em que a atividade enunciativa está ligada a um gênero de discurso, isto é, “um lugar social de onde ele emerge, o canal por onde passa (oral, escrito, televisivo...), o tipo de difusão que implica etc, não são dissociáveis do modo como o texto se organiza”. (MAINGUENEAU, 2004, p.12).

Maingueneau (2004) chama a atenção para a relação entre sentido e contexto e o papel do analista, o qual recompõe a compreensão do enunciado. Frisa, porém, que a interpretação não necessariamente coincida com o propósito do enunciador porque está baseada na mobilização de saberes e raciocínios diversos. Para a iluminação hermenêutica do objeto de estudo desta pesquisa – as dimensões de raça e de gênero no jornalismo

como profissão –, são elementares os conhecimentos teóricos sobre raça e gênero para compor o quadro interpretativo da análise dos discursos. Não somente na mobilização de conhecimentos acadêmicos, mas também na de saberes, vivências e reflexões críticas, possíveis de ser mais bem articuladas pelos elos em comunidades discursivas mistas conforme as leituras interpretativas propostas por esta pesquisadora na condição de sujeita-intérprete.

A reflexão contemporânea sobre a linguagem afastou-se dessa concepção da interpretação dos enunciados: o contexto não se encontra simplesmente *ao redor* de um enunciado que *conteria* um sentido parcialmente indeterminado que o destinatário precisaria apenas especificar. Com efeito, todo ato de enunciação é fundamentalmente **assimétrico**: a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciatador. Compreender um enunciado não é somente referir-se a fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é um dado preestabelecido e estável. A própria ideia de um enunciado que possua um sentido fixo fora de contexto torna-se insustentável. (MAINGUENEAU, 2004, p.20).

Na acepção de Maingueneau (2004), o enunciado é formado por signos e elementos verbais. Pode ser alvo de interdições, por isso, não deve ser tomado ao pé da letra. Possui valor pragmático por estabelecer relação entre o sujeito e o destinatário na transmissão de sentidos. Incorpora aos elementos de contexto – ambiente físico, momentos e lugar da enunciação – o contexto, isto é, “sequências verbais encontradas antes ou depois da unidade de interpretar” (MAINGUENEAU, 2004, p.27) e os saberes anteriores à enunciação. Investe-o num produto de enunciação que impõe uma cena, isto é, “o rastro por um discurso em que a fala é encenada”. (MAINGUENEAU, 2004, p.85). É, dessa forma, na cena enunciativa onde o discurso se legitima. Outro aspecto, aqui incorporado, é o *ethos* do discurso como “desdobramento da retórica tradicional” em que “a personalidade do enunciatador” é revelada por meio da enunciação (MAINGUENEAU, 2004, p.97-98).

Por intermédio de movimentações incessantes entre o dito, o não-dito e o interdito (FOUCAULT, 2005), enunciatadores e enunciatadoras transitam em processos sociais, políticos, ideológicos e discursivos, derivados dos dois caminhos traçados por Pêcheux

(1990) no interior da análise dos discursos: estrutura e acontecimento (fenômeno semântico/efeito metafórico) e tensão entre descrição e interpretação. Conforme Foucault (2005), o discurso

[...] nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso tudo poder ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. Quer seja, portanto, em uma filosofia do sujeito fundante, quer em uma filosofia da experiência originária ou em uma filosofia da mediação universal, o discurso nada mais é que um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogo senão os signos. O discurso se anula, assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante”. (FOUCAULT, 2005, p.49).

Ao conferir materialidade a objetos discursivos (*corpus*), decorrentes da superfície linguística (língua bruta), estes devem estar imbricados com objetos teóricos (objetos linguisticamente de-superficializado) num processo analítico de discursividades, isto é, “interpelação ideológica do indivíduo em sujeito” (ORLANDI, 2005, p. 48), para deslocamento dos sujeitos em face dos efeitos das enunciações. Conforme Orlandi (2005, p.32), o dito relaciona-se com o “fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia”. Ao passo em que, o não-dito é a “presença de uma ausência necessária” (ORLANDI, 2005, p.34).

De acordo com Pêcheux (1990, p.50), a língua é “atravessada por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações de sentido”. Vale, aqui, incorporar o conceito de regularidades discursivas de Foucault (1972, p.61) pelo “próprio discurso enquanto prática” no seu limite diante dos “objetos de que ele pode falar” e que “elas determinam o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder falar de tais ou quais objetos, a fim de poder tratá-los, nomeá-los, analisá-los, classificá-los, explicar, etc”. Tal dinâmica impõe ao ou à analista (sujeito ou sujeita-intérprete) idas e vindas constantes entre análise do *corpus* guiada pela reflexão

teórico-metodológica (dispositivos teóricos), a fim de resgatar vestígios das propriedades discursivas do objeto discursivo num processo multidirecional e cíclico que poderia ser assim sintetizado: identificação, coleta, agrupamento, análise, depuração de efeitos e sentidos, reordenamento dos elementos. Essa operacionalização pode ser associada à hermenêutica de profundidade pela sua terceira abordagem – a interpretação e a re- interpretação – desde que atendidas as condições teórico-metodológicas.

Conforme Orlandi (2005, p.39), as relações de sentido fazem parte das condições de produção dos discursos, portanto, “não há discurso que não se relacione com outros. Os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros”. Por isso, Orlandi (2005) chama a atenção para o objeto do discurso, pois

[...] ele supõe um trabalho do analista e para se chegar a ele é preciso, numa primeira etapa de análise, converter a superfície linguística (o *corpus* bruto), o dado empírico, de um discurso concreto, em um objeto teórico, isto é, um objeto linguisticamente des-superficializado, produzido por uma primeira abordagem analítica que trata criticamente a impressão de “realidade do pensamento, ilusão que sobrepõe palavras, ideias e coisas. (ORLANDI, 2005, p.66).

No estabelecimento do discurso como acontecimento e estrutura, Pêcheux (1990) alerta para a posição do ou da analista entre os dispositivos analítico e interpretativo, suscitando incorreções de percursos e chamando a atenção para o ponto de confluência das “coisas a saber”, lugar e momento de interpretação. Conforme Orlandi (2005, p.59), são características do dispositivo de interpretação: “colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro”.

No saber de Maingueneau (2004, p.55), o discurso é entendido no interdiscurso, ou seja, no “interior de um universo de outros discursos, lugar no qual ele deve traçar o seu caminho”, partindo da interpretação de um enunciado, o qual deve ser relacionado a outros enunciados. Com base em Maingueneau (2004), considero que o discurso é uma organização para além da frase (mobilizador de estruturas), é orientado (efeito, finalidade, temporalidade), é uma formação de ação (ato que se propõe a mudar determinada

realidade), é interativo (entre dois ou mais locutores ou locutoras), é contextualizado (relações definidas), é assumido por um sujeito ou sujeita (responsável pelo que diz), é regido por normas (justificativa e legitimação) e é considerado no bojo de um interdiscurso. Este implica o “simples fato de classificar um discurso dentro de um gênero (a conferência, o telejornal etc.) implica relacioná-lo ao conjunto ilimitado dos demais discursos do mesmo gênero (MAINGUENEAU, 2004, p.56).

Maingueneau (2004) traz as leis do discurso dentre os princípios de cooperação enunciativa, em que o ou a analista tem de ter seriedade para a interpretação do enunciado, respeitando as regras do jogo. Isso se concretiza pelo cumprimento das normas, cabendo aos interlocutores e interlocutoras respeitar as relações estabelecidas entre canal e enunciador ou enunciativa pelo papel crucial nos processos de compreensão. Às leis do discurso somam-se, ainda, as normas ou máximas conversacionais, isto é, as convenções aceitas para reger a comunicação. E, por fim, o reconhecimento mútuo, referente à relação de lugares, papéis e quadro comunicacional e a fala em gêneros discursivos.

De acordo com Maingueneau (2004), são cinco as leis do discurso: pertinência, sinceridade, informatividade, exaustividade e modalidade. A pertinência vincula-se à enunciação adequada ao contexto em que acontece e pelo interesse ao destinatário ou destinatária por fornecer informações que modifiquem a situação – em face do objeto desta pesquisa: o racismo e o sexismo no jornalismo como profissão. A sinceridade revela-se pelo engajamento do enunciador ou enunciativa no ato de fala que realiza ao afirmar algo, até mesmo pela condição de provar a verdade que diz. A informatividade aponta para o que não se deve falar para não dizer. Logo, o conteúdo precisa agregar informações a fim de que algo ser conhecido. A exaustividade demanda ao enunciador ou à enunciativa oferecer o máximo de informação – a que esta pesquisadora, em consonância com o orientador e a co-orientadora desta tese, decidiu contemplar no roteiro de entrevista como detalhado nos Capítulos 6 a 9. E a modalidade divide-se em clareza e em economia/precisão do gênero discursivo.

É, pois, o caráter teórico-metodológico da análise dos discursos que pode preservar os procedimentos adequados e coerentes na relação discurso e formações

discursivas, atrelados ao referencial teórico produzido sobre o objeto desta pesquisa, possibilitando limites para a interpretação.

Para Orlandi (2005):

A análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do *corpus* e que se organiza em face da natureza do material e da pergunta (ponto de vista) que o organiza. Daí a necessidade de que a teoria intervenha a todo momento para “reger” a relação do analista com o seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação. (ORLANDI, 2005, p.64).

Em razão disso, o *corpus* da análise dos discursos, isto é, “o conjunto de dados que servem de base para a descrição e análise de um fenômeno” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p.137) deve seguir critérios teóricos, considerando que a decisão por estes estará vinculada às propriedades discursivas (ORLANDI, 2005, p.63) na passagem da unidade textual (texto) – “unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte” – para a unidade discursiva (sentido), isto é, parte de um texto e se explicita “em suas regularidades pela sua referência a uma outra formação discursiva”.

Maingueneau (2004, p. 56-57) faz a distinção entre enunciado e texto. Define como enunciado “a marca verbal do acontecimento que é a enunciação” com “valor de frase inscrita em um contexto particular”, e como texto as “unidades verbais pertencentes a um gênero de discurso”.

Sobre o sujeito-falante, enunciador, sujeito discursivo, Orlandi expõe a dualidade do sujeito ou da sujeita: livre x submisso ou submissa. No primeiro arranjo, está dotada das condições de enunciação, operacionalizando formações discursivas. Por Rodrigues (1995, p.102), a enunciação é o “ato de dizer algo e do conjunto das instâncias que integram a situação enunciativa, nomeadamente o locutor, o alocutário assim como as circunstâncias de tempo e lugar em que a enunciação ocorre”. O assujeitamento refere-se à submissão do enunciador ou da enunciativa às relações sociais desencadeadas pelas redes de significantes (PÊCHEUX, 1990). Para Orlandi (2005, p.51), assujeitamento é “modo a que o discurso apareça como instrumento (límpido) do pensamento e um reflexo (justo) da realidade”. Nas palavras de Eduardo Manhães (2009, p.306), são os sujeitos assujeitados atados no paradoxo hermenêutico por serem “obrigados a utilizar e respeitar

as regras e os mecanismos linguísticos e a se relacionarem com os códigos e falas já instituídas”.

Como exposto, esta tese desenvolve-se pelos procedimentos teórico-metodológicos da análise dos discursos francesa (PÊCHEUX, 1990; FOUCAULT, 2005), norteados pelo marco referencial metodológico da hermenêutica de profundidade (THOMPSON, 1995) e da abordagem da pragmática da comunicação (RODRIGUES, 1995). Conforme Rodrigues (1995, p. 91), os indicadores de pessoa estabelecem “parceiros da relação interlocutiva como interlocutores ou como sujeitos da enunciação”. Nos indicadores de tempo, a temporalidade apresenta-se no passado, presente ou futuro, em que o “tempo da enunciação se dá a ver ou a se mostrar no próprio instante em que alguém toma a palavra; é este instante que subsiste, em certo modo, à totalidade da significação enunciada” (RODRIGUES, 1995, p.93). Os indicadores de lugar, por sua vez, são marcados “a partir do lugar em que se fala, os interlocutores organizam o espaço a que se referem” (RODRIGUES, 1995, p.94). Desse modo, busca-se na formação discursiva de jornalistas – negros e brancos; mulheres e homens – as marcas do interdiscurso⁴ (MAINGUENEAU, 2004; FOUCAULT, 2005), em que os saberes da memória do dizer de jornalistas exprimem, reduzem ou ampliam o que circula na sociedade brasileira sobre raça e gênero.

Conforme Sueli Carneiro (2005), raça apresenta-se como instrumento metodológico e prática discursiva, fundamental para o presente estudo.

Enquanto instrumento metodológico, pretende compreender as relações desiguais entre os diferentes grupos humanos mais especificamente as desigualdades de tratamento e de condições sociais percebidas entre negros e brancos no Brasil. Enquanto prática discursiva, os estudos nele inspirados visam à modificação das relações sociais que produzem as discriminações e assimetrias raciais. Porém, difere do termo gênero apontado por Coulouris, no que se refere ao saber acadêmico relativo às questões relacionadas às mulheres, em um aspecto fundamental ali

⁴ É conceituado por Orlandi (2005, p.31) como “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”. Corresponderia à quarta leitura interpretativa enunciativa (PORTO, 2012), embasada na Teoria Matemática da Informação.

apontado, qual seja, ao que concerne a quem é sujeito das práticas discursivas (CARNEIRO, 2005, p.52).

No âmbito das relações de poder, Avtar Brah⁵ (2006) reforça a acepção estratégica das formações discursivas e as áreas de impacto em diferentes campos da vida.

Toda formação discursiva é um lugar de poder, e não há nenhum lugar de poder onde a dominação, subordinação, solidariedade e filiação baseadas em princípios igualitários, ou as condições de afinidade, convivialidade e sociabilidade sejam produzidas e asseguradas uma vez por todas. Antes, o poder é constituído performativamente em práticas econômicas, políticas e culturais, e através delas. As subjetividades de dominantes e dominados são produzidas nos interstícios desses múltiplos lugares de poder que se intersectam (BRAH, 2006, p.373).

Cada vez mais presentes no debate sociopolítico nacional, o racismo e o sexismo, assim como as reivindicações de equidade racial e de gênero, espriam-se para realidades específicas, ganhando materialidades de circunstâncias, sujeitos e espaços por muito tempo ocultos em razão das estratégias de invisibilidade e silenciamentos de cunho político e ideológico, influenciados pelo mito da democracia racial e pelas relações patriarcais e sexistas.

Com base no racismo científico, difundido no fim do século XIX, o mito da democracia racial, no Brasil, tem como obra fundadora **Casa-Grande e Senzala**, do sociólogo Gilberto Freyre. Este consiste na relação harmônica e pacífica entre brancos e negros no período da escravidão, negando violências, dominações e desigualdade de forças nas relações de poder entre negros e brancos de modo a manter os privilégios para os brancos.

Na dissertação **A celebração conflituosa do mito – uma leitura dos jornais do centenário da abolição da escravatura**,⁶ o Edson Lopes Cardoso (1990) analisou os discursos de diversos jornais no entorno do 13 de maio de 1988. Sobre a construção das

⁵ Esta como outras teóricas feministas, algumas delas constantes do Capítulo 4, foram estudadas na disciplina Pensamento Social Brasileiro e Relações de Gênero, ministrada pela co-orientadora desta tese, Lourdes Maria Bandeira, e pela Prof^a. Dr^a. Mariza Côrrea, em 2012/2, na Pós-Graduação do Departamento de Sociologia da UnB.

⁶ A referida pesquisa foi orientada pelo Prof. Dr. Sérgio Dayrell Porto no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da UnB (PPG/FAC/UnB).

imagens negras, em **Bruxas, espíritos e outros mitos**, Cardoso (1992, p.27-28) constatou, na apreciação de editoriais, entrevistas, charges e cartas de leitores, que os negros foram representados como “portadores de uma humanidade inferior” e a identidade como “fonte de conflitos”, com mistificação da igualdade alicerçada no mito da democracia racial por meio da transformação da “opressão e a espoliação que regem nosso sistema interétnico numa ideal e ‘perfeita coexistência de etnias’”.

Cardoso (1992) defrontou-se com a imbricação do mito com o imaginário coletivo, os quais Pierre Ansart (1978, p.36) insere numa ideologia política que se propõe a “designar em traços gerais o verdadeiro sentido dos atos coletivos, traçar o modelo da sociedade legítima e de sua organização, indicar, simultaneamente, os legítimos detentores da autoridade”. Para consagrar-se, o mito exige “repetições de ritos” e “reatualização dos significados” com “urgência de impor normas contra os riscos do desânimo” (ANSART, 1978, p.23), isto é, de aspectos fundamentais para preservar os seus efeitos de influência no imaginário social.

Na interrelação entre mito, imaginário coletivo, ideologia e discurso, cabe recorrer a Foucault (1972), pois

[...] todo o discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um <jamais-dito>, um discurso sem corpo, uma vez tão silenciosa quanto um sopro, uma escritura que não é senão o vazio de seu próprio traço. Supõe-se assim que tudo o que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente abaixo dele, mas que ele recobre e faz calar. O discurso manifesto não passaria, afinal de contas, da presença repressiva do que ele diz; e esse não-dito seria um vazio que mina, do interior, tudo que se diz (FOUCAULT, 1972, p.36).

Ora latentes e mais facilmente reconhecidas na sociedade e até mesmo com presença nos meios de comunicação – por ação política e ideológica dos movimentos negro e de mulheres negras, feminista e de mulheres na denúncia sistemática do racismo, do patriarcado e do sexismo atrelada a estratégias de resiliência, enfrentamento e novas construções sociais – é elementar refletir sobre essas questões em diversos contextos, como o do jornalismo brasileiro, com seus sujeitos masculinos e femininos, brancos e negros.

Como afirma Pêcheux (1990),

[...] a descrição de um enunciado ou de uma sequência coloca necessariamente em jogo (através da detecção de lugares vazios, de elipses, de negações e interrogações, múltiplas formas de discurso relatado...) o discurso-outro como espaço virtual desse enunciado ou dessa sequência. (PÊCHEUX, 1990, p. 54-55).

Entremeado ao interdiscurso de jornalistas sobre a atividade profissional, adicionam-se ao intradiscurso os componentes racial e de gênero a fim de fomentar a produção de formas simbólicas, sistematizá-las e interpretá-las, tendo como fio do discurso as enunciações formuladas por jornalistas sobre como eles e elas – assim como os demais profissionais brasileiros – vivenciam, reconhecem, são alvo e enfrentam as desigualdades raciais e de gênero, no interior das empresas, na relação com chefias e colegas, na relação com as fontes, e o público, a condição de trabalhador e trabalhadora, a realização profissional e as possibilidades de solidariedade (ou não) entre pares.

Conforme Orlandi (2005, p.33), o intradiscurso compõe o “eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas”. Das seis leituras interpretativas do método massa folhada, poderia ser destacada a arqueológica, relacionada às possibilidades de saber, por meio da “experiência desnuda da ordem e de seus modos de ser” (PORTO, 2012, p. 191) na sua correspondência dos “primeiros ensaios à sociedade”, valendo-se da formação discursiva (formação ideológica dada que determina o que pode e deve ser dito), com circulação em espaços discursivos de seus pares.

Seriam as revelações decorrentes da articulação pendular entre polissemia e paráfrase (ORLANDI, 2005). A primeira figura de linguagem refere-se à primeira leitura interpretativa (PORTO, 2012), a polissêmica, a qual trata a multiplicidade de sentidos. É o espaço da pluralidade em que divergências e contraditórios podem se revelar na dimensão sintagmática (RODRIGUES, 1995), ou seja, pelas suas intencionalidades. Já a segunda leitura interpretativa, a parafrástica (PORTO, 2012), está associada à manutenção dos sentidos, os quais podem ser redundantes por estarem investidos com os

propósitos paradigmáticos (RODRIGUES, 1995) para fixação de determinados sentidos mesmo que sob várias formas.

Segundo Orlandi (2005),

[...] todo o funcionamento da linguagem se assenta entre os processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. [...] Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco. [...] É nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam. (ORLANDI, 2005, p.36).

Desse modo, essa formação discursiva pode compor os dispositivos analíticos necessários para a pesquisa no que se refere ao interdiscurso jornalístico sobre o que é dito por jornalistas sobre a profissão sob a perspectiva do intradiscurso caracterizado por elementos de raça e de gênero. Os dispositivos analíticos são aqui entendidos como o ir e vir constante e multidimensional (ORLANDI, 2005), norteado pelo problema da pesquisa, referencial teórico-conceitual e pelo método da pesquisa, análise e interpretação do material empírico.

Como salienta Orlandi (2005, p.38), no jogo entre paráfrase e polissemia há “o confronto entre o simbólico e o político. Todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa”. Seguindo o proposto pela análise dos discursos, este estudo se organiza por tentativas de novas práticas de leitura (PÊCHEUX, 1990) e gestos diferenciados de interpretação (ORLANDI, 2005) sobre o objeto de pesquisa no intuito de identificar vestígios, articular efeitos de sentido e compreender a formação discursiva de jornalistas. Gestos de interpretação ligam-se “aos processos de identificação dos sujeitos, suas filiações de sentidos: descrever a relação do sujeito com sua memória” (ORLANDI, 2005, p.60).

Esta investigação motiva-se na busca por “multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de colocar em posição de ‘entender’ a presença de não-ditos no interior do que é dito” (PÊCHEUX, 1990, p. 44). Nessa movimentação, poderão ser feitas

aproximações (BRAGA, 2012) com lugares próprios da ideologia e das materialidades erguidas pelos fatores políticos, históricos, econômicos e sociais, colaborando para sentidos e significados de uma das profissões brasileiras em que o debate sobre as relações raciais e de gênero ainda é tangencial e, por causa disso, incipiente nos ambientes sindicais, trabalhistas e acadêmicos.

Boudon (1989, p.46) define ideologia como “doutrina que repousa sobre uma argumentação científica e que é dotada de uma credibilidade excessiva ou não fundamentada”. Em **Interpretação e ideologia**, Paul Ricoeur (1983) a conceitua como

[...] fundação da distância que separa a memória social de um acontecimento que, no entanto, trata-se de repetir. Seu papel não é somente o de difundir a convicção para além do círculo dos pais fundadores, para convertê-la num credo de todo o grupo, mas também a de perpetuar sua energia inicial para além do período de efervescência. (RICOEUR, 1983, p.68).

A regularidade da formação discursiva do objeto desta pesquisa poderá fornecer entendimentos sobre a identidade racial e de gênero de jornalistas brasileiras e brasileiros, tendo em vista o fato de todo dizer ser ideologicamente articulado (PÊCHEUX, 1990) de acordo com as possíveis condições de produção do discurso. Estas demandam materialidade (língua investida na historicidade), institucionalidade (ordenamento da formação social) e articulação imaginária, desencadeando “imagens dos sujeitos, assim como objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica” (ORLANDI, 2005, p. 40).

Para Thompson (1995, p. 104), nas sociedades modernas, a ideologia pode ser compreendida como “*grande narrativa da transformação cultural*” e um “tipo particular de um sistema de crenças característico da era moderna”. Desta feita, corresponde a “um conjunto de valores e crenças que são produzidos e difundidos pelas agências do estado e que servem para reproduzir a ordem social por meio da garantia de adesão das pessoas” (THOMPSON, 1995, p.104). Na revisão do conceito de ideologia, o autor chama a atenção:

[...] estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação. Fenômenos

ideológicos são fenômenos simbólicos significativos desde que eles sirvam, em circunstâncias sócio-históricas específicas para estabelecer e sustentar relações de dominação. [...] De fato, em alguns casos, a ideologia *pode* operar do ocultamento e do mascaramento das relações sociais, do obscurecimento ou da falsa interpretação das situações; mas essas são possibilidades contingentes, e não características necessárias da ideologia como tal. (THOMPSON, 1995, p. 76).

Dentre as relações de dominação, Thompson (1995) alerta para a existência de outras formas de dominação e subordinação para além das relações de classe, citando como exemplo as existentes entre mulheres e homens, grupos étnicos e estados hegemônicos e marginais. Como expressão dessas relações sociais, as formas simbólicas assumem materialidade empírica por meio de “ações e falas, imagens e textos, produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros construtos significativos” (THOMPSON, 1995, p. 79). Conforme o autor,

Formas simbólicas não são meramente representações que servem para articular ou obscurecer relações sociais ou interesses que estão constituídos fundamental e essencialmente em um nível pré-simbólico: ao contrário, as formas simbólicas estão, contínua e criativamente, implicadas na constituição das relações sociais como tais. (THOMPSON, 1995, p.78).

De acordo com Thompson (1995, p.80), as relações de dominação são decorrentes de relações de poder assimétricas, quando “grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessível a outros agentes, ou a grupos de agentes, independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito”.

Em **O Poder Simbólico**, Pierre Bourdieu (2009, p.8) alça as formas simbólicas aos sistemas simbólicos como “estruturas estruturantes”, recuperando a investida de Durkheim na sociologia das formas simbólicas, buscando responder ao problema do conhecimento. Como pontua Bourdieu (2009), Cassirer faria a equivalência entre formas simbólicas com formas de classificação.

Com Durkheim, as formas de classificação deixam de ser formas universais (transcendentais) para se tornarem (como implicitamente em Panofsky) em *formas sociais*, quer dizer, arbitrárias (relativas a um

grupo particular) e socialmente determinadas. (BOURDIEU, 2009, p.8).

Conforme Bourdieu (2009, p.9), “o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo”, nos quais “os símbolos são os instrumentos por excelência da <integração social>: enquanto instrumentos de conhecimento e da comunicação”, incidindo sobre as crenças comuns, o “sentido do mundo social”, a “reprodução da ordem social”, a “integração lógica” e a “condição da integração moral” (BOURDIEU, 2009, p.9). Bourdieu alerta para “as produções simbólicas como instrumentos de dominação”, em atendimento aos preceitos das classes dominantes, em que “as ideologias, por oposição ao mito, produto coletivo e coletivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo” (Bourdieu, 2009, p.10).

No intuito de evidenciar como o sentido pode estabelecer ou manter relações de dominação, Thompson (1995, p.80) identifica, pelo menos, cinco modos de operação da ideologia: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. Para a fundamentação desses modos gerais, o autor lança mão do que chama “algumas estratégias típicas de construção simbólica”. A seguir, apresento uma síntese no Quadro 1, com a finalidade de evidenciar elementos importantes para a interpretação e a re- interpretação do material empírico (Capítulo 10).

Figura 1 – Modos de operação da ideologia

Modos gerais	Algumas estratégias típicas de construção simbólica	Síntese das formulações de Thompson (1995)
Legitimação – relações de dominação apresentadas como legítimas, justas e dignas de apoio.	Racionalização	Cadeia de raciocínio que defende e justifica.
	Universalização	Interesses de uns apresentados como interesses de todas as pessoas.
	Narrativização	Histórias contadas sobre o passado e que tratam do presente, com questões como se fossem eternas e aceitáveis.
Dissimulação – relações de dominação ocultas ou negadas para desviar a atenção.	Deslocamento	Emprego de pessoa ou objetivo para se referir a outra coisa.
	Eufemização	Valoração positiva, transfigurando o sentido real.
	Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora)	Emprego de figuras de linguagem na intencionalidade de incorrer sobre outros sentidos: sinédoque (parte para se referir ao todo), metonímia (termo toma o lugar de atributo sem relação com a coisa) e metáfora (termo que não pode ser aplicado).
Unificação – relações de dominação construídas no nível simbólico de algo que interliga o indivíduo no coletivo.	Estandarização	Padronização por meio de valores e crenças partilhadas.
	Simbolização da unidade	Construção de símbolos para identidade e identificação coletiva.
Fragmentação – relações de dominação pela segmentação de indivíduos.	Diferenciação	Divisões entre pessoas ou grupos.
	Expurgo do outro	Construção do inimigo (interno ou externo) para unir pessoas contra o mau, perigoso e ameaçador.
Reificação – relações de dominação de situação transitória ou histórica, apresentada como permanente, natural ou atemporal.	Naturalização	Acontecimento inevitável.
	Eternização	Esvaziamento do teor social ou histórico de algo, apresentado como permanente ou imutável.
	Normalização/passivização	Normalização – designação de pessoa ou coisa. Passivização – emprego da voz passiva. Ambas pagam atores e representam processos como coisas.

Fonte: Thompson (1995), acrescida de uma coluna com resumo desta pesquisadora.

Baseado em Max Weber e nos seus fundamentos racionais, tradicionais e carismáticos, Thompson (1995) aponta para o fato de as relações de dominação poderem

ser consideradas legítimas, justas e apoiadas. Em **Fundamentos Sociológicos**, Weber (1983, p. 84), considera que a ação social – de uma pessoa para a outra ou outras – e a relação social podem representar “a existência de uma ordem legítima. A possibilidade de que isso ocorra de fato se chama “legitimidade” da ordem em questão” (WEBER, 1983, p.94). A validade legítima pode ser deflagrada pela tradição ao mérito, crença afetiva, crença social em atenção a valores ou pela legalidade. Todavia, as relações de dominação podem ser explicadas pela tríade poder – por meio da imposição da própria vontade contra toda a resistência; domínio – obediência a uma ordem determinada; e disciplina – atendimento pronto, simples e automático, reconhecida em relações de hierarquia (WEBER, 1983).

Tal aporte alicerça o procedimento teórico-metodológico desta tese pela organização de sua estrutura com vistas ao atendimento dos preceitos da hermenêutica de profundidade em seu rigor metodológico. No dizer de Orlandi (2005),

Entre o mesmo e o diferente, o analista se propõe compreender como o político e o linguístico se interrelacionam na constituição de sujeitos e na produção de sentidos, ideologicamente assinalados. Como o sujeito (e os sentidos), pela repetição, estão sempre tangenciando o novo, o possível, o diferente. Entre o efêmero e o que se eterniza. Num espaço fortemente regido pela simbolização das relações de poder. [...] os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis. (ORLANDI, 2005, p.38-39).

Ou seja, o percurso discursivo de jornalistas sobre as relações raciais e de gênero poderá operar no que Pêcheux (1990) denominou desestruturação-reestruturação de redes de memórias e de trajetos sociais, aqueles revelados por esquecimentos ideológicos e/ou -referentes a outros dizeres. Como discorre Maingueneau (2004), a comunicação verbal é também relação social e compõe-se nas leis do discurso pela sua polidez, ou seja, no atendimento às normas.

Vinculando discurso à acepção de Thompson (1995) sobre o seu repensar sobre a concepção estrutural de cultura,

[...] o estudo das formas simbólicas – isto é, ações, objetos e expressões significativas de vários tipos – em relação a contextos e a processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas. [...] Enquanto formas simbólicas, os fenômenos culturais são significativos assim para os atores como para os analistas. São fenômenos rotineiramente interpretados pelos atores no curso de suas vidas diárias e que requerem a interpretação pelos analistas que buscam compreender as características significativas da vida social. [...] Esses contextos e processos estão estruturados de várias maneiras. Podem ser caracterizados, por exemplo, por relações assimétricas de poder, por acesso diferenciado a recursos e oportunidades e por mecanismos institucionalizados de produção, transmissão e recepção de formas simbólicas. (THOMPSON, 1995, p.181).

Em razão disso, o enunciador ou a enunciativa ou o destinatário e a destinatária podem assumir faces positivas ou negativas na enunciação. É face positiva a fachada social, com foco em manter a imagem valorizada para os outros, enquanto a face negativa corresponde aos territórios da intimidade. Num país fundado por sistema político-ideológico racista, patriarcal e sexista, urge refletir sobre as relações de poder e de força de sentidos, efeitos e significados em realidades específicas, para compreender e desconstruir estruturas de poder, dominação e privilégios e construir paradigmas de equidade de direitos, condições, oportunidades, discursos e representações.

Nesse sentido, esta tese mobiliza a fundamentação teórico-epistemológica dos Estudos Culturais e da análise dos discursos, imbricada com o pensamento teórico feminista negro, ancorada no referencial metodológico da hermenêutica de profundidade, para a compreensão de formas simbólicas pela interpretação das formações discursivas de jornalistas. Como destaca Orlandi (2005, p.43), as formações discursivas representam “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”, permitindo “a produção de sentidos, a sua relação com a ideologia” ao mesmo tempo em que coloca em análise “a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso”. Estão situadas na região do interdiscurso, no qual podem ser compreendidos os diversos sentidos a partir da análise do funcionamento do discurso por meio da interpretação dos

elementos língua, história e ideologia. Essa, frisa Orlandi (2005), está caracterizada pelas memórias e pelos esquecimentos.

PARTE I - CORAGEM DE DIZER E LEITURAS INTEPRETATIVAS

A noite não adormece nos olhos das mulheres

(Conceição Evaristo em homenagem a Beatriz Nascimento)

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia,
a nossa memória.*

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.*

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.*

*A noite não adormecerá
Jamais nos olhos das fêmeas,
pois do nosso sangue-mulher
do nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.*

CAPÍTULO 1 PARRESIA E HERMENÊUTICA EM PROFUNDIDADE

Como as dimensões de raça e de gênero são articuladas nas trajetórias de jornalistas no Brasil? Na primeira tentativa de aproximação entre pergunta e busca por respostas, desponta a humanização de trabalhadoras e trabalhadores pelas suas pertencas raciais e de gênero. Ou seja, jornalistas negras e negros, brancas e brancos na materialização de seus seres, corpos e almas.

Em **A condição humana**, Hannah Arendt (2008) denomina a *vita activa* – o fazer humano – em três atividades fundamentais: labor (vida/necessidades vitais), trabalho (mundanidade/coisas) e ação (pluralidade/vida política). Compõem, assim, a condição humana. Dentre elas, é destacada a humanidade na pluralidade “pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir” (ARENDR, 2008, p.16). É a essa humanidade, o ser diferente, porém, não desigual, que o racismo e o patriarcado se contrapõem ferozmente na desconstituição de sujeitas e sujeitos.

Sua realidade depende inteiramente da pluralidade humana, da presença constante de outros que possam ver e ouvir e, portanto, cuja existência possamos atestar. Agir e falar são ainda manifestações externas da vida humana; e esta só conhece uma atividade que, embora relacionada com o mundo exterior de muitas maneiras, não se manifesta nele necessariamente nem precisa ser ouvida nem vista nem usada nem consumida para ser real: a atividade de pensar. (ARENDR, 2008, p. 106).

Para Arendt (2008), as teias, as relações e as histórias humanas são tecidas por palavras e atos nos aspectos da igualdade e da diferença. São as diferenças⁷ que articulam o discurso para o entendimento humano. Nesse sentido, alteridade só é possível com seres singulares, os quais compartilham o que existe e se distinguem por suas próprias experiências. Revestem-se de singularidade (afirmação da sua própria condição) na dinâmica da pluralidade humana. Esse é o mecanismo que gera as condições para a

⁷ Complemento com Avtar Brah (2006, p.362), quando as associa à relação social, constituídas e organizadas em “relações sistemáticas através de discursos econômicos, culturais e políticos e práticas institucionais. Isso quer dizer que destaca a sistematicidade através das contingências”.

revelação de identidades por meio da ação discursiva no movimento de autodescoberta/autossignificação e descoberta coletiva/significação da vida:

É a linguagem, e são as experiências humanas fundamentais que existem por trás da linguagem, e não a teoria, que nos ensinam que as coisas do mundo, entre as quais transcorre a *vita activa*, são de natureza muito diferente e produzidas por tipos muito diferentes de atividades. (ARENDDT, 2008. p.105).

Ademais, é a tomada de consciência que possibilita identificar, ler, interpretar e dotar as relações e o mundo de significados a partir da condição de cada pessoa, de cada sujeito ou sujeita. A feminista negra bell hooks (2000) considera que a conscientização (*consciousness-raising*) somente é possível com a mudança constante no coração. No texto *Vivendo de amor* (2013), hooks aponta a cura pelo amor interior e pelo ato e pela arte de amor para tratar as feridas do racismo e da escravização negra, cuja brutalidade da violência marcou as vidas e os espíritos de gerações de homens, mulheres e famílias negras.

Esse mecanismo subjetivo corresponde ao cuidar-de-si da hermenêutica do sujeito (FOUCAULT, 2006, p. 14), da *epiméleia heautoû* como atitude “para consigo, para com os outros, para com o mundo” de estar atento ao que se sente, ao que se pensa e ao que se passa no pensamento. É o ocupar-se consigo mesmo, com a sua vida, com a própria alma. É o despertar do mergulho em si na contramão do *gnôthi seautón* do “conhece-te a ti mesmo”. Este subordinado ao acionamento de conhecimentos externos para a compreensão do “eu”, até mesmo das religiões cristãs que não relevam toda a verdade ao sujeito, pois ele não está investido de autoridade para o todo-conhecer e, por causa disso, deve ter a vida regrada por aqueles que tudo sabem. A subversão do *epiméleia heautoû* foi estratégica, como observa Foucault (2006), para impedir o empoderamento do sujeito ou da sujeita, o exercício do poder sobre a sua própria vida e liberdade de escolha para a sua plena satisfação.

O “cuidado de si”, “ocupar-se consigo” ou “preocupar-se consigo” eleva o sujeito ou a sujeita a outras dimensões: a da “permanente inquietude no curso da existência”

(FOUCAULT, 2006, p.11), dinamizando sua trajetória pessoal, valendo-se do *gnôthi seautón*, porém sem se perder de si mesmo.

Novamente, a teoria feminista negra, desta vez pelo dizer de Patrícia Hill Collins (2000), expande a questão por meio da afirmação da sujeita atravessando consciência e elementos para o seu empoderamento.

enquanto a dominação pode ser inevitável como um fato social, é pouco provável que seja uma ideologia hegemônica dentro de espaços sociais nos quais as mulheres negras falam livremente. Este domínio do discurso relativamente seguro, porém, estreito, é uma condição necessária para a resistência das mulheres negras.⁸” (COLLINS, 2000, p.100, tradução nossa).

Ao descobrirem-se, interpretarem-se e afirmarem-se como sujeitas, feministas negras e brancas, puderam delinear trajetórias de vida dissociadas do patriarcado, cujas imposições significaram o controle de corpos por meio da sexualidade. Desmascararam a condição de objeto erigida pela categoria biológica binária mulher–homem, articulando o conceito de gênero como marcador das diferenças entre mulheres e homens para além do sexo.

Para acabar com o patriarcado (outra forma de nomear o sexismo institucionalizado), precisamos ter a clareza de que todos nós somos participantes de perpetuação do sexismo até que mudemos nossas mentes e corações, até que deixemos o pensamento e a ação sexista, substituindo-os pelo pensamento e a ação feminista⁹ (HOOKS, 2000, ix, tradução nossa).

A dessexualização (LAURETIS, 1987) do ser mulher e do ser homem constituiu o gênero como categoria política, isto é, de relações humanas, sociais, políticas e culturais, e novos parâmetros de sujeito ético e político. A partir da expressão clássica

⁸[...] while domination may be inevitable as a social fact, it is unlikely to be hegemonic as an ideology within social spaces where Black women speak freely. This realm of relatively safe discourse, however narrow, is a necessary condition for black women’s resistance.

⁹To end patriarchy (another way of naming the institutionalized sexism) we need to be clear that we are all participants in perpetuating sexism until we change our minds and hearts, until we let go of sexist thought and action and replace it with feminist thought and action.

não se nasce mulher, torna-se mulher, formulada por Simone de Beauvoir (1980), as mulheres ingressaram na disputa pelo ser, pelo saber, pelo querer e pelo poder.

É o que se incorre, ao longo deste trabalho, sobre os efeitos de tais questões na comunidade discursiva jornalística. Conforme Maingueneau (2000, p.29), as comunidades discursivas são definidas como “grupos sociais que produzem e administram um certo tipo de discurso”. No **Dicionário de Análise do Discurso**, Charaudeau e Maingueneau (2012, p.108) conceituam comunidade discursiva como “modos de organização dos homens e de seus discursos são indissociáveis; as doutrinas são inseparáveis das instituições que as fazem emergir e que as mantêm”.

Entretanto, a composição de uma comunidade discursiva implica elos discursivos, como acentua Foucault (2005, p.37), pois “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo”. Ou seja, na comunidade discursiva jornalística o fato de o ou a ser jornalista é decisivo para que possa promover enunciações. E não é qualquer perfil, são enunciadoreis ou enunciadoras com prestígio e reconhecimento na comunidade discursiva que terão mais condições de enunciação.

[...] a noção de comunidade discursiva permite, sobretudo, caracterizar os locutores, destacando posicionamentos* (um jornal, um partido político, uma escola científica...) que são *concorrentes em um mesmo campo** discursivo. [...] Pode-se estender essa noção a toda a comunidade* de fala restrita, organizada em torno da produção de discursos, qualquer que seja sua natureza: jornalística, científica etc. Seus membros compartilham um certo número de estilos de vida, de normas, etc. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p.108).

A hermenêutica de profundidade possibilita “mostrar como diferentes enfoques da análise da cultura, da ideologia e da comunicação de massa podem ser interrelacionados de uma maneira sistemática, combinados dentro de um movimento de pensamento coerente” (THOMPSON, 1995, p.356). No caso desta pesquisa, isso pode ser percebido nas diferentes formas simbólicas de jornalistas (Capítulos 6 a 9) sobre o modo de vida comum, traçado pelas pertencas raciais negras e brancas e de gênero pelas vivências de mulheres e homens, expressas por seus pensamentos, sentimentos e reações.

Segundo Thompson (1995),

Estratégias de construções simbólicas são os instrumentos com os quais as formas simbólicas, capazes de criar e sustentar relações de dominação, podem ser produzidas. Essas estratégias são instrumentos simbólicos, por assim dizer, que facilitam a mobilização do sentido. Mas, se as formas simbólicas assim produzidas servem para sustentar relações de dominação ou para subvertê-las, se servem para promover indivíduos e grupos poderosos ou para miná-los, é uma questão que só pode ser resolvida examinando como essas formas simbólicas operam em circunstâncias sócio-históricas particulares, como elas são usadas e entendidas pelas pessoas que as produzem e recebem nos contextos socialmente estruturados da vida cotidiana. (THOMPSON, 1995, p.89).

A investigação sócio-histórica decorrente da hermenêutica implica o reconhecimento da interrelação entre campo-objeto, campo-sujeito e campo-sujeito-objeto. No dizer de Thompson (1995),

[...] a tradução da hermenêutica também nos recorda que, no caso da investigação social, a constelação dos problemas é significativamente diferente da constelação que existe nas ciências naturais, pois na investigação social o objeto de nossas investigações é, ele mesmo, um território pré-interpretado. O mundo sócio-histórico não é apenas um campo-objeto que está ali para ser observado; ele é também um *campo-sujeito* que é construído, em parte, por sujeitos, que, no curso rotineiro de suas vidas quotidianas, estão constantemente preocupados em compreender a si mesmos e aos outros, e em interpretar as ações, falas e acontecimentos que se dão ao seu redor. [...] Se a hermenêutica nos recorda o campo-objeto da investigação social é também um campo-sujeito, ela também nos recorda que *os sujeitos que constituem o campo-sujeito-objeto são, como os próprios analistas, sujeitos capazes de compreender, de refletir e de agir fundamentados nessa compreensão e reflexão.* (THOMPSON, 1995, p. 358-359, grifo original).

Com atenção aos princípios fundantes da hermenêutica, Thompson (1995, p. 363, grifo original) salienta o reconhecimento da existência de um campo pré-interpretado como etapa preliminar para a hermenêutica de profundidade, para o qual “*a hermenêutica da vida quotidiana é um ponto de partida primordial e inevitável*”. Porém, o autor alerta para a necessidade de “*ruptura metodológica com a hermenêutica de profundidade da vida quotidiana*” (THOMPSON, 1995, p.364, grifo original), ultrapassando a doxa, o senso comum, por meio de análise interpretativa que leve em consideração que as

[...] formas simbólicas sejam construções significativas interpretadas e compreendidas pelas pessoas que as produzem e recebem, mas elas são *também* construções que são estruturadas de maneiras definidas e que estão inseridas em condições sociais e históricas específicas. (THOMPSON, 1995, p.364-365, grifo original).

Em via de tais buscas, o referencial metodológico da hermenêutica de profundidade ora em desenvolvimento versa sobre quatro procedimentos: hermenêutica cotidiana correspondente à interpretação da doxa, catalisadora das etapas análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/re-interpretação. No enfoque análise sócio-histórica são “reconstruídas as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas” (THOMPSON, 1995, p.366), com atenção a “examinar as regras e convenções, as relações sociais e instituições, e a distribuição de poder, recursos e oportunidades em virtude das quais esses contextos constroem campos diferenciados e socialmente estruturados” (THOMPSON, 1995, p. 369). Dependente da análise sócio-histórica, o segundo enfoque da hermenêutica em profundidade corresponde à análise formal ou discursiva por recompor “*construções simbólicas complexas que apresentem uma estrutura articulada*” (THOMPSON, 1995, p. 369), circulantes em campos sociais. Na terceira fase da hermenêutica de profundidade, o processo de interpretação incide “um movimento novo de pensamento, ela procede por síntese, por construção criativa de possíveis significados”, resultando numa “explicação interpretativa” (THOMPSON, 1995, p.375). Ainda na terceira fase, o processo re-interpretação é deflagrado, simultaneamente, no processo de interpretação, porque as formas simbólicas “são parte de um campo pré-interpretado, elas já são interpretadas pelos sujeitos que constituem o mundo sócio-histórico” (THOMPSON, 1995, p.376). Na ilustração abaixo (Quadro2), registro os pilares da hermenêutica de profundidade.

Figura 2 – Formas de investigação da hermenêutica

Eixo	Fases ou procedimentos	Circunstâncias de investigação
Hermenêutica da vida cotidiana – interpretação da doxa	Preliminar – campo pré-interpretativo	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Campo-objeto ▪ Campo-sujeito ▪ Campo-sujeito-objeto
Referencial metodológico da hermenêutica em profundidade	1ª fase – análise sócio-histórica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Situações espaço-temporais: locais e tempos ▪ Campos de interação: trajetórias ▪ Instituições sociais: regras, recursos e relações ▪ Estrutura social: assimetrias, diferenças e divisões ▪ Meios técnicos de transmissão: codificação e decodificação
	2ª fase – análise formal ou discursiva	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Análise semiótica ▪ Análise da conversação ▪ Análise sintática ▪ Análise narrativa ▪ Análise argumentativa
	3ª fase – interpretação/re- interpretação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreensão

Fonte: Thompson (1995), com resumo desta autora.

São os chamados entremeios e vários tipos de real (PÊCHEUX, 1990) que se impõem como rota investigativa, para aferir a estrutura e a ocorrência da trama racial e de gênero pouco discutida teoricamente sobre o jornalismo brasileiro. Porém, para apreendê-los e depurá-los, é imperativo romper tendências de leituras que escamoteiam o racismo e o sexismo, as quais preferem negá-los ou omiti-los projetando falsa realidade sobre as relações humanas, sociopolíticas e econômicas e, por consequência, sobre o trabalho de jornalistas – negros e brancos, mulheres e homens.

Nesse caminho científico, emerge a *parresia* como fundamento estruturante. Segundo Foucault (2011),

[...] a *parresia* consiste em dizer a verdade, sem dissimulação nem reserva nem cláusula de estilo nem ornamento retórico que possa cifrá-la ou mascará-la. O “dizer tudo” é nesse momento dizer a verdade sem dela nada esconder, sem escondê-la com o que quer que seja. [...] implica uma certa forma de coragem, coragem cuja forma mínima consiste em que o *parresiasta* se arrisque a desfazer, a deslindar essa relação com o outro que tornou possível seu discurso. De certo modo, o *parresiasta* sempre corre o risco de minar essa relação que é a condição de possibilidade do seu discurso. (FOUCAULT, 2011, p. 11-12).

Valendo-se da filosofia grega antiga, Foucault (2011) discorre sobre a veridicção do dizer a verdade por meio da análise da sabedoria, da técnica, da *parresia*, do cinismo e da profecia. Conforme Gross (2011, p.306), a síntese poderia ser disposta da seguinte forma: “a filosofia antiga inscreve o problema do governo dos homens (*politeía*) sob a dependência de uma elaboração ética do sujeito (*ethos*) capaz de ressaltar nele e em face dos outros a diferença de um discurso de verdade (*alétheia*)”.

Foucault (2011) situa no filósofo Sócrates a fundamentação da *parresia* política e da *parresia* ética na medida em que a “transformação de uma *parresia* que se exerce numa tribuna política (Péricles ou Sólon em face dos atenienses) numa *parresia* (o exame socrático) que se pratica em praça pública, no âmbito de uma relação interindividual” (GROSS, 2011, p. 307, grifo original). No dizer de Foucault (2011),

Porque existe precisamente essa sinfonia, essa harmonia entre o que diz Sócrates, sua maneira de dizer as coisas e sua maneira de viver. A socrática como liberdade de dizer o que ele quer é marcada, autenticada, pelo som da vida do próprio Sócrates. [...] A trajetória é: da harmonia entre vida e discurso de Sócrates à prática de um discurso verdadeiro, de um discurso livre, de um discurso franco. A fala franca se articula a partir do estilo de vida. [...] O discurso socrático é aquele que é capaz de se encarregar do cuidado que os homens têm de si mesmos, na medida em que a *parresia* socrática é precisamente um discurso que se articula e se ordena a partir do princípio do “cuida de ti mesmo”.(FOUCAULT, 2011, p.129-130).

De acordo com Foucault (2011), o vínculo entre hermenêutica do sujeito e parresia estabelece-se da seguinte maneira:

A parresia, ou antes, o jogo parresiástico, aparece sob dois aspectos: – a coragem de dizer a verdade a quem queremos ajudar e dirigir na formação ética de si mesmo; – a coragem de manifestar em relação e contra tudo a verdade de si mesmo, de nos mostrar tal como somos. [...] A filosofia antiga ligou um ao outro: o princípio do cuidado de si (deve se ocupar de si mesmo) e a exigência da coragem de dizer, de manifestar a verdade. [...] *não há instauração da verdade sem uma posição essencial da alteridade; a verdade nunca é a mesma; só pode haver verdade na forma do outro mundo e da vida outra*”. (FOUCAULT, 2011, p.298).

Concernente a esta tese, as dimensões de raça e gênero no jornalismo como profissão, no Brasil, implicariam o desvelamento de outras realidades¹⁰. Estas acionadas pela imbricação entre parresia política, parresia moral e parresia ética, num movimento circular entre “verdade e coragem” na “metafísica da alma e estética da existência” (FOUCAULT, 2011, p. 137). Política e ética inter cruzam-se entre o governo de si e o modo de vida, conforme discorre Foucault (2011) sobre a parresia socrática.

Vai falar de outra coisa: do modo de existência, do modo de vida. E o modo de vida aparece como o correlativo essencial, fundamental, da prática do dizer-a-verdade. *Dizer a verdade na ordem do cuidado dos homens é questionar o modo de vida deles, é procurar pôr à prova e definir o que pode ser validado e reconhecido como bom e o que deve, ao contrário, ser rejeitado e condenado nesse modo de vida. É nisso que vocês veem se organizar essa cadeia fundamental que é a do cuidado, da parresia (da fala franca) e da divisão ética entre o bem e o mal na ordem de bios (da existência). Temos aí, a meu ver, o esboço, o desenho já firme, apesar de tudo, do que é essa parresia socrática que não é mais em absoluto a parresia política de que lhe falei da última vez. É sim, **uma parresia ética. Seu objeto privilegiado, seu objeto essencial [é] a vida e o modo de vida.*** (FOUCAULT, 2011, p. 130-131, grifo nosso).

Estabelecendo a ponte com a análise dos discursos, “as condições históricas das possibilidades de saber” (PORTO, 2012, p.191) enunciadas pelo sujeito discursivo,

¹⁰ Na defesa desta tese, o examinador Prof. Dr. Edson Lopes Cardoso identificou como ponto crítico epistemológico o não desenvolvimento de uma parresia com perspectiva negra, a qual poderia ter alargado a capacidade compreensiva e interpretativa aqui proposta. Conforme os fundamentos da hermenêutica, essa consideração é crucial para o recomeço do projeto hermenêutico.

quando em atitude parresiasta, conduzem-no à coragem da verdade foucaultiana (2011). O parresiasta abre uma espécie de amálgama entre o intradiscurso, alcançando, pela sua originalidade e ousadia, o interdiscurso. É sujeito ou sujeita consciente da sua condição, crítico da realidade à sua volta, pois “estabelece um vínculo fundamental de força e relações de verdade”¹¹ (FOUCAULT, 1992, p.49, tradução nossa). Ao ter a coragem de tudo dizer, toma atitude de não se aquietar, assume a ousadia de querer outra situação, põe em prática o desejo de nova realidade, entra na disputa de poder e propõe-se a mobilizar seus pares para relações a serem construídas coletivamente, como vê-se ilustrado na Figura 1.

Tomando por base os pressupostos de Pêcheux (1990, p.29), entendo que os elementos aqui mencionados, de profundo interesse acadêmico, pois os discursos estão em constante produção, tendo em vista que “não descobrimos, pois, o real: a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra”. Nas palavras de Foucault (2005, p.48), “as coisas murmuram”, transpõem ordens estabelecidas no processo de enunciação, utilizando recursos violentos e contínuos perante as tentativas de silenciamento e de controle. No que se refere às dimensões de raça e de gênero no como profissão no Brasil, a parresia romperia não-ditos pela afirmação de sujeitas e sujeitos discursivos – parresiastas – na dinâmica delas e deles na hermenêutica do sujeito, desafiando a doxa pelo discurso na emergência de outros modos de vida – negras e negros, mulheres.

¹¹ [...] establece un vínculo fundamental entre relaciones de fuerza y relaciones de verdad.

Figura 3: Caracterização da ou do parresiasta



Fonte: Foucault (2011), com resumo desta autora.

Ao discorrer sobre a acepção da parresia para a figura antiga dos cínicos (homem do cajado, homem da mochila, sem lar nem pátria, da mendicidade), Foucault (2011) desenvolve os efeitos entre parresia e modo de vida, o que corresponderia à cultura para Williams (2011).

O modo de vida (o cajado, a mochila, a pobreza, a errância, a mendicidade) tem funções precisas em relação a essa *parresia*, em relação a esse dizer-a-verdade. Primeiro, ele tem funções instrumentais. Desempenha o papel de condição de possibilidade para o exercício da parresia... [...] Segundo, esse modo de vida tem um outro papel em

relação à *parresia*. Não apenas condição de possibilidade, mas função de redução: reduzir todas as obrigações inúteis, todas as que são recebidas e aceitas ordinariamente por todo o mundo e não são fundadas nem em natureza nem em razão. E esse modo de vida como redução de todas as convenções inúteis e todas as opiniões supérfluas é, evidentemente, uma espécie de decapagem geral da existência e das opiniões, para fazer a verdade surgir. (FOUCAULT, 2011, p.149).

Por meio de suas formas simbólicas e formações discursivas, os e as jornalistas podem ofertar elementos questionadores da vontade de verdade do discurso sobre a profissão, mesmo que de forma despretensiosa, reconstituindo acontecimentos caracterizados pelas desigualdades de raça e gênero, a exemplo de outras atividades profissionais. Conforme Rodrigues (2012), são cinco as funções institucionais do discurso: pedagógica, tradicional, simbólica, mobilizadora e reparadora. Pois,

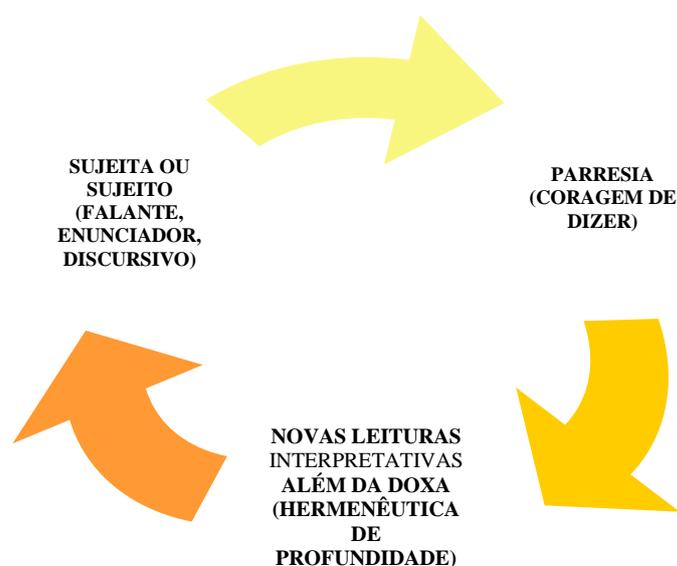
É pelo discurso que as instituições asseguram a inculcação e a transmissão da sua legitimidade para ditar as normas destinadas a regular os comportamentos e para intervir com eficácia dentro de um determinado domínio da experiência. Mas é também ao discurso que compete expressar, simbolicamente, a visibilidade da sua intervenção, a mobilização em toda a ordem de valores e a reparação da violação das normas”. (RODRIGUES, 2012, p.234).

Contudo, essa aproximação do real e seus efeitos depende da ruptura de tentativas de ocultação e de apagamento, sobretudo dos legados de origem africana e indígena. Pela singularidade do colonialismo brasileiro, é crucial descolonizar o pensamento (CURIEL, 2007), especialmente o acadêmico, para fazer avançar e surgir novas concepções epistemológicas. Esse é o caminho para evitar o epistemicídio (CARNEIRO, 2005).

O conceito de epistemicídio nos permite organizar esse conjunto de questões a partir de uma concepção epistemológica norteadora da produção e reprodução do conhecimento que determina as relações acima arroladas, bem como a percepção do sistema educacional sobre o aluno negro. Nessa percepção se encontra subsumida uma interpretação de seu estatuto como sujeito cognoscente; por conseguinte, suas possibilidades intelectuais são presumidas de sua diferença cultural/racial, posto que, como afirma Sousa Santos, “para o velho paradigma, a ciência é uma prática social muito específica e privilegiada porque produz a única forma de conhecimento válido.” (Santos, 1997, p. 328) e, nessa percepção, encontra-se também o único sujeito cognoscente válido. (CARNEIRO, 2005, p. 98).

Desponta como hipótese ao objeto desta pesquisa (Figura 2) – as dimensões de raça e de gênero no jornalismo como profissão – a hermenêutica do sujeito ou sujeita como condição para a instauração da parresia – a fala franca, a coragem de dizer – sobre vivências de jornalistas negras e negros, brancas e brancos, as quais poderiam suscitar leituras interpretativas sobre o jornalismo como profissão no Brasil, agregando novos elementos hermenêuticos para além das crenças comuns (doxa).

Figura 4: Hipótese da tese – revelação das dimensões de raça e de gênero sobre o jornalismo como profissão no Brasil



Fonte: Elaboração da autora.

A partir da ilustração acima (figura 4), este estudo se desenvolve na composição de formas simbólicas por meio de entrevistas com jornalistas (sujeitas e sujeitos), com vistas ao exercício parresiástico (coragem de dizer) sobre o jornalismo como profissão nas dimensões de raça e de gênero, com o propósito de buscar tais entendimentos acerca dessa atividade profissional por meio de leituras interpretativas em profundidade, fundamentado na teoria feminista negra.

Em **Teoria da Interpretação**, Ricoeur (1987, p.15) resgata a distinção entre linguagem (*langue*) e o discurso (*parole*), os quais, na formulação de Saussure sob influência de Durkheim, teriam alçado a “linguística a um ramo da sociologia”. Nessa acepção, a linguagem (*langue*) seria “o código ou um conjunto de códigos – sobre cuja base falante particular produz a *parole* como uma mensagem particular” (RICOEUR, 1987, p.15). No sentido traçado por Ricoeur (1987), o discurso estaria vinculado à filosofia, à sociologia e à história do mundo pela semântica. Ao relacionar Saussure e Pierce, Ricoeur (1987) reconhece a linguística como teoria geral dos signos pela sua fundamentação paradigmática, sendo a linguagem a resultante entre frases e signos. Conforme o autor, a semântica seria a “ciência da frase”, responsável pelos sentidos e pela significação. Enquanto a semiótica seria a “ciência dos signos”, em que o signo propriamente dito seria um objeto virtual (RICOEUR, 1987, p. 20). Para Ricoeur (1987), a chave de todo o problema da linguagem seria a diferenciação entre semântica e semiótica.

Ricoeur (1987, p.20) conceitua “discurso como um evento da linguagem”, por meio do qual seria possível fazer a relação entre evento e significação, valendo-se da predicação (categorema) da qual poderiam ser extraídas “uma qualidade, uma classe de coisas, um tipo de relação e um tipo de ação” (RICOEUR, p. 1987, p. 22). De acordo com o autor, o discurso propicia a dialética entre evento e significação ao se realizar “temporalmente e num momento presente, ao passo que o sistema da língua é virtual e fora do tempo” (RICOEUR, 1987, p. 23) e atualizado por sua performance.

Se todo o discurso se actualiza como um evento, todo o discurso é compreendido como significação. Por significação ou sentido designo aqui o conteúdo proporcional, que justamente descrevi como síntese de duas funções: a identificação e a predicação. Não é o evento, enquanto transitório, que queremos compreender, mas a sua significação/entrelaçamento do nome e do verbo, para falar com Platão – enquanto dura (RICOEUR, 1987, p.23).

Ao discorrer sobre o “significado do locutor e significado da enunciação”, Ricoeur (1987, p.24) reconhece que “o conceito de significação admite duas interpretações que reflectem a dialéctica principal entre evento e sentido. Significar é o

que o falante quer dizer” como “conjunção entre a função de identificação e a função predicativa produz”, numa operação em que “o evento é alguém falando”. Segundo Ricoeur (1987, p. 23), “uma teoria concreta do discurso consiste tomar tal dialéctica como sua diretriz”, a qual “poderia passar-se por alto numa abordagem psicológica ou existencial, que se concentraria no efeito recíproco das funções, na polaridade da identificação e da predicação universal”.

Concernente ao corpus desta pesquisa, arrolado na seleção de fartas formas simbólicas sobre raça e gênero no como profissão no Brasil, a erupção discursiva das e dos sujeitos falantes/enunciadores/discursivos por si só constituem eventos pelo fato de estarem falando (RICOEUR, 1987) e o movimento interpretativo/re-interpretativo que será empreendido propõe-se a depurar os significados sobre o que tais falantes querem dizer, norteados pela paradigmática da comunicação (RODRIGUES, 1995) por meio de atos locucionários (dizer algo), ilocucionários (faz algo ao dizer), interlocucionários/alocucionários (dialética do evento), performativos (o que diz fazê-lo, empenho específico) e perlocucionários (produz efeitos por o dizerem) (RICOEUR, 1987). O intuito de conformar o objeto desta pesquisa – as dimensões de raça e gênero no brasileiro por meio das formas simbólicas de jornalistas – conduziu-me a travar diálogo com profissionais em entrevistas semiestruturadas, instaurando elementos para a dialética do evento por meio do ato interlocucionário.

Um aspecto importante do discurso é que ele é dirigido a alguém. Há outro falante que é o endereçado do discurso. A presença do par, locutor e ouvinte, constitui a linguagem como comunicação. O estudo da linguagem a partir do ponto de vista da comunicação não começa, no entanto, com a sociologia da comunicação. Como Platão afirma, o diálogo é uma estrutura essencial do discurso. Perguntar e responder sustentam o movimento e a dinâmica do falar e, em certo sentido, não constituem um modo de discurso entre outros. Cada acto interlocucionário é uma espécie de pergunta. Ao inserir alguma coisa e esperar acordo, tal como dar uma ordem, e esperar obediência. Mesmo o solilóquio – o discurso solitário – é um diálogo consigo mesmo ou, para citar mais uma vez Platão, a dianoia é o diálogo da alma consigo mesma. (...) este modelo exige uma investigação filosófica que possa ser proporcionada pela dialéctica do evento e significação. (...) Mas, para uma investigação existencial, a comunicação é um enigma e até mesmo um milagre. Porquê? Porque o estar junto, enquanto condição existencial da possibilidade de qualquer estrutura dialógica do discurso, surge como um modo de ultrapassar ou de superar a solidão

fundamental de cada ser humano. (...) Um acontecimento que pertence a uma corrente de consciência não pode transferir-se como tal para outra corrente de consciência. E, no entanto, **algo se passa de mim para você, algo se transfere de uma esfera de vida para outra. Este algo não é a experiência enquanto experienciada, mas a sua significação e eis o milagre. A experiência experienciada, como vivida, permanece privada, mas o seu sentido, a sua significação torna-se pública** (RICOEUR, 1987, p.27-28, grifo nosso).

Resultante da corrente epistemológica da pragmática, aqui compreendida pela dimensão interlocutiva da linguagem nas relações de troca de discursos entre pessoas e por sua relação com outras dimensões da linguagem (RODRIGUES, 1995), a pragmática de comunicação se propõe a estudar procedimentos e formas da interlocução:

Podemos assim dizer que o estudo das relações que a linguagem estabelece com as situações e os contextos enunciativos e das maneiras como estas são asseguradas é um dos objetivos fundamentais e primeiros da pragmática. [...] Deste modo, o estudo da linguagem enquanto ação e dos diferentes tipos de ações que podemos realizar quando falamos, é outra perspectiva de estudo da pragmática (RODRIGUES, 1995, p.27-28).

Nesse mecanismo, sujeitas e sujeitos estão dispostos em posições diferenciadas na enunciação e no discurso: locutor (quem enuncia ou codifica), alocutário (quem ouve ou decodifica), ocupando-se a pragmática de verificar os sentidos dos enunciados¹² em função de pessoas, lugares, momentos e razão. Recuperam-se, assim, os sentidos da enunciação, ou seja, as razões, as motivações do que é dito, dito a quem e em que contexto de situações (RODRIGUES, 1995).

A pragmática da comunicação articula processos analíticos em direção da significação do enunciado, para apurar o valor semântico (relação dos signos com o objeto) das enunciações, compreendendo sentidos (razões enunciativas por meio de enquadramentos) de uma situação interlocutiva concreta e singular (discurso relevante e

¹² Para Foucault (1972, p.108), tratam-se de “uma função de existência que pertence, em particular os signos, e a partir da qual pode-se decidir, se <fazem sentido> ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signo, e que espécie de ato se encontra efetivado por sua formulação (oral ou escrita)”. São considerados por Rodrigues (1995, p.102) como “aquilo que é dito, independentemente do ato de o dizer e do conjunto das instâncias que integram o ato de enunciação”.

racional) e organizando os distintos papéis dos elementos constitutivos da enunciação por indicadores – pessoas, lugares, tempo e espaço, voz ativa e passiva.

De acordo com Rodrigues (1995, p.31), “um outro domínio importante da pragmática é precisamente o estudo das significações indiretas ou subentendidas assim como das inferências que os interlocutores realizam em ordem de deduzi-las daquilo que as expressões significam diretamente. A perspectiva indexical da pragmática na comunicação “trata dos processos utilizados para designar o ‘mundo’, isto é, as coisas, os estados das coisas, as pessoas, os estados das pessoas, os seus pensamentos e sentimentos, os fatos e os estados dos fatos” (RODRIGUES, 1995, p.65). Além disso, corresponde “à relação dos enunciados com os interlocutores, com as situações, com os contextos da enunciação e com o mundo representado pelos signos linguísticos” (RODRIGUES, 1995, p.35) – sincategoremáticos e categoremáticos. Sobre a perspectiva acional da pragmática na comunicação, Rodrigues (1995, p.36) refere-se à verificação de se algo ocorreu ou não ou se aquilo que é enunciado produz o efeito dito, ou melhor, “ao estudo da linguagem enquanto ação, como a realização de atos que intervêm, de alguma maneira, na constituição e na transformação do mundo”.

A chave interpretativa/re-interpretativa com que tentarei abrir as portas dos significados de tais formas simbólicas leva em consideração os alertas de Muniz Sodré (1999), baseados em Ricoeur (1991), na demonstração do si-mesmo como um outro pelo discurso.

De acordo com Gadamer (FRUCHON, 2006, p.44), da hermenêutica da facticidade – interpretação do ser humano e da vida cotidiana - se extrai o “ser-aí que se projeta em direção ao seu futuro “saber-ser” é um ser que, desde sempre, já foi, de modo que todo o seu livre comportar-se se choca e se detém na facticidade de seu ser”. Na reflexão do problema da consciência histórica, Gadamer recorre à hermenêutica histórica, imersa numa “rede de ações recíprocas (...) no interior daquilo que, desde sempre, constituiu o comportamento do homem em face de seu passado” (FRUCHON, 2006, p.45).

No que tange às relações raciais no Brasil, Muniz Sodré (1999) ilumina as questões acima abordadas, agregando elementos decisivos para a compreensão da

hermenêutica da factidade e da hermenêutica histórica. Sodré (1999, p.34) incorre ao campo identitário pela retomada da tríade idem, ipse e alter, em que o termo identidade teria definição mais apropriada pelo uso do termo identificação devido ao “processo constitutivo, por introjeção, de uma identidade estruturada”, no qual o sujeito se mantivesse “idêntico a si mesmo apesar das pressões de transformação interna e externa”.

Em referência a Ricoeur (1991), Sodré (1999, p.45) traz à tona a narratividade no “espaço das injunções éticas” por “contribuir para a constituição do si mesmo, por dar margem a estratégias” num território em que “a força da narratividade, das histórias exemplares na constituição do caráter, conduz à ética tanto em termos individuais quanto coletivos, ou seja, tanto no espaço de uma subjetividade quanto de uma comunidade histórica”.

No âmbito do referencial metodológico da hermenêutica de profundidade, a narratividade a que Sodré (1999) chama a atenção se contraporia à narrativização racista como um dos modos de operação da ideologia (figura 1, p. 33). De acordo com Thompson (1995), as formas simbólicas

servem para sustentar relações de dominação ou para subvertê-las, se servem para promover indivíduos e grupos poderosos ou para miná-los, é uma questão que só pode ser resolvida examinando como essas formas simbólicas operam em circunstâncias sócio-históricas particulares, como elas são usadas e entendidas pelas pessoas que as produzem e recebem nos contextos socialmente estruturados da vida cotidiana (THOMPSON, 1999, p.89).

Frente ao conteúdo analisado por esta tese, as formas simbólicas de jornalistas sobre as dimensões de raça e gênero, na sua expressiva maioria, colocariam em questionamento as histórias contadas sobre o jornalismo como profissão, ou seja, a doxa (crenças comuns) permissiva ao racismo e ao sexismo e, conseqüentemente, as relações de dominação apresentadas como legítimas, justas e dignas de apoio (THOMPSON, 1995), consolidando poderes de homens brancos.

Sodré (1999) fornece uma argumentação decisiva para a interpretação/re- interpretação das dimensões de raça e gênero a partir das formas simbólicas de jornalistas sobre a profissão no Brasil. O autor põe em perspectiva o “patrimônio como virtude”

(SODRÉ, 1999, p. 80) ao incorrer sobre o “racismo de exclusão”, composto pelo “racismo de dominação” (segregação racial) e pelo “racialismo”, como “pressuposto da existência de raças, com diferentes aptidões sociais”.

Conforme Sodré (1999, p. 84), os “discursos de ipseidade” foram e são inventados. Historicamente, remontam à “importação de idéias” em que as “teorias raciais transformavam-se em ferramentas para a invenção de uma identidade nacional” (SODRÉ, 1999, p.85), influenciadoras de narrativas com “ethos depreciativo” numa “ação histórico-nacional”, voltada a “uma ética suscetível de reinterpretar o significado de “brasileiro” e apagar as origens espúrias de brasilidade” (SODRÉ, 1999, p.84). Nesse contexto, a “ideologia do embranquecimento” estabeleceu “uma espécie de pacto simbólico”, com vistas à “superioridade racial” evidenciada “em discursos doutrinários que perpassavam a medicina, a antropologia, a educação” (SODRÉ, 1999, p.84). Uma das áreas é a literatura, como refere Sodré (1999), inclusive na obra **Os Sertões**, de Euclides da Cunha, importante para a história do jornalismo brasileiro pela publicação de textos sobre a Guerra de Canudos para o jornal O Estado de S. Paulo¹³.

Mesmo parecendo acreditar na superioridade branca, as elites nacionais elaboraram um discurso de transigência, o da mestiçagem biológica e cultural, que gerou simultaneamente as ideologias do embranquecimento e da democracia racial. (...) As omissões do quesito “raça” nos recenseamentos; as denegações reiteradas por parte de intelectuais, imprensa e senso comum, quanto à existência de uma questão racial; as afirmações de uma cordialidade excepcional entre brancos e negros, etc., tudo isso concorria para reforçar o desejo elitário do amorenamento da população e ocultar a diferença racial como variável significativa no posicionamento social. (...) construiu-se aos poucos a imagem caracterial do ser brasileiro como um povo racialmente democrático, visceralmente pacífico e alegre (...). Conciliação e sítense são caminhos da discriminação que não se assumem como estereótipos de dominação (SODRÉ, 1999, p.103-104).

À complexidade do racismo à brasileira (GONZALEZ, 1982) e das relações raciais, Sodré (1999, p.107) incrementa a “lógica patrimonial” na “problemática identitária brasileira” na transmissão de bens. O autor apresenta a hipótese de um

¹³ Mais informações no especial “Euclides da Cunha: um escritor nascido das páginas do jornal”. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral.euclides-da-cunha-um-escritor-nascido-nas-paginas-do-jornal,423902>>. Acesso em 23 jul. 2016.

“patrimonialismo nacional”, organizado por três aspectos: territorialidade, temporalidade e investimento libidinal ou afetivo-sexual. A territorialidade seria a fundação de um “território próprio, distinguindo o seu grupo humano do restante do corpo social”, em que o poder é transmitido “por estratégias de casamento, compadrio, adoção ou cooptação de novos indivíduos na base de seleção por laços familiares e cor. A pele clara é uma vantagem patrimonial, manejada como se fosse título social” (SODRÉ, 1999, p. 110). A temporalidade corresponderia a um “ethos intemporal, em que passado se apresenta investido de uma essência mestiça, incruenta, tolerante, e o futuro como um desdobramento necessário dessa forma” (SODRÉ, 1999, p.111). No investimento libidinal, estariam associados os “investimentos afetivos ou libidinais sobre o patrimônio sobre a família” (SODRÉ, 1999, p. 110).

Ao elencar a genealogia do patrimonialismo no Brasil, como herança portuguesa, Raymundo Faoro (2000), em **Os donos do poder**, chama a atenção para um “sistema de forças políticas” na geração de um ciclo permanente de benefícios e privilégios para um mesmo grupo em detrimento do outro.

Sobre a sociedade, acima das classes, o aparelhamento político – uma camada social, comunitária, embora nem sempre articulada, amorfa, muitas vezes – impera, rege e governa, em nome próprio num círculo impermeável de comando. Esta camada muda e se renova, mas não representa a nação, senão que, forçada pela lei do tempo, substituiu moços por velhos, aptos por inaptos, num processo que cunha e notabiliza os recém-vindos, imprimindo-lhes os seus valores (FAORO, 2000, p.368).

Para Sodré (1999, p.119), os elos entre passado e presente são reificados – outro modo de operação da ideologia (figura 1) – pela “temporalidade eternizada” por “traços de uma mesma forma social” reinterpretados. Conforme o autor, “a forma social resultante subsistiu no interior de uma espécie de “comunidade íntima” das classes dirigentes – o estamento patrimonial” por meio da perpetuação de “um projeto de unidade de grupo”, transpondo o “tempo histórico, criando e recriando um passado e um futuro afins” (SODRÉ, 1999, p. 124). De tal modo, o “patrimonialismo brasileiro é, assim, a reinterpretação cultural de um traço civilizatório”, conciliando “uma aparência moderna de Nação com a tradição de vassalagem do povo pelo Estado, sempre tutelado por um

estamento que se autoperpetua no poder” (SODRÉ, 1999, p. 124). No dizer de Faoro (2000, p.373), “a elite política do patrimonialismo é o estamento, estrato social com efetivo comando político”.

No bojo das relações raciais, Sodré (1999, p.124) avalia que a mestiçagem foi produzida como ideologia nos “espaços coloniais latino-americanos” por meio da “reinterpretação de um ethos de transigência e nomadismo”, beneficiando os “sujeitos do patrimônio” “numa dinâmica intergeracional”. Conforme o autor, tal ethos teria influência na cultura, na simbologia e na política “como “filtro seletivo” para controlar o acesso de segmentos econômica e politicamente subalternos à estrutura do poder. Serviu também para polir as arestas das relações raciais e impedir reações radicais” (SODRÉ, 1999, p.124).

A digressão das “mitologias identitárias do passado” (SODRÉ, 1999, p.133) está presente no discurso da mídia e da imprensa seja pela “denegação do racismo” como questão do passado ou pelas “condições de representação da identidade étnica ainda são estabelecidas por um padrão branco ocidental”. De acordo com o autor, signos e discursos atuais evidenciam

a dimensão simbólica e cognitiva dos processos identitários permanece orientada por um “ego” hegemônico e eurocêntrico. Neste aspecto, os meios de comunicação podem revelar-se sucessores adequados do dispositivo patrimonialista de construção de ilusões para as massas (SODRÉ, 1999, p.134).

Na tese **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**, Sueli Carneiro (2005) contrasta a hegemonia da branquira, alicerçada no pensamento filosófico de hierarquização racial, tramada pelo dispositivo da racialidade, o qual

demarca e distribui de forma maniqueísta o bem e o mal entre as raças. Tal concepção buscará abarcar toda a experiência negra africana ou da diáspora e relativizar experiências diaspóricas, contrastantes com os princípios irremovíveis que asseguram a incapacidade crônica de africanos e seus descendentes para civilização, sua menoridade e necessidade de tutela (CARNEIRO, 2005, p.107)

Na trama das relações raciais no Brasil, Carneiro (2005) tece o fio condutor das relações raciais no país.

Assim o biopoder instala os segmentos inscritos no polo dominado da racialidade numa dinâmica em que os cídios, em suas diferentes expressões os abarca, os espreita como ação ou omissão do Estado, suportado pela convivência, ou morais, pobreza e miséria crônicas, ausência de políticas de inclusão social, tratamento negativamente diferenciado no acesso à saúde, inscreve a negritude no signo da morte no Brasil (...) Nesse contexto, a resistência negra se configura, de um lado, como uma tentativa de adentrar a sociedade disciplinar, no interior da qual já se encontram integrados, na dimensão do poder, descendentes de emigrantes europeus e outros (CARNEIRO, 2005, p. 94).

As entrevistas com jornalistas, produzidas no trabalho de campo desta pesquisa, são reveladoras de conflitos identitários, especialmente no recorte racial. E, ao se instaurarem como discurso, instauram eventos inovadores e, muitos deles, combativos nas discursividades sobre as relações raciais no país. Nessas arenas, travam-se batalhas discursivas devido à capacidade de resistência das identidades negras a despeito do dispositivo de racialidade/biopoder, como elucida Sueli Carneiro (2005), no que entendo como revelador na parresia:

todo poder gera resistência, opondo-se, nesse caso, a todo o aparato disciplinar, normalizador e anulador do dispositivo de racialidade/biopoder e ao epistemicídio. [...] a resistência se constitui em prática educadora essencial para a constituição de subjetividades autônomas, pela recusa aos processos de assujeitamento do dispositivo e do epistemicídio e de anulação/morte do biopoder, posto que são sobreviventes (CARNEIRO, 2005, p. 324).

A sobrevivência a que Sueli Carneiro (2005) se refere poderia ser interpretada como o estágio final das investidas violentas de todas as ordens contra a sujeita ou o sujeito.

Na hermenêutica do sujeito foucaultiana (2006, p.451), a parresia está intrinsecamente vinculada ao cuidar de si, sendo arrolada pela “franqueza, a liberdade, a abertura, que fazem com que se diga o que se tem a dizer, da maneira como se tem vontade de dizer, quando se tem vontade de dizer e segundo a forma que se crê necessário dizer”. O “*franc-parler*” ou “*libertas*” – a parresia – seria desencadeado por uma “qualidade

moral, à atitude moral”, ao *ethos* e à *têkne* “que são necessários, indispensáveis para transmitir o discurso verdadeiro a quem dele precisa para a constituição de si mesmo como sujeito da soberania sobre si mesmo sujeito de veridicção de si para si” (FOUCAULT, 2006, p.451).

Entre moralidade e ética, a fala franca sobre o racismo e o sexismo no jornalismo como profissão no Brasil poderia influenciar, a depender do engajamento da comunidade discursiva, novas condutas em razão do seu caráter pedagógico e psicagógico (FOUCAULT, 2006).

[...] é uma palavra que, do lado de quem pronuncia, vale como comprometimento, vale como elo, constitui um certo pacto entre o sujeito da enunciação e o sujeito da conduta. O sujeito que fala se compromete. No mesmo momento em que diz “eu digo a verdade”, compromete-se a fazer o que diz e a ser o sujeito da conduta que obedece, ponto por ponto, à verdade por ele formulada. É nesse sentido que não pode haver ensinamento da verdade sem um *exemplum*. [...] Chamemos, se quisermos, “pedagógica” a transmissão de uma verdade que tem por função dotar um sujeito qualquer de aptidões, capacidades, saberes, etc., que ele antes não possuía e que deverá possuir no final desta relação pedagógica. Se chamarmos “pedagógica”, portanto, essa relação que consiste em dotar um sujeito qualquer de uma série de aptidões previamente definidas, podemos, creio, chamar “psicagógica” a transmissão de uma verdade que não tem por função dotar um sujeito qualquer de aptidões, etc., mas modificar o modo de ser do sujeito a que nos endereçamos”. (FOUCAULT, 2006, p. 492-493).

Os vínculos entre parresia e hermenêutica do sujeito, nessa acepção, conduziriam para o discurso da ação – explícito – em que a sujeita ou o sujeito “*diz o seu fazer*, abstraindo do louvor e da censura pelos quais qualifica o seu fazer em termos de moralidade” (RICOEUR, 1988, p.11).

O discurso da ação teria, pelo menos, três níveis: “dos conceitos (descrição da ação), das proposições (própria ação) e dos argumentos (estratégia da ação)” (RICOEUR, 1988, p.11). Em complementação, o agente da ação teria, pelo menos, três movimentos imbricados ao discurso da ação: a ação sob o poder do agente, a intenção de outrem e a motivação referente ao que teria conduzido o agente a fazer tal coisa com outrem (RICOEUR, 1988).

O sentido de um texto não está por trás do texto, mas à sua frente. Não é algo de oculto, mas algo de descoberto. O que importa compreender não é a situação inicial do discurso, mas o que aponta para um mundo possível graças à referência ostensiva do texto. [...] apreender as posições de um mundo descortinado pela referência do texto. Compreender um texto e seguir o seu movimento do sentido para a referência: do que ele diz para aquilo de que fala. [...] O que dissemos acerca da semântica de profundidade, proporcionada pela análise estruturada, convida-nos a pensar o sentido do texto como uma injunção é procedente do texto, como um novo modo de olhar as coisas, como uma injunção a pensar de certa maneira. Tal é a referência produzida pela semântica de profundidade. O texto fala de um modo possível de alguém nele se orientar. As dimensões deste mundo são apropriadamente abertas e descortinadas pelo texto. O discurso é, para a linguagem escrita, o equivalente da referência ostensiva para a linguagem falada. Vai além da mera função de apontar e mostrar o que já existe e, nesse sentido, transcende a função da referência ostensiva, ligada à linguagem falada. Aqui, mostrar é ao mesmo tempo criar um novo modo de ser. (RICOEUR, 1987, p.99).

No projeto hermenêutico, a teoria da interpretação possibilitaria a compreensão de textos teológicos, psicologizantes e existenciais (RICOEUR, 1987). Estes, em sua maioria, estão dotados de duplo sentido – um semântico e outro não semântico. Conforme o autor, “compreender o sentido do locutor e compreender o sentido da enunciação constituem um processo circular”, no qual a compreensão se associa à “unidade intencional do discurso” e, a explicação, à “estrutura analítica do texto”, configurando o processo interpretativo (RICOEUR, 1987, p. 85) da “semântica de profundidade”.

Altas Filosofias

(Oliveira Silveira)

*O negro pensa:
por que o pensador de Rodin
é branco em vez de preto?*

O negro pensa.

*O negro pensa
por participações ou por conceitos?*

O negro pensa.

CAPÍTULO 2 PESQUISA DE CAMPO

Para as pesquisas acadêmicas, especialmente as de natureza qualitativa e exploratórias (GIL, 1995; MINAYO, 2010), a exemplo desta aqui desenvolvida, são ofertadas realidades sociais reconhecidas e negadas pelo senso comum. Procedimentos epistemológicos em áreas específicas podem aferir estruturas, processos, representações sociais, símbolos e significados, colaborando, teoricamente, para a compreensão de fenômenos.

Na hermenêutica de profundidade, “o objeto de análise é uma construção simbólica significativa, que exige uma interpretação” (THOMPSON, 1995, p.355), a qual pode ser feita pelo prisma da ideologia e da comunicação de massa em abordagens distintas, o que

[...] nos possibilitará mostrar como diferentes enfoques da análise da cultura, ideologia e comunicação de massa podem ser inter-relacionados de uma maneira sistemática, combinados dentro de um movimento de pensamento coerente, que iluminará diferentes aspectos desses fenômenos multifacetados. (THOMPSON, 1995, p.356).

Desse modo, a hermenêutica de profundidade agrega a este estudo a referência de intensidade de interrelação desses elementos, ressaltando a interpretação da *doxa*, definida por Thompson (1995, p.364) como “interpretação das opiniões, crenças e compreensão sustentadas e partilhadas pelas pessoas que constituem o mundo social”. No caso particular do mundo dos jornalistas (TRAVANCAS, 1993), a hermenêutica da vida cotidiana seria melhor elucidada pela hermenêutica de profundidade, tendo em vista o relevo conferido à maneira como as formas simbólicas de raça e de gênero “são interpretadas pelos sujeitos que constituem o campo-sujeito-objeto” em direção à “elucidação das maneiras como as formas simbólicas são interpretadas e compreendidas pelas pessoas que as produzem e as recebem no decurso de suas vidas cotidianas” (THOMPSON, 1995, p.363). Ou seja, partindo da interpretação da *doxa*, pretende-se verificar como são estabelecidas as relações de sentidos e significados da identidade profissional de jornalistas nas dimensões de raça e de gênero e do exercício da profissão.

Nesse sentido, a pesquisa de campo foi fundamental pelo mergulho desta pesquisadora entre mundos reais e particulares de jornalistas a partir de suas vivências e memórias pessoais e profissionais e, de forma mais ampla, em diferenciadas, carreiras, visões de mundo por meio das entrevistas.

O trabalho de campo proporcionou-me reencontrar colegas de profissão e estabelecer novos contatos com outras e com outros jornalistas até então somente conhecidos por fazermos parte de uma comunidade discursiva. Todas e todos, de maneira generosa, e algumas delas parresias, forneceram fartos elementos empíricos.

Considero importante frisar que o mencionado reencontro foi, a bem da verdade, um novo encontro, cujos sentidos e significados dispenderão mais tempo para ser digeridos. Para além do propósito acadêmico, foram conversas de vida, sobretudo, pelas distintas posições com que estou ligada ao campo jornalístico, quer seja como assessora de comunicação, quer seja como assessora de imprensa, quer seja como professora de Jornalismo. Tocam-me, ademais, como ativista do movimento de mulheres negras e pelos passos que ainda darei em minha trajetória profissional e de vida. De alguma maneira, alguns véus se desfizeram com as pessoas com as quais eu já tinha proximidade. Não que eles tivessem sido dispostos pelo segredo ou pela intencionalidade do encobrimento. Desvelaram-se, alguns deles, em razão do tempo que se deu entre uma parte e outra – pesquisadora e entrevistada – guiadas pela erupções de memórias recentes e remotas de jornalistas sobre a escolha profissional, revisão de práticas profissionais, percepções acerca do racismo e do sexismo nas relações de raciais e de gênero, revisitação das Redações em que trabalharam ou trabalham, percepções sobre igualdade e desigualdade, compreensão crítica sobre as empresas, autocríticas, revelações de identitárias e perspectivas sobre o jornalismo como profissão no Brasil e o futuro dessa atividade profissional num contexto de mudanças tecnológicas e de comportamento da audiência.

Com cerca de um terço dos e das jornalistas, tive algum contato profissional como assessora de imprensa, entre os anos 2000 e 2015. Corresponde a profissionais com que eu tenha tido mais contato, até mesmo com vínculos de amizade, relação acadêmica e de ativismo contra o racismo ou em favor das melhorias para profissão de jornalista. Outro um terço corresponde a jornalistas em que faço questão de acompanhar o seu trabalho

profissional quer seja pela pertença racial ou de gênero, quer seja pela formulação de conteúdos de meu interesse, quer seja pela projeção nacional que elas e eles tenham. E, finalmente, o um terço seguinte se refere a pessoas que tive contato decorrente do presente trabalho. Valendo-me desses três níveis de relacionamento,¹⁴ saliento como pertinente ao campo interpretativo que se segue neste estudo de que se trata de grandes descobertas para mim na condição de pesquisadora, as quais não teriam sido viáveis sem a busca por formas simbólicas sobre o jornalismo como profissão no Brasil nas dimensões de raça e de gênero. Desta feita, registro que os reencontros foram, efetivamente, novos encontros com elas e eles e comigo mesma, tão surpreendentes quantos os primeiros encontros forjados nesta pesquisa, que deflagraram mergulhos em diferentes trajetórias de jornalistas.

Realizada entre janeiro e maio de 2016, a pesquisa de campo moveu-se por três ambientes distintos: local de trabalho de jornalistas (duas entrevistas), residências (duas entrevistas) e virtual (17 entrevistas). Foram percorridas as cinco regiões do Brasil, com prevalência, na seguinte ordem, das regiões Sudeste (9), Centro-Oeste (5), Sul (2), Norte (2), Nordeste (2), e, dois países – a África do Sul (uma jornalista, computada na região Sudeste, em trânsito em razão do curso de intercâmbio) e a Inglaterra (uma jornalista residente naquele país).

2.1 As entrevistas: produção de formas simbólicas

A produção de material empírico da pesquisa efetivou-se por meio da realização de entrevistas, norteando-se pelos territórios pré-interpretados dos objetos de investigação. Empregada na modalidade semiestruturadas, a técnica de entrevista possibilitou a produção da materialidade empírica, incidindo na geração de formas simbólicas, ou seja, “construções significativas que exigem uma interpretação; elas são ações, falas, textos que, por serem construções significativas, podem ser compreendidas” (THOMPSON, 1995, p.357) a serem interpretadas e re-interpretadas em profundidade

¹⁴ Importante registrar que a identificação da pesquisa e das e dos entrevistados pode ter inibido algumas revelações ou até mesmo incitado algumas delas, a exemplo de mulheres negras por eventual identificação.

com vistas às aproximações para além dos entendimentos comuns (*doxa*) sobre as relações raciais e de gênero no campo profissional.

Desse modo, o mundo sócio-histórico dos jornalistas não é somente um campo-objeto, mas um campo-sujeito construído, parcialmente, por sujeitos (THOMPSON, 1995), isto é, por jornalistas negras e negros, brancas e brancos. Depositei, por conseguinte, o esforço epistemológico de reconhecer as marcas identitárias de jornalistas no exercício da profissão por meio do registro de enunciações (formas simbólicas) – posteriormente interpretadas por seu caráter de formações discursivas – sob a perspectiva racial e de gênero.

No desenrolar da análise do material empírico, a chave interpretativa de tais formas simbólicas possibilitará o acesso a novas compreensões sobre o campo-sujeito-objeto – ou jornalismo como profissão nas dimensões de raça e de gênero – e quiçá novos referenciais sobre tal atividade profissional “capazes de compreender, de refletir e de agir fundamentados nessa compreensão e reflexão” (THOMPSON, 1995, p. 359), tomando por base as vivências e as trajetórias de jornalistas negras e negros, brancas e brancos. Foram reunidos, portanto, elementos para compor o que Orlandi (2005, p.30-31) denomina “condições de produção as que incluem o contexto sócio-histórico, ideológico [...] efeitos de sentidos elementos que derivam de nossa sociedade”.

Vinculada à análise discursiva como um dos métodos de investigação da metodologia de interpretação, a hermenêutica de profundidade reúne elementos constitutivos da análise dos discursos franceses: sujeito, historicização da experiência humana e interpretação. Conforme Bastos e Porto (2009, p.321), “a interpretação hermenêutica procura uma razão que possa articular e reelaborar, historicamente, os sentidos e os significados da compreensão humana, instituindo, assim, uma efetiva e construtiva experiência de uma ação realmente comunicativa”.

As entrevistas semi-estruturadas ocorreram, entre janeiro e maio de 2016, orientando-se por roteiro alicerçado em cinco eixos: i) dados de identificação; ii) trajetória profissional; iii) relações de gênero no jornalismo como profissão; iv) relações raciais no jornalismo como profissão; e v) futuro do jornalismo como profissão. Geralmente, o roteiro da entrevista foi mantido e os cinco eixos foram respondidos por

todas e todos entrevistados. Contudo, foram incluídas algumas questões, perante os pedidos de esclarecimentos por esta pesquisadora quanto a situações vividas pelos e pelas entrevistadas, ilustrações de casos por meio de exemplos, destrinchamento de comentários gerais ou enumerações com vistas ao aprofundamento e à especificação de elementos concernentes a este estudo

Ao todo, foram entrevistadas 21 jornalistas, sendo cinco mulheres negras, seis mulheres brancas, cinco homens negros e cinco homens brancos. Em razão dos convites múltiplos e do tempo de resposta, houve uma entrevista a mais com jornalista branca, a qual foi mantida em decorrência da relevância do depoimento para este estudo. A faixa etária oscila entre 30 e quase 70 anos, agregando distintas fases de ingresso ao mercado de trabalho, motivações para a escolha da carreira, relacionamentos humanos e profissionais até perspectivas sobre o jornalismo como profissão no Brasil. Estão inseridas e inseridos jornalistas com projeção nacional, local e restrita, com vistas a transpor alguns dos obstáculos epistemológicos acerca de pesquisas sobre jornalismo (NEVEU, 2006), a exemplo da realização de estudo com figuras célebres.

Todas e todos profissionais têm sólida experiência na profissão e serviços prestados às principais Redações jornalísticas do Brasil nas mídias televisão, rádio, revista, jornal impresso, jornais digitais e portais noticiosos, conformando campo vasto e coeso em termos de vivências profissionais. Estão incorporadas realidades das cinco regiões do Brasil, de jovens a profissionais com décadas de experiência, perpassando diferentes fases da profissão após a década de 1970, quando do fortalecimento da atividade profissional por meio da formação universitária, até a atualidade com a não obrigatoriedade do diploma e novas organizações produtivas para além das fronteiras das Redações.

Todas as entrevistas foram realizadas por esta autora e foram gravadas em arquivos digitais de áudio para uso exclusivo desta pesquisa. Todo o material foi autorizado por meio de termo de autorização assinada ou mensagem eletrônica, e pouca exclusão de conteúdo por parte das pessoas entrevistadas (exceto Antônio Góis sobre um caso de assédio sexual contra uma jornalista). As transcrições foram feitas por esta pesquisadora, mantendo-se a linguagem original de cada entrevistada e entrevistado.

Das 21 entrevistas, quatro foram presenciais e 17 virtuais, para as quais utilizei as plataformas de comunicação digital do Skype, Google Hangouts, Whatsapp, Facebook Messenger e Facetime do Sistema IOS. Esses recursos tecnológicos foram decisivos para os contatos com profissionais residentes em diferentes localidades brasileiras e, duas, no exterior, visto a indisponibilidade da pesquisadora de realizar tantos deslocamentos. Por vezes, instabilidade de conexões de Internet implicaram interrupções pontuais das entrevistas, porém, não impactaram no produto final ante a presteza das pessoas entrevistadas. Das 21 entrevistas, somente uma teve problema no armazenamento do arquivo digital por distração da pesquisadora, incidindo na refação da segunda parte da entrevista.

A escolha do rol de entrevistadas e entrevistados foi feita em lista acordada com a orientação e a co-orientação desta tese. Para além dos meus contatos pessoais existentes com um terço de jornalistas, os demais contatos se sucederam com apoio de muitas pessoas e entidades, dentre as quais se destacaram: Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj); Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul (Sindjors), por meio do Núcleo de Jornalistas Afro-Brasileiros; Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, por meio da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira), Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de Alagoas, por meio da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira); Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Amazonas e Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Acre; a jornalista Cláudia Alexandre pelo contato com a jornalista negra Joyce Ribeiro e o jornalista Eduardo Kirst, ex-orientando na Universidade Católica de Brasília (UCB), pelo fornecimento do contato do jornalista negro Heraldo Pereira.

2.2 Jornalistas

Valendo-me de informações fornecidas pelas e pelos jornalistas, apresento a seguir os perfis das entrevistadas e entrevistados por ordem alfabética. Nos Capítulos 6 a 9, adotei o agrupamento intrarracial e intragênero com vistas a aglutinar as vivências

identitárias e as experiências profissionais de jornalistas negras, brancas, negros e brancos.

Como é possível identificar o sexo de cada jornalista em razão da reconhecida definição de nomes femininos e masculinos e nenhuma e nenhum adotar identidade de gênero diferente do sexo biológico, optei por dispensar a menção sexo feminino ou masculino apesar dessas informações terem sido coletadas e sistematizadas nos dados de identificação. A saber, não foi incorporado, dentre os dados de identidade, item sobre orientação sexual. Contudo, no decorrer das entrevistas dois jornalistas fizeram menção à sua sexualidade de maneira espontânea, apresentando reflexões sobre homofobia e lesbofobia nas Redações. São eles: Maicon Bock (jornalista branco) e Roldão Arruda (jornalista negro).

A apresentação consiste no nome adotado no jornalismo, nome completo, idade, raça/cor, descendência, naturalidade, estado civil, escolaridade e resumo da experiência profissional. Dentre os itens destacados, a autodeclaração de raça/cor foi ponto de tensão para três jornalistas – todas mulheres fenotipicamente brancas – duas se designaram pardas (Adriana Carranca e Sílvia Salek) e uma como negra (Alessandra Machado). Em razão da categorização em uso neste estudo, optei por refazer as perguntas e obter mais informações sobre a árvore genealógica das entrevistadas, com vistas a ter mais elementos para agregá-las ao grupo racial branco, fazendo uso, até mesmo, de fotografias digitais nos conteúdos relacionados às entrevistas. Afora esses três casos, as demais autodeclarações seguiram de maneira espontânea nas 18 entrevistas: cinco mulheres negras, três mulheres brancas, cinco homens negros e cinco homens brancos.

Adriana Carranca – 42 anos, casada, sem filhas ou filhos, natural de Santos (SP). Teve dúvida sobre a sua autodeclaração étnicorracial, comentando que não sabia nem havia se definido anteriormente. Questionada sobre a sua ancestralidade, revelou ser descendente de italianos e portugueses e não reconhecer ancestral negra ou negro diante das investigações que está empreendendo sobre sua ancestralidade. *É engraçado, eu não penso raça. Então, eu é uma pergunta ... que geralmente eu não sei o que responder. (...) pelo que vi na árvore (genealógica) (...) não encontrei até agora nenhum negro, nenhum indígena ou asiático.* Por conta disso e da fenotipia não-negra, Adriana foi por esta

pesquisadora incorporada ao grupo de mulheres brancas jornalistas. Tem formação em Jornalismo e mestrado em Políticas Sociais e Desenvolvimento por universidade inglesa. Na experiência profissional, tem passagens por veículos locais e nacionais e foi correspondente no exterior. Iniciou a carreira profissional no Jornal da Orla e de TV afiliada da TV Globo, ambos em Santos. Trabalhou, por dois anos, na revista Veja, em São Paulo. De 2002 a 2015, trabalhou, exclusivamente, no jornal O Estado de S. Paulo, para o qual fez coberturas, em Nova Iorque, nas Nações Unidas, como correspondente internacional do Estadão em coberturas no Irã, Afeganistão e Paquistão. Desde 2015, assina uma coluna no Estadão e em O Globo. Enqua-se na faixa salarial de até dez salários mínimos. São livros de sua autoria: *Malala, a menina que queria ir para a escola*; *O Afeganistão depois do Talibã*; *O Irã sob o Chador* e *Os Endereços Curiosos de Nova York*.

Nome completo: Adriana Carranca.

Duração da entrevista: 58min.

Meio de entrevista: virtual (ligação telefônica), em São Paulo (SP).

Data da entrevista: 25 de maio de 2016.

Alessandra Machado – 44 anos, divorciada, duas filhas e um filho (idades 23, 18 e 11 anos, respectivamente), natural de Rio Branco (AC). Sobre a autodeclaração étnicorracial, apresentou-se como parda e fez menção a ser negra, embora tenha pai branco e mãe de origem indígena. Questionada sobre ancestralidade afrodescendente, negou. Em suas palavras: *Nós somos, na verdade, nós somos descendentes de índios a parte da família da minha mãe, entendeu? O meu pai não. O meu pai é de Goiás, aquele estereótipo mais branquinho e do olho verdinho, assim. Mas todo mundo puxou mais para os índios mesmo.* Em face da negativa de linhagem racial negra, foi incorporada por esta pesquisadora ao grupo de jornalistas brancas. Das pessoas entrevistadas, é a única que não possui formação superior em Jornalismo, sendo, portanto, jornalista provisionada. Ela ingressou nas faculdades de História e de Direito, mas não concluiu os cursos. Para fins de agrupamento intrarracial, incorporei-a ao grupo de mulheres brancas seguindo como referência suas fotografias digitais e o pedido que fiz ao Sindicato dos

Jornalistas Profissionais do Estado do Acre de localização de uma mulher branca. Trabalha há 23 anos no jornal A Tribuna, sendo os três anos iniciais na posição de repórter e os últimos 20 anos como editora-chefe. Está na faixa salarial de até cinco salários mínimos.

Nome completo: Alessandra da Silva Machado.

Duração da entrevista: 43min.

Meio de entrevista: virtual (Whatsapp), em Rio Branco (AC).

Data da entrevista: 26 de maio de 2016.

Antônio Gois – 42 anos, casado, duas filhas (7 e 4 anos), natural do Rio de Janeiro (RJ). Autodeclara-se branco. É graduado em Jornalismo. Trabalhou no jornal O Dia, Folha de S. Paulo e O Globo, como repórter e subeditor. Atualmente, está vinculado a três veículos: O Globo (colunista), CBN (colunista) e Canal Futura (repórter). Tem remuneração até 15 salários mínimos.

Nome completo: Antônio Gois.

Duração da entrevista: 59min.

Meio de entrevista: virtual (ligação telefônica), no Rio de Janeiro (RJ).

Data da entrevista: 28 de maio de 2016.

Cleidiana Ramos – 40 anos, solteira, sem filhos ou filhas, natural de Cachoeira (BA). É negra autodeclarada. Possui graduação em Jornalismo. É mestra em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e doutoranda em Antropologia na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Por 17 anos foi funcionária do jornal A Tarde, no qual desempenhou a função de repórter de Cidades e coordenou cadernos especiais sobre identidade étnicorracial, gênero e religiosidade. Nos últimos seis anos até o seu desligamento do jornal, em 2015, foi repórter especial, com remuneração de até 15 salários mínimos.

Nome completo: Cleidiana Patrícia Ramos.

Duração da entrevista: 55min.

Meio da entrevista: virtual (google hangouts), em Salvador (BA).

Data da entrevista: 15 de janeiro de 2016.

Deivison Campos – 42 anos, casado, uma filha (14 anos), natural de Porto Alegre (RS). Autodeclara-se negro. Possui graduação em Jornalismo e doutorado em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Trabalhou na Rádio Bandeirantes, na Rádio Princesa, na TV Guaíba, na Rádio Unisinos e na Rádio Gaúcha. Trabalhou no Jocabé, Jornal dos Cultos Afrobrasileiros, que existia nos anos 1990. Atualmente, é coordenador de Jornalismo da Ulbra (Universidade Luterana do Brasil). Sua remuneração está na faixa de até 15 salários mínimos.

Nome completo: Deivison Moacir Cezar de Campos.

Duração da entrevista: 1h 35min.

Meio da entrevista: virtual (Google Hangouts), em Porto Alegre (RS).

Data da entrevista: 16 de janeiro de 2016.

Flávia Oliveira – 46 anos, é divorciada e possui união estável. Tem uma filha (20 anos), *universitária, ativista*, segundo suas palavras. É natural do Rio de Janeiro (RJ). É negra e vem enegrecendo com o passar dos anos, como destaca: “já me autodeclarei parda no censo, mas, de 2010 para cá, tenho me declarado preta”, porque “achei que do ponto de vista político e ideológico faria diferença”. É graduada em Jornalismo. Iniciou a carreira, em 1992, no Jornal do Comércio, no qual permaneceu por dois anos. Depois, foi contratada pelo jornal O Globo, empresa à qual esteve vinculada como celetista até 2015: *21 anos de carteira assinada. No ano passado, fui demitida. E contratada, por conta desse momento do nosso mercado, como pessoa jurídica. (...) Agora, sou uma empreendedora.* Na nova modalidade contratual, faz colaborações para o jornal O Globo (colunista); GloboNews, como comentarista do programa Estúdio I, “duas vezes por semana, podendo chegar a três no contrato de colaboradora”, e está prestes a estrear no programa TV Mulher, do canal Viva, da Globosat. Sua remuneração está acima de 15 salários mínimos.

Nome completo: Flávia de Oliveira Fraga.

Duração da entrevista: 2h18min.

Meio da entrevista: virtual (Skype), no Rio de Janeiro (RJ).

Data da entrevista: 21 de janeiro de 2016.

Heraldo Pereira – 54 anos, casado, duas filhas (26 e 24 anos), natural de Ribeirão Preto (SP). Autodeclara-se negro. É graduado em Jornalismo e mestre em Direito Constitucional pela Faculdade de Direito da Universidade de Brasília (UnB). Começou no jornalismo em estágio das Centrais Telefônicas Ribeirão Preto e, posteriormente, na Rádio Clube Ribeirão Preto. Trabalhou na TV Globo, no SBT (Jornal do SBT, com Bóris Casoy), na TV Manchete, e “voltei para a TV Globo nos tempos em que as pessoas saíam e voltavam para a Globo”. É repórter e comentarista de Política do Jornal da Globo e apresentador do Jornal Nacional, ambos da TV Globo, embora se defina como repórter das calçadas e de corredores em busca de notícia. A remuneração obtida está acima de 15 salários mínimos.

Nome completo: Heraldo Pereira de Carvalho.

Duração da entrevista: 58 min. (11min.)¹⁵ e 43min.

Meio da entrevista: presencial (nos corredores externos do Supremo Tribunal Federal), em Brasília (DF), e por telefone.

Data da entrevista: 17 de maio de 2016 (primeira entrevista) e 25 de julho de 2016.

João Freire – 47 anos, casado, um filho (16 anos). É natural do Rio de Janeiro (RJ). Possui graduação em Jornalismo e em Publicidade e está cursando pós-graduação em Comunicação no Uniceub. É branco autodeclarado. Trabalhou na GloboNews, TV Anhanguera (Palmas), TV NBr (Brasília). Atualmente, chefia a equipe de comunicação do ICMBio (Instituto Chico Mendes). Tem renda de até 15 salários mínimos.

Nome completo: João Freire.

Duração da entrevista: 50 min.

Meio da entrevista: virtual (Facebook Messenger), em Brasília (DF).

Data da entrevista: 2 de fevereiro de 2016.

¹⁵Esta entrevista teve de ser refeita em razão do erro de gravação do arquivo por parte da pesquisadora.

Jorge Freitas – 64 anos, casado, um filho (30 anos). É jornalista diplomado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É negro autodeclarado. Trabalhou nos seguintes veículos: Zero Hora (1973), Rádio Guaíba (1974-1976), Última Hora (1975), Coojornal (1977), Rádio Gaúcha (1978), Rádio Continental (1978), Revista Tição (1978-1979), Jornal do Commercio Rio de Janeiro (1984), Gazeta Mercantil (1984-1995), Ministério da Integração Nacional (1995), Governo do Estado do Rio de Janeiro (2003, 2010) e Correio Braziliense (2011-2012). Antes de se aposentar, tinha faixa salarial até 15 salários mínimos.

Nome completo: Jorge Roberto Martins Freitas.

Duração da entrevista: 1h 11min.

Meio da entrevista: presencial (residência do entrevistado), em Brasília (DF).

Data da entrevista: 16 de janeiro de 2016.

Joyce Ribeiro – 37 anos, casada, duas filhas (três anos e sete meses). É natural de São Paulo (SP). É negra autodeclarada. Tem graduação em jornalismo e pós-graduação em Comunicação. Trabalhou na empresa RIT, TV Record e SBT, na qual é apresentadora de telejornais há dez anos e, recentemente, do programa matinal Primeiro Impacto. Tem remuneração acima de 15 salários mínimos. Tornou-se escritora com o romance Chica da Silva, lançado em 2016.

Nome completo: Joyce Ribeiro da Silva Machado.

Duração da entrevista: 37 min.

Meio da entrevista: virtual (Whatsapp), em São Paulo (SP).

Data da entrevista: 24 de maio de 2016.

Juliana Nunes – 35 anos, solteira (vive em união estável), um filho (3 anos). Natural de Curitiba (PR). É jornalista de formação e possui mestrado pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Autodeclara-se preta. Trabalhou no Correio Braziliense (2000 a 2004), na Agência Brasil (2004 a 2008) e, atualmente, é coordenadora

da Radioagência Nacional (2008 a 2016). Sua remuneração está na faixa de até dez salários mínimos.

Nome completo: Juliana César Nunes.

Duração da entrevista: 1h 51min.

Meio da entrevista: presencial (residência da pesquisadora), em Brasília (DF).

Data: 28 de janeiro de 2016.

Julianna Granjeia – 32 anos, solteira, sem filhas ou filhos, natural de Jundiaí (SP). Tem graduação em Jornalismo. Autodeclara-se branca. Detém a seguinte experiência profissional: Bom Dia Jundiaí (repórter de Cidade e Política e assistência no fechamento), G1 (repórter de Educação, produtora de vídeos), Folha de S.Paulo (repórter de Cotidiano, Ilustrada e colaborações em Poder, além de assistência no fechamento), UOL (cobertura das eleições de 2012, repórter e produtora de vídeos), IG (coluna Poder, de bastidores da Política) e sucursal de São Paulo do jornal O Globo (repórter de Política e Sociedade). No momento de realização da entrevista, em janeiro de 2016, estava desempregada. Sua última remuneração, como repórter do jornal O Globo, estava na faixa de até dez salários mínimos.

Nome completo: Julianna Granjeia da Silva.

Duração da entrevista: 57 min.

Meio da entrevista: virtual (Facebook Messenger), Johannesburgo, África do Sul.

Data da entrevista: 2 de fevereiro de 2016.

Luciana Barreto – 39 anos, divorciada, uma filha (8 anos), natural do Rio de Janeiro (RJ). É negra autodeclarada. Possui graduação em Jornalismo. Reúne como experiência profissional: Canal Futura (estágio), GNT (estágio), BandNews, TV Bandeirantes, TV Educativa. É apresentadora do telejornal Repórter Brasil, da TV Brasil, desde 2007, desde a sua primeira transmissão. A remuneração recebida é acima de 15 salários mínimos.

Nome completo: Luciana Barreto de Faria.

Duração da entrevista: 1h 29 min.

Meio da entrevista: virtual (Facetime IOS), interior do Rio de Janeiro (RJ).

Data da entrevista: 23 de janeiro de 2016.

Lúcio Pinheiro – 33 anos, solteiro, sem filhas ou filhos, natural de Eirunepé (AM). É branco autodeclarado. Graduado em Jornalismo. Ingressou no jornal A Crítica, em 2009, como repórter e se tornou editor de Opinião há oito meses. Tem remuneração de até cinco salários mínimos.

Nome completo: Antônio Lúcio Pinheiro de Souza.

Duração da entrevista: 25 min.

Meio da entrevista: virtual (Whatsapp), Manaus (AM).

Data da entrevista: 26 de maio de 2016.

Maicon Bock – 34 anos, solteiro, sem filhas ou filhos, natural de Terra D´Areia (RS). Autodeclara-se branco. Tem graduação em Jornalismo. Trabalhou nos seguintes veículos de comunicação: Correio Sapucaense; Jornal VS; Correio do Povo; Zero Hora; Terra Redação Rio Grande do Sul e Metro, no qual possui vínculo atual como editor. Sua faixa de remuneração é até dez salários mínimos.

Nome completo: Maicon Bock.

Duração da entrevista: 56 min.

Meio da entrevista: virtual (Skype), Porto Alegre (RS).

Data da entrevista: 22 de janeiro de 2016.

Mara Régia – 65 anos, divorciada, uma filha (36 anos) e um filho (35 anos). Natural do Rio de Janeiro (RJ). É branca autodeclarada. Tem graduação em Publicidade e Propaganda e em Jornalismo. Trabalhou nas seguintes: Rádio Nacional da Amazônia/Empresa Brasil de Comunicação; TV Globo; TV Manchete. Recebeu as seguintes premiações: Prêmio Ouvir Ciência, do Ministério da Ciência e Tecnologia (2007); Prêmio Chico Mendes, Categoria Arte e cultura, do Ministério do Meio Ambiente (2006); Prêmio da Cidadania, do Banco Mundial (2002); 1º lugar no Concurso A Toda Voz, AMARC Associação de Rádios Comunitárias da América Latina e Caribe (2000); Prêmio Embrapa de Jornalismo, Categoria Rádio; 2º lugar Embrapa (1998); Jornalista

Amigo da Criança, título conferido pela Fundação Abrinq e a ANDI (Agência de Notícias dos Direitos da Infância) com o apoio do UNICEF e Embratur (1997).

Nome completo: Mara Régia Di Perna.

Duração da entrevista: 1h 15min.

Meio da entrevista: presencial (Redação da EBC), Brasília (DF).

Data da entrevista: 29 de janeiro de 2016.

Marcos Guimarães – 64 anos, casado, dois filhos (28 e 26 anos, um jornalista e outro arquiteto), natural de Maceió (AL). É branco e acentua: “Ah, eu me considero a cor do Brasil. Branco, índio e preto. Mas eu me autodeclaro branco”. Tem duas graduações: uma em Ciências Biológicas e outra em Jornalismo, agregando pós-graduação em Comunicação Empresarial. É aposentado e reúne experiência nos seguintes veículos: Rádio Difusora de Alagoas; Rádio AM Progresso; Rádio Palmares; 96 FM; e Educativa FM. Tinha renda de até 10 salários mínimos, em janeiro de 2015, quando estava “na faixa de seis mil e poucos reais. Mas aí, eu perdi o emprego e fiquei só com a aposentadoria, que me dá cerca de três mil e pouco reais”.

Nome completo: Marcos Antônio Guimarães da Rocha.

Duração da entrevista: 16 min.

Meio da entrevista: virtual (Whatsapp), Maceió (AL).

Data da entrevista: 25 de maio de 2016.

Oswaldo Faustino – 63 anos, casado, cinco filhas e filhos (duas mulheres: uma com 34 anos e outra de 29; três homens: 32, 26 e 21 anos). É natural de Mayrink (SP). Autodeclara-se negro. Possui graduação em Jornalismo desde 1976. São suas experiências profissionais: editor de Cultura do Diário Popular (cinco anos); Agência Folha (seis anos); Diário Popular (cinco anos); produtor executivo do Flash, do Amaury Jr.; Rádio Globo; Rádio América; TV Bandeirantes; TV Manchete; Revista Raça; TV da Gente (do cantor de pagode Netinho de Paula); e O Estado de S. Paulo, por 26 anos, no qual se aposentou. *Eu sempre tive um segundo ou terceiro emprego. Cheguei a ter três registros simultâneos na carteira.* Está na faixa salarial de até cinco salários mínimos. É

escritor e autor de: *A luz de Luiz – por uma terra sem reis e sem escravos; Nei Lopes e a legião negra – A luta dos afro-brasileiros na Revolução Constitucionalista de 1932*, ambos editados pela Selo Negro Edições. E coautor (com Aroldo Macedo) dos livros: *A cor do sucesso; Luana, a menina que viu o Brasil neném; Luana e as sementes de Zumbi; e Luana, capoeira e liberdade*. E autor dos gibis *Luana e sua turma*.

Nome completo: Oswaldo Antônio Faustino.

Duração da entrevista: 2h19 min.

Meio da entrevista: virtual (Skype), São Paulo (SP).

Data da entrevista: 1º de fevereiro de 2016.

Patrícia Zaidan – 55 anos, divorciada, um filho (32 anos, arquiteto) e uma filha (24 anos, atriz). É natural de Uberaba (MG). É branca autodeclarada. Tem duas graduações: uma em Jornalismo e outra em Psicologia. É pós-graduada em Comunicação e Semiótica – Uma clínica da cultura, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Soma 37 anos de profissão e experiência nas seguintes: editora da revista *Claudia*; *O Estado de S. Paulo*; *Folha de S. Paulo*; Rede Bandeirantes de TV; Rádio Bandeirantes. Sua remuneração é superior a 15 salários mínimos.

Nome completo: Patrícia Zaidan.

Duração da entrevista: 57 min.

Meio da entrevista: virtual (ligação telefônica), São Paulo (SP).

Data da entrevista: 18 de janeiro de 2016.

Roldão Arruda – 62 anos, união estável com companheiro, um filho de 32 anos. É natural de Jaguapitã (PR). Autodeclara-se pardo em referência à sua afrodescendência. Possui graduação em Jornalismo. Concentra a seguinte experiência profissional: *Folha de Londrina*; *TV Coroados*; *Jornal Panorama*; *Novo Jornal*; todos paranaenses. Depois, em São Paulo, trabalhou no jornal alternativo *Movimento*; jornal *Informática Hoje*; revista *Veja*; revista *Exame*; *Folha de S. Paulo*; e *Estado de S. Paulo*, seu último emprego. Tem renda atual na faixa de 10 salários mínimos.

Nome: Roldão Oliveira Arruda.

Duração da entrevista: 2h31min.

Meio da entrevista: virtual (Facebook Messenger), São Paulo (SP).

Data da entrevista: 16 de fevereiro de 2016 (primeira entrevista, 1h48min) e 17 de fevereiro de 2016 (42min).

Sílvia Salek – 40 anos, casada, uma filha (11 anos) e um filho (8 anos). É natural do Rio de Janeiro (RJ). Autodeclarou-se parda e foi questionada sobre a sua ascendência, explicando: *Eu nunca me autodeclarei. Acho que eu sou talvez parda? Na minha certidão de nascimento, eu estou como branca. Mas, se eu tivesse que me autodeclarar para o censo, seria parda. (...) Minha mãe é branca e ele (pai) também é oficialmente, digamos, branco. Mas não branco tão branco. É uma pessoa morena. É descendente de árabes.* Tem formação em Jornalismo, cursado no Brasil, e mestrado em Estudos de Desenvolvimento e Antropologia Social, realizado em Londres. São experiências profissionais: TVE (estágio); TV ROC (Rocinha); jornal O Dia, nos anos de 1998 a 2000; e BBC Brasil, lotada na Redação de Londres desde 2000. Acrescento trecho sobre a concorrência de Sílvia para a BBC: *Meu pai viu um anúncio da vaga da BBC, na Folha de S. Paulo. Eu me lembro, ele me deu o papelzinho. Eu me inscrevi ainda no Brasil, mas aí eu vim fazer a prova quando eu cheguei aqui (em Londres) com o meu marido.* Há 16 anos na Redação da BBC Brasil, a jornalista foi produtora, chefe de reportagem, editora-chefe e, agora, diretora de Redação. Tomando por base a remuneração na empresa, a sua remuneração está acima de 15 salários mínimos no Brasil.

Nome completo: Sílvia Sá Freire Salek e Câmara.

Duração da entrevista: 56 min.

Meio da entrevista: virtual (ligação telefônica), Londres, Inglaterra.

Data da entrevista: 25 de maio de 2016.

PARTE II ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA

Encontrei minhas origens

(Oliveira Silveira)

*Encontrei minhas origens
em velhos arquivos
livros
encontrei
em malditos objetos
troncos e grilhetas
encontrei minhas origens
no leste
no mar em imundos tumbeiros
encontrei em doces palavras
cantos
em furiosos tambores
ritos
encontrei minhas origens
na cor de minha pele
nos lanhos de minha alma
em mim
em minha gente escura
em meus heróis altivos
encontrei
encontrei-as enfim
me encontrei.*

CAPÍTULO 3 RAÇA, RACISMO E RELAÇÕES RACIAIS

O primeiro enfoque da hermenêutica de profundidade é a análise sócio-histórica por meio da qual são reconstruídas “as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas” (THOMPSON, 1995, p.366). De acordo com esse referencial metodológico, são destacados quatro aspectos de contextos sociais: i) situações espaço-temporais específicas relacionadas à reconstrução de ambientes por onde “as formas simbólicas são produzidas e recebidas por pessoas em locais específicos”; ii) campos de interação compostos por “espaços de posições e trajetórias”; iii) instituições sociais devido a suas regras e recursos e sua incidência nas pessoas a elas vinculadas; e iv) estrutural social referente às “assimetrias, diferenças e divisões”, entre elas estão situadas as de raça e gênero – dimensões em evidência nesta tese (THOMPSON, 1995, p.366-367).

Valendo-me das formas de investigação hermenêutica em profundidade, recorro, a partir daqui, a pensamentos teóricos elementares para a análise das formas simbólicas de jornalistas sobre as dimensões de raça e gênero na profissão. Neste capítulo, são expostas questões fundamentais para a compreensão do racismo, seguidas por aportes da teoria feminista e dos estudos de gênero (Capítulo 4) e sobre trabalho e jornalismo no Brasil (Capítulo 5). Desse modo, cobre-se a tríade explorada nesta pesquisa.

Historicamente, mulheres e homens, negros e brancos têm trajetórias diferenciadas pela sua condição racial, de gênero e classe social, as quais são forjadas por sistemas excludentes, tais como o racismo, o patriarcado e o sexismo, como vetores de expropriação de múltiplas ordens. Nas Américas, integraram-se no processo de colonização¹⁶. É o racismo que viabiliza o capitalismo como modo de produção econômico, alicerçado na reconfiguração geopolítica mundial na Idade Moderna.

Legitimadores das forças políticas hegemônicas discriminatórias, o racismo, o patriarcado e o sexismo estabeleceram sistemas opressivos por meio das desigualdades

¹⁶ Foucault (1992) salienta também a ação genocida no processo de colonização, desencadeada pelo racismo.

raciais e de gênero (HOOKS, 2000; DAVIS, 2005; CARNEIRO, 2005), os quais fomentam a subordinação entre sujeitos e sujeitas no que tange a direitos, condições, oportunidades, discursos e representações.

Em **Genealogia do racismo**, Foucault (1992, p.73) aponta que o racismo está além da ideologia, vinculando-o ao discurso da luta de raças, partindo da pluralidade para a afirmação da singularidade de uma delas. Percebe evolução, no final do século XIX, para “um racismo de Estado biológico e centralizado”, o qual “transformou esse discurso no imperativo da proteção da raça”¹⁷ (FOUCAULT, 1992, p.73, tradução nossa), de uma das raças por meio do biopoder, no qual são definidos os que devem viver e os que devem morrer. Cabe aqui a reflexão de Brah (2006, p.344) de que “cada racismo tem uma história particular. Surgiu no contexto de um conjunto de circunstâncias econômicas, políticas e culturais”.

Ressalto para este estudo a definição da feminista negra bell hooks (2004), em **A vontade de mudar: homens, masculinidades e amor**, sobre patriarcado. Para a autora, trata-se de

[...] um sistema político-social que insiste que os homens são inerentemente dominadores, superiores a tudo e a todos considerados fracos, especialmente as mulheres, dotados do direito de dominar e governar sobre os fracos para manter a dominação através de várias formas do terrorismo psicológico e violência ¹⁸ (HOOKS, 2004, p.154, tradução nossa).

Em **Feminismo é para todos**, hooks (2000, p.1, tradução nossa) considera o feminismo como “um movimento para eliminar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão”.¹⁹ No desenvolvimento teórico sobre o feminismo negro, Patricia Hill Collins soma-se à reflexão empreendida no problema desta pesquisa no que tange à inter-relação

¹⁷ [...] un racismo de Estado: un racismo biológico y centralizado (...) transformó ese discurso en el imperativo de la protección de la raza.

¹⁸ [...] is a political-social system that insists that males are inherently dominating, superior to everything and everyone deemed weak, especially females, and endowed with the right to dominate and rule over the weak and to maintain that dominance through various forms of psychological terrorism and violence.

¹⁹ [...] a movement to end sexism, sexist exploitation, and oppression.

entre o racismo e o sexismo. De acordo com ela, a “opressão define qualquer situação injusta em que, sistematicamente e por um longo período de tempo, um grupo é negado para que o outro acesse os recursos da sociedade”²⁰ (COLLINS, 2000, p.4, tradução nossa). É nessa conformação de sistemas opressivos que se inserem também as relações de gênero, definido pela feminista Joan Scott (1989, p.21) como “elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Para Lia Zanotta Machado (1992, p.31), os sistemas de relações de gênero estão fundados na “constituição simbólica de uma rede de significados que estabelecem associações (metáforas, metonímias, etc) com outros elementos do universo”.

No Brasil, a operação de dominação é efetivada por uma triangulação entre raça, gênero e classe, promotora da administração e exploração altamente lucrativa do trabalho de africanos e africanas escravizadas, o qual foi mantenedor dos ciclos econômicos aqui instaurados no período colonial (MOURA, 1989). O racismo instituiu a sociedade de classes no Brasil, por meio do binômio explorador do proprietário dos meios de produção (branco) e do trabalhador (negro), fundamentado na alienação do trabalho de negros e negras no sistema escravista e com efeitos poderosos do pós-abolição à atualidade. Para Carlos Hasenbalg (1982, p. 89-90), a “raça se relaciona fundamentalmente com um dos aspectos da reprodução das classes sociais, isto é, a distribuição dos indivíduos nas posições da estrutura de classes e dimensões distributivas da estratificação social”. Ao longo deste estudo, essa divisão fica evidenciada na conformação do mundo do trabalho e da profissionalização sob a mediação do Estado. Ocorre, como veremos, que essa ação do Estado se fundamentou e continua a se desenvolver pelo biopoder (FOUCAULT, 1992).

Foucault (1992) discorre sobre a transfiguração da raça pura para a guerra das raças, por meio da qual foram estabelecidos mecanismos de divisão binária num sistema de iniquidades. Estas, fundamentadas em polaridade, desencadeiam o discurso de luta de

²⁰ [...]oppression describes any unjust situation where, systematically and over a long period of time, one group denies another group access to the resources of society.

raças, deflagrado no século XVII por meio de teorias racistas e do racismo biológico. Possibilitaram, ainda, a circulação do “discurso de luta das raças como princípio de segregação, de eliminação e de normatização da sociedade”²¹ (FOUCAULT, 1992, p.57, tradução nossa), com efeitos no colonialismo e no conservadorismo social. Seria a origem do “racismo biológico-social” para diferenciação de pessoas e grupos. De acordo com Foucault (1992, p.75, tradução nossa), foram geradas as condições para a substituição do discurso de luta de raças para a ideia de raça e a constituição de mecanismos para “excluir, desqualificar ou destruir fisicamente uma raça”.²²

No avanço dos Estados nacionais, esse paradigma consolidou-se de tal forma que o Estado passou a ser o orquestrador “de quem deve viver e de quem deve morrer”²³ (FOUCAULT, 1992, p.194, tradução nossa), herdado do direito de vida e de morte forjado pelos soberanos na Idade Média, quando valia a máxima do direito de espada de “fazer morrer ou deixar viver”²⁴ (FOUCAULT, 1992, p.194, tradução nossa). Portanto, o Estado investiu-se de poder e disciplina sobre a vida humana, na medida em que estabelece mecanismos de controle de “corpos individuais sobre os que podem ser vigiados, adestrados, utilizados e, eventualmente, castigados”²⁵ (FOUCAULT, 1992, p.195, tradução nossa). Como tecnologia de poder (FOUCAULT, 1992), o corpo vigiado e controlado se transmuta para o coletivo, abrangendo determinada população como problema biológico e de poder em ritualizações da gestão da vida.

Aos grupos salientados nesta pesquisa, o conceito de biopoder aplica-se nas dimensões de raça e gênero. Em face das suas características, são afetados de maneira diferente nos seguintes arranjos: homens e mulheres negras (intrarracial e intergênero), mulheres negras e brancas (interracial e intragênero), homens e mulheres brancas

²¹ [...] discurso de la lucha de razas como principio de segregación, de eliminación y de normalización de la sociedad.

²² [...] excluir, descalificar o destruir fisicamente a una raza.

²³ [...] de lo que debe vivir y lo que debe morir.

²⁴ [...] hacer morir o dejar vivir.

²⁵ [...] procura regir la multiplicidad de los hombres ésta puede y debe resolverse en cuerpos individuales, a los que se puede vigilar, adiestrar, utilizar y eventualmente castigar.

(intergênero) e homens brancos e homens negros (interracial e intragênero). Tem-se, assim, outra explicação sobre como o pertencimento racial eleva-se como polo principal do controle, da vigilância e da punição dos corpos negros.

Somente na combinação entre homens brancos e mulheres brancas, os mecanismos disciplinadores se dão no conjunto de mulheres brancas, tendo em vista a concentração de poder forjada ao homem branco. Quando concentradas no seu grupo racial, as brancas não serão controladas, vigiadas e punidas por serem brancas, mas sim por serem mulheres. Como pertencentes ao grupo racial branco, as mulheres brancas estão imunes ao racismo, porém não às práticas patriarcais e sexistas. Todavia, para homens e mulheres negras, o vetor racial se mantém como prevalente e se acirra quando associado à dimensão de gênero, inclusive entre homens (BAIRROS, 1995; CARNEIRO, 1995).

Segundo Foucault (1992), a tecnologia do poder desdobra-se para as seguintes tecnologias: centrada sobre a vida, de adestramento, disciplinária, de segurança, de contenção e de regulação. Estas são desencadeadas pelo controle dos corpos, distribuição das famílias, subdivisão da população, submissão de indivíduos à visibilidade, normatização de comportamentos mediante à regulação dos corpos e à vigilância permanente e, sobremaneira, ao que podem ser, fazer, pensar e dizer. De um lado, são os confinamentos em redutos excludentes e as prisões sem muros, contudo, com câmeras e dispositivos eficazes para a rápida localização desses indivíduos no sistema sempre ligado e com tempo dedicado para a captura. De outro lado, são os esquecimentos, os apagamentos, as exclusões no sistema inativo e injusto. A liga entre essas duas pontas é o fenômeno da violência descrito pelo psiquiatra negro Frantz Fanon (1968), em **Os condenados da terra**, como elemento corrosivo, tensão permanente, mal absoluto e animalização de sujeitos e sujeitas, limitados na sua condição existencial pelo controle, pela opressão e, conseqüentemente, destituídos do seu poder enquanto ser, enquanto sujeitos e sujeitas de suas próprias vidas.

De acordo com Foucault (1992), o biopoder permite a incorporação do racismo nos mecanismos do Estado, expandindo-se na Idade Moderna e desequilibrando os grupos que compõem uma população. Ao “que deve viver e que deve morrer”²⁶ foucaultiano,

²⁶ [...] lo que debe vivir y lo que debe morir.

segue a expressão de Octavio Ianni (2004, p.18) “racialização do mundo”, quando este revisa a história do mundo moderno através do mercantilismo, do colonialismo, do capitalismo, do imperialismo e da globalização:

Gostaria de reiterar que a história do mundo moderno é uma história de racialização do mundo. [...] A racialização do mundo está em curso. Numa reflexão sobre a questão racial no Brasil, somos obrigados a reconhecer que, simultaneamente, está havendo algo de diferentes gradações em muitas partes do mundo e que esses surtos de diferentes manifestações de racismo e intolerância estão imbricados com a dinâmica da sociedade (IANNI, 2004, p.18).

Na minha interpretação, os argumentos de Foucault (1992) e Ianni (2004) apontam para a transformação da etnia – dimensão que distingue os grupos humanos – em raça para relações de hierarquia, estruturando desigualdades para as quais o preconceito racial decorre como técnica política de poder e de dominação. Nesse modelo, a “potencialidade de democratização das relações sociais existe em qualquer lugar do mundo, mas é anulada ou bloqueada devido ao jogo de forças sociais, à disputa pelo poder e pelas posições” (IANNI, 2004, p.18).

Por essa concepção, esse jogo é expandido para todas as áreas da convivência humana, repercutindo nas diferentes etapas do ciclo de vida e, por consequência, no conjunto de experiências dos indivíduos atingidos pelo racismo. Por exemplo, repercute na organização do trabalho – um dos pontos-chave desde a modernidade –, na maneira como as oportunidades serão distribuídas, segmentação e segregação no emprego, definição de renda, seleção para cargos de alto e baixo status social.

Nas palavras de Foucault (1992),

A morte do outro – na medida em que representa a minha segurança pessoal – não coincide simplesmente com a minha vida. A morte do outro, a morte da raça, a raça inferior (ou degenerada ou inferior) é o que fará a via mais sã e mais pura. [...] A raça, o racismo são – em uma sociedade de normalização – a condição de aceitação do homicídio. [...] Desde o momento em que o Estado funciona sobre a base do biopoder, a função homicida do Estado somente pode ser assegurada pelo racismo. [...] O racismo representa a condição com a qual se pode

exercer o direito de matar²⁷ (FOUCAULT, 1992, p. 206-207, tradução nossa).

Nessa acepção, a marca racial do sistema de desigualdade não abre margem nem para o político, porque este demandaria negociação para disputa. Para o racismo, o objetivo é a eliminação. A perspectiva de morte ocorre nas suas diversas manifestações, como a simbólica, a discursiva e a representativa. É a exclusão/eliminação do ser como ele é, transfigurando-o para o não ser total ou o não ser como ele é no sentido da sua identidade. É a eliminação do poder ser, do querer ser e do se afirmar como ser (FOUCAULT, 2006). É a imposição do ser outro, como determina o racismo.

Na tese **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**, Sueli Carneiro (2005, p.56) desenvolve teoricamente o dispositivo de racialidade/biopoder, definindo racialidade como “uma noção produtora de um campo ontológico, um campo epistemológico e um campo de poder conformando, portanto, saberes, poderes e modos de subjetivação cuja articulação institui um dispositivo de poder”. Ao examinar o racismo e as relações raciais no Brasil, Carneiro (2005, p.62) reposiciona-os sob a dimensão política e da construção de sentidos e significados, frisando: “o discurso que molda as relações raciais é o mito da democracia racial. (...) a grande narrativa que desnuda a existência de um acordo de aceitação do discurso em todas as suas decorrências”.

Carneiro (2005, p.78) alerta, ainda, para a sinuosidade conceitual do biopoder, pois, na medida em que “inscreve a negritude sob o signo da morte”, ele alça a branquitude ao “vitalismo como signo que consubstancia na maior expectativa de vida, nos menores índices de mortalidade e morbidade como consequência de seu acesso aos bens socialmente construídos”.

Partindo de interesses políticos e econômicos, o racismo foi teoricamente defendido, com vistas à sua justificação. No livro **Raça e ciência**, editado pela Unesco

²⁷ La muerte del otro – en la medida en que representa mi seguridad personal – no coincide simplemente con mi vida. La muerte del otro, la muerte de la mala raza, de la raza inferior (o del degenerado o del inferior) es lo que hará la vida más sana y más pura. [...] La raza, el racismo son – en una sociedad de normalización – la condición de la aceptación del homicidio. [...] Desde el momento en que el Estado funciona sobre la base del biopoder, la función homicida del Estado mismo solo puede ser asegurada por el racismo. [...] El racismo representa la condición con la cual se puede ejercer el derecho de matar.

(1960), o antropólogo Claude Lévi-Strauss (1960) abordou o surgimento das teorias racistas, o chamado racismo científico, por Gobineau, Lapouge, Quatrefages Agassi, Broca, Le Bon, Bucle, Kidd, entre outros – especialmente por uso da técnica sueca de medição craniana, criada em 1842, e bastante usada na França, a exemplo da primeira sociedade de Antropologia de Paris (ORTIZ, 2003), até a sua refutação, em 1892, por Paul Topinard. Essa corrente científica fundamentou teoricamente a supremacia racial branca e relegou os negros às posições de inferioridade, subalternidade e opressão racial, numa evidente demonstração do uso inadequado da ciência (ROSA, 2011). Era a ciência justificando a operação político-econômica desencadeada no século XVI e prolongada na chamada etapa imperialista do capitalismo, com a partilha da África marcando o novo período de mudança geopolítica com dominação de territórios por nações europeias.

Para Claude Lévi-Strauss (1960, p. 232), “convém não esquecer que Gobineau, a quem a História converteu no pai das teorias racistas, não concebia, entretanto, a ‘desigualdade das raças humanas’ de maneira quantitativa, mas qualitativa”. Aprofundando a crítica a Gobineau²⁸, Lévi-Strauss (1960) explica os erros científicos que fundamentaram o racismo e impactaram profundamente as relações raciais nas Américas. A ciência de Gobineau era motivada pela sua subjetividade e a visão de mundo racista de que compartilhava, condicionando os resultados das suas pesquisas e produção de conhecimento:

A tara da degeneração para êle se ligava mais ao fenômeno da mestiçagem do que à oposição de cada raça, numa escala de valores comum a todas; estava destinada, pois, a atingir a humanidade inteira, condenada, sem distinção de raça, a uma mestiçagem cada vez mais avançada. Mas o pecado original da antropologia consiste na confusão entre a noção puramente biológica de raça (na suposição, aliás, de que, mesmo nesse campo limitado, essa noção possa pretender uma objetividade, o que a genética moderna contesta) e as produções sociológicas e psicológicas das culturas humanas. Bastou a Gobineau cometê-lo para se ver encerrado um círculo infernal que não exclui a boa-fé à legitimação involuntária de todas as tentativas de discriminação e de exploração (LÉVI-STRAUSS, 1960, p.232).

²⁸ O cientista francês era “amigo íntimo do imperador Dom Pedro II”, como registra Ortiz (2003, p.28).

Presente na mesma publicação da Unesco (1960), o etnólogo francês Michel Leiris (1960, p. 193) divide os grupos raciais em três: “espécie *Homo sapiens*: caucasóides (ou brancos), mongolóides (ou amarelos, a que geralmente, são juntados os peles vermelhas), negróides (ou negros)”. Ainda na obra em questão, o antropólogo espanhol-mexicano Juan Comas (1960) avança sobre os efeitos no tecido social, pois “o racismo envolve a assertiva de que a desigualdade é absoluta e incondicional, i.e., que uma raça é por sua própria natureza superior ou inferior a outras, independentemente das condições físicas de seu *habitat* e de fatores sociais” (COMAS, 1960, p.55, grifo original).

Voltado à produção para a acumulação patrimonial branca no Brasil, o trabalho de negras e negros escravizados propiciou à metrópole portuguesa a expansão de territórios coloniais e o acúmulo de bens e riquezas por quase quatro séculos de escravização. Para o filósofo francês Jean-Paul Sartre (1968, p.171), “a colonização unifica, mas divide pelo menos igualmente: não somente por cálculo e maquiavelismo – isto não seria nada –, mas pela divisão do trabalho que ela introduz e pelas camadas sociais que cria e estratifica”. Associados ao racismo, o patriarcado e o sexismo constituem vetores de exclusão, segregação, violência e discriminação, atingindo, de maneira diferente, negros, indígenas e brancos; homens e mulheres brasileiras.

Na dissertação **Racismo em pauta: a pluralidade confrontada no noticiário da Folha de S. Paulo na década de 2000** (ROSA, 2011), defendida no Programa de Pós-Graduação de Comunicação da Universidade de Brasília, considere a influência do colonialismo e do racismo no noticiário brasileiro, que persiste pela “capacidade incrível de recuperação e ressignificação das suas ideias fundadoras, que são propagadas inclusive por diferentes formas de discurso” (ROSA, 2011, p. 26). Em 1818, iniciou-se a imigração suíça, sendo seguida pela alemã, em 1824, e a italiana, em 1875. Com a abolição da escravatura²⁹, em 1888, a sociedade brasileira foi novamente dividida em classes por motivação racial, absorvendo trabalhadores e trabalhadoras de origem europeia³⁰.

²⁹ Por meio da alcunha Lei Áurea, a Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888, extinguiu a escravidão no Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM3353.htm>. Acesso em: 15 abr. 2014.

³⁰ Como ação estratégica do Império, desenvolvida como prática do biopoder (FOUCAULT, 1992).

Expressa em documentos legais, a intencionalidade era o branqueamento do país por meio da colonização de europeus, visando o embranquecimento da população brasileira, naquele momento majoritariamente negra. A feminista negra Lélia Gonzalez (1980, p.54) alerta para “o caráter disfarçado do racismo à brasileira”, o qual deve ser entendido na articulação entre o mito e a ideologia, que passa “a desenvolver mecanismos de ocultamento de ‘inferioridade’”, conformando um “quadro de racionalização” que vai do “racismo às avessas” até a “atitude ‘democrática’ que nega a temática racial negra, “diluindo-a mecanicamente na luta de classes”, isto é, sem situações conflitantes ou questionamento do exercício de poder de um (branco) sobre o outro (negro).

No artigo **Racismo e sexismo na cultura brasileira**, Gonzalez (1984, p.237) discorre sobre os efeitos do racismo: “a ideologia do branqueamento, a lógica da dominação que visa à dominação da negrada mediante a internalização e a reprodução dos valores brancos ocidentais. Em **Lugar de negro**, Gonzalez (1980, p.40) assinala que a ideologia do branqueamento “consiste no fato de os aparelhos ideológicos (família, escola, igreja, meios de comunicação etc.) veicularem valores que, juntamente com o mito³¹ da democracia racial, apontam para uma suposta superioridade racial e cultural branca”. Registros da imprensa, no final do século XIX, revelam o que a historiadora Celia Maria Marinho Azevedo (1987) nomeou como "onda negra, medo branco".

Além de nos dizer muito de como estavam sendo reavaliados socialmente os ex-escravos e seus descendentes, esta história pode ser compreendida como um pequenininho lance dentro de uma estratégia abrangente de higienização do espaço urbano (...) (AZEVEDO, 1987, p.19).

Da obra **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**, agrego aqui o pensamento de Muniz Sodré (1999, p.258), de que é preciso “considerar o racismo não só um fator poderoso na produção da exclusão social, mas, principalmente, como o mecanismo civilizatório de rejeição existencial, ou seja, consciente e subconsciente, da alteridade”. A tensão permanente entre raça e classe teve novo componente, no início do

³¹ Bourdieu (2002, p.10) alerta que o mito é “um produto coletivo e coletivamente apropriado”.

século XX, com o estímulo do Estado republicano para a imigração nipônica, ao passo que proibia a imigração africana. Novamente, o ordenamento jurídico brasileiro reiterava que africanos e africanas – mão-de-obra escravizada que fundamentara a economia do país – não eram mais “bem-vindos” ao país, algo que já estava política e socialmente instituído quando das chamadas leis pré-abolicionistas do Ventre Livre³² e do Sexagenário³³. O ápice foi a abolição do trabalho escravo no Brasil, em 1888, sem a emancipação daqueles e daquelas que estavam na condição de escravizados. Negros e negras foram juridicamente libertados, mas não integrados à sociedade brasileira. Os homens negros foram rechaçados das oportunidades de trabalho, competindo às mulheres negras o sustento das famílias como trabalhadoras domésticas, lavadeiras, babás, amas-de-leite e outras atividades laborais de pequeno ganho (BENTO, 1995).

Aprofundava-se o sistema de desigualdades entre os grupos raciais (negros, indígenas, brancos de origem europeia/migrantes e nipônicos) por motivações racistas, as quais se fundamentaram na superioridade, privilégio e valorização de uns sobre os outros no que se refere aos postos de trabalho, numa operação coordenada por quem detinha poder político e econômico. Desse modo, organizou-se o chamado mundo do trabalho no Brasil, e conseqüentemente, as classes sociais no país por motivação racial, cujo impacto se faz sentir na contemporaneidade.

Nas palavras de Renato Ortiz (2003, p.30), “a questão da raça é linguagem através da qual se apreende a realidade social, ela reflete inclusive o impasse da construção de

³² Na prática, essas normas atendiam aos interesses do escravismo. A liberdade não era condição primeira, senão o trabalho forçado por tempo suficiente para assegurar a estrutura de acumulação de riquezas para o escravocrata e sem oportunizar autonomia a negros e negras nem mesmo quando em uso da liberdade efetiva. A Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871, declarou a condição livre de filhos e filhas de mulher escravizada. Apesar de libertos, ficavam sob a custódia do proprietário da mãe, o qual deveria criá-los até os oito anos. Depois disso, o escravocrata poderia solicitar indenização ao Império ou submeter a criança ao trabalho até atingir os 21 anos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM2040.htm>. Acesso em: 16 abr. 2014.

³³ A Lei nº 3.270, de 28 de setembro de 1885, estabeleceu a obrigatoriedade de liberdade a homens e mulheres escravizadas a partir dos 60 anos. Outra norma inócua, considerando que o tempo de vida útil de uma pessoa escravizada era de 10 a 15 anos sob as condições de toda ordem de violência. Na referida norma, era estipulada tabela de preços de trabalhadores e trabalhadoras, sendo os mais valorados os que tinham até 30 anos (900\$000) e menos valorados, os acima de 60 anos (200\$000). No texto, há determinação de que as mulheres valiam 25% menos que os homens. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66550>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

um Estado nacional que ainda não se consolidou”. Racismo, patriarcado e sexismo são reavivados ao longo do desenvolvimento das nações, valendo-se inclusive de realidades e formações discursivas (FOUCAULT, 1992 e 2005) e de suportes comunicacionais como propagadores e renovadores desses ideários. Estes influenciam a dinâmica da vida social e as relações interpessoais, como aborda a jornalista Miriam Leitão (2004), no artigo **As duas verdades do Brasil**:

Somos um país sutil. Que separa, sem declarar que está separando. Afasta, sem segregar. Nunca fizemos a grosseria de eleger ruas, escolas e ônibus para brancos e outros para negros. Claro que não, somos um povo cordial! Mas, ainda hoje, achamos natural freqüentar escolas, restaurantes, shoppings onde só há brancos. Ainda hoje, quando o tema emerge, muitos reagem com fúria, acusando os que levam o assunto à luz do debate de estarem semeando o conflito racial. E um conflito surdo fere as nossas crianças, inclusive nas salas de aula, com a informação falsa implícita, nos erros e nas omissões do nosso currículo e livros escolares, de que os brancos são melhores e mais inteligentes (LEITÃO, 2004, p.190).

Transpostas para o mercado de trabalho, as dimensões de raça e gênero condicionam e limitam – historicamente até os dias atuais – a presença de indivíduos desses grupos em áreas de maior e menor prestígio, valorização e remuneração (HASENBALG, 2005). Campo de encontro de indivíduos na busca pela sobrevivência e pela satisfação pessoal, o chamado mundo do trabalho tornou-se uma das principais arenas onde são travadas disputas pelo poder, produção e divisão de riquezas. A exemplo de outros espaços de convivência humana, a hierarquização e as partilhas de bens e produtos materiais e simbólicos (CARNEIRO, 2003) são influenciadas por pertencas, entre elas as raciais, étnicas, de gênero e classe. Urge, para aferir essas realidades políticas, socioeconômicas e culturais, encaminhamentos epistemológicos descolonizados e imbuídos com o propósito de compreender em profundidade os fatores que mantêm as estruturas racistas, patriarcais e sexistas na vida social.

Homens e mulheres negras continuam concentrados em profissões braçais e de baixo prestígio social, com menor remuneração e obstáculos para acesso, mobilidade e permanência nas ocupações devido às barreiras para o ingresso em profissões com pretensa relevância econômica e social. No que tange às mulheres brancas, o colonialismo

patriarcal as confinou no espaço privado, cujas vidas e destinos eram definidos pelo *pater* poder. Já o homem branco, investido de autoridade e legitimidade absolutas, mantinha-se como detentor do poder sobre mulheres brancas, homens negros e mulheres negras, além de todos os outros homens brancos que não desfrutassem das mesmas condições de tomada de decisão e prestígio.

Com pouco mais de 120 anos de abolição da escravatura e cerca de um século de abertura do espaço público para as mulheres, as estruturas sociopolítica, econômica e cultural brasileiras estão fortemente marcadas por signos racistas, patriarcais e sexistas, catalisadores de opressões, subalternidades e segregações. Embora livres, negros e negras seguem confinados em espaços de desvantagens, vivem em áreas determinadas pela higienização urbana.

Suas vidas mantêm-se sob a égide de dispositivos de controle, repressão e coerção. A violência é reiterada para criminalizar, punir e condicionar a ocupação de territórios – negros e brancos –, como alertam o psiquiatra negro Frantz Fanon (1968), sobre a luta pela independência da Argélia, e Lélia Gonzalez (1982) acerca dos “lugares de negros” erguidos pela ideologia do branqueamento e pelo racismo à brasileira. As mulheres – negras e brancas – travam embates para desconstruir práticas raciais, patriarcais e sexistas que as subjugam sob a lógica do trabalho de negra e trabalho de branca (BENTO, 1995) e trabalho de homem e trabalho de mulher (HIRATA e KERGOAT, 1994 e 2007). Faço essa diferenciação para ressaltar as experiências distintas de mulheres negras e brancas, as quais vêm dando conta de trajetórias convergentes e, muitas vezes, divergentes no feminismo. No primeiro conjunto, estas têm o marcador racial nas relações intragênero. E no segundo – trabalho de homem e trabalho de mulher – está projetado o marcador de gênero nas relações intergênero.

Mariza Corrêa (2009, p.247), no artigo **Sobre a invenção da mulata**, inscreve raça como “um dos marcadores sociais mais importantes em nossa sociedade; ela, necessariamente, estará presente no campo semântico das definições de gênero. Conforme Lia Zanotta Machado (1992, p.31), nos estudos de gênero é mister “pensar simultaneamente a diferença entre mulheres e homens no plural e no singular,

intra-mulheres e intra-homens, colocando-se, portanto, ambas, universalidade e particularidade, em questão”.

Como exposto, a influência do Brasil colonial persiste no terceiro milênio, mesmo quando os grupos oprimidos – negros e mulheres – constituem maioria populacional. No censo demográfico³⁴ de 2010, homens e mulheres negras eram 50,7%³⁵ da população brasileira, perfazendo 97 milhões dos 191 milhões de habitantes do país. De modo inédito, superaram o componente branco devido à crescente consciência negra³⁶ das massas, o que propiciou a elevação de quatro milhões de negros e negras³⁷ em relação aos dados computados em 2000. Em 2012, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) elevou o contingente negro para 52,9% da população, sendo 45% de pardos (88,6 milhões) e 7,9% de pretos (15,6 milhões), enquanto 46,2% de brancos (91 milhões)³⁸.

³⁴ A primeira rodada do censo, no país, ocorreu em 1872, no cinquentenário da Independência. Na vigência da escravização negra no país, foram instauradas quatro opções para o levantamento de informações raciais, assim denominadas: branco, preto, pardo e caboclo (indígena). Em 1890, a categoria pardo foi substituída por mestiço. De 1900 a 1930, não foram realizados censos demográficos. No retorno, em 1940, houve alteração da dimensão raça para cor. Nos censos de 1950 e 1960 foram estabelecidas as bases para a autodeclaração, inclusive com cor. Nos anos 1970, não houve rodada censitária. Na década seguinte, ocorreu somente amostra, sendo criada, em 1987, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD). O processo censitário passou a se estabilizar na década de 1990. A partir de 2000, foram criadas as pesquisas de Orçamento Familiar (2002-3) e Mensal de Emprego (2003). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/notas_tecnicas.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2014.

³⁵ Dados do Censo 2010 relacionados ao somatório de pretos (7,6%) e pardos (43,1%) obtido pelo mecanismo da autodeclaração (denominação individual de acordo com a sua identidade étnicorracial). Disponível em <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

³⁶ O pesquisador e poeta negro gaúcho Oliveira Silveira (2005), juntamente com o Grupo Palmares (CAMPOS, 2006), lutou pelo reconhecimento da data de assassinato de Zumbi dos Palmares em 20 de novembro de 1695. Iniciaram, no ano de 1971, em Porto Alegre (RS), uma série de comemorações em exaltação à memória de resistência de Zumbi, as quais originaram o Dia da Consciência Negra, em 1978, adotado pelo Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCDR).

³⁷ O Brasil negro foi amplamente divulgado pelo IBGE e pela imprensa, a exemplo do título de matéria do jornal **O Globo** “Censo 2010: população do Brasil deixa de ser predominantemente branca”, de 29 de abril de 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/politica/censo-2010-populacao-do-brasil-deixa-de-ser-predominantemente-branca-2789597>>. Acesso em: 15 mar.2014.

³⁸ Dados constantes da Síntese de Indicadores Sociais. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2012/default_sintese.shtm>. Acesso em: 14 abr. 2014.

Pela primeira vez, a população feminina ultrapassou a masculina – 97,3 milhões contra 93,4 milhões de homens, conforme o censo de 2010. Dos 51% de mulheres, a maior parte está concentrada em municípios com mais de 500 mil habitantes. A amostra de Trabalho e Rendimento³⁹, produzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontava 63,5% de brasileiros e brasileiras como população economicamente ativa com mais de 15 anos, sendo 58,9% ocupados na semana de referência, assim distribuídos regionalmente: Sul, Centro-Oeste, Sudeste, Nordeste e Norte. No mercado, as mulheres galgavam presença mais forte que a percebida em censos anteriores, saltando de 35,4% para 43,9% de 2000 para 2010, enquanto a ocupação dos homens percebida no período passou de 61,1% para 63,3%⁴⁰.

O crescente impulso de ingresso feminino no mercado de trabalho se refletiu na elevação do nível da ocupação das mulheres, de 35,4%, em 2000, para 43,9%, em 2010, que foi mais acentuada que a dos homens, que passou de 61,1%, em 2000, para 63,3%, em 2010. Isso significou incremento de 24%, no nível da ocupação feminina, e 3,5%, no da masculina, de 2000 para 2010. Nas grandes regiões, o aumento neste indicador das mulheres variou de 20,9% a 28,4%. O nível da ocupação na área urbana também teve forte elevação, de 2000 para 2010, tendo subido de 47,6% para 53,8%, ultrapassando o da rural, que passou de 49,6% para 50,7% (IBGE, 2010, p.60).

De acordo com o censo 2010⁴¹, o nível de instrução das mulheres tem sido superior ao dos homens: 50,8% deles têm ensino fundamental incompleto e 9,9%, graduação, enquanto elas apresentam 47,8% e 12,5%, respectivamente. Destaco as informações referentes ao ensino superior: das 11,3% graduações completas, em pessoas ocupadas,

³⁹ Publicação elaborada com base no censo de 2010. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Trabalho_e_Rendimento/censo_trabalho_e_rendimento.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2014.

⁴⁰ Informações mais detalhadas constam do *press release* “Censo 2010: mulheres são mais instruídas que homens e ampliam nível de ocupação”, ofertado na sala de imprensa do portal do IBGE. Disponível em: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2296>>. Acesso em: 16 mai. 2013.

⁴¹ Com pouca oferta de dados sistematizados pelo recorte racial sobre a realidade populacional e do mercado de trabalho brasileiro (IBGE, 2010), o estudo reforça a hierarquização desfavorável do componente raça – negros e negras –, o que poderia ter facilitado o entendimento sobre trabalho e rendimento pelo recorte racial.

19,2% eram de mulheres e 11,5%, de homens (IBGE, 2010). E, ainda, as fundamentais informações sobre as desigualdades na educação por cor ou raça, em consonância com o objeto desta pesquisa, o jornalismo como profissão pela perspectiva de raça e gênero:

Os percentuais de pessoas de 10 anos ou mais de idade sem instrução ou com ensino fundamental incompleto diminuíram para os brancos, pretos e pardos, mas as desigualdades ainda persistiam. De 2000 para 2010, a proporção caiu de 56,6% para 42,8% entre os brancos, de 74,4% para 56,8% entre os pretos e de 73,2% para 57,3% para os pardos. Em relação à proporção das pessoas que frequentavam escola segundo os grupos de idade, as maiores diferenças na cor ou raça foram observadas para a faixa de 20 a 24 anos. Os percentuais eram de 25,5% dos brancos, 20,3% dos pretos e 21,6% dos pardos. Na faixa de 15 a 17 anos, os valores foram bem maiores, sendo de 85,4% para os brancos, 81,1% para pretos e 81,9% para pardos. Quanto à proporção das pessoas que frequentavam ensino superior, observa-se um considerável aumento entre 2000 e 2010 para pretos (de 2,3% para 8,4%) e pardos (de 2,2% para 6,7%). Para os brancos, o aumento foi de 8,1% para 14,5%. Quase 13% das pessoas de 10 anos ou mais de idade de cor ou raça branca completaram o ensino superior, enquanto que apenas 4% da população de pretos e pardos dessa faixa etária tinha alcançado o mesmo nível de estudos. Verificou-se que 73% das pessoas de 10 anos ou mais de idade com ensino superior completo eram brancas e menos de 25% eram de pretos e pardos (IBGE, 2013).

São notórias as desigualdades raciais na formação de profissionais, precisamente universitária, no país. Em decorrência das políticas de ação afirmativa, houve alterações substantivas na presença negra nas instituições de ensino superior devido às cotas raciais, porém distantes do que se entende como distribuição racial equilibrada. Em 2000, 4,5% de negros e negras frequentavam o ensino superior, elevando-se para 15,1% depois de dez anos. Porém, egressos brancos e brancas se mantêm em maioria (13%) em relação a negros e negras (4%) (IBGE, 2013).

Cabe problematizar a prevalência do contingente branco como detentor de 73% das pessoas com ensino superior completo, enquanto negros perfazem 25%. Ou seja, configura-se a estratificação racial do mercado de trabalho de profissões com formação universitária por ação do racismo, que expurga negros e negras das escolas, das universidades e das possibilidades de ingresso em postos de trabalho mais valorizados e de carreiras promissoras. Essa engrenagem perversa estabelece a dinâmica do mercado

de trabalho brasileiro, afetando trabalhadores e trabalhadoras negras em diversas áreas, especialmente as de formação universitária, entre as quais se insere o jornalismo.

No ano de 2010, o Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social divulgou o **Perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações para ações afirmativas**⁴². O estudo se propôs a incentivar as corporações a observarem atentamente os desequilíbrios na composição de trabalhadores e trabalhadoras nas dimensões de sexo, cor, raça, idade, escolaridade, tempo de empresa, pessoas com deficiência. Das 500 organizações, 105 prestaram informações relacionadas ao universo de 623.960 trabalhadores e trabalhadoras dos seguintes níveis hierárquicos: quadro funcional, supervisão, gerência e quadro executivo. Quanto ao setor de atividade, 47,6% dos questionários respondidos eram procedentes da indústria; 26,6% do setor de serviços; 17,2% do comércio; e 8,6% do setor de alimentos e produtos agrícolas:

Muito lentamente, cresce a participação de mulheres e negros nos quadros de funcionários das empresas mais importantes do país. Comparada com 2007, a participação feminina cresceu 2,2 pontos no topo da pirâmide, indo de 11,5% para 13,7%. Em relação a 2001, o avanço foi de 7,7 pontos. No entanto, ela decresceu na base e nos níveis intermediários, em média 2 pontos percentuais. A série histórica também mostra uma evolução positiva da participação dos negros – pretos e pardos, de acordo com a nomenclatura do IBGE adotada por este estudo. A evolução, contudo, tem sido mais lenta que a observada entre as mulheres. Nos quadros funcionais e de chefias intermediárias, os negros ocupam, respectivamente, 31,1% e 25,6% dos cargos. Na gerência, são 13,2% e na diretoria, 5,3%. A situação da mulher negra é pior: ela fica com 9,3% dos cargos da base e de 0,5% do topo. Em números absolutos, significa que, no universo que as empresas informaram, de 119 diretoras e 1.162 diretores de ambos os sexos, negros e não negros, apenas 6 são mulheres negras (UNIFEM, 2010).

Seis anos depois, o relatório **Perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações para ações afirmativas**⁴³ mostrou situação semelhante

⁴² A publicação foi produzida pelo Instituto Ethos e pelo Ibope Inteligência, com apoio do Fundo das Nações Unidas para a Mulher (Unifem), atual ONU Mulheres. Disponível em: <http://www1.ethos.org.br/ethosweb/arquivo/0-a-eb4perfil_2010.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2014.

⁴³ Estudo elaborado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, Instituto Ethos, Organização Internacional do Trabalho, ONU Mulheres e Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial de São Paulo. Disponível em: <

à de 2010, como expressão de poucas mudanças no mundo do trabalho, com vistas ao resultado de um suposto esforço de enfrentamento ao racismo e ao sexismo. De 117 empresas e um total de 332.066 trabalhadores, 36,75% são mulheres. Elas são a maioria entre 58,9% entre aprendizes, 42,6% entre os trainees, 35% entre as funções operacionais, 31,3% dos gerentes, 13,6% dos executivos e 11% no conselho de administração. Entre os negros, a estrutura se mantém: quanto mais alta a posição hierárquica, menor a presença em postos de comando: 57,5% entre aprendizes, 28,8% entre estagiários, 58,2% entre trainees, 35,7% em funções operacionais, 25,9% em supervisão, 6,3% entre gerentes, 4,3% entre executivos e 4,9% em conselhos de administração. A exclusão é mais acentuada entre as mulheres negras: 10,3% em funções operacionais, 8,2% como supervisoras, 1,6% como gerentes e 0,4% como executivas.

Partindo da conformação populacional e do mercado de trabalho brasileiro na perspectiva de raça e de gênero, a representatividade dos grupos de negros e mulheres na sociedade e a ocupação de postos de tomada de decisão apresentam-se como elementos desafiadores para o enfrentamento ao racismo e ao sexismo no País.

Da mulher, o tempo ...

(Conceição Evaristo)

*A mulher mirou-se no espelho do tempo,
mil rugas (só as visíveis) sorriram,
perpendiculares às linhas
das dores.
Amadurecidos sulcos
atravessavam o opaco
e o fulgor de seus olhos
em que a íris, entre
o temor e a coragem,
se expunha
ao incerto vaivém
da vida.*

*A mulher mirou-se no espelho de suas águas:
- dos pingos lágrimas
à plenitude da vazante.
E no fluxo e refluxo de seu eu
viu o tempo se render.
Viu os dias gastos
em momentos renovados
d'esperança nascitura.
Viu seu ventre eterno grávido,
salpicado de mil estrias,
(só as contáveis estrelas)
em revitalizado brilho.*

(...)

*E só,
não mais só
recolheu o só
da outra, da outra, da outra ...
fazendo solidificar uma rede
de infinitas jovens linhas
cosidas por mãos ancestrais
e rejubilou-se com o tempo
guardado no tempo
de seu eternizado corpo.*

CAPÍTULO 4 SEXISMO E RELAÇÕES DE GÊNERO

A luta pela emancipação feminina vem sendo historicamente construída por diferentes mulheres. Na acepção europeia, os primeiros movimentos foram configurados na transição para a Idade Moderna. Na efervescência pela Revolução Francesa, Olympe de Gouges⁴⁴ e suas companheiras elaboraram a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, em 1791, contrapondo-se à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, do mesmo ano.

De acordo com Heloisa Buarque de Hollanda (1994, p.7), o “feminismo como ideologia política” pode ser identificado no século XIX. A cientista política Céli Regina Jardim Pinto (2010), ao remontar o dossiê **Feminismo, história e poder**, apresenta a primeira onda do feminismo nas últimas décadas do século XIX, quando as sufragetas inglesas reivindicavam o direito ao voto. Este foi conquistado, no Reino Unido, em 1918. No Brasil, a primeira onda feminista esteve atrelada à luta pelo direito ao voto sob a liderança da bióloga Bertha Lutz, por meio da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Tal organização levou ao Senado Federal, em 1927, abaixo-assinado para aprovação do projeto de lei do senador Juvenal Lamartine (PINTO, 2010). O voto foi conquistado como direito, em 1932, quando da promulgação do Novo Código Eleitoral Brasileiro.

À primeira onda feminista no Brasil, somaram-se as operárias anarquistas, da União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas, com denúncias sobre as condições degradantes de trabalho nas fábricas e oficinas. Na década de 1960, o mundo vivia a onda da contracultura hippie, a luta pelos direitos civis e a guerra dos Estados Unidos contra o Vietnã. Foram lançados a pílula anticoncepcional e o livro **A mística feminina**, de Beth Friedman. Naquele período, forma-se a segunda onda do feminismo.

⁴⁴ Pseudônimo de Marie Gouze. Era feminista, revolucionária, historiadora, jornalista, escritora e autora de peças de teatro. Desafiou a conduta masculina e questionou o pilar fraternidade da Revolução Francesa. Do contrato social, termo que seria adotado por Jean-Jacques Rousseau, propôs a igualdade entre homens e mulheres no casamento. Foi executada em 3 de novembro de 1793, em razão de suas ideias libertárias.

Durante a década, na Europa e nos Estados Unidos, o movimento feminista surge com toda a força e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo (PINTO, 2010, p.16).

Pinto (2010) destaca a realização da I Conferência Internacional da Mulher, em 1975, a qual determinaria os dez anos seguintes como década da mulher. Tal ação das Nações Unidas influenciou a agenda internacional pró-direitos da mulher, ampliando a disseminação da pauta mundo afora. Com a redemocratização do país, nos anos 1980, “o feminismo no Brasil entra em uma fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres” (PINTO, 2010, p.17). Ganham visibilidade pública os temas da violência de gênero, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, liberdade sexual.

Era o período de criação das primeiras delegacias especializadas de atendimento à mulher, como resposta à reivindicação do feminismo e do movimento de mulheres frente aos assassinatos de mulheres e impunidade de crimes que se tornaram emblemáticos por causa da impunidade dos criminosos pela alegação de terem sido cometidos em defesa da honra. No ano de 1984, foi criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), o qual teve papel decisivo na articulação com o movimento feminista e de mulheres na Constituinte e saldo positivo de aprovação de 80% das propostas negociadas via lobby do batom.

Para Céli Pinto (2010), o fosso de desigualdades no Brasil mantém os privilégios das elites e protege os limites dos espaços de tomada de decisão.

A entrada, nestes espaços, de personas, de grupos que forjaram lugar no espaço público justamente desafiando esta ordem hierárquica é freada de todas as maneiras. Este espaço de poder tem mostrado uma grande capacidade de conversão de novos membros à sua dinâmica de reprodução de desigualdade, na apropriação, por exemplo, dos bens públicos. Para ter êxito, deve limitar o acesso aos novos membros. Ao próprio feminismo foi dado um lugar neste arranjo de dominação. As mulheres feministas podem falar algumas coisas e outras não. As mulheres não-feministas terão poderes outros, porque não-feministas. Quando uma mulher fala, sua fala tem uma marca: é a fala de uma

mulher; quando uma mulher feminista fala, tem duas marcas, de mulher e de feminista. A recepção destas falas por homens e mulheres tende a ter a mesma característica, é uma recepção de uma fala marcada, portanto, particular, em oposição à fala masculina/universal. Se for a fala de uma mulher feminista, é o particular do particular (PINTO, 2010, p.20).

Na história do feminismo, a obra definidora dos primórdios do conceito de gênero é **O segundo sexo**, de Simone Beauvoir (1980), pela redefinição teórica sobre homens e mulheres. Conforme Heleieth Saffioti (1999, p.159), as críticas dirigidas a Beauvoir se referem ao fato de “ter pretendido estudar a mulher e não mulheres. Ou seja, referiu-se a um universal, quando deveria, na opinião de suas (seus) exegetas, ter mergulhado nas condições específicas dos distintos contingentes de mulheres. Este, entretanto, era o padrão da época”. Outro aspecto controverso foi a abordagem da dominação masculina em detrimento da ausência de enfoque na igualdade entre homens e mulheres em algumas sociedades. Saffioti (1999, p.160) credits “a manifestação primeira do conceito de gênero [na máxima] aprender a ser mulher, uma vez que o feminino não é dado pela biologia, ou simplesmente pela anatomia, e sim construído pela sociedade”.

Apesar da produção de Beauvoir, na década de 1940, é nos anos 1970 que o “pensamento feminista surge como novidade no campo acadêmico e impõe-se como uma tendência teórica inovadora e de forte potencial crítico e político” (HOLLANDA, 1994, p.7). O feminismo desvelou a questão da alteridade por decorrência da crítica da cultura feminista em âmbito político e social num período histórico caracterizado por “movimentos anticoloniais, étnicos, raciais, de mulheres, de homossexuais e ecológicos que se consolidam como novas forças políticas emergentes” (HOLLANDA, 1994, p.8). A eclosão de identidades embrenhou-se na academia, por ação dessas sujeitas, englobando dimensões de marginalidade, alteridade e diferença. Hollanda (1994) percebe o distanciamento entre o pós-estruturalismo e as teorias feministas pelo fato de estas estarem comprometidas

[...] com a articulação da crítica da hegemonia do idêntico e da legitimidade dos sentidos absolutos e universais com os processos históricos e representação da categoria “mulher”. O pensamento feminista de ponta é marcado pela exigência de uma abordagem teórica e metodológica em que a questão da mulher, com todas as questões de

sentido, seja, de forma sistemática, particularizada, especificada e localizada historicamente, opondo-se a toda e qualquer perspectiva essencialista ou ontológica (HOLLANDA, 1994, p.9).

Por sua radicalidade na defesa da afirmação da sujeita do feminismo e de seus direitos, o feminismo tem sido reconhecido pela prática política no conjunto de estratégias para a defesa da cidadania, isto é, a equidade entre mulheres e homens. No texto **Feminismo em tempos pós-modernos**, Holanda (1994) faz a distinção entre a produção teórica feminista de origem anglo-americana e a francesa. A primeira vertente, segundo a autora, tem se dedicado à denúncia da ideologia patriarcal na crítica tradicional da literatura e ao resgate do trabalho das mulheres excluído da literatura. A segunda corrente está mais próxima da psicanálise, tecendo-se nos trabalhos para a “identificação de uma possível ‘subjetividade feminina’” (HOLLANDA, 1994, p.12).

No campo da psicanálise, as norte-americanas se levantariam contra o falocentrismo freudiano, enquanto as francesas acessavam a psicanálise para analisar e identificar as formas de opressão das mulheres por meio da exploração do inconsciente frente às contribuições de Lacan e Derrida devido aos conceitos de diferença e de imaginário. Para Maria Rita Kehl (2008, p.27), “‘identidade feminina’ e ‘identidade masculina’ são composições significantes que procuram se manter distintas, nas quais se supõe que se alistem os sujeitos, de forma mais ou menos rígida”, correspondendo à “trama simbólica de cada sociedade”.

Conforme Holanda (1994), a francesa Luce Irigaray estabeleceu aproximações entre sexualidade e textualidade com vistas a verificar as inter-relações de desejo na linguagem. Essas trajetórias levaram ao que Holanda (1994, p. 13) chama de “possibilidade de recaptura de uma unidade perdida” pelo feminismo. Embora divergentes, as tendências anglo-americana e francesa têm propiciado

[...] a procura da definição, em graus diversos de complexidade, de uma identidade feminina e do lugar da diferença. Do ponto de vista político, o empenho em se marcar essa identidade pode ser defendido como uma necessidade tática na luta contra as instituições do poder patriarcal. Entretanto, a própria idéia de identidade está fundamentalmente comprometida com a economia humanística e com a estrutura da lógica patriarcal. Portanto, reforçar a noção de ‘mulher’ como o ‘outro’, procedimento bastante freqüente, traz consigo o risco de apenas

legitimar e garantir a identidade hegemônica do ‘mesmo’ (HOLLANDA, 1994, p.13).

Observar, identificar, problematizar, analisar e significar as experiências das mulheres no sistema patriarcal tem sido a saga travada pelas diferentes correntes do feminismo, a fim de afirmar as mulheres como sujeitas instituídas de história própria e influenciadas pelo sexismo. Um dos principais conceitos elaborados pelo feminismo também é tensionado pelas teorias feministas em face da sua vinculação homem/mulher, o que tende a constituir o ser homem como parâmetro para as vivências e os modos de ser da mulher.

“O uso do conceito mulher traz implícito tanto a dimensão do sexo biológico como a construção social de gênero. Entretanto, a reinvenção da categoria mulher frequentemente utiliza os mesmos estereótipos criados pela opressão patriarcal – passiva, emocional, etc – como forma de lidar com os papéis de gênero. Na prática, aceita-se a existência de uma natureza feminina e outra masculina, fazendo com que as diferenças entre homens e mulheres sejam percebidas como fatos da natureza. Dessa perspectiva, opressão sexista é entendida como um fenômeno universal sem que, no entanto, fiquem evidentes os motivos de sua ocorrência em diferentes contextos históricos e culturais. Para definir opressão, o feminismo lança mão do conceito de experiência, segundo o qual opressiva seria qualquer situação que a mulher defina como tal independente de tempo, região, raça ou de classe social” (BAIROS, 1995, p.459)

Em **A tecnologia do gênero**, Teresa de Lauretis (1987) critica a limitação da diferenciação sexual do conceito de gênero pela dicotomia de poder entre homens e mulheres. Entende que

[...] a noção de gênero como diferença sexual era central para a crítica da representação, a releitura de imagens culturais e narrativas, o questionamento das teorias da subjetividade e da textualidade, de leitura, escrita e espectador. A noção de gênero *como* diferença sexual foi fundamentada e sustentada em intervenções feministas na arena de conhecimento formal e abstrato, nas epistemologias e campos cognitivos definidos pelas ciências sociais e físicas, bem como as ciências humanas ou humanidades (LAURETIS, 1987, p.1, grifo original).

Na crítica à **História da sexualidades**, de Foucault, Lauretis (1987) transmuta o conceito de tecnologia do sexo para tecnologias de gênero. Traça argumentos para

desvincular gênero de sexo, ou melhor, mulheres e homens de sexo, considerando que “a construção de gênero é o produto e o processo de ambas representações e autorrepresentações”⁴⁵ (LAURETIS, 1987, p.9, tradução nossa). Insere, assim, a categoria gênero no campo dos discursos e das representações, com diferentes formas de manifestação (tecnologias). Para a teórica, a sujeita do feminismo “é o outro na crítica feminista dos textos [...],[...], é uma construção teórica”⁴⁶ (LAURETIS, 1987, p. 10, tradução nossa). Isso implica desconstruir os valores patriarcais, sexistas e andrógenos (os que valoram as experiências como mais importantes e que devem ser seguidas) e reconstruir a identidade da sujeita do feminismo a partir de novos referenciais. Num mundo em constantes transformações, vincula-se ao reconhecimento de outras identidades de gênero.

É por isso que, apesar das divergências, das diferenças políticas e pessoais e dada dor que cercam os debates feministas, dentro e através de linhas raciais, étnicas e sexuais, podemos nos encorajar na esperança de que o feminismo vai continuar a desenvolver uma teoria radical e uma prática de transformação sociocultural⁴⁷ (LAURETIS, 1987, p.11, tradução nossa).

Diante do confinamento do ser mulher na dimensão de gênero, Lauretis (1987) propõe a noção de subjetividade múltipla e formula o conceito de sujeito do feminismo “distinto tanto da idéia de mulher como essência inerente a todas as mulheres quanto da noção de gênero que define a mulher enquanto ser histórico, gerado pelas relações sociais” (HOLLANDA, 1994, p.17). Por conseguinte, a sujeita do feminismo é alçada ao campo da diversidade do ser mulher nas suas formas de organização e afirmação política.

Com a expressão "sujeito do feminismo", quero significar uma concepção ou uma compreensão do sujeito (feminino) não apenas como

⁴⁵ [...] the construction of gender is the product and the process of both representation and self-representation.

⁴⁶ [...] is one other feminist critical texts ... is a theoretical construct.

⁴⁷ That is why, in spite of the divergences, the political and personal differences, and the pain that surround feminist debates within and across racial, ethnic, and sexual lines, we may encouraged in the hope that feminism will continue to develop a radical theory and a practice of sociocultural transformation.

distinta da Mulher com a letra maiúscula, a representação na essência inerente em todas as mulheres (que tem sido vista como natural, mãe, misteriosa, diabólica, objeto de desejo e conhecimento [masculino], mulheres com comportamentos adequados, feminilidade, etc), mas também distinta de mulheres, o real, seres históricos e sujeitos sociais que são definidas pela tecnologia de gênero e realmente engendradas na vida social e nas relações. O sujeito do feminismo que tenho em mente não é tão definido, aquele cuja definição ou concepção está em andamento, neste e em outros textos críticos do feminismo; e, ao insistir neste ponto mais uma vez, o tema do feminismo, bem como sujeito de Althusser, é uma construção teórica (uma forma de conceituar, de compreensão, de contabilização de determinado processo, não as mulheres)⁴⁸ (LAURETIS, 1987, p.10-11, tradução nossa).

Na década de 1980, Lauretis (1987) ressaltou que a sujeita do feminismo estava em construção. E assim continua no terceiro milênio, em que as lutas das mulheres contra as distintas formas de opressão patriarcal desencadeiam a afirmação de novas sujeitas em suas identidades. Mantém-se, contudo, a máxima de que a sujeita do feminismo forma-se na consciência da sua própria condição e nas sujeições desencadeadas pelas relações sexistas durante seu processo de constituição identitária.

A mudança na consciência feminista foi inicialmente demandada por teses como essa, para melhor caracterizar a consciência e o esforço do pensamento feminista com a ideologia, ambas ideologias em geral (incluindo classismo, liberalismo burguês, racismo, colonialismo, imperialismo e, eu também gostaria de acrescentar, com algumas qualificações, humanismo) e a ideologia do gênero em particular - isto é, o heterossexismo⁴⁹ (LAURETIS, 1987, p. 10-11, tradução nossa).

⁴⁸ By the phrase “the subject of feminism, I mean a conception or an understanding of the (female) subject as not only distinct from Woman with the capital letter, the representation of an essence inherent in all women (which has been seen as Nature, Mother, Mystery, Evil Incarnate, Object of [Masculine] Desire and Knowledge, Proper Womanhood, Femininity, etcetera), but also distinct from women, the real, historical beings and social subjects who are defined by technology of gender and actually engendered in social relations. The subject of feminism I have in mind is one not so defined, one whose definition or conception is in progress, in this and other feminism critical texts; and, to insist on this point one more time, the subject of feminism, much like Althusser’s subject, is a theoretical construct (a way of conceptualizing, of understanding, of accounting for certain *process*, not women).

⁴⁹ [...] The shift in feminist consciousness that was initially prompted by works such as these is best characterized by the awareness and the effort to work through feminism’s complicity with ideology, both ideology in general (including classism or bourgeois liberalism, racism, colonialism, imperialism, and, I would also add, with some qualifications, humanism) and the ideology of gender in particular – that is to say, heterosexism.

Em **O gênero em disputa: o feminismo e a subversão da identidade**, Judith Butler (2007) rechaça a heteronormatização devido à sexualização das desigualdades entre homens e mulheres, as quais confinam as mulheres na hierarquia dos papéis sexuais e inviabilizam outras identidades de gênero para além da heterossexualidade. Ao refletir sobre os sujeitos do sexo/gênero/desejo, Butler (2007, p.48, tradução nossa) percebe os limites do pensamento feminista sobre a sujeita do feminismo e provoca: “a crítica feminista também deveria compreender que as mesmas estruturas de poder mediante as quais se pretende a emancipação criam e limitam a categoria das mulheres, sujeitos do feminismo⁵⁰”.

Mediante a prevalência das noções de gênero, Butler (2007) questiona-se se será possível alterá-las, tendo em vista a naturalização e reificação delas como pilares da hegemonia masculina. Para a eliminação da dominação masculina, Butler (2007, p.98, tradução nossa) conclama uma genealogia política de ontologias do gênero para desconstruir “a aparência substantiva do gênero em suas ações constitutivas”⁵¹. Pois, segundo a teórica, “a univocidade do sexo, a coerência interna do gênero e o marco binário para sexo e gênero são ficções reguladoras que reforçam e naturalizam os regimes de poder convergentes da opressão masculina e heterossexista⁵²” (BUTLER, 2007, p.99, tradução nossa). É a sujeita do feminismo – aquela em constante formação – que poderá redefinir as fronteiras do conceito de gênero, dissociando-se da sexualização das mulheres e da heteronormatização sexual.

Agora, o movimento, dentro e fora do sujeito do feminismo, é um movimento de volta que eu proponho para caracterizar o sujeito do feminismo, é um movimento de ida e volta entre a representação do gênero (em sua estrutura centrada e referenciada no homem) e o que essa representação deixa de fora ou, mais incisivamente, torna

⁵⁰ La crítica feminista también debería comprender que las mismas estructuras de poder mediante las cuales se pretende la emancipación crean y limitan la categoría de <<las mujeres>>, sujeto del feminismo.

⁵¹ [...] la apariencia substantiva del género en sus acciones constitutivas.

⁵² La univocidad del sexo, la coherencia interna del género y el marco binario para sexo y género son ficciones reguladoras que refuerzan y naturalizan los regímenes de poder convergentes de la opresión masculina y heterossexista.

irrepresentável. É um movimento entre o (representado) espaço discursivo dos cargos disponibilizados pelos discursos hegemônicos e espaço vazio, o outro lugar, desses discursos: esses outros espaços tanto discursivos e sociais que existem, uma vez que as práticas feministas têm se (re) construído , à margem (ou nas "entrelinhas ", ou "contra o grão") dos discursos hegemônicos e nos interstícios das instituições , em contrapráticas e nova forma de comunidade. Estes dois tipos de espaços não são nem em oposição um ao outro, nem amarrados ao longo de uma cadeia de significação, mas eles coexistem simultaneamente e em contradição. O movimento entre eles, portanto, não é o de uma dialética, de integração, de uma combinatória , ou de *différance*, mas a tensão da contradição, multiplicidade e heteronomia⁵³ (LAURETIS, 1987, p. 26, tradução nossa).

O feminismo tem demonstrado a sua capacidade de ressignificação pelos enfrentamentos travados no interior do movimento. As posições hegemônicas têm sido combatidas pelos novos sujeitos do feminismo. Para tania navarro swain (2013, p.3), na assunção da identidade mulher “é assinado o contrato sexual heterossexual, assumindo a representação que marca minha inferioridade social”. Enquanto a identidade gênero mulher reafirma “a diferença como evidência, diluindo assim as marcas do poder que a estabelece” (SWAIN, 2013, p.3). Referenciada em Lauretis, swain (2013) reflete sobre a sexualização dos corpos nos discursos sociais, para a qual o gênero feminino está circunscrito às limitações do seu gênero mediante a domesticação do desejo, a normatização dos comportamentos e as partilhas de poder com base no sexo.

De acordo com a autora de **Corpos construídos, superfícies de significação, processos de subjetivação**, “pode-se, portanto, pensar a construção da diferença sexual como uma instituição política, fundamento da apropriação coletiva dos corpos das mulheres pelos homens” (SWAIN, 2013, p.6). Outro elemento relevante vincula-se ao

⁵³ Now, the movement in and out the subject of feminism, is a movement back which I propose characterizes the subject of feminism, is a movement back and forth between the representation of gender (in its male-centered frame if reference) and what that representation leaves out or, more pointedly, makes unrepresentable. It is a movement between the (represented) discursive space of the positions made available by hegemonic discourses and space-off, the elsewhere, of those discourses: those other spaces both discursive and social that exist, since feminist practices have (re)constructed them, in the margins (or “between the lines”, or “against the grain”) of hegemonic discourses and in the interstices of institutions, in counter-practices and new form of community. These two kinds of spaces are neither in opposition to one another nor strung along a chain of signification, but they coexist concurrently and in contradiction. The movement between them, therefore, is not that of a dialectic, of integration, of a combinatory, or of *différance*, but it the tension of contradiction, multiplicity, and heteronomy.

processo de subjetivação, em que a construção do ser mulher é influenciado por “um dispositivo amoroso, composto por traços enunciados enquanto femininos, valores morais específicos: o dom de si, a abnegação, o cuidado de outrem, o amor, a realização amorosa como coroamento de uma existência” (SWAIN, 2013, p.12). Ou seja, as práticas patriarcais e sexistas, quando incidentes, impedem a formação da sujeita do feminismo e nem mesmo a formação identitária da mulher desprendida da imagem e da influência masculina. A mulher constitui-se no assujeitamento pela interpelação social de firma-se sob a égide do poder e da ideologia patriarcal.

Em **Feminismo, Academia e Interdisciplinaridade**, Lia Zanotta Machado (1992) salienta que o Brasil acompanhou as duas vertentes anglo-americana e francesa dos estudos da mulher e/ou de gênero. No artigo, ela põe em relevo a primazia dos estudos de gênero para “apontar os poderes (ainda que “menores”) das mulheres, não sobreênfatizar o poder masculino” (MACHADO, 1992, p.24). Partindo da cronologia de Julia Kristeva, em **Le temps des femmes**, Machado (1992) recupera as três gerações de feministas. A primeira tinha como objetivo a igualdade de direitos entre homens e mulheres; a segunda (pós-1968) trazia a diferença radical entre as identidades feminina e masculina; e a terceira, a “manutenção da diferença entre sexos/gêneros pela ‘interiorização da separação fundante do contrato sócio-simbólico’”, almejando a instauração simbólica das múltiplas diferenças.

No Brasil, conforme Machado (1992), essa articulação se organizava na academia, especialmente nas Ciências Sociais. Um dos marcos foi reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais – ANPOCS nos intensos debates sobre mulher, política e força de trabalho. Na convergência da análise dos discursos empregada nesta pesquisa, Machado (1992) agrega ao discorrer sobre a transição da desigualdade para a diferença e do singular para o plural.

O campo epistemológico da arbitrariedade do signo de gênero foi fundado no campo interdisciplinar da Psicanálise (freudiana e lacaniana), da Antropologia (lévi-straussiana) e da Linguística e Semiótica (de Derrida), marcado pela episteme estruturalista e pós-estruturalista. É o campo que marca a possibilidade de pensar a diferença e não só o igual e o desigual diante do poder. Feministas e acadêmicas, antropólogas, psicanalistas, lingüistas ou especialistas da

literatura entendem que o feminismo está sob a dominância do masculino por uma instauração do significante que é arbitrário. [...] É o que propõem as diferentes correntes do feminismo: acabar com o feminino e o masculino (Rubin) ou pensar e produzir um feminino alternativo que tenha como sujeito o feminino do feminismo (MACHADO, 1992, p.30).

Para romper com a dominação masculina, Machado (1992) lança mão de um espaço em que as mulheres são protagonistas. Recorre à feminitude do feminismo, a qual oscila entre a dor da diferença (castração e dominação) e o orgulho da diferença (emocional e interativa). Na acepção da Psicanálise, o falo ou o pênis é o marcador da identidade masculina. Já o *fallus* tem função da lei, investindo-se no social na direção do poder e na ordem sócio-simbólica. Nesse sentido,

A feminitude do feminismo faz aparecer como positivadas as relações típicas de mulheres, as próprias habilidades que constituíram como dominadas, as próprias emocionalidades voltadas para o outro e para o todo, sem os caracteres “egoístas e autocentrados” dos homens” (MACHADO, 1992, p.30)

A antropóloga faz crítica ao pensamento sociológico por manter as relações de gênero como relações de poder. Concebe as relações de gênero como relações do patriarcado que “cristalizam a dominação masculina e obscurecem tanto a detecção de outras associações de gênero [...] como a percepção dos diferentes poderes, muitas vezes instalados no feminino e não no masculino” (MACHADO, 1992, p.35). É contundente ao afirmar que gênero é poder e, neste caso, confere e mantém o poder aos homens por continuarem na centralidade das reflexões sobre o ser mulher e das reivindicações de direitos para as mulheres. Para Machado (1992), romper com essa concepção somente é possível com o respeito às alteridades.

Em **A mulher negra e o feminismo**, Luiza Bairros (2008) critica a busca por definições do feminismo e a opacidade frente às outras identidades das sujeitas do feminismo.

Ainda hoje percebemos que existe uma preocupação muito grande em definir o que é movimento feminista, o que é movimento de mulher,

como se fosse possível pensarmos o movimento social como algo materializável, num movimento geral único da sociedade. O que se coloca também é a incapacidade de romper a lógica, extremamente cruel, na falsa democracia racial brasileira. O branco de qualquer classe social sente-se no direito e no dever de cortar qualquer impulso o sentido de democratização das relações sociais, com o que perderia espaço dentro das já limitadas oportunidades à disposição dos diversos grupos sociais. Em relação às mulheres isso não foi e não é diferente. As desigualdades raciais na verdade beneficiam as mulheres brancas sejam elas feministas ou não. Tem sido difícil e até certo ponto doloroso para nós, mulheres negras, a aprendizagem do combate ao racismo; teremos que incorporar, como um dado importante, a dificuldade que têm as mulheres feministas brancas na sua maioria, assumirem-se enquanto instrumento de opressão racial (BAIRROS, 2008, p.143).

Formulação semelhante é a da feminista Sandra Harding (1993), no artigo **A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista**. A autora alerta para a tendência dos feminismos como teorias totalizantes, ressaltando que os

[...] temas das teorias feministas não podem ser contidos dentro de um esquema disciplinar singular, ou mesmo em um conjunto deles. A “visão de mundo da ciência” também se propõe como uma teoria totalizante – toda e qualquer coisa que valha a pena ser compreendida pode ser explicada ou interpretada com os pressupostos da ciência moderna” (HARDING, 1993, p.12)

Conforme Harding (1993), o esforço inicial das teorias feministas era expandir e resignificar as categorias de diferentes discursos teóricos, a fim de visibilizar a presença das mulheres e inscrevê-las no rol das tradições intelectuais. Buscava-se destronar o homem do caráter mítico da universalidade, ou seja, “sujeito e objeto paradigmático das teorias não feministas” (HARDING, 1993, p.8). Ao demovê-lo dessa centralidade, o feminismo ampliou a figura do homem para além do sujeito universal, fazendo emergir homens e mulheres nos arranjos de gênero e a revelação dos privilégios das discriminações para aqueles e aquelas que estão integrados aos grupos hegemônicos.

[...] até mesmo homens feministas se beneficiam de um sexismo institucionalizado que eles ativamente se empenham por eliminar. Objetivamente, nenhum indivíduo do sexo masculino consegue renunciar os privilégios da mesma forma como nenhum indivíduo de cor branca consegue abster-se dos privilégios racistas – as vantagens de gênero e raça advêm a despeito da vontade dos indivíduos que delas usufruem. O gênero, a exemplo da raça e da classe, não é uma

característica individual voluntariamente descartável. Afinal de contas, nossos feminismos se voltam, fundamentalmente, para as vantagens sociais retiradas e transferidas das mulheres para os homens, como grupos de seres humanos, em escala mundial (HARDING, 1993, p.22).

No artigo **A contribuição da crítica feminista à ciência**, Lourdes Bandeira (2008) elenca uma série de temáticas de pesquisas acadêmicas e conhecimentos científicos, produzidos pela ruptura epistemológica crítica ao patriarcado. Entre elas: divisão sexual do trabalho, relações entre os sexos/gênero, apropriação individual e coletiva das mulheres e de controle social do corpo e da sexualidade. Além disso, foram redefinidos conceitos de discriminação/desigualdade, linguagens culturais e simbólicas, papéis sexuais, socialização, entre outros.

O pensamento crítico feminista originou-se como produto do pensamento, o qual questionou as formas e as expressões das racionalidades científicas existentes e predominantes, portadoras de marcas cognitivas, éticas e políticas de seus criadores individuais e coletivos – os masculinos. Formulou a crítica ao potencial reflexivo que portava tal racionalidade, uma vez que os/as cientistas são demarcados/as também como portadores/as de características de gênero, raça, classe social e cultural (BANDEIRA, 2008, p.210).

Das enumerações de Bandeira (2008) sobre os aportes do pensamento teórico feminista à ciência, acrescento as considerações de Donna Haraway (1995), no artigo **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. A pesquisadora recupera os conflitos vivenciados pelas acadêmicas feministas por suscitarem e conformarem campo de estudos científico inovador e combativo ao androcentrismo teórico. Afirmando-se por rupturas de episteme, posturas teóricas distintas e procedimentos metodológicos diferenciados para depreender os estudos sobre mulheres e as relações de gênero, as teorias feministas geraram legado para a ciência. Para Haraway (1995, p.31), “o feminismo tem a ver com a ciência dos sujeitos múltiplos com (pelo menos) visão dupla. O feminismo tem a ver com uma visão crítica, conseqüente com um posicionamento crítico, num espaço social não homogêneo e marcado pelo gênero”. E a autora questiona a relação sexo/gênero como uma espécie de responsabilização que caberia às mulheres controlar. De acordo com Haraway (1995,

p.36), “parece impossível evitar a cilada da lógica apropriacionista de dominação, inscrita no par binário natureza/cultura e na linguagem que ela gerou, incluindo a distinção sexo/gênero”.

Em **A feminista como o outro**, Susan Bordo (2000, p.23) reitera que a “teoria feminista nada contracorrentes poderosas cada vez que assume o manto da crítica cultural geral, em lugar de apenas defender uma inclusão maior ou uma representação melhor das mulheres e de suas ‘diferenças’”. Ou seja, a produção de conhecimento científico feminista demanda a ruptura epistemológica discriminatória e a formulação de paradigmas teórico-conceituais e metodológicos em que ao sujeito-objeto mulher ou as experiências, realidades e situações relacionadas às mulheres e aos homens estejam dissociadas das perspectivas patriarcais, sexistas e androcêntricas.

Apoiada em Gayle Rubin, a antropóloga Maria Luíza Helborn (1992, p.99) apresenta sexo/gênero como estratégia analítica para “operar em duas instâncias: como forma de classificação social a ser resgatada, procurada no real, e como dado constitutivo do sujeito de pesquisa”. Como conceito abstrato, gênero representa, para Helborn (1992, p.92), “a marca elementar da alteridade” numa ordem simbólica da “descontinuidade do que de qualquer outra propriedade intrínseca do objeto”. Nesse bojo, cabe acentuar nos estudos feministas a preocupação central de, nas palavras de Margareth Rago (1998, p.95), “questionar a dominação masculina constitutiva das práticas discursivas e não discursivas, das formas de interpretação do mundo dadas como únicas e verdadeiras”.

Ao travarem confrontos para obter o poder de fala, discursivo e representativo, as estudiosas feministas voltaram-se para o registro e a ressignificação de fatos e acontecimentos históricos. Seguiam em busca da ciência para “encontrar as categorias adequadas para conhecer os mundos femininos, para falar das práticas das mulheres no passado e no presente e para propor novas possíveis interpretações inimagináveis na ótica masculina” (RAGO, 1998, p.95). Conforme a historiadora, a categoria gênero possibilitou sexualizar as experiências humanas, permitindo, inclusive, a descoberta dos homens como estrangeiros em si mesmos pela ocultação na figura ficcional do homem universal. Com a contribuição de Susan Bordo (2000, p.16), as “feministas mostraram que o Homem é realmente o homem, embora encoberto. E enquanto ser corpóreo, genderizado, ele não

podia ser imaginado como possuidor de uma visão elevada, desinteressada e onipotente da realidade”.

Em **Gênero, um novo paradigma?**, Lia Zanotta Machado (1998) classifica como desafios feministas e acadêmicos uma nova metodologia para as análises de gênero. Dentre eles, a “ruptura racial entre a noção biológica de sexo e a noção social de gênero” e o “privilegiamento metodológico das relações de gênero, sobre qualquer substancialidade das categorias de mulher e homem ou de feminino e masculino” (MACHADO, 1998, p.108-109). A pesquisadora credits aos Estudos Culturais o desconstrucionismo de gênero face às epistemologias feministas de Linda Alcoff e Elizabeth Porter, dos departamentos de *Women's Studies* e *Gender Studies* de caráter multidisciplinar. Conforme Zanotta (1998), a perspectiva feminista (*standpoint*) do sujeito do feminismo implica

algum tipo de resgate de valores experienciados a partir da sociabilidade diferenciada de gênero, ressaltando-se a especificidade de seu ângulo derivado de sua posição de subordinação nas relações de gênero ou da especificidade de valores advindos de sua sociabilidade e que foram, até então, considerados inferiores, ou ressaltando-se a proposta de expandir com todas as dicotomias entre razão e emoção, entre mente e corpo, na própria formulação do conhecimento (MACHADO, 1998, p.123).

Em linhas gerais, a dimensão de gênero não pode ocultar as vivências e trajetórias distintas entre os sujeitos do feminismo e nem hierarquizar experiências e lugares como mais ou menos importantes. Com o propósito de libertação das mulheres de todas as formas de opressão e de discriminação, o feminismo tem de travar a luta pela desconstrução das dominações de todas as ordens. No artigo **Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano**, Maria Odila Dias compreende cotidiano e poder como parte dos estudos da contemporaneidade. Segundo a autora, a “hermenêutica do cotidiano, que consiste na teoria do possível dos estudos feministas, remete por sua vez à hermenêutica das Ciências Sociais” e, pelo seu referencial metodológico, pode reconstituir a “crítica da experiência social das mulheres” (DIAS, 1992, p.51). Frisa, ainda, que o cotidiano pode ser entendido como espaço de mudanças, resistências, processos de dominação. Associa-se aos estudos feministas, os

quais se propõem conhecer e interpretar um sistema de dominação cultural, fundamentado em práticas políticas e ideológicas que incidem sobre as mulheres como seres humanos. No dizer de Bila Sorj (1992 p.15), nas suas reflexões sobre feminismo e pós-modernidade, essas práticas científicas têm permitido aos estudos feministas “as explicações correntes da vida social, apoiada na experiência das mulheres e na crítica às teorias sociais, geralmente omissas quanto à importância das relações de gênero na explicação da organização social”.

Dentre as correntes teóricas feministas, o pensamento feminista negro (COLLINS, 2000; DAVIS, 2005) se distingue por atuar na perspectiva dos questionamentos, na busca por significados e soluções (propositivas) para a superação das disparidades de raça e de gênero. O feminismo negro se constituiu como área de pensamento dedicada à reflexão teórica sobre as condições das mulheres negras na relação intragênero (com a mulher branca), intrarraça (com o homem negro) e interracial/intergênero (com o homem branco).

Segundo Brah (2006),

O feminismo negro escancarou discursos que afirmavam a primazia, digamos, da classe e do gênero sobre os demais eixos de diferenciação, e interrogava as construções de tais significantes privilegiados enquanto núcleos autônomos unificados. A questão é que o feminismo negro não só representava um sério desafio aos racismos centrados na cor, mas sua significação descentrava o sujeito unitário e masculinista do discurso eurocêntrico, e também a versão masculinista do ‘negro’ como cor política, ao mesmo em que perturba seriamente qualquer noção de ‘mulher’ como categoria unitária. Isso quer dizer que, embora constituído em torno da problemática da ‘raça’, o feminismo negro desafia performativamente os limites da sua constituição” (BRAH, 2006, p. 357-358).

Compreendendo a opressão racial como elemento de experiências⁵⁴ comuns a mulheres negras e homens negros, o feminismo negro pensa a masculinidade negra no campo das vivências semelhantes entre negros e negras, em que eles terão poder, mas não o patriarcal forjado pelo homem branco. E confronta o feminismo por se privilegiar

⁵⁴ Conforme Brah (2006, p.360), “é um processo de significação que é a condição mesma para a constituição daquilo a que chamamos ‘realidade’”, além de ser “o lugar da formação do sujeito”.

gênero em detrimento de raça, o que escalona em caráter inferior as opressões vividas pelas mulheres negras, alargando as fronteiras das desigualdades e das discriminações no interior do movimento feminista.

De acordo com bell hooks (2000),

Eles sabem que a única razão pela qual não-brancos estão ausentes/invisíveis é porque eles não são brancos. Todas as mulheres brancas neste país sabem que a brancura é uma categoria privilegiada. [...] Só porque elas participaram de luta anti-racista não quer dizer que elas tenham se despojado de supremacia branca, de noções que eram superiores às mulheres negras, mais informadas, mais educadas, mais adequadas para "liderar" um movimento. [...] Elas entraram no movimento apagando e negando a diferença, não colocando raça ao lado de sexo, mas eliminando a raça como imagem. O sexo em primeiro plano significava que a branca poderia tomar o centro do palco, poderia reivindicar o movimento como delas, mesmo que elas chamassem todas as mulheres para participar. [...] Muitas pessoas negras estavam aprendendo a interagir com as brancas em função de serem pares, pela primeira vez, em suas vidas⁵⁵ (HOOKS, 2000, p. 55-56, tradução nossa).

Por conta disso, o feminismo negro propõe reflexões diferentes sobre as relações de gênero e masculinidades: não percebe o homem negro com o mesmo arsenal opressivo que os homens brancos e faz esse tensionamento no feminismo (COLLINS, 2000; HOOKS, 2004; DAVIS, 2005).

Para Davis (2005),

Se as negras dificilmente eram mulheres no sentido aceito do termo, o sistema escravista também desautorizou o exercício da dominação masculina por parte dos homens negros. Porque ambos, os maridos e esposas, pais e filhas, estavam da mesma forma, sujeitos à autoridade absoluta de seus proprietários, o fortalecimento da dominação masculina entre os escravos poderia ter causado uma ruptura perigosa na cadeia de comando. Além disso, já que as mulheres negras, como trabalhadoras, não podiam ser tratadas como o sexo frágil ou como

⁵⁵ They know that the only reason nonwhites are absent/invisible is because they are not wWhite. All white women in this nation know that whiteness is a privileged category. [...] Just because they participated in anti-racist struggle did not mean that they had divested of white supremacy, of notions that they were superior to black females, more informed, better educated, more suited to "lead" a movement. [...] They entered the movement erasing and denying difference, not playing race alongside gender, but eliminating race from the picture. Foregrounding gender meant that white could take center stage, could claim the movement as theirs, even as they called on all women to join. [...] Many black people were learning how to interact with whites on the basis of being peers for the first time in their lives.

donas de casa, os homens negros não poderiam aspirar à posição de chefe da família e, obviamente, não sustentavam a família. Afinal, homens e mulheres e crianças foram sustentadores da classe escravista⁵⁶ (DAVIS, 2005, p.16, tradução nossa)

Dessa maneira, a dimensão racial se coloca como primeira inserção das mulheres negras – e dos homens negros – frente ao conluio de poder entre mulheres brancas e homens brancos, pertencentes ao mesmo componente racial que tenta concentrar dominações e hegemonias para o seu grupo racial. Nas palavras de bell hooks, “racismo e sexismo criam uma combinação prejudicial de barreiras entre as mulheres”⁵⁷ (2000, p.9, tradução nossa).

Concerne à dimensão de gênero, o feminismo negro desvela as opressões vivenciadas pelas mulheres negras nas relações intrarraça, perpetradas pelos homens negros pela sua condição de gênero masculino; intragênero, cometidas pelas mulheres brancas devido à pertença ao grupo racial branca; e interracial e intergênero, desencadeadas pelo homem branco, em decorrência da defesa/expressão do poder absoluto – o de raça, tentativa de dominação do contingente negro, e o de gênero, tentativa de manutenção do poder para o contingente masculino.

Conforme Donna Haraway (2004), em **“Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra,**

muito raramente a teoria feminista juntou analiticamente raça, sexo/gênero e classe – apesar das melhores intenções, das palavras de ordem dos autores e das observações nos prefácios dos livros. Além disso, as feministas têm tanta razão em argumentar em favor de um sistema raça/gênero quanto no argumento de um sistema sexo/gênero, e os dois não são o mesmo tipo de movimento analítico (2004, p.206).

⁵⁶ Si las negras difícilmente eran mujeres en el sentido aceptado del término, el sistema esclavista también desautorizaba el ejercicio del dominio masculino por parte de los hombres negros. Debido a que tanto maridos y esposas como padres y hijas estaban, de la misma forma, sometidos a la autoridad absoluta de sus propietarios, el fortalecimiento de la dominación masculina entre los esclavos podría haber provocado una peligrosa ruptura en la cadena de mando. Además, ya que las mujeres negras, en tanto que trabajadoras, no podían ser tratadas como el sexo débil ni como amas de casa, los hombres negros no podían aspirar a ocupar el cargo de cabeza de familia y, evidentemente, tampoco de sostén de la familia. Después de todo, tanto hombres como mujeres y niños eran, igualmente, los sostenes de la clase esclavista.

⁵⁷ [...] racism and sexism combined create harmful barriers between women.

As teorias feministas embranham-se na centralidade da diferença de gênero, porém estas não dão conta da radicalidade necessária para desvelar os sistemas de dominação, pressão e exclusão, a exemplo da dimensão de raça. Segundo Haraway (2004, p.219), “o discurso da identidade de gênero é também intrínseco ao racismo feminista, que insiste na não redutibilidade e na relação antagônica entre homens e mulheres coerentes”.

O racismo denunciado pelas feministas negras (HOOKS, 2000) é atestado por Haraway na menção aos enfrentamentos travados contra as feministas brancas nos anos 1980, a fim de derrotar o poder universalizante do sistema sexo-gênero e as diferentes formas de subordinação das lutas dentro do feminismo. No artigo **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**, bell hooks (2015, p.197), diz que o “sexismo, como sistema de dominação, é institucionalizado, mas nunca determinou de forma absoluta o destino de todas as mulheres nesta sociedade. Ser oprimida significa ausência de opções”.

Na acepção brasileira, Sueli Carneiro (2003b, p.2) ressalta que “a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e antirracista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial como a questão de gênero na sociedade brasileira”. Em face desse vanguardismo decorrente de uma realidade política e social extremamente perversa, esta pesquisa incorrerá pelo pensamento feminista negro no exercício da interpretação/re-interpretação, último enfoque da hermenêutica de profundidade (THOMPSON, 1995), de formas simbólicas de jornalistas sobre a profissão no Brasil.

Da Conjugação dos Versos
(Conceição Evaristo)

*O silêncio mordido
rebela e revela
nossos ais
e são tantos os gritos
que a alva cidade,
de seu imerecido sono,
desperta em pesadelo.*

*E pedimos
que as balas perdidas
percam o rumo
e não façam do corpo nosso,
os nossos filhos, o alvo.*

*O silêncio mordido,
antes o pão triturado
de nossos desejos,
avoluma, avoluma
e a massa ganha por inteiro
o espaço antes comedido
pela ordem.*

*E não há mais
quem morda a nossa língua
o nosso verbo solto
conjugou antes
o tempo de todas as dores.*

*E o silêncio escapou
ferindo a ordenança
e hoje o anverso
da mudez é a nudez
do nosso gritante verso
que se quer livre.*

CAPÍTULO 5 TRABALHO, PROFISSÃO E JORNALISMO NO BRASIL

Como nas demais profissões no Brasil, a formação, o ingresso, o desenvolvimento, a ascensão e o reconhecimento de indivíduos pertencentes a grupos sociais de negros e mulheres no jornalismo vêm sendo caracterizados pelas dimensões raciais e de gênero. São hierarquizações que asseguram posições de poder e reconhecimento a homens e mulheres brancas, relegando a homens e mulheres negras (GONZALEZ, 1982; BENTO, 1995) as posições de base da pirâmide racial do mercado de trabalho brasileiro (HASENBALG, 2005).

Apesar do progressivo ingresso de mulheres no jornalismo, desde a década 1970 jornalismo (TRAVANCAS, 1993; NEVEU, 2006), evidências empíricas apontam que a profissão apresenta facetas semelhantes de raça e gênero às configuradas em outras atividades: dificuldades de manutenção e ascensão profissional, remuneração não condizente com a função desempenhada, disparidade na cadeia de oportunidades para desenvolvimento da carreira, desvalorização da identidade de raça e gênero, baixo reconhecimento profissional, condições desiguais de acesso aos espaços de poder e decisão, assédios moral⁵⁸ e sexual, adoecimento, entre outros.

⁵⁸ O assédio moral está previsto no artigo 483 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, garantindo o direito de rescisão de contrato de trabalho por parte da funcionária ou funcionário, assim como indenização nos casos em que: a) forem exigidos serviços superiores às suas forças, defesos por lei, contrários aos bons costumes, ou alheios ao contrato; b) for tratado pelo empregador ou por seus superiores hierárquicos com rigor excessivo; c) correr perigo manifesto de mal considerável; d) não cumprir o empregador as obrigações do contrato; e) praticar o empregador ou seus prepostos, contra ele ou pessoas de sua família, ato lesivo da honra e boa fama; f) o empregador ou seus prepostos ofenderem-no fisicamente, salvo em caso de legítima defesa, própria ou de outrem; g) o empregador reduzir o seu trabalho, sendo este por peça ou tarefa, de forma a afetar sensivelmente a importância dos salários. A CLT foi instituída pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, pelo então presidente da República Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm>. Acesso em: 5 jun. 2016. No ano de 2013, o então Ministério do Trabalho e Emprego – MTE elaborou Cartilha sobre **Assédio Moral e Sexual no Trabalho**, reunindo definições acerca dos fenômenos, perfis de agressores, perfis das vítimas e mecanismos para denúncias e medidas de enfrentamento a tais práticas. Como assédio moral, a publicação considera: “atos cruéis e desumanos que caracterizam uma atitude violenta e sem ética nas relações de trabalho, praticada por um ou mais chefes contra seus subordinados. Trata-se da exposição de trabalhadoras e trabalhadores a situações vexatórias, constrangedoras e humilhantes durante o exercício de sua função. É o que chamamos de violência moral. Esses atos visam a humilhar, desqualificar e desestabilizar emocionalmente a relação da vítima com a organização e o ambiente de trabalho, o que põe em risco a saúde, a própria vida da vítima e seu emprego. A violência moral ocasiona desordens emocionais, atinge a

Ao passo em que a representação de gênero equilibrou-se, mas não os espaços de poder, que se mantêm masculinos, prossegue o teor reivindicatório de jornalistas negros e negras para a ocupação de postos de trabalho, considerando a mão-de-obra existente e que não é absorvida nas Redações e nas assessorias de imprensa em decorrência de aspectos de ordem racial.

Na década de 1950, em sua tese de doutoramento em Antropologia na Universidade de São Paulo (USP), João Baptista Borges Pereira (2001) estudou a presença do negro no rádio de São Paulo a partir das possibilidades de profissionalização e mobilidade profissional. A pesquisa foi aplicada no ano de 1958 em 12 emissoras de rádio da capital paulista. À época, eram registrados 272 profissionais negros, distribuídos nos setores programático (onde estavam alocados redatores artísticos e comerciais, locutores e comentaristas), técnico (composto por engenheiros de som, sonoplastas, eletricitistas, técnicos ou controladores de som) e administrativo (departamento pessoal, recepção, segurança, contínuos, entre outros).

o maior índice de aproveitamento dá-se naqueles segmentos mais humildes de trabalho, onde, o troco de menores exigências de qualificação, o trabalhador obtém menor remuneração e goza de menor prestígio (PEREIRA, 2001,p.121).

dignidade e identidade da pessoa humana, altera valores, causa danos psíquicos (mentais), interfere negativamente na saúde, na qualidade de vida e pode até levar à morte”. O assédio sexual é definido no referido material como: “uma das muitas violências que a mulher sofre no seu dia a dia. De modo geral, acontece quando o homem, principalmente em condição hierárquica superior, não tolera ser rejeitado e passa a insistir e pressionar para conseguir o que quer”. Disponível em: <<http://www.mtps.gov.br/publicacoes-do-mtps/trabalho/outros-assuntos-estudos/item/271-cartilha-assedio-moral-e-sexual-no-trabalho>>. Acesso em: 5 jun. 2016. Conforme o especial Cidadania, do Senado Federal, o assédio moral ainda não dispõe do aparato legal mais sólido em face da tramitação de projetos de lei no Legislativo federal. Disponível em: <<https://www.senado.gov.br/noticias/jornal/cidadania/assedio/not002.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2016. A Lei nº 10.224, de 2001, que altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para dispor sobre o crime de assédio sexual e dá outras providências, considera a prática de assédio sexual como “Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função”, alterando o artigo 216 A do Código Penal, estabelecendo a detenção, de 1 (um) a 2 (dois) anos. A lei foi criada pelo então presidente da República Fernando Henrique Cardoso. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10224.htm>. Acesso em: 5 jun. 2016.

Esses profissionais, que o estudioso denominou “homens de cor”, estavam vinculados às emissoras como quadros estáveis das empresas ou em contratos de temporada. O contingente branco participou na pesquisa na modalidade de informante nas sondagens, para as quais 100 radialistas forneceram dados direta ou indiretamente. Pereira defrontou-se com uma concentração negra no mundo artístico e no esporte, campo mais favorável à sua profissionalização. Os negros estavam alocados em redutos de confinamento e imobilidade para outras áreas, se comparada a sua situação com a apresentada pelos indivíduos brancos nos setores programático, técnico e administrativo.

Solange Couceiro de Lima (1983) investigou cinco emissoras de televisão, em 1969, nas quais trabalhava um total de 1.921 pessoas, sendo 85,1% brancos e 14,9% negros. Destes, 92,4% eram homens negros e 7,6%, mulheres negras. Acrescendo uma categoria ao estudo de Pereira (2001), a pesquisadora estabeleceu como setores de apreciação o administrativo, o comercial, o técnico e o programático, nos quais os negros se concentravam em 19%, 2,8%, 13,6% e 15%, respectivamente. Na investigação, Couceiro de Lima (1983, p.56) concluiu que o noticiário “não beneficia o negro como grupo profissional”, sendo nele aproveitados somente profissionais “que ocupam categorias de trabalho para cujo desempenho se exige maior grau de escolaridade”.

No artigo **Igualdade racial entre jornalistas ainda é uma meta**, o jornalista negro Flávio Carrança (2004) registrava, no ano de 2001, as desigualdades raciais existentes nas Redações de jornais, revistas, rádio e televisão em todo o País. Dos 5.000 questionários enviados para as Redações pela Revista Imprensa, apenas 230 responderam sobre a presença de jornalistas negros ou negras em seus quadros. Deste total, 36% confirmaram ter jornalistas afrodescendentes e 1,6% afirmou ter profissionais negros ou negras em cargos de chefia ou de maior visibilidade.

No ano de 2004, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul encomendou pesquisa para traçar o perfil racial na imprensa televisiva do estado naquele ano (WINTER, 2005). Entre os diplomados no Curso de Comunicação, Jornalismo e Informação foram contabilizados 6.686 brancos, 258 negros e 33 amarelos, indígenas ou sem declaração de cor. Na TV sul-riograndense, somente a jornalista negra Julieta Amaral, lotada em Pelotas, tinha visibilidade constante em todo o estado. O número subia

para quatro jornalistas negros, quando inseridos três profissionais com atuação em programas de entretenimento e outros gêneros. Estavam compreendidos num universo de 793 profissionais de TV sindicalizados, num total de 11.636 jornalistas, sendo 5.780 vinculados ao sindicato estadual.

Em pesquisa nacional realizada para aferir a participação dos negros na TV Pública, Araújo (2010) constatou a presença de 93,3% de jornalistas eurodescendentes contra 5,5% de afrodescendentes, seguidos de 1,2% de indiodescendentes. Em 2008, a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego, verificava a consolidada presença das mulheres (54,4%) entre os jornalistas formalmente empregados no Brasil.

Na articulação dessas diferentes pesquisas com o objeto desta investigação, depreende-se a recorrente estratificação dos postos de trabalho, configurada pela sistemática restrição de profissionais do grupo racial negro – sinuosidade que evidencia a relevância de estudos científicos sobre o jornalismo como profissão na perspectiva de raça e gênero. Para tal, reitera-se o impacto de negros e mulheres na demografia nacional, na economia e no desenvolvimento do País.

A segregação racial dos postos de trabalho no jornalismo e a estagnação em determinadas áreas profissionais da força de trabalho feminina em decorrência das relações de gênero⁵⁹ não são questões menores aqui elencadas para a produção de conhecimento acadêmico sobre o jornalismo como profissão no Brasil. São tentativas de buscas por entendimentos da atração/disposição ou da repulsão/rejeição que o jornalismo tem por e para com trabalhadores e trabalhadoras, distinguidos pelo vetor racial entre negros e brancos.

Em abril de 2013, o Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, em convênio com a Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj), divulgou a pesquisa acadêmica **Quem é o jornalista brasileiro?**

⁵⁹ A partir dos dados elencados nesta pesquisa, percebo a segregação racial no jornalismo por meio da estratificação dos postos de trabalho ocupados por negros e brancos, além da estagnação de gênero decorrente da concentração de poder aos homens brancos.

Perfil da profissão no país⁶⁰, com apoio do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ) e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). A enquete aplicada a 2.731 jornalistas de todas as unidades da Federação e do exterior, com participação espontânea no período de 25 de setembro a 18 de novembro de 2012, apontou que, de 145 mil jornalistas, 23% eram negros (5% pretos e 18% pardos); 72%, brancos; 64%, mulheres, e 36%, homens. Foram investigados profissionais com atuação em jornalísticas, em assessorias de imprensa, em universidades (docentes) e autônomos (*freelancers*). Sobre a conformação racial, o estudo apontou que “a distribuição de jornalistas por cor/raça é diferente das características da população brasileira” (MICK; LIMA, 2013a, p.34). Propõe como explicação “a desigualdade de acesso ao ensino superior no Brasil, em função de cor ou raça, também constatada no censo 2010” (MICK; LIMA, 2013a, p.35).

A síntese revelou composição majoritária da categoria de mulheres brancas, solteiras, com até 30 anos, perfazendo 48%. Nove em cada dez jornalistas eram diplomados (98%), grande parte em universidades particulares (61,2%), e quatro em cada dez tinham curso de pós-graduação (40,4%). De acordo com os dados, 25% dos profissionais se alinhavam à ideologia política de esquerda, 30% diziam-se sem preferência e 4%, de direita. Cerca de 20% já integrara movimentos sociais, associações ou organizações. Três em cada quatro jornalistas (75%) estavam registrados no Ministério do Trabalho e Emprego – apenas um em cada quatro não havia tido experiência de estágio. Três quartos (75,6%) trabalhavam como jornalistas, sendo que 59,9% recebiam até cinco salários mínimos (R\$ 3.390,00) e quase metade (45,1%) trabalhava mais de oito horas diárias – embora a jornada regulamentada seja de cinco horas.

Conforme a pesquisa, “as mulheres são percentual maior que os homens em todas as faixas de renda até 5 salários mínimos. Os homens são maioria em todas as faixas superiores a 5 salários mínimos” (MICK; LIMA, 2013a, p.43). Sobre as condições de trabalho, 45,8% dos jornalistas atuavam, em média, na mídia. Desses, quatro entre dez residiam ou trabalhavam em São Paulo – grande parte deles contratados com carteira

⁶⁰ Extrato da pesquisa pode ser acessado pela internet. Disponível em <<http://perfildojornalista.ufsc.br>> Acesso em 23 abr. 2013.

assinada. Entre os suportes, estavam assim distribuídos: impressos (63,9%), internet (44,6%), TV, rádio ou cinema (33,6%) e outras mídias (20,5%). Em sua maioria, atuavam no setor privado (83,2%), em empresas de grande porte (46,6%). Com opção de múltipla escolha, assim demonstravam sua alocação: reportagem (84,3%), (83,1%), produção de pautas (70,6%), edição (67,9%), fotografia (35,4%) e outras (71,1%).

Em junho de 2016, o Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ações Afirmativas (GEMAA)⁶¹ da Universidade Estadual do Rio de Janeiro divulgou pesquisa sobre a presença de colunistas mulheres e negros nos jornais O Globo, Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. As mulheres eram 26% das colunistas em O Globo, 27% na FSP e 28% no Estadão. Negros são apenas 1% dos colunistas do Estadão, 4% na Folha e 9% em O Globo⁶².

Em julho de 2016, o Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal divulgou a pesquisa Desigualdade de Gênero no jornalismo⁶³, iniciativa do Coletivo de Mulheres. Nove questões conformaram o estudo, respondido por 535 jornalistas de 21 unidades federativas, com exceção do Acre, Alagoas, Paraíba, Maranhão, Roraima e Sergipe. Das respondentes, 61,5% revelaram receber salário menor do que os dos jornalistas homens; 67,7% apontaram ter sido contratadas por serem mulheres; 77,9% foram vítimas de assédio moral; 47,5% afirmaram ter sofrido violência durante cobertura jornalística pelo fato de serem mulheres; 11,8% consideraram ter sido preteridas em entrevistas por serem mulheres; 78,5% foram alvo de atitudes machistas por parte de entrevistados; 86,4% consideraram que as oportunidades são mais escassas para mulheres negras; 46% sentiram-se discriminadas quando gestantes; e 70,7% disseram ter perdido pauta por serem mulheres.

⁶¹ No site do grupo, não foi localizada a referida pesquisa. Faz-se esse registro devido à impossibilidade de checagem dos dados e extração de outras informações. Disponível em: < <http://gema.iesp.uerj.br/>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

⁶² Informações divulgadas na imprensa. Disponível em: < <http://www.revistaforum.com.br/2016/06/29/a-cor-da-opiniao-negros-nao-sao-nem-10-entre-os-colunistas-dos-principais-jornais-do-pais/>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

⁶³ Levantamento inédito dimensiona sexismo na profissão. Disponível em: < <http://www.sjpdf.org.br/noticias-teste/2827-sindicato-lanca-coletivo-de-mulheres-jornalistas>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

O manejo dos dados sistematizados de 1950 a meados da segunda década de 2000, aqui dispostos para finalidades analítico-reflexivas e encaminhamentos teórico-metodológicos, mostra a constituição de lugares de negros e brancos (GONZALEZ, 1982) e de lugares de mulheres e homens no jornalismo como profissão no Brasil. São espaços demarcados sob égide do racismo por reservarem mercado a profissionais do grupo racial branco, em decorrência da estruturação do campo e das relações de trabalho, alicerçadas em demandas e necessidades de formação e qualificação profissional que se deparam com distorções de cunho racial não corrigidas pela ação do Estado nem do mercado. Conformam-se, assim, como reduto para atuação profissional de trabalhadores e trabalhadoras de origem racial branca.

Por conseguinte, a discussão dos lugares de mulheres e dos lugares de homens não pode ser escamoteada pela prevalente presença da força de trabalho feminina. É notável o confinamento das mulheres a áreas do jornalismo de baixo poder decisório, prestígio e remuneração. Segundo Mick e Lima (2013a, p.48), “o ingresso massivo de jovens mulheres não produziu ainda reflexos nas posições de mando”. Pelo fato incontestável de elas serem a maioria, emerge aparente situação de igualdade entre homens e mulheres jornalistas, sem a devida problematização das relações de gênero, as quais conferem a eles os estratos de comando. Naturalizam-se relações patriarcais e sexistas, ampliando as opressões de gênero contra as mulheres em mais uma atividade profissional em que elas se concentram de forma majoritária.

5.1 Sociologia do trabalho

Em **Tratado de Sociologia do Trabalho**, Georges Friedman (1973, p.19) conceitua trabalho como “denominador comum e uma condição de toda a vida humana em sociedade”, sendo “ação quando exprime as tendências profundas da personalidade e a ajuda a realizar-se” (FRIEDMAN, 1973, p.23). Dessa forma, o trabalho é atividade decisiva para a afirmação e a autonomia de homens e mulheres na própria existência, viabilidade de autogestão financeiro-econômica de suas próprias vidas e realização

peçoal e coletiva. Friedman chama a atenção para os efeitos do trabalho na vida de trabalhadores e trabalhadoras, uma vez que “todo e qualquer trabalho mal escolhido, inadaptado ao indivíduo, acarreta para estes efeitos nocivos. Todo trabalho sentido como algo estranho para o seu executante, no próprio sentido do termo, é um trabalho ‘alienado’” (FRIEDMAN, 1973, p.24).

Na contramão disso, o trabalhador e a trabalhadora têm de aproveitar as condições favoráveis em termos de técnica, fisiologia e psicologia. No entanto, o acesso a essas condições não está sob a gestão da força de trabalho. Segue a organização do mundo do trabalho e da conformação do mercado, além de estar submetido ao acesso às oportunidades de formação, aprendizagens e qualificações (NAVILLE, 1973) de profissões, ofícios e empregos.

Na distribuição da mão-de-obra, o status econômico é reconhecido com mais frequência pela sociedade e pelo mercado devido à geração de recursos auferidos na relação salário/empresa. Contudo, “as características de mobilidade parecem figurar entre os fenômenos mais importantes da definição dos ofícios e dos empregos. Mas deve ser entendida em múltiplos fatores” (NAVILLE, 1973, p.269), como os incorporados nesta pesquisa para aproximações das dimensões de raça e de gênero na identidade profissional de jornalistas. Estas influenciam o acesso, a mobilidade, a permanência e o expurgo de profissionais negros e brancos, homens e mulheres das Redações jornalísticas. E desencadeiam uma série de práticas – presentes no mercado de trabalho brasileiro e incidente em outras profissões – que estabelecem trajetórias de sucesso ou de fracasso profissionais, inclusive, por intervenção do racismo e do sexismo. Tais não podem, portanto, ser somente explicadas pelas habilidades e pelo domínio das técnicas jornalísticas, porque não são unicamente os elementos de observação no desempenho de profissionais numa sociedade racializada – com notáveis, embora pouco reconhecidos, privilégios cristalizados ao componente racial branco – e com práticas patriarcais e sexistas arraigadas.

Entre as distintas categorias de mobilidade, Naville (1973) elenca cinco: mudança de ofício (mudança de profissão), ofícios múltiplos (ocupação alternada), mudança de lugar (transferência de muitas pessoas), mudanças de lugar ligadas ao exercício da

atividade profissional (multiplicação de profissões de uma mesma área) e mobilidade hierárquica. Destaco este aspecto para a abordagem do objeto de pesquisa, uma vez que

essa forma de mobilidade é uma das razões mais profundas das distinções entre formas de emprego; explica, até certo ponto, a diferença que se faz entre um posto ou um ofício e uma profissão ou status; entre um simples emprego e uma carreira. A elevação na hierarquia supõe a continuidade na passagem de atividades técnicas elementares a atividades dirigentes de organização e controle. *Todo posto de autoridade participa menos do conteúdo técnico de uma profissão do que do seu conteúdo social.* Poderíamos quase dizer que tanto mais passamos do emprego e do ofício à profissão quanto mais nos elevamos da ação sobre as coisas à ação sobre os homens (NAVILLE, 1973, p.271).

Insisto, portanto, sobre a reflexão acerca das intervenções do racismo, do patriarcado e do sexismo sobre a vida profissional de trabalhadores negros e brancos, homens e mulheres no Brasil. A segmentação racial (BENTO, 1995) pode ser compreendida pelo confinamento da força de trabalho negra em profissões com atividades em áreas importantes, porém com pouca valorização social, a exemplo do trabalho doméstico, em condições de precariedade (instrumentos e cuidados com a saúde física e emocional) e baixa remuneração. Vinculados ao biopoder, esses fatores compõem-se no racismo, o qual – quando não elimina – restringe as possibilidades de mobilidade negra no mercado de trabalho. Outro termo proposto é a segregação racial, a qual se refere à incorporação da força de trabalho negra em redutos profissionais em que negros e negras serão minoria em decorrência da realidade socioeconômica. Quando ingressam em carreiras médias ou de prestígio, trabalhadores e trabalhadoras negras enfrentam adversidades de ordem racial em termos de ascensão e de reconhecimento (CARNEIRO, 1995). Pois lugares de negros e brancos (GONZALEZ, 1980) estão demarcados na sociedade e se reproduzem deliberadamente no mercado de trabalho e nas empresas.

Com relação a gênero, diversos trabalhos produzidos por pesquisadoras feministas têm exposto a divisão sexual como prática sistemática e incidente na trajetória das trabalhadoras. Todavia, a crítica do feminismo negro (BENTO, 1995; BAIROS, 1995 e 2008; CARNEIRO, 1995, 2002a, 2003a e 2003b) tem apontado a exclusão sistemática da variável raça. Como afirma Sueli Carneiro (2003a, 120), “a consciência de que a

identidade de gênero não se desdobra naturalmente em solidariedade racial intragênero”. Ao focarem num grupo racial (branco) e ao eliminarem o outro (negro), as respostas das pesquisas feministas são parciais e as soluções se tornam irreais, tendo em vista a abordagem parcial dos problemas no mercado de trabalho no Brasil na perspectiva das mulheres.

De modo geral, o fato de ser mulher traz, à trabalhadora, desafios reais na conciliação de trabalho e família, porque os cuidados recaem sobre ela, abstando companheiro, família, empresa e Estado da responsabilidade sobre o trabalho reprodutivo. Porém, numa sociedade com pluralidade étnicorracial, mas racializada, como a brasileira, a variável raça/cor é mister em todas as análises científicas. Mesmo assim, há um conjunto de especificidades que devem ser consideradas nos estudos, tendo em vista que a trajetória das mulheres brancas – como exposto ao longo deste trabalho – por si só não dá conta da questão de gênero e das experiências da maior parte delas.

Ao estudarem a situação das trabalhadoras francesas na agricultura, na indústria, no comércio e em profissões liberais, Madeleine Guilbert e Viviane Isambert-Jamati (1973) depararam-se com a complexidade da dimensão de gênero em decorrência do trabalho produtivo e reprodutivo e das relações sociais:

As diferenças de estrutura, distribuição e evolução, cujas linhas gerais tentamos destacar, suscitam certo número de problemas, que tornaremos a encontrar tôdas vêzes em que se focalizar o trabalho feminino. [...] Observamos, mais de uma vez, que as tarefas assumidas pelas mulheres no interior das famílias atuam manifesta e consideravelmente sobretudo na determinação da estrutura da mão-de-obra feminina e das relações que ela mantém com a população feminina tomada em conjunto (GUILBERT; ISAMBERT-JAMATI, 1973, p.304).

Tal sobrecarga com os cuidados limita e, na grande maioria, impossibilita o pleno desenvolvimento da mulher no trabalho produtivo. No relatório sobre o desenvolvimento mundial intitulado **Igualdade de Gênero e Desenvolvimento**⁶⁴, de 2012, o presidente do

⁶⁴ De forma robusta, a publicação fortalece o posicionamento do Banco Mundial, que voltou sua atenção para a questão de gênero a partir de 2008, expandindo a inserção da temática em área central das Nações Unidas e do setor econômico. Faz parte do esforço empreendido pelos movimentos feminista e de mulheres

Banco Mundial, Robert Zoellick, aponta impactos das mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas e as barreiras de raça, gênero, entre outras, para a humanidade e a economia:

As vidas de meninas e mulheres mudaram radicalmente no último quarto de século. Hoje, há mais meninas e mulheres alfabetizadas do que nunca e em um terço dos países em desenvolvimento há mais meninas na escola do que meninos. As mulheres hoje representam mais de 40% da força de trabalho mundial. Além disso, as mulheres vivem mais do que os homens em todas as regiões do mundo. O ritmo da mudança tem sido surpreendente — na realidade, em muitos países em desenvolvimento essas mudanças têm sido mais rápidas do que as mudanças equivalentes nos países desenvolvidos: O que os Estados Unidos levaram 40 anos para alcançar em termos de aumento da taxa de matrícula das meninas, o Marrocos levou apenas uma década. Em algumas áreas, entretanto, o progresso para alcançar a igualdade de gênero tem sido limitado — mesmo nos países desenvolvidos. As mulheres e meninas que são pobres vivem em áreas remotas, são deficientes ou que pertencem a grupos minoritários continuam a ficar para trás (BANCO MUNDIAL, 2011, p.2).

Na obra **A divisão do trabalho social**, Émile Durkheim (1977, p.45) aponta que o meio social pode explicar a divisão do trabalho na sociedade. Observa que há sociedades “ em que as ocupações dos dois sexos são sensivelmente as mesmas”, abrindo margem para a compreensão de capacidades semelhantes de trabalho entre o gênero feminino e o masculino.

Se a organização social e as relações sociais vêm demarcando as áreas de atuação de determinados grupos, são fatores incidentes na sociedade – tais como o racismo, o patriarcado e o sexismo – que devem ser analisados para a compreensão de como o trabalho vem sendo uma extensão dos aspectos prévios de funcionamento da sociedade. Novamente, não apenas a categoria de classe social explica a vida profissional de trabalhadores e trabalhadoras, porque não é somente a classe que organiza e provoca dinâmicas na vida das pessoas. No que tange ao objeto desta pesquisa – o jornalismo como profissão nas dimensões de raça e gênero –, Durkheim fornece os elementos que

e pela ONU desde a década de 1970 para a incorporação dos direitos das mulheres na agenda multilateral dos Estados-membros da ONU (CARNEIRO, 2003b).

colaboram para as reflexões sobre as operações que organizam a força de trabalho nessa profissão, porque

a variedade dos meios em que os indivíduos estão situados produz neles diferentes aptidões, que determinam a sua especialização em sentidos divergentes e, se esta especialização aumenta com as dimensões da sociedade, é porque estas diferenças externas se multiplicam simultaneamente (DURKHEIM, 1977, p.44).

O autor é categórico ao afirmar que, se determinadas “diferenças tornam possível a divisão do trabalho, elas não a exigem. Do fato de serem dadas, não se segue forçosamente que sejam utilizadas” (DURKHEIM, 1977, p.46). Ou seja, a divisão social do trabalho não precisa basear-se em situações de desigualdade, e sim de coesão social e solidariedade.

A divisão social do trabalho apenas produz solidariedade quando é espontânea e na medida em que é espontânea. Mas por espontaneidade deve entender-se a ausência, não simplesmente de toda a violência expressa e formal, mas de tudo o que pode enterrar, mesmo indirectamente, o livre desenvolvimento da força social que cada um traz em si. Ela supõe não apenas que os indivíduos não são relegados pela força para funções determinadas, mas ainda que nenhum obstáculo de qualquer natureza os impede de ocupar, nos quadros sociais, o lugar adequado às suas faculdades. [...] A espontaneidade perfeita não é, portanto, senão uma consequência e uma outra forma deste outro facto: a absoluta igualdade nas condições exteriores de luta (DURKHEIM, 1977, p.173).

Seriam, assim, a moralidade e as regras de convívio em sociedade os parâmetros para a partilha do trabalho em prol da viabilidade da sociedade, em que cada ente (trabalhador e trabalhadora e setor produtivo) é posto em xeque de acordo com a sua pertença racial e/ou de gênero. São elas – moralidade e convivência – cruciais para a viabilidade da existência humana e a dinâmica do viver.

5.2 Sociologia das Profissões

A divisão social do trabalho e as profissões são parte do conjunto de estratégias do Estado moderno para a organização social (NASCIMENTO, 2007) e gestão da vida (FOUCAULT, 1992). Um dos pontos altos foi o fortalecimento das universidades, no século XIII, quando “a profissão passa a ser associada ao espírito, ao intelectual, ao nobre e o ofício surge associado a mãos, braços” (ANGELIN, 2010). A classificação das modalidades de trabalho valorou positivamente o profissionalismo, ao passo que o legitimou socialmente pela prestação de serviços a serem realizados por agentes credenciados ou credenciadas. Conforme Leisson Nascimento (2007, p. 111), no seu artigo **Profissionalismo: expertise e monopólio no mercado de trabalho**, o profissionalismo passa a influenciar decisivamente a vida das pessoas, porque articula expertise, rede de relacionamentos, controle do mercado sobre quem pode entrar ou sair e titulação universitária. Por conta disso, alerta para que “a análise das profissões deve sempre procurar vincular profissionalismo a outros processos sociais mais amplos, que configuram características fundamentais da sociedade” (NASCIMENTO, 2007, p.112).

A sociologia das profissões vem se desenvolvendo por meio de três correntes teóricas. As funcionalistas evidenciaram o valor social das profissões a partir das suas funções na sociedade, do elevado grau de conhecimento especializado e das habilidades adquiridas pelo corpo profissional. O modelo interacionista da Escola de Chicago primou pela compreensão da divisão social do trabalho como resultante de interações e processos sociais, frisando a personalidade individual e a identidade social do sujeito. A terceira vertente é a chamada “novas teorias das profissões”, aliando a episteme das duas primeiras correntes à teoria marxista e à questão do poder e das estratégias profissionais (ANGELIN, 2010). Um dos representantes do pensamento, produzido a partir da década de 1970, é Elliot Freidson (1989), que apresenta o seu conceito de profissão:

Gostaria de começar por definir uma profissão como uma espécie de ocupação cujos membros controlam o recrutamento, a formação e o trabalho que fazem. Isto distingue explicitamente controle ocupacional de controle do trabalhador industrial ou coletivo, sendo o primeiro limitado a particulares, tarefas demarcadas, e o segundo, abrangendo a

organização geral de uma divisão de trabalho sem controlar tarefas especializadas ⁶⁵ (1989, p. 425, tradução nossa).

Tal abordagem é importante para esta pesquisa por sinalizar os mecanismos de tomada de decisão sobre acesso, aprimoramento, execução de tarefas e mobilidade a que os e as profissionais estão submetidas nas empresas. Por sua vez, eles designam as pessoas competentes (com capacidade de fazer o que a corporação, a profissão e o próprio sujeito esperam) e lhes investem de autoridade para “limitar e controlar a entrada em uma ocupação com o objetivo de garantir ou maximizar o seu valor no mercado” (ANGELIN, 2010, p.8). Em face dos meandros de cada grupo profissional, Maria Lígia de Oliveira Barbosa (2003) salienta a relevância dos estudos focados nas profissões para o entendimento da organização de forças na sociedade:

Que é possível perceber, nos processos de profissionalização, os traços distintivos da configuração de forças sociais que constituem as profissões. Assim, se o mercado é característica comum à qual são submetidos todos os grupos sociais, as profissões conseguem estabelecer regras diferenciadas para sua presença nessa instância da vida social. Se a educação escolar é base de socialização e hierarquização nas sociedades contemporâneas, os certificados acadêmicos tornaram-se importante instrumento de distinção dos grupos profissionais. [...] sociologia das profissões se estabelece como campo legítimo, autônomo e claramente delimitado (BARBOSA, 2003, p.594).

No Brasil, a profissionalização teve início nas carreiras de medicina e engenharia. A inserção desses profissionais no mercado não era somente determinada pelo conhecimento, mas pela “situação de classe e o seu patrimônio familiar de relações sociais e políticas” (ANGELIN, 2010, p.10). No ensaio **As profissões no Brasil e sua sociologia**, Barbosa (2003) é incisiva em aproximar as fronteiras entre as relações sociais e a organização das profissões no País numa operação de retroalimentação, em que um fortalece o outro:

⁶⁵ I start by defining a profession as a kind of occupation whose members control recruitment, training and the work they do. This explicitly distinguishes occupational control from industrial or collective worker control, the former being limited to particular, demarcated tasks and the latter embracing the overall organization of a division of labor without controlling specialized tasks.

Na verdade, com o trabalho de Edmundo Coelho podemos ver com mais clareza a questão que foi o fio condutor deste ensaio: a busca da demonstração de que os grupos profissionais, no processo da construção da sua identidade e do seu lugar social, são elementos essenciais na configuração do padrão de relações sociais dominante no Brasil (BARBOSA, 2003, p. 604).

Em consonância com o objeto desta pesquisa – o jornalismo como profissão nas dimensões de raça e gênero, partindo das vozes discursivas de profissionais –, tem-se um arcabouço teórico e epistemológico coeso como demanda o marco referencial metodológico da hermenêutica de profundidade. De modo geral, estruturas de desigualdade influenciam a conformação das profissões. No Brasil, o racismo e o sexismo são eliminadores e obstáculos reais da força de trabalho negra e feminina. Somadas ao biopoder, a divisão social do trabalho e a profissionalização intervêm sobremaneira, como expus com dados demográficos e socioeconômicos, no desenvolvimento da população afro-brasileira. Nas palavras de Nascimento (2007, p.114), “uma profissão é seu corpo de conhecimento e suas qualificações, porém, para poder exercer monopólio sobre uma área no mercado de trabalho, é necessária a ação legitimadora do Estado. O Estado garantiria assim a autonomia (ou não) do campo profissional”.

José Durand (1975), no artigo **A serviço da coletividade – crítica à sociologia das profissões**, reflete sobre o fator multiplicador de oportunidades decorrente da articulação entre rede de relacionamentos, capital cultural e social. Tais aspectos são atribuídos à competência, à superação individual e à meritocracia.

Esse aspecto é salientado por Mick e Lima (2013a):

Quanto ao acesso às oportunidades de trabalho, parecem ter se ampliado os processos de seleção baseados em algum tipo de aferição da competência, hoje tão expressivos quanto as estratégias de ingresso que privilegiam as redes de relacionamento. A principal forma de ingresso no trabalho jornalístico apontada pelos respondentes foi processo seletivo realizado pelo contratante (23,3%) (MICK; LIMA, 2013a, p. 43).

Na sociedade racializada e sexista, esses elementos não bastariam, por si sós, para explicar o recrutamento e a distribuição da força de trabalho. Pois desconsiderariam o pacote de desvantagens carregado por aqueles e aquelas que arcam com o fardo do racismo e do sexismo sem a devida distribuição entre os grupos investidos de vantagens

e a eliminação desses fenômenos, para que possam, aí sim, competir em condições de igualdade.

5.3 Sociologia da Imprensa

As relações de poder na imprensa e no exercício profissional de jornalistas são alguns dos pontos abordados por Max Weber (2005), em 1910, no artigo **Sociologia da imprensa: um programa de pesquisa**. Uma das questões salientadas é a mudança radical que a imprensa passava a ter, no início do século XX, com o campo político, ganhando mais incidência sobre os jogos de poder nas sociedades.

Se há 150 anos o Parlamento inglês obrigava os jornalistas a pedir perdão de joelhos diante dele pelo breach of privilege, quando informavam sobre as sessões, e se hoje em dia a imprensa, com a mera ameaça de não imprimir os discursos dos deputados põe de joelhos o Parlamento; então, evidentemente, algo mudou, tanto na concepção do parlamentarismo como na posição da imprensa (WEBER, 2005, p. 14).

Para além das mudanças incidentes fora das Redações, naquele período Weber já identificava um campo fértil de pesquisa também sobre as relações endógenas da imprensa e do jornalismo. Na mirada entre os perfis de jornalistas na Alemanha, na França e na Inglaterra, Weber reconhecia figuras singulares a depender do contexto social, do espaço social particular e da maneira como os profissionais realizavam o trabalho jornalístico. Conforme Weber, a imprensa francesa distinguia-se pelo fato de o “jornalista eventual” ser uma “figura comum, assim como na Inglaterra” (WEBER, 2005, p. 18). Acerca do que viria a ser chamado identidade profissional de jornalistas, Weber (2005) percebe trajetórias diferenciadas de jornalistas, as quais demandariam estudos sobre a sociologia da imprensa.

Há jornalistas que chegaram a ser ministros na França, e em quantidade. Na Alemanha, pelo contrário, isso constituiria uma exceção bastante rara. E, deixando de lado essas circunstâncias especiais, **teremos que nos interrogar sobre como mudou, nos últimos tempos, a situação**

dos jornalistas profissionais nos diferentes países (WEBER, 2005, p. 18, grifo nosso).

As relações sociais inatas ao jornalismo como profissão pontuadas por Weber (2005) na interrelação com o objeto desta tese – as dimensões de raça e gênero no jornalismo como profissão no Brasil – inscrevem-se não somente na contemporaneidade, mas na demolição do lugar invisibilizado a que jornalistas negras e negros são alçados no jornalismo brasileiro, como condição de ser de jornalistas brancas e brancos. Estudos mais recentes têm articulado a identidade profissional de jornalistas, contudo, a meu ver, de maneira limitada e até mesmo comprometedor por não incorporarem tais dimensões – face à historiografia do país e aos fatores históricos, culturais, políticos e econômicos – a que tais grupos são reiteradamente tolhidos, sendo lançados à margem dos debates acadêmicos e profissionais sobre a profissão no país. Mesmo estudos sobre as mulheres jornalistas exploram timidamente tais trajetórias na perspectiva de gênero.

Há mais de um século, Weber (2005), ao discorrer sobre a sociologia da imprensa e situar os profissionais de imprensa – jornalistas – num programa de pesquisa, alertava para trajetórias singulares de origem, formação, atributos e credenciais para o exercício da profissão, assim como perspectivas diferenciadas decorrentes de identidades.

Qual é a procedência, a formação e quais são os requisitos que o jornalista moderno deve cumprir do ponto de vista profissional? E quais são as perspectivas, dentro da profissão, para os jornalistas alemães em comparação com os jornalistas estrangeiros? Quais são, em resumo, suas perspectivas de vida na atualidade, dentro e fora de nosso país, incluídas as extra-profissionais? (WEBER, 2005, p. 19, grifo nosso).

Em observância ao trabalho de jornalistas alemães, Weber (2005) clamava, em 1910, por uma sociologia da imprensa que levasse em consideração não somente os produtos jornalísticos, mas abarcasse a atenção a jornalistas e às suas condições singulares para a realização do trabalho.

Não podemos, portanto, nos contentar com a contemplação do produto como tal, mas sim temos que prestar atenção ao produtor e perguntar pela sorte e pela situação do estamento jornalístico. A sorte, por

exemplo, do jornalista alemão é completamente distinta da do jornalista estrangeiro. (WEBER, 2005, p.19).

A depender do pacote de vantagens ou desvantagens deflagradas pelo racismo e pelo sexismo, no caso brasileiro, as trajetórias de jornalistas também se diferenciariam pela correspondência de pertença racial e de gênero.

Autor da primeira tese de doutorado em Jornalismo no Brasil, defendida na Universidade de São Paulo (USP), José Marques de Melo (1973) registrou a pesquisa no livro **Sociologia da imprensa brasileira: a implantação**. Sob incisiva influência de teóricos da Sociologia brasileira, dentre eles os disseminadores da ideologia do branqueamento e da ideologia do mito da democracia racial, Melo (1973) reitera equívocos históricos de ordem racista ao elencar fatores socioculturais que teriam gerado um “retardamento” da implantação da imprensa no Brasil, entre eles: o “atraso das populações indígenas” (MELO, 1973). Invisibiliza por completo grupos sociais ativos na imprensa brasileira, como jornalistas negros, proeminentes no período da implantação, seja como escritores e donos de tipografia, como Franco de Paula Brito⁶⁶, precursor da imprensa negra brasileira, cuja regularidade é registrada com **O Homem de Cor**, em 1833, no Rio de Janeiro (CAMARGO, 1987; SILVEIRA, 2005; PINTO, 2006), e ao apregoar um suposto atraso à implantação da imprensa brasileira aos povos indígenas, expostos como *ethos* depreciativo (SODRÉ, 1999).

Do ponto de vista das relações raciais, Melo (1973) culpabiliza os grupos em condição de dominação, ao passo que isenta os detentores de poder das mazelas nacionais derivadas do escravismo colonial e de um patrimonialismo nacional de ordem racista (SODRÉ, 1999). Ao reconstituir as três fases que teriam propiciado a implantação da imprensa no Brasil, entre 1808 e 1852, baseadas na cronologia de Carlos Rizzini, Melo

⁶⁶ Paula Brito (1809-1861) tinha origem humilde. Filho de pai carpinteiro, aprendeu a ler com a irmã. Foi ajudante de farmácia e aprendiz de tipógrafo. Trabalhou no Jornal do Comércio, exercendo as funções de diretor de prensas, redator, tradutor e contista. Em 1831, comprou um pequeno estabelecimento, onde funcionava livraria, oficina de encadernação e venda de chá e onde reunia, na Sociedade Petalógica, algumas personalidades, como o jovem Machado de Assis, nos seus 16 anos. Em 1833, Paula Brito possuía a Typographia Fluminense e a Typographia Imparcial, nas quais foram impressos livros de grandes nomes da literatura brasileira. Foi o primeiro editor de Machado de Assis e de suas tipografias foram impressas obras de outros expoentes da literatura brasileira.

(1973) postula o sufocamento das tentativas de início da atividade de imprensa no Brasil devido aos interesses de Portugal de impedir a independência da colônia.

Essa situação se modificaria com a vinda da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, após a invasão de Portugal pelas tropas napoleônicas. Em 13 de maio daquele ano, era conferida autorização para a instalação de prelos por determinação de Dom João VI. O começo da imprensa no Brasil seguia tardiamente (SILVA, 1988) os passos dados pelo México, em 1539; pelo Peru, em 1585; e pelos Estados Unidos, em 1638 (SILVA, 1988).

Em junho de 1808, na Inglaterra, o brasileiro Hipólito José da Costa lançou a primeira edição do **Correio Braziliense**, sendo o segundo título circulante no Brasil a **Gazeta do Rio de Janeiro** (SEABRA, 2002; RIBEIRO, 2004), publicada em setembro daquele ano. Embora Costa fosse crítico da Coroa portuguesa, apoiava a lenta transição da abolição da escravatura para o trabalho livre por meio da política de imigração europeia (LUSTOSA, 2004). Havia, assim, parcialidade discursiva sobre o fim da escravatura no Brasil, o que levaria, 25 depois, em 1833, à criação da imprensa negra. Com a limitação dos espaços discursivos, negros e negras instaurariam áreas de enunciação própria e de acordo com as suas *doxas*.

Desde 1833, os jornais negros frisavam os direitos constitucionais dos cidadãos brasileiros para ilustrar o grau de exclusão e discriminação que atingia os descendentes de africanos. Os jornais da imprensa negra do século XIX foram a expressão real de que “os afro-brasileiros conseguiram formular uma fala própria e torná-la pública. Ainda que não tenham alcançado simultaneamente todo o território nacional, esses impressos são parte do esforço coletivo de controlar os códigos da dominação e subvertê-los” (PINTO, 2006, p.70). Estavam inseridos, por conseguinte, na luta contra o racismo, a discriminação e o preconceito racial no Brasil. Nesse sentido, o conceito de imprensa negra está relacionado ao que Sartre (1968, p.101) denomina “curtos-circuitos da linguagem”, porque “não é, pois, só o propósito de negro no sentido de se pintar a si mesmo, mas sua maneira peculiar de utilizar os meios de expressão de que dispõe”. A despeito do contador inicial da imprensa brasileira, em 1808, registros históricos documentaram modesta atividade jornalística, em 1706, no Recife, e em outras localidades, as quais foram duramente sufocadas pela Ordem Régia (COSTELA, 1970). É de 1798 a circulação das primeiras folhas volantes, cartazes e boletins, em Salvador, os quais correspondem aos primórdios da imprensa negra no Brasil (CAMARGO, 1987; SILVEIRA, 2005; PINTO, 2006). (...) Essa posição editorial ideológica fez com que os negros criassem outra via de produção jornalística, isto é, um sistema comunicativo em que essas questões pudessem ser

abordadas, para desconstrução do “racismo mediatizado” praticado pela imprensa. Trata-se, sem dúvida, de uma estratégia política de interferir na esfera pública na busca pelo poder de influência e emissão de opinião própria, no sentido de participação política, e de travar uma luta ideológica através da imprensa negra (ROSA, 2014, p.3)

Em **Jornal, história e técnica**, Juarez Bahia (1972) reporta a 1828 o surgimento da imprensa especializada. Cinco anos depois, em 1833, **O Homem de Cor**, de Paula Brito, surgia como primeiro título da imprensa negra (CAMARGO, 1987; SILVEIRA, 2005; PINTO, 2006), desencadeando série de publicações análogas no Nordeste, Sudeste e Sul (BASTIDE, 1951; FERRARA, 1981).

No Sul do Brasil, a imprensa negra teve como representante inicial o jornal *O Exemplo*, que circulou com interrupções no período de 1892 e 1930. É caracterizado por Silveira (2005, p.115) como “iniciativa e organização de negros. Antecipa-se à importante imprensa negra paulista e paulistana: *O Baluarte*, Campinas em 1903, *A Pérola*, São Paulo, 1911, *O Menelick*, a seguir, *O Clarim da Alvorada*, mais adiante”. Entre os títulos relacionados por Silveira (2005) na imprensa negra gaúcha do século XIX estão: *A Cruzada* (Pelotas, 1905), *A Alvorada* (Pelotas, 1907), *A Revolta* (Bagé, 1925), *A Navalha* (Santana do Livramento, 1931). (ROSA, 2014, p. 559).

Conforme Melo (1973, p.91), a atividade de imprensa teria limites de produção até 1821, pois “a dinamização da imprensa em terras brasileiras só vai ocorrer depois da abolição da censura prévida no Reino” num processo que “levaria cerca de 30 anos (a partir da emancipação política) para se completar, abrangendo todas as unidades estaduais”.

Muniz Sodré (1999, p.242) considera: “a importância de uma imprensa negra acentua-se quando se leva em consideração que os discursos sociais desempenham um papel central tanto na produção quanto na reprodução do preconceito e do racismo”. Sodré (1999, p. 240) aponta que o “protesto racial” contra o racismo, a discriminação e o preconceito racial eram parte de um “horizonte político integracionista” e que o negro aspirava “tão-só à igualdade econômica e política, acompanhada do respeito racial”.

Atuava em campo específico devido à restrição de espaço nos jornais tradicionais, com exceção dos jornalistas negros Luiz Gama, José do Patrocínio⁶⁷, entre outros.

Arena de debate político, a primeira fase da imprensa no Brasil foi marcada pela criação de inúmeros títulos dedicados à circulação de opiniões e de posicionamentos sobre o País e contra o discurso oficial ou de grupos majoritários nas relações de poder da época. A imprensa dinamizou a esfera pública pelo jornalismo político (RIBEIRO, 2004), também chamado jornalismo de opinião (ADGHIRNI, 2012).

Na historicização da imprensa negra paulista, no período de 1915 a 1963, a antropóloga Miriam Nicolau Ferrara considera que a imigração europeia e a rejeição da população negra para um estrato abaixo dos imigrantes foram alguns fatores impulsionadores para o surgimento dos jornais negros – ponto que a revisão histórica remete para 1833, com o jornal *O Homem de Cor* –, e a sua “concentração no Sul do Brasil, especialmente no Estado de São Paulo” (FERRARA, 1981, p.198). A partir de sua dissertação de mestrado *A imprensa negra em São Paulo*, Miriam Ferrara chega a classificar 56 jornais estudados (ROSA, 2014, p. 557).

Nessa primeira fase, a imprensa das mulheres teve como pioneiro o **Jornal das Senhoras**, fundado em 1852, pela argentina Juana Paula Manso de Noronha, radicada no Rio de Janeiro, e chamada em seu país de “la Loca”. No artigo **Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX**, Zahidé Muzart (2003) identificou que o gênero era produzido por muitas mulheres que “habitavam diversas regiões no Brasil, pertenceram a mais de uma classe social, da mais alta à bem pobre, foram brancas arianas ou negras africanas” (MUZART, 2003, p. 225), abrindo margem para diversas publicações “dirigidas por mulheres e escritas por mulheres para mulheres” (MUZART, 2003, p.231).

Sucintamente, remontei os pilares do jornalismo brasileiro, com atenção à imprensa negra e à imprensa de mulheres, tão dissociadas da historiografia e da sociologia da imprensa nacional por questões políticas e ideológicas que desencadeiam efeitos negativos na pesquisa de comunicação e nos estudos de jornalismo, em particular, em que a história de negros e mulheres tem tido pouca abordagem teórica.

⁶⁷ Em **Jornalismo político**, Franklin Martins (2005) traça o perfil do jornalista Patrocínio, chamado Zé do Pato, o qual teve importante atuação na imprensa para o fim da abolição da escravatura, em 1888.

No que tange ao objeto de estudo desta pesquisa, imprensa, raça e gênero tiveram relação estreita com o desenvolvimento do jornalismo no Brasil. Na primeira fase, como exposto, negros e mulheres tiveram de investir em espaços próprios de enunciação para ampliar o discurso jornalístico a partir das suas perspectivas (*doxas*). Contemporaneamente, eles ocupam espaços diferenciados na dita grande imprensa, os quais estão relacionados à historicidade aqui resgatada, além de atuação na imprensa negra e na imprensa feminista/de mulheres⁶⁸.

Desde o início do jornalismo no Brasil, negros e mulheres tiveram de forjar espaços para trabalhar na imprensa. Ampliaram o espectro de produção de enunciação jornalística não somente como força de trabalho, mas, sobretudo, como enunciadores de temas afetos às suas identidades e às trajetórias de vida de seus grupos: antirracismo, racismo, relações raciais, mulheres e direitos. Disputaram poder, na sua maioria, com homens brancos até então à frente de tribunas e gazetas em momentos de intenso debate sobre a vida política nacional pré-abolicionista e pré-republicana. Entravam, assim, no confronto para a produção e a difusão das suas realidades, instalando práticas e regularidades discursivas (FOUCAULT, 1972), conquistando parcela modesta, porém relevante, do poder discursivo no jornalismo concentrado em homens brancos. Entre eles, escritores, padres, ex-militares, personagens políticos e revolucionários vinculados aos movimentos sociais.

5.4 Sociologia do Jornalismo

Em **Sociologia do Jornalismo**, Érik Neveu (2006) organiza a genealogia da profissão na França com o propósito de reunir as condições elementares para analisar as relações da instituição imprensa, a dinâmica da profissão, espaços, poderes e crises do jornalismo. Ao enunciar os preceitos do seu trabalho, Neveu elenca alguns obstáculos epistemológicos, os quais agrego aqui face ao objeto da pesquisa: jornalismo como peça para a democracia, mitologia profissional, visão encantada do jornalismo, prevalência de

⁶⁸ Leite (2003) reconstitui a origem da imprensa feminista brasileira, recuperando as trajetórias do Brasil Mulher e Nós Mulheres no pós-1975.

estrelas da profissão dentre os depoimentos, ambiguidade das relações entre jornalistas e professores universitários. Outro aspecto revelante para o Neveu (2006, p.16) é a menção ao jornalismo no plural – jornalismo – em face das “hierarquias próprias do jornalismo e às empresas de comunicação, as relações com as fontes, com os poderes sociais e com os públicos”.

Neveu (2006) evoca a sociologia funcionalista para dimensionar quatro determinantes para uma profissão: i) monopólio da atividade por meio de certificação, ii) cultura e ética, iii) condições de acesso à atividade, e iv) comunidade real. O critério mais controverso, na visão de Neveu (2006), é a comunidade real devido à dispersão a que jornalistas estão submetidos pela

divisão de funções, das mídias, das especialidades, dos lugares e tempos de trabalho compreendidos dentro de uma mesma empresa, tende, apesar disso, a desenvolver uma fragmentação do mundo jornalístico e a sugerir que o sentimento de pertencimento a uma comunidade funcione de modo antes de tudo reativo, em face da “crítica” que vem de intelectuais, de juízes, de políticos (NEVEU, 2006, p. 37).

A despeito de um contexto específico, no caso o francês, essa é uma característica reconhecida no Brasil, em que se verifica mais apreço ao individualismo do que à pertença coletiva. Neveu (2006, p. 39) lança mão de Dennis Ruellan para situar as e os jornalistas numa “faixa móvel” em meio à noção de “profissão de fronteira”, mais flexível e destituída de um “limite balizado e controlado”.

Dentre as evoluções do jornalismo francês, cujo marcador inicial seria **La Gazette de Renadout**, de 1630, Neveu (2006) ressalta quatro etapas, entre 1960 e 2000. A primeira delas está situada nos anos 1980, por meio de: i) recrutamentos em escala e renovação da mão-de-obra, ii) aumento geral do nível de formação, iii) feminização do jornalismo; iv) crescimento da instabilidade dentro do jornalismo devido à redução da estabilidade empregatícia. Sobre a feminização do jornalismo na França, vale pontuar:

As mulheres representavam 15,3% dos jornalistas em 1965, 20% em 1974, e chegam a 39% em 1999. Constituem agora a metade da população dos novos titulares da carteira profissional e dos jornalistas com menos de 25 anos. Essa feminização é ambígua e diferenciada. A presença das mulheres varia segundo os meios de comunicação: 52%

nas revistas, 42% nos semanários informativos, 39% na imprensa cotidiana nacional, 39% nas televisões nacionais, 26% nos diários regionais. As mulheres “saem” também mais rápida e frequentemente da carreira jornalística. De uma forma previsível, as jornalistas se deparam com as dificuldades comuns às mulheres no mercado de trabalho. (...) a divisão do trabalho associa com frequência as mulheres à cobertura social e cultural, do mundo das *soft news*, feitas de análises das tendências sociais e dos comportamentos, de assuntos e informações utilitárias, em oposição às *hard news*, centradas no acontecimento, na tensão da atualidade (NEVEU, 2006, p. 44).

Ainda sobre o jornalismo como profissão na França, Neveu (2006) faz uso do termo metafórico galáxia em alusão aos universos decorrentes da fragmentação: i) revistas especializadas, ii) imprensa regional e local, iii) jornalismo nacional, iv) jornalismo audiovisual, e v) agentes (fornecedor de conteúdo para agências de notícias).

Neveu (2006, p. 63) retoma o conceito de campo jornalístico, com a finalidade de fazer uso

de uma ferramenta de um pensamento duplamente racional. Ele convida a pensar o espaço do jornalismo como um universo estruturado por oposições ao mesmo tempo objetivas e subjetivas, *a perceber cada jornalista dentro da rede de estratégias, de solidariedade e de lutas que o ligam a outros membros do campo*. Ele chama a pensar o campo jornalístico na sua relação com outros campos sociais. Qual é sua autonomia ou, ao contrário, sua dependência em relação aos campos econômicos, políticos? (...) *o foco nas estruturas não exclui em nada uma visão compreensiva das práticas e crenças dos jornalistas, de suas estratégias pessoais. Evidenciar as pressões institucionalizadas não impede de pensar a mudança estimulada pelas evoluções das relações entre campos*, pelas alterações de sua morfologia, pelo afrouxamento das disposições dos profissionais em relação a seus cargos e missões (Actes, 1994, 2000) (NEVEU, 2006, p. 63).

Em consonância com o objeto desta pesquisa, as dimensões de raça e gênero pelas formas simbólicas de jornalistas sobre a profissão, é mister compreender jornalistas negras e negros, brancas e brancos, mulheres e homens, no bojo das redes de estratégias, solidariedade e luta entre as relações sociais estabelecidas no jornalismo como profissão no Brasil. Como questões estruturais, o racismo e o sexismo fariam parte das pressões institucionalizadas, situando agentes, lugares, espaços, temporalidades e caracterizações, alargando os debates e os estudos sobre jornalismo como profissão no país. Nesse sentido, incorporo o pensamento da teórica feminista negra Kimberlé Crenshaw (2004, p.10), a

qual traz à baila o conceito interseccionalidade⁶⁹ para depurar as discriminações de raça e gênero.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. Utilizando uma metáfora de intersecção, faremos inicialmente uma analogia em que vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. É através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Segundo Bourdieu (2009, p. 133-134), o mundo social desencadearia “princípios de diferenciação ou de distribuição constituídos pelo conjunto de propriedades que atuam no universo social considerado, quer dizer, apropriadas a conferir, ao detentor delas, força ou poder neste universo”. Essas relações sociais ganham formas específicas e materiais face à posição dos agentes no campo e à maneira como se envolvem no campo político – “campo de forças e como campo das lutas” – devido aos “problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos” (BOURDIEU, 2009, p. 164), no qual, inclusive, é exercido o monopólio de profissionais. No Brasil, essa trama ganharia outros componentes devido ao racismo e ao sexismo por meio de discriminações de raça e gênero, que desencadeariam um conjunto de desvantagens nas carreiras de jornalistas

⁶⁹ Uma das críticas ao conceito interseccionalidade (Crenshaw 2002, 2004) é feita por Daniele Kergoat (2010), alegando a dinâmica entre relações sociais e as relações de dominação móveis, incluindo as categorias raça, gênero, classe social e outras, propondo os conceitos de consubstancialidade e coextensividade. Na crítica aos conceitos de Kergoat (2010) e Crenshaw (2002 e 2004), Helena Hirata (2014) propõe o conceito interseccionalidade de geometria variável na tentativa de captar as opressões de gênero, raça e classe social com outras formas de discriminação como substrato das lutas políticas, entre elas as percebidas na divisão social, sexual e racial no mundo do trabalho. Neste trabalho, as reflexões decorrem do pensamento de Kimberlé Crenshaw (2002, 2004)

negras e negros e mulheres brancas face à concentração de poder entre os homens brancos.

Em **Sobre a televisão**, Bourdieu (1997) insere os jornalistas num campo de tensões em que as relações de poder são estabelecidas entre profissionais e estes, por sua vez, deveriam ser definidos pela sua diversidade.

O jornalista é uma entidade abstrata que não existe; **o que existe são jornalistas diferentes segundo o sexo, a idade, o nível de instrução, o jornal, o meio de informação**. O mundo dos jornalistas é um mundo dividido em que há conflitos, concorrências, hostilidade” (BOURDIEU, 1997, p. 32, grifo nosso).

Concernente ao tema deste estudo, a complexidade das relações raciais e de gênero exporia outros tipos de singularidades, assim como a ação que exercem e são alvo dentre as pressões institucionalizadas, conflitos, concorrências, hostilidades e estratégias no campo jornalístico.

Valendo-se de Bourdieu, Neveu (2006) agrega a noção de capitais para refletir sobre a sociologia do jornalismo: capitais, habitus e *illusio*. Capitais corresponderia aos “recursos econômicos, simbólicos”, os quais para jornalistas poderiam ser reconhecidos como “diploma de uma faculdade, agenda de endereços excepcional, a autoridade adquirida na descoberta de um “escândalo” (NEVEU, 2006, p.66). Habitus estaria relacionado a “sistema de disposições, matriz de esquema de julgamentos e de comportamentos, que é o mesmo que ao mesmo tempo fruto de uma socialização, (...) e um sistema organizador das práticas e das atitudes” (NEVEU, 2006, p.66) e mais associado à *doxa* (THOMPSON, 1995). *Illusio* estaria voltada “à ideia de um investimento ao mesmo tempo psíquico, intelectual e profissional nos jogos e projetos próprios a um campo” (NEVEU, 2006, p.67).

Considerando o objeto desta tese – as dimensões de raça e de gênero no jornalismo como profissão no Brasil, pretende-se colocar na centralidade o panorama da interseccionalidade (CRENSHAW, 2002), tendo em vista o racismo e o sexismo como operadores da discriminação interseccional pelo habitus e a sua incidência nas trajetórias de jornalistas negras e negros, brancas e brancos, assim como as estratégias da

interseccionalidade política (CRENSHAW, 2002) de mulheres negras e de homens negros pela consciência da suas condições interseccionais expostas pela hermenêutica das sujeitas e dos sujeitos (FOUCAULT, 2006), reveladas na parresia, e novos contornos para a *illusio face* à gestão interseccional de seus capitais.

Uma sociologia do jornalismo brasileiro vem sendo prenunciada por alguns estudos sobre a genealogia da profissão no país e a identidade profissional de jornalistas. Fernanda Petrarca (2008, p.1), no artigo **Por uma sociologia histórica do jornalismo no Brasil**, resgata algumas trajetórias de jornalistas para recompor “as condições sociais de ingresso e de desenvolvimento da carreira de jornalista no Brasil”, com o objetivo de “investigar o conjunto dos recursos associados aos princípios de entrada e exercício nessa atividade”. Observa a gestão de capitais de políticos e literatos nos primórdios da atividade de imprensa no Brasil dissociada das dimensões de raça e de gênero, embora absorva a trajetória de João do Rio⁷⁰, jornalista negro, um dos nomes mais importantes da profissão no país.

No artigo **Imprensa Negra: descobertas para o Jornalismo brasileiro** (ROSA, 2014), situei – a partir da imprensa feita por negros e para negros – a trajetória intensa e peculiar de negros e negras, o que agregaria os elementos interseccionais à pretensão de uma sociologia do jornalismo brasileiro, incluindo a imprensa negra e a presença de jornalistas negras e negros nessa profissão.

Essa prática começou a se alterar gradativamente a partir do ingresso de pesquisadores e pesquisadoras interessados em “trabalhos acadêmicos que vislumbram, numa postura crítica, os problemas nacionais de comunicação” e inseridos num campo de análise “não necessariamente coincidente com o das classes dominantes” (MELO, 1980, p.11). Pode-se incorporar neste espectro a produção de um pensamento negro na comunicação, isto é, no contexto das epistemologias do Sul (SANTOS, 2009) e no propósito de agregar, à produção intelectual, o desmantelamento do sistema hegemônico cognitivo que vigora em detrimento da dinâmica e da realidade social, condicionando-as a um sistema de exclusões e discriminações (ROSA, 2014, p. 566).

⁷⁰ Sobre o vigoroso trabalho jornalístico de João do Rio, sugere-se o artigo João do Rio e o cotidiano negro no Rio de Janeiro da primeira República, de Thauan Bertão dos Santos. Disponível em: <<http://www.erh2014.pr.anpuh.org/anais/2014/344.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

Lançando-se no debate acerca do jornalismo como profissão, Raissa dos Santos (2014, p.9) discorre, no artigo **Jornalismo do século XXI: profissão identidade, papel social, desafios contemporâneos**, sobre alguns efeitos transformadores, os quais estariam incidindo sobre uma “nova identidade da categoria profissional”. Todavia, não articula as dimensões de raça e de gênero no que avalia como “renascimento profissional” do jornalismo na contemporaneidade em meio aos movimentos desencadeados pela “análise das transformações e do impacto direto e indiretamente na dinâmica da sociedade democrática” (SANTOS, 2014, p.9).

No artigo **A importância do conflito na configuração identitária do jornalista brasileiro**, Fernanda Lopes (2009) compreende a relevância do conflito como catalisador da expressão de sentimentos, valores, representações e memórias.

No caso dos jornalistas, é possível categorizar tais heterogeneidades sob diversos aspectos, por exemplo, tomando como base seu local de atuação, o que consequentemente resultará em diferentes *modos operandi*, como, por exemplo, os jornalistas de rádio, os de televisão, os de imprensa escrita, entre outros. Pode-se classificá-los, ainda, segundo função laboral, por exemplo, em editores, chefes de Redação, repórteres, fotógrafos, ou segundo critérios empregatícios, se funcionários públicos, se *free lancers*, se trabalhadores de empresa jornalística, se assessores de comunicação. De qualquer maneira, existe um amálgama capaz de agrupar a diversidade na totalidade, fazendo com que esses profissionais sejam reunidos sob o mesmo rótulo apesar das diferenças. É interessante lembrar que mesmo essa argamassa não é feita dos mesmos elementos ao longo do tempo. Essa força coesiva não possui uma receita imutável, mas é construída nas relações inter e intragrupoais (LOPES, 2009, p.97).

A despeito do espectro de variáveis acerca dos conflitos decorrentes no jornalismo como profissão, causa estranheza a invisibilidade das dimensões de raça e de gênero como vetores de confrontos de ordem racial e de gênero, prevalecendo a abordagem de classe/categoria profissional. No livro **Ser jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica**, Fernanda Lopes (2013) faz nova referência aos conflitos concernentes à identidade profissional.

Aliás, o processo de construção identitária está permanentemente tensionado pelas zonas de combate que nem sempre são visíveis e audíveis. A formação de imagens, a mobilização de representações, a

produção de crenças, a recuperação memorialista de características e marcas, a reprodução de mitos, a incorporação de padrões do saber prático, a propagação de saberes profissionais, a origem de um sentimento de pertencimento grupal, tudo isso permeia vivências que, cotidianamente, se estabelecem dentro das empresas jornalísticas, nos cursos superiores, no mercado de trabalho, nas organizações sindicais, na mídia tradicional e no novo ambiente digital com suas possibilidades multimidiáticas (LOPES, 2013, p. 4194).

E atrela o *ethos* profissional com os significados construídos por membros do grupo:

Sabendo, portanto, que é impossível compreender a identidade de um sujeito fora de sua colocação social, para responder à pergunta “quem são os jornalistas” é necessário voltar os olhos para aquilo que o grupo organiza interiormente como significado e, além disso, o percurso para situá-lo num âmbito de sociabilidade, de partilha comum de significados. No caso dos jornalistas, é fácil perceber a importância da interação com o Outro para a existência desse grupo, já que a própria função que esses trabalhadores desempenham na sociedade está intrinsecamente conectada com o ato de falar do outro (LOPES, 2013, p.241)

Na tentativa de articular tais elementos da sociologia do jornalismo no contexto das dimensões de raça e de gênero, buscarei por meio das formas simbólicas de jornalistas – negras, negros, brancas e brancos – verificar a materialidade de vivências por meio de discursos acerca dessas pertencas e suas implicações no jornalismo como profissão.

5.5 Profissionalização da atividade jornalística no Brasil

No Brasil, o jornalismo tornou-se profissão no Estado Novo⁷¹ por meio do Decreto-Lei nº 910⁷², de 30 de novembro de 1938, que dispôs sobre a duração e as

⁷¹ Regime ditatorial de Getúlio Vargas (1937-1945) e marcado pela centralização de poder após golpe empreendido para evitar a suposta tomada de poder por forças comunistas, impedindo as eleições previstas para janeiro de 1938. Houve fechamento do Congresso Nacional, extinção de partidos políticos, perseguição de oponentes e prisões. Foi promulgada a Constituição de 1937, a Polaca, embora o governo fosse gerido por meio de decretos-lei pelo presidente Vargas.

⁷² O documento pode ser acessado na página de internet da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-910-30-novembro-1938-349925-publicacaoriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

condições de trabalho nas empresas jornalísticas. Criada pelo então presidente da República, Getúlio Vargas, a norma considerava como jornalista “o trabalhador intelectual cuja função se estende desde a busca de informações até à Redação de notícias e artigos e à organização, orientação e direção desse trabalho” (BRASIL, 1939) e como empresas jornalísticas “aquelas que têm a seu cargo a edição de jornais, revistas, boletins e periódicos, ou a distribuição de noticiário, e, ainda, as de radiodifusão em suas secções destinadas à transmissão de notícias e comentários” (BRASIL, 1939). Esta primeira lei regravava as funções de redator-chefe, secretário, subsecretário, chefe e subchefe de revisão, chefes de oficina, de ilustração e de portaria. Determinava as seguintes condições para o exercício da profissão: prova de nacionalidade brasileira, folha corrida, prova de que não responde a processo ou não sofreu condenação por crime contra a segurança nacional e carteira profissional.

Além dessas deliberações, o Decreto-Lei nº 910/1938 assumia o compromisso de criar escolas de jornalismo, destinadas à formação profissional dos que viriam a configurar ser jornalistas. Estes exerceriam a profissão mediante o registro da profissão no Departamento Nacional do Trabalho. Aqueles que já atuavam no mercado deveriam se inscrever no órgão no prazo máximo de 120 dias depois de instalado o Registro da Profissão Jornalística. Conforme Petrarca (2005, p. 12), “a regulamentação profissional consistia em questionar a posição dos intelectuais, mas conferir às elites de determinadas profissões a possibilidade de criar as condições de acesso ao exercício profissional e intervir em nome de uma ‘ética profissional’”. O Estado Novo corresponde à primeira ditadura da República, em que houve censura e criação do Departamento de Imprensa e Propaganda para controlar a imprensa e o rádio.

No bojo da articulação e da normatização do jornalismo como profissão no Brasil, foi criada a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)⁷³, em 20 de setembro de 1946.

⁷³ No seu histórico, a instituição se apresenta como decisiva para a regulamentação da profissão de jornalista, a proteção a profissionais e a luta pela democratização da comunicação no país. Coordenou a Frente Nacional por Políticas Democráticas de Comunicação na Constituinte, mas não obteve êxito por ação da chamada bancada da mídia, sendo a questão discutida pela sociedade após a promulgação da Constituição Federal, de 1988. Integra o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), atuou com a sociedade civil para garantir inclusão na Lei nº 8.977, de 6 de janeiro de 1995, revogada pela Lei nº 12.485, de 12 de setembro de 2011. Fez gestões no Conselho de Comunicação Social (CCS) criado

Em 2004, a instituição resumiu sua trajetória da seguinte forma: “longa e árdua jornada pela adoção de regras que organizassem a profissão e garantissem para a sociedade acesso público à informação ética e plural”. No governo Jânio Quadros⁷⁴, o Decreto nº 51.218⁷⁵, de 22 de agosto de 1961, regulamentou o Decreto-Lei nº 910/1938, dispondo sobre o exercício da profissão de jornalista. A partir daquela norma, a profissão só poderia ser exercida por profissional diplomado ou certificado de habilitação pelas Escolas de Jornalismo, para atuação em empresas jornalísticas, de rádio e televisão. Estas estavam impedidas de contratar jornalistas sem diploma. Dentre as demais funções da imprensa, estavam dispensadas de titulação universitária: revisor, fotógrafo, arquivista e outras, de natureza puramente técnico-material.

O registro profissional de jornalistas foi normatizado pelo Decreto nº 1.177, de 12 de junho de 1962, assinado pelo Conselho de Ministros, representado por Tancredo Neves e Alfredo Nasser. O documento ampliou a definição de jornalista, definindo como

profissional aquele cuja função, remunerada e habitual, compreende a busca ou documentação de informações, inclusive fotográficas, a Redação de matéria a ser publicada, contenha ou não comentário: a revisão de matéria, quando já composta tipograficamente a ilustração, por desenho ou por outro meio, do que fôr publicado; a recepção radiotelegráfica e telefônica de noticiário nas Redações de empresas jornalísticas; a organização e conservação, cultural e técnica, do arquivo redatorial; bem como a organização, orientação e direção de todos esses trabalhos e serviços.

em 2002 após ter sido assegurado na Constituição de 1988, e para a descriminalização das rádios comunitárias, no ano de 2003. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/federacao/texto_fenaj.htm>. Acesso em: 12 abr. 2014.

⁷⁴ Eleito presidente da República, exerceu o mandato de 31 de janeiro a 25 de agosto de 1961. Ao renunciar ao cargo, este foi ocupado pelo presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli por alguns dias. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/janio-quadros>>. Acesso em: 12 abr. 2014. Em 8 de setembro de 1961, foi empossado João Goulart (Jango) em sessão do Congresso Nacional. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/joao-goulart>>. Acesso em: 12 abr. 1964.

⁷⁵ Documento disponível no portal da internet da Câmara dos Deputados. Disponível em: <www2.camara.gov.br%2Flegin%2Ffed%2Fdecret%2F1960-1969%2Fdecreto-51218-22-agosto-1961-390868-publicacaooriginal-1-pe.html&exec>. Acesso em: 12 abr. 2014.

Entre idas e vindas em três décadas, o jornalismo foi recebendo configurações como profissão no país, demarcando direitos para trabalhadores e trabalhadoras, a organização do mercado dessa atividade profissional e o ensino superior.

Frente aos avanços nas conquistas de direitos, empreendidos pela sociedade brasileira, em especial pelos movimentos sociais, a Constituição Federal⁷⁶ deliberou novo regramento ao Estado brasileiro, inclusive sobre a equidade de direitos historicamente violados no país. Entre os princípios fundamentais, o artigo 3º elencou os objetivos da República, em que destaque o inciso IV relacionado a promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Dentre os direitos e garantias fundamentais, o artigo 5º instituiu a igualdade perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, entre todos os brasileiros e brasileiras e estrangeiros residentes, cabendo ao inciso I determinar a igualdade entre homens e mulheres e ao XLII definir a prática do racismo como crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusa. Com os direitos aqui resgatados, dava passo crucial para conter o biopoder do Estado (FOUCAULT, 2012) e os seus efeitos, como pode ser pensado aqui neste estudo, sobre a vida das populações negras e brancas, em particular.

Para que o Estado Democrático de Direito se realize, é necessário empenho e investimento em políticas públicas de enfrentamento às disparidades raciais e de gênero, a fim de alcançar os princípios fundamentais de soberania, cidadania, dignidade da pessoa humana, valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e pluralismo político e os objetivos fundamentais da República no que tange à sociedade livre, justa e solidária. Para tal, a ação do Estado tem de voltar-se para a sociedade de um modo geral. Em consonância com as dimensões de raça e de gênero e mercado de trabalho, particularizados pelo jornalismo, isso abrange empresas e instituições, inclusive as universidades, e cidadãos e cidadãs. Envolve, sobretudo, conteúdo produzido, como afirma a jornalista Miriam Leitão (2002):

⁷⁶ Chamada de Constituição Federal, a Carta Magna foi expedida em 5 de outubro de 1988, ano do centenário da abolição da escravatura. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 17 abr. 2014.

E como o racismo se apresenta na imprensa? Apresenta-se na mesma forma odiosa com que o racismo se apresentou no país ao longo dos anos, das décadas, dos séculos: vamos fingir que não estamos vendo. (...) Se há uma discussão importante acontecendo no país que não está sendo coberta pela imprensa, é porque a imprensa está errando (LEITÃO, 2002, p. 42-43).

A realidade da força de trabalho no jornalismo como profissão no país, revelada por diferentes estudos, denota a perversa violação de direitos de negros e negras e mulheres brancas pela reserva de mercado para homens brancos. Ou seja, a profissão tem se caracterizado pela segregação racial de áreas determinadas para trabalhadores e trabalhadoras negras, além de estagnação nas camadas operacional e gerencial para mulheres brancas em decorrência da divisão sexual do trabalho e da desigualdade de gênero.

De acordo com as pesquisadoras Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007, p.596), a divisão sexual do trabalho é “a distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho, nos ofícios e nas profissões, e as variações no tempo e no espaço dessa distribuição; e se analisa como ela se associa à divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos”. Ela confere aos homens as funções com maior valor social adicionado e é regida pelo princípio de separação (trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e pelo princípio hierárquico (trabalho de homem vale mais que o trabalho de mulher). A dupla chama a atenção para a divisão do trabalho profissional entre tipos de modalidades de empregos com dinâmicas reprodutoras dos papéis sexuais.

Conforme a sociologia do trabalho (FRIEDMANN, 1973; GUILBERT; ISAMBERT-JAMATI, 1973) e a sociologia das profissões (FREIDSON, 1989), especialmente a do Brasil (DURAND, 1975; BARBOSA, 2003), é preciso direcionar a atenção para questões concretas, tais como os determinantes – no caso do Brasil e desta pesquisa, o racismo e o sexismo – organizam a sociedade e intervêm na divisão social do trabalho e na configuração das profissões. E como incidem sobre perspectiva de ser, escolha de carreira, formação, acesso à profissão, rede de relacionamentos, oportunidades de ascensão e reconhecimento.

Lembrando Durkheim (1977),

Sem dúvida, o seu mérito desigual fará que os homens ocupem situações desiguais na sociedade; mas estas desigualdades são exteriores apenas aparentemente, porque elas não fazem senão traduzir no exterior desigualdades internas; elas não têm, portanto, outra influência sobre a determinação dos valores senão a de estabelecer entre estes últimos uma graduação paralela à hierarquia das funções sociais (DURKHEIM, 1977, p.179-180).

Assim como o entrecruzamento das discriminações se organizam, a busca para a superação de tal realidade precisa desvendar o emaranhado de exclusões e/ou subordinações decorrentes – à luz deste estudo – do racismo e do sexismo.

O conceito interrelaciona a discriminação racial e a discriminação de gênero, com a finalidade de “compreender melhor como essas discriminações operam juntas, limitando as chances de sucesso das mulheres negras”, assim como “enfatizar a necessidade de empreendermos esforços abrangentes para eliminar essas barreiras” (CRENSHAW, 2004, p.8). Kimberlé Crenshaw (2002) ressalta que as experiências interseccionais ocorrem para todas as pessoas devido à pertença de raça e gênero. Entretanto, o marcador é a diferença da diferença em que as mulheres negras são alvo da interseccionalidade pela discriminação de raça e de gênero, acometidas pela condição de subordinação interseccional, alicerçada pela invisibilidade interseccional.

Há várias razões pelas quais experiências específicas de subordinação interseccional não são adequadamente analisadas ou abordadas pelas concepções tradicionais de discriminação de gênero ou raça. Frequentemente, um certo grau de invisibilidade envolve questões relativas a mulheres marginalizadas, mesmo naquelas circunstâncias em que se tem certo conhecimento sobre seus problemas ou condições de vida. Quando certos problemas são categorizados como manifestações da subordinação de gênero de mulheres ou da subordinação racial de determinados grupos, surge um duplo problema de superinclusão e de subinclusão (CRENSHAW, 2002, p.174).

De acordo com Kimberlé Crenshaw (2002), a articulação entre superinclusão e subinclusão é fundamental para repensar a importância da diferença intragrupo, com o propósito de visibilizar as discriminações interseccionais.

O termo 'superinclusão' pretende dar conta da circunstância em que um problema ou condição imposta de forma específica ou desproporcional a um subgrupo de mulheres é simplesmente definido como um problema de mulheres. A superinclusão ocorre na medida em que os aspectos que o tornam um problema interseccional são absorvidos pela estrutura de gênero, sem qualquer tentativa de reconhecer o papel que o racismo ou alguma outra forma de discriminação possa ter exercido em tal circunstância. O problema dessa abordagem superinclusiva é que a gama total de problemas, simultaneamente produtos da subordinação de raça e de gênero, escapa de análises efetivas. Por consequência, os esforços no sentido de remediar a condição ou abuso em questão tendem a ser tão anêmicos quanto é a compreensão na qual se apoia a intervenção. (...) Uma questão paralela à superinclusão é a subinclusão. Uma análise de gênero pode ser subinclusiva quando um conjunto de mulheres subordinadas enfrenta um problema, em parte por serem mulheres, mas isso não é percebido como um problema de gênero, porque não faz parte da experiência das mulheres dos grupos dominantes. Uma outra situação mais comum de subinclusão ocorre quando existem distinções de gênero entre homens e mulheres do mesmo grupo étnico ou racial. Com frequência, parece que, se uma condição ou problema é específico das mulheres do grupo étnico ou racial e, por sua natureza, é improvável que venha a atingir os homens, sua identificação como problema de subordinação racial ou étnica fica comprometida. Nesse caso, a dimensão de gênero de um problema o torna invisível enquanto uma questão de raça ou etnia. O contrário, no entanto, raramente acontece. Em geral, a discriminação racial que atinge mais diretamente os homens é percebida como parte da categoria das discriminações raciais, mesmo que as mulheres não sejam igualmente afetadas por ela (CRENSHAW, 2002, p.175).

Como lembra Bourdieu (1997), o mundo dos jornalistas faz a liga da esfera pública com os campos político, econômico, social e cultural, sendo influenciado e influenciador da organização da sociedade. No Brasil, esse mundo dos jornalistas seria influenciado e influenciaria problemas estruturais decorrentes do racismo e do sexismo, visto que, “nas abordagens subinclusivas da discriminação, a diferença torna invisível um conjunto de problemas; enquanto que, em abordagens superinclusivas, a própria diferença é invisível” (CRENSHAW, 2002, p.176).

Para aferir essas operações interseccionais, a análise dos discursos apresenta-se como uma disciplina estratégica para o desvelamento de tais abordagens. Nesta pesquisa, propõe-se a apreciação de discursividades sobre raça e gênero no jornalismo como profissão no Brasil, levando em consideração a complexidade das relações raciais e de gênero como fio condutor, cuja teia interpretativa seria tecida pela parresia.

A discriminação interseccional é particularmente difícil de ser identificada em contextos onde forças econômicas, culturais e sociais silenciosamente moldam o pano de fundo, de forma a colocar as mulheres em uma posição onde acabam sendo afetadas por outros sistemas de subordinação. Por ser tão comum, a ponto de parecer um fato da vida, natural ou pelo menos imutável, esse pano de fundo (estrutura) é, muitas vezes, invisível. O efeito disso é que somente o aspecto mais imediato da discriminação é percebido, enquanto que a estrutura que coloca as mulheres na posição de ‘receber’ tal subordinação permanece obscurecida. Como resultado, a discriminação em questão poderia ser vista simplesmente como sexista (se existir uma estrutura racial como pano de fundo) ou racista (se existir uma estrutura de gênero como pano de fundo). Para apreender a discriminação como um problema interseccional, as dimensões raciais ou de gênero, que são parte da estrutura, teriam de ser colocadas em primeiro plano, como fatores que contribuem para a produção de subordinação (CRENSHAW, 2002, p.176).

Como o jornalismo é uma profissão bastante competitiva (BOURDIEU, 1997), a discriminação interseccional exacerbaria a dinâmica subinclusão e superinclusão devido aos privilégios decorrentes do racismo e do sexismo. Ao estudar a ergologia da comunicação, Roseli Figaro (2011, p.292) percebeu que “é preciso chamar a atenção para o mundo do trabalho dos comunicadores, considerando as ‘dramáticas o uso de si por si mesmo e pelo outro’, ou seja, como os profissionais enfrentam os desafios cotidianos”. Figaro observou, ainda, que há conflito de valores, influenciando a tomada de decisões na atividade profissional:

As relações no trabalho ficaram mais competitivas, fazendo com que os embates de normas coloquem em questão os valores de solidariedade nos coletivos de trabalho. Fato esse que leva a comportamentos, por parte do profissional, nem sempre respaldados em valores éticos. A concorrência entre colegas, a falta de camaradagem, as condições contratuais precárias – *free lancer*, pessoa jurídica e cooperados – deixam o profissional em situação de desvantagem. Jornadas de trabalho extensas, ritmo acelerado de trabalho corroboram para situações que exigem do comunicador maior atenção e provocam tensão que ... tem sido causa de estresse e descontentamentos (FIGARO, 2011, p.294).

No livro **Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro** (CARRANÇA; BORGES, 2004), pesquisadores e pesquisadoras – negros e brancos – exteriorizam preocupações, fundamentadas teórica e empiricamente, sobre a configuração da atividade jornalística no país. A pesquisadora Cremilda Medina (2004) aborda a formação dos e

das profissionais e os valores sociais e identitários. De acordo com ela, decisões sobre pautas e produção das notícias instalam “guerra simbólica no espaço de produção jornalística tanto na contemporaneidade quanto no espectro histórico do jornalismo e da profissão de jornalista”, porque na complexidade do trabalho cotidiano “entram forças externas, sociais, forças político-econômicas, forças do inconsciente coletivo” (MEDINA, 2004, p.31).

Como jornalista e professora da Universidade de São Paulo (USP), Medina (2004) reportou à academia as possibilidades de mudança do jornalismo como profissão no Brasil:

O projeto de formação de um profissional, o projeto de aperfeiçoamento consciente e a sensibilização perante os desejos coletivos inconscientes também podem contribuir para as transformações de mentalidade ou, pelo menos, introduzir inquietudes na carreira do jornalista ou na caracterização da imagem de determinada empresa (MEDINA, 2004, p.32).

Entretanto, essas mudanças somente ocorrerão se a universidade mudar. Sobre raça e gênero, isso envolve, segundo Góis (2008), o papel da academia na formulação dos currículos pedagógicos, sistema de seleção de estudantes, formação de docentes, pesquisas e abordagem dos problemas decorrentes do racismo, do patriarcado e do sexismo, não somente da perspectiva dos negros, mas dos brancos (BENTO, 1995; HOOKS, 2000). É instaurar a temática do racismo e das relações raciais sem atenuações, ou seja, é ingressar o processo de desconstrução do racismo por meio do enfrentamento na própria instituição e na sociedade, com o propósito de construir outras dinâmicas sociais. E, para isso, é preciso fazer emergir identidades e posicionamentos sobre os problemas vivenciados pela população negra. Urge visibilizar o componente racial branco na sociedade racializada.

Cabe aqui inserir a reflexão de João Góis (2008), registrada no artigo **Quando raça conta: um estudo de diferenças entre mulheres brancas e negras no acesso e permanência no ensino superior**, realizado na Universidade Federal Fluminense (UFF). Além de se concentrarem em cursos de carreiras profissionais com menor prestígio social e econômico, as estudantes negras entram em menor quantidade no ensino superior do

que as brancas e dispõem de menos oportunidades na universidade para lá permanecerem. Bolsas de iniciação científica, monitorias, extensão e treinamento têm as universitárias brancas como principais destinatárias e usuárias:

Os dados do censo mostram uma significativa vantagem das mulheres sobre os homens na distribuição das bolsas (55,55% contra 44,28%). [...] Das 1.054 bolsas assumidas por alunas no ano da realização do censo, as brancas detinham 60,53%, contra 25,81% das pardas e 4,69% das pretas. Essa diferença é mais um fator que influencia nas possibilidades de permanência das estudantes na UFF, na medida em que para muitas delas a renda derivada das bolsas contribui significativamente para que possam continuar estudando. [...] As desvantagens para as pretas e pardas se acentuam ainda mais quando examinamos os tipos de bolsas às quais elas têm acesso, já que a predominância das mulheres brancas também se dá nas bolsas consideradas mais nobres. As bolsistas desse grupo racial estão super-representadas naquelas de maior valoração (monitoria, iniciação científica e extensão), assim como também estão super-representadas entre as alunas que acumulam mais de uma bolsa (GOIS, 2008, p.762).

De acordo com o pesquisador, em 2003, as estudantes correspondiam a 54,71% dos alunos de Comunicação, sendo pretas 3,01% e pardas 22,89% do total. Ao confrontar os dados de outros cursos, Góis (2008) constatou:

[...] seja por critérios de ‘mérito natural’, seja por critérios de demanda, os cursos mais valorizados da UFF apresentam uma ‘democratização de acesso por gênero sem o seu equivalente racial. O acesso a eles, para as mulheres negras, é ainda bastante limitado. [...] A trajetória delas as tem levado em direção a outras carreiras frequentemente consideradas secundárias no cenário universitário e as profissões portadoras de características bem específicas. Uma das características é a formação de profissionais que geralmente estão em posição de relativa subordinação nas instituições onde atuam, a exemplo de enfermeiros, fisioterapeutas e assistentes sociais em ambientes hospitalares. Uma outra característica é a existência sobre a própria capacidade da sua existência, algo geralmente dado pelo desconhecimento das suas funções sócio-institucionais e das suas competências técnicas (GÓIS, 2008, p.748).

Entra em questão o biopoder foucaultiano (1992), atuando na hermenêutica do sujeito (FOUCAULT, 2006) da raça negra e do gênero feminino, o qual internaliza os fatores externos de sua inviabilidade numa sociedade racista e sexista. A eliminação das mulheres negras nos dispositivos imagéticos, representacionais e discursivos lhes atinge

em cheio sobre as possibilidades de ser. Impera a segmentação racial do trabalho das mulheres negras, fundamentado em hierarquizações e subordinações, até mesmo nas carreiras de formação universitária (ROSA, 2014).

Ou seja, mesmo vencendo as barreiras do racismo para a conclusão dos ensinos fundamental e médio, grande parte das afro-brasileiras não consegue projetar-se como viável em carreiras de maior valoração social. Elas conseguem ingressar no ensino superior, projetam-se como profissionais com formação universitária, mas não conseguem libertar-se do racismo e do sexismo para escolher livremente os rumos das suas vidas profissionais. Evidentemente, a sujeito mulher negra está dotada de capacidade de ser o que quiser. Porém, fatores de sucesso e fracasso, alicerçados no racismo e no sexismo, condicionam perversamente a trajetória profissional de boa parte das mulheres negras brasileiras.

Para o jornalista negro e sindicalista Flávio Carrança⁷⁷ (2004), no seu artigo **Igualdade racial entre os jornalistas ainda é uma meta**, o conhecimento pode ser uma das vias para o enfrentamento do racismo no jornalismo como profissão. Ele lança mão da autobiografia da jornalista Katharine Graham, ex-acionista do **Washington Post**, para argumentar o valor positivo da entrada de negros, de mulheres, de latinos e de outras minorias no jornal, as quais ampliaram o olhar do veículo sobre diversos temas.

[...] a necessidade de se aprofundar da maneira que for possível o estudo da situação dos jornalistas negros para trazer à tona os obstáculos que impedem tanto o acesso à profissão quanto o desenvolvimento de carreiras bem-sucedidas, e a partir daí formular propostas voltadas para a promoção da igualdade (CARRANÇA, 2004, p. 177-178)

No artigo **Um pé fora da cozinha**, Muniz Sodré (2004) percebeu o valor simbólico do jornalista negro Heraldo Pereira, em 2002, ocupar a bancada do Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão. O feito poderia influenciar positivamente outros programas da emissora, outros órgãos da imprensa e o mercado de trabalho brasileiro. Abordou, assim, o impacto e a influência das imagens, representações e discursos da

⁷⁷ Graduado pela Faculdade de Comunicação Cásper Líbero, primeira faculdade de JornalismoJ do Brasil, coordena a Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo.

mídia na sociedade, compreendendo a relação simbiótica entre mídia e sociedade no que tange à naturalização/estranheza e à presença/ausência, especialmente de grupos historicamente excluídos das forças de poder hegemônicas:

[...] talvez possa estimular uma maior aceitação da pele negra por parte dos órgãos de seleção de profissionais. Inclusive, na própria mídia: Quem trabalhou muito tempo na imprensa brasileira sabe que aos negros, quando um outro conseguia ser admitido, reservava-se sempre o lugar da “cozinha”, velha gíria jornalística para tarefas que não requeriam visibilidade pública – como diagramação, revisão, copidescagem etc. um redator negro poderia até mesmo ganhar mais do que um repórter claro (vem-nos à memória o excelente Juarez Bahia, já falecido), mas dificilmente aparecia. Casos e nomes poderiam ser citados (SODRÉ, 2004, p.173).

Segundo Carrança (2004),

Sodré usa o verbo no passado, mas a realidade do jornalismo brasileiro, no que se refere à participação de negros e negras, não mudou tanto assim. Apesar das honrosas exceções, como Heraldo Pereira e Glória Maria na Rede Globo, são pouquíssimos os negros nas Redações do País e menos ainda em cargos de chefia, já que boa parte do pequeno contingente de estudantes negros que sai das faculdades de jornalismo acaba nem sequer se profissionalizando e vai trabalhar em outras áreas. E os que restam enfrentam grande dificuldade para ascender profissionalmente devido à barreira invisível do racismo que perpassa a sociedade brasileira (CARRANÇA, 2004, p.179).

As vozes discursivas desses dois homens negros – Carrança (2004) e Sodré (2004) – expõem as implicações do racismo nas relações endógenas do jornalismo, fornecendo elementos para o marco referencial metodológico da hermenêutica de profundidade no enfoque da análise discursiva da formação discursiva sobre raça e gênero no jornalismo como profissão. Relevam os entremeios (PÊCHEUX, 1990) com que se estruturam realidades e práticas discursivas com alta capacidade de fruição sobre quem pode ou não ser jornalista na circulação de discursos na comunidade discursiva. Ou seja, é crucial enunciar como se estabelecem as desigualdades para que elas sejam combatidas.

É necessário falar sobre as relações de opressão racial e de gênero, para que elas possam ser mais bem identificadas (pelos sujeitos) e enfrentadas (pelos sujeitos, pela categoria profissional, pela sociedade e pelo Estado). Todavia, o confronto se daria pela própria enunciação e pela capacidade de a comunidade discursiva se apropriar de tais

discursos. Restariam algumas opções, as quais me arvorou a prospectar: reconhecer essa situação como verdadeira e dispor-se à transformação; negá-la e articular outro discurso; aceitá-la e nada fazer. Mesmo nessas três possibilidades, as enunciações têm o valor de tensionamento à ordem vigente. Seguindo o pensamento de Hannah Arendt (2008), é na ação (discurso) que a condição humana da pluralidade se materializa. Contudo, tornar-se-ia imperativo abordar os diferentes ângulos da pluralidade humana, como aqui exposto no jornalismo como profissão no Brasil na perspectiva de negros e brancos, homens e mulheres.

No dizer de Cida Bento (1995),

[...] determinados métodos que em vão insistem em circunscrever a problemática racial ao negro, ignorando o outro sujeito da relação racial – o branco sempre tão cuidadosamente ausente dos estudos sobre relações raciais, mas invariavelmente presente nas posições privilegiadas radiografadas nas estatísticas. Para além da identificação dos lugares de discriminados e, portanto, do reconhecimento da existência de discriminadores, é necessária a produção de conhecimento sobre o modo operacional da discriminação, tendo como objetivo último a elaboração de sistemas de controle e políticas de promoção da igualdade (BENTO, 1995, p.483).

Esta pesquisa tem como foco evidenciar, se possível, a operacionalização da discriminação racial e de gênero, a qual impacta de maneira diferente os sujeitos e as sujeitas pertencentes a esses grupos nas identidades interseccionadas. Uma série de conflitos é desencadeada pela hegemonia do homem branco, pois, como lembra Fanon (2008, p.27), num sistema racista, “o negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano”. Do ponto de vista racial, essa formulação abre margem para sofrimento identitário profundo, pois o negro e a negra sempre serão negros e, uma vez almejando ser o branco, renegarão a própria identidade, se distanciarão da etnicidade negra (valores culturais) e seguirão obstinadamente o ser branco, desconstituindo-se como sujeitos (FOUCAULT, 2006) e introjetando a subalternidade.

5.6 Identidade profissional e marcas de parresia sobre raça e gênero

Precursor dos Estudos Culturais, Stuart Hall⁷⁸ (2006) fundamentou o debate sobre as distintas identidades assumidas por sujeitos ao longo de suas vidas – transitórias ou fixas –, conjecturando sobre as relações sociopolíticas na chamada pós-modernidade. Esses são elementos importantes para se pensar a articulação de raça e gênero à identidade profissional.

Hall (2006) aborda três tipos de sujeitos, caracterizados ao longo da história da humanidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Para o primeiro, razão, consciência e ação dotavam uma pessoa humana centrada e em condições de tomar as rédeas da própria vida, algo intangível na Idade das Trevas. Ao sujeito sociológico, as transformações mundiais da era moderna lhe traziam “valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2006, p. 11), no movimento pendular interno-externo entre o mundo pessoal e público. Na contemporaneidade, a identidade do sujeito pós-moderno “é definida historicamente, e não biologicamente. Este sujeito assume identidades diferentes que não são unificadas ao redor de um “eu” corrente” (HALL, 2006, p.13).

As contradições e descontinuidades sociais ofertarão novos pertencimentos decorrentes dos processos de mudança que descentram o sujeito⁷⁹ em cinco aspectos, defendidos por Hall (2006) e vinculados à análise dos discursos. O primeiro se refere ao materialismo histórico (marxismo), para o qual os sujeitos faziam suas histórias a partir de condições dadas. O segundo está vinculado à psicanálise, pelos pensamentos de Freud e Lacan sobre identidade, sexualidade, formação do eu e relação com o outro. O terceiro descentramento compreende a linguística, delineando a língua como instrumento de produção de significados num sistema de significados da cultura, ou seja, social. Segundo

⁷⁸ Perfil biográfico sucinto e importante está disponível na obra de Mattelart; Neveu (2004, p.58-59).

⁷⁹ Para Orlandi (2005, p. 20), o sujeito discursivo “funciona pelo inconsciente e pela ideologia”, sendo “afetado pelo real da língua e também pelo real da História”. Refere-se à constante operação entre identidade, pertença, expressão e experimentação particular de aspectos da vida social na harmonização ou no confronto de questões políticas, sociais e culturais que lhe permitem construir, desconstruir e reconstruir a si mesmo.

Hall (2006), não se trata somente da expressão de pensamentos individuais, mas de acionar um amálgama de significados pessoais e inseridos na cultura. O autor chama a atenção para os significados das palavras pela sua transitoriedade “numa relação um-a-um com os objetos ou eventos no mundo existente fora da língua. Os significados surgem nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior dos códigos da língua” (HALL, 2006, p.40).

O quarto descentramento decorre do pensamento foucaultiano na genealogia do sujeito moderno frente ao poder disciplinar em sua vida, atividades, sexualidade, trabalho e família por meio da “aplicação do poder e do saber que “individualiza” ainda mais o sujeito e evolui mais intensamente o seu corpo” (HALL, 2006, p. 43). O quinto e último descentramento está relacionado à emergência teórica e prática das identidades de sujeitos e demandas historicamente subalternizados pelas relações de poder, tais como o feminismo, o movimento negro, juventude, entre outros. Ao questionarem dominação, relações de força e exclusão pela consciência de sua condição, fazem emergir novas relações sociais e políticas. Isso remete ao pensamento de Avtar Brah (2006),

(...) nossas lutas sobre significado são também nossas lutas sobre diferentes modos de ser: diferentes identidades. Questões de identidade estão intimamente ligadas a questões de experiência, subjetividade e relações sociais. Identidades são inscritas através de experiências culturalmente construídas em relações sociais. A subjetividade – o lugar do processo de dar sentido a nossas relações com o mundo – é a modalidade em que a natureza precária e contraditória do sujeito-em-processo ganha significado ou é experimentada como identidade. As identidades são marcadas pela multiplicidade de posições de sujeito que constituem o sujeito. Portanto, a identidade não é fixa nem singular; ela é uma multiplicidade relacional em constante mudança (BRAH, 2006, p. 371).

A dinâmica deflagrada pela subjetividade traz novos atores e atrizes sociais e demandas para a sociedade, em que os sujeitos investidos nessas reivindicações se tornam protagonistas das contestações político-ideológicas, desconstruem paradigmas da ordem hegemônica e constroem modelos dissociados das opressões históricas. Hall (2006) lança mão do feminismo para explicar essa operação pós-moderna, mencionando o questionamento entre espaços privado e público, politização da subjetividade e contestação da ordem vigente em temas “desconhecidos” da sociedade: família,

sexualidade, trabalho doméstico não remunerado, divisão sexual do trabalho, cuidado com crianças, uso do tempo, entre outros.

Como proposta de transformação das relações políticas e sociais, o feminismo ainda não absorveu as diversas demandas de inclusão das mulheres. O esgotamento de perspectiva política propiciou o surgimento de novas identidades de mulheres, entre elas negras, indígenas, rurais, trabalhadoras, lésbicas, jovens, idosas, entre outras, que redefiniram o feminismo. De acordo com Collins (2000), essa definição veio do próprio feminismo numa perspectiva teórica (acadêmica) e prática política (ativismo):

Para que o pensamento feminista negro possa operar eficazmente no feminismo negro como um só projeto social, ambos devem permanecer dinâmicos. Nem pensamento feminista negro, como uma teoria social crítica, nem a prática feminista negra podem ser estáticos; como as condições sociais mudam, assim importa que o conhecimento e as práticas concebidas por ele possam resistir⁸⁰ (COLLINS, 2000, p. 39, tradução nossa).

Tais identidades emergentes ampliaram o rol contestatório e reivindicatório, exprimindo a limitação política do grupo até então hegemônico no feminismo que hierarquizava pautas em decorrência de entendimentos políticos e relações de poder instauradas entre as mulheres, segundo as quais alguns temas eram mais estratégicos e importantes que outros. É o caso do movimento de mulheres negras, surgido devido à limitação de poder e participação das negras no movimento negro por questões de gênero e à dificuldade de abordagem da pauta racial negra no interior do movimento feminista:

[...] um feminismo negro, construído no contexto das sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas – como são as sociedades latino-americanas –, tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto nas relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades. (...) Esse novo olhar feminista e antirracista, ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, afirma essa nova identidade política decorrente da condição específica do ser mulher negra (CARNEIRO, 2003, p.51).

⁸⁰ In order for Black feminist thought to operate effectively within Black feminism as a social justice project, both must remain dynamic. Neither Black feminist thought as a critical social theory nor Black feminist practice can be static; as social conditions change, so must the knowledge and practices designed to resist them.

Da intersecção raça e gênero, Sueli Carneiro (2003) problematiza, no artigo **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**, o posicionamento político do movimento negro, em que os homens negros atuavam de forma hegemônica e silenciavam a pauta das companheiras de ativismo, ao passo que no feminismo branco as mulheres hierarquizavam os temas de luta, reproduzindo relações racistas de subordinação política.

Hooks (2000, p.58, tradução nossa) corrobora com o argumento: “por anos eu testemunhei a relutância de pensadoras e pesquisadoras feministas brancas para reconhecer a importância da raça⁸¹”. E começa a perceber mudanças em decorrência do ativismo das mulheres negras e da revisão de posição das mulheres brancas, o que possibilita “libertar-se do pensamento de supremacia branco”⁸² (HOOKS, 2000, p.58, tradução nossa). Incorporo a sugestão de Avtar Brah (2006, p.331) sobre como as diferenças existentes entre os feminismos negro e branco não “devem ser vistas como categorias essencialmente fixas e em oposição, mas, antes, como campos historicamente contingentes de contestação dentro de práticas discursivas e materiais” distintas.

Em **Nossos feminismos** revisitados, Luiza Bairros (1995) critica o feminismo socialista por definir a opressão sexista não somente como mais importante, como dissociada do seu significado. Um dos exemplos é um dos ícones do feminismo, Sulamith Firestone, a qual entendia “o racismo como um fenômeno sexual. Analogamente ao sexismo na psique individual, podemos compreender totalmente o racismo em termos de hierarquias de poder na família” (FIRESTONE, 1976, p.128). Nos diferentes arranjos interraciais, Firestone (1976) insere o homem branco no centro das disputas estritamente sexuais entre mulheres brancas e negras e homens negros, eliminando o caráter político. Atribui poder fictício e desmedido ao homem negro, numa dependência racial à mulher branca, desconstituindo os efeitos do racismo na masculinidade negra que não pode ser

⁸¹ [...] for years I witnessed the reluctance of white feminist thinkers to acknowledge the importance of race.

⁸² “[...] o break free of white supremacist thinking.

transplantada para a dimensão de gênero investida do mesmo poder do homem branco (DAVIS, 2005).

Segundo Oliveira, Meneghel e Bernardes (2009),

Para homens e mulheres negras, romper com o assujeitamento implica a ativação de poderes, incluindo o reconhecimento do pertencimento racial, a valorização da identidade e o exercício da cidadania. Isso significa sair do papel de passividade, de objeto do outro, e protagonização de suas próprias vidas (OLIVEIRA; MENEGHEL; BERNARDES, 2009, p. 271)

Na reflexão sobre as relações raciais, Luiza Bairros (1995) relativizou a masculinidade, pois a imagem de principal provedor das famílias, posição valorizada no mercado de trabalho, iniciador sexual e agressivo “não significa que a condição masculina seja de superioridade incontestável. Essas imagens cruzadas com o racismo reconfiguram totalmente a forma como os homens negros vivenciam gênero” (BAIRROS, 1995, p. 461).

No bojo dos conflitos raciais desencadeados pelo racismo e pelo sexismo brasileiro, em **Gênero, raça e ascensão social**, Sueli Carneiro (1995) aborda as relações intragênero masculinas, nas quais os homens negros não dispõem do mesmo poder que os homens brancos, estes sim investidos de autoridade e legitimidade de poder e decisão:

Qualquer poder que o homem negro exerça, ele o faz por delegação do homem branco de plantão, que pode destituí-lo a qualquer tempo; por isso, é consentida a mobilidade social de alguns negros, ao mesmo tempo que é controlada e reprimida a mobilidade coletiva, posto que o negro em processo de ascensão está fragilizado e sob o controle de poder do branco e uma das garantias exigidas pelo poder branco a este negro (para que ele não caia) é a sua lealdade. Portanto, o homem branco permite que alguns negros participem do poder, preferencialmente naqueles lugares que não têm importância para os brancos (CARNEIRO, 1995, p. 548).

Tais reflexões de Sueli Carneiro (1995) e Luiza Bairros (1995) colaboram para a minha suposição de que existem relações de poder diferenciadas entre jornalistas negros e brancos, mulheres e homens no Brasil. A meu ver, a identidade profissional de jornalistas brasileiros precisa ser estudada no complexo ambiente das relações raciais, nas quais as opressões de gênero possivelmente não se apresentam da forma linear e

tradicionalmente interpretada pelo feminismo branco. Tentarei responder tal questão no decorrer da pesquisa. Este estudo se propõe a perceber a emergência ou não de aspectos da identidade profissional nas dimensões de raça e gênero até então opacos nas formações discursivas pela dinâmica das relações de poder e pelos sentimentos de consciência e de pertença.

A partir desse ponto, farei um esboço de análise parcial das enunciações de jornalistas sobre raça e gênero, com a finalidade de evidenciar a latência dessas abordagens por jornalistas brasileiros e brasileiras sobre a profissão. Embora fragmentadas e dispersas nos suportes comunicacionais, elas evidenciam realidade vivenciada sob o prisma do racismo e do sexismo no jornalismo.

Em decorrência da densidade enunciativa e das marcas no discurso sobre racismo e sexismo no jornalismo, decidi iniciar pela exposição do sujeito discursivo da raça negra/gênero masculino, cujo representante, o jornalista Tim Lopes (1985), aciona a fala franca da parresia (FOUCAULT, 2011) na sua dimensão da coragem de verdade para desvelar o retrato da imprensa em preto e branco⁸³, à **Revista da Comunicação**. Em seguida, é a vez do sujeito discursivo da raça branca/gênero masculino, representado pelo jornalista Nelson Rodrigues (1970). Em seu **Cadáver de preto**⁸⁴, ele relata o racismo dentro e fora da Redação, quando um homem negro assassinado é novamente vítima fatal do jornal. O terceiro sujeito discursivo é da raça branca e do gênero feminino, personificado na jornalista Eliane Cantanhêde (2011), com sua autocrítica por não abordar gênero numa das principais colunas políticas do País, então no jornal **Folha de S. Paulo**. O quarto e último sujeito discursivo é da raça negra e do gênero feminino. Está representado pela jornalista Flávia Oliveira (2012), a qual aborda a ação do racismo no momento da escolha profissional.

Jornalista negro com notável trabalho investigativo, assassinado num dos crimes mais emblemáticos contra a atividade jornalística no País, Tim Lopes (1985) denunciou

⁸³ Este texto foi oferecido para mim pelo jornalista Lunde Braghini Junior, quando éramos colegas da Universidade Católica de Brasília.

⁸⁴ Este artigo também foi ofertado por Lunde Braghini Junior numa conversa de corredor sobre a tese.

o racismo existente na imprensa. Fez uso, em 1985, da sua verve parresiástica, como demonstra a leitura interpretativa arqueológica (PORTO, 2012) da enunciação a seguir:

Não existe, em qualquer Redação de jornal, um só repórter negro, mulato, moreno claro ou cafuzo – todos negros no sangue, embora alguns sem o menor orgulho de pertencerem à raça – que, por trás da máscara da simpatia, não tenha sido, um dia, objeto de brincadeira debochada e, acima de tudo, discriminatória, com relação à etnia, pelos colegas branquinhos (LOPES, 1985, p.12).

No texto, ele recorreu a diversos jornalistas – homens e mulheres negras – para documentar as ocorrências de racismo promovido por colegas de trabalho, empresas jornalísticas e fontes. Tim Lopes não titubeou – passando à distância da retórica – e lançou mão da “fala franca” parresiástica. Tocou no cerne dos conflitos decorrentes do ser negro e branco na sociedade brasileira, que provoca vivências de desumanização para o indivíduo e a coletividade do grupo negro. Enquanto isso, indivíduo e coletividade do componente branco se colocam à margem do problema do racismo no Brasil, como se não integrassem um grupo racial.

De acordo com Cida Bento (2013),

[...] o que chama atenção nos debates, nas pesquisas, na implementação de programas institucionais de combate à desigualdade é o silêncio, a omissão e a distorção que há em torno do lugar que o branco ocupou e ocupa, de fato, nas relações raciais brasileiras. A falta de reflexão sobre o papel do branco nas desigualdades raciais é uma forma de reiterar persistentemente que as desigualdades raciais no Brasil constituem um problema exclusivamente do negro, pois só ele é estudado, dissecado, problematizado. [...] Assim, o que parece interferir neste processo é uma espécie de pacto, um acordo tácito entre os brancos de não se reconhecerem como parte absolutamente essencial na permanência das desigualdades raciais no Brasil. [...] muitos brancos progressistas que combatem a opressão e as desigualdades silenciam e mantêm seu grupo protegido das avaliações e análises. Eles reconhecem as desigualdades raciais, só que não associam essas desigualdades raciais à discriminação e isto é um dos primeiros sintomas da branquitude (BENTO, 2013, p. 2).

Face a essa realidade, o jornalista negro Tim Lopes (1985) tomou posição de risco por não falar por enigmas. Na genealogia parresiástica foucaultiana (2011), falou em seu próprio nome e ajudou jornalistas negros e brancos, mulheres e homens (comunidade

discursiva) “em sua cegueira sobre o que são, sobre si mesmos, e não em consequência de uma estrutura ontológica, mas de algum erro, distração ou dissipação moral, consequência de uma desatenção, de uma complacência, de uma covardia” (FOUCAULT, 2011, p.16). Retirar o véu do racismo, do patriarcado e do sexismo exige coragem. Demanda reconhecer-se como sujeito em posição de subalternidade ou privilégios, assumir a identidade de grupo e romper com as estruturas de vantagem e desvantagem que hierarquizam relações e espaços sociais.

Na **Revista da Comunicação**, Tim Lopes (1985) caracterizou o racismo no jornalismo sob o risco de expurgo e represálias da comunidade jornalística. Firmou-se, como alertou Foucault (2011), no estreitamento dos laços com a comunidade e o espaço discursivos.

[...] A *parresia* é, portanto, em duas palavras, a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade de que pensa, mas também é a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve” (FOUCAULT, 2011, p.13).

Em **Retrato da imprensa em preto e branco**, Tim Lopes (1985) evocou o deputado federal e jornalista negro Carlos Alberto de Oliveira (Caó), autor de lei que criminaliza o racismo, para quem a cor negra classifica a pessoa pelo seu tipo físico e traços negroides, ao mesmo tempo em que a desclassifica no mercado de trabalho⁸⁵. Repudiou apelidos, piadas e expressões como ‘crioulo não é notícia, a não ser Pelé’ e ‘isso é coisa de negro’, ao mesmo tempo em que se solidarizou com a jornalista negra Salete Lisboa, então do jornal **O Dia**, que, segundo Tim Lopes (1985), não se calou diante

⁸⁵ Conforme o artigo 4º da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, o preconceito de raça ou cor se configura no emprego quando deixar de conceder os equipamentos necessários ao empregado em igualdade de condições com os demais trabalhadores, impedir a ascensão funcional do empregado ou obstar outra forma de benefício profissional e proporcionar ao empregado tratamento diferenciado no ambiente de trabalho, especialmente quanto ao salário. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm>. Acesso em: 12 maio 2014. De acordo com o artigo 23 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, “toda pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego”. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm>. Acesso em: 12 maio 2014.

de discriminação racial conjugada com assédio moral por parte de sua chefia. Acomoda-se na figura central da genealogia da parresia, pois

(...) o dizer-a-verdade do parresiasta que sempre se aplica, questiona, aponta para indivíduos e situações a fim de dizer o que estes são na realidade, dizer aos indivíduos a verdade deles mesmos que se esconde a seus próprios olhos, revelar sua situação atual, seu caráter, seus defeitos, o valor da sua conduta e as consequências eventuais que eles viessem a tomar. O parresiasta não revela a seu interlocutor o que é. Ele desvela ou ajuda a reconhecer o que ele, interlocutor, é (FOUCAULT, 2011, p. 18-19).

Ao desnudar experiências e expandir as possibilidades de dizer (leitura interpretativa arqueológica) sobre racismo e sexismo, Tim Lopes (1985) deixou legado para a comunidade discursiva pelas corajosas verdades enunciadas e a abertura de interlocução sobre racismo e sexismo na comunidade discursiva. Ao mencionar a conversa com Luís Carlos de Oliveira, diretor do Sindicato dos Jornalistas do Município do Rio de Janeiro, Tim Lopes (1985) constatou que a proliferação de faculdades de jornalismo, na década de 1970, ampliou obstáculos na atividade jornalística para homens e mulheres negras, como já preconizavam os estudos de Pereira (2001) sobre o negro no rádio de São Paulo, na década de 1950, e de Lima (1983), acerca de negros e negras na TV paulista. Enquanto as escolas de Comunicação se estruturavam, já era latente a escassa presença negra que se manteria como um padrão no jornalismo como profissão até mesmo no terceiro milênio:

Na realidade, esse afunilamento ajudou na discriminação, pela falta de condições para estudar, que marca a raça negra. Ela sempre encontrou dificuldade para se formar e, assim, disputar o mercado de trabalho (LOPES, 1990, p. 13).

Ao buscar estudo do historiador Nelson Werneck Sodré, o qual apontou que a imprensa reflete o racismo da sociedade brasileira, e o nome de jornalistas negros, entre os quais José do Patrocínio, Paulo Barreto e Irineu Marinho, Tim Lopes (1985) sentencia que a discriminação racial “velada” existente nas Redações atinge exagero nas próprias manchetes, como uma observada no jornal Folha de S. Paulo: “Polícia pega prefeito negro

de Washington com droga em festa”. Tim dotou importante espaço discursivo de novos sentidos e significados sobre as particularidades de experiências de jornalistas negros e brancos, jornalistas mulheres e homens por suas identidades de raça e gênero. Como é peculiar à gama de ações para o enfrentamento efetivo do racismo e do sexismo, ao serem desvelados, ao jornalismo como profissão também ficaram muitas coisas a fazer. São as pegadas do parresiasta, deixadas aos montes depois de sua corajosa atitude de dizedor das verdades.

De acordo com Foucault (2011, p.16), o parresiasta “deixa àquele a quem ele se dirige a rude tarefa de ter a coragem de aceitar a verdade, de reconhecê-la e dela fazer um princípio de conduta. Deixa a tarefa moral [...]”. Segue, contudo, como apropriação, maturação e, sobretudo, ação prática da comunidade discursiva. Exemplos disso são espaços para assentar essas questões, tais como as Comissões de Jornalistas para a Igualdade Racial, Comissões de Mulheres e Núcleos de Gênero, e o próprio Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.

A discussão acerca da questão racial foi instalada na Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) em 2004, quando da apresentação pelos grupos organizados de jornalistas envolvidos com a temática racial e aprovação pelo plenário da tese **Visibilidade às Questões Étnicas nos Meios de Comunicação e no Mercado de Trabalho**,⁸⁶ no 31º Congresso Nacional dos Jornalistas. Um dos destaques do texto é o entendimento de que, “como questão estrutural da sociedade brasileira, as relações raciais necessitam de atenção dos jornalistas”. Todavia, são esforços relevantes, mas com pouca efetividade na categoria no que se refere à alteração de comportamentos de vantagens e desvantagens por motivações raciais e sexistas, que sequer são reconhecidas como tais. Sendo assim, reduzida é a capacidade de reversão dessas realidades.

No texto **Cadáver de preto**, o jornalista branco Nelson Rodrigues (1970, p.170) recordou: “Certa vez, entrei na Redação e vi o secretário esbravejante” devido à produção do fotógrafo ater-se em demasia no registro do corpo morto de um homem negro, vítima

⁸⁶ Documento disponível em: <http://www.fenaj.org.br/federacao/congressos/xxxi_cnj_teses_mocoos.htm>. Acesso em 22 out. 2011.

de enchente em Petrópolis. Tal produto provocou cena de discriminação racial e assédio moral, como descrita no trecho a seguir:

[...] o secretário sapateou em transe mediúnico. Esfregava a fotografia na cara do outro – “Este jornal não publica cadáver de preto”. Virava para os redatores e uivava: – “Cadáver de preto”. Assim humilhado e assim ofendido, o fotógrafo percebida a enormidade da própria gafe. Note-se que era preto como a morte. Mas no fundo, no fundo, ele próprio dava razão ao chefe. E, por fim, o secretário foi, de mesa em mesa, exibindo as fotografias. Uma delas, justamente a que mais o horrorizava, era de um preto gordo, de papada e olhos abertos. Uma viga desabara sobre o desgraçado, abrindo-lhe o crânio. Cada redator olhou aquilo e houve um escândalo racial como se defunto negro, pelo fato de ser negro, fosse obsceno. A indignidade final foi a suspensão do fotógrafo. Pode parecer episódio solitário, irrelevante. Em absoluto. Foi assim em todas as épocas da nossa imprensa. As velhas gerações não comprometiam as suas primeiras páginas com um cadáver de “cor parda”. O morto branco saía” (RODRIGUES, 1970, p.197).

A voz discursiva de Rodrigues (1970) permite a retirada de mais um véu sobre o racismo e os conflitos raciais existentes nas Redações numa enunciação registrada duas décadas antes do artigo de Tim Lopes (1985). Pode ser compreendida pela leitura interpretativa arqueológica devido ao desnudamento, inclusive sem a cumplicidade do sujeito discursivo com o grupo branco, costumeiramente erigida para a defesa do mito da democracia racial.

Nelson Rodrigues (1970) vai além das fronteiras erguidas pelo grupo branco hegemônico, aquele que silencia frente à paisagem conflituosa desencadeada pelo racismo. Pelo menos na enunciação destacada nesta pesquisa, abriu mão da herança, dos privilégios e dos benefícios simbólicos da brancura (BENTO, 2013). Homens, negro e branco – com 15 anos de distância no tempo –, Nelson Rodrigues (1970) e Tim Lopes (1985) promovem as erupções vulcânicas do racismo à brasileira nos entremeios do intradiscurso da atividade jornalística.

Ao estudar a cobertura das notícias sobre a temática racial, Teun van Dijk (1997) observou um fenômeno a que denominou racismo mediatizado. Ele percebeu uma espécie de pacto ou contrato entre os interesses da imprensa – no caso dos jornais – e dos jornalistas, uma vez que “a maioria dos jornalistas do nosso mundo ocidental são brancos, homens e de classe média; pertencem a grupos sociais que estão representados em sua

ideologia e práticas sociopolíticas, as quais se refletem quando elaboram as notícias” (VAN DIJK, 1997, p.52, tradução nossa)⁸⁷.

Da perspectiva da dimensão racial, o debate interno sobre o racismo e as estratégias para o seu enfrentamento, inclusive no interior das empresas jornalísticas, estaria, no mínimo, adormecido em face das realidades e interesses dos grupos envolvidos no *newsmaking*. Na observação teórica sobre o processo do *gatekeeping*, David White (1999, p. 142-143) ressaltou que “a comunicação das notícias é extremamente subjetiva e dependente dos juízos de valor”.

Na dissertação **Racismo em pauta: a pluralidade confrontada no noticiário do jornal Folha de S.Paulo na década de 2000** (ROSA, 2011), verifiquei que a temática racial negra está presente no jornal, o qual vem, desde 1988 (CARDOSO, 1990 e 1992; GUIMARÃES, 2004), destacando-se o ano de 1995 (TURRA; VENTURI, 1995; CONCEIÇÃO, 2004), ano de 2001, (IRACI; SANEMATSU, 2002), e os anos de 2003 e 2008, dedicando atenção ao problema do racismo e, inclusive, redirecionando a sua cobertura e entendimento interno: de “racismo cordial” para “racismo confrontado”. Entretanto, o “calcanhar de Aquiles” da **Folha de S. Paulo** (ROSA, 2011) tem sido a efetivação do princípio da pluralidade, pois a aferição da pluralidade de vozes entrevistadas, classificação das fontes e recorte de gênero das fontes entrevistadas exibem a participação de setores específicos da sociedade e o alijamento de outros também estratégicos e fundamentais para a oxigenação da vida social, a exemplo do movimento negro e movimento de mulheres negras.

Em detrimento de uma linha editorial regida pela pluralidade, a cobertura noticiosa da **Folha de S. Paulo** estudada interdita vozes e esvazia o poder destas nas disputas travadas no espaço público. Provavelmente, tal prática se apresentaria de maneira semelhante quando feita a análise isolada da dimensão de gênero, de temas relacionados ao sexismo e ao seu enfrentamento, e do trabalho jornalístico de homens e mulheres.

⁸⁷ “la mayoría de los periodistas de nuestro mundo occidental son blancos, hombres y de clase media; pertenecen a grupos sociales que están representados en su ideología y prácticas sociopolíticas, lo cual se refleja cuando elaboran las noticias”.

A juvenilização e a feminização teriam alterado essas relações no jornalismo como profissão? Teriam as mulheres brancas conseguido alargar o campo de influência e conseguido emergir outros critérios para a seleção de notícias que não os calcados no patriarcado e no sexismo? A feminização da profissão teria condições de trazer esse rol de mudanças?

Parte dessas questões aparece nas entrevistas dos vídeos “Conversa entre jornalistas”⁸⁸ do curso de Gênero, Raça e Etnia para Jornalistas, organizado pela Fenaj e pela ONU Mulheres – Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres⁸⁹. Cooperação entre as duas instituições, firmada no 34º Congresso Nacional dos Jornalistas, realizado em Porto Alegre (RS), de 18 a 21 de agosto de 2010, teve como resultados curso gratuito para jornalistas e campanha para autodeclaração da identidade de raça e etnia nos sindicatos. A formação aconteceu em oito capitais – Belém (PA), Fortaleza (CE), Maceió (AL), Manaus (AM), Porto Alegre (RS), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP) –, no período de 8 de agosto a 1º de setembro de 2011. Teve carga-horária de 8h/aula, sendo ministrado para grupos de até 50 pessoas, entre jornalistas, profissionais da imprensa e estudantes de jornalismo. Era objetivo preparar jornalistas, profissionais da imprensa e estudantes de jornalismo para a abordagem das temáticas de gênero, raça e etnia no trabalho jornalístico.

Aliando-se ao Ano Internacional dos Povos Afrodescendentes, a Federação Nacional dos Jornalistas promoveu a mobilização “Jornalista de verdade assume a sua identidade”⁹⁰ no esforço de organizar base de dados sobre o contingente negro, branco,

⁸⁸ O material audiovisual está publicado em blog e redes sociais do curso, desde o ano de 2011, e todos os depoimentos foram autorizados, por meio de documentos de uso de imagem, os quais estão armazenados na ONU Mulheres Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/Grejornalistas/videos>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

⁸⁹ Disponível em: <<http://generoracaetniaparajornalistas.wordpress.com/o-que-e/>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

⁹⁰ Na página da Fenaj na internet, constam teses sobre a questão racial apresentadas nos Congressos Nacionais dos Jornalistas e os materiais da mobilização. Disponível em: <<http://www.fenaj.org.br/campanha.php>>. Acesso em: 30 nov. 2013. Entre as peças da campanha, está o filme gravado com funcionários da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), os quais participarão de forma espontânea e com representação dos grupos negro, branco, indígena e amarelo. Disponível em <<http://www.youtube.com/grejornalistas#p/u/22/QOG8bWKEr0Y>>. Acesso em: 22 out. 2011.

indígena e amarelo de jornalistas. As duas atividades foram financiadas pelo programa Gênero, Raça e Etnia e Combate à Pobreza da ONU Mulheres e pelo programa Gênero, Raça e Etnia, com aporte do Fundo para o Desenvolvimento dos Objetivos do Milênio e seis agências das Nações Unidas: ONU Mulheres, UNFPA, Unicef, Unesco, ONU-Habitat, Pnud em parceria com as Secretarias de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) e de Políticas para as Mulheres (SPM), ambas da Presidência da República.

O substrato das entrevistas que fiz⁹¹ com as jornalistas Eliane Cantanhede (colunista da Folha de S. Paulo), Tereza Cruvinel (na época diretora-presidente da Empresa Brasil de Comunicação), Maria Honda (produtora e apresentadora da Rádio CBN), Rossana Hessel (repórter especial de Economia do Correio Braziliense), Jaqueline Sampaio (editora de web do Correio Braziliense), Jorge Freitas (repórter de Economia do Correio Braziliense) e Vicente Nunes (editor de Economia do Correio Braziliense) fornece elementos para verificar as mudanças latentes nas Redações e no mundo dos jornalistas, nos últimos anos, frente aos temas racismo, sexismo, igualdade de raça e gênero e direitos humanos.

Profissional com carreira reconhecida e longa trajetória profissional, a jornalista branca Eliane Cantanhêde (2011) foi uma das entrevistadas do “Conversas com jornalistas”, vinculado ao curso Gênero, Raça e Etnia para Jornalistas. Forneceu importantes elementos para se refletir sobre a presença das mulheres no jornalismo.

Isso é uma coisa muito interessante, porque a mulher entrou massivamente no jornalismo brasileiro. E não apenas como soldadas, mas como generalas, almirantes, brigadeiras. Ou seja, assumindo, cada vez mais, os lugares e as vagas de ponta do jornalismo. Eu me refiro à direção de Redação, como a Eleonora de Lucena, na Folha de S. Paulo, durante muitos anos. Assim como é a Silvia Faria, aqui na direção da sucursal da TV Globo Brasília. É um cargo muito importante. E também nas colunas, né? Você tem aí, eu, lá na Folha de S. Paulo; a Renata Lo

⁹¹ Na época, trabalhei como assessora de Comunicação da ONU Mulheres Brasil e Cone Sul. Em colaboração com Vera Daisy Barcellos (Núcleo dos Jornalistas Afro-Brasileiros do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul), Jeanice Ramos (Núcleo dos Jornalistas Afro-Brasileiros do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul), Valdice Gomes (Comissão Nacional de Jornalistas pela Igualdade Racial da Federação Nacional dos Jornalistas), Ana Carolina Querino (ONU Mulheres), Danielle Valverde (ONU Mulheres) e Andréa Azevedo (ONU Mulheres), elaboramos as perguntas para a aplicação das entrevistas por mim conduzidas na condição de assessora de comunicação da ONU Mulheres Brasil.

Prete; a Bárbara Gancia, a Danuza Leão; a Mônica Bergamo. Todas colunistas. Você tem a Dora Kramer, no Estadão. Você tem a Miriam Leitão, no Globo. Enfim, eu até não quero esquecer alguém, mas somos várias mulheres que estamos, hoje, na linha de frente do jornalismo. Em todas as frentes do jornalismo. Ou seja, no jornal, em revista, na internet, na televisão, no rádio. A presença feminina está muito grande. No último levantamento que eu fiz, que já tem um ano mais ou menos, as mulheres estavam perto dos 50% da Redação. E além de entrar massivamente, entrou também qualitativamente, como eu disse. Mas, curiosamente, isso não se reflete numa discussão maior da questão de gênero no Brasil, né? A minha coluna é uma coluna de política. Eu escrevo muito pouco sobre isso. E eu estenderia essa autocrítica que eu estou fazendo também às minhas colegas. E isso é uma coisa de autoalimentação, retroalimentação. Por quê? Porque você tem a lei das cotas. E nessa guerra das cotas foi muito assim, foi tocada por muito amor e muita paixão pela guerreira Marta Suplicy, né? E foi uma vitória não só da Marta, mas das mulheres brasileiras. Mas isso teve um efeito muito pequeno na prática. Por exemplo, se você olha a Câmara e o Senado, a participação feminina continua patinando ali num percentual de, mais ou menos, 10%. Ou seja, existe um empurrão legal para maior participação da mulher, mas na prática isso não está se traduzindo num maior interesse da própria mulher pela participação política. Como também não tem um maior interesse da mulher jornalista, como eu, na discussão sobre a questão de gênero. É importante a gente registrar, mas eu não tenho uma explicação para isso. (CANTANHEDE, 2011).

Apesar de comedida, pode se reconhecer a parresia (FOUCAULT, 2011) associada à leitura interpretativa arqueológica (PORTO, 2012). Novamente, as coisas a dizer são ditas com tal espontaneidade que o sujeito discursivo não oculta suas inquietudes e seus posicionamentos. Deixa escapar, assim, impressões subjetivas, exprimindo pontos fortes e hesitações da sua própria experiência profissional e identidade de gênero. Reconhece-se como mulher jornalista e faz autocrítica por não abordar questões de gênero na coluna que assina, no jornal Folha de S. Paulo, uma das principais do País. Como questão política – as relações díspares de poder entre mulheres e homens – e com maioria na população, a própria jornalista se espanta com a incapacidade de articular tais relações. Num outro modelo, em que não tivesse conflito ou atribuição de desprestígio ao gênero, seria natural a jornalista incluir a temática no rol de assuntos da vida política nacional.

Chama a atenção o fato de a jornalista elencar os nomes das colegas e as empresas para as quais trabalham na sequência da evocação de substantivos militares. Flexionados

no gênero feminino⁹², demarcam o embate discursivo para ruptura do universal masculino, fazendo uso do efeito metafórico (ORLANDI, 2005) da relação do discurso com a língua, isto é, da estrutura e acontecimento num processo simultâneo de produção de sentido e constituição do sujeito discursivo.

É difícil compreender como desguarnecida a trincheira dos espaços discursivos das jornalistas (soldadas, generalas, almirantes e brigadeiras) nas suas colunas ou nos postos de tomada de decisão. Artigo a sinonímia (ORLANDI, 2005) – as relações entre dizer e não dizer – e a leitura interpretativa de acontecimento (PORTO, 2012), aquela das coisas a dizer, por não ser conclusiva e devido à sua descontinuidade. Ao fazer uso do vocabulário de postos bélicos e flexioná-los ao gênero feminino diz – nas entrelinhas – que as jornalistas estão em combate. A guerra é travada todos os dias no exercício profissional numa estrutura hierarquizada e de poder concentrado no sujeito masculino branco. Desse modo, elas estão prontas para o ataque e organizadas estrategicamente (**Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo, TV Globo**, para citar as empresas listadas pela jornalista).

Na arte da guerra na Redação, elas estão alargando as fronteiras sobre o “território inimigo” (jornalista branco)? Estariam fixando suas bandeiras em posições de prestígio, embora nesse terreno os resultados sejam mais restritos do que um sistema equitativo poderia produzir? Fariam uso da autoridade conquistada, mantendo a hierarquia e a alma guerreira para lutar contra o sexismo no jornalismo? Como representantes do gênero feminino, possivelmente tenha sido uma estratégia combativa não afirmar a identidade no *front* por meio das enunciações. Como sujeitas do gênero feminino, poderia a própria

⁹² Em 3 de abril de 2012, a presidenta da República, Dilma Rousseff, sancionou a Lei nº 12.605, de iniciativa do Congresso Nacional, que tornou obrigatória a flexão de gênero para nomear profissão ou grau de diploma. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112605.htm>. Acesso em: 5 abr. 2014. Registro, aqui, o amplo debate público, especialmente na imprensa, sobre a adoção da palavra presidenta por Dilma Rousseff, quando dos primeiros dias do mandato, em 2010. A maior parte das enunciações questionava a relevância do termo frente aos temas nacionais. Não se tratava apenas de resistência aos atos da chefe da Nação, mas revide direto ao posicionamento dela por quebrar a hegemonia da universalidade masculina nos discursos político, social e jornalístico. Em relevo o discurso polêmico, Rousseff tratou de reiterar sua posição, inclusive, no portal da Presidência da República. Em área destinada à biografia dela, consta em destaque: “Uso da Palavra Presidenta”. Disponível em: <<http://novportal.planalto.gov.br/presidencia/presidenta/uso-da-palavra-presidenta/uso-da-palavra-presidenta>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

representação bastar, reservando o ataque discursivo para momentos de afirmação do trabalho em condição de igualdade para o exercício do jornalismo.

Outra interpretação – a que seria mais plausível frente ao referencial teórico-conceitual explorado nessa pesquisa – é a negação, ou pelo menos opacidade, do discurso feminista – aquele que está vinculado aos movimentos emancipatórios das mulheres. Possivelmente, seria uma estratégia de proteção e distância para evitar marcas ideológicas que pudessem lhes identificar e, talvez, provocar enfrentamentos mais incisivos pela identidade de gênero assumida. Numa interpretação mais radical, corresponderia ao androcentrismo, em que as experiências masculinas são alçadas à relevância e hierarquização como as demais maneiras de ser.

Ademais, na lista das jornalistas mais influentes, enunciada por Eliane Cantanhêde, é notório que todas elas são do grupo racial branco. Como demonstram as pesquisas incorporadas neste estudo (MICK; LIMA, 2013a e 2013b), a transferência dos postos de trabalho e espaços de comando ainda tímida, se dá no mesmo grupo racial. Do homem branco, o jornalismo como espaço de trabalho passa para a mulher branca, seguindo o modelo de alternância característico do sistema racista – e percebido em outras profissões brasileiras – em que há reserva de mercado de trabalho para brancos e brancas por uma série de fatores de ordem racializada, em detrimento de negras e negros.

Considerando Avtar Brah (2006), pode-se chegar a outros pontos de tensões entre racismo e sexismo:

Discussões sobre o feminismo e o racismo muitas vezes se centram na opressão das mulheres negras e não exploram como o gênero tanto das mulheres negras como das mulheres brancas é construído através da classe e do racismo. Isso significa uma “posição privilegiada” das mulheres brancas em discursos racializados (mesmo quando elas compartilham uma posição de classe com as mulheres negras) deixa de ser adequadamente teorizada, e os processos de dominação permanecem invisíveis (BRAH, 2006, p.351).

Embora vivenciem a opressão patriarcal/sexista pelo homem branco, as mulheres brancas estão guarnecidas pela égide do poder branco (CARNEIRO, 2005), o que lhes propicia obter vantagens do racismo (BAIROS, 1995 e 2008; CRENSHAW, 2002; DAVIS, 2005) e manter as estruturas sociais sem as mudanças radicais de inclusão racial

e de gênero. Dito de outro modo, o racismo é implacável, pois persiste mesmo diante da perversidade do patriarcado e do sexismo. São as experiências de vida e trajetórias de negros e negras e de brancos e brancas distanciadas pelo sistema racista de modo mais determinante que as práticas patriarcais e sexistas.

PARTE III ANÁLISE FORMAL OU DISCURSIVA

Fêmea-Fênix

(Conceição Evaristo para Léa Garcia)

*Navego-me eu mulher e não temo,
sei da falsa maciez das águas
e quando receio
me busca, não tenho o medo,
sei que posso me deslizar
nas pedras e me sair ilesa,
com o corpo marcado pelo olor
da lama.*

*Abraso-me eu-mulher e não temo,
sei do inebriante calor da queima
e quando o temor
me visita, não temo o receio,
sei que posso me lançar ao fogo
e da fogueira me sair inunda,
com o corpo ameigado pelo odor
da chama.*

*Deserto-me eu-mulher e não temo
sei do cativante vazio da miragem,
e quando o pavor
em mim aloja, não temo o medo,
sei que posso me fundir ao só,
e em solo ressurgir inteira
com o corpo banhado pelo suor
da faina.*

*Vivifico-me eu-mulher e teimo,
na vital carícia de meu cio,
na cálida coragem de meu corpo,
no infindo laço da vida,
que jaz em mim
e renasce flor fecunda.
Vivifico-me eu-mulher.
Fêmea. Fênix. Eu fecundo.*

CAPÍTULO 6 JORNALISTAS NEGRAS

A análise formal ou discursiva, segundo o enfoque da hermenêutica de profundidade, é definida por Thompson (1995, p. 34) pela complexidade dos significados inerente às formas simbólicas, haja vista que, “em virtude de suas características estruturais, têm a possibilidade e afirmam representar algo, significar algo, dizer algo sobre algo”, o que “exige uma fase analítica que se interesse principalmente pela organização interna das formas simbólicas, com suas características estruturais, seus padrões e relações”.

Somando-se ao movimento discursivo empreendido por cada uma das pessoas entrevistadas, faz-se, deste ponto em diante, nova circularidade discursiva na tentativa de reorganização das formas simbólicas, desta vez alinhavadas pela sujeita-intérprete, implicando uma espécie de *patchwork*⁹³ sobre o jornalismo como profissão no Brasil nas perspectivas de raça e gênero.

Do Capítulo 6 ao Capítulo 9, as 21 entrevistas com jornalistas passam a ser agrupadas deste ponto em diante pela pertença intrarracial e intragênero, com a finalidade de verificação das experiências comuns ou não de profissionais com vistas à sistematização de elementos marcadores de enunciações discursivas acerca das percepções ou não relacionadas à raça e a gênero de cada sujeita e sujeito discursivo.

A primeira imersão se dará pelo resgate das principais formas simbólicas de jornalistas negras (Capítulo 6), seguida por jornalistas brancas (Capítulo 7), jornalistas negros (Capítulo 8) e jornalistas brancos (Capítulo 9), nas quais se aglutina o material empírico principal, extraído da pesquisa de campo.

O corpo está organizado pelos eixos da entrevista: i) dados de identificação, organizados na seção 2.2 do Capítulo 2. Nos Capítulos 6 a 9, os eixos estão concentrados em formas simbólicas; ii) trajetória profissional, iii) relações de gênero no jornalismo

⁹³ No Dicionário Online de Português, a palavra é definida da seguinte forma: s.m. Coberta feita com retalhos de tecido de cores e padronagens diferentes, cosidos uns aos outros. Tecido cuja padronagem imita uma tal reunião de retalhos. [Figurado] Qualquer conjunto formado de elementos heterogêneos ou disparatados. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/patchwork>>. Acesso em 10 jul. 2016.

como profissão; iv) relações raciais no jornalismo como profissão; e v) futuro do jornalismo como profissão.

Tais tópicos foram detalhados no reagrupamento de perguntas constantes do roteiro de entrevista pelos seguintes marcadores de indagações: i) escolha do jornalismo como profissão; ii) definição do trabalho como jornalista; iii) entendimento sobre sexismo; iv) entendimento sobre racismo; v) reconhecimento de práticas sexistas e racistas no jornalismo como profissão; vi) relações de gênero pelo viés de propensão de efeitos na carreira de mulheres jornalistas; vii) relações de gênero pela perspectiva de propensão de efeitos na carreira de homens jornalistas; viii) igualdade de salário e condições de trabalho entre mulheres e homens jornalistas; ix) caracterização de igualdade ou desigualdade de gênero nas empresas e ações a serem realizadas pelas empresas jornalísticas; x) práticas racistas e discriminatórias nas Redações; xi) relações raciais concernentes a vivências comuns a jornalistas brancas e brancos; xii) relações raciais com foco em situações comuns a jornalistas negras e negros; xiii) caracterização de igualdade ou desigualdade racial nas empresas jornalísticas e ações a serem implementadas; xiv) revisão da trajetória profissional; e xv) futuro do jornalismo como profissão.

Nestes itens está aqui incorporada a síntese do conteúdo selecionado para as principais formas simbólicas: i) escolha do jornalismo como profissão; ii) definição sobre o trabalho como jornalista; iii) definição sobre sexismo; iv) definição sobre racismo; v) práticas racistas e sexistas nas Redações; vi) percepção sobre igualdade ou desigualdade somando-se às ações a serem empreendidas pelas empresas jornalísticas; vii) trajetória profissional; e viii) futuro do jornalismo como profissão.

Das enunciações de jornalistas sobre raça, gênero e jornalismo como profissão, grifei os trechos que considere mais importantes com relação ao tema desta pesquisa. As enunciações estão dispostas no formato itálico no momento da inserção de conteúdos relacionados nas entrevistas, distinguindo a minha Redação (sujeita-intérprete) das formas simbólicas das e dos entrevistados.

Do seu formato literal, as enunciações, ao serem incorporadas nas seções abaixo, passam a ser formas simbólicas em atenção à hermenêutica em profundidade e a assumir

o seu caráter discursivo em face do trabalho desta sujeita-intérprete na organização do corpus da pesquisa. Desta feita, tornam-se discursividades intrarraciais e intragênero numa articulação discursiva entre sujeitas e sujeitos discursivos, ganhando novo formato pelo diálogo estabelecido entre elas e eles, conforme o formato proposto por esta sujeita-intérprete por meio de similaridades de visões das sujeitas discursivas, pontos discordantes e/ou singulares.

Neste capítulo, as sujeitas discursivas destacadas são cinco jornalistas negras: Cleidiana Ramos (ex-jornal A Tarde), Flávia Oliveira (Globo, GloboNews e Canal Viva), Juliana Nunes (Radioagência da Empresa Brasil de Comunicação), Joyce Ribeiro (SBT) e Luciana Barreto (TV Brasil). Todas autodeclararam-se negras e vivenciaram situações semelhantes de afirmação identitária no desempenho de suas atividades profissionais num intercruzamento entre identidade racial, de gênero e profissional, assim como vivências de racismo e sexismo no exercício do jornalismo como profissão.

Quatro das jornalistas negras expuseram vivências de racismo desde a infância. Quando menina, a jornalista Juliana Nunes localiza no ambiente educacional, vivido em Brasília, o epicentro da opressão racial: *Eu sofri muito racismo na escola. Fui chamada de macaca todos os dias. E os meus pais não fizeram absolutamente nada. Eles diziam: 'Não, finja que você não está ouvindo'.*

Situação semelhante também é descrita por Flávia Oliveira, no Rio de Janeiro: *Na minha infância e na juventude, eu sofri muito com manifestações de racismo, claro, porque você briga na escola e é chamada de macaca.* É da infância que Cleidiana Ramos também expõe as suas primeiras memórias sobre o racismo, salientando um deles dirigido ao seu pai, em Cachoeira, na Bahia: *Eu lembro que ouvia as outras crianças repetirem que meu pai não podia ser prefeito, porque era preto.* Outra memória é direcionada a ela mesma referente ao racismo no ideário do embranquecimento: *como eu tinha a pele mais clara etc.,, as pessoas viviam me dizendo que eu não era negra. Que meu pai era, mas eu não.*

As lembranças remotas sobre racismo também estão marcadas nas vivências familiares de Flávia Oliveira: *A minha mãe vinha de uma família de negros, mas extremamente racista. Era uma construção daquela época. Ela repetia uma frase da*

minha avó: ‘Na minha casa não entra ninguém mais preto do que os meus filhos’. Então, era um ideal de embranquecimento explícito. A ideologia do branqueamento do racismo à brasileira (GONZALEZ, 1982) manifestava-se pela consagração da mestiçagem ainda, referenciada por enunciações da avó de Flávia: *Elogiava a minha mãe, dizendo que ela tinha barriga limpa, porque gerou uma filha mais clara.* Os efeitos do racismo sobre o corpo e a estética das mulheres negras foram localizados na infância por Juliana Nunes, por meio da declaração de tratamento capilar: *Alisava o meu cabelo desde os nove anos.* E também por Flávia Oliveira: *Minha mãe fazia toda sorte dos meus cabelos: ou era muito preso, ou era alisado, ou era henê, ou era pasta, ou era ferro quente. Então, assim tudo, todo esse laboratório desde pequena eu sempre vivi essas experiências, entendeu?*

Essas vivências registradas por Juliana Nunes e Flávia Oliveira são comuns às mulheres negras da diáspora negra, a exemplo das situações descritas por hooks (2014, p. 2), em **Alisando nosso cabelo**, devido ao significado político da supremacia racial branca pela “imitação da aparência do grupo branco dominante” o que “indica um racismo interiorizado” pelas pessoas negras. Acerca da realidade do racismo e do sexismo no Brasil, Suzete Paiva, uma das mulheres negras entrevistadas por Rosália Lemos (1997) na dissertação **Feminismo negro em construção: a organização do movimento de mulheres negras do Rio de Janeiro**, revela situações traumáticas com produtos químicos e técnicas de embelezamento agressivos ao recorrer às memórias de Malcolm X e de Suzete Paiva.

As estratégias de sobrevivência numa sociedade racista, as quais podem ser internalizadas com alto grau de devastação sobre a identidade racial, são descritas por Flávia Oliveira:

– *Em certa medida respirava aliviada por não ser tão preta quanto os outros pretos, porque isso faz diferença, mesmo essa gradação de cor. Não vou te esconder que o fato de eu ser mulata, ou mestiça, ter os traços mais suavizados, para usar uma expressão dos brancos, que isso não tenha me aberto portas, né?*

Essas declarações são demonstrativas do caráter corrosivo do racismo na identidade racial e nos sofrimentos decorrentes dele com impacto devastador no *ethos* mulher negra.

A interseccionalidade de raça, gênero e condição social (CRENSHAW, 2002) está enunciada por Flávia Oliveira e Luciana Barreto, cujas origens pobres lhes puseram no centro de intensas dificuldades da escolha profissional à conclusão dos cursos universitários. Luciana Barreto expõe a sua árdua trajetória em busca do sonho de ser jornalista:

– Eu venho de uma família muito pobre, da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Eu não tinha dinheiro nem para pagar passagem na época. Eu ia de carona para a faculdade. Meu pai é motorista de ônibus. Então, tinha os amigos que me davam carona de ônibus. (...) Tinha vezes que eu escolhia dois, três [dias] para ir, porque eu tinha que faltar. E eu não tinha dinheiro para ir a semana inteira, para pagar passagem a semana inteira. E isso dois, três dias, porque eu fazia faxina, eu vendia bijuteria, Avon, “n” coisas, entendeu?

Uma das reflexões críticas acerca da interseccionalidade de raça, gênero e condição social – assim como a tripla discriminação – a que as mulheres negras estão expostas pelo fato de serem mulheres negras é sintetizada por Flávia Oliveira, para quem a escolha profissional pelo jornalismo decorreu do alargamento de sua sociabilidade – do bairro suburbano de Irajá, no Rio de Janeiro, para o centro da cidade – pela via da educação.

– A minha mãe sempre quis muito estudar. Ela tinha essa mágoa de não ter podido estudar. Ela era de uma família de 13 filhos, da Bahia, do Recôncavo Baiano. Uma família pobre e tal. E ela não teve essa chance. Ela me pressionava muito. Tem uma coisa de estrutura familiar e demográfica que eu acho que também pesou, que foi o fato de eu ser filha única. Como ela não teve outros filhos, mesmo depois que o meu pai foi embora...ela me sustentava, o salário era baixo, mas era para duas, né? E duas mulheres. Então, isso me permitiu gastar tempo estudando sem precisar entrar no mercado de trabalho tão cedo, o que provavelmente aconteceria fosse eu uma filha mais velha de uma família com muitos irmãos.

O apego à educação como uma das estratégias de enfrentamento ao racismo tem sido apregoado pela população negra desde o período da escravização, sendo enfatizado no pós-abolição, como registrado em jornais da imprensa negra, entre eles **O Homem de Cor**, de Paula Brito, que inaugurou a produção da imprensa negra, em 1833 (PINTO, 2006), até a intensificação de títulos no início do século XX e movimentos políticos como a Frente Negra Brasileira (GONZALEZ, 1982) e, mais recentemente, as políticas e ação afirmativa, entre elas as cotas raciais nas universidades – todas iniciativas do ativismo negro contra o racismo.

Três das cinco jornalistas negras entrevistadas por esta pesquisa – Cleidiana Ramos, Flávia Oliveira e Luciana Barreto – disseram ter sido as primeiras de suas famílias a obterem o grau universitário. E, para todas as entrevistadas, os laços entre identidade racial e identidade profissional são estreitos e inter-relacionam-se no entendimento de cada uma sobre a sua própria subjetividade. Para Joyce Ribeiro, o interesse pela profissão despontou cedo: *Eu escolhi ser jornalista quando era bem mais nova, estava no primário, eu tinha muita facilidade com a escrita e com a leitura.* Gosto semelhante também foi atribuído por Cleidiana Ramos: *Eu sempre gostei muito de escrever. Como não dava para fazer outras coisas, tipo teatro, eu achei que jornalismo eu podia me aproximar dessa coisa de escrever.* A afinidade pessoal com o campo jornalístico mostrou-se, na adolescência, para Flávia Oliveira: *Eu realmente escrevia bem, eu realmente lia jornal, eu realmente consumia informação, eu realmente assistia a esses programas. E eu tinha mais. Eu tinha um 3 em 1. Eu gravava umas fitas de programas de debate com meus amigos. Eu ouvia muito rádio,* rememora. Ao lado da revisitação da escolha do jornalismo como profissão, a jornalista menciona duas interpelações de cunho racista, evidenciadas abaixo:

– *E a partir dali cristalicei a ideia de ... é, quero fazer jornalismo. Mas foi engraçado... tem o episódio do Moisés. Era um vizinho, lá de Irajá, dos poucos que tinha curso superior. Ele era professor de matemática. E ele me chamou num ato que eu acho que, na mente dele, num ato de generosidade, de alguma medida me poupar no futuro de fazer uma carreira, de me frustrar numa carreira que era embranquecida e de classe média, né? A conversa foi nessa direção: o jornalismo é uma profissão de moças ricas*

e bonitas. E você devia fazer ciências contábeis ou administração para arranjar um emprego como secretária”. Aí, eu teria uma boa vida dentro do que, enfim ... dentro do que o Brasil reserva para a sua população preta, parda, de periferia, do Nordeste, do interior ... enfim ... É, teve outro episódio também”.

As enunciações acima revelam elementos importantes no que se refere aos lugares possíveis e comuns das mulheres negras numa sociedade com desigualdades estruturadas pelo racismo, pelo sexismo e pela pobreza, cujo imaginário social desencadeia ações, as quais podem desviar trajetórias em momentos decisivos, a exemplo da escolha profissional. No dizer de Sueli Carneiro (2005), é mais um caso exemplar do dispositivo do racialidade/biopoder. São relevadoras, nesse sentido, as enunciações de Flávia em decorrência das vivências comuns das mulheres negras quanto à estética e às afetividades, as quais são incorporadas aqui com a finalidade de comporem o quadro necessário para dimensionar o *ethos* da mulher jornalista traçado pelo vizinho Moisés associado às mulheres brancas e os seus efeitos, ainda que entremeados, na jornalista negra que, anos mais tarde, Flávia Oliveira se tornaria. Efeitos numa jovem que ainda estava em processo de reelaboração da sua identidade como mulher negra.

– A beleza da mulher negra não estava posta na minha vida. Eu lembro de um orgulho com a Deise Nunes, miss Brasil 1986. Algumas pessoas falavam que eu parecia muito com miss Brasil. Mas, em 86, eu já estava com 17 anos, cara, entendeu?. Você levar 17 anos para pensar que você pode ser uma mulher bonita, é tempo, né? É tempo. (...) No ensino médio, os garotos não me davam tanta bola. Para trocar uns beijos, colocar a mão no peito, tudo bem? Mas eu era mais amiga que namorada, né? Tirando só o namorado que eu arranjei, branco, de origem portuguesa, na adolescência, com quem me casei e é o pai da minha filha. Agora, os garotos de classe média, com os quais eu convivia, não se interessavam por mim no sentido afetivo.

Os conflitos identitários de raça e gênero são relatados por Flávia como ocorridos no início da vida adulta. Sobre a identidade racial, ela cita o papel do professor Júlio Tavares, da Universidade Federal Fluminense (UFF), como um provocador da pertença racial do alunado.

– No final da adolescência ou no início da vida adulta, eu senti o peso da sexualização. Então, aí comecei a andar com muita roupa larga, não me maquiava com batom para não chamar atenção para a boca, porque era muita boca. Em alguma medida, na faculdade, tive um professor negro, o Júlio César Tavares, que falava muito abertamente sobre a questão racial. Num primeiro momento, foi muito chocante para mim. O cara falava: “Nós, negros. Você, negra”. Criar esse clima de identidade racial. E fui aprendendo a desconstruir certos mitos, essas crenças de baixa autoestima e tal a que a gente é submetida.

No âmbito da examinação de ofertas profissionais, outro episódio relatado por Flávia Oliveira alinha-se a esse universo de pressão a que as mulheres negras estão submetidas no imaginário coletivo de não exercer profissões de classe média ou de elevado prestígio e remuneração.

– (...) minha mãe tinha uma amiga que vivia muito preocupada com o meu futuro e queria sempre ... sempre me mandava dicas de emprego ... Lembro de uma sobre um concurso para ser bilheteira do metrô que era nível médio, porém com estabilidade. Naquele tempo, o metrô era empresa pública, estatal. Era estadual. Então, eu poderia ser bilheteira do metrô para sempre. E me aposentar como bilheteira. Era uma ambição para o funcionalismo público negro. Já foi porta de entrada, assim como a carreira militar, de negros um pouco mais qualificados. E minha mãe dizia: ‘Você devia fazer essa prova que a Luiza falou’. E eu dizia: Mas eu não quero ser bilheteira do metrô”. Eu achava aquilo ofensivo. Mas entende que era a rede de relacionamento disponível naquela época de pessoas que tinham até uma certa bondade no coração? Eles não tinham nem ... acho que não tinham uma sofisticação de elaborar que aquilo era absolutamente preconceituoso, segregador. E limitador da mobilidade social.

Questionada por esta sujeita-intérprete sobre o seu sentimento acerca desses dois episódios relacionados a sua vida profissional, Flávia revela a emoção circunscrita a sujeitas e sujeitos negros, porém ainda pouco compreendida como efeito do racismo nas subjetividades negras (HOOKS, 2013b).

– Triste, triste, triste. Eu me sentia muito entristecida. Não raro, assim, ofendida. Mas esse discurso da percepção: “isso é porque sou preta”. Isso nunca uma

era verbalizado. Nem com minha mãe. Minha mãe não tratava desses assuntos, entendeu?

Experiência muitas vezes solitária, como o relato de Flávia Oliveira, as respostas ao racismo tornam-se incompletas pelo silenciamento, pelo ocultamento, pela negação das práticas e atos racistas e, não raro, por justificativas que reforçam o mito da democracia racial. Na maioria das vezes, a pessoa atingida pelo racismo não está dotada das ferramentas para dar significado à experiência e sequer o entendimento político acerca do racismo, compreendo-o como uma questão individual, restrita à esfera dos segredos, dos medos e das emotividades negativas que tolhe a pertença racial, a autoestima racial e a consciência sobre a própria negritude. Ao ser inquerida sobre a motivação da escolha pelo jornalismo, Flávia Oliveira faz reflexões sobre o panorama racial na configuração do jornalismo como profissão e, 25 anos após o ingresso nessa atividade profissional, resume: *Somos peças raras*. Na recuperação de suas enunciações na interrelação sobre sociedade brasileira e jornalismo como profissão:

– Mas a sociedade brasileira, sobretudo o poder na sociedade brasileira, ele ainda é concentrado nas mãos dos brancos, sobretudo os homens brancos. E, mais, os homens brancos de meia idade. Então, assim, isso é uma barreira muito grande na criação de oportunidades. Entende? Em alguma medida, a gente consegue avançar na dimensão da autoestima, que tem que ver com identidade, que tem que ver com se assumir, com repudiar preconceito, esse tipo de coisa. A gente conseguiu avançar em alguma medida na inclusão na educação, seja via Enem, Sisu, ProUni e Fies. Quer dizer, de tentar formar, de tentar forjar, no sentido ogunesco⁹⁴ do termo, uma classe média negra mais qualificada, cabeças pensantes, produção acadêmica – aí está você que não me deixa mentir em relação a isso – agora, o mercado de trabalho e a composição dos postos de poder na sociedade brasileira ainda são extremamente desiguais. Não tem ministro, não tem secretário, não tem governador, não tem prefeito e por aí vai ... não tem cargo executivo tanto no caso de gênero quanto na questão da raça. E aí, quando você junta gênero e raça, tem a situação mais dramática, que é a situação das

⁹⁴ O neologismo faz referência ao orixá Ogum, divindade ioruba, do fogo, do ferro e das guerras. É sincretizado com a figura católica de São Jorge.

*mulheres negras. O fato de eu ser uma mulher negra, com origem na periferia, filha de mãe largada do marido ... todo esse padrão que a gente meio que reúne e se irmana, né? e ter tido uma carreira profissional ascendente e ter tido um pouco de visibilidade midiática etc. e etc., não anula, em nenhum momento, o fato de eu ser uma exceção ainda depois de 25 anos de carreira. Quer dizer, não ... olho para o lado e vejo outras jornalistas negras em Economia. Minhas fontes em Economia continuam sendo os homens brancos. Minhas fontes em Política continuam sendo os homens brancos. Pode ter rejuvenescido um pouquinho. Talvez, hoje, você tenha mais políticos na faixa de 40 anos. Mas você ainda vê uma marca profunda tanto na Política quanto na Economia, essa hegemonia história, né? Na figura do **homem branco nos postos que são determinantes para a distribuição de poder e de riqueza. Então, ainda falta muito.***

[pesquisa] *Com esses dez negros, você vai praticamente cobrir o que há de negros nas Redações, porque somos peças raras.*

Ainda sobre a escolha do jornalismo como profissão, Luciana Barreto reconhece o caráter político dessa atividade profissional. Em sua infância e juventude, ela participou de projetos sociais, vinculados às comunidades eclesiais de base da Igreja Católica e ao Educafro – organização não-governamental com atuação na área educacional.

– O jornalismo, para mim, era um meio de denúncia das desigualdades. Era um poder. Um poder que eu já perdia desde a infância. E eu queria jornalismo impresso. Eu fiquei a minha vida inteira querendo fazer faculdade para fazer jornalismo impresso. O meu sonho era trabalhar no antigo Jornal do Brasil, que ficava na Avenida Brasil.

O sonho acalentado por Luciana Barreto se contrapunha à realidade brutal da violência racial e das desigualdades sociais, além dos estigmas de quem vivia na Baixada Fluminense.

– O jornalismo para mim era ... nesse contexto todo de alguém que morava na Baixada Fluminense, que passava por vários corpos de defunto o tempo inteiro, que via a violência, que convivia com o racismo, que convivia com a desigualdade tão latente no bairro, que morava num bairro sem saneamento básico, que desde sempre não sabia o que era asfalto... então. .. que nunca tinha tido alguém da região sequer entrando na faculdade, quanto mais no meu bairro. Na região inteira, eu fui a primeira. Então, o

jornalismo para mim era essa inquietação. Era essas inquietações. O pior de tudo é que eu vou te dizer (risos) eu acredito que o jornalismo pode fazer isso: pode denunciar, melhorar o mundo, melhorar o País. Eu ainda acredito.

Para Juliana Nunes, a escolha do jornalismo como profissão ocorreu pelos estímulos afetivos à sua volta, embora houvesse certa pressão para que desenvolvesse carreira na área da saúde - a Medicina pelo pai médico – ou a Fonoaudiologia:

– (...) eu acabei escolhendo jornalismo porque eu achei que seria uma oportunidade de contar histórias. Tem uma tia minha que me ensinou a escrever **Redação**. E ela brinca que pedia para eu escrever para largar do pé dela. Ela morava com a gente. É irmã do meu pai. Ela é negra. E ela falava: “Ah, vá escrever sobre carnaval”. E ela dizia que era meia hora em que eu ficava sem perturbar ela. E eu fui gostando. Aí, foi. Foi isso, escolhi a profissão muito por essas experiências. Na minha casa, o pai sempre tinha muito jornal. E era um momento, inclusive, de conexão com ele, porque ele trabalhava muito. Ele é médico e trabalhava muito. Ele chegava em casa e não brincava com a gente. Não era muito de ficar de graça, não. **Ele ia ler jornal. Então era o momento de eu estar com ele.**

Sobre a autodefinição do trabalho como jornalista, quatro delas (Cleidiana Ramos, Flávia Oliveira, Juliana Nunes e Luciana Barreto) relacionam de forma intrínseca a identidade racial com a identidade profissional. A exceção é Joyce Ribeiro que, nesta questão, se atém à identidade profissional:

– Eu sou, antes de tudo, uma repórter que faz televisão e, atualmente, é apresentadora. Mas por definição eu me considero repórter. **Independentemente do que aconteça, eu sou repórter. Hoje, eu sou apresentadora. Amanhã, eu posso não ser.**

Cleidiana Ramos vincula o exercício do jornalismo como profissão à sua identidade racial negra. A relação entre uma questão e outra é feita pelo contato com as discussões políticas na cidade de Salvador, no contato com as fontes e no envolvimento com a elaboração de projetos especiais do jornal **A Tarde**, onde trabalhou por 17 anos. Dentre os projetos, ressaltam-se: cadernos especiais sobre a consciência negra, em novembro, por decorrência do Dia da Consciência Negra, e a cobertura de temas ligados às religiões de matriz africana.

– *Foi um trabalho que foi me educando, para que depois eu fosse para essa área educativa. Vamos falar da área em que eu acabei me especializando, que é a área étnicorracial. Eu me descobri negra, fazendo reportagem. Eu não tinha essa consciência étnica. Ela era meio adormecida. Eu sou do interior da Bahia. Essa questão no interior da Bahia é muito, ainda, adormecida. A gente ainda não tem grupo de militância em nenhum sentido. Embora, na minha casa, a gente tivesse essa educação. Meus pais são negros. Mas meu pai era, digamos assim, visivelmente negro. (...) E aqui que eu vim tomando mais consciência da questão do racismo, coisa que a gente não tinha lá de uma forma muito mais forte na minha infância e adolescência. **Aí, no jornal, na medida em que eu ia fazendo matérias nessa linha, é que eu fui me conscientizando mais um pouco. E acabei trazendo essa experiência para dentro do próprio jornal.***

A imbricação entre identidade racial e identidade profissional também está presente na trajetória de Luciana Barreto. Na perspectiva negativa, a preferência pelo jornalismo impresso era uma defesa à exposição na televisão e, quiçá, defesa pelas oportunidades escassas que se apresentariam por ser uma mulher negra. Paradoxalmente, as ofertas de estágio concentraram-se no jornalismo televisivo, direcionando a sua carreira para essa área, assim como o confronto com conflitos internos decorrentes do racismo.

– *Eu posso te dizer que eu venho num crescente. E não é um crescente profissional assim, um crescente de status, de visibilidade. Eu nem sei se é isso. Pode ser que isso também esteja. Mas o crescente que eu digo é o crescente interno. De alguém que está encontrando uma linguagem, está encontrando uma força. Está encontrando um caminho que ainda não conhecia. Então, quando eu entro em televisão, eu entro muito ligada à questão social e às desigualdades. Mas eu mesma tinha uma inquietação. Uma inquietação racial que eu mesma não conseguia trabalhar. E eu te digo isso porque... porque eu tinha uma recusa em aparecer no vídeo uma vida inteira. Por isso, eu entendi, depois de muitos anos, por que eu queria trabalhar no jornal impresso. Porque eu não tinha, eu não conseguia me ver na televisão. Eu não conseguia ver a minha imagem. Eu não tinha referência. A referência que a gente tanto fala. A*

*representatividade que a gente tanto fala. Então, assim, era um momento difícil há 15 anos. A gente tinha pouquíssima representatividade. A gente tinha os ícones do jornalismo. Mas tinha pouquíssima representatividade. Então, eu mesma não me via e percebi que eu mesma sofria, padecia. **Padecia do que o Brasil já padece, que é essa ideologia da branquitude. Essa ideologia do belo ligado ao branco, do competente ligado ao branco, que a gente tanto fala.** Então, durante a minha trajetória, eu fui percebendo isso. Mas tive uma recusa muito grande.*

As barreiras internas erguidas pelo racismo foram sendo quebradas por Luciana em face dos desafios impostos a ela pelo fazer jornalístico. Para se manter na área, ela foi ressignificando a si mesma, mas a elaboração sobre tais questões dispendeu anos a fio e em ambiente externo à profissão.

*– **Aí, começou a minha trajetória, porque eu fiquei muito assustada pensando que eu ... que eu não tinha beleza para aquilo, que eu não tinha competência para aquilo.** A representatividade me faltava muito. Então, porque que eu falo que estou num crescente? Porque esse foi um caminho que fui tratando. **Aí, eu fui percebendo os problemas. E que os meus problemas são do Brasil, eram problemas das crianças do Brasil. Aí, eu fui estudando, estudando. Eu estou sempre lendo, fazendo cursos, minicursos sobre isso ou cursos maiores. Eu estudei Filosofia Africana, por exemplo, na UFRJ. Então, eu vou fazendo cursos que me levaram para esse caminho.** (...) Então, eu acho que foi uma trajetória em conjunto. O público me impulsionava, para isso, conforme eu ia questionando e que eu precisava falar isso. **Que isso era o sonho lá da infância, lá de trás. Que o sonho não era só a desigualdade social. Que lá atrás, quando eu decidi fazer jornalismo, a minha inquietação tinha que ver com tudo isso. Também com a questão racial no Brasil, com a opressão ao negro no Brasil e também com as questões tão urgentes, tão latentes do negro no Brasil, entendeu?***

Uma das perguntas que acrescentei à entrevista com Luciana foi sobre o fato de ela ter sido a “cara” da TV Brasil, inaugurada em 2007⁹⁵, como apresentadora no

⁹⁵ A TV Brasil é um dos veículos que compõem a EBC – Empresa Brasil de Comunicação, criada em 2007 pela Medida Provisória nº 398, de 2007, e convertida na Lei nº 11.652, de 7 de abril de 2008, que institui os princípios e objetivos dos serviços de radiodifusão pública explorados pelo Poder Executivo ou

telejornal Repórter Brasil. Um símbolo novo para a comunicação pública que se apresentava por meio de uma jornalista negra. Na revisão dessa vivência, ela enuncia mudanças na identidade racial com incidência no seu próprio *ethos* como jornalista negra.

– Até no início da TV Brasil, eu te digo que eu não tinha essa noção total da importância desse projeto e da importância da minha presença ali. Até porque a TV Brasil, e eu peguei o início desse projeto que era um sonho e é um sonho a construção da tevê pública no Brasil, como sonho a gente não visualiza tudo, né? Então, tinha muita coisa que eu não conseguia visualizar, entendeu? E eu estava no meio do meu processo, no meio do meu processo de construção de toda essa inquietação. Por exemplo, no início da TV Brasil, eu não era uma pessoa tão atrevida como eu sou hoje. Alguém que não se cala mais. Eu sou muito atrevida, hoje, eu acho. Eu respondo. Eu sempre tive esse atrevimento em mim, mas eu era mais comedida em falar algumas coisas. E hoje não. Hoje, eu dou a cara mesmo. Boto a cara a tapa mesmo. Recebo dezenas de mensagens desde racistas, né, por exemplo, que não querem esse tipo de pessoa. E, se essa Luciana de dez anos atrás recebesse uma mensagem dessas, talvez ficaria pensando ... ficaria mais sensível. A Luciana de hoje não. A Luciana de hoje vai partir para briga, entendeu? Então, eu digo que foi uma construção. Eu ainda estou em construção. Tem que colocar aquele ícone (comum na internet, especialmente sites) em construção. Então, foi essa, esse início da TV Brasil foi tudo mesclado, entendeu?

Na trajetória de Flávia Oliveira, o tempo revela-se como uma dimensão importante e significativa na inter-relação estabelecida entre identidade racial e identidade profissional, alterando, inclusive, as condições sobre o exercício da profissão no que se refere à produção de conteúdos sobre assuntos relacionados à negritude.

– Nos primeiros 15 anos da minha carreira, acho que foram mais caretas, mais ortodoxos. Fiz muita matéria de índice de inflação, PIB, falência, mercado financeiro e tal. A partir dos anos 2000, meados ali, é que comecei a ser interina da Miriam Leitão, editar cadernos especiais sobre desenvolvimento humano, questão racial, exclusão

outorgados a entidades de sua administração indireta; autoriza o Poder Executivo a constituir a Empresa Brasil de Comunicação – EBC; altera a Lei nº 5.070, de 7 de julho de 1966; e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111652.htm>. Acesso em: 30 mai. 2016.

digital e tal. E aí meu trabalho foi sendo mais editorializado. Aí virei colunista e minha coluna, mesmo sendo de negócios, engessada, mas, na medida do possível, introduzia alguns debates sobre questão de gênero, orientação sexual, e de raça, no mercado de trabalho, na educação, na qualificação profissional. Vim subindo nessa escala. Agora, hoje, sou uma profissional muito identificada com o universo econômico e com, digamos assim, ativista e o que gosto de chamar de construção da igualdade. Meu trabalho está focado nisso: na construção da igualdade em todas as dimensões.

A consolidação da carreira como jornalista coincide com novas oportunidades de novas funções e o aprofundamento da cobertura em temas relacionados a direitos humanos, com enfoques mais expressivos sobre população negra. Dentre as jornalistas negras brasileiras, ela é uma das poucas que abordam, por exemplo, assuntos sobre religiões de matriz africana, mulheres negras e juventude negra.

– O meu jornalismo é crescentemente ativista-militante. Já fiz muito o jornalismo tradicional, aquele em que você, em alguma medida, trabalha a imparcialidade. Não que eu não ouça os vários lados, etc. etc. etc. Mas hoje eu tenho viés como articulista, colunista e comentarista, né? Eu tenho uma orientação muito clara do que a gente chama de “pessoal dos direitos humanos”, isto é, favorável a políticas de inclusão, ação afirmativa, um discurso mais humanista, um discurso inclusivo. Tentar trazer outros agentes. O meu trabalho, hoje, tem um foco muito grande nessa questão racial, na desconstrução de mitos de intolerância, de preconceitos religiosos, de valorização da história e da cultura de matriz africana, né? Essa é uma marca do meu trabalho nos últimos anos.

Ao autodefinir o seu trabalho como jornalista, Juliana Nunes expõe-se como uma profissional atenta a tais questões sociais, desde o início da sua carreira. Contudo, o enfoque racial foi se desenvolvendo com o tempo, sobretudo, por decorrência de curso de especialização e de professor ativista do movimento, Edson Lopes Cardoso, a quem ela atribuiu o despertar da sua consciência negra.

– Eu acho que sou uma jornalista que finca o seu trabalho muito nas questões de direitos humanos, cidade, população negra, racismo, infância. Enfim, a minha trajetória é bem marcada por isso, né? Eu começo mais na área de saúde. Fui setorista

de saúde durante muito tempo. No Correio, eu não tinha muito a leitura racial, mas fazia muita matéria assim da perspectiva da infância e da cidadania. Depois eu vou aprofundando mais e conseguindo trazer a perspectiva racial para o meu trabalho, né? Eu trago em impresso e em rádio. Então, é desde 2006.

Como funcionária de carreira da EBC – Empresa Brasil de Comunicação, Juliana Nunes constatou a possibilidade de incidir sobre o trabalho de outras pessoas ao exercer cargos de chefia ou coordenação, vinculando-a à autodefinição sobre o seu trabalho como jornalista.

– Mas aí eu descobri que poderia fazer várias pessoas fazerem várias vezes. Claro que nem sempre da forma como a gente gostaria. Mas vejo que acabei contribuindo para um grupo, para uma multiplicação um pouco ... uma capacitação meio no dia a dia, no fazer. Só que essa disputa no espaço da pauta foi bem complicada. Quando eu chego para fazer essa disputa, em 2006, assim, já tinha ganhado alguns prêmios de reportagem. Então, a fala, as sugestões ganham outro patamar. E as minhas sugestões rendiam prêmios para as pessoas. Então, acabou que a Redação fica mais permeável. Mas também não quer dizer que eu emplacava tudo, né? E também acabei sendo rotulada assim, obviamente muitas pessoas passam a tolerar as minhas pautas porque elas dão, dão prêmio, vamos dizer assim. Mas, ah ... aí, aí, algumas organizações que passam a ter prêmios com esses enfoques, como a ANDI, o Prêmio Abdias Nascimento, o próprio Herzog e Libero Badaró, passam a incorporar o racismo dentro da categoria de direitos humanos. Petrobras... então, assim, esses prêmios na área de direitos humanos, na medida em que foram incorporando racismo, infância, cidadania em seus critérios de avaliação, isso vai ajudando na pauta. Mas, volta e meia a EBC tem tanto jornalismo como programação, algumas intervenções minhas ou sugestões, às vezes, não eram bem-vindas ou eram rotuladas: “Ah, lá vem a setorista de churrasco na lage e quilombo. Ah, de novo pauta de quilombo”. E aí também insinuações de como se eu estivesse tentando emplacar pauta de coleguinha, de amigo meu, entendeu? “Ah, você conhece essa pessoa?”. Tentando desqualificar a pauta a partir de uma ... tentando me rotular como alguém ... como se eu estivesse interessada naquilo. Como se eu tivesse interesse pessoal naquela pauta, né?

Todavia, esse movimento não ocorre sem questionamentos na Redação, como os citados acima por Juliana, sobretudo num momento de ascensão profissional, por meio dos cargos de chefia, e atuação política como diretora de sindicato de jornalistas, em Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial no Distrito Federal (Cojira-DF) e como ativista do movimento de mulheres negras. O empoderamento político da jornalista também se manifesta internamente por meio da organização de empregadas e empregados da EBC e do envolvimento em iniciativas como o Comitê⁹⁶ do Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça⁹⁷, coletivos de mulheres e, no momento da realização da entrevista para esta pesquisa, como secretária-geral do Conselho Curador da EBC, instância consultiva e

⁹⁶ Conforme anunciado pela Agência Brasil, “a EBC foi a primeira empresa de comunicação do País a aderir ao Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça. Em setembro 2013, apresentou, pela primeira vez, seu Plano de Ação para adesão à 5ª edição do programa”. Em novembro de 2015, a “EBC foi agraciada com o Selo Pró-Equidade de Gênero e Raça, concedido pela Secretaria de Política para as Mulheres (SPM), da Presidência da República. O selo atesta o sucesso nos esforços de promoção de um ambiente igualitário nos âmbitos racial e de gênero”. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/institucional/sobre-a-ebc/noticias/2016/04/ebc-adere-a-6a-edicao-do-programa-pro-equidade-de-genero-e-raca>>. Acesso em: 30 maio 2016.

⁹⁷ O Programa Pró-Equidade de Gênero foi criado pela então Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, por meio da Portaria nº 39, de 22 de setembro de 2005, em cumprimento ao I Plano Nacional de Políticas para as Mulheres no seu eixo autonomia, igualdade no mundo do trabalho e cidadania. Na sua primeira edição, eram parceiros: o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher – UNIFEM (que foi incorporado à ONU Mulheres, em 2010, quando da sua criação) e a Organização Internacional do Trabalho – OIT. Na portaria de criação, há referência aos compromissos internacionais assumidos pelo Estado brasileiro com relação aos direitos das mulheres no mercado de trabalho: “Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres - CEDAW/ONU, Declaração da Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial sobre a Mulher de Beijing e as Convenções 100 e 111 da Organização Internacional do Trabalho – OIT”. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=23/09/2005&jornal=1&pagina=335&totalArquivos=408>>. Acesso em: 30 maio 2016. Por meio da Portaria nº 43, de 13 de maio de 2011, foi acrescida a dimensão racial à iniciativa, passando a designar-se Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça e inserida a então Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial entre o rol de parceiros. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=16/05/2011>>. Acesso em: 30 maio 2016. O programa Pró-Equidade de Gênero e Raça consiste em promover novas concepções na gestão de pessoas e na cultura organizacional para alcançar a equidade de gênero e raça no mundo do trabalho. É dirigido às organizações (empresas e instituições) de médio e grande porte dos setores públicos e privados com personalidade jurídica própria que aderem voluntariamente ao programa. São resultados esperados das organizações participantes: a adoção de práticas de equidade de gênero e etnicorracial de forma sistemática, como um instrumento de gestão, que contribua para o alcance de bons resultados em termos de qualidade do ambiente de trabalho e produtividade; e a oportunidade para aprofundar a transversalidade e interseccionalidade do enfoque de gênero e etnicorracial na área econômica e sócio-ambiental, mediante a transformação da gestão de pessoas e da cultura organizacional de empresas e instituições públicas e privadas da maneira como tratam seus negócios, suas políticas e a força de trabalho.

deliberativa composta por governo federal, Congresso Nacional e organizações da sociedade civil.

– Aí, na verdade, a minha militância vai crescendo. E isso para a Redação vai ficando uma coisa difícil de lidar. Porque ao mesmo tempo, as pautas continuam sendo premiadas e continuam tendo boa saída. Então, fica difícil de ... mas eu passo a ter um pouco de cuidado com algumas coisas. Passo a querer fazer menos matéria. Prefiro mais sugerir para não ter esse tipo de questionamento. Passo também a ver que uma cobertura está sendo conduzida errada, mas não faço uma intervenção mais direta. Deixar acontecer algumas coisas. E aí, assim, voltando aos limites. Às vezes eu penso uma pauta e gostaria que um jornalista negro faça e isso não acontece. E aí eu vou tentar falar isso para a Redação, para o chefe de reportagem, e isso não é bem recebido. Eu não consegui – e até porque eu não tenho um supercargos de chefia – dizer: não, não vai ser, né? Existem alguns limites. Você faz uma boa pauta, consegue emplacar com uma jornalista branca. É bacana e tudo. Mas é o que eu digo: precisa entender o processo ... olha o que aconteceu comigo, né? ... o processo de conscientização fortalece esse profissional. Eu vou testando alguns limites. E alguns limites não dá naquele momento. Então eu falo: “Ah, tá. Vou deixar. Pensei essa pauta para outra pessoa fazer”.

Engajada politicamente no enfrentamento ao racismo e ao sexismo dentro e fora da Redação, Juliana Nunes percebe que há diferença no trabalho de jornalistas conscientes da sua identidade racial, a qual influencia os distintos espaços que tais profissionais ocupam na Redação. A seguir, ela identifica outras jornalistas negras que têm maturado o fazer jornalístico com a afirmação da identidade racial negra.

– A pertença ... tem uma experiência agora que está legal na EBC. Que foi legal. Eu fiquei tentando encontrar uma profissional negra. Duas profissionais negras com quem eu consegui estabelecer algum fluxo de pauta. Algumas, na verdade. Não, três. A Katiane, que é do rádio, começou a fazer várias matérias interessantes sobre racismo no Distrito Federal. E agora ela está na edição. Foi legal porque ela está ocupando um espaço de poder, né? Mas também foi uma perda. A Cariane é uma outra repórter negra

que está ... ela já foi, já cobriu alguns Latinidades⁹⁸. Agora, uma repórter que me encanta muito é a Débora [Brito], que tem feito coberturas para a TV Brasil, reportagens para o Caminhos da Reportagem. Ela fez o Rotas da Escravidão. Ela fez um sobre movimento negro de ditadura. Então, assim ... e ela é também. Eu vejo muito assim como ela está construindo a trajetória dela e a compreensão sobre ela. No Rio, tem a Izabela Vieira, que também faz uma cobertura boa e também é outra pessoa que foi se entendendo como negra no trabalho, no fazer jornalístico. Também tem uma trajetória parecida. Então, assim, é um ambiente que tem as suas dificuldades, mas algumas barreiras a gente já conseguiu mover. Quando chega na programação (entretenimento), isso vai ficando mais difícil, né? Mas no jornalismo a gente consegue.

De acordo com o seu perfil de coordenadora e de ativista, Juliana Nunes compartilha visões mais densas sobre a Redação no que se refere à crítica aos conteúdos informativos produzidos. Uma delas ocorreu na Copa do Mundo de Futebol, de 2010, realizada na África do Sul.

– Na época da Copa, produzimos programas radiofônicos ... na Copa ainda da África do Sul, falando de maneira superpejorativa das mulheres africanas... Falando que elas tinham bundas que pareciam cadeiras para as crianças sentarem. Umas coisas absurdas. Eu fui meio kamikase. Eu ouvi cinco programas. Fiz uma análise num relatório gigante e mandei para o superintendente da rádio e a coordenadora da emissora. Eu não sabia que, na verdade, essa pessoa que estava produzindo era das relações pessoais deles e que eles tinham aprovado tudo isso. Nossa, “afroxiita”. A primeira reação deles foi muito ruim. E aí, eu devolvi ... eu disse que ... achava que o fato de ... que todos os princípios jornalísticos que eu estava defendendo ... chamava criança negra de trombadinha... Que todos os princípios que eu estava defendendo, colocando em análise de que eu não ia veicular na Radioagência aquele material eram ... estava nos manuais de boas práticas da Andi, já que todo mundo gosta de dizer que

⁹⁸ O Festival Latinidades é um encontro anual promovido por e para mulheres negras, realizado em celebração ao Dia da Mulher Afro-latino-americana e Afro-caribenha, em Brasília, sobre diferentes temáticas relacionadas ao empoderamento das mulheres negras. Disponível em: <<http://www.afrolatinas.com.br/festival>>. Acesso em: 31 maio 2016.

... aí eu aproveitei ... o manual de boas práticas da Andi. O chefe era irmão de uma militante que é uma das principais de Pequim⁹⁹ e coisa e tal, e aí também recorri a Pequim, a Durban¹⁰⁰, a tudo, para mostrar que o que eu estava falando era técnico. E a equipe de gestão ela era toda muito engajada, de sindicalistas, de pessoas do movimento de democratização de comunicação. É ... meio isso, né?, você ser de movimento social, ser de movimento de democratização, defender a comunicação pública ... e que eu compreendi que todo o acúmulo que eu tinha na Cojira, de organizações negras, na verdade ... acho que foi um dos momentos em que eu mais tive que escrever assim, sabe? Devo até ter guardado. Eu vi que aquele momento era um divisor de águas: ou eu amadurecia ali e que eles tinham que me respeitar e que a minha análise era a técnica, não negando que ela tinha um teor político, ideológico, mas mostrando que ela era técnica e que o meu político-ideológico não era nada diferente das outras pessoas.

O relato de Juliana evidencia não somente conflitos decorrentes da sua responsabilidade profissional, mas também a responsabilidade política de cunho racial que ela chama para si, as quais podem ser atribuídas ao seu *ethos* mulher negra e uma atitude parresiasista (FOUCAULT, 2011) – aquela da fala franca, do tudo dizer, do muito fazer e do estar disposta a todas as consequências. O divisor de águas – em meio ao racismo e ao sexismo – é repleto de tensionamentos internos e externos, porém inevitável na afirmação da mulher negra como sujeita política, sujeita de direitos e sujeita discursiva.

– (...) E aí coloquei o meu cargo à disposição e falei que eu não ia veicular aquilo ali e que eu mantinha toda a minha análise, né? E aí ele não aceitou o cargo.

⁹⁹ 4ª Conferência Mundial sobre a Mulher, promovida pelas Nações Unidas, em 1995, em Pequim, na China. A conferência inseriu o empoderamento das mulheres e a igualdade de gênero nas relações internacionais e estabeleceu plataforma composta por 12 áreas prioritárias, com objetivos e metas, entre elas a mulher e os meios de comunicação. Documento disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2014/02/declaracao_pequim.pdf>. Acesso em: 30 maio 2016.

¹⁰⁰ 3ª Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, promovida pelas Nações Unidas, em Durban, na África do Sul, no ano de 2001. Nessa conferência o Brasil apresentou a proposta de cotas raciais nas universidades como uma das estratégias do País para enfrentar o racismo e promover a valorização da população negra. A Declaração e o Plano de Ação de Durban versam sobre diferentes áreas, entre elas a comunicação antirracista. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/declaracao_durban.pdf>. Acesso em: 30 maio 2016.

Pedi para eu me acalmar. Que se a minha avaliação era essa, que eu não veiculasse. Recuou. Mas nas rádios o conteúdo foi ao ar, né? Então, assim, valeu para o veículo que eu estava. Mas nisso sim ... você ganha a fama de encrenqueira, de afroxiita, afro ... é coordenadora afrodescendente. Tenho uma dificuldade muito grande no diálogo com o Rio assim porque me acham arrogante, petulante, porque acho que Brasília meio que se acostumou um pouco com as intervenções, com as pautas do dia a dia. Então, está convivendo e está vendo que você não está fazendo isso para derrubar ninguém. Já as praças têm uma visão diferente sobre mim. Se eu mando uma recomendação, se eu mando uma crítica, é muito mal recebida. Eu tenho um fã clube, no Rio, e de pessoas negras, muitas vezes. Como não tem ... é como se eu estivesse ofendendo duas vezes, né?, por estar fazendo a crítica ... e por estar fazendo uma coisa como se dissesse o que essas pessoas deveriam fazer mesmo, né? Então, muitos repórteres que topam as pautas parece que começam a ter algumas perseguições assim, sabe?, de não deixarem fazer. Ou então assim: “Ah, se você quiser fazer, faz. Mas no seu horário pessoal, sabe?”.

Ainda sobre a autodefinição de Juliana Nunes como jornalista, questionei-a se tais movimentações seriam viáveis por se tratar de uma empresa pública. Ela respondeu afirmativamente e complementou que a legislação e o conjunto de parcerias da EBC tornam possíveis tais críticas. Entretanto, é notório que os atributos profissionais, identitários e político-ideológicos da jornalista são determinantes para as suas intervenções.

– Num veículo público que faz a propaganda: “Ah, eu estou alinhado com a ONU. Eu estou alinhado com ... a lei de criação da EBC, as parcerias, né?”. Tem que sustentar, né? Então, assim ... eu acho que intimida nesse sentido, assim, né?, de ver que você está ...a EBC tem nos princípios, né, a diversidade, então tem um compromisso legal, né? E para ela se sustentar, no dia a dia, a diversidade tem sido um princípio muito usado, né? A TV Brasil é a cara do Brasil, a cara do Brasil e tal. Então, é algo que nos ajuda, o que torna a empresa um pouco mais permeável. Mas o que não significa que, na sua estrutura, ali tenha várias dessas barreiras e perversidades e tentativas de bloqueio e entrada de conteúdo que você não consegue barrar, que você não consegue modificar. (...) E os mecanismos de controle interno e externo atuam como ... têm que

atuar mais e tal ... mas já atuam no sentido de deixar mais essas cobranças. Então, isso acaba te ajudando. Isso já aconteceu de coisas que eu estava tentando fazer e veio uma recomendação do Conselho Curador para ser feita e a minha pauta estava lá parada e ela anda. Entendeu?

Outra indagação às jornalistas negras foi com relação à compreensão delas sobre o sexismo. Para Cleidiana Ramos, *é qualquer tipo de obstáculo que você coloca para alguém por conta da opção sexual dela ou do gênero*. Joyce Ribeiro enunciou acerca dos espaços demarcados pelo gênero no universo binário, entre mulheres e homens:

– Eu enxergo sexismo muito relacionado ao machismo que nós temos enraizado na nossa cultura. Essa divisão entre as potencialidades. Tipo o homem está mais apto para desenvolver determinadas funções pelo simples fato de ser homem. E a mulher deveria procurar ocupar outras funções pelo simples fato de ser mulher. Eu acho aí assim define o sexismo e está diretamente relacionado com o machismo, que faz parte da nossa sociedade e a gente tenta lutar contra.

Ao ser perguntada, Flávia Oliveira inter-relaciona sexismo com racismo, refletindo sobre a concentração de vantagens e o consequente desfrute de privilégios por parte dos homens brancos. Das raízes de tais operações aos dias atuais, ela enuncia a persistência de valores coloniais ao revisar os papéis de liderança de mulheres negras e brancas, dentro das Redações e no cenário político brasileiro.

– Eu acho que é essa atmosfera de domínio desse homem branco que mencionei no início da nossa conversa. Parece que as mulheres estão aqui de brincadeira. Tem um lado ... eu já vivi isso ... em 25 anos de profissão, de uma expectativa da ascensão feminina pela masculinização, né? Hoje, a gente vive uma nova era: você pode ser mulher. Mulher mesmo. O Nei Lopes tem até um samba, né? Mulher de paletó. A gente usava paletó. Saia de blazer e calça comprida nos anos 80 e 90. As mulheres usavam gravata, né? As mulheres usavam gravata! Então, não era para ser mulher. Era para ser um travesti no mercado de trabalho no sentido de que você quase se fantasiava para entrar no mundo masculino. Eu acho que o mundo ainda é muito masculino, mas eu acho que as mulheres abriram muito espaço de trabalho. Agora, abriram espaço na base, nos setores intermediários, mas não nas posições de topo. Mesmo quando você

*tem uma mulher diretora ... no caso do jornalismo, diretora de Redação, mas quem são os acionistas? Quem é o conselho de administração, né? Quando você entrevista? São basicamente os homens. Quem são os ministros, os secretários de Assuntos Econômicos? São os homens. Quem são os presidentes do Banco Central? Quer dizer, o poder ainda é muito masculinizado. E ter uma presidente mulher, no caso falando especificamente do Brasil, não mudou essa realidade, né? O que eu acho uma pena, mas a gente ainda vê uma composição de poder, de distribuição de poder ... ter uma presidente mulher, ainda, homens brancos e de meia idade. Qualquer foto de posse. Mulheres negras, então? A gente soltou foguetes com a ministra Nilma ter assumido o Ministério das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos, porque por pouco não foi homem branco assumir o ministério das mulheres, dos negros, da igualdade racial e dos direitos humanos... A sociedade ainda se estrutura em torno de um desenho de poder que ainda é muito masculino e branco. **Aí, cara, é colonial. Colonial.***

A exemplo de Flávia Oliveira, Luciana Barreto interconecta sexismo com racismo, ressaltando o seu efeito no *ethos* mulher negra, inclusive, no território das emoções desencadeadas por esses dois fenômenos políticos, ideológicos e sociais na subjetividade das mulheres negras.

– É toda a construção social, toda a estrutura da sociedade que não privilegia as mulheres. Agora, de modo especial, estou pensando muito, muito, muito na mulher negra no Brasil. Eu estou muito envolvida com esse tema, entendeu? Então, quando eu falo o sexismo junto com o racismo, entendeu? Na minha ... não na minha concepção, mas na minha experiência de vida, porque é isso o que eu estou trabalhando o tempo inteiro. As mulheres negras. Eu tenho um blog e o que a gente mais vê é coisa que envolve a mulher negra. Hoje, a gente tem os indígenas e a mulher negra como as parcelas da sociedade brasileira, as mais sofredoras, as que mais padecem nesse país, entendeu? Não estou falando só de indicadores sociais, não. Estou falando de todo tipo de sentimento de preconceito. De sentimento.

Ao responder a mesma questão, Juliana Nunes vai um pouco além do significado da palavra, da análise sócio-histórica, do sistema político decorrente dele e a repercussão na sujeita mulher negra. Na costura complementar de significados das jornalistas negras,

ela acrescenta elementos acerca da produção jornalística e das relações estabelecidas nas Redações.

- O sexismo, no meu modo de ver, é você usar a identidade sexual para limitar e estereotipar homens e mulheres intependentemente de suas identidades de gênero. E você impor: menina vai brincar de boneca e menino vai brincar de carrinho, né? E você não incluir, não visibilizar essas diferenças ... você só lidar com essas diferenças é pra reforçar esses estereótipos, mas você não visibilizar essas diferenças quando de fato você precisa pensar uma matéria que tenha homens e mulheres, que tenha uma linguagem não sexista no sentido de pegar o gênero masculino como gênero universal. Isso é bem complicado assim ... você vencer isso dentro de uma Redação, porque o sujeito universal é o homem. Então, você vê muitas matérias, muitos programas assim. Dia desses eu estava assistindo a um programa da TV Brasil com seis homens entrevistados. Outro dia, outro programa com três homens e o programa era um balanço sobre as mobilizações sociais de 2015, sendo que 2015 teve 50 mil mulheres em marcha, na marcha das mulheres negras. E não tinha uma mulher. Eram três homens brancos fazendo um balanço. Era um balanço sobre o movimento social de 2015. Então, assim, é ... ainda é uma coisa que ainda na parte da comunicação pública tem que avançar muito. Tem uma resistência assim de chamar, de usar a meritocracia para chamar os homens, porque esse assunto só os homens entendem, né? Fora que no discurso do cotidiano, você se dirigir sempre ao sujeito universal masculino: o ouvinte. Você está sempre falando com o ouvinte e não com a ouvinte. Ela não existe.

Outro eixo explorado nas entrevistas foi o entendimento das jornalistas negras sobre o racismo. Joyce Ribeiro significou-o como ação dirigida à fenotipia, demarcadora dos lugares de negros e brancos (GONZALEZ, 1982) estabelecendo biopoder ao grupo racial branco (FOUCAULT, 1992):

– O racismo é a tentativa de diminuir o próximo unicamente pela cor da pele. É isso. É tentar desclassificar as pessoas de acordo com a coloração da pele. Se você é branco, você tem mais direitos e mais potencialidades. Se você é negro, você é negro, você tem um lugar pré-determinado na sociedade. Um lugar considerado por todos pior e você teria menos oportunidades de desenvolver as suas qualidades. Para mim, o

racismo é isso. É a tentativa de dividir as pessoas e de barrar o desenvolvimento delas em sua plenitude única e exclusivamente pela coloração da pele.

A fenotipia, o *ethos* racial pelos elementos culturais e a interdição são aspectos elencados por Cleidiana Ramos: (...) *o ponto de vista do fenótipo ou de outros símbolos que você é identificado como de determinado grupo. E por conta disso você é impedido de ter acesso a determinadas categorias, digamos assim.* Para Luciana Barreto, a teia de privilégios é tramada com amparo legal.

– Olha, o racismo é uma construção ideológica que privilegia um determinado grupo. E ele tem sempre para mim ... a palavra racismo vem sempre com privilégio. Então, a gente tem no racismo que coloca um determinado grupo, no caso do Brasil, uma etnia negra e a indígena, duas etnias, que sofrem e são colocadas como inferiores para que outra etnia – branca – se coloque como superior para que usufrua de privilégios. Então, eu falo isso na construção da legislação brasileira, na formulação de políticas públicas brasileiras. O racismo é muito mais que um sentimento de que um é superior e outro inferior. É muito mais que isso. Nesse caso, a gente fala no racismo como toda uma estrutura da sociedade brasileira, como leis, inclusive, amparada pela legislação ou amparada pela omissão de leis, pela omissão de legislação que faz com que a Constituição brasileira prevaleça. É até um pouco estranho, né?, o que estou dizendo. Uma legislação que vai contra a Constituição. Mas não, a Constituição brasileira não prevalece nesse sentido porque a gente tem hoje uma construção social, estrutural, ideológica, hoje, no Brasil, que faz com que cidadãos sejam não-cidadãos. E isso é o racismo.

Ao falar sobre racismo, Juliana Nunes reporta para a ação do racismo na imprensa e na produção de conteúdos.

– Então, eu entendo como um sistema ideológico muito estruturado, né?, para o controle e a hierarquia social. É que no Brasil teve como base a população negra. Você como mecanismo de opressão, violência e controle, né? E você praticar o racismo conforme a estrutura dessa sociedade e deixando a população negra sempre numa condição menos favorável. E que a mídia acabou sendo, desde os primórdios, muito parceira desse sistema, né? Aí, se você pegar alguns editoriais de jornais contrários ao

fim da escravidão. E isso permanece até hoje. É um sistema alimentado pela mídia e pelo jornalismo, infelizmente.

Flávia Oliveira dimensiona a ação do racismo na mídia e seus efeitos na representatividade negra (HOOKS, 1992), num jogo de poder em que as pessoas brancas dão as cartas e comandam o quadro de respostas face à operacionalização do dispositivo da racialidade/biopoder (CARNEIRO, 2005).

– Essa exclusão literal ou simbólica dos negros nos espaços de poder e nas representações. Hoje a minha grande briga tem sido desconstruir e reconstruir a representação dos negros. Acho que a agenda das mulheres, até por causa das mulheres brancas, avançou bem mais do que a dos negros. Uma coisa que tenho falado muito nas minhas apresentações recentes para universitários e eventos sobre jornalismo ... se tem alguma coisa muito cruel que aprisiona os negros e as negras brasileiras é uma representação muito estereotipada dos negros no noticiário, no audiovisual, na produção cultural, na produção jornalística ... Primeiro porque não tem presença, o elenco, os papéis, os autores negros são mais escassos ... os empregos, o número de negros nas Redações é restrito, quase simbólico, é muito pequena a participação dos negros. Na frente do vídeo, no jornalismo de tevê. Mas no jornal também é uma presença irrisória, mas isso talvez não importasse tanto se a gente tivesse outra lógica de representação que está ao alcance de qualquer um... que não passasse pela contratação de mais negros – embora eu defenda isso – mas que tivesse uma representação mais justa da sociedade. E você ... quando você vê nos papéis, na representação audiovisual, ou na produção jornalística, os negros são aqueles que aparecem ... vai fazer matéria sobre pobre, pega um preto. Vai fazer matéria sobre violência, pega um preto; homicídio, pega um preto; criminoso, pega um preto, pobre, emprega doméstica e tal. Então você continua repetindo esse padrão também nos momentos em que você dá visibilidade aos negros, reforça o mesmo estereótipo de sempre. Você dá visibilidade aos negros relativa quando o assunto é racismo. Então, preto fala de racismo e aparece quando tem crime, pobreza, marginalidade, trabalho de baixa qualificação, desemprego. (...) Acho que uma fronteira da representação dos negros na mídia, no jornalismo de forma particular, passa pela contratação de mais

negros, mas também por uma representação nova que naturalize os negros em outras posições.

As práticas racistas e sexistas nas Redações foram reconhecidas e exemplificadas por todas as cinco jornalistas negras entrevistadas. Cleidiana Ramos as identificou ao longo de sua carreira, em 17 anos, no jornal **A Tarde**. A jornalista conta a ocorrência de piadas machistas, controle das roupas das mulheres e até as suas reações diante das intimidações coletivas à presença das mulheres.

- Sim, o tempo inteiro. Eu entrei no jornal, em 1998, numa época em que a própria Redação, onde trabalhei durante anos, ela tinha questões muito fortes de racismo, machismo. Tanto é que aqui no jornal a gente foi perceber uma maior quantidade de jornalistas se assumindo negros nos últimos dez anos. Isso na Bahia. Nos últimos dez anos. E isso o pessoal mais jovem, o pessoal que já entrava assumindo o cabelo black power. Era muito raro você ver um jornalista usar black power, por exemplo. Aqui, nos últimos dez anos. Aqui no jornal, por exemplo, as pessoas passaram a assumir a religiosidade de matriz africana. Eu, por exemplo, quando fiz santo, o jornal [empresa] foi mais tranquilo comigo, o fato de ter alguém de branco, de cabeça coberta. Foi um assédio tremendo [na Redação], eu parecia um ET, porque até então não tinha tido repórter iaô. Já tinha tido ogã e tal. Mas, assim, a empresa foi tranquila. (...) Mas eu conheci o jornalismo da Bahia, da minha geração, com muitas queixas sobre machismo, racismo. A gente ouvia aquele tipo de piadas machistas pesadas, entendeu? Eu passei um tempo vindo no jornal de calça. Eu não gostava de vir de minissaia, porque era terrível. Era terrível! As piadas eram horrorosas. Era tipo: “E aí?”. Botar apelido, né? “Minha filha, vai para onde assim toda apertadinha?” “Desse jeito, você tira a concentração dos colegas”.

Para Joyce Ribeiro, as práticas sexistas são perceptíveis na própria dinâmica do jornalismo como profissão: – *Eu creio que sim, porque, se eu for pensar no mercado de trabalho como um todo e no mercado em que eu atuo, o mercado de comunicação, as mulheres ainda vem – já conquistaram muita coisa –, mas ainda vem numa de batalhar, de conquistar postos de trabalhos e salários. Se eu for observar o que eu vejo na Redação onde eu trabalho [SBT] e nas outras, onde eu tenho colegas, a gente tem uma*

massa feminina comandada por uma minoria masculina. Então, são poucas as mulheres nos cargos de chefia. São poucas. Então, isso já mostra, né?, que a gente tem. Porque os chefes são homens comandando um time de mulheres, né?, que ainda está tentando ascensão.

A ocupação de cargos e funções foi apontada por Luciana Barreto pelo entrelaçamento entre racismo e sexismo. Assim como Cleidiana percebe a frequência de tais discriminações e faz uso da expressão “o tempo todo”, Luciana Barreto utiliza expressão semelhante “o tempo inteiro” logo que a pergunta lhe é feita, o que chama a atenção pela identificação automática das práticas sexistas e racistas no jornalismo como profissão.

– Bom, a todo o momento, né? A minha praia é televisão. E a televisão é o tempo todo racista e sexista. Aliás, é quase só isso (risos nervosos). A gente tem hoje zilhões de problemas práticos, né? (...) no jornalismo ainda prevalece a questão da credibilidade relacionada ao homem branco. Ponto final. A gente ainda tem hoje, infelizmente, a gente ainda tem hoje muitas mulheres companheiras de bancada do homem branco, entendeu? A gente ainda tem isso. A gente não tem as mulheres negras como companheiras de bancada do homem branco. Quando a gente tem as mulheres negras companheiras de bancada do homem branco, muitas vezes, as mulheres negras estão inferiorizadas naquele espaço com o companheiro de bancada. Eu não tenho companheiro de bancada. Então, eu posso falar, porque não sou eu. Então, assim, gente tem isso da credibilidade, da sabedoria. O homem branco é detentor, da credibilidade, do primeiro que fala, da fala mais forte. E a outra como a fala secundária, a fala de complemento: a da mulher. Isso é o sexismo. Quando não... isso eu estou falando da melhor parte ... quando não, a mulher é inferiorizada no próprio local dela, a televisão, como ainda um objeto sexual, como a gente vê ainda em muitos programas a mulher sexualizada. Por que não, eu já vi ... ninguém me contou, eu já, no próprio jornalismo, mulheres sendo elogiadas pela sua postura sexual, pelo seu corpo, pela sua beleza e não pelo papel que ela deve desempenhar. O papel que ela está desempenhando ali, o papel de jornalista. Isso não é um tempo ou outro que acontece. É o tempo inteiro. A televisão brasileira ainda é só isso. É só isso. A gente ainda não tem outra coisa. É só isso.

Flávia Oliveira também faz a interrelação entre racismo e sexismo no jornalismo como profissão e ilustra situações em que ela mesma foi o alvo de tais práticas seja dentro da Redação – com colegas –, ou fora da Redação, com as fontes, e nos lugares por onde passou quando estava trabalhando. Perguntada sobre a ocorrência de práticas sexistas e racistas no jornalismo, ela sentencia:

– Sexistas, racistas e homofóbicas. Ah, tipo reuniões de pauta, comentários, piadas. Um bolinho de homens em torno de uma foto de uma mulher assim ou assado. Essa coisa de qualificar a mulher pela forma física. Ela não é competente. Ela é anta, ela é baranga, ela é puta, ela é vagabunda. Ela é ... isso é super ... estranhamento. Já vivi situações assim ... até de assédio “Nossa, uma mulher negra, falando de economia. Que vontade de te beijar”, entendeu? Você diz: oi? Tem muito. Tem muito. No próprio exercício diário, na relação com a fonte, na forma como você chega... o esperado é que você entre pela porta de serviço, mas você entra pela recepção porque é convidada na cobertura. E esses comentários, essas piadas, nas reuniões de pauta, momento do fechamento ...

São outros dois pontos enumerados por Flávia Oliveira: a apregoada fragilidade das mulheres em situações de pressão e a masculinização daquelas que estejam em posições de tomada de decisão. A maternidade – experiência comum na vida da maior parte das mulheres – acaba por se tornar outro empecilho na trajetória das mulheres, entre elas as jornalistas, por estar revestida de estigmas e estereótipos. Amplamente disseminados no imaginário coletivo, os estereótipos se tornam novos obstáculos invisíveis, embora muito presentes na vida das mulheres. Dentre as tendências, duas delas despontam: afastamento de posições com mais poder e remuneração, as quais exigem mais carga de trabalho, ou a assunção de mais poder e remuneração, e o distanciamento da vida pessoal. Ambas têm efeitos muito concretos na vida das mulheres. Contudo, limitam-se ao universo delas e pouco são repensadas nas empresas, em particular nas empresas jornalísticas. Recae sobre as mulheres as buscas por alternativas provisórias ou permanentes sobre as suas condições de trabalho, as quais seriam mais amenas com o compartilhamento das soluções, envolvendo outros agentes: empresas e família. De acordo com a OIT, o equilíbrio entre trabalho e família é condição fundamental para a

igualdade de gênero no trabalho, de modo a não prejudicar o desenvolvimento das carreiras das mulheres¹⁰¹.

– Na espera de que você vai chorar porque você é mulher... Vai te dar uma notícia e já diz assim: “Não quero que você chore”. Quem falou que eu ia chorar? Por que achar isso? E, eventualmente, em alguns outros casos, achar que a mulher é arrogante, é grossa, porque você tem uma postura firme. Ao passo que de um homem é esperada essa postura firme. Aliás, muita gente comenta em texto: “Fulana é macha” porque não sei o quê. É firme. Parece um homem. O homem da casa. Como se esses atributos de firmeza, segurança fossem atributos de gênero, né? São atributos humanos. Tem homem frágil, tem homem que chora, tem homem que gagueja, tem homem que é inseguro, tem homem que é frouxo, tem homem que é covarde, né? Primeiro, essa desqualificação por ser mulher, que ela vai chorar, não vai ser capaz, não vai ter equilíbrio emocional. Acho que podem ter funções sonegadas em razão de um estereótipo de que mulheres são desequilibradas, descontroladas. Em segundo, a questão da maternidade. É uma questão séria. Quando falei da masculinização, muitas mulheres caem nessa armadilha que, quando se tornam mães, se tornam menos aptas para alguns postos e ascensão profissional. Porque você tem filho, porque seu filho pode ficar doente e você ter de se afastar. Então, você vai ser menos produtiva. Isso é uma tragédia e isso acontece tanto em chefias masculinas como em chefias femininas. E, eventualmente, você pode ter algum tipo de restrição física, né? De força física. Tipo cobrir segurança, violência. Tem algumas funções que preferem homens porque – vou falar grosseiramente – eles vão bater e não apagar. As mulheres são mais frágeis fisicamente, então são menos aptas a algum tipo de jornalismo. Eu acho isso uma

¹⁰¹ Para essa discussão, os escritórios da OIT-Brasil e Portugal dispõem de documento baseado no Programa Regional de Gênero e Trabalho Decente, com apoio e participação dos escritórios da OIT em Lisboa e Luanda. Na referida publicação, elaborada no ano de 2011, constam oito notas sobre: trabalho e responsabilidades familiares, promoção da igualdade de gênero e políticas de conciliação entre o trabalho e a família, melhores empresas que apoiam a corresponsabilidade entre trabalho e família, proteção à maternidade, alternativas para a correspondência trabalho e família, licenças e responsabilidades familiares, a atuação de sindicatos para assegurar tais direitos em negociações trabalhistas, e os efeitos do envelhecimento da população que implicam novos arranjos para o cuidado de pessoas idosas, os quais têm recaído sobre as mulheres trabalhadoras e suas vidas profissionais. Disponível em: <<http://www.oitbrasil.org.br/content/equil%3%ADbriio-entre-trabalho-e-fam%3%ADlia>>. Acesso em: 30 maio 2016.

balela, mas tem quem acredite. Por exemplo, as mulheres fotógrafas sofrem muito com isso. “Ah, não vão conseguir carregar o equipamento”. “É muito pesado”. Você vê: os cinegrafistas são predominantemente homens e os fotógrafos, também. Ainda tem uma discriminação grande. A Gabriela Moreira fala isso, ela cobre estádio, cobre futebol. Ela foi ofendidíssima por cartola, por torcida, porque cobre aquele mundo que é um mundo muito masculino. Acho que essas ainda são barreiras. Não deveriam, mas ainda são.

Outro aspecto sobre práticas sexistas e racistas é na distribuição das pautas internacionais. Juliana Nunes registra que os homens são beneficiados em coberturas sobre guerras ou desastres naturais.

– Na época que teve o tsunami, várias repórteres que queriam ir para lá cobrir foram proibidas. O Haiti. Vários lugares considerados cobertura de risco de não mandar mulheres. Ai: “Ah, não. Não dá porque as mulheres têm uma condição mais vulnerável. Um lugar que sofreu com uma tragédia, uma violência”. Então, o sistema acaba se sustentando assim. A Redação não quer se responsabilizar por nada que vai acontecer com você. (...) E das fontes também. A dificuldade de pensar que você vai fazer uma matéria sobre economia e que tem que procurar uma mulher para falar sobre economia. E vem sempre aquele discurso do mérito. [voz oculta] “Não, mas não é uma pauta das mulheres. Por que a gente vai fazer esse esforço e tal? Então, delimitando bem o espaço em que as mulheres falam, que os homens falam.

A lesbo-homo-transfobia tem desencadeado práticas de discriminações e estigmas no momento de discussão de pautas, além de alvo de ameaças recorrentes diante da iminência de alteração das forças políticas na direção da EBC. Conforme Juliana Nunes, as práticas discriminatórias correm mais livremente devido à displicência das chefias¹⁰²:

¹⁰² Sobre essa questão, agrego o documento “Combate à discriminação com base na orientação sexual e na identidade de gênero”, das Nações Unidas. Disponível em: <http://www.onu.org.br/docs/discriminacao-onu-pt_br.pdf>. Acesso em: 30 maio 2016. Outro documento importante com relação à questão evidenciada é o manual “Promoção dos Direitos Humanos de Pessoas LGBT no Mundo do Trabalho”, resultante do projeto “Construindo a Igualdade de Oportunidades no Mundo do Trabalho: combatendo a homo-lesbo-transfobia”. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/arquivos/MANUAL_completo_DireitosHumanosLGBT.pdf>. Acesso em: 30 maio 2016. Ambas as publicações são de autoria da OIT, do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD) e do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV e Aids (UNAIDS).

– Uma dificuldade muito grande de entender também a questão de orientação sexual, identidade de gênero, transexualidade. Muito complexo, várias... E assim editores e repórteres expressando os seus preconceitos de gênero assim ... e não sendo ...isso parecendo que não é um assunto que a chefia possa intervir assim. (...) ‘Ah, agora a gente só faz matéria de bicha, de viado’. Por exemplo, quando teve a eleição, porque teve uma interpretação assim, que se o PSDB ganhar, vai acabar com essas pautas. Então esse era um discurso recorrente com as pessoas mais reacionárias da Redação. ‘Ah, vai acabar essas matérias de preto, de pobre, de gay, de quilombola’. Então, assim, havia esse embate na Redação, né?

Sobre as iniciativas referentes à igualdade de gênero, das quais Juliana Nunes faz parte na EBC, ela comenta que a internalização da desigualdade de gênero nos comportamentos das mulheres jornalistas e o efeito das práticas sexistas e racistas nas suas trajetórias, até mesmo por hesitações e comportamentos decorrentes do sexismo.

– Aí que a gente vê que o sexismo e o machismo, como as mulheres acabam incorporando um pouco esses conceitos e reproduzindo. Você não vê – eu estou mais no nível de gestão, né? – então, a gente vai para uma reunião e um homem ... o chefe pediu um levantamento para todo mundo. Todo mundo fez meio rapidamente ali em cima da hora. O homem apresenta como se ele estivesse passado um mês fazendo o levantamento. E a mulher começa dizendo: “Ah, desculpa. Eu fiz esse levantamento em um dia só. Desculpa por não ter todas as informações e tal”. Então, meio que essa coisa de a gente também tentar ... e então entra-se em algumas armadilhas, né? As próprias mulheres, assim, de reproduzir coisas assim: “Ah, a mulher é mais cuidadosa, mais atenciosa. O homem é mais ágil”. Então, são esses estereótipos que a gente acaba vendo as próprias mulheres reproduzindo, né? E é tudo o que eles querem. Eu tenho tentado trabalhar com as mulheres para que elas mesmas comecem a enfrentar isso assim, né? Mas não é nada fácil. E os machistas e os racistas, eles se sentem muito à vontade para falar muitas coisas na Redação mesmo sabendo que a orientação da empresa não é essa, né?

A organização política interna das mulheres, por meio de coletivos e comitê em favor da igualdade, como narra Juliana Nunes, tem propiciado movimentos internos de exposição de práticas discriminatórias, algumas delas com processos administrativos.

– A gente teve um recente caso de um chefe que chegou no meio (da Redação) e disse: “Mais uma grávida? Por favor, fechem as pernas”. (...) É. Mulheres, fechem as pernas. É desse jeito. O cara está sendo processado na sindicância. Mas já tem outro que chamou a funcionária de gostosa que vai se ferrar mais. Enfim. É bizarro. É cada história lá dentro que a gente não acredita. Teve um cara que chegou para mim, um dos meus subordinados, e rasgou o contracheque na minha cara e falou que não sabia o que ele pensava em fazer comigo à noite, quando ele ia para a casa dele. Então, assim, é ... são coisas assim. Situações de boicote também, né? Assédio. O assédio das mais variadas formas: moral e sexual, né? De boicote em relação à pauta, ascensão, viagens ... humm... com essas justificativas toscas, pautas, setores de cobertura. É a Redação, é um ambiente extremamente perverso, assim nesse sentido. E fora dela a reação das fontes é muito marcada por isso, né?

Frente à experiência única no país com relação a instâncias representativas de mulheres e igualdade de gênero e raça numa empresa de comunicação, a EBC diferencia-se pela identificação de práticas racistas e sexistas, as quais passaram a ser sistematizadas e mobilizadoras de movimentos internos também conflituosos, os quais são estratégicos para transformações internas e estruturais com vistas a um ambiente de trabalho com equidade. É mister acentuar que o perfil das integrantes dessas instâncias e o seu compromisso político com a eliminação do racismo e do sexismo têm sido decisivos para que as práticas racistas e sexistas sejam visíveis, ao passo em que são desenvolvidos e testados mecanismos de sanção.

– E o coletivo de mulheres divulgou uma carta ‘Nós vamos dar um escândalo’ e denuncia várias coisas. E um dos jornalistas homens entra e diz: “Isso é um absurdo. Vocês querem dividir a sociedade entre homens e mulheres. A sociedade é de seres humanos”. E é um jornalista de uma equipe de jornalistas de produções especiais, assim. Então é muito assustador esse tipo de discurso, né? Agora, uma coisa ... a gente do comitê, né? ... teve reunião com o presidente da empresa e falou e é estratégia esse

ano ... no comitê a gente trabalha tanto com as questões de conteúdo, né?, questões de sugestões de conteúdo, né? monitoramento e tal e questões da gestão. Mas, ... **no intervalo de menos de seis meses tiveram duas falas superequivocadas de diretor de jornalismo.** Uma, que foi da diretora, foi quando ela foi confrontada que o principal programa de entrevista da emissora – o Espaço Público – tinha muito menos mulheres, né? Ela começou a usar argumentos assim: “Ah, mas é que a gente chama as mulheres e elas dizem que não podem no horário do programa porque têm filho. E então não podem ficar para o programa”. (...) **A gestão inverte a culpa para as mulheres e para as mulheres negras. As mulheres não querem.** Então, não pensa que aquela mulher que negou no outro dia ela não vai ganhar folga ou vai poder chegar mais tarde. Ou vai poder ganhar outro. Porque um programa que vai até a meia-noite, poderia ganhar folga no outro dia. Então, se ela não vai ganhar folga no outro dia e ela vai ter que ter a mesma rotina e ela tem filhos, realmente ela não vai. Não tem uma creche dentro da coisa (empresa). Então, se o programa é pensado dessa forma, por que não grava mais cedo? Enfim ... então, a estrutura... ela responsabiliza a mulher. **É muito perverso isso. Ela responsabilizar a mulher e a mulher negra por ela não estar presente na tela, né? Então, essa foi uma fala muito criticada pelos funcionários. E, recentemente, a fala do novo diretor, que falou que a Luciana Barreto¹⁰³ era uma economia, porque ela é uma mulher e uma mulher negra. Então já estava tudo contemplado. Então, a gente economiza.** Aí também foi ... foi um episódio muito ruim, porque ela estava na reunião do Conselho Curador quando ele falou isso. A representante dos funcionários contrapôs ele. **Aliás, está tudo registrado.** Acho que pode ser uma coisa interessante para você. Se você quiser a gravação das atas. **O Conselho Curador tem dos dois episódios.** E aí, a representante do Conselho Curador contrapõe ele, dizendo que ela era mulher, que ela é mulher negra, mas ela não é concursada. E aí a empresa estava em greve. Os

¹⁰³ A jornalista negra Luciana Barreto, citada por Juliana Nunes, foi entrevistada por esta pesquisadora e suas enunciações estão organizadas também neste capítulo sobre o eixo jornalistas negras. A entrevista com Luciana Barreto antecedeu a de Juliana Nunes. Barreto, ainda, é mencionada no capítulo 7 referente às formas simbólicas correspondentes à análise formal ou discursiva de jornalistas brancas, na incorporação dos relatos da jornalista Mara Régia Di Perna. As três jornalistas trabalham na mesma empresa (EBC) e apresentam elementos complementares sobre situações vividas, com olhares diferenciados e outras formas de dizer.

funcionários estavam dentro do conselho e começaram a gritar. Então, a Luciana foi duplamente constrangida pela fala do diretor e pelos colegas. E quando ela sai, um colega fala para ela: “Cuidado, hein. Qualquer dia eles cortam o seu braço, porque aí você vai ser mulher, negra e deficiente”. (...) Agora, você imagina como vai para casa esse ser humano?

Inquirida por esta sujeita-intérprete, Juliana Nunes reconhece que essas tramas somente são deflagradas face à natureza da EBC. Uma empresa pública, estabelecida por lei e com instâncias de gestão compartilhada por meio da participação da sociedade civil, a qual incide em mecanismos de controle social e transparência de gestão. Diferencia-se, sobretudo, à luz do tema abarcado por esta pesquisa pela exposição, ainda que comedida e mais restrita ao ambiente interno, das práticas racistas e sexistas, em geral, herméticas e fechadas a sete chaves pelas empresas jornalísticas e, evidentemente, pelas empresas em geral, as quais agem para encobrir e negar a existência do racismo e do sexismo na estrutura de gestão, na cultura da organização e, conseqüentemente, nas relações de trabalho.

A despeito da ênfase dada aqui neste trabalho com vistas à materialidade de tais ocorrências narradas por Juliana Nunes no âmbito da EBC, reconheço a limitação do meu esforço. Enfatizo-as no sentido de alocá-las no corpo deste trabalho com o propósito de colaborar para eventuais debates e estudos acadêmicos que possam derivar de tais formas simbólicas, ao passo em que reconheço a limitação analítica aqui empreendida. Entretanto, constato que demandam outro estudo acadêmico devido aos problemas expostos, pela natureza específica de cunho organizacional e experiência diferenciada que a EBC proporciona, cuja potencialidade investigatória aglutina as dimensões de raça e de gênero. Ainda por Juliana Nunes sobre as práticas racistas e sexistas no jornalismo como profissão:

– A gente tirou como diretriz do comitê esse ano a formação dos gestores porque a presidência da empresa tem um discurso, mas Agora no final do ano [2015],

*quando a gente teve reunião com o Américo¹⁰⁴, eu falei para ele: **ó, precisa formar os gestores. Mas você precisa fazer o gesto. Você até agora não trouxe nenhuma pessoa negra para a sua equipe. Nenhuma. Nenhuma pessoa negra. Na hora em que eu falei isso, ele falou: “Você tem razão”. Você vê... ele não tem nenhum diretor negro. Nenhum. Nenhum. Ele vai começar a ter... Eu acho que ele vai começar a ter ... é, gerente. Eu acho que nem gerente. A primeira pessoa negra na escala, a primeira pessoa negra é ... vai ser gerente. É. Gerente. A Cristiane Ribeiro, do Rio, que é gerente de jornalismo. Eu acho que é ... antes tinha a Sandra [Teixeira],¹⁰⁵ que era chefe de gabinete. Ela era o cargo mais alto. Vamos dizer assim, né? A Luciana (Barreto) é apresentadora e coisa e tal. Mas na hierarquia, na gestão da empresa, ela não está. Então, você vai vendo nessa coisa. Então é isso, né? **Esse discurso racista e sexista ele está presente na Redação e na gestão, né?*****

Sobre o quadro de experiências comuns das mulheres jornalistas e dos homens jornalistas, Cleidiana Ramos percebe a articulação de vantagens e desvantagens decorrentes da dimensão de gênero. Tal quadro operacionaliza dinâmicas que vão desde as propensões de vivências decorrentes do racismo e do sexismo na trajetória das e dos profissionais e no desempenho de suas funções, seja no relacionamento entre colegas e chefia, ocupação de postos de tomada de decisão, ascensão profissional e no contato com as fontes.

*– **Primeiro, é a questão da setorização. Ainda há... melhorou muito, melhorou muito!** Mas a gente ainda vê alguns setores de jornal em que as mulheres não são muito presentes. Por exemplo, colunistas políticas. **Aqui na Bahia, colunistas de Política, a gente não tem nenhuma. Colunistas de Economia, a gente não tem nenhuma. Na***

¹⁰⁴ O jornalista Américo Martins foi diretor-presidente da EBC de 12 de agosto de 2015 a 2 de fevereiro de 2016, quando entregou a pedido o cargo ao então ministro da Secretaria de Comunicação da Presidência da República, Edinho Silva. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-02/americo-martins-deixa-presidencia-da-ebc>>. Acesso em 30 maio 2016.

¹⁰⁵ Em 16 de outubro de 2015, SandraTeixeira passou a ser gerente-executiva da Gestão Corporativa da Secretaria Executiva da Diretoria da Presidência da EBC, outro cargo em comissão. Disponível em: <[serhttp://www.ebc.com.br/institucional/sites/_institucional/files/uploads/2015/10/PORTARIA-PRESI-N%C2%BA-624-CARGO-EM-COMISS%C3%83O-SANDRA-REGINA-MARIA-DO-CARMO-TEIXEIRA.pdf](http://www.ebc.com.br/institucional/sites/_institucional/files/uploads/2015/10/PORTARIA-PRESI-N%C2%BA-624-CARGO-EM-COMISS%C3%83O-SANDRA-REGINA-MARIA-DO-CARMO-TEIXEIRA.pdf)>. Acesso em 30 maio 2016.

reportagem, Política tem algumas, né? Economia não tem muitas. Dá para a gente contar nos dedos. Agora, aqui, no jornal, não sei se é um caso isolado, a gente tem, nos últimos cinco anos, o número de mulheres editoras aumentou mais. (...) Aqui, especificamente no caso do jornal, pela primeira vez, em cem anos de empresa, uma mulher assumiu a Direção de Redação, que é Mariana Carneiro. Pela primeira vez, em cem anos. Hoje, a Direção da Redação. E me parece que é a primeira da Bahia. (...) Em 2003, quando Olenka Machado foi a primeira mulher a assumir a maior editoria do jornal, que era a editoria de Salvador, que a gente chamava de local. Eu ouvi ... eu pelo menos sei de um caso, um caso, de um colega que preferiu pedir demissão, porque ele não iria aguentar uma mulher maluca, louca, comandando. A expressão era essa.

Questionada pela sujeita-intérprete sobre a raça/cor das duas jornalistas, Cleidiana Ramos conta que a ascensão relatada é de mulheres brancas. A primeira teria um perfil mais flexível. *O flexível é no sentido de que a mulher é mais fácil de ser manipulada.* Acerca das vivências pertinentes aos homens, Cleidiana reconheceu vulnerabilidades em relação a homens gays e a homens negros: *Os únicos homens que eu vi – na minha trajetória – passaram por constrangimentos e obstáculos eram os homens gays.* Os homens homoafetivos. Hetéros, não. *E alguns, aqui no jornal, tinham queixas de homens negros sobre racismo. No caso, homens negros. Mas os homens brancos estão no topo, inclusive, sempre eram os mais vistos para promoção. Sempre eram os mais lembrados.*

A jornalista sentiu os efeitos dos tratamentos diferenciados com base em discriminações de raça e de gênero, ao longo dos 17 anos como funcionária do jornal **A Tarde**, conforme descrição: *A que eu senti, eu já disse isso uma vez para os diretores daqui. Pelo fato, talvez, de ser mulher e negra, nunca era lembrada para nada. Absolutamente nada. Só era lembrada para aquelas coisas ... Um dos meus chefes gostava de dizer que eu e um colega éramos especializados em descascar abacaxi. Se tinha uma crise, a gente era chamada para apagar, sabe?*

Um dos abacaxis a que Cleidiana se refere foi a elaboração de caderno especial sobre os 95 anos do jornal, encomendado faltando três semanas para a data. Uma pressão que ela registra da seguinte forma: *Imagine, você fazer um caderno jornalístico sobre o*

lugar que você trabalha. Uma coisa bem espinhosa e que as pessoas não queriam fazer, inclusive gente que ganhava mais que eu. Mas disse que não ia fazer, porque não queria problema. Então, você ter que trabalhar nisso 12 horas por dia durante três semanas e com esse peso de não poder errar. Errar numa questão dessas dava muito problema. Dava muito trabalho. Mas isso nunca se falava. Eu tenho consciência de que eu fiz várias coisas legais, várias coisas pioneiras no jornal, mas isso nunca significou promoção nem aumento de salário, entendeu? Até a minha promoção para repórter especial, inclusive, é difícil para vários deles, eu tenho certeza que só ganhei porque ameacei sair do jornal. Na época, eu tinha outra proposta de trabalho. E o jornal, por meio dessa coordenadora que falei, Olenka Machado, ela conseguiu que o jornal fizesse uma contraproposta para que eu não saísse.

Para a jornalista Joyce Ribeiro, as dimensões de raça e de gênero são desenvolvidas sob a égide das desigualdades raciais e de gênero no jornalismo como profissão devido à estruturação de vantagens e desvantagens, dinamizadas pela seguinte correspondência nas Redações: — *Bom, uma coisa que eu já falei é que eles chegam ... eu acho que, mais rapidamente, aos cargos de chefia. E elas ficam mais anos nas mesmas funções.*

Indagada sobre a percepção acerca das desvantagens vividas como mulher, Joyce articula a interseccionalidade de raça e gênero na resposta, questão bastante presente nas experiências aqui reunidas nas formas simbólicas das jornalistas Luciana Barreto e Flávia Oliveira de modo mais articulado ao longo das entrevistas, e de maneira mais explícita nas enunciações de Cleidiana Ramos no trecho acima. Conforme Joyce:

— *Ahã ... deixa eu ver ... por ser mulher? Eu acho que eu senti mais por ser negra do que por ser mulher. Por exemplo, eu acho que eu já poderia ter ocupado cargos de mais destaque antes na minha carreira. E deixei de ocupá-los pelo fato de ser negra. Isso já aconteceu. Agora, você está me fazendo pensar em muita coisa agora, viu? Porque ... por exemplo, eu nunca pensei mais profundamente ... A questão do ser negra sempre veio para mim antes do que as possíveis dificuldades que eu passei por ser mulher. Eu acho que eu passei mais por cima das dificuldades enquanto mulher negra, enquanto*

negra. O meu olhar estava sempre mais voltado para as dificuldades raciais e menos para as dificuldades de gênero. Faz sentido isso para você?

Como frisado por Joyce, a entrevista provocou-lhe reflexões até então pouco instauradas para si mesma. E são aqui incorporadas com vistas à preservação de conteúdos para o terceiro elo da hermenêutica de profundidade: interpretação e re- interpretação acerca das vivências particulares das jornalistas negras, sobretudo, pela relação de causa-efeito do racismo e do sexismo na identidade profissional e identidade racial e de gênero das mulheres negras:

– Eu sou mulher, nasci mulher nesse mundo machista. Ok! Mas nasci mulher negra nesse mundo machista. É nisso que eu tenho que focar para mudar e para não sofrer tanto, entendeu? Mulher, mulher ok. Eu e todas as outras do mundo. A gente [mulheres em geral] está lutando, mas a gente [mulher negra] já tem uma carga de dificuldade a mais. As questões de gênero, para mim, vieram depois. Eu sempre me abri mais os olhos para as questões raciais. Então, dentro da Redação, o que eu senti mais dificuldade na coisa de procurar e ter as minhas solicitações atendidas. Eu queria ser apresentadora. E no começo eu não sabia nem para onde correr. Entendeu? Então isso ficou mais evidente, né? Aconteceu do jeito que eu queria mesmo, numa emissora de destaque, com uma posição de destaque, num jornal específico, mais tarde do que poderia ter acontecido, se eu fosse pensar no caminho normal da minha trajetória. Eu poderia ter ocupado esse lugar muito antes. Entendeu? Mas eu vim ocupar mais recentemente.

A temporalidade normal e tardia mencionada por Joyce Ribeiro precisa ser compreendida no âmbito das relações raciais e de gênero instauradas no jornalismo como profissão, correspondente ao sistema de desigualdades raciais e sexistas vigentes na sociedade brasileira e reproduzidas no mundo do trabalho. Tais repercussões estão presentes nas enunciações de profissionais. Contudo, carecem de mais reflexões das próprias sujeitas-enunciadoras.

A erupção de tais formas simbólicas se entremeia – como denota Joyce – num movimento pendular entre enunciação e discurso na conjugação simultânea entre sujeita-enunciadora e sujeita-discursiva na medida em que a enunciação começa a apresentar-se

para a própria sujeita como discurso e, por conseguinte, esta passa a se reconhecer como sujeita-discursiva e a tentar extrair por si mesma e para si mesma os sentidos e os significados do discurso recém-estruturado. Trata-se, assim, de uma dinâmica interessante entre parresia (FOUCAULT, 2011) e hermenêutica da sujeita (FOUCAULT, 2006).

A respeito de práticas de assédio, Joyce disse ter se deparado com situações no início da carreira e reconhecer o fenômeno intragênero feminino, caracterizando-o abaixo, e referindo a sua percepção acerca das práticas por parte dos homens:

– De intimidação, de constrangimento, de diminuir as pessoas na Redação, de perseguição de uma mulher pela chefia perante as outras. Isso eu vi lá no começo em um lugar em que eu trabalhei. Depois, assim, depois eu não vi questões evidentes e pouco vi reclamarem. Eu não vi colegas minhas reclamando disso diretamente para mim... Hoje em dia, eu enxergo os homens um pouco mais cautelosos em relação a isso. [Eles] Não vão se colocar em risco, de se expor tão claramente para uma funcionária de Redação, de comunicação, ainda. Eu acho que isso barra um pouco. Não que ... não sei lá por falta de vontade. Eu acho que nem seja isso por extremo receio das mulheres. Mas por preocupação da condição deles mesmos. Entendeu?

De acordo com Cleidiana Ramos, ainda sobre as relações de gênero articuladas no âmbito das desvantagens há **uma cobrança enorme em relação a bom comportamento**. *Tipo mulheres jornalistas que namoravam com várias pessoas, em termos de piadas. Não aconteceu diretamente comigo, mas com outras colegas, relatos de assédio de colegas de trabalho. Assédios violentos nesse sentido que estou te falando... verbal. O cara com cantada grosseira – de colega de trabalho a motorista*. Um dos casos ilustrativos é aqui inserido:

– Mas teve um cara, um fotógrafo que fotografou uma colega, ela estava com a calça baixa, nessa parte das costas, e estava com essas fotos aí rolando, entendeu? E aí, acidentalmente, ela não tinha a foto para fazer a matéria. Ela e o editor foram procurar foto [no arquivo] e viram as fotos dela no meio das outras fotos. E ele foi demitido por conta disso e teve uma resistência enorme, inclusive mulheres que estavam defendendo ele. Achavam que era frescura dela, que era bobagem.

Na integração das dimensões de raça e de gênero, Cleidiana credita a desvantagem por ser mulher negra no jornalismo à realidade de: *Só nesse sentido de ter essa consciência de que você não iria muito longe, entendeu? Do ponto de vista de promoção de carreira. Eu acho que essas coisas ficam muito claras mesmo que as pessoas não tenham essa consciência do que elas estão fazendo. Essa é uma questão que a gente nunca discutiu aqui.*

A sexualização das mulheres negras, discutida teoricamente aqui nesta tese no Capítulo 2 sobre a análise sócio-histórica como primeiro eixo da hermenêutica de profundidade e neste capítulo, nas formas simbólicas enunciadas pela jornalista Flávia Oliveira, é perceptível no depoimento de Cleidiana Ramos:

– (...) a questão do sexismo que é forte, é ainda muito forte. Aliada à questão das mulheres negras, mais ainda. Aqueles velhos estereótipos. As mulheres negras são mais quentes. Os comentários que eu ouvia em relação ao corpo de algumas colegas, entendeu? Inclusive de amigos meus, amigos jornalistas, entendeu?

Luciana Barreto faz nova referência à sexualização das mulheres jornalistas ao ser perguntada sobre as vantagens e desvantagens das profissionais. Em sua resposta, ela reúne maternidade, sexualização, racismo e sexismo:

– Vem a questão da fragilidade, a questão da maternidade, porque não pode ... não pode se ausentar porque tem que amamentar ou porque inchou o rosto porque engravidou, entendeu? Tem a questão da gordofobia, que é muito mais relacionada à mulher do que ao homem. Porque a mulher obesa ela não tem espaço na televisão. Então, tem isso. E ai de quem falar! A gente já viu apresentador fazer redução de estômago e continuar no vídeo. E mulheres não tem. Nem estariam porque a sociedade brasileira é gordofóbica. Tem, né?, o que eu já falei que é o espaço da mulher sexualizada. Da apresentadora sexualizada que está também com a roupa sexualizada. Ela não é só a competência. Ela também é a pessoa que ... Muitas vezes, a sexualização da mulher de uma forma geral. E da mulher negra especificamente ... primeiro porque a gente tem poucas mulheres nesses espaços, né?, ainda quando a gente pensa no espaço total. Eu converso com muitas. E muitas delas têm algumas reclamações. Ainda tem a relação com todo o estereótipo brasileiro, com todo o racismo brasileiro, que é a falta

da competência. Então a relação com o que a gente já conhece. O branco é capacitado, o mais capacitado. A mulher branca, capacitada. E a mulher negra menos capacitada. E a gente ainda tem isso nesse espaço. Pasmem! Mas isso é muito presente ainda.

A sexualização das mulheres negras pela conjugação do racismo e do sexismo é contada por Flávia Oliveira nas experiências vividas, em diferentes momentos, e provocadoras de sentimentos que aqui estão descritos por ela mesma. Todavia, esta pesquisadora avalia que são questões que precisam ser dirimidas por outros estudos sobre o jornalismo, a exemplo da saúde mental de jornalistas com vistas a depreender as questões aqui elencadas pela sujeita-discursiva.

- Já vi e já vivi. Ser negra foi um fator relevante principalmente na questão da sexualização. Já tive episódios constrangedores de ser agarrada por uma fonte. O cara bebeu uma taça de vinho e nas palavras dele: “perdi a cabeça”. Porque, claro, eu sou um pedaço de carne ali para ser degustado e ainda assim tem a inversão da culpa, né? “Não sei o que deu em mim. Eu não estou me reconhecendo. Diante de você não estou me reconhecendo. Eu viro um selvagem”. É, então ... então acho que sim porque tem esse estereótipo. Você chega numa profissão de classe média, numa posição de classe média, numa profissão de classe média e tem o estereótipo, um biótipo que é estereotipado do ponto de vista sexual, e o cara não tem freio. Vai lá e ... não estou negando o desejo. Mas você tem desejo e tenta beijar uma pessoa à força? Já ouvi porteiro perguntando se era para eu subir pela porta de serviço ou principal de um prédio, onde fui fazer uma entrevista. Já fui confundida com uma prostituta num hotel,¹⁰⁶ onde eu estava hospedada em Brasília, cidade onde estive a trabalhar para uma festa na residência oficial do representante do FMI. Então, como jornalista de Economia, estava arrumada. Cheguei no hotel meia-noite. Cheguei na recepção e pedi a chave do quarto do hotel. E não passou pela cabeça do recepcionista que eu estive pegando a chave do meu quarto. Ele pensou que eu ia atender alguém. Ele pegou o telefone e ligou para o quarto e falou: “ninguém atende”. Então foi aquele silêncio. Aquela fração de

¹⁰⁶ O caso foi contado pela jornalista ao programa televisivo Globonews Especial sobre os 65 anos da Lei Afonso Arinos, que tornou crime a prática de racismo no Brasil. Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/globonews/v/5243621/>>. Acesso em: 9 ago. 2016.

segundos em que você entende que ele está querendo dizer e que ele entendeu que eu não era quem ele estava pensando que eu era. Então, foi uma coisa horrível. E eu fiquei muito mal nessa situação porque o meu primeiro pensamento foi pensar o que eu estou vestindo, que sinal que eu dei para ele pensar que eu sou uma prostituta. Então, você ainda pensa que é você, entendeu? Essa sensação de ser olhada e assediada em ambiente de trabalho é ... por alguém que não sabe nem o que você está escrevendo ... é só porque olhou a sua bunda. Isso é horrível. Mas acontece. Acontecia mais no início da minha carreira, nos primeiros anos. Agora não. Agora, como eu fiquei mais conhecida no meio, aí você cria ... sobe um muro, na medida em que você ganha uma visibilidade na profissão. Mas já passei poucas e boas. Já sofri muito. Já chorei muito na cama, sabe? Já [silêncio ríspido]. Já pensei: isso não vai ser para mim por causa de alguns assédios que sofri no início da carreira, dentro de empresa, por gente que tinha cargo de chefia. Pensei, cara, vou ter que me demitir porque não vou aguentar isso. E vou ter que jogar fora ... uma oportunidade profissional. Felizmente, em alguma medida, eu fui mais corajosa do que cínica. Em vez de fingir que não estava entendendo ou no sentido de desconversar, eu fui corajosa do tipo escrever uma mensagem e falar: olha, vai ser uma pena se você continuar, porque vou pedir demissão e vou perder uma grande oportunidade profissional em razão disso, porque está insuportável. Nesse caso específico, eu fui até respeitada. Em outro caso, talvez Deus tenha ajudado e saiu, arrumou outro emprego. Foi embora. Mas não foi fácil.

Perguntada sobre o apoio de colegas e chefias acerca dos fatos vividos por ela e narrados acima, Flávia Oliveira complementa:

– Olha, teve de tudo. Teve de gente que me apoiou até ir em instâncias superiores e denunciar. E de dizer: “Vou perder uma grande repórter por isso”, que é uma pessoa por quem tenho grande carinho e gratidão até hoje. E de uma colega repórter que perguntou: “E aí? Você deu para quem para estar aqui?”. E acrescenta a resposta a outra indagação que fiz sobre a continuidade dos estereótipos negativos, como os que ela relatou acerca de suas vivências no início da carreira: – Acho que continua sim. Acho que ainda sexualizam muito as mulheres, e as mulheres negras. É que as mulheres negras são mais raras. Essa piada de homem falando de repórter novinha que chegou

tem, tem, tem. Ainda tem. A gente faz hashtag #MeuPrimeiroAssédio. Tem gente que ridiculariza. Tem gente que acha que é elogio. Mas também volto a dizer: não é só no jornalismo, está generalizado.

Para Luciana Barreto, os homens estão incrustados em posições de privilégios, as quais se renovam e se mantêm pela articulação do racismo e do sexismo na sociedade. Ela identifica certa mudança diante de uma avaliação do início de sua carreira e da atualidade. No entanto, percebe ainda a existência de vantagens a homens brancos decorrentes da estrutura de desigualdades raciais e de gênero.

*– Eu acho que os homens estão numa posição, eles têm uma posição privilegiada, né? Não estou falando dos homens negros. Estou falando dos homens em geral, né?, porque a gente tem uma sociedade machista. Então, numa sociedade machista, eles estão lá no topo. No topo da pirâmide. Dentro do jornalismo, eles têm muito mais facilidade. Então, eu não sei ... a facilidade para muitos até ... **Aí vai uma crítica, essa facilidade é muito ruim para o jornalismo, é muito ruim para o Brasil e para muitos até é um obstáculo a mais.** Porque, muitas vezes, você vê o jornalista, por exemplo, começando ... hoje menos, mas no passado mais, mas nem se capacitando tanto, nem estudando tanto, nem se preparando tanto, porque ele já está numa posição de privilegiado, entendeu? Então, eu não vejo isso positivamente. Eu já vi isso bem de perto. Jovens que estavam numa posição de privilegiados. Então, nem se capacita tanto quanto deveria. Eu acho que hoje isso é menos presente, mas antes acontecia mais.*

Na contra-corrente, Luciana Barreto elenca as diferentes dosagens de mulheres negras e mulheres brancas diante dos fenômenos a que estão submetidas em decorrência da sua pertença racial e de gênero. Chamo a atenção pela correspondência concomitante, frisada no Capítulo 2, sobre a análise sócio-histórica, nos arranjos intragênero (mulheres negras x mulheres brancas) articulados com o interracial (negras x brancas) e ao uso diferenciado dos substantivos – verificados nos dizeres de Joyce Ribeiro neste capítulo – mulher, usado sem complementação para referir-se à mulher branca, e mulher negra revestido de concretude não somente literal-etimológico, mas, sobretudo, identitário e revelador de pertença por referir-se a si mesma (própria experiência), a sujeita-enunciadora e sujeita-discursiva, ao grupo de que faz parte e a si mesma (posição no

discurso). Em face disso, justifico o complemento que fiz no colchete ao completar a enunciação de Luciana Barreto no que tange à distinção (e também incompletude) revelada abaixo no uso do substantivo mulher.

– *A mulher negra ... a mulher [branca] já tem que cavar espaço. A mulher negra tem que cavar não ... tem que sair brigando, derrubando tudo, botando o pé na porta porque é ... o espaço . Por exemplo, eu tive a oportunidade de fazer testes, passei. E todas as vezes em que passava num teste eu ouvia um colega dizendo assim: “Ah, não é ..” – aqueles que concorreram comigo muitas vezes – “Ah, agora eles estão procurando uma mulher negra mesmo. Eles queriam uma mulher negra”. Então, assim, sempre que você tem que vencer essa coisa de que você não está ali porque você é competente, porque você concorreu. Mesmo quando você ganha, alguém está querendo te hostilizar. Está querendo dizer: “Você ganhou porque eles queriam você. Não porque você é competente, não. Porque competente sou eu. E é isso o que o Brasil diz para mim: Eu sou o homem branco. Eu sou o competente. Você passou porque eles queriam você, uma mulher negra dessa vez. Porque eles queriam uma cota”. Então, tem sempre alguém querendo te hostilizar, querendo te menosprezar. Então, isso é muito comum, entendeu? Isso é muito comum.*

Ao incorporar uma memória sobre as discriminações vivenciadas por uma jornalista negra na coordenação de um documentário, Luciana Barreto faz contornos sobre o quadro de racismo e sexismo traçado nas relações de gênero no jornalismo como profissão, porém também reconhecido em outras áreas, a exemplo das artes, narrados por atrizes negras de convivência da jornalista. Para ela, tais ocorrências manifestam-se *porque o racismo no Brasil é um racismo descarado. É um racismo perverso demais e descarado e sem legislação para isso. Então, é muito difícil. É muito difícil* e são ilustrativos na passagem:

– *Olha, eu ouvi dia desses uma história de uma jornalista que coordenou uma equipe para gravar um documentário – ela estava me contando – e ela era a coordenadora de tudo. Ela contratou uma equipe mega de homens, o estúdio de gravação – era um documentário sobre música –, os instrumentos, era um documentário sobre músicos negros, especificamente, não vou dizer qual grupo. Ela contratou tudo aquilo.*

E ela é negra. E a equipe que ela usou também usada de apoio era negra. E ela disse que aquilo foi um tormento na vida dela naquele dia. Um sofrimento. Por quê? Porque a equipe que ela contratou de estúdio, de gravação, de diretor de TV, não obedecia as ordens dela. Questionava o tempo todo quem era ela. E brincavam com piadas racistas com os convidados que estavam lá, na gravação, e ela chocada. Ela tentava se posicionar e eles desobedeciam as ordens dela. E eles a menosprezavam. (...) O tempo inteiro isso. Então, me veio esse exemplo agora para pensar um exemplo da mulher negra líder que tem que lidar com isso o tempo inteiro. E ela estava muito chocada me dando esse relato, entendeu? Porque é uma coisa chocante. Eu fico pensando nessa posição.

Sobre as vulnerabilidades de gênero, Juliana Nunes agregou à reflexão o assédio moral.

– Tem o universo Redação que aí é a sede dos muitos diversos. Muitos casos que a gente vê, né? De mulheres, mulheres grávidas. É a Redação, é um ambiente extremamente perverso, assim nesse sentido. E fora dela a reação das fontes é muito marcada por isso, né? Um cara que ... eu já passei por isso, né? Eu fui setorista de Congresso. Cantada de parlamentar. Parlamentar que você está entrevistando e ele está olhando a sua bunda, o seu peito. É ... e você sente que a pessoa não é tão séria com você como está sendo quando chega um homem, né?, no passar informações. O cotidiano com colega. O cotidiano com as fontes. Então, é muito marcado assim pelo machismo e muito, muitas situações de assédio, de tentar fazer com que você ache que você está no lugar errado, que é para você desistir, entendeu? Então, é cada dia você tentando: não, eu não estou no lugar errado. É essa pessoa que está errada.

O lugar das mulheres no jornalismo, especialmente das mulheres negras, como destacado neste capítulo, vem sendo ressignificado pelas próprias mulheres a partir da consciência delas sobre a incidência do racismo e do sexismo no jornalismo como profissão. Na EBC, é desenvolvida a experiência mais objetiva, por meio de investimento em instâncias de responsabilização, o que traz materialidade às práticas racistas e sexistas.

– Tem muitas que calam, né? Mas como a empresa começou a criar uma série de mecanismos... No ano passado, por exemplo, foi feita uma campanha de combate ao assédio moral e sexual, que tem um vídeo, em que o próprio presidente da empresa fala

e tal. Então, isso acabou abrindo um pouco a tampa, né? A comissão de ética era uma bagunça total. Ele mandava: “Ah, vai lá e conversa com ele e se entende com ele. Vamos fazer ... conversa com coleguinha ... conciliação. E agora está atuando de uma outra forma. Muita coisa chega para o Comitê Pró-Equidade, que não seria a instância [responsável], porque é uma instância mais de política geral. Mas com a comissão de ética muito desmoralizada, acabou sendo ... vindo mais as coisas para o comitê. E isso ainda acontece. Às vezes, é um problema, porque o comitê acaba tendo dificuldade de operar outras coisas, né? É... Então, assim, no ambiente que eu vivo, hoje, parte das mulheres ainda cala. Conversa com você, mas não: “Ah, estou procurando só para saber os mecanismos”. Mas desaparece. E outras já formalizam a denúncia. Procuram a formalização. Algumas, inclusive, na instância judicial, né? Vão procurar a instância judicial porque não percebem que a empresa vá de fato solucionar, né? E, de fato, há sindicâncias com alguns problemas. Falta de pessoas capacitadas para conduzir sindicâncias. Sindicâncias que duram muito tempo. Teve um caso recente – não sei se posso falar – fizeram a acareação entre a pessoa e o assediador. Tomaram o depoimento dela três vezes e, na quarta vez, sem falar para ela. Ela chegou e era uma acareação. Então, assim, já tem a sindicância da sindicância. Então, assim, a gente acompanha...

Mesmo com falhas, são instâncias importantes e diferenciadas diante da ausência de mecanismos semelhantes nas empresas comerciais e do silenciamento arbitrário das práticas racistas e sexistas no jornalismo. O depoimento de Juliana Nunes¹⁰⁷ estabelece a ponte entre essas duas realidades: empresa jornalística pública e privada.

– É. Engraçado que até uma pessoa de empresa privada, que entrou recentemente lá [na EBC], falou: “Nossa, eu nunca vi uma empresa com tanta denúncia de assédio moral! Com tanta coisa”. Aí eu falei: “Bom, você, que já trabalhou no Estadão e não sei aonde, não sei aonde deve ter passado por mil situações, mas nunca teve processo, né?”. Então, o que eu percebo, da vivência que eu tive ... já tem bastante tempo que eu saí de Redação de (empresa) privada, a última foi em 2004, já tem mais de dez anos. Do

¹⁰⁷ No capítulo 7, a jornalista Mara Régia Di Perna aborda questões complementares e importantes sobre o Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça na EBC.

que ouço de colegas e pelo fato de eu atuar no sindicato, a gente ouve que, em geral, a tendência das pessoas é calar. Claro que há uma mudança na Redação. A Redação de hoje não é mais uma Redação da década de 1980 e 1990, em que o cara chegava no [meio da Redação] – Eu cheguei a pegar o Noblat em Redação [Correio Braziliense] – e dizer: “Tá querendo me foder? Me beija! Chegar no meio da Redação e gritar” e tal. Mas ... e as mulheres, tendo muito aquela geração de jornalistas que tinham que se masculinizar, ter um comportamento para poder se impor, né? Eu acho que isso muda e a gente tem um avanço em relação a isso. Mas esse assédio, essa coisa aparentemente velada... E aí as pesquisas da Fenaj colocam isso muito evidente, né?, que embora haja um maior número de mulheres nas Redações, ainda não estão nos postos de chefia. Então, assim, ainda é um ambiente muito inóspito. E aí você vê muita gente com problema de saúde mental, depressão, muitos atestados. As pessoas se sentindo desestimuladas, sem perspectiva e, quando não pior, sendo violentadas, né? Então, é assim ... é um lugar muito ... Você tenta construir um ambiente melhor de trabalho, mas não é fácil.

Com mulheres vulneráveis pela pertença de gênero, Juliana reconhece, em geral, a correspondência contrária aos homens, evidenciada por comportamentos antagônicos ao desenvolvimento geralmente esperado para as mulheres.

– Quando ele está falando uma pauta, quando ele está sugerindo alguma coisa, não tem os mesmos ... não passa a mesma sabatina, sabe? Isso é uma coisa que me incomoda muito assim, sabe? Parece que ele tem um lugar de fala assim muito privilegiado. Você ali tem que ralar para falar uma coisa e aquele homem vai ali e vai conseguir de uma maneira muito mais fácil assim. E que não estão sobre ele desconfianças nem temores de que ele não vai dar conta. É ele ... não vai ter um ataque histérico. Como se fosse uma pessoa com mais sanidade, com mais credibilidade, com mais estabilidade emocional. E quando isso não é uma coisa de gênero, né? Então, eu acho que ... e aí nisso eles acabam conseguindo galgar rapidamente os postos na carreira, né?, os melhores lugares, as melhores coberturas, os melhores postos, né?

A incidência dessas expectativas diferenciadas e com marcas sexista e racista é detalhada por Juliana Nunes, com base na sua experiência profissional, tornando visível

a inter-relação entre tais ocorrências com a saúde mental e emocional, fundamentais para a chamada inteligência emocional no mercado de trabalho. Em resposta à indagação se teria sentido desvantagem por ser mulher, ela rememora:

– Já. Principalmente nisso, né? Você está ali ... por exemplo, **quando eu fui setorista de Política. Eu fazia Congresso e Palácio [do Planalto]. Você está ali, numa cobertura difícil, e o cara está ali te paquerando. Você tem que lidar com constrangimento. A pauta já é difícil e você fica constrangida. Isso dificulta ali o teu desempenho. E aí você também percebe que recebe menos informações ou informações insuficientes do que um homem, né? A falta de paciência para te ouvir, como se o homem faz perguntas ... quando você vai contextualizar não tem paciência. Quando o homem vai falar: “Ah, não porque ele é mais incisivo, vai mais no ponto. Então eu falo melhor com ele”.** Quando você quer fazer uma pergunta mais complexa, é porque você é prolixa. Porque você é mulher, você é, prolixa. Você fica inventando muita história, entendeu? Então ... e além dessas coisas das viagens. **Várias viagens que eu tive vontade de fazer. Eu queria ir ao Haiti. Tive vontade de ir à Indonésia. E aí ... eu até lembro de uma sequência. Eu até consegui ir para o Líbano fazer a cobertura dos brasileiros que estavam no Líbano. Mas aí você já sai com aquela tensão de como se estivessem te dando uma oportunidade única. Como se, “abrimos essa exceção”. E isso te pesa. Como se: Ah, eu tenho que fazer tudo, tudo muito certo, porque me deram essa oportunidade. E se não corresponder eu vou estar entrando naquilo que os diretores falaram, né? Eu não respondi. Então, eu estou provando que as mulheres não têm capacidade. Eu conheço mulheres e eu já estive assim ... em coberturas tiveram ataque de pânico, porque você fica com aquele mantra assim... Falaram durante tanto tempo que você não dá conta que você acha que não vai dar conta, não vai dar conta, não vai dar conta. E entra em parafuso numa viagem, numa cobertura. Muito comum, é ataque de pânico. Depois, algumas desenvolvem síndrome de pânico e outras, não. Eu tive dois ataques de pânico em coberturas internacionais e acabei não desenvolvendo a síndrome, mas conheço algumas mulheres que desenvolveram.**

Sobre as duas coberturas internacionais em que se deparou com situações de extremo estresse, Juliana Nunes é solicitada pela sujeita-intérprete para fornecer mais detalhes e os oferta conforme as seguintes formas simbólicas.

- Eu tive ... um mais leve nessa do Líbano e outro, mais pesado, na cobertura da Assembleia Geral da ONU. Era sobre brasileiros que estavam no Líbano, fugindo dos ataques. Na verdade, eles estavam ... a gente foi para Turquia e Beirute. A maioria estava indo para a Turquia. Acho que foi em 2007. À ONU acho que foi 2006. 2006, 2007. Foi mais ou menos bem próximas, essas duas coberturas. E assim, sempre essa coisa assim, né? E depois eu comecei a ver várias repórteres tentando fazer isso, tentando derrubar a pauta antes de ir naquela cobertura. Com receio de não corresponder às expectativas. Uma vez na cobertura, achando que não vai dar conta. Quando eu vejo que algumas estão entrando nessa lógica, eu chamo para conversar e tal. Tive algumas chefes que foram muito parceiras de conversar. E assim... eu estar para viajar e pensando em desistir e elas: “Não, você vai conseguir. Não desiste, não”. Mas assim. Como o discurso oficial e estruturante é sempre assim: “Você não vai dar conta. Não vai dar conta, não vai dar conta”. Você vai e, mesmo que algumas pessoas estejam tentando te apoiar, o que está no seu HD (mente) é o não vai dar conta. E aí você fica entoando esse mantra, né?

Em resposta à pergunta se teria sentido, ao longo de sua carreira, desvantagem por ser mulher negra, Juliana Nunes é categórica ao afirmar:

- É ... Já, já. Várias vezes. Um dos lugares mais pobres em que eu já trabalhei foi no Palácio do Planalto, o comitê do Palácio do Planalto,¹⁰⁸ a ponto de jornalista vir falar para mim que eu não devia ficar tomando sol, porque pegava mal. Porque, se queria ser uma grande repórter de Política, eu tinha que ter uma outra pegada. Não podia parecer que eu estava indo para a praia sempre. Ah, tem essa sempre. Em várias Redações por que passei, as pessoas não acreditam que você é negra, né?. Ficam falando: “E daí, foi para a praia nesse final de semana?”. Toda a segunda-feira

¹⁰⁸ Comitê de Imprensa é a área onde ficam jornalistas de diferentes veículos de comunicação, no Palácio do Planalto, sob a supervisão da Secretaria de Imprensa (SIP), para a cobertura da agenda da Presidência da República. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/area-de-imprensa/sobre-a-secretaria-de-imprensa>>. Acesso em: 31 maio 2016.

*perguntando. Nossa, o Noblat fez isso comigo muitas vezes. Muitas vezes. E no comitê do Palácio, várias vezes. “Você foi para a praia nesse final de semana. Ó, não pega bem. Você está toda hora bronzada. Parece que não trabalha”. Aí, você, tipo: estou há dois anos sem ir à praia. Então, assim. **E como se isso fosse assim ... a imagem de que você é desleixada, que você não vai ao teatro, que você não vai ao cinema, que você não está intelectualizada, né? Porque, se a sua prioridade é ir para o clube, você não foi para o cinema. Então, me senti várias vezes por esses ... esses constrangimentos, esses assédios, esses discursos ou, por exemplo, é quando fala de outra pessoa negra, por exemplo. De novo, no Palácio. Aí está tendo uma coletiva sobre o ProUni e vai uma mulher negra que fez, já com seus 50 anos, e fez Gastronomia, e vai dar o seu depoimento. Aí os repórteres começam: “É muito dinheiro jogado fora mesmo. Essa mulher, o que ela vai dar de volta para a sociedade? Vai abrir uma birosca”. E assim começam os comentários preconceituosos e você se vendo na mulher. E você pensa: é exatamente assim o que eles pensam de mim, que eu sou uma inutilidade. Que eu sou um gasto de dinheiro, que eu não deveria estar aqui. Porque se ela não deveria estar aqui, eu também não deveria estar aqui. E você vai ... e você querendo trabalhar, prestar atenção naquilo e os coleguinhas com discurso racista, que você não sabe se aquilo é para te afetar ou não. Mas aquilo te afeta e atrapalha o seu trabalho. É óbvio que a matéria do cara vai ser melhor que a tua, né? Não, assim, que eu viva muito nessa coisa de competição, né? Mas ele vai estar numa situação de vantagem para fazer o trabalho dele. Porque ele passou a coletiva inteira xingando a mulher e me desestabilizou. E eu não consegui ouvir o que a mulher estava falando. E eu vou sentar para escrever e não tenho vantagem em relação a ele, né? Então, assim, tanto o preconceito que tem em relação a você quanto o preconceito que tem em relação a outras mulheres negras prejudicam o seu trabalho, né? Prejudicam o seu desempenho. E aí dá vontade de você não estar ali naquele espaço, né? Então, assim, eu pedi para sair do Palácio, da cobertura do Palácio, concretamente por causa dos vários episódios de preconceito, de racismo, que eu passei lá. Vários. Diversos.***

No depoimento de Juliana Nunes, a conexão das discriminações raciais e de gênero e seus efeitos na identidade pessoal e identidade profissional mostram-se

entrelaçados, como no relato a seguir acerca das ações sexistas vivenciadas na imbricação com a vivência de mulher negra e jornalista.

– Eu vi, né? E acho que eu até mencionei alguns, né? É, vi vários e acho que as mulheres negras, sim, pela erotização, né?, acabam tendo situações ... você vê ... ó, o político não olha só para uma mulher negra, né?. Não olha só para a bunda, né? Mas olha mais, fica mais tempo. E isso vai fazendo a diferença, né? E olha que mulheres brancas, muitas vezes, têm mais repertório para se opor àquilo ou para pular, não se importar, né? Talvez, né? Sei lá. Aparentemente. As mulheres negras já vão acabando tendo mais dificuldade de lidar com isso, né?, até mesmo por já ter sofrido muito preconceito. Por exemplo, eu vim de uma família que adotou a estratégia do silenciamento, do silêncio, e tal. E achar que ... pô, consegui chegar até aqui. Suportei tanta coisa e cheguei até aqui. E vou dar na cara desse cara, né? Então, vi vários episódios assim. Diversos. E aí vão das coisas mais ... é isso dentro da Redação, fora da Redação.

As diferentes maneiras de as empresas jornalísticas lidarem com a maternidade e a paternidade são acentuadas por Juliana Nunes, nas quais o custo da reprodução humana recai sobre as mulheres numa correspondência política na organização do trabalho e na dinâmica das oportunidades díspares entre mulheres e homens por meio de práticas corporativas de cunho sexista. No jornalismo como profissão, isso materializa-se da seguinte maneira:

– E eu acho que conta muito, de uma forma geral, e eles fazem o cálculo, né? “Ah, daqui a pouco vai começar a ter filho. Daqui a dois anos sem poder render”. Como se o homem estivesse mais disponível. Essa é uma coisa que eu vejo que nessas promoções conta muito, né?, a suposta disponibilidade dos homens, né? (...) Hoje, menos assim, sabe? Mas já foi falado. Eu já vi: “Ah, ela vai ter filho e tal. Não vai poder. Se a gente precisar que ela fique mais tempo em tal dia, não vai poder”. E aquela coisa que eu fico muito assim: Ah, no cargo de coordenação você está à disposição da empresa. Como assim à disposição da empresa? Escravidão? Entendeu? “Não, não. Oito horas é a sua carga horária, mas você tem que estar à disposição da empresa”. Oi? Não, você tem que estar sobreaviso, né? Então tem uma coisa bem forte em relação a

isso. A questão da maternidade e da gravidez, nesse sentido. (...) É, para os homens não acontece absolutamente nada. Ele não vai precisar sair mais cedo para levar a filha no médico, né? E os homens acabam, né?... Já existem alguns homens ... Por exemplo, na Redação tem um homem, o Gilberto, né, que tem a guarda compartilhada e ele praticamente cria os filhos. E isso deu uma mudança um pouco na visão, assim ... É, então, você tem alguns pais, assim, que já demonstram assim mais participação e isso acaba servindo um pouco de exemplo. Mas a maioria se vale, né?, desse preconceito, desse estereótipo sobre as mulheres e se beneficia deles, né? Eu tive, numa época em que eu era coordenadora de edição, e eu tinha um coordenador de reportagem, e o chefe decidiu trocar. Eu ia ser coordenadora de reportagem e ele coordenador de edição. Ele não justificou, sabe, devidamente ... Ele disse: Como os repórteres são mais novos, você” ... “Agora, para coordenar edição precisa de um” ... né? Ficou aquele não-dito. Por quê? Mas eu não estou entendendo qual é o critério. Então, a minha reação foi pedir para sair da área. E fui para outra área. Aí, depois, ele falou: “Não, não vai. Fica. A gente mantém tudo como está”. Aí, eu falei: Não. Você não deve confiar em mim. Então, eu estou saindo.

Acerca das desvantagens existentes nas relações de gênero baseadas em modelos de desigualdades raciais e sexistas, Juliana foi questionada pela sujeita-intérprete se ela percebia ou não a perda de espaços importantes de trabalho, como ela mesma enunciou sobre a sua saída do Comitê de Imprensa do Palácio do Planalto. Nas duas passagens, as circunstâncias cristalizaram-se como insuportáveis para a jornalista negra, a qual teve mais condições de mobilidade possivelmente por se tratar de uma empresa pública de comunicação.

– Não, eu acho que talvez eu tenha assim ... Aí eu sai, perdi o cargo de coordenação e comecei tudo do zero, né? Quando eu saí da Agência Brasil foi assim. Eu fui para as rádios e recomecei. Então, mas acabou que eu consegui me reposicionar relativamente. Eu fiquei um, dois anos fora da gestão e depois eu retornei. Mas, assim, né? Óbvio, a Agência (Brasil) é o principal veículo da empresa, né? Hoje, a TV (Brasil) tem um grande valor, mas jornalisticamente a Agência é o que tem mais peso. Então, eu saí dessa, desse veículo. Fiquei num veículo com menos prestígio dentro da empresa. É isso.

Em complemento à pergunta se ela teria desistido da posição que ocupava por decisão própria para evitar um embate, Juliana Nunes revela:

– Foi uma decisão, porque eu não queria continuar trabalhando com esse chefe que hoje, inclusive, tem um processo. Foi demitido num processo de assédio sexual e assédio moral contra outras mulheres. Eu não cheguei a passar pelo assédio sexual, mas várias outras sim. Foi uma decisão que pode ser mesmo meio que a decisão da fuga e tal, mas que não sei ... eu não sei também. Agora eu não consigo avaliar se eu me arrependo ou não, sabe? Naquele momento, eu não dei conta.

Outra questão abordada por Juliana Nunes é sobre a maneira como mulheres e homens lideram as equipes de jornalistas, incitando a chamada masculinização das mulheres na gestão numa reificação do sexismo nas relações organizacionais no jornalismo, fenômeno observado em outros ambientes corporativos, na materialidade de práticas patriarcais por meio do androcentrismo (FRASER, 2002) imbricadas com a violência racial por meio de alegorias da escravidão numa interrelação entre racismo patriarcal (WERNECK, 2014) .

– E aí tem um outro discurso que, recentemente, eu vi até uma mulher reproduzindo: [modulação na voz. Sarcasmo] “Ah, não tem tanto pulso. Preciso de pessoa com mais pulso, sabe? Porque vai chegar uma equipe e precisa ser uma pessoa que tenha, assim, uma autoridade, né? Ela não passa essa autoridade. É preciso que a equipe tenha, assim, medo, né? A Redação é um ambiente tão esquizofrênico, né?, que as pessoas criam a cultura do medo, né? E aí, para poder impor esse medo, tem que ser um homem, obviamente. Porque como é que uma mulher vai segurar um chicote? Então, isso também eu já vi acontecer bastante.

A almejada igualdade de gênero no jornalismo como profissão é negada como prática incorporada nas empresas jornalísticas por todas as cinco jornalistas negras entrevistadas. Continua, portanto, a ser uma utopia, sobretudo, pelas práticas enunciadas para expor o quão adiada é a igualdade entre mulheres e homens jornalistas na atual configuração do jornalismo como profissão. Questionadas acerca da igualdade de gênero, as cinco jornalistas contestaram as perguntas interseccionalizando as dimensões de raça e gênero, pontos elementares sobre o *ethos* mulher negra, fartamente teorizado pelo

pensamento feminista negro, e sinalizaram algumas estratégias para a superação das realidades excludentes. Ademais, indicaram como imperativo o engajamento efetivo das empresas para a eliminação do racismo e do sexismo, estruturantes de desigualdades, ao passo que urge a instauração de novas práticas de trabalho para o livre desenvolvimento das carreiras de negros e brancos, mulheres e homens.

Atuante em São Paulo, Joyce Ribeiro, constata que:

– (...) *tem-se um longo caminho a percorrer nesse sentido. Homens, pelo que eu sinto ainda, na maioria ganham mais e ainda chegam mais rapidamente aos postos de chefia. E eu acho que para mudar as empresas têm que focar nas potencialidades apenas, né? Tem que colocar outras questões na balança. A mulher está apta a desenvolver a mesma tarefa que o homem. Nós estamos aptas nas nossas funções. Eu acho que a gente nem precisa falar sobre isso. Nós somos tão abastadas quanto. Temos tantas aptidões quanto. Eu acho que é uma questão mais de comportamento. E como as chefias são muito masculinas, eu acho que isso dificulta o olhar para que outras mulheres sejam favorecidas. Eu acho que se, de repente, sou chefe de uma Redação, eu vou ter um olhar mais cuidadoso com aquelas mulheres que se destacam e possam ocupar cargos de chefia. É o que eu passei e o que eu quero que se desenvolva. Também, se a gente fica perpetuando essa condição de homens nas chefias, homens nas chefias, ... eles vão olhar para o lado deles. O mesmo eu acho que acontece em relação aos negros. Se estou na Redação, as pautas relacionadas aos nossos interesses com certeza vão ter um olhar de destaque quando caem, quando chegam até a minha mão. Como a gente tem uma Redação que não tem representantes negros, essas coisas se perdem, porque não representam ninguém dentro da Redação. A Redação é branca, né? Se a Redação é 100% branca. Por isso, a necessidade de ingresso de profissionais ... uma Redação diversa, né?, se a gente for falar com todas as pessoas, com todos os públicos, que os profissionais também sejam diversos.*

Da Bahia, Cleidiana Ramos enuncia a realidade das Redações mediante a negativa da igualdade de gênero e raça:

- *Não, não, não. É aquela... eu acho que no jornalismo é aquela mesma classificação econômica, né? No topo da pirâmide, homens não negros, mulheres não*

negras, homens negros e depois mulheres negras na base. A mesma coisa. (...) Desigualdade mesmo. As mesmas da sociedade. As Redações reproduzem do mesmo jeito. Primeiro, elas precisam se conscientizar. A gente tem um problema sério assim. A maioria das empresas pertence a famílias. O fato de pertencerem a famílias é aquela velha estrutura social do Brasil. São pessoas que vêm de uma série de privilégios. Se elas sempre viveram esses privilégios, elas não reconhecem esses privilégios e nas empresas delas a existência desse tipo de problema. Então, você já começa... As administrações não são assim independentes. Tem uma relação ali com o dono, com o que o dono pensa, o dono da empresa. Então, é muito complicado você discutir questões como sexismo. Racismo pior ainda. Eu tinha aqui rápidos contatos com acionistas, com membros da família acionistas, mesmo a gente tendo referência na cobertura de temas étnicorraciais, vários deles falavam comigo que essa história de cotas é uma grande bobagem. Que as pessoas têm de vencer pelo mérito. Então, não aceitam, embora nunca tenham impedido que a gente tenha tratado essas questões.

Sobre as relações de gênero, chama a atenção o fato de Cleidiana Ramos demarcar o estado da consciência como um marco do reconhecimento do racismo e de seus efeitos nas carreiras de jornalistas negras e negros. Frente aos questionamentos sobre igualdade de gênero, ela organiza resposta na interseccionalidade de raça e gênero:

- Não. Não exatamente por isso, porque os jornalistas negros não estão em posição de comando, inclusive aqueles que têm consciência. Só nesse sentido de ter essa consciência de que você não iria muito longe, entendeu? Do ponto de vista de promoção de carreira. Eu acho que essas coisas ficam muito claras mesmo que as pessoas não tenham essa consciência do que elas estão fazendo. Essa é uma questão que a gente nunca discutiu aqui.

Como passos ensaiados para mudar a realidade excludente, Cleidiana Ramos compartilha a sua interpretação sobre a continuidade do caminho:

- Primeiro, a gente teria de fazer um seminário de conscientização porque não vão de primeira ... você levar um documento pronto exigindo que se estabeleça cotas na empresa, já começa supercomplicado porque é uma discussão que nem começaram. Se você leva um documento desses, você não vai conseguir passar nem pelo primeiro

parágrafo. Até porque a gente, ... como eu te falei, os próprios colegas, não são todos os que se acham negros. Se você vai para a televisão aqui, é terrível. Nessa cidade, a questão ...você conseguir falar com algumas colegas ...tem caso até de agressão estética que você é obrigada a fazer. Tipo cortar cabelo, alisar o cabelo porque não fica bem enquadramento da câmera, entendeu? É terrível.

No Rio de Janeiro, Flávia Oliveira também experiêcia um ambiente de desigualdade de gênero atrelando a dimensão racial por meio do fortalecimento do lugar de fala e de vivência das mulheres negras jornalistas, como expressão máxima da disparidade sexista.

– Porque eu sempre quis trabalhar com conteúdo. A minha missão – até religiosa em algum sentido – é fazer comunicação no sentido de falar, escrever, passar a mensagem. Então, é cara a tapa mesmo. Então, nunca abri mão das funções de produção ativa, ser repórter. Então, não posso dizer isso. Mas ... e a partir daí de eu ter obtido uma imagem, uma credibilidade, isso me blindou um pouco. Facilita. Ah, o fato de eu ser uma mulher conhecida, então você tem um escudo protetor. Mas eu acho que não é fácil para uma jovem jornalista negra hoje. Continua não sendo, ganhar espaço, conseguir aquele emprego, ser promovida e tudo o mais. Não é fácil nem para mulher, nem para negro, mas é mais difícil para mulher negra. Ainda mais se for pobre, suburbana, nordestina, do interior ... vai juntando essas qualificações – digamos assim – e a vida vai ficando mais dura. A gente não vê muitas mulheres nos cargos de comando. Aquilo que falei, você tem eventualmente editora, uma editora executiva ou outra, mas a direção, os acionistas, os representantes dos acionistas, tudo isso é muito masculino. Mas não é peculiaridade do jornalismo, é generalizado.

Flávia Oliveira problematiza o racismo como um eixo inviabilizante da igualdade de gênero em face do espaço das mulheres negras contido nas relações de gênero e até mesmo pinceladas sobre os homens negros na perspectiva intragênero no âmbito das masculinidades, em que os homens negros não dispõem das mesmas condições que os homens brancos em face da pertença racial.

– Acho que a situação das mulheres até tem melhorado. Mas a dominância é masculina e branca. (...) Acho que algumas figuras ganharam visibilidade nos últimos

tempos e até têm reconhecimento, cito o caso Maria Júlia Coutinho. Mas o filtro ainda é apertado pra caramba. Não sei a quantas anda o desenho da formação superior. Quantos são os jornalistas negros formados nas universidades. Esse durante um tempo foi o argumento. Onde estão os jornalistas negros? Se tivesse, eu contratava. Eu acho que tem bem mais. Mas não vejo as Redações significativamente mais coloridas. São sutilmente um pouco mais coloridas. Sutilmente. Mas, agora, nesse momento de encolhimento e tal, eu temo. Se você tem a tendência de proteger os iguais. Se diversidade não é uma orientação determinada nas empresas jornalísticas, você vai cortar nos negros e nas mulheres.

Na tentativa de composição de respostas objetivas sobre um dos eixos com mais intervenção desta sujeita-intérprete sobre a ocorrência de igualdade ou desigualdade de gênero – inquirição objetiva a todas e todos entrevistados – Flávia Oliveira caracteriza o jornalismo como uma profissão com *desigualdades* entre mulheres e homens, complementando resposta à pergunta acerca da competência das empresas jornalísticas diante de tal quadro:

– Acho que têm de enfrentar. Acho que tem de ter política mesmo e orientação. Mas orientação de acionista, de conselho de administração, orientação corporativa. Mas ancorada não em conceito de justiça social ou de igualdade utópica, o que eu acho que até seria suficiente para justificar essa estratégia. Mas eu acho que ancorada num conceito de construção de diversidade por condição de sobrevivência numa sociedade que está mais questionadora e que é diversificada. (...) Se mais da metade da população é negra, se esses caras estão se formando, ganhando posição de classe média, entrando no mercado consumidor, se qualificando, etc., etc., etc., quanto mais representação você tiver de quem produz o teu produto e na composição da sua atividade-fim, melhor vai ser o seu produto, melhor vai ser a sua penetração, melhor vai ser a sua imagem... então é rentabilidade. Além de ser socialmente justo, é econômica e financeiramente recomendável. Não acho que estejam pensando nisso não, mas acho que deveriam.

No Distrito Federal, Juliana Nunes nega a igualdade de gênero e, a exemplo de Flávia Oliveira, frisa o papel das empresas jornalísticas como agente ativo na desconstrução das desigualdades sexistas.

– Não. É marcada pela desigualdade, e a empresa, ela precisa se responsabilizar por isso. Não pode responsabilizar os funcionários e as funcionárias. Ela precisa desenvolver ações afirmativas para mudar isso. Para mudar essa lógica. Não ter pudor, não ter medo de botar uma cota, botar um ponto extra no processo seletivo. Isso ainda é um tabu dentro da EBC. Já é concreta a questão de cota no concurso. Vai ter no próximo concurso. Mas dentro, quando a pessoa entra, aí ela está largada, né? E entender que uma pessoa que está sofrendo uma situação de machismo, de racismo, na Redação, ela está sendo prejudicada num nível de longo prazo. Isso vai prejudicar o trabalho dela, vai abalar ela emocionalmente. É incapacitante, né? É improdutivo.

A jornalista incorreu pela seara da examinação da igualdade de salário, condições de trabalho, desanuviando alguns pontos acerca de intercorrência nas carreiras de jornalistas negras e negros. De acordo com Juliana Nunes:

*– (...) existem, sim, pessoas negras muito bem capacitadas que negam ascender a esses cargos, né?, porque acham que não estão capacitadas. Tem muitas. **Conheço várias profissionais negras e homens que foram convidados a assumir alguns cargos e não toparam, porque não se sentiram capacitados. É, mas é pelo próprio discurso que eles ouviram dentro da própria empresa, né? Então, as várias desqualificações que eles foram ouvindo e acabaram internalizando isso.***

Perante essa formulação, a sujeita-intérprete lançou como dúvida se haveria algum impacto do racismo e do sexismo nas decisões profissionais de jornalistas. Em resposta, Juliana Nunes considerou:

*- Tem. Tem. E a empresa não faz ... assim, como eu falo: a gente tem que fazer formação de gestores. Fazer. **Chamar mulheres, mulheres negras, homens negros e falar: você pode, um dia, ser gestor dessa empresa. Você não ter essa ação afirmativa, né? A empresa peca por omissão e negação. E você vai percebendo, assim, a sutileza das seleções, né? Hoje em dia alguns cargos têm seleção. Outros, não. E aí as pessoas que vêm de fora ... E aí, assim, né, a questão do marketing da rede de relações, né? Você percebe ... e aí é muito claro ... a EBC tem um presidente branco, que trouxe diretores brancos, que trazem gerentes brancos e que vai trazer coordenadores brancos. Ele vai***

trazer pessoas, de fora, brancas. E quando chega na empresa, ele vai se relacionar com pessoas brancas. E vai escolher essas pessoas, como pessoas da sua confiança.

Juliana Nunes encontra como base de resposta elementos do patrimonialismo dispostos por Raimundo Faoro (2000), em **Os donos do poder**, que assumiria, no dizer de Jurema Werneck (2014), a matiz do racismo patriarcal, norteadas pelo dispositivo da racialidade/biopoder carneiriano (2006). Conforme a jornalista negra:

– É o racismo estruturante da sociedade, né? E eles estão atuando de forma a manter isso. Ainda que, aparentemente, isso não seja uma coisa consciente. Eu acho ... para alguns, eu acho que até é. Para outros, talvez não. Mas, assim, o que também o que é e o que não é, não importa, porque o cara está errando só por não pensar sobre isso, né? De não estar pensando sobre as suas escolhas. Mas, de fato, tem uma coisa de que com quem você consegue enxergar e sobre quem você escolhe se relacionar e quem você consegue enxergar. Aí você vê que as pessoas negras não são nem cogitadas. E as pessoas negras que estão acabam tendo uma cobrança dupla, tripla. Uma cobrança maior do que as pessoas brancas. E eu acho que, enfim, é multifatorial. Tem essa coisa dos processos de escolha, influenciados. Embora a empresa seja uma empresa por concurso público, a ascensão é toda por processos seletivos. Mas dentro dos processos seletivos você vai criando critérios ali que fazem com que uma pessoa branca fique numa posição vantajosa, né? De línguas, de experiência de gestão. Então, você vai criando: “ah, essa vaga é para gerente ... experiência de gestão de tanto e tanto tempo”. Então, só vai ser outro gerente que vai ocupar essa vaga. E outro gerente é branco. Então, assim, vai ... você fica fora da coisa [seleção]. Eu vi, nossa, uma situação muito ... uma pessoa que substituiu durante muito tempo um gerente da área, ele ficou doente, uma jornalista, uma mulher negra, que estava substituindo ele [gerente] durante muito tempo e quando ele [gerente] saiu, foi escolhido um repórter, um homem branco, muito mal avaliado pelos editores e pela gerente da coisa e ele [repórter branco] virou gerente. Ele passou de repórter, de local, a gerente! E a mulher negra que já estava gerenciando aquela equipe há bastante tempo não foi colocada. “Ah, não, porque eu acho ela”... Então, por que não tirou ela antes?

Detalhando um pouco mais, Juliana Nunes explica o perfil da colega negra.

– Não ... porque tiveram alguns discursos ... **Essa coisa da insubordinação, né?** “Ah, muito resistente”. **Por exemplo, se a gente argumenta. A gente é resistente, é impertinente, é difícil, né? Porque você está argumentando, né? O chefe acha que ele vai te dar um esporro e que você tem que ficar calada. Que você não pode argumentar, explicar como aquele erro aconteceu e tudo o mais. E essa pessoa, essa mulher negra, ela tinha isso muito assim. Ela admitia que tinha cometido o erro, só que ela explicava por que tinha cometido o erro. Porque muitas vezes o erro aconteceu pela falta de um funcionário, um funcionário que está faltando e você está pedindo para o chefe e o chefe não te dá, né? Uma carga horária em que o funcionário está sem prorrogação de jornada. Você está só com cinco horas, em vez de fazer sete. Então, são coisas que você precisa dizer para que você possa até tentar sair daquele erro com algum ganho para a equipe, entendeu? E ela era malvista por isso. Porque, quando ela errava, ela não ... defendia a equipe, né? Tentava explicar por que aquele erro aconteceu. E a avaliação da coisa ... era que ela era resistente, insolente e que ela era muito nova. Então, vai assim. Durante o tempo em que o cara esteve doente, ela serviu. E ela construiu equipe, ela geriu equipe muito bem. Entendeu? Mas é ... enfim ... é muito complicado. Não foi dada a ela nenhuma orientação. Nada do que ela fez, ela descumpriu uma orientação, né? Nada do que ela fez, ela descumpriu alguma orientação, né? **E o mais cruel ainda: quando o cara entra, ele não sabe nada. Ele era repórter. Não era da gestão. E ela passa a ter que ensinar ele a gerir e a ter que fazer várias coisas, não sendo a pessoa ... sendo que ela deveria ter sido a pessoa escolhida, reconhecidamente pela equipe. É bem complicado. Aí, você fica... putz, se fosse um homem branco no lugar dela que tivesse substituído o gerente que estava doente e ficado esse tempo todo, não sei o quê, não sei o quê ... ele seria o substituto natural.****

Na circularidade discursiva aqui empreendida, a quinta visão acerca da desigualdade de gênero no jornalismo como profissão reveste-se da interseccionalidade de raça e gênero nos dizeres de Luciana Barreto, alicerçada nas suas vivências profissionais nas Redações do Rio de Janeiro. Sobre a igualdade de gênero, ela aponta a negativa:

– Não, evidente que não. Evidente que não. A gente tem mais mulheres ocupando postos, mas não postos de liderança. Mas o salário não é o mesmo. É o mesmo do resto da sociedade brasileira e do mundo: as mulheres ganham menos no mundo. As mulheres negras ganham menos ainda. E a gente tem a mesma reprodução ainda desse movimento. Quando não, a gente tem espaço. Eu tenho uma amiga negra, repórter. Muito, muito, muito boa. E eu fico chocada. Quando tem um contrato temporário, quando ela está numa vaga temporária para duas, três jornalistas. Ela está sempre no mês. Ela faz. Ela cumpre dois, três meses num local. Eu fico chocada como ela não é escolhida. É preterida por uma jornalista branca ou por um homem. Assim, essa tevê, esse veículo não está preocupado com isso, com a competência. Não é a competência. Não adianta que não é a competência. O Brasil não é o Brasil dos competentes. Não é mesmo! A liderança do Brasil não é a liderança dos competentes. É a liderança do sistema social brasileiro, do sistema racial do Brasil, do preconceito, do machismo, do sexismo.

Ainda sobre o eixo de gênero com o propósito de aferir a igualdade salarial e de condições de trabalho entre negras e negros, brancas e brancos, Luciana Barreto argumenta sobre a prevalência da desigualdade, a qual exigiu um novo posicionamento de si mesma como jornalista negra:

– Não. A situação ainda é bem pior. Eu tive ... eu percebi ao longo da minha carreira ... mesmo na tevê pública, em que a minha imagem já era uma imagem para a tevê pública. Eu percebi em certo momento que precisava ter um poder de voz, de liderança em determinadas situações no meu próprio jornal. Eu percebi porque não é, não é simples assim. Às vezes, você é um apresentador e não tem a autonomia que gostaria de posicionar em relação a determinados temas. Hoje, eu tenho um cargo a mais lá. Um cargo de editora executiva do meu jornal que me dá essa possibilidade de posicionamento assim, entendeu? Mas não é algo comum ao Brasil. Eu não sei quantos apresentadores (negros) têm também um cargo de posicionamento, de edição, de editor executivo ou de editor-chefe, ou de editora-chefe. Eu não sei. Não têm as mesmas oportunidades. Não têm o mesmo salário, evidente. Se não têm as mesmas oportunidades, não têm o mesmo salário. Isso é evidente. Se não têm os mesmos cargos,

não adianta. E pior ainda: não existe a preocupação para que tenha. Não existe a reflexão para que tenha.

Querendo saber mais sobre como forjou para si um espaço mais largo no exercício da profissão, Luciana Barreto respondeu à sujeita-intérprete sobre as suas oportunidades, o que aludiu a esta pesquisadora o texto de bell hooks (2015, p. 206) ao *ethos* da mulher negra, num dos aspectos da estereotipia racista da “supermulher negra forte”.

Apesar de extenso e sem querer desmerecer as enunciações até aqui incorporadas e as demais que irão compor esta terceira parte da tese, este é um dos trechos mais ilustrativos acerca do dispositivo racialidade/biopoder carneiriano (2005), vocalizado pela sujeita-discursiva negra sobre o jornalismo como profissão, em particular, e acerca da realidade média das mulheres negras brasileiras na potência das experiências vividas e compartilhadas por elas pelas opressões raciais e sexistas, especialmente aquelas que tenham vivenciado as diferentes ações violentas da interseccionalidade de raça, gênero e classe. A potencialidade discursiva reunida no trecho a seguir por Luciana Barreto exprime a interconexão das identidades racial, de gênero e profissional num dos ápices do dinamismo interseccional que podem fazer com que as mulheres negras, numa espécie de encruzilhada, apostem suas fichas no tudo fazer (sacrifício transcendental perante a chance que se apresenta) ou no nada fazer (desistência diante da consciência de suas forças limitadas diante das implacáveis investidas racistas e sexistas).

– Em determinado momento, eu percebi ... não é o caminho que eu desejo para todos, mas foi o caminho que foi possível ... em determinado momento eu tinha que me tornar imprescindível, entendeu? E, conforme eu ia avançando, não era só uma questão de competência na hora de apresentar o jornal. Eu pensava: eu preciso ser competente, eu preciso ser melhor, eu preciso estudar, eu preciso saber sobre todos os assuntos, eu preciso ler todos os jornais. Eu preciso saber fazer isso. Eu ... eu entendi que eu precisava ter uma competência ímpar e, ao mesmo tempo, ser imprescindível. Eu fui conquistando. Eu fui ... eles me davam um doce e eu ia puxando a bandeja. Eu percebia que ... eu dizia assim para eles: ó, me dá a bandeja que vocês não vão se arrepender. Me dá a bandeja que vocês não vão se arrepender. E eu conseguia servir bem com aquela bandeja, você está entendendo? Foi uma questão mais individualizada, assim, foi. Eu me

posicionava. *Eu tentava algo novo. O público apoiava, levantava, junto, entendeu? Eu nunca tive ... durante muito tempo me foi negado eu fazer reportagem. E eu nunca me contentei com isso. Eu fazia reportagem. [voz oculta] “Ah, mas fazia reportagem porque você quer”. Então tá. Eu ia lá e produzia as minhas reportagens. Eu ia nas minhas fontes. Eu marcava a minha reportagem. Eu escrevia a minha reportagem. [voz oculta] “Ah, tá. Você quer? Então você edita sua reportagem”. Então eu tentava mostrar um bom produto para mostrar: olha só, eu sou apresentadora, mas eu sou uma boa repórter. Olha, eu posso entrevistar essa pessoa. Eu consigo essa pessoa. Ah, vocês querem ... eu consigo trazer essa pessoa aqui. Vai dar uma boa discussão. Então iam confiando, confiando, confiando. Então, eu ia me espalhando pelo local. Quando eu ganhei o Prêmio Abdias Nascimento foi exatamente assim. Me deram um tema ... me deram não. Foi um acaso. Tinha um tema sobre a questão racial e a TV, eu acho que não estava muito aberta para que eu saísse do jornal, e falaram: “Você quer fazer? Tá, mas não sai do jornal”. Então, eu fiquei 52 dias sem folga, de domingo a domingo, e eu ficava madrugada – que era madrugada na minha casa, então eu dormia três, quatro horas por dia – porque eu trazia o trabalho. Todas as minhas gravações num CD. Eles colocavam e eu decupava de madrugada na minha casa. De manhã, eu estava lá de novo, apresentando o jornal da noite, apresentando o jornal de sábado. Eu ia na rua fazer gravação e assim eu fiz um programa especial. E eu ganhei um prêmio com esse programa. Então, isso dava aquela crescida, né? Mas eu acho que não é esse o caminho que o Brasil tem que ter, você está entendendo? Quando a gente tem ... não é um caminho que se abriu a oportunidade no Brasil, mentira. Não se abre oportunidade para ninguém. A gente sai é botando o pé na porta mesmo, entendeu? É sacrifício, é suor, é sangue que você dá. Não abre nada de oportunidade. Quem você vê aí, e a gente consegue enumerar no nosso movimento negro, por exemplo, em todas as áreas, não só no jornalismo, é gente que deu sangue. Deu o sangue. Não teve oportunidade nenhuma. É tudo mentira. Você está entendendo? Então, o que a gente quer é que realmente haja uma democracia racial nesse país. Que realmente haja oportunidades, sim. Que se abram oportunidades. Agora, quando a gente consegue fazer isso e é importante que a gente faça, porque você consegue abrir espaço para outras pessoas. E você estando ali,*

you briga, né? Como eu brigo hoje. Olha, aquela menina ali, uma repórter que tem a cara do Brasil. Vamos tentar. Vamos investir nela. Então, por quê? Porque conquista um determinado poder que não tinha antes, né? Assim como a Flavinha [Oliveira]¹⁰⁹ deve ter contado para você. Porque a Flavinha tem esse poder. E é o que a gente consegue fazer hoje. Não dá mais para você ficar na periferia, pegando pelas beiradas, não. A gente tem que ir pra cima e tentar mexer na estrutura do negócio. Não dá só para ficar na militância. Uma militância de posicionamento de cabelo. Olha, o meu cabelo afro. Olha, como a beleza, a representatividade. Não dá mais para isso. Tem que chegar e botar o camarada ali na vaga que ele vai conquistar, que ele vai abrir espaço. Tem que tentar a vaga ali para ele para que outras pessoas tenham o mesmo olhar. Não dá mais para não fazer esse tipo de coisa não.

Diante da interpretação de um dinamismo interseccional compreendido pelas enunciações acima e na interação entre a sujeita-intérprete e a sujeita-discursiva, no movimento discursivo propiciado pela entrevista por seus sentidos e significados, esta pesquisadora questionou a entrevistada se ela estaria mencionando uma disputa pelo poder no jornalismo no exercício das suas atividades profissionais. Assertivamente, Luciana Barreto contestou:

– Fui para a disputa de poder. Fui para a disputa de poder. E muitas vezes não foi nada agradável. Muitas vezes eu tive de brigar mesmo. Mas eu percebi, aí uma coisa que eu percebi, que os homens, os homens privilegiados, eles entre si ou os brancos, homens brancos que estão lá no topo da cadeia, que eu falo, eles brigam também entre eles. Eu percebi que eles brigam. Tem que brigar. Tem que brigar também. Eu não vou aceitar isso. Então, muitas vezes, eu falava: eu não aceito isso. Não aceito isso. Eu não aceito. Como hoje eu falo, quando me posiciono, nas coisas práticas do dia a dia, né? O jornal está estourado. Qual é a matéria que vai cair? (voz oculta) “É a matéria do quilombola”. Não, não vai cair não. Não vai cair não. Por que vai cair a matéria do quilombola? Aí, começa uma discussão. Jornal estourado. Fechamento de jornal. Por que vai cair a matéria do quilombola? Não vai cair a do quilombola. Por que você está

¹⁰⁹ Luciana Barreto refere-se à Flávia Oliveira também entrevistada no trabalho de campo desta tese e incorporada neste capítulo relacionado às formas simbólicas produzidas por jornalistas negras.

dando menos importância para esse assunto? Por que na sua cabeça Zona Sul isso é menos importante? Tá entendendo? Então, muitas vezes, eu tenho esse tipo de discussão.

Luciana Barreto diz investir no bom relacionamento com a equipe e credita à automeada docilidade a habilidade para entrar em algumas arenas de disputa cotidianas com diferentes membros da equipe. Essas táticas talvez possam ser explicadas pelo *ethos* mulher negra na arquetipia de figuras míticas das divindades religiosas de matriz africana dos povos iorubás e bantus, traçada por Jurema Werneck (2014), sobre as influências delas nas feminilidades negras, inclusive nas suas ambiguidades e contradições inerentes aos seres profanos e divinos.

– Quando a pessoa começa a trabalhar comigo, acho que já estão até avisados do meu jeito, porque eu sou um pouco intransigente. Mas quando começam a trabalhar comigo, ainda tem aquela coisa assim ... Eu sou uma pessoa muito doce, entendeu? Eu não falo assim impositiva: vai ser assim e acabou. E não explico porque não, sabe? Depois de um tempo, eu sento com todo mundo, eu sento com qualquer um. Eu sou muito amiga com os membros da minha equipe. Gente que, na verdade, não tinha consciência racial. Não é gente que diz: “Eu sou mau”. É gente que reproduz o racismo, que cresceu nele. Então, não tinha consciência. (...) Mas eu não me calo, não. Você acha que entra por um ouvido e sai pelo outro? Não, mentira. Não entra num ouvido e sai pelo outro, não. Eu vou para frente e explico tudinho. O cara fica ali chateado porque vai perder 20 minutos, 30 minutos ouvindo um monte de coisas.

Ainda no mesmo eixo sobre a igualdade de gênero no jornalismo, Luciana Barreto foi questionada por esta pesquisadora se teria travado algum embate racial no exercício do jornalismo como profissão nas rotinas produtivas. Ao responder sobre a produção, ela apontou:

– Não. Nesse sentido do jornalismo não, porque eu uso os critérios jornalísticos, você está entendendo? Um atentado. Um atentado terrorista. Um atentado terrorista que matou duas pessoas no metrô de Londres, digamos. Um atentado terrorista matou 200 pessoas num posto de gasolina na Nigéria. Todos esses estão ligados ao Estado Islâmico. Qual a diferença entre noticiar um e o outro não? São critérios jornalísticos que eu uso. Não são nem critérios raciais. São critérios jornalísticos. Aliás, no meu jornal uso

critérios jornalísticos. Sempre critérios jornalísticos, só que o nosso jornalismo no Brasil é um jornalismo ainda muito racista. Então, eu tento mostrar isso para eles. E digo: vocês não façam como as outras emissoras que estão fazendo um jornalismo racista. A vida humana, ela é importante em qualquer lugar. Então, são sempre critérios jornalísticos.

Outra questão levantada por esta pesquisadora foi sobre o perfil racial da equipe gerida por Luciana, a qual *tem homens negros, mas não tem mulheres negras mais. Infelizmente.* Sobre o trabalho com outras jornalistas negras, Luciana Barreto acrescentou:

– Me deparei com várias na mesma equipe. E, inclusive, aquela luta para tentar ficar ... inclusive aquela que eu falei que é uma excelente repórter esteve na minha equipe. E fiz isso para ficar, mas enfim. Eu ainda não cheguei nesse poder de mando. Aí eu fico pensando assim: nossa, eu acho que importante era ter outro poder de mando. E aí esse poder de mando que eu estou falando ... é tanto trabalho que todo mundo se depara com isso em determinado momento da vida. Você chega num determinado grau e diz: nossa, mas avançar mais vai ser tão problemático para mim, mas é tão necessário. Mas eu estou tão confortável nesse lugar. Mas aí realmente você fica pensando dez vezes. Mas aí é pensamento de vida mesmo. Você vai avançar? Vai comprar esse problema? Ou vai ficar na zona de conforto? Às vezes, você fica na zona de conforto por um tempo e depois diz: vou avançar. E aí se você chega ... hoje, por exemplo, eu não teria perdido aquela jornalista se eu fosse a chefe. Você está entendendo? E aí é a hora da reflexão. Assim como eu tive: poxa, mas se eu for editora-executiva e se eu trabalhar. Se eu tiver poder de mando nas notícias, eu não vou deixar de noticiar. Aí, eu digo: não, vai noticiar! E aí foi quando eu cheguei a esse posto. Agora eu fico pensando: pô, mas se eu for chefe, eu vou poder botar outros profissionais. Mas aí você sai da sua zona de conforto de novo. Você quer o preço? Vai pagar o preço? Não vai, como é que vai ser? Então, é todo um processo de vida que você tem que refletir.

Por ser uma jornalista apresentadora, Luciana é indagada sobre a percepção de colegas acerca do espaço que ocupa, há quase dez anos, na TV Brasil. Em resposta:

– *É o iluminador que está lá preocupado para fazer a melhor luz, para você ficar ainda mais linda, entendeu? É como se você estivesse carregando toda a sua ancestralidade, sua e de todo mundo. É como se estivesse carregando a história de todo mundo. É todo mundo nas cotas. Representatividade mesmo, né? Isso não só com os profissionais negros, não. Muitos profissionais brancos, que eu não sei por qual motivo exatamente, muita gente ali na base que está na torcida, entendeu? Quando eu passo pelo senhor do cafezinho, que é um senhorzinho que eu passo por ele muito tempo, dou boa tarde, bom dia, boa tarde, bom dia, e aí ele me parou e falou: [sussurrando, ela o imita] “Olha, só quero te dizer que a gente, é todo mundo orgulhoso na minha família de te ver lá. A gente tem muito orgulho de você. Você tem que ter força para continuar”. Você está entendendo? Esse tipo de relato eu ouço o tempo inteiro. O tempo inteiro. Todo dia. Eu estou aqui no hotel-fazenda e já recebi dois essa semana, esses dias em que eu estou por aqui. É muito bom. É muito confortável. É estimulante também. E também uma responsabilidade grande que você tem. É estimulante porque, nos momentos mais difíceis, que você também deve conhecer, aqueles momentos em que você diz que: meu Deus, dei dois passos pra frente e três passos pra trás. Não é possível!, né? Tem esses momentos na vida em que você pensa tanto que você dedica, que você perde horas do seu lazer, você perde tanta coisa, você perde o crescimento dos seus filhos, muitas vezes, mas aí você repensa e nessa hora é que você fala: não, é isso aí. Vamos para frente, porque não é só você. É toda uma parcela muito grande que está te estimulando. Eu, por exemplo, tenho estímulo o tempo todo pelas redes sociais. Mas é todo dia muita mensagem. Desde o cabelo, como faz o cabelo. “Olha, você inspirou meu cabelo. Olha, dei de alisar o meu cabelo” até a questão profissional mesmo. É muito estímulo. Eu vejo isso não só dos profissionais negros ali da equipe, mas é como se a baixa renda, a equipe que ganha um pouco menos, tivesse essa necessidade de ver essa ascensão de alguém furar o bloqueio. Você está entendendo? Alguém furou esse bloqueio. Alguém furou isso.*

Outra pergunta incluída por esta pesquisadora é sobre a expressão da contrariedade da sua presença por meio de ataques racistas contra a sua presença. Nessa direção, Luciana Barreto caracteriza:

– *Esses ataques eles são impessoais de perfis. Não são na minha rede social. Eu vejo muito na TV Brasil. A TV Brasil posta um vídeo meu. Eu já vi muita suástica nos meus vídeos na tevê. Eu já vi. Já vi coisas do tipo: “Se Deus quiser, você cai”. Sabe? Coisas do tipo. Mas eu nem sei, porque são perfis falsos. Eu ainda não sofri um ataque desses, mas eu nem sei como, por que esses ataques são coordenados e são contra mulheres negras. Tem que frisar: são mulheres negras¹¹⁰. Então, assim, eu não sofri ainda. Acho que pode acontecer a qualquer momento, infelizmente. E não vai mudar nada porque é exatamente assim que acontece, e eu já estou pronta para a briga mesmo. E vamos em frente!*

Na imersão mais focada sobre as relações raciais – embora tenha-se feito essa investida na separação dos eixos semi-estruturantes da entrevista de gênero e raça –, os depoimentos das jornalistas negras entremearam as duas dimensões do início ao fim de

¹¹⁰ Em 2015, a jornalista negra Maria Júlia Coutinho, apresentadora de meteorologia do Jornal Nacional na função do que se chama informalmente de garota do tempo, foi alvo de racismo e recebeu manifestações de solidariedade, a exemplo de jornalistas e demais profissionais do telejornal com a hashtag #SomosTodosMaju em contraposição, anos atrás, ao posicionamento do diretor de Jornalismo da Rede Globo Ali Kamel no livro Não Somos Racistas em que negou o racismo na sociedade brasileira ao manifestar a sua contrariedade às políticas de ação afirmativa, especialmente as cotas raciais. Sobre o caso Maju Coutinho, ela denunciou o crime em delegacia aos ataques enunciados contra a sua presença revestida pela racialidade negra, expressa nos cabelos e no jeito estilo próprio que agregou ares de proximidade ao principal telejornal do país numa tentativa de renovação de audiência. Em entrevista ao caderno Serafina na matéria “Queridinha do público e autêntica, a previsão é de sol para Maju Coutinho, do jornal Folha de S. Paulo, em novembro de 2015, a jornalista enunciou sobre o lugar ocupado por negras e negros na televisão: “Ainda há muitos como câmeras, faxineiras. Precisamos ampliar essa participação” num dos trechos em que a narrativa exalta a sua não participação em movimentos sociais a ponto de extrair da jornalista: “Ser ativista é algo sério, exige dedicação”. Avorando-se como sujeita-discursiva, na entrevista a jornalista teria emendado: “Acho que já levanto bandeira porque estou no ar no ‘JN’. Estou lá numa posição que não é servindo cafezinho, de igual para igual”. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/serafina/2015/12/1712025-queridinha-do-publico-e-autentica-a-previsao-e-de-sol-para-maju-coutinho.shtml>>. Acesso em: 12 jun 2016. Ao longo de 2015 e no início de 2016, as atrizes negras Taís Araújo, Cris Vianna, Sheron Menezes, Adriana Alves e a cantora de funk Ludimila, no auge da sua carreira, foram alvo de racismo cibernético. Conforme matéria do portal G1, do Grupo Globo, em março de 2016, seria feita a ligação entre os crimes cometidos contra Maju e Taís Araújo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2016/03/homem-e-presos-em-operacao-contrataques-racistas-tais-araujo-e-maju.html>>. Acesso em: 12 jun 2016. Face a essas investidas criminosas, a ONG Criola e a Articulação de ONGS de Mulheres Negras Brasileiras promoveram, em 2015, a campanha “Racismo virtual. As consequências são reais” no período organizativo da 1ª Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo e a Violência e pelo Bem-Viver. Sobre a campanha: <<http://www.racismovirtual.com.br/racismo-virtual/>>. Sobre a Marcha das Mulheres Negras, recomendo a leitura do manifesto público, de 25 de julho de 2014, acerca das intencionalidades da mobilização política: <<http://www.geledes.org.br/manifesto-da-marcha-das-mulheres-negras-2015-contrao-racismo-e-violencia-e-pelo-bem-viver/>>, e da carta entregue ao governo brasileiro, em 18 de novembro de 2015: <<http://www.geledes.org.br/carta-das-mulheres-negras-2015/>>.

cada relato. As jornalistas negras retomam questões abordadas no eixo relações de gênero, detalhando circunstâncias singulares do ponto de vista ontológico, no caso, ser jornalista negra devido aos elementos discursivos ofertados por cada uma das cinco sujeitas-enunciadoras, aqui incorporadas como sujeitas-discursivas, em decorrência das vivências.

A racialidade é outro eixo aglutinador das impressões das jornalistas negras sobre a profissão acerca das relações raciais e das situações comuns vividas por negras e negros nas Redações. Em sua reflexão, Flávia Oliveira partiu do racismo virtual como expressão mais recente do racismo.

– A gente tem que estar muito segura do nosso papel profissional, da nossa identidade racial para poder se defender à altura. E, eventualmente, ir aos limites mesmo de tribunal. Tem de ter aparato. Essa exposição da visibilidade é muito grande, principalmente para profissionais de imprensa. E acho que, na medida do possível, expressar isso eventualmente em reuniões de Redação, encontros da categoria, ambiente sindical. Os dirigentes sindicais também acho que são bem embranquecidos. Também chamar atenção para isso nem que seja pelas Cojiras da vida. Vão falar que é gueto, mas, se não for gueto, o que vai representar? Acho que essa é uma reflexão importante de ser feita.

Para Flávia Oliveira, a ausência de uma política organizacional contra o racismo reifica “a reserva de postos de trabalho” para jornalistas brancos.

- Olha, eu acho que é mais fácil – dado que você não tem uma política explícita de diversidade nas empresas –, então é mais fácil a admissão e dar visibilidade aos profissionais de pele branca, de cabelo liso, porque quem decide não está orientado para a diversidade. Se estivesse, acho que estaria construindo a igualdade de uma forma mais objetiva, entendeu? Mas não estão orientados assim. Essa decisão – no caso da composição das Redações e das escolhas de quem vai para o vídeo –, acho que tem muito a ver com esse sentimento que a igualdade tem e não enxerga o outro. Nem pensam nisso: está faltando preto aqui. Falo do olhar estrangeiro, que comento nas minhas palestras. Qualquer estrangeiro que chega aqui pergunta: “Ué, não tem preto aqui no cinema, no shopping de rico, no restaurante de rico?”. A gente não para pra

pensar, a gente não estranha assistir um filme brasileiro e ver um elenco branco. Não causa estranhamento, mas devia, né?

Para a jornalista Juliana Nunes, essa distorção das oportunidades de trabalho entre jornalistas negras e negros e brancas e brancos também se materializa nas rotinas produtivas do jornalismo.

- Então, se um homem branco está fazendo uma matéria sobre os interesses da indústria, não tem nenhum interesse. Agora, se você é uma mulher negra e vai escrever sobre cotas, você está advogando em causa própria, como se o homem branco não estivesse

advogando em causa própria quando ele escreve sobre sistema financeiro. Você vê que tem uma ... e aí, o que acontece? Muitas jornalistas negras e negros acabam fugindo dessas pautas para não sofrer, não serem rotulados com isso. Como se estivessem fazendo uma coisa em interesse próprio. Então, assim, as Redações precisam ser mais ativas nisso. Não adianta só você ficar falando que existe racismo, machismo na sociedade e você tem um ambiente altamente perverso, altamente violento. São ambientes muito violentos. Extremamente violentos.

Para Juliana Nunes, a dinâmica dessas anomalias se estabelece pelos espaços demarcados pela pertença racial de jornalistas sob a ordem de vantagens e desvantagens.

- Privilégio é isso, né?, o que a gente vê na escolha das pautas, nas coberturas, nos setores, nos cargos, né?, as fontes também em relação às pessoas. Agora, eu não estou me lembrando de um exemplo mais concreto, de um caso, assim. Os principais assim que eu já vi assim... Você vê muitos repórteres negros passando a vida cobrindo local, polícia, né? Muitos. E aí ele vai romper isso indo para uma assessoria. E aí, se ele consegue voltar para a Redação, numa situação melhor, ou às vezes não. Então ... Não que assessoria seja um local seguro. Mas tem sido usado para alguns jornalistas com uma estratégia, né? Mas às vezes funciona. O cara volta para a Redação, mas também chega o momento em que ele vê que o patamar salarial não vale a pena e aí ele volta para a assessoria. E aí, na assessoria, ele vai passar por outras dinâmicas também machistas e racistas. Então, assim, o ambiente em geral, tanto na Redação quanto na assessoria, ele é nada saudável. Muito violento.

Dentre os processos de violência deflagrados pelo racismo, Juliana Nunes cita as armadilhas da estereotipia negra, ilustrada pela rejeição e pela tentativa de aprisionamento das mulheres negras à estética das mulheres negras num contexto de mudança.

– Uma repórter negra de cabelo, que fazia escova no cabelo, e que a partir do momento em que as crespas conseguem essa projeção e tal ... e as apresentadoras começam a usar o cabelo crespo, ela começa a ser assediada para deixar o cabelo crespo. E hoje ela tem uma situação de desvantagem na Redação por ela ser uma repórter negra de cabelo liso. (...) E as brancas nem se fala, né? Mas quando é uma matéria ou uma apresentação que querem uma repórter negra, ela é preterida. Então, assim ... é óbvio que a Redação já sacou essa coisa de você ter, principalmente as emissoras de tevê, ter um repórter negro é importante agora, né? E aí vai classe média negra e tudo. Mas é ... você vai vendo que as melhores pautas ainda continuam nas mãos das repórteres brancas, dos homens. E que, às vezes, para você segurar uma pauta boa nas mãos de uma repórter negra não é nada fácil. Você afirmar que você quer aquela repórter para aquela pauta ... Todo mundo pode escolher o repórter que quer, agora, eu não posso.

Sobre a pergunta adicional acerca de um suposto reconhecimento das empresas de que a incorporação de um jornalista negro ou negra poderia ser bem-vista junto ao público, Juliana Nunes é hesitante frente aos efeitos de longo prazo. E faz a crítica a respeito de algumas estratégias de jornalistas negras e negros frente à sobrecarga de trabalho em busca do reconhecimento ou para galgar postos de mais expressão, assim como as disputas raciais silenciosas.

– A gente quis que fosse, né?, num primeiro momento ainda que fosse por isso. A diversidade é um ativo para você. Só que a gente percebe que isso é um pouco insustentável, né? Porque ter uma coisa só na superfície não muda estruturalmente. Quando você tenta mexer nas estruturas, aí é que se torna mais difícil. Até porque, infelizmente, algumas pessoas negras que vão ocupando alguns espaços, elas meio que ... vira um espaço de conforto para ela. Você também não vê ela trabalhando para propiciar um outro espaço para outras pessoas negras, o que acaba sendo confortável a condição de ser exceção. Então, aquela pessoa começa a acumular trabalho, um

*monte de coisa, para ser a pessoa negra do negócio. Entendeu? E aí ela nem está com maldade. Ela não percebeu que ela está propiciando que outras pessoas negras ocupem esses espaços. Você vê isso em várias Redações: o orgulho de ser a exceção. E cultivar isso, né? Mas é como eu falei. Você avança um passo. Você conseguiu fazer com que eles engolissem o fato de ter que ter mais diversidade na tela, de ter que ter mais repórteres e jornalistas negros, de ter que ter mais pauta sobre população negra. Mas isso também é o dia a dia e de permanecer essas pessoas nesses espaços sempre ameaçadas. As pautas negras vão continuar. **Você vai continuar sendo vista como afroxiita. E a cada dia você vai ter que começar do zero para justificar.** (...) E concretamente também tem isso. A **Redação vai percebendo que você quer ocupar o lugar, que você quer avançar postos, que você quer ocupar os espaços. E aí, ela vai ... a resistência vai se acirrando, né? E se sofisticando também. E é muito desgastante nesse sentido, porque é contínuo. É um processo contínuo de disputa.***

Joyce Ribeiro considera que as distorções nas oportunidades de trabalho beneficiam jornalistas brancos e brancas. E chega a enunciar as desvantagens que ela mesma enfrentou no decorrer da carreira.

*- Se você demora muito para conseguir, a chance até de desistir é bem maior. E claro que você, o branco chega numa Redação pedindo emprego, infelizmente, como a gente ainda vive nessa sociedade completamente racista e preconceituosa, a sua chance é maior quanto mais branco você for. Eu vejo assim. Olha, **eu já senti justamente nessa situação aí que eu já te falei de sentir que eu poderia ter tido oportunidades mais bacanas antes e não tive. E outras pessoas, mulheres brancas, tiveram. O que eu entendi é que podia ter sido o meu lugar e a minha chance, entendeu?, por estar preparada. Única e exclusivamente por isso e não por me sentir melhor do que ninguém, mas por estar preparada tanto quanto todas as outras. Por ter a mesma formação, por ter a mesma experiência e, às vezes, mais experiência. Muitas vezes mais experiência do que outras mulheres que conseguiram postos que eu estava almejando há muito tempo e, quando chegava na hora final da decisão, eu não era escolhida.***

Na avaliação de Joyce Ribeiro, o mercado de trabalho do jornalismo ainda é regido pela desigualdade racial. Mesmo num cenário de mudanças, a inclusão de negras e negros na profissão é algo ainda para um futuro remoto.

*- Ainda falta muito, um longo caminho a ser percorrido. É óbvio que algumas coisas, a passos lentos, estão mudando. O meu trabalho reflete isso. O trabalho de outras colegas reflete isso. E eu estou falando mais diretamente do vídeo, da televisão, porque é onde eu atuo. Então, eu vejo outras, outros colegas supertalentosos conseguindo emplacar em espaços mais concorridos, sim. Então, é algo que a gente tem que comemorar. Comemorar mesmo. Curtir essas conquistas e se fortalecendo para outras que a gente ainda precisa, porque acho que todos nós, eu e meus colegas que estamos trabalhando em tevê e outros colegas que são jornalistas, mas não estão em tevê, todos nós concordamos que é só o começo. **Que a gente precisaria de um número muito maior. E se a tevê reflete a sociedade brasileira, né?, a gente está longe de comemorar o que tem, pensando no tudo que falta. É isso. Nós somos poucos representantes. Somos poucos profissionais negros, principalmente em televisão, que é onde eu atuo. Eu acho que vale essas ações de ingresso de profissionais negros nas empresas. Eu acho que hoje é uma ação pertinente. Pertinente para se mudar uma situação desfavorável que, de repente, só vai ter esse pontapé que eu estava falando se a gente tiver um trabalho como esse: diretamente forçado para isso. Forçado eu não digo para forçar a entrada de profissionais, mas de ter uma ação específica, pensada e planejada para o ingresso de profissionais negros nas empresas de comunicação. São as ações afirmativas que a gente tanto fala. Uma mudança coordenada para a gente não deixar à mercê do olhar voluntário de quem decide. Para ser uma coisa mais direcionada para remediar essa situação que a gente vive, que é muito desfavorável. Eu acho que vale. Não vejo isso como uma medida a longo, muito longo prazo. Acho que é uma medida pontual para solucionar um problema que aflige a nossa comunidade [negra] agora.***

Nesse trecho da entrevista, lembrei Joyce sobre o comentário que ela tinha feito no livro **Jornalista: profissão mulher** (Habib, 2005) sobre a escassez de postos de trabalho para negras e negros.

– *Poxa, tem mais de dez anos, né? E a situação não teve a mudança que a gente esperava ainda. A gente ainda está debatendo os mesmos temas, as mesmas demandas. A mesma necessidade de se posicionar e buscar oportunidades. A gente ainda continua, mas acho que vai ser uma luta ... espero que na geração das minhas filhas a coisa já tenha uma mudança mais expressiva. Que já tenha mudado mais, porque a gente está batalhando nessa ... nessa direção aí há muitos e muitos anos e as coisas acontecem muito lentamente. Infelizmente.*

Na revisão de suas memórias sobre as relações raciais na Redação, Cleidiana Ramos reflete sobre a estagnação de sua carreira.

– *As coisas que ouvi mais aqui eram do campo da estética mesmo. Os colegas que se sentiam desconfortáveis relatavam, em rodas de conversa, essas coisas. Mas não presenciei. Eu, especificamente, não vivenciei coisas desse tipo. Só aquelas coisas de ascendência. Eu sempre soube disso, que não ia rolar não, entendeu?*

E a jornalista baiana também registra os tratamentos diferenciados na Redação a partir da situação de um colega negro preterido, o qual, enfatiza Cleidiana Ramos, foi decisivo para a sua consciência sobre as dinâmicas da Redação.

– *Aqui no jornal, quando surgia um projeto novo, embora eu trabalhasse com colegas que tinham mais tempo no jornal e eram bem competentes, mas negros, no caso estou falando especificamente de um colega negro, nunca era lembrado. Eu sempre notava isso. Tive um colega negro muito competente, com anos de jornalismo, ele nunca foi lembrado. Em nenhuma situação. Se pintava uma vaga nova em editoria, preferiam contratar alguém, mas não o colocavam. Nunca. Ele saiu daqui como repórter de setor, repórter iniciante, entendeu? Não era falta de competência. Não era falta de competência. Inclusive vagas que abriam na própria editoria de origem. E era uma pessoa assim, uma pessoa que tinha trabalhado com Política. Ele inclusive me contou um episódio que uma certa feita os colegas da editoria dele, ele era de Política, os colegas de Política, inclusive as meninas, todos, receberam auxílio-paletó, para comprar roupa, porque sempre iam em solenidades, ir ao tribunal. Numa época, só podia entrar de terno e não de jeans. Era uma ajuda de custo para comprar, porque era um pouco caro. Todo mundo recebeu. Só ficou ele, negro, e outro colega, que era negro*

também, só que um pouco mais claro. E quando eles foram lá cobrar da direção, do diretor, ele disse para eles algo assim, só que com outras palavras: “Não adianta dar roupa, porque vocês nunca ficarão bem vestidos”. Foi por conta disso que ele saiu daqui pela primeira vez. Ele pediu demissão depois disso. Depois, ele voltou. E nas conversas ele... isso para ele era muito claro, embora ele já tivesse, digamos assim, se conformado, era uma coisa que ele sempre falava comigo. Ele era sempre colocado em segundo plano. Nunca era lembrado. Aliás, ele foi uma das pessoas que me ajudou a enxergar determinadas coisas, sabe? Ele é uma figura com consciência racial bem forte. Foi uma pessoa que ajudou a ver algumas coisas, a entender algumas coisas que eu não via.

Para Juliana Nunes, as empresas jornalísticas precisam incorporar medidas contra o racismo e a desigualdade racial, sobretudo, num contexto em que algumas delas se posicionaram contrárias às medidas de ação afirmativa.

– Ela precisa se mexer. Precisa entender que a estrutura dela permite que isso aconteça e que esse não é um problema só da sociedade, que o racismo está na constituição desses veículos. Existe uma organicidade. Está na organização da Redação, nos lugares onde as pessoas ficam, na maneira como as pessoas são tratadas. As falas que são permitidas. As violências que são autorizadas e até estimuladas. Os espaços que não são permitidos. (...) Elas precisam perceber que elas reproduzem todo esse ... e produzem o racismo ali dentro. Tem uma dinâmica racista forte operando. Agora, o problema de fundo que eu vejo em alguns lugares é que realmente não há interesse de fazer isso, porque isso entra num confronto. Eu fico imaginando como é que uma Folha (de S.Paulo), um Estadão (O Estado de S. Paulo), que durante dez anos, né?, fizeram discurso contra as cotas, vão aplicar ações afirmativas dentro da Redação. Não vai! Acaba que a comunicação pública acaba sendo um lugar privilegiado para fazer esse debate. Não que seja fácil, mas você pelo menos sai de uma premissa comum de que existe uma sociedade racista, de que as cotas são necessárias. Então, mesmo as pessoas dentro desse sistema – aí você inverte o ônus do constrangimento – porque eles que precisam estar constrangidos, mas é frágil, porque eles sabem que a política da empresa, ela pode variar. Pode chegar um novo partido ... é por isso que a gente precisa,

por isso que a gente tem tentado atuar de maneira rápida para que, até quando isso acontecer, de um outro governo vir, já seja arraigado. Já esteja estruturado. Ele não pode acabar com o comitê, ele não pode acabar com as cotas no concurso. Por isso que não adianta a gente só fazer no dia a dia da Redação. Tem que estar na estrutura. Tem que estar na lei. Tem que estar nos acordos coletivos. Então, amarrar das mais diversas formas. Porque, quando os caras vierem desconstruir, eles vão ter mais trabalho.

Juliana Nunes concedeu a entrevista para esta tese em janeiro de 2016, antes da abertura do processo de impeachment da presidenta da República Dilma Rousseff e da assunção do governo presidido por Michel Temer. Dentre as mudanças decorrentes da troca temporária de comando do país, a EBC esteve no centro das disputas políticas, inclusive com ameaça de extinção da TV Brasil e da redução da empresa¹¹¹.

De acordo com Luciana Barreto, o desequilíbrio das relações entre negros e brancos, negras e brancas no jornalismo como profissão é evidenciado nas enunciações de jornalistas negros sobre um dos elementos da falaciosa meritocracia: a competência. A jornalista agrega, ainda, a conformação de territórios de negros e brancos por meio da seleção de pautas que segue a dinâmica dos lugares de negros (GONZALES, 1982) a que Luciana contrasta com o mito da democracia racial expresso na expressão casa-grande e senzala, em alusão à obra homônima de Gilberto Freyre.

– Agora, falando sobre os relatos de jornalistas negras e negros, dos relatos que já contei até alguns aqui, né? Me falam muito da questão da competência, do deixar de lado, do não ser escolhido, do não ser escolhido para o melhor. Por exemplo, para uma viagem internacional, para cobrir alguma coisa, não é você. Você está entendendo? É outra pessoa. Mas se tiver que cobrir um tiroteio numa favela, é você. Você está entendendo? É como se você tivesse, como se você vivenciasse as relações casa grande

¹¹¹ Desde maio de 2016, a EBC vem sendo questionada pelo governo de Michel Temer quanto à sua capacidade de gestão por meio de críticas ao consumo de verbas, audiência limitada e acusações de conteúdos político-ideológicos. Diversas manifestações acadêmicas demonstraram apoio à EBC, dentre elas Associação Latinoamericana de Investigadores de Comunicação – ALAIC; Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom; Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor, além de comunidades virtuais em defesa da EBC. Em 13 de junho de 2016, o Conselho Curador da EBC publicou nova nota pública sobre as mudanças em curso. Disponível em: <<http://www.etc.com.br/institucional/conselho-curador/noticias/2016/06/nota-publica-conselho-curador-exige-respeito-a-lei-da-etc-e>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

e senzala ainda dentro do jornalismo. Então, isso fica muito próximo da representatividade. Eu não posso falar muito por mim, como eu disse, porque hoje não vem alguém e diz: “Você vai fazer isso e isso”. Não, não faz. Não faz mais. Eu nem me lembro de ter vivido uma situação assim agora. Mas eu ouço muitos relatos disso.

Ao ser perguntada sobre as situações comuns que brancas e brancos vivenciam no jornalismo como profissão, a jornalista explicita novamente a persistência do sexismo:

– As mulheres brancas vivem a situação do sexismo, salário menor. Eu conheço gente que fala comigo ... de estar ao lado de um jornalista homem, aquele que tem experiência. O homem é experiente, e a mulher não é experiente. A mulher é leitora de teleprompter (aparelho com texto para tevê), entendeu?

Citando a boa receptividade de conteúdos relacionados à questão racial na TV Brasil, Luciana Barreto comenta o tensionamento sobre a interdição do debate racial no País frente aos conteúdos produzidos e veiculados.

– Na tevê comercial, o Brasil pode querer ou não. Mas o Brasil não vai ter essa discussão. E ponto final. Não vai ter, porque se nega a existência dessa problemática. A questão é muito aquém. O problema sequer existe para a tevê comercial. A gente está falando de algo absolutamente distante. Absolutamente distante. Muitas vezes eu vejo nos comentários: “que estão criando um problema que não existe”. Ainda tem uma parcela da sociedade que diz isso: “Estão criado um problema que não existe. Um problema que não existe. Vocês estão querendo criar um problema racial no Brasil que não existe. A gente sempre conviveu bem entre todos os grupos”. Bem para quem, cara pálida? Quem conviveu bem? [risos]. Convivemos bem! Você mandando e eu calando. Você mandando e eu obedecendo. É assim? Isso não é boa convivência. Entendeu? A diferença é por aí.

Do geral para o particular, ou seja, do racismo na sociedade à sua operacionalização em ambientes específicos, a exemplo do jornalismo como profissão, Luciana Barreto salienta a necessidade de novas práticas, baseadas na equidade racial.

– Como eu disse, o racismo está na legislação. Tem a preocupação com isso. A gente tem que ter essa preocupação, sim, nas empresas, na formação de RH diferente. Uma formação de liderança diferente para que haja essa preocupação de inclusão

igualitária entre homens e mulheres, entre negros e brancos, né? Igualdade de oportunidades.

Na contramão de tais mudanças, a situação de privilégios pode ser descrita a partir das considerações de Flávia Oliveira sobre a propensão de homens brancos ocuparem as melhores posições no jornalismo: – *Serem chefes. Eu acho que eles são mais determinados aos cargos de comando do que as mulheres, sobretudo os homens brancos.* No dizer de Flávia Oliveira, as condições favoráveis para tais distorções de ordem racista e sexista decorrem:

– *Dessa construção histórica patriarcal e racista, no caso brasileiro. Não tem outra, entendeu? Tem o clube, né? Tem uma coisa ... como as chefias são masculinas, eles se permitem piadas de mau gosto, piada racista, piada sexista ... então, se ficar tudo entre eles ... dá mais conforto, não tem constrangimento, fica uma atmosfera de intimidade que, quando você é homem, é muito mais fácil de ser obtida, dado o fato de que os homens estão nos postos de comando. Continuam, né? Predominantemente.*

As trajetórias no jornalismo foram reconhecidas por todas as cinco jornalistas como exceção e não regra. Todas as entrevistas associaram suas respostas ao enfrentamento ao racismo e ao sexismo, conscientes da conjugação desses fenômenos como entraves reais ao trabalho. Cleidiana atrelou suas respostas ao fato de ter ingressado jovem no jornal **A Tarde** e por lá ter se mantido por 17 anos.

– *Exceção, porque eu entrei no jornal com 23 anos, com 15 dias de formada, e vim para uma Redação em que todas as minhas condições depunham contra mim. Primeiro, jovem, numa época em que o jornalista mais jovem tinha 28 anos. Em 98, A Tarde era o maior jornal do Norte-Nordeste ainda. Então, o jornal fazia esforço nenhum para contratar. Ele tirava pessoas de onde ele queria. Eu era muito jovem para a média de idade daqui. Segundo, mulher, recém-formada e negra. Então, sofri um bocado. Vários testes. O próprio chefe de reportagem depois me disse que me testou muito, principalmente pela questão da juventude. A juventude para ele era uma questão, digamos assim, uma questão de risco. (...) A questão de ter uma remuneração razoável também se deu por eu ter conquistado algumas coisas. Mas foi exceção mesmo. E o tempo. Acabei sendo uma profissional totalmente formada na empresa. Fiz outras*

coisas, mas tudo o que fiz foi resultado do que aprendi no A Tarde. Quando a TVE me chamou para ser consultora de um programa sobre intolerância religiosa, foram duas temporadas. A TVE me chamou por causa do A Tarde. A TVE me viu por causa do A Tarde, entendeu?

Em suas considerações, Joyce Ribeiro acentua a pouca presença de negras e negros nas Redações:

*– Infelizmente, exceção. Sem dúvida. E, **infelizmente, não estou rodeada de profissionais que estejam desfrutando das mesmas condições de trabalho que hoje eu desfruto.** Prova disso é que eu sou ... **na emissora onde eu trabalho [SBT] eu sou a única negra no vídeo pelo menos, em frente às câmeras, digamos.** Então, muita coisa precisa ser diferente. Conversando com outros colegas, de outras Redações grandes, de emissoras grandes do nosso país, a situação não é diferente. Infelizmente, os poucos que temos ainda somos considerados exceções, né?*

Ao revisar a presença de negras e negros em sua equipe, Luciana Barreto pondera a baixa representação:

– Hoje, a minha equipe não tem muitas pessoas negras. Pouquíssimas, pouquíssimas. Depois do concurso, a gente teve essa evasão. Mas a gente já teve mais profissionais negros. Agora, depois do concurso público a gente tem menos.

No balanço da vida e da carreira profissional, Juliana Nunes reconhece-se como exceção em face do seu entendimento sobre o impacto do racismo e a sua atuação política no movimento de mulheres negras.

*– Infelizmente, exceção porque eu venho de uma condição privilegiada, de uma família de classe média negra. Então, que já me deu algumas vantagens, né?, para estar dentro desse sistema. Mas claro que **emocionalmente eu venho também muito afetada pelo racismo e ... mas tinha um pouco mais de estrutura, de formação e tudo para estar nesses espaços e fui conseguindo avançar.** Mas também, assim, com muitas redes de apoio, de pessoas que vão permitindo esses avanços, vão te ajudando a ter essas condições de te legitimar. Vão te ajudando a romper essas barreiras, tanto dentro da empresa quanto fora. Porque uma legitimidade que você tem fora também te ajuda bastante internamente. E também o auxílio emocional dessas redes, a estrutura política,*

a condição de argumentação política, discursiva, que eu fui aprendendo fora, no momento. Dentro do movimento negro, dentro do movimento de mulheres, foi me permitindo enfrentar as coisas internamente, entender como o racismo se estrutura, como que é preciso você se contrapor a ele no dia a dia. **Então, é resultado de um trabalho coletivo aí, da minha família, da militância e de vários colegas negros e de alguns colegas brancos também que têm compreensão.** Eu tinha um grupo de chefes brancos e fizemos um trabalho em que eu acabei ganhando um prêmio Herzog, que foi o Nação Zumbi, um webdocumentário. E ali houve uma decisão deles de que ia liderar a equipe.

Das cinco entrevistadas, Flávia Oliveira recorre à sua trajetória pessoal para explicar o milagre de ter conseguido desenvolver a sua carreira e ser uma das profissionais negras com mais projeção nacional.

– *Exceção. Eu já te dei um argumento particular, né?, da minha história pessoal. O fato de ... primeiro fato determinante, o fato de ter sido filha única me permitiu estudar e ter tido algum tipo de conforto em relação a isso. Segundo, eu ter me encontrado com nicho de classe média no momento de escolha profissional. E, talvez, ter entrado numa profissão e ter convivido com profissionais minimamente agregadores. Se não havia uma orientação explícita de inclusão, também não houve de segregação. E, agora, por que isso? Talvez porque a minha formação tenha sido muito original: uma mulher negra de periferia que escreve muito bem e sabe interpretar número e gráfico muito bem. Eu fui útil e talvez porque essa seja a minha missão religiosa mesmo como ser humano. Aí, é uma hipótese orixás, hipótese destino, determinada pelo que você pode dizer Deus, estrela, destino. Fui escolhida, né? Mas é uma coisa extraordinária: uma mulher com a minha origem, nascida no momento em que eu nasci, crescer no País em que cresci, na cidade, no bairro, na família que eu vim ... chegar na minha idade e ... caraca, só pode ser milagre, né? E às vezes eu penso sobre o que eu poderia ter sido se tivesse nascido num outro país, cidade, família, né? Sem falsa modéstia, se eu tenho uma capacidade de pensamento, inteligência, não-sei-o-quê ... se eu tivesse nascido num país, numa cidade, num estado, num bairro em que o ensino fosse de excelência, em que a escola fosse de excelência, em que se tivesse oportunidades iguais, eu poderia ser presidente da República ou da Petrobras ou da Vale do Rio Doce. Mas também não sou*

*muito por isso ... **Eu fui muito longe, pensando no que eram as possibilidades para alguém com a minha história. Mas, se as condições fossem outras, eu poderia ter ido muito mais longe, né? Se eu tivesse o meu QI, mas tivesse nascido loura em Ipanema, talvez eu fosse sei-lá-o-quê. Ou se o Brasil fosse um País diferente. Mesmo se eu tivesse nascido lá, em Irajá, se tivesse uma escola pública de altíssima qualidade, de formação exemplar, etc., etc., etc., eu poderia ter sido muito mais do que eu sou. Eu sou um milagre, considerando de onde eu vim e até onde cheguei com essas opções todas diante de adversidade. Mas não significa que o Brasil seja um País de grandes oportunidades ou mobilidade social ou potencial de ascensão meritocrática, como tem gente que faz crer. Até pelo meu domínio de estatística, você vê que se controla alguns eventos, você vê que a probabilidade de chegar aonde eu cheguei é quase que ganhar na mega-sena.***

O balanço da vida é bastante presente nas enunciações de Flávia Oliveira sobre as interdições do racismo, do sexismo e da condição socioeconômica, as quais remetem à metáfora do trânsito da interseccionalidade da discriminação (CRENSHAW, 2004).

*– **O fato de seu ser uma mulher negra, com origem na periferia, filha de mãe largada do marido ... todo esse padrão que a gente meio que reúne e se irmana, né? E ter tido uma carreira profissional ascendente e ter tido um pouco de visibilidade midiática etc. e etc. não anula, em nenhum momento, o fato de eu ser uma exceção ainda depois de 25 anos de carreira. Quer dizer, não olho para o lado e vejo outras jornalistas negras em Economia. Minhas fontes em Economia continuam sendo os homens brancos. Minhas fontes em Política continuam sendo os homens brancos. Pode ter rejuvenescido um pouquinho. Talvez, hoje, você tenha mais políticos na faixa de 40 anos. Mas você ainda vê uma marca profunda tanto na Política quanto na Economia, essa hegemonia história, né? Na figura do **homem branco nos postos que são determinantes para a distribuição de poder e de riqueza. Então, ainda falta muito.*****

Juliana Nunes também classifica sua trajetória profissional como incomum não apenas pelo perfil socioeconômico familiar, mas também pela relação estabelecida com o movimento negro.

*– **Infelizmente, exceção porque eu venho de uma condição privilegiada, de uma família de classe média negra. Então, que já me deu algumas vantagens, né?, para estar***

*dentro desse sistema. Mas claro que **emocionalmente eu venho também muito afetada pelo racismo** e ... mas tinha um pouco mais de estrutura, de formação e tudo para estar nesses espaços e fui conseguindo avançar. **Mas também assim com muitas redes de apoio, de pessoas que vão permitindo esses avanços, vão te ajudando a ter essas condições de te legitimar.** Vão te ajudando a romper essas barreiras, né?, tanto dentro da empresa quanto fora. Porque uma legitimidade que você tem fora também te ajuda bastante internamente. E também o auxílio emocional dessas redes, a estrutura política, a condição de argumentação política, discursiva que eu fui aprendendo fora, no momento. **Dentro do movimento negro, dentro do movimento de mulheres, foi me permitindo enfrentar as coisas internamente. De entender como o racismo se estrutura, como que é preciso você se contrapor a ele no dia a dia.** Então, é resultado de um trabalho coletivo aí, da minha família, da militância e de vários colegas negros e de alguns colegas brancos também que têm compreensão.*

No último eixo da entrevista, as jornalistas negras dizem o que vislumbram do jornalismo como profissão. Para Juliana Nunes, a crise na profissão decorre do distanciamento da cobertura aos temas de interesse da sociedade:

*– (...) o jornalismo se descolou totalmente da sociedade. **Uma Redação não consegue corresponder à realidade da sociedade. Então, você vê os blogueiros, as blogueiras vindo com uma força. Você vê um cara que não tem formação em jornalismo conseguindo mobilizar uma audiência porque ele está falando com pertença.** E a Redação ainda está pensando na coisa da imparcialidade, a coisa anódina. Mas que, na verdade, tem toda uma parcialidade branca hegemônica e que não consegue tratar as pessoas como personagens como linhas auxiliares daquilo ali. De não tratar as pessoas como protagonistas. E o que a internet vem mostrar, os blogs, e tudo vieram mostrar é que as pessoas são superprotagonistas. Não são personagens. E a Redação não acompanhou isso, né?*

Diante das tensões atuais na profissão, Juliana Nunes percebe uma certa janela de oportunidade em face do descentramento da produção jornalística, noticiosa e informativa, o que poderia fortalecer os ideários do jornalismo. Contudo, as relações internas demandam mudanças profundas para a eliminação do racismo e do sexismo.

– Eu quero ser um jornalista que possa escrever algo que faça sentido e que possa ajudar as pessoas a pensar por que eu estou escrevendo a partir de um lugar que não é o pedestal, que não é a casa grande. Estou falando de um outro lugar e que é onde está a maioria da população. Então, é essa coragem de ousar. Você vê experiências jornalísticas muito bacanas, como a Ponte e a Agência Pública, que conseguiram justamente se diferenciar por causa disso. Porque você consegue fazer pautas diferenciadas. Você consegue ir atrás de fontes que não falam em outros veículos e aí você mostra que é possível fazer um jornalismo mais engajado, em que você possa trazer essas pessoas para falar alto nas suas matérias, coisas que elas não conseguem fazer no dia a dia. Quando eu entrei no jornalismo, essa era a minha utopia. E eu acho que a gente, por causa do mito da imparcialidade, do equilíbrio total da isenção, eu acho que muita gente acabou se perdendo nisso. É como eu falo na Redação: a gente não pode sobrepor um princípio ao outro. Então, se você tem uma comunidade fazendo acusações à polícia, ao Estado, por ter matado jovens negros, você não tem que esperar a Secretaria de Segurança Pública falar para dar essa matéria. Porque você está contrapondo ... pelo princípio de equilíbrio de fontes, você está ... a possibilidade de esta pessoa estar falando, da polifonia, do direito da pessoa fazer uma denúncia grave e você está vendo que faz sentido ... se tem elementos de que eles não tiraram isso do nada, você burocratiza o processo e diz: “Não, se não tem os dois lados não vai sair”. Às vezes, os dois lados podem ser usados dessa forma também, né? Então, é preciso mais ousadia, mais engajamento e mais autorreflexão. Entender que, se a gente não consegue fazer um ambiente mais justo e saudável dentro da Redação, isso não vai estar nos materiais que a gente produz. Se continuar essa história de – vou falar da perspectiva das mulheres – os jornais têm a cara-de-pau de dar matéria sobre a importância do aleitamento materno até os seis meses e mal, mal deixam as mulheres ficarem até os quatro meses, fazendo terrorismo. Entendeu? Quando deixam, porque tem muita gente precarizada e PJ,¹¹² fica um mês e volta para a Redação. Ou então depois, quando volta, é massacrada e logo demitida. Então, é uma farsa. Infelizmente, as empresas de comunicação e as assessorias de imprensa no Brasil são uma farsa. O que elas defendem e falam para a

¹¹² Contrato na modalidade pessoa jurídica.

sociedade, muitas vezes, elas não cumprem. E aí eu acho que é essa lógica ... se o jornalismo conseguir se reinventar, se reestruturar, ele precisa ser mais verdadeiro com ele mesmo. Eu vejo muitos projetos que seguem esse caminho e que são bem-sucedidos.

Luciana Barreto ainda tem dúvidas sobre o futuro do jornalismo como profissão frente ao cenário de mudanças decorrentes das novas tecnologias, audiência e relações de trabalho:

– O jornalismo vai se reinventar de novo? Vou devolver com outra pergunta. Eu não sei. Eu não sei. A gente está vivendo um dos piores momentos do jornalismo no Brasil do ponto de vista do comercial, de empregabilidade. (...) Aquele jornalista que escreve na falsa imparcialidade. Acabou. Isso daí não existe mais. É um jornalismo que se posiciona e eu acho que tem muitos nichos dele, infelizmente, mas é o que a gente vê hoje. A gente vê o grupo de atuação dele e os nichos dele. Bom, eu não sei te responder essa pergunta. Me pergunta daqui a uns cinco anos, para saber se eu tenho uma resposta melhor. Eu fico pensando nessa pergunta várias vezes durante o dia.

Para Joyce Ribeiro, o futuro ainda é insólito para o jornalismo. Todavia, a profissão não deve perecer em face da importância da comunicação jornalística para a sociedade. Porém, ela prevê efeitos no trabalho de jornalistas cada vez mais desvinculados de empresas jornalísticas.

– (...) a gente está vivendo uma grande mudança: ética, as novas mídias, essas formas de acesso vão ser cada vez mais diferentes, né? E com mudanças surgindo cada vez mais rápido, mas o ato, o trabalho jornalístico, o ato de reportar, eu acredito, eu enxergo como profissão daqui para muitos anos adiante. Ah, isso a gente vai ter mais mudanças ainda. Eu acho que o número vai ser cada vez mais reduzido e as formas de trabalho, também. Eu vejo muitos profissionais cada vez mais desvinculados dessa necessidade de estar empregado em uma grande empresa. As pessoas vão trabalhar mais de forma autônoma. Claro que televisão é uma ... um segmento diferenciado, porque você precisa de uma grande estrutura para estar fazendo, mas hoje, com outras formas – internet, youtube, as pessoas fazem trabalhos audiovisuais de uma forma muito mais enxuta e com qualidade excelente em muitos casos e conseguindo um alcance

impressionante. Então, tudo vai mudar, mas não que vai deixar de existir. Eu imagino isso.

Cleidiana Ramos chama a atenção para as mudanças no mercado. Para ela, tais mudanças desencadearam incertezas, mas também possibilidades para jornalistas tomarem rumos mais amplos em suas carreiras. Na reflexão sobre a sua carreira, Cleidiana denota as relações opressivas entre jornalista e empresa jornalística ao falar da sua própria condição como jornalista.

– A gente vê um mercado cada vez mais fechado para quem sai e não consegue mais se recolocar no que fazia. Até o modelo de assessoria de comunicação ele não está mais como a gente conheceu. Então, cada vez mais você precisa ser um profissional multimídia, ou seja, um profissional que saiba lidar com todas as linguagens possíveis, com empreendedorismo mesmo. Estou experimentando meus primeiros dias de libertação da CLT, eu te confesso que não sei se quero voltar a ter patrão, sabe? Se eu quero. Porque você poder tocar um projeto que você acredita e você tem prazer em fazer, talvez seja o momento agora de a gente tentar fazer essas coisas. Ganhar dinheiro é difícil, principalmente se a gente tem essa coisa de ter muita segurança. Mas eu acho que esse é o caminho mesmo. Eu acho que o modelo de jornalismo que a gente conheceu, ele está totalmente saturado. Eu não sei se a gente vai conseguir sair dessa encruzilhada, pelo menos em relação ao impresso, né?

Juliana Nunes verbaliza que tais circunstâncias de crise podem resgatar práticas mais próximas aos interesses da sociedade e mais resistentes às imposições do mercado de trabalho. Entretanto, a jornalista pontua a reflexão ousada como comando necessário para novos fazeres jornalísticos. Nessa dinâmica reflexiva sobre a *doxa* de jornalistas sobre a profissão, Juliana critica as rotinas produtivas e sinaliza caminhos de tensões decorrentes de práticas racistas e sexistas na profissão.

Para Flávia Oliveira, o futuro do jornalismo para seus e suas profissionais está mais próximo do empreendedorismo do que das empresas, que ainda são reticentes à diversidade no mercado de trabalho.

– Acho que a gente caminha para algo mais diversificado, mas pela via da segmentação. E não sei, não estou certa que a gente caminha para a diversidade no que

a gente chama de comunicação de massa. Vejo, assim, muitos sites voltados para mulheres, para negros, para negras, gays. Então, essa população, esses segmentos da população já começam a se saciar de uma produção de conteúdo voltada para eles. Mas esse processo, de novo ... essa inovação, ela não está sendo proposta pelos meios de comunicação convencionais. É mercado do qual eles estão abrindo mão. (...) Agora, na medida em que você tem esses recursos tecnológicos que barateiam investimentos e mais população negra, feminina, gay qualificada, você pode ter uma expansão nessa direção. Lamento que os veículos não se ... que eles não sejam os pioneiros. Os bandeirantes, digamos assim, desse processo. (...) Pode ser intencional ou por uma posição político-ideológica clara, que se dirija por um viés, ou por incompetência. De qualquer maneira, estão perdendo. Por um motivo ou por outro, não vou ficar aqui fazendo julgamentos porque há casos e casos. Mas, seja por incompetência ou por opção, escolha, eu acho que a indústria, os impérios, em alguma medida, estão perdendo oportunidades de seduzir e conquistar mercados que estão sabendo o querem e já não se contentam em consumir aquele mesmo modelo de produção de notícia que foi historicamente construído e tal. O cara quer se ver.

Entre os comentários finais livres, Flávia Oliveira incrementou reflexões importantes acerca das experiências compartilhadas por mulheres negras. A passagem vai ao encontro dos espaços seguros mencionados por Patrícia Hill Collins (2000) em que o reconhecimento entre mulheres negras, umas com as outras, possibilita outros dizeres pelo fato de serem negras.

– Todas nós nos reconhecemos. É muita solidão, né? E tem que seguir em frente, tem que comer, né? Não dá pra sentar e chorar. Se sentar na cama, tem que levantar no dia seguinte, engolir o sapo, engolir o choro e vai, né? ... Minha mãe falava e eu repito: deixei de ser branca para ser franca. Isso é essencial na construção, porque o não dito oprime demais. Metade da minha vida foi assim. Eu sei bem o que são os dois momentos.

Marcas de parresia são perceptíveis nos cinco depoimentos das jornalistas negras, ressaltando-se as seguintes questões: disposição de atrelar a perspectiva racial nos conteúdos noticiosos por elas produzidos, impacto do racismo na saúde e no desempenho

de suas atribuições profissionais, assédio sexual contra mulheres negras jornalistas, disparidade de oportunidades de promoções, aumento de salário, ascensão a postos de mais responsabilidade e decisão, desequilíbrio na oferta e distribuição de pautas, oportunidades sonhadas e desejadas, mas ainda em vias de efetivação.

Todas reconheceram a incidência do racismo e do sexismo no jornalismo, consideram a profissão caracterizada por desigualdades de raça e de gênero, as quais demandam ação das empresas jornalísticas para alteração de realidades excludentes, com efeitos de mais repercussão negativa nas carreiras de jornalistas negras evidenciados nas formas simbólicas decorrentes das entrevistas produzidas na pesquisa de campo.

Eu-mulher

(Conceição Evaristo)

*Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.*

*Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo.*

*Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.*

CAPÍTULO 7 JORNALISTAS BRANCAS

Seis jornalistas foram incorporadas por mim a este grupo intrarracial e intragênero, embora duas delas não tenham se autodeclarado brancas – Alessandra Machado (**A Tribuna**) e Sílvia Salek (**BBC Brasil**). Como disposto na seção 2.2, questionei-as sobre a afrodescendência e, como negada, elas foram agregadas a este grupo, integrado por mais quatro jornalistas: Adriana Carranca (**O Estado de S. Paulo** e **O Globo**), Juliana Granjeira (desempregada), Mara Régia (Rádio Nacional da Amazônia) e Patrícia Zaidan (**Revista Claudia**).

Das seis entrevistas, apenas Alessandra Machado não é jornalista diplomada, ou seja, não possui formação universitária em Jornalismo. Na sua vida, a profissão surgiu por acaso, como uma oportunidade de trabalho.

*– Na época, eu fazia História na UFAC¹¹³ e estava desempregada e **uma prima minha, que sabia que eu sempre gostei de escrever, me indicou para o jornal porque o marido dela, na época, era o editor. Entendeu? E como aqui no Acre não existia faculdade de Jornalismo, não existia jornalista formado. Era todo mundo de outras áreas, entendeu?***

Dentre as demais, o Jornalismo surgiu por diferentes caminhos. Embora tenha vindo de uma família de jornalistas e de passar a infância às voltas de emissora de rádio, Patrícia Zaidan tinha dúvidas sobre a escolha profissional:

– Quando eu tinha de 17 para 18 anos, para definir a faculdade, eu quis tirar isso a limpo para ver se era influência da família ou se eu queria realmente isso. Decidi pedir um estágio no jornal Diário de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, para ver se era isso que eu queria. (...) Quando eu era criança, o meu pai e o meu tio criaram uma emissora de rádio. Nessa emissora de rádio, a reportagem era muito forte até para os padrões de uma rádio para o interior. Eu ouvia a emissora de rádio o dia inteiro e tinha fascinação pelo trabalho dos repórteres. A gente brincava nos fundos da rádio – meus irmãos, meus primos – sempre com objetos da rádio: gravador, microfone, uma pequena mesa de edição. Tudo o que quebrava, era brinquedo da gente, que era criança.

¹¹³ Universidade Federal do Acre.

Reconhecidamente comunicadora desde a infância, Mara Régia cursou Jornalismo como segunda graduação.

– (...) *eu sonhava em ser artista plástica e, quando eu estive na Inglaterra, isso ficou ainda mais forte. Eu estudei História da Arte e achei que, voltando ao Brasil, o caminho seria as artes plásticas. Lá, eu cheguei a vender alguns quadros e tal. **E é por isso que eu digo que você não escolhe, porque, apesar desses traços de personalidade, eu nunca, jamais, em tempo algum, sonhei com radiojornalismo. E acabou sendo o que ocorreu na minha vida. Tanto que a minha primeira opção tinha sido, antes da Inglaterra, pela ... eu sempre quis fazer comunicação ... mas eu tinha optado pela Propaganda e Publicidade. E aí depois foi que eu fiz o segundo curso aqui na UnB, já no Jornalismo. E aí já com uma outra, uma outra intenção mesmo de ter uma ferramenta na mão para instrumento de denúncia e para uma ação mobilizadora e social. Isso sempre na minha vida esteve presente e sempre foi um traço. Uma meta. E aí, eu acho que tem todo um trabalho de coerência com essa determinação.***

Para as jornalistas Adriana Carranca, Julianna Granjeia e Sílvia Salek, o Jornalismo surgiu após a especulação de outras carreiras. De acordo com Adriana, a profissão despontou por seu caráter generalista:

– *Porque eu me interessava por várias questões e então pensei em fazer Sociologia, eu pensei em fazer Terapia Ocupacional, eu pensei em fazer mil coisas. **E eu achava que mil coisas cabiam no jornalismo e aí eu poderia cobrir várias áreas. Acompanhar vários assuntos como jornalista, entender de vários assuntos. Então, Economia. Eu achava que eu poderia abarcar vários assuntos de interesse com o Jornalismo.***

Julianna Granjeia foi persuadida pelo fazer jornalístico durante curso pré-vestibular:

– *Foi sem querer. Meu sonho desde criança foi fazer Medicina. Nunca tive dúvida de que eu ia ... de que eu não ia ser médica. (...) minha professora de Português conhecia o pessoal da Faculdade de Jornalismo e falou: “por que você não vai lá conhecer”?. E nisso, nessa época do terceiro colegial e do cursinho ... as minhas Redações, que eu fazia em sala de aula para treinar a Redação do vestibular, começaram a sair no jornal da*

*cidade. Eu morava numa cidade pequena ... enfim ... os professores gostavam e sei lá. Aí, eu fui lá conhecer. **Me encantei. Já arranjei estágio logo no primeiro ano, e nos primeiros meses eu me achei e disse: nossa, é isso.***

Caminho semelhante foi trilhado por Sílvia Salek:

*– Eu queria, na verdade, a carreira que eu tinha mais interesse era Biomédicas, Biologia. Eu nunca tive assim uma paixão desde cedo. Às vezes, você conversa com jornalistas que dizem: “Ah, eu amo jornal desde sempre”. Para mim, não foi bem por aí. (...) Então, é bem possível que eu fosse morar em outro canto, outro lugar, outro país, eu tivesse escolhido a carreira de Biologia. Eu adorava Genética enfim... eu queria fazer um estágio, no meu último período, no meu último ano de escola ... eu estudava no Pedro II, que é uma escola do Rio de Janeiro, uma escola federal. No meu último ano, eu fiz um estágio no Departamento de Medicina e eu ... foi uma coisa que eu adorei. Enfim ... No final, eu fiz aqueles testes vocacionais e aí deu: Biologia e também Jornalismo. Eu pensei: será? Eu sempre gostei de escrever e tinha sempre uma curiosidade muito grande sobre tudo. **Quería entender como as pessoas são, queria entender ... eu acho que tem uma coisa do Jornalismo que é interesse nas pessoas e querer contar as histórias, contar tudo da melhor maneira. Foi por acaso a escolha do jornalismo, não foi uma coisa tão consciente, mas que acaba e se encaixa perfeitamente na minha forma de encarar o mundo. Bate com a minha forma de ver o mundo no sentido de querer trazer as histórias, dar voz para quem não está tendo aquela voz. Não por uma questão de ideologia, necessariamente, mas por achar ser importante ouvir aquela voz. **E contar aquela história. É mais no sentido básico de comunicador e não necessariamente a escolha do jornalismo como uma forma de mudar o mundo. Tem muita gente que escolhe o jornalismo com vontade de mudar o mundo. Não foi bem por aí no meu caso. Mudar o mundo, sim, mas não com uma questão ideológica guiando a decisão. Mas pela comunicação mesmo. Então, foi isso. Não tem uma história bonita por trás da escolha não.*****

O *ethos* jornalista é evidenciado nas formas simbólicas das seis jornalistas, as quais elencam curiosidade e capacidade de comunicação como atributos definidores do

seu trabalho. Diz Julianna Granjeira: *sempre me coloco na função de repórter, que é o que eu gosto de fazer: informar. Acho que esse é o principal ponto da minha profissão. Eu nem tenho sonhos ou nada assim de ser editora, porque eu gosto de reportagem. Eu gosto de ir até as pessoas, ouvir histórias, ver de perto, com meus olhos, e isso de estar na rua. Isso é o que eu acho importante. Ouvir as histórias e transcrever e levar para o maior número de gente como forma de uma simples informação ou como forma de ajudar alguém ou algum lugar. Enfim. Às vezes, a gente não tem só o papel de informar, né? A gente pode ajudar. E eu gosto muito dessa parte também.*

À frente há 35 anos do programa Viva Maria, da Rádio Nacional da Amazônia, Mara Régia define o seu trabalho pelos vínculos com os direitos das mulheres e à justiça social. Aspectos correspondentes aos ideais da década de 1970 e 1980 (TRAVANCAS, 1993).

– *Ah, eu acho que eu tenho privilégio atualmente de estar numa emissora que me dá a chance de falar para um território pelo qual eu sou absolutamente apaixonada, que é a Amazônia. Então, poder chegar aonde ninguém quer sequer ir é muito instigante. Eu chego em Brasília, nos anos 1970, numa cidade por fazer. Com pouca identidade, com uma idade tenra. E foi aqui que eu encontrei a cidadania das mulheres relegadas, aquelas que chegaram como trabalhadoras domésticas, que só tinham no rádio o seu amigo e o seu escape, o seu canal de denúncia também. Comecei a trabalhar com essas mulheres, no Viva Maria, na sua primeira formação, sempre esteve alinhado com as trabalhadoras domésticas. A gente fundou a associação das domésticas em Brasília. A gente deu o maior espaço possível a essas trabalhadoras, sempre na luta pelo direito desde o período pré-Constituinte. Então, particularmente nessas questões do racismo e da discriminação, essas coisas sempre tiveram um eco muito forte no meu coração e sempre me mobilizaram muito. Eu tive um contador de histórias na minha infância, que tinha trabalhado para o meu avô espanhol que tinha até morrido, e ele perambulava na minha família. E ele encontrou abrigo na minha casa. Era o Joaquim, pai Joaquim. Ele contava muitas histórias. Era um negro que viveu a escravidão, e isso que fez minha formação.*

A visão idealista também é reconhecida nas formas simbólicas de Adriana Carranca, para quem o seu trabalho está associado a questões sociais. O elo é estabelecido com a condição socioeconômica e a baixa escolaridade de sua família e as dificuldades enfrentadas na infância para estudar. Ao discorrer sobre como define o seu trabalho como jornalista, Adriana articula o engajamento social nos produtos comunicativos que produz frente às desigualdades existentes no País.

– Hoje, eu defino como um trabalho de formiguinha e vai construindo ... eu acho que a gente vai construindo e tentando construir ... eu estou falando só por mim, vai tentando construir uma sociedade melhor. Num trabalho muito de formiguinha. Eu brinco muito que eu tenho muito esse perfil de cobrir coisas sociais, de injustiças sociais e, às vezes, você encontra resistência sobre esses temas, não é?, na Redação. Porque também no Brasil as Redações são formadas por pessoas que vieram de uma classe alta, mais alta, e que pôde estudar. Isso está mudando, porque um ProUni, a própria ascensão da classe pobre para a classe média, isso está mudando. Tem muito mais democratização da universidade e teve medidas recentes que melhoraram o acesso à universidade. Então, isso está mudando. Quando eu comecei, quem podia chegar à universidade eram poucos, né? Então, você tem muita resistência na Redação, às vezes, com temas que não dizem respeito ao que aquelas pessoas viveram, ao que as pessoas viveram. E eu já venho ... eu fui a primeira a fazer faculdade na família, né?, a minha geração. Minha avó, como se fala? Era era alfabetizada funcional. Ela lia, mas não escrevia bem. Meu pai estudou até a 4ª série. E minha mãe foi fazer o Ensino Médio quando eu já era grande. Então, a gente ... a família foi para uma outra realidade. Então, a gente encontra um pouco de resistência entre os sistemas sociais, o que acabou mudando. Na gestão do Lula, ele colocou na pauta. Essas questões não eram nem faladas. Talvez não houve tantas ações concretas, avanços concretos, mas foi importante para que essas questões fossem debatidas. Mas ainda tem uma resistência para discutir pauta. Eu sempre brinco que eu não gosto de falar para convertido. Eu acho que tenho que justamente falar para quem não, não ainda, despertou para esses temas. Então, é um trabalho de formiguinha mesmo. De você ir convencendo um a um da importância dessa coisa. Agora, com esse governo, alguém pisou na casa da formiguinha e destruiu

o formigueiro inteiro (risos). A gente voltou uns 200 anos no governo interino. Mas é isso. É, vamos de novo. Paciência. Para trás não dá para andar.

A jornalista Patrícia Zaidan evoca a curiosidade como atributo do *ethos* jornalista, ao passo em que discorre sobre a identidade entre a sua atuação profissional e o veículo em que trabalha.

– O meu trabalho de jornalista é muito baseado na curiosidade e, sobretudo, na observação do que está acontecendo ao meu redor. Eu acho que a rotina é a minha grande pauteira. A minha relação com o jornalismo, em qualquer circunstância, seja escrevendo Economia ou Política, a pauta sempre é a rotina. A vida das pessoas. Isso sempre me interessou. A vida do meu País. Andar pelo Brasil. Isso sempre me pautou. Estando aqui na revista, o foco principal, claro, é sempre a mulher. A mulher nas diversas regiões do País. O que elas pensam. O que elas fazem. Como elas trabalham. Que movimentos elas fazem para buscar a sua independência, a sua autonomia. Como elas fazem as coisas. Tudo isso foi me aproximando para a vida das mulheres e, sobretudo, as ações de empoderamento e libertação.

Das seis jornalistas, Alessandra Machado foi a única a registrar os limites para o exercício do jornalismo devido aos interesses do próprio veículo e dos poderes locais, os quais têm influência sobre o seu trabalho como jornalista.

– Aqui, em Rio Branco, no Acre, nós temos um trabalho meio limitado, né?, na questão de liberdade para trabalhar. A gente trabalha sempre seguindo a linha editorial do jornal, que sempre é uma linha que está muito atrelada aos interesses de governo e prefeitura. Não temos, assim, como sobreviver independente dos repasses institucionais. A questão de comércio e indústria é muito fraca. Venda em banca, pior ainda. Então, somos reféns mesmo dessa questão institucional. Daí, é ruim mesmo. Você acaba não conseguindo fazer o seu trabalho direito e tem que ficar publicando aqueles releases, tendo que falar só bem. Não poder mostrar a verdade como acontece. Aí, é um trabalho um pouco frustrante, posso dizer.

Em relação ao entendimento sobre sexismo, as jornalistas apresentaram as formulações. Para Julianna Granjeia, é *uma atitude de discriminação por causa do sexo. Por exemplo, quando homens são privilegiados por serem homens em detrimento das*

mulheres. De acordo com Mara Régia, é um processo de discriminação sexual a partir do qual você empodera uns e esvazia a cidadania de outros. Eu vejo isso. Sexismo para mim é a relação. Está mais ligado à relação social do sexo ou à relação do sexo na vida social. Conforme Adriana Carranca, o conceito está mais ligado à discriminação contra a mulher ... Não como discriminação contra a mulher, mas como uma forma de só olhar para a mulher como um objeto sexual. Nas palavras de Alessandra Machado, é um comportamento que pode ser adotado por mulheres ou homens. Não é uma coisa só do homem. Tem mulher que é machista. É quando você quer menosprezar alguém por causa do gênero. Quando você a discrimina por ser mulher em todas as formas: no trabalho, no dia a dia. Machismo é isso: você querer diminuir a pessoa pelo fato de ser mulher. Patrícia Zaidan entende por sexismo a forma autoritária e arbitrária de um sexo se sobrepor a outro. No caso, na nossa cultura, na sociedade, no mundo como um todo, o sexismo é isso em que esse outro é a mulher. A pauta é sempre definida pelo homem em detrimento do desejo, da decisão, da escolha da mulher. E, finalmente, na visão de Sílvia Salek: é uma expressão que ganhou destaque para talvez se diferenciar do padrão pouco sexista até da expressão machismo. Mas, basicamente, você está falando de ter uma certa igualdade elevando o padrão para o sexo desprivilegiado que, geralmente, é o feminino ou então LGBT. Então, sexismo é quando, por meio dessa definição do que que você é em termos de gênero, você sofre preconceito e do que que pode ser aplicado a homens em certas circunstâncias especiais. Mas é uma forma de você se referir à discriminação sofrida por mulheres, gays, lésbicas, transgêneros, etc.

O racismo é reconhecido pelas seis jornalistas. Julianna Granjeia compreende o racismo como *preconceito por causa da raça*. Para Sílvia Salek, é *manifestação de preconceitos que sejam desfavoráveis para as pessoas por meio da cor delas*. Alessandra Machado define racismo como *todo o tipo de discriminação às pessoas que não se adequam ao padrão. A pessoa pode ser negra, pode ser índia. Pode ser asiática. Tudo isso inclui a questão do racismo. É as pessoas não aceitarem as pessoas por uma forma que elas não se apresentam dentro da normalidade, digamos assim*. Adriana Carranca compreende que o racismo *começa com o não reconhecimento do outro. Ou o reconhecimento do outro como diferente*. Patrícia Zaidan traz uma abrangência mais

ampla do racismo: *é a exacerbação da recusa do outro que é diferente em termos de cultura, em termos de cor de pele, em termos de representação cultural. Mas o que pauta o racismo é a recusa do outro, da rejeição do que o outro pensa, do que o outro faz. A tentativa de acreditar que o outro diferente da minha raça é inferior. Que a cultura dele vale menos, que o peso da sua mão de obra é menor. Isso é o racismo para mim.* Na construção circular do conceito sobre racismo pelas jornalistas entrevistadas, Mara Régia completa a sexta volta: *Acima de tudo é uma violência. O primeiro de tudo é uma violência, né? Eu acho que, em se tratando de século XXI, é uma barbárie. Racismo é uma coisa que nos coloca nos primórdios da civilização.*

Práticas racistas e sexistas foram relatadas pelas seis jornalistas – com fartos casos de assédio sexual. A jornalista Alessandra Machado é quem registra as situações mais explícitas de assédio, discriminação salarial, falta de apoio nos casos de violências sofridas e impunidade dos casos, os quais nem mesmo chegaram a ser notificados na polícia.

– *Ah, com certeza. A mulher assim é muito assediada. Se for bonita então ... o assédio é direto. É de chefe, é de colega, é de entrevistados. Você passa por situações em que você tem que às vezes sair correndo. Eu já sofri, quando eu era mais jovem, quando eu era repórter, eu sofri assédios terríveis. Mas isso nunca fez que ... nunca fez com que eu desistisse porque eu sempre soube lidar com essa questão. Eu sofri assédio em todo lugar em que trabalhei assim. Eu era bancária antes de ser jornalista. E essa questão do assédio eu sempre lidei assim sem nenhum trauma e nem nada assim. Sempre levei muito a sério o meu trabalho e nunca deixei afetar. Mas você vê... Você na Redação, você vê com as suas colegas. É uma realidade que não tem como a gente escapar, não. (...)* *Eu tinha uns 24 anos. Ainda era repórter. Eu fui entrevistar um secretário de Fazenda e ele simplesmente ... no final da tarde, do expediente, ele marcou a entrevista e eu fui. E quando eu entrei na sala, ele trancou a porta, né? trancou a porta e começou a me atacar praticamente. Aí, eu dei um empurrão nele e foi aquela confusão. Me grudei na porta, mandei ele abrir a porta. Fiz um escândalo doido. E saí correndo de lá literalmente. E ele, como na época era uma pessoa muito poderosa, era muito dinheiro, né?, então ficava me oferecendo coisas e tal ... e na época eu era casada ... como se eu*

fosse uma garota de programa mesmo. E aí, eu ... eu nunca mais voltei lá e falei para o meu chefe que nunca mais me mandasse lá não. E ficou tudo por isso mesmo. (...) A gente se sente péssima, né? porque a pessoa ... porque a gente vai trabalhar, né?, e a pessoa vem com esse tipo de intenção. Agora, esse tipo de coisa nunca me afetou mesmo assim. Eu nunca encuquei muito com isso porque eu sofri muito com isso. Quando eu trabalhava no banco, era uma coisa terrível. Eu entrei no banco com 17 anos. Eu aprendi a lidar com isso de uma forma bem ... até assim ... eu não ... eu nunca fiquei com trauma desse negócio de assédio. Nunca chegou a ser uma coisa assim mais agressiva. Era mais assim a questão de palavras, de cantadas, de propostas. Eu nunca sofri nenhum estupro, nunca fui violentada de nenhuma forma assim. Agora, eu nunca fui ... deixei que isso me abatesse com relação ao trabalho não, porque quando eu era jovem, mais jovem, eu era muito bonita, né? Geralmente os homens, os homens mais velhos, como esse secretário já era um senhor e ... faziam assim ... tinham esse tipo de comportamento. Mas tiveram outros ... um entrevistado passou a mão na minha perna, chamava para passar o final de semana não sei aonde. Teve coisas assim.

Perguntada se teria tido algum tipo de apoio de colegas do jornal, Alessandra Machado apresentou a negativa.

– Nada. Todo mundo ficava rindo. Tudo vira bagunça. Vira galhofa assim. É uma coisa que ninguém leva muito a sério não. Assim, as mulheres, elas sempre são discriminadas. Todo mundo acha que não tem competência, que está ali só porque está dando para o chefe. Está ali porque é mulher e tal. E sempre tem, quem não conhece o seu trabalho, quem está lhe conhecendo pela primeira vez, não sabe o que você batalha. O que que você estuda. O que que você faz. Então, você acaba passando por esse tipo de discriminação por causa do gênero mesmo. E tem a questão salarial. Eu tenho certeza que, se fosse um homem na minha posição, estaria ganhando mais.

Conforme Alessandra Machado, as mulheres jornalistas estão vulneráveis pelas disparidades das relações de gênero no jornalismo como profissão:

– Ah, sempre tem. Tem jornalista de todo jeito. Jornalista racista, jornalista machista, jornalista ... Tem de todo o jeito. Aqui, já tivemos muitos casos de jornalistas que depreciam as próprias colegas e falam coisas absurdas, assim, e vão parar nos

*tribunais. Isso aí a gente não tem como se livrar não. Nossa categoria é muito assim ... não existe essa questão: “Ah, é jornalista e tem a mente aberta”. Não. **Tem gente de tudo que é jeito na nossa categoria. Infelizmente.***

Algumas situações de assédio sexual são enunciadas pela jornalista Patrícia Zaidan, a exemplo de Alessandra Machado, também alvo de fonte do meio político. Como Alessandra, Patrícia expõe que ela mesma teria solucionado as questões e atribui à postura da jornalista a capacidade de pôr fim a tais assédios.

*– Agora, já aconteceram episódios, estando numa área mais masculina, de ser, assim, mal interpretada pela fonte. **Dentro do trabalho, das empresas por que passei, nunca tive nenhum problema. Mas com fonte, sim. Por exemplo, Brasília. Brasília, no final dos anos 80, havia muitas mulheres, mas ainda era um número muito menor. Tinha uma certa aura de que as mulheres do jornalismo eram também muito fáceis, que podiam ser amantes de políticos. Tinham coisas assim. Isso já melhorou e praticamente não existe mais. Então, eu me lembro de ter ido entrevistar um deputado no gabinete dele. Ele sentado na ponta da mesa e eu, na lateral. Ele tirou o sapato e colocou o pé na cadeira. Eu desliguei o gravador. Olhei para o pé, olhei para ele e olhei para o pé de novo, bem séria. Ele ficou sem graça. Tirou o pé. E eu perguntei: Podemos continuar? Aí, pronto. Nunca mais. Mas, é, já aconteceu assim de eu ligar e marcar uma entrevista. E eles: “Ah, sim, porque é você”. E já vir com outro tipo de entonação e com uma cantada. E eu, evidentemente, não deixei de ir porque era muito importante para mim. Já estou falando de outro episódio. E ali, na relação olho-no-olho, finjo que não vejo e toco em frente. Não tive nenhum problema mais sério. Eu tenho ... eu lembro de colegas que saíam chorando, porque passou a mão e porque isso e aquilo. De novo, vai da postura de cada pessoa. Se você se impõe, acabou. Eu nunca tive nenhum problema mais sério.***

Nos idos de 1980, quando chegou às grandes Redações de São Paulo, Patrícia deparou-se com práticas sexistas e racistas no exercício da profissão. Para a jornalista, o racismo é mais revelador frente à prevalência de jornalistas brancas e brancos, algo que persiste até a atualidade conforme a ênfase dada por Patrícia a essa conformação.

– *No começo da minha profissão, principalmente morando no interior, as Redações eram exclusivamente masculinas. Lembro de ter sido a única mulher numa equipe de articulistas, jornalistas, repórteres, editores. Mesmo quando cheguei a São Paulo, no final dos anos 80, as Redações tinham muitas mulheres, mas o predomínio masculino era visível. As chefias eram basicamente masculinas. E na questão do racismo é mais séria ainda do que o machismo, porque não há negras quase nas Redações brasileiras. Você praticamente não vê. Se tem um negro, ele foi colocado ali na tentativa de quebrar a imagem de que aquele veículo não dá oportunidades iguais. Então, é muito, muito, muito palpável, visível ainda hoje. Eu duvido que tenha uma Redação sequer no País que tenha, pelo menos, 20% de negros. Não tem! Não existe!*

Sobre as Redações atuais, Patrícia constata a prevalência de mulheres, a defasagem salarial delas em relação à remuneração dos homens e a concentração masculina nos postos de tomada de decisão. Outro aspecto representativo da desigualdade de gênero é a distribuição das pautas, especialmente as internacionais, em que as mulheres têm menos oportunidades do que os homens.

– *Na verdade, fiz um histórico da falta de mulheres nas Redações. Isso não ocorre mais. Até porque houve um barateamento enorme dos salários. Como o valor da mão de obra feminina é menor, as Redações estão cheias de mulheres, evidentemente, brancas. Agora, por ser mulher, eu não acho que alguém está mais exposto ou menos exposto dentro de uma Redação. O que eu acho é que temos menos oportunidade de chefiar as equipes. Não por competência, mas novamente por causa do salário. Os cargos de chefia nas Redações em geral estão nas mãos dos homens porque são os cargos que têm um pouco mais de salário. Então, por corporativismo, as direções centrais acabam dando para os homens os melhores salários. Isso quer dizer, as melhores produções. Às vezes, assim, ocorre em algumas áreas de coberturas muito específicas... por exemplo, cobertura de guerra. Tem mulheres, mas o número é menor do que elas representam nas Redações, no front de guerra ainda tem muito mais homens. E as empresas pensam duas vezes em mandar uma mulher cobrir uma guerra. As que eu conheço, entre elas uma muito boa, que é uma argentina, em geral elas vão por conta própria, como freelancer e depois vendem o seu trabalho. O número de mulheres*

coabrindo guerra ou áreas de conflito, enviadas pelos veículos, é menor do que o número de mulheres nas Redações. Eu acho que as empresas temem, ainda, que as mulheres tenham dificuldade de ficar muito tempo fora de casa por causa de filhos. Ainda pesa o fato de os veículos acreditarem que uma mulher vá sentir mais insegurança, mais dificuldade de transitar em área de risco... E aí acontece também ... tem algumas coberturas policiais muito intensas, na periferia, em geral, as mulheres têm que dizer: não, eu posso. Eu quero. Não, pode ficar tranquilo que eu vou. Nunca é assim: o chefe delega e fica sossegado. Ele primeiro quer ouvir a mulher para ver se ela segura a onda. Se ela vai e não desiste no meio do caminho. Se ela não pede substituição para poder acompanhar. Agora, outras têm muita bagagem e têm muito nome. São bem respeitadas. Quando a chefia manda para uma área de conflito ou cobertura policial tensa, no Rio de Janeiro, por exemplo, isso acontece. Aquelas mulheres que têm trajetória muito palpável, muito..., então são colocadas de igual para igual na cobertura de risco até mesmo aqui dentro do Brasil.

No momento da entrevista, perguntei para Patrícia se ela teria se sentido prejudicada ou se teria vivenciado alguma situação desse tipo. E ela revelou que teria experienciado algo semelhante na cobertura das eleições presidenciais de 1989.

– Eu me lembro de um episódio – não sei se cabem exemplos aí – eu estava cobrindo Política para o Estadão, em 89, na cobertura presidencial. O Estadão, como os outros veículos, distribuiu os repórteres nas candidaturas. Então, dois repórteres cobriam uma candidatura e outro candidato. O repórter que cobria Collor, como era o meu caso, acabava conhecendo todas as fontes. Então, era melhor manter o repórter naquela campanha. Então, eu fiquei dividindo o trabalho com outro colega em Brasília. Eu baseada em São Paulo e ele, em Brasília. E a gente viajava o Brasil inteiro. (...) Em Maceió, naquela época era bem mais complicado. Era terra de ninguém. Não existia lei. Ninguém respeitava muito a ordem das coisas. Era um bando de coronéis. Fiquei pensando que, se fosse um repórter do sexo masculino, será que esse chefe mandaria um guarda-costas? Na verdade, foi um colega pra garantir a minha segurança. E eu achei estranho. Mas te confesso que em nenhum momento da minha carreira eu tive algum impedimento por ser mulher. Todas as pautas que eu propus, eu levei a cabo. Eu

consegui, de alguma maneira, me impor muito nova, muito cedo, no jornalismo nos lugares por onde eu passei. Eu não tenho nenhuma queixa, assim, de um chefe dizer: não, você não vai, porque você é mulher. Eu não tive isso, com exceção desse episódio que acabei de te contar.

De acordo com Patrícia Zaidan, os homens dispõem de vantagens no jornalismo como profissão, as quais se cristalizam em melhores remunerações e postos de trabalho:

– A vantagem é sempre salarial e de cargos. Eu acho que essa é a principal vantagem. E mesmo quando tem cargos iguais, o editor de Geral ser uma mulher e o de Política ser um homem, ela acaba ganhando menos. E a justificativa é que a Política, é porque a equipe de Política é uma equipe de elite. Na verdade, eu não acreditava nisso. Parecia mais por ser um homem e uma mulher em editorias diferentes, mas que tinham dentro da hierarquia do organograma da empresa cargos semelhantes. Eu acho que os homens acabam tendo esse privilégio salarial e promoção, o que acontece em outras áreas da Economia e não somente na produção de jornalismo.

Julianna Granjeira também conta episódios de sexismo e nega os de racismo devido à ausência ou escassez de jornalistas negras e negros nas Redações em que trabalhou.

– Sexista já. Dentro de Redação. Racista não, porque eu nem lembro de ter trabalhado com negros de tão brancas que são as Redações. Sexismo é ... de editor dar em cima de repórter e de ... também, por exemplo, num caso mais recente, um colunista do jornal, que não fica na mesma base da repórter, tuitou no perfil dele a foto de uma freelancer que era subordinada ao meu local de trabalho¹¹⁴ e não a base dele, subordinada aos meus chefes. Publicou foto dela e ficou elogiando ela de um jeito, exaltando a beleza de um jeito pesado que várias pessoas foram até o perfil dela. Era assédio. Vai. Era assédio. Assédio público. (...) E os chefes, todos homens, viram e riram. E falaram que era aquilo mesmo e que não tinha problema ou que ela também posta fotos ousadas no perfil dela, como se justificando. Ah, ela é modelo, posta foto ousada e não pode reclamar. Esse foi o último caso que eu lembro porque foi bem marcante e eu presenciei tudo. Ah, a palavra que ele usa recorrente é musa. Ficava chamando de musa. (...) Eu fiquei indignadíssima porque eles riam enquanto eles iam

¹¹⁴ São Paulo.

lendo o que o cara estava escrevendo, como se fosse uma coisa: “aiiii, é assim mesmo. É assim mesmo. Ele faz assim com todas as mulheres. Ele tem as musas dele”. Eu fiquei indignada porque não é assim mesmo. Não é normal. Não foi um simples elogio. Foi um dia inteiro se referindo à menina e ele estava stalking ela, postando fotos antigas dela. Isso não é elogio. É diferente. Além do que ele está num posto de colunista, muito acima dela. Ela é apenas freelancer. Então, tem essa questão da hierarquia em que ela não pode reclamar, porque ela precisa trabalhar na cabeça dela. Porque ela falou isso, eu conversei com ela. Ela: “Eu não posso reclamar, porque eu preciso trabalhar. Preciso do trabalho”. E eu fiquei muito indignada, revoltada e impotente, porque você fica impotente. A gente foi mostrar o caso e quem podia fazer alguma coisa ficou rindo. Achei desrespeitoso também. Foi isso.

Julianna conta outra situação de assédio, ambientada, nos últimos cinco anos, com repercussão na comunidade discursiva jornalística nas Redações de São Paulo e Brasília:

– E fiquei sabendo de várias histórias de mulheres vítimas do mesmo editor. No caso, um editor conhecido em Brasília, de um grande jornal, um editor de alto escalão. Um grande jornal que tem sucursal em Brasília, tem um editor, reconhecido no meio por ser um grande assediador de repórteres. E ele, assim, já tiveram reclamações. Já houve demissão por causa dele, uma pessoa que ficou doente e foi demitida. Só que ninguém fala nada. Mas não acontece nada com a pessoa. Ele é um grosso, além de tudo, mas está lá intocável no cargo dele. Isso eu não vi. Mas eu conheço vítimas. Eu sei da história porque foram amigas minhas que me contaram.

A jornalista Julianna analisa as assimetrias de gênero e verifica que as mulheres estão mais propensas a assédio não só dentro da Redação como fora. Quando a gente está em trabalho, de fonte, de entrevistado, desde pessoas simples que a gente entrevista até pessoas do alto escalão. Assédio sem dúvida é o pior problema. Na contramão, os homens não estão inscritos nos terrenos das desvantagens de gênero, pois são mais propensos a subir de hierarquia na carreira, conforme a jornalista.

Mara Régia é outra jornalista que conta práticas sexistas e racistas no exercício do jornalismo. Identificada como feminista e reconhecida dentro e fora das Redações, seu ativismo foi alvo de intimidações como as que ela relembra no decurso da entrevista.

– Olha, desde o escárnio, o deboche, na hora da decisão das pautas, né? Você sabe que quando eu trabalhava no SBT, fazendo jornalismo lá, os sujeitos, para me provocar, porque já sabiam que eu era feminista, diziam assim: “Hoje, você vai ter que acompanhar o grupo Pró-Vida, nas questões de aborto, né?” E inventavam pauta só para me constranger. Isso era uma coisa ... para eles, humor, uma piada. Uma forma de banalizar uma luta porque, quando você faz daquela coisa algo risível, é uma forma que você tem de diminuí-la, né? Você tira o tom de seriedade que aquilo tem. Então, assim como eu te dizia, eu vejo desde a escolha das pautas e a embocadura, né?, também. (...) Agora mesmo eu faço parte do Comitê do Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça e aí um coletivo de mulheres escreveu uma carta aberta, aqui dentro da EBC, agora em janeiro de 2016. Você precisa ver a reação negativa de funcionários, trabalhadores que foram à direção, que “essa história de mulher e homem, negro e branco, somos todos seres humanos. E não tem que ter esse negócio de cota para isso, cota para aquilo”. Uma negação total e absoluta e sempre partindo desse ponto de vista: “Ah, eu vim de baixo e cheguei lá. Então, é sinal de competência”. Uma questão ... e não uma questão de igualdade, de reconhecimento, de cidadania, de oportunidades. Entendeu? E aí a gente vai ter que ... olha, eu já estou nessa luta, o Viva Maria faz 35 anos. Eu acho que já faz uns 40 anos que eu lido com essas questões de perto, tanto de gênero quanto de raça. E acho que eu vou morrer e não vou conseguir. Talvez a minha neta consiga viver uma sociedade de equidade e consiga viver a equidade socialmente.

A jornalista Mara Régia relata, ainda, a diferença salarial de que foi alvo logo no início da carreira e os espaços de trabalho disputados por mulheres, inclusive na fotografia e cinegrafia.

– Olha, o bom de a gente ter uma certa idade é que a gente tem exemplos que remontam com sua expressão e contundência o quanto essa discriminação foi perversa com todas as mulheres. Por exemplo, Congresso Nacional. Eu sou do tempo em que a gente não podia entrar com calça comprida. Se eu sou fotógrafa como a Paula Simas, por exemplo, a Mila Petrilo, pessoas dessa fase que cobriam a Constituinte e tal, elas tinham uma desvantagem enorme para acessar as galerias. Porque os homens de calça, eles davam pulos, se penduravam onde quer que fosse. E elas de saia eram impedidas

a ter essa mobilidade. Mobilidade é liberdade. Acho que as fotógrafas, as mulheres fotógrafas, são um caso emblemático porque igualmente as mulheres expulsas da reportagem de TV como repórteres cinematográficas por conta de quê? Porque as câmeras de antigamente eram extremamente pesadas. Impossível para um corpo feminino segurar aquilo e dar conta de captar a melhor imagem. Então, eu acho que por muito tempo as ferramentas, à disposição do jornalismo, foram um impedimento a mais à nossa afirmação e ascensão profissional. (...) Então, eu nunca esqueço, numa negociação salarial, ainda na Radiobrás, que a gente entrou com salário muito baixo e com a promessa de três meses depois ter um plus. E aí tinha um rapaz que apresentava um programa, e eu no Viva Maria. E ele falou: “Não, não, não. Com você eu não vou conversar porque você não é cabeça de família. Então, deixa eu resolver primeiro o caso dele. Outra hora eu vejo o teu problema”. Isso tem um impacto muito forte na vida da gente. Mesmo que a relação seja perversa, é triste quando você não recebe o que lhe é devido ou quando você se sente mal paga. Se você não estiver com a sua autoestima bem trabalhada, você é levada a pensar que o seu trabalho não é competente assim ao ponto de você merecer mais que aquilo. Quando chega o final do mês e você vê aquelas poucas notas, aquele dinheiro tão pequeno perto da África que você faz, né? Aquele trabalho quase que heroico e não é compatível. É penoso. Muito difícil. Então, eu acho que essa condição ... sem falar, eu me lembro como se fosse hoje, quando nós conseguimos licença-maternidade de 90 dias na Constituinte. Nossa! O Roberto Campos, que era senador, disse que a partir dali só as balzaquianas teriam condição de ganhar mercado de trabalho, porque as mulheres em idade fértil estavam fora. Por que quem era o patrão que ia lidar com toda essa coisa? Então, é flagrante. Para onde você olhar, essa questão é absolutamente contundente. Não tem o que discutir. E aí o reflexo disso é que você tem diretores nas chefias. Os maiores salários são para eles. E aí você está na rebordosa. “Ah, tá grávida”. Olham, veem a gravidez como doença, né? E uma série de outras impropriedades. Então, não há igualdade no trabalho nem salarial nem de tratamento nem de ascensão nem de nada. Por isso, a gente precisa de programas como Pró-Equidade para tentar dar uma chacoalhada a par das reações que são implacáveis. O pessoal resiste com muita agonia.

Como a jornalista negra Juliana Nunes (Capítulo 6), Mara Régia integra o Comitê do Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça e defronta-se com demandas cada vez mais crescentes de colegas em busca de direitos e contra práticas racistas e sexistas nas Redações da EBC.

– Atualmente, nós estamos com uma campanha contra o assédio moral e sexual. E todos nós, Juliana, eu e todo um coletivo, nos sentimos muito aviltadas. Os casos de homofobia são gritantes. Racismo idem, idem. E principalmente quando de propostas que têm o objetivo de alavancar igualdade de oportunidades e um olhar para o número de homens que estão no comando e de mulheres negras que ocupam chefias ... tudo isso é como se você estivesse desacatando o status quo. Então, isso é cruel. (...) Às vezes, no estúdio, eu estou entrevistando um transexual que está reclamando seus direitos civis e o cara (operador) diz: (imitando e batendo leve na mesa) “Pô, só faltava essa. A gente ter que dar um dinheiro para viado”. Ou então, se você está discutindo aborto, né? , com a Débora Diniz falando sobre microcefalia: “Ah, esse povo não tem religião. É pacto com o demônio”. Então, a toda hora. Se você entrar nessa bola dividida, você vai se dar mal. Eu fui vítima de um preconceito aqui dentro, um preconceito geracional, que é outra coisa. Sujeito aqui da Redação (bate na mesa) por conta de uma discussão de pauta. Ele entrou no Sou+EBC, que é um grupo fechado, eu tive que ir na Ouvidoria interna e denunciá-lo. Ele disse (batendo na mesa): “Essa velha não tem o que fazer mais aqui. Tem que abrir espaço e saber que a empresa é dos novos”. Então, assim. Dói muito. Você tem toda uma história. Toda uma trajetória e recebe esse tipo de desacato, de enfrentamento. Provocações, na verdade, extremamente violentas. Violentas. Eu passei mal nesse episódio. No fim das contas, aí vem de novo os panos quentes. Estruturalmente, a própria empresa ainda não tem mecanismos de punição. Então, fica tudo ... “você promete que não vai fazer mais isso?”. Como um carão. E não como uma ação em que “você vai pagar por isso”. Entende?

Mara Régia aponta, ainda, as propensões dos homens no exercício do jornalismo e as desvantagens relegadas às mulheres jornalistas.

– Viagens internacionais. Experiências no campo da ciência e da tecnologia, especialmente experimentações. Agora tem um projeto que agora quer levar pessoas a

*Marte. Então você vai fazer aqueles testes. O futebol é o maior exemplo. Agora tem uma reação, mas até no futebol feminino há uma discrepância na valorização e desvalorização. (...) Desvantagem. Nós vamos ouvir, mas vamos ouvir só os homens. Você não tem a mesma chance de chegar. E toda vez que você aumenta o seu protagonismo, incluindo aí até o tom de voz. Logo conseguem achar uma identificação para você, meio jocosa. “Aí vem a nervosa. Já vem a ...”. No passado era TPM, agora é menopausa. Esses assuntos são muito comuns. “Ah, tá na menopausa ... ah, tá na TPM”. Basta que alguém se arvore como mulher: “Não, isso aqui é um absurdo” ...ou seja mais enfática, pronto. Nossa. Já está devidamente dentro da caixinha. Já está devidamente rotulada. Rotulada, era isso que eu queria falar. Eles acham sempre um rótulo para você: jocoso. E o ... “Ah, mas ela é feminista”. **É. Eu, por exemplo, eu sou a feminista. “Não leva muito a sério, não. Ela é feminista”.** Entendeu? “Ela não consegue fazer um jornalismo imparcial”, porque você faz sempre um recorte de gênero. Então, é difícil que uma editoria assimile esse recorte. Entendeu?*

A exemplo das jornalistas negras, Mara Régia faz uso da expressão “tempo inteiro” para qualificar a frequência das ações sexistas nas Redações.

– Nossa. O tempo inteiro. O tempo inteiro. Até na escolha no padrão. Para a tevê, a beleza. Sempre embutida ali a sedução, a troca, a passada de mão. Então ... hoje eles estão mais cuidadosos porque tem uma legislação, né?. Mas na época em que isso não existia, era escancarado. Escancarado sem nenhum pudor. Como se fizesse parte da coisa (jornalismo).

A jornalista Sílvia Salek alega ter vivenciado o sexismo na carreira, mas lança questões maiores sobre a maneira de representação das mulheres nos meios de comunicação no rol de suas preocupações.

– Mas, assim, sexismo na minha carreira eu acredito ter sofrido pequenas experiências isoladas de assédio, que é uma questão que ... me parece que é uma questão que afeta mais as mulheres do que os homens. Então, é possível que os homens se sintam afetados também. E em relação a promoções e a ser preterida por ser mulher, eu não vi tanto isso porque eu tive a sorte na minha experiência profissional de ter chefes mulheres com bastante frequência e que eram excelentes. Tem sempre aquela questão: “Ah, mas

*elas chegaram lá porque elas foram fantásticas e maravilhosas”. Até pode ser, mas eu não tenho como julgar isso de uma forma justa. Então, você perguntou em qual situação a mulher mais sofre. Então, como profissional, eu acho que são em questões de assédio. Mas eu posso falar apenas de uma experiência que eu tenha sofrido assédio como jornalista. (...) . **Agora, uma forma que eu acho mais forte, uma forma mais gritante, é a forma como as mulheres são representadas por nós mesmos, jornalistas, nós mulheres ou homens. É a questão de você não ouvir mulheres em matérias de Economia. Quantas matérias de Economia, você vê e não tem uma mulher falando. A maneira como a mulher tem que ser bonita na foto e tal, sendo que o homem você não julga por esse padrão. O cara tem que ser sério, tem que ter aparência... Então, eu acho que é muito mais a representação da mulher na mídia, na imprensa, do que a profissional sofre. Agora, sobre o homem, eu realmente não conseguiria pensar isso com conhecimento de causa. Teria que parar para refletir e eu não tenho nenhum exemplo que me venha à mente como o homem pode sofrer por ser homem.***

Para Adriana Carranca, entre as práticas sexistas e racistas nas Redações, o racismo evidencia-se como questão mais emblemática do que o sexismo:

*– **Eu não vejo negros na Redação. Então, quando falam que não existe racismo no Brasil, eu olho em volta e não vejo negros em volta de mim. Não vejo negros nos restaurantes, eu não vejo negros na Redação. E eles são metade da população, segundo o último censo. Um pouco mais da metade, é isso? (...) (Isso) Eu não me lembro. Mas não tem essa representatividade em nenhum meio de classe média. Não tem nas empresas. Não tem nas Redações, não tem na televisão. Não tem no entretenimento, no cinema. Não tem no lazer. Quando você olha ... então me leva a crer que ainda existe o racismo, é muito exacerbado no Brasil.***

Sobre a ocorrência de igualdade ou desigualdade de gênero e raça nas Redações, três jornalistas classificaram o jornalismo como uma profissão com desigualdade entre mulheres e homens – menos Adriana Carranca, Alessandra Machado e Sílvia Salek. Acerca da desigualdade entre negros e brancos, cinco jornalistas expuseram essa posição, com exceção de Alessandra Machado.

Para Adriana Carranca, o Jornalismo tem se caracterizado pelo avanço das mulheres na profissão.

– Então, eu não vi muita desigualdade de gênero nas Redações. Pelo menos por onde eu tenho passado, recentemente, como eu te dei os exemplos. Na Folha, é um diretor de Redação é um homem, mas você tem muitas mulheres editoras e repórteres especiais. Em O Globo, você tem um homem e uma mulher como editores-executivos. No Estadão, até ontem, a Cida Damasco. Eu não sei se vai ser um homem ou uma mulher para ficar no lugar dela. Então, eu não vejo muito, não tenho visto muito ... mas pode ser uma realidade que é só a minha realidade. Porque, se você certamente vai entrevistar outras pessoas de jornais de outros estados, ou talvez do interior, ou talvez de outras regiões do Brasil, onde ainda né?... A gente tem que pensar que vive numa cidade que é a cidade mais rica da América Latina. É São Paulo, o centro do empresariado. (...) Então, cargo de responsabilidade, a gente melhorou. Tem várias editoras mulheres. Rádio Bandeirantes, estava me lembrando agora, a diretora de Redação é a Sheila. A CBN, a diretora de Redação é a Marisa. Então, eu acho que no jornalismo pelo menos a gente tem visto menos desigualdades. Agora, em termos de salário, eu não sei te responder, porque eu não sei o que os colegas ganham. Mas eu acho que tem pesquisas que mostram que os homens ainda ganham mais do que as mulheres. Eu não sei se é uma coisa que vai para ... eu não sei te dizer pessoalmente. Não saberia te dizer.

A partir da examinação das Redações nas quais trabalhou, Adriana Carranca constata a raridade de jornalistas negras e negros.

– Eu não vejo jornalistas negros. Ponto. Então, isso para mim ... eu já sei que algum problema está acontecendo em algum momento do processo até a ponta. Na Globo, você tem alguns poucos, mas são os únicos que eu me lembro. Na Redação do Estadão, eu não me lembro de negros. Na Redação do Globo, acho que tem uns, um negro. Na verdade, não lembro. E na Folha, não lembro de nenhum colega. No Valor (Econômico), não lembro de ninguém. Então ... a gente não tem. Eu não vejo eles serem discriminados, porque eles não estão na Redação. Entendeu? Então, isso eu vejo com muito mais clareza: a desigualdade racial do que de gênero, pelo menos em São Paulo, com muito mais clareza. Mas ... eu nunca vi situações do negro sendo discriminado na

Redação, porque eu não vejo o negro chegar à Redação. (...) Não dá para comparar porque eu não tinha colegas negras com quem eu pudesse comparar. Entendeu? Então, é óbvio que existe uma discriminação já na ponta, já na contratação, que aí pode ser na contratação, mas também pode ser na universidade. Pode ser que simplesmente o negro possa não estar chegando como a gente imagina na universidade, apesar de todas as medidas que foram tomadas recentemente. Talvez isso ainda não tenha se traduzido numa conquista de postos de trabalho.

Na percepção de Adriana Carranca, as empresas jornalísticas deveriam adotar medidas para enfrentar o racismo.

– O que estou te falando da contratação na base de novos jornalistas, que estão começando. Quando todo mundo tem a mesma experiência e o mesmo nível de conhecimento e experiência na profissão, né?, que quando todo mundo é estagiário, iniciante ... os jornais poderiam dar mais oportunidade nessa ponta, nesse início, para negros, mulheres. Tentar ter uma Redação mais equilibrada em termos de renda social, né?,, de jornalistas que venham de outros bairros de São Paulo, de outras regiões do estado, estou falando por São Paulo, de outras regiões do Brasil também. Os outros jornais também poderiam fazer isso para ter Redações representativas do Brasil.

Ao refletir sobre a situação de mulheres e homens no jornalismo como profissão, Sílvia Salek mostrou-se hesitante sobre a questão de gênero e os compromissos a serem assumidos pelas empresas jornalísticas no que tange à igualdade ou desigualdade de gênero.

– Eu tendo achar, como eu falei, apesar de ter a ideia teórica de que a mulher tende a ser desprivilegiada e até por tentar fazer reportagens que demonstrem isso, denunciem isso, é na minha experiência pessoal, eu não vi isso acontecer. Eu vi mulheres tendo destaque como editoras. Enfim, em O Dia, a minha, a nossa editora-chefe era uma mulher, a nossa editora-executiva era uma mulher e o meu editor direto era um homem. No meu primeiro trabalho, aquele trabalho na Rocinha que eu mencionei, a diretora lá do canal era uma mulher. Aqui na BBC a chefe do serviço mundial é uma mulher, mas aí eu estou falando do Reino Unido, né?, não estou falando do Brasil. Eu acho que ... eu não tenho experiência concreta que possa indicar isso, apesar de ser

essa a minha percepção, talvez influenciada por algum preconceito. Eu não sei. Na minha experiência direta, eu não vi isso.

Mesmo sobre a questão racial, a jornalista Sílvia Salek percebe a disparidade racial entre profissionais negros e brancos. Todavia, considera mais intrigante a baixa representação de negros e negras nos conteúdos jornalísticos.

*– Baseada na minha experiência, eu não tenho o que dizer. Eu posso te dizer como a gente representa eles, os negros, os brancos. Mas como os jornalistas vivenciam eu ... eu nunca vi. O fato é que há poucos jornalistas negros nas Redações. Então, eu acho que essa é a principal, esse é o principal problema que o jornalista enfrenta, e não o indivíduo. Acho que é a representação daquela voz ... quase não há jornalistas negros nas Redações. Então, eu não saberia te dizer: Ah, eles têm essa experiência porque eu acho que o caso é tão profundamente complicado que nem sequer já ... São pouquíssimos. Então, isso é até mais grave de eu descrever que houve isso ou aquilo. É que não há. E em relação aos brancos, eu imagino que o branco vai ter mais acesso ... isso baseado no que a gente sabe como funciona a sociedade brasileira, né? (...) **Eu acho que é uma profissão marcada pela desigualdade de representação dos negros. Eu não sei se é um problema ... onde está essa desigualdade. Aí vem aquela questão se as universidades já revelam essa desigualdade de acesso à profissão. Se menos negros escolhem jornalismo do que outras profissões. Então, pode ser que o problema seja bem anterior, né? É certamente uma profissão marcada pela desigualdade. Como eu já falei, tem muito poucos negros nas Redações e as empresas têm que ficar atentas a isso, e elas devem levar isso em conta quando fizerem os seus recrutamentos de uma forma ... Eu não quero advogar por cotas no jornalismo para negros, mas acho que todo editor e todo diretor Redação deve ter isso em mente. (...) Mas aí é uma decisão que cada um tem que tomar de acordo com a circunstância do momento. Mas eu acho que não dá para a gente simplesmente esquecer que isso existe. Eu acho que é importante a gente ter isso em mente e tentar, dentro do possível, mudar essa realidade, dando mais oportunidade.***

Patrícia Zaidan é categórica com relação às assimetrias de gênero e raça no jornalismo como profissão.

– Não. De jeito nenhum. Se para nós, mulheres, a ascensão e o salário mais alto ainda é difícil, para os profissionais negros, homens e mulheres, é mais ainda. Eu me lembro de um negro ocupando uma chefia, aqui, na Editora Abril. Nos jornais, não me lembro de nenhum, por onde passei. Na TV Bandeirantes também não. Na Bandnews, onde eu trabalhei, também não. Eu acho que a desigualdade ela é sempre salarial. Essa é ... eu acho que é aí que a coisa pega. Você não tem muitos repórteres sêniores porque significa salário maior. Você não tem mulher nessa área. Aqui, na Editora Abril, por exemplo, não existe o cargo de repórter sênior para as revistas femininas. Eu acho isso incrível, né?, como tem nas revistas consideradas de informação geral, semanal. Exame, por exemplo. É uma forma de enxergar como uma mão de obra menos importante. Menos qualificada.

Patrícia elenca algumas sugestões para as empresas jornalísticas enfrentarem o racismo e o sexismo com medidas para recrutamento e ocupação de espaços decisórios, entre eles conselhos de administração.

– Esquecer o gênero simplesmente na hora de promover e de aumentar os salários. Só pela competência. Agora, cotas, eu sou a favor delas ... agora, na vida prática aqui dentro ou de outra empresa, isso dificilmente se daria. 30% de mulheres no conselho administrativo isso é o ideal. Sem dúvida. Num primeiro momento, eu acho que tinha que ser considerada a aptidão, o desempenho, a qualificação. Não sei se deixei isso claro: eu sou a favor das cotas. (...) Eu acho que nas empresas onde a mão de obra qualificada é mais comum, nas empresas de produção intelectual, a cota poderia ser uma porta de entrada. Mas não sei se na prática isso acontece num momento, assim, longo. Isso eu acho difícil. (...) Olha, é muito racista, sim, no trabalho. Se eu estou te dizendo que há poucos negros nas Redações, é porque eles são pouco contratados. E isso é uma discriminação. Isso é uma discriminação. O que as empresas podem fazer por isso? É não sustentar que negro não possa fazer um bom trabalho. Eu acho que, na hora de contratar, a questão que vem é essa que eu te descrevi anteriormente. Um negro menos conhecido pode ter mais dificuldade de ser recebido por uma fonte de elite. Então, eles são menos contratados também por isso. Você está me perguntando o que as empresas poderiam fazer. Poderiam enfrentar isso, enfrentar

o racismo das pessoas que contratam. Das chefias. Das pessoas que estão embaixo fazendo o recrutamento. Nisso, a empresa é responsável pela reprodução desse modelo. Elas precisariam preparar os seus recrutadores para isso. Agora, as empresas mais ou menos reproduzem o que elas enxergam na sociedade, né?

Valendo-se da sua experiência na mídia acreana, Alessandra Melo afirma a existência de espaços equilibrados para mulheres e homens, negros e brancos no jornalismo local.

– Ó, lá na minha Redação... eu posso te falar por lá. Lá, todo mundo ganha igual. Não tem diferença. A única pessoa que ganha mais sou eu, que sou a chefe. E lá, além de mim, só tem uma mulher. Todos os demais são homens. Eu já tive fotógrafa mulher, diagramadora. Mas no momento estou só com uma estagiária. O resto é homem. E essa questão salarial é igual. Não tem diferença não. Lá, onde eu trabalho, né? (...) Não, eu acho que aqui não existe essa questão ... ah, de tratar só jornalista homem ou jornalista mulher. Está muito diversificado em todos os setores, no governo, na prefeitura, nas assessorias. Eu acho que tem até mais mulher do que homem.

Sobre a questão racial, Alessandra percebe as desvantagens decorrentes do racismo para jornalistas negras e negros, embora seja contraditória ao enunciar a relação existente no jornal em que é editora-chefe.

– Eu acho que sempre existe, né?, a questão do preconceito. Não é assim ... digamos, assim, um preconceito aberto, é velado. Eu acredito que sim, porque você não vê aqui nos telejornais ... aqui eu acho que nós temos um apresentador negro. O resto ... os demais apresentadores, repórteres ... todos são brancos. E eu acho que existe, sim. (...) Pois é. Da mesma fora que eu falei anteriormente. Eu não vejo negros ocupando cargos de chefia não. Aqui no nosso jornalismo não. Só existe um apresentador aqui que é na TV Acre, afiliada da Globo, e só. Nos demais, não vejo. Não vejo. (...) Ó, no caso lá do jornal, já trabalharam várias pessoas negras. Mas elas não saíram por causa dessa questão. Saíram porque quiseram e tiveram outras oportunidades, entendeu? No caso do impresso, eu posso falar porque a gente não tem a questão da aparência. A questão maior é a questão da competência.

Mara Régia recorre à trajetória de algumas e alguns jornalistas para ilustrar as diferentes tramas de gênero e raça no jornalismo. Ao recordar a carreira de Ana Paula Padrão, Mara pontua a ascensão meteórica da jornalista, iniciada na Radiobrás, até a ancoragem de telejornais de grande audiência. Mara comenta as carreiras de Heraldo Pereira, um dos jornalistas entrevistados por esta tese (Capítulo 8), e de Flávia Oliveira, também entrevistada (Capítulo 6) por este estudo.

– *E onde acabou a Ana Paula Padrão? Nas manchetes, nas capas de revista como **Manequim** e outras tantas, né? E o corpo, né? O corpo vem primeiro e não o potencial jornalístico dessa moça ... que, em que pesem algumas viagens para reportagens especiais e ter ancorado um jornal da Globo por um bom tempo, né?, quando saiu, a desculpa qual foi? “Ah, porque eu estou querendo engravidar e eu não posso ... preciso apostar numa vida nananan...”.* **Então, tem sempre a maternidade como uma justificativa ou um impedimento. Isso é ruim porque implica em especificidade em que no mundo do trabalho é desvalorizado.** Na Globo mesmo, tirando o Heraldo Pereira, não é?, você não tem ninguém com aquela honorabilidade, presença, que ele tem, de ocupar a bancada de um Jornal Nacional. E aí, no campo da reportagem, a presença é pífia, né? Não consegue identificar. **As presenças negras são quase que insignificantes. Fazem o trabalho ali no quadradinho, né?** Aquela matéria ali, fechadinha, dentro do que é o padrão. Mas não tem presença. A Flávia Oliveira é uma exceção aí à regra. Está no **Valor Econômico**, né?, uma presença e tal. No rol das atrizes, *idem, idem.* É esse estágio ainda. Estamos lá atrás. **Eu acho que no jornalismo não poderia ser diferente. Poderia ser diferente, mas não é.**

Acerca das relações raciais, Mara Régia ilustra suas ponderações em outras duas jornalistas negras entrevistadas na pesquisa de campo desta tese – Juliana Nunes e Luciana Barreto (ambas no Capítulo 6) – para evidenciar os tratamentos diferenciados e discriminatórios dirigidos às profissionais negras.

– *Vamos pegar exemplos concretos. A Juliana Nunes que, às vezes, usa turbante, né? E aí você tem comentário em torno de dizer: “Faz tudo para aparecer. Fica aí tentando reafirmar a sua identidade”.* **Então, desde a maledicência, que gira em torno ... porque se a negra é muito bonita, ou o negro, aí suscita essa cobiça. E aí, se um**

diretor abre espaço para essa pessoa ancorar ou isso ou aquilo, sempre fica a suspeição. Aqui mesmo nós temos um caso de assédio sexual em torno de uma beleza de uma apresentadora negra, que nós temos na TV Brasil. Deu até delegacia. Foi na DEAM. Acho até que é interessante você entrevistá-la. É, porque ela foi à DEAM lá no Rio de Janeiro denunciar o cara, porque ele a abordou, inclusive, no estacionamento da emissora. Para ... coisa seríssima. Mas teve um diretor que, recentemente, disse: “Olha, só. Nós temos aqui ela. Resolvemos dois problemas de uma vez só”. Esse caso ficou ... É penoso. É penoso. Eu, às vezes, tenho vontade de chorar. Porque, se eu tivesse sofrido esse tipo de coisa, lá atrás, como mulher feminista, chegando, e tal, nos anos 1970... Mas chegar em 2016, numa empresa pública, com um cenário desse (...) Ah, também. Também. Também. Pelos diretores, sempre a cúpula maior, né? Aos 30 anos, você é uma mulher interessante, né? Até pela vivacidade, pela força da juventude. Não que eu tivesse algum dote especial. Nunca fui uma mulher bonita, mas assim é natural, é vigor, sabe? O tempo inteiro, conversinha, sabe? Essa coisa que constrange, né? (...) Então, eu acho que, como uma mulher branca, eu fui menos testada à prova. Entendeu? Acho que é isso. Acho que as negras precisam se desdobrar. Se nós fazemos a tripla jornada, elas fazem a quarta nesse esforço de se afirmar, de mostrar o quanto são capazes. Porque o racismo, embutido ou declarado, ele põe a dúvida sobre a sua capacidade. E a grande maioria, como está numa camada social mais baixa, sofre essa injunção. Eu vim de uma camada social baixa, mas eu tive algumas oportunidades na vida, né?

Indagada sobre as perspectivas de mudança dessas desigualdades a serem encampadas pelas empresas jornalísticas, Mara Régia faz distinção entre empresa pública e privada:

– Se são públicas, elas podem aderir a programas como esse da SPM enquanto existir, também, né? Eu não sei até onde isso vai. Acho que ter um programa de ascensão de igualdade de oportunidades é uma excelente. Está sendo um tijolo na construção de uma cidadania plena. Eu acho que esse é o caminho. Agora, nas comerciais eu não vejo muito isso porque, ali, negros e brancos são escravizados, né?, pelos números do Ibope, pelos resultados, pela publicidade e por uma série de outras questões econômicas e sociais que aviltam a nossa dignidade e que nos fazem como jornalistas, ter direito a

uma aposentadoria diferenciada porque é para enlouquecer. Eu digo isso porque eu fui editora sênior do Bom Dia Brasil. Eu trabalhei na Globo por cinco anos. Eu sei bem o que é esse compromisso, o que é esse aviltamento. O que é você ser punida porque você privilegiou um ministro e não outro. Entendeu? Ser suspensa. Receber reprimenda. Tem um caso que eu tinha ... era o Brito (Antônio), que era o ministro. O Fona, que era o assessor, e eu já tinha fechado com aquele ministro da Agricultura, que era dono do Bamerindus, que a Globo tinha mil e um interesses ali. E o Fona me liga e diz: “Eu tenho um furo para o Bom Dia”. E eu disse: eu não posso botar dois ministros num programa só. Vai ficar muito chapa-branca. Eu vou ver se eu falo com o Madeira para ver se ponho o ministro da Agricultura para vir amanhã aqui. Aí, chego e ligo para o Madeira e aí, imediatamente, ligou para o Alberico Souza Cruz, lá em Minas. E aí, assim, eu fui defenestrada. Recebi advertência, entendeu? E se eu não tenho a intervenção do meu editor, eu teria sido suspensa por uns bons dias sem salário. Então, assim, máquina de fazer doido, né? Porque você lida com um jornalismo de transe (risos), porque você tem que ir atrás do furo todo santo dia. É uma disputa, uma competição. E aí, é isso. Se você é considerado forte, você é mais aplaudido. Entendeu? Forte no sentido da ... digamos, assim, da complexidade, não óssea.

Julianna Granjeira verifica mais presença das mulheres no mercado de trabalho jornalístico, mas a prevalência de homens nos espaços decisórios.

– Eu acho que isso está mudando. Quando eu entrei no meu primeiro jornal grande, era diferente. Acho que tinha muito mais homem em cargo de chefia, com mais responsabilidade. Hoje, isso está começando a mudar. Colunistas também eram sempre mais homens. Acho que agora, como o feminismo está muito em alta e a gente fala muito, eles estão começando a prestar mais atenção nisso. Mas uma coisa que me chama a atenção é que você não vê um diretor de Redação, diretor, um chefão a figura – só porque está mais fácil – um Sérgio D’Ávila¹¹⁵ mulher, diretor de Redação. Todos os grandes jornais, se eu não me engano – não posso falar ... –, mas desde que eu lembre, desde que eu entrei na profissão, não vi uma mulher como diretora-geral da Redação.

¹¹⁵ Diretor do jornal Folha de S. Paulo.

Você tem mulher colunista, mulher editora de caderno, tem mulher sub, mas não tem mulher na diretoria.

De acordo com a jornalista Julianna Granjeia, mulheres em espaços decisórios poderiam dar encaminhamentos diferentes a casos de discriminações contra as mulheres.

– Eu acho que é fruto da nossa cultura machista, né? Os jornais sempre foram, a grande maioria antigamente, feitos por homens e discutidos por homens. E nós herdamos isso. Agora a gente – dentro de uma Redação a gente é tratada de igual para igual. Eu não vejo... por exemplo, em distribuição de pauta eu não vejo sexismo. Nunca tive esse problema. Por onde eu passei, nas editorias por onde eu passei, a gente sempre foi tratada de igual para igual. Mas a gente sabe de história de fonte política que prefere falar com mulher. E aí o editor vai mandar a mulher porque sabe que a chance de o cara falar é maior. E o que mais me incomoda é isso: o fato de não ter tido uma mulher na posição mais alta do jornal, porque eu acho, por exemplo, desse caso famoso da pessoa de Brasília ... Se o cara é reincidente e o caso é levado para a diretoria do jornal, se é uma mulher que recebe esse tipo de reclamação, eu acho que seria outro tratamento do que o diretor, um homem, receber esse tipo de reclamação, que pode rir, que pode achar normal. Eu acho que uma mulher tende a não achar normal e a não rir de uma questão de assédio no trabalho.

Julianna Granjeia, a exemplo de Adriana Carranca, Patrícia Zaidan e Sílvia Salek, chama a atenção para a ausência e a escassez de profissionais negros e negras nas Redações e nas faculdades de comunicação.

– Eu acho que não, porque, como eu te disse, as condições. É, eu acho que não tem as mesmas condições porque eu não lembro de ter trabalhado com repórteres negros, por onde eu passei. Então, eu acho que eles são a minoria. Então, não têm as mesmas condições. (...) Na faculdade, a gente chegou a discutir isso porque a gente tinha uma sala de 38 alunos e um só era negro. (...) Com certeza perde, porque ... gente! Em pauta, questões ligadas ao racismo, mas a gente, Redação branca, não tem competência para falar desse assunto como um negro teria. E nós temos uma grande parcela da população negra. E como assim uma grande parcela da população negra não está representada dentro da Redação?

Acerca das mudanças a serem empreendidas pelas empresas jornalísticas para enfrentar o racismo, Julianna Granjeira não arrisca traçar estratégias de ação.

– *Eu acho que não é igual entre brancos e negros. Agora, o que fazer? O que fazer realmente eu não sei. Eu estava aqui pensando, porque ... eu acho que não tem tanto negro se formando ou querendo assim ... como na minha faculdade só tinha um negro. (...) Eu acho que ... não oferece ... ou com os alunos negros formados. Acho que a gente cai naquele problema da cota, de que os negros têm dificuldade de ter acesso ao ensino superior. E isso reflete no mercado de trabalho. Agora. E aí reflete no mercado de trabalho. O número de negros na faculdade reflete no mercado de trabalho. Agora, uma ação específica das Redações... eu como branca não me sinto à vontade para falar. **Eu realmente não sei como poderia ser feito. Não sei se de repente o esquema de cotas ou abrir um processo seletivo somente para negro. Eu não sei. Eu realmente, como branca, não me sinto à vontade assim para apontar um caminho. Acho que os negros poderiam falar melhor sobre isso.***

Ao revisitar a sua trajetória profissional, Adriana Carranca recordou um passado de dificuldades para a garantia do estudo, na infância, e um passado de desbravamento do mundo pelo jornalismo. Uma carreira de exceção, como ela própria classifica.

– *Então, eu venho de uma classe social baixa e fui fazer uma universidade local. E, na minha faculdade, todos trabalhavam durante a faculdade em outras profissões. Eu fiz de tudo o que você possa imaginar (risos) na vida. Eu trabalho desde os 13 anos. (fez o quê?) Fiz animação de festa infantil. Foi aí que eu comecei. Trabalhei em loja como vendedora. Eu já fiz planfletagem. Então, eu comecei a trabalhar com 13 anos em festa infantil, com animação de festa infantil, para poder ajudar nas despesas de casa. Eu tinha bolsa integral na escola. Minha mãe conseguiu lá nem sei como, mas era sempre um drama. **Todo ano eu não sabia se eu ia poder ir para a escola no ano seguinte, porque não sabia se ia renovar a bolsa. Não sabia se ia ter vaga em escola pública. Então, todo ano era ... eu não sabia se no ano seguinte eu ia poder continuar estudando.** E aí, eu acho que ... na faculdade que eu fiz, poucos colegas tiveram a chance de continuar, de sobreviver na profissão. Isso já é um privilégio. **Já é uma exceção você conseguir sobreviver na profissão. Na minha classe mais ainda. Todos os colegas***

trabalhavam e sei lá, na área pública, no setor público, ou trabalhavam em banco ou trabalhavam em tudo o que não era relacionado a jornalismo Trabalhavam para pagar a faculdade.

De origem pobre, Mara Régia também se considera exceção, especialmente pelo jornalismo que realiza, voltado para os direitos das mulheres.

*– Exceção porque eu sou uma jornalista muito premiada, muito reconhecida. Eu conquistei um espaço que, apesar das descontinuidades do governo Collor, fiquei fazendo programa na rua, né? Escolhi o rádio, que é um veículo muito popular, e aí, por tudo isso, esse rádio me ascendeu e o feminismo mais ainda. Agora, é um privilégio você estar há 35 anos discutindo questões de gênero, que são sempre tão atacadas, tão malvistas, nos microfones, em rede nacional. Então ... distribuindo um programa para duas mil e tantas emissoras. Muito raro. Todas as propostas... Se você for analisar a linha da vida de programas temáticos voltados para questões como racismo, feminismo, nossa ... você vai ver que é vida breve. Então, assim, acho que para não dizer que sou muito modesta, eu sou uma pessoa muito persistente. Eu consigo driblar com muita fúria as adversidades. Eu consigo. Não gosto de desistir dos projetos. Eu vou com eles até as últimas consequências. É uma questão de personalidade. **Você é derrubado e você se levanta. É derrubado e você se levanta. Insiste, né? O Viva Maria é prova disso.***

Patrícia Zaidan revela que a excepcionalidade de sua carreira está ligada à condição de trabalho, algo incomum na profissão, conforme detalhado pela jornalista:

– Na minha escolha pessoal não houve ascensão, porque eu não queria me dedicar a atividade de cargos de chefia. Porque assumir isso seria me afastar da reportagem. Agora, eu me considero uma exceção, porque eu sempre tive condição para realizar o trabalho. Então, eu passei pela equipe do Estadão, da Band, eu passei pela ... enfim ... por todos os lugares por onde eu passei, eu tive condição de trabalho. A exceção está nisso. Só nisso. E isso eu acho que não acontece com todas as profissionais. Porque eu vejo muita gente boa que não encontra condição de trabalho que assegure a ela uma produção legal. Então, assim, jornalismo é muito caro. Reportagem é muito caro. Se você tem uma verba x para reportagem, em geral, ela vai cair em Política e em Economia. As colegas que trabalham em cobertura da cidade, que

é onde tem o maior número de mulheres. Você pode olhar todas as equipes. Elas têm menos dinheiro para a reportagem, para a área delas. Entendeu? Por isso que eu estou dizendo que é exceção. Só nesse momento.

Trabalhar na área foi ponto acentuado por Julianna Granjeia ao assumir como parâmetro a condição de empregabilidade da turma de faculdade de jornalismo, da qual se distinguiu pelas experiências profissionais.

– Exceção. Exceção. Completamente exceção. A começar de onde eu vim, onde eu me formei. Da minha sala, daqueles 38 eu acho que só eu e mais três seguimos no Jornalismo. E que chegou em Redação grande, só eu. E, nos últimos anos prá cá, muita gente desempregada. E eu agora desempregada. E então, enquanto eu estava empregada e na trajetória que eu tive, exceção. Sem dúvida.

Diretora da Redação da BBC Brasil, em Londres, Sílvia Salek conquistou a posição a partir de um anúncio da vaga, identificado por seu pai num jornal brasileiro, antes de seguir para a Inglaterra, acompanhando o marido. Passados 16 anos, a jornalista continua na empresa, ocupando o posto mais alto da Redação que coordena.

– Eu acho que ela talvez seja uma exceção porque eu estou numa organização que dá mais estabilidade. Se bem que nós já tivemos vários cortes e muita gente já perdeu o emprego também. Eu acho que talvez por eu estar num país que tem menos solavancos e ser uma organização que não depende tão diretamente de publicidade. (...) As condições de trabalho também eu acho exceção. Eu acho que são favoráveis no sentido de que, diferentemente das Redações do Brasil, a gente aqui não tem que trabalhar longas horas. Normalmente, você é recompensado por trabalho adicional de uma maneira que, no Brasil, não ocorria. Se bem que agora, com relógio de ponto, a coisa mudou um pouco, né? Mas, se você trabalha final de semana, você ganha folga. Você trabalha a mais ... São condições de trabalho muito boas. Respeitoso. Tem oportunidade de treinamento. Enfim, é um ambiente de muito respeito. Então, nesse aspecto ... não que houvesse desrespeito nas Redações do Brasil, mas eu posso dizer que é bem positivo aqui. O que eu vivo aqui é bem positivo. O que eu acho que as pessoas da equipe vivem eu acho que é bem positivo em relação a situações não tão boas no Brasil.

Do Acre, Alessandra Machado elenca uma série de violações de direitos e discriminações baseadas em gênero, a qual é contrastada com as enunciações de Sílvia Salek e Patrícia Zaidan. Dentre elas, resalto: descumprimento de licença-maternidade, perseguição política, descumprimento de férias, jornadas excessivas e adoecimento.

*– Olha, eu me considero uma exceção. Primeiro, porque não tenho formação em Jornalismo. Segundo porque, meteoricamente, saíde repórter da rua para chefe de Redação em três anos de trabalho. **Eu não tinha praticamente experiência nenhuma e foi aposta que fizeram em mim e eu tive de dar conta do recado de qualquer jeito (risos).** E por ser mulher, uma jovem, quando assumi a editoria eu tinha 26 anos. E eu sofri muito. **Eu nunca tive licença-maternidade, né? Eu tive dois filhos ao longo da ... a primeira eu tinha ... mas os outros dois foi ao longo da ... Eu fiquei nove anos sem tirar férias mesmo. E adquiri, com isso tudo, todas as doenças imagináveis e possíveis que você pode imaginar (risos), entendeu? Então, eu sofri muito. Ser mulher em cargo de chefia, de cidade pequena, onde tem um monte de gente querendo te derrubar. Eu ... por duas vezes eu fui tirada da editoria e diminuída de salário porque os meus pensamentos não estavam de acordo com as pessoas que estavam governando. Então, iam lá e mandavam me tirar. O meu chefe não queria me demitir, mas me botava para escanteio. Entendeu? Então foi difícil. Mas ao longo desse tempo eu tive conquistas. Eu tive melhoria de salário. Melhoria de tempo também, porque eu não tinha tempo de nada. Trabalhava de manhã, de tarde e de noite. Saía do jornal à meia-noite. E aquilo tudo ia me fazendo ficar muito doente. Mas hoje ... mas também depois de cem anos lá dentro ... hoje eu posso te dizer que eu estou num trabalho mais tranquilo, porque eu vou para o jornal pela manhã, né?, 8h, passo a pauta e volto para casa. Só retorno ao jornal às 7h da noite e fecho o jornal. Mas antes a minha vida era muito, muito, muito complicada. Eu tinha que ter dedicação exclusiva. Os meus filhos quase não me viam. Tudo isso para manter um salário, né?, para manter um certo padrão. E sempre foi muito complicado. Hoje não mais muito. Não mais. Mas eu já sofri muito por ser mulher e consegui manter o meu lugar, né? Mas foi difícil. Mas é difícil. (...) quando eu assumi a editoria, eu estava grávida. Foi um período terrível. Eu fiquei a gravidez inteira aprendendo a ser chefe, porque eu não sabia o que era ser editora-chefe. E eu sofria muita cobrança. Eu***

*grávida. Engordei muito. Tive um monte de distúrbio de saúde e tal. E quando tive a Beatriz, eu estava com um ano na editoria, então eu não podia me ausentar mais muito. E o meu chefe ficava ligando, ligando, e eu tive que voltar ainda com dores na cesariana, né? Aquela confusão toda. Mas você volta morrendo, porque deixa o seu filho em casa, né? Mas era aquilo ... naquele momento aquilo ali era o jeito. Eu tinha um marido mala que era um pão-duro desgraçado e eu tinha que me virar. **Eu tinha que pagar as minhas contas (risos) e manter aquele padrão. Era eu e eu mesma. Não tinha em quem me apoiar. Tinha de me sacrificar. Era um sacrifício, né? (...) Olha, eu por conta desse estresse, por conta da vida sedentária que você fica naquela coisa de Redação, bebe, fuma e não sei mais o quê, eu tive, com 29 anos, eu já tinha muito problema de colesterol. Problema de triglicerídeos. Na época, eu era bem magrinha. Aí, depois, por conta de dormir pouco e descansar pouco, essas coisas, e o estresse e muita raiva, eu desenvolvi fibromialgia, em 2001, né? A fibromialgia, você sabe? É aquela doença crônica que você morre de dor. E aí, fibromialgia com depressão, e aí junta tudo e é aquela confusão. Depois veio a obesidade. A pessoa engorda para caramba (risos). E estou eu aqui nesse estado crônico que preciso emagrecer senão eu vou morrer. É muita pressão alta, né? Junta tudo e é isso. É o resumo da minha vida.***

O último círculo de questões é sobre o futuro do jornalismo como profissão. Questão lançada para a jornalista Patrícia Zaidan foi sobre o movimento #AgoraÉQueSãoElas, organizado em novembro de 2015 sobre a concessão de espaços de homens colunistas para mulheres durante uma semana. No início de 2016, o jornal **Folha de S. Paulo** destinou um blog às articuladoras do movimento.

– Tudo o que vem em bloco, em massa, eu olho de uma maneira um pouco reticente. Reticente. Não me parece que isso será uma nova ordem no jornalismo de que as mulheres ocupem mais espaço. É o que te digo: espaço a gente tem, a decisão é que a gente não tem. Espaço para você escrever a matéria, ir lá e entrevistar, a gente tem. Somos maioria nas Redações. Agora, o que gente não tem é poder de decisão. Então, por enquanto me parece mais uma onda, um modismo.

A jornalista Sílvia Salek vislumbra um futuro de mais pressão para jornalistas e precarização de iniciativas isoladas. Prevê, ainda, o advento da imprensa internacional, no Brasil, em face das investidas de grupos internacionais no país.

– (...) eu acho que, apesar de ser prejudicial para os profissionais, apesar de ser vendido como algo positivo, né?, porque dá liberdade, essa coisa da pessoa tem que trabalhar, vai ter mais oferta de trabalho como freelancer, autônomo, né? **Então tem todo um debate aqui na Europa de uma geração de autônomos que vem surgindo nos últimos anos e uma coisa meio glamourizada, mas que têm condições piores de trabalho, né? Se você ficar doente, você não vai receber. Então, tem ... nesse momento de transição, as empresas não vão querer se fechar com compromissos fixos de mão de obra. Então é ... vai ter mais trabalho de má qualidade, de ganho alto, porém curto. Vai exigir uma visão do repórter, do profissional, mais avançada em relação aos estágios de produção e edição. Então, a pessoa vai ter que ter mais autonomia e conseguir entregar um produto mais final. Aquela coisa de você ter tipo, no jornal, um cara, um chefe de reportagem, um editor e, mais antigamente, o revisor, então fica mais ... a pessoa tem que ter essas qualidades para se destacar. Então, em relação às condições de trabalho, né? Agora, em relação às empresas? É os modelos de negócio ainda estão tendo de se provar, né? Ainda está difícil dizer o que vai e o que não vai funcionar. Tem que saber o que as pessoas estão dispostas a pagar e o que vai sobreviver como economicamente viável. **O que eu acho que provavelmente vai acontecer é que você vai ter mais jornalismo opinativo, que tem um pouco a ver com essa mentalidade que o Facebook também incentiva, de você ficar com aquilo que você conhece, com o que você concorda. Mais jornalismo personalizado no sentido de que tem uma voz que você conhece falando e que você confia naquela voz. Esse fenômeno que a gente vê bastante no Brasil, bastante da direita ter suas vozes, da esquerda ter suas vozes. E as pessoas ficam leais aos veículos e plataformas de acordo com a orientação ideológica. Eu acho que talvez tenha mais, na mídia digital, no Brasil, de veículos estrangeiros, com veículos específicos. Quer dizer, você não vai tentar criar uma Redação que cubra o Brasil inteiro. Mas você vai tentar ter aquela fatia da audiência com coisas nada específicas. A BBC já há muito tempo no Brasil. Teve O El País entrando. O The New****

York Times pensou em entrar, mas talvez com a economia um pouco mais aquecida eles consigam desenvolver um modelo que funcione para o Brasil.

O presente de adversidades ao livre exercício do jornalismo deve incidir no futuro da profissão, conforme a avaliação de Alessandra Machado. Partindo da realidade acreana de concentração de poder dos chamados donos da mídia, a jornalista salienta os problemas de formação de profissionais, as dificuldades de organização da categoria e um cenário de continuidade de opressões.

– Olha, eu não tenho muito boas perspectivas não. Nesse tanto de tempo que eu estou na área, eu vejo pouquíssimas evoluções. Vejo os donos de veículos cada vez mais ricos, cada vez mais poderosos. E os jornalistas cada vez mais explorados e pior remunerados. Sabe? Eu não vejo muita coisa boa não. O que me entristece mais é a questão da qualidade, sabe?, dos nossos jornalistas. Eu vejo que cada vez está saindo pior das faculdades. Porque agora aqui nós temos faculdade, sabe? Aliás, tínhamos duas faculdades formando jornalistas Mas eu não vejo uma qualidade – sabe, assim? - do que está saindo de lá não. Eu acho que tinha que ter um pouquinho mais de critério e um pouquinho mais de cuidado, porque é tanta gente que sai da faculdade falando que é jornalista, mas não sabe nem escrever, nem pensa nem lê. Sabe um pessoal que não lê nem bula de remédio? Aí eles veem jornalista com um status, assim, aquela com uma coisa, é o cara que vai mudar o mundo e tal. Mas eles não conseguem nem completar um raciocínio lógico. Entendeu? Então, eu fico triste quando eu vejo um monte de jovens entrando nas Redações, porque lá no jornal, eu sempre pego o pessoal da faculdade. Eu vou lá na UFAC e falo: gente, vamos lá fazer estágio, vamos escrever, blábláblá. Mas precisa ver ... cada coisa que vai! É triste. Eu acho triste.

No Distrito Federal, Mara Régia compartilha algumas visões de Alessandra sobre a formação precária de jovens jornalistas, o modelo concentrado de mídia no Brasil e a indiferença de jovens jornalistas com as questões sociais.

– Agora, eu vejo mais do que nunca que o jornalismo caminha para uma certa superficialidade. Porque estamos formando uma geração que dificilmente mergulha em textos mais complexos, elaborados, em livros robustos. Livros que cabem na estante sem aparador, né? Então, você tem Face (Facebook), está no twitter, são poucos toques

*e ali você vai gerando ... e também uma velocidade que você tem impressão, que você está muito bem informado. Mas é como no passado, quando as pessoas só liam a orelha do livro. Não é? Numa conversa mais profunda, você flagrava que a pessoa estava boiando no tema. Então, o que tem, assim, você tem primeiro é uma massificação. Quando você abre ... **por isso, é uma aposta na comunicação pública que eu não sei se vai vingiar, porque é muito ousada para mexer com poderes muito bem estruturados, né?, como o das emissoras comerciais.** Mas aí, quando você abre ali não tem diferente. A manchete é a mesma em todos. É pouca variação. Então, é mais do mesmo sempre. Você não tem um olhar diferenciado. Então, eu acho que a gente pode ter um caminho para a segmentação. Vejo que ... e vejo o jornalismo na internet, já que estão decretando o fim dos jornais, né?, com um certo temor. **Porque acredito que ele vai se tornar ainda mais superficial. E com a falência das empresas, do jornalismo investigativo, a possibilidade de você escarafunchar e ir até as últimas consequências. Isso truncado pelo poder político que influencia(...)** Acho que houve uma perda da qualidade no jornalismo irrecuperável pelo menos para os próximos 50 anos, quando a política deverá, espero, se reverter, né? Porque agora nós estamos numa onda à direita que promete grandes retrocessos. Eu sou uma pessoa otimista, mas para um trabalho como esse que você está desenvolvendo eu não posso deixar de ser crítica o suficiente para te dar a real do que a gente vivencia aqui cotidianamente. **Aquela geração de jornalistas que hoje estão desiludidos e cansados e aposentados não encontrou nas gerações seguintes amparo, nem tampouco seguidores. Muito pouca gente.** Eu mesma aqui, quando eu quero sensibilizar uma jovem jornalista para as questões de gênero, raça e etnia, existe assim um certo: “Ah, eu vou preferir fazer ali o jornal não sei o quê”. Sabe? **Não querem pegar essa discussão, ir a fundo. Não querem se identificar com a temática. Sabe? Não que você precise ser militante para você ser jornalista, mas você precisa de uma sensibilidade. Um olhar, um olhar diferenciado e hoje não encontro esse olhar com facilidade. São poucos os pares que eu tenho aqui dentro e lá fora assim para essas questões, para essas abordagens, sabe?***

Adriana Carranca revela-se mais otimista quanto ao futuro do jornalismo como profissão quanto à ampliação das formas de produção de conteúdos via plataformas

digitais, ao passo que elas também se mostram, na visão da jornalista, negativas sobre a incorreção de conteúdos.

Eu acho que a gente está vivendo um momento muito ruim e muito bom ao mesmo tempo. Muito ruim porque você tem as dificuldades financeiras que as Redações tradicionais estão passando. Muito bom porque você tem outros meios de se expressar, de fazer jornalismo. (...) Você tem hoje vários exemplos disso. Você tem Ponte Jornalismo, você tem a Agência Pública. Aí tem esses outros que surgiram com mais dinheiro, mais investimento, que é o Nexo, que já entra com investimento. Então, você tem outras iniciativas que têm, que podem ter uma visibilidade igual à dos grandes jornais. A internet democratizou isso. Aí, também tem o lado ruim disso que é que qualquer pessoa ou instituição pode distribuir informação como se fosse jornalismo e, às vezes, entra na rede com o mesmo peso, mas com uma informação que é completamente mentirosa ou errada com o mesmo peso de uma informação verdadeira e checada. Então, a gente vive uma transformação grande com coisas muito boas e também muito ruins. Então, entre as muito boas eu listaria isso: novas plataformas e mais baratas para fazer jornalismo do que o impresso ou a tevê. A democratização do fazer jornalismo que hoje um jornalista não precisa estar na grande imprensa para ter um espaço e divulgar, disseminar suas reportagens. Ele pode fazer um blog, pode fazer um site. A gente tem muitos blogueiros vivendo de blog, embora com assuntos duvidosos que dá para a gente contestar se é jornalismo ou não, porque muitas vezes é propaganda. E aí, essa parte é ruim.

Um jornalismo inclusivo e plural é o desejo de Julianna Granjeia para o futuro da profissão.

– Olha, eu espero condições de trabalho igualitárias tanto de gênero quanto de raça. Que as mulheres possam ter os mesmos cargos de diretoria que os homens têm e que as mulheres não sejam vistas como pedaços de carne pelos seus superiores e colegas de trabalho. E que essas discussões importantes que estão acontecendo agora na sociedade, sobre racismo e sociedade, possam ser levadas à população pelo jornal e por repórteres negros e não por repórteres brancos, como tem acontecido agora.

Entre as jornalistas brancas, o sexismo se mostrou como fenômeno mais presente nas trajetórias profissionais reveladas nas formas simbólicas das cinco jornalistas. A parresia novamente é ilustrativa das situações vivenciadas pelas mulheres no jornalismo, ingressando na contraordem discursiva de negação da desigualdade entre mulheres e homens.

Meia Lágrima
(Conceição Evaristo)

*Não,
a água não me escorre
entre os dedos,
tenho as mãos em concha
e no côncavo de minhas palmas
meia gota me basta.*

*Das lágrimas em meus olhos secos,
basta o meio tom do soluço
para dizer o pranto inteiro.*

*Sei ainda ver com um só olho,
enquanto o outro,
o cisco cerceia
e da visão que me resta
vazo o invisível
e vejo as inesquecíveis sombras
dos que já se foram.*

*Da língua cortada,
digo tudo,
amasso o silêncio
e no farfalhar do meio som
solto o grito do grito do grito
e encontro a fala anterior,
aquela que emudecida,
conservou a voz e os sentidos
nos labirintos da lembrança.*

CAPÍTULO 8 JORNALISTAS NEGROS

Cinco jornalistas autodeclararam-se negros e passam, deste ponto em diante, a ter suas formas simbólicas dispostas na reorganização discursiva aqui proposta pelo grupo intrarracial e intragênero. São eles: Deivison Campos (professor universitário), Heraldo Pereira (TV Globo), Jorge Freitas (aposentado), Roldão Arruda (aposentado) e Oswaldo Faustino (aposentado).

A infância foi o momento de escolha pelo jornalismo para três dos jornalistas negros entrevistados – Deivison Campos, Heraldo Pereira e Roldão Arruda.

Para Heraldo Pereira, a definição profissional desencadeia memória afetiva e o veículo de comunicação radiofônico como chamariz para a atividade jornalística:

- Eu escolhi ser jornalista porque eu escolhi ser radialista. O rádio fazia a crônica da vida da cidade. Eu ouvia rádio com o meu avô, eu era pequeno. O rádio fazia a crônica da vida da cidade. Foi aí que eu descobri notícia, noção de notícia, essa coisa toda. Noção muito elementar, né? Eu era um menino. Então eu sempre quis trabalhar na rádio.

A escola foi o ambiente estimulador para o jornalista Deivison Campos assim como os incentivos para o despertar da escrita:

— As professoras sempre gostavam dos meus textos. Eu tive uma professora na segunda série, Maria Helena era o nome dela, uma professora negra e que me estimulava muito a escrever. Gostava e, às vezes, se emocionava com as coisas que eu escrevia. Eu acho que a escolha se deu assim. Na escola, eu participava do Grêmio Escolar e ficava fazendo o jornal da escola. Foi uma decisão bem cedo, desde sempre. E quando eu fui fazer vestibular, eu não tinha dúvida do que eu queria estudar. Essa foi uma decisão ... parece meio estranho, mas foi entre a primeira e a segunda série.

Roldão Arruda enuncia o prazer da leitura como um fator decisivo para a sua escolha profissional, embora o jornalismo não figurasse, naquele momento, como uma profissão a ser seguida.

— Eu, desde cedo, gostei muito de ler. E com o tempo ... gostava muito de ler gibi, fotonovela. Gostava ... você não é do tempo da fotonovela, né? ... gostava de ler

fotonovela. Gostava de ler livros, é ... gostava muito de ler. Eu lembro que eu estudava numa escola pública, o Instituto Estadual de Londrina, que tinha uma biblioteca muito pobrinha. Muito pobrinha. E eu lia tudo o que tinha lá. Eu acho que fui a única pessoa que lia as obras completas do AJ Cronin, que é um escritor escocês, inglês, e era uma das poucas coisas que tinha lá na biblioteca.

O jornalismo não estava no horizonte de possibilidades na infância de Oswaldo Faustino, período em que as Artes Dramáticas o seduziam. Despontou como opção na juventude durante o concurso vestibular.

— No primeiro dia de faculdade, quando um professor Hélio Alcântara disse o seguinte: “tudo o que você faz no dia seu a dia, tudo o que você come, tudo o que você veste é um ato político”. (...) E naquele dia eu comecei a querer fazer um jornalismo do cotidiano mesmo. Eu fiz o vestibular em 1974 e entrei em 1975, naquele ano, ano da morte do Herzog e essas coisas. Naquele ano, levaram uma série de jornalistas para conversar com a gente e o que mais me impressionou foi o Percival de Souza. Eu falei: cara, é isso o que eu quero fazer. Ou pode ser cotidiano ou polícia. Pode ser pessoal. Na Agência Folha, era editoria de Polícia. Mas quando eu fui para o Estado, era cotidiano, mas era polícia. Enquanto todo mundo queria fazer Economia e Política, aquela coisa chique, eu dizia: eu quero trabalhar com a realidade e não com a interpretação da realidade. E eu fui mesmo fazer polícia, mas a cultura sempre foi o meu espaço.

Jorge Freitas foi atraído para a profissão pelo propósito de mudar o mundo, ideário de jornalistas da década de 1970 (TRAVANCAS, 1993).

— *Eu decidi ser jornalista porque tive informação de que por meio do jornalismo eu poderia transformar o mundo. E a minha preocupação à época, embora já sentisse reflexo do racismo, a minha preocupação era em relação à pobreza, né? À desigualdade racial. Havia uma música até que falava: “esse jornal é o meu revólver”. Uma música cantada, acho até, que pelo Milton Nascimento ou pelo Zé Rodrigues. Eu gostava muito dessa música e muita dessa frase, desse verso: ‘esse jornal é o meu revólver’. E a partir daí eu fui fazer Jornalismo, né?*

Um repórter das calçadas. Assim Heraldo Pereira define o seu trabalho como jornalista em meio à cobertura de jornalismo político, em Brasília, nos corredores de tribunais e palácios da República.

— *Aqui é o meu escritório (corredores do Supremo Tribunal Federal, risos largos). Mais do que os corredores, as calçadas. Um dia eu estive no Prêmio Comuniquese, numa das versões teve uma versão, um prêmio por computador, por internet. E eu fui escolhido. Não sei porquê também... para umas das categorias, categoria de televisão. E aí eu falei isso ... na semana anterior eu tinha estado numa das calçadas. E naquela semana eu estava, no palco, recebendo um prêmio. Mas na verdade o nosso trabalho é esse aqui. Esse aqui que você está vendo. Nós não estamos exatamente numa calçada, mas nós estamos. Nós vivemos assim. Todos nós nos conhecemos aqui. Aqui não tem ninguém que não se conheça. Nós somos repórteres. Nós somos das calçadas. Somos repórteres. Então eu defino o meu trabalho como um trabalho das calçadas.*

Para Roldão Arruda, seus olhos e atenção estão voltados para a sociedade geral e às movimentações sociais.

— *Ah, eu acho que eu sou um observador da sociedade e o que ela envolve. Isso inclui aí economia, inclui comportamento, inclui as relações entre as pessoas, inclui a política. Mas eu acho que é exatamente isso. Eu sou um observador e tento entender a sociedade. Entender o que está por trás das aparências dessa sociedade e que tenta traduzir, não traduzir, mas apresentar isso para o leitor. Eu tento ajudá-lo a compreender a sociedade em que a gente vive. (...) É ... no jornal O Estado de S. Paulo eu cobri, por longos anos, movimentos sociais. O movimento indígena, o movimento gay, o movimento negro, a questão dos sem-terra. Esses assuntos ... eu sou do tempo em que se cobria Comunidades Eclesiais de Base, movimentos católicos. Eu também cobri religião durante muito tempo. Mas em religião, eu incluiria nessa área aí, de comportamento também e de movimentos sociais.*

O jornalista Deivison Santos, ao ser perguntado sobre como se define como jornalista, faz um balanço de carreira:

— *Eu, por muito tempo, fiz gestão nessa área e tenho um reconhecimento das pessoas que trabalharam comigo e que se mantêm minhas amigas pelo trabalho que eu*

*realizei. Então eu classifico com bastante experiência e bastante conhecimento em jornalismo, mas sempre aprendendo coisas novas. Disposto a aprender coisas novas, principalmente agora que eu leciono jornalismo. Eu preciso estar sempre atualizado e juntando à essa atualização, a minha experiência. **Eu me considero um bom profissional. Me considero um excelente profissional em jornalismo.***

A revisão das carreiras pela perspectiva racial é abordada nas enunciações dos jornalistas Jorge Freitas e Oswaldo Faustino. Para Freitas, profissional com atuação no jornalismo econômico:

*— Ah, foi uma boa carreira. (...) Eu chegava nos lugares e falava o meu nome e as pessoas assim: “ah, você é que é o Jorge Freitas. Não sei o quê?”. E a gente na época, a gente era meio hippie, né? Tinha os cabelos black power, usava umas alpargatas. As pessoas ficavam impressionadas com o nome e a aparência não batiam, né?, porque era do Esporte. É em relação à carreira eu me desenvolvi bem, porque eu saí de Porto Alegre. Eu achava que era ruim lá, que era muito limitado. Lá em Porto Alegre, além desses aí, eu trabalhei no Coojornal que era uma experiência assim alternativa, né? **Aí, eu fui para ao Rio de Janeiro para procurar trabalho. Eu achava que iria trabalhar nos grandes jornais.** Isso eu não consegui. Consegui trabalhar em sucursal de jornal de São Paulo e tive que fazer curso de Economia na COP, que era a universidade federal tem um centro de excelência de estudos e nós fomos. Eu e um grupo de jornalistas fomos estudar na COP, para fazer curso de Economia Brasileira e Macroeconomia. Fomos estudar lá. Isso me ajudou muito no trabalho, né? **Aí, inicialmente, eu trabalhei no DCI que era um jornal de Economia, paulista, que tinha uma sucursal no Rio de Janeiro. Eu trabalhei quatro anos no DCI. Depois disso fui para a Gazeta Mercantil que era um grande jornal. O maior jornal de Economia da América Latina, etc., que acabou e não existe mais. Acabou, mas ele teve esse status. Era o jornal em que o Fernando Collor, quando ia pegar o barco no Lago, ele amparava o sol com o jornal, com exemplar da Gazeta Mercantil (risos). Era um jornal importante, né? **Aí, trabalhei na Gazeta Mercantil durante nove anos. Foi bastante. **Aí, nesse período também eu fui fazer mestrado, porque sempre o Jornalismo, no entender, o Jornalismo ele tinha um limite. E a questão do racismo, ele surgia. **O racismo e a formação, né?, de pessoa modesta, de pessoa pobre, né?, financeiramente.*********

Porque na disputa dentro do jornal, você perdia. Havia pessoas que eram privilegiadas, que até tinham formação redonda, de escolas elitizadas. Eu fui de escola elitizada, eu fui de uma escola chamada Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, numa fase em que essa escola era super, hiper, né? (...) Mas no trabalho, faltou matemática para mim. Faltou matemática financeira, né?, que era o que precisava muito para trabalhar em jornal de Economia. Pois eu não tinha. E quem brilhava, quem se dava bem no jornal era quem tinha esse domínio em matemática financeira. Aí, eram brancos no geral, né? Eu encontrei na carreira sobretudo pessoas brancas, né? (...) Havia um amigo meu, branco, que dizia: “você é o único negro da Gazeta Mercantil e vamos lá. Não sei o quê?” Eu nunca assumi esse papel de único negro da Gazeta Mercantil. Existia um outro negro, em São Paulo, o Jesus de Cristo. Um jornalista lá que era da Abril. Esse era o negro que não era negro. Dizia-se não era negro porque os negros que se formam na igreja, tem formação para trabalhar nesses lugares e tem discurso que não é discurso de negro, é de branco. Então, estão perdoados. (risos)

Jornalista com vasta na área policial, Oswaldo Faustino também rememorou sua trajetória pelo viés racial em breve análise sobre as oportunidades e as dificuldades na carreira.

— *Durante os 32 anos em que eu trabalhei na grande mídia... No começo da Folha, na agência, não no Folhã, né? Mas de qualquer forma, as matérias eram publicadas na Folha (de S. Paulo), no Notícias Populares e na Folha da Tarde. Esse começo... depois do Estadão, 26 anos, também começo na Agência Estadão e depois sigo para a Redação ... durante esse período todo, havia um sofrimento de não ver a nossa cara nos veículos. Quando venho a notícia da criação e uma revista para a nossa comunidade, eu falei: eu trabalho de graça. Vou lá falar com os caras e tal. Mas não foi de graça. No começo, ganhava relativamente bem. Escrevi praticamente ... se não em todos os números, uma grande maioria, nos 19 anos em que atuei por lá. Ah, esqueci uma coisa. Eu fiz a TV da Gente, do Netinho. Eu era um contador de histórias num programa infantil. Eu não quis ficar no jornalismo lá. Mas entre as atividades de televisão, eu fiz TV da Gente. Mas tinha uma angústia... para ter negro numa página, você tinha que ser o melhor atleta, um artista geralmente estrangeiro. Claro que você não vai deixar de*

botar um Denzel Washington que está estreando e tal... mas todo o dia a nossa cara estava lá mesmo na Editoria de Polícia. E isso nas palestras eu sempre falo: o primeiro lugar que nos coube no jornal foi nos classificados, né? Compra e venda de escravizados. Quando criaram as editorias, o nosso papel, o nosso espaço, era a Editoria de Polícia. O Esporte, com exceção, quando começaram a nos aceitar. Mas é muito complicado. Muito, muito, muito. Todas as nossas reivindicações eram ... eles até faziam questão, já mais tarde, com o 20 de novembro¹¹⁶ com as denúncias de diferenças salarial, diferenças de vida, essas de qualidade de vida e tudo o mais. De educação... mas aí você vai para a Página 3, onde estão os editoriais, a postura dos jornais era contra toda a nossa reivindicação. Ou seja, eu estava lá para sustentar os meus cinco filhos. Não foi à toa que, quando eles me ofereceram aquela demissão voluntária, eu já estava aposentado. (...) Quando eu cheguei no dr. Rui, ele falou: “olha, eu só quero dizer ao senhor que eu não tenho nada a ver com essa bagunça que eles estão fazendo aí”. Eu disse: mas dr. Rui, eu não vim aqui para reclamar de nada não. Ele parou. Ficou olhando para mim. E eu falei: eu vim aqui para agradecer ao senhor porque eu trabalhei aqui na sua casa durante 26 anos. Eu criei cinco filhos, trabalhando aqui. Então eu vim para lhe agradecer todo esse tempo. Apesar de que, nesses 26 anos, eu não subi um degrau na carreira. Muito pelo contrário: nos últimos cinco anos, eles me colocaram de radioescuta. Foi tão legal, né? Eu digo para as pessoas assim: é, ah, eu estou tão contente de terem me colocado de radioescuta. Eu vou me esforçar bastante porque, quem sabe, no ano que vem, me colocam como estagiário. (risos) Nos últimos cinco anos, eu fui radioescuta. Mas nos outros 21 (anos), eu fui repórter, né? Mas é assim. Essa é a realidade da gente nos jornais, né? Eu não posso dizer que é uma regra, mas comigo foi, né? Eu não ganhava mal, mas era o pior salário de repórter no jornal O Estado de S. Paulo. Não tinha ascensão, né? E eu dizia: se eu fosse um mau repórter porque não me demitiram? Não, eles faziam questão de me manter, mas não tinha ascensão.

No posicionamento das questões elementares para a verificação da incidência do sexismo na profissão, os jornalistas apresentaram os seus entendimentos acerca do

¹¹⁶ Dia da Consciência Negra.

fenômeno. Para Jorge Freitas, *é o sexo masculino tentando comandar, tentando direcionar as coisas, né? E não dando espaço, não considerando iniciativas desses outros sexos, né?, digamos assim*. Roldão Arruda considera como *algo meio discriminatório*. O *sexista discrimina, ele tem preconceitos em relação ao outro sexo*. De acordo com Oswaldo Faustino: *acho que você valorizar ou desvalorizar alguém por uma questão sexual*. Deivison Campos discorre sobre o termo:

— (...) *sexismo eu acho que essa questão de estabelecimento de fronteiras a partir da ideia de gênero e sexualidade que as pessoas acabam por estabelecer. E essas fronteiras que, na verdade se tornaram culturalmente muros, acabam muitas vezes atrapalhando socialmente mesmo as relações entre as pessoas pelo fato que as relações sexuais encaixotadas acabam interferindo nas relações de gênero e profissionais. Isso levanta um pouco o ponto de barreiras simbólicas bem significativas e que impedem pessoas de acessarem ou lugares ou possibilidades ou oportunidades, em função dessa confusão entre o que seria, digamos assim, normatizados por essa heterossexualidade normativa que acaba construindo não só preconceitos, mas barreiras simbólicas bem consistentes e fronteiras mesmo*.

Heraldo Pereira chama a atenção para o recente reconhecimento político e social sobre o sexismo:

— *Estão mais colocadas nos tempos atuais. Existem algumas expressões, algumas práticas ou algumas práticas denunciadas, como, por exemplo, sexismo de ter uma trilha a partir de uma questão distorcida de sexualidade de determinadas pessoas. São questões que estão colocadas há muito pouco tempo na nossa prática, na nossa rotina jornalística. Vocês que são pesquisadores poderão ver melhor. A partir do movimento dos direitos civis americanos, você teve tantas variações deste movimento ou não, mas decorrentes deste movimento no Estados Unidos, e que levaram a questões que a sociedade nos Estados Unidos começou a cobrar e a outras que a sociedade dos Estados Unidos passou a não suportar mais. Então são valores ou são padrões que passaram a fazer parte do modo de vida da sociedade. A partir do paradigma americano, as questões ligadas à racialidade, às questões ligadas à sexualidade, elas passaram a se espalhar por outras sociedades que não a nossa. Mas nós acabamos*

importando, até talvez muito recentemente, digo recentemente a partir de 2000, essas questões. Eu não quero ser pejorativo na expressão que vou usar, mas é uma expressão de um conteúdo pejorativo, mas não quero que soe assim, a expressão do politicamente correto. Porque nessa expressão está embutida uma carga expressiva de preconceito. Então você passa a usar jargões e frases: “ah, isso é do politicamente correto. Precisamos abrir mão do politicamente correto”. O que são? São as denúncias das bandeiras ou das negatividades do sexismo, as bandeiras da negatividade da racialidade que são o racismo e suas derivações. Então aí você vai dizer: “Olha, precisamos controlar essas questões porque o politicamente correto hoje estaria a abarcar toda a nossa carga de mobilização, toda a nossa vida. Precisamos deixar disso” (frases feitas e ocultas). Quando nós ainda nem praticamos uma, vamos assim dizer, uma retirada dessas questões sexistas, racistas e desses comportamentos. Percebeu o que estou dizendo? (...) Mas hoje, depois desses parênteses enormes, digo que esse hoje é um debate que encontra morada na imprensa. É um debate incipiente, mas já encontra morada. Mas tem que levar em consideração que a gente é uma coisa muito complicada aqui. Esse debate não encontrava morada há bem pouco tempo. O fato de já encontrar morada já é alguma coisa.

A outra dimensão explorada nas entrevistas é sobre o entendimento sobre racismo pelos jornalistas negros. Roldão Arruda observa que o fenômeno está atrelado a *uma discriminação em relação a uma pessoa diferente por cor, etnia, por costumes*. Por Jorge Freitas:

— *O racismo é também o que ocorre quando determinada raça – não existe raça – mas determinada inscrição fenotípica e histórica, herança, se diz superior à outra, né? Então o branco se diz superior a um negro, um branco se diz superior a um judeu e assim vai. São sempre discursos de superioridade de um fenótipo, não só de um fenótipo, mas de uma história contra a outra.*

No dizer de Deivison Campos, *o racismo é uma construção cultural, uma construção sócio-histórica e que impede ou estabelece barreiras simbólicas bem concretas na nossa sociedade, baseada em pré-conceitos negativos. Esse saber se estabelece a partir de preconceitos estereotipados, preconceitos negativos. E isso*

constroi lugares sociais, eu sempre tenho pensado racismo como isso, lugares sociais pré-estabelecidos e posturas sociais.

Conforme Oswaldo Faustino:

— *Eu penso que o racismo é antes de mais nada uma relação de poder. Eu te filtro, eu filtro o meu olhar com relação a um ser humano a partir das questões raciais, mas estabelecendo um poder sobre esse ser humano. Sempre estabelecendo um poder. Então não é só um preconceito, preconceituoso, discriminatório, né? Eu tenho um fundamento, o fundamento é a construção do meu poder de homem branco sobre os demais. Isso é um ato racista. E quando isso se estabelece numa sociedade tudo o que se segue passa pelo prisma do racismo.*

E para Heraldo Pereira:

— *Por mais que a gente saiba que a questão da racialidade não é uma questão biológica. É uma questão sociológica. Então existe raça sociologicamente, negros. Se você tem na sociedade esse conceito político, então de fato você tem. O racismo me parece ... eu vejo como você referenciar pessoas ou grupos a partir de um conceito de racialidade. Ou de um conceito de segregação. De um conceito de superação. De conceito de outra qualificação, via de regra evidentemente é pejorativa, é discriminatória. Do ponto de vista do apartheid que é um apartamento em todas as suas variáveis: sociais, econômicas, culturais, de oportunidades, de vida, geográficas, em detrimento de uma parcela da sociedade. No caso de nós, negros, de uma parcela mais considerável e mais integrante da sociedade majoritariamente presente no Brasil.*

Entre os ícones da resistência negra, Heraldo Pereira ressalta Luiza Mahin e Luiz Gama na formação do Brasil e na influência da Imprensa, respectivamente, apertando os elos positivos da racialidade negra.

— *E nesse aí a formação da brasilidade no paradigma da mulher, para mim, é a mulher negra. Porque a mulher negra foi força de trabalho, força de formação doméstica, não é? Eu acho que se você o brasileiro tal qual, se você tem o Brasil tal qual, e se você tem a situação tal qual nós temos hoje é porque se deve ao papel da mulher. E no papel da mulher você tem a Luiza Mahin como símbolo. E o maior expoente é a mulher negra seja na casa grande, quando amamentava, quando cuidava das crianças,*

quando trabalhava na lavoura, quando trabalhava ... tinha uma atividade muito forte para os meios produtivos brancos, meios produtivos coloniais, seja na vida da senzala, ou depois da senzala, na vida doméstica, do incipiente lar que tínhamos na época escravagista, essa mulher vai ter um papel central. Aí que eu fiz o paralelo entre o Luiz Gama e a Luiza Mahin para mostrar que nisso tudo o jornalismo estava inserto pelo Luiz Gama. Tudo isso ele aprendeu ali na herança doméstica e também na herança do caso dele em si.

As práticas racistas e sexistas no jornalismo como profissão são descritas pelos cinco jornalistas negros. Jorge Freitas as apresenta imbricadas:

— *É a ausência, o predomínio, de pessoas brancas, de homens brancos na direção e na construção dos jornais, dos veículos de comunicação, na rotina. E controle. Então se houver uma mulher é sob o controle de um branco, de um homem branco. Se for um negro, novamente sob o controle de um homem branco. E nas Redações, normalmente, os chefes são os brancos. Os homens brancos. E quando forem homens negros ou mulheres, eles terão discursos que serão os discursos iguais aos discursos que o homem branco exerce para controlar. O sexismo é a ausência de mulher no comando. E o tratamento que se dá quando aparece a mulher. A mulher vai ser muito bonita. Ou a mulher que ganha dinheiro com o corpo, com o sexo, né? Vai ser essa. Ou então a mulher que não seenquadra nessa questão de ser bonita, de ganhar dinheiro com o sexo, ou de ganhar algum dinheiro com sexo por ser muito feia, por ser considerada, muito feia.*

Deivison Campos discorre sobre as desvantagens de ordem racial e social que assolam as vidas de mulheres negras e de homens negros.

— *A seleção se dá com base no conhecimento de outra língua nas grandes Redações, claro, de uma experiência internacional, de uma formação mais consistente, ensino fundamental, privilegiamento de algumas universidades que se destacam, principalmente, privadas. E isso elimina já no processo seletivo muitos dos candidatos negros. Às vezes, tu passas na Redação e vê um ou dois negros para ... tipo cotas assim para dizer que não existe. Então o racismo é muito forte. O racialismo é muito forte no processo seletivo, na contratação... isso vai resultar também no conteúdo que é*

produzido, porque no momento em que tu produz o conteúdo hegemonicamente ou as pessoas que decidem esse conteúdo a partir de um mesmo lugar, os discursos que vão ser construídos ali, as narrativas jornalísticas, elas vão ter essa perspectiva.

Roldão Arruda enuncia o isolamento de profissionais negros, valendo-se da sua percepção e vivência como jornalista negro, que trabalhou em grandes Redações brasileiras.

— *Do ponto de vista de racismo, uma coisa que sempre me chamou a atenção é que, às vezes, eu estava em alguns lugares, rodeado de jornalistas e eu percebia que o único negro, o único pardo ali, era eu. É já teve Redação em que eu era o único. É conforme você subia mais, ainda, para a chefia, era mais difícil você, ainda, notar pessoas da minha cor. Mas isso eu comecei a notar em muitos ambientes em que eu circulava e também entre as pessoas que eu ia entrevistar. Eu notava muito isso. Não só dentro... dentro das Redações. Eu vou confessar que eu nunca fui um cara muito atento. Foi mais recentemente que eu comecei a ficar mais atento a essa questão, aos pequenos detalhes que me envolviam. Eu estou falando para você que eu sou um observador da sociedade, mas muito pouco observador de mim mesmo e do ambiente muito próximo. Mas foi ficando muito evidente para mim essa coisa da ausência de negros e pardos nos ambientes em que eu trabalhava. E era assim ... existiam, claro, mas nunca eram maioria. Nunca eram uma força muito marcante assim. Eram uma pequena minoria. Um, dois e tal. Quando você subia, era mais ... E também no ambiente de pessoas com que eu saía. Nos meus entrevistados, também era marcante essa questão.*

Heraldo Pereira é quem apresenta o caso mais emblemático de que se tem notícia no Brasil sobre racismo no jornalismo como profissão, alçando-se a uma inédita disputa jurídica em vias de trazer mudanças para o ordenamento jurídico nacional. Em 23 de novembro de 2002, ele se tornou o primeiro jornalista negro a apresentar o Jornal Nacional, ocupando a bancada mais importante do telejornalismo do país. Era o ápice de sua carreira jornalística. Na época do feito, em entrevista para a revista IstoÉ Gente, Heraldo declarou: “Sinto orgulho de ser negro e de apresentar o Jornal Nacional”. E enunciou, à IstoÉ Gente, em 2002: “O Brasil é racista” e “Todo negro sofre preconceito. Ande atrás de uma mulher com bolsa para ver. Já passei por isso, passo e passarei”

(PEREIRA, 2002). Ao Memória Globo, em entrevista concedida em 16 de fevereiro de 2004, Heraldo disse: “Fico orgulhoso pelo fato de ser um negro apresentando o Jornal Nacional. Eu acho que os meus antepassados, os meus amigos, os negros desse país também ficam orgulhosos” (PEREIRA, 2004).

Fartamente explorada pelos meios de comunicação, essa ruptura da branquitude na bancada mais prestigiada do telejornalismo foi alvo de racismo pelo jornalista Paulo Henrique Amorim, nos anos de 2009 e 2010, conforme constam declarações no processo nº 2010011117388-3¹¹⁷, instaurado na 5ª Vara Criminal de Brasília: “Heraldo Pereira, que faz um bico na Globo, fez uma longa exposição para justificar o seu sucesso. E não conseguiu revelar nenhum atributo para fazer tanto sucesso, além de ser negro e de origem humilde. Heraldo é o negro de alma branca”. Em 2012, o Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJ-DFT), registrava:

Heraldo entrou na justiça com um pedido de indenização por dano moral. O processo já vinha tramitando desde março de 2010, até que no último dia 15 de fevereiro, eles entraram em um acordo. Paulo Henrique Amorim pagará indenização no valor de R\$ 30 mil, divididos em 6 parcelas de R\$ 5 mil, a serem depositados em conta bancária de uma instituição de caridade, a ser indicada por Heraldo Pereira. Paulo Henrique Amorim também terá que publicar nos jornais Correio Braziliense e Folha de São Paulo, nos cadernos de política, economia ou variedades, um texto com o título "Retratação de Paulo Henrique Amorim concernente à ação 2010.01.1.043464-9", com os seguintes dizeres: "que reconhece Heraldo Pereira como jornalista de mérito e ético; que Heraldo Pereira nunca foi empregado de Gilmar Mendes; que apesar de convidado pelo Supremo Tribunal Federal, Heraldo Pereira não aceitou participar do Conselho Estratégico da TV Justiça; que, como repórter, Heraldo Pereira não é e nunca foi submetido a quaisquer autoridades; que o jornalista Heraldo Pereira não faz bico na Globo, mas é empregado de destaque da Rede Globo; que a expressão 'negro de alma branca' foi dita num momento de infelicidade, do qual se retrata, e não quis ofender a moral do jornalista Heraldo Pereira ou atingir a conotação de 'racismo'". O jornalista Paulo Henrique Amorim também terá que retirar as reportagens que fazem menção a Heraldo de seu blog, e publicar o texto da retratação pelo período de dez dias e encaminhar a retratação para os links associados, pelo prazo de 21 meses no provedor. (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS, 2012).

¹¹⁷ A tramitação do processo judicial está disponível na internet. Disponível em: <<http://cache-internet.tjdft.jus.br/cgi-bin/tjcgil?NXTPGM=tjhtml105&SELECAO=1&ORIGEM=INTER&CIRCUN=1&CDNUPROC=20100111173883>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

Bacharel e mestre em Direito, o jornalista Heraldo Pereira proferiu palestra, em março de 2013, no módulo nacional do curso de Iniciação Funcional de Magistrados promovido pela Escola Nacional de Formação e Aperfeiçoamento de Magistrados Ministro Sálvio de Figueiredo (Enfam), sobre a relação do judiciário com e a imprensa.¹¹⁸ Em março de 2013, o jornalista Paulo Henrique Amorim foi condenado pela 3ª Turma Criminal do TJDFT por crime de injúria racial contra o também jornalista Heraldo Pereira, com privação de liberdade pelo período de um ano e oito meses em regime aberto. Em 15 de junho de 2016, dias após a realização da primeira entrevista de Heraldo para esta pesquisadora, a ministra Laurinda Vaz,¹¹⁹ do Superior Tribunal de Justiça (STJ), deliberou, a pedido do Ministério Público do Distrito Federal e dos Territórios (MPDFT), o cumprimento imediato da pena do jornalista Paulo Henrique Amorim.

Dois anos depois de instaurar o processo contra Paulo Henrique Amorim, em entrevista a Amilton Pinheiro, da revista *Raça Brasil*,¹²⁰ Heraldo dimensionou o impacto do racismo sofrido por ele em 2009 e 2010: “Só eu e a minha família sabemos a dor que sofri ao ler todo aquele lixo em formato de texto. É algo indescritível e que, no fundo, jamais será reparado, eu bem sei”. A entrevista é bastante completa em termos de elementos concernentes ao tema aqui estudado, da qual são incorporados alguns trechos:

Nas minhas veias corre, com muito orgulho, sangue de quem foi escravo e ajudou a fazer deste o nosso país. Exigimos respeito com a história de quem construiu o Brasil. Por isso, não poderia deixar essa campanha imunda, com contornos de inveja, passar como se nada tivesse acontecido. Não honraria o meu passado e nem a luta de negros

¹¹⁸ PEREIRA, Heraldo. Jornalista da Rede Globo fala das dificuldades da relação entre magistrado e mídia. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios. Entrevista concedida a Enfam/STJ. Disponível em: <<http://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/noticias/2013/marco/jornalista-da-rede-globo-fala-das-dificuldades-da-relacao-entre-magistrado-e-midia>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

¹¹⁹ O documento digitalizado está acessível na internet. Disponível em: <<http://s.conjur.com.br/dl/stj-manda-paulo-henrique-amorim-cumprir.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

¹²⁰ Por um jornalismo isento. Entrevista a Amilton Pinheiro, da **Revista Raça Brasil**. Disponível em: <<http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/165/artigo255164-1.asp/>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

e brancos que combatem o racismo. O meu agressor chegou a dizer, em sua defesa judicial, que se considera um expoente da luta pela igualdade racial, num gesto de arrogância desmedida. (...) O que eu buscava com uma condenação, consegui. Ele teve que se retratar. É uma sentença definitiva. Claro, houve sobressaltos. Apesar de assinar o acordo em que nega tudo o que afirmara por longos três anos, meu ofensor fez outros comentários junto à retratação no blog em vez de publicá-la pura e simplesmente como mandou a decisão judicial. Meu advogado, Dr. Paulo Roque Khouri, imediatamente, deu ciência ao juiz Daniel Felipe Machado, da 5ª Vara Civil do TJDF, que mandou retirar os comentários. No Correio Braziliense, isso não aconteceu. E, na Folha de S. Paulo, a retratação só foi publicada com atraso e na edição paulista. Tudo isso ainda voltou para que o juiz examinasse se o acordo foi honrado. De todo modo, creio que a Justiça que eu esperava na área cível foi feita em boa parte. E, agora, aguardo a definição do processo criminal, movido pelo Núcleo de Enfrentamento à Discriminação do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios. Tenho para mim que na esfera criminal a ofensa será dupla e qualificadamente punida por crimes de racismo e injúria racial. (PEREIRA, 2012).

Em resposta à pergunta feita por esta pesquisadora acerca das práticas racistas no jornalismo como profissão, Heraldou respondeu fazendo alusão à parábola do joio e do trigo, remetendo tais práticas aos pecados capitais.

— *Às vezes eu tenho a impressão que entre as intolerâncias – e entre as intolerâncias está o racismo – quando eu estou tratando do racismo eu não estou excluindo as outras intolerâncias. Mas aqui eu estou no recorte que a gente está fazendo. Eu acho que isso faz parte das ervas daninhas. Faz parte do joio. Do joio do trigo. Faz parte da erva daninha que você tem do jardim que você faz e tem a erva daninha. Faz parte ... se a gente for fazer a opção pela religiosidade, faz parte dos pecados capitais, por exemplo. Então são as coisas que a todo o momento você tem de estar cuidando porque esses desvios acabam puxando a gente. (...) Então, eu acho que em relação às intolerâncias você tem de estar atento a isso. E no Brasil você tem um problema muito complicado: as pessoas não se sentem intolerantes na racialidade. Elas, inclusive, têm manifestações que são intolerantes – vamos rotular: racistas – e elas não se sentem como tal. Elas agem como se estivessem não sendo racistas porque aquela prática acabou se tornando tão usual. Mas a escravidão também foi usual no nosso meio e não era nem sequer crime. Até pouco tempo, o racismo era tratado como contravenção penal até a Constituição de 88, pela Lei Afonso Arinos, que foi o primeiro diploma penal que*

tivemos aqui, nos tempos mais contemporâneos, dos anos 50. O racismo era uma contravenção penal. Era um crime anão.

A vigilância a que Heraldo Pereira se refere o impeliu a travar uma guerra judicial jamais vista no jornalismo, a qual está modificando o ordenamento jurídico sobre a questão racial no Brasil. Uma das batalhas memoráveis teve o aval do Superior Tribunal de Justiça (STJ), a qual ele comentou para esta pesquisadora, em 25 de julho de 2016, quase se completou a entrevista, ao exaltar Luiz Gama, fonte da sua inspiração.

— Tem uma racialidade que nós estamos derrubando no Superior Tribunal de Justiça, estamos agora a pouco de derrubar no Supremo Tribunal Federal, que diz o seguinte: se você pratica um ato de intolerância racial contra uma pessoa – que é o caso do Paulo Henrique Amorim – você praticou injúria racial. Sabe por quê? Porque injúria racial era até este caso prescritível, afiançável. É aquele crime que de um ano e pouco, em dois, três anos, ele prescrevia. Ninguém é punido de racismo no Brasil por causa disso. O racismo foi transformado em injúria racial. Nós conseguimos já a imprescritibilidade e a inafiançabilidade. Então um caso de injúria racial hoje, se passar, 10, 20, 30 anos, ele continua sendo passível de punição. Pronto, já mudou. O cara não pode chegar lá na delegacia e pagar uma fiança e ir embora. Se for uma prisão em flagrante, ele ficará lá. Essa foi a diferença do caso. Evidentemente, ela foi construída no Direito e eu me inspirei muito, muito, muito no Luiz Gama. Porque o Luiz Gama construiu no período escravagista a excepcionalidade para os casos que aos escravos interessavam a partir da norma jurídica que se tinha. Ele era um advogado, era jornalista, era advogado da ativa. Era um advogado que conseguiu assim a liberdade de uma quantidade enorme de escravos.

Outro eixo de questionamento ao grupo foi sobre sexismo nas Redações. Roldão Arruda observa a sexualização das mulheres e o impacto nas carreiras delas.

— Na questão do sexo, (risos) ... aí, é uma coisa que você sempre ouve, que você e tal ... você observa algumas coisas ... mas eu sempre tinha uma dúvida se as pessoas que me contaram, eram, sabiam mesmo de coisas. Ou se elas também estavam desmerecendo as mulheres ao espalharem coisas sobre as mulheres. Tipo: “ah, não. Aquela foi promovida porque ela se relacionou com Fulano e tal”. É (silêncio por

segundos) eu não vou contar nenhum caso assim que eu conheça, que eu tenha presenciado em que eu possa dizer: isso eu vi. Isso aconteceu.

Roldão rememora o despertar para as questões raciais e étnicas a partir do contato com as suas fontes entrevistadas e evoca suas vivências pessoais para ilustrar a operacionalização da dinâmica da racialidade e do racismo na sua vida.

— *Hum, eu acho que o que me chamou mais atenção foi por eu ter me aproximado cada vez mais dos movimentos sociais, dos assuntos que eles discutiam, das coisas que eles falavam. Tem essa troca que você tem o tempo todo sobre o assunto que você está cobrindo. Eu lembro que eu estava ouvindo um pajé indígena. (...) E esse senhor começou a contar a história dele, de como ele tinha renegado a etnia, de como ele teve uma época, quando ele era moço, que ele ficou com vergonha de ser índio. Ele abandonou a tribo dele, que ele circulou pelo mundo, pelo Brasil afora. Ele tentou de tudo e tal e nunca se encontrou. Sempre se sentiu discriminado. E aí no meio da conversa ... ele é um pajé ... ele chamou a mulher dele e começaram a fazer uma oração para mim, uma dança indígena em Guarani. Eu achei aquilo tão emocionante porque eu falei: gente, esse povo está sendo perseguido, está sendo exterminado, está sendo massacrado há 500 anos! E eles mantêm esse guarani. E, para culminar, surge um adolescente, já que lá que não se falava português, só se falava Guarani. E me deu uma coisa de resistência e ao mesmo tempo essa sensação da perseguição, da ... e aí, você vai ficando muito atento às coisas, né? Vai ficando... Você discute com o pessoal do movimento negro, você discute com os indígenas, você discute com mulheres, você discute com gays ... aí, eu acho que essas coisas todas foram chamando a minha atenção para mais o que acontece aqui próximo, né, para o que acontece aqui ... e no jornalismo tem muito disso: o sujeito discute muito as coisas sobre economia. Eu vejo muito em economia. O sujeito escreve aquelas matérias sobre RH (recursos humanos) e tal e ele mesmo (risos) está sendo... sofre ... está sendo massacrado ali na Redação, mas ele parece que não associa uma coisa com outra. Ou não é conveniente ou tal. Na Economia, eu via isso muito claramente. Eu falava: putz, o cara está fazendo essa matéria de RH aqui e olha onde ele está trabalhando? O que ele está fazendo aqui, né? Está trabalhando em condições insalubres, está fazendo hora-extra desnecessária, ele está sendo explorado*

*e tal, mas está discutindo as melhores empresas para se trabalhar. O RH das outras empresas e tal. E eu fui vendo, a partir dessas coisas assim... eu acho ... se bem que eu não sei ... eu acho que eu sempre fui muito atento. Eu acho que eu tinha 16 anos quando eu li um caderno da revista Civilização Brasileira. Uma coisa que me marcou para o resto da vida é um texto do Martin Luther King, que eu quero achá-lo ainda, em que ele diz que violência ... a gente associa a violência somente como um tapa na cara, um chute. Mas que a violência, às vezes, é sutil. (...) **É essa violência sutil que eu comecei a observar na relação entre homens e mulheres e entre pessoas de cores, de raça e etnias diferentes, de ... enfim ... eu acho que eu sou muito atento.** Mas como eu também era meio de esquerda também e comunista e tal, embora eu nunca tenha me filiado nem nada, eu acho que a gente vai prestando muito atenção nas grandes questões sociais e vai deixando meio de lado essas questões sutis, mais pessoais, mas ... enfim. Eu até me perdi do que você tinha perguntado, aí, mas ... Mas... Ah, como eu tinha percebido isso. **Eu acho que eu sempre tive essa percepção e ela começa com esse texto, lá atrás quando eu tinha 16 anos, mas que ela foi se acentuando na medida em que eu, nos últimos anos, fui me concentrando mais na cobertura de movimentos sociais, negros, gays, mulheres e tal. E é isso. Do meu ponto de vista, assim o que eu quero acentuar...***

Ainda sobre as práticas racistas e sexistas nas Redações, Roldão Arruda – no processo de elaboração discursivo, caracterizado por idas e vindas de memórias e das coisas a dizer – tenta situar o seu lugar, quando questionado se seria o único ou um dos poucos negros em O Estado de S. Paulo. Em parte de suas enunciações recobra a sua juventude para localizar a origem de certa passividade ou estratégia de sobrevivência num ambiente hostil à sua negritude.

— ***Não, também eu nunca me senti como parte de um grupo discriminado, como parte de um grupo diferenciado.** A grande parte disso é porque eu trabalhava no Estadão, o último jornal no qual eu trabalhei durante mais de 20 anos, e que tem um peso muito grande. As pessoas respeitam muito. Então você pega e liga e diz: eu sou do Estadão, né? Já muda tudo na relação com a outra pessoa que está do outro lado. Então ... a não ser que ele não queira. Que seja um assunto que ele não queira, se recusa a falar com você. **É ... Eu não sei ... eu sinto que existe uma coisa, mas não sei se ela é muito***

pessoal. Ou se é uma coisa relacionada a uma coisa mais ampla, mas eu particularmente ... acho que ... por exemplo, eu nunca pleiteei muito salário. Eu nunca pleiteei cargo. E eu fico pensando um pouco se no fundo, no meu inconsciente, eu não estava dizendo: puxa vida, já é tão bom eu estar aqui. Para que que eu vou querer mais. É ... eu que sou meio pretinho e é ... já me aceitaram aqui. Para que eu vou reivindicar mais? É ... agora eu não sei se isso é uma coisa relacionada, no meu inconsciente, à questão de raça ou se alguma outra coisa que eu vi. Com o tempo eu fui percebendo que já tinha isso na minha mãe. Minha mãe, eu acho que ela era mais clara do que eu. Mas a minha mãe ... nós éramos de uma cidade pequena, onde as chances de mobilidade social eram ínfimas. Então nós éramos de uma família pobre, mas nos relacionávamos com famílias ricas, porque minha mãe era cabelereira e atendia as mulheres da sociedade local. E aí, a estratégia dela, era a estratégia de ... essa estratégia de você não aparecer, de você se tornar meio invisível. Ou seja, inclusive existe uma expressão assim: “ah, a fulana é muito saliente. Fulano está aparecendo demais”. Mamãe tinha uma estratégia de ... a gente não devia se destacar muito, a gente não devia ... ou se você se destacasse muito era pelo seu esforço, porque você é muito trabalhador, porque você é muito estudioso. Mas não assim, gratuitamente, não ser muito alegre em festa (risos) não reivindicar muito salário. Mamãe sempre dizia: “não, já é tão bom” ... Então eu não sei se essa é uma questão da sociedade brasileira, onde uma enorme massa dessa sociedade adota essa estratégia para conseguir sobreviver diante de uma elite muito poderosa, diante de um ... as disparidades sociais nesse país são tremendas. (...) ela, por exemplo, era uma mulher analfabeta, mas fez questão que todos os filhos estudassem. E todos fizeram faculdade. E ela ... era uma questão de princípio dela que a gente estudasse. Ela se matava, pagava escola e tal, mas nós tínhamos que estudar. Eu acho que ela via ali um lugar de ascensão que a gente teria. Ela mudou de cidade. Foi para uma cidade maior para a gente fazer faculdade. Então isso era um sonho pessoal dela. Tanto que depois que ela tinha quase 60 anos e os filhos todos tinham se formado, ela voltou para a escola e fez ... foi ... ela tinha feito um processo de alfabetização, já tinha estudado algumas séries primárias, mas o pai (avó dele) tirou para que ela fosse trabalhar na roça. E ela teve uma mágoa muito grande disso. E passou a vida inteira

(...) Eu, nas minhas análises pessoais, eu não sei se é essa coisa que eu herdei da minha mãe de que a gente tem que ... né? ... é uma estratégia de sobrevivência, você não reivindicar ... ou o que que é? Mas, ao mesmo tempo, eu fui lutando com isso, indo de lá pra cá porque eu fui presidente do diretório acadêmico da faculdade, lá em Londrina. Eu fui do Diretório Central dos Estudantes. Eu editei um jornal estudantil. Eu ganhei prêmio com jornal estudantil. O nosso jornal ganhou prêmios. Eu fiz teatro. Eu era ... eu estava sempre saliente (risos largos).

Ao contestar a pergunta sobre práticas racistas e sexistas nas Redações. Oswaldo Faustino relembra um dos casos mais emblemáticos de violência contra as mulheres jornalistas: o assassinato de Sandra Gomide, editora de Economia de O Estado de S. Paulo, pelo seu ex-namorado Pimenta Neves, diretor de Redação do mesmo veículo. Faustino recupera um pouco a reação de parte da Redação.

— *Ah, não tenho dúvida. Não tenho dúvida, quando o Pimenta matou a namorada, a gente estava lá no jornal, né? E aí, eu me lembro de comentários assim: “ah, mas ela também fazer isso com ele? Pô, ele deu para ela um cargo que ela não tinha a menor condição de exercer. Ela ganhou as funções na cama. Tinha um salário que só as mulheres da família Mesquita tinham. Não sei o quê e papapá”. A gente fica olhando e pensa que ninguém nunca disse que um homem teve ascensão por questões sexuais, por favores sexuais. Então isso me incomodou muito. Lembro disso: “ela não podia fazer isso com ele”. Então você, inclusive, culpabiliza a vítima. Isso é um ato sexista. (...) Todo mundo também falava muito mal dele. Ele não era uma pessoa muito querida. Falavam muito mal dele, mas colocavam aquela mulher como uma aproveitadora. E mulheres aproveitadoras têm de morrer mesmo. Era colocado dessa forma. Não era uma solidariedade assumida, não, não. Mas a culpavam. Se ele fosse um cara querido, provavelmente, fariam diferente e ainda a penalizariam mais. Mas a penalizaram mesmo assim. Mas tinha muito, né, assim com a gente viu pessoas do sexo feminino fazer jogo, né? (...) Não é um jogo de sedução apenas no campo sexual, né? Um jogo da sedução aiii caramba como vou falar isso sem parecer um machão, um sexista. Mas esse tipo de jogo é muito comum ... porque assim todo o lugar em que você tem uma escala e seja possível ascender de alguma forma e mil formas de puxar o tapete*

dos outros e ganhar esse espaço. Muitas vezes, a gente observou esse jogo tão feminino, né? Agora, não posso dizer que não eram pessoas competentes. Pessoas que depois deram conta. No caso, desta menina do Pimenta punham dúvida se havia competência ou não. (...) Nós não convivíamos. Eu trabalhava à noite. Não convivíamos. Ela era uma pessoa do editorial, né? E no horário quase comercial, lembrando que eu só podia ter três empregos porque eu cumpria aquela regra das cinco horas. Então eu não convivia em Sandra Gomide. Mas eu me lembro sim de encontrar por ali e tal. Mas no corredor. Mas eu nunca ouvi falarem mal a não ser depois da morte. Aí, a culpabilizaram e aí me contaram: “Ah, não. Não tinha competência, Pimenta que favoreceu, etc. e etc. Ela não podia fazer isso com ele!”.

Repórter de Polícia, Oswaldo Faustino traçou um paralelo aos casos de violência contra as mulheres e outros crimes emblemáticos para fazer nova reflexão sobre o assassinato de Sandra Gomide.

— *Deixa eu colocar uma coisa para você. Quando tem um caso assim especificamente, ele tem uma característica muito especial. Você está falando de um pessoal de classe média alta, de um pessoal entre aspas culto, de um pessoal formador de opinião, né? Eu como repórter de Polícia – eu tinha feito Lindomar Castilho, né? – eu tinha feito uma série de outros. Então era um crime, era terrível, porque era mais ... eu acho que eles nem chegaram a conviver. Claro, eram namorados, ficavam juntos. Não era aquela coisa do conviver. De você ficar assim: “ah, a violência doméstica”. Mas é uma violência doméstica de alguma forma. E eu tinha feito, durante a minha vida inteira na reportagem policial, o que eu fiz de marido inconformado com a separação. Mas no caso do Lindomar Castilho, eu nunca mais esqueço ... quando eu falei aquela a menina do Lindomar Castilho tinha um sobrenome chiquérrimo Gramond, um pessoal de esquerda, um pessoal ferrado. Mesma história. Nunca me esqueço das pessoas que eu entrevistei: “ah, mas ela não podia fazer isso com ele. Pô, né, ela estava namorando com o primo dele”. Aí, eu perguntava: mas ela ainda estava com ele?. “Não estavam separados. Pô, mais ia pegar logo o primo. Depois, ia lá na boate onde ele ia e ficava lá”. Então mais uma vez eu tinha visto a mesma cena. O que me vem à mente primeiro uma coisa muito lúcida: homem acha que tem o direito sobre a mulher mesmo depois*

do fim. O cara tem o direito. É minha. Minha propriedade. “Ah, mas acabou”. “Não, é minha e acabou. E se pegar com outro mato mesmo. E mato os filhos.” A gente viu centenas de casos assim. Mais na periferia? É mais na periferia sem sombra de dúvida, mas é muito cara de classe média.

O jornalista Roldão Arruda, que trabalhou em O Estado de S. Paulo por mais de 20 anos, também comentou o assassinato de Sandra Gomide. A complementação da memória foi feita em novo contato, sendo este espontâneo.

— *Eu tinha esquecido de uma coisa ... eu só queria lembrar uma coisa que me marcou muito do ponto de vista de machismo e que não sei se foi no ano 2000 que foi o assassinato de Sandra Gomide pelo diretor de Redação do Estadão. Que era um caso evidente de machismo. Ele todo machão. Ele namorava ela. Ele a promoveu há um dos cargos mais importantes do Estadão que era o de editora de Economia. No Estadão, a editoria de Economia, é talvez a mais importante. Ele tinha um caderno próprio. Um caderno exclusivo para a Economia. E o jornal dava muito peso a esta questão. Mais peso até que a editoria de Política. Ele a promoveu à editora de Economia. Ela tinha 32 anos e era namorada dela. E aí, quando ela resolveu romper com ele, não quis mais continuar, ele foi lá e disparou. Descarregou um revólver contra ela. E assumiu isso assim que ele tinha matado mesmo. Mas o que é mais interessante é que ele tinha dado sinais para todos na Redação do jornal de que isso poderia acontecer. Eu me lembro que eu fiquei muito impressionado porque ele convocou alguns dias antes uma reunião extraordinária que acontecia poucas vezes na Redação. Ele convocou todo mundo para o auditório do jornal – o jornal tem um tipo de anfiteatro – e ficou falando mal dela: “essa pessoa que era da nossa confiança e não é mais. Eu a demiti”. Era uma coisa absurda ele ficar falando mal da moça. Me parece até que ele tinha pedido demissão. Disse que não estava mais em condição, o Pimenta. E o Rui Mesquita, o diretor do jornal, pediu que ele ficasse e fizesse terapia e tal. Só para dizer que esse foi um fato que me chocou muito e me marcou muito e foi um caso evidente com questão de gênero. Ele matou a moça. Uma jornalista, jovem, porque ela o deixou. (...) Então, ele tinha vindo da Gazeta Mercantil. Convidou-a para vir com ele, porque ela trabalhava lá com ele. Ele a trouxe e a promoveu dentro do jornal. Primeiro ela foi uma repórter especial*

com plenos poderes de edição e tal. Depois, editora de um caderno importante, que era o caderno de Economia, e depois quando ela deixou de se interessar por ele, ele a rebaixou. Ele a afastou. Chamou nessa reunião para dizer que ela não era mais uma pessoa de confiança, que ele tinha se enganado com ela. Misturou, evidentemente, o trabalho com a questão pessoal dele, usando os poderes dele de diretor de Redação de um dos maiores jornais do país. Era evidente que ele estava falando que se ela tivesse continuado comigo, eu a teria promovido e coisa e tal. A partir de que ela não me quer mais, eu também não a quero mais aqui, né? E depois chega ao extremo de ir lá matá-la. O que me surpreendeu na época foi o ... eu achava que o jornal tinha que ter tido uma posição mais firme, mas clara de condenação. O jornal foi meio reticente. Colocou a estrutura dele. Designou ... é claro, ele era um funcionário. Mas eu acho que tinha tido uma condenação mais enfática, de repúdio ao que ele tinha feito. Eu achei que faltou essa posição mais firme do jornal em relação a isso. (...) Ele estava transtornado. E dias depois ele vai lá e mata ela. Esse é um episódio evidente de como as coisas se misturaram ali e como ele usou esse poder dele. E quando esse poder foi contestado, foi desafiado: “então se não quer mais me demita”. Ela estava dizendo isso: “eu não quero mais você. Se isso significa eu perder o meu posto de editora, perder o meu emprego. Eu não quero. Eu não quero”. Ela teve uma posição muito clara. E ele não suportou. Foi isso. Ou terapeuta. Psicólogo. Analista. Porque ele tem relação de poder muito importante. Um padre com fiel. Um adulto com criança. O poder vai acabar tendo um preço. No caso do Pimenta, isso era muito evidente: ele era diretor de Redação de uma das maiores Redações. Talvez do jornal mais tradicionais do país. Ele era um homem que tinha trabalho no Banco Mundial ou Banco Interamericano. Tinha uma vasta cultura. Um poder de sedução. Conversa e tal. E o poder de mando. E ela uma repórter que tinha a metade dele. Ele devia ter uns 60 anos. Nas Redações de jornais tem aquela coisa que a gente falava antes: não existe racismo. Então: “ah, aqui não existe essas coisas. Sexismo. Essas coisas”. Então essas coisas ficam mais disfarçadas, atenuadas.

Acerca das vulnerabilidades das mulheres jornalistas, os jornalistas negros destacaram a sexualização, a disparidade de gênero na distribuição das pautas em

favorecimento dos homens. No Rio Grande do Sul, Deivison Campos descreve algumas situações:

— *No jornalismo de cotidiano, acho que, em primeiro lugar, é o processo seletivo. Eu acho que dependendo da Redação existem lugares reservados. Quando sai uma mulher, entra outra. Ou quando sai um homem, entra outro. E a maioria das pessoas que estão nas Redações são os homens. Eu acho que uma segunda coisa que a mulher leva bastante desvantagem é na escala de pautas especiais, principalmente se for a do local onde fica a Redação. Por que? Porque se forem locais longe, geralmente vai – se for de carro – vai o motorista, alguém que produz imagem ou vai um técnico. Então, geralmente são os homens escalados. Claro, por um lado, para baratear custo. Isso é uma questão que acaba eliminando ou reduzindo as possibilidades de mulheres. Mesmo tendo mudado a estratégia de colocar mais mulheres em lugares estratégicos para dar uma justificção social a principal estratégia, as outras barreiras mantêm o mercado muito parecido com o que sempre foi, o jornalismo como sempre foi, porque são as mesmas pessoas definindo. E dentro das Redações as relações são muito, não só nas Redações, mas no campo jornalístico, tenho ouvido muitos relatos das relações de sexualidade. De mulheres jornalistas muitas vezes serem acusadas por colegas de um privilegiamento pelo fato de serem mulheres, privilegiamento no sentido de ter acesso a informações. Esse discurso ainda é muito forte. Contrariamente a isso a gente vê que na hora de escalar as pessoas tiram as mulheres. A gente vê que é uma maneira depreciativa assim de se relacionar, porque numa vez que tu acusa de que usa da sexualidade para ter as melhores informações, na hora que elas querem as melhores pautas... bom como isso não acontece, manda o homem. Então tem uma contradição aí. Estou pensando nisso agora. Tem aí uma contradição, porque teoricamente se elas acreditassem mesmo, não como um argumento, de desconstituição da profissional jornalista de que ela efetivamente conquista as melhores informações ou colocações atrás das questões sexuais, elas seriam escaladas para as melhores pautas, o que seria um outro lugar, como as investigativas, né? Eu não conheço repórteres investigativas mulheres. Vejo um movimento no mercado por isso, um mercado que está em modificação, o que algumas pessoas chamam de crise. Eu não chamaria de crise, eu*

chamaria de mercado em movimento, está se deslocando, se reconfigurando, mas ainda há um desprestígio da mulher, né. Eu até falava com algumas mulheres jornalistas mais velhas, assim que estudavam e trabalhavam nos anos 70, quando o jornalismo efetivamente não era coisa para mulher. O jornalismo, lá nos anos 80, quem entrava nas Redações eram malvistas socialmente quanto na Redação. Eu acho que a sociedade vê isso de uma maneira diferente, com legitimidade com atuação das mulheres no campo jornalístico, não individualmente, porque tem todo um preconceito, mas como campo tem uma legitimidade do trabalho das mulheres, mas dentro das Redações as mulheres têm um tratamento de como se fossem intrusas, com muitas brincadeiras sexualizadas, muito assédio seja moral ou sexual.

Oswaldo Faustino, por sua vez, identifica as vulnerabilidades das mulheres jornalistas ao lembrar a sua vivência nas Redações de São Paulo.

— *Olha, o jornalismo para mim, hoje, está como o movimento negro, as mulheres dominam. Não sei se elas são melhor pagas, mas elas dominam. Tem mulheres nas melhores funções. Algumas funções que eram quase que exclusivamente masculinas, fotografia, você tem fotógrafas bárbaras. A maioria depois faz livro. Tem mulher no Esporte, né, falando sobre futebol. A realidade da mulher no jornalismo mudou muito. Eu não sei dizer se as Redações têm mais mulheres do que homens hoje. Tem muita mulher. Mulher negra é mais difícil, né? Ou homem negro. Eu vejo nos encontros de ex-Diário Popular, ex-Estadão nossa você conta pouca presença negra, mas mulher tem muito. Muita mulher. Agora em função importante: chefia a de reportagem, na editoria mesmo. Mudou bastante. Eu não acho que as mulheres são tão vítimas quando eu entrei na Agência Folha, por exemplo, lá em 1976. Lá, eram pouquíssimas mulheres. Eu me lembro que eram as que mais falavam palavrões. É porque meio que você tinha que se impor. Aí, tinha que botar a boca no trombone. E aí, a gente ficava tudo miudinho. (...) eu brinquei com a história dos palavrões, mas havia sim uma postura contra essa imagem da fragilidade feminina. Era fundamental provar que ela não existe. Não existe mesmo. Mas naquela época até a gente achava que existia, né? Então você ia para o botequim e a menina pedia logo uma cachaça. Falava o nome da cachaça. Era uma coisa marcante. Era meio você em que*

estar ombro-a-ombro com os caras. Agora, em termos de trabalho eram uns pés de boi, como a gente dizia. Vai para a luta. Topa tudo.

Para Roldão Arruda, o assédio contra as mulheres é uma das expressões principais da vulnerabilidade delas por serem mulheres.

— *Olha, embora eu tenha dito que eu nunca tenha presenciado coisas ... o que dá para presenciar, o que é visível, é o assédio permanente das mulheres. Isso é claro. As mulheres são assediadas o tempo todo pelos homens, pelos chefes. Então é aquela coisa que vem lá um chefe, enfim na sua baia, da sua editoria, cumprimenta você. Mas chega na mulher, ele faz a questão de dar um beijo, um abraço. Uma coisa assim que, às vezes, eu sentia que as mulheres ficavam incomodadas. E eu perguntava para elas e elas se diziam mesmo incomodadas, mas não sabiam como reagir. Eu falava brincando: pô, o sujeito hein?. E elas falavam: “ele sempre faz isso e eu não sei o que fazer”. E tal... e não sei o quê? Essas são histórias muito comuns. Essas coisas eu presenciei. O que eu sei é que ... e isso é tido como natural. É parte do homem assediar. É parte do homem ... “ah, ela é tão linda, né?”. Eu acho que isso deve ser chato para as mulheres. Deve ser ... deixá-las o tempo todo de alerta. Tem as mulheres que também vão descobrindo isso com o tempo e vão impondo limites. Vão ... mas eu via particularmente as mais jovens, as mais novas, ainda sem muita experiência das Redações, que eu acho que elas sofriam mais com essa coisa de ...*

Atuante nas Redações do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Brasília, Jorge Freitas avalia a vulnerabilidade das mulheres jornalistas:

— *Ah, primeiro a falta de comando nos veículos, na direção dos veículos, nas decisões sobre o que vai ser publicado, que imagem vai ser publicada. Depois, o uso da sua imagem. A imagem, da mulher é usada como ... ah, então como muito linda, como muito bonita. Ou a mulher nua, o corpo da mulher.*

Heraldo Pereira percebe mudanças, nos últimos anos, as quais teriam beneficiado as mulheres. Ao articular com a questão racial, verifica que as mulheres negras têm obtido mais espaço dos que os homens negros na profissão, embora esta continue uma expressão do racismo existente no país. Na avaliação do contexto nacional, reivindica políticas inclusivas no jornalismo como profissão.

— *As mulheres, hoje, são maioria. É incrível. Eu acho que tem até muita dificuldade de contratar homens nas Redações. Virou, virou... o jornalismo era uma profissão masculina, logo que eu entrei nos anos 70, nos anos 80. Mas a partir dos anos 90, passou a ser uma profissão feminina. E hoje me parece que é uma profissão sobremaneira feminina. Pelo menos chefes, o poder de contratação. Quando eu vou às faculdades, eu vejo que tem muito mais mulher do que homem. É também, se tem mais mulher, tem uma quantidade mais crescente de mulheres negras. Eu vejo. Não vejo com tanta frequência em outros cursos. Eu vejo no jornalismo. Nas faculdades. Nas faculdades.. é (...) É apenas um olhar. Um olhar. Vamos lá. Vamos lá. **Fazendo um resumo: eu ainda acho que o jornalismo, lamentavelmente, o jornalismo ainda é uma atividade profissional em que nós precisamos de uma maior coloração. Temos de ter mais coloração no jornalismo. Como conseguir isso? Nós temos de ter uma política inclusiva. Políticas de inclusão no jornalismo.** Não sei se falei na outra parte. Eu acho que tem que ter política de inclusão em toda a esfera pública. A esfera pública precisa ter inclusão num país como o Brasil. Você não fará essa inclusão, vamos dizer, de uma maneira natural. Não fará. Tem que ser uma inclusão forçada. Uma inclusão quantificada. Por que se não, cento e tantos anos depois, você via ter as mesmas estatísticas do IBGE. Não apenas no setor da educação. No setor da esfera pública habermasiana.*

De acordo com Deivison Campos, as vantagens dos homens estão no poder que eles exercem sobre as Redações e de obtenção de pautas internacionais.

— *Eu acho que principalmente nessa questão de viagem. **Eu acho que sim, o jornalista masculino sempre viaja mais.** Até agora com a questão tecnológica isso tem possibilitado, tem oferecido a possibilidade de que o jornalista viaje praticamente sozinho. Mas, pelo que tenho visto, os jornalistas que viajam sozinhos são homens. Geralmente, quando tu vê uma correspondente mulher, ela é uma correspondente dentro de uma Redação fixa, como a Globo usa em Nova Iorque ou na Europa. **Eu acho que nas principais coberturas há um desprivilegiamento feminino.** (...) **Outra coisa é nos cargos de chefia direta.** Os que tu precisas fazer gestão em jornalismo, esses cargos são masculinos. **A cultura é de que ou a mulher tem que adotar aspectos do masculino para***

poder gerir ou ela é simplesmente eliminada do processo. Principalmente na área de coordenação de produção. Menos na edição. Na edição, eu vejo algumas. Mas na hora de arrancar, na hora de comandar a reunião de pauta, ainda é um comando masculino no sentido de impor coisas, comandar coisas, obrigar coisas. É um lugar ainda reservado para essa ideia de masculino.

Acerca das vantagens dos homens, Oswaldo Faustino discorre sobre a branquitude como elemento importante para a gestão de carreira de jornalistas.

— *Eu não sou um típico profissional de Redação. Um repórter que era sempre colocado no ... eu não tinha convivência com Redação. Eu trabalhava à noite. Por exemplo, eu trabalhei na Agência Folha à tarde numa época de muita chuva. Choveu a manhã inteira, a noite inteira, quando eu entrava às 14h tinha uma requisição para eu fazer enchente. Então as pessoas até tiravam sarro. Faziam cuequinha de papel e botavam num quadro. Então eu nunca vivi o cotidiano da Redação dentro da sua normalidade. Então as minhas observações são bem de uma observação de fora. Eu sempre fiz madrugada. Muita madrugada. Nos últimos cinco anos, trabalhava lá na radioescuta, afastado de todo mundo. As vantagens eram: meninos bonitos sempre levam vantagem. Meninas bonitas sempre tiveram vantagem. É mais ou menos a coisa da novela, sabe? E se puder ele vai fazer o papel de protagonista de novela. Sempre teve meninos bonitos. Meninos bem-nascidos. (...) É uma beleza branca. É uma beleza com meninos perfumados, com viagens. Meninos com períodos no exterior. (...) Mas eu quero dizer a você: na Polícia, na Fotografia e no Esporte, a gente até que aparecia um pouco. Agora, Política, era raro. Me lembro de um menino negro que se destacou na Economia, agora eu não lembro o nome, lá no Diário. E como ele era muito bom, foi chamado para a Gazeta Mercantil. Um dia ele estava tomando uma cachaça no bar do Estadão e disse: o que aconteceu, rapaz? E ele disse: “pô, tem um cara que diariamente, eu estou escrevendo, ele fica em pé nas minhas costas lendo o que eu estou escrevendo. E quando eu paro ou apago alguma coisa ele diz assim: ‘disseram que ia ser fácil, né? Te enganaram’”. (...) A vida em Redação não é fácil. Não foi brincadeira. E era assim o cara era a estrela do Diário Popular na área de Economia, mas aí Gazeta Mercantil*

que era um jornal de economia e tinha cara que fazia isso o tempo todo. É para deixar o cara inseguro mesmo.

Ao refletir sobre eventuais desvantagens dos homens no exercício do jornalismo, Roldão Arruda evidencia, novamente, os tensionamentos contra as mulheres.

— *O que eu tinha era uma coisa assim que eu percebia das mulheres, muitas vezes, de terem que provar que eram capazes assim. É, por exemplo, assim eu já tive chefes mulheres. Às vezes, eu tinha a sensação de que elas estavam sendo constantemente desafiadas, postas à prova para dizer assim: “eu, apesar de ser mulher, eu mereço isso o que está aqui. Eu mereço esse cargo”. Mas eu particularmente nunca vi tanta diferença entre chefes homens e chefes mulheres. Para mim, não fazia diferença. (...) Agora, que eu falei, eu estou percebendo que ... tinha um que eu não conversava direito, tinha outro que eu conversava melhor. Vai muito pela característica da pessoa. Gênero aí ficava muito mais apagado. Mas a maior parte dos meus chefes foi homens, para variar. Eu acho que em quarenta e poucos anos, eu tive o quê? Três chefes mulheres. E umas quatro, digamos assim, umas quatro chefes mulheres. A maior parte era chefes homens. Nossa, eu estou vendo isso agora e é dramático, né?*

O depoimento de Jorge Freitas é ilustrativo sobre as masculinidades hegemônicas e contra-hegemônicas em face das suas considerações sobre o exercício de poder por parte dos homens brancos. Outro aspecto é a passagem de poder entre pares e a sua manutenção no grupo racial branco, numa expressão do patrimonialismo (FAORO, 2000).

— *Ah, tem diferença! Alguns homens mandam. Outros homens obedecem (risos). E outros homens não têm acesso. Há homens que sequer entram. Os que mandam são, normalmente, os homens brancos. Mas tem homens brancos que são poderosos. Por que eles são poderosos? Porque eles têm propriedades. Têm herança. Porque eles têm boa formação. Porque eles sabem fazer por algum motivo, né? Às vezes, é até inteligência, né? Esse é um dado que não se pode ... o cara manda porque ele é inteligente. Mas no geral não é porque ele é inteligente que manda. Em geral, ele tem esse poder conquistado por herança e outros motivos. Mas existe inteligência. Existem pessoas inteligentes entre os negros, entre os brancos, né? (...) Mas a inteligência, ela é importante. Agora, assim ó ... a inteligência, ela é simulada também. Você vê uma pessoa*

e diz: “aquele cara é inteligente”. Ele está ali, ele ocupou aquele lugar porque um outro poderoso escolheu ele para fazer aquele serviço, né? E ele se acha poderoso a vida inteira. Eu vejo no Facebook pessoas que já foram chefetes e que continuam com pose de chefe. Falam com uma autoridade assim, né? E você sabe que aquelas pessoas, elas têm uma inteligência relativa. Elas sabem Português, sabem Inglês e até sabem jornal que é uma técnica que se você começa a fazer, você faz, né? Mas ele foi colocado por outro cara, que também foi colocado por outro e por motivos, né? **Aí com autoritarismo você fica inteligente também. Você começa ... toda a decisão que você determina passa a ser uma maravilha, né?** Tem uma coisa de ... Tem uma música: “o cordão dos puxa-sacos cada vez aumenta mais”. **Essa rede é isso. O cara é poderoso. Está ali, chegou ali porque chegou por algum motivo, de prestar serviço etc e tal. Aí a inteligência dele aflora porque ele tem aquele poder, aquilo tudo. Então ele é muito inteligente. Tudo o que ele disser se torna verdade.** Aí, ele escolhe seus assessores. Aí, todo mundo fica muito inteligente com poder, entendeu? Depois, tem os erros históricos. Mas, naquele momento, eles são inteligentíssimos, né?. Aí você vê ... eu estou lembrando de um caso ... não vou dizer nomes... mas aí o jornal O Globo ele pediu desculpas, porque ele fez barbaridades. Ele pediu desculpas 40 anos depois.¹²¹ As pessoas que estavam no poder, eram as pessoas mais inteligentes. Ou não. Ou não, né? (risos) Eles pediram desculpas. Por que? Tudo o que eles fizeram foi feito por pessoas inteligentíssimas. Não é? Tiveram de pedir desculpas 40 anos depois. Eles erraram.

Questionados por mim se teriam tido desvantagem por serem negros, os jornalistas contaram as situações de racismo e de discriminação racial por que passaram. Dos cinco profissionais entrevistados, o que se mostrou mais hesitante foi o jornalista Roldão Arruda.

— Não. Não me lembro. Por causa da cor... **Agora, pode ser coisa que eu não tenha percebido assim como eu estou atribuindo a mim o fato de nunca ter me envolvido em reivindicar melhores salários, mais espaços e mais promoções, pode ser**

¹²¹ Apoio ao golpe militar de 1964. Em meio às manifestações populares de junho de 2013 contra o aumento de tarifas de ônibus e de questionamento dos poderes no Brasil, o jornal O Globo admitiu o erro. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>>. Acesso em: 4 jun. 2016.

também que também não me tenham sido oferecidas pela questão da cor. Isso eu não posso garantir. Agora, que você está falando eu estou pensando: será que isso aconteceu. Seria uma coisa mais sutil. Ninguém te diz. Mas você também vai sendo preterido nas promoções, nas coisas. Mas eu não posso dizer que tenha sido isso não, porque eu simplesmente eu não vou afirmar... (...) Olha, tem os que vão ser promovidos, que vão se destacar e tal. Mas aí não sabe o que é exatamente. E de repente o sujeito sabe se vender melhor. O sujeito sabe sei lá ... que botões apertar e que puxar, sabe? Daí, eu não sei exatamente. Para mim, não foi uma coisa que eu tivesse tido clareza sobre isso. Que eu tivesse tido clareza sobre isso? Não, tipo: puta merda eu deixei de ser promovido por causa da minha cor. Não.

Deivison Campos recorda ter vivenciado situações quando coordenador de Reportagem da Rádio Gaúcha – de comentários na Redação ao relacionamento com fontes, principalmente policiais.

— (...) *enquanto eu estava nos veículos menores, eu não senti. Mas quando cheguei à coordenação da Rádio Gaúcha, que eu coordenei por muito tempo, sempre tinha algum tipo de brincadeira com colegas que, de alguma maneira, com colegas que eram teoricamente envolvidos com a cultura negra. [entre risos tímidos] “Tu és a nossa cota”. “Tu tens que dar graças a Deus por ser gestor”. Coisas desse tipo. Eu acho que a surpresa com as quais tu te relacionas. Eu acho que, principalmente, com as fontes jornalísticas, porque o jornalismo lida muito com o poder tanto econômico quanto político. Sempre causava estranheza quando eles chegavam na Redação, talvez a mais importante do estado, e ver um jornalista negro comandando a Redação e ser a pessoa que ia dizer se iam falar ou não, ter alguma possibilidade, um direito de resposta ou não. Eu acho que isso era uma coisa e sempre tinha uma desconfiança na relação com as fontes de que aquilo era realmente aquilo. Algumas vezes, as pessoas procurando o Deivison que não eu. Essa ideia. Mas profissionalmente, eu acho que, no meu caso e eu acho que é de algumas pessoas, por eu ter um posicionamento político antes de entrar na RRedação, as pessoas tinham mais cuidado, digamos assim, na relação ou na afirmação mesmo. O problema é isso. Eu acho que tem muitos jornalistas negros que chegam à Redação sem uma consciência étnicorracial, que ainda são bastante complexos, e*

acabam sendo mais vitimados. O problema é isso. Quando tu estás mais preparado para aquilo, tu não te tornas – não é que tu não te torna vítima – mas tu não te vitimizas com isso. Tu estás pronto para resolver a questão. Tu estás pronto para confrontar aquela questão. (...) Estou pensando... e aí aquelas outras questões que acontecem, né? Em coberturas, como um repórter negro tu tem que te identificar mais. Às vezes, o porteiro, o segurança aquele não acredita que tu estás ali trabalhando. Eu acho que isso no cotidiano acontece bastante. Mas ... Eu estava fazendo a cobertura de um grande incêndio que aconteceu numa loja na Azenha, ali, o incêndio das Casas Lu. No lado da loja, tinha um restaurante bastante pequeno e o cara do restaurante ficou muito preocupado porque ele podia perder tudo o que ele tinha. Eu sei que ele queria entrar para tirar algumas coisas. E ele foi contido de uma forma muito violenta pela polícia. Muito violenta mesmo. Ele foi agredido e eu estava no ar. Eu falei sobre isso e depois fui até lá. Então eu confrontei o cara que estava comandando por causa disso, e como falei no ar, o cara ficou muito bravo. E disse: “o que que tu queres negão? Não sei o que quê? Babababababa” Aí eu falei: “Só um pouquinho. Eu não vi tu chamar ninguém aqui no entorno pela cor da pele, apelido ou qualquer coisa que seja. Então eu exijo que tu me respeites”. Aí começou aquela discussão bastante forte. Claro, a vontade dele era me agredir. Mas tinha muitos jornalistas. Teoricamente, a coisa terminou ali. Foi ao ar. Depois, os caras ligaram para a rádio e durante um bom tempo eu tive problema com esse cara. Abriram inquérito. Ele efetivamente complicou um pouco para ele. E várias outras vezes, em outros momentos.

Oswaldo Faustino atrela ao racismo e à discriminação racial a estagnação profissional.

— Não, não. Por ser homem, não. Por ser homem negro sempre. O meu histórico de profissão. Nunca – mesmo lá no Diário – e assim eu sou ... eu não sou dos piores e sou um cara obcecado por trabalho. E lá eu era editor de Cultura, Variedades. Eu era um cara que saiu de duas páginas para um caderno de seis páginas diário. E trabalhando com duas pessoas a mais só. Então você vê como era a coisa. Quando eu saí, a pessoa que me substituiu, que era meu repórter e ficou no meu lugar, mudou tudo. A estrutura. Aí, aquele caderno passa a ter importância. Então na verdade você

*tem que se desdobrar e se desdobrar e desdobrar e desdobrar, mas outros não precisam se desdobrar tanto. Não que tenha ficado fácil. Eu acredito que não ficou. Mas eu lembro de as pessoas falarem num quadro de quatro, cinco repórteres. O caderno de Variedades é sempre o primeiro que fecha, né? Por isso que o Daniel também não queria mais do que duas páginas. Ele trazia as duas páginas de cada. Só. Já vinha ... era outra história. Mas eu queria ser um editor que editava. Um editor que trabalhava e mesmo assim... você vê aquela história você vai ficar mais um mês recebendo salário (de repórter)... que queria que o senhor me apontasse ... “não” ...mas fui ficando e acabei ficando cinco anos. Doido isso, né? Na verdade, está muito claro. Dá para enrolar esse pretinho aí. (risos) O que eu não tenho ... Bel, tem uma coisa **eu não posso ser hipócrita e dizer: ah, os grandes jornais não têm espaço para preto. Ora, eu estava lá. Não tive grandes oportunidades. Mas estava lá. Não posso, é muita hipocrisia. É como o Milton Gonçalves dizer das dificuldades de preto na Globo. Não pode. Agora, há pouco, ele deu uma entrevista dizendo que a direção da Globo manda representá-los mundo afora. Então é hipocrisia dizer que para fazer isso você faz 10 vezes mais esforço do que os demais não tenha dúvida, né? E a diferença salarial era grande mesmo. Olha, eu vou ser sincero com você. Na época em que eu fiz um levantamento, tinha repórter ganhando 4 paus, eu ganhava 2.700. Era uma coisa bem díspare, né? Por isso que com 2.700 eu podia ficar na radioescuta. Era coisa de piso salarial. E assim você fica sem ter... você fica 26 anos no piso.***

Jorge Freitas é contundente ao afirmar que sentiu desvantagem por ser um jornalista negro ao longo de sua carreira em razão dos tratamentos diferenciados nas Redações em favor de jornalistas não-negros.

— *Ah, eu sinto. O tempo todo. Ah, eu acho que o tempo todo. Um homem negro, um homem negro quando chega à condição de adulto e vai disputar vaga profissional, ele já tem, ele já carrega uma formação que é ... tem uma parte de precariedade assim, né? Porque demorou a ler, demorou a aprender, assim, as disciplinas, necessárias, as habilidades necessárias para disputar, para competir, né? Então a partir daí, sim, é uma desvantagem. Depois, você ouve piadas assim bobas sobre ser bonito e ser feio. Não foi comigo. Foi com o Vagner Love, jogador de futebol, muito competente. Dia desses um*

comentarista disse: “ah, é feio como Vagner Love”. O Vagner Love não é feio assim. Ele é negro. Ele é boa pinta. É rico. É todo enfeitado. Ele não é feio. Foi racismo. Racismo. Então você ouve o tempo todo esse tipo de piadinha sobre cabelo, sobre... e que você tem que, evidente, tem que se desenvolver para enfrentar isso. **Isso também é uma armadilha, uma forma de derrubar que o branco tem é botar em... botar assim o racismo na mesa. E você tem que... você não pode cair na armadilha dele, né? Porque quando você cai, você é fraco. Você tem que desenvolver esse antídoto para estar todo o tempo... todo tempo vem essa... e é uma armadilha. Uma armadilha, né? O racismo tem também esse ingrediente, da armadilha. Que se você vai todo o tempo cair nisso, você vai ficar o tempo se defendendo disso e não vai fazer as outras coisas que você pode fazer e está habilitado a fazer. Tem isso, né? Abrir os espaços que você pode abrir. E se você parar nisso, não anda. Não vai, né?**

Na tentativa de depreender o sentido da expressão “o tempo todo”, solicitei a Jorge Freitas para ser mais preciso e ilustrativo sobre a ação do racismo na profissão.

— **O negro, eu acho que tem um sentimento que carrega, eu acho pelo meno, o tempo todo de ser humilhado e relegado ao segundo plano. Aí, quando você chega num ambiente de trabalho... o tempo todo... você tem uma viagem, pautas boas, que você não recebe. Uma viagem para o exterior. Uma promoção que você não recebe. Aí, você acha que é porque você é negro. Ninguém diz. Ninguém diz que é porque você é negro. E vão querer que você diga isso porque aí você se enterrou, entendeu? Vão dizer: “você é... como é que é? Você tem problema com isso. Você é recalcado, não é?” Vão dizer isso para você. E aí você não diz. Engole no seco e espera outra oportunidade que normalmente não vem. Aí, você se retira daquele ambiente e vai procurar outro ambiente, né? Porque haveria nesse outro ambiente uma oportunidade que você não recebeu ali, né? Mas você nunca... ela nunca vai ser caracterizada como tal. E você entendeu como tal e se você disser isso, você vai ser acusado de recalcado, de racismo às avessas, de não sei o quê. Entendeu? Essa é a armadilha. Então eu não tenho caso assim. Ninguém me tirou: “ah, sai daqui. Você é negro”. Não, eu não tenho, né? Isso é comum aos negros porque você tem que sair de fininho. Você vai ter... se você tivesse outras pessoas que te ajudassem, porque é isso o que está acontecendo hoje com muita**

gente. Você pode dizer e as pessoas seguram. Entendeu? É isso que está legal. Hoje, tem Secretaria, tem muitos negros. Muitos, muitos negros. Por isso que é importante ter o grupo, né? Porque você diz e ele segura. Isso é bacana. O Brasil vai mal não sei o quê, mas nesse aspecto o Brasil vai bem. Porque negros que eu nunca vi e que falam a mesma coisa que eu. Tem um discurso comum. Um sentimento comum, né? Isso é muito bom, né?

A disputa judicial de Heraldo Pereira contra Paulo Henrique Amorim como desencadeou uma série de retaliações públicas a que o jornalista negro fora alvo, a exemplo do blogueiro Leandro Fortes,¹²² da Carta Capital, em 24 de fevereiro de 2012, para quem “classificar Paulo Henrique Amorim de racista vai além de qualquer piada de mau gosto”, visto que “não houve crime, sequer insinuação, de racismo nessa pendenga”, a qual seria “movida por má-fé e vingança pessoal”. Entre os apoios públicos, duas manifestações de mulheres negras são aqui aglutinadas. A primeira delas é Sueli Carneiro (2012). Em 24 de fevereiro de 2012, a filósofa publicou o artigo. **Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa**, em que apontava:

Aí mora o racismo, ao tentar encontrar a razão da “falha” na negritude da pessoa ou na suposta ausência dessa negritude em um@ negr@ como propõe a frase, negro de alma branca. Há também incontáveis razões para criticar a Rede Globo e muitos de seus funcionários, mas, isso não autoriza ninguém a supor, sugerir ou inferir que um negro global tenha a “alma branca” por jogar o jogo da emissora. Paulo Henrique Amorim errou em relação a Heraldo Pereira, ele sabe disso, deve pagar. Nenhuma pessoa negra que tenha dignidade aceita ver qualquer negr@ ser tachado de “negro de alma branca”, ou por qualquer outro pejorativo relativo à sua raça. Ser progressista, de esquerda, não é, necessariamente, antídoto contra o racismo; nem um cheque em branco para desvios dessa natureza (CARNEIRO, 2012).

O ativista negro Elias Cândido, em 25 de fevereiro de 2012, declarou a rapidez com que alguns militantes saíram em defesa de Paulo Henrique Amorim, incluindo aí ele

¹²² Texto opinativo intitulado “Racista é a PQP, PHA não!”. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/leandro-fortes/racista-e-a-pqp-nao-pha>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

próprio, pela suposta ligação do jornalista com os setores de esquerda e a cobertura do caso por portais noticiosos e blogueiros contra Heraldo Pereira:

Por dois motivos. Primeiro, vestiu a carapuça. Ele tem cultura e inteligência suficientes para entender o que o Paulo Henrique estava falando. Ele não fez confusão. Agora o que possivelmente o estimulou foi a própria Central de Jornalismo da Rede Globo, que promove um combate ao Paulo Henrique Amorim, assim como promove combate aos blogueiros progressistas em geral e mesmo àqueles que não estão no seu rol de controle. É bastante notório que alguns blogueiros, como Reinaldo Azevedo, se apressaram em acusar o Paulo Henrique, tentando impingir-lhe a pecha de racista, que, se pegasse, enfraqueceria bastante a influência do Paulo Henrique. Daí a nossa pressa em sair em defesa dele, não só por ele não ser racista, mas principalmente pelo significado. A intenção deles era dizer que os blogueiros progressistas estavam atacando aquele negro que está fora do seu rol ideológico, como querendo dizer “esse negrinho é nosso”. A intenção era levar a discussão para esse viés. Era levar Paulo Henrique Amorim para o sacrifício em nome de uma ideia, que é para fazer com que o negro “se coloque no seu lugar” (...) Por tudo isso, o momento é de a gente se unificar em torno do Paulo Henrique, produzindo mais textos, fazendo moções de apoio. Não podemos permitir que destruam o Paulo Henrique¹²³. (CUSTÓDIO, 2012).

A segunda voz em apoio a Heraldo foi a da escritora negra Ana Maria Gonçalves. Em artigo publicado na **Revista Fórum**, em 27 de fevereiro de 2012, ela salientou: “Porque é simples assim: Paulo Henrique Amorim usou a cor de Heraldo Pereira para atacá-lo. É racismo e ponto. Tá na lei. Quem não concorda deve brigar para mudar a lei, e não para que Paulo Henrique Amorim esteja acima dela”.¹²⁴ No dizer de Heraldo Pereira, a situação é recuperada abaixo:

— *Eu tenho um colega chamado Leandro Fortes que escreveu que racista é a puta que o pariu. Que o Paulo Henrique não era racista e que eu não tinha um comportamento de negro porque eu trabalho da Rede Globo. Porque eu trabalho para a elite. Você percebeu? Como é que pode um branco ensinar para negro como ele tem*

¹²³ CUSTÓDIO, Elias. Não podemos deixar que destruam o Paulo Henrique. Viomundo. Entrevista a Conceição Lemos. Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/entrevistas/elias-candido-nao-podemos-permitir-que-destruam-o-paulo-henrique.html>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

¹²⁴ Artigo online. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/idelberavelar/2012/02/27/paulo-henrique-amorim-o-negro-de-alma-branca-e-os-demonios-de-cada-um-de-nos-por-ana-maria-goncalves/>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

que ser como negro? É o cúmulo. Pois, nós, negros, sabemos o que é ser negro a todo o momento. Porque não tem um lugar em que você vá. Não tem uma abordagem que não seja de negro. É ou não é? Chega num edifício. Chega num lugar. A primeira coisa que chega da gente é a negritude. Então quem não tem a negritude assumida, é impossível.

A desigualdade de gênero foi identificada por quatro jornalistas negros, com exceção de Heraldo Pereira. Jorge Freitas aponta a prevalência de comando masculino: *Mulher negra não tem como chefe. Não lembro. Não me lembro. É. Não, não. Não tem não. É sempre homem branco quem manda.*

De acordo com Oswaldo Faustino, a mudança dessa situação demandaria um reconhecimento por parte de profissionais, das empresas jornalísticas e da linha editorial, com vistas a alterar a realidade excludente.

— *Elas devem primeiro se reconhecer, se olhar no seu próprio espelho e ver onde estão as pessoas. Porque o jornalismo com essa história de quarto poder faz, até mesmo, do jornalista – não só do dono do jornal ou dos grandes editores – faz uma coisa meio que juiz do mundo. Juiz do mundo. Quanto mais jovem, mais juiz do mundo. E aí, impafioso, né? Então o jornalismo deveria antes de tudo olhar no espelho, se reconhecer e a partir daí entender a si próprio e por que que, mesmo falando das desigualdades, quer na questão de gênero ou racial, no país inteiro e quiçá no mundo quando chega na Página 3 os jornais são sempre contra as nossas reivindicações. São contra cotas. São contra ações afirmativas. São contra tudo. Na Página 3 que é a página da palavra dos jornais. São os editoriais. Aí, eles são contra. Quando saiu a Lei 10.639, eles escreveram na Folha (de S.Paulo) o seguinte: “se essa lei fosse só na Bahia ou no Maranhão é justo, mas em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, onde não existe negro. Isso é um absurdo. Essa coisa de estudo de história e cultura afro-brasileira. Isso estava num editorial”. Quando a primeira deputada federal (negra) é de Santa Catarina. Mas não tem negro em Santa Catarina. Entendeu? É uma loucura essa visão. Primeiro porque é total desinformação. Por que que é total desinformação? Porque esse cara nunca pensou a respeito. Então, quando a gente criou a Cojira, a gente criou, primeiro, para estudar a questão da presença negra nas Redações e, segundo, como é que os jornais*

trabalham as questões relacionadas conosco. Então, fizemos curso para jornalista, para entender as questões raciais. Pergunta quantos foram? Quase ninguém. Só foram estudantes. Estudantes. Raros jornalistas estiveram presentes. Editor nem pensar. Por quê? Porque editor é o cara que sabe tudo. Sabe tudo. Ele não só sabe tudo da área dele. Ele sabe tudo de tudo. Editores, editorialistas. Tudo de tudo. Eles têm opinião própria, fundamentada em qualquer assunto. Essa é a cabeça do jornalista.

Ao pensar as relações de gênero e raça nas Redações jornalísticas, Deivison Campos transparece certo pessimismo quanto ao interesse das empresas de alterar as assimetrias decorrentes do racismo e do sexismo.

— *E eu não sei se tem interesse da parte das empresas de fazer qualquer movimento nesse sentido. Eu, particularmente, acho que não. Acho que as empresas têm todo... principalmente agora eu acho que está mudando o tipo de perfil da gestão das Redações e também do gestor das Redações. De maneira geral, hoje o gestor da Redação é muito... o processo de gestão das Redações, eu vejo que tem ficado muito quantitativo. Existe muita pressão sobre o trabalho. E os gestores têm um perfil de opressor assim. Opressor no sentido de que aumentar ou atingir as metas que são quantitativas. Então, esse movimento eu acho que faz com que as empresas se despreocupem com essa questão de igualdade ou desigualdade. Não vejo nenhum movimento nesse sentido. Pelo contrário, aumentam as denúncias de assédio, de assédio moral, de assim, assédio profissional, de desgastes, de desligamentos, de demissões, de pedidos de demissão, as pessoas desistindo de trabalhar em Redação pelo atual cenário. Se pelos editoriais os jornais, de alguma maneira, editorialmente, já se posicionam a favor do liberalismo, isso é coerente. Daí essa ideia de igualdade e de preocupação nesse sentido, eu acho que é uma discussão mais de justificação ou mais de que não é objetiva, né? Eles não estão preocupados com isso efetivamente. Muitas vezes, eles fazem esse discurso para serem envolvidos e apontados como alguém que se preocupa com isso. Mas efetivamente não. Eu entendo que precisaria ... o campo jornalístico deveria ser regulado, né? Eu acho que a regulação é crucial, da mídia, dos veículos jornalísticos, deveria apontar uma melhora nesse processo. Eu acredito muito na regulação. Tanto é que as empresas, elas são contrárias efetivamente porque elas*

sabem que atuam de maneira equivocada em vários sentidos. Então, essa regulação faria uma revolução no processo, no campo mesmo jornalístico e no campo midiático de maneira mais ampliada.

As ações afirmativas são a aposta de Roldão Arruda para a transformação dos mecanismos de reiteração do racismo e do sexismo no jornalismo como profissão.

— *Eu acho que seria uma iniciativa legal se o Estadão tivesse cotas para focas, porque esses serão jornalistas que irão trabalhar nas Redações amanhã. E se você olhar os focas que estão se formando lá, você vai ver que pouquíssimos são negros. São raros. É isso que eu digo: pode ter uma peneira que comece lá na universidade. Pode. Mas o Estadão ele pode também ter uma norma para contratar pessoas com necessidades especiais, eu achava que poderia ter um estímulo desse lado no concurso de focas: “Olha, tudo bem, mas vamos ter aqui um número fixo de negros e de mulheres”. A questão das mulheres eu acho que já está bem mais solucionada nas Redações em termos numéricos. No caso dos negros ainda não, eu acho que não foi resolvido. Até hoje, negros e pardos são minoria nas Redações. Eu acho que você vê isso... a Globo tem lá o seu negro de plantão que é aquele apresentador, o Heraldo. Tem uma amiga minha que é a nossa negra do Paraná, a Dulcinéia Novaes. Mas você não vê toda hora na reportagem, no dia a dia, é assim. **Eu acho que ainda faltam nas Redações. Eu acho que na questão das mulheres seria bacana se tivesse não sei se debate, curso, orientação, mas que o RH discutisse essas coisas com as mulheres.** Tipo: “se você se sentir assediada ... como você identifica? Como isso pesa?”. Se tivesse ... enfim essas coisas são melhores quando são trazidas à tona e encaradas e abordadas e conversadas do que as pessoas terem que ir descobrindo no café, de outras conversas. Eu acho que essas eram coisas que poderiam ser feitas ainda. **Eu acho pouca disposição das empresas nesse sentido. Pouca disposição das empresas para essas questões. O RH das empresas de jornalismo, na minha opinião, é muito conservador. O do Estadão particularmente, porque foi onde eu trabalhei mais. Eu acho que o da Folha é um pouco mais avançado. Mas... em todos os sentidos eu falo assim: para definir as carreiras, a meritocracia. As relações nas Redações ainda são muito de relações pessoais. Ainda não são muito de meritocracia. Tanto que essa questão do Estadão de escolher os repórteres***

por meio de uma seleção do curso de foga, eu acho avançado. Porque, antes, você só entrava lá se fosse amigo de alguém lá dentro. Se o conhecido do patrão te indicava, se um amigo indicava. Hoje, existe uma democratização maior na seleção de trabalhador. Só que eu acho que deveria ter um cuidado maior nessa questão de definir cotas para negros. Eles ainda são minoria nas Redações. São.

O jornalista Heraldo Pereira também demanda ao setor empresarial medidas concretas para enfrentar o racismo nas Redações jornalísticas.

— *Controle. Controle. Controle. Autocontrole. Autocontrole. As empresas têm de estar atentas a essa questão. Autocontrole. Elas têm capacidade de se autocontrolar. Elas têm capacidade de se autocontrolar. Têm que ter órgãos internos. Elas têm de dar satisfação para o seu público interno. Elas não podem... uma empresa de comunicação ser uma empresa com elementos de intolerância. Como eu falei, tem os pecados capitais. Sempre vai ter. Não estamos vivendo no paraíso. Então, as empresas têm de ter autocontenção. Trabalho de verificação. Trabalho de apuração. Elas têm de ter isso. Isso na esfera delas mesmo. Eu acho que não pode cobrar isso do Estado. Ah, tem que fazer uma lei. Não! É obrigação das próprias empresas com os seus próprios recursos. Como elas têm o espaço garantido para oferecer esse serviço, que eu acho, essencial para a população, elas têm de ter também uma contrarremuneração desse gasto. Elas mesmas internamente. Se ter que criar grupo, criar... tem que ter uma verificação. Tem que saber disso.*

Para o jornalista Deivison Campos, brancas e brancos estão mais propensos a ter mais empregabilidade enquanto negras e negros, quando são contratados, tendem a ficar menos tempo nas empresas jornalísticas.

— *Eu acho que tem mais campo formal. Eu acho que esse campo de emprego é mais amplo. (...) Aí eu me lembro que, quando eu estava formando fiz uma seleção de uma grande empresa para a área de comunicação, e me disseram que eu não tinha o perfil. Aí pedi melhor explicação por isso. Ah, as justificativas foram vagas. Mas a ideia é isso: não tem o perfil porque não atende aí a outros elementos que é a questão do lugar mesmo, dos referenciais privilegiados da nossa sociedade que elimina negro dessa possibilidade. Então é isso. Existe um mundo jornalístico alternativo, que tem*

sido bem-feito, que é um campo hoje interessante para os profissionais negros. Mas dentro da Redação tradicional ainda é um lugar de macho e de eliminação, de expulsão. Os profissionais ficam ali por um tempo e depois saem. Eu poderia citar vários que passaram pelas Redações e que por “n” motivos, muitas vezes por assédio, muitas vezes por falta de oportunidades, por privilegiamento, por estagnação – porque aí entra na Redação e fica fazendo sempre a mesma coisa – acabam desistindo e indo fazer outra coisa. Só que para os brancos isso é muito mais simples.

Em consonância às enunciações de Deivison, Jorge Freitas verifica como situações comuns de jornalistas brancas e brancos a possibilidade de exercício do jornalismo como profissão.

— *Ah, ter emprego. Ter emprego, ué! Ter a vaga. Hoje, hoje, você também não tem. O jornalismo ele continua sendo... continua sendo feito jornalismo, mas os jornais mudaram. Eu não sei quantas vagas atualmente. Eu não sei onde, na cidade de Brasília. Brasília era um lugar, quando cheguei, que todos os jornais grandes tinham grandes sucursais. Sucursais de 20, 30 jornalistas. Hoje, não é isso. Hoje, elas têm 10, 15 jornalistas. Algumas fecharam. No Rio de Janeiro, idem. As sucursais eram imensas, 15, 20 jornalistas. Hoje, algumas estão fechadas. Então, as vagas para jornalistas foram reduzidas. Para brancos e pretos, que estão chegando. Agora que negros estão se formando em jornalismo. Aí, ele não tem mais esse mercado para disputar. Aí, não é uma questão de discriminação. O mercado não existe. Aí, dentro das poucas vagas que existem, ele vai ser discriminado. Ou não. Ele vai ser empregado porque o salário é tão baixo, entendeu? Porque tem esse aspecto, né? Salário baixo. Aí pode. E tem as tarefas. Talvez as tarefas não sejam tão requintadas, né? Só buscar um papel ali, entendeu? Aí, né? Aqueles empregos sofisticados são as agências de notícias: Reuters, não sei o quê? Aí, você tem que ter inglês. Se você fala inglês, alemão, você pode ser preto, vermelho. Você vai ter emprego, entendeu? Vai ter. Porque os caras, o estrangeiro, trabalha diferente essa coisa do racismo, né?*

Oswaldo Faustino se refere à branquitude como aspecto dinamizador das relações de trabalho no jornalismo brasileiro.

— *Jovem branco, bem-nascido, ele é sempre visto como um profissional promissor. Então eu acho que ele já começa com vantagem. Sai com vantagem. Vai na frente. E isso eu posso te dizer que eu assisti várias vezes, em todos os veículos em que eu trabalhei. ...Com grana, com grana. Com pai já na profissão. Pai na profissão. Fora aquele caso do amigo do amigo. Nós (negros) temos mais dificuldades de sermos amigos do amigo.*

Roldão Arruda reitera a ação sistemática do racismo no país e a sua operacionalização nas relações de trabalho.

— *De repente você está se confrontando com uma situação de discriminação. Se você viver numa sociedade onde isso não existisse, mas numa sociedade racista, a chance de se defrontar com o racismo é da forma de dar preferência para alguém que não seja negro para falar. Ou falar mais abertamente com alguém que não seja negro. Ou na hora de promover, vai promover alguém que não seja negro. Esse risco eu acho que isso acontece o tempo todo porque é uma sociedade racista, discriminatória, elitista. Eu acho que o risco de ser preterido em promoções e preterido em relação a fontes e ser preterido é maior. Não digo assim: vai acontecer. Mas existe um risco potencial, quando ele vai ocorrer e como ele vai ocorrer. Mas é um risco que uma pessoa branca, de olhos azuis, vai ter em menor escala. Eu acho que se você for uma mulher negra, você vai ter... o risco vai ser maior. Se você é mulher e é negra, então eu acho que aumenta o risco. Eu estou falando de risco potencial.*

De acordo com Deivison Campos, a estagnação profissional é uma das formas das práticas racistas no jornalismo como profissão.

— *Eu acho que a todo momento. Essa estagnação nas Redações é visível, né? O cara entra e vai fazer a mesma coisa até que peça para sair. Dificilmente ele vai conseguir alcançar cargos diferenciados. E por isso que não tem negros em cargos de decisão. Por outro lado, o cara desiste de tentar fazer qualquer outra coisa ali porque tem sempre que fazer a mesma coisa. E parte para outra empresa, outra possibilidade, às vezes, para outra profissão. Primeiro, tem a dificuldade de acessar. E depois a estagnação que provoca ... elimina. Um exemplo do Renato Dorneles que entrou na Zero Hora, lá nos anos 1980, fez algumas coisas. E ficou colocado no arquivo do jornal. Ficou*

lá por mais de 20 anos, fazendo pesquisa de arquivo. E depois com o lançamento de um jornal mais popular¹²⁵ ele recebeu outras oportunidades. Agora, ele está fazendo fechamento de capa. Parece uma função importante, mas isso depois de 40 anos de carreira. Então essa imobilidade eu acho que ela é muito violenta. Isso pensando em Redação. Agora se a gente for pensar nos veículos de mais posição como a televisão, tudo o que acontece não só com os jornalistas, mas com os negros de uma maneira geral, a gente vê que é um assédio constante. Aí a gente vê também contradições. No caso da Maria Júlia, o Jornal Nacional todo com a hashtag #NãoSomosRacistas. Aí a Globo continua com o Ali Kamel como diretor de produção e conteúdo, como chefe supremo, com o seu livro Não Somos Racistas. Com Maju tem racismo. Somos racistas? Ou não somos racistas? Ou somos? Então eu acho que a situação é bem complicada e que não vai ser uma coisa a ser resolvida pelo campo, nem pelas empresas, nem pelos profissionais. Tem que vir do social, do público e do social.

Jorge Freitas alerta para o caráter capcioso do racismo nas Redações:

— *No Rio de Janeiro, tem um cara negro. E ele vive fazendo esse negócio da denúncia, né? Aí, as pessoas dizem que ele é maluco. Não sei o quê. Acho que não. Acho que não... as fontes ...Acho o seguinte... o racismo é invisível também. Então você diz que não. Você está sendo enganado. Você está sendo iludido, entende? Ou você não viu porque lhe engabelaram, lhe deram uma volta e você não viu. Você não é tão esperto. As pessoas fazem de um jeito, lá, que você não viu.*

Roldão Arruda chama a atenção para o fato de ter o único negro em muito espaços no exercício profissional e a importância do movimento negro na luta antirracista.

— *Então, eu estou dizendo que, de repente, eu me sentia assim estranho de ser o único. Estar num jantar e ver: eu sou a única pessoa negra aqui. Único negro. O que isso significa? Eu nunca tive muita clareza. Mas de repente me batia essa percepção de assim como estar no shopping e perceber que eu estava lá meio sozinho do lado de fora. Eu não sei como isso funcionava para mim. Eu não sei se vinha de novo aquela coisa: ah, eu devo dar graças a Deus que eu estou do lado de cá do balcão. Eu tenho que dar graças a Deus que eu estou na Redação. Isso de certa forma me ajudou ou me estimulou*

¹²⁵ Diário Gaúcho, jornal popular do Grupo RBS, veiculado no Rio Grande do Sul.

mais: porra, agora eu vou mostrar para eles... Mas é uma situação de exceção. Eu não sei dizer para você como eu lidei com isso. Mas eu tinha a percepção de vários momentos da minha vida, particularmente nessa última fase, quando eu cobri mais movimento negro de perceber mais essa questão. (...) Me fortaleceu, me fortaleceu. Me dá uma compreensão melhor de mim, me situa melhor e, ao mesmo tempo, me dá uma questão de orgulho. Porra, eu estou aqui batalhando mesmo com essa sociedade, eu estou conquistando um espaço. Apesar de me dizerem não, eu estou aqui, porra! E eu acho que é uma coisa positiva você ter uma percepção de você melhor do que você não ter isso. Você se situa melhor. Você consegue definir melhor as suas estratégias. Você, inclusive, ajuda você a levantar mais a cabeça. E daí, vai encarar? (risos) É uma coisa positiva e que no Brasil tem esse recurso da elite para você não ter isso é dizer: “não tem racismo”. Quando você diz, “não tem racismo” e não obriga a reagir, a reivindicar, a definir espaço. Por que se não tem racismo? Não é verdade? Quando você tem a noção de quem tem racismo, de que você é vítima, de que você está num ambiente em que você se pergunta: por que só estou eu de negro aqui? E as outras pessoas não? Então eu acho que você vai tendo essa noção. Tomar essa consciência faz parte dessa luta contra o racismo também. Essa luta individual e coletiva.

Oswaldo Faustino relembra Hamilton Cardoso,¹²⁶ militante histórico do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUDR), e a sua presença marcante na Redação.

Ele era repórter especial de Política no Diário Popular e repórter do telejornalismo do SBT. Um dia o Sílvio Santos chegou na Redação e falou: “oh, como vai a nossa melhor aquisição?” (risos). Então, quer dizer você entendeu? Ele não poderia dizer: “oh, pobre de nós negrinhos”. Ele era um repórter especial. Ele era um militante. A questão não era ele. A questão não era eu ser editor de Cultura no Diário. A questão é a presença de nós e dos nossos. Não tinha 1% de quantidade. Sei lá. Éramos três de uma Redação de cem pessoas. Muito pouco.

¹²⁶ Breve perfil do jornalista Hamilton Cardoso. Disponível em: <<http://www.cultne.com.br/portfolio-items/hamilton-cardoso-jornalista-e-ativista>>. Acesso em: 6 jul. 2016.

Além da imprescritibilidade dos crimes de injúria racial, o processo judicial de Heraldo Pereira contra Paulo Henrique Amorim também é classificado pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) como um caso enquadrado na Súmula 221,¹²⁷ de 1999, referente ao direito à imagem, em que passam a ser “civilmente responsáveis pelo ressarcimento de dano, decorrente de publicação pela imprensa, tanto o autor do escrito quanto o proprietário do veículo de divulgação” de caso de danos morais originários de divulgação pela imprensa.

— *Se não podem fazer com a imagem de sei lá o quê, não podem fazer com a imagem de negros, entendeu? Quando você for finalizar o seu trabalho, pense nisso: o negro ... as pessoas não veem o racismo que é praticado. Assim como as pessoas não veem o racismo. Eu digo: gente, peguem as estatísticas do IBGE. Não precisamos ir longe. As pessoas não veem. Não veem. Isso que o negro tem uma situação ainda melhor do que a mulher negra que tem uma situação ainda pior. E aí eu volto com o link com a Luiza Mahin que foi uma referência. Veja como pioramos. Veja como pioramos! Nós tínhamos uma figura que é ícone de toda essa movimentação da cidadania, da construção do país, do povo brasileiro e, hoje, nós temos um resultado... as descendentes de Luiza Mahin têm a pior situação na escala socioeconômica do Brasil. Isso não é um modelo de sucesso?*

Os cinco jornalistas negros entrevistados atestaram a ocorrência de desigualdades raciais nas Redações em que trabalham ou trabalharam. Para Heraldo Pereira, as situações deflagradas na sociedade são reproduzidas no chamado mundo dos jornalistas.

— *O jornalismo é uma caixa de ressonância da vida das pessoas. Nós somos jornalistas também porque estamos inseridos no meio da população. Isso num plano ideal. Agora, evidentemente, se você tem grupos que discriminam, você tem uma possibilidade de ter essa problemática também no meio jornalístico, porque nós também somos feitos de elementos da população. Porém, essa é uma questão que sempre*

¹²⁷ Documento constante da Revista Eletrônica do Superior Tribunal de Justiça. Disponível em: <https://ww2.stj.jus.br/docs_internet/revista/eletronica/stj-revista-sumulas-2011_16_capSumula221.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2016.

devemos estar atentos. Nós sempre temos que buscar uma, uma ... ter assim ... uma autocontenção.

Deivison Campos não percebe disposição de mudanças nas empresas jornalísticas para enfrentar as desigualdades raciais.

— *Eu acho que é muito cômodo, porque o objetivo das empresas jornalísticas é o lucro. Antes de ser jornalística, é uma empresa. Isso eu acho que é bem marcado nas relações, nas relações de mão de obra barata. O jornalismo hoje paga muito mal em relação a qualquer outro mercado. Se pensar outras profissões está na média, mas pelo faturamento dessas empresas, a remuneração é muito baixa. Existe um tratamento diferenciado para profissionais negros e brancos. Eu acho que o número dentro das Redações mostra isso, o panorama das Redações mostra cada vez mais. O processo de seleção busca as elites de profissionais e isso elimina a maioria da população negra, que vem das classes mais baixas da população. E também os cargos, as pautas cumpridas tem aí um desprivilegiamento com o diferencial da experiência. Você vê negros fazendo determinado tipo de cobertura de ponta como a área política ou qualquer coisa assim, mas são pessoas com muita experiência dentro do mercado jornalístico. Então não observam se é branco ou se é negro, observam que é um repórter experiente. Por outro lado, quando a gente vê os repórteres jovens, eles são brancos. Daí os repórteres negros vão estar cobrindo questões de geral ou de outras editorias. As editorias nobres, no caso, não são cobertas por repórteres negros jovens. Só pelos muito experientes pelo fato da experiência. Então acho que tem uma diferença de posicionamento. Claro, com algumas exceções. Isso é a regra.*

Jorge Freitas considera que as empresas devem adotar ação ativa para enfrentar o racismo e a discriminação racial, removendo as barreiras que impedem a contratação de negras e negros e a sua ascensão.

— *Ela é desigual com certeza. E as empresas devem contratar, né?, mais negros. Eu não sei como eles fazem esse filtro lá. Mas pela cor certamente é, né? Deve passar por isso. Porque hoje as Redações mandam cada vez menos em si mesmas. Mas a contratação de jornalistas ainda é feita pelas Redações.*

Roldão Arruda enfatiza a impermeabilidade do debate sobre racismo e relações raciais nas empresas jornalísticas.

As Redações constituem um ambiente especial. Quando eu estava falando do pessoal do RH, a gente tende a se achar meio que intelectual, meio que especial. Então ali ninguém se declara machista, ninguém é racista, ninguém é homofóbico. A gente se acha assim meio acima da média e analisa o mundo meio olhando de cima. E eu acho que por causa disso tem menos facilidade de perceber exatamente o que acontece ali. Esse caso de escrever sobre ambientes de trabalho dos outros e analisar pouco o seu, eu peguei um exemplo clássico. Eu pegava a matéria e dizia: pô, esse cara escreveu isso aqui, mas ele não vê onde está trabalhando? Ele não consegue analisar o ambiente de trabalho dele. Ele não vai entrar numa reivindicação do sindicato. Ele não vai porque ele acha ... ele não se vê como parte de um problema, como parte de uma ... enfim.

Oswaldo Faustino também aborda a distinção das empresas jornalísticas perante as políticas e ações inclusivas e debates em empresas de outros setores sobre racismo e desigualdades raciais.

— *Desigualdade. Acredito que as empresas jornalísticas precisam olhar no espelho. Ver a sua Redação, ver os profissionais com os quais trabalha, ouvir ONGs como o CEERT que trabalham com outras empresas, de outras áreas, educando nessa questão de seleção de profissionais, entrando na questão da boa aparência ... e o jornalismo acha que não precisa de nada disso. O jornalismo não precisa de nada disso. Nós somos formadores de opinião. Nós somos os the best, né? Nós somos o poder.*

Todos os cinco jornalistas negros entrevistados se consideraram exceção no exercício da profissão. Muitas das respostas estão diretamente vinculadas à questão racial, a exemplo das enunciações de Heraldo Pereira.

— *Exceção. Como jornalista negro, exceção. Eu nascia num bairro pobre de Ribeirão Preto. A minha mãe mora até hoje num conjunto da Cohab. A minha irmã mora num conjunto da Cohab que é um programa habitacional que foi feito no governo militar. Lá para o Sudeste a gente tem muito. A Cohab é uma referência. Mas mesmo assim são bairros pobres, simples, humildes. A trajetória que eu tive foi uma exceção*

para as pessoas do meu meio social. Para as pessoas do meu meio étnicorracial, mais ainda, entendeu? Mais ainda.

Para Deivison Campos, experiência profissional e identidade negra colaboraram para que ele pudesse desenvolver a carreira em veículos expressivos no Rio Grande do Sul e na academia. O jornalista antevê mudanças por meio da educação, as quais adjetiva como silenciosas em decorrência do ingresso de negras e negros nas universidades por meio de políticas de ação afirmativa e de programas sociais.

— *Eu acho que é exceção. A gente vê, na atuação jornalística, como uma exceção. Eu acho que eu tive uma oportunidade de estar em empresas e veículos de grande porte, comandar um dos veículos mais importantes do país. Eu acho que foi uma coisa que eu construí trabalhando muuuuito. Eu acho que me ajudou eu ter uma experiência anterior bem sólida no jornalismo. Quando eu cheguei na rádio, eu já trabalhava há algum tempo. E, quando eu assumi a coordenação, eu já conhecia também o funcionamento da rádio. Já tinha feito várias coisas, muitas coisas. Busquei, dentro do possível e dentro das minhas possibilidades, principalmente econômicas, uma formação bem sólida. Acreditar no conhecimento, acreditar na educação formal. Eu acho que isso foi bastante importante e me levou a lugares interessantes. E outra coisa é o posicionamento político foi bastante importante, porque em nenhum momento eu deixei alguém dizer: “tu não pode estar aqui”. Eu continuo dizendo em nenhum momento abro espaço para qualquer tipo de questionamento, como o do tipo de que eu deveria estar num lugar onde eles imaginam. Acho que, como coordenador e professor, a minha carreira também é uma exceção, estando construindo uma rede de pessoas que me conhecem, conhecem o meu trabalho, acho que isso também é importante. E tornou a minha carreira exitosa. Eu acho que de onde comecei e onde estou ... acho que também tem o lance de estar no lugar certo, na hora certa e fazendo a coisa certa. Então acho que é uma exceção. Vejo muita gente falando, muitos profissionais negros falando e mesmo outros que não tiveram oportunidade de fazer “n” outras coisas. Então eu acho que é uma exceção, realmente uma exceção e não regra ainda, esperando... porque acho que tem uma mudança aí silenciosa pela educação. Não são somente as políticas afirmativas declaradas, como as cotas nas universidades e no serviço público que estão*

modificando a situação, eu acho que coisas como ProUni e outras medidas também. O ProUni tem incluído muitos estudantes negros silenciosamente. E são pessoas que têm sido bem formadas. Em algumas experiências saindo estudantes prontos, profissionais prontos para concorrer de uma maneira mais igual no mercado de trabalho e na vida como um todo. Eu acredito muito nisso.

Jorge Freitas é bastante incisivo ao pontuar a excepcionalidade pelo fato de ter conseguido trabalhar como jornalistas em Redações importantes do Rio de Janeiro e em Brasília. O jornalista critica os baixos salários, sobretudo, no final da carreira antes da aposentadoria.

— *É exceção por eu ter desenvolvido a profissão, né? Em termos de salário, não. São salários baixos, conforme o mercado. Eu não fui o mal pago. O mercado é que teve uma retração. Ele caiu, o valor do trabalho e tal. Eu ganhava dez salários e no final da carreira ganhei cinco. Então foi uma coisa horrorosa. Os empregos estavam nas assessorias de governo e coisa e tal, né? Aí, você termina, para manter o padrão salarial, em assessoria e coisa e tal. É o emprego que tem. Você não escolhe tanto assim.*

Oswaldo Faustino faz alusão ao lugar de negro (GONZALEZ, 1982) ocupado ao longo de sua carreira seja pelas oportunidades forjadas no Diário Popular a despeito do apoio da Redação para produzir o caderno de Cultura, a conciliação entre diferentes empregos, a concentração na editoria de Polícia, os baixos salários e o rebaixamento de função jornalística no final da carreira.

— *Ela é exceção em longevidade. Em alguns casos como o Diário Popular, de postura, de cargo, né? Agora, de salário, não. Longevidade sim, porque você ficar 26 anos uma empresa de comunicação é realmente ... você só vê isso no rádio porque não tem imagem. Aí, você vê lá o cara. O Moisés da Rocha fazendo 30 anos de Rádio USP. E aí, as pessoas chegam lá e dizem: “quero falar com o Moisés da Rocha”. Aí, passa o negrão e ninguém sabe que é ele. E assim, no meu caso, em algumas coisas exceção e outras, regra. O salário foi regra. Sempre os piores salários. Eu em vez de progredir, regredi. Fui para a radioescuta. E aí: “mas alguém tem que fazer esse serviço. É um trabalho importante”. Tá, né? E fiquei por lá. Longevidade sim. E uma outra coisa... mas sempre exceção porque estar em grande veículo de comunicação nos fazia exceção. (...)*

Eu me divertia no jornalismo mesmo sabendo que poderia estar ganhando mais, que poderia estar sendo respeitado de uma outra maneira. E vendo que as minhas pautas, as pautas que me interessavam quando vinham para mim, não eram levadas. Caíam, né? Caíam.

Roldão também atrela raça e racismo à sua reflexão sobre a carreira de jornalista.

— *Olha, considerando o que eu já disse sobre os meus ambientes de trabalho o número de negros foi sempre muito pequeno, ínfimo, se você pegar o conjunto da sociedade brasileira, eu acho que foi uma exceção. Tá! Quando eu olhava a Redação do Estadão e vi que eu era um dos únicos, eu estou no topo aqui da carreira de repórter. Eu estava no topo. E eu olha quanto negros tinha ali ... não tinha. Então é uma exceção. Aí, quanto brancos tinha? Aí, tinha 20, 30. Então eu posso dizer, fazendo essa análise, que eu nunca tinha feito antes que eu era uma exceção. Fazia sentindo, né?*

Sobre o futuro do jornalismo como profissão, Deivison Campos identifica como ativo, para negras e negros, a sua condição racial em razão dos referenciais ainda pouco incorporados nas narrativas jornalísticas e nos produtos comunicativos em geral. Contudo, o jornalista alerta para a regulação da mídia como condição, até mesmo para o enfrentamento de questões estruturais sobre as condições de trabalho na perspectiva racial.

— *Eu tenho visto outras experiências interessantes, assim, do jornalismo, e entendo que os nossos referenciais culturais podem e têm muito a ver com esse novo mercado até porque historicamente a população negra soube sobreviver fora do mercado de trabalho formal. Então, nesse momento em que se tem menos emprego, mas tem muito trabalho para ser realizado, esse ethos que se constitui nas culturas negras é aquilo que o Bill Roy diz que a cultura negra é uma cultura contramoderna. E eu vejo que é uma cultura contramoderna, mas já que é pós-moderna antes mesmo que isso fosse dito. Eu acho que esses elementos culturais podem ajudar. Eu acho que pode ajudar a partir desse lugar que é a identidade, o pertencimento negro dentro desse novo mundo do trabalho... análise, de criação, de produção, de imaginário, de circulação e gestão de informações. É uma área bastante interessante para isso. ...Com a diminuição das Redações, eu acho que a tendência é diminuir o número de profissionais negros na*

Redação se não tiver uma regulação. Nos idos da cultura negra acabam sendo produzidos a partir da estereotipia, a partir de questões negativas, como a gente vê contra a religião, contra os movimentos culturais dos jovens negros. Quer dizer, o funk é absorvido, os bailes cariocas são mostrados como lugar de marginalidade. Esse tipo de coisa – o resultado, o conteúdo se dá pela ausência de pessoas que possam olhar para esse conteúdo de outro lugar, o lugar diferenciado. **Eu acho que a tendência nas grandes Redações, com a diminuição das Redações, a tendência é que isso piore. Então a gente vai precisar de meios de comunicação mais eficazes para atender a essa demanda.** Por outro lado, acho que tem negros que não se deram conta da importância desse lugar da comunicação, do jornalismo mesmo dentro do movimento social e que **não adianta continuar com o discurso da Globo, da RBS ou mesmo da Record, porque a gente só consegue mudar as estruturas por dentro, seja dentro desses emissoras ou dentro dessa luta pela regulação dos meios de comunicação.**

Jorge Freitas discorre sobre o futuro da profissão num contexto de mudanças tecnológicas e na gestão dos negócios de comunicação.

— *Para frente vai ter que ter, né? Não tem como não existir jornalismo. Vai haver jornalismo. Muita gente estuda, ainda, e se prepara para fazer jornalismo. Mas hoje, no Brasil, a legislação não exige diploma de jornalista para que se exerça a profissão. Com os meios, os meios tecnológicos aí, muita gente vai fazer trabalho de contar para os outros o que está acontecendo. Porque é isso o que nós fazemos, jornalistas, né? Nós fazemos uma narrativa do que acontece, dos fatos. E mais gente vai contar. Isso não tem como parar, né? Só não sei a questão do salário, como é que vai ser. Uma profissão tem um ganho, tem um salário. Isso eu não saberia. ...Só sei que a profissão não vai se extinguir porque a necessidade de a sociedade se comunicar é crescente. Por exemplo, no caso do negro, no caso da mulher, são grupos que não tinham voz e vêm conquistando mais. Então a tendência, o que existe é isso. Só não sei a profissão. Profissão você recebe, tem dissídio coletivo, coisa e tal. Isso eu não sei dizer. Você me falou e eu fui procurar sobre isso. Aí vi lá na Fenaj aquela menina Basthi,*

Angélica, escreveu junto com a Fenaj um imenso artigo, manual,¹²⁸ etc. e tal. Acho legal aquilo e vai ajudar as pessoas a fazerem as coisas. Só que a Fenaj ela é uma federação que está vinculada à essa questão da CLT e tal. É isso o que está em perigo. Não sei se vai sobreviver. Mas a comunicação vai continuar. As pessoas vão continuar se informando.

Oswaldo Faustino é mais pessimista com o futuro do jornalismo como profissão ao fazer um panorama das grandes empresas jornalísticas o país. Conforme suas enunciações, o passado recente e o presente revelariam um cenário adverso para a profissão e não da atividade jornalística em si.

— *Primeiro, eu não vislumbro o jornalismo como uma profissão no futuro. Não, eu acredito que haverá muitos blogs. Vai ter um outro tipo de relação. Eu não acredito que as Redações tenham vida muito longa não. A gente tem visto fechar muitos títulos e não é só crise econômica. Se está pensando um outro tipo de jornalismo. No meu último ano de Estadão, entrou um outro diretor... eu nunca esqueço essa cena, dizendo que o Estadão precisava mudar. O Estadão era um jornal muito sisudo, precisava ser alegre. Precisava botar mulher pelada na primeira página. Eu olhava para o cara e falava: “não, você está querendo transformar o Estadão no Notícias Populares” (novo diretor). “Não, basta você ver. O UOL é assim. A BOL é assim. Você sempre vai ter lá uma notícia sobre a miss bumbum”. Não tinha a miss bumbum, eu que estou dando esse exemplo. Achava que precisava dessas coisas e que o jornal era sisudo demais. E ele usou capas de jornais internacionais que tinham isso, né? Não mostrou New York Times e etc., né? Mostrou jornais sensacionalistas e tal. Então, quando eu vi o cara falando aquilo e o maior exemplo que ele me deu eram coisas da internet, comunicação cibernética, aí eu falei: ai, né? Esse jornalismo está perigando. Aí, eu vi fechar o Jornal da Tarde. Vi a Abril fechar um monte de títulos. Tenho ouvido que a Veja vai ficar só com o eletrônico. Então, o que eu concluo. A profissão de jornalista não é uma profissão de vida longa não. O que vai acontecer? Vai funcionar o outro tipo de*

¹²⁸ O documento em questão é o Guia de Gênero, Raça e Etnia para Jornalistas, elaborado pela jornalista negra Angélica Basthi e editado pela Fenaj e pela ONU Mulheres. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/01/guia_jornalistas.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2016.

jornalismo. Como na internet, todo mundo é jornalista. Todo mundo dá notícia. Todo mundo acha que escreve. Todo mundo tem opinião. Vai haver alguma regulamentação e vai dar um pouco de fôlego para alguns profissionais. Mas não vislumbro não. Nem para homens e nem para mulheres. Nem para brancos e nem para pretos.

Ao pensar o futuro do jornalismo como profissão, Roldão Arruda faz uma análise histórica desde o surgimento da atividade jornalística, as movimentações comerciais e o processo de organização da vida em cidades. Para ele, o desaparecimento de profissões vinculadas à imprensa é processual. E a profissão de jornalista seria mais uma delas em vias de ajuste ou extinção.

— *Eu, no momento, eu não vislumbro nada porque eu acho que nós estamos no meio de uma enorme revolução em relação aos meios de comunicação. Esses dias eu estava numa mesa de bar e estava falando assim... Imagina, na Europa, no tempo das carruagens. Você saía de Paris e ia para alguma cidade, uns 200 km, você tinha que ter uma carruagem, com os cocheiros, as parelhas de cavalo e você ia parando a 30, 40km. Você almoçava, você dormia. Então se organizava todo uma estrutura para aquela viagem dar certo. Havia troca de cocheiros. Tinha os estábulos, onde havia troca de cavalos. Você tinha milhares de pessoas envolvidas nessas operações porque você não viajava 30, 40km porque os cavalos cansavam. Tinha que trocar de cocheiro. Tinha que ter a estalagem para você dormir e jantar. Aí, vem um trem a vapor que faz aquela viagem de uma arrancada só, 200km. Toda aquela estrutura montada para atender às carruagens foi desmontada. O Estadão construiu um prédio de sete andares ali, na Marginal. No sétimo andar era o restaurante. No sexto andar, era a Redação. E, depois, o quinto, o quarto, o terceiro, o segundo, o primeiro e lá no subsolo ficavam as máquinas impressoras. As matérias iam descendo, passado por processos de preparação por cada um desses andares até chegar lá. Então tinha composição, não sei o quê, não sei o quê, fotolito... hoje, o chefe do sexto andar, ele vê a página pronta no computador dele. Dá um clique e ela está entrando na impressora. Ficaram fantasmas naqueles andares do Estadão que eles estão tentando até hoje saber como ocupa aquilo lá. Profissões inteiras desapareceram: revisor... categorias inteiras de trabalho desapareceram. Mas esse processo ainda não acabou ainda. Nós estamos enfrentando*

a chegada da locomotiva a vapor. Então por isso que eu digo assim já um processo de transformação muito grande. Violento. **E eu fico lembrando que o Hobsbawm, no final do livro dele que escreveu nos anos 1980, a Era dos Extremos. Esse sobre o século 20. Ele previa que os nossos dois grandes desafios daqui para frente: é o avanço do fundamentalismo e a questão dos meios de comunicação. Ou seja. De um lado, há uma revolução enorme na fatura de como se produz a notícia e como se divulga. E, de outro, uma luta pelo controle dos meios de comunicação, porque você sabe que é ali que se decide muita coisa. A gente está no meio dessa ... a gente está conversando por meio desse veículo. Mas esse veículo tem um dono, ele está nos usando. Está checando a informação que a gente usa. Está sabendo de tudo o que a gente gosta e o que a gente não gosta. Enfim, estamos no meio de uma coisa que não sei muito bem o que vai acontecer. Eu passei a minha juventude lendo Folha e Estadão, jornal Opinião, veículos que eu achava assim: eles estão me trazendo uma informação de confiança e que me ajuda a ... embora eu desconfie do que eles estão dizendo, mas me ajuda a compreender os números, a compreender o mundo para a minha opinião. Hoje, é uma diversidade enorme de meios que você já não confia tanto porque já não sabe se aquilo ali é uma cascata. Se ele está querendo te manipular ou não. No Brasil, nós estamos vivendo uma outra situação. A imprensa brasileira sempre foi muito partidária, mas ela no momento ela é ... mas existiam partidos diferentes. Quando você pega 64, a queda do Jango, você tinha toda a imprensa contra o governo, mas você tinha um grande veículo que era o Última Hora. Hoje, você já não tem esse debate da mídia. Ela está toda alinhada numa posição e, enfim... e eu acho que a gente está no meio e o trem a vapor está chegando.**

Por sua vez, o jornalista Heraldo Pereira também traça o cenário de incertezas sobre o futuro da profissão. Contudo, reporta-se ao passado para verificar a linha de divisão estabelecida entre negros e brancos, vinculando-a à exigência do diploma universitário.

— Não sei. Essa é a pergunta mais difícil que você me faz. **Nós tivemos um momento em que para fazer comunicação profissional, comunicação jornalística, você tinha que ter até o diploma jornalístico. Aliás, isso em muito contribuiu para afastar talentos negros das Redações. (...) A exigência da formação universitária ela limitou**

*completamente isso. Eu entrei nessa exigência aí dos anos, a partir dos anos 70, o que adiantou? Uma bobagem. E, hoje, nós temos os jornalistas profissionais por assim dizer. Os comunicadores. Os jornalistas. Mas nós temos hoje a comunicação, a comunicação social, a comunicação para a sociedade ela é feita por todos nós. Eu costumo dizer que todos nós somos jornalistas hoje. Porque você com a sua rede de contatos, de comunicação interpessoal, intragrupos, você faz isso também. Não faz? Então, esse pessoal de grupos de internet, essas coisas de redes entre pessoas fazem comunicação. Então, em razão disso também, nós não sabemos como será o futuro do jornalismo. Enfim. Nós estamos no meio da coisa. A rede de computadores já mudou tudo enfim ... democratizou, aumentou o debate, aumentou a captação de material, aumentou esse jogo, a intensidade desse jogo. Eu não sei como vai ser. Mas é isso. É isso. Eu acho que vai ser uma ... **se há uma profissão que não se sabe como será e o que será, é a profissão de jornalista por causa até que hoje a comunicação está extremamente pulverizada numa característica desafiadora.***

A exemplo das jornalistas negras, os depoimentos dos jornalistas negros evidenciam marcas de parresia perante as vivências de racismo enunciadas na primeira pessoa em diferentes momentos de suas carreiras. Por meio das formas simbólicas, eles expuseram estratégias de sobrevivência no mercado de trabalho no decurso profissional e de enfrentamento ao racismo.

Ser e não ser

(Oliveira Silveira)

*O racismo que existe
o racismo que não existe.*

*O sim que é não,
o não que é sim.*

*É assim o Brasil
ou não?*

CAPÍTULO 9 JORNALISTAS BRANCOS

Neste capítulo, são recuperadas as enunciações – formas simbólicas — de cinco jornalistas brancos: Antônio Gois (**O Globo**, CBN e Canal Futura), João Freire (ICM Bio), Lúcio Pinheiro (**A Crítica**), Maicon Bock (**Jornal Metro**) e Marcos Guimarães (aposentado).

Somente um deles teve o caminho trilhado para a profissão sob influência familiar. Filho do jornalista Ancelmo Góis, do jornal **O Globo**, Antônio Góis registra: *Eu acho que eu fui muito influenciado pelo meu pai. O meu pai é jornalista. Ama muito a profissão até hoje. **Por mais que ele não tenha me forçado ou sugerido, eu fui influenciado por ele.***

De famílias pobres e de origens interioranas, os jornalistas Lúcio Pinheiro e Maicon Bock ocupam, atualmente, espaços importantes nas Redações: ambos são editores e relatam a influência de professora e de professor na escolha profissional. O primeiro a rememorar é o amazonense Lúcio Pinheiro:

– *Olha, foi ...sinceramente, eu não escolhi não. **Não tinha muita noção da profissão até por conta da formação. Pais com pouca instrução. Mas um dia, eu fazendo um texto na aula de Inglês, um professor gostou do meu texto e sugeriu que seria uma boa área. Até então eu nem conhecia. Não fazia parte dos meus planos como estudante. E aí, no dia da inscrição, eu, ouvindo o conselho daquele professor, eu acabei me inscrevendo para o curso de Jornalismo.***

O gaúcho Maicon Bock atrela o consumo de informação televisiva e o exemplo da professora de Espanhol, que tinha formação em Jornalismo, à sua escolha profissional.

– *Eu decidi com dez anos de idade. Eu tive muita influência de programas de televisão, tipo *Aqui e Agora*, que passava nos anos 90. **Eu achava o máximo aquele jornalismo ... aquele jornalista que participava da notícia, que subia o morro com a polícia, que acompanhava os acidentes e que falava com as pessoas nas ruas. Aquilo me incentivou muito, sabe? Eu achava aquilo muito bacana: estar junto dos acontecimentos e ver as coisas na minha frente. Eu tive muito essa ... digamos, ideia, sabe? De estar junto, de estar vivendo e de estar acompanhando as coisas junto. Eu***

*morava no interior, em Terra de Areia, e não conhecia ninguém que era jornalista. Não conheci ninguém que quisesse ser jornalista, não conheci nenhum jornalista. Só fui conhecer com 17 anos. Uma professora de Espanhol, que apareceu na cidade, e ela só tinha se formado em jornalismo. Não exercia. Mas eu sempre tive essa influência da televisão e nunca mais tirei da cabeça. Isso aos dez anos e, aos 17, comecei a fazer a faculdade lá na Unisinos, onde a gente se encontrou.*¹²⁹

Os jornalistas João Freire e Marcos Guimarães cursaram Jornalismo como segunda graduação. Por decorrência das ofertas de trabalho: – ***Eu considero que o jornalismo me escolheu. Inicialmente, eu fiz Publicidade. Mas, num primeiro momento, os primeiros trabalhos que apareceram eram do jornalismo. Então, eu segui, durante um tempo resisti um pouco, mas depois entrei de vez para o jornalismo.***

Marcos apresenta uma lembrança afetiva para explicar o motivo da sua escolha profissional pelo Jornalismo:

– *Olha, eu ... a comunicação nasceu em mim desde garoto. Eu sempre morei perto de veículos de comunicação, de rádio, de jornal, que tinha o **Jornal de Alagoas. E a primeira porta que bati jovem, aos 16, 17 anos, foi a da comunicação, no caso o rádio. E lá ingressei aos 17 anos e esse instrumento de comunicação me fez cidadão. E aí, mais adiante, eu decidi fazer o curso de Jornalismo e uma pós-graduação.***

Na definição do trabalho como jornalista, o idealismo é evidenciado em quatro sujeitos discursivos. Somente João Freire é lacônico: – *Eu sou basicamente um profissional de TV. Eu hoje trabalho mais com online, né?* Para os demais, as questões sociais mostram-se como primeiro plano referencial e relacionadas à prática profissional de cada um deles. No dizer de Lúcio Pinheiro: – *eu vejo **uma atividade de grande importância para a sociedade, apesar de todas as amarras e, até, um certo momento, ser uma profissão que lida com interesses pouco republicanos. Mas eu acredito que no geral é uma profissão, uma atividade essencial para uma democracia.***

A relação com o público é exaltada por Marcos Guimarães: – *Você tem uma interatividade com o público que lhe ouve. Ele ... a notícia sempre foi primeiro do que o*

¹²⁹ Maicon Bock e esta pesquisadora foram colegas de curso universitário, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

jornal, né? Porque ela chega primeiro no rádio e na televisão do que no impresso, que vai sair no outro dia. Eu gosto de fazer rádio, a parte de comunicação jornalística.

Ao ser questionado sobre a definição do seu trabalho, Antônio Góis revela a abertura dos espaços para outras vozes, diferenciando, conforme suas palavras, do gênero jornalístico opinativo.

*– Hoje, eu faço a coluna em **O Globo** e coluna na CBN. No Canal Futura, eu sou repórter ainda com muito orgulho. Mesmo como colunista de **O Globo**, minhas colunas não são colunas – eu tento, pelo menos – de alguém que chega e diz é isso ou aquilo, porque isso quem vai falar é um especialista. Eu sou um jornalista especializado em educação. Para mim, essa diferença é bem importante. Eu não sou especialista, eu sou especializado. E vou atrás dos especialistas para fazer minhas colunas, meus textos, minhas análises. Eu evito ao máximo dar a minha opinião pensando que sou especialista.*

O agir ético é mais acentuado nas enunciações de Maicon Bock sobre a definição do seu trabalho como jornalista. Outro ponto que chama a atenção é a relação de poder nas rotinas produtivas, identificada a seguir:

*– (...) eu procuro ser um jornalista mais próximo da isenção, de ser um jornalista sem preconceito. Acho que esse é o tema do teu estudo. Eu, hoje, sou editor do jornal, né? Eu acho que o editor – não eu – mas quem tem essa função em qualquer veículo tem um poder muito grande. Eu acho que é um poder maior que o dono do veículo. Eu acho que o dono do veículo ... ele, claro, pode definir algumas linhas gerais do veículo, ou definir algumas coisas: o que vai ou não vai entrar, enfoque ... mas **no dia a dia é mais onde a gente tem impacto, sabe? Na escolha de uma foto. Por exemplo, você vai mostrar uma foto de praia, você vai escolher: colocar uma mulher, uma senhora mais idosa, uma senhora jovem, uma mulher negra, branca... Você tem um poder muito grande na hora de escolher uma foto, sabe? Mostrar uma versão e eu procuro ser muito isento, contemplar todo mundo... procuro dar ... acho que hoje o público, nossa audiência está muito em cima. Eu acho muito bacana isso. Eles estão muito em cima, muito participativos com os veículos de comunicação. Eles nos perguntam o porquê disso, de tal abordagem, o porquê que a gente ignorou tal assunto, né? Eu acho que isso interfere muito no nosso trabalho, né? O **Jornal Metro**, o que eu estou hoje, sabe? Eu***

acho que é um jornal muito mente aberta. A gente tem uma visão mais jovem, mais moderna do que muitos jornais em que eu já trabalhei, sabe?

Perguntados sobre o significado de sexismo, cada um dos entrevistados apresentou o seu entendimento acerca do fenômeno. Apenas um deles – Marcos Guimarães – apresentou uma definição ambígua, atrelando-o à diferenciação e à naturalização: *Sexismo é a diferença dos sexos. Sexismo é a diferença dos sexos. Não é isso o que você queria saber? É uma coisa natural.*

Os demais entrevistados discorreram sobre o universo das discriminações. No dizer de João Freire, *sexismo é uma forma de tratar diferente as pessoas em razão do sexo, seja no ambiente profissional ou pessoal.* Para Lúcio Pinheiro, *é uma forma de evitar, de barrar que outras pessoas sigam a sua carreira, o seu caminho. É atrelar a capacidade das pessoas a diferenças de sexo, de cor de pele.* No entendimento de Antônio de Góis, *sexismo é uma postura discriminatória num ambiente de privilégios. Pode ser qualquer ambiente, mas no ambiente de Redação, falando em ambiente de trabalho, que traz prejuízos para a mulher.* Na sua reflexão, Maicon Bock entremeia o significado de sexismo ao machismo e a elementos característicos do sistema patriarcal.

– *Eu associo muito com o machismo, com essa cultura que a gente tem que o homem é melhor que a mulher, tem mais direitos do que a mulher, pode fazer mais coisas do que a mulher. Eu acho que a gente vive numa sociedade muito assim. O homem pode tudo e a mulher não pode. Se a mulher tiver um comportamento igual ao de um homem, ela é tachada de forma pejorativa, é criticada. Para mim, é uma forma de machismo.*

O racismo é compreendido por todos como um fenômeno existente no Brasil. Nas palavras de João Freire, o racismo implica *uma relação de imposição e poder, considerando que uma raça seria superior à negra.* Na impressão de Lúcio Pinheiro, o racismo é *muito parecido com o sexismo. – É não enxergar a pessoa como igual. Ver diferença da pessoa por diferenças de estética. É achar que uma é melhor ou pior que você por diferença de aparência.* Para Maicon Bock, *é sempre quando a gente não trata de forma igual todas as raças. Eu acho que ressaltar comportamentos negativos, né? Tudo isso é racismo.* E, Marcos Guimarães aponta: – *Acredito que é sempre quando a*

gente não trata de forma igual todas as raças. Eu acho que ressaltar comportamentos negativos, né? Tudo isso é racismo. Antônio Góis é quem articula a existência do racismo à ambiguidade e à necessidade de reação.

- Racismo eu acho algo ... racismo para mim é uma conduta, mais que uma conduta ... é uma atitude de alguém que, mais que discriminar ..., além de discriminar, é alguém, um grupo, porque uma raça x é inferior a outra. Para mim, racismo ... eu colocaria o racismo num patamar acima da discriminação e do preconceito. Todo racista é discriminador e preconceituoso. Mas eu acho que nem todo mundo que discrimina e tem preconceito é necessariamente racista. Às vezes, é gente que tem atitude preconceituosa, discriminatória. Eu coloco mais como algo assim que ... eu faço uma diferenciação. Para mim, o racista é o caso quase que patológico. O problema é que não tem só racismo. Tem preconceito e discriminação mesmo de pessoas que não se dizem racistas, mas têm atitudes preconceituosas, discriminatórias. Então, o problema não é só combater o racismo, é combater também esses pequenos preconceitos e discriminações.

Sobre práticas sexistas e racistas no jornalismo, somente Marcos Guimarães negou as ocorrências. O jornalista justifica suas considerações alegando o mesmo salário para mulheres e homens pelo piso salarial do sexismo no jornalismo e o aumento de mulheres jornalistas na profissão:

– Isso não é do meu tempo, não, querida. Eu acho que ... não vi tanto problema assim não, hein? Graças a Deus. Ser eu for para a área do rádio, que é a área em que eu trabalho, o homem predomina. Agora, nos veículos de comunicação local – hoje, nós só temos dois jornais diários, uma cooperativa e um jornal de uma empresa que é do Collor,¹³⁰ e eu acredito até que eles tenham mais mulheres. (...) Olha, aqui, em Alagoas, nós trabalhamos com igualdade, tanto homem quanto mulher. Não tenho visto essa prática.

¹³⁰ Fernando Collor de Mello, senador da República e ex-presidente do Brasil (1990-1992).

A negativa de práticas racistas também é reveladora no depoimento de Marcos Guimarães, embora ele mesmo enuncie a escassez de mulheres negras jornalistas, especialmente no meio televisivo.

– Olha, aqui nós temos companheiras negras, mas ainda é uma quantidade pequena. Mas não tem tido isso porque é negra e não tem espaço não. Posso te dar ... tem companheiras negras nas assessorias de comunicação de governo, nas assessorias de comunicação de governo. Várias negras. Nós temos. Em A Gazeta nós temos. A Valdice¹³¹ é uma prova disso. Uma companheira no sindicato. E eu acredito que aqui não tem isso muito não. E nas universidades, muitas colegas, muitas alunas negras. (...) Mas na televisão tem mais jornalistas brancas.

Em Manaus, Lúcio Pinheiro conta uma série de práticas sexistas, permeadas dentro e fora da Redação. O editor recupera a trama de objetificação das mulheres jornalistas:

– Já, sim. Eu vejo isso ... é nas Redações vejo isso muito nas questões sobre mulheres. É uma visão ainda muito forte dentro das Redações de ver a mulher como um ... primeiramente como objeto e algo a ser admirado. Então, as mulheres ... eu vejo muito isso, né? Elas ... antes de olharem para o trabalho, a atividade que elas executam, o nível de profissional que elas são, há essa primeira questão que elas têm de superar: o machismo e, principalmente, a questão de vê-las como objeto. Sofrerem cantadas e até mesmo criarem situações dentro da Redação menos focadas no trabalho, mas mais focadas no objeto que elas se tornaram naquele momento. Principalmente quando elas chegam na Redação. Eu vejo aproximações com segundas intenções. Eu vejo piadas nos cantos. Conversas paralelas sobre a pessoa. As pessoas acham natural ficar comentando sobre uma mulher como se ela: “Ah, ela é bonita. Está vendo ... não sei o quê. Ó, carne nova”. Essas coisas de machista mesmo. De homem.

As assimetrias de gênero são descritas por Lúcio Pinheiro ao pensar sobre as propensões de mulheres e homens. Às mulheres, a sexualização e o assédio sexual são práticas constantes na visão do jornalista. Ao passo que os homens, segundo a sua própria

¹³¹ Referência a Valdice Gomes, presidenta do Sindicato dos Jornalistas de Alagoas e diretora da Comissão Nacional de Jornalistas pela Igualdade Racial da Fenaj.

vivência, deparam-se com facilidades de trânsito e ascensão na carreira. Situações de assédio contra homens foram registradas pelo jornalista no viés econômico-financeiro, associado à corrupção.

– *As mulheres eu acho que ainda rola muito essa questão do assédio e mais mesmo o assédio sexual. Eu vejo muito isso. Ouço relatos de que sofrem muito mais isso tanto por colegas, dentro das Redações, quanto fora, pelas fontes. Acho que isso é algo que mais impacta e chama mais a atenção. Eu acho que para os homens há mais oportunidade. Chega-se mais fácil a cargos melhores, a salários melhores, não é? E acho que isso dentro da Redação é mais gritante. Parece que as coisas ficam mais fáceis mesmo. Os homens não precisam provar tanto o seu lado profissional. Quando o homem chega: “Ah, porque é competente”. Quando a mulher chega a uma posição mais elevada sempre há alguém para comentar: “Ah, deve estar saindo com o chefe. Deve estar fazendo alguma coisa ...não sei o quê e não sei o quê”. Então, a carreira para o homem costuma funcionar de forma mais rápida. De negativo eu acho que os homens estão mais propícios a propostas de assédio não sexual, mas assédio mesmo: corrupção. Propostas de corrupção. Ocorre muito isso também. Eu vejo externa mesmo: das fontes para o jornalista. Eu vejo isso. No caso, eu já passei por alguns episódios assim de fontes oferecerem vantagens para matérias ou para a não publicação de matérias. Matérias positivas ou para ocultação de matérias e informações. Eu vejo isso muito com os homens. Para as mulheres, eu vejo mais as propostas canalhas mesmo de assédio sexual.*

Para João Freire, a sexualização e a objetificação das mulheres também têm incidência no jornalismo como profissão. O jornalista discorre sobre o impacto da maternidade nas carreiras das mulheres, da diferença salarial e a baixa presença de negras e negros nas Redações por que passou.

– *Olha, principalmente nos primeiros anos da minha ... profissional, que já tem uns 25 anos, a presença de negros e de mulheres nas Redações era muito menor. Ao longo do tempo ... é, na primeira década eu percebi isso. Depois, começou a ter uma participação maior da mulher na profissão, que hoje eu acho que é o jornalismo é tomado pelas mulheres. Vejo isso aqui na minha equipe do ICMBio, que tem oito*

mulheres e um homem, além de mim, né? E, mais ainda, a questão de raça eu acho que é... historicamente era assim e continua sendo assim: a participação do negro na profissão é bem menor. Não é proporcional à participação do negro na composição da sociedade, né?, que é inclusive mais da metade da população e, nas Redações, é sempre muito menos. Inclusive eu participei de uma banca de graduação, há alguns anos atrás, que tratou desse tema. O negro meio que é tido em torno de 15% de profissionais... e na pesquisa que o estudante fez... ele fez um levantamento nos principais veículos de capital e identificou que os negros são mais ou menos, em torno de 15% dos jornalistas atuando em veículos de mídia comercial era negro, apenas. Isso é muito visível também. Eu me lembro da minha turma de faculdade, em 1987, numa turma de 60 alunos tinha só dois negros. E hoje eu estou cursando uma especialização, em que de 35 anos – per aí deixa eu recapitular – tem uma aluna negra.

Maicon Bock compreende as assimetrias de gênero e raça e a sua dinâmica nas rotinas produtivas do jornalismo. Operação que potencializa o poder dos homens na profissão.

– Normalmente, quem comanda as empresas de comunicação são homens. Eu acho que eles acham que eles têm mais potencial. (...) A gente está inserido numa sociedade. Então, eventualmente, tem algumas piadas. Ou colegas que acreditam que mulheres são mais fracas, né? E não são tão boas para fazer algumas pautas que outros colegas. Por exemplo, na maioria dos locais, eu vejo poucas pessoas negras. No Correio do Povo, eu lembro de um colega... Um no VS. Um no Correio do Povo. Na Zero Hora, poucos. Três ou quatro porque a Redação é bem maior. Hoje, por exemplo, eu estou no Metro, nós temos cerca de 50 jornalistas pelo Brasil. São poucos negros também, sabe? O percentual é sempre muito baixo. Eu acho que essa falta de diversidade até nos ambientes de trabalho, até para a nossa profissão, até é ruim porque é importante ter gente diferente, de todas as raças, cores, orientação sexual, mulheres, homens, pessoas mais novas, mais velhas... você vai até criar um ambiente mais harmônico, sabe? Eu acho que é, às vezes, essa questão de os colegas acharem que elas não são aptas para fazerem determinadas pautas, tipo político. “Mulher vai se assustar”. Eu acho que as mulheres que são mães podem sofrer algum tipo de preconceito. “Ah, ela não vai ficar

tão focada na cobertura por ter filhos”. Coisas mais assim, algumas pautas. Eu acho que também, às vezes, as mulheres acabam ouvindo determinadas coisas que eu acho que são sexismo. Tipo, se a mulher está um pouco chateada, irritada ‘naqueles dias’, alguma coisa assim, passa por um período mais irritada, diferente do humor normal. Ela ouve coisa do tipo: “Ah, ela é mal-comida”, sabe? Está com algum problema. Uma coisa que nunca se falaria para um homem, sabe? E eu acho isso muito, muito ruim.

Sobre práticas sexistas, Antônio Góis identifica mais situações externas à redação. De suas lembranças, dois casos foram ilustrativos do sexismo. Contudo, somente um deles foi autorizado para ser incorporado nesta pesquisa.

*– O que eu percebo mais nas práticas discriminatórias, eu vejo muito mais elas para fora da Redação do que dentro da Redação. Ela existe na Redação, mas o que eu mais vejo é desde quando eu comecei no Jornalismo. (...) Eu lembro de um caso de um amigo meu que tinha uma namorada. **O fotógrafo assediou ela.** Eles estavam numa pauta juntos e o fotógrafo falou: “Vamos subir ali em cima”. Passou perto da casa dele. Estava calor. E ele falou: “Vamos subir para tomar uma água”. E a menina subiu para tomar uma água com o fotógrafo. **E o fotógrafo foi em cima dela. E a menina denunciou o cara. E isso gerou um mal-estar.** Eu lembro bem disso, porque eu estava muito próximo desse meu amigo. **Os dois trabalhavam no mesmo jornal. Foi uma pressão. Houve um mal-estar no jornal pela menina ter denunciado o cara.** Eu acho que a maioria ... eu tenho impressão que a maioria do jornal ficou a favor da menina. **Mas uma parcela bem grande do jornal preferia que a menina não tivesse falado aquilo. É ... e preferia que o meu amigo, que era namorado dela, também não tivesse tomado as dores.** Aliás, no final, os dois acabaram demitidos do jornal – não a menina, mas o meu amigo e o fotógrafo do jornal acabaram demitidos. Mas aí, eu acho que é desonesto dizer que foi por causa disso, porque eles se envolveram numa briga. Então teve depois uma briga que causou a demissão.*

Indagado sobre a percepção de desvantagem por ser homem, Maicon Bock trouxe novas formulações associadas à homossexualidade. Numa das situações, a percepção de discriminação em processo seletivo. Na outra, uma lembrança sobre lesbofobia contra uma colega em Redação.

– Não reparo muito isso. Pode ter algo velado, que eu nunca tenha percebido. Posso falar que ... eu sou gay. Uma vez ... eu participei de uma entrevista. Acho que a questão da diversidade sexual ... não sei se é muito o foco do teu trabalho. Já me aconteceu de eu fazer entrevista para emprego, mas eu nem sabia. Eu tinha ido mais para me apresentar para um determinado veículo e o editor do jornal viu que eu estava com uma aliança. **Ele perguntou se eu era casado e eu disse que sim, pois estava casado com um homem na época. Ele começou a me perguntar e eu senti que isso pesou e me atrapalhou. Eu acho que ele era um cara preconceituoso. Ele logo deu um jeito de encerrar a entrevista, mas senti que ele ficou impactado. Falei que no meu trabalho não muda nada. Eu falei naturalmente, mas senti que ele ficou impactado, me tratou diferente. E não me chamou para a vaga. Não tenho, claro, como dizer que eu não fui chamado para a vaga por isso. Mas senti que pesou, mas também foi o único momento que alguém perguntou isso mais claramente. Mas eu senti um pouco na pele, eu senti que teve assim um pouco de preconceito, sim. (...) Tinha uma editora num jornal em que trabalhei que era lésbica e ela sofria alguns comentários. Claro que quando ela não estava junto, né? Comentários assim: “Ah, ela é assim mal-humorada porque nunca assumiu, nunca saiu do armário. A gente sabe, mas ela nunca comentou”. Já aconteceu assim esse tipo de comentário que eu também sei que já teve em relação a mim quando eu não estava. Colegas também comentam. Parece que depois que você trata esse assunto com naturalidade parece que até diminui o falatório, as conversas. Parece que quando você não quer comentar aquele assunto mais as pessoas se sentem aptas a continuar falando do assunto pelas costas. Mas o que eu mais observo, assim, nessas questões, parece que no caso das mulheres lésbicas é que, se são mal-humoradas, é porque não têm vida sexual. As pessoas acham que normalmente não têm vida sexual, são mais velhas. (...) onde trabalho tem muitos gays. E normalmente tem muitos comentários maldosos. Tipo: “Ah, olha o jeito que o cara fala”. Tem um pouquinho disso. Uma separação de alguns colegas, de não se misturar, sabe? Interessantes essas questões, né? Porque estão muito enraizadas nas cabeças das pessoas. Mas claro, hoje eu tenho uma posição de chefia. E eu tenho um grupo pequeno, mas eu não reparo isso no meu grupo. Acho que a gente fala das coisas bem abertamente.**

A gente tem momentos de confraternização fora da empresa. Namorado vai junto. A gente se reúne aparentemente numa boa. Um pessoal mais mente aberta hoje em dia.

Uma das questões na área de gênero foi sobre a percepção de vantagem ou desvantagem pelo fato de serem homens. João Freire negou desvantagem e ilustrou como vantagem um processo seletivo, ressaltando a supremacia de candidatos brancos:

— *Só na GloboNews eu participei de um processo em que eu vi os outros candidatos. Nos outros empregos, eu não tive essa situação. Então, eu não sei com quem eu estava concorrendo, se eram homens ou eram mulheres. No caso da Globonews, só tinham homens na seleção. Eram em torno de 20 candidatos. E todos homens. Não, tinha negros na seleção. De 20, uns dois. E já era uma seleção para um cargo de chefia.*

Ao buscar uma resposta, Antônio reiterou a sua condição étnicorracial: — *Ah, eu sou homem, sou branco. Eu não vejo assim. Eu acho que, eu, sinceramente, o homem não sofre por ser homem no jornalismo* ao passo em que observa a ausência de restrições no caminho dos homens brancos na metáfora do trânsito de Crenshaw (2004) por perceber impeditivos para essas trajetórias. — *Olha, eu acho que ser homem aumenta a probabilidade dele subir mais alto em postos de chefia, principalmente se na Redação houver mais homens, acho que aumenta a capacidade de ele subir mais rápido a postos de comando.*

Na mesma direção, Lúcio Pinheiro pontua:

— *Nas vezes em que eu fui chamado para trabalhar ou ocupar algum cargo, eu não percebi que houvesse ali uma mulher disputando aquela mesma oportunidade. Mas obviamente que isso existe. Com certeza. Quando me ligaram para fazer o primeiro estágio no jornal, com certeza tinha meninas da minha turma que talvez estivessem com currículo ali e não foram chamadas.*

Para o jornalista Maicon Bock, jornalistas brancas e brancos estão inscritos numa rede de vantagens decorrentes da branquitude (BENTO, 2013): — *Eu acho que tem vantagens. Eu acho que a principal vantagem é não ter nenhuma desvantagem, sabe? Não ter nada contra, sabe? Eu acho que não tem nada contra, na sociedade em que a gente vive.* E questionado se ele mesmo já tinha pensado a respeito, Maicon afirma: —

*Vantagem por ser branco? Olha, eu não vou conseguir te dizer, sabe? **Eu acho que parece com a resposta anterior. Nenhuma desvantagem, né?***

A voz dissonante neste eixo é a do jornalista Marcos Guimarães, para quem não há vantagem nem desvantagem por ser homem branco: – *Não, não, não, não. Não, porque no meu caso vai mais pelo talento e aí ligado ao rádio, né? Nós temos – não sei te dizer porque temos companheiras e companheiros radialistas no rádio também.*

A chefia a cargo de mulheres foi mais enfatizada por Maicon Bock e Antônio Góis, em enunciações semelhantes às das mulheres brancas (Capítulo 7) acerca da maior presença de mulheres nas Redações no eixo de questões referentes à igualdade ou desigualdade de gênero no jornalismo como profissão. O jornalista Antônio identifica um ambiente mais permissivo ao sexismo nas Redações.

– (...) *a minha impressão dentro do jornalismo é que, apesar de ter menos negros na Redação, o preconceito racial eu acho que ele é mais malvisto na Redação do que o sexismo. Porque o sexismo tem aquele machista, o cara que (diz que): “Ah, foi só um galanteio”. Eu acho que no ambiente de Redação os homens ... em reunião de pauta, por exemplo. Ih, já vi em várias reuniões de pauta que ... ah, aparece lá a foto da Dilma¹³² e da ministra Izabella Teixeira¹³³ ... eu lembro ...teve uma charge do Chico Caruso que ele pegou “a coisa tá (sic) ficando feia”... era Dilma, a Izabella Teixeira e tinha uma terceira ministra, que eu não lembro, mas eram três mulheres e era uma charge que ... e aquelas piadinhas na hora de escolher a foto, faz o comentário. Ou então mesmo... vale o oposto. Destaque do dia a dia para Marcela Temer só porque ela é uma jovem bonita pelos padrões do homem, branco, macho, hetero. Eu vejo mais com mulheres. Com negros? Com negros, eu penso ... um comentário desse: “puta, só negão nessa foto?”. Eu acho que seria bem pior recebido do que um comentário: “puta, mas só tem mulher feia nessa foto, sabe?”. Eu pelo menos acho isso. (...) Pelo menos, pela minha vivência ... eu acho ... **eu percebo muito mais comentários sexistas do que comentários racistas.***

¹³² Referência a Rousseff, presidenta da República 2010-2014, 2015-atualmente afastada do cargo devido a processo de impeachment).

¹³³ Ministra do Meio Ambiente no governo Dilma Rousseff (2010-2014, 2015-2016).

*Apesar de ter mais mulheres nas Redações do que negros. Eu acho que cabe ressaltar que a maioria dos meus chefes, a maioria das minhas chefes foram mulheres. É, eu entrei no jornal **O Dia** e a diretora da Redação era uma mulher. E a minha chefe imediata era uma mulher. Na **Folha de S. Paulo**, eu peguei o período em que a Eleonora de Lucena era a diretora, a número 1 na Redação. Acima dela só o Otávio Frias.¹³⁴ E na sucursal do Rio, por muito tempo, eu fui chefiado pela Paula Cesarino, que eu acho que ela se declara negra também. Paula, se me perguntasse se a Paula é negra, eu acho que sim. Eu acho que sim. A gente trabalhou muito e ela adorava essas pautas. E ela via que eu gostava. E em **O Globo** também a minha chefe era a Fernanda da Escóssia, que era minha amiga de pauta. A quantidade de pautas que a gente fez sobre esses temas ... ela adorava as pautas de gênero e raça. E ela sabia que eu gostava também. Então, a gente fez muita matéria junto (sic). Depois a gente fez dobradinha: ela como editora de Política e eu como sub. A gente, em **O Globo**, além da cobertura de Política, tinha também a cobertura de Comportamento, que entrava na nossa editoria. **Então, a gente fez um caderno com esses temas e aí eu sempre tive mais chefes mulheres do que homens.***

Questionei-o se havia diferença entre mulheres e homens na chefia. No trecho abaixo, Antônio Gois traça os perfis a partir de suas lembranças, numa articulação de discurso em formação (FOUCAULT, 2005).

*- Minhas chefes sempre foram muito humanas. Agora, sei lá ... não quero ... muito sensíveis e humanas. Mas na diretoria ... nos postos mais altos que eu vi de comandos tinham mulheres muito duras também. As mulheres com quem eu trabalhei diretamente eram mais humanas, mais sensíveis ao diálogo ... mas eu não digo: “Ah, mulheres são mais sensíveis, mais humanas”. As chefes que estavam em outros patamares tinham um perfil mais agressivo. Davam esporro ... O esporro delas era tão duro quanto o esporro de um homem, enfim. Então, eu não ... eu tenho medo de dizer que era assim porque eu trabalhei com chefas maravilhosas e chefes maravilhosos. **Eu não vi uma mudança de padrão no comportamento, não.** Agora, uma coisa ... nas pautas, no comportamento com os chefes, com os subordinados. **Agora nas pautas eu vejo um olhar muito diferente. Aí eu vejo na pauta – aí de novo – eu não sei se é porque eu trabalhei com Paula Cesarina,***

¹³⁴ Dono do jornal.

Fernanda da Escóssia, duas que tinham muito essa questão de gênero e raça, que gostavam desse tema e colocavam esse tema. Então, eu tive uma boa relação com elas porque é um tema que eu sou apaixonado, então elas me davam corda, me davam espaço. Era uma ... eu acho que sim... tem mulheres em postos de comando em que você tem um olhar diferenciado para a pauta. Alguns temas surgem mais do que outros. Agora, no dia a dia, no comportamento da Redação, eu acho que dizer mais A ou mais B é cair no estereótipo de dizer: “Ah, mulher é mais doce, mais sensível”. Eu não concordo, não resumiria a isso. Ah, eu acho que elas estão muito vulneráveis fora do ambiente de Redação também. Quando elas saem para ... em pautas ... uma pauta, minha mulher que é jornalista conta que está numa entrevista ... eu como homem nunca, quando entrevistando uma mulher, ouvi de uma mulher um gracejo assim: “Nossa, mas você é tão bonitinho”. Ou: “Ah, não posso falar com você agora, tá, cheiroso?”.

Em mais de dez anos de trabalho como jornalista, Maicon Bock acentua:

– Talvez eu vou me contradizer. Mas eu acho que sim. Hoje, nas Redações, sabe? Eu acho que eu tive mais chefes mulheres do que homens, chefes imediatos, chefes de reportagem. Geralmente, são mulheres, né? Eram mulheres. Eu acho que ... eu acho que sim. Mesmo que no início eu tenha falado que os homens têm mais oportunidade, mas pensando mais a fundo – nos locais em que trabalhei – eu tive mais chefes mulheres do que homens.

Acerca da caracterização de igualdade ou desigualdade de gênero no jornalismo e as ações das empresas, o jornalista Marcos Guimarães foi o único a reconhecer a igualdade como uma realidade nas empresas jornalísticas. A partir das suas experiências na mídia alagoana, o jornalista afirmou: – *Olha, aqui eu observo que somos iguais mesmo.* No Distrito Federal, o jornalista João Freire percebe sinalizações de mudanças nas relações de gênero no jornalismo como profissão, embora o classifique como desigual.

– Olha, eu acho que há uma mudança nesse perfil. Acho que em todas as empresas, as mulheres tinham muito menos oportunidade de ascensão e chefia, de gerência para cima e hoje não é dessa forma. Mas não tenho como afirmar se há um equilíbrio. Me parece que não. Mas, assim, sem ter uma pesquisa ou informação que possa me comprovar de uma maneira mais clara. Mas acho que hoje tenha um equilíbrio

maior sim. (...) Então, eu acho que há um caminho de democratização ou de igualdade sendo construído, até porque a gente vive um momento de comunicação pós-massiva, né? Então, eu acho que todos podem ser produtores de conteúdo midiático, publicar conteúdo midiático. Então, eu acho que ainda não tem um equilíbrio total de forças, mas com certeza diminuiu a desigualdade. (...) Olha, eu acho que não é justo que as empresas façam isso de maneira ostensiva e acho que nenhuma delas assume que faz isso, né? Como eu disse, pode estar na regra de alguma empresa, mas não de forma escrita. Há um acordo tácito de falar: “Olha, você sabe qual é o perfil que eu quero que você contrate, entendeu?”. Então, eu acho que, como não é uma coisa assumida, é mais fácil de ser, de se ser, de se propor alguma mudança. Não sei, não me ocorre o que seria ... mas talvez o reconhecimento dos empresários de que a representação equilibrada dos que compõem a sociedade brasileira na tevê, principalmente, onde se tem uma visão mais clara das pessoas. Num texto de site, você não sabe se é branco ou negro. Com o nome, claro, você vai saber se é homem ou mulher, mas não sabe se é branco ou negro.

Do Amazonas, Lúcio Pinheiro também enuncia a desigualdade de gênero no jornalismo como profissão:

– Ainda há uma diferença bem enorme entre os dois (mulheres e homens), principalmente na questão salário. Acho que ainda há bastante desigualdade. As Redações ainda refletem muito as mesmas situações da sociedade de um modo geral. E eu acho que as empresas também, como outros setores da sociedade, ainda estão muito insensíveis para essa realidade. Eu acho que falta mesmo olhar, preparar e refletir sobre as Redações. Mas eu acho que isso ainda é uma das menores preocupações dos empresários e donos dos jornais no momento. Assim como fora das Redações, nas nossas casas, nas ruas, as pessoas ainda teimam, relutam em enxergar isso. As pessoas ainda acham que é normal e até tachando de chato quem bate nesse martelo, nessa questão.

No Rio Grande do Sul, a teia das disparidades de gênero começa a ser desfeita na avaliação de Maicon Bock:

– Se a gente olhar para mais atrás um pouco, a gente vai ver que está num momento bem melhor. Eu acho que as empresas vão mudar e vão melhorar ao longo do tempo e de acordo com as pessoas que estão lá. Eu acho que as pessoas ... as novas

mentes chegando elas ajudam a mudar essa mentalidade. Eu acho que as empresas devem incentivar a contratação de profissionais com perfis bem diferentes, sabe? Ter mais mulheres nas equipes, ter gays, ter pessoas de diferentes faixas etárias. Aqui, no Rio Grande do Sul, o que eu mais observo ultimamente é que as pessoas mais velhas estão tendo menos oportunidades. Cada vez mais as empresas querem demitir as pessoas que têm salários mais altos, com mais de 25, 30 anos de profissão. As empresas mandam embora essas pessoas. A gente está tendo uma juvenização das profissões. Eu acho isso um pouco ruim porque a gente aprende com quem tem uma bagagem maior. Mas eu acho também, por outro lado, vejo que estão ingressando no jornalismo pessoas que têm a mente mais aberta para essas questões que a gente está falando, questões sociais. Acho que estão vindo aí pessoas com mentalidades menos preconceituosas, questões como igualdade de gênero, diversidade sexual. Eu estou vendo um povo muito bacana chegando.

No Rio de Janeiro, Antônio Góis percebe que o cenário de mudança e os núcleos decisórios ainda são impermeáveis à entrada das mulheres.

*– Olha, eu acho que ainda é uma profissão com desigualdade de gênero, mas eu acho que essa desigualdade no jornalismo tem diminuído em ritmo maior do que em outras carreiras de nível universitário. Eu acho que no jornalismo tem caído mais porque as mulheres ... muitas mulheres chegaram a postos de comando. Eu acho que ainda é ... os conselhos editoriais, talvez aí você possa, você consiga ver isso ... os conselhos editoriais ... O da **Folha** eu sei que é publicado, o de **O Globo** eu acho que também é público, mas esses conselhos são muito masculinos ainda. Eles são de muito alto comando. Então, é ... eu acho que ... esses conselhos ... a minha suspeita é que esses conselhos são muito masculinos. Ainda é muito masculino nos conselhos editoriais. Agora, se você for fazer uma pesquisa nas editorias, uma pesquisa nos três principais jornais do País quem é o editor ou a editora de Política, de Saúde, eu acho que você já vai ter mais diversidade. Eu arriscaria dizer que, se você não tem meio-a-meio, você vai ter próximo. Há um tempo atrás, **O Globo** só tinha mulher: a editora de Economia era mulher, a editora de Política era mulher – a Fernanda, minha chefe –, a de Cidades, Adriana. Você tinha ... e eram as principais editorias. Não estou falando que tinha mulher*

*no caderno de Moda ou no Segundo Caderno. Eu estou falando nas editorias, ali, sensíveis e ultra ... então, assim, eu acho que nas editorias já é quase meio-a-meio, se não for mais. No aquário, aí vai variar um pouco, mas é um pouquinho menos. **E quando chega no corpo editorial, que é um órgão muito importante, que orienta e dá orientações de cobertura, não está no dia a dia, mas está pensando o que é o jornal, mas nesse espaço eu acho que tem menos mulher. Eu acho, né?***

Outro eixo importante da entrevista é sobre as relações raciais, com vistas a apurar a ação ou não de assimetrias de gênero pelas formas simbólicas de jornalistas brancos. Somente Marcos Guimarães enuncia a igualdade entre jornalistas negros e brancos no estado de Alagoas frente à negação de práticas racistas nas Redações em que trabalhou: ***Olha, que eu me recorde, não. Não é? Agora, pode ser que tenha acontecido. Mas eu não me recordo, não. A gente aqui está naquela de que todos são iguais.***

Para o jornalista Lúcio Pinheiro, a desigualdade racial é a tônica das Redações das empresas jornalísticas no estado do Amazonas. A começar pela posição de poder e decisão, atribuindo responsabilização para as empresas em processos seletivos e de promoção:

*– Eu acho que ... primeiro ... **pelo menos na Redação onde eu trabalho, tem poucos negros. E eu acho que isso já é um grande sintoma de que muita coisa está errada: o acesso à universidade, ao curso de Jornalismo. Os que estão dentro estão propensos a todo tipo de preconceito. Eu acho que isso é algo muito marcante ainda. (...) Não, pelo menos na Redação onde eu trabalho, eu não ... nos sete anos em que estou eu nunca vi nenhum negro ou uma negra ocupando postos de destaque na Redação. Eu não acho que ainda há igualdade. E eu acho que o caminho das empresas é assim ... é selecionar melhor, é ver no momento da seleção. Dar oportunidades iguais e se atentar para essa questão. Ter consciência de que há uma grande desigualdade, uma grande barreira impedindo que pessoas negras tenham acesso, assim como à universidade, tenham acesso à Redação, à vaga de emprego. Acho que o caminho é esse: a consciência da empresa e melhorar a seleção.***

De acordo com João Freire, o mercado de trabalho para jornalistas ainda se apresenta como restrito a jornalistas negras e negros, embora resvale no mito da

democracia racial e na negação do racismo na tentativa de justificação social da hierarquização racial. Uma de suas enunciações é reveladora do dispositivo da racialidade/poder (CARNEIRO, 2005) no que tange ao discurso fundador nacional do mito da democracia racial.

– Olha, é ... eu acho que há uma discriminação mais social do que racial no jornalismo. Por exemplo, um profissional de uma carreira mais humilde, por exemplo, marceneiro ou faxineiro, ele é sistematicamente identificado no jornalismo como Seu João, Dona Maria. Ele não é identificado pela profissão. Enquanto que é bem comum você ver – quando se trata de uma pessoa que tem uma posição melhor – ser identificada a engenheira Maria ou como o empresário João, onde a própria apresentação da matéria já faz distinção. Agora, como a maioria ... não sei se eu estou falando besteira ... mas eu acho que tem mais negros pobres que brancos pobres. É ... acaba sendo um segundo componente de discriminação pelo conteúdo. (...) A igualdade com certeza não existe. O que você vê nas Redações ... aí de maneira geral, independente de ser online, impresso, tevê, não interessa. Você vê, hoje, uma predominância de profissionais brancos e mulheres. Hoje, tem muito mais mulheres do que homens na profissão, hoje em dia. E aí é que eu digo. Eu acho que seria interesse das empresas de comunicação, embora eu acho que elas não percebem isso, de elas terem uma representatividade maior da composição da nossa sociedade. Traduzindo isso numa presença maior de negros na composição de suas equipes para você ter uma, uma aproximação maior com a sociedade. A partir do momento em que você dá mais diversidade na sua composição, você vai ter mais diversidade, porque não é obrigatório e aí depende dos filtros que você tem no processo de produção.

Sobre as relações raciais, Maicon Bock também percebe as desigualdades raciais decorrentes do racismo, as quais prejudicam até mesmo suas reflexões devido aos poucos colegas negras e negros.

– (...) eu acho que todas as minhas análises ficam prejudicadas, porque é tão desparelho. São tão poucos negros nas Redações que fica difícil dizer que tem, sabe? Eu acho que, por ter tão poucos negros, dificulta e os brancos vão acabar tendo mais chance de chegar a um cargo maior, por exemplo, porque estão em maior número.

*Agora, analisar se é uma questão de preconceito ... mas aparentemente eu acho que os homens brancos, as pessoas brancas teriam mais chance pela sociedade que a gente vive. (...) Eu acho que é uma sociedade ainda preconceituosa, hipócrita. Todo mundo diz que não tem preconceito, que aceita os gays, os negros e que contratariam funcionários brancos, negros, gays. Mas na prática acaba não sendo assim, sabe? Acaba tendo um favorecimento. Isso acontece também tendo uma beleza física maior que outro, acho que independe da cor. Eu acho que elas acabam tendo vantagens, as pessoas mais bonitas, para algumas funções também. (...) **Acho que nessa questão de raça ainda é muito desigual. Eu ainda continuo observando – eu acho que falei isso ao longo da nossa conversa – eu acho muito discrepante.** Ao longo da nossa conversa, eu fui tentando lembrar do local onde trabalho, dos outros setores da empresa e são muito poucos os colegas negros jornalistas. Acho que falta um pouco disso: ter mais pessoas para ampliar essa visão e essa harmonia que eu acho que tem que ser diferente.*

A metáfora do trânsito de Crenshaw (2004) para explicar o conceito de interseccionalidade de gênero, raça e classe social novamente é ilustrativa no depoimento do jornalista Antônio Góis. No dizer de Carneiro (2005), o dispositivo da racialidade/biopoder no contexto do racismo e das relações raciais no Brasil alça a branquitude ao signo da vitalidade da gestão de carreiras, em particular das carreiras jornalísticas.

*– **No caso de homem branco, eu acho que não tem empecilho. Não é que ser branco que incentiva ou aumenta a probabilidade de a pessoa chegar mais rápido na Redação, mas que branco tem empecilho em caso nenhum, entendeu? Você ser branco ou ser homem é zero empecilho para você exercer um cargo de comando. Essa é a vantagem: é você não ter empecilho.** No caso de negro é que são poucos. São pouquíssimos hoje. em cada Redação que eu trabalhei, você contava nos dedos os jornalistas negros. E continua contando. Eu vejo muito menos progresso nesse caso específico, de crescimento de negros nas Redações, do que novos, tantos alunos negros chegando. Então, e acho que é um problema que não se resolve só na Redação. Agora, o que eu ... **eu continuo insistindo que, para mim, isso se reflete muito no produto. Então,***

por exemplo, a pessoa que não se dá conta de ver que numa capa de revista só tem branco. A pessoa não percebe.

Ao pensar as relações raciais no jornalismo, Antônio Góis articula a dimensão de gênero sobre o trabalho de mulheres e homens na profissão. Na avaliação do jornalista, o racismo operacionaliza-se de maneira mais perversa em termos de discriminação no mercado de trabalho.

*– (...) no caso da mulher, a gente pode analisar o jornalismo como homens e mulheres estão meio-a-meio na profissão. Se não tem mais mulheres. É mais fácil você ver o peso da discriminação na Redação. Se você for tentar pesquisar qual o peso da discriminação na Redação, aí, como pesquisadora, você vai ter mais facilidade de ver isso, porque mulher é meio-a-meio. Se você quer ver discriminação na Redação. **Mas o que acontece no jornalismo é que antes mesmo de chegar na Redação. Tem a discriminação, a desigualdade racial nossa, de País, no jornalismo, nas Redações. Então, se são poucos os negros jornalistas, vão ser poucos os negros nos cargos de chefia. Por óbvio, porque são menos. Mas, no caso da raça, eu acho que tem problema. No caso das mulheres, eu acho que não tem problema. O acesso aos cursos de jornalismo já está bem meio a meio, mulher e homem. Mas, em casos raciais, não. Nos casos raciais ainda tem muito trabalho a ser feito para que mais negros cheguem ao jornalismo. Isso vale para outras profissões também.***

Para o jornalista Antônio Góis, as desigualdades raciais implicam ação por parte das empresas jornalísticas.

*– Olha, eu defendo que você precisaria ter políticas afirmativas nas Redações, de ações afirmativas nas Redações. Não cota. Cota eu acho que é uma discussão mais para o ensino superior. Não, precisa ser cota. Mas uma preocupação de você ter mais negros em postos de comando., em Redações não porque **eu acho que as Redações precisam ter mais diversidade para entender o valor da diversidade.** Eu acho que não é para prestar contas para a sociedade: “Ah, temos que”... Não, não é por isso. Mas porque eu acho que as Redações têm de enxergar que a diversidade ... não, não que ela é boa, não ... **ela é fundamental para a sobrevivência do produto, porque a gente está falando para uma sociedade que é diversa.** Eu defendo muito que tem que ter uma*

preocupação na Redação que você tem que ter em todos os cargos de chefia homem, mulher, negro, branco, gay, hetero, gente que veio de Nova Iguaçu, gente que foi criada no Leblon (bairros do Rio de Janeiro). Essa diversidade é fundamental para o produto jornalístico. Não porque tem que ter cota. Eu acho que as Redações têm que ter ... eu sou a favor, claro, deixar claro que sou a favor das cotas ... Mas, no caso da Redação, o motivo deveria ser perceber que a falta de diversidade atrapalha o produto, diminui a qualidade do produto e prejudica o negócio até no sentido de não perceber que perde leitor porque você fala, quando você fala com um público só, com um uma linguagem só. Você tem que ter gente de esquerda, comunista, petista, tucano, tem que ter ... a Redação tem que ser um ambiente não de iguais, mas tem que ser um ambiente de conflitos. Os conflitos têm que aparecer porque eles estão na sociedade e essas divergências têm de estar, têm de existir nas Redações para que o produto seja melhor.

Na revisão de suas trajetórias profissionais, alguns dos jornalistas brancos se apresentaram como sobreviventes e outros vincularam a revisão de suas carreiras às suas origens humildes. Para Marcos Guimarães, a sua carreira pode ser explicada por altos e baixos: – *Olha, eu sou assim, num lugar eu subo e de repente eu desço, né? Você vai lutando e abrindo espaço, né? Bom, eu sobrevivi até agora.* Para o jornalista João Freire, a sua carreira está na média. *Eu não vi nada que ... não vejo nada discrepante nem para melhor nem para pior.*

Maicon Bock reporta-se à condição socioeconômica e à sua identidade de gênero:

– *Eu... como vou dizer? Eu acho que eu sou um cara muito iluminado, assim. Porque, por exemplo, eu nasci numa comunidade muito pobre, em Sapucaia do Sul. Meu pai era caminhoneiro. Minha mãe era dona de casa. Pessoas pobres que tiveram toda uma luta. Pessoas que depois de 20 anos de casado é que foram ter a casa própria, sabe? Moravam de aluguel, de favor. No meu caso, eu acho que dei muita sorte e acho que isso tenha sido muito importante para mim, para eu ter uma visão com menos preconceito. Nasci entre pessoas mais humildes. E, às vezes, no jornalismo, a gente acaba tendo contato com colegas que sempre tiveram muita grana, muitas oportunidades, os melhores locais. No meu caso, eu acho que tive sorte, de sair, trocar de empresa, ir melhorando profissionalmente. O cargo em que estou hoje que eu acho*

que é muito bacana para a idade que eu tenho. O que eu quero dizer? Pelo fato de ser gay também. Eu acho que eu não senti tanto preconceito de trocar de empresa, de postos. Apesar de ter situações pontuais sobre preconceito, eu acho que não foi contra mim. Nunca foi levado em conta porque não quer dizer nada, não me faz melhor nem pior. Eu acho que foi sorte. Não sei se ... acho que não dá pra (sic) dizer exceção, sabe? Mas acho que poderia ser tudo mais difícil. Eu acho que é por isso que eu falo, eu acho que tem tanta gente disputando as vagas. E eu me consegui me colocar e, muitas vezes, sem conhecer pessoas diretamente, sabe? Vejo os passos que eu dei e foi meio que, assim, eu quero trabalhar naquele local. E perguntava para algum colega e perguntava: com quem que eu falo. Foi meio assim, me apresentando, foi por conta própria. Nunca foi vai lá e contrata o Maicon porque ele é meu amigo ou eu conheço ele. Não. Nunca tive isso. Eu tive que ir abrindo os meus caminhos.

Lúcio Pinheiro também evoca a sua condição socioeconômica

– A minha trajetória é uma ... eu considero como exceção, porque, apesar de eu me considerar branco, a minha origem é humilde. Com pais sem sequer o Ensino Fundamental completo e eu tendo uma formação também muito frágil. Tanto que eu fui conseguir passar na universidade com 25 anos e trabalhar como vigia durante toda a faculdade. Eu considero uma exceção. Acho que poucos ... foi uma barreira, uma grande luta entrar na universidade, né? Mas depois, dentro da universidade ..., saindo da universidade, as coisas até que correram um pouco fáceis. Logo eu consegui me desenvolver bem dentro da profissão, mas eu sinto que foi uma barreira, assim, por causa da origem humilde.

Voz dissonante é a do jornalista Antônio Góis, que dispunha de uma rede de relacionamento por ser filho de um jornalista renomado: Ancelmo Góis. Como sujeito-discursivo, Antônio distingue-se de todo o grupo de entrevistadas e entrevistados e mostra consciência sobre os benefícios da branquitude.

– Eu acho que sou exceção porque, além de eu ser homem branco ..., não sou exceção por ser homem branco, porque isso nunca me prejudicou. Mas tem uma coisa muito particular. Meu pai é um jornalista de algum conhecimento no meio, de alguma reputação. Então, assim, eu fui muito facilitado, mas fui prejudicado às vezes. Tem

situações em que fui prejudicado, porque a pessoa achava que eu estava ali porque eu era filho do meu pai. Ou a pessoa achava que eu tinha conseguido a história porque eu era filho do meu pai. Então, isso me prejudicou em alguns momentos. Mas, na maioria dos momentos, me colocava a favor porque me colocava ... **eu era estagiário na Redação e chegava ... ia lá ... sei lá, ia lá o governador do estado visitar a Redação e aí alguém chamava, passava no corredor e falava: “Ah, esse aqui é o filho do Ancelmo”. “Ah, você é filho do Ancelmo, é?”. Isso me beneficiou muito. Dizer que eu não fui beneficiado ... minha mulher brinca: “Você fez anos de análise até conseguir colocar isso”. Mas é claro que eu fui beneficiado por ser filho do meu pai. Muito mais beneficiado do que prejudicado, porque eu estava no meio. Eram os amigos do meu pai que me conheciam. Muitos dos meus chefes era gente que frequentava a minha casa. Então, já sabia, sabia quem eu era, a minha capacidade. E eu acho que isso também gerava ... em alguns casos gerava mais tolerância e, em alguns casos, gerava até mais rigor. Eu até agradeço a um chefe que eu tinha, porque ele batia mais em mim sabendo que ... eu sou exceção por esse motivo. Eu sou exceção por esse motivo.**

O último eixo da entrevista semi-estruturada é sobre como eles – jornalistas brancos – vislumbram o futuro do jornalismo como profissão. Para Lúcio Pinheiro, ainda persistem os ideais do jornalismo: – *O jornalismo, de uma forma geral, eu não acredito no fim. Eu acredito no fim de alguns meios como o jornal. Acho que vai sobreviver e a sua importância vai continuar para sempre. Não vejo uma sociedade democrática e desenvolvida sem a atividade do jornalismo.*

Maicon antevê a continuidade da profissão mesmo diante das mudanças tecnológicas e das novas plataformas de consumo de conteúdos informativos.

– *Alguém para ser um intermediador, digamos assim, do conteúdo. Esse intermediador sempre será necessário. A gente vê os novos meios, a internet, cada vez mais tem notícia falsa, gente mal-intencionada. Acho que cada vez mais vai precisar ter um jornalista para distinguir o que é verdade e o que não é. Confiar em veículos. Eu acho que vai ter mudanças. Eu acho que a gente está migrando para ter uma coisa só. Telas que ... computadores que vão ser rádio e jornal, sabe? Eu acho que ... eu sempre brinco que faço parte da última geração de jornal impresso. Eu trabalho em jornal*

impresso, mas eu acho que o fim é inevitável. Acho que não faz mais sentido ter jornal impresso com todos os custos envolvidos, sabe? Acho que a gente vai migrar pra (sic) algo assim integrando todos os meios, rádio, tevê e jornal, numa tela assim. Mas acho que vai continuar precisando de jornalista.

A inexigibilidade do diploma de jornalista transpareceu nas enunciações de Marcos Guimarães como fator desestabilizador da profissão.

– Olha, me preocupa muito a nossa profissão porque com essa, com o avanço da tecnologia... nós temos blogs, aí, informando... a web tem ... e aí, você se prepara ... E ainda ... primeiro com a história do Gilmar Mendes quando ele cassou a nossa profissão. E ... com maior respeito aos cozinheiros, mas nos colocou iguais a quem estava numa cozinha ... Então, nós temos aí para frente que vencer essa dificuldade, para que a gente possa ... se não a gente vai continuar com fragilidade. É uma profissão que vive uma fragilidade constante.

O jornalista João Freire considera que as novas tecnologias descentram o jornalista e a profissão na produção de conteúdos noticiosos e informativos. E avalia como saturada a defesa do diploma para o exercício do jornalismo como profissão.

– Eu acho que a comunicação como um todo, não só o jornalismo, está mudando muito, principalmente por essa possibilidade de as pessoas com um celular de R\$ 300,00 produzir um vídeo e acompanhar o que acontece pela internet e, principalmente, ter acesso a fontes de informações diversas que não a da mídia hegemônica. (...) Então, tem muita gente que tem formação na área, que tem formação em comunicação, fazendo trabalhos muito interessantes, e essa é uma outra mudança importante. E eu acho que, quando a discussão da profissão se resume a alguns debates sobre a obrigatoriedade do diploma ou não, eu acho uma grande besteira isso, porque, enquanto está se discutindo uma questão legal, a vida real já atropelou isso faz muito tempo. E a obrigatoriedade do diploma já foi usada, no passado, como instrumento de repressão. Afinal, ela foi criada durante a ditadura militar. A realidade hoje é outra. A realidade é essa de que as pessoas, os movimentos sociais, as instituições não dependem mais do aval da grande mídia para divulgar as suas ideias, seus conteúdos, suas queixas, suas reivindicações, enfim. Isso é uma reivindicação muito significativa, tanto

*que, inclusive dentro das áreas de comunicação nas esferas de governo, a produção e conteúdo cresce e a relação com a imprensa diminui em função justamente dessa mudança. **Você não precisa mais obrigatoriamente passar por um veículo de comunicação para que você se comunique com a sociedade. Então, da mesma forma que o movimento social pode falar diretamente com a sociedade, uma instituição, uma empresa privada grande pode falar direto com a sociedade. O governo pode falar direto com a sociedade, usando os seus canais institucionais de comunicação. Isso também é uma outra mudança muito importante. E dentro desse conjunto novo de mudanças, o que vai sobreviver? Eu acho que é o conteúdo de qualidade. Se você tem formação ou não tem formação, mas se você produz um conteúdo de qualidade, relevante, isso vai ter público, vai ter consumo, vai ter interesse e tende a se manter, né? E não é só conteúdo sério. É conteúdo de entretenimento de qualidade. Não é falar que só se deve tratar de conteúdos relevantes e sociais. Você pode ter humor, você pode ter entretenimento, você pode ter lazer, porém, com qualidade, para que você possa atingir o público. Então, a gente está começando uma mudança. A internet, no Brasil, tem 20 anos. A popularização da tecnologia tem menos de dez anos, porque, quando você pega dez anos atrás, celular com câmera não custava menos do que R\$ 1.500,00 e não tinha a qualidade de um celular que custa hoje R\$ 500,00. Então, sem descontar a inflação, já é uma redução de 75% do valor do aparelho. A internet, apesar de ser muito limitada, de baixa qualidade e muito cara, ela continua se expandindo no Brasil. E essas são mudanças que interferem na vida das pessoas e na vida das instituições.***

Na avaliação de Antônio Góis, o futuro traz novas possibilidades de produção de informação, mas ainda obscuridades sobre o trabalho jornalístico.

*– **Mas é um futuro diferente do que se imaginava do que quando eu entrei nas Redações. Acho que tem futuro porque sempre vai haver necessidade de gente falando de forma qualificada sobre determinados assuntos. Nesse sentido, vai sempre... em algum momento vão reinventar os meios e as formas de negócios para que isso exista. Agora, eu acho que não vai ser mais igual. Em algumas coisas, vai ser pior, porque as grandes Redações se elas tinham, às vezes, as coisas amarradas, seus vieses, suas idiossincrasias, mas eram espaços de trocas entre novatos e experientes. Eram espaços***

em que ainda havia, em algumas Redações, investimentos em grandes reportagens. Isso eu acho que é ... isso está ameaçado. Não é que eu acho que vai deixar de existir. Vai existir em menor escala, porque até agora ... sou pessimista no sentido assim de que nenhuma nova plataforma fora de Redação, até hoje, se provou sustentável a longo prazo. Esses projetos de coletivos de jornalistas, esses projetos de coletivos jovens contam muito com a coisa espontânea jovem. Mas esses jovens aí vão estar casados e vão ter ... não sei até quando, né? E na hora em que for cutucar um político? Uma pauta mais delicada ter mais, qual é o departamento jurídico que vai proteger um repórter como, por exemplo, o Chico Otávio dos dez processos que ele leva por ano porque investiga A, B ou C. Eu não vejo ainda solução para isso. Esse é o espaço para jornalistas fazerem bem o seu trabalho. Esse espaço eu temo que vá diminuir, esse espaço que é tão fundamental para a profissão, esse olhar ... investimentos em grandes reportagens. Eu sou pessimista em relação a isso.

Nas cinco entrevistas, os jornalistas brancos constroem materialidades sobre a incidência do racismo e do sexismo no jornalismo como profissão. Mesmo em passagens associadas ao mito da democracia racial ou da negação do racismo e do sexismo, são notórias as enunciações demarcadoras das disparidades de raça e gênero na profissão, as quais demandariam, como exposto pela maioria dos entrevistados, ações das empresas para a transformação dos mecanismos de exclusão e de discriminação interseccional (CRENSHAW, 2002).

PARTE IV INTERPRETAÇÃO/RE-INTERPRETAÇÃO

Recordar é preciso

(Conceição Evaristo)

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos

A memória bravia lança o leme:

Recordar é preciso.

*O movimento vaivém as águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,*

salgando-me o rosto e o gosto.

*Sou eternamente naufraga,
mas os fundos oceanos não me amedrontam*

e nem me imobilizam.

Uma paixão profunda é a bóia que me emerge.

Sei que o mistério subsiste além das águas.

CAPÍTULO 10 PARRESIA NAS FORMAS SIMBÓLICAS DE JORNALISTAS

A dinâmica da interpretação/re-interpretação corresponde ao terceiro e último enfoque da hermenêutica de profundidade. Por tratar-se de um processo subjetivo em que a figura da sujeita-intérprete ganha relevo, recupero as formulações de Thompson (1995), com o propósito de elucidar, mais uma vez, o referencial metodológico da hermenêutica de profundidade que guiará a etapa derradeira de síntese dos achados.

De acordo com Thompson (1995), a interpretação/re-interpretação

[...] interessa-se pela explicitação criativa do que é dito ou representado pela forma simbólica. Analisa a construção criativa de um possível significado. A face de interpretação se constrói a partir dos resultados da análise sócio-histórica e da análise formal ou discursiva, mas ela vai além deles, num processo de construção sintética. Ela emprega a análise sócio-histórica e a análise formal ou discursiva para iluminar as condições sociais e as características estruturais da forma simbólica, é procurar interpretar uma forma simbólica sob essa luz, procura explicar e elabora o que diz, o que representa, o que lhe diz respeito. Esse processo de interpretação é ao mesmo tempo um processo de reinterpretação, no sentido que é a reinterpretação – mediada pelas frases do referencial da hermenêutica de profundidade – de um objeto – domínio que já está interpretado e compreendido pelos sujeitos que constituem um mundo sócio-histórico. Ao oferecer uma interpretação das formas simbólicas, estamos reinterpretando um campo pré-interpretado e, assim, engajando-nos num processo que, por sua própria natureza, faz surgir um conflito de interpretações. (THOMPSON, 1995, p.34).

Na sequência aglutino a operação interpretativa/re-interpretativa por grupos raciais e intragênero, a exemplo dos Capítulos 6 a 9: i) jornalistas negras (10.1); ii) jornalistas brancas (10.2), jornalistas negros (10.3), jornalistas brancos (10.4), acrescentando as perspectivas sobre o futuro do jornalismo como profissão no Brasil nos dizeres de todas e todos profissionais entrevistados (10.5).

A proposta interpretativa a seguir apresentada baseia-se nas tentativas de articulações das dimensões de raça e de gênero. Organiza-se em torno do exercício de alinhavar novos contornos ao jornalismo como profissão no Brasil, considerando a incidência do racismo e do sexismo nas relações profissionais seja na Redação (chefias, colegas), na relação com as fontes e a audiência desde as vivências de jornalistas.

10.1 Jornalistas negras

O caminho interpretativo desta tese norteia-se pelos rastros hermenêuticos (GAMADER, 2007a) iluminados pela teoria feminista negra, em que o balizador é composto pelas formas simbólicas das cinco jornalistas negras entrevistadas e na interpretação das demais 16 entrevistas. Conforme Gadamer (2007a, p. 99), “a hermenêutica descreve muito mais o âmbito conjunto do entendimento inter-humano” num esforço constante em que o rastro, quando “frequentemente percorrido, ele se transforma em caminho” (GADAMER, 2007a, p. 118).

Na contracorrente do inter-humano, o racismo e o sexismo solapam a humanização da sujeita negra pelo dispositivo de racialidade/biopoder numa operacionalização que perpassa a existência das mulheres negras. Ao afirmarem-se como sujeitas, no dizer de Lélia Gonzalez (1984, p. 225), em **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**, as mulheres negras “assumem a própria fala” e ao fazerem isso rompem a “lógica de dominação”, a qual tenta “domesticar”. Na irreverência *pretuguesa* de Lélia Gonzalez: agora o “lixo vai falar, numa boa” (1984, p. 225) para dizer “cumé, que a gente fica?”.

Ao longo do Capítulo 6, as enunciações das jornalistas negras selecionadas compuseram um mosaico discursivo coeso em termos de experiências e vivências comuns entre as cinco jornalistas entrevistadas: Cleidiana Ramos, Flávia Oliveira, Luciana Barreto, Joyce Ribeiro e Juliana Nunes, como integrantes de um grupo intrarracial e intragênero. Como mulheres negras, elas rememoraram suas vidas e reconstituíram uma espécie de genealogia do racismo nas suas trajetórias pessoais.

Indagadas por esta sujeita-intérprete – também integrante do grupo intrarracial e intragênero das mulheres negras – sobre a escolha do jornalismo como profissão, elas deslocaram-se no tempo – do final da adolescência, momento de escolha profissional – para a infância, evidenciando uma mescla entre a sujeita da *tékhne* (FOUCAULT, 2006) sob a égide da hermenêutica da sujeita pela sua pertença racial. Esse ciclo da hermenêutica da sujeita jornalista negra pode ser sintetizado no dizer de Flávia Oliveira: ***Minha mãe falava e eu repito: deixei de ser branca para ser franca. Isso é essencial na***

construção porque o não-dito oprime demais. Metade da minha vida foi assim. Eu sei bem o que é os dois momentos. De acordo com Neuza Santos Souza (1983, p. 17), “saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em potencialidades”.

Uma existência perpassada pelo racismo e pelo sexismo pode expor a conotação da continuidade da ação sistemática e sistêmica de opressões, mas também, como aponta Neusa Santos Souza (1983, p.77), “tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração”.

A memória infante das jornalistas negras exhibe as marcas do racismo em enunciações diretas e profundas, que são partilhadas pelas mulheres negras brasileiras em geral. Por Juliana Nunes: *eu sofri muito racismo na escola. Fui chamada de macaca todos os dias.* E por Flávia Oliveira: *Na minha infância e na juventude, eu sofri muito com manifestações de racismo, claro, porque você briga na escola e é chamada de macaca.*

Os efeitos decorrentes do dispositivo de racialidade/biopoder (CARNEIRO, 2005) pela ideologia do branqueamento – desencadeadora de uma série de vivências entre mulheres negras – compõem um conjunto de experiências singulares, narradas somente pelas jornalistas negras de maneira explícita. A manifestação vai desde conversações familiares ao valor estético das mulheres. Na vivência de Flávia Oliveira: *Ela repetia uma frase da minha avó: ‘na minha casa, não entra ninguém mais preto do que os meus filhos’. Então era um ideal de embranquecimento explícito. (...) elogiava a minha mãe, dizendo que ela tinha barriga limpa, porque gerou uma filha mais clara. (...) Em certa medida respirava aliviada por não ser tão preta quanto os outros pretos, porque isso faz diferença mesmo essa gradação de cor.*

Em **Feminismo negro em construção**, Rosália Lemos (1997) aferiu, nas enunciações de ativistas negras do Rio de Janeiro, o impacto do racismo na identidade negra pelos chamados tratamentos capilares. Conforme a autora, “isso se dá porque os

cabelos “carapinhados”, o “pixaim”, são vistos como “ruins”, e de tão “sujos” que, para ficar “melhores” e mais “limpos” devem ser alisados” (LEMOS, 1997, p.32). Por Juliana Nunes: *alisava o meu cabelo desde os nove anos*. E também por Flávia Oliveira: *Minha mãe fazia toda sorte dos meus cabelos, ou era muito preso, ou era alisado, ou era henê, ou era pasta, ou era ferro quente*. Atributos identitários negativos que somente podem ser rompidos com a consciência negra e a reconstrução/positivização da identidade racial negra. No dizer de Flávia Oliveira: — *A beleza da mulher negra não estava posta na minha vida. (...) Você levar 17 anos para pensar que você pode ser uma mulher bonita, é tempo, né? É tempo*. No texto **Mulheres negras e poder: um ensaio sobre a ausência**, Sueli Carneiro (2015) alerta para a preponderância da branquitude ante as tentativas de assolamento identitário das mulheres negras.

Coloca-se, portanto, como desafio, a necessidade de incidir sobre as construções culturais racistas que permanecem reproduzindo a imagem estereotipada das mulheres negras e sua desqualificação estética. É preciso confrontar o peso da hegemonia da branquitude nessa desqualificação estética das mulheres negras, que tem impactado a sua empregabilidade e a sua possibilidade de mobilidade social, além de impactar negativamente a sua capacidade de disputa no mercado afetivo. (CARNEIRO, 2015, p.7).

A *branquitude* como padrão hegemônico vale-se de um mecanismo de aniliquamento da negritude, incidindo sobre os comportamentos de pessoas negras e não-negras como observa bell hooks (2013a), em **Escrevendo além da raça** ao nomear o que dói (*naming whats hurts*):

É preocupante que muitos dos estereótipos negativos de ódio que a cultura dominante usa para caracterizar a identidade negra são endossados por pessoas não-negras. A sua aprovação é uma expressão de cumplicidade e solidariedade com o pensamento e a ação da supremacia branca. Se todas as pessoas negras e até mesmo nossos aliados brancos na luta para descolonizar a mente, desafiar e mudar a supremacia branca pudessem ver valor na identificação com a negritude, ao invés de sentir que deve haver sempre a competição sobre quem vai receber mais atenção dos povos brancos, eles veriam claramente que o sistema de dominação, que continua a ser opressivo e explorador, está sempre pronto para recrutar e treinar muitas pessoas

pretas, negras, vermelhas e amarelas como necessidade para manter o statu quo.¹³⁵ (HOOKS, 2013a, p.16, tradução nossa).

Essa rede de solidariedade e cumplicidade a que hooks (2013a) e Carneiro (2015) se referem é identificada pelas jornalistas negras na atividade profissional, beneficiando mulheres brancas e homens brancos. Está no relato de Luciana Barreto: *a mulher [branca] já tem que cavar espaço. A mulher negra tem que cavar não ... tem que sair brigando, derrubando tudo, botando o pé na porta porque é ... o espaço.* Por Cleidiana Ramos: *os jornalistas negros não estão em posição de comando, até mesmo aqueles que têm consciência.* Ainda, por Luciana Barreto, no ciclo de poder de reatualização racista e sexista: *O homem branco é detentor, da credibilidade, do primeiro que fala, da fala mais forte. E a outra como a fala secundária, a fala de complemento: a da mulher.* No dizer de Juliana Nunes: *eles acabam conseguindo galgar rapidamente os postos na carreira, os melhores lugares, as melhores coberturas, os melhores postos.*

[...] há uma forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a auto-estima. Esses são os efeitos da hegemonia da “branquitude” no imaginário social e nas relações sociais concretas. É uma violência invisível que contrai saldos negativos para a subjetividade das mulheres negras, resvalando na afetividade e na sexualidade destas. (CARNEIRO, 2003, p.122).

Na profissão de jornalista, a baixa autoestima racial implicou sucessivas dificuldades de Luciana Barreto para se adaptar ao meio televisivo: *eu tinha uma recusa em aparecer no vídeo uma vida inteira. Por isso, eu entendi, depois de muitos anos, porque eu queria trabalhar no jornal impresso. Porque eu não tinha, eu não conseguia me ver na televisão. Eu não conseguia ver a minha imagem. Eu não tinha referência.*

¹³⁵ It is troubling that so many of the hateful negative stereotypes the dominant culture uses to characterize black identity are endorsed by non-black people of color. Their endorsement is an expression of collusion and solidarity with white supremacist thought and action. If all people of color and even our white allies in struggle were decolonizing their minds, challenging and changing white supremacy, they could see value in identification with blackness rather than feeling there must always be competition over who will receive most attention from white folks. They would see clearly that the system of domination that remains oppressive and exploitative is ever ready to recruit and train as many black, brown, red, and yellow people as are needed to maintain the status quo.

As poucas chances em carreiras médias, como a de jornalista, também são outros traços marcantes na vida profissional de mulheres negras. Flávia Oliveira contou dois casos. O primeiro decorrente dos conselhos de um vizinho: *A conversa foi nessa direção: o jornalismo é uma profissão de moças ricas e bonitas.* E o segundo: *minha mãe tinha uma amiga que vivia muito preocupada com o meu futuro e queria sempre ... sempre me mandava dicas de emprego ... Lembro de uma sobre um concurso para ser bilheteira do Metrô que era nível médio, porém com estabilidade.* E segundo por uma amiga da família: *(...) E eu dizia: mas eu não quero ser bilheteira do Metrô. Eu achava aquilo ofensivo. Mas entende que era a rede relacionamento disponível naquela época de pessoas que tinha até uma certa bondade no coração? Eles não tinham nem ... acho que não tinham uma sofisticação de elaborar que aquilo era absolutamente preconceituosa, segregadora. E limitadora da mobilidade social.*

Outro aspecto de ligação entre as jornalistas negras com o grupo intrarracial e intragênero em geral é o apreço ao estudo, elementar para o aumento de possibilidades para a população negra reconhecido desde o período escravocrata (GONZALEZ, 1982) e movimento de resistência no pós-abolição, como, por exemplo, irmandades, Frente Negra, clubes negros e imprensa negra. Por Flávia Oliveira: *A minha mãe sempre quis muito estudar. (...) E ela não teve essa chance. Ela me pressionava muito. Tem uma coisa de estrutura familiar e demográfica que eu acho que também pesou que foi o fato de eu ser filha única. Como ela não teve outros filhos, mesmo depois que o meu pai foi embora...ela me sustentava, o salário era baixo, mas era para duas, né? E duas mulheres. Então isso me permitiu gastar tempo estudando sem precisar entrar no mercado de trabalho tão cedo, o que provavelmente aconteceria fosse eu uma filha mais velha de uma família com muitos irmãos.*

A partir dessa reorganização discursiva, é possível depreender a singularidade das jornalistas negras no exercício da profissão. As enunciações de Juliana Nunes são bastante emblemáticas em duas ocorrências. A primeira delas sobre o abalo na saúde mental de jornalistas, maximizada pela racialidade negra no ideário da perfeição e pelo sexismo em cobertura no Líbano e na Assembleia-Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque: *Eu tive dois ataques de pânico em coberturas internacionais e acabei não desenvolvendo a*

síndrome, mas eu conheço algumas mulheres que desenvolveram. A outra como setorista do Comitê de Imprensa do Palácio do Planalto, que acompanha os atos da Presidência da República: *Aí está tendo uma coletiva sobre o ProUni e vai uma mulher negra que fez, já com seus 50 anos, Gastronomia, e vai dar o seu depoimento. (...) E assim começam os comentários preconceituosos e você se vendo na mulher. E você pensa é exatamente assim o que eles pensam de mim: que eu sou uma inutilidade. (...) você querendo trabalhar, prestar atenção naquilo e os coleguinhas com discurso racista, que você não sabe se aquilo é para te afetar ou não. Mas aquilo te afeta e atrapalha o seu trabalho. É óbvio que a matéria do cara vai ser melhor que a tua, né? (...) Porque ele passou a coletiva inteira xingando a mulher e me desestabilizou. E eu não consegui ouvir o que a mulher estava falando. E eu vou sentar para escrever e eu não tenho vantagem em relação a ele, né? Então, assim, tanto o preconceito que tem relação a você quanto o preconceito que tem relação a outras mulheres negras prejudicam o seu trabalho, né? Prejudicam o seu desempenho.*

Controle de corpos e comportamentos, sexualização, provocações, desautorizações, desqualificações, pressões desmedidas, ambientes permissivos ao racismo e ao sexismo. Essas práticas foram caracterizadas em detalhes pelas jornalistas negras no Capítulo 6, levando para o âmago do jornalismo brasileiro a materialidade do racismo e do sexismo a partir da realidade profissional de jornalistas. Logo, ser jornalista no Brasil é mais do que uma figura universal, impessoal, fluída num perfil genérico e de vivências abrangentes e disformes.

Debates e estudos sobre o que é ser jornalista no Brasil deveriam absorver reflexões sobre as pertencas raciais e de gênero, concernentes às vivências singulares decorrentes do contexto sócio-histórico do país. Implica vencer os limites da abordagem classista perante os conflitos exógenos à relação empregador–empregado, empregadora–empregada.

A incidência do racismo e do sexismo é contínua na trajetória das jornalistas negras. Como mulheres negras, elas são vilipendiadas com a exclusão ou escassez de oportunidades profissionais, preteridas no que seria um curso normal de carreira por meio de promoções e alvos de investidas racistas e sexistas. Isso transparece nos depoimentos

das entrevistadas. Por Cleidiana Ramos: *Pelo fato, talvez, de ser mulher e negra, nunca era lembrada para nada. Absolutamente nada. Só era lembrada para aquelas coisas ... Um dos meus chefes gostava de dizer que eu e um colega éramos especializados em descascar abacaxi. Se tinha uma crise, a gente era chamada para apagar, sabe?* Por Joyce Ribeiro: (...) *eu acho que eu já poderia ter ocupado cargos de mais destaque antes na minha carreira. E deixei de ocupá-los pelo fato de ser negra. Isso já aconteceu.*

Uma das frentes de confronto a essas realidades adversas é pela disputa de poder nas Redações. Todavia, desencadeia novos fazeres por meio da mobilização inerentemente pessoal de cada mulher negra. Por Juliana Nunes: *A Redação vai percebendo que você quer ocupar o lugar, que você quer avançar postos, que você quer ocupar os espaços. E aí, ela vai ... a resistência vai se acirrando, né? E se sofisticando também. E é muito desgastante nesse sentido, porque é contínuo. É um processo contínuo de disputa.*

E no dizer de Luciana Barreto: *eu entendi que eu precisava ter uma competência ímpar e, ao mesmo tempo, ser imprescindível.* Este é um elemento comum na identidade racial negra – partilhado entre mulheres negras e homens negros – como observou Neuza Santos Souza (1983) sobre as vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social:

Ser o melhor! Na realidade, na fantasia, para se afirmar, para minimizar, compensar o “defeito”, para ser aceito. Ser o melhor é a consigna a ser introjetada, assimilada e reproduzida. Ser o melhor, dado unânime em todas as histórias-de-vida. Para o negro, entretanto, ser o melhor, a despeito de tudo, não lhe garante o êxito, a consecução do Ideal. É que o Ideal do Ego do negro, que é em grande parte constituído pelos ideais dominantes, é branco. E ser branco lhe é impossível. (SOUZA, 1983, p.40).

Conforme Oliveira, Meneghel e Bernardes (2009),

A discriminação racial estabelece relações hierarquizadas de poder entre as diferentes raças por meio da ideologia da raça dominante. Esses mecanismos atuam desrespeitando e menosprezando a identidade da população negra, produzindo sofrimento físico e emocional e modos de subjetivação que assujeitam e homogeneizam. Os discursos racistas funcionam como técnicas para moldar e reformar os “eus”, maximizando o assujeitamento, a adaptação e a dependência. No entanto, é preciso evitar a vitimização das mulheres negras, desconsiderando as diferentes formas de resistência empreendidas pela

população negra e pelas mulheres, de maneira peculiar. Ao trabalho com a violência racial, é importante incluir como contraponto as potencialidades e as resistências que as mulheres negras vêm construindo ao longo do tempo”. (OLIVEIRA; MENEGHEL; BERNARDES, 2009, p.269-270).

Esse quadro de embates, resiliências e resistências traçado pelas formas simbólicas das jornalistas negras entremeia-se ao campo de práticas opressivas, em que a “feminilidade negra” (WERNECK, 2014, p. 77) reposiciona-se num marco político histórico de transformação.

Sabemos que tem sido a partir de condições profundamente desvantajosas em diferentes esferas que as mulheres negras desenvolveram e desenvolvem suas estratégias cotidianas de disputa com os diferentes segmentos sociais em torno de possibilidades de (auto)definição. Ou seja, de representação a partir de nossos próprios termos, a partir do que se projetam novos horizontes. Estratégias que deviam e devem ser capazes de recolocar e valorizar nosso papel de agentes importantes na constituição do tecido social e de projetos de transformação. (WERNECK, 2014, p.83).

De acordo com Patrícia Hill Collins (2000, p.99, tradução nossa), em **Pensamento negro feminista**, “a vida das mulheres negras é uma série de negociações que visam a reconciliar as contradições que separam as nossas próprias imagens autodefinidas internamente como mulheres afro-americanas com a nossa objetivação como o outro”.¹³⁶

Outro elemento ilustrativo é a sexualização das mulheres negras e a sua singularidade pela conjugação entre racismo e sexismo. Pela vivência de Flávia Oliveira: ***Mas já passei poucas e boas. Já sofri muito. Já chorei muito na cama, sabe? Já pensei: isso não vai ser para mim por causa de alguns assédios que sofri no início da carreira, dentro de empresa, por gente que tinha cargo de chefia. Pensei, cara, vou ter que me demitir porque não vou aguentar isso. E vou ter que jogar fora ... uma oportunidade profissional.***

¹³⁶ [...] black women’s lives are a series of negotiations that aim to reconcile the contradictions separating our own internally defined images of self as African-American women with our objectification as the other.

Na Figura 5, esboço uma síntese do mosaico de vivências comuns das profissionais negras, evidenciadas pela parresia, caracterizado pela ação do racismo e do sexismo perpassando a existência delas, em geral, em todo o seu ciclo de vida; identidade racial definida como negra (todas); escolha pelo jornalismo por vocação (todas); atuação profissional engajada com o fim do racismo e do sexismo por meio da valorização da população negra, em geral, e das mulheres negras, em particular (todas); reconhecimento das desigualdades e discriminações profissionais com base em raça e gênero (todas); escassez ou exclusão de oportunidades profissionais pelo fato de serem mulheres negras (Cleidiana Ramos, Flávia Oliveira e Joyce Ribeiro); reconhecimento político da incidência do racismo e do sexismo na profissão de jornalista (todas); disputa pelo poder com base em sacrifícios pessoais (Luciana Barreto e Juliana Nunes); referência explícita à branquitude (Flávia Oliveira, Luciana Barreto e Juliana Nunes); abalo à saúde mental em face da ação do racismo e/ou do sexismo (Flávia Oliveira, Juliana Nunes); e vivência de assédio moral e/ou sexual (todas).

Figura 5: Vivências comuns das jornalistas negras



Fonte: Elaboração da autora.

Na conformação atual do mercado de trabalho, particularmente o jornalismo como profissão, a parresia evidencia como essa atividade profissional precisa ser discutida de modo circular. É mister problematizar as relações raciais e de gênero, dimensões que aglutinam a maior parte da população brasileira e têm gerado vivências singulares no exercício profissional. A Figura 5 ilustra a dinâmica parresiástica foucaultiana em que somente atitudes de coragem, ousadas e dispostas a arcar com os riscos e os preços que as rupturas do *tudo dizer* possam provocar. Restaria, assim, a apropriação de tais discursos pela comunidade discursiva para a definição dos próximos passos, com vistas às disputas,

negações, denegações ou solidariedades decorrentes das colaborações ao campo pelas parresias jornalistas negras.

A coragem da verdade – a fala franca –, o reconhecimento desta e de novos princípios de conduta poderiam, se positivamente apropriada pela comunidade discursiva, catalisar processos de subversão da segregação racial e do sexismo existente no jornalismo como profissão no Brasil. Mas essa seria uma das consequências do discurso-ação (RICOEUR, 1998).

10.2 Jornalistas brancas

Imbuída do projeto hermenêutico de propiciar uma “capacidade compreensiva” (GADAMER, 1983, p.61), ampliada pela racialidade e pelas relações de gênero, entre jornalistas sobre a profissão no Brasil, levo em consideração que “o ponto central de toda a compreensão se refere à relação objetiva que existe entre os enunciados do texto e nossa própria compreensão do assunto” (GADAMER, 1983, p. 65). Percebo como ponto crítico a incipiente abordagem do racismo e do sexismo no jornalismo como profissão no Brasil, contudo, isso não pode servir como subterfúgio à interdição de debates nem a obstáculos epistemológicos.

No que poderia ser chamada de iluminação da “construção espiritual” da interpretação, Gadamer (1983, p.71) ressalta que “mais importante que a interpretar o claro conteúdo de um enunciado é inquirir os interesses que nos guiam”, especialmente na constituição de uma “situação hermenêutica” (GADAMER, 1983, p.73), aqui assumida com o propósito de rastrear o racismo e o sexismo no jornalismo como profissão pela perspectiva de profissionais à luz das dimensões de raça e de gênero. Ainda, com Gadamer (1983, p.75), “a experiência hermenêutica” propiciaria “a comunhão de toda a compreensão” na medida em que “falamos uma linguagem comum” e em que “participamos na comunidade de nossa experiência no mundo”. Eis os elos entre a parresia – *franc parler, libertas* –, a hermenêutica de profundidade e as possibilidades de mudanças de práticas e realidades pelo discurso.

A decisão hermenêutica tomada nesta tese centra-se nas vivências das jornalistas negras na medida em que elas fazem parte do grupo racial e de gênero mais atingido pelo racismo e pelo sexismo no Brasil, como recuperado na Seção 10.1. São, portanto, referências na dinâmica interpretativa/re-interpretativas das enunciações de jornalistas brancas (10.2), jornalistas negros (10.3) e jornalistas brancos (10.4). Desse modo, as dimensões de raça e de gênero no jornalismo como profissão tecidas nas formas simbólicas de jornalistas possibilitam tais movimentos interpretativos na tentativa de manter os rastros hermenêuticos a que esta sujeita-intérprete tenta estabelecer no decurso deste capítulo.

Do ponto de vista das relações raciais, chama a atenção o fato de três jornalistas – Adriana Carranca, Alessandra Machado e Sílvia Salek, como exposto na seção 2.2 – terem apresentado como dificuldade inicial a admissão à autodeclaração branca. Possivelmente, isso esteja vinculado à miscigenação no Brasil. Contudo, ao se tornarem resistentes à assunção da branquitude, elas não se reconheciam como pretas ou pardas, categorias adotadas pelo IBGE para a conformação da raça negra. De tal modo, que foram reorganizadas no grupo racial branco, tendo em vista a sua ascendência direta e a negação da ascendência negra.

Outra constatação na examinação das enunciações das seis jornalistas – Adriana Carranca, Alessandra Machado, Julianna Granjeia, Mara Régia, Patrícia Zaidan e Sílvia Salek – é a concentração das reflexões em torno do racismo sobre os efeitos sobre jornalistas negras e negros e pouca reflexão sobre a branquitude, até mesmo, sob os benefícios de terem suas vidas impactadas positivamente pela ação do racismo. Controversamente, todas expuseram compreensões elucidativas, quando perguntadas sobre o que é o racismo, porém, pouco discorreram sobre as relações raciais desde a perspectiva de mulheres não-negras.

As poucas referências à branquitude foram feitas por três jornalistas – Julianna Granjeia, Mara Régia e Patrícia Zaidan. Mara Régia é quem organiza um relato mais completo, posicionando-se racialmente: *Então eu acho que, como uma mulher branca, eu fui menos testada à prova. Acho que as negras precisam se desdobrar. Se nós fazemos a tripla jornada, elas fazem a quarta nesse esforço de se afirmar, de mostrar o*

quanto são capazes. Porque o racismo embutido ou declarado, ele põe a dúvida sobre a sua capacidade. Granjeia mencionou a sua branquitude como impossibilidade de pensar soluções para enfrentar o racismo nas Redações: (...) *eu como branca não me sinto à vontade para falar. Eu realmente não sei como poderia ser feito. Não sei se de repente o esquema de cotas ou abrir um processo seletivo somente para negro. Eu não sei. Eu realmente, como branca, não me sinto à vontade assim para apontar um caminho. Acho que os negros poderiam falar melhor sobre isso.* Apesar de, em sua entrevista a esta pesquisa Patrícia Zaidan ter feito diversas referências ao racismo nas Redações por que passou, em seu relato ocultou a brancura nas enunciações acerca da diferença salarial, expondo a falsa alusão à pluralidade das mulheres: *Se para nós, mulheres, a ascensão e o salário mais alto ainda é difícil, para os profissionais negros, homens e mulheres, é mais ainda. Eu me lembro de um negro ocupando uma chefia, aqui, na editora Abril.*

Quando as mulheres escolhem se unir para desafiar a supremacia branca, uma profunda revolução de valores ocorrerá. O amor à justiça será expresso pela mudança de pensamento e ação. Pensadoras feministas visionárias já mostraram a todos que podemos escolher ser desleais com a cultura dominadora, que podemos realmente criar laços de solidariedade que nos ajudem a curar todas as feridas traumáticas causadas pela agressão racial, bem como os traumas de opressão sexista e classista. (HOOKS, 2013a, p. 57, tradução nossa)¹³⁷.

Longe de serem reflexões acusatórias, a interpretação das enunciações – análises dos discursos – reporta-me para a suspeição do escamoteamento da branquitude a que Cida Bento (2002, p.25) designa como “traços da identidade racial do branco brasileiro” e a sua indisposição de ponderar sobre as relações raciais a partir da perspectiva das pessoas brancas e não somente da perspectiva de negras e negros. No artigo **Branqueamento e branquitude no Brasil**, Bento (2002, p.25) agrega o sentido político dessa escolha deliberada ou, no mínimo, não admitida, pois “evitar focalizar o branco é

¹³⁷ When women choose to unite to challenge white supremacy, a profound revolution of values will take place. Love of justice will be expressed by changing thought and action. Visionary feminist thinkers have already shown everyone that we can choose to be disloyal to dominator culture, that we can indeed create bonds of solidarity that help us heal from all the traumatic wounds caused by racial assault as well as the traumas of sexist and classist oppression.

evitar discutir as diferentes dimensões do privilégio. Mesmo em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico da brancura, o que não é pouca coisa”.

Outra abordagem complementar é de bell hooks (2015), no artigo **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**, com relevo às vivências identitárias que suscitam bagagem interpretativa mais ampla sobre as formas de opressão contra as mulheres. Uma explicação seria a de que “a ausência de restrições extremas leva muitas mulheres a ignorar as áreas em que são exploradas ou discriminadas” (HOOKS, 2015, p. 198). Sem dúvida, essas são questões que necessitariam ser mais dirimidas para o que Sueli Carneiro (2015, p. 5) qualifica como “radicalização de uma perspectiva democrática no país” por meio da combinação de “critérios de qualificação técnica com recorte de gênero e de raça”, com vistas a “romper com a lógica excludente (...) nas estruturas de poder no país”, cuja reprodução não se restringe ao ambiente de representação política, mas se espalha para outros campos, como o mundo do trabalho. Evidentemente, essa redistribuição de poder incide, sobremaneira, na desativação dos mecanismos de manutenção da supremacia ou superioridade branca, qual seja, o enfrentamento e a eliminação implacável do racismo e do sexismo.

Entre as vivências comuns, as seis jornalistas discorrem sobre o sexismo. De todos os depoimentos, o mais dramático é o de Alessandra Machado acerca das pressões decorrentes da chefia, violação de licença-maternidade, violação do período de férias, estagnação salarial, sucessivos adoecimentos e assédio sexual. No dizer de Alessandra: *Eu nunca tive licença-maternidade, né. (...) Eu fiquei nove anos sem tirar férias mesmo. E adquiri com isso tudo, todas as doenças imagináveis e possíveis que você pode imaginar (risos), entendeu? Então eu sofri muito. Ser mulher em cargo de chefia, de cidade pequena, onde tem um monte de gente querendo te derrubar. Eu... por duas vezes eu fui tirada da editoria e diminuída salário porque os meus pensamentos não estavam de acordo com o das pessoas que estavam governando. (...) E aí fibromialgia com depressão e aí junta tudo e é aquela confusão. Depois veio a obesidade. (...) É o resumo da minha vida.*

Luiza Bairros (1995) recorre a bell hooks para identificar a sinergia entre o feminismo negro e o feminismo dito hegemônico contra as relações patriarcais e sexistas,

em que parte das matizes está presente nas formas simbólicas de Alessandra Machado.

[...] as mulheres compartilham não é a mesma opressão, mas a luta para acabar com o sexismo, ou seja, pelo fim das relações baseadas em diferenças de gênero socialmente construídas. Para nós, negros, é necessário enfrentar esta questão não apenas porque a dominação patriarcal conforma relações de poder nas esferas pessoal, interpessoal e mesmo íntimas, mas também porque o patriarcado repousa em bases ideológicas semelhantes às que permitem a existência do racismo, a crença na dominação construída com base em noções de inferioridade e superioridade. (BAIRROS, 1995, p. 462).

O assédio sexual é uma das vivências comuns relatadas pelas jornalistas, sendo novamente de Alessandra Machado as declarações mais contundentes com relação aos atos de assédio quanto à ausência de solidariedade na Redação e a desconfiança da competência das mulheres. *Eu já sofri, quando eu era mais jovem, quando eu era repórter, eu sofri assédios terríveis. (...) Eu sofri assédio em todo o lugar em que trabalhei assim. Quando eu entrei na sala, ele trancou a porta, né? Trancou a porta e começou a me atacar praticamente. Aí, eu dei um empurrão nele e foi aquela confusão. Me grudei na porta, mandei ele abrir a porta. Fiz um escândalo doido. E saí correndo de lá literalmente. E ele, como na época era uma pessoa muito poderosa, era muito dinheiro, né?, então ficava me oferecendo coisas e tal ... e na época eu era casada ... como se eu fosse uma garota de programa mesmo. (...) Tudo vira bagunça. Vira galhofa assim. É uma coisa que ninguém leva muito a sério não. Assim, as mulheres, elas sempre são discriminadas. Todo mundo acha que não tem competência, que está ali só porque está dando para o chefe.*

O ciclo contínuo de assédio contra mulheres jornalistas é descrito nas formas simbólicas aqui reunidas e compreende o período de 1980 a 2015, renovando-se à revelia dos movimentos em favor da equidade de gênero. No dizer de Patrícia Zaidan: *Brasília, no final dos anos 80, havia muitas mulheres, mas ainda era um número muito menor. Tinha uma certa aura de que as mulheres do jornalismo eram também muito fáceis, que podiam ser amantes de políticos.* Os elos temporais se formam com a memória de Julianna Granjeia diante de fatos recentes: *E os chefes, todos homens, viram e riram. E*

falaram que era aquilo mesmo e que não tinha problema ou que ela também posta fotos ousadas no perfil dela, como se justificando.

Outro quadro comum de vivências entre as jornalistas brancas é a disposição de vincular a questão social ao produto jornalístico a que se dedicam formular no exercício da profissão. Tal acepção é registrada por Adriana Carranca: *Eu brinco muito que eu tenho muito esse perfil de cobrir coisas sociais, de injustiças sociais e, às vezes, você encontra resistência sobre esses temas na Redação. Porque também no Brasil as Redações são formadas por pessoas que vieram de uma classe alta, mais alta e que pode estudar.* Motivação às questões sociais e de comportamento humano é alçada por Patrícia Zaidan como uma das suas características do seu trabalho: *A vida das pessoas. Isso sempre me interessou. A vida do meu País. Andar pelo Brasil. Isso sempre me pautou. Estando aqui na revista, o foco principal, claro, é sempre a mulher. A mulher nas diversas regiões do País. O que elas pensam. O que elas fazem. Como elas trabalham. Que movimentos elas fazem para buscar a sua independência, a sua autonomia. Como elas fazem as coisas. Tudo isso foi me aproximando para a vida das mulheres e, sobretudo, as ações de empoderamento e libertação.* Essa materialidade também é exposta com ênfase por Mara Régia na referência que ela fez ao programa Viva Maria, do qual é apresentadora há 35 anos, que serão completados em setembro de 2016, pela Rádio Nacional da Amazônia: *E foi aqui que eu encontrei a cidadania das mulheres relegadas, aquelas que chegaram como trabalhadoras domésticas, que só tinham no rádio o seu amigo e o seu escape, o seu canal de denúncia também. Comecei a trabalhar com essas mulheres, no Viva Maria, na sua primeira formação, sempre esteve alinhado com as trabalhadoras domésticas.*

Tais vivências e compromissos podem estar próximos ao paradigma traçado por bell hooks (2013b), no qual as mulheres desempenham papel decisivo como enunciadoras e artífices de novas práticas por meio do enfrentamento do racismo, do sexismo e das opressões sociais de classe.

Quando o mundo escuta verdadeiramente as vozes das mulheres e elas diariamente trabalham para descolonizar nossas mentes, que vivem na alegria das transformações, todos nós podemos trilhar o caminho para uma maior libertação, para a solidariedade. Esta jornada compartilhada nos

levará a um lugar de paz e possibilidade. Então, não vamos precisar escorar espíritos feridos, criando ficções e sentimentoa falsos para escondê-los; podemos abraçar as verdades que, de fato, nos libertem. (HOOKS, 2013a, p.57, tradução nossa).¹³⁸

O espectro de vivências das jornalistas brancas poderia ser sintetizado (figura 6) pelas situações a que estiveram submetidas no exercício da profissão. Dentre elas, destacam-se: identidade racial definida ou conflituosa frente à miscigenação; escolha pelo jornalismo por vocação ou de forma acidental, devido ao interesse por outras profissões ou falta de oportunidades em outras áreas (Alessandra Machado, Julianna Granjeia e Sílvia Salek); atuação profissional engajada com questões sociais (Adriana Carranca, Mara Régia, Patrícia Zaidan, Sílvia Salek (percepção de desigualdades e discriminações de raça e de gênero na profissão (todas); reconhecimento político do racismo e do sexismo no Jornalismo (todas); compreensão das relações de poder díspares em termos de poder das mulheres nos espaços de decisão e da subordinação a que estão vulneráveis no jornalismo como profissão (todas); pouca referência aos privilégios decorrentes da branquitude (Mara Régia); e relatos vivenciais diretos ou próximos a elas referentes a assédios moral e/ou sexual (todas).

¹³⁸ When the world truly listens to the voices of women who have and are daily working to descolonize our minds, who lives in the joy of that transformations, we can all walk the path to greater liberation, to solidarity. This shared journey will bring us to a place of peace and possibility. Then we will not need to shore up wounded spirits by creating false sentiment fictions to hide in; and we can embrace the truths that do indeed set us free.

Figura 6: Vivências comuns das jornalistas brancas



Fonte: Elaboração da autora.

As formas simbólicas das jornalistas sinalizam tanto a erupção de realidades excludentes, das quais são alvo pelo sexismo, e de práticas profissionais que tendem a se colidir com as barreiras sexistas – e quiçá as racistas –, despontando novos horizontes se incorporarem a equidade de raça e de gênero. Segundo Sueli Carneiro (2003, p.130), “gênero e raça impõem-se como parâmetros inegociáveis para a construção de um novo mundo”, porém, devem vencer os “efeitos do racismo e do sexismo”, os quais, muitas vezes, recobrem “todas as perdas” na “relação de dominação”.

Concernente às opressões vivenciadas pelas jornalistas, a organização coletiva e intervenções políticas são questões latentes para fazer frente ao sexismo e ao racismo na

profissão, levando em consideração a singularidade com que são acometidas por tais fenômenos – concomitante ou isoladamente.

O sexismo, como sistema de dominação, é institucionalizado, mas nunca determinou de forma absoluta o destino de todas as mulheres nesta sociedade. Ser oprimida significa ausência de opções. É o principal ponto de contato entre o oprimido (a) e o opressor (a). (...) Muitas delas não participam da resistência organizada contra o sexismo precisamente porque o sexismo não tem significado de absoluta falta de opções. Elas podem saber que são discriminadas em função do sexo, mas não equiparam isso a opressão. No capitalismo, o patriarcado é estruturado de forma que o sexismo restrinja o comportamento das mulheres em algumas esferas, mesmo que em outras haja liberdade em relação a limitações. (HOOKS, 2015, p.197-198).

Três das seis jornalistas entrevistadas estão envolvidas em movimentos políticos. Mara Régia, como membro do Comitê da EBC do Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça; Alessandra Machado, no Sindicato de Jornalistas Profissionais do Acre; e Julianna Granjeira, na recente mobilização #JornalistasContraAssédio. Possivelmente, estão aqui reunidas as bases para a compreensão do discurso-ação (RICOEUR, 1988), deflagrada pela parresia que cada agente (no caso deste pesquisa, as e os jornalistas) desencadeia nas comunidades discursivas de que faça parte.

10.3 Jornalistas negros

Neste estudo, a racialidade é compreendida como o núcleo central (Figura 7) das formas simbólicas dos cinco jornalistas negros entrevistados – Deivison Campos, Heraldo Pereira, Jorge Freitas, Oswaldo Faustino e Roldão Arruda – expostas pelo *ethos* e pelo *logos*. Conforme Gadamer (2007b, p. 35), o “ser racional sabe escolher” e faz uso da sua “capacidade crítica no que há de pequeno e no que há de grande, produzindo, assim, uma constante transformação das ordens de sua vida”, em que ganham relevo – na articulação *ethos* e *logos* – “seu saber e pensar”.

Dentre as 21 pessoas entrevistadas, o jornalista Heraldo Pereira organiza a articulação identidade racial, vivência de racismo no exercício profissional, e busca por justiça e reparação pela via legal contra o acinte racista de Paulo Henrique Amorim, de

que seria um negro de alma branca e de que não teria outros predicados a não ser a sua origem pobre. Inspirado na figura icônica de Luiz Gama, advogado, escritor e jornalista que lutou pela libertação de negras e negros na escravização, Heraldo está à frente de uma guerra judicial, com vistas a tornar mais efetivas as leis de combate ao racismo e o marco punitivo.

– Tem uma racialidade que nós estamos derrubando no Superior Tribunal de Justiça, estamos agora a pouco de derrubar no Supremo Tribunal Federal, que diz o seguinte: se você pratica um ato de intolerância racial contra uma pessoa – que é o caso do Paulo Henrique Amorim –, você praticou injúria racial. Sabe por quê? Porque injúria racial era até este caso prescritível, afiançável. É aquele crime que, de um ano e pouco, em dois, três anos, ele prescrevia. Ninguém é punido de racismo no Brasil por causa disso. O racismo foi transformado em injúria racial. Nós conseguimos já a imprescritibilidade e a inafiançabilidade. Então, um caso de injúria racial hoje, se passar, 10, 20, 30 anos, ele continua sendo passível de punição. Pronto, já mudou. O cara não pode chegar lá na delegacia e pagar uma fiança e ir embora. Se for uma prisão em flagrante, ele ficará lá. Essa foi a diferença do caso. Evidentemente, ela foi construída no Direito e eu me inspirei muito, muito, muito no Luiz Gama.

A combatividade do jornalista negro na investida judicial relembra as considerações de Sueli Carneiro (2005, p.50) na contracorrente do dispositivo de racialidade, o qual se beneficia “das representações sobre o negro durante o período colonial no que tange aos discursos e práticas que justificaram a constituição de senhores e escravos”. No trecho a seguir, os laços da etnicidade negra são fortalecidos por meio da memória de Heraldo Pereira.

– E nesse aí a formação da brasilidade no paradigma da mulher, para mim, é a mulher negra. Porque a mulher negra foi força de trabalho, força de formação doméstica, não é? Eu acho que se você o brasileiro tal qual, se você tem o Brasil tal qual, e se você tem a situação tal qual nós temos hoje, é porque se deve ao papel da mulher. E no papel da mulher você tem a Luiza Mahin como símbolo. E o maior expoente é a mulher negra, seja na casa grande quando amamentava, quando cuidava das crianças, quando trabalhava na lavoura, quando trabalhava ... tinha uma atividade muito forte

para os meios produtivos brancos, meios produtivos coloniais, seja na vida da senzala, ou depois da senzala, na vida doméstica, do incipiente lar que tínhamos na época escravagista, essa mulher vai ter um papel central. Aí que eu fiz o paralelo entre o Luiz Gama e a Luiza Mahin para mostrar que nisso tudo o Jornalismo estava inserido pelo Luiz Gama. Tudo isso ele aprendeu ali na herança doméstica e também na herança do caso dele em si.

Conforme Sueli Carneiro (2005, p.53), Luiz Gama “expressa outro momento de afirmação da condição de sujeito no debate e na reflexão abolicionista em que se acha implicado”. Ao evocar a resistência negra, Heraldo Pereira firma-se no que bell hooks (2013a) credita como condição necessária no processo da eliminação da hegemonia da brancura.

A assimilação da cultura dominadora é percebida pela maioria das pessoas negras para ser o caminho ao sucesso. Enquanto a supremacia branca, por meio do pensamento e da prática, secreta e/ou inconscientemente, ensinar à maioria das pessoas como elas devem apoiar e perpetuar este sistema, para que possam torná-lo corrente principal, raça e racismo não vão acabar. Começamos o processo de desafiar e mudar a supremacia branca, ao nos tornarmos mais conscientes e ao nos recusarmos a permanecer vítimas silenciosas. (...) Dirigir o olhar coletivo, longe de velhas suposições sobre raça e racismo, recusando-se a ver o problema como apenas sobre a discriminação direta ou atos nocivos evidentes, abre espaço para que a supremacia branca, como é expresso o racismo todos os dias, possa ser chamada para fora, sendo criticamente examinada e eliminada (HOOKS, 2013a, p. 159, tradução nossa)¹³⁹.

A recusa ao silêncio a que hooks (2013a) se refere está, a meu ver, atrelada à parresia, a qual somente é possível ser acionada pela afirmação de sujeitas e sujeitos políticos, conscientes da sua identidade racial e/ou de gênero e da batalha discursiva a ser

¹³⁹ Assimilating into the dominator culture is perceived by most black people/people of color to be the path to success. As long as white supremacist thinking and practice covertly and/or unconsciously teach folk that they must support and perpetuate this system if they are to make it into the mainstream, race and racism will not end. We begin the process of challenging and changing white supremacy by becoming more aware, by refusing to remain silent victims. (...) Turning our collective gaze away from old assumptions about race and racism, refusing to see the problem as solely about direct discrimination or overt harmful acts, opens the space where white supremacy as it is expressed in everyday racism can be called out, critically examined, and eliminated.

travada por suas formas simbólicas. Isso implica tornar públicos fracassos, sentimentos íntimos e, em geral, situações secretas ou, quando muito, conhecidas por poucas pessoas.

A “racialidade subalternizada” (CARNEIRO, 2005, p.53) é enunciada por Oswaldo Faustino sobre a sua condição no jornalismo como profissão, assim como as suas sucessivas estratégias de sobrevivência e subversão às condições racistas. *Durante os 32 anos em que eu trabalhei na grande mídia ... durante esse período todo, havia um sofrimento de não ver a nossa cara nos veículos.* No jornal **O Estado de S. Paulo**, onde permaneceu por mais de duas décadas, Faustino deparou-se com a estagnação profissional. *Apesar de que, nesses 26 anos, eu não subi um degrau na carreira. Muito pelo contrário: nos últimos cinco anos, eles me colocaram de radioescuta. Nos últimos cinco anos, eu fui radioescuta. Mas nos outros 21 (anos), eu fui repórter, né? Mas é assim. Essa é a realidade da gente nos jornais, né? Eu não posso dizer que é uma regra, mas comigo foi, né? Eu não ganhava mal, mas era o pior salário de repórter no jornal O Estado de S. Paulo. Não tinha ascensão, né? E eu dizia: se eu fosse um mau repórter, por que não me demitiram? Não, eles faziam questão de me manter, mas não tinha ascensão.*

O desvelamento das vantagens decorrentes do racismo, a que Sueli Carneiro (2005, p. 62) atribui ao dispositivo de racialidade/biopoder, impele o confronto com o mito da democracia racial. A trama é evidenciada por Jorge Freitas pela ausência de negras e negros e pela hegemonia da branquidão nos postos de trabalho das Redações, orquestradas pelo patrimonialismo de ordem racial (SODRÉ, 1999): *O predomínio de pessoas brancas, de homens brancos na direção e na construção dos jornais, dos veículos de comunicação, na rotina. E controle. Então, se houver uma mulher é sob o controle de um branco, de um homem branco. Se for um negro, novamente sob o controle de um homem branco. E nas Redações, normalmente, os chefes são os brancos. (...) Essa rede é isso. O cara é poderoso. Está ali, chegou ali porque chegou por algum motivo, de prestar serviço etc e tal. Aí a inteligência dele aflora porque ele tem aquele poder, aquilo tudo. Então, ele é muito inteligente. Tudo o que ele disser se torna verdade.*

As formas simbólicas de Jorge Freitas correspondem ao que Sueli Carneiro (2005, p.27) descreve como “irreducibilidade da negritude”, a qual “consiste no seu deslocamento para uma alteridade que a institui como a dimensão do não-ser do humano”, isto é, “aquele intrinsecamente negado pelo ser, o limite de alteridade que o ser concede reconhecer e se espelhar” em que “recorrentemente o negro é negado”.

Transposto para a realidade do jornalismo como profissão no Brasil, esse encadeamento pode ser verificado nas formas simbólicas do jornalista Jorge Freitas acerca da constante violência a que profissionais negras e negros estão propensos a vivenciar. Conforme Carneiro (2005, p. 47), baseada em Charles Mills, a hegemonia da brancura “é estruturada por um contrato racial”. Este é um acordo “firmado entre iguais, no qual os instituídos como desiguais se inserem como objetos de subjugação, daí ser a violência o seu elemento de sustentação” (CARNEIRO, 2005, p.47). No dizer do jornalista Jorge Freitas:

– O negro, eu acho que tem um sentimento que carrega, eu acho pelo menos. O tempo todo de ser humilhado e relegado ao segundo plano. Aí, quando você chega num ambiente de trabalho ... o tempo todo ... você tem uma viagem, pautas boas, que você não recebe. Uma viagem para o exterior. Uma promoção que você não recebe. Aí, você acha que é porque você é negro. Ninguém diz. Ninguém diz que é porque você é negro. E vão querer que você diga isso, porque aí você se enterrou, entendeu? Vão dizer: “você é ... como é que é? Você tem problema com isso. Você é recalcado, não é?”. Vão dizer isso para você. E aí você não diz. Engole no seco e espera outra oportunidade que normalmente não vem. Aí, você se retira daquele ambiente e vai procurar outro ambiente, né? Porque haveria nesse outro ambiente uma oportunidade que você não recebeu ali, né? Mas você nunca ... ela nunca vai ser caracterizada como tal. E você entendeu como tal e, se você disser isso, você vai ser acusado de recalcado, de racismo às avessas, de não sei o quê. Entendeu? Essa é a armadilha. Então, eu não tenho caso assim. Ninguém me tirou: “Ah, sai daqui. Você é negro”. Não eu não tenho, né?

Outra questão é o assujeitamento a que negras e negros são alvo pela negação do racismo e/ou dificuldade de assunção da sua condição de pessoa discriminada racialmente, que lhe conduziria ao campo de vivências comuns entre seus pares. De

acordo com Neusa Santos Souza (1983, p. 17), a “experiência emocional do negro” em ascensão social defronta-se com a “conquista de valores, status e prerrogativas brancos”. Nas formas simbólicas de Roldão Arruda, selecionadas abaixo, esses elementos estão presentes, embora careçam de mais reflexão do próprio sujeito-discursivo.

– Agora, pode ser coisa que eu não tenha percebido, assim como eu estou atribuindo a mim o fato de nunca ter me envolvido em reivindicar melhores salários, mais espaços e mais promoções, pode ser também que também não me tenham sido oferecidas pela questão da cor. Isso eu não posso garantir. Agora que você está falando, eu estou pensando: será que isso aconteceu? Seria uma coisa mais sutil. Ninguém te diz.

Formulações diferenciadas são enunciadas por Deivison Campos, que se intitula observador dos tratamentos de fontes com Redação, quando ocupava o posto de chefe de reportagem da Rádio Gaúcha. *Sempre causava estranheza quando eles chegavam na Redação, talvez a mais importante do estado, e ver um jornalista negro comandando a Redação e ser a pessoa que ia dizer se iam falar ou não, ter alguma possibilidade, um direito de resposta ou não. Eu acho que isso era uma coisa e sempre tinha uma desconfiança na relação com as fontes de que aquilo era realmente aquilo.*

bell hooks (2013a) colabora com a depuração, pois,

Trazendo a consciência atenta à ligação através das diferenças possibilita a consciência de uma realidade em que os conflitos possam acontecer, mesmo quando nós temos medo deles, nós podemos aprender a lidar com eles. Mais importante ainda, como em qualquer relacionamento, aprendermos a crescer e mudar. Conflitos em si e por si não fazem ligação melhor, e sim como trabalhamos com os conflitos. Muitas vezes os brancos abrigam o enorme receio de que uma negra ou negro possam classificá-los de racistas. Este medo parece ser ainda mais ampliado se o indivíduo foi extremamente ligado a uma imagem de si mesmo como antirracista. (HOOKS, 2013a, p. 146, tradução nossa).¹⁴⁰

¹⁴⁰ Bringing the mindfull awareness to bonding across diferences keeps use ver cognizant of the reality that conflicts will happen, that even when we fear them we can and do learn to handle them. Most importantly, as in any relationship, we learn to grow and change. Conflicts in and of themselves do not make bonding better, it is how we work with conflicts. Often white folks harbor tremendous fear that a person of color will label them racist. This fear seems even more magnified if the individual has been extremely attached to an image of themselves as anti-racist.

Uma das passagens mais explícitas da negação do negro como condição de ser do branco (CARNEIRO, 2005) é registrada por Heraldo Pereira sobre os ataques públicos sofridos por ingressar na Justiça contra Paulo Henrique Amorim: *Como é que pode um branco ensinar para negro como ele tem que ser como negro? É o cúmulo. Pois nós, negros, sabemos o que é ser negro a todo momento. Porque não tem um lugar em que você vá. Não tem uma abordagem que não seja de negro. É ou não é? Chega num edifício. Chega num lugar. A primeira coisa que chega da gente é a negritude.*

O panorama de experiências comuns de jornalistas negros (figura 7) com as vividas pelas jornalistas negras (figura 5) assemelha-se em seis pontos de observação: ciclo de vida perpassado pelo racismo (apesar de elas, de modo particular, experienciarem em conjunto o sexismo); identidade racial negra definida (todos); escolha pelo jornalismo por vocação (todos); percepção das desigualdades e discriminações (todos); referência à branquitude (todos); reconhecimento político do racismo e do sexismo na profissão (todos). Entre as experiências mais particulares ao grupo intrarracial e intragênero jornalista negro, há trajetórias de escassez ou exclusão de oportunidades confrontadas com as de destaque ou comando (Deivison Campos e Heraldo Pereira; e as relações de poder são caracterizadas por embates (Heraldo Pereira) ou passividade (Roldão Arruda).

Figura 7: Vivências comuns dos jornalistas negros



Fonte: Elaboração da autora.

Tendo em vista o foco da interpretação/re-interpretação nortear-se pelo pensamento teórico do feminismo negro, as questões de masculinidades não foram exploradas com a devida densidade. Entretanto, é notável a presença de tais elementos nas formas simbólicas dos jornalistas negros nas menções ao espaço de poder ocupado pelos homens brancos, especialmente nas enunciações de Jorge Freitas e Oswaldo Faustino. Estes, aliás, poderiam suscitar outros estudos perante a dramaticidade e a

devastação do racismo nas masculinidades negras, como arrolado nas formas simbólicas constituídas pela parresia.

10.4 Jornalistas brancos

As formas simbólicas dos jornalistas brancos demarcam a quarta abordagem sobre o jornalismo como profissão em análise nesta pesquisa, reunindo as enunciações de Antônio Gois, João Freire, Lúcio Pinheiro, Maicon Bock e Marcos Guimarães. Os principais trechos das entrevistas foram organizados em torno do eixo brancura, sintetizada na ilustração (figura 8).

Neste grupo, Antônio Gois, Lúcio Pinheiro e Maicon Bock distinguem-se pela fluidez com que demonstraram suas reflexões acerca das dimensões de raça e gênero. O sexismo é reconhecido por Pinheiro como prática constante nas Redações amazonenses. *Quando a mulher chega a uma posição mais elevada, sempre há alguém para comentar: “Ah, deve estar saindo com o chefe. Deve estar fazendo alguma coisa ...não sei o quê e não sei o quê”. Então, a carreira para o homem costuma funcionar de forma mais rápida. De negativo eu acho que os homens estão mais propícios a propostas de assédio não sexual, mas assédio mesmo: corrupção. Propostas de corrupção. (...) antes de olharem para o trabalho, a atividade que elas executam, o nível de profissional que elas são há essa primeira questão que elas têm de superar: o machismo e, principalmente, a questão de vê-las como objeto. Sofrerem cantadas e até mesmo criarem situações dentro da Redação menos focada no trabalho, mas mais focada no objeto que elas se tornaram naquele momento. Principalmente quando elas chegam na Redação.*

A exemplo de outras profissões, a supremacia racial branca e o sexismo têm conformado o mercado de trabalho jornalístico no Brasil. Maicon Bock descreve a cadeia de comando das empresas jornalísticas a cargo de homens brancos. *Normalmente, quem comanda as empresas de comunicação são homens. Eu acho que eles acham que eles têm mais potencial. (...) A gente está inserido numa sociedade. Então, eventualmente, tem algumas piadas. Ou colegas que acreditam que mulheres são mais fracas, né? E*

não são tão boas para fazer algumas pautas que outros colegas. Por exemplo, na maioria dos locais, eu vejo poucas pessoas negras.

Pensar sobre a supremacia branca como a fundação de raça e racismo é crucial, porque nos permite ver para além da cor da pele. Ela nos permite olhar para todas as inúmeras maneiras que nossas ações diárias podem ser impregnadas pelo pensamento da supremacia branca independente da nossa raça. Certamente, raça e racismo nunca se tornarão irrelevantes se não pudermos reconhecer a necessidade de desafiar consistentemente a supremacia branca. Quando os estudos culturais surgiram como um contexto em que a questão da brancura e do privilégio branco poderiam ser estudados e teorizados, parecia que uma nova forma de pensar e falar sobre a raça estava emergindo. (HOOKS, 2013a, p. 6, tradução nossa).¹⁴¹

Como elucidou Sueli Carneiro (2005), o dispositivo de racialidade/biopoder tem fluidez no mito da democracia racial, o qual invisibiliza a percepção do racismo e consolida a hegemonia da brancura. Um dos exemplos é ofertado pelo jornalista Marcos Guimarães: – *Olha, aqui nós temos companheiras negras, mas ainda é uma quantidade pequena. Mas não tem tido isso porque é negra e não tem espaço não. Posso te dar ... tem companheiras negras nas assessorias de comunicação de governo, nas assessorias de comunicação de governo. Várias negras. Mas na televisão tem mais jornalistas brancas.* João Freire coloca em revelo a discriminação social em detrimento do racismo na profissão. *Olha, é ... eu acho que há uma discriminação mais social do que racial no Jornalismo. Por exemplo, um profissional de uma carreira mais humilde, por exemplo, marceneiro ou faxineiro, ele é sistematicamente identificado no jornalismo como Seu João, Dona Maria. Ele não é identificado pela profissão.* E completa sobre a baixa presença de profissionais negros e negras no jornalismo: – *Olha, principalmente nos primeiros anos da minha vida profissional, que já tem uns 25 anos, a presença de negros e de mulheres nas Redações era muito menor. Ao longo do tempo ... é, na primeira década eu percebi isso. Depois, começou a ter uma participação maior da*

¹⁴¹ Thinking about white supremacy as the foundation of race and racism is crucial because it allows us to see beyond skin color. It allows us to look at all the myriad ways our daily actions can be imbued by white supremacist thinking no matter our race. Certainly, race and racism will never become unimportant if we cannot recognize the need to consistently challenge white supremacy. When cultural studies emerged as a context where the issue of whiteness and white privilege could be studied and theorized, it appeared that a new way of thinking and talking about race was emerging.

mulher na profissão, que hoje eu acho que é o jornalismo é tomado pelas mulheres. A participação do negro na profissão é bem menor. Não é proporcional à participação do negro na composição da sociedade, né?, que é inclusive mais da metade da população e, nas Redações, é sempre muito menos.

Maicon Bock e Antônio Góis são os que mais versam sobre a branquitude na observação das vantagens obtidas por fazerem parte do grupo racial branco. No dizer de Bock: *Eu acho que tem vantagens. Eu acho que a principal vantagem é não ter nenhuma desvantagem, sabe? Não ter nada contra, sabe? (...) - No caso de homem branco, eu acho que não tem empecilho. Não é que ser branco que incentiva ou aumenta a probabilidade de a pessoa chegar mais rápido na Redações, mas que branco tem empecilho em caso nenhum, entendeu?*

E para Antônio Gois: *Ah, eu sou homem, sou branco. Eu não vejo assim. Eu acho que ... eu sinceramente (acho que) o homem não sofre por ser homem no Jornalismo. (...) Olha, eu acho que ser homem aumenta a probabilidade de ele subir mais alto em postos de chefia, principalmente se na Redação houver mais homens, acho que aumenta a capacidade de ele subir mais rápido a postos de comando.* Góis assume, sem subterfúgios as vantagens que possui, mais acentuadas no início da carreira, por ser filho do renomado jornalista Ancelmo Góis: *Muitos dos meus chefes eram gente que frequentava a minha casa. Então já sabia, sabia quem eu era, a minha capacidade. E eu acho que isso também gerava ... em alguns casos gerava mais tolerância e, em alguns casos, gerava até mais rigor.*

Para Maicon Bock, esse quadro político ostensivo de opressão racial impacta o jornalismo como profissão. *São tão poucos negros nas Redações que fica difícil dizer que tem, sabe? Eu acho que, por ter tão poucos negros, dificulta e os brancos vão acabar tendo mais chance de chegar a um cargo maior, por exemplo, porque estão em maior número. Agora, analisar se é uma questão de preconceito ... mas aparentemente eu acho que os homens brancos, as pessoas brancas teriam mais chance pela sociedade que a gente vive. (...) Eu acho que é uma sociedade ainda preconceituosa, hipócrita. Todo mundo diz que não tem preconceito, que aceita os gays, os negros e que contratariam funcionários brancos, negros, gays. Mas na prática acaba não sendo*

assim, sabe? Acaba tendo um favorecimento. Isso acontece também tendo uma beleza física maior que outro, acho que independe da cor.

Na figura 8, selecionei os aspectos mais recorrentes na discursividade de jornalistas brancos.

Figura 8: Vivências comuns dos jornalistas brancos



Fonte: Elaboração da autora.

A discursividade dos jornalistas brancos aponta para um quadro de vivências em que eles partilham de identidade racial definida (todos), escolha profissional vocacionada

(todos), atuação profissional engajada (Antônio Gois e Maicon Bock) e dispersa, reconhecimento das oportunidades de inclusão na profissão pelo fato de serem homens brancos, ocupação de espaços de poder, embora tenham externado pouca reflexão sobre os benefícios decorrentes da brancura. À exceção de Marcos Guimarães (negação total) e de João Freire (reforço do ideário do mito da democracia racial), os demais três jornalistas entrevistados expuseram o reconhecimento político do racismo e sexismo no jornalismo como profissão.

Dentre os entrevistados, Antônio Gois, Lúcio Pinheiro e Maicon Bock revelaram-se mais observadores e engajados em demover algumas barreiras de desigualdade, visto que se reconheceram como beneficiários das vantagens interseccionais (CRENSHAW, 2002) decorrentes da branquitude (BENTO, 2013). Contudo, são ações condutas muito particulares, carecendo da institucionalidade por meio do comprometimento das empresas para garantir intervenções adequadas, sistemáticas e perenes.

Como sujeita-intérprete, entendo a parresia (FOUCAULT, 2011) como condição para a conformação de formas simbólicas sobre racismo e sexismo no Brasil, e aqui, em particular, sobre o jornalismo como profissão. Das formas simbólicas de jornalistas, especialmente das negras, a hegemonia da brancura emerge como grande condutora do que poderia se configurar como uma sociologia do jornalismo no Brasil, considerando os fundamentos da sociologia funcionalista a que Neveu (2006) adaptou para a sociologia do jornalismo: (i) monopólio da atividade por meio da certificação, (ii) cultura e ética, (iii) condição de acesso à atividade e (iv) comunidade real.

Minoria no exercício da atividade profissional (MICK; LIMA, 2013a) seja por meio da detenção da certificação por meio de diploma universitário ou pela condição de acesso à atividade por meio de processos seletivos das empresas jornalísticas, negras e negros seriam preteridos, por fatores sócio-históricos, da condição de acesso à atividade pelo dispositivo da racialidade/biopoder (CARNEIRO, 2005). Quando atuantes na profissão, as formas simbólicas evidenciam um conjunto de obstáculos para negras e negros, impedindo o ingresso, o pleno desenvolvimento e a permanência na carreira jornalística em condição de igualdade com brancas e brancos em dinâmicas que poderiam ser compreendidas entre o racismo de exclusão e o racismo de dominação, a que Sodré

(1999) observou no chamado patrimonialismo de virtude que estrutura o poder para o grupo racial branco, mesmo para aquelas e aqueles com origem em camadas subalternas.

Cultura e ética estão corrompidas em face da operacionalidade do racismo e do sexismo no jornalismo como profissão – tal como ocorre de maneira estrutural nas relações sociais e nas instituições brasileiras –, e as suas implicações nas rotinas produtivas, como reveladas pelas formas simbólicas. Naturalizadas, as discriminações raciais e sexistas estão normatizadas na cultura profissional: a prevalência da estética branca de origem eurocêntrica, alicerçada na ideologia do embranquecimento; a objetificação dos corpos das mulheres, seja pelas funções a serem exercidas por elas (em especial as da mídia televisiva) e as investidas de assédio sexual com nenhuma (via de regra) ou pouca (exceção) responsabilização de autores dentro e fora das Redações, assim como apoio e solidariedade às mulheres jornalistas; a estagnação profissional de jornalistas negras e negros nos extratos mais baixos e operacionais mediante o assolamento de oportunidades de ascensão, a exemplo do que ocorre no mercado de trabalho com relação à população negra; o descumprimento de direitos trabalhistas decorrentes de jornadas de trabalho excessivas e não remuneradas, entre outros.

De acordo com as formas simbólicas, as diferentes funções, etapas do trabalho, setores, editorias, mídias, veículos e grupos de comunicação convivem passivamente e coadunam com práticas racistas e sexistas no jornalismo como profissão. Desde a perspectiva das relações raciais, reificam o mito da democracia racial, impelindo convivência e cumplicidade de várias e vários agentes, os quais, muitas vezes, percebem a exclusão ou a baixa representatividade de profissionais negras e negros. Entretanto, isso não significa ação de questionamento ou mudança, visto que, pela inércia, mantém inabalável o ritmo das disparidades raciais.

A parresia – ora mais incisiva pela coragem da verdade das sujeitas-discursivas negras, ora oblíqua pelos interditos ou não ditos dos outros três grupos (jornalistas brancas, negros e brancos) – imprime características na comunidade real, seja pelas funções, mídias, especialidades, lugares e tempo de trabalho em que as relações raciais e as relações de poder estruturam subordinações, exclusões e opressões sistemáticas. As formas simbólicas de jornalistas negras desvelam singularidades contrastantes com os

demais grupos possivelmente pelo fato de serem as mais oprimidas e violentadas pelas sucessivas discriminações. São elas, também, as que contestam a cultura discriminatória de ordem racista e sexista no jornalismo como profissão no Brasil, propõem mudanças mais assertivas e mostram-se mais contundentes com relação à exposição das vivências opressivas. Como grupo intrarracial e intragênero, as jornalistas negras são as que respondem mais ao *ethos* político das mulheres negras brasileiras. De tal modo que emergem discursividades combativas frente às intimidações decorrentes da rejeição existencial das mulheres negras na sociedade brasileira por meio da conjugação do racismo e do sexismo, circunscrevendo-as no signo da morte (CARNEIRO, 2005), ao passo que a sua invisibilidade e a inviabilidade na gestão da vida possibilita, sobremaneira, o grupo racial branco.

Parresiastas por excelência, as jornalistas negras distinguem-se dos demais grupos estudados pela ênfase da coragem da verdade, distanciando-se da covardia e do imobilismo decorrentes ora do mito da democracia racial – pela narrativa que desarticula confrontos raciais por meio de uma falsa harmonia – e das dinâmicas patriarcais, seja pela divisão sexual do trabalho, aquela que, inclusive, determina as funções e os cargos de maior e menor mando, salários, ou pelo androcentrismo pela valorização das experiências e modos de gestão masculinos.

Para as pessoas negras, essa coragem de dizer somente é possível pela hermenêutica do sujeito na dinâmica do cuidar de si, como observou Carneiro (2005), em enfrentamento às experiências catalisadas pelo dispositivo de racialidade/biopoder, o qual implica confrontos abertos e contundentes com a hegemonia da brancura. No entanto, são as jornalistas negras as que melhor correspondem à hermenêutica do sujeito devido à ruptura constante e desafiadora da supremacia branca. Para as pessoas brancas, a parresia em torno da temática deste estudo implicaria o confronto com o ideário da brancura e da branquitude por meio da emergência de reflexões, por vezes, raríssimas de serem acionadas devido ao lugar de privilégio a que estão circunscritas pelo racismo.

As vivências sobre a branquitude são ofuscadas pela intensidade do racismo a partir das enunciações de jornalistas negras e negros. As sujeitas e os sujeitos discursivos não negros, possivelmente pela ênfase do roteiro de entrevistas, evidenciam relatos e

situações em referência a sujeitas e sujeitos negros, restringindo o arcabouço de formas simbólicas sobre a branquitude. Pode, ainda, ter havido alguma inibição face a sujeita-intérprete ou, até mesmo, mascaramento, com vistas a evitar confrontos raciais entre pesquisadora e entrevistadas e entrevistados. Ademais, como exposto na apresentação da pesquisa na seção 2.2, a pertença ao grupo racial branco transpareceu conflituosa por metade das jornalistas deste grupo – questão recorrente dentre pessoas brancas, quando questionam quem é negra ou negro no Brasil, com vistas a impedir o debate racial, especialmente no que se refere aos privilégios de que são beneficiários do ponto de vista das relações raciais.

10.5 Jornalismo nas dimensões de raça e gênero e futuro da profissão

De maneira sintética, apresento nesta seção os principais elementos constantes das 21 entrevistas sobre as dimensões de raça e gênero no Jornalismo e a percepção de futuro da profissão pelas sujeitas-discursivas e pelos sujeitos-discursivos, como registrado abaixo (figura 9).

O reconhecimento político do racismo no Jornalismo como profissão foi apontando pelas formas simbólicas da maior parte das e dos entrevistados, à exceção de Marcos Guimarães – do grupo intrarracial e intragênero jornalistas brancos. As desigualdades de gênero na atividade profissional foram verificadas pela maioria das e dos jornalistas entrevistados – com exceção de Marcos Guimarães. Outro ponto em destaque é o reconhecimento de avanço com relação ao espaço ocupado pelas mulheres jornalistas, como elucidado por Adriana Carranca e Sílvia Salek.

As situações de racismo estão registradas nas formas simbólicas de todas as jornalistas negras e de todos os jornalistas negros na primeira pessoa, com passagens bastante dramáticas decorrentes da violência racial, de modo explícito, mas sempre com marcas profundas no *ethos* de jornalistas negras e negros (Cleidiana Ramos, Flávia Oliveira, Joyce Ribeiro, Juliana Nunes, Luciana Barreto e Deivison Campos, Heraldo Pereira, Jorge Freitas, Oswaldo Faustino, Roldão Arruda). No grupo de jornalistas brancas e brancos, o racismo foi reconhecido pela grande maioria, com observações sobre

os testemunhos de práticas racistas, a ausência de colegas negras e negros nas Redações ou baixa presença no ambiente de trabalho (Adriana Carranca, Julianna Granjeia, Mara Régia, Patrícia Zaidan, Sílvia Salek e Antônio Góis, João Freire, Lúcio Pinheiro, Maicon Bock, Marcos Guimarães).

Medidas assertivas para a eliminação das assimetrias de raça e de gênero no jornalismo foram sugeridas por quase todas e todos os entrevistados, exceto por Marcos Guimarães, para quem a realidade do mercado de trabalho jornalístico de Alagoas não precisa de mudanças do ponto de vista racial e de gênero. Em geral, as sugestões estão situadas na modalidade ações afirmativas, seja por meio de cursos de formação para focas (jovens jornalistas, Roldão Arruda), política de cotas, engajamento dos conselhos de administração (Flávia Oliveira) ou programas bem estruturados de autocontrole (Heraldo Pereira), entre outras, imbuídas de transformação da cultura organizacional.

As discursividades sobre as dimensões de raça e de gênero no jornalismo como profissão, aqui reunidas, remontam ao que Gadamer (2007c) vislumbra como possibilidades pelos novos significados e sentidos.

Nós também construímos concomitantemente com as nossas histórias – assim como com todas as decisões relativas à vida prática – o caráter comum daquilo que significa para nós sentido e que nos parece o bem, o melhor, o correto. (...) porém, que todos nós, em plena consciência, em face da tensão que se intensifica cada vez mais e da desordem crescente, do abuso e da ação equivocada, deveríamos dirigir nosso olhar compreensivo para o que é comum a todos nós, algo que conhecemos melhor no outro do que em nós mesmos. Além disso, não deveríamos abdicar de sempre conformar uma vez mais as duras realidades da história com nossas possibilidades humanas. (GADAMER, 2007c, p.69).

Por unanimidade, para as e os 21 jornalistas entrevistados, o futuro do jornalismo como profissão no Brasil e no mundo é uma incógnita. O ambiente de incertezas é composto pelas novas tecnologias de informação e comunicação, a participação cada vez mais ativa da audiência no consumo dos conteúdos, o descentramento da produção jornalística, a redução da força de trabalho nas Redações e a reorganização do mercado.

Para a maior parte das e dos jornalistas negros, a exemplo de Cleidiana Ramos, Flávia Oliveira, Deivison Campos, Heraldo Pereira e Jorge Freitas), esse ambiente de

incertezas pode ser mais favorável a profissionais de descendência negra, seja pelo empreendedorismo ou pelas mudanças decorrentes das novas formas de contratação e oportunidades vindouras.

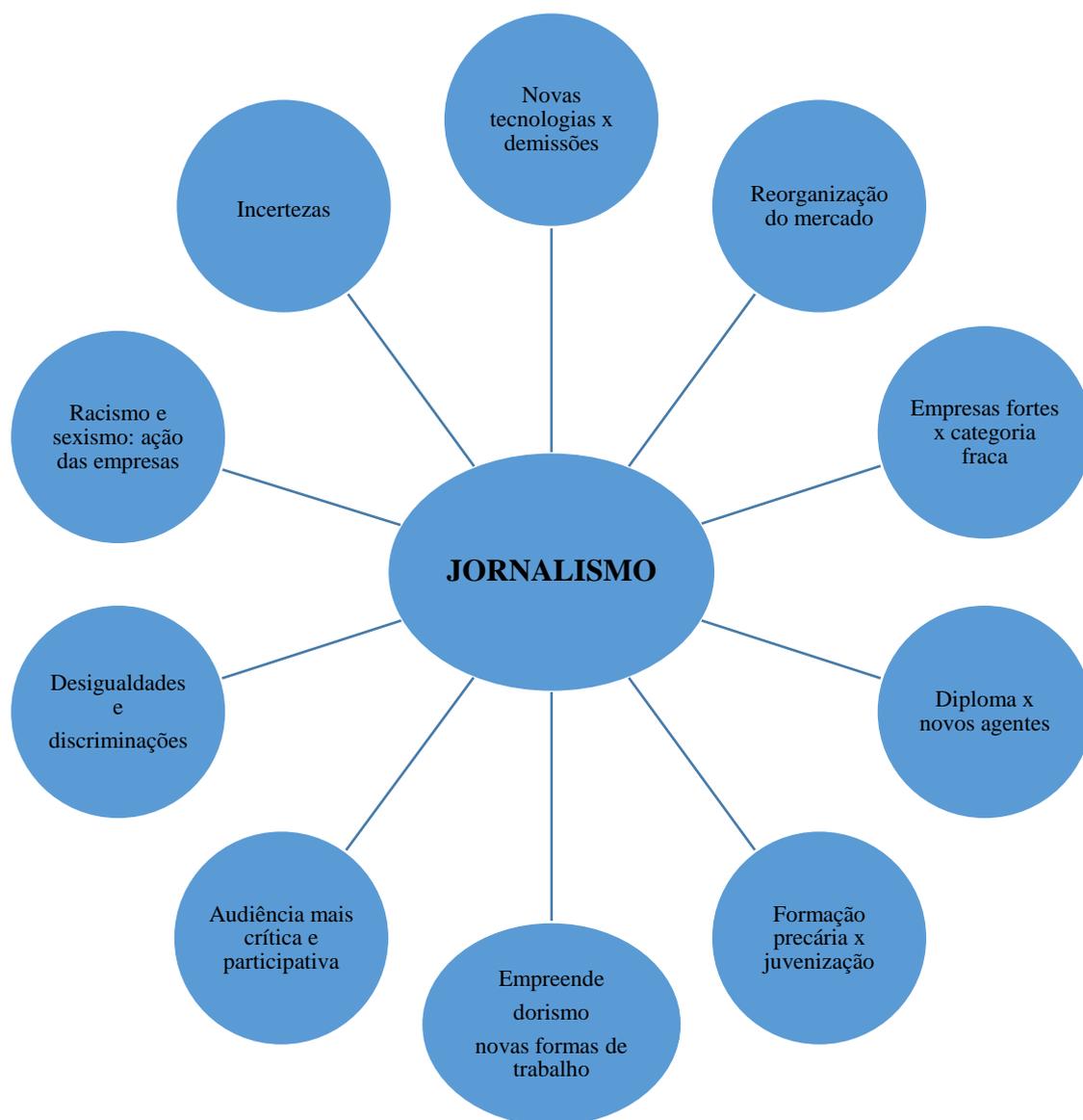
A aposta ocorre num contexto de desvantagens de negras e negros decorrentes do racismo e do sexismo que lhes tolhem oportunidades em processos seletivos e de ascensão profissional. Ou melhor: do lugar da subordinação interseccional (CRENSHAW, 2002) cuja parresia – decorrente da hermenêutica da sujeita e do sujeito – instaura “o movimento da existência humana” por meio de “uma incessante tensão interna entre iluminação e encobrimento” (GADAMER, 1983, p.70), partilhando-o com a comunidade discursiva jornalística por meio dos ditos.

Conforme Berger e Luckmann (2012, p.14), “o sentido se constitui na consciência humana: na consciência do indivíduo, que se individualizou num corpo e se tornou pessoa por meio de processos sociais”. Concernente a essa formulação, jornalistas negras, negros, brancas e brancos possuem um “patrimônio de vivência”, caracterizado pelo “fundamento sobre o qual pode surgir o sentido” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p.15) pela “consciência, individualidade, corporeidade específica, sociabilidade e formação histórico-social da identidade pessoal” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p.14), em que o “sentido nada mais é do que uma forma complexa de consciência” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p.15)

Um futuro em aberto também pode ser positivo para a aproximação do jornalismo com as questões sociais e de cidadania – como observou a jornalista negra Juliana Nunes – perante a utópica primazia do interesse público sobre o privado, algo que se perdeu pela produção em série das empresas jornalísticas.

Menção ao diploma universitário foi feita em face da dispensa (desobrigatoriedade) por parte de Flávia Oliveira (jornalista negra) e Heraldo Pereira (jornalista negro) – na contramão da principal preocupação das entidades representativas, como a Fenaj e os sindicatos de jornalistas – e da defesa por Deivison Campos (jornalista negro) e Marcos Guimarães (jornalista branco).

Figura 9: Percepções comuns de jornalistas sobre a profissão no Brasil



Fonte: Elaboração da autora.

A maioria qualificou a trajetória profissional como exceção, seja pela possibilidade de exercício profissional, os veículos nos quais trabalhou frente à sua importância no mercado jornalístico, os cargos ocupados ou a longevidade na carreira.

João Freire e Marcos Guimarães – ambos do grupo intrarracial branco e intragênero masculino – classificaram as suas trajetórias como normais.

Fim de Discurso

(Oliveira Silveira)

*E estamos fartos, senhores,
de eu em lugar de nós,
de silêncio em vez de voz.
Por isso a nossa bandeira,
por isso a nossa trincheira
no coração desta praça.*

CONCLUSÕES E OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa adotou como objetivo geral verificar as dimensões de raça e gênero no jornalismo como profissão no Brasil por meio das formas simbólicas de 21 jornalistas – negras e negros, brancas e brancos –, sobre suas vivências nas Redações, nas relações de trabalho, com as fontes e a audiência. Desenvolveu-se a hipótese (figura 4) com dois elementos: parresia (FOUCAULT, 2011) e hermenêutica de profundidade (THOMPSON, 1995). Ou seja, a coragem de dizer sobre se as dimensões de raça e gênero forneceriam novos contornos sobre o jornalismo como profissão no Brasil pela instauração de tal discurso. Todavia, no decurso deste estudo, um terceiro componente completaria o vértice analítico da tese: a hermenêutica do sujeito (FOUCAULT, 2006).

A parresia corresponde ao mecanismo determinante para a erupção de discursos sobre temas ainda considerados tabus na sociedade brasileira e nas institucionalidades – entre eles, as dinâmicas endógenas do racismo e do sexismo – a partir das trajetórias de jornalistas na revisão de suas experiências e carreiras. Tais movimentos discursivos possibilitariam confrontos simbólicos devido à natureza do discurso por excelência e aos temas em evidência – racismo e sexismo.

No trabalho de campo, a técnica de entrevista semi-estruturada propiciou a constituição de formas simbólicas, as quais passaram a ser observadas pelo referencial metodológico da hermenêutica de profundidade. De tal modo, a estrutura deste estudo reproduziu os três enfoques: i) análise sócio-histórica sobre raça, racismo, relações raciais, patriarcado, sexismo e relações de gênero com foco em mulheres e homens; ii) análise formal ou discursiva das formas simbólicas de 21 jornalistas, dispostas pela discursividade intrarracial e intragênero; e iii) interpretação/re-interpretação, tomando por base o campo pré-interpretativo desta sujeita-intérprete como membro das comunidades discursivas de jornalistas, pesquisadoras e pesquisadores e ativistas do movimento de mulheres negras.

A teoria feminista negra foi adotada como referencial teórico-conceitual principal na tentativa de enquadramento interpretativo convergente ao grupo intrarracial e intragênero mais afetado pelo racismo e pelo sexismo: as jornalistas negras. Pretendeu-se

desenvolver o estofo teórico com vistas a captar a interseccionalidade das sujeitas-discursivas negras e, desta perspectiva, traçar um caminho interpretativo iluminado pelas dimensões de raça e gênero. Conforme Kimberlé Crenshaw (2002),

As consequências interativas do racismo e da discriminação racial somente serão reveladas se essa abordagem de cima para baixo for reconfigurada de forma a seguir as pistas da discriminação até o ponto onde as práticas de subordinação interagem com, influenciam e são influenciadas por outras formas de subordinação. O reconhecimento e a aceitação desse problema requerem que os protocolos interseccionais focalizem principalmente a análise contextual. Portanto, a atenção à subordinação interseccional exige uma estratégia que valorize a análise de baixo para cima, começando com o questionamento da maneira como as mulheres vivem suas vidas. A partir daí a análise pode crescer, dando conta das várias influências que moldam a vida e as oportunidades das mulheres marginalizadas. É especialmente importante descobrir como as políticas e outras práticas podem moldar suas vidas diferentemente de como modelam as vidas daquelas mulheres que não estão expostas à mesma combinação de fatores enfrentados pelas mulheres marginalizadas. (CRENSHAW, 2002, p.182).

As quatro trilhas do projeto hermenêutico desta tese – as formas simbólicas de jornalistas negras (Capítulo 6), brancas (Capítulo 7), negros (Capítulo 8) e brancos (Capítulo 9) – foram abertas por 21 jornalistas. São mensageiras e mensageiros por excelência, algumas e alguns com notória presença na esfera pública. Esta sujeita-intérprete embrenhou-se num território ainda pouco explorado nos estudos sobre o jornalismo no Brasil, no qual as formas simbólicas talvez possam colaborar com a comunidade discursiva jornalística em termos de reconhecimento do racismo e do sexismo na profissão, bem como estudos, debates, pesquisas e, o mais importante, medidas contra tais práticas. Todavia, esse seria um desdobramento decorrente da engrenagem do discurso ação (RICOEUR, 1988), articulada por atos locucionário (dizer algo), ilocucionário (faz algo ao dizer) e interlocucionário/alocucionário (dialética do evento discursivo), a depender do “movimento do sentido para a referência: do que ele diz para aquilo que fala” (RICOEUR, 1987, p.99).

Nos auspícios da divindade grega Hermes ou da afro-brasileira Exu, a chave interpretativa conduziu esta tese tal como está: mais aberta do que fechada, mais abrangente do que sintética, mais temporária do que conclusa. Ademais, como é

característica da ciência e da própria hermenêutica, a chave interpretativa pode abrir outras portas e mostrar paisagem diferente da que está aqui proposta. Pois, como alerta Gadamer (1983, p.71), “a interpretação é algo que está sempre a caminho, que nunca conclui. (...) não existe em absoluto algo assim como um texto totalmente elucidável, ou um interesse de explicação e compreensão de textos que possa ficar totalmente satisfeito”.

Para além da *doxa*, vislumbra-se neste caminho interpretativo a incidência do racismo e do sexismo – de maneira diferenciada a depender da identidade racial e de gênero de cada sujeita e sujeito –, com efeitos no decurso de carreiras profissionais de jornalistas. De 21 profissionais entrevistadas e entrevistados, somente um negou a operacionalização de tais fenômenos: jornalista branco.

Dez jornalistas – cinco negras e cinco negros – forneceram fartas evidências discursivas sobre a ação do racismo no jornalismo como profissão, configurando materialidade e densidade a este sistema de exclusão sob a égide do dispositivo de racialidade/biopoder (CARNEIRO, 2005).

Desta feita, singulariza a identidade profissional pelo recorte racial de tal modo que pode tornar questionável e, até mesmo superficial, a abordagem universal de jornalistas pelo viés de classe (trabalhadora/corporativa). Como disposto nos Capítulos 6 (jornalistas negras) e 8 (jornalistas negros), mulheres negras têm trajetórias profissionais diferenciadas de homens negros devido à conjugação do racismo com o sexismo, as quais são mais bem compreendidas pela interseccionalidade (CRENSHAW, 2002). Frente aos limites inicialmente estabelecidos nesta pesquisa, não foram exploradas as masculinidades negras, as quais poderiam gerar outros elementos interpretativos na articulação raça (negra) e gênero (homem).

Longe de reproduzir uma análise combinatória identitária, registra-se que a dimensão de gênero no recorte mulheres e homens no grupo racial branco também remonta à singularidade para além da identidade hegemônica jornalista na perspectiva de classe (trabalhadora/corporativa). Nos Capítulos 7 (jornalistas brancas) e 9 (jornalistas brancos), as formas simbólicas das mulheres brancas e dos homens brancos distinguem-se pelas vivências concernentes ao gênero, em que o sexismo é revelador em todas as entrevistas das mulheres com referências pessoais de opressões de gênero.

Tais achados decorrem da *parresia* – a fala franca, tudo dizer – em momentos de afirmação da hermenêutica da sujeita ou do sujeito em questão em face da consciência política e pessoal acerca do racismo e/ou sexismo, bem como seus efeitos na sociedade, na profissão e na vida de cada jornalista. Essa dinâmica desencadeou novas discursividades sobre o jornalismo no Brasil, ingressando na disputa discursiva de enfrentamento à negação do racismo e do sexismo frente à retórica falaciosa da igualdade de raça e gênero, a qual caracteriza a *doxa* da profissão, ou a prevalência do discurso de classe em detrimento das opressões de raça e de gênero.

O referencial metodológico da hermenêutica de profundidade propiciou recompor o contexto histórico do sistema político-ideológico do racismo e do sexismo no Brasil, com o propósito de conferir relevância à materialidade empírica reunida nesta tese com a densidade necessária para a compreensão de eventuais leitoras e leitores. Investiu-se, assim, na análise dos discursos das formas simbólicas de jornalistas, produzidas pela *parresia* na hermenêutica de sujeitas e sujeitos e, posteriormente, a interpretação das formas simbólicas além das *doxas* sobre raça e gênero. Contrastando-as com a teoria feminista negra, buscou-se acionar elementos interpretativos de cunho político-ideológico com contornos à pragmática da comunicação humana, para a qual “o estudo da comunicação humana pode ser subdividido nas mesmas três áreas de sintaxe, semântica e pragmática para o estudo da semiótica (teoria geral de sinais e linguagens)” entre os padrões das patologias e paradoxos das interações (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2007).

Dentre os paradigmas incidentes nas interações humanas, estão a igualdade e a desigualdade. Conforme Williams (2011, p. 341), a acepção relevante do termo igualdade é a “igualdade de ser”. Enquanto que a conotação negativa de desigualdade é a exclusão.

A desigualdade que é ruim é a desigualdade que nega a igualdade essencial de ser. Essa desigualdade, em qualquer de suas formas, na prática, rejeita, despersonaliza e degrada ao graduar os seres humanos. Nessa prática uma estrutura de crueldade, exploração e erosão da energia humana pode ser facilmente erguida. (WILLIAMS, 2011, p.341-342).

Conforme Williams (2011), a ideia de cultura incide sobre significados e definições, os quais podem ou não mudar o curso da vida em comum. Daqui se alicerçariam as ações humanas e relações sociais, em que o “agir do indivíduo é moldado pelo sentido objetivo, colocado à disposição pelos acervos sociais do conhecimento e comunicado por instituições por meio da pressão que exercem para o seu acatamento”, em que ganha relevo “a estrutura intersubjetiva das relações sociais em que o indivíduo vive”, sendo que o “sentido objetivado está em constante interação com o sentido subjetivamente constituído e com o projeto individual da ação” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p.25).

No bojo das relações raciais no Brasil, ser negra e ser negro implica o acionamento de um processo identitário pelas vias da política e da ideologia, o qual impele as pessoas negras a contestarem modelos e a ruptura destes para “organizar as condições de possibilidade que lhe permitirão ter um rosto próprio” (SOUZA, 1983, p.77). A contraposição com o eu hegemônico da brancura passa a ser permanente e diretamente dependente de aparatos discursivos positivos acerca da identidade negra pela conscientização política para a transformação pessoal e coletiva.

Ser negro é, além disso, tomar a consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (SOUZA, 1983, p. 77).

Na perspectiva das mulheres, essa transmutação identitária foi designada por Simone de Beauvoir (1980) na crítica à construção social da hegemonia dos homens e das sanções às mulheres que ousassem não se submeter ao papel esperado de coadjuvante e subordinada nas interações humanas.

Quem pretende escapar a esse destino situa-se no mais baixo degrau da escala humana; não consegue tornar-se homem e renuncia a ser mulher; não passa de uma caricatura irrisória, uma aparência; o fato de ser um corpo e uma consciência não lhe confere nenhuma realidade. (BEAUVOIR, 1980, p. 246).

No contexto das relações raciais no Brasil, a condição ontológica do ser negro é atravessada pelo racismo. No caso das mulheres negras, sua existência é perpassada pelo racismo e pelo sexismo, com marcas profundas em diferentes fases da vida. Conforme Sueli Carneiro (2005, p.27), “o racismo reduz o ser à sua dimensão ôntica, negando-lhe a condição ontológica, o que lhe atribuiu incompletude humana”. Logo, manter-se negra ou negro é a condição primeira da resistência identitária. Na mesma direção, Milton Santos (2002) aborda a devastação do racismo na identidade negra, pois “ser negro no Brasil é frequentemente ser objeto de um olhar vesgo e ambíguo” (2002, p. 159). Tem efeitos na corporeidade (dados objetivos e interpretações subjetivas), na individualidade (dados subjetivos com possibilidade de discussão objetiva) e na cidadania (franquias políticas), “incidindo sobre os demais aspectos das relações sociais. Na esfera pública, o corpo acaba por ser um peso maior do que o espírito na formação da socialidade e da sociabilidade” (SANTOS, 2002, p.160).

De tal modo que,

A utopia que hoje perseguimos consiste em buscar um atalho entre uma negritude redutora da dimensão humana e a universalidade ocidental hegemônica que anula a diversidade. Ser negro sem ser somente negro, ser mulher sem ser somente mulher, ser mulher negra sem ser somente mulher negra. Alcançar a igualdade de direitos é converter-se em um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e de gênero. Esse é o sentido final dessa luta. (CARNEIRO, 2003b, p.7).

O confronto ao enredo racista e sexista se daria pela afirmação do ser na construção da sua identidade racial e de gênero. A desarticulação do racismo na ontologia negra é “gerada a partir da voz dos negros que, mais ou menos contraditória ou fragilmente, batem-se por construir uma identidade que lhes dê feições próprias, fundada, portanto, em seus interesses, transformadora da História”, com incidência “individual e coletiva, social e psicológica” (SOUZA, 1983, p.78).

A emergência de formas simbólicas sobre ser negra, ser negro e ser mulher é decisiva para a revelação de tais seres por si mesmas e mesmos mediante a afirmação de suas identidades e a produção de materialidade sobre as opressões racistas e sexistas

vividas. Ao elaborarem tais formas simbólicas, as sujeitas e os sujeitos ingressam – e, às vezes, inauguram – espaços discursivos, produzindo discursos contra-hegemônicos, muitas vezes, reordenando ditos, não ditos e interditos. Para essa dinâmica, a parresia – a coragem de dizer, libertas, fala franca, tudo dizer –, torna-se o catalisador de um processo de embates para a instauração de novas ordens políticas, contrapondo-se à ideologia e alterando sistema de crenças e relações sociais. Contudo, a parresia está diretamente vinculada à hermenêutica da sujeita e do sujeito no cuidar de si, cujo “projeto fundamental da existência” está baseado “no suporte ontológico que deve justificar, fundar e comandar todas as técnicas de existência: a relação consigo” (FOUCAULT, 2006, p.544).

Para o jornalismo como profissão no Brasil, as formas simbólicas estudadas e a interpretação dos discursos de 21 jornalistas colocam em perspectiva uma espécie de campo minado a que profissionais negras, negros e mulheres percorrem no transcurso de suas carreiras. Atingidos pelo racismo e pelo sexismo de maneira diferenciada – negras, negros e mulheres –, evidenciam as feridas carregadas solitariamente como uma questão pessoal e não política.

Por definição, a parresia já seria uma espécie de bomba pela afirmação da sujeita e do sujeito pela hermenêutica, deslocando-se da margem para o centro das suas próprias prioridades. Esse movimento possui uma carga política forte, uma vez que o cuidar de si – pelo tudo dizer, pela coragem de dizer – se realizaria pelo discurso, instaurando processos dinâmicos derivados da ruptura do silêncio e da coragem de lutar e de enfrentar toda a ordem de resistência, negação e desqualificação.

Ao caráter explosivo da parresia e da hermenêutica do sujeito, soma-se a reivindicação ontológica de negras, negros e mulheres como jornalistas, detentoras e detentores de vivências singulares pelas racialidades, feminilidades e masculinidades. A demarcação de espaços de privilégio (superinclusão) e de exclusões (subinclusão) no jornalismo como profissão está caracterizada nas trajetórias de cada uma e cada um dos entrevistados, posicionando as dimensões de raça e de gênero na centralidade da identidade profissional para o desbaratamento da subordinação interseccional. Corresponderia, a depender da reação da comunidade discursiva, à intensificação de reivindicações políticas para enfrentamento, eliminação e transformação das disparidades

de ordem racista e sexista, com a finalidade de equilibrar a correlação de forças nas relações de poder, regidas por normas de condutas determinantes para o comportamento humano e o funcionamento das corporações/instituições.

Tal movimentação gravitaria em torno da “interseccionalidade política” em atenção ao que Kimberlé Crenshaw (2002, p. 181) nomeia, frente às normativas internacionais das Convenções para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (Cerd) e para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (Cedaw), como protocolo interseccional, para “proteger os indivíduos da negação de direitos baseada na raça e no gênero” pelo desenvolvimento de instrumentos imbuídos com o propósito de “romper com os limites das interpretações e das práticas existentes, os quais reduzem os direitos das vítimas da subordinação interseccional”. Portanto, a parresia sobre as dimensões de raça e de gênero acerca do jornalismo como profissão enfrentaria, por meio do discurso, “uma gama de violações de direitos humanos”, a qual “fica obscurecida quando não se consideram as vulnerabilidades interseccionais de mulheres marginalizadas e, ocasionalmente, também de homens marginalizados” (CRENSHAW, 2002, p.178), como aqui revelada pela discursividade de sujeitas discursivas negras e de sujeitos discursivos negros sobre o jornalismo como profissão no Brasil.

No dizer de Berger e Luckmann (2012), o pluralismo incide em comunidades de vida, aquelas que “são caracterizadas por um agir que se repete com regularidade e diretamente recíproco em relações sociais duráveis”. Poderia, ainda, instaurar crises intersubjetivas de sentido na medida em que as

Comunidades de sentido podem em certos casos se tornar comunidades de vida, mas podem ser construídas e mantidas exclusivamente por meio de um agir comunicável e recíproco. [...] Se os membros de certa comunidade de vida acham inquestionáveis as concordâncias de sentido que se esperam deles, mas não conseguem cumpri-las, então temos as condições do surgimento de uma crise de sentido. Como já foi dito, esta discrepância entre o “ser” e o “dever ser” se manifesta com especial frequência quando os ideais de uma comunidade de vida insistem que ela deverá ser uma comunidade absoluta de sentido. (BERGER; LUCKMANN, 2012, p.31).

Percebe-se como contribuição mínima deste estudo o questionamento sobre o que é ser jornalista no Brasil e como a profissão é exercida, por quem e em que condições a depender da raça/cor e do sexo de jornalistas, impactando politicamente no funcionamento dessa atividade profissional. Ao fazerem uso da parresia pela hermenêutica do sujeito, a maior parte das e dos jornalistas entrevistados nesta tese colaboram para a conformação de um quadro concreto e sistemático de opressão, expõem algumas reivindicações de mudanças por parte das empresas e também entre profissionais devido às socializações de suas experiências particulares. Ao torná-las públicas, a parresia de jornalistas sobre raça e gênero lança novas questões à categoria, ao campo jornalístico e aos estudos sobre jornalismo, visto que não somente aparatos tecnológicos e circunstâncias de classe apresentam-se como desafios para o futuro da profissão.

Todavia, o panorama evidenciado – entre os Capítulos 6 a 9 – evidencia que as batalhas individuais – essencialmente políticas e cotidianas –, têm sido travadas de modo mais árduo e sorrateiro pelas jornalistas negras em decorrência do racismo e do sexismo nas relações de trabalho pelo fato de serem mulheres negras. Restariam, assim, definições e práticas políticas sobre o jornalismo como profissão, com o propósito de responder a tais devastações, na sua grande maioria, invisíveis e silenciadas em coadunação com o racismo e o sexismo. Contudo, esse é um jogo de forças em disputa cuja arena discursiva demanda a produção e a crítica às formas simbólicas sobre as dimensões de raça e gênero no jornalismo como profissão no Brasil e desdobramentos políticos. Do que está posto até aqui, essas são as coisas a dizer, saber e fazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADGHIRNI, Zélia Leal. Mudanças estruturais no jornalismo: travessia de uma zona de turbulência. In: PEREIRA, Fábio; MOURA, Dione e ADGHIRNI, Zélia Leal (orgs). **Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012.

ANGELIN, Paulo Eduardo. Profissionalismo e profissão: teorias sociológicas e o processo de profissionalização no Brasil. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v.3, n.1, jul./dez.2010.

ANSART, Pierre. **Ideologias, conflitos e poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo. 10a. ed. Rio de Janeiro: Forense, Universitária, 2008.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco** – o negro no imaginário das elites no século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. 3.ed. São Paulo: Ibrasa, 1972.

BANCO MUNDIAL. **Relatório sobre o desenvolvimento mundial 2012: Igualdade de gênero e desenvolvimento**. Washington: World Bank, 2011. Disponível em: <<http://siteresources.worldbank.org/INTWDR2012/Resources/7778105-1299699968583/7786210-1315936231894/Overview-Portuguese.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

BANDEIRA, Lourdes. **A contribuição da crítica feminista à ciência**. Estudos Feministas, Florianópolis, 16 (1), p.207-228 jan.-abr.2008.

BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 458-463, jul.-dez. 1995.

_____. A mulher negra e o feminismo. In: COSTA, Ana Alice e SARDENBERG, Cecília (orgs). **O feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: UFBA, 2008.

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. As profissões no Brasil e sua sociologia. **Dados** [online]. 46, n.3, pp. 593-607, 2003.

BASTIDE, Roger. A imprensa negra no Estado de São Paulo. In: **Estudos afro-brasileiros. Boletim de Sociologia**, 2. série, n.2. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1951.

BASTOS, Fernando; PORTO, Sérgio Dayrell. Análise hermenêutica. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2a. Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 2a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENTO, Maria Aparecida Silva. A mulher negra no mercado de trabalho. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 2, p. 479-488, 1995.

_____. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. Disponível em: http://www.ceert.org.br/premio4/textos/branqueamento_e_branquitude_no_brasil.pdf>. Acesso em: 18 set. 2013.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Tradução Edgar Orth. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BORDO, Susan. A feminista como o outro. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 10-29, 1º semestre, 2010.

BOUDON, Raymond. **A ideologia ou a origem das ideias recebidas**. São Paulo: Ática, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. **O poder simbólico**. 12.ed. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2009.

BRAGA; José Luiz. Questões metodológicas na leitura de um jornal. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org). **O jornal: da forma ao sentido**. Tradução Sérgio Grossi Porto. 3. ed. rev. ampl. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, jan/jun. 2006.

BUTLER, Judith. **El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad**. Barcelona: Paidós, 2007.

CAMARGO, Oswaldo. **O negro escrito**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

CAMPOS, Deivison Moacir Cezar de. **O grupo Palmares (1971-1978): um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico**.

196f. Porto Alegre: PUCRS, 2006. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

CANALI, Geraldo Valente. **A ideologia no uso do conceito de liberdade de imprensa: uma análise à luz da hermenêutica de profundidade**. 252f. Porto Alegre: PUCRS, 2005. Tese (Doutorado em Comunicação), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

CANTANHÊDE, Eliane. Papel da mulher no jornalismo. Entrevistadora: Isabel Cristina Clavelin da Rosa. [S.I.], 2011. (3m20s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QOG8bWKEr0Y>>. Acesso em: 30 nov. 2013. Entrevista concedida a ONU Mulheres/Fenaj.

CARDOSO, Claudia Pons. **Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. 383f. Salvador: UFPA, 2012. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2012.

CARDOSO, Edson. **A celebração conflituosa do mito** – uma leitura dos jornais do centenário da abolição da escravatura. 81 f. Brasília: UnB, 1990. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 1990.

_____. **Bruxas, espíritos e outros bichos**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1992.

CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 3, p. 544-552, 2º semestre 1995.

_____. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003a.

_____. "Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero". In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, p. 49-58, 2003b.

_____. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 339f. São Paulo:USP, 2005. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2005.

_____. **Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa**, 24 fev 2012. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/uma-coisa-e-uma-coisa-e-outra-coisa-e-outra-coisa-por-sueli-carneiro/#ixzz4HMFYTCtu>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

CARRANÇA, Flávio. Igualdade racial entre jornalistas ainda é uma meta. In: CARRANÇA, Flávio; BORGES, Rosane da Silva (org). **Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Tradução Fabiana Komesu. 3a. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York: Routledge, 2000.

COMAS, Juan. Os mitos raciais. In: Unesco. **Raça e Ciência I**. São Paulo: Perspectivas, 1960.

CONCEIÇÃO, Fernando da Costa. Do 13 ao 20: Mídia e Etnicidades no Brasil e nos Estados Unidos. In: CARRANÇA, Flávio e BORGES, Rosane da Silva (org). **Espelho infiel – o negro no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.

CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. In: MELO, Hildete; PISCITELLI, Adriana; PUGA, Vera. **Olhares feministas**. 1. ed. Brasília: Ministério da Educação: Unesco, 2009.

COSTELA, Antônio F. **O controle da informação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 10, p. 171-188, 1º semestre, 2002.

_____. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004.

CURIEL, Ochy. Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. **Nómadas**, n. 26, p. 92-101, 2007.

DAVIS, Angela. **Mujeres, raza y clase**. Tradução Ana Valera Mateos. Madrid: Akal, 2005.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

DURAND, José Carlos Garcia. **A serviço da coletividade – crítica à sociologia das profissões**. Rev. Adm. Emp., Rio de Janeiro, 15(6): 59-69, nov./dez.1975.

DURKHEIM, Émile. **A divisão do trabalho social**. Tradução Maria Inês Mansinho e Eduardo Freitas. v. 2. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

ECO, Umberto. **Como fazer uma tese**. 14a. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1977.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **O que é, afinal, os estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. Vol. 1. 10ª ed. São Paulo: Globo; Publifolha, 2000.

_____. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. Vol. 2. 10ª ed. São Paulo: Globo; Publifolha, 2000.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968.

_____. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: UFBA, 2008.

FERRARA, Miriam. **A imprensa negra paulista (1915-1963)**. São Paulo: USP, 1981. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), FFLCH, Universidade de São Paulo, 1981.

FIGARO, Roseli. **A abordagem ergológica e o mundo do trabalho dos comunicadores**. Trab. Ed. Saúde. v.9, supl. 1, p.285-297, Rio de Janeiro, 2011.

FIRESTONE, Shulamith. **A dialética do sexo: um manifesto da revolução feminista**. Rio de Janeiro: Editorial do Brasil, 1976.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972.

_____. **Genealogía del racismo**. Madrid: Ed. La Piqueta; Montevideo, Altamira, 1992.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 12a. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução Márcio Alves Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2a. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A coragem da verdade:** o governo de si e dos outros. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A MULHER. Ethos e Ibope lançam pesquisa sobre o perfil das 500 maiores empresas do Brasil, 11/11/2010. Disponível em: <WWW.unifem.org.br>. Acesso em: 15 mar. 2014.

FRASER, Nancy. Políticas feministas na era do reconhecimento: uma abordagem bidimensional da justiça de gênero. Tradução Heloísa Eugênia Villela Xavier. In: BRUSCHINI, Cristina; UMUNBEHAUM, Sandra (orgs). **Gênero, democracia e desenvolvimento**. 1a. Ed. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2002.

FREIDSON, Eliot. Theory and the Professions. **Indiana Law Journal**: Vol. 64: Iss. 3, Article 1, p. 423-432, 1989. Disponível em: <<http://www.repository.law.indiana.edu/ilj/vol64/iss3/1>>. Acesso em: 16 abr. 2014.

FRIEDMANN, Georges. Introdução e metodologia: o objetivo da sociologia do trabalho. In: FRIEDMANN, George (org). **Tratado de sociologia do trabalho**. Tradução Octávio Mendes Cajado. Vol 1. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

FRUCHON, Pierre (org). **O problema da consciência histórica**. Tradução Paulo César Duque Estrada. 3a. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

G1. **Paulo Henrique Amorim terá de se retratar por ofensa a Heraldo Pereira**. 23 fev. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/07/paulo-henrique-amorim-e-condenado-por-injuria-racial-contra-heraldo-pereira.html>>. Acesso em: 17 abr. 2013.

GADAMER, Hans-Georg. **A razão na época da ciência**. Tradução Ângela Dias. Rio de Janeiro: Tempom Brasileiro, 1983.

_____. **Verdade e método:** traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução Flávio Paulo Meurer. 4a. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Hermenêutica em retrospectiva. Tradução Marco Antônio Casanova. Vol. II. A virada hermenêutica. Petrópolis: Vozes, 2007a.

_____. Hermenêutica em retrospectiva. Tradução Marco Antônio Casanova. Vol. III. Hermenêutica e filosofia prática. Petrópolis: Vozes, 2007b.

_____. Hermenêutica em retrospectiva. Tradução Marco Antônio Casanova. Vol. IV. A posição da filosofia na sociedade. Petrópolis: Vozes, 2007c.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Ed. Atlas, 1995.

GÓIS, João Bosco Hora. Quando raça conta: um estudo de diferenças entre mulheres branca e negras no acesso e permanência no ensino superior. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16 (3): 424, p. 743-768, set./dez.2008.

GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

_____. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista das Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984.

GROS, F. Introdução: a coragem da verdade. In: FOUCAULT, M. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

GUILBERT, Madeleine; ISAMBERT-JAMATI, Viviane. A distribuição por sexo. FRIEDMAN, George (org). **Tratado de sociologia do trabalho**. Tradução Octávio Mendes Cajado. Vol 1. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. O recente anti-racismo brasileiro: o que dizem os jornais diários. In: CARRANÇA, Flávio; BORGES, Rosane da Silva (org). **Espelho infiel – o negro no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.

HABIB, Lia. **Jornalista: profissão mulher**. São Paulo: Sapienza Editora, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, n. 5, p.7-41, 1995.

HARDING, Sandra. **A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista**. Estudos Feministas, n. 1, p. 7-31, 1993.

HASENBALG, Carlos. Raça, classe e mobilidade. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

_____. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

HELBORN, Maria Luíza. Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

HIRATA, Helena e KERGOAT, Danièle. A classe operária tem dois sexos. **Estudos Feministas**, n. 1, p.93-100, 1994.

_____. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Caderno de Pesquisa*. v.37, n.132, p. 595-609, set./dez. 2007.

HIRATA, Helena. Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, Revista de Sociologia da USP, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Feminismo em tempos pós-modernos. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). **O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOOKS, bell. **Feminism is for everybody: passionate politics**. Cambridge: South End Press, 2000.

_____. **The will to change: men, masculinity and love**. New York: Washington Square Press, 2004.

_____. **Writing beyond race**. New York, Taylor & Francis, 2013a.

_____. **Vivendo de amor**. Tradução Maísa Mendonça. Disponível em: <http://www.abpn.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=354:vivendo-de-amor&catid=25:artigos&Itemid=25&lang=fr>. Acesso em: 12 dez. 2013b.

_____. **Alisando nossos cabelos**. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>>. Acesso em: 2 ago. 2014.

IANNI, Octavio. A racialização do mundo. São Paulo, 11 dez. 2003. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.18, n.50, p.18, jan.-abr.2004. Entrevista a Alfredo Bosi.

IRACI, Nilza; SANEMATSU, Marisa. Mídia e racismo – a que é que se destina? Como a imprensa escrita brasileira cobriu a III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância. In: CARRANÇA, Flávio; BORGES, Rosane da Silva (org). **Espelho infiel – o negro no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010: Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Trabalho_e_Rendimento/censo_trabalho_e_rendimento.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2014.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **O que é, afinal, os estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

- KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos**, n. 86, mar., p. 93-103, 2010.
- LAURETIS, Teresa de. **Technologies of gender: essays on theory, film, and fiction**. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1987.
- LEIRIS, Michel. Raça e civilização. In: UNESCO. **Raça e ciência I**. São Paulo: Perspectiva, 1960.
- LEITÃO, Miriam. A imprensa e o racismo. In: RAMOS, Silvia (org). **Mídia e racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- _____. As duas verdades do Brasil. In: WERTHEIN, Jorge; CUNHA, Célio da (orgs). **Investimentos em educação, ciência e tecnologia: o que pensam os jornalistas**. Brasília: Unesco Brasil, 2004
- LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n.1, p. 234-241, jan/jun2003.
- LEMOES, Rosália de Oliveira. Feminismo negro em construção: a organização do movimento de mulheres negras do Rio de Janeiro. 186f. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação (Mestrado em Psicologia de Comunidades e Ecologia Social), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. In: UNESCO. **Raça e ciência I**. São Paulo: Perspectiva, 1960.
- LIMA, Solange Martins Couceiro de. **O negro na televisão de São Paulo – um estudo de relações raciais**. São Paulo, FFLCH, USP, 1983.
- LOPES, Fernanda. A importância do conflito na configuração identitária do jornalista brasileiro. **Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão**, ano XIX, v.1, n.5, p.93-109, jan./dez.2009.
- _____. **Ser jornalista no Brasil: identidade e formação acadêmica**. São Paulo: Paulus, 2013.
- LOPES, Tim. Retrato da imprensa em preto e branco. **Revista de Comunicação**, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p.12-13, 1985.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **O que é, afinal, os estudos culturais?** Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. 2a. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

MACHADO, Lia Zanotta. Feminismo, academia e interdisciplinaridade. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

_____. **Gênero, um novo paradigma?** Cadernos Pagu, n. 11, p.107-125, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. 3a. edição. São Paulo: Cortez, 2004.

MANHÃES, Eduardo. Análise do discurso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2a. Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo político**. Brasília: Contexto, 2005.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MEDINA, Cremilda. Imprensa e racismo: espelho das contradições sociais. In: CARRANÇA, Flávio e BORGES, Rosane da Silva (org). **Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.

MELO, José Marques de. **Sociologia da imprensa brasileira: a implantação**. Petrópolis: Vozes, 1973.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013a.

_____. Sindicalização e identidade política dos jornalistas brasileiros. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 10, n. 1, jan-jun. 2013b.

MINAYO, Maria Cecília (org). **Pesquisa social: teorias, métodos e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOURA, Clóvis. **História do negro brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 11, p.225-233, jan/jun 2003.

NASCIMENTO, Lerisson Christiam. Profissionalismo: expertise e monopólio no mercado de trabalho. **Perspectivas Contemporâneas**, Campo Mourão, v. 2, n.1, jan./jun.2007.

NAVILLE, Pierre. O emprego, ofício, a profissão. In: FRIEDMAN, George (org). **Tratado de sociologia do trabalho**. Tradução Octávio Mendes Cajado Vol 1. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

OLIVEIRA, M.I.P; MENEGHEL, S.N.; BERNARDES, J.S. Modos de subjetivação de mulheres negras: efeitos da discriminação racial. **Psicologia e Sociedade**, Florianópolis, v. 2, ano 21, p.266-274, 2009.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6a. ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 4ª reimpr., 5.ed., São Paulo: Brasiliense, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

PEREIRA, João Baptista Borges. **Cor, profissão e mobilidade: o negro e o rádio de São Paulo**. 2a. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

PEREIRA, Heraldo. Novo rosto no JN. IstoÉ Gente. Entrevista concedida a Mariane Morisawa, 2 dez. 2002. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoegente/174/reportagens/heraldo_pereira.htm>. Acesso em: 31 jul. 2016.

_____. Heraldo Pereira. Memória Globo, 16 fev. 2004. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/heraldo-pereira.htm>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

_____. **Por um jornalismo isento**. Entrevista a Amilton Pinheiro. Revista Raça Brasil, São Paulo, edição 165, 2012. Disponível em: <<http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/165/artigo255164-1.asp>>. Acesso em: 17 abr. 2014.

PETRARCA, Fernanda. **Por uma sociologia histórica do jornalismo no Brasil**. Anais do 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. UFF: Niterói, 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro->

[2008-1/POR%20UMA%20SOCIOLOGIA%20HISTORICA%20DO%20JORNALISMO%20NO%20BRASIL.pdf](#)>. Acesso em: 31 jul. 2016.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura à tinta preta** – a imprensa negra no século XIX (1833-1899). 197 f. Brasília: UnB, 2006. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 2006.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, v.18, n.36, p. 15-23, jun. 2010.

PORTO, Sérgio Dayrell. Vivências interpretativas em jornalismo. Versão atualizada do método das “Seis leituras interpretativas em massa folhada”. In: PEREIRA, Fábio; MOURA, Dione; ADGHIRNI, Zélia Leal (orgs). **Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012.

RAGO, Margareth. **Descobrimo historicamente o gênero**. Cadernos Pagu, n. 11, p.89-98, 1998.

RIBEIRO, Lavina Madeira. **Imprensa e espaço público** – a institucionalização do Jornalismo no Brasil 1808-1964. E-papers: Rio de Janeiro, 2004.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Tradução Hilton Japiassu. 2a. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

_____. **A teoria da interpretação**. Tradução Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1987.

_____. **O discurso da ação**. Tradução Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1988.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **As dimensões da pragmática na comunicação**. Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1995.

_____. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org). **O jornal: da forma ao sentido**. Tradução Sérgio Grossi Porto. 3. ed. rev. ampl. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

ROSA, Isabel Cristina Clavelin da. **Racismo em Pauta: a pluralidade confrontada no noticiário da Folha de S. Paulo na década de 2000**. 241f. Brasília: UnB, 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2011.

_____. Imprensa negra: descobertas para o jornalismo brasileiro. **Estudos em jornalismo e mídia**, Florianópolis, v. 11, n.2, p. 555-568, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth. Primórdios do conceito de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.12, p. 157-163, 1999.

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil hoje. In: RIBEIRO, Walter Costa (org). O País distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania. Publifolha, São Paulo, 2002.

SANTOS, Raíssa. **Jornalismo do século XXI**: profissão, identidade, papel social, desafios contemporâneos. Anais do XVI Congresso de Ciências de Comunicação na Região Centro-Oeste. João Pessoa: UFPB, 2014, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0360-1.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

SARTRE, Jean-Paul. **Colonialismo e neocolonialismo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

SCOTT, Joan. **Gender and the politics of history**. Tradução Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York, Columbia University Press. 1989.

SEABRA, Roberto. Dois séculos de imprensa no Brasil: Do Jornalismo literário à era da internet. In: MOTTA, Luiz Gonzaga. **Imprensa e poder**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

SILVA, Leonardo Dantas. **A imprensa e a abolição**. Recife: Fundaj:Editora Massangana, 1988.

SILVEIRA, Oliveira Ferreira da. Palavra de negro. In: SANTOS, Irene. **Negro em preto e branco**: história fotográfica da população negra de Porto Alegre. Porto Alegre: Do Autor, 2005.

_____. Poemas: antologia. Porto Alegre: Edição dos Vinte, 2009.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. 2a. Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. Um pé fora da cozinha. In: CARRANÇA, Flávio e BORGES, Rosane da Silva (org). **Espelho infiel**: o negro no jornalismo brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.

SORJ, Bila. O feminismo na encruzilhada da modernidade e da pós-modernidade. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro, ou, As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2a. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SWAIN, Tania Navarro. **Corpos construídos, superfície de significação, processos de subjetivação**. Disponível em: <http://www.intervencoesfeministas.mpbnet.com.br/textos/tania-corpos_construidos.pdf>. Acesso em: 23 out. 2013.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

TURRA, Cleusa; VENTURI, Gustavo. **Racismo cordial: a mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS. Jornalistas fazem acordo em processo de indenização por dano moral. 23 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/noticias/2012/fevereiro/jornalistas-fazem-acordo-em-processo-de-indenizacao-por-dano-moral>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

Jornalista é condenado por injúria racial contra colega de profissão. 5 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/noticias/2013/julho/jornalista-e-condenado-por-injuria-racial-contra-colega-de-profissao>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. **Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2007.

WEBER, Max. **Fundamentos da Sociologia**. Porto: RES Editora, 1983.

_____. Sociologia da imprensa: um programa de pesquisa. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol.II, nº 1, 1º semestre, Florianópolis, 2005.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimento de mulheres negras e estratégias políticas contra o racismo e o sexismo. In: WERNECK, Jurema (org). **Mulheres negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil**. Rio de Janeiro: Criola, 2014.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade**. Tradução Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2011.

WHITE, David. O *gatekeeper*: uma análise de caso na seleção de notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999.

WINTER, Agnéa Magali. Pesquisa desigualdade de mídia do Rio Grande do Sul: a (in)visibilidade da cor. In: **O negro na mídia** - a invisibilidade da cor. Porto Alegre: Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul/Núcleo de Jornalistas Afro-brasileiros. Porto Alegre: Sindjors, 2005.

OBRAS CONSULTADAS

ADGHIRNI, Zélia Leal. Jornalista: do mito ao mercado. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. II, n. 1, 1º semestre de 2005.

ALBUQUERQUE, Afonso de. A obrigatoriedade do diploma e a identidade jornalística no Brasil: um olhar pelas margens. **Revista Contracampo**, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Niterói, n. 14, p.73-92.

AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si mesmo no discurso**: a construção do ethos. 2a.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ARENDT, Hannah. **Sobre la violencia**. Cidade do México: Editorial Joaquín Mortiz, 1970.

BARBEIRO, Heródoto. Prefácio. In: HABIB, Lia. **Jornalista**: profissão mulher. São Paulo: Sapienza Editora, 2005.

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. Para onde vai a classe média: um novo profissionalismo no Brasil. **Tempo Social Rev. Sociol. USP**. São Paulo, 10 (1), p.129-142, maio. 1998.

BRENNAN, Teresa. **Para além do falo**: uma crítica a Lacan o ponto de vista da mulher. Tradução Alice Xavier. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

BRUSCHINI, Maria Cristina. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n.132. p. 537-572, set./dez.2007.

CALDWELL, Kia Lilly. A institucionalização de estudos sobre a mulher negra: perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil. **Revista da ABPN**,v.1, n. 1, mar/jun. 2010.

CARDOSO, Edson Lopes. **Memória de movimento negro**: um testemunho sobre a formação do homem e do ativista contra o racismo. 298f. São Paulo: USP, 2014. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2014.

CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça. In: BRUSCHINI, Cristina e UNBEHAUM, Sandra (Orgs.). **Gênero, democracia e desenvolvimento**. 1a. Ed. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2002a.

_____. Movimento negro no Brasil: novos e velhos desafios. **Caderno CRH**, Salvador, n.36, p.209-215, jan/jun. 2002b.

CONCEIÇÃO, Fernando da Costa. **Mídia e etnicidades no Brasil e nos Estados Unidos**. São Paulo: Livro Pronto, 2005.

FERNANDES, Florestan. **Integração do negro à sociedade de classes**. MEC: INEP: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais: Rio de Janeiro, 1964.

FONSECA, Virginia. Questões sobre a identidade do jornalista contemporâneo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Ano V, n. 2, p.129-140, jul./dez. 2009.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas**. Tradução Salma Tannus Muchail. 9a. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FREIDSON, Eliot. Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: ANPOCS, n. 31, ano 11, jun. 1996. CD-ROM.

GABRIELA, Marília. Marília Gabriela. In: VIEIRA, Geraldinho. **Complexo de Clark Kent: são super-homens os jornalistas?** São Paulo: Summus Editorial, 1991.

GERK, Cristiane. Um olhar histórico e profundo sobre a construção da identidade profissional e formação acadêmica do jornalista no país. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v.4, n.1, p. 99-101, jan./jun.2015.

GONÇALVES, Carlos Manuel. Análise sociológica das profissões: principais eixos de desenvolvimento. **Revista da Faculdade de Letras: Sociologia**, Porto, 17/18, p.177-224, 2007/2008.

GROHMANN, Rafael. As teorias sobre o profissional jornalista e o binômio comunicação e trabalho. **Líbero**: São Paulo, v.6, n.2, p.123-132, jul./dez. de 2013.

HARAWAY, Donna. “**Gênero**” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, n. 22, p.201-246, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback. 3a. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

HIRATA, Helena e HUMPHREY, John. O emprego industrial feminino e a crise econômica brasileira. **Revista Economia Política**, v.4, n.4, p. 89-107, out./dez. 1984.

HOOKS, bell. **Black looks: race and representation**. New York, 1992.

_____. Intelectuais negras. **Estudos feministas**, Florianópolis, ano 3, p. 464-478, 2º semestre 1995.

IANNI, Octavio. **Escravidão e racismo**. São Paulo: Hucitec, 1978.

JORGE, Thaís de Mendonça. A notícia e os valores-notícia – o papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia-a-dia da imprensa. **UNirevista**, São Leopoldo, v. 1, n.3, jul, p. 1-14, 2006.

LAURETIS, Teresa. **La tecnología de género**. Disponível em: <<http://www.caladona.org/grups/uploads/2012/01/teconologias-del-genero-teresa-de-lauretis.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2013.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LITTLE, Kenneth L. Raça e Sociedade. In: UNESCO. **Raça e ciência I**. São Paulo: Perspectiva, 1960.

LOBO, Elisabeth Souza. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. 1a. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

LOPES, Fernanda Lima. **Entre a objetividade e a vigilância: contradições do trabalho e da identidade jornalísticos**. Intercom. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UnB, 6 a 9 set. 2006.

_____. **Jornalismo: uma profissão em crise? Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n.24, p.58-72, jan./jun. 2011.

_____. O papel da retórica na construção da identidade do jornalista. **Comunicação e Sociedade**, ano 33, n. 56, p.265-285, jul./dez.2011.

LOURO, Guacia Lopes (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2a. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56), p. 17-23, maio/ago.2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Tradução Márcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima. 1a. reimp. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

MELO, José Marques de. **Jornalismo brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

MELO, José Marques de (org). **Comunicação e classes subalternas**. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

MELLO, Luiz Antonio. **Manual de sobrevivência na selva do jornalismo**. Niterói: Casa Jorge Editorial, 1996.

MORAES, Paulo Ricardo de. Imprensa negra gaúcha – a voz que não se cala. In: **O povo negro no Sul**. Associação Riograndense de Imprensa, Porto Alegre, 2002.

MOURA, Clóvis. **Imprensa negra** – estudo crítico de Clóvis Moura – Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo: Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, 2002.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da Mulher Brasileira: corpo e classe social no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1983.

NUNES, Mônica; TEMER, Ana Carolina Rocha. Conteúdos culturais do telejornalismo e a presença das mulheres jornalistas. **Rumores**, v.8, n.16, jul./dez.2014.

ORLANDI, Eni. **Gestos de leitura: da história no discurso**. 2a. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

_____. **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. 2a. ed. Campinas: Pontes, 2001.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Piso de proteção social para uma globalização equitativa e inclusiva**. Genebra: OIT, 2011.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PEREIRA, Fábio Henrique. O mundo dos jornalistas: aspectos teóricos e metodológicos. **Comunicação e Espaço Público**, Brasília, ao IX, nº 1 e 2, 2006.

_____. **Jornalistas-intelectuais no Brasil**. São Paulo: Summus Editorial, 2011.

_____. Possibilidades de aplicação do conceito de carreiras profissionais nos estudos sobre jornalismo. In: PEREIRA, Fábio; MOURA, Dione e ADGHIRNI, Zélia Leal (orgs). **Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012.

PETRARCA, Fernanda Rios. **O jornalismo no Brasil: a gênese de uma profissão**. XII Congresso Brasileiro de Sociologia, 31 de maio a 3 de junho de 2005, UFMG, Belo Horizonte.

_____. Construção do estado, esfera política e profissionalização do jornalismo no Brasil. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v.18, n. 35, p.81-94, fev., 2010.

PINHEIRO, Luana et. all. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. 3a. ed. Brasília: IPEA: SPM: UNIFEM, 2008.

ROSA, Waldemir. Sexo e cor: categorias de controle social e reprodução das desigualdades socioeconômicas no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n.3, p.889-899, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões sobre o racismo**. 5.ed. São Paulo: Difusora Europeia do Livro/Ed. da Universidade de São Paulo, 1968.

SILVA, Ana; HENNING, Clarissa; OSÓRIO, Moreno e LISBOA, Juliana. Jornalismo: entre a busca por uma epistemologia própria e a necessidade de afirmação profissional e de pesquisa. *Revista Epistemologias da Comunicação*, v.3, n.5, p.53-60, jan./jun.2015.

SILVA, Lorena Holzmann da. Admitimos trabalhadores, para trabalhos leves. **Revista de Estudos Feministas**, p. 349-361, 2º semestre, Florianópolis, 1995.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo volume II: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

VIEIRA, Geraldinho. **Complexo de Clark Kent: são super-homens os jornalistas?** São Paulo: Summus Editorial, 1991.

APÊNDICE A – ENTREVISTAS JORNALISTAS NEGRAS

CLEIDIANA RAMOS



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Fui a primeira da família a fazer jornalismo. Não tinha outra. Em universidade pública, eu fui a segunda da família. Antes só tinha acho que, quase 20 anos antes, um tio meu tinha feito, mas Farmácia. Eu sempre gostei muito de escrever. Como não dava para fazer outras coisas, tipo Teatro, eu achei que Jornalismo eu podia me aproximar dessa coisa de escrever. E lá naa faculdade, eu fui me apaixonando cada vez mais pelo curso, principalmente pela essa área de Novo Jornalismo, que é Jornalismo e Literatura. Então, a escolha foi mais por isso mesmo, por gostar de escrever, e eu aqui fui vendo outras coisas. Outras possibilidades que a profissão oferece, essa parte mais educativa.

DEFINIÇÃO DO TRABALHO COMO JORNALISTA

Foi um trabalho que foi me educando, para que depois eu fosse para essa área educativa. Vamos falar da área em que eu acabei me especializando, que é a área étnicorracial. Eu me descobri negra, fazendo reportagem. Eu não tinha essa consciência étnica. Ela era meio adormecida. Eu sou do interior da Bahia. Essa questão no interior da Bahia é muito, ainda, adormecida. A gente ainda não tem grupo de militância em nenhum sentido. Embora na minha casa, a gente tivesse essa educação. Meus pais são negros. Mas meu pai era, digamos assim, visivelmente negro. Como ele foi político, candidato a prefeito, fundador do MDB, eu tive educação do ponto de vista político mais ligada à esquerda. Como era região com muito embate agrário e meu pai estava vinculado à luta dos posseiros, ele começou a ser atacado. Quando veio a abertura [*redemocratização*] e ele foi candidato a prefeito, ele começou a ser atacado pela questão exatamente da cor. Mas ele sempre teve uma forma muito interessante de lidar com essas coisas. Talvez foi meu

primeiro contato com a questão étnica. Eu estava entrando numa escola pública. Naquela época, a gente entrava com sete anos. Tinha de esperar os sete anos para entrar. **Eu lembro que ouvia as outras crianças repetirem que meu pai não podia ser prefeito, porque era preto.** E aí, quando ele ganhou a eleição, ele colocou um trio para tocar... Colocou um desenho de dois porquinhos abraçados – um branco e um preto – e tocava aquela música Fuscão Preto o tempo inteiro. E ele assumiu mesmo como nome político Chico Preto. Mas ainda assim, como eu tinha a pele mais clara etc, as pessoas viviam me dizendo que eu não era negra. Que meu pai era, mas eu não. Quando eu vim para cá, para Salvador, essa questão ficou muito mais evidente, digamos assim. E aqui que eu vim tomando mais consciência da questão do racismo, coisa que a gente não tinha lá de uma forma muito mais forte na minha infância e adolescência. **Aí no jornal, na medida em que eu ia fazendo matérias nessa linha é que eu fui me conscientizando mais um pouco. E acabei trazendo essa experiência para dentro do próprio jornal.** Começou com os cadernos que foram 13 números que eu ... participei de todos os 13...começou a partir de 2003, com uma pauta para levantar a questão se Salvador era ou não uma cidade racista. E acabou virando os cadernos que se tornaram um projeto muito maior do jornal, publicados em todo 20 de novembro. Então, para mim, o jornalismo foi fundamental nesse sentido para descobrir o potencial educador dele; primeiro, individual, e depois, coletivo.

SEXISMO

É qualquer tipo de obstáculo que você coloca para alguém por conta da opção sexual dela ou do gênero.

RACISMO

A mesma coisa, mas já do ponto de vista da questão racial. Ou seja, do ponto de vista do fenótipo ou de outros símbolos que você é identificado como de determinado grupo. E por conta disso você é impedido de ter acesso a determinadas categorias, digamos assim.

PRÁTICAS SEXISTAS OU RACISTAS NO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Sim, o tempo inteiro. **Eu entrei no jornal, em 1998, numa época em que a própria redação, onde trabalhei durante anos, ela tinha questões muito fortes de racismo, machismo.** Tanto é que aqui no jornal a gente foi perceber uma maior quantidade de jornalistas se assumindo negros nos últimos dez anos. Isso na Bahia. Nos últimos dez anos. E isso o pessoal mais jovem, o pessoal que já entrava assumindo o cabelo black power. **Era muito raro você ver um jornalista usar black power, por exemplo.** Aqui, nos últimos dez anos. Aqui no jornal, por exemplo, as pessoas passaram a assumir a religiosidade de matriz Africana. Passaram a vim com conta. Eu, por exemplo, quando fiz santo, o jornal foi mais tranquilo comigo o fato de ter alguém de branco, de cabeça coberta. Foi um assédio tremendo, eu parecia um ET, porque até Então, não tinha tido reporter iaô. Já tinha tido ogã e tal. Mas, assim, a empresa foi tranquila. Deve ter aprendido a questão de licença, o que eu não podia fazer. Eles foram mais tranquilos. Eles são bem mais tranquilos com relação à religião do que a questão mais política. Mas eu conheci o jornalismo da Bahia, da minha geração, com muitas queixas sobre machismo, racismo. A gente ouvia aquele tipo de piadas machistas pesadas, entendeu? Eu passei um

tempo vindo no jornal de calça. Eu não gostava de vir de minissaia, porque era terrível. Era terrível! As piadas eram horrorosas. Era tipo: “E aí?”. Botar apelido, né? “Minha filha, vai para onde assim toda apertadinha?” “Desse jeito, você tira a concentração dos colegas”.

[pedido de esclarecimento santo] Era assim um assédio da curiosidade, entendeu? Nunca tinham passado por um tipo de experiência dessa. As pessoas tinham essa prática de enconder, né? Principalmente jornalistas. Jornalistas lidam... têm uma forma muito complicada de lidar com religião, né? A gente tem toda uma formação assim de que jornalista não pode expresser sentimentos, valor... Então, você vê, via jornalista iaô de cabeça coberta não era muito comum. Era esse assédio do ponto de vista da curiosidade. Eu não tive problema não. Aqui não.

[caracterização da curiosidade] Primeiro, quando eu cheguei, eram grupinhos de quarto a seis me rodeando, entendeu? Para saber como eu estava, como é que foi. Tanto que lembro que uma colega disse: “Gente, leva a menina lá pra cima, para o quarto andar, e a gente faz uma coletiva. Pronto! Deixa a menina em paz”. [risos] Mas eu acho que foram formas interessantes de lidar com a questão. Muita gente, inclusive, já me falou que não entendia... que passou a entender o candomblé depois dessa convivência comigo e outras pessoas aqui, entendeu?

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES MULHERES

Primeiro, é a questão da setorização. Ainda há... melhorou muito, melhorou muito! Mas a gente ainda vê alguns setores de jornal em que as mulheres não são muito presents. Por exemplo, colunistas políticas. Aqui na Bahia, colunistas de Política, a gente não tem nenhuma. Colunistas de economia, a gente não tem nenhuma. Na reportagem, Política tem algumas, né? Economia não tem muitas. Dá para a gente contar nos dedos. E colunista Política, nenhuma, nenhuma. As mulheres estão muito mais presents nas editorias de Cidade, pelo menos no jornal impresso, onde eu tenho mais presente. Cidade é que a gente chama de Clínica geral numa brincadeira com a Medicina. Então, faz de tudo. Então, a gente vê um maior número de mulheres. Aí Cultura, tem mais mais mulheres. Moda, né? As mulheres, algumas, são setoristas de moda. Agora aqui, no jornal, não sei se é um caso isolado, a gente tem, nos últimos cinco anos, o número de mulheres editoras aumentou mais. Aqui, especificamente no caso do jornal, **pela primeira vez, em cem anos de empresa, uma mulher assumiu a Direção de Redação, que é Mariana Carneiro. Pela primeira vez, em cem anos. Hoje, a Direção da Redação. E me parece que é a primeira da Bahia.**

[Ela é negra?] Não, branca.

[Tem relação política com a direção?] Não, foi um caminho natural. Ela teve uma trajetória. Entrou aqui como repórter. Fez carreira bem rápida e chegou à chefia. Mas posso te dizer – em off – ouvi alguns questionamentos, né?

[De que tipo?] Mais questionamentos do que em relação aos diretores homens que passaram por aqui.

[De que modo?] Foi escolhida nesse momento porque a diretoria precisa de gente mais flexível. E mulher é mais flexível. O flexível é no sentido de que a mulher é mais fácil de

ser manipulada, entendeu? E tinha incômodo de colegas homens com relação a isso. Há outras situações. **Em 2003, quando Olenka Machado foi a primeira mulher a assumir a maior editoria do jornal, que era a editoria de Salvador, que a gente chamava de local. Eu ouvi ... eu pelo menos sei de um caso, um caso, de um colega que preferiu pedir demissão, porque ele não iria aguentar uma mulher maluca, louca, comandando. A expressão era essa.**

[Ela tinha anos de casa?] Já, algum tempinho. Uns quarto, cinco anos.

[Ela era uma mulher branca ou negra?] Branca também. Negra nenhuma assumiu.

[Ela continua no jornal?] Não. Ela saiu já faz um tempo. Saiu em 2006. Ela ficou três anos. Era uma figura extremamente interesse. Foi sob o comando dela que o caderno Consciência Negra nasceu.

[Motivos da saída de Olenka: resistência do jornal? dos Colegas?] Não, foi uma reformulação que eles fizeram aqui. E aí o novo gestor avaliou que ela não tinha o perfil que ele queria.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES/PROPENSÕES HOMENS

Os únicos homens que eu vi – na minha trajetória – passaram por constrangimentos e obstáculos eram os homens gays. Os homens homoafetivos. Hetéros não. E alguns, aqui no jornal, tinham queixas de homens negros sobre racismo. No caso, homens negros. Mas os homens brancos, estão no topo, inclusive, sempre eram os mais vistos para promoção. Sempre eram os mais lembrados.

RELAÇÕES DE GÊNERO – DESVANTAGEM POR SER MULHER?

A que eu senti, eu já disse isso uma vez para os diretores daqui. **Pelo fato, talvez, de ser mulher e negra nunca era lembrada para nada. Absolutamente nada.** Só era lembrada para aquelas coisas ... Um dos meus chefes gostava de dizer que eu e um colega éramos especializados em descascar abacaxi. Se tinha uma crise, a gente era chamada para apagar, sabe?

[Quais eram os abacaxis? Tem exemplos?] Tenho. Tenho. Uma certa feita lembraram, faltando três semanas, que o jornal iria completar 95 anos e não tinha caderno especial. Aí, o colega que geralmente fazia essas coisas estava de férias. Então, me chamaram. Então, era produzir um caderno especial de 16 páginas sobre ... um caderno institucional com todas as publicações que isso traz, entendeu? Ou seja, você não pode errar. **Imagine, você fazer um caderno jornalístico sobre o lugar que você trabalha. Uma coisa bem espinhosa e que as pessoas não queriam fazer, inclusive gente que ganhava mais que eu.** Mas disse que não ia fazer, porque não queria problema. Então, você ter que trabalhar nisso 12 horas por dia durante três semanas e com esse peso de não poder errar. Errar numa questão dessas dava muito problema. Dava muito trabalho. Mas isso nunca se falava. **Eu tenho consciência que eu fiz várias coisas legais, várias coisas pioneiras no jornal, mas isso nunca significou promoção nem aumento de salário, entendeu? Até a minha promoção para repórter especial, inclusive é difícil para vários deles, eu tenho certeza que só ganhei, porque ameacei sair do jornal.** Na época, eu tinha outra proposta de trabalho. E o jornal, por meio dessa coordenadora que falei, Olenka Machado, ela conseguiu que o jornal fizesse uma contraproposta para que eu não saísse.

RELAÇÕES DE GÊNERO – SALÁRIO, CONDIÇÕES DE TRABALHO

Não. Não exatamente por isso, porque os jornalistas negros não estão em posição de comando, inclusive aqueles que têm consciência. Dos que autodeclararam negros, a gente tem apenas, na redação, um como editor de Política. Os outros todos estão em cargos iniciais, como reporters especiais, por mais que tenham anos de casa. No caso das mulheres, acontece o mesmo. Eu não sei a realidade salarial de todas. Não tenho essa informação, mas algumas ganham menos do que os homens. E estavam no mesmo posto.

RELAÇÕES DE GÊNERO – DESVANTAGEM NO JORNALISMO POR SER MULHER NEGRA

Só nesse sentido de ter essa consciência de que você não iria muito longe, entendeu? Do ponto de vista de promoção de carreira. **Eu acho que essas coisas ficam muito claras mesmo que as pessoas não tenham essa consciência do que elas estão fazendo. Essa é uma questão que a gente nunca discutiu aqui.**

RELAÇÕES DE GÊNERO – PRÁTICAS DE ASSÉDIO E DISCRIMINAÇÃO CONTRA MULHERES JORNALISTAS

Sim, sim. Várias. Várias.

[Exemplos] Veja só: **uma cobrança enorme em relação a bom comportamento.** Tipo mulheres jornalistas que namoravam com várias pessoas, em termos de piadas. Não aconteceu diretamente comigo, mas com outras colegas, relatos de assédio de colegas de trabalho. Assédios violentos nesse sentido que estou te falando...verbal. O cara com cantada grosseira – de colega de trabalho a motorista. Olhares, entendeu? A gente mesma tinha um repórter fotógrafo, eu, por exemplo, me sentia muito incomodada e estava a ponto de falar com o chefe dele a forma como ele olhava para todas nós, mulheres. **Ainda bem que ele não ficou aqui por muito tempo. Um dia desci... estava indo para casa – tinham aqui no jornal grupos que faziam plantões – e uma das Meninas, Meninas mesmo, 12 anos, 13 anos...aqueles concursos loucos. Isso década de 90, início dos anos 2000. Aqueles concursos de garota de bairro. E as meninas adolescentes e de biquini. Você devia ter visto a forma como o cara olhava para as meninas enquanto as fotografava. Aquilo me deu um horror. Ainda bem que ele não está mais aqui.**

[Saída teve a ver com essas atitudes?] Não. Mas teve um cara, um fotógrafo que fotografou uma colega, ela estava com a calça baixa, nessa parte das costas, e estava com essas fotos aí rolando, entendeu? E aí, acidentalmente, ela não tinha a foto para fazer a matéria. **Ela e o editor foram procurar foto [no arquivo] e viram as fotos dela no meio das outras fotos. E ele foi demitido por conta disso e teve uma resistência enorme, inclusive mulheres que estavam defendendo ele. Achavam que era frescura dela, que era bobagem.**

RELAÇÕES DE GÊNERO – PRÁTICAS EM FAVOR DE HOMENS

Indiretamente, não.

RELAÇÕES DE GÊNERO – PRÁTICAS RACISTAS CONTRA MULHERES NEGRAS

Eu acho que sim, viu, Isabel. **Porque tem a questão do sexismo que é forte, é ainda muito forte. Aliada à questão das mulheres negras, mais ainda. Aqueles velhos estereótipos. As mulheres negras são mais quentes. Os comentários que eu ouvia em relação ao corpo de algumas colegas, entendeu? Inclusive de amigos meus, amigos jornalistas, entendeu?**

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE SALARIAL E DE CONDIÇÕES

Não, não, não. É aquela... eu acho que no jornalismo é aquela mesma classificação econômica, né? **No topo da pirâmide, homens não negros, mulheres não negras, homens negros e depois mulheres negras na base. A mesma coisa.**

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE.

Desigualdade mesmo. As mesmas da sociedade. As redações reproduzem do mesmo jeito.

RELAÇÕES DE GÊNERO – ACOES EMPRESAS

Primeiro, elas precisam se conscientizar. A gente tem um problema sério assim. A maioria das empresas pertence a famílias. O fato de pertencerem a famílias é aquela velha estrutura social do Brasil. **São pessoas que vêm de uma série de privilégios. Se elas sempre viveram esses privilégios, elas não reconhecem esses privilégios e nas empresas delas a existência desse tipo de problema.** Então, você já começa... As administrações não são assim independentes. Tem uma relação ali com o dono, com o que o dono pensa, o dono da empresa. Então, é muito complicado você discutir questões como sexismo. Racismo pior ainda. Eu tinha aqui rápidos contatos com acionistas, com membros da família acionistas, mesmo a gente tendo referência na cobertura de temas étnicorraciais, vários deles falavam comigo que essa história de cotas é uma grande bobagem. Que as pessoas têm de vencer pelo mérito. Então, não aceitam, embora nunca tenham impedido que a gente tenha tratado essas questões. Mas dentro da empresa dele, trazer essa questão para a empresa dele, se tentou algumas vezes aqui via a Secretaria Municipal de Reparação e não ia muito longe. **A SEMUR tentou ensaiar algumas vezes esse tema da diversidade, mas quando se fala você vai ter que fazer cotas, travava. Porque é uma discussão que eles ainda não conseguem fazer. Nem o início da discussão.** Uma vez até, aqui com o sindicato, num encontro de jornalistas, Marjorie estava nos falando isso: “o que você acha? A gente começar por lá?” Falei para Marjorie que seria complicado. Primeiro, a gente teria de fazer um seminário de conscientização porque não vão de primeira ... você levar um documento pronto exigindo que se estabeleça cotas na empresa, já começa supercomplicado porque é uma discussão que nem começaram. Se você leva um documento desses, você não vai conseguir passar nem pelo primeiro parágrafo. Até porque a gente ... como eu te falei, os próprios colegas, não são todos os que se acham negros. Se você vai para a televisão aqui, é terrível. Nessa cidade, a questão ... você conseguir falar com algumas colegas ... tem caso até de agressão estética que você é obrigada a fazer. Tipo cortar cabelo, alisar o cabelo porque não fica bem no enquadramento da camera, entendeu? É terrível.

RELAÇÕES RACIAIS – PRÁTICAS RACISTAS

Primeiro, a questão estética mesmo. Por exemplo, hoje já está mais tolerante, mas no passado tinha relatos: “ah, andar de bata. Isso não fica bem”. “Precisa estar bem vestido”. Mandar um black aqui era impossível. Hoje está mais comum. Então, você tem uma cobrança estética que está apresentada.

[Em que está baseada a cobrança estética que você fala?] Num referencial eurocêntrico. Então, você tem que ter o cabelo alisado. Hoje, não. Nos últimos dez anos mudou um bocado aqui. Hoje, você A gente já fez até cabeloço, aqui, na cantina. Uma menina, uma estagiária foi lá, e aí tinha um aviso na parede de prender o cabelo por causa da bandeja, só que a atenção só ela foi chamada pela dona da cantina. Ela pediu para prender o cabelo porque tinha recebido algumas queixas. A menina se sentiu mal por isso. Subi e colocou uma mensagem. **Nós aí, jornalistas negras e negros da redação, descemos e fomos lá dar uma volta. Todos de cabelo solto e exigimos chamar a criatura.** A dona não estava e chamamos a gerente. Quase fizemos um comício. **E nesse dia ninguém almoçou lá. Mas isso há dez anos era impensável.** Essa é a que consegui ver. É a mais visível. **Mas tem aquela que você não é promovido. Nunca é lembrado quando tem um projeto especial. Nunca é lembrado. Você trabalha mais do que todos outros para conseguir ficar visível, digamos assim.**

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO BRANCAS E BRANCOS

As mulheres brancas ainda enfrentam a questão do sexismo e o assédio também. Assédio moral, assédio sexual. Dos relatos que ouvi, envolvem esse tipo de problema.

[caracterização assédio moral] **O fato de ser chamada de burra. Essa coisa de gritar mesmo com a pessoa. Se a pessoa tinha um tipo de gênio mais forte rapidamente é tachada de maluca. É o tipo de ofensa maior para jornalistas brancas é ser tachada de maluca. Era o tipo de ofensa mais comum, de mulher desequilibrada.** Se a mulher fugisse um pouquinho do que se esperava dela, era esse o tipo de ofensa. Até de nós, mulheres, viu? Não eram só os homens não. Por exemplo, comigo mesma. Uma certa feita, em 2007, eu estava preparando um especial sobre a consciência negra. Uma jornalista negra ela disse para mim: “ai, meu Deus do céu, está chegando novembro [negra, viu, a criatura] é hora de a Cleidiana botar toda a negrada no jornal”. Aí voltei e disse: “é mesmo. Eu não aguento. Se eu fosse editora-chefe desse jornal eu não admitiria isso”. E ela disse: “Ainda bem que você não é. Tomara que quando você for, eu esteja bem longe daqui”. [risos] Jornalista, mulher, negra.

RELAÇÕES RACIAIS – VANTAGENS DOS BRANCOS

Aqui no jornal, quando surgia um projeto novo, embora eu trabalhasse com colegas que tinham mais tempo no jornal e eram bem competentes, mas negros, no caso estou falando especificamente de um colega negro, nunca era lembrado. Eu sempre notava isso. **Tive um colega negro muito competente, com anos de jornalismo, ele nunca foi lembrado. Em nenhuma situação. Se pintava uma vaga nova em editoria, preferiam contratar alguém, mas não o colocavam. Nunca. Ele saiu daqui como repórter de setor, repórter iniciante, entendeu? Não era falta de competência. Não era falta de competência.** Inclusive vagas que abriam na própria editoria de origem. E era uma pessoa assim, uma pessoa que tinha trabalhado com Política. Ele inclusive me contou um episódio que uma certa feita os colegas da editoria dele, ele era de Política, os

colegas de Política, inclusive as meninas, todos, receberam auxílio-paletó, para comprar roupa porque sempre iam em solenidades, ir a tribunal. Numa época, só podia entrar de terno e não de jeans. Era uma ajuda de custo para comprar, porque era um pouco caro. Todo mundo recebeu. Só ficou ele, negro, e outro colega que era negro também só que um pouco mais claro. E quando eles foram lá cobrar da direção, do director, ele disse para eles algo assim, só que com outras palavras: “Não adiante dar roupa, porque vocês nunca ficarão bem vestidos”. Foi por conta disso que ele saiu daqui pela primeira vez. Ele pediu demissão depois disso. Depois, ele voltou. E nas conversas ele... isso para el era muito claro, embora ela já tivesse, digamos assim, se conformado, era uma coisa que ele sempre falava comigo. Ele era sempre colocado em segundo plano. Nunca era lembrado. **Aliás, ele foi uma das pessoas que me ajudou a enxergar determinadas coisas, sabe?** Ele é uma figura bem com consciência racial forte. Foi uma pessoa que ajudou a ver algumas coisas, a entender algumas coisas que eu não via.

RELAÇÕES RACIAIS – PRÁTICAS RACISTAS

Tem coisas que eu não vi, mas sabia dos relatos. A gente tinha um colega que usava black power. Tinha um director que ficava implicando com o cabelo dele direto, perguntando quando iria cortar o cabelo. As coisas que ouvi mais aqui era do campo da estética mesmo. Os colegas que se sentiam desconfortáveis relatavam em rodas de conversa, essas coisas. Mas não presenciei. **Comigo especificamente não vivenciei coisas desse tipo. Só aquelas coisas de ascendência. Eu sempre soube disso, que não ia rolar não, entendeu?**

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE DESIGUALDADE

Desigualdade. Eu não sei como você pode sensibilizar. Do ponto de vista do serviço público, você tem a questão dos programas de combate ao racismo institucional. Como a maior parte das empresas jornalísticas são privadas, eu não sei que tipo de sensibilização pudesse acontecer nesse sentido. Talvez instituições como a ONU que às vezes conseguem entrar. Eu sempre gostava de citar, como exemplo, quando fazia palestras, eu gostava de citar o tipo de ação como a ANDI ou da CIPÓ na questão da criança e do adolescente. Eles vinham aqui, tipo uma hora, às 13h, horário em que o pessoal da manhã está se preparando para ir embora e o da tarde está chegando. Eles sempre vinham nesse horário. Vinham na redação e diziam: “ó, a gente está em tal sala e quem quiser ouvir mais sobre o ECA, passa lá. Às vezes, iam uns dois. Depois já eram uns dez, porque também começaram a premiar repórteres que tratavam dessas questões. E o prêmio era uma plaquinha. Isso mexia com a vaidade. Quando a gente percebeu, o jornal tinha dado uma guinada na cobertura sobre essas questões. O movimento começava pelo próprio trabalho. Na área étnicorracial, com os cadernos, quando a gente começou a ganhar prêmio, ser indicado para prêmio, Então, houve um movimento parecido de, inclusive, colegas não negros quererem participar do caderno. Colegas de outras editorias, por exemplo de Espote, passaram a vim para receber consultoria. Tipo: “Ah, eu posso brincar com essa coisa aqui relacionada a Oxalá?”. Eu dizia: “Não, não brinque não, porque é pesado, sabe? Prefira tal coisa”. Era um movimento quando a gente fala assim da questão pedagógica. Quando a gente começou a ser um grupo de excelência daquilo a gente meio que foi mudando a forma de tratamento. Alguns colegas começaram a querer se

aproximar daquele trabalho que era considerado de excelência, entendeu? Tipo aquilo ali tem uma forma, está ganhando proeminência, Então, deixa eu entender o porquê esse pessoal está se destacando. Deixa eu entender porque esse pessoal está trabalhando feliz mesmo ganhando pouco, mesmo tendo tanto trabalho. Os Cadernos é a experiência que consegue unir os mais variados setores da empresa. Todo mundo trabalha. A cada ano, a gente vem conseguindo agregar. Primeiro, os setores da redação. A reportagem e texto passou a trabalhar mais próxima da Fotografia. Depois, o pessoal da Arte veio, sabe? Quando a gente menos espera, o pessoal do marketing se aproximou. Então, eles vinham participar desde o início do caderno, porque precisavam vender o caderno. Até a Distribuição do jornal trabalhava junto para ajudar no transporte. Então, a gente entende que quando você tem esse movimento, você sensibiliza as pessoas para discutir melhor essas questões. Então, eu acho que seria o caminho. Ou é um movimento de sensibilizar a redação para que ela mesma comece a discutir. Talvez seja o caminho mais fácil. Ou o caminho no sentido da empresa como instituição. Quando a empresa começa a participar tipo Instituto Ethos ficou um bom tempo aqui no jornal. O jornal queria cumprir as diretrizes do jornal Ethos, Então, dava extrema importância a trabalho que tratava da diversidade, da igualdade. Mas é um sentido educativo mesmo. Educativo mesmo.

RELAÇÕES RACIAIS – TRAJETÓRIA

Exceção. Exceção, viu? Exceção. Exceção, porque eu entrei no jornal com 23 anos, com 15 dias de formada e vim para um a redação onde todas as minhas condições depunham contra mim. Primeiro, jovem, numa época em que o jornalista mais jovem tinha 28 anos. em 98, A Tarde era o maior jornal do Norte-Nordeste ainda. Então, o jornal fazia esforço nenhum para contratar. Ele tirava pessoas de onde ele queria. Eu era muito jovem para a média de idade daqui. Segundo, mulher, recém-formada e negra. Então, sofri um bocado. Vários testes. O próprio chefe de reportagem depois me disse que me testou muito, principalmente pela questão da juventude. A juventude para ele era uma questão, digamos assim, uma questão de risco. Eu não tinha trabalhado em jornal nenhum. Então, como eu fui praticamente uma cria da casa... tive a oportunidade...A Tarde, por eu ter sido formada aqui, eu tinha uma certa intimidade e aprendi também a conhecer a empresa. E os atalhos da empresa, onde era mais fácil. Uma coisa que sempre ouvia aqui era que não se tratava de tema de racismo, porque isso era coisa de militância. Quando eu comecei a fazer os Cadernos, o meu discurso era: “A gente não está fazendo militância. A gente está defendendo os cinco princípios fundamentais da Constituição Federal e que é a carta de princípios do jornal. Então, o jornal está fazendo o papel social dele, inclusive, corrigia muito o pessoal do movimento [negro]. Quando diziam: “ó, você é militante”. Eu dizia: “Não, eu não posso ser militante do MNU, porque só vou ter a visão do MNU. Não posso ter a visão da Unegro e cobrir o interesse da Unegro. Então, era saber o discurso para você ter acesso para fazer as coisas. E fazer bem feito, porque a gente conseguiu transformar o Caderno num produto. O jornal foi cortando todas as coisas, acabando com tudo por causa da crise da empresa, para economizar papel. Mas o caderno da Consciência Negra perdurou, porque se tornou um produto estratégico para a empresa. A questão do lucro para a empresa privada. Porque tinha lucro. Então, várias coisas que eu fiz foi nesse sentido de saber as oportunidades. A questão de ter uma remuneração razoável também se deu por eu ter conquistado algumas coisas. Mas foi exceção mesmo. E o tempo.

Acabei sendo uma profissional totalmente formada na empresa. Fiz outras coisas, mas tudo o que fiz foi resultado do que aprendi no A Tarde. Quando a TVE me chamou para ser consultora de um programa sobre intolerância religiosa, foram duas temporadas. A TVE me chamou por causa do A Tarde. A TVE me viu por causa do A Tarde, entendeu? [Foste uma das que ficou muito tempo?] Fui uma das poucas que fiquei. Inclusive alguns entraram depois de mim, alguns da minha turma, e todos saíram. Todo mundo foi embora. Acho que eu fui a última.

RELAÇÕES RACIAIS – FUTURO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Olha, Isabel, é um momento em que a gente, nós, jornalistas de redação, fomos surpreendidos. Eu fiz uma palestra de um projeto educacional do jornal e o tema era justamente isso, eram educadores para a formação de leitores. Falei para que ficassem tranquilos porque estávamos mais perdidos do que eles com essa revolução, principalmente de rede social. Eu acho que os jornais não estavam preparados para coisas tipo o facebook em que as pessoas preferem poucos caracteres a ler. É um momento em que está todo mundo assim meio assustado, meio perdido. A gente está vendo aqui com Marjorie [sindicato] e o pessoal do Mídia Étnica [ong] um curso de empreendedorismo para jornalistas sênior. O pessoal do Instituto trabalha com jovens. Eu estou fazendo a ponte para que a gente possa oferecer, na modalidade que eles fazem lá, para jornalistas com mais de 40 anos, porque está todo mundo desempregado. A gente vê um mercado cada vez mais fechado. Quem sai e não consegue mais se recolocar no que fazia. Até o modelo de assessoria de comunicação ele não está mais como a gente conheceu. Então, cada vez mais você precisa ser um profissional multimídia, ou seja, um profissional que saiba lidar com todas as linguagens possíveis com empreendedorismo mesmo. Estou experimentando meus primeiros dias de libertação da CLT, eu te confesso que eu não sei se eu quero voltar a ter patrão, sabe? Se eu quero. Porque você poder tocar um projeto que você acredita e você tem prazer em fazer, talvez seja o momento agora de a gente tentar fazer essas coisas. Ganhar dinheiro é difícil, principalmente se a gente tem essa coisa de ter muita segurança. Mas eu acho que esse é o caminho mesmo. Eu acho que o modelo de jornalismo que a gente conheceu, ele está totalmente saturado. Eu não sei se a gente vai conseguir dessa encruzilhada pelo menos em relação ao impresso, né?

FLÁVIA OLIVEIRA



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Comentários gerais (início da entrevista): É bom participar da produção acadêmica, já que eu não tenho uma vida acadêmica. Então, dar algum tipo de contribuição para disseminar conhecimento, experiência, para mim é um grande prazer. Eu estudei em universidade pública, também ... Então, eu acho que a gente tem que devolver, na medida do possível, essa atenção.

[Escolha profissional – Espelho] Vizinho, Moisés.

[Você superou e seguiu em frente] É, mas isso era exceção. Era exceção. Agora, a gente até tem uma realidade um pouco mais inclusiva, um pouco mais questionadora. Nós, negros, temos falado mais. E, independente do pouco espaço na mídia convencional, né... Eu acho que essa democratização das redes sociais, da internet, ela nos aproximou em alguma medida. Aliás, eu acho que funciona também com as mulheres, né? Não é por acaso que surgiram movimentos como #meuprimeiroassédio, #aograéquesãoelas. Em alguma medida, eu até tenho reservas, em particular, com o #aograéquesãoelas, mas acho que, de alguma maneira, a democratização pela internet nos permitiu uma formação de uma rede e uma troca de experiências que sempre foram muito subjetivas. A gente vem de uma geração, de famílias negras mesmo, que não falavam de raça. E num país em que ainda hoje, no sistema educacional, discrimine profundamente. Acho que mais que discrimine, é ignore. Encubra toda a contribuição, a participação dos negros na formação cultura, econômica brasileira. Então, assim, era meio tabu. E acho que essa atmosfera de internet aumentou muito e tem ajudado muito nessa representatividade. Hoje, a gente já percebe visível até nas estatísticas oficiais, porque a cada censo, a cada nova pesquisa do IBGED, a gente vê efeito na autodeclaração de identidade racial. Agora, a gente se assume mais como negro, a gente sabe onde dói o calo e de onde vem as origens, né, de toda essa desigualdade, de todo esse racismo, de todo esse preconceito. Mas a sociedade brasileira, sobretudo o poder na sociedade brasileira, ele ainda é concentrado nas mãos dos brancos, sobretudo os homens brancos. E, mais, os homens brancos de meia idade. Então, assim, isso é uma barreira muito grande na criação de oportunidades. Entende? Em alguma medida, a gente consegue avançar na dimensão da autoestima, que tem a ver com identidade, que tem a ver com se assumir, com repudiar preconceito, esse tipo de coisa.

A gente conseguiu avançar em alguma medida na inclusão na educação seja via Enem, Sisu, ProUni e Fies. Quer dizer, de tentar formar, de tentar forjar no sentido ogunesco do termo uma classe média negra mais qualificada, cabeças pensantes, produção acadêmica – aí está você que não me deixa mentir em relação a isso – agora, o mercado de trabalho e a composição dos postos de poder na sociedade brasileira ainda são extremamente desiguais. Não tem ministro, não tem secretário, não tem governador, não tem prefeito e por aí vai ... não tem cargo executivo tanto no caso de gênero quanto na questão da raça. E aí, quando você junta gênero e raça, tem a situação mais dramática que é a situação das mulheres negras. O fato de ser uma mulher negra, com origem na periferia, filha de mãe largada do marido ... todo esse padrão que a gente meio que reúne e se irmana, né? E ter tido uma carreira profissional ascendente e ter tido um pouco de visibilidade midiática etc e etc não anula, em nenhum momento, o fato de eu ser uma exceção ainda depois de 25 anos de carreira. Quer dizer? Não olho para o lado e vejo outras jornalistas negras em Economia. Minhas fontes em Economia continuam sendo os homens brancos. Minhas fontes em Política continuam sendo os homens brancos. Pode ter rejuvenescido um pouquinho. Talvez, hoje, você tenha mais políticos na faixa de 40 anos. Mas você ainda vê uma marca profunda tanto na Política quanto na Economia essa hegemonia histórica, né? Na figura do homem branco nos postos que são determinantes para a distribuição de poder e de riqueza. Então, ainda falta muito.

[pesquisa] Com esses dez negros, você vai praticamente cobrir o que há de negros nas redações, porque somos peças raras.

[realidade do mercado] Sem dúvida. É uma transformação do mercado jornalístico nesse momento. Tem a ver com crise macroeconômica, no caso dos jornais impressos. Tem a ver com essa desaceleração da economia que afetou os principais ramos de anunciantes, montadoras de veículos, mercado imobiliário e o varejo de duráveis. Então, tem um fator de conjuntura. Tem um lado da transformação do mundo digital, que reduziu o número de leitores nos jornais e de anunciantes. Mas tem também uma talvez incapacidade dos gestores dessa velha mídia e de se adequarem às transformações e de produzirem inovações. Hoje, você percebe, no mercado de comunicação, é que todos os eixos de inovação na área, todas as experiências novas de produção de conteúdo, elas não são forjadas, de novo, ou formatadas dentro das redações da mídia convencional. Então, você vê o movimento social, que tem sido pródigo na produção de conteúdo. Eu gosto de citar Médicos sem Fronteiras, que produz documentários incríveis de conteúdo jornalístico de altíssima qualidade, mas não são uma mídia. Tem um site com muita informação. Todas as agências mesmo, as próprias agências da ONU, tem informação primária, não somente relatórios, mas têm casos humanizados e tudo o mais. Você tem no site do IBGE... você encontra informação disponível para qualquer um tratar a informação, de uma forma muito democrática. Você tem a Anistia Internacional quase fazendo investigação jornalística, com relatórios incríveis, como por exemplo “Você matou meu filho”, Então, assim, é... Netflix, comecei a assistir ontem Make a Murder que é uma série, um documentário em séries, aquilo é uma reportagem imensa feita por uma empresa, um grupo, patrocinado por um grupo que nada tem a ver com a mídia convencional. Eu acho que é diante disso que a nossa profissão se depara e é a partir daí que a gente vai ter que

aprender a se inserir nesse mercado de trabalho que está muito diversificado, mas que a gente não foi preparada.

(jornalismo como profissão é ameaçado?) Não. Eu acho que ameaça as empresas de comunicação. Agora, ameaça a profissão de jornalista, se você tiver como visão profissional trabalhar para uma grande empresa de comunicação, um império de mídia como em alguma medida a faculdade me ensinou. Se você disser: “ah, estou aqui para trabalhar para O Globo, a Folha, O Estado de S. Paulo e exclusivamente para isso ... Se você reduzir a profissão para isso, é uma crise da profissão. Agora se você pensar de uma maneira mais ampla de que você vai continuar produzindo o seu conteúdo, apurando, escrevendo, distribuindo em canais os mais variados, não. É libertador. E eu estou acreditando nisso piamente. E tenho tendo boas experiências nesses quatro meses de afastamento da vida, da rotina diária da redação, permanente da redação.

Agora, pode ser também... que nós, mulheres negras, sempre tivemos que nos virar desde os tempos da escravidão. Não ter uma âncora, não ter um senhor ... a gente sabe como é ser libertado, ficar solta no mundo, sem políticas públicas. Pode ser que alguns indivíduos tenham uma facilidade maior de lidar com essa coisa de ... catar trabalho, né? E não mais ficar esperando aquele emprego como nós conhecemos.

(redes de solidariedade e nomes conhecidos-mais facilidade de encontrar trabalho) – É. Eu acho que não tem só coisa ruim acontecendo e nem só coisa para vir. Claro que a mudança assusta. A gente foi formada e treinada para um outro modelo de produção. Mas eu acho que tem coisas interessantes acontecendo. Agora é importante a categoria se mobilizar em alguma medida para propor novas inserções. É importante os sindicatos, as entidades de classe perceberem isso. E isso eu não estou vendo não. As ações são mais individuais. Estou falando quase de uma utopia. As coisas são meio avulsas. Eu não vejo os sindicatos dos jornalistas do Rio ou a federação preocupados em formar empreendedores ou apoiar, em criar formas de representação desse novo profissional de imprensa. Eu vejo muita gente: “Ah, vamos protestar contra os patrões que estão demitindo e têm lucro não sei das quantas”. Isso aí, cara, é aquela viuvez eterna que não vai te devolver aquele emprego, entendeu? E, na verdade, só vai te encurralar num beco sem saída. Acho que a gente precisava de uma lufada de modernizada também nas nossas entidades de representação. Eles talvez estejam com uma visão muiiiiiiito antiga, muiiiiiiito arcaica. Mas isso já foge totalmente do teu ... Acho que a gente tem que buscar saídas próprias, entendeu? E não mais depender daquela velha estrutura das grandes empresas de comunicação, que, aliás, nunca foram acolhedoras, né? É uma viuvez meio ... será que foi tudo sempre maravilhoso? Não, né? Então, vamos fazer a nossa história.

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

É. Olha só... Hoje, eu olhando daqui para trás ... eu sempre tive uma certa ligação, um interesse pela notícia, por esse tipo de coisa. E um certo talento para linguagem, para escrever. Desde que fui alfabetizada, eu escrevia bem. Eu me destacava em redação, em História e tudo mais. Lembro do meu pai comprando jornais, comprando o Última Hora, jornais mais populares aqui do Rio de Janeiro e Última Hora. Lembro dele comprando

jornais de esportes, porque era um fanático por futebol. Então, jornal era uma coisa que existia lá em casa. Lembro da minha mãe comprando O Globo, no final de semana, e de colecionar Revista da TV e Jornal da Família. Lembro de ver muito programa, enfim, entretenimento com notícia, tipo O Povo na TV, Sem Censura, alguns programas de entrevista. Lembro de um programa que o Ziraldo tinha, que entrevistava artistas, tarde na TV. Coisa incomum para uma pré-adolescente, nos anos 1980, em Irajá, subúrbio do Rio. Talvez, ali, tive um lampejo de vocação. Mas eu nunca até, meus 16, 17 anos, nunca, tive essa relação com o jornalismo pensando nisso como uma profissão. Quando me perguntavam: “o que você quer ser quando crescer?” ... Ah, eu já quis ser bailarina, que nem a música da Bethânia, pediatra, professora, psicóloga e ... não aparecia o jornalismo. O jornalismo foi meio ... Quer dizer, primeiro fazer faculdade me apareceu como uma possibilidade tardia diferente dos filhos de classe média, de mãe já escolarizada, né? Tem essa correlação, né, a escolaridade da mãe acaba por influenciar a escolaridade dos filhos. Pais com nível superior tendem a ter filhos que também vão cursar a faculdade e tal ... Eu sou filha de uma família em que minha mãe estudou até o quinto ano primário e o meu pai provavelmente por aí. Não tenho ideia da escolaridade dele, mas ele era um trabalhador braçal. Ele era pintor. Minha mãe era datilógrafa e, depois, secretária. Então, eram trabalhadores bem básicos, de formação muito básica, instrumental, de qualificação não muito alta. Mas eu estava em escola pública e fiz um curso de Estatística no antigo segundo grau, numa escola do IBGE, na Escola Nacional de Ciências Estatísticas. Pense... Hoje, ela existe, mas só para ensino superior e mestrado. Mas na época tinha curso técnico. A gente fazia prova que nem se faz para o Pedro II, o CAP UERJ, o CAP UFRJ, eu fiz algumas dessas provas e fui estudar na Ence. Ali, tinha um número muito grande de filhos de funcionários do IBGE. Então, passei ter uma convivência mais classe média. Gente que morava em bairros mais classe média no Rio, tipo Grajaú, Tijuca, Meier, Botafogo... E todo mundo ali falava com muita naturalidade sobre fazer faculdade. Então, a grande semente de caminho das pedras para chegar à universidade que foi nessa convivência, nessa escola particular, com universo mais classe média. Uma escola que estava no centro da cidade. Então, eu já saía da periferia, do subúrbio. Teve uma ampliação de território literal e simbólica E foi ali, Então, que a faculdade, a ideia da faculdade entrou na minha vida. A minha mãe sempre quis muito estudar. Ela tinha essa mágoa de não ter podido estudar. Ela era de uma família de 13 filhos, da Bahia, do Recôncavo Baiano. Uma família pobre e tal. E ela não teve essa chance. Ela me pressionava muito. Tem uma coisa de estrutura familiar e demográfica que eu acho que também pesou que foi o fato de eu ser filha única. Como ela não teve outros filhos, mesmo depois que o meu pai foi embora...ela me sustentava, o salário era baixo, mas era para duas, né? E duas mulheres. Então, isso me permitiu gastar tempo estudando sem precisar entrar no mercado de trabalho tão cedo, o que provavelmente aconteceria fosse eu uma filha mais velha de uma família com muitos irmãos. Você acabava entrando no mercado para ajudar a renda familiar, enfim... uma regra. Então, ser filha única, naquele momento da estrutura demográfica brasileira que era três filhos por mulher, nos anos 1970, foi determinante em termos do meu futuro. Depois ... aí o jornalismo. Quando eu pensava em fazer faculdade, eu pensava em História, em lecionar, ou Psicologia. Mas um dia, uma amiga minha comentou comigo ... a gente estava vendo Fantástico... eu não lembro a data, mas lembro bem da cena ... ela é minha amiga até hoje ... estava aparecendo o Ferreira

Gullar e eu falei: “ih, olha o Ferreira Gullar”. Aí ela falou: “nossa, cara, você conhece todo mundo. Você deveria ser jornalista. E ali sabe a sensação de estalo, epifania, sei lá. Acho que esse é o termo. Falei caraca! Parece que passou uma coisa de filme. É, realmente tem a ver. E aí as referências começaram a aparecer. Eu realmente escrevia bem, eu realmente lia jornal, eu realmente consumia informação, eu realmente assistia esses programas. E eu tinha mais. Eu tinha um 3 em 1. Eu gravava umas fitas de programas de debate com meus amigos. Eu ouvia muito rádio. Eu era fã do Haroldo de Andrade, do Valdir Vieira. Umas coisas assim totalmente de velho, né?, para uma meninas de 14, 15 anos. Até hoje eu ouço muito rádio. Acordo de manhã e ligo o rádio em programa jornalístico, tipo CBN, Bandnews da vida. E a partir dali cristalicei a ideia de ... é quero fazer jornalismo. Mas foi engraçado... tem o episódio do Moisés. Era um vizinho, lá de Irajá, dos poucos que tinha curso superior. Ele era professor de Matemática. E ele me chamou num ato que eu acho que na mente dele, num ato de generosidade, de alguma medida me poupar no futuro de fazer uma carreira, de me frustrar numa carreira que era embranquecida e de classe média, né? A conversa foi nessa direção: “o jornalismo é uma profissão de moças ricas e bonitas. E você devia fazer Ciências Contábeis ou Administração para arranjar um emprego como secretária”. Aí, eu teria uma boa vida dentro do que enfim ... dentro do que o Brasil reserva para a sua população preta, parda, de periferia, do Nordeste, do interior ... enfim ... É teve outro episódio também ... minha mãe tinha uma amiga que vivia muito preocupada com o meu futuro e queria sempre ... sempre me mandava dicas de emprego ... Lembro de uma sobre um concurso para ser bilheteira do metrô que era nível médio, porém com estabilidade. Naquele tempo, o metrô era empresa pública, estatal. Era estadual. Então, eu poderia ser bilheteira do metrô para sempre. E me aposentar como bilheteira. Era uma ambição para o funcionalismo público negro. Já foi porta de entrada, assim como a carreira militar de negros um pouco mais qualificados. E minha mãe dizia: “você devia fazer essa prova que a Luiza falou”. E eu dizia: mas eu não quero ser bilheteira do metrô. Eu achava aquilo ofensivo. Mas entende que era a rede relacionamento disponível, né, naquela época de pessoas que tinha até uma certa bondade no coração? Eles não tinham nem ... acho que não tinham uma sofisticação de elaborar que aquilo era absolutamente preconceituoso, segregador, né? E limitador da mobilidade social. Bem ...

(como você se sentia?) Triste, triste, triste. Eu me sentia muito entristecida. Não raro, assim, ofendida. Mas esse discurso da percepção: “isso é porque sou preta”. Isso numa era verbalizado. Nem com minha mãe. Minha mãe não tratava desses assuntos, entendeu? A minha mãe vinha de uma família de negros, mas extremamente racista. Era uma construção daquela época. Ela repetia uma frase da minha avó: “na minha casa, não entra ninguém mais preto do que os meus filhos”. Então, era um ideal de embranquecimento explícito. A minha avó não gostava dos genros negros independente dos genros mais claros como o meu pai, apesar de ter sido um marido, um pai de merda. Ela dizia... elogiava a minha mãe, dizendo que a minha mãe tinha barriga limpa, porque gerou uma filha mais clara. Agora, hoje eu vejo isso com uma ... com uma tristeza, claro, com uma indignação. Mas não contra minha avó ou minha mãe, mas esse sistema que te obrigava, como alternativa de sobrevivência, de inserção social, de alguma mobilidade social a se embranquecer o máximo possível, anular a sua raça. Isso foi uma constante na vida dos

negros do Brasil, nos tiraram nome e sobrenome, né? Nos impuseram nomes portugueses, nomes de santos, tentaram nos tirar a religião, nos segregaram tanto quanto possível e trabalharam na ... Eu costumo dizer que o Brasil jamais vai ter um presidente chamado Barack Obama, ou Denzel ou Jamal, porque não temos. Todo mundo é Oliveira, é Silva, é Cavalcante, é João, é José em razão desse estelionato, né, histórico, antropológico e tudo mais? No entanto, a gente tem presidente Médici, Rouseff, Geisel, Kubistchek isso diz muito sobre Brasil e sobre como a nossa sociedade foi estruturada. O sentimento era de tristeza, mas não era de uma indignação, de uma resposta rápida. Na minha infância e na juventude, eu sofri muito com manifestações de racismo, claro, porque você briga na escola e é chamada de macaca. Mas eu jamais me lembro de ter falado assim: você está falando assim porque você é um racista. Você está falando assim porque é um branco racista. Isso entra no meu discurso na medida em que eu vou ganhando identidade racial já na minha vida adulta. Então, foi muito sofrido. A trajetória foi muito sofrida. Eu não sabia me defender. Eu absorvia isso quase ... uma espécie complexo de inferioridade. Em certa medida respirava aliviada por não ser tão preta quanto os outros pretos, porque isso faz diferença mesmo essa gradação de cor. Não vou te esconder que o fato de eu ser mulata, ou mestiça, ter os traços mais suavizado, para usar uma expressão dos brancos, que isso não tenha me aberto portas, né? Minha mãe fazia toda sorte dos meus cabelos, ou era muito preso, ou era alisado, ou era henê, ou era pasta, ou era ferro quente. Então, assim tudo, todo esse laboratório desde pequena eu sempre vivi essas experiências, entendeu? No final da adolescência ou no início da vida adulta, eu senti o peso da sexualização. Então, aí comecei a andar com muita roupa larga, não me maquiava com batom para não chamar atenção para a boca, porque era muita boca. Em alguma medida, na faculdade, tive um professor negro, o Júlio César Tavares que falava muito abertamente sobre a questão racial. Num primeiro momento, foi muito chocante para mim. O cara falava: “nós, negros. Você, negra”. Criar esse clima de identidade racial. E fui aprendendo a desconstruir certos mitos, essas crenças de baixa autoestima e tal a que a gente é submetido. E em alguma medida no próprio jornalismo que meu acolheu por incrível que pareça. Talvez raro. A própria percepção de beleza que comecei a ouvir veio muito da redação, da redação do Jornal do Comercio. Falavam: “você é tão bonita”. No ensino médio, os garotos não me davam tanta bola. Para trocar uns beijos, colocar a mão no peito, tudo bem? Mas eu era mais amiga que namorada, né? Tirando só o namorado que eu arranjei, branco, de origem portuguesa, na adolescência, com quem me casei e é o pai da minha filha. Agora os garotos de classe média, com os quais eu convivia, não se interessavam por mim no sentido afetivo. No jornalismo, talvez por eu ser um corpo estranho muito raro por ser um pouco mais progressista em alguma medida. Aí comecei a ouvir: “ah, você é bonita”. Aí eu achava engraçado isso. Eu? Tá de sacanagem. Isso não estava muito posto. A beleza da mulher negra não estava posta na minha vida. Eu lembro de um orgulho com a Deise Nunes, miss Brasil 1986. Algumas pessoas falavam que eu parecia muito com miss Brasil. Mas em 86, eu já estava com 17 anos, cara, entendeu?. Você levar 17 anos para pensar que você pode ser uma mulher bonita, é tempo, né? É tempo. Então,... daí as coisas foram mudando. Mas os sentimentos são todos muito estranhos. Quando eu entrei na faculdade ... hoje está tudo mais democratizado ... mas no meu tempo não estava. Eu não passei no meu primeiro vestibular, eu fiz um segundo porque eu tinha de passar na federal. E a minha mãe me deu essa chance de eu continuar

estudando para passar na UFF. Foi muito orgulho, eu e minha prima, em Letras. Ela é um pouco mais velha que eu, fez Letras na UFRJ. Mas também, em alguma medida, tem um sentimento de solidão muito grande, porque você se afasta de um mundo, mas não entra no outro. Eu não fazia parte daquele público da universidade federal. No final dos anos 80, início dos anos 90, era branco e de classe média. Eu era uma menina do subúrbio, pobre e preta. É uma solidão. E ao mesmo tempo você vai ganhando um estofamento intelectual, acadêmico que também te afasta do outro lado. É muito cruel isso, porque o lado de lá acha que você ficou metida, querendo outra coisa, andando com outras pessoas. E o lado de cá você não sabe nada. Até hoje eu acho que tem grandes lacunas na minha formação. Eu corro atrás, mas tempo. Meu Inglês é mediano, entendeu? Eu ainda sou insegura em língua estrangeira, assumir algumas posições de protagonismo em outra língua. Eu não estudei tudo o que eu tinha de estudar em Filosofia, em História, entendeu? Muito aprendiz, né? Você passa um pedaço da vida se sentindo um pouco farsante, tipo vão me descobrir aqui e que esse lugar não é pra mim. É algo que me assombra permanentemente. Acho eu acho que é uma sensação generalizada de quem vem de onde eu veio, de onde a gente veio. Mas eu também nunca fui de fugir da raia não. Abriu espaço, vou ocupando, vou ocupando, vou ocupando. Pintou responsabilidade, vou assumindo e acho que é em nome disso que eu consegui ascender nessa profissão de brancos de classe média. É verdade: 25 anos depois, o jornalismo ainda é essa profissão. Trinta anos depois do conselho do Moisés – meu primeiro vestibular eu fiz em 86, 87 – 30 anos ainda é uma profissão predominantemente branca e elitista, né? De gente que mora num eixo da cidade e que fala com um eixo da cidade. A minha diferença, em que pese esse estranhamento de não fazer parte de lado nenhum, eu fiquei ... acabei fazendo parte dos dois mundos. Eu não me afastei dos meus amigos do Irajá. Eu frequento roda-de-samba, baile charme, o diabo a quatro, churrasco de família, quintal, favela, parará e Golden Room do Copacabana Palace, viajo para o exterior, entendeu? Acho que isso profissionalmente me ajudou muito. Além de ter um tipo físico e origem diferente dos meus pares, eu dialogo com segmentos que acabaram me dando vantagem competitiva como profissional de comunicação, o que para mim confirma que diversidade é uma coisa fundamental para o exercício da profissão, para o exercício do jornalismo. E é o que falta na nossa profissão. Aí, quando a gente está numa crise como essa, tudo isso faz sentido, né? Tem muita gente de fora, tem muita gente que não está representado.

(como define o teu trabalho como jornalista?) O meu jornalismo é crescentemente ativista-militante. Já fiz muito o jornalismo tradicional, aquele em que você, em alguma medida, trabalha a imparcialidade. Não que eu não ouça os vários lados, etc, etc, etc. Mas hoje eu tenho viés como articulista, colunista e comentarista, né? Eu tenho uma orientação muito clara do que a gente chama de “pessoal dos direitos humanos”, isto é, favorável a políticas de inclusão, ação afirmativa, um discurso mais humanista, um discurso inclusivo. Tentar trazer outros agentes. O meu trabalho, hoje, tem um foco muito grande nessa questão racial, na desconstrução de mitos de intolerância, de preconceitos religiosos, de valorização da história e da cultura de matriz africana, né? Essa é uma marca do meu trabalho nos últimos anos. Mas como eu estudei Estatística no ensino médio, eu sempre trabalhei com socioeconomia, também, né. Eu entrei no jornalismo de Economia porque eu tinha facilidade com números. A minha facilidade com números e o meu interesse social, eu abri um caminho tanto ligado a macroeconomia pura, mas também à

socioeconomia, a questão da igualdade, a pobreza, desenvolvimento humano, igualdade de renda, educação. Esse foi mais ou menos o caminho que eu trilhei no jornalismo.

(economia abriu espaço para diversidade) – Nos primeiros 15 anos da minha carreira, acho que foram mais caretas, mais ortodoxos. Fiz muita matéria de índice de inflação, PIB, falência, mercado financeiro e tal. A partir dos anos 2000, meados ali, é que comecei a ser interina da Miriam Leitão, editar cadernos especiais sobre desenvolvimento humano, questão racial, exclusão digital e tal. E aí meu trabalho foi sendo mais editorializado. Aí virei colunista e minha coluna mesmo sendo de negócios, engessada mas na medida do possível introduzia alguns debates sobre questão de gênero, orientação sexual, e de raça, no mercado de trabalho, na educação, na qualificação profissional. Vim subindo nessa escala. Agora, hoje, sou uma profissional muito identificada com o universo econômico e com, digamos assim, ativista e o que gosto de chamar construção da igualdade. Meu trabalho está focado nisso: na construção da igualdade em todas as dimensões.

(enfrentar situações adversas-enxergar oportunidades) – Eu acho que, no meu caso particular ... não vou nem dizer se é bom ou ruim, mas comigo funcionou, eu sempre tive um compromisso muito grande com o jornalismo. Significa que eu aprendi ou quis aprender a dosar a militância da técnica. Então, assim, embora eu tenha e hoje me autodefinida como uma jornalista ativista eu nunca fui filiada a nenhum movimento. Filiada ao movimento negro ou direção sindical ou partido político ou a qualquer tipo de associativismo. Até por uma decepção que tive com representação estudantil, na época de secundarista, eu me desiludi vendo pessoas muito mais preocupadas em construir biografia e não exatamente atuar pelo bem comum. Isso pode ter me salvo de uma rotulação que eu vi acontecer com outros colegas, em que a dimensão da qualidade do trabalho jornalístico foi ofuscada pela atuação política, ideológica e pelo associativismo. Quando você se torna mais militante do que jornalista. Então, eu acho que ficou diferença, entendeu? Porque eu não estava ali defendendo um partido, um movimento, uma associação, uma entidade, um sindicato. Estava defendendo uma causa com um aparato de conhecimento técnico, de informação numérica, que justificava aquela defesa e de alguma forma me blindou. Acho que foi o que me permitiu chegar até aqui. Quando vejo que estou escrevendo muito, até hoje, quatro colunas sobre a questão racial, digo: tô escrevendo demais. Vou escrever uma coluna sobre economia, porque você fala com outro público e dá uma arejada. Para o cara não dizer que você só fala aquilo. Há uma tendência, no Brasil, de só se falar de uma coisa para o bem e para o mal. Eu escrevia, era repórter de Economia, aparecia na escola de samba. E o pessoal dizia: “como assim, uma pessoa de Economia, está aqui no samba?”. Eu falava: o samba está na minha vida muito antes da Economia. E você pode falar de Economia e gostar de samba, e saber sambar. Não são excludentes. Pra saber sambar não quer dizer falar errado. As pessoas rotulam muito. Quando você desconcerta um pouco esse preconceito, isso pode ter me ajudado. Agora, nunca deixei de me expor, escrever, dar a minha opinião. Mas acho que o meu trabalho tem uma característica: acho que consegui criar uma atmosfera de confiança por eu conseguir pensar outras áreas, outras agendas sobre desigualdade. Eu não falo só da desigualdade racial. Eu falo da desigualdade de gênero. Eu falo da desigualdade em relação aos LGBTs, do preconceito e da discriminação ligada à orientação sexual. Eu falo contra a intolerância religiosa e lembro que a igreja católica já foi um grande agente ...

um ator de difusor da desigualdade porque hoje as pessoas só falam de uma dimensão, a dos evangélicos. Mas tem toda uma história para trás. Acho que quando você fala e fulano, e fulano, e fulano, acho que você cria uma certa atmosfera de confiança, de credibilidade. Não estou a serviço de uma só causa, de uma entidade específica, de um organismo específico, acho que isso fez a diferença na minha carreira jornalística.

Relações de gênero no jornalismo como profissão:

(sexismo) – Eu acho que é essa atmosfera de domínio desse homem branco que mencionei no início da nossa conversa. Parece que as mulheres estão aqui de brincadeira. Tem um lado ... eu já vivi isso ... Em 25 anos de profissão, de uma expectativa da ascensão feminina pela masculinização, né? Hoje, a gente vive uma nova era: você pode ser mulher. Mulher mesmo. O Nei Lopes tem até um samba, né? Mulher de paletó. A gente usava paletó. Saia de blazer e calça comprida nos anos 80 e 90. As mulheres usavam gravata, né? As mulheres usavam gravata! Então, não era para ser mulher. Era para ser um travesti no mercado de trabalho no sentido de que você quase se fantasiava para entrar no mundo masculino. Eu acho que o mundo ainda é muito masculino, mas eu acho que as mulheres abriram muito espaço de trabalho. Agora, abriram espaço na base, nos setores intermediários, mas não nas posições de topo. Mesmo quando você tem uma mulher diretora ... no caso do jornalismo, diretora de redação, mas quem são os acionistas? Quem é o conselho de administração, né? Quando você entrevista? São basicamente os homens. Quem são os ministros, os secretários de Assuntos Econômicos? São os homens. Quem são os presidentes do Banco Central? Quer dizer, o poder ainda é muito masculinizado. E ter uma presidente mulher, no caso falando especificamente do Brasil, não mudou essa realidade, né? O que eu acho uma pena, mas a gente ainda vê uma composição de poder, de distribuição de poder ... ter uma presidente mulher, ainda, homens brancos e de meia idade. Qualquer foto de posse. Mulheres negras, Então,? A gente soltou foguetes com a ministra Nilma, ter assumido o Ministério das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos, porque por pouco não foi homem branco assumir o ministério das mulheres, dos negros, da igualdade racial e dos direitos humanos... A sociedade ainda se estrutura em torno de um desenho de poder que ainda é muito masculino e branco. Aí, cara, é colonial. Colonial.

(racismo) Essa exclusão literal ou simbólica dos negros nos espaços de poder e nas representações. Hoje a minha grande briga tem sido desconstruir e reconstruir a representação dos negros. Acho que a agenda das mulheres, até por causa das mulheres brancas, avançou bem mais do que a dos negros. Uma coisa que tenho falado muito nas minhas apresentações recentes para universitários e eventos sobre jornalismo ... se tem alguma coisa muito cruel que aprisiona os negros e as negras brasileiras é uma representação muito estereotipada dos negros no noticiário, no audiovisual, na produção cultural, na produção jornalística ... Primeiro porque não tem presença, o elenco, os papéis, os autores negros são mais escassos ... os empregos, o número de negros nas redações é restrito, quase simbólico, é muito pequena a participação dos negros. Na frente do vídeo, no jornalismo de tevê. Mas no jornal também é uma presença irrisória, mas isso talvez fosse não importasse tanto se a gente tivesse outra lógica de representação que está ao alcance de qualquer um... que não passasse pela contratação de mais negros – embora eu defenda isso – mas que tivesse uma representação mais justa da sociedade. E você ...

quando você vê nos papéis, na representação audiovisual, ou na produção jornalística, os negros são aqueles que aparecem ... vai fazer matéria sobre pobre, pega um preto. Vai fazer matéria sobre violência, pega um preto; homicídio, pega um preto; criminoso, pega um preto, pobre, emprega doméstica e tal. Então, você continua repetindo esse padrão também nos momentos em que você dá visibilidade dos negros, reforça o mesmo estereótipo de sempre. Você dá visibilidade aos negros relativa quando o assunto é racismo. Então, preto fala de racismo e aparece quando tem crime, pobreza, marginalidade, trabalho de baixa qualificação, desemprego. Agora, se na última década e meia, a gente teve um redesenho pelo acesso à universidade, de classe média – é o que tenho falado muito porque a gente já consegue ver nas estatísticas – um em cada dez negros brasileiros adultos já têm curso superior – Então, não custa procurar quando for falar de escola particular, entrevistar uma mulher negra. Eu mesma fui uma mãe negra de filha com escola particular de classe média alta onde a minha filha estudou a vida inteira, entendeu? Sou sempre entrevistada, já falei até na Abraji, sobre racismo. Eu acho bacana vir aqui falar sobre racismo. Agora, me chamem para falar de outros jornalisms também. Me chama para falar de vinho, porque bebo vinho à besa. Gasto uma boa parte do meu orçamento como uma carioca de classe média alta com vinho, com viagem internacional, entendeu? E ninguém me pediu para escrever sobre Paris. Ninguém me perguntou que capital do mundo eu gosto mais, sendo que conheço várias. Mas isso não passa pela cabeça de nenhum editor de turismo. Só que isso já está no alcance, a gente lê Marcelo Rubens Paiva, Filosofia, Umberto Eco. A gente não lê só sobre racismo ou vê série onde os negros estão retratados. A gente tem muito mais coisa para mostrar e isso não está bem representado. Acho que uma fronteira da representação dos negros na mídia, no jornalismo de forma particular, passa pela contratação de mais negros, mas também por uma representação nova que naturalize os negros em outras posições. Outro dia eu festejei publicamente que a Globonews convidou um estudante negro que tirou nota 1000 em redação no Enem. Ele é aqui do Rio, o Everton. Pô, isso tem um simbolismo. Como é que o moleque fez para tirar nota 1000 na redação e ser um moleque negro, do subúrbio do Rio de Janeiro? Quer dizer, uma redação 1000 é uma redação 1000. O simbolismo desse garoto ser um garoto negro do Rio de Janeiro e, mesmo que ele fosse da zona Sul, se fosse de classe média, já tinha o simbolismo porque é difícil associar um jovem negro a uma redação 1000. Coisa que isso não está posto.

(mudança no ingresso) Sem dúvida, sem dúvida. Mas acho que uma década e meia de política pública ainda não produziu, na representação, um efeito tão expressivo como a gente já vê. A gente consegue enxergar. A gente que repara, a gente já consegue enxergar no teatro, na cerimônia de formatura. Nas matérias sobre formatura que custa centenas de reais, dificilmente você vai ver uma mãe negra dando entrevista, entendeu? Porque as pessoas não pensam nisso. Mas tem de pensar. E isso não depende do editor. Se tiver um repórter sensível ... Por exemplo, defesa do consumidor. Qual a diferença de entrevistar um advogado negro e um branco? Nenhuma. Mas você viu? Não. É banal. Mas a gente tem de naturalizar a presença dos negros nas profissões e na formação de opinião de classe média. Isso está faltando muito. E isso não depende somente da definição editorial. Isso depende da sensibilidade do repórter. Mas aí a gente entra numa questão de igualdade no sistema educacional. As faculdades de jornalismo não têm carreira de direitos humanos.

O cara não sabe a diferença de a travesti e de o travesti. Não sabe a diferença entre gay, lésbica e trans. Não sabe se escreve negro e preto e pardo. Não sabe que são negros e por quê? Não sabe. Não sai sabendo nada disso. Reproduz as histórias. Não sabe a diferença entre jovem, menor infrator, adolescente, favelado. Se for preto e for pobre, é menor. Se for de classe média e infrator, é jovem de classe média. Quem ensina isso para a gente? O sistema educacional é absolutamente responsável por uma estrutura de perpetuação dessa desigualdade no Brasil. Hoje, eu sou absolutamente revoltada com a educação. Muito. Acho que hoje é o setor que mais me fere. Vem lá da origem, de segregar, de diminuir a criança preta e pobre, de tratar diferente o aluno branquinho mesmo que seja lá do subúrbio. A gente sabe que é diferente. A gente sabe que ser preto e pobre é diferente de ser branco e pobre, e a escola já vai ensinando isso. Na medida em que você vai avançando, a gente não tem um ensino de cultura e história afro-brasileira. A gente não percebe a contribuição que os negros deram na população brasileira. A gente não aprende nada sobre o nível de resistência. Por que a gente é metade da população? Porque a gente resistiu de todo o jeito, vivendo, morrendo, se misturando em alguma maneira, se miscigenando. Tudo isso é tática de guerrilha, né? De resistência. De infiltração no território inimigo. É lindo isso. E ainda teve afeto, né? Pode ter tido amor em alguns casos. Não acho que não tenha havido amor entre o meu pai e a minha mãe, por exemplo, em algum momento lá na história deles. Mas olha, os índios não têm. Os índios foram dizimados. Por que somos metade da população, quando a essa altura do campeonato nós deveríamos ser todos brancos no Brasil pela política de Estado? Mas, no entanto, nos negam essa visibilidade. Os negros americanos são 13% da população e estão brigando lá, você não vê o Oscar? Caraca, vocês estão na Casa Branca e estão brigando? A gente está reclamando pelo James Brown de escova de bombril no BBB e acham que você está brigando e acham que você é mau-humorada. Helo!

(práticas sexistas) – Sexistas, racistas e homofóbicas. Ah, tipo reuniões de pauta, comentários, piadas. Um bolinho de homens em torno de uma foto de uma mulher assim ou assado. Essa coisa de qualificar a mulher pela forma física. Ela não é competente. Ela é anta, ela é baranga, ela é puta, ela é vagabunda. Ela é ... isso é super ... estranhamento. Já vivi situações assim ... até de assédio “Nossa, uma mulher negra, falando de economia. Que vontade de te beijar”, entendeu? Você diz: oi? Tem muito. Tem muito. No próprio exercício diário, na relação com a fonte, na forma como você chega... o esperado é que você entre pela porta de serviço, mas você entra pela recepção porque é convidada na cobertura. E esses comentários, essas piadas, nas reuniões de pauta, momento do fechamento ... Na espera que você vai chorar porque você é mulher... Vai te dar uma notícia e já diz assim: “não quero que você não chore”. Quem falou que eu ia chorar? Por que achar isso? E, eventualmente, em alguns outros casos achar que a mulher é arrogante, é grossa, porque você tem uma postura firme. Ao passo que de um homem é esperada essa postura firme. Aliás, muita gente comenta em texto: “fulana é macha” porque não sei o que. É firme. Parece um homem. O homem da casa. Como esses atributos de firmeza, segurança fossem atributos de gênero, né? São atributos humanos. Tem homem frágil, tem homem que chora, tem homem que gagueja, tem homem é inseguro, tem homem que é frouxo, tem home que é covarde, né? Essas não são atribuições de homens e de mulheres. Outro dia publicaram um texto ... ah, acho que foi no #AgoraéQueSãoElas, acho que foi o Nizan (Guanaes) que escreveu: “não vou ceder o

espaço para um mulher, porque vou escrever sobre o homem da casa que é a minha mulher. E ele escreveu o texto sobre a Donata e várias mulheres compartilharam e disseram: “quem mensagem de amor”. E comentei para uma das minhas amigas falei: incrível vocês compartilharem isso. Olha aqui: ela não é o homem da casa. Ela é uma mulher com qualidades específicas de força, de objetividade... quem disse que objetividade, firmeza, segurança são atributos masculinos? Que loucura, gente! Você não tem que ter pau, pênis para ser guerreira e tal. Aí até uma chamou em privado e disse: “obrigada, por você ter falado porque eu não tinha pensado nisso”. Ai: “o homem da minha vida é uma mulher”. Não. A pessoa da sua vida é uma mulher com atributos mas isso escapa o tempo inteiro, na linguagem, no trato e frequentemente escapa no trabalho. Então, você vê algumas questões quando comentam a roupa da presidente da na posse. E várias mulheres caem nessa cilada, são reféns dessa construção.

(situações de vulnerabilidade mulheres) Primeiro, essa desqualificação por ser mulher, que ela vai chorar, não vai ser capaz, não vai ter equilíbrio emocional. Acho que podem ter funções sonogadas em razão de um estereotipo de que mulheres são desequilibradas, descontroladas. Em segundo, a questão da maternidade. É uma questão séria. Quando falei da masculinização, muitas mulheres caem nessa armadilha que quando se tornam mães se tornam menos aptas para alguns postos e ascensão profissional. Porque você tem filho, porque seu filho pode ficar doente e você ter de se afastar. Então, você vai ser menos produtiva. Isso é uma tragédia e isso acontece tanto em chefias masculinas como em chefias femininas. E, eventualmente, você pode ter algum tipo de restrição física, né? De força física. Tipo cobrir segurança, violência. Tem algumas funções que preferem homens porque – vou falar grosseiramente – eles vão bater e não apagar. As mulheres são mais frágeis fisicamente Então, são menos aptas a algum tipo de jornalismo. Eu acho isso uma balela, mas tem quem acredite. Por exemplo, as mulheres fotógrafas sofrem muito com isso. “Ah, não vão conseguir carregar o equipamento”. “É muito pesado”. Você vê os cinegrafistas são predominantemente homens, e os fotógrafos também. Ainda tem uma discriminação grande. A Gabriela Moreira fala isso, ela cobre estádio, cobre futebol. Ela foi ofendidíssima por cartola, por torcida, porque cobre aquele mundo que é um mundo muito masculino. Acho que essas ainda são barreiras. Não deveriam, mas ainda são.

(propensão homens) Serem chefes. Eu acho que eles são mais determinados aos cargos de comando do que as mulheres, sobretudo os homens brancos.

(a que vc atribui?) À essa construção histórica patriarcal e racista no caso brasileiro. Não tem outra, entendeu? Tem o clube, né? Tem uma coisa ... como as chefias são masculinas, eles se permitem piadas de mau gosto, piada racista, piada sexista ... Então, se ficar tudo entre eles ... dá mais conforto, não tem constrangimento, fica uma atmosfera de intimidade que quando você é homem é muito mais fácil de ser obtida dado o fato de que os homens estão nos postos de comando. Continuam, né? Predominantemente.

(desvantagem no jornalismo por ser mulher?) Pessoalmente, não. Pessoalmente, não. Mas volto a dizer, a minha carreira é uma carreira incomum.

(desvantagem por ser mulher negra no jornalismo?) Olha, olhando para a minha trajetória profissional, eu não posso dizer que fui discriminada nem por ser mulher nem por ser negra. Eu nunca ambicionei uma carreira de chefia. Então, eu não poderia dizer assim: ah, eu poderia ser editora, editora executiva, ou diretora de redação e não fui porque sou

mulher e negra. Pode até ser verdadeira essa sentença, mas não para mim porque eu nunca quis ser.

(e por que não?) – Porque eu sempre quis trabalhar com conteúdo. A minha missão – até religiosa em algum sentido – é fazer comunicação no sentido de falar, escrever, passar a mensagem. Então, é cara a tapa mesmo. Então, nunca abri mão das funções de produção ativa, ser repórter. Então, não posso dizer isso. Mas ... e a partir daí de eu ter obtido uma imagem, uma credibilidade, isso me blindou um pouco. Facilita. Ah, o fato de eu ser uma mulher conhecida Então, você tem um escudo protetor. Mas eu acho que não é fácil para uma jovem jornalista negra hoje. Continua não sendo, ganhar espaço, conseguir aquele emprego, ser promovida e tudo o mais. Não é fácil nem para mulher, nem para negro, mas é mais difícil para mulher negra. Ainda mais se for pobre, suburbana, nordestina, do interior ... vai juntando essas qualificações – digamos assim -e a vida vai ficando mais dura. A gente não vê muitas mulheres nos cargos de comando. Aquilo que falei, você tem eventualmente editora, uma editora executiva ou outra, mas a direção, os acionistas, os representantes dos acionistas tudo isso é muito masculino. Mas não é peculiaridade do jornalismo, é generalizado. Agora tirando diretora de escola, onde as mulheres são maioria das licenciaturas, você não vê mulher dirigente na medicina, nas entidades representativas, conselho, associação psiquiátrica, supremo tribunal federal, conselho de medicina. É tudo muito branco e masculino. Tem um estudo da Hildete Pereira ela fala isso, mesmo nas profissões top em que se entra por concurso público, uma vantagem salarial para os homens. Mesmo em juízes, já até escrevi uma coluna sobre isso, uma juíza escreveu indignada: “de onde ela tirou isso?”. Os juízes fazem concurso e todo mundo ganha igual, né? Mas quem vira desembargador, ministro do STJ, ministro do Supremo? Predominantemente, um homem. Mas na subida da carreira, com aumento salarial, os homens vão obtendo salário maior independentemente de terem sido concursados e num sistema teoricamente ótimo de acesso. Quem vira o diretor do hospital?

(duro!) Duro, duro, porque eles se escolhem. Por isso, que tem que ter política de ação afirmativa com viés variado.

(práticas de assédio?) Já vi e já vivi. Ser negra foi um fator relevante principalmente na questão da sexualização. Já tive episódios constrangedores de ser agarrada por uma fonte. O cara bebeu uma taça de vinho e nas palavras dele: “perdi a cabeça”. Porque, claro, eu sou um pedaço de carne ali para ser degustado e ainda assim tem a inversão da culpa, né? “Não sei o que deu em mim. Eu não estou me reconhecendo. Diante de você não estou me reconhecendo. Eu viro um selvagem”. É Então, ... Então, acho que sim porque tem esse estereótipo. Você chega numa profissão de classe média, numa posição de classe média, numa profissão de classe média e tem o estereótipo, um biótipo que é estereotipado do ponto de vista sexual e o cara não tem freio. Vai lá e ... não estou negando o desejo. Mas você tem desejo e tenta beijar uma pessoa à força? Já ouvi porteiro perguntando se era para eu subir pela porta de serviço ou principal de um prédio, onde fui fazer uma entrevista. Já fui confundida com uma prostituta num hotel, onde eu estava hospedada em Brasília, cidade onde estive a trabalho para uma festa na residência oficial do representante do FMI. Então, como jornalista de economia estava arrumada. Cheguei no hotel meia-noite. Cheguei na recepção e pedi a chave do quarto do hotel. E não passou pela cabeça do recepcionista que eu estive pegando a chave do meu quarto. Ele pensou que eu ia atender alguém. Ele pegou o telefone e ligou para o quarto e falou: “ninguém

atende”. Então, foi aquele silêncio. Aquela fração de segundos em que você entende que ele está querendo dizer e que ele entendeu que eu não era quem ele estava pensando que eu era. Então, foi uma coisa horrível. E eu fiquei muito mal nessa situação porque o meu primeiro pensamento foi pensar o que eu estou vestindo, que sinal que eu dei para ele pensar que eu sou uma prostituta. Então, você ainda pensa que é você, entendeu? Essa sensação de ser olhada e assediada em ambiente de trabalho é ... por alguém que não sabe nem o que você está escrevendo ... é só porque olhou a sua bunda. Isso é horrível. Mas acontece. Acontecia mais no início da minha carreira, nos primeiros anos. Agora não. Agora como eu fiquei mais conhecida no meio aí você cria ... sobe um muro na medida em que você ganha uma visibilidade na profissão. Mas já passei poucas e boas. Já sofri muito. Já chorei muito na cama, sabe? Já (silêncio ríspido). Já pensei: isso não vai ser para mim por causa de alguns assédios que sofri no início da carreira dentro de empresa por gente que tinha cargo de chefia. Pensei, cara, vou ter que me demitir porque não vou aguentar isso. E vou ter que jogar fora ... uma oportunidade profissional. Felizmente, em alguma medida eu fui mais corajosa do que cínica. Em vez de fingir que não estava entendendo ou no sentido de desconversar, eu fui corajosa do tipo escrever uma mensagem e falar: olha, vai ser uma pena se você continuar porque vou pedir demissão e vou perder uma grande oportunidade profissional em razão disso porque está insuportável. Nesse caso específico, eu fui até respeitada. Em outro caso, talvez Deus tenha ajudado e saiu, arrumou outro emprego. Foi embora. Mas não foi fácil.

(sem apoio de colegas?) É, teve de tudo. Teve de gente que me apoiou até ir em instâncias superiores e denunciar. E de dizer: “vou perder uma grande repórter por isso”, que é uma pessoa por quem tenho grande carinho e gratidão até hoje. E de uma colega repórter que perguntou: “e aí? Você deu para quem para estar aqui”.

(estereótipos presentes?) Acho que continua sim. Acho que ainda sexualizam muito as mulheres, e as mulheres negras. É que as mulheres negras são mais raras. Essa piada de homem falando de repórter novinha que chegou tem, tem, tem. Ainda tem. A gente faz hashtag #MeuPrimeiroAssédio. Tem gente que ridiculariza. Tem gente que acha que é elogio. Mas também volto a dizer: não é só no jornalismo, está generalizado.

(oportunidades iguais para mulheres e homens?) Acho que a situação das mulheres até tem melhorado. Mas a dominância é masculina e branca.

(oportunidades iguais para negros e brancos?) Não. Acho que algumas figuras ganharam visibilidade nos últimos tempos e até tem reconhecido, cito o caso Maria Júlia Coutinho. Mas o filtro ainda é apertado pra caramba. Não sei a quantas anda o desenho da formação superior. Quantos são os jornalistas negros formados nas universidades. Esse durante um tempo foi o argumento. Onde estão os jornalistas negros? Se tivesse, eu contratava. Eu acho que tem bem mais. Mas não vejo as redações significativamente mais coloridas. São sutilmente um pouco mais coloridas. Sutilmente. Mas, agora, nesse momento de encolhimento e tal, eu temo. Se você tem a tendência de proteger os iguais. Se diversidade não é uma orientação determinada nas empresas jornalísticas, você vai cortar nos negros e nas mulheres.

(igualdade entre mulheres e homens?) Desigualdades.

(o que as empresas devem fazer?) Acho que têm de enfrentar. Acho que tem de ter política mesmo e orientação. Mas orientação de acionista, de conselho de administração, orientação corporativa. Mas ancorada não em conceito de justiça social ou de igualdade utópica, o que eu acho que até seria suficiente para justificar essa estratégia. Mas eu acho que ancorada num conceito de construção de diversidade por condição de sobrevivência numa sociedade que está mais questionadora e que é diversificada.

(como negócio) É. É business. Se mais da metade da população é negra, se esses caras estão se formando, ganhando posição de classe média, entrando no mercado consumidor, se qualificando, etc, etc, etc, quanto mais representação você tiver de quem produz o teu produto e na composição da sua atividade-fim, melhor vai ser o seu produto, melhor vai ser a sua penetração, melhor vai ser a sua imagem... Então, é rentabilidade. Além de ser socialmente justo, é econômico e financeiramente recomendável. Não acho que estejam pensando nisso não, mas acho que deveriam.

Relações raciais no jornalismo como profissão:

(situações comuns para negras e negros) – Olha, a exposição na TV, né, eu acho que é uma coisa sobretudo nessa onda de racismo, intolerância, racismo virtual. Os profissionais negros ficam expostos a essas manifestações. A gente tem que estar muito seguro do nosso papel profissional, da nossa identidade racial para poder se defender à altura. E, eventualmente, ir aos limites mesmo de tribunal. Tem de ter aparato. Essa exposição da visibilidade é muito grande principalmente para profissionais de imprensa. E acho que, na medida do possível, expressar isso em eventualmente em reuniões de redação, encontros da categoria, ambiente sindical. Os dirigentes sindicais também acho que são bem embranquecidos. Também chamar atenção para isso nem que seja pelas Cojiras da vida. Vão falar que é gueto, mas se não for gueto que vai representar. Acho que essa é uma reflexão importante de ser feita.

(brancas e brancos propensão) – Olha, eu acho que é mais fácil – dado que você não tem uma política explícita de diversidade nas empresas – Então, é mais fácil a admissão e dar visibilidade aos profissionais de pele branca, de cabelo liso, porque quem decide não está orientado para a diversidade. Se estivesse, acho que estaria construindo a igualdade de uma forma mais objetiva, entendeu? Mas não estão orientados assim. Essa é uma decisão – no caso da composição das redações e das escolhas de quem vai para o vídeo – acho que tem muito a ver com esse sentimento de igualdade tem e não enxerga o outro. Nem pensam nisso: está faltando preto aqui. Falo do olhar estrangeiro, que comento nas minhas palestras. Qualquer estrangeiro que chega aqui pergunta: “ué, não tem preto aqui no cinema, no shopping de rico, no restaurante de rico”. A gente não para pensar, a gente não estranha assistir um filme brasileiro e ver um elenco branco. Não causa estranhamento, mas devia, né?

(desvantagem por ser negra? Ou negros em desvantagem?) – Ah, vejo muitas. Eu sou uma exceção que confirma a regra. Hoje, o meu perfil profissional é ... ser negra é até um atrativo que me torna mais original. Mulher de economia e negra, não tem muitas. Então, nesse sentido me diferencia num sentido positivo de inclusão. Se alguém estiver um pouco preocupado com isso, pensa em mim e me favorece. Mas, de maneira geral, os

meus colegas negros estão em posições piores no mercado de trabalho sem dúvida alguma.

(colegas negras?) – Acho que já. Já. Na minha percepção já, mas não sei se na delas. Mas assim muito intensamente não, porque são raras realmente.

(presenças rápidas ou estáveis?) – Cara, eu diria. Estável na b baixa, repórter raladora que passa a carreira inteira naquela posição. De ter uma mobilidade ascendente na carreira, não são tão comuns. Hoje, o Globo tem uma mulher negra como editora na Economia, autodeclarada e tal. mas isso não é a regra. De maneira geral, serão as repórteres raladoras. E os homens também.

(práticas racistas) – Já dei aqui alguns exemplos. Alguns assédios. Agora, dentro das empresas jornalísticas ouvir alguém proferir injúria racial ou coisas do tipo, não. Aquele racismo à brasileira, tem noção das perspectivas de ascensão restritas, mas isso nunca é dito. Explicitamente não. Agora sobre a audiência sim. Agora com essa democratização, eu particularmente, nunca sofri ofensa racial nas redes sociais até aqui. Mas já estou bem preparada para sofrer, tá! Mas assim, do ponto de vista da audiência, já soube e, em alguma medida, vi, né? Então, negro até não, mulher sim: “quem você pensa que é?”. Nesse sentido.

(práticas de privilégio para brancas e brancos?) – É difícil dizer falar assim: testemunhei práticas de privilégios. Mas eu acho que eles são privilegiados mesmo. É mais uma percepção do que uma vivência. Um testemunho.

(mesmas oportunidades para negros e brancos?) – Não. Não acho. Acho que tem uma vantagem na direção dos brancos.

(igualdade ou desigualdade entre negros e brancos?) – Ah, profundamente desigual tanto na contratação das redações quanto na representação dos negros no trabalho jornalístico. Tudo aquilo que falei antes.

(empresas ações) – Acho que no caso da gestão propriamente dita ter políticas orientadas para a construção da diversidade. Aí estou falando racial, de gênero, orientação sexual, regional. Aí diversidade seja na composição da redação nas sedes, mas também nas sucursais, nos escritórios, em redes de frilas. Teoricamente, significa ter uma sucursal, correspondente, frila em Manaus. Mas a gente tem em NY, mas não tem em Manais. Tem eventualmente em Pequim, mas não tem em Minas Gerais. até pela geografia brasileira – eixo Rio – São Paulo. Tem um cara na Bahia, mas não tem ninguém em Natal. Sei lá. No Piauí... Então, a gestão deveria ser orientada na construção da diversidade e cobrar isso. Isso é uma coisa. No ponto de vista do tratamento editorial, acho que deveria ter políticas e ações específicas para fazer a representação nova, a visibilidade, a representação do negro como fonte de formação, em profissões e nichos de classe média, uma presença no noticiário, das festas religiosas de matriz africana, mais sérias, não folclórica, menos jocosa, exótica. Outro tipo de abordagem sobre comunidades populares, favelas, dos

bairros populares, ouvi-los na cobertura de cidade. Essa diversidade. Editorial eu também adoraria ver, ainda não vejo. Acho que são as mesmas pessoas falando para as mesmas pessoas.

(Futuro do jornalismo) – Acho que a gente caminha para algo mais diversificado, mas pela via da segmentação. E não sei, não estou certa, que a gente caminha para a diversidade no que a gente chama de comunicação de massa. Vejo, assim, muitos sites voltados para mulheres, a negros, a negras, gays. Então, essa população, esses segmentos da população já começam a se saciar de uma produção de conteúdo voltada para eles. Mas esse processo, de novo ... essa inovação, ela não está sendo proposta pelos meios de comunicação convencionais. É mercado do qual eles estão abrindo mão.

(o que vemos atualmente) – É, mas precisa ser mais bem remunerada. Tem uma relação monetária aí que ainda não está resolvida. Ainda é artesanal. Mas nos Estados Unidos, você tem nicho de produção de jornalismo, conteúdo para negros e tal. A própria Oprah tem um canal que é dela. Muito rentável. Agora, na medida em que você tem esses recursos tecnológicos que barateiam investimentos e mais população negra, feminina, gay e tarará qualificada, você pode ter uma expansão nessa direção. Lamento que os veículos não se ... que eles não sejam os pioneiros. Os bandeirantes, digamos assim, desse processo.

(posição política dos veículos) – Pode ser intencional ou por uma posição político-ideológica clara, que se dirija por um viés, ou por incompetência. De qualquer maneira, estão perdendo. Por um motivo ou por outro, não vou ficar aqui fazendo julgamentos porque há casos e casos. Mas seja por incompetência ou por opção, escolha, eu acho que a indústria, os impérios em alguma medida estão perdendo oportunidades de seduzir e conquistar mercados que estão sabendo o querem e já não se contentam em consumir aquele mesmo modelo de produção de notícia que foi historicamente construído e tal. O cara quer se ver.

TRAJETÓRIA – EXCEÇÃO OU REGRA

Exceção. Eu já te dei um argumento particular, né, da minha história pessoal. O fato de ... primeiro fato determinante, o fato de ter sido filha única me permitiu estudar e ter tido algum tipo de conforto em relação a isso. Segundo, eu ter me encontrado com nicho de classe média no momento de escolha profissional. E, talvez, ter entrado numa profissão e ter convivido com profissionais minimamente agregadores. Se não havia uma orientação explícita de inclusão também não houve de segregação. É, agora, por que isso? Talvez porque a minha formação tenha sido muito original: uma mulher negra de periferia que escreve muito bem e saber interpretar número e gráfico muito bem. Eu fui útil e talvez porque essa seja a minha missão religiosa mesmo como ser humano. Aí é uma hipótese orixás, hipótese destino, determinada pelo que você pode dizer Deus, estrela, destino. Fui escolhida, né? Mas é uma coisa extraordinária: uma mulher com a minha origem, nascida no momento em que eu nasci, crescer no país em que cresci, na cidade, no bairro, na família que eu vim ... chegar na minha idade e ... caraca, só pode ser milagre, né? E às

vezes eu penso sobre o que eu poderia ter sido se eu tivesse nascido num outro país, cidade, família, né? Sem falsa modéstia, se eu tenho uma capacidade de pensamento, inteligência, não-sei-o-quê ... se eu tivesse nascido num país, numa cidade, num estado, num bairro em que o ensino fosse de excelência, em que a escola fosse de excelência, em que se tivesse oportunidades iguais, eu poderia ser presidente da República ou da Petrobras ou da Vale do Rio Doce. Mas também não sou muito por isso ... Eu fui muito longe, pensando o que eram as possibilidades para alguém com a minha história. Mas se as condições fossem outras, eu poderia ter ido muito mais longe, né? Se eu tivesse o meu QI, mas tivesse nascido loura em Ipanema talvez eu fosse sei-lá-o-quê. Ou se o Brasil fosse um país diferente. Mesmo se eu tivesse nascido lá, em Irajá, se tivesse uma escola pública de altíssima qualidade, de formação exemplar, etc, etc, etc, eu poderia ter sido muito mais do que eu sou. Eu sou um milagre, considerando de onde eu vim e até onde cheguei com essas opções todas diante de adversidade. Mas não significa que o Brasil seja um país de grandes oportunidades ou mobilidade social ou potencial de ascensão meritocrática como tem gente que faz crer. Até pelo meu domínio de estatística, você vê que se controla alguns eventos, você vê que a probabilidade de chegar aonde eu cheguei é quase que ganhar na megassena.

(comentários finais) – Fico feliz de ter te ajudado. Eu acho que quando a gente consegue reproduzir, assim né, a nossa história, sobretudo a um trabalho acadêmico, você democratiza a informação, as histórias e, em alguma medida, ajuda a pavimentar o caminho para os que ainda veem. Às vezes, eu vejo a juventude muito perdida e até mesmo pessimista. Mas cara ... já foi pior! São duas mensagens. Um: já foi pior. E dois: não estamos sós. Por muito tempo, pareceu que estávamos sós. Essa jornada que a gente tem aqui ... o primeiro trecho da caminhada foi muito solitário e isso é muito difícil. Eu até me emociono porque realmente é muito difícil. Você olha para o lado e não vê ninguém. É ... são 500 anos mesmo de DNA de resistência, contando assim a história.

(assassinato de jovens negros) – É um massacre que ainda continua. Independentemente das vitórias, da caminhada, em alguma medida exitosa, né, sofrida, mas exitosa. Eu não consigo ver como negativo o fato de nós sermos 53% da população, entendeu? Eu acho isso impressionante mesmo. Caraca, essa galera veio prá (sic) cá ... e p... 53% de 210 milhões de habitantes p... tem que tirar o chapéu. Os caras tinham a faca e o queijo na mão e ainda conseguiram virar minoria. Minoria numérica, né? Não nos espaços de poder, ainda tem muito a construir. Mas é ... mas o massacre ainda é muito duro e em cima da juventude negra é duríssimo, né. E é duríssimo porque a gente ousou continuar se reproduzindo, né? E aí você vai lá brincar na demografia e vê a taxa de natalidade das mulheres negras, da população de baixa renda, e tem tudo a ver com isso. Você põe filho no mundo e querem dizimar essa juventude.

(mulheres negras) Todas nós nos reconhecemos. É muita solidão, né? É tem que seguir em frente, tem que comer, né? Não dá pra sentar e chorar. Se sentar na cama, tem que levantar no dia seguinte, engolir o sapo, engolir o choro e vai, né?

... Minha mãe falava e eu repito: deixei de ser branca para ser franca.

(fala franca, Parresia) – Isso é essencial na construção, porque o não-dito oprime demais. Metade da minha vida foi assim. Eu sei bem o que é os dois momentos.

JOYCE RIBEIRO



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Olha, eu escolhi ser jornalista ... quando eu era bem mais nova, estava no primário, eu tinha muita facilidade com a escrita e com a leitura. Isso foi me fazendo tomar cada vez mais gosto por essa área. Eu gostava muito de escrever e gostava muito de ler. Ainda criança eu pensava: nossa, tenho facilidade. Eu gosto muito. Poder ser. Quero fazer isso, minha profissão. Quando eu já estava mais adulta, lá pelo colegial, com uns 16 anos, eu queria fazer televisão. Foi isso o que me levou para o jornalismo. Eu queria ... eu assista os telejornais e queria fazer algo parecido com aquilo profissionalmente. E aí, fui para o jornalismo. Eu descobri qual seria o caminho de jornalista, para eu poder fazer aquilo, e aí eu fui tomando mais segurança de que era jornalismo mesmo o que eu queria fazer. Então, muito nova eu quis jornalismo para trabalhar em tevê.

DEFINIÇÃO DO TRABALHO COMO JORNALISTA

Bom, hoje, eu sou apresentadora de telejornais. Mas, é ... a minha profissão eu defino como repórter. Eu sou, antes de tudo, uma repórter que faz televisão e, atualmente, é apresentadora. Mas por definição eu me considero repórter. Independentemente do que aconteça, eu sou repórter. Hoje, eu sou apresentadora. Amanhã, eu posso não ser.

SEXISMO

Nossa... é ... bom.. eu enxergo, eu não sou uma estudiosa das questões, mas eu enxergo sexismo muito relacionado ao machismo que nós temos enraizado na nossa cultura. Essa divisão entre as potencialidades. Tipo o homem está mais apto para desenvolver determinadas funções pelo simples fato de ser homem. E a mulher deveria procurar ocupar outras funções pelo simples fato de ser mulher. Eu acho aí assim define o sexismo e está diretamente relacionado com o machismo, que faz parte da nossa sociedade e a gente tenta lutar contra. Eu acho que é isso.

RACISMO

O racismo é a tentativa de diminuir o próximo unicamente pela cor da pele. É isso. É tentar desclassificar as pessoas de acordo com a coloração da pele. Se você é branco, você tem mais direitos e mais potencialidades. Se você é negro, você é negro você tem um lugar pré-determinado na sociedade. Um lugar considerado por todos pior e você teria menos oportunidades de desenvolver as suas qualidades. Para mim, o racismo é isso. É a tentativa de dividir as pessoas e de barrar o desenvolvimento delas em sua plenitude única e exclusivamente pela coloração da pele.

PRÁTICAS SEXISTAS OU RACISTAS NO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Olha, é se eu for ... eu creio que sim, porque se eu for pensar no mercado de trabalho como um todo e no mercado em que eu atuo, o mercado de comunicação, as mulheres ainda vem – já conquistaram muita coisa – mas ainda vem numa de batalhar, de conquistar postos de trabalho e salários. Se eu for observar o que eu vejo na redação onde eu trabalho (SBT) e nas outras, onde eu tenho colegas, a gente tem uma massa feminina, comandada por uma minoria masculina. Então, são poucas as mulheres nos cargos de chefia. São poucas. Então, isso já mostra, né?, que a gente tem. Porque os chefes são homens comandando um time de mulheres, né?, que ainda está tentando ascensão.

RELAÇÕES DE GÊNERO – PROPENSÃO MULHERES E PROPENSÃO HOMENS

Bom, uma coisa que eu já falei é que eles chegam, eu acho que, mais rapidamente aos cargos de chefia. E elas ficam mais anos nas mesmas funções. Eu vejo isso mais claramente. O que as mulheres estão mais propensas a vivenciar? Eu acredito que isso é uma coisa, é delas. Talvez ... é, por exemplo, quando a mulher tem uma solicitação na redação. Eu sou uma editora e quero ser repórter e um homem tem a mesma solicitação. Ele é editor ou produtor como função e tem o desejo de ser repórter. Eu acho que eles chegam ao objetivo mais rapidamente do que as mulheres. Talvez.

RELAÇÕES DE GÊNERO – DESVANTAGEM POR SER MULHER

Ahã ... deixa eu ver ... por ser mulher? Eu acho que eu senti mais por ser negra do que por ser mulher.

(em que situações?) Por exemplo, eu acho que eu já poderia ter ocupado cargos de mais destaque antes na minha carreira. E deixei de ocupá-los pelo fato de ser negra. Isso já aconteceu. Agora, você está me fazendo pensar em muita coisa agora, viu?

(que bom!) Porque ... por exemplo, eu nunca pensei mais profundamente ... A questão do ser negra sempre veio para mim antes do que as possíveis dificuldades que eu passei por ser mulher. Eu acho que eu passei mais por cima das dificuldades enquanto mulher, por ser negra. O meu olhar estava sempre mais voltado para as dificuldades raciais e menos para as dificuldades de gênero. Faz sentido isso para você?

(sim, claro) Eu sou mulher, nasci mulher nesse mundo machista. Ok! Mas nasci mulher negra nesse mundo machista. É nisso o que eu tenho que focar para mudar e para não sofrer tanto, entendeu? Mulher, mulher ok. Eu e todas as outras do mundo. A gente (mulheres em geral) está lutando, mas a gente (mulher negra) já tem uma carga de dificuldade a mais. As questões de gênero, para mim, vieram depois. Eu sempre me abri mais os olhos para as questões raciais. Então, dentro da redação, o que eu senti mais dificuldade na coisa de procurar e ter as minhas solicitações atendidas. Eu queria ser apresentadora. E no começo eu não sabia nem para onde correr. Entendeu? Então, isso ficou mais evidente, né? Aconteceu do jeito que eu queria mesmo numa emissora de destaque, com uma posição de destaque, num jornal específico mais tarde do que poderia ter acontecido se eu fosse pensar no caminho normal da minha trajetória. Eu poderia ter ocupado esse lugar muito antes. Entendeu? Mas eu vim ocupar mais recentemente.

RELAÇÕES DE GÊNERO – PRÁTICAS DE SEXISTAS

Ahã ... deixa eu pensar. Não me vem nada assim na ... um caso específico, mas essa imagem que as pessoas têm na mente muito ligadas a apresentadoras e à beleza. Entendeu? Isso realmente acontece. As pessoas te relacionam muito ... “ah, está no vídeo. Está fazendo jornalismo porque tem uma figura que agrada”. E pode não estar fazendo alguma coisa muito interessante. Entendeu? Então, isso eu acho que exista ... vi minhas colegas sofrendo em outras profissões também. Por exemplo, atrizes que estão muito limitadas à questão da estética, né? Eu acho que no jornalismo acaba funcionando isso com as mulheres. Mulheres que vão para o vídeo são aquelas consideradas mais bonitas. É quando a gente sabe que não é isso que determina. E não é isso que determina a longevidade, porque eu já vi muita gente entrando e saindo, porque não tem talento. Pode ser bonita, mas não tem talento, entendeu?, para continuar. Pode ter até facilidade no ingresso, porque a gente está falando de vídeo. Está falando de imagem. Mas é uma qualidade que não é determinante e não garante a longevidade. Isso eu vi também.

RELAÇÕES DE GÊNERO – SITUAÇÕES EM FAVOR DOS HOMENS

Olha, sabe uma coisa. Por exemplo, eu posso citar. Viagens longas. Viagens. Eu acho que os homens são mais favorecidos com isso. Viagens internacionais na cobertura jornalística. Eu acho demais! É um dos meus sonhos fazer e tenho certeza que outras colegas de redação, em todas as redações que eu passei e em todas que eu tenho conhecimento não só onde eu trabalho, eu vejo que o homem é mais favorecido nisso. (voz oculta) “Vamos colocar o homem para viajar”, para aquelas viagens jornalísticas que despertam o nosso interesse profissional, que todos gostariam de ir. Eu vejo os homens fazendo isso mais do que as mulheres. Eu vejo isso.

RELAÇÕES DE GÊNERO – DESVANTAGEM POR SER MULHER

Já. Bom, de assédio, graças a Deus de assédio ... assédio moral eu já vi de mulher para mulher. Lá, no começo. Assédio grave. Assédio de mulher que estava em cargo de chefia e eu vivenciei uma situação bem que difícil. Bem, no comecinho da minha carreira mesmo. Mas era de mulher para mulheres. Entendeu?

(que tipo de situações?) De intimidação, de constrangimento, de diminuir as pessoas na redação, de perseguição de uma mulher chefia perante as outras. Isso eu vi lá no começo em um lugar que eu trabalhei. Depois, assim, depois eu não vi questões evidentes e pouco vi reclamarem. Eu não vi colegas minhas reclamando disso diretamente para mim. Tipo: “ah, fulano me assediou. Me falou que eu sou ... Ou demonstrou só vou conseguir se tiver algo com ele”. Não me falaram isso não. Eu acho que não se dá assim tão claramente. Pode ser a minha ... Hoje em dia, eu enxergo os homens um pouco mais cautelosos em relação a isso. (Eles) Não vão se colocar em risco, de se expor tão claramente para uma funcionária de redação, de comunicação, ainda. Eu acho que isso barra um pouco. Não que ... não sei lá por falta de vontade. Eu acho que nem seja isso por extremo receio das mulheres. Mas por preocupação da condição deles mesmo. Entendeu?

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE

Acho que ainda não. Tem-se um longo caminho a percorrer nesse sentido. Homens, pelo que eu sinto ainda, na maioria ganham mais e ainda chegam mais rapidamente aos postos de chefia.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE AÇÕES DAS EMPRESAS

Olha, eu acho que ainda não é tão igual. Ainda falta muita coisa. E eu acho que para mudar as empresas têm que focar nas potencialidades apenas, né? Tem que colocar outras questões na balança. A mulher está apta a desenvolver a mesma tarefa que o homem. Nós estamos aptas nas nossas funções. Eu acho que a gente nem precisa falar sobre isso. Nós somos tão abastadas quanto. Temos tantas aptidões quanto. Eu acho que é uma questão mais de comportamento. E como as chefias são muito masculinas, eu acho que isso dificulta o olhar para que outras mulheres sejam favorecidas. Eu acho que se de repente eu sou chefe de uma redação, eu vou ter um olhar mais cuidadoso com aquelas mulheres que se destacam e possam ocupar cargos de chefia. É o que eu passei e o que eu quero que se desenvolva. Também se a gente fica perpetuando essa condição de homens nas chefias, homens nas chefias ... eles vão olhar para o lado deles. O mesmo eu acho que acontece em relação aos negros. Se eu estou na redação, as pautas relacionadas aos nossos interesses com certeza vão ter um olhar de destaque quando caem, quando chegam até a minha mão. Como a gente tem uma redação que não tem representantes negros, essas coisas se perdem porque não representam ninguém dentro da redação. A redação é branca, né? Se a redação é 100% branca. Por isso, a necessidade de ingresso de profissionais ... uma redação diversa, né?, se a gente for falar com todas as pessoas, com todos os públicos, que os profissionais também sejam diversos.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO NEGRAS E NEGROS

Bom, eu acho que primeiro a dificuldade de ingresso. A dificuldade de acesso aos postos de trabalho. Certamente homens e mulheres, negros e negras, têm mais dificuldade de acessar esses empregos. E, quando conseguem acessar, vão ter mais dificuldade de ascensão.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO BRANCAS E BRANCOS

Agora, os brancos. Os brancos. Quais são as dificuldades? Nem sei te falar. (situações comuns vivenciadas por jornalistas brancas e brancos) Eu acho que para começar, eles têm mais acesso aos postos de trabalho. Menos dificuldade para conseguir emprego. Eu acho que isso já, já muda tudo, né? Porque você precisa de uma chance, de um ponta-pé inicial. Se você demora muito para conseguir, a chance até de desistir é bem maior. E claro que você, o branco chega numa redação pedindo emprego, infelizmente como a gente ainda vive nessa sociedade completamente racista e preconceituosa, a sua chance é maior quanto mais branco você for. Eu vejo assim.

RELAÇÕES RACIAIS – DESVANTAGEM POR SER NEGRA

Olha, eu já senti justamente nessa situação aí que eu já te falei de sentir que eu poderia ter tido oportunidades mais bacanas antes e não tive. E outras pessoas, mulheres brancas tiveram. O que eu entendi é que podia ter sido o meu lugar e a minha chance, entendeu?, por estar preparada. Única e exclusivamente por isso e não por me sentir melhor do que ninguém, mas por estar preparada quanto todas as outras. Ter a mesma formação, por ter a mesma experiência e, às vezes mais experiência. Muitas vezes mais experiência do que outras mulheres que conseguiram postos que eu estava almejando há muito tempo e, quando chegava na hora final da decisão, eu não era escolhida.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE DESIGUALDADE SALÁRIOS, CONDIÇÕES DE TRABALHO

Ainda não. Ainda falta muito, um longo caminho a ser percorrido. É óbvio que algumas coisas, a passos lentos, estão mudando. O meu trabalho reflete isso. O trabalho de outras colegas reflete isso. É eu estou falando mais diretamente do vídeo, da televisão, porque é onde eu atuo. Então, eu vejo outras, outros colegas supertalentosos conseguindo emplacar em espaços mais concorridos sim. É Então, é algo que a gente tem que comemorar. Comemorar mesmo. Curtir essas conquistas e se fortalecendo para outras que a gente ainda precisa, porque acho que todos nós, eu e meus colegas que estamos trabalhando em tevê e outros colegas que são jornalistas mas não estão em tevê, todos nós concordamos que é só o começo. Que a gente precisaria de um número muito maior. E se a tevê reflete a sociedade brasileira, né?, a gente está longe de ter comemorar o que tem, pensando no tudo que falta. É isso.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE E DESIGUALDADE – AÇÃO DAS EMPRESAS

Eu acho que ainda não tem igualdade racial. O número ... o que a gente assiste na tevê expressa isso claramente. Nós somos poucos representantes. Somos poucos profissionais negros, principalmente em televisão, que é onde eu atuo. Eu acho que vale essas ações de ingresso de profissionais negros nas empresas. Eu acho que hoje é uma ação pertinente. Pertinente para se mudar uma situação desfavorável que de repente só vai ter esse ponta-pé que eu estava falando se a gente tiver um trabalho como esse: diretamente forçado para isso. Forçado eu não digo para forçar a entrada de profissionais, mas de ter uma ação específica, pensada e planejada para o ingresso de profissionais negros nas empresas de comunicação. São as ações afirmativas que a gente tanto fala. Uma mudança coordenada

para a gente não deixar a mercê do olhar voluntário de quem decide. Para se uma coisa mais direcionada para remediar essa situação que a gente vive que é muito desfavorável. Eu acho que vale. Não vejo isso como uma medida a longo, muito longo prazo. Acho que é uma medida pontual para solucionar um problema que aflige a nossa comunidade (negra) agora.

(entrevista para o livro *Jornalista: profissão mulher* em que afirmava que poucas negras e negros se insere na mídia) Isso faz tanto tempo que eu falei. Aquilo deve ter ... eu diria que ... poxa, tem mais de dez anos, né? E a situação não teve a mudança que a gente esperava ainda. A gente ainda está debatendo os mesmos temas, as mesmas demandas. A mesma necessidade de se posicionar e buscar oportunidades. A gente ainda continua, mas acho que vai ser uma luta ... espero que na geração das minhas filhas, a coisa já tenha uma mudança mais expressiva. Que já tenha mudado mais, porque a gente está batalhando nessa ... nessa direção aí há muito e muitos anos e as coisas acontecem muito lentamente. Infelizmente.

RELAÇÕES RACIAIS – TRAJETÓRIA

Infelizmente, exceção. Sem dúvida. E, infelizmente, não estou rodeada de profissionais que estejam desfrutando das mesmas condições de trabalho que hoje eu desfruto. Prova disso é que eu sou ... na emissora onde eu trabalho (SBT) eu sou a única negra no vídeo pelo menos, em frente às câmeras, digamos. Então, muita coisa precisa ser diferente. Conversando com outros colegas, de outras redações grandes, de emissoras grandes do nosso país, a situação não é diferente. Infelizmente, os poucos que temos ainda somos considerados exceções, né?

RELAÇÕES RACIAIS – FUTURO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Eu enxergo. Eu acho que o jornalismo vai ser sempre necessário. E a gente vive uma mudança de forma, né?, uma mudança de como levar as informações, de como consumir informação, mas o trabalho jornalístico, o ato de reportar, o ato de informar, o ato de fazer com que o número de pessoas saibam aquilo que é necessário, né?, dentro das nossas comunidades. Eu acredito que é para sempre independentemente da forma com que essa informação vai ser veiculada. Nisso sim, a gente está vivendo uma grande mudança: ética, as novas mídias, essas formas de acesso vão ser cada vez mais diferentes, né? E com mudanças surgindo cada vez mais rápido, mas o ato, o trabalho jornalístico, o ato de reportar, eu acredito, eu enxergo como profissão daqui para muitos anos adiante.

(o mercado estará estruturado para reter profissionais com formação em jornalismo?) Ah, isso a gente vai ter mais mudanças ainda. Eu acho que o número vai ser cada vez mais reduzido e as formas de trabalho também. Eu vejo muitos profissionais cada vez mais desvinculados a essa necessidade de estar empregado em uma grande empresa. As pessoas vão trabalhar mais de forma autônoma. Claro que televisão é uma ... um segmento diferenciado porque você precisa de uma grande estrutura para estar fazendo, mas hoje, com outras formas – internet, youtube, as pessoas fazem trabalhos audiovisuais de uma forma muito mais enxuta e com qualidade excelente em muitos casos e conseguindo um

alcance impressionante. Então, é tudo vai mudar, mas não que vai deixar de existir. Eu imagino isso.

(tu vê espaço para profissionais negros nessa nova configuração?) Sim. Na medida em que você se desvincula dos grandes empregadores, você pode fazer a sua história de outras maneiras. Então, eu acho que nesse sentido a produção feita por negros e para negros, destinadas à comunidade negra, digamos, ela fica mais fácil nesse sentido. Claro que tem toda uma questão de investimento por trás. Você vai deixar de depender de um empregador específico, mas vai precisar de investimento. Então, eu acho que mais para frente a nossa produção é capaz de ter um ganho sim. Eu vejo isso. Claro que não ... não estou falando que vai ser uma coisa super fácil. “Ah, vamos produzir muito. Fazer nossos filmes, nossos programas, não sei o quê” ... muito facilmente, mas eu vejo que com mais facilidade do que vinculado aos grandes veículos que a gente já tem estabelecidos hoje.

JULIANA NUNES



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Então, ... no ensino médio eu gostava muito de História. Gostava muito de ler jornal, de ver jornal. Tinha isso que me interessava. Gostava de escrever. Então, fui pesquisando o que eu eu achava que fosse me dar, que eu fosse me sentir bem, me sentir útil para a sociedade. Tinha essa necessidade tanto que, no final, eu fiquei em dúvida em Jornalismo e Fonoaudiologia. Aí, eu queria de alguma maneira ... tinha a ver com comunicação e eu tinha vontade de fazer alguma coisa com fins sociais. Aí, eu acabei escolhendo Jornalismo porque eu achei que seria uma oportunidade de contar histórias. Tem uma tia minha que me ensinou a escrever redação. E ela brinca que pedia para eu escrever para largar do pé dela. Ela morava com a gente. É irmã do meu pai. Ela é negra. E ela falava: “ah, vá escrever sobre carnaval”. E ela dizia que era meia hora em que eu ficava sem perturbar ela. E eu fui gostando. Aí, foi. Foi isso, escolhi a profissão muito por essas experiências. Na minha casa, o pai sempre tinha muito jornal assim. E era um momento, inclusive, de conexão com ele, porque ele trabalhava muito. Ele é médico e trabalhava muito. Ele chegava em casa e não brincava com a gente. Não era muito de ficar de graça, não. Ele ia ler jornal. Então, era o momento de eu estar com ele. Então, eu fui pegando o gosto pela leitura, daquele momento em que eu ficava lendo jornal junto com ele, revista e tal. É isso e eles me apoiaram bastante, apesar de dizerem: “ah, isso não vai dar dinheiro e tal”. Meu

pai queria muito que eu fizesse Medicina também. Mas foi isso. Agora, eu tinha também o preconceito da família, porque a minha família é de militares, por causa do estereótipo do jornalista boêmio e tal. E de esquerda, né? Mas não teve uma repressão pesada, não. Não teve nenhuma oposição. Teve apoio. Aí, eu prestei para a Unb e para o Ceub. Aí, passei na segunda chamada da UnB e comecei assim. De cara, eu já fui gostando bastante. E aí, foi na universidade. Acho que eu estou me adiantando nas perguntas.

(pode seguir) – Foi na universidade, na verdade, que eu fui me descobri negra mesmo. Embora a minha família seja negra, sempre teve uma negação muito grande numa estratégia de resistência pela negação, né? Então, o escuro era a família da esquina. Aquela família escura e tal. Tinha um tonzinho a mais, né? Mas a nossa família não era. Eu morei em várias cidades porque o meu pai é médico-militar. Quando a gente chegou aqui em Brasília, eu fui estudar numa escola particular, na Nsa. Sra. Do Carmo e eu sofri muito racismo nessa escola. Fui chamada de macaca todos os dias. E os meus pais não fizeram absolutamente nada. Eles diziam: “não, finja que você não está ouvindo”. Então, foi essa estratégia de resistência que eles adotaram de fingir que não estava nada acontecendo para poder permanecer naquele espaço, né? Então, ... e também a minha mãe, né?, alisava o meu cabelo desde os nove anos. Então, foi bem a negação da identidade racial. Na universidade, eu comecei a receber o telegrama e comecei a abrir. Mas eu fui mesmo cair a ficha foi na especialização. Eu fiz uma especialização em Bioética e aí eu conheci o Edson (Lopes Cardoso) lá e aí eu comecei a entender as coisas.

(como foi esse despertar?) – Não. Foi ótimo. Foi muito bom. Também teve um mergulho pessoal. Mas foi a prática jornalística que também me proporcionou, me propiciou isso também. No curso de especialização, logo o Edson começou a me pedir matérias e eu não entendia muito bem o que eu estava fazendo. Mas foi ouvindo as pessoas, fazendo as matérias que eu fui sacando o que era o racismo, qual era a importância da minha autoidentificação, da minha identidade? Ao longo da faculdade eu não tive isso assim formal. Comecei a ter contatos. Foi na época em que a UnB começou a discutir as cotas. Mas eu acabei não me integrando diretamente aos grupos, ao Enegrescer, por exemplo. Eu não tinha essa ... eu não fiz movimento estudantil na escola. Enfim ... tinha aquela coisa assim... Desde o primeiro semestre, eu fazia estágio. Então, eu não tinha aquela vivência. Eu não vivia muito a universidade, né? Teve um episódio de um professor ... Agora, óbvio eu sempre percebia. Na escola, os professores tinham menos paciência comigo, além daquela experiência mais traumatizante dessa escola, eu fui para a Escola Militar. E lá as turmas eram mais diversas. Como tinham muitos filhos de militares de patentes mais baixas e havia uma diversidade nas turmas que foi bom para mim que consegui ter contato com essa diversidade e mais respeitosa entre os colegas. Mas entre os professores, qualquer olhar : “O que você está me olhando. Ah, você tem um olhar muito abusado”. Como se dissesse neguinha abusada, né? “Baixe o olho, baixe a cabeça”. Tinha muito isso. “Você não fala nada, mas o jeito que você me olha é abusado. Me ofende. O jeito que você olha é crítico”. Aí eu pensava: pô, mas por que eu incomodo tanto. Ainda não era algo que eu conseguia materializar. Eu percebia que tinha um tratamento diferente, mas eu não materializava de uma maneira muito concreta. Poucos professores negros. Tinha um professor de História que era negro e isso acabou me

fazendo gostar, né., porque Matemática e Física os professores falavam: “você nunca vai aprender”. “Nunca ... você nunca ... desiste você nunca vai aprender”. Eu ficava o final de semana inteiro estudando e chegava na prova e eu ia mau. Eu ia falar com professor: “eu fiz isso e isso e isso”. Nossa, você precisava ver: “você tem que entender que você nunca vai aprender. Não é uma coisa que você tenha capacidade”. Então, eu entrei na universidade um pouco com isso. Na universidade, eu fui me soltando um pouco. Mas mesmo assim teve um episódio de um professor que eu questionei o que ele estava falando ... é muito louco isso, né?, como eles acham que a gente não tem o direito de questionar as coisas, né? Como se ... se um aluno branco questionar é uma coisa. Se um aluno negro questionar, é uma ofensa, né? como você está questionando um professor. E era um professor que era jornalista de redação, branco, e tal. Lembro que eu acabei ... todo mundo da sala percebeu, né?, como ele me tratou. Mas era aquela coisa meio paralisante, né? Acabei ... na hora me revoltei, mas deixei passar. E aí eu entrei logo para redação, no Correio (Braziliense) para estagiar logo nos primeiros semestres, Então, não tive muita vivência da universidade, né? E foi uma pena, porque foi justamente quando estava sendo feito todo o movimento dos estudantes pelas cotas. Mas aquilo foi chegando de alguma forma, percebendo pelos debates o baixo número de negros. Na minha turma, era eu e mais uma menina, a Carmen, jornalista, até hoje, muito boa, que é do Correio Braziliense. E gente assim conversava um pouco. Não tinha muito assim o acúmulo político, mas meio que se articulava e tal. E aí foi... Dentro da redação e no estágio também encontrei pessoas que me apoiavam muito, mas você também vai percebendo algumas diferenças colocadas. Mas a experiência de passar a fazer matéria para o Ìrohìn (jornal do movimento negro), né?, a partir do encontro com o Edson na especialização. É muito louco porque, infelizmente, ele era um dos últimos módulos. Quando ele foi meu professor, a minha pesquisa já estava em aí em andamento. A minha pesquisa era sobre mulheres do SUS à espera de reprodução assistida. E não teve a categoria, o recorte racial. Eu vi que, nas entrevistas no HMIB (Hospital Materno Infantil de Brasília), a maioria das mulheres era negra. Mas eu não fiz esse recorte. E muitas das mulheres eram da época das laqueaduras em massa e estavam naquele contexto ali, com seus 40 e poucos anos, que fizeram laqueadura aos 20, 18 anos, e, aos 40 anos, estavam tentando engravidar por reprodução assistida e o Estado não estava garantindo esse direito. Esse foi o meu trabalho final da especialização foi sobre essas mulheres. E foi muito ruim não ter tido isso (recorte racial). Aí eu comecei a contribuir para o Ìrohìn e levei isso também para o meu trabalho. Entre o Correio e a EBC, a Radiobrás, no caso, eu passei pela classificação indicativa do Ministério da Justiça. E dentro da classificação indicativa tinha uma discussão forte sobre a questão racial. Dentro da classificação, como racismo ... o racismo você classifica? É 16, 18 anos? Não, é crime. É um conteúdo proibido. Eu entrei nesse momento da discussão sobre a classificação e foi muito bom. Tem algumas pessoas que discutiam o racismo no audiovisual, né? porque conteúdo jornalístico não passa por classificação indicativa. Foi quando eu comecei a coisa mais acadêmica também. A prática jornalística me ajudou muito. Foi onde eu comecei a me entender, a entender ... ter um acúmulo muito maior sobre racismo e conhecer pessoas. Aí, vem Cojira (Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial) e começa a vir as coisas ... mais do ponto de vista profissional, profissional assim entre aspas, organizações de classe, sindicato, né?, para depois configurar uma militância mais estruturada.

DEFINIÇÃO DO TRABALHO COMO JORNALISTA

Eu acho que eu sou uma jornalista que finca o seu trabalho muito nas questões de direitos humanos, cidade, população negra, racismo, infância. Enfim, a minha trajetória é bem marcada por isso, né? Eu começo mais na área de saúde. Fui setorista de saúde durante muito tempo. No Correio, eu não tinha muito a leitura racial, mas eu fazia muita matéria assim da perspectiva da infância e da cidadania. Depois eu vou aprofundando mais e conseguindo trazer a perspectiva racial para o meu trabalho, né? Eu trago em impresso e em rádio. Então, é desde 2006. Desde 2006, 2007, eu estou fora da reportagem, trabalhando com edição ou coordenação de edição de reportagem. Mas volta e meia eu acabo fazendo alguma matéria. Durante esses últimos anos, na EBC, eu tenho atuado muito na pauta. Às vezes, eu penso: ah, mas não era para eu parar e fazer? Mas aí eu descobri que eu poderia fazer várias pessoas fazerem várias vezes. Claro, que nem sempre da forma como a gente gostaria. Mas vejo que acabei contribuindo para um grupo, para uma multiplicação um pouco ... uma capacitação meio no dia a dia, no fazer. Só que essa disputa no espaço da pauta, né?, foi bem complicado. Quando eu chego para fazer essa disputa, em 2006, assim eu já tinha ganhado alguns prêmios em reportagem. Então, a fala, as sugestões ganham outro patamar. E as minhas sugestões rendiam prêmios para as pessoas. Então, acabou que a redação fica mais permeável. Mas também não quer dizer que eu emplacava tudo, né? E também acabei sendo rotulada assim, obviamente muitas pessoas passam a tolerar as minhas pautas porque elas dão, dão prêmio, vamos dizer assim. Mas, ah ... aí, aí, algumas organizações que passam a ter prêmios com esses enfoques, como a ANDI, o Prêmio Abdias Nascimento, o próprio Herzog e Libero Bardaró, passam a incorporar o racismo dentro da categoria de direitos humanos. Petrobras... Então, assim esses prêmios na área de direitos humanos, na medida em que foram incorporando racismo, infância, cidadania em seus critérios de avaliação, isso vai ajudando na pauta. Mas volta-e-meia a EBC tem tanto jornalismo como programação, algumas intervenções minhas ou sugestões, às vezes, não eram bem-vindas ou eram rotuladas: “ah, lá vem a setorista de churrasco na lage e quilombo. Ah, de novo pauta de quilombo”. E aí também insinuações de como se eu estivesse tentando emplacar pauta de coleguinha, de amigo meu, entendeu? “A, você conhece essa pessoa?”. Tentando desqualificar a pauta a partir de uma ... tentando me rolar como alguém ... como se eu estivesse interessada naquilo. Como se eu tivesse interesse pessoal naquela pauta, né? Aí, na verdade, a minha militância vai crescendo. E isso para a redação vai ficando uma coisa difícil de lidar. Porque ao mesmo tempo as pautas continuam sendo premiadas e continuam tendo boa saída. Então, fica difícil de ... mas eu passo a ter um pouco de cuidado com algumas coisas. Passo a querer fazer menos matéria. Prefiro mais sugerir para não ter esse tipo de questionamento. Passo também ver uma cobertura está sendo conduzida errada, mas não faço uma intervenção mais direta. Deixar acontecer algumas coisas. E aí assim voltando aos limites. Às vezes, eu penso uma pauta e gostaria que um jornalista negro faça e isso não acontece. E aí eu vou tentar falar isso para a redação, para o chefe de reportagem e issonão é bem recebido. Eu não consegui – e até porque eu não tenho um supercargos de chefia – dizer: não, não vai ser, né? Existem alguns limites. Você faz uma boa pauta, consegue emplacar com uma jornalista branca. É bacana e tudo. Mas é o que eu digo: precisa entender o processo ... olha o que aconteceu comigo, né? ...

o processo de conscientização fortalece esse profissional. Eu vou testando alguns limites. E alguns limites não dá naquele momento. Então, eu falo: ah, tá. Vou deixar. Pensei essa pauta para outra pessoa fazer. E acontece uma coisa muito louca na redação, por exemplo, a única repórter negra ela é setoria do Banco Central. Ela ficava encastelada. Aí quando você fala: ah, eu queria que a Kely fizesse essa matéria. “Ah, não. A Kely é do Banco Central. Então, tira a Kely”!. Então, não é muito ... às vezes, você até tem profissionais negras, mas elas estão em lugares que você não consegue tirar. Ou Então, a gente já fez uma pauta, que tinha viagem para os quilombos, e essa profissional não podia viajar. Então, vão vindo várias coisas e a redação vai solucionar e fazer aquela pauta da maneira mais rápida possível: repórter de Social que está solta e não está setORIZADA. E tal. E aí, às vezes, a própria jornalista não topa. Prefere ficar no setor em que ela está e não mudar.

(há diferença entre profissionais negros e brancos na temática pauta racial?) – Sinto. Total. É muito diferente porque a pertença ... A pertença ... tem uma experiência agora que está legal na EBC. Que foi legal. Eu fiquei tentando encontrar uma profissional negra. Duas profissionais negras com quem eu consegui estabelecer algum fluxo de pauta. Algumas, na verdade. Não, três. A Katiane, que é do rádio, começou a fazer várias matérias interessantes sobre racismo no Distrito Federal. E agora ela está na edição. Foi legal porque ela está ocupando um espaço de poder, né? Mas também foi uma perda. A Kariane é uma outra repórter negra que está ... ela já foi, já cobriu alguns Latinidades (Festival Latinidades da Mulher Afrolatinoamericana e Afrocaribenha). Agora, uma repórter que me encanta muito é a Débora, que tem feito cobertruas para a TV Brasil, reportagens para o Caminhos da Reportagem. Ela fez o Rotas da Escravidão. Ela fez um sobre movimento negro de ditadura. Então, assim ... e ela é também. Eu vejo muito assim como ela está construindo a trajetória dela e a compreensão sobre ela. Agora eu passei um frila para ela de um ... da revista Traços que eles fizeram sobre mulheres negras no contexto da Marcha (das Mulheres Negras contra o Racismo, a Violência e o Bem Viver, ocorrida em novembro de 2015, em Brasília). Também foi muito fortalecedor para ela. Ela é de Alagoas, da região da Serra da Barriga (proximidades dos Quilombo de Palmares). Ela não é assim situação como eu, mas é assim tem pouco acúmulo, né? Mas ela cresceu muito. De uma sugestão minha, os 100 anos do Grande Otelo, ela fez e ficou muito legal, porque a editora do programa ... a gente sugeriu que fosse Grande Otelo o artista negro da cultura brasileira, uma coisa assim. Até me esqueci do nome. E a produtora do programa queria que fosse negro, tipo gênio da cultura brasileira, sem o negro. E a Débora começou, porque eu dei a sugestão de pauta, e no final a Débora veio me procurar: “nossa, estão querendo tirar o nome que a gente deu e tal”. E aí eu fui ... fiz toda a defesa. E quando o programa sai, alguns telespectadores reclamam, né? Mas enfim ... agora a gente está trabalhando num projeto sobre os 90 anos do Moacir Santos. A gente troca muita figurinha. Nessa semana, a gente estava atrás de Cabula e tal. Então, eu vejo alguns pauteiros que pegaram o espírito. Alguns já produzem coisas assim ... E aí tem alguns prêmios que a agência (Radioagência) recebeu mostram isso: uma produção boa sobre o 20 de novembro (Dia da Consciência Negra), a cobertura sistemática do Latinidades. Então, tem algumas coisas que ... No Rio, tem a Izabela Vieira que também faz uma cobertura boa e também é outra pessoa que foi se entendendo como negra no trabalho, no fazer jornalístico. Também tem uma trajetória parecida. Então, assim é um

ambiente que tem as suas dificuldades, mas algumas barreiras a gente já conseguiu mover. Quando chega na programação (entretenimento), isso vai ficando mais difícil, né? Mas no jornalismo a gente consegue. Na época da Copa (Mundial de Futebol), produzimos programas radiofônicos ... na Copa ainda da África do Sul falando de maneira superpejorativa das mulheres africanas... Falando que elas tinham bundas que pareciam cadeiras para as crianças sentarem. Umas coisas absurdas. Eu fui meio kamikase. Eu ouvi cinco programas. Fiz uma análise num relatório gigante e mandei para o superintendente da rádio e a coordenadora da emissora. Eu não sabia que, na verdade, essa pessoa que estava produzindo era das relações pessoais deles e que eles tinham aprovado tudo isso. Nossa, “afroxiita”. A primeira reação deles foi muito ruim.

(te chamaram assim?) – De afroxiita. E aí, eu devolvi ... eu disse que ... achava que o fato de ... que todos os princípios jornalísticos que eu estava defendendo ... chamava criança negra de trombadinha... Que todos os princípios que eu estava defendendo, colocando em análise de que eu não ia veicular na Radioagência aquele material eram ... estava nos manuais de boas práticas da Andi, já que todo mundo gosta de dizer que ... aí eu aproveitei ... o manual de boas práticas da Andi. O chefe era irmão de uma militante que é uma das principais de Pequim (4ª Conferência Mundial da Mulher, ocorrida em 1995) e coisa e tal e aí também recorri a Pequim, a Durban (3ª Conferência Mundial contra o Racismo, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas), a tudo, para mostrar que o que eu estava falando técnico. E a equipe de gestão ela era toda muito engajada, de sindicalistas, de pessoas do movimento de democratização de comunicação. É ... meio isso, né?, você ser de movimento social, ser de movimento de democratização, defender a comunicação pública ... e que eu compreendi que todo o acúmulo que eu tinha na Cojira, de organizações negras, na verdade ... acho que foi um dos momentos em que eu mais tive que escrever assim, sabe? Devo até ter guardado. Eu vi que aquele momento era um divisor de águas: ou eu amadurecia ali e que eles tinham que me respeitar e que a minha análise era a técnica, não negando que ela tinha um teor político, ideológico, mas mostrando que ela era técnica e que o meu político-ideológico não era nada diferente das outras pessoas. Mas que as outras pessoas defendiam outras ... estavam alinhadas a outras perspectivas político-ideológicas. Então, ... e aí coloquei meu cargo à disposição e falei que eu não ia veicular aquilo ali e que eu mantinha toda a minha análise, né? E aí ele não aceitou o cargo. Pedi para eu me acalmar. Que se a minha avaliação era essa, que eu não veiculasse. Recuou. Mas nas rádios, o conteúdo foi ao ar, né? Então, assim, valeu para o veículo que eu estava. Mas nisso sim ... você ganha a fama de encrequeira, de afroxiita, afro ... é coordenadora afrodescendente. Tenho uma dificuldade muito grande no diálogo com o Rio assim porque me acham arrogante, petulante porque acho que Brasília meio que se acostumou um pouco com as intervenções, com as pautas do dia a dia. Então, está convivendo e está vendo que você não está fazendo isso para derrubar ninguém. Já as praças têm uma visão diferente sobre mim. Se eu mando uma recomendação, se eu mando uma crítica, é muito mal recebida. Eu tenho um fã clube, no Rio, e de pessoas negras, muitas vezes. Como não tem ... é como se eu estivesse ofendendo duas vezes, né?, por estar fazendo a crítica e ... e por estar fazendo uma coisa como se dissesse o que essas pessoas deveriam fazer mesmo, né?. Então, muitos repórteres que topam as pautas parecem que começam a ter algumas perseguições assim, sabe?, de não deixarem fazer. Ou Então, assim: “ah, se você quiser fazer, faz. Mas no seu horário pessoal, sabe?”.

(essa discussão acontece porque é um veículo público, né?) – Sim, claro. Eu tenho total consciência disso. Eu acho que alguns limites, alguns avanços, eles foram possíveis nisso, né? Você pode evocar a lei. É isso, né? Num veículo público que faz a propaganda: “ah, eu estou alinhado com a ONU. Eu estou alinhado com ... a lei de criação da EBC, as parcerias, né?”. Tem que sustentar, né? Então, assim ... eu acho que intimida nesse sentido assim né?, de ver que você está ... a EBC tem nos princípios, né, a diversidade, Então, tem um compromisso legal, né? E para ela se sustentar, no dia a dia, a diversidade tem sido um princípio muito usado, né? A TV Brasil é a cara do Brasil, a cara do Brasil e tal. Então, é algo que nos ajuda, o que torna a empresa um pouco mais permeável. Mas o que não significa, né?, que na sua estrutura ali tenha várias dessas barreiras e perversidades e tentativas de bloqueio e entrada de conteúdo que você não consegue barrar, que você não consegue modificar. Então, agora, em 2013, a empresa aderiu ao Pró-Equidade (Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça do governo federal e das Nações Unidas) e que está sendo muito importante também, né? Tanto o Conselho Curador como o Comitê eles dão ... ajudam a gente a sustentar isso, né? Tem o Joelzito (Araújo, cineasta negro) cobrando apresentadores negros. O João Jorge (presidente do Olodum) desempenhou um papel importante em cobrar mais diversidade na planilha musical, fazer discussão sobre os programas religiosos. Então, é ... aí, por exemplo. Um exemplo assim você vai sugerir na redação um programa sobre cinema negro, um especial sobre cinema negro, uma matéria sobre cineastas negros. Então, já não se acanha de negar porque ela sabe que tem um conselheiro negro que se eles se negarem isso pode acabar caindo no ouvido do conselheiro. Então, as pessoas acabam ... você acaba conseguindo emplacar mais coisas que a empresa tem interesse de reafirmar que está cumprindo esses princípios e usar isso como se fosse um diferencial, né? E os mecanismos de controle interno e externo atuam como ... têm que atuar mais e tal ... mas já atuam no sentido de deixar mais essas cobranças. Então, isso acaba te ajudando. Isso já aconteceu de coisas que eu estava tentando fazer e veio uma recomendação do Conselho Curador para ser feita e a minha pauta estava lá parada e ela anda. Entendeu?

SEXISMO

Eu não tenho tanta leitura sobre sexismo.

(sem problema. Não é definição teórica.) – O sexismo, no meu modo de ver, é você usar a identidade sexual para limitar e estereotipar homens e mulheres né?, independente de suas identidades de gênero. E você impor: menina vai brincar de boneca e menino vai brincar de carrinho, né? E você não incluir, não visibilizar essas diferenças ... você só lidar com essas diferenças é pra reforçar esses estereótipos, mas você não visibilizar essas diferenças quando de fato você precisa pensar uma matéria que tenha homens e mulheres, que tenha uma linguagem não sexista no sentido de pegar o gênero masculino como gênero universal. Isso é bem complicado assim ... você vencer isso dentro de uma redação, porque o sujeito universal é o homem. Então, você vê muitas matérias, muitos programas assim. Dia desses eu estava assistindo um programa da TV Brasil com seis homens entrevistados. Outro dia, outro programa com três homens e o programa era um balanço sobre as mobilizações sociais de 2015, sendo que 2015 teve 50 mil mulheres em marcha, na marcha das mulheres negras. E não tinha uma mulher. Eram três homens brancos

fazendo um balanço. Era um balanço sobre o movimento social de 2015. Então, assim, é ... ainda é uma coisa que ainda na parte da comunicação pública tem que avançar muito. Tem uma resistência assim de chamar, de usar a meritocracia para chamar os homens, porque esse assunto só os homens entendem, né? Fora que no discurso do cotidiano, né?, você se dirigir sempre ao sujeito universal masculino: o ouvinte. Você está sempre falando com o ouvinte e não com a ouvinte. Ela não existe. Essa ... essa ... enfim ... não tem nem como a dificuldade romper com isso. Nem com a escolha das fontes quando na percepção do público.

RACISMO

Então, eu entendo como um sistema ideológico muito estruturado, né?, para o controle e a hierarquia social. É que no Brasil teve como base a população negra. Você como mecanismo de opressão, violência e controle, né? E você praticar o racismo conforme a estrutura dessa sociedade e deixando a população negra sempre numa condição menos favorável. E que a mídia acabou sendo, desde os primórdios, muito parceira desse sistema, né? Aí, se você pegar alguns editoriais de jornais contrários ao fim da escravidão. E isso permanece até hoje. é um sistema alimentado pela mídia e pelo jornalismo, infelizmente.

PRÁTICAS SEXISTAS OU RACISTAS NO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Sim. Muito. Uma vez, por exemplo, naquela época do tsunami ... por exemplo, na escolha das pessoas que vão fazer as pautas... Na época que teve o tsunami, várias repórteres que queriam ir para lá cobrir, foram proibidas. O Haiti. Vários lugares considerados cobertura de risco de não mandar mulheres. Aí: “ah, não. Não dá porque as mulheres têm uma condição mais vulnerável. Um lugar que sofreu com uma tragédia, uma violência”. Então, o sistema acaba se sustentando assim. A redação não quer se responsabilizar por nada que vai acontecer com você.

(tipo o quê? Falam alguma coisa?) – (voz oculta) “Ah, você vai lá. Haiti, terra arrasada. Teve um terremoto e para ser estuprada lá, não custa”, né? Então, começam a passar um medo e que aquela pauta é uma pauta de homem. (voz oculta) “Não, essa pauta tem que ser um homem para fazer”, né? E que é a empresa também tentando se eximir de qualquer responsabilidade, né? A empresa tentando muito se tirar assim. Você também vê alguns setores de Economia e Política. Hoje em dia já deu uma equilibrada maior, mas você percebe uma maior credibilidade para os homens na cobertura, né? Então, na divisão das pautas, das tarefas. Isso fica bem nítido também. E das fontes também. A dificuldade de pensar que você vai fazer uma matéria sobre economia e que tem que procurar uma mulher para falar sobre economia. E vem sempre aquele discurso do mérito. (voz oculta) “Não, mas não é uma pauta das mulheres. Por que a gente vai fazer esse esforço” e tal. Então, delimitando bem o espaço em que as mulheres falam, que os homens falam. Uma dificuldade muito grande de entender também a questão de orientação sexual, identidade de gênero, transexualidade. Muito complexo, várias... E assim editores e repórteres expressando os seus preconceitos de gênero assim ... e não sendo ...isso parecendo que não é um assunto que a chefia possa intervir assim.

(expressando de que forma?) – Verbalizando. Ai, muita coisa acontece, né? Por exemplo, a questão do Enem, né, de identidade social, né? (voz oculta) “Ai, porque está fazendo essa matéria? Não sei o quê. Para que isso? Ah, isso é uma bobagem”. Então, o repórter

vem e faz a matéria. Está ali na missão superestimulado e o próprio editor está ali desestimulando e ridicularizando. E, às vezes, o repórter que tem uma orientação sexual que não é heteronormativa e sendo constrangido, né?

(de que forma? Você tem expressões para ilustrar?) – “Ah, agora a gente só faz matéria de bicha, de viado”. Por exemplo, quando teve a eleição, porque teve uma interpretação assim que se o PSDB ganhar, vai acabar com essas pautas. Então, esse era um discurso recorrente com as pessoas mais reacionárias da redação. “Ah, vai acabar essas matérias de preto, de pobre, de gay, de quilombola”. Então, assim, havia esse embate na redação, né? É pessoas ... algumas pessoas que sabem, né, que são mais defensoras de direitos humanos, falando que são a favor da redução da maioria penal. “ah, quero mais se esses meninos ...” Até que tem recomendação que ele não pode falar no ar que é a favor da redução da maioria penal. Mas quando o microfone fecha ... o cara ... aquele absurdo e tenta criar aquele clima ali no estúdio de constrangimento para pessoas que ... “acho uma besteira esse negócio de cota, não sei o quê, não sei o quê”. O cara está botando no ar uma matéria que a empresa fez e tal, corretinha, mas ele está tentando estrebuchar ali na resistência dele, entendeu? E aí, às vezes, você se sente numa situação de desvantagem para você poder rebater naquela coisa. E é sempre assim, né? Eles falam todos os absurdos. E você é que é a encenqueira, a barraqueira, né? Então, você é que está querendo aparelhar a coisa, né? Então, é... Agora tem um monte de coisa que ... eu acho que é isso, né?... O Comitê de Equidade, de Mulheres, a gente tem Coletivo de Mulheres lá na EBC que precisam trabalhar para romper. Aí que a gente vê que o sexismo e o machismo, como as mulheres acabam incorporando um pouco esses conceitos e reproduzindo. Você não vê – eu estou mais no nível de gestão, né? – Então, a gente vai para uma reunião e um homem ... o chefe pediu um levantamento para todo mundo. Todo mundo fez meio rapidamente ali em cima da hora. O homem apresenta como se ele estivesse passado um mês fazendo o levantamento. E a mulher começa dizendo: “ah, desculpa. Eu fiz esse levantamento em um dia só. Desculpa por não ter todas as informações e tal”. Então, meio que essa coisa de a gente também tentar ... e Então, entra-se em algumas armadilhas, né? As próprias mulheres assim de reproduzir coisas assim: “ah, a mulher é mais cuidadosa, mais atenciosa. O homem é mais ágil”. Então, são esses estereótipos que a gente acaba vendo as próprias mulheres reproduzindo, né? E é tudo o que eles querem. Eu tenho tentado trabalhar com as mulheres para que elas mesmas comecem a enfrentar isso assim, né? Mas não é nada fácil. E os machistas e os racistas eles se sentem muito à vontade para falar muitas coisas na redação mesmo sabendo que a orientação da empresa não é essa, né?

(o que que eles falam?) – Não, falam. “Ah, vocês só gostam de ir naquele bar que só dá bicha e gay. Eu não gosto”. Aí, aparece alguma coisa na internet e comenta em voz alta.

(tipo o quê?) “Ah, essa mulher é vagabunda mesmo. Está dizendo que foi estuprada, mas é vagabunda mesmo”. Isso rola, né?, mesmo na redação. Teve um conflito agora registrado mesmo ... tem um grupo lá na EBC, que se chama Sou+EBC, que tem os debates institucionais. E o coletivo de mulheres divulgou uma carta ‘Nós vamos dar um escândalo’ e denuncia várias coisas. E um dos jornalistas homens entra e diz: “isso é um

absurdo. Vocês querem dividir a sociedade entre homens e mulheres. A sociedade é de seres humanos. E é um jornalista de uma equipe de jornalistas de produções especiais, assim. Então, é muito assustador esse tipo de discurso, né? Agora, uma coisa ... a gente do comitê, né? ... teve reunião com o presidente da empresa e falou e é estratégia esse ano ... no comitê a gente trabalha tanto com as questões de conteúdo, né, questões de sugestões de conteúdo, né?, monitoramento e tal e questões da gestão. Mas, é ... no intervalo de menos de seis meses tiveram duas falas superequivocadas de diretor de jornalismo. Uma que foi da diretora foi quando ela foi confrontada que o principal programa de entrevista da emissora – o Espaço Público – tinha muito menos mulheres, né? Ela começou a usar argumentos assim: “ah, mas é que a gente chama as mulheres e elas dizem que não podem no horário do programa porque têm filho. E Então, não podem ficar para o programa”. Esquecendo que ... não, mas foi muito perverso isso ... porque ela falou isso que muitas não aceitavam ir por causa do horário e disse que algumas, até me citou, tinham sido convidadas e tinham indicado homens para ir no lugar delas, o que foi o caso do programa com a Conceição Evaristo (escritora negra) que eu indiquei três pessoas. Eu conhecia várias pessoas especializadas em Conceição Evaristo e assim ...

(você estava nesse programa, não?) – Não, eu estava no da Angela Davis. Quem fez foi o Marco Fabrício. O que que aconteceu ali? Eu indiquei duas mulheres negras e ele (homem negro). Eu nem acho que foi ruim, assim, propriamente ele ter sido escolhido, né? Porque ele é negro e mega ... ele foi aluno ... ela (Conceição) é louca por ele assim. Ela é apaixonada por ele, assim. No Latinidades, na primeira vez que ela veio ... quando ela viu ele, ela chorou. Ele foi aluno dela e tal. Então, assim eu indiquei ele, eu indiquei a Aline e eu indiquei a Andressa que tem mestrado em Conceição e Ana Maria Gonçalves e está fazendo doutorado agora. Então, ela usou essa minha indicação como exemplo para dizer: “tá vendo, até a Juliana que é do comitê já se negou a ir para a bancada”. Ela me convidou duas vezes. Uma eu fui, que foi a vez da Angela Davis. E outra eu declinei em nome de três pessoas negros, sendo uma delas um homem. E ela escolheu o homem. Na época, eu até falei assim: pra mim é muito recompensador ver um homem negro falando sobre poesia, entendeu? Isso é super importante também. Embora eu ache que poderia ter sido interessante ter uma mulher negra. Então, eles invertem as coisas. A gestão inverte a culpa para as mulheres e para as mulheres negras. As mulheres não querem. Então, não pensa que aquela mulher que negou no outro dia ela não vai ganhar folga ou vai poder chegar mais tarde. Ou vai poder ganhar outro. Porque um programa que vai até a meia-noite, poderia ganhar folga no outro dia. Então, se ela não vai ganhar folga no outro dia e ela vai ter que ter a mesma rotina e ela tem filhos, realmente ela não vai. Não tem uma creche dentro da coisa (empresa). Então, se o programa é pensado dessa forma, por que não grava mais cedo? Enfim ... Então, a estrutura ela responsabiliza a mulher. É muito perverso isso. Ela responsabilizar a mulher e a mulher negra por ela não estar presente na tela, né? Então, essa foi uma fala muito criticada pelos funcionários. E, recentemente, a fala do novo diretor que falou que a Luciana Barreto era uma economia, porque ela é uma mulher e uma mulher negra. Então, já estava tudo contemplado. Então, a gente economiza. Aí também foi ... foi um episódio muito ruim, porque ela estava na reunião do Conselho Curador quando ele falou isso. A representante dos funcionários contrapôs ele. Aliás, está tudo registrado. Acho que pode ser uma coisa interessante para você. Se

você quiser a degravação das atas. O conselho curador tem dos dois episódios. E aí, a representante do conselho curador contrapõe ele, dizendo que ela era mulher, que ela é mulher negra, mas ela não é concursada. E aí a empresa estava em greve. Os funcionários estavam dentro do conselho e começam a gritar. Então, a Luciana foi duplamente constrangida pela fala do diretor e pelos colegas. E quando ela sai, um colega fala para ela: “cuidado, hein. Qualquer dia eles cortam o seu braço, porque aí você vai ser mulher, negra e deficiente”.

(demonstro espanto) – É. Agora você imagina como vai para casa esse ser humano?

(eu a entrevistei) – Ela não contou isso?

(respondo - Bel) – Não, ela não contou isso. Mas ela contou coisas assim bem ...

(Juliana) – Quando você entrevistou? Pode ser que tenha sido depois.

(Bel) – Não, eu a entrevistei na semana passada.

(Juliana) – Pois é, cara. Quando aconteceu isso foi tão triste. E sabe qual foi o pior? Em off: ela ficou com mais raiva do diretor. Não, do diretor não. Dos colegas. Por quê? Aí, a gente desenvolve um mecanismo de defesa. Para mim, todo mundo cagou. Fez merda. Só que como ela tem um contrato com o diretor e ele decide a vida dela, ele tem um lugar de poder em relação a ela. Então, ela se bloqueia. Ela não pode ter raiva dele. O cara que começou a fazer a merda. Ele que está no lugar que deveria ter mais consciência do que fala. Só que a raiva fica maior entre os colegas. Entendeu? Então, assim é muito complexo isso. A gente tirou como diretriz do comitê esse ano a formação dos gestores porque a presidência da empresa tem um discurso, mas Agora no final do ano, quando a gente teve reunião com o Américo (diretor-presidente da EBC), eu falei para ele: ó, precisa formar os gestores. Mas você precisa fazer o gesto. Você até agora não trouxe nenhuma pessoa negra para a sua equipe. Nenhuma. Nenhuma pessoa negra. A turma dele é a mesma do Cláudio Eugênio (jornalista negro em comum, assessor de imprensa do Ministério da Saúde), da Metodista (Universidade Metodista de São Paulo). Ele trouxe todos os coleguinhos dele. Eu até acabei ficando sem graça, porque eu acabei soltando isso para o Cláudio Eugênio no dia da posse. Ele estava todo feliz no dia da posse (da diretoria da EBC) e ele falou: “olha, os meus amigos todos ali”. E eu falei: o que você está fazendo aqui do meu lado? Saiu. Depois eu fiquei com dó. Ele saiu de perto de mim. Ele deve ter ficado chateado. Mas saiu, né?

(Américo trabalhou na BBC. Eu me lembro. – É um negócio assim muito ... ah ... e é. Na hora em que eu falei isso, ele (Américo) falou: “você tem razão”. Você vê... ele não tem nenhum diretor negro. Nenhum. Nenhum. Ele vai começar a ter. Eu acho que ele vai começar a ter ... é gerente. Eu acho que nem gerente. A primeira pessoa negra na escala, a primeira pessoa negra é ... vai ser gerente. É. Gerente. A Cristiane Ribeiro, do Rio, que é gerente de jornalismo. Eu acho que é ... antes tinha a Sandra (Teixeira) que era chefe de gabinete. Ela era o cargo mais alto. Vamos dizer assim, né? A Luciana (Barreto) é apresentadora e coisa e tal. Mas na hierarquia, na gestão da empresa, ela não está. Então, você vai vendo nessa coisa. Então, é isso, né? Esse discurso racista e sexista ele está presente na redação e na gestão, né?

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES MULHERES

Ah, eu acho que ... dentro da redação? Na relação com os colegas? Com os chefes?

(tudo) – Tem o universo redação que aí é a sede dos muitos diversos. Muitos casos que a gente vê, né? De mulheres, mulheres grávidas. A gente teve um recente caso de um chefe que chegou no meio (da redação) e disse: “mais uma grávida? Por favor, fechem as pernas”.

(demonstro espanto) – É. Eu falo que a gente deveria ganhar insalubridade para fazer parte desse comitê. É cada absurdo que a gente ouve. É. Mulheres fechem as pernas. É desse jeito. O cara está sendo processado na sindicância. Mas já tem outro que chamou a funcionária de gostosa que vai se ferrar mais. Enfim. É bizarro. É cada história lá dentro que a gente não acredita. Teve um cara que chegou para mim, um dos meus subordinados, e rasgou o contracheque na minha cara e falou que não sabia o que ele pensava em fazer comigo à noite, quando ele ia para a casa dele. Então, assim é ... são coisas assim. Situações de boicote também, né? Assédio. O assédio das mais variadas formas: moral e sexual, né? De boicote em relação à pauta, ascensão, viagens ...humm... com essas justificativas toscas, pautas, setores de cobertura. É a redação, é um ambiente extremamente perverso, assim nesse sentido. E fora dela a reação das fontes é muito marcada por isso, né? Um cara que ... eu já passei por isso, né? Eu fui setorista de Congresso. Cantada de parlamentar. Parlamentar que você está entrevistando e ele está olhando a sua bunda, o seu peito. É ... e você sente que a pessoa não é tão séria com você como está sendo quando chega um homem, né?, no passar informações. O cotidiano com colega. O cotidiano com as fontes. Então, é muito marcado assim pelo machismo e muito, muitas situações de assédio, de tentar fazer com que você ache que você está no lugar errado que é para você desistir, entendeu? Então, é cada dia você tentando: não, eu não estou no lugar errado. É essa pessoa que está errada.

(qual é a reação das mulheres diante de situações tão explícitas como essas?) – Então,. Tem muitas que calam, né? Mas como a empresa começou a criar uma série de mecanismos... No ano passado, por exemplo, foi feita uma campanha de combate ao assédio moral e sexual, que tem um vídeo, em que o próprio presidente da empresa fala e tal. Então, isso acabou abrindo um pouco a tampa, né? A comissão de ética era uma bagunça total. Ele mandava: “ah, vai lá e conversa com ele e se entende com ele. Vamos fazer ... conversa com coleguinha ... conciliação. E agora está atuando de uma outra forma. Muita coisa chega para o Comitê Pró-Equidade que não seria a instância (responsável), porque é uma instância mais de política geral. Mas com a comissão de ética muito desmoralizada acabou sendo ... vindo mais as coisas para o comitê. E isso ainda acontece. Às vezes, é um problema porque o comitê acaba tendo dificuldade de operar outras coisas, né? É... Então, assim, no ambiente que eu vivo, hoje, parte das mulheres ainda cala. Conversa com você, mas não: “ah, estou procurando só para saber os mecanismos”. Mas desaparece. E outras já formalizam a denúncia. Procuram a formalização. Algumas, inclusive, na instância judicial, né? Vão procurar a instância judicial porque não percebem que a empresa vá de fato solucionar, né? E, de fato, sindicâncias com alguns problemas. Falta de pessoas capacitadas para conduzir sindicâncias. Sindicâncias que duram muito tempo. Teve um caso recente – não sei se posso falar – fizeram a acareação entre a pessoa e o assediador. Tomaram o depoimento

dela três vezes e, na quarta vez, sem falar para ela. Ela chegou e era uma acareação. Então, assim, já tem a sindicância da sindicância. Então, assim, a gente acompanha...

(era um caso de assédio sexual?) – É a pessoa que o cara chamou ela de gostosa. O cara também ... os dois superiores dela. Um chamou ela de gostosa e não sei o quê e o outro também era ... era um supervisor e um gerente, eu acho. Era o mesmo caso. E aí, no processo dela entraram outras mulheres.

(com queixas referentes aos mesmos homens?) – É. E aí, assim, aí quando a gente foi interpelar a comissão de sindicância querendo saber porquê agiu assim, a comissão de sindicância disse: “não, é porque tinham incoerências na fala dela. Por que acareação não pode?”. E ainda ...

(Isso é possível porque é uma empresa pública?) – É. Engraçado que até uma pessoa de empresa privada, que entrou recentemente lá (na EBC), falou: “nossa, eu nunca vi uma empresa com tanta denúncia de assédio moral! Com tanta coisa”. Aí eu falei: “bom você que já trabalhou no Estadão e não sei aonde, não sei aonde deve ter passado por mil situações, mas nunca teve processo, né?”. Então, o que eu percebo, da vivência que eu tive ... já tem bastante tempo que eu sai de redação de privada, a última foi em 2004, já tem mais de dez anos. Do que eu ouço de colegas e pelo fato de eu atuar no sindicato, a gente ouve que, em geral, a tendência das pessoas é calar. Claro, que há uma mudança na redação. A redação de hoje não é mais uma redação da década de 1980 e 1990 em que o cara chegava no meio (da redação) – eu cheguei a pegar o Noblat em redação (Correio Braziliense) – e dizer: “tá querendo me fuder? Me beija. Chegar no meio da redação e gritar” e tal. Mas ... e as mulheres, tendo muito aquela geração de jornalistas que tinham que se masculinizar, ter um comportamento para poder se importa, né? Eu acho que isso muda e a gente em um avanço em relação a isso. Mas esse assédio, essa coisa aparentemente velada... E aí as pesquisas da Fenaj colocam isso muito evidente, né?, que embora haja um maior número de mulheres nas redações, ainda não estão nos postos de chefia. Então, assim ainda é um ambiente muito inóspito. E aí você vê muita gente com problema de saúde mental, depressão, muitos atestados. As pessoas se sentindo desestimuladas, sem perspectiva e, quando não pior, sendo violentadas, né? Então, é assim ... é um lugar muito ... Você tenta construir um ambiente melhor de trabalho, mas não é fácil.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES/PROPENSÕES HOMENS

Eu acho que eles têm mais credibilidade a princípio, sabe? Quando ele está falando uma pauta, quando ele está sugerindo alguma coisa, não tem os mesmos ... não passa a mesma sabatina, sabe? Isso é uma coisa que me incomoda muito assim, sabe? Parece que ele tem um lugar de fala assim muito privilegiado. Você ali que ralar para falar uma coisa e aquele homem vai ali e vai conseguir de uma maneira muito mais fácil assim. E que não estão sobre ele desconfianças nem temores de que ele não vai dar conta. É ele ... vai ter um ataque histérico. Como se fosse uma pessoa com mais sanidade, com mais credibilidade, com mais estabilidade emocional. E quando isso não é uma coisa de gênero, né? Então, eu acho que ... e aí nisso eles acabam conseguindo galgar rapidamente os postos na carreira, né?, os melhores lugares, as melhores coberturas, os melhores postos, né?

RELAÇÕES DE GÊNERO – DESVANTAGEM POR SER MULHER?

Já. Principalmente nisso, né. Você está ali ... por exemplo, quando eu fui setorista de Política. Eu fazia Congresso e Palácio (do Planalto). Você está ali, numa cobertura difícil, e o cara está ali te paquerando. Você tem que lidar com constrangimento. A pauta já é difícil e você fica constrangida. Isso dificulta ali o teu desempenho. E aí você também percebe que recebe menos informações ou informações insuficientes do que um homem, né? A falta de paciência para te ouvir como se o homem faz perguntas ... quando você vai contextualizar não tem paciência. Quando o homem vai falar: “ah, não porque ele é mais incisivo, vai mais no ponto. Então, eu falo melhor com ele”. Quando você quer fazer uma pergunta mais complexa, é porque você é prolixa. Porque você é mulher, você é prolixa. Você fica inventando muita história, entendeu? Então, ... e além dessas coisas das viagens. Várias viagens que eu tive vontade de fazer. Eu queria ir ao Haiti. Tive vontade de ir à Indonésia. E aí ... eu até lembro de uma sequência. Eu até consegui ir para o Líbano fazer a cobertura dos brasileiros que estavam no Líbano. Mas aí você já sai com aquela tensão de como se estivessem te dando uma oportunidade única. Como se, “abrimos essa exceção”. E isso te pesa. Como se: ah, eu tenho que fazer tudo, tudo muito certo, porque me deram essa oportunidade. E se eu não corresponder eu vou estar entrando naquilo que os diretores falaram né? Eu não respondi. Então, eu estou provando que as mulheres não têm capacidade. Eu conheço mulheres e eu já tive assim ... em coberturas tiveram ataque de pânico porque você fica com aquele mantra assim. Falaram durante tanto tempo que você não dá conta que você acha que não vai dar conta, não vai dar conta, não vai dar conta. E entra em parafuso numa viagem, numa cobertura.

(o que elas tiveram?) Muito comum é ataque de pânico. Depois, algumas desenvolvem síndrome de pânico e outras não. Eu tive dois ataques de pânico em coberturas internacionais e acabei não desenvolvendo a síndrome, mas eu conheço algumas mulheres que desenvolveram.

(quais foram os teus dois ataques?) Eu tive ... um mais leve nessa do Líbano e outra, mais pesada, na cobertura da Assembleia Geral da ONU.

(a do Líbano era sobre o quê?) Era sobre a Assembleia Geral da ONU...

(do Líbano?) Era sobre brasileiros que estavam no Líbano, fugindo dos ataques. Na verdade, eles estavam ... a gente foi Turquia e Beirute. A maioria estava indo para a Turquia. Acho que foi 2007.

(e a da ONU?) À ONU acho que foi 2006, 2006, 2007. Foi mais ou menos bem próximo, essas duas coberturas. E assim, sempre essa coisa assim, né? E depois eu comecei a ver várias repórteres tentando fazer isso. Tentando derrubar a pauta antes de ir naquela cobertura. Com receio de não corresponder as expectativas. Uma vez na cobertura, achando que não vai dar conta. Quando eu vejo que algumas estão entrando nessa lógica, eu chamo para conversar e tal. Tive algumas chefes que forma muito parceiras de conversar. E assim... eu estar para viajar e pensando em desistir e elas: “não, você vai conseguir. Não desiste, não”. Mas assim. Como o discurso oficial e estruturante é sempre assim: “você não vai dar conta. Não vai dar conta, não vai dar conta”. Você vai e, mesmo que algumas pessoas estejam tentando te apoiar, o que está no seu HD (mente) é o não vai dar conta. E aí você fica entoando esse mantra, né?

(já sentiu desvantagem por ser mulher negra?) É ... Já, já. Várias vezes. Um dos lugares mais pobres em que eu já trabalhei foi no Palácio do Planalto, o comitê do Palácio do Planalto (Comitê de Imprensa, onde ficam jornalistas de diferentes veículos de comunicação para a cobertura da agenda da Presidência da República) a ponto de jornalista de vir falar para mim de que eu não devia ficar tomando sol, porque pegava mal. Porque se eu queria ser uma grande repórter de política, eu tinha que ter uma outra pegada. Não podia parecer que eu estava indo para a praia sempre. Ah, tem essa sempre. Várias redações por que passei, as pessoas não acreditam que você é negra, né?. Ficam falando: “e daí, foi para a praia nesse final de semana?”. Toda a segunda-feira perguntando. Nossa, o Noblat fez isso comigo muitas vezes. Muitas vezes. E no comitê do Palácio, várias vezes. “Você foi para a praia nesse final de semana. Ó, não pega bem. Você está toda hora bronzeadada. Parece que não trabalha”. Aí você do tipo: estou há dois anos em ir à praia. Então, assim. E como se isso fosse assim ... a imagem de que você é desleixada, que você não vai ao teatro, que você não vai ao cinema, que você não está intelectualizada, né? Porque se a sua prioridade é ir para o clube, você não foi para o cinema. Então, me senti várias vezes por esses ... esses constrangimentos, esses assédios, esses discursos ou, por exemplo, é quando fala de outra pessoa negra, por exemplo. De novo, no Palácio. Aí está tendo uma coletiva sobre o ProUni e vai uma mulher negra que fez, já com seus 50 anos e fez Gastronomia, e vai dar o seu depoimento. Aí os repórteres começam: “é muito dinheiro jogado fora mesmo. Essa mulher, o que ela vai dar de volta para a sociedade? Vai abrir uma birosca”. E assim começam os comentários preconceituosos e você se vendo na mulher. E você pensa é exatamente assim o que eles pensam de mim: que eu sou uma inutilidade. Que eu sou um gasto de dinheiro, que eu não deveria estar aqui. Porque se ela não deveria estar aqui, eu também não deveria estar aqui. E você vai ... e você querendo trabalhar, prestar atenção naquilo e os coleguinhas com discurso racista, que você não sabe se aquilo é para te afetar ou não. Mas aquilo te afeta e atrapalha o seu trabalho. É óbvio que a matéria do cara vai ser melhor que a tua, né? Não assim que eu viva muito nessa coisa de competição, né? mas ele vai estar numa situação de vantagem para fazer o trabalho dele. Porque ele passou a coletiva inteira xingando a mulher e me desestabilizou. E eu não consegui ouvir o que a mulher estava falando. E eu vou sentar para escrever e eu não tenho vantagem em relação a ele, né? Então, assim, tanto o preconceito que tem relação a você quanto o preconceito que tem relação a outras mulheres negras prejudicam o seu trabalho, né? Prejudicam o seu desempenho. E aí, dá vontade de você não estar ali naquele espaço, né? Então, assim, eu pedi para sair do Palácio, da cobertura do Palácio, concretamente por causa dos vários episódios de preconceito, de racismo, que eu passei lá. Vários. Diversos.

RELAÇÕES DE GÊNERO – PRÁTICAS DE SEXISTAS

Eu vi, né? E eu acho que eu até mencionei alguns, né? É, vi vários e acho que as mulheres negras sim, pela erotização, né?, acabam tendo situações ... você vê ... ó, o político não olha só para uma mulher negra, né?. Não olha só para a bunda, né? Mas olha mais, fica mais tempo. E isso vai fazendo a diferença, né? E olha que mulheres brancas, muitas vezes, têm mais repertório para se opor aquilo ou para pular, não se importar, né? Talvez, né? Sei lá. Aparentemente. As mulheres negras já vão acabando tendo mais dificuldade

de lidar com isso, né?, até mesmo por já ter sofrido muito preconceito. Por exemplo, eu vim de uma família que adotou a estratégia do silenciamento, do silêncio, e tal. É achar que ... pô, consegui chegar até aqui. Suportei tanta coisa e cheguei até a aqui. E vou dar na cara desse cara, né? Então, vi vários episódios assim. Diversos. E aí vão das coisas mais ... é isso dentro da redação, fora da redação.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE

Não. Não. E eu acho que conta muito, de uma forma geral, é eles fazem o cálculo, né? “Ah, daqui a pouco vai começar a ter filho. Daqui a dois anos sem poder render. Como se o homem estivesse mais disponível. Essa é uma coisa que eu vejo que nessas promoções conta muito, né?, a suporta disponibilidade dos homens, né?

(isso é falado no ambiente de gestão?) Às vezes. Hoje, menos assim, sabe? Mas já foi falado. Eu já vi: “ah, ela vai ter filho e tal. Não vai poder. Se a gente precisar que ela fique mais tempo em tal dia, não vai poder”. E aquela coisa que eu fico muito assim: Ah, não cargo de coordenação você está à disposição da empresa. Como assim à disposição da empresa? Escravidão? Entendeu? “Não, não. Oito horas é a sua carga horária, mas você tem que estar à disposição da empresa”. Oi? Não, você tem que estar sobreaviso, né? Então, tem uma coisa bem forte em relação a isso. A questão da maternidade e da gravidez, nesse sentido ... E aí tem um outro discurso que, recentemente, eu vi até uma mulher reproduzindo: (modulação na voz. Sarcasmo) “ah, não tem tanto pulso. Preciso de pessoa com mais pulso, sabe? Porque vai chegar uma equipe e precisa ser uam pessoa que tenha assim uma autoridade, né? Ela não passa essa autoridade. É preciso que a equipe tenha, assim, medo, né? A redação é um ambiente tão esquizofrênico, né?, que as pessoas criam a cultura do medo, né? E aí para poder impor esse medo, tem que ser um homem obviamente. Porque como é que uma mulher vai segurar um chicote? Então, isso também eu já vi acontecer bastante.

(e a paternidade?) É para os homens não acontece absolutamente nada. Ele não vai precisar sair mais cedo para levar a filha no médico, né? E os homens acabam, né?... Já existem alguns homens ... Por exemplo, na redação tem um homem, o Gilberto, né, que tem a guarda compartilhada e ele praticamente cria os filhos. E isso deu uma mudança um pouco na visão, assim ... É Então, você tem alguns pais, assim, que já demonstram assim mais participação e isso acaba servindo um pouco de exemplo. Mas a maioria se vale, né?, desse preconceito, desse estereótipo sobre as mulheres e se beneficia deles, né? Eu tive, numa época em que eu era coordenadora de edição e eu tinha um coordenador de reportagem, e o chefe decidiu trocar. Eu ia ser coordenadora de reportagem e ele coordenador de edição. Ele não justificou, sabe, devidamente ... ele disse: “como os repórteres são mais novos, você” ... “Agora para coordenar edição precisa de um” ... né? Ficou aquele não-dito. Por quê? Mas eu não estou entendendo qual é o critério. Então, a minha reação foi pedir para sair da área. E fui para outra área. Aí depois ele falou: “não, não vai. Fica. A gente mantém tudo como está”. Aí, eu falei não. Você não deve confiar em mim. Então, eu estou saindo.

(tu não achas que está saindo e perdendo demais?) Não, eu acho que talvez eu tenha assim ... Aí eu sai, perdi o cargo de coordenação e comecei tudo do zero, né? Quando eu saí da

Agência Brasil foi assim. Eu fui para as rádios e recomecei. Então, mas acabou que eu consegui me reposicionar relativamente. Eu fiquei um, dois anos fora da gestão e depois eu retornei. Mas, assim, né? Óbvio, a Agência (Brasil) é o principal veículo da empresa, né? Hoje, a TV (Brasil) tem um grande valor, mas jornalisticamente a Agência é o que tem mais peso. Então, eu saí dessa, desse veículo. Fiquei num veículo com menos prestígio dentro da empresa. É isso.

(foi uma decisão para não ter embate?) Foi uma decisão porque eu não queria continuar trabalhando com esse chefe que hoje, inclusive, tem um processo. Foi demitido num processo de assédio sexual e assédio moral contra outras mulheres. Eu não cheguei a passar pelo assédio sexual, mas várias outras sim. Foi uma decisão que pode ser mesmo meio que a decisão da fuga e tal, mas que não sei ... eu não sei também. Agora eu não consigo avaliar se eu me arrependo ou não, sabe? Naquele momento, eu não dei conta.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE SALARIAL E DE CONDIÇÕES NEGRAS E NEGROS, BRANCAS E BRANCOS

Não, de jeito nenhum. Aí você percebe também a coisa de ... bom, na prática você já vê que não é numericamente. Depois você vai tentar entender o porquê. Aí, vão ter várias coisas. Desde ... existem sim pessoas negras muito bem capacitadas que negam ascender a esses cargos, né?, porque acham que não estão capacitadas. Tem muitas. Conheço várias profissionais negras e homens que foram convidados a assumir alguns cargos e não toparam, porque não se sentiram capacitados. É, mas é pelo próprio discurso que eles ouviram dentro da própria empresa, né? Então, as várias desqualificações que eles foram ouvindo e acabaram internalizando isso.

(isso tem um impacto na decisão do profissional?) Tem. Tem. E a empresa não faz ... assim, como eu falo: a gente tem que fazer formação de gestores. Fazer. Chamar mulheres, mulheres negras, homens negros e falar: você pode, um dia, ser gestor dessa empresa. Você não ter essa ação afirmativa, né? A empresa peca por omissão e negação. E você vai percebendo, assim, a sutileza das seleções, né? Hoje em dia alguns cargos têm seleção. Outros não. E aí as pessoas que vêm de fora ... E aí, assim, né? a questão do marketing da rede de relações, né? Você percebe ... e aí é muito claro ... a EBC em um presidente branco, que trouxe diretores brancos, que trazem gerentes brancos e que vai trazer coordenadores brancos. Ele vai trazer pessoas, de fora, brancas. E quando ele chega na empresa, ele vai se relacionar com pessoas brancas. E vai escolher essas pessoas, como pessoas da sua confiança.

(por que você acha que isso funciona dessa forma?) É o racismo estruturante da sociedade, né? E eles estão atuando de forma a manter isso. Ainda que, aparentemente, isso não seja uma coisa consciente. Eu acho ... para alguns, eu acho que até é. Para outros, talvez não. Mas, assim, o que também o que é e o que não é, não importa, porque o cara está errando só por não pensar sobre isso, né? De não estar pensando sobre as suas escolhas. Mas, de fato, tem uma coisa de que com quem você consegue enxergar e sobre quem você escolhe se relacionar e quem você consegue enxergar. Aí você vê que as pessoas negras não são nem cogitadas. E as pessoas negras que estão acabam tendo uma cobrança dupla, tripla. Uma cobrança maior do que as pessoas brancas. E eu acho que, enfim, é multifatorial. Tem essa coisa dos processos de escolha, influenciados. Embora a empresa seja uma

empresa por concurso público, a ascensão é toda por processos seletivos. Mas dentro dos processos seletivos você vai criando critérios ali que fazem com que uma pessoa branca fique numa posição vantajosa, né? De línguas, de experiência de gestão. Então, você vai criando: “ah, essa vaga é para gerente ... experiência de gestão de tanto e tanto tempo”. Então, só vai ser outro gerente que vai ocupar essa vaga. E outro gerente é branco. Então, assim, vai ... você fica fora da coisa (seleção). Eu vi, nossa uma situação muito ... uma pessoa que substituiu durante muito tempo um gerente da área, ele ficou doente, uma jornalista, uma mulher negra, que estava substituindo ele (gerente) durante muito tempo e quando ele (gerente) saiu foi escolhido um repórter, um homem branco, muito mal-avaliado pelos editores e pela gerente da coisa e ele (repórter branco) virou gerente. Ele passou de repórter, de local, a gerente! E a mulher negra que já estava gerenciando aquela equipe há bastante tempo não foi colocada. “Ah, não porque eu acho ela”... Então, por ue não tirou ela antes?

(achou ela o quê?) Não ... porque tiveram alguns discursos ... Essa coisa da insubordinação, né? “Ah, muito resistente”. Por exemplo, se a gente argumenta. A gente é resistente, é impertinente, é difícil, né? Porque você está argumentando, né? O chefe acha que ele vai te dar um esporro e que você tem que ficar calada. Que você não pode argumentar, explicar como aquele erro aconteceu e tudo o mais. E essa pessoa. Essa mulher negra ela tinha isso muito assim. Ela admitia que tinha cometido o erro, só que ela explicava o por que tinha cometido o erro. Porque muitas vezes o erro aconteceu pela falta de um funcionário, um funcionário que está faltando e você está pedindo para o chefe e o chefe não te dá, né? Uma carga horária em que o funcionário está sem prorrogação de jornada. Você está só com cinco horas, em vez de fazer sete. Então, são coisas que você precisa dizer para que você possa até tentar sair daquele erro com algum ganho para a equipe, entendeu? E ela era malvista por isso. Porque quando ela errava, ela não ... defendia equipe, né? Tentava explicar por que aquele erro aconteceu. E a avaliação da coisa ... era que ela era resistente, insolente e que ela era muito nova. Então, vai assim. Durante o tempo em que o cara esteve doente, ela serviu. E ela construiu equipe, ela geriu equipe muito bem. E ntendeu? Mas é ... enfim ... é muito complicado. Não foi dada a ela nenhuma orientação. Nada do que ela fez, ela descumpriu uma orientação, né? Nada do que ela fez, ela descumpriu alguma orientação, né? E o mais cruel ainda: quando o cara entra, ele não sabe nada. Ele era repórter. Não era da gestão. E ela passa a ter que ensinar ele a gerir e a ter que fazer várias coisas, não sendo a pessoa ... sendo que ela deveria ter sido a pessoa escolhida, reconhecidamente pela equipe. É bem complicado. Aí, você fica... putz se fosse um homem branco no lugar dela que tivesse substituído o gerente que estava doente e ficado esse tempo todo não sei o quê, não sei o quê ... ele seria o substituto natural. Então, ...

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE DESIGUALDADE E AÇÃO DAS EMPRESAS

Não. É marcada pela desigualdade, e a empresa ela precisa se responsabilizar por isso. Não pode responsabilizar os funcionários e as funcionárias. Ela precisa desenvolver ações afirmativas para mudar isso. Para mudar essa lógica. Não ter pudor, não ter medo de botar uma cota, botar um ponto extra no processo seletivo. Isso ainda é um tabu dentro da EBC. Já é concreta a questão de cota no concurso. Vai ter no próximo concurso. Mas dentro,

quando a pessoa entra, aí ela está largada, né? E entender que uma pessoa que está sofrendo uma situação de machismo, de racismo na redação, ela está sendo prejudicada num nível de longo prazo. Isso vai prejudicar o trabalho dela, vai abalar ela emocionalmente. É incapacitante, né? É improdutivo. Então, entender que isso não é um problema da pessoa. Entender também que isso não é um problema só do Comitê de Ética, porque a gente vê, às vezes, uma coisa que vai ser trabalhar esse ano ... o gestor, o coordenador, o gerente, o editor-chefe, ele vê a coisa acontecer e ele fala: “não, não. Eu não posso julgar o que aconteceu na conversa de vocês aí. E vai para o comitê de ética”. E o cara viu. Mas ele quer se eximir daquilo. Então, bem complicado.

RELAÇÕES RACIAIS – VULNERABILIDADE NEGRAS E NEGROS

Eu acho que é o preconceito mesmo de tentarem te questionar, questionamentos. Tentarem te reduzir, tentarem duvidar mais de você, né?, do que de outras pessoas. Tentarem criar estereótipos, te erotizar. É ... o que vem de uma pessoa branca tem mais credibilidade do que o que vem de uma pessoa negra. Ter mais imparcialidade. Então, se um homem branco está fazendo uma matéria sobre os interesses da indústria, não tem nenhum interesse. Agora se você é uma mulher negra e vai escrever sobre cotas, você está advogando em causa própria, como se o homem branco não estivesse advogando em causa própria quando ele escreve sobre sistema financeira. Você vê que tem uma ... e aí, o que acontece? Muitas jornalistas negras e negros acabam fugindo dessas pautas para não sofrer, não serem rotulados com isso. Como se estivessem fazendo uma coisa em interesse próprio. Então, assim, é as redações precisam ser mais ativas nisso. Não adianta só você ficar falando que existe racismo, machismo na sociedade e você tem um ambiente altamente perverso, altamente violento. São ambientes muito violentos. Extremamente violentos.

RELAÇÕES RACIAIS – PRÁTICAS RACISTAS E PRIVILÉGIOS

Eu já mencionei alguns. Privilégio é isso, né?, o que a gente vê na escolha das pautas, nas coberturas, nos setores, nos cargos, né? as fontes também em relação às pessoas. Agora, eu não estou me lembrando de um exemplo mais concreto, de um caso, assim. Os principais assim que eu já vi assim... Você vê muitos repórteres negros passando a vida cobrindo local, polícia, né?. Muitos. E aí ele vai romper isso indo para uma assessoria. E aí, se ele consegue voltar para a redação, numa situação melhor ou às vezes não. Então, ... Não que assessoria seja um seguro, coisa. Mas tem sido usado para alguns jornalistas com uma estratégia, né? Mas às vezes funciona. O cara volta para a redação, mas também chega o momento que ele vê que o patamar salarial não vale a pena e aí ele volta para a assessoria. E aí na assessoria, ele vai passar por outras dinâmicas também machistas e racistas. Então, assim, o ambiente em geral tanto na redação quanto na assessoria ele é muito nada saudável. Muito violento. Mas de exemplos que eu vou me lembrar? Situação de redação eu acho que te falei todos. Estou tentando lembrar. Um que não virou gerente. Ah, tem uma situação que eu não posso deixar de mencionar. Uma repórter negra de cabelo, que fazia escova no cabelo, e que a partir do momento em que as crespas conseguem essa projeção e tal ... e as apresentadoras começam a usar o cabelo crespo, ela começa a ser assediada para deixar o cabelo crespo. E hoje ela tem uma situação de desvantagem na redação por ela ser uma repórter negra de cabelo liso. Estão as repórteres

negras de cabelo liso, porque está na moda, digamos assim, e algumas sendo privilegiadas ali. E as brancas nem se fala, né? Mas quando é uma matéria ou uma apresentação que querem uma repórter negra, ela é preterida. Então, assim ... é óbvio que a redação já sacou essa coisa de você ter, principalmente as emissoras de tevê, ter um repórter negro é importante agora, né? E aí vai classe média negra e tudo. Mas é ... você vai vendo que as melhores pautas ainda continuam nas mãos das repórteres brancas, dos homens. E que, às vezes, para você segurar uma pauta boa nas mãos de uma repórter negra não é nada fácil. Você afirmar que você quer aquela repórter para aquela pauta ... Todo mundo pode escolher o repórter que quer, agora eu não posso. Vamos supor que eu quero a Débora para essa matéria. Aí: “por que você quer a Débora?”. Porque eu quero! Entendeu? Essas coisas.

(o que você pensa sobre as emissoras que entenderam que ter um repórter negro “pega bem?") A gente quis que fosse, né?, num primeiro momento ainda que fosse por isso. A diversidade é um ativo para você. Só que a gente percebe que isso é um pouco insustentável, né? Porque ter uma coisa só na superfície não muda estruturalmente. Quando você tenta mexer nas estruturas, aí é que se torna mais difícil. Até porque, infelizmente, algumas pessoas negras que vão ocupando alguns espaços, elas meio que ... vira um espaço de conforto para ela. Você também não vê ela trabalhando para propiciar um outro espaço para outras pessoas negras, o que acaba sendo confortável a condição de ser exceção. Então, aquela pessoa começa a acumular trabalho, um monte de coisa, para ser a pessoa negra do negócio. Entendeu? E aí ela nem está com maldade. Ela não percebeu que ela está propiciando que outras pessoas negras ocupem esses espaços. Você vê isso em várias redações: o orgulho de ser a exceção. E cultivar isso, né? Mas é como eu falei. Você avança um passo. Você conseguiu fazer com que eles engolissem o fato de ter que ter mais diversidade na tela, de ter que ter mais repórteres e jornalistas negros, de ter que ter mais pauta sobre população negra. Mas isso também é o dia a dia e de permanecer essas pessoas nesses espaços sempre ameaçada. As pautas negras vão continuar. Você vai continuar sendo vista como afroxiita. E a cada dia você vai ter que começar do zero para justificar. Por exemplo, agora eu estou trabalhando pelos 90 anos do Moacir Santos. E é assim. Vamos fazer um show? Para além da cobertura ... cara, o cara foi maestro da orquestra do Municipal do Rio. Tem que ter um show com orquestra, 90 anos da vida e 10 anos da morte dele. “Ah, ó, contingenciamento. Vai dar para fazer matéria. Agora, show já não te garanto”. Pô, vai buscar parceria, Ministério da Cultura. Aí você tipo ... tem algumas coisas que ... “Ah, mas porque você quer? Por que esse cara?”. Então, eu quero que chame um maestro negro. “Mas por que? Ele mesmo não ia gostar. Por que você está restringindo? O cara é maestro. Muito melhor que ser maestro negro”. O debate ele é constante. E aí, você tem que ter ... o que é difícil ... o que para você é óbvio, para aquela pessoa não é. E você tem que lembrar que você está dialogando não é com uma pessoa que não está entendendo. Algumas estão entendendo muito bem porque elas não querem que você resalte isso. Entendeu? Ela já está olhando lá na frente. “Ah, ela está fazendo toda essa construção e depois ela vai querer o meu lugar”. E concretamente também tem isso. A redação vai percebendo que você quer ocupar o lugar, que você quer avançar postos, que você quer ocupar os espaços. E aí, ela vai ... a

resistência vai se acirrando, né? E se sofisticando também. E é muito desgastante nesse sentido, porque é contínuo. É um processo contínuo de disputa.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE E DESIGUALDADE – AÇÃO DAS EMPRESAS

Pela desigualdade. E aí também vai um pouco dessas ações. Ela precisa se mexer. Precisa entender que a estrutura dela permite que isso aconteça e que esse não é um problema só da sociedade, que o racismo está na constituição desses veículos. Existe uma organicidade. Está na organização da redação, nos lugares onde as pessoas ficam, na maneira como as pessoas são tratadas. As falas que são permitidas. As violências que são autorizadas e até estimuladas. Os espaços que não são permitidos. A questão assim da aparência que ainda é uma coisa que é muito colocada... não se fala mais, alguns, do cabelo, mas volta-e-meia tem uma coisa de ... por exemplo, eu usei turbante durante muito tempo e de maneira ininterrupta. Quando eu parei de usar, começa a reclamar. É como se: “ah, como você se acha no direito de sair desse lugar do exotismo que eu te coloquei. Agora você quer usar cabelo? Não pode”. As redações, elas precisam, as empresas de comunicação, as redações, elas precisam perceber que elas reproduzem todo esse e produzem o racismo ali dentro. Tem uma dinâmica racista forte operando. Agora, o problema de fundo que eu vejo em alguns lugares é que realmente não há interesse de fazer isso, porque isso entra num confronto. Eu fico imaginando como é que uma Folha (de S. Paulo), um Estadão (O Estado de S. Paulo) que durante dez anos, né?, fizeram discurso contra as cotas vai aplicar ações afirmativas dentro da redação. Não vai! Acaba que a comunicação pública acaba sendo um lugar privilegiado para fazer esse debate. Não que seja fácil, mas você pelo menos sai de uma premissa comum de que existe uma sociedade racista, de que as cotas são necessárias. Então, mesmo as pessoas dentro desse sistema – aí você inverte o ônus do constrangimento – porque eles que precisam estar constrangidos, mas é frágil porque eles sabem que a política da empresa ela pode variar. Pode chegar um novo partido ... é por isso que a gente precisa, por isso que a gente tem tentado atuar de maneira rápida para que, até quando isso acontecer, de um outro governo vir já seja arraigado. Já esteja estruturado. Ele não pode acabar com o comitê, ele não pode acabar com as cotas no concurso. Por isso, que não adianta a gente só fazer no dia a dia da redação. Tem que estar na estrutura. Tem que estar na lei. Tem que estar nos acordos coletivos. Então, amarrar das mais diversas formas. Porque quando os caras vierem desconstruir, eles vão ter mais trabalho.

RELAÇÕES RACIAIS – TRAJETÓRIA

Infelizmente, exceção porque eu venho de uma condição privilegiada, de uma família de classe média negra. Então, que já me deu algumas vantagens, né?, para estar dentro desse sistema. Mas claro que emocionalmente eu venho também muito afetada pelo racismo e ... mas tinha um pouco mais de estrutura, de formação e tudo para estar nesses espaços e fui conseguindo avançar. Mas também assim com muitas redes de apoio, de pessoas que vão permitindo esses avanços, vão te ajudando a ter essas condições de te legitimar. Vão

te ajudando a romper essas barreiras, né? tanto dentro da empresa quanto fora. Porque uma legitimidade que você tem fora também te ajuda bastante internamente. E também o auxílio emocional dessas redes, a estrutura política, a condição de argumentação política, discursiva que eu fui aprendendo fora, no momento. Dentro do movimento negro, dentro do movimento de mulheres, foi me permitindo a enfrentar as coisas internamente. De entender como o racismo se estrutura, como que é preciso você se contrapor a ele no dia a dia. Então, é resultado de um trabalho coletivo aí, da minha família, da militância e de vários colegas negros e de alguns colegas brancos também que têm compreensão. Eu tinha um grupo de chefes brancos e fizemos um trabalho em que eu acabei ganhando um prêmio Herzog que foi o Nação Zumbi, um webdocumentário. E ali houve uma decisão deles de que ia liderar a equipe. O trabalho foi feito por várias pessoas, mas simbolicamente foi atribuído a mim, que não era a pessoa que necessariamente tivesse feito tudo. Enfim, teve uma leitura política da importância de que aquele trabalho fosse liderado por mim. Então, você vai encontrando e também vai aprendendo a construir essas redes internamente. Os grupos de apoio e tudo o mais.

RELAÇÕES RACIAIS – FUTURO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

É. Está muito difícil porque você vê por conta de toda essa alienação, né?, de toda essa lógica muito violenta das redações ...o jornalismo se descolou totalmente da sociedade. Uma redação ela não consegue corresponder à realidade da sociedade. Então, você vê os blogueiros, as blogueiras vindo com uma força. Você vê um cara que não tem formação em jornalismo conseguindo mobilizar uma audiência porque ele está falando com pertença. E a redação ainda está pensando na coisa da imparcialidade, a coisa anódina. Mas que, na verdade, tem toda uma parcialidade branca hegemônica e que não consegue tratar as pessoas como personagens, como linhas auxiliares daquilo ali. De não tratar as pessoas como protagonistas. E o que a internet vem mostrar, os blogs, e tudo vieram mostrar é que as pessoas são superprotagonistas. Não são personagens. E a redação não acompanhou isso, né? Então, você tem um noticiário que amanhece velho e que tem uma dificuldade enorme de perceber as coisas que estão estourando e de fato estão interessando as pessoas. Está uma crise enorme. Precisa realmente se rever muito e os jornalistas tentarem ... e aí eu vou ser um pouco saudosista assim ... se recompor a sua autoestima e a sua personalidade de formador de opinião pública e intelectual, mas com uma base mais conectada com a realidade, entendeu? Eu quero ser um jornalista que possa escrever algo que faça sentido e que possa ajudar as pessoas a pensar porque eu estou escrevendo a partir de um lugar que não é o pedestal, que não é a casa grande. Estou falando de um outro lugar e que é onde está a maioria da população. Então, é essa coragem de ousar. Você vê experiências jornalísticas muito bacanas, como a Ponte e a Agência Pública, que conseguiram justamente se diferenciar por causa disso. Porque você consegue fazer pautas diferenciadas. Você consegue ir atrás de fontes que não falam em outros veículos e aí você mostra que é possível fazer um jornalismo mais engajado em que você possa trazer essas pessoas para falar alto nas suas matérias, coisas que elas não conseguem fazer no dia a dia. Quando eu entrei no jornalismo, essa era a minha utopia. E eu acho que a gente por causa do mito da imparcialidade, do equilíbrio total da isenção, eu acho que muita gente acabou se perdendo nisso. Não que eu não ache que ... a gente

pode ter essas coisas como uma meta, como algo para você fazer uma matéria equilibrada. É como eu falo na redação: a gente não pode sobrepor um princípio ao outro. Então, se você tem uma comunidade fazendo acusações à polícia, ao Estado por ter matado jovens negros, você não tem que esperar a Secretaria de Segurança Pública falar para dar essa matéria. Porque você está contrapondo ... pelo princípio de equilíbrio de fontes, você está ... a possibilidade de esta pessoa estar falando, da polifonia, do direito da pessoa fazer uma denúncia grave e você está vendo que faz sentido ... se tem elementos de que eles não tiraram isso do nada, você burocratiza o processo e diz: “não, se não tem os dois lados não vai sair”. Às vezes, os dois lados podem ser usados dessa forma também, né. Então, é preciso mais ousadia, mais engajamento e mais autorreflexão. Entender que se a gente não consegue fazer um ambiente mais justo e saudável dentro da redação, isso não vai estar nos materiais que a gente produz. Se continuar essa história de – vou falar da perspectiva das mulheres – os jornais têm a cara-de-pau de dar matéria sobre a importância do aleitamento materno até os seis meses e mal, mal deixam as mulheres ficarem até os quatro meses, fazendo terrorismo. Entendeu? Quando deixam, porque tem muita gente precarizada e PJ (contrato de pessoa jurídica), fica um mês e volta para a redação. Ou Então, depois quando volta é massacrada e logo demitida. Então, é uma farsa. Infelizmente, as empresas de comunicação e as assessorias de imprensa no Brasil são uma farsa. O que elas defendem e falam para a sociedade, muitas vezes, elas não cumprem. E aí eu acho que é essa lógica ... se o jornalismo conseguir se reinventar, se reestruturar, ele precisa ser mais verdadeiro com ele mesmo. Eu vejo muitos projetos que seguem esse caminho e que são bem-sucedidos.

LUCIANA BARRETO



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Eu tenho que explicar isso. Para eu explicar isso, eu tenho que explicar um pouco da minha trajetória pessoal. Eu tenho que explicar que eu venho de um projeto pessoal, que chama Educafro. Então, eu sou uma ex-aluna do Educafro e sou uma ativista do Educafro. Fui professora durante dez anos do Educafro. Eu venho de uma família muito pobre, da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Eu fiquei a vida inteira, a minha infância inteira, envolvida com os movimentos sociais ligados à Igreja Católica, que são as comunidades eclesiais de base, muito fortes na década de 1980. E nas comunidades eclesiais de base,

nesse movimento social, eu tinha essa veia social muito inquieta e, desde sempre, eu desde a infância eu disse que queria fazer jornalismo. O jornalismo, para mim, era um meio de denúncia das desigualdades. Era um poder. Um poder que eu já perdia desde a infância. E eu queria jornalismo impresso. Eu fiquei a minha vida inteira querendo fazer faculdade para fazer jornalismo impresso. O meu sonho era trabalhar no antigo Jornal do Brasil, que ficava na avenida Brasil. E, quando eu consigo, quando eu entro no movimento social, quando eu entro no Educafro, quando eu consigo finalmente fazer jornalismo, eu ganhei uma bolsa de 100% na PUC, nesse momento o jornal do Brasil abre falência. Aí, eu fico muito vendida mesma, fico muito triste e começo a fazer prova para vários jornais. No primeiro semestre da faculdade, até que eu faço prova. Eu precisava trabalhar porque a minha família é muito pobre e eu preciso trabalhar. Eu não tinha dinheiro nem para pagar passagem na época. Eu ia de carona para a faculdade. Meu pai é motorista de ônibus. Então, tinha os amigos que me davam carona de ônibus. Eu sempre tinha problema com fiscal de ônibus me colocando pra fora. Para chegar à universidade, eu tinha que faltar alguns dias. Eu escolhia dois. Tinha vezes que eu escolhia dois, três para ir, porque eu tinha que faltar e eu não tinha dinheiro para ir a semana inteira, para pagar passagem a semana inteira. E isso dois, três dias porque eu fazia faxina, eu vendia bijuteria, Avon, “n” coisas, entendeu? Então, esse era o momento que eu percebi que eu precisava, que eu precisava aceitar qualquer coisa no jornalismo. Então, eu fazia provas para estágio em televisão já no terceiro semestre, quando podia estagiar. Então, eu comecei o meu estágio no Canal Futura. Comecei a minha trajetória em televisão, negando televisão. Já estou adiantando outras perguntas. Mas respondendo à pergunta inicial, o jornalismo para mim era ... nesse contexto todo de alguém que morava na Baixada Fluminense, que passava por vários corpos de defunto o tempo inteiro, que via a violência, que convivia com o racismo, que convivia com a desigualdade tão latente no bairro, que morava num bairro sem saneamento básico, que desde sempre não sabia o que era asfalto... Então, .. que nunca tinha tido alguém da região sequer entrado na faculdade, quanto mais no meu bairro. Na região inteira, eu fui a primeira. Então, o jornalismo para mim era essa inquietação. Era essa inquietações. O pior de tudo é que eu vou te dizer (risos) eu acredito que o jornalismo pode fazer isso: pode denunciar, melhorar o mundo, melhorar o país. Eu ainda acredito.

(caso do menino Iruan, na Baixada, foi revelado pelo jornalismo) – Por causa do jornalismo. Do jornalismo.

(assassinato dos jovens negros. O jornalismo dá visibilidade) – É isso mesmo. Essa é a questão. Depois a gente até pode falar mais para frnete. Mas para mim, o problema do Brasil hoje é urgente. Não tem mais o que esperar. Não dá mais para ficar confortável, num hotel fazendo, como eu estou agora. Tem que pensar nisso. Não dá mais para ficar aqui e não pensar numa forma de escrever, de denúncia, não dá para não atender uma denúncia, porque é uma coisa muito urgente. O Brasil está padecendo. Está sofrendo, está sangrando. E a gente precisa denunciar. Esse é o problema mais grave do Brasil hoje: é o assassinato e o extermínio de jovens negros.

DEFINIÇÃO DO TRABALHO COMO JORNALISTA

No início, eu posso te dizer que eu venho num crescente. E não é um crescente profissional assim, um crescente de status, de visibilidade. Eu nem sei se é isso. Pode ser que isso também esteja. Mas o crescente que eu digo é o crescente interno. De alguém que está encontrando uma linguagem, está encontrando uma força. Está encontrando um caminho que ainda não conhecia. Então, quando eu entro em televisão, eu entro muito ligada à quietude social e às desigualdades. Mas eu mesma tinha uma inquietação. Uma inquietação racial que eu mesma não conseguia trabalhar. E eu te digo isso porque... porque eu tinha uma recusa em aparecer no vídeo uma vida inteira. Por isso, eu entendi depois de muitos anos porquê eu queria trabalhar no jornal impresso. Porque eu não tinha, eu não conseguia me ver na televisão. Eu não conseguia ver a minha imagem. Eu não tinha referência. A referência que a gente tanto fala. A representatividade que a gente tanto fala. Então, assim, era um momento difícil há 15 anos. A gente tinha pouquíssima representatividade. A gente tinha os ícones, né?, do jornalismo. Mas tinha pouquíssima representatividade. Então, eu mesma não me via e percebi que eu mesma sofria, padecia. Padecia do que o Brasil já padece, né?, que é essa ideologia da branquitude. Essa ideologia do belo ligado ao branco, do competente ligado ao branco, que a gente tanto fala. Então, eu durante a minha trajetória, eu fui percebendo isso. Mas tive uma recusa muito grande. E quem me colocou na televisão, no vídeo propriamente dito, porque eu fiquei muito tempo escrevendo e fazendo reportagem em que aparecia só a mão ... foi uma história muito louca. Que era a história de uma chefe minha ... ela queria porque queria que eu aparecesse no vídeo. Eu todo dia enrolava ela. Todo dia para a rua e voltava sem passagem (aparência da repórter na matéria). Isso era comum. Até que um dia eu estava saindo. Ela mandou chamar o câmera. O câmera volta. E ele falou para mim: “ó, o seguinte. A Regina falou que ... ou você faz uma passagem hoje ou eu tô demitido. Então, entre eu e você? Vai você, amor”. Você vai ter que fazer a passagem. Aí, comecei a fazer. Vi que era péssimo. E fiz. Ela disse vai ter que me mostrar uma. Até que mostrei a ela. E ela falou: “tá bom, bota pro ar”. Então, eu fui para o ar assim. Antes de formada. Na época, podia. Eu fui antes de formada, estagiária, ainda pro ar. E fiquei muito assustada. Aí, começou a minha trajetória, porque eu fiquei muito assustada pensando que eu ... que eu não tinha beleza para aquilo, que eu não tinha competência para aquilo. A representatividade me faltava muito. Então, porque que eu falo que eu estou num crescente, porque esse foi um caminho que fui tratando. Aí, eu fui percebendo os problemas. E que os meus problemas são do Brasil, eram problemas das crianças do Brasil. Aí, eu fui estudando, estudando. Eu estou sempre lendo, fazendo cursos, mini-cursos sobre isso ou cursos maiores. Eu estudei Filosofia Africana, por exemplo, na UFRJ. Então, eu vou fazendo cursos que me levem para esse caminho. E conforme eu ia indo para esse caminho, o público também ia comigo. Porque o público padecia e carecia das mesmas perguntas, entendeu?, das mesmas respostas. Eles queriam isso. Então, eu acho que foi uma trajetória em conjunto. O público me impulsionava, né?, para isso, conforme eu ia questionando e que eu precisava falar isso. Que isso era o sonho lá da infância, lá de trás. Que o sonho não era só a desigualdade social. Que lá atrás, quando eu decidi fazer jornalismo, a minha inquietação tinha a ver com tudo isso. Também com a questão racial no Brasil, com a opressão ao negro no Brasil e também com as questões tão urgentes, tão latentes do negro no Brasil, entendeu?

(como foi ser a cara da TV Brasil, uma tv pública e novo, desde o seu início?) – Até no início da Tv Brasil, eu te digo que eu não tinha essa noção total da importância desse projeto e da importância da minha presença ali. Até porque a TV Brasil e eu peguei o início desse projeto que era um sonho e é um sonho a construção da Tv pública no Brasil, como sonho a gente não visualiza tudo, né? Então, tinha muita coisa que eu não conseguia visualizar, entendeu? E eu estava no meio do meu processo, no meio do meu processo de construção de toda essa inquietação. Por exemplo, no início da TV Brasil, eu não era uma pessoa tão atrevida como eu sou hoje. alguém que não se cala mais. Eu sou muito atrevida, hoje, eu acho. Eu respondo. Eu sempre tive esse atrevimento em mim, mas eu era mais comedida em falar algumas coisas. E hoje não. Hoje, eu dou a cara mesmo. Boto a cara a tapa mesmo. Recebo dezenas de mensagens desde racistas, né, por exemplo que não querem esse tipo de pessoa. E, se essa Luciana de dez anos atrás recebesse uma mensagem dessas talvez ficaria pensando ... ficaria mais sensível. A Luciana de hoje não. A Luciana de hoje vai partir para briga, entendeu? Então, eu digo que foi uma construção. Eu ainda estou em construção. Tem que colocar aquele ícone (comum na internet, especialmente sites) em construção. Então, foi essa, esse início da TV Brasil foi tudo mesclado, entendeu?

SEXISMO

Sexismo. Olha, (respira fundo) hoje está até difícil a gente dissociar isso. Eu trabalho muito a questão do negro. Então, eu trabalho muito a questão da mulher negra (risos). Acho que é o que eu mais trabalho: a mulher negra. Estou trabalhando sempre o racismo junto com o sexismo nesse sentido, né? quando eu falo, quando eu trato disso. .. eu acho que o sexismo é o que a gente já conhece. É toda a construção social, toda a estrutura da sociedade que não privilegia as mulheres. Agora de modo especial estou pensando muito, muito, muito na mulher negra no Brasil. Eu estou muito envolvida com esse tema, entendeu? Então, quando eu falo o sexismo fem junto com o racismo, entendeu? Na minha ... não na minha concepção, mas na minha experiência de vida, porque é isso o que eu estou trabalhando o tempo inteiro. As mulheres negras. Eu tenho um blog e o que a gente mais vê é coisa que envolve a mulher negra. Hoje, a gente tem os indígenas e a mulher negra como as parcelas da sociedade brasileira, as mais sofridas, as que mais padecem nesse país, entendeu? Não estou falando só de indicadores sociais, não. Estou falando de todo tipo de sentimento de preconceito. De sentimento.

RACISMO

Olha, o racismo é uma construção ideológica que privilegia um determinado grupo. E ele tem sempre para mim ... a palavra racismo vem sempre com privilégio. Então, a gente tem no racismo que coloca um determinado grupo, no caso do Brasil, uma etnia negra e a indígena, duas etnias, que sofrem e são colocadas como inferiores para que outra etnia – branca – se coloque como superior para que usufrua de privilégios. Então, eu falo isso na construção da legislação brasileira, na formulação de políticas públicas brasileiras. O racismo é muito mais que um sentimento de que um é superior e outro inferior. É muito mais que isso. Nesse caso, a gente fala no racismo como toda uma estrutura da sociedade

brasileira, como leis, inclusive, amparada pela legislação ou amparada pela omissão de leis, pela omissão de legislação que faz com que a Constituição brasileira prevaleça. É até um pouco estranho, né?, o que estou dizendo. Uma legislação que vai contra a Constituição. Mas não, a Constituição brasileira não prevalece nesse sentido porque a gente tem hoje uma construção social, estrutural, ideológica, hoje, no Brasil que faz com que cidadãos sejam não-cidadãos. E isso é o racismo.

PRÁTICAS SEXISTAS OU RACISTAS NO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Bom, a todo o momento, né? A minha praia é televisão. E a televisão é o tempo todo racista e sexista. Aliás, é quase só isso (risos nervosos). A gente tem hoje zilhões de problemas práticos, né? São coisas assim é ... nossa ... não dá nem para começar a traçar. Às vezes, quando eu estou fazendo palestra, eu vou traçando, pontuando alguns problemas assim ... Mas é até difícil pontuar de uma maneira geral. A gente tem, hoje, uma televisão ainda ... um jornalismo ainda ... no telejornalismo que é mais a minha praia ... no jornalismo ainda prevalece a questão da credibilidade relacionada ao homem branco. Ponto final. A gente ainda tem hoje, infelizmente, a gente ainda tem hoje muitas mulheres companheiras de bancada do homem branco, entendeu? A gente ainda tem isso. A gente não tem as mulheres negras como companheiras de bancada do homem branco. Quando a gente tem as mulheres negras companheiras de bancada do homem branco, muitas vezes, as mulheres negras estão inferiorizadas naquele espaço com o companheiro de bancada. Eu não tenho companheiro de bancada. Então, eu posso falar porque não sou eu. Então, assim, gente tem isso da credibilidade, da sabedoria. O homem branco é detentor, da credibilidade, do primeiro que fala, da fala mais forte. E a outra como a fala secundária, a fala de complemento. A da mulher. Isso é o sexismo. Quando não... isso eu estou falando da melhor parte ... quando não, a mulher é inferiorizada no próprio local dela, a televisão, como ainda um objeto sexual, como a gente vê ainda em muitos programas a mulher sexualizada. Por que não, eu já vi ... ninguém me contou, eu já, no próprio jornalismo, mulheres sendo elogiadas pela sua postura sexual, pelo seu corpo, pela sua beleza e não pelo papel que ela deve desempenhar. O papel que ela está desempenhando ali, o papel de jornalista. Isso não é um tempo ou outro que acontece. É o tempo inteiro. A televisão brasileira ainda é só isso. É só isso. A gente ainda não tem outra coisa. É só isso.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES MULHERES

Aí, vem todo o nosso papo. Eu só vou continuar o que eu já estou falando. Vem a questão da fragilidade, a questão da maternidade, porque não pode ... não pode se ausentar porque tem que amamentar ou porque inchou o rosto porque engravidou, entendeu? Tem a questão da gordofobia que muito mais relacionada à mulher do que ao homem. Porque a mulher obesa ela não tem espaço na televisão. Então, tem isso. E aí de quem falar! A gente já viu apresentador fazer redução de estômago e continuar no vídeo. E mulheres não tem. Nem estariam porque a sociedade brasileira é gordofóbica. Tem, né?, o que eu já falei que é o espaço da mulher sexualizada. Da apresentadora sexualizada que está também com a roupa sexualizada. Ela não é só a competência. Ela também é a pessoa que

...Muitas vezes, a sexualização da mulher de uma forma gerla. E da mulher negra especificamente ... primeiro porque a gente tem poucas mulheres nesses espaços, né?, ainda quando a gente pensa no espaço total. Eu converso com muitas. E muitas delas têm algumas reclamações. Ainda tem a relação com todo o estereótipo brasileiro, com todo o racismo brasileiro que é a falta da competência. Então, a relação com o que a gente já conhece. O branco é capacitado, o mais capacitado. A mulher branca capacitada. E a mulher negra menos capacitada. E a gente ainda tem isso nesse espaço. Pasmem! Mas isso é muito presente ainda.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES/PROPENSÕES HOMENS

Eu acho que os homens estão numa posição, eles têm uma posição privilegiada, né? Não estou falando dos homens negros. Estou falando dos homens em geral, né?, porque a gente tem uma sociedade machista. Então, numa sociedade machista, eles estão lá no topo. No topo da pirâmide. Dentro do jornalismo, eles têm muito mais facilidade. Então, eu não sei ... a facilidade para muitos até ... Aí vai uma crítica, essa facilidade é muito ruim para o jornalismo, é muito ruim para o Brasil e para muitos até é um obstáculo a mais. Porque muitas vezes, você vê o jornalista, por exemplo, começando ... hoje menos, mas no passado mais, mas nem se capacitando tanto, nem estudando tanto, nem se preparando tanto, porque ele já está numa posição de privilegiado, entendeu? Então, eu não vejo isso positivamente. Eu já vi isso vem de perto. Jovens que estavam numa posição de privilegiados. Então, nem se capacita tanto quanto deveria. Eu acho que hoje isso é menos presente, mas antes acontecia mais.

RELAÇÕES DE GÊNERO – DESVANTAGEM POR SER MULHER NEGRA

Ah, evidente, né? A mulher negra ... a mulher (branca) já tem que cavar espaço. A mulher negra tem que cavar não ... tem que sair brigando, derrubando tudo, botando o pé na porta porque é ... o espaço .. Por exemplo, eu tive a oportunidade de fazer testes, passei. E todas as vezes em que eu passava num teste eu ouvia um colega dizendo assim: “ah, não é ..” – aqueles que concorreram comigo muitas vezes – “ah, é agora eles estão procurando uma mulher negra mesmo. Eles queriam uma mulher negra”. Então, assim, sempre que você tem que vencer essa coisa de que você não está ali porque você é competente, porque você concorreu. Mesmo quando você ganha, é alguém está querendo te hostilizar. Está querendo dizer: “você ganhou porque eles queriam você. Não porque você é competente, não. Porque competente sou eu. E é isso o que o Brasil diz para mim: eu sou o homem branco. Eu sou o competente. Você passou porque eles queriam você, uma mulher negra dessa vez. Porque eles queriam uma cota”. Então, tem sempre alguém querendo te hostilizar, querendo te menosprezar. Então, isso é muito comum, entendeu? Isso é muito comum. Muitas vezes para mostrar competência nesse país, isso eu posso dizer, a mulher que mostra competência nesse país, ela incomoda demais. Mas demais mesmo. Você imagina como é difícil para uma mulher que coordena uma equipe, que coordena homens e mostra competência. Que é competente. Como é difícil lidar com machismo, com sexismo, com racismo, com todo o tipo de preconceito. É muito difícil.

RELAÇÕES DE GÊNERO – MULHER NEGRA

Olha, eu posso dizer que a minha carreira ... como eu já estou há 11 anos na TV pública e a TV pública é uma tevê atípica. É uma tevê que pode ter todos os problemas que as outras, mas ela tem preocupação com essa temática. Então, o tempo inteiro tem uma preocupação com essa temática na TV pública. São 11 anos, muitos anos. Então, o que eu tenho nesses 11 anos é a minha atuação no movimento social, a minha atuação em palestras e em conversas com minhas amigas e são as minhas reuniões, o que eu ouço o que as pessoas contam. Então, eu posso dizer. Eu presenciar. Não, eu não presenciei. Eu ouço relatos o tempo inteiro. Desde jornalistas que contam. Olha, eu ouvi dia desses uma história de uma jornalista que coordenou uma equipe para gravar um documentário – ela estava me contando – e ela era a coordenadora de tudo. Ela contratou uma equipe mega de homens, o estúdio de gravação – era um documentário sobre música – os instrumentos, era um documentário sobre músicos negros, especificamente, não vou dizer qual grupo. Ela contratou tudo aquilo. E ela é negra. E a equipe que ela usou também usada de apoio era negra. E ela disse que aquilo foi um tormento na vida dela naquele dia. Um sofrimento. Por quê? Porque a equipe que ela contratou de estúdio, de gravação, de diretor de TV não obedecia as ordens dela. Questionava o tempo todo quem era ela. E brincavam com piadas racistas com os convidados que estavam lá, na gravação, e ela chocada. Ela tentava se posicionar e eles desobedeciam as ordens dela. E eles a menosprezavam. Ela disse que já estavam acabando o horário de gravação e eles diziam que não dava. “Ah, não dá não. Essa luz fica boa não. Você não está vendo como eles são? Não adianta porque não vai ficar bom”. O tempo inteiro isso. Então, me veio esse exemplo agora para pensar um exemplo da mulher negra líder que tem que lidar com isso o tempo inteiro. E ela estava muito chocada me dando esse relato, entendeu? Porque é uma coisa chocante. Eu fico pensando nessa posição. Assim como uma atriz negra. Ela me mostrou o outro lado da moeda, porque eu estou sempre tendo ... eu convivo com atrizes que não querem fazer o papel de empregada doméstica, o que eu acho ótimo para a questão da visibilidade da mulher negra, para a questão da representatividade. Depois disso, ela disse que faz papel da empregada doméstica. E eu disse: por quê? Porque depois disso o que os racistas fizeram, por exemplo, algumas emissoras de tevê diz é: “ah, não. Vamos botar empregada branca porque esse pessoal é muito chato. Esse pessoal do movimento negro. Eles não querem fazer empregada”. Ou seja, a gente vê uma outra problemática: o desemprego entre as atrizes. Então, assim ela levantou para mim outra problemática e eu fico, assim, o tempo inteiro refletindo sobre essas questões. Porque eu nunca pensei: ah, tá eu não faço empregada doméstica. E agora a gente vai conseguir outro tipo de papel. Não, a gente não vai conseguir outro tipo de papel. Papel nenhum. Porque o racismo no Brasil é um racismo descarado. É um racismo perverso demais e descarado e sem legislação para isso. Então, é muito difícil. É muito difícil.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE SALARIAL E DE CONDIÇÕES MULHERES E HOMENS

Não, evidente que não. Evidente que não. A gente tem mais mulheres ocupando postos, mas não postos de liderança. Mas o salário não é o mesmo. É o mesmo do resto da

sociedade brasileira e do mundo: as mulheres ganham menos no mundo. As mulheres negras ganham menos ainda. E a gente tem a mesma reprodução ainda desse movimento. Quando não, a gente tem espaço. Eu tenho uma amiga negra, repórter. Muito, muito, muito boa. E eu fico chocada. Quando tem um contrato temporário, quando ela está numa vaga temporária para duas, três jornalistas. Ela está sempre no mês. Ela faz. Ela cumpre dois, três meses num local. Eu fico chocada como ela não é escolhida. É preterida por uma jornalista branca ou por um homem. Assim, essa tevê, esse veículo não está um preocupado com isso, com a competência. Não é a competência. Não adianta que não é a competência. O Brasil não é o Brasil dos competentes. Não é mesmo! A liderança do Brasil não é a liderança dos competentes. É a liderança dos, do sistema social brasileira, do sistema racial do Brasil, do preconceito, do machismo, do sexismo.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE SALARIAL E DE CONDIÇÕES NEGRAS E BRANCAS, NEGROS E BRANCOS

Não. A situação ainda é bem pior. Eu tive ... eu percebi ao longo da minha carreira ... mesmo na tevê pública em que a minha imagem já era uma imagem para a tevê pública. Eu percebi em certo momento que eu precisava ter um poder de voz, de liderança em determinadas situações no meu próprio jornal. Eu percebi porque não é, não é simples assim. Às vezes, você é um apresentador e não tem a autonomia que gostaria de posicionar em relação a determinados temas. Hoje, eu tenho um cargo a mais lá. Um cargo de editora executiva do meu jornal que me dá essa possibilidade de posicionamento assim, entendeu? Mas não é algo comum ao Brasil. Eu não sei quantos apresentadores (negros) têm também um cargo de posicionamento, de edição, de editor executivo ou de editor de chefe, ou de editora-chefe. Eu não sei. Não tem as mesmas oportunidades. Não tem o mesmo salário, evidente. Se não tem as mesmas oportunidades, não tem o mesmo salário. Isso é evidente. Se não tem os mesmos cargos, não adianta. E pior ainda: não existe a preocupação para que tenha. Não existe a reflexão para que tenha.

(como você se forjou a abertura de espaço? Como você criou essa oportunidade?) – Em determinado momento, eu percebi ... não é o caminho que eu desejo para todos, mas foi o caminho que foi possível ... em determinado momento eu tinha que me tornar imprescindível, entendeu? E, conforme eu ia avançando, não era só uma questão de competência na hora de apresentar o jornal. Eu pensava: eu preciso ser competente, eu preciso ser melhor, eu preciso estudar, eu preciso saber sobre todos os assuntos, eu preciso ler todos os jornais. Eu preciso saber fazer isso. Eu ... eu entendi que eu precisava ter uma competência ímpar e, ao mesmo tempo, ser imprescindível. Eu fui conquistando. Eu fui ... eles me davam um doce e eu ia puxando a bandeja. Eu percebia que ... eu dizia assim para eles: ó, me dá a bandeja que vocês não vão se arrepender. Me dá a bandeja que vocês não vão se arrepender. E eu conseguia servir bem com aquela bandeja, você está entendendo? Foi uma questão mais individualizada, assim, foi. Eu me posicionava. Eu tentava algo novo. O público apoiava, levantava, junto, entendeu? Eu nunca tive ... durante muito tempo me foi negado eu fazer reportagem. E eu nunca me contentei com isso. Eu fazia reportagem. (voz oculta) “Ah, mas fazia reportagem porque você quer”. Então, tá. Eu ia lá e produzia as minhas reportagens. Eu ia nas minhas fontes. Eu marcava

a minha reportagem. Eu escrevia a minha reportagem. (voz oculta) “Ah, tá. Você quer? Então, você edita sua reportagem”. Então, eu tentava mostrar um bom produto para mostrar: olha só, eu sou apresentadora, mas eu sou uma boa repórter. Olha, eu posso entrevistar essa pesosa. Eu consigo essa pessoa. Ah, vocês querem ... eu consigo trazer essa pessoa aqui. Vai dar uma boa discussão. Então, iam confiando, confiando, confiando. Então, eu ia me espalhando pelo local. Quando eu ganhei o Prêmio Abdias Nascimento foi exatamente assim. Me deram um tema ... me deram não. Foi um acaso. Tinha um tema sobre a questão racial e a TV, eu acho que não estava muito aberta para que eu saísse do jornal, e falaram: “você quer fazer? Tá, mas não sai do jornal”. Então, eu fiquei 52 dias sem folga, de domingo a domingo, e eu ficava madrugada – que era madrugada na minha casa, Então, eu dormia três, quatro horas por dia – porque eu trazia o trabalho. Todas as minhas gravações num CD. Eles colocavam e eu decupava de madrugada na minha casa. De manhã, eu estava lá de novo, apresentando o jornal da noite, apresentando o jornal de sábado. Eu ia na rua fazer gravação e assim eu fiz um programa especial. E eu ganhei um prêmio com esse programa. Então, isso dava aquela crescida, né? Mas eu acho que não é esse o caminho que o Brasil tem que ter, você está entendendo. Quando a gente tem ... não é um caminho que se abriu a oportunidade no Brasil, mentira. Não se abre oportunidade para ninguém. A gente sai é botando o pé na porta mesmo, entendeu? É sacrifício, é suor, é sangue que você dá. Não abre nada de oportunidade. Quem você vê aí e a gente consegue enumerar no nosso movimento negro, por exemplo, em todas as áreas, não só no jornalismo, é gente que deu sangue. Deu o sangue. Não teve oportunidade nenhuma. É tudo mentira. Você está entendendo? Então, o que a gente quer é que realmente haja uma democracia racial nesse país. Que realmente haja oportunidades, sim. Que se abram oportunidades. Agora, quando a gente consegue fazer isso e é importante que a gente faça, porque você consegue abrir espaço para outras pessoas. E você estando ali, você briga, né? Como eu brigo hoje. olha, aquela menina ali, uma repórter que tem a cara do Brasil. Vamos tentar. Vamos investir nela. Então, por quê? Porque conquista um determinado poder que não tinha antes, né? Assim como a Flavinha (Oliveira) deve ter contato para você. Porque a Flavinha tem esse poder. E é o que a gente consegue fazer hoje. Não dá mais para você ficar na periferia, pegando pelas beiradas, não. A gente tem que ir pra cima e tentar mexer na estrutura do negócio. Não dá só para ficar na militância. Uma militância de posicionamento de cabelo. Olha, o meu cabelo afro. Olha, como a beleza, a representatividade. Não dá mais para isso. Tem que chegar e botar o camarada ali na vaga que ele vai conquistar, que ele vai abrir espaço. Tem que tentar a vaga ali para ele para que outras pessoas tenham o mesmo olhar. Não dá mais para não fazer esse tipo de coisa não.

(você foi para a disputa de poder no jornalismo?) – Fui para a disputa de poder. Fui para a disputa de poder. E muitas vezes não foi nada agradável. Muitas vezes eu tive de brigar mesmo. Mas eu percebi, aí uma coisa que eu percebi que os homens, os homens privilegiados, eles entre si ou os brancos, homens brancos que estão lá no topo da cadeia, que eu falo, eles brigam também entre eles. Eu percebi que eles brigam. Tem que brigar. Tem que brigar também. Eu não vou aceitar isso. Então, muitas vezes eu falava: eu não aceito isso. Não aceito isso. Eu não aceito. Como hoje eu falo, quando me posiciono, nas coisas práticas do dia a dia, né? O jornal está estourado. Qual é a matéria que vai cair?

(voz oculta) “É a matéria do quilombola”. Não, não vai cair não. Não vai cair não. Por que vai cair a matéria do quilombola? Aí, começa uma discussão. Jornal estourado. Fechamento de jornal. Por que vai cair a matéria do quilombola? Não vai cair a do quilombola. Por que você está dando menos importância para esse assunto? Por que na sua cabeça zona Sul isso é menos importante? Tá entendendo? Então, muitas vezes eu tenho esse tipo de discussão.

(qual é a reação ao teu posicionamento?) – Quando a pessoa começa a trabalhar comigo, acho que já estão até avisados do meu jeito, porque eu sou um pouco intransigente. Mas quando começam a trabalhar comigo, ainda tem aquela coisa assim ... Eu sou uma pessoa muito doce, entendeu? Eu não falo assim impositiva: vai ser assim e acabou. E não explico porque não, sabe? Depois de um tempo, eu sento com todo mundo, eu sento com qualquer um. Eu sou muito amiga com os membros da minha equipe. Gente que, na verdade, não tinha consciência racial. Não é gente que diz: “eu sou mau”. É gente que reproduz o racismo, que cresceu nele. Então, não tinha consciência. Gente que depois de um tempo passa a conviver comigo e fala: “nossa, eu nunca tinha pensado nisso”. “Nossa, Luciana!”. Eu sou daquelas pessoas que fica mandando vídeo pelo whatsapp e digo: dá uma olhada nesse vídeo. Então, eu vou catequisando o cara. Olha, esse vídeo. “Nossa, eu nunca tinha visto essa mulher”. “Eu nunca tinha visto Shimamanda (Adiche, feminista negra africana)”. E assim a gente vai levando. Eu vou mostrando para a minha equipe. Por que é assim? Por que cai sempre a notícia da África? Por que que um morto no metro da Espanha é mais importante que 200 mortos num postos de gasolina na Nigéria? Você está entendendo? Eu fico assim o tempo inteiro questionando, questionando, questionando, questionando. Claro que nem precisa mais, né? Porque o meu jornal, hoje, o meu editor-chefe é maravilhoso. A minha equipe toda é maravilhosa. E o meu jornal hoje é todo voltado para essa questão dos direitos humanos e tem essa questão muito presente porque o tempo inteiro a gente está nessa discussão.

(você ouviu algo do tipo: isso é racismo às avessas?) – Ah, tem. Tem. Mas eu não me calo não. Você acha que entra por um ouvido e sai pelo outro? Não, mentira. Não entra num ouvido e sai pelo outro, não. Eu vou para frente e explico tudinho. O cara fica ali chateado porque vai perder 20 minutos, 30 minutos ouvindo um monte de coisas. (risos)

(é uma preleção?) – É. Ele foi punido por isso. Ninguém mandou falar aquilo. Eu vou explicar, explicando, explicando, explicando, explicando. Aí mando leitura, leitura, leitura. E mando vários vídeos pelo Whatsapp. (risos) Olha, vê esse, vê esse. Até o cara perceber que estava falando uma besteira.

(houve algum embate racial?) – Não. Nesse sentido do jornalismo não, porque eu uso os critérios jornalísticos, você está entendendo? Um atentado. Um atentado terrorista. Um atentado terrorista que matou duas pessoas no metro de Londres, digamos. Um atentado terrorista matou 200 pessoas num posto de gasolina na Nigéria. Todos esses estão ligados ao Estado Islâmico. Qual a diferença entre noticiar um e o outro não. São critérios jornalísticos que eu uso. Não são nem critérios raciais. São critérios jornalísticos. Aliás, no meu jornal uso critérios jornalísticos. Sempre critérios jornalísticos só que o nosso

jornalismo no Brasil é um jornalismo ainda muito racista. Então, eu tento mostrar isso para eles. E digo: “você não faça como as outras emissoras que estão fazendo um jornalismo racista”. A vida humana ela é importante em qualquer lugar. Então, são sempre critérios jornalísticos.

(a tua equipe tem negros?) - A minha equipe tem homens negros, mas não tem mulheres negras mais. Infelizmente.

(ao longo tua carreira, tu te deparou com colegas negras?) – Me deparei com várias na mesma equipe. E, inclusive, aquela luta para tentar ficar ... inclusive aquela que eu falei que é uma excelente repórter esteve na minha equipe. E fiz isso para ficar, mas enfim. Eu ainda não cheguei nesse poder de mando. Aí eu fico pensando assim: nossa, eu acho que importante era ter outro poder de mando. E aí esse poder de mando que eu estou falando ... é tanto trabalho que todo mundo se depara com isso em determinado momento da vida. Você chega num determinado grau e diz: nossa, mas avançar mais vai ser tão problemático para mim, mas é tão necessário. Mas eu estou tão confortável nesse lugar. Mas aí realmente você fica pensando dez vezes. Mas aí é pensamento de vida mesmo. Você vai avançar? Vai comprar esse problema? Ou vai ficar na zona de conforto. Às vezes, você fica na zona de conforto por um tempo e depois diz: vou avançar. E aí se você chega ... hoje, por exemplo, eu não teria perdido aquela jornalista se eu fosse a chefe. Você está entendendo? E aí é a hora da reflexão. Assim como eu tive: poxa, mas se eu for editora-executiva e se eu trabalhar. Se eu tiver poder de mando nas notícias, eu não vou deixar de noticiar. Aí, eu digo: não, vai noticiar! E aí foi quando eu cheguei a esse posto. Agora eu fico pensando: pô, mas se eu for chefe, eu vou poder botar outros profissionais. Mas aí você sai da sua zona de conforto de novo. Você quer o preço? Vai pagar o preço? Não vai, como é que vai ser? Então, é todo um processo de vida que você tem que refletir.

(qual é a tua relação com o pessoal que está na “cozinha do jornalismo” ? Câmeras, técnicos, onde a gen te reconhece mais pessoas negras) – É. É. Eu me dou ... todas as minhas equipes, todas 100%, eu tenho uma relação muito próximo. Eu sou uma pessoa, eles falam, “muito simpática”. Eu ajo com muita simpatia. Eu não sei tratar ninguém distante, eu sou muito próxima. Eu sou aquela pessoa que o câmera vai casar e me convida e eu vou lá no casamento dele. Eu frequento a casa da equipe. Eu me dou muito bem com eles. Você está entendendo? Nesse nível. Eu me dou muito bem com a minha equipe. Hoje, a minha equipe não tem muitas pessoas negras. Pouquíssimas, pouquíssimas. Depois da concurso (público da Empresa Brasil de Comunicação), a gente teve essa evasão. Mas a gente já teve mais profissionais negros. Agora, depois do concurso público a gente tem menos.

(há situações não ditas, porém sentidas. Percebe satisfação, conforto, sentimento positivo de profissionais negros quando veem que tu estás numa posição de destaque?) – Pô. Muito, muito, muito (risos). É o iluminador que está lá preocupado para fazer a melhor luz, para você ficar ainda mais linda, entendeu? É como se você estivesse carregando toda a sua ancestralidade, sua e todo mundo. é como se estivesse carregando a história de todo mundo. É todo mundo nas cotas. Representatividade mesmo, né? Isso não só com os

profissionais negros, não. Muitos profissionais brancos, que eu não sei por qual motivo exatamente, muita gente ali na base que está na torcida, entendeu? Quando eu passo pelo senhor do cafezinho, que é um senhorzinho que eu passo por ele muito tempo, dou boa-tarde, bom-dia, boa-tarde, bom-dia, e aí ele me parou e falou: (sussurrando) “olha, só quero te dizer que a gente, é todo mundo orgulhoso na minha família de te ver lá. A gente tem muito orgulho de você. Você tem que ter força para continuar”. Você está entendendo? Esse tipo de relato eu ouço o tempo inteiro. O tempo inteiro. Todo dia. Eu estou aqui no hotel-fazenda e já recebi dois essa semana, esses dias em que eu estou por aqui. É muito bom. É muito confortante. É estimulante também. É também uma responsabilidade grande que você tem. É estimulante porque nos momentos mais difíceis, que você também deve conhecer, aqueles momentos em que você diz que: meu Deus, dei dois passos pra frente e três passos pra trás. Não é possível!, né?. Tem esses momentos na vida em que você pensa tanta que você dedica, que você perde horas do seu lazer, você perde tanta coisa, você perde o crescimento dos seus filhos, muitas vezes, mas aí você repensa e nessa hora é que você fala: não, é isso aí. Vamos para frente, porque não é só você. É toda uma parcela muito grande que está te estimulando. Eu, por exemplo, tenho estímulo o tempo todo pelas redes sociais. Mas é todo dia muita mensagem. Desde o cabelo, como faz o cabelo. “Olha, você inspirou meu cabelo. Olha, dei de alisar o meu cabelo” até a questão profissional mesmo. É muito estímulo. Eu vejo isso não só dos profissionais negros ali da equipe, mas é como se a baixa renda, a equipe que ganha um pouco menos, tivesse essa necessidade de ver essa ascensão de alguém furar o bloqueio. Você está entendendo? Alguém furou esse bloqueio. Alguém furou isso.

(e os ataques racistas?) – Esses ataques eles são impessoais de perfis. Não são na minha rede social. Eu vejo muito na TV Brasil. A TV Brasil posta um vídeo meu. Eu já vi muita suástica nos meus vídeos na tevê. Eu já vi. entendeu?

(alguma expressão de agressão à tua pessoa?) – Ah, não. Só suástica. Eu já suástica. Já coisas do tipo: “Se Deus quiser, você cai”. Sabe? Coisas do tipo. Mas eu nem sei, porque são perfis falsos. Eu ainda não sofri uma ataque desses, mas eu nem sei como por que esses ataques são coordenados e são contra mulheres negras. Tem que frisar são mulheres negras (as atrizes Taís Araújo, Cris Vianna e Sheron Menezes). Então, assim eu não sofri ainda. Acho que pode acontecer a qualquer momento, infelizmente. E não vai mudar nada porque é exatamente assim que acontece e eu já estou pronta para a briga mesmo. E vamos em frente!

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE E AÇÕES EMPRESAS

É evidente que é uma profissão baseada em desigualdade entre mulheres e homens. As empresas precisam ... eu falo que é como terapia. Na terapia, você vai e se reconhece o problema. Então, o que as empresas precisam é reconhecer, reconhecer ... o reconhecimento, o sim, é fundamental em toda a sociedade brasileira em todo o processo de aceitação sobre como a sociedade brasileira é. Primeiro, você precisa reconhecer e não negar. Porque o que a gente tem hoje é a negação. Então, você diz o sim, reconhece como

problemática em que a gente precisa de políticas de inclusão para que o Brasil alcance essa igualdade. Agora a gente teve esse problema ... a gente conseguiu cotas raciais em serviços públicos. Eu estava aqui de férias e li por alto, estou de folga, mas eu não consigo ficar ausente. E li, a gente perdeu isso. Como eu disse, o racismo está na legislação. Tem a preocupação com isso. A gente tem que ter essa preocupação sim nas empresas na formação de RH diferente. Uma formação de liderança diferente para que haja essa preocupação de inclusão igualitária entre homens e mulheres, entre negros e brancos, né? Igualdade de oportunidades. Eu não sei se você está terminando a entrevista, mas eu tem um livro de um pesquisador da PUC e eu estava lendo a história de outro entrevistado sobre um aluno de Direito. É uma história que mostra muito isso no Brasil. Em determinado momento, o melhor escritório de advocacia do Rio liga para a PUC e pede o melhor estudante de Direito para uma vaga de estágio. A PUC manda. É um estudante negro. Chega lá, ele dá o currículo e esquece que colocou um número de telefone a menos. Aí ele volta lá para consertar e vê escrito: mulato. Ele escreve: negro. Enfim, ele não ficou com a vaga, né? Por quê? Esse é o Brasil. Não é a competência. Não é a competência. Não vai ser a competência.

(Então, é o quê?) É ainda a perpetuação do nosso sistema. Quem ficou com aquela vaga é um estudante menos qualificado, mas branco. Ponto.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO NEGRAS E NEGROS

Bom, eu hoje eu não vou te dizer com tanta propriedade porque estou numa posição de mais liderança, né? Não só âncora, mas âncora e editora executiva de um jornal. Então, assim não vivencio muito essas situações. Agora falando sobre os relatos de jornalistas negras e negros, dos relatos que já contei até alguns aqui, né? Me falam muito da questão da competência, do deixar de lado, do não ser escolhido, do não ser escolhido para o melhor. Por exemplo, para uma viagem internacional, para cobrir alguma coisa, não é você. Você está entendendo? É outra pessoa. Mas se tiver que cobrir um tiroteio numa favela, é você. Você está entendendo? É como se você tivesse, como se você vivenciasse as relações casa-grande e senzala ainda dentro do jornalismo. Então, isso fica muito próximo da representatividade. Eu não posso falar muito por mim, como eu disse, porque hoje não vem alguém e diz: “você vai fazer isso e isso”. Não, não faz. Não faz mais. Eu nem me lembro de ter vivido uma situação assim agora. Mas eu ouço muitos relatos disso.

(qual é a diferença da tevê pública para a tv comercial?) – O nosso jornalismo público, e avançamos para esse caminho, é um jornalismo preocupado com as questões que têm interesse do Brasil inteiro, da população brasileira. O critério é esse: da população brasileira. O nosso público, classe C, D e E. A gente tem que ter algo de interesse do nosso público. O nosso público é a população brasileira de todas as cores. Então, por exemplo, o tema racial é de interesse da população brasileira e a gente já descobriu isso. São as notícias mais compartilhadas nas redes sociais da TV Brasil, são as que envolvem a questão racial. Eu estou falando do jornalismo. É assim disparado o mais compartilhado. Ou seja, o público quer. O Brasil quer essa discussão. Na tevê comercial, o Brasil pode querer ou não. Mas o Brasil não vai ter essa discussão. E ponto final. Não vai ter, porque

se nega a existência dessa problemática. A questão é muito aquém. O problema sequer existe para a tevê comercial. A gente está falando de algo absolutamente distante. Absolutamente distante. Muitas vezes eu vejo nos comentários: “que estão criando um problema que não existe”. Ainda tem uma parcela da sociedade que diz isso: “estão criando um problema que não existe. Um problema que não existe. Vocês estão querendo criar um problema racial no Brasil que não existe. A gente sempre conviveu bem entre todos os grupos”. Bem para quem cara pálida? Quem conviveu bem? (risos). Convivemos bem! Você mandando e eu calando. Você mandando e eu obedecendo. É assim? Isso não é boa convivência. Entendeu? A diferença é por aí.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO BRANCAS E BRANCOS

Aí não pesa a questão racial. Pesa bem a representatividade do Brasil. Vivem situações normais como todos os outros: mandos, brigas por salários. As mulheres brancas vivem a situação do sexismo, salário menor. Eu conheço gente que fala comigo ... de estar ao lado de um jornalista homem experiente. O homem experiente e a mulher não é experiente. A mulher é leitora de teleprompter (aparelho com texto para tevê), entendeu? (mais presença de jornalistas negros está alterando a composição ou seria estratégia das empresas dizerem que não são racistas?) – Olha, eu acho que é os dois. Uma estratégia. Mas eu acho que o nosso povo que está chegando lá. Eu acho que são as duas coisas. Acho que é uma estratégia sim das empresas. E acho que é uma estratégia muito bem apropriada do povo que está entrando e tem essa consciência que percebe a importância disso e tem se dado muito bem. Eu acho que a gente tem vivido um momento expansivo em relação à questão racial. Eu acho que isso não é só mérito de militância não. Eu acho que a gente tem um poder nas redes sociais que entrou assim tão forte. Foi tão inesperado. Foi tão grande para dar voz, para toda uma população. Isso foi tão forte que a gente está vivendo um momento diferente sim no Brasil.

(como você observar movimentações a exemplo do #AgoraÉQueSãoElas?) – Eu continuo dizendo que isso é mérito do momento, das redes sociais, pra mim, que é um momento ímpar, né?, de grupos se formando, de gente se encontrando. De gente que falava, sentia os mesmos problemas. De gente que se posiciona contra grandes empresas, contra grandes nomes, contra grandes conglomerados e acha importante fazer isso e, por outro lado, até os preconceituosos de maneira geral se posicionando e mostrando a cara. Fica mais fácil ver os problemas da sociedade brasileira. Estudar os problemas da sociedade brasileira com isso que o Brasil é hoje, se mostrando a sua maneira, mostrando mais ou menos o que pensa. Algo que ficava tudo... tudo era muito mais difícil, né. Agora, com esse poder de voz da população brasileira, com a população de uma maneira geral, do acesso das pessoas pelos smartphones, eu acho que a gente está vivendo um momento ímpar. E é uma mudança para todo mundo.

RELAÇÕES RACIAIS – FUTURO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Ah, essa pergunta aí... foi a última porque é difícil. Essa está difícil. Sinceramente, eu não sei. O jornalismo vai se reinventar de novo? Vou devolver com outra pergunta. Eu não

sei. Eu não sei. A gente está vivendo um dos piores momentos do jornalismo no Brasil do ponto de vista do comercial, de empregabilidade. Do ponto de vista de entendimento, também com as redes sociais, do ponto de vista de inserção das redes sociais, dessa velocidade de informação, de uma nova população, de um novo grupo que não assiste televisão, de um grupo que não se informa por jornal. Então, assim ... eu não sei. Vai existir um jornalismo das redes sociais. Eu não sei. Isso vai crescer. Isso vai vingar? O jornalismo do youtube que a gente vê muito, né? Isso vai vingar? Eu não sei. Isso procede? Não procede? Eu não sei. Eu não sei te responder essa pergunta.

(em meio a essas mudanças, tem lugar para os jornalistas negros. Eles estão, hoje, nessas plataformas?) – Não vejo. Mas eu acho que tem lugar. Conforme você vai percebendo o desejo do novo público, porque o problema é identificar o novo público. O novo público e novo veículo. Mas na medida em que você vai percebendo o novo público e o novo veículo, eu acho que tem lugar sim. Por que não? Eu acho que ... todo estudante de jornalismo que chega lá na tevê... a gente recebe muito estudante de jornalismo. A pergunta é essa. É a mais difícil que você deixou por último. “Ah, o que você acha do futuro do jornalismo? E o que a gente tem que fazer para ser um bom jornalista?”. Cara, eu não sei. Eu só sei que o bom jornalista não é aquele jornalista antigo que não se posiciona. Isso aí acabou. Aquele jornalista que escreve na falsa imparcialidade. Acabou. Isso daí não existe mais. É um jornalismo que se posiciona e eu acho que tem muitos nichos dele, infelizmente, mas é o que a gente vê hoje. A gente vê o grupo de atuação dele e os nichos dele. Bom, eu não sei te responder essa pergunta. Me pergunta daqui uns cinco anos, para saber se eu tenho uma resposta melhor. Eu fico pensando nessa pergunta várias vezes durante o dia.

APÊNDICE B – ENTREVISTAS JORNALISTAS BRANCAS

ADRIANA CARRANCA



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Porque eu me interessava por várias questões e Então, eu pensei em fazer Sociologia, eu pensei em fazer Terapia Ocupacional, eu pensei em fazer mil coisas. E eu achava que mil coisas cabiam no jornalismo e aí eu poderia cobrir várias áreas. Acompanhar vários assuntos como jornalista, entender de vários assuntos. Então, economia. Eu achava que eu poderia abarcar vários assuntos de interesse com o jornalismo.

DEFINIÇÃO DO TRABALHO COMO JORNALISTA

Hoje, eu defino como um trabalho de formiguinha e vai construindo ... eu acho que a gente vai construindo e tentando construir ... eu estou falando só por mim, vai tentando construir uma sociedade melhor. Num trabalho muito de formiguinha. Eu brinco muito que eu tenho muito esse perfil de cobrir coisas sociais, de injustiças sociais e, às vezes, você encontra resistência sobre esses temas, não é?, na redação. Porque também no Brasil as redações são formadas por pessoas que vieram de uma classe alta, mais alta e que pode estudar. Isso está mudando, porque um ProUni, a própria ascensão da classe pobre para a classe média isso está mudando. Tem muito mais democratização da universidade e teve medidas recentes que melhoraram o acesso à universidade. Então, isso está mudando. Quando eu comecei, era muito quem podia chegar à universidade eram poucos, né? Então, você tem muita resistência na redação, às vezes, com temas que não dizem respeito ao que aquelas pessoas viveram, ao que as pessoas viveram. É eu já venho ... eu fui a primeira a fazer faculdade na família, né, a minha geração. Minha avó, como se fala? Era era alfabetizada funcional. Ela lia, mas não escrevia bem. Meu pai estudou até a 4ª série. E minha mãe foi fazer o ensino médio, quando eu já era grande. Então, a gente ... a família foi para uma outra realidade. Então, a gente encontra um pouco de resistência entre os sistemas sociais, o que acabou mudando. Na gestão do Lula, ele colocou na pauta. Essas questões não eram nem faladas. Talvez não houve tantas ações concretas, avanços concretos, mas foi importante para que essas questões fossem debatidas. Mas ainda tem uma resistência para discutir pauta. Eu sempre brinco que eu não gosto de falar para convertido. Eu acho que tenho que justamente falar para quem não, não ainda, despertou para esses temas. Então, é um trabalho de formiguinha mesmo. De você ir convencendo um a um da importância desse coisa. Agora, com esse governo alguém pisou na casa da

formiguinha e destruiu o formigueiro inteiro (risos). A gente voltou uns 200 anos no governo interino. Mas é isso. É vamos de novo. Paciência. Para trás não dá para andar.

SEXISMO

Ahã, o que eu entendo por ... eu entendo como uma ... acho que para nós está mais ligado à discriminação contra a mulher ... Não como discriminação contra a mulher, mas como uma forma de só olhar para a mulher como um objeto sexual. Mas posso estar errada

RACISMO

Hum. Também o olhar para o outro como diferente. E tudo o que vem com isso, porque começa com um olhar. Começa com o não reconhecimento no outro. Ou o reconhecimento do outro como diferente.

PRÁTICAS SEXISTAS OU RACISTAS NO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Eu não vejo negros na redação. Então, quando falam que não existe racismo no Brasil, eu olho em volta e não vejo negros em volta de mim. Não vejo negros nos restaurantes, eu não vejo negros na redação. E eles são metade da população, segundo o último censo? Um pouco mais da metade, é isso?

(isso. Isso) Eu não me lembro. Mas não tem essa representatividade em nenhum meio de classe média. Não tem nas empresas. Não tem nas redações, não tem na televisão. Não tem no entretenimento, no cinema. Não tem no lazer. Quando você olha ... Então, me leva a crer que ainda existe o racismo e muito exacerbado no Brasil.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES MULHERES

Assédio. Ahã.

(alguma outra situação) Não, não. Eu acho que o mais difícil é o assédio. Porque ele pode ser sutil. Às vezes, é uam coisa que é chato, que incomoda. Ele pode ser desde uma coisa mais grave, de uma tentativa de ... como fala? Pressionar, o que vem da chefia, por exemplo, né? Mas eu não ... eu acabei ... eu tive sorte. No Estadão, eu nunca vivi isso. Na Veja, eu ... eu não me lembro. Mas eu lembro de outras meninas reclamarem e tal. Mas eu também não poderia dizer pela Veja. Mas eu vi outras situações e já vi em outras ... acho que sempre tem essa coisa. A mulher nunca é só um funcionário, né? Fica uma coisa meio chata porque pode ser que seja uma paquera, né, tem situações. Mas está no ambiente de trabalho, né, Então, acho que é uam questão mais ... que a mulher mais sofre. Depois a comparação com a beleza sempre, da fala, né?, sempre ... a fala no escritório sobre as mulheres se é bonita ou não e bonita. Se se veste assim ou assado. Muito mais do que com os homens.

RELAÇÕES DE GÊNERO – PROPENSÕES HOMENS

Com os homens, nenhuma situação que os diferencie pelo fato de serem homens. Mas eu posso não estar enxergando alguma coisa. Mas em termos de discriminação ... por ser homem?

(pode ser vantagem também) – Ah, entendi. É eu não sei dizer até que ponto existe ainda ... o jornalismo ele é muito autoral, né? Então, eu não sei dizer no jornalismo até que ponto você tem mais homens na redação. Dá essa impressão. Mas você vê como tem hoje ... o Estadão, até ontem, a editora-chefe era mulher. Na Folha, não. Mas tinha a secretária de redação, que eu não sei se continua sendo ... várias editoras mulheres. No Globo, a Sílvia que é uma executiva mulher. Aí tem a Sílvia e o Chico. Então, é equilibrado. É o que eu falo ... na reportagem, por exemplo, é um trablado muito autoral. Então, quando ele é muito autoral. A diferença, essas diferenças de gênero talvez elas fiquem menores em termos de oportunidade dentro da redação, porque que quando talvez seja uma coisa em grupo, que não é muito claro o mérito de cada um, talvez os homens tenham preferência. Mas eu não vejo isso na redação ... de privilegiar os homens. Embora existam mais homens. Embora existam mais homens editorialistas e colunistas. Mas colunistas também não. Agora, estou pensando que entre os editorialistas sim, mas entre colunistas não. no Estadão, tem a Eliane Cantanhede, a Dora Kramer, a Mônica Bergamo, na Folha; a Miriam Leitão, em O Globo; a Dorrit, em O Globo; a Flávia Oliveira, em O Globo; Cora Ronai, em O Globo; Tati Bernardes. Então, você vê tem mais. Por isso que eu falo que o jornalismo, diferente de outras profissões e ambiente empresarial, em que não está muito claro o mérito de alguém. Talvez ainda esteja no subconsciente das pessoas de que o mérito é mais para o homem. Mas no jornalismo ele é muito autoral. Ou é você que faz a matéria. Geralmente, a matéria ... o jornal impresso diferente da tevê, o jornal impresso ele é ... a reportagem ele é um trablado solitário. Você apura, você escreve, você que publica. Geralmente, nos jornais, você mesmo edita matéria. Eu sempre escrevi a minha matéria e editei na página. Talvez essas diferenças fiquem menos evidentes. Eu não vejo ... eu acho que no jornalismo a gente já avaçou nessa coisa de igualdade de gênero. Já igualdade racial eu vejo menos, mas aí pode ser um problema da ponta. Pode ser que menos negros estejam chegando à faculdade de jornalismo. Eu não sei te dizer.

RELAÇÕES DE GÊNERO – DESVANTAGEM POR SER MULHER?

Não. Sinceramente não.

RELAÇÕES DE GÊNERO – PRÁTICAS DE SEXISTAS

Sim. Assédio muito principalmente assédio de pessoas em posições mais altas.

(assédio moral? Assédio sexual?) Assédio moral e assédio sexual.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE SALARIAL

Então, cargo de responsabilidade, a gente melhorou. Tem várias editoras mulheres. Rádio Bandeirantes, estava me lembrando agora, a diretora de redação é a Sheila. A CBN, a diretora de redação é a Marisa. Então, eu acho que no jornalismo pelo menos a gente tem visto menos desigualdades. Agora, em termos de salário eu não sei te responder, porque eu não sei o que os colegas ganham. Mas eu acho que tem pesquisas que mostram que os homens ainda ganham mais do que as mulheres. Eu não sei se é uma coisa que vai para ... eu não sei te dizer pessoalmente. Não saberia te dizer.

(pesquisa Fenaj) Imagino que se tenha a pesquisa, sim. Tem essa diferença, né

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE E AÇÕES DAS EMPRESAS

Então, eu não vi muita desigualdade de gênero nas redações. Pelo menos por onde eu tenho passado recentemente como eu te dei os exemplos. Na Folha, é um diretor de redação é um homem, mas você tem muitas mulheres editoras e repórteres especiais. Em O Globo, você tem um homem e uma mulher como editores executivos. No Estadão, até ontem, a Cida Damasco. Eu não sei se vai ser um homem ou uma mulher para ficar no lugar dela. Então, eu não vejo muito, não tenho visto muito ... mas pode ser uma realidade que é só a minha realidade. Porque se você certamente vai entrevistar outras pessoas de jornais de outros estados ou talvez do interior ou talvez de outras regiões do Brasil, onde ainda né...A gente tem que pensar que vive numa cidade que é a cidade mais rica da América Latina. É São Paulo, o centro do empresariado. Então, ... acho que as mulheres ganharam espaço maior aqui, mas essa não deve ser a realidade de outros lugares, né? E a forma é sempre tentar equilibrar isso. Tentar equilibrar a redação na contratação de novos ... porque como te falei ... depois fica difícil porque é um trabalho autoral. Depois, ele vai contratar quem dá mais furo e quem tem o melhor texto. É muito claro que ... no trabalho isso. Se tem um candidato homem e a candidata mulher está dando todos os furos, num outro jornal ele vai contratar essa mulher. Fica difícil. Mas ele pode equilibrar mais na ponta, na entrada, na chegada dos jornalistas...quando ele contrata os estagiários e os trainees. E jornalistas jovens nisso ... porque aí todo mundo é igual. Não tem experiência. E aí ele pode equilibrar mais.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO NEGRAS E NEGROS

Eu não vejo jornalistas negros. Ponto. Então, isso para mim, eu já sei que é algum problema está acontecendo em algum momento do processo até a ponta. Na Globo, você tem alguns poucos, mas são os únicos que eu me lembro. Na redação do Estadão, eu não me lembro de negros. Na redação do Globo, acho que tem uns, um negro. Na verdade, não lembro. E na Folha, não lembro de nenhum colega. No Valor (Econômico), não lembro de ninguém. Então, ... a gente não tem. Eu não vejo eles serem discriminados, porque eles não estão na redação. Entendeu? Então, isso eu vejo com muito mais clareza: a desigualdade racial do que de gênero pelo menos em São Paulo com muito mais clareza. Mas ... eu nunca vi situações do negro sendo discriminado na redação, porque eu não vejo o negro chegar à redação.

RELAÇÕES RACIAIS – VANTAGENS DOS BRANCOS

Não. Em vantagem? Não, não. Nem vantagem nem desvantagem. Mas aí é isso o que eu estou te falando. Não dá para comparar porque eu não tinha colegas negras com quem eu pudesse comparar. Entendeu? Então, é óbvio que existe uma discriminação já na ponta, já na contratação que aí pode ser na contratação, mas também pode ser na universidade. Pode ser que simplesmente o negro possa não estar chegando como a gente imagina na universidade, apesar de todas as medidas que foram tomadas recentemente. Talvez isso ainda não tenha se traduzido numa conquista de postos de trabalho.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE DESIGUALDADE

Com desigualdade.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE E DESIGUALDADE – AÇÃO DAS EMPRESAS

O que estou te falando da contratação na base de novos jornalistas, que estão começando. Quando todo mundo tem a mesma experiência e o mesmo nível de conhecimento e experiência na profissão, né, que quando todo mundo é estagiário, iniciante ... os jornais poderiam dar mais oportunidade nessa ponta, nesse início para negros, mulheres. Tentar ter uma redação mais equilibrada em termos de renda social, né, de jornalistas que venham de outros bairros de São Paulo, de outras regiões do estado, estou falando por São Paulo, de outras regiões do Brasil também. Os outros jornais também poderiam fazer isso para ter redações representativas do Brasil.

RELAÇÕES RACIAIS – TRAJETÓRIA

Exceção. Exceção porque eu vejo pela classe onde eu me formei. Eu acho que é ... uma questão que pode estar acontecendo do pobre e do negro não estarem conseguindo chegar nas boas universidades, né, nas melhores universidades. Então, eles chegaram às universidades, mas não conseguiram conquistar espaço nas universidades de elite. Entre elas, a própria USP, né? Porque você tem ali uma ... um corte que é o vestibular que acaba discriminando quem não teve acesso às melhores escolas. E como a educação pública ainda é muito ruim, você discrimina ali pela, pela questão social, pela renda, né? É uma forma ali de você ... é a educação de base que a gente precisa melhorar e você teria os mesmos resultados em qualquer outra área que você fosse pesquisar. O problema é que o negro é mais pobre, ainda, por todas as faltas de oportunidades e tiveram 200 anos atraso em relação aos brancos. 200 anos de violações, de cativo e de impossibilidade de participar da sociedade, né? Eles foram excluídos da sociedade. Então, eles começam 200 anos de todos os outros, um atraso de 200 anos em relação aos brancos e aí, se você não melhora a escola pública, você cria já essa desigualdade na base, né? E hoje com a tecnologia isso hoje se exarceba, porque as escolas particulares estão o tempo todo em contato com o mundo inteiro, trazer ... usufruem de todas as vantagens do mundo tecnológico, e a escola pública está ali no mimeógrafo, ainda, né? Então, ... você ... eu acho que o problema está ali nessa base ainda. E aí, eu sou exceção nesse sentido. Eu comecei estudando em escola pública. Depois eu fui estudar em escola particular, mas com bolsa. Então, ... eu venho de uma classe social baixa e fui fazer uma universidade local. E, na minha faculdade, todos trabalhavam durante a faculdade em outras profissões. Eu fiz de tudo o que você possa imaginar (risos) na vida. Eu trabalho desde os 13 anos. (fez o quê?) Fiz animação de festa infantil. Foi aí que eu comecei. Trabalhei em loja como vendedora. Eu já fiz planfletagem. Então, eu comecei a trabalhar com 13 anos em festa infantil, com animação de festa infantil, para poder ajudar nas despesas de casa. Eu tinha bolsa integral na escola. Minha mãe conseguiu lá nem sei como, mas era sempre um drama. Todo o ano eu não sabia se eu ia poder ir para a escola no ano seguinte porque não sabia se ia renovar a bolsa. Não sabia se ia ter vaga em escola pública. Então, todo ano era ... eu não sabia se no ano seguinte eu ia poder continuar estudando. E aí, eu acho que ... na faculdade que eu fiz, poucos colegas tiveram a chance de continuar, de sobreviver na profissão. Isso já é um privilégio. Já é uma exceção você conseguir sobreviver na profissão. Na minha classe mais ainda. Todos os colegas trabalhavam e sei

lá na área pública, no setor público, ou trabalhavam em banco ou trabalhavam em tudo o que não era relacionado a jornalismo. Trabalhavam para pagar a faculdade. Então, ...

RELAÇÕES RACIAIS – FUTURO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Eu acho que a gente está vivendo um momento muito ruim e muito bom ao mesmo tempo. Muito ruim porque você tem as dificuldades financeiras que as redações tradicionais estão passando. Muito bom porque você tem outros meios de se expressar, de fazer jornalismo. Outras plataformas de fazer jornalismo que são mais baratas, né? O jornalismo impresso é caro, a televisão é cara. Hoje, você tem outras plataformas mais baratas. Então, você ... a gente conseguiu talvez democratizar mais o fazer jornalismo. Então, hoje você tem, por exemplo, uma equipe de, por exemplo, de um ... de algum bairro de periferia e resolve fazer um site para falar da realidade local. Eles vão ter a mesma visibilidade que um site qualquer, né? Ele não precisa estar grande imprensa para ter visibilidade. Então, isso é muito bom. Você tem hoje vários exemplos disso. Você tem Ponte Jornalismo, você tem a Agência Pública. Aí tem esses outros que surgiram com mais dinheiro, mais investimento que é o Nexo, que já entra com investimento. Então, você tem outras iniciativas que têm, que podem ter uma visibilidade igual a dos grandes jornais. A internet democratizou isso. Aí, também tem o lado ruim disso que é que qualquer pessoa ou instituição pode distribuir informação como se fosse jornalismo e, às vezes, entra na rede com o mesmo peso mas com uma informação que é completamente mentirosa ou errada com o mesmo peso de uma informação verdadeira e checada. Então, a gente vive uma transformação grande com coisas muito boa e também muito ruins. Então, entre as muito boas eu listaria isso: novas plataformas e mais baratas para fazer jornalismo do que o impresso ou a tevê. A democratização do fazer jornalismo que hoje um jornalista não precisa estar na grande imprensa para ter um espaço e divulgar, disseminar suas reportagens. Ele pode fazer um blog, pode fazer um site. A gente tem muitos blogueiros vivendo de blog, embora com assuntos duvidosos que dá para a gente contestar se é jornalismo ou não porque muitas vezes é propaganda. E aí, essa parte é ruim. Quando você democratiza, passa a ter qualquer pessoa dizendo e passando informação e não é jornalismo. Jornalismo não é informação. Informação é uma coisa e ela pode ser, inclusive, falsa. Jornalismo é a informação que não é falsa, que é checada, verificada e tem que estar contextualizada e que traz todos os pontos daquela questão. Isso é jornalismo. Informação é outra coisa. Informação é qualquer coisa que você coloque forma. Uma fofoca é informação. Então, esse é o lado ruim, porque a mentira, a difamação, a informação mal checada está entrando na internet com o mesmo peso da verdade e da informação checada com rigor e tal. Isso é uma dificuldade porque, pelo menos os jornais tradicionais ainda têm o filtro da checagem. Eles ainda prezam pela marca. Você tem nos jornais ... e no qualquer um... a gente fala da grande imprensa, mas qualquer veículo tem a sua forma de ver o mundo. A isenção no jornalismo ela não é uma busca constante, mas ela não é algo natural porque cada um de nós tem uma visão de mundo e somos nós quem fazemos o jornalismo. Então, você olha para a informação que você tem e a transforma em notícia de acordo com o seu entendimento daquilo. Então, por isso que é importante você seguir as regras do jornalismo, porque aí você minimiza isso. Você vai checar e falar com tantas pessoas sobre aquilo que você vai ter outras visões

diferentes da sua própria até. Então, toda ... você tem nas redações, em todos os veículos, uma hierarquização da notícia, da forma como ela aparece. Ela é apresentada com aquela forma de ver o mundo. Tem, às vezes, viés ideológico em todas elas, inclusive em todas essas que estão surgindo com mais justiça. A justiça social também é um viés ideológico também. Você está defendendo o que a gente acredita. Mas, pelo menos na redação tradicional, o filtro da checagem é muito presente, né? A informação ela é checada. Você não ... os grandes jornais não divulgam informações falsas. Então, você tem a segurança de que você vai ler um jornal tradicional – Estadão, a Folha, o The New Yor Times, o Washington Post – e aquilo que está láé verdade. Eles podem estar com olhar mais para a esquerda ou para a direita, mas ela é uma informação verdadeira. Na internet, você tem muita coisa falsa, que é mentira e está ali publicada propositadamente e disseminada de forma ingênua. Eu recebi, na semana passada, um texto falando que a Miriam Leitão estava falando do PT (Partido dos Trabalhadores). Eu fui ler. Fiquei curiosa porque a Miriam Leitão é minha colega de trabalho, eu fui ler para ver o que a Miriam Leitão estava falando do PT. E era um texto que eu vi que não era um texto da Miriam Leitão pelo estilo. Era um texto mal escrito, grosseiro. E falei: esse texto não é da Miriam obviamente. E fui procurar. De fato, não era dela. Ela já tinha feito uma coluna explicando que o texto não era dela e aquilo me tinha sido passado como para milhares de pessoas que simplesmente não foram fazer o que eu fiz. Porque eu sou jornalista e eu fui lá e checo. Agora, o leitor comum, ele não faz isso. Então, alguém pegou essa coluna e disseminou para um monte de gente e era uma coluna mentirosa, atribuída a Miriam. Ela teve de fazer uma coluna para dizer que o texto que estava circulando na internet não era dela. De fato, não era. Não estava publicado no jornal impresso. As colunas dela vão para o jornal impresso, no blog dela. Então, a gente tem esse problema com a internet: a difamação, a discriminação, a informação errada, ela vai para a rede sem filtro. É um desafio para essas novas plataformas.

ALESSANDRA MACHADO



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Foi um acidente de percurso. Na época, eu fazia História na UFAC (Universidade Federal do Acre) e estava desempregada e uma prima minha, que sabia que eu sempre gostei de escrever, me indicou para o jornal porque o marido dela, na época, era o editor. Entendeu? E como aqui no Acre não existia faculdade de Jornalismo não existia jornalista formado. Era todo mundo de outras áreas, entendeu? Aí, eu fui para lá. E na época, essa época,

muito tempo atrás, o salário era bom (risos) e, como o meu curso era de dia, eu não conseguia conciliar o trabalho de repórter com o curso. Aí, eu acabei pedindo demissão. Trabalhei um mês e pedi demissão. E voltei para a faculdade. Só que daí ficaram me ligando, ligando, ligando para eu voltar e aquela confusão e eu precisando de grana, né, e eu tinha uma filha bebezinha. E aí, eu decidi trancar a faculdade e

DEFINIÇÃO DO TRABALHO COMO JORNALISTA

Aqui, em Rio Branco, no Acre, nós temos um trabalho meio limitado, né, na questão de liberdade para trabalhar. A gente trabalha sempre seguindo a linha editorial do jornal, que sempre é uma linha que está muito atrelada aos interesses de governo e prefeitura. Não temos, assim, como sobreviver independente dos repasses institucionais. A questão de comércio e indústria é muito fraca. Venda em banca pior ainda. Então, somos reféns mesmo dessa questão institucional. Daí, é ruim mesmo. Você acaba não conseguindo fazer o seu trabalho direito e tem que ficar publicando aqueles releases, tendo que falar só bem. Não poder mostrar a verdade como acontece. Aí, é um trabalho um pouco frustrante posso dizer.

SEXISMO

Eu acho que é um comportamento que pode ser adotado por mulheres ou homens. Não é uma coisa só do homem. Tem mulher que é machista. É quando você quer menosprezar alguém por causa do gênero. Quando você a discrimina por ser mulheres em todas as formas: no trabalho, no dia a dia. Machismo é isso: você querer diminuir a pessoa pelo fato de ser mulher.

RACISMO

Racismo? Racismo para mim é todo o tipo de discriminação às pessoas que não se adequam o padrão, né? A pessoa pode ser negra, pode ser índia. Pode ser asiática. Tudo isso inclui a questão do racismo. É a pessoas não aceitarem as pessoas por uma forma que elas não se apresentam dentro da normalidade, né?, digamos assim.

PRÁTICAS SEXISTAS OU RACISTAS NO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Ah, sempre tem. Tem jornalista de todo jeito. Jornalista racista, jornalista machista, jornalista ... Tem de todo o jeito. Aqui, já tivemos muitos casos de jornalistas que depreciam as próprias colegas e falam coisas absurdas, assim, e vão parar nos tribunais. Isso aí a gente não tem como se livrar não. Nossa categoria é muito assim ... não existe essa questão: “ah, é jornalista e tem a mente aberta”. Não. Tem jeito de jeito na nossa categoria. Infelizmente.

(seus pais são negros?) Não, não. Minha mãe ... Nós somos, na verdade, nós somos descendentes de índios a parte da família da minha mãe, entendeu? O meu pai não. O meu pai é de Goiás, aquele estereótipo mais branquinho e do olho verdinho, assim. Mas todo mundo puxou mais para os índios mesmo. Não esse negócio de branquelo, não? Minha filha está dizendo que é racismo isso também: chamar de branquelo (risos).

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES MULHERES

(você chegou a trabalhar em outro jornal?) Não, em outro jornal não.

(propensão de vivência de mulheres jornalistas) Olha, eu acho que a questão da credibilidade, né? As Mulheres por serem mulheres talvez essa coisa da competência delas é sempre questionada, né? A credibilidade, mas aí eu também acho que tudo depende do que ela mostra, do que ela mostra. Porque aqui no Acre, a gente tem muitas mulheres, muitas chefes de redação, muitas mulheres editoras. A própria secretária de comunicação é mulher, sabe? Então, na nossa área eu aqui eu acho que as mulheres estão dominando. Mais pelo fator competência modéstia à parte (risos). Mas até que não tem assim ... ná tivemos mais problemas, mas eu acho que atualmente a nossa categoria está bem representada aqui. Temos muitas mulheres trabalhando na ponta das redações.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES/PROPENSÕES HOMENS

Não, eu acho que os homens

(o que é mais comum eles viverem? Pode ser positivo ou negativo) Olha, aqui ... assim eu te digo. É não saberia te dizer. Não tem assim ... eles são mais assim articulistas, vão mais para a rua, fazem reportagens assim mais de campo. Eu acho que ... eu não sei como te falar como eles vivenciam isso. Também não vejo muita diferença assim não.

RELAÇÕES DE GÊNERO – PRÁTICAS DE SEXISTAS

Ah, com certeza. A mulher assim é muito assediada. Se for bonita Então, ... é assédio é direto. É de chefe, é de colega, é de entrevistados. Você passa por situações que você tem que às vezes sair correndo (risos). Eu já sofri, quando eu era mais jovem, quando eu era repórter, eu sofri assédios terríveis. Mas isso nunca fez que ... nunca fez com que eu desistisse porque eu sempre soube lidar com essa questão. Eu sofri assédio em todo o lugar em que trabalhei assim. Eu era bancária antes de ser jornalista. E essa questão do assédio eu sempre lidei assim sem nenhum trauma e nem nada assim. Sempre levei muito a sério o meu trabalho e nunca deixei afetar. Mas você vê... Você na redação, você vê com as suas colegas. É uma realidade que não tem como a gente escapar, não.

(você pode contar a situação de assédio por que passou?) Ah, uma vez eu fui fazer uma entrevista. Eu tinha uns 24 anos. Ainda era repórter. Eu fui entrevistar um secretário de Fazenda e ele simplesmente ... no final da tarde, do expediente, ele marcou a entrevista e eu fui. E quando eu entrei na sala, ele trancou a porta, né, trancou a porta e começou a me atacar praticamente. Aí, eu dei um empurrão nele e foi aquela confusão. Me grudei na porta, mandei ele abrir a porta. Fiz um escândalo doido (risos). E saí correndo de lá (risos) literalmente. E ele, como na época era uma pessoa muito poderosa, era muito dinheiro, né?, Então, ficava me oferecendo coisas e tal ... e na época eu era casada ... como se eu fosse uma garota de programa mesmo. E aí, eu ... eu nunca mais voltei lá e falei para o meu chefe que nunca mais me mandasse lá não. E ficou tudo por isso mesmo.

(como você se sentiu) A gente se sente péssima, né, porque a pessoa ... porque a gente vai trabalhar, né, e a pessoa vem com esse tipo de intenção. Agora, esse tipo de coisa nunca me afetou mesmo assim. Eu nunca encuquei muito com isso porque eu sofri muito com isso. Quando eu trabalhava no banco, era uma coisa terrível. Eu entrei no banco com 17 anos. Eu aprendi a lidar com isso de uma forma bem ... até assim ... eu não ... eu nunca fiquei com trauma desse negócio de assédio. Nunca chegou a ser uma coisa assim mais

agressiva. Era mais assim a questão de palavras, de cantadas, de propostas. Eu nunca sofri nenhum estupro, nunca fui violentada de nenhuma forma assim. Agora, eu nunca fui ... deixei que isso me abatesse com relação ao trabalho não, porque quando eu era jovem, mais jovem, eu era muito bonita, né? Geralmente os homens, os homens mais velhos, como esse secretário já era um senhor e ... faziam assim ... tinham esse tipo de comportamento. Mas tiveram outros ... entrevistado que passou a mão na minha perna, chamava para passar o final de semana não sei aonde. Teve coisas assim.

(você teve apoio do jornal? De colegas? Ou encarava sozinha) Nada. Todo mundo ficava rindo. Tudo vira bagunça. Vira galhofa assim. É uma coisa que ninguém leva muito a sério não. Assim, as mulheres, elas sempre são discriminadas. Todo mundo acha que não tem competência, que está ali só porque está dando para o chefe. Está ali porque é mulher e tal. E sempre tem, quem não conhece o seu trabalho, quem está lhe conhecendo pela primeira vez, não sabe o que você batalha. O que que você estuda. O que que você faz. Então, você acaba passando por esse tipo de discriminação por causa do gênero mesmo. E tem a questão salarial. Eu tenho certeza que se fosse um homem na minha posição, estaria ganhando mais.

RELAÇÕES DE GÊNERO – DESVANTAGEM POR SER MULHER

Ó lá na minha redação... eu posso te falar por lá. Lá, todo mundo ganha igual. Não tem diferença. A única pessoa que ganha mais sou eu, que sou a chefe. E lá, além de mim, só tem uma mulher. Todos os demais são homens. Eu já tive fotógrafa mulher, diagramadora. Mas no momento estou só com uma estagiária. O resto é homem. E essa questão salarial é igual. Não tem diferença não. Lá, onde eu trabalho, né?

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE

Você fala igualdade com relação à equipe?

(equipe, distribuição de pautas, inclusão) Não, eu acho que aqui a gente não tem muita essa questão de divisão não, de gênero, não. A gente dá oportunidade para quem for buscar. O lance é o negócio da competência mesmo.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE E DESIGUALDADE AÇÕES EMPRESAS

Não, eu acho que aqui não existe essa questão ... ah, de tratar só jornalista homem ou jornalista mulher. Está muito diversificado em todos os setores no governo, na prefeitura, nas assessorias. Eu acho que tem até mais mulher do que homem.

(há diferencial na liderança exercida por mulheres) Eu acho que um pouquinho assim na televisão, mas no impresso não tem diferença não. Na televisão, as mulheres fazem matérias um pouco mais elaboradas, caprichadas. Mas no impresso não vejo diferença não.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO NEGRAS E NEGROS

Olha, considerando... O total deixa eu ver ...
(qual é o tal?) Seis repórteres.

(no total?) No total. Fora o fotógrafo, né? O fotógrafo e seis repórteres. Sete. Dois diagramadores e um revisor. São dez pessoas, né?

(quantas são brancas e quantas são negras) Olha, como eu poderia classificar como branco? As características ou a cor da pele.

(características e cor da pele) Da cor da pele, negro mesmo ...

(com traços negroides, nariz chato, lábios grossos, cabelo crespo) Cabelos encaracolados. Peraí que vou contar. Peguei um pale. Negro da cor da pele só um: o motorista e também fotógrafo. Cor da pele, cabelos e características eu vou ter quatro, cinco.

(cinco brancos?) Não, cinco com características negras. Apesar de não ter a pele negra, mas tem as características: cabelos encaracolados, lábios grossos ...

(seria mais para indígena? Ou seria negro?) Não, seria mais para negro mesmo. E quatro brancos. Dois com olhos claros, loiro...

(70% de negros no Acre, né? Dá para dizer seis pessoas negras e quatro pessoas brancas. É isso?) Isso.

(e nessa tu te classifica como uma mulher negra?) É. Os meus cabelos são lisos. Mas são negros. Eu tenho a pele morena. Porque é a minha parte mais indígena. Por isso, parda. Meus lábios são grossos. Eu não tenho característica de pessoa branca.

RELAÇÕES RACIAIS – VANTAGENS DOS BRANCOS

Não, eu acho que eu esse tipo de problema eu nunca tive não com relação à etnia. Nunca senti desvantagem não.

RELAÇÕES RACIAIS – PRÁTICAS RACISTAS

Mas no jornalismo?

(sim) Eu acho que sempre existe, né?, a questão do preconceito. Não é assim ... digamos assim um preconceito aberto, é velado. Eu acredito que sim porque você não vê aqui nos telejornais ... aqui eu acho que nós temos um apresentador negro. O resto ... os demais apresentadores, repórteres ... todos são brancos. E eu acho que existe sim.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE DESIGUALDADE

Pois é. Da mesma forma que eu falei anteriormente. Eu não vejo negros ocupando cargos de chefia não. Aqui no nosso jornalismo não. Só existe um apresentador aqui que é na TV Acre, afiliada da Globo, e só. Nos demais, não vejo. Não vejo.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE E DESIGUALDADE – AÇÃO DAS EMPRESAS

Ó, no caso lá do jornal, já trabalharam várias pessoas negras. Mas elas não saíram por causa dessa questão. Saíram porque quiseram e tiveram outras oportunidades, entendeu? No caso do impresso, eu posso falar porque a gente não tem a questão da aparência. A questão maior é a questão da competência. Mas, eu não sei se as televisões no caso poderiam fazer um trabalho com relação a essa oportunidade, né? Porque eu não vejo ... como eu te falei, eu não vejo repórteres negros na televisão. E eu não sei se essa questão é aleatória. Eu não poderia te dizer. Mas eu acho que daria para as empresas diversificarem e darem mais oportunidade porque não vejo diferença entre um repórter negro e um repórter branco desde que faça bem o seu trabalho.

RELAÇÕES RACIAIS – TRAJETÓRIA

Olha, eu me considero uma exceção. Primeiro, porque não tenho formação em jornalismo. Segundo porque meteoricamente sai de repórter da rua para chefe de redação em três anos de trabalho. Eu não tinha praticamente experiência nenhuma e foi aposta que fizeram em mim e eu tive de dar conta do recado de qualquer jeito (risos). E por ser mulher, uma jovem, quando assumi a editoria eu tinha 26 anos. E eu sofri muito. Eu nunca tive licença-maternidade, né. eu tive dois filhos ao longo da ... a primeira eu tinha ... mas os outros dois foi ao longo da ... Eu fiquei nove anos sem tirar férias mesmo. E adquiri com isso tudo todas as doenças imagináveis e possíveis que você pode imaginar (risos), entendeu? Então, eu sofri muito. Ser mulher em cargo de chefia, de cidade pequena, onde tem um monte de gente querendo te derrubar. Eu ... por duas vezes eu fui tirada da editoria e diminuída salário porque os meus pensamentos não estavam de acordo com as pessoas que estavam governando. Então, iam lá e mandavam me tirar. O meu chefe não queria me demitir, mas me botava para escanteio. Entendeu? Então, foi difícil. Mas ao longo desse tempo eu tive conquistas. Eu tive melhoria de salário. Melhoria de tempo também, porque eu não tinha tempo de nada. Trabalhava de manhã, de tarde e de noite. Saía do jornal a meia-noite. E aquilo tudo ia me fazendo ficar muito doente. Mas hoje ... mas também depois de cem anos lá dentro ... hoje eu posso te dizer que eu estou num trabalho mais tranquilo porque eu vou paara o jornal pela manhã, né, 8h, passo a pauta e volto para casa. Só retorno ao jornal às 7h da noite e fecho o jornal. Mas antes a minha vida era muito, muito, muito complicada. Eu tinha que ter dedidção exclusiva. Os meus filhos quase não me viam. Tudo isso para manter um salário, né, para manter um certo padrão. E sempre foi muito complicado. Hoje não mais muito. Não mais. Mas eu já sofri muito por ser mulher e consegui manter o meu lugar, né? Mas foi difícil. Mas é difícil.

(como você lidava com os filhos sem licença-maternidade) Os meus filhos foram criados por babá, né? Sempre tive babá. Babá, babá, empregadas e tudo. Com um mês com dois meses de parida eu voltava para a redação. O meu chefe ficava ligando, ligando, ligando... enchendo o saco, enchendo o saco... E eu com medo de perder o meu trabalho, né?, e aí eu voltava. Eu sempre voltava.

(que sensação você tinha com essa pressão?) Ah, era terrível. Nessa época, os meus filhos ... a minha filha do meio ... quando eu assumi a editoria eu estava grávida. Foi um período terrível. Eu fiquei a gravidez inteira aprendendo a ser chefe, porque eu não sabia o que era ser editora-chefe. E eu sofria muita cobrança. Eu grávida. Engordei muito. Tive um monte de distúrbio de saúde e tal. E quando tive a Beatriz eu estava com um ano na editoria, Então, eu não podia me ausentar mais muito. E o meu chefe ficava ligando, ligando e eu tive que voltar ainda com dores na cesariana, né? Aquela confusão toda. Mas você volta morrendo, porque deixa o seu filho em casa, né? Mas era aquilo .. naquele momento aquilo ali era o jeito. Eu tinha um marido mala que era um pão-duro desgraçado e eu tinha que me virar. Eu tinha que pagar as minhas contas (risos) e manter aquele padrão. Era eu e eu mesma. Não tinha em quem me apoiar. Tinha de me sacrificar. Era um sacrifício, né?

(que doenças você desenvolveu?) Olha, eu por conta desse estresse, por conta da vida sedentária que você fica naquela coisa de redação, bebe, fuma e não sei mais o quê, eu tive, com 29 anos, eu já tinha muito problema de colesterol. Problema de triglicerídios. Na época, eu era bem magrinha. Aí, depois por conta de dormir pouco e descansar pouco,

essas coisas e o estresse e muita raiva, eu desenvolvi fibromialgia, em 2001, né? A fibromialgia, você sabe? É aquela doença crônica que você morre de dor. E aí fibromialgia com depressão e aí junta tudo e é aquela confusão. Depois veio a obesidade. A pessoa engorda para caramba (risos). E estou eu aqui nesse estado crônico que preciso emagrecer se não eu vou morrer. É muita pressão alta, né? Junta tudo e é isso. É o resumo da minha vida.

RELAÇÕES RACIAIS – FUTURO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Olha, eu não tenho muitas boas perspectivas não. Nesse tanto de tempo que eu estou na área eu vejo pouquíssimas evoluções. Vejo os donos de veículos cada vez mais ricos, cada vez mais poderosos. E os jornalistas cada vez mais explorados e pior remunerados. Sabe? Eu não vejo muita coisa boa não. O que me entristece mais é a questão da qualidade, sabe?, dos nossos jornalistas. Eu vejo que cada vez está saindo pior das faculdades. Porque agora aqui nós temos faculdade, sabe? Aliás, tínhamos duas faculdades formando jornalistas Mas eu não vejo uma qualidade – sabe assim? - do que está saindo de lá não. Eu acho que tinha que ter um pouquinho mais de critério e um pouquinho mais de cuidado porque é tanta gente que sai da faculdade falando que é jornalista, mas não sabe nem escrever, nem pensa nem lê. Sabe um pessoal que não lê nem bula de remédio? Aí eles veem jornalista com um status, assim aquela com uma coisa, é o cara que vai mudar o mundo e tal. Mas eles não conseguem nem completar um raciocínio lógico. Entendeu? Então, eu fico triste quando eu vejo um monte de jovens entrando nas redações, porque lá no jornal, eu sempre pego o pessoal da faculdade. Eu vou lá na UFAC e falou: gente vamos lá fazer estágio, vamos escrever, blábláblá. Mas precisa ver ... cada coisa que vai! É triste. Eu acho triste.

(você está no sindicato, né?) Sim, sim. Eu sou tesoureira do sindicato.

(você está há bastante tempo?) Não, não. É a primeira gestão. A gente acaba agora em novembro.

(explico mais sobre o estudo) Mulher sempre sofre mais, né? Sempre sofre mais dentro do trabalho. A gente carrega pedra o tempo todo. É fogo. Mas está bom. Vbmos vivendo. Vamos levando.

JULIANNA GRANJEIA



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Foi sem querer. Meu sonho desde criança foi fazer Medicina. Nunca tive dúvida de que eu ia ... de que eu não ia ser médica. Daí, não passei no terceiro colegial. Fui par ao

cursinho, numa fase difícil, conversando com meus professores meio com medo de assumir que não era Medicina o que eu queria ... Eu era muito próxima dos meus professores de Português. Meus professores de Redação, Literatura, de Gramática disseram: “olha, a gente acha que você está na área errada. Sua área não é Biológica. Sua área é Humanas. Porque você vai sempre bem e tira todas as notas máximas das disciplinas de Humanas. Aí, eu falei: o que eu ia fazer? Na época, quem fazia Letras era professora. E eu não quero ser professora. O que eu vou fazer, né? Daí, eu ... minha professora de Português conhecia o pessoal da Faculdade de Jornalismo e falou: “por que você não vai lá conhecer” ?. E nisso, nessa época do terceiro colegial e do cursinho ... as minhas redações que eu fazia em sala de aula para treinar a redação do vestibular começaram a sair no jornal da cidade. Eu morava numa cidade pequena ... enfim ... os professores gostavam e sei lá. Aí, eu fui lá conhecer. Me encantei. Já arranjei estágio logo, no primeiro ano, e nos primeiros meses eu me achei e disse: nossa, é isso.

DEFINIÇÃO DO TRABALHO COMO JORNALISTA

Que difícil? Eu acho que, como repórter, eu sempre me coloco na função de repórter que é o que eu gosto de fazer: informar. Acho que esse é o principal ponto da minha profissão. Eu nem tenho sonhos ou nada assim de ser editoria porque eu gosto de reportagem. Eu gosto de ir até as pessoas, ouvir histórias, ver de perto, com meus olhos e isso de estar na rua. Isso é o que eu acho importante. Ouvir as histórias e transcrever e levar para o maior número de gente como forma de uma simples informação ou como forma de ajudar alguém ou algum lugar. Enfim. Às vezes, a gente não tem só o papel de informar, né? A gente pode ajudar. E eu gosto muito dessa parte também.

SEXISMO

Acho que é quando um sexo é ...uma atitude de discriminação por causa do sexo. Por exemplo, quando homens são privilegiados por serem homens em detrimento das mulheres.

RACISMO

Racismo é o preconceito por causa da raça.

PRÁTICAS SEXISTAS OU RACISTAS NO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Sexista já. Dentro de redação. Racista não porque eu nem lembro de ter trabalhado com negros de tão brancas que são as redações. Sexismo é ... de editor dar em cima de repórter e de ... também, por exemplo, num caso mais recente, um colunista do jornal, que não fica na mesma base da repórter, tuitou no perfil dele a foto de uma freelancer que era subordinada ao meu local de trabalho (São Paulo) e não a base dele, né?, subordinada aos meus chefes. Publicou foto dela e ficou elogiando ela de um jeito, exaltando a beleza de um jeito pesado que várias pessoas foram até o perfil dela. Era assédio. Vai. Era assédio. Assédio público.

(lembra de expressões?) – Não, mas eu vou te contando a história que eu sei onde achar. Aí, os meus chefes, que são os chefes dela, vieram aquilo porque algumas pessoas mostraram porque estava chato, estava pesado. E os chefes, todos homens, viram e riram. E falaram que era aquilo mesmo e que não tinha problema ou que ela também posta fotos ousadas no perfil dela, como se justificando. Ah, ela é modelo, posta foto ousada e não pode reclamar. Esse foi o último caso que eu lembro porque foi bem marcante e eu presenciei tudo. Ah, a palavra que ele usa recorrente é musa. Ficava chamando de musa.

(com tu te sentiu? Como as outras mulheres reagiram?) – Eu fiquei indignadíssima porque eles riam enquanto eles iam lendo do que o cara estava escrevendo como se fosse uma coisa: “aiiii, é assim mesmo. É assim mesmo. Ele faz assim com todas as mulheres. Ele tem as musas dele”. Eu fiquei indignada porque não é assim mesmo. Não é normal. Não foi um simples elogio. Foi um dia inteiro se referindo à menina e ele estava stalking ela, postando fotos antigas dela. Isso não é elogio. É diferente. Além do que ele está num posto de colunista, muito acima dela. Ela é apenas freelancer. Então, tem essa questão da hierarquia em que ela não pode reclamar, porque ela precisa trabalhar na cabeça dela. Porque ela falou isso, eu conversei com ela. Ela: “eu não posso reclamar, porque eu preciso trabalhar. Preciso do trabalho”. E eu fiquei muito indignada, revoltada e impotente, porque você fica impotente. A gente foi mostrar o caso e quem podia fazer alguma coisa ficou rindo. Achei desrespeitoso também. Foi isso.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES MULHERES

Assédio. Assédio sem dúvida. Assédio não só dentro da redação como fora. Quando a gente está em trabalho, de fonte, de entrevistado, desde pessoas simples que a gente entrevista até pessoas do alto escalão. Assédio sem dúvida é o pior problema.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES/PROPENSÕES HOMENS

(respira fundo) Talvez eles fiquem mais expostos à violência, porque eu percebi na época dos protestos que, quando começou a ficar muito violento, os editores preferiram mandar os homens para a rua, para cobrir os protestos do que as mulheres. Por causa da violência. (mais alguma coisa?) – Ah, o que me vem agora à cabeça é que a maioria dos chefes são homens. São mais propensos a subir de hierarquia na carreira.

RELAÇÕES DE GÊNERO – DESVANTAGEM POR SER MULHER?

Não sei. Não sei se desvantagem. Mas nessas situações de assédio, violência, eu por ser mulher me sinto pior. Vamos dizer assim. Acho que se eu fosse homem, eu não passaria por essas situações de violência e de assédio ou de ter que não ... não poder é forte, né?, porque ninguém me proibiu por ser mulher ... mas a gente como repórter que estar na rua. Então, você se sente desprivilegiada.

(cobertura nas manifestações?) – É. Mas eu não cheguei a ser barrada. É nunca aconteceu de eu ser barrada, mas eu vi, principalmente, nas do ano passado (2015) e essas últimas ... eu vi a preocupação dos editores em mandar até porque no último jornal que eu passei

(O Globo, em São Paulo), uma mulher foi agredida e ficou com marca e tal. Então, eu vi que tinha uma preocupação de mandar mais vezes os homens do que as mulheres. E isso é diferenciação por sexo, né?

RELAÇÕES DE GÊNERO – EM FAVOR DE HOMENS JORNALISTAS?

Esse caso que eu te contei.

(algum outro?) – E fiquei sabendo de várias histórias de mulheres vítimas do mesmo editor. No caso, um editor conhecido em Brasília, de um grande jornal, um editor de alto escalão. Um grande jornal que tem sucursal em Brasília, tem um editor, reconhecido no meio por ser um grande assediador de repórteres. E ele assim já tiveram reclamações. Já houve demissão por causa dele, uma pessoa que ficou doente e foi demitida. Só que ninguém fala nada. Mas não acontece nada com a pessoa. Ele é um grosso, além de tudo, mas está lá intocável no caso dele. Isso eu não vi. Mas eu conheço vítimas. Eu sei da história porque foram amigas minhas que me contaram.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE SALARIAL E DE CONDIÇÕES NEGRAS E NEGROS, BRANCAS E BRANCOS

Eu acho que isso está mudando. Quando eu entrei no meu primeiro jornal grande, era diferente. Acho que tinha muito mais homem em cargo de chefia, com mais responsabilidade. Hoje, isso está começando a mudar. Colunistas também eram sempre mais homens. Acho que agora, como o feminismo está muito em alta e a gente fala muito, eles estão começando a prestar mais atenção nisso. Mas uma coisa que me chama a atenção é que você não vê um diretor de redação, diretor, um chefe a figura – só porque está mais fácil – um Sérgio D’Ávila (diretor de redação da Folha de S. Paulo) mulher, diretor de redação. Todos os grandes jornais se eu não me engano – não posso falar ... – mas desde que eu lembre, desde que eu entrei na profissão não e vi uma mulher como diretora-geral da redação. Você tem mulher colunista, mulher editora de caderno, tem mulher sub, mas não tem mulher na diretoria.

(o que você pensa desses espaços ainda “reservados” aos homens?) – Eu acho que é fruto da nossa cultura machista, né? Os jornais sempre foram, a grande maioria antigamente feitos por homens e discutidos por homens. E nós herdamos isso. Agora a gente – dentro de uma redação a gente é tratada de igual para igual. Eu não vejo... por exemplo, em distribuição de pauta eu não vejo sexismo. Nunca tive esse problema. Por onde eu passei, nas editorias por onde eu passei, a gente sempre foi tratada de igual para igual. Mas a gente sabe de história de fonte política que prefere falar com mulher. E aí o editor vai mandar a mulher porque sabe que a chance de o cara falar é maior. E o que mais me incomoda é isso: o fato de não ter tido uma mulher na posição mais alta do jornal, porque eu acho, por exemplo, desse caso famoso da pessoa de Brasília ... Se o cara é reincidente e o caso é levado para a diretoria do jornal, se é uma mulher que recebe esse tipo de reclamação, eu acho que seria outro tratamento do que o diretor, um homem, receber esse tipo de reclamação, que pode rir, que pode achar normal. Eu acho que uma mulher tende a não achar normal e a não rir de uma questão de assédio no trabalho.

(existem oportunidades iguais para mulheres e homens negros?) – Eu acho que não, porque como eu te disse, as condições. É eu acho que não tem as mesmas condições

porque eu não lembro de ter trabalhado com repórteres negros, por onde eu passei. Então, eu acho que eles são a minoria. Então, não têm as mesmas condições.

(te causou estranheza ter encontrado nenhuma ou poucas pessoas negras?) – Sim, desde a faculdade. Na faculdade, a gente chegou a discutir isso porque a gente tinha uma sala de 38 alunos e um só era negro.

(a redação ganha ou perde sem a presença de negros?) – Com certeza perde, porque ... gente! Em pauta, questões ligadas ao racismo, mas a gente, redação branca, não tem competência para falar desse assunto como um negro teria. E nós temos uma grande parcela da população negra. E como assim uma grande parcela da população negra não está representada dentro da redação?

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE

Ah, com base em gênero eu acho que é isso: ter mais mulheres em cargos de chefia. Mas não só em cargos ... chefias de redação, chefia de administração, chefia de ... em todo o processo do jornal. Como a gente não tem plano de carreira definido dentro de uma redação de jornal ... esse espaço de direção e administração. Normalmente, grandes empresas têm plano de carreira. Você começa como funcionário um. Depois de um tempo passa a funcionário dois. Depois de um tempo de casa. Ou você faz uma prova e é promovido. Dentro de uma redação, as promoções são de acordo com o humor, o gosto da chefia. O chefe gosta de você e te promove ... ou não gosta de você e você fica ali para o resto da vida. Simplesmente, de uma forma simplória explicando é isso. Nem sempre é pela sua qualidade do trabalho que você cresce dentro do jornal.

(quais são os elementos, o gostar?) – Ah, é questão de afinidade ideológica, afinidade pessoal. Ou algum princípio editorial. É muito subjetivo. Cada jorna, cada diretor também é de um jeito, né?

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO NEGRAS E NEGROS

Ah, o racismo, né? Eu imagino que quando um repórter negro vai para a rua ele possa sofrer preconceito de pessoas que ele precisa entrevistar para o trabalho dele.

(e dentro da redação? Seria alvo de preconceito ou não?) – Ah, acho que não. Nunca fiquei sabendo de nenhuma história pelo menos.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO BRANCAS E BRANCOS

Puxa, que pergunta difícil. Ah, é nesses tempos de discussões mais acaloradas sobre feminismo, sobre racismo. Algumas pessoas do movimento negro têm resistência de falar com repórteres brancos. Eu já passei por isso.

(como você se sentiu?) – Aiii, foi muito triste. Muito triste.

(por que?) – Porque eu entendo que a pessoa estava no direito de desconfiar de mim. E eu como branca, privilegiada na sociedade, eu tive que ficar quieta de um negro desconfiar de mim. É lógico que eu fiquei indignada porque a pessoa não conhecia o meu trabalho. Não sabe como eu escrevo e tal. Mas nesse momento de discussões e de ... como chama?

... é... não é destaque ... quando quem é o responsável pelo movimento que fala e tem que falar?

(liderança?) – Não. Não é liderança. Mas enfim.

(porta-voz?) – Não, não. Mas é isso. Fiquei chateada porque a pessoa não conhecia o meu trabalho, mas eu imagino que ela tem as razões dela.

RELAÇÕES RACIAIS – VANTAGENS DOS BRANCOS

Olha, eu como branca (risos) privilegiada não vou saber te dizer porque a gente não percebe essas coisas, né? Mas eu ... por exemplo, em processos seletivos, eu não concorri com negro para dizer se eu tive privilégio ou não. Mas eu imagino que de certa forma ... eu como branca, quando empregada, estou ocupando um lugar que poderia ser de um negro e não foi.

RELAÇÕES RACIAIS – PRÁTICAS RACISTAS

Por parte de jornalista sendo desrespeito com negro?

(fonte? público? colegas?) – Com jornalista eu nunca vi não. Agora, na rua, quando você está na rua, cobrindo alguma coisa já.

(em que contexto?) – Ah, em ações que envolvem a polícia. E como se chama ... em desapropriação de terreno, em protesto ou em virada cultural. Eventos com grande ... com muitas pessoas. Ou que tem blitz e a polícia vai revistar ... quem sempre é revistado são os negros, não são os brancos. Sempre quando a gente vê ... jornalista ... quando a gente vê isso e eu já fiz isso, a gente interroga, questiona o policial. Por que você está revistando só o negro? Isso acontece direto. É muito comum.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE ou DESIGUALDADE

Olha, tem inúmeras pesquisas mostrando que não, né? Salário mais baixo, postos mais baixos. Sempre leio pesquisas sobre isso.

(isso se aplica às redações) – Sim, sim. Sobre salário, eu não sei. Mas sobre postos sim.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE E DESIGUALDADE – AÇÃO DAS EMPRESAS

Eu acho que não é igual entre brancos e negros. Agora, o que fazer? O que fazer realmente eu não sei. Eu estava aqui pensando, porque ... eu acho que não tem tanto negro se formando ou querendo assim ... como na minha faculdade só tinha um negro. E as outras salas, que eu vi foto ou vi, negro sempre é minoria. Eu acho que ... não oferece ... ou com os alunos negros formados. Acho que a gente cai naquele problema da cota, de que os negros têm dificuldade de ter acesso ao ensino superior. E isso reflete no mercado de trabalho. Agora. E aí reflete no mercado de trabalho. O número de negros na faculdade reflete no mercado de trabalho. Agora uma ação específica das redações... eu como branca não me sinto à vontade para falar. Eu realmente não sei como poderia ser feito. Não sei se de repente o esquema de cotas ou abrir um processo seletivo somente para negro. Eu

não sei. Eu realmente, como branca, não me sinto à vontade assim para apontar um caminho. Acho que os negros poderiam falar melhor sobre isso.

RELAÇÕES RACIAIS – TRAJETÓRIA

Exceção. Exceção. Completamente exceção. A começar de onde eu vim, onde eu me formei. Da minha sala, daqueles 38 eu acho que só eu e mais três seguimos no jornalismo. E que chegou em redação grande, só eu. E, nos últimos anos prá cá, muita gente desempregada. E eu agora desempregada. É Então, enquanto eu estava empregada e na trajetória que eu tive, exceção. Sem dúvida.

RELAÇÕES RACIAIS – FUTURO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Olha, eu espero condições de trabalho igualitárias tanto de gênero quanto de raça. E que as mulheres possam ser tratadas como colegas de redação e não como pedaços de carne pelos seus superiores. E que a gente tenha uma redação igualitária de raça até para essas questões sobre preconceito que estão à tona, que estão sendo feitas na sociedade, deveriam ser levadas para a população por meio do jornal. Que as mulheres possam ter os mesmos cargos de diretoria que os homens têm e que as mulheres não sejam vistas como pedaços de carne pelos seus superiores e colegas de trabalho. E que essas discussões importantes que estão acontecendo agora na sociedade, sobre racismo e sociedade, possam ser levadas à população pelo jornal e por repórteres negros e não por repórteres brancos como tem acontecido agora.

(como uma jornalista que está fazendo Inglês na África do Sul, quais as semelhanças ou diferentes entre Brasil e África do Sul?) – Eu achei uma loucura porque aqui o preconceito é muito forte. Aqui a segregação ainda existe. A gente lembra da África do Sul do fim do apartheid, do Mandela, mas a gente chega aqui e vê que a realidade de um tempo atrás ainda não acabou. A gente vê divisões nítidas entre negros e brancos de regiões em que só branco frequenta e, nessas regiões, os negros estão na cozinha. Estão servindo os brancos. E regiões onde estão os negros. As favelas são muito distantes do centro. Aqui você pode viver tranquilamente achando que a cidade é linda, que tudo funciona, porque no centro é tudo bonito, limpo e certinho. Mas a favela está muito, muito, muito longe. Se você não procurar, não tiver interesse sobre como de fato as pessoas vivem aqui, você fica feliz no centro rico e branco. E aqui também tem a questão muito forte do machismo, porque as culturas locais; elas permitem a poligamia. E por mais que ... nem todos hoje em dia praticam ... acho que só tribos afastadas praticam mesmo a poligamia ... aliás, a poligamia só é permitida por Constituição para respeitar a cultura. Hoje em dia eles não praticam mais ... a relação com a mulher é machista. Tanto que é o país, capital do estupro no mundo. Mas o que fiquei sabendo aqui, uma coisa que me chamou a atenção é que o estupro ele não se dá como mulheres brancas nem com mulheres brancas estrangeiras. Os estupros são com as mulheres negras e que pegam a mesma van que eles para ir para a mesma favela, longe, depois do expediente. É uma coisa tão louca e tão segregada na cabeça deles que até na hora de cometer um crime, o crime é entre eles. Não é com branco. Não vamos mexer com a branca turista porque vai todo mundo falar. Agora, se estuprar uma negra é normal. Pode. Ninguém vai falar nada. É, é muito chocante.

(semelhanças ou diferenças com o Brasil?) – A de semelhança a bagunça política. A democracia é recente até mais recente do que o Brasil. E eles têm um problema de corrupção muito, muito grande aqui. E não só corrupção política, mas a corrupção nossa de cada dia. Corrupção policial, o jeitinho. Que mais de semelhança? Ah, mas tem aquela coisa: é um povo sofrido, mas está sempre dançando. Aquela imagem de nós brasileiros. Os negros aqui eles têm um sorriso lindo. Estão sempre sorrindo e dançando. Passa aquela imagem de que eles são felizes e está tudo bem. Que mais? Problemas com infraestrutura. Se bem que o Brasil, está um pouco mais avançado em infraestrutura e tecnologia. Que mais? A desigualdade, né? Desigualdade muito grande. Desigualdade, racismo, machismo assim como tem no Brasil, tem aqui também.

(segregação racial é semelhante ou diferente do que tem no Brasil?) – Olha, por incrível que pareça, no Brasil, a gente está mais misturado mesmo. Embora tenha preconceito, a gente vê mistura. A gente vê negro e branco frequentando os mesmos lugares com mais frequência do que aqui. Aqui é realmente muito, muito separado. Tem uma praia muito famosa aqui, frequentada por turistas, e a gente não vê negro na praia, na área. Não tem negro. No Brasil, você vai em qualquer praia e vê negro e branco. Tem pobre e rico. Tanto é a gente está vendo a confusão toda que deu no Rio, né?, de tentar controlar os ônibus porque a periferia vai muito mesmo à praia. E não está nem aí. Aqui, a praia mais frequentada pela periferia e pelos negros é uma específica e chama Lutzemberg. É longe. Só trem vai para lá. Não tem ônibus. É bem afastada mesmo e é perto da favela. A praia onde tem o povo rico só tem branco. E nos bares, trabalham só negros. Eu acho que no Brasil a coisa é mais misturada.

MARA RÉGIA



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Eu sou daquela máxima de que a gente não escolhe nada na vida. A gente é meio que escolhido e as coisas acontecem assim muito de repente. O que eu tinha para mim como vocação, inspiração, ou qualquer coisa que o valha, desde pequena sempre fui liderança e sempre fui uma pessoa de muita comunicabilidade. Como eu nasci no subúrbio (do Rio de Janeiro), isso era crescendo ... Então, era o carnaval, os coretos. Meu avô era marceneiro. Então, fazia muitas dessas coisas, os coretos. Então, eu estava ali na cena. Depois eu me descobri no desenho, fiz um curso. Mas anos mais tarde ... eu sonhava em ser artista plástica e quando eu estive na Inglaterra isso ficou ainda mais forte. Eu estudei História da Arte e eu achei que, votando ao Brasil, o caminho seria as artes plásticas. Lá, eu cheguei a vender alguns quadro e tal. E é por isso que eu digo que você não escolhe,

porque apesar desses traços de personalidade, eu nunca jamais em tempo algum sonhei com radiojornalismo. E acabou sendo o que ocorreu na minha vida. Tanto que a minha primeira opção tinha sido, antes da Inglaterra, pela ..eu sempre quis fazer comunicação ... mas eu tinha optado pela Propaganda e Publicidade. E aí depois foi que eu fiz o segundo curso aqui na UnB já no jornalismo. E aí já com uma outra, uma outra intenção mesmo de ter uma ferramenta na mão para instrumento de denúncia e para uma ação mobilizadora e social. Isso sempre na minha vida esteve presente e sempre foi um traço. Uma meta. E aí, eu acho que tem todo um trabalho de coerência com essa determinação.

DEFINIÇÃO DO TRABALHO COMO JORNALISTA

Ah, isso é muito difícil (risos). Ah, eu acho que eu tenho privilégio atualmente de estar num emissora que me dá a chance de falar para um território pelo qual eu sou absolutamente apaixonada que é a Amazônia. Então, poder chegar aonde ninguém quer sequer ir é muito instigante. A Amazônia ela te confronta também. Ela te coloca frente a frente com os teus medos tanto do ponto de vista das doenças que você pode pegar lá, os ataques dos insetos, dos jacarés, dos volumes das águas. É todo assim um cenário diferenciado. Isso me coloca em movimento. Me mantém viva, porque mexe com os meus líquidos também, né? Então, acho que é muito essa dimensão de chegar numa terra, como eu cheguei em Brasília. Eu chego em Brasília, nos anos 1970, numa cidade por fazer. Com pouca identidade, com uma idade tenra. E foi aqui que eu encontrei a cidadania das mulheres relegadas àquelas que chegaram como trabalhadoras domésticas, que só tinham no rádio o seu amigo e o seu escape, o seu canal de denúncia também. Comecei a trabalhar com essas mulheres, no Viva Maria, na sua primeira formação sempre esteve alinhado com as trabalhadoras domésticas. A gente fundou a associação das domésticas em Brasília. A gente deu o maior espaço possível a essas trabalhadoras sempre na luta pelo direito desde o período pré-Constituinte. Então, particularmente nessas questões do racismo e da discriminação, essas coisas sempre tiveram um eco muito forte no meu coração e sempre me mobilizaram muito. Eu tive um contador de histórias na minha infância, que tinha trabalhado para o meu avô espanhol que tinha até morrido, e ele perambulava na minha família. E ele encontrou abrigo na minha casa. Era o Joaquim, pai Joaquim. Ele contava muitas histórias. Era um negro que viveu a escravidão e isso o que fez minha formação. Tanto que quando ele morreu ia ser enterrado como indigente. E minha tia conta. Eu não lembro porque eu era muito garota. Tinha nove, dez anos quando ele morreu. Eu disse: não. Tem que botar o Joaquim onde está o meu avô, onde está a minha avó, no cemitério lá. Naquela época, a gente participava do luto. O defunto era velado dentro das casas. Não sei, acho que isso é impensável no século 21. Mas a gente tinha ali aquela possibilidade de ter um velório, assistir em casa. O corpo saía, e as pessoas iam chorando para o cemitério. Isso era muito presente na vida. Não é uma abstração que se morre no hospital, e a gente impermeabiliza a dor, tentando fazer cerimônias muito rápidas para não sentir. Eu acho que a gente segue muito a tônica do distanciamento até para viver alguns sentimentos como esse que é tão normal. Ou deveria ser, né? A morte. Então, vem daí ... eu consegui enterrar o Joaquim no mausoléu da família mesmo pequena dada minha relação de afetividade com ele. Então, eu nem sei como eu cheguei a isso. Era uma tia minhaa, madrinha, a tia Luiza que contava para a família toda essa história. Daí, vem também toda a minha observação sobre o feminino, a violência doméstica que

eu também vivi muito na carne com minha mãe e meu pai, as diferenças de gênero muito acentuadas. Eu tinha um tio que era bancário e ele impedia a mim e ao meu irmão de nos relacionarmos com os primos, porque nós eramos filhos de mulher que trabalhava fora. Tinha vários traços assim, né? O analfabetismo do meu avô, porque a gente vem de uma estratificação social muito baixa. Eu sou a primeira da família assim que consegui chegar numa universidade. Então, eu acho que é isso. Eu sempre tive sensibilidade para essas questões porque são vividas. Vividas de uma forma muito intensa.

SEXISMO

O que eu entendo por sexismo? eu entendo por sexismo como um ... como todo o sufixo 'ismo', né. Os ismos das doenças. Mas eu acho que não é por aí. O sexismo é uma forma de você discriminar pelo sexo para ser bem rasa. É um processo de discriminação sexual a partir do qual você empodera uns e esvazia a cidadania de outros. Eu vejo isso. Sexismo para mim é a relação. Está mais ligado à relação social do sexo ou a relação do sexo na vida social. Eu vejo dessa forma.

RACISMO

Eu entendo como uma violência, né? Acima de tudo é uma violência. O primeiro de tudo é uma violência, né? Eu acho que em se tratando de século 21 é uma barbárie. Racismo é uma coisa que nos coloca nos primórdios da civilização. É uma violência sob todos os aspectos. Acho que define bem. Racismo é isso.

PRÁTICAS SEXISTAS OU RACISTAS NO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

(risos) Olha, desde o escárnio, o deboche, na hora da decisão das pautas, né? Você sabe que quando eu trabalhava no SBT, fazendo jornalismo lá, os sujeitos para me provocarem porque já sabiam que eu era feminista diziam assim: “hoje, você vai ter que acompanhar o grupo Pró-Vida, nas questões de aborto, né?” E inventavam pauta só para me constranger. Isso era uma coisa ... para eles, humor, uma piada. Uma forma de banalizar uma luta porque quando você faz daquela coisa algo risível é uma forma que você tem de diminuir-la, né? Você tira o tom de seriedade que aquilo tem. Então, assim como eu te dizia eu vejo desde a escolha das pautas e a embocadura, né, também. O tom que você vai dar à pauta, os meandros. E o racismo idem, idem. A grande parte – hoje eu acho que não a grande parte, quero acreditar que ... – ainda creem que o racismo acabou com a Lei Áurea. Acreditaram nessa tese de que o racismo não existe. (ironia) Graças a Deus somos um país multirracial e aí ... dentro ... e é tão espantoso. Agora mesmo eu faço parte do Comitê do Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça e aí um coletivo de mulheres escreveu uma carta aberta, aqui dentro da EBC, agora em janeiro de 2016. Você precisa ver a reação negativa de funcionários, trabalhadores que foram à direção que “essa história de mulher e homem, negro e branco, somos todos seres humanos. E não tem que ter esse negócio de cota para isso, cota para aquilo”. Uma negação total e absoluta e sempre partindo desse ponto de vista: “ah, eu vim de baixo e cheguei lá. Então, é sinal de competência”. Uma questão ... e não uma questão de igualdade, de reconhecimento, de cidadania, de oportunidades. Entendeu? E aí a gente vai ter que ... olha, eu já estou nessa

luta, o Viva Maria faz 35 anos. Eu acho que já faz uns 40 anos que eu lido com essas questões de perto tanto de gênero quanto de raça. E acho que eu vou morrer e não vou conseguir. Talvez a minha neta consiga viver uma sociedade de equidade e consiga viver a equidade socialmente. Não. Até pelo escamoteado da coisa, não se revela. Agora com a internet a gente tem aí com os facebooks da vida, com os twitters da vida uma revelação, um escancaramento. Mas isso só nos traz o recrudescimento de todas as questões, exarceba. É como se a gente estivesse ousando colocar luz no obscuro. Então, causa muita reação porque sabemos que os processos históricos as pessoas não querem perder o status quo. À medida que as cotas conseguiram emplacar os negros e os indígenas nas universidades, traz uma reação para a classe média muito grande. Quando você vê um filho seu perder uma cota porque está dando oportunidade para algo que eles dizem que não tem nada a ver com isso, porque se no passado foi injunto por que eu tenho que pagar essa conta?

(tem reação no jornalismo?) Sim. Permeia. Porque o que está lá fora, está aqui dentro. Está dentro das redações. A mídia se defende sempre quando identificada em algumas posições não muito confortáveis de que ela apenas reflete o que é fato na sociedade.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES MULHERES

Olha, o bom de a gente ter uma certa idade é que a gente tem exemplos que remontam com sua expressão e contundência o quanto essa discriminação foi perversa com todas as mulheres. Por exemplo, Congresso nacional. Eu sou do tempo em que a gente não se podia entrar com calça comprida. Se eu sou fotógrafa como a Paula Simas, por exemplo, a Mila Petrilo, pessoas dessa fase que cobriam a Constituinte e tal, elas tinham uma desvantagem enorme para acessar as galerias. Porque os homens de calça, eles davam pulos, se penduravam onde quer que fosse. E elas de saia eram impedidas a ter essa mobilidade. Mobilidade é liberdade. Acho que as fotógrafas, as mulheres fotógrafas, são um caso emblemático porque igualmente as mulheres expulsas da reportagem de TV como repórteres cinematográficas por conta de quê? Porque as câmeras de antigamente eram extremamente pesadas. Impossível para um corpo feminino segurar aquilo e dar conta de captar a melhor imagem. Então, eu acho que por muito tempo as ferramentas, a disposição do jornalismo, foram um impedimento a mais a nossa afirmação e ascensão profissional. Agora, fora isso há algumas incompatibilidades mulher e profissão no entendimento de muitos editores, não é? Por exemplo, o fato de você ter de se deslocar para a catástrofe, a tragédia ou incêndio, a situação limite, o bombardeio, a guerra. Você como mulher ... entende-se a nossa fragilidade trabalhando contra a nossa possibilidade de escolha, né? Você vê até hoje não tem um seguro de vida que te permita ... seu for para um front, se eu for para um confronto arcar com qualquer eventualidade. Quando fato fora do script. Então, eu nunca esqueço numa negociação salarial, ainda na Radiobrás, que a gente entrou com salário muito baixo e com a promessa de três meses depois ter um plus. E aí tinha um rapaz que apresentava um programa e eu no Viva Maria. E ele falou: “não, não, não. Com você, eu não vou conversar porque você não é cabeça de família. Então, deixa eu resolver primeiro o caso dele. Outra hora eu vejo o teu problema”. Isso tem um impacto muito forte na vida da gente. Mesmo que a relação seja perversa é triste quando você não recebe o que lhe é devido ou quando você se sente mal paga. Se você não estiver com a sua autoestima bem trabalhada, você é levada a pensar que o seu

trabalho não é competente assim ao ponto de você merecer mais que aquilo. Quando chega o final do mês e você vê aquelas poucas notas, aquele dinheiro tão pequeno perto da África que você faz, né? Aquele trabalho quase que heroico e não é compatível. É penoso. Muito difícil. Então, eu acho que essa condição ... sem falar, eu me lembro como se fosse hoje, quando nós conseguimos licença-maternidade de 90 dias na Constituinte. Nossa! O Roberto Campos, que era senador, disse que a partir dali só as balzaquianas teriam condição de ganhar mercado de trabalho porque as mulheres em idade fértil estavam fora. Por que quem era o patrão que ia lidar com toda essa coisa? Então, é flagrante. Para onde você olhar, essa questão é absolutamente contundente. Não tem o que discutir. E aí o reflexo disso é que você tem diretores nas chefias. Os maiores salários são para eles. E aí você está na rebordosa. “Ah, tá grávida”. Olham, veem a gravidez como doença, né? E uma série de outras impropriedades. Então, não há igualdade no trabalho nem salarial nem de tratamento nem de ascensão nem de nada. Por isso, a gente precisa de programas como Pró-Equidade para tentar dar uma chacoalhada a par das reações que são implacáveis. O pessoal resiste com muita agonia.

(você é membro do comitê?) Eu sou a representante nacional pelo conjunto da obra.

(você se sente atingida pelos pleitos?) Atualmente, nós estamos com uma campanha contra o assédio moral e sexual. E todos nós, Juliana, eu e todo um coletivo nos sentimos muito aviltadas. Os casos de homofobia são gritantes. Racismo idem, idem. E principalmente quando de propostas que têm o objetivo de alavancar igualdade de oportunidades e um olhar para o número de homens que estão no comando e de mulheres negras que ocupam chefias ... tudo isso é como se você estivesse desacatando o status quo. Então, isso é cruel. Pessoalmente, não porque somos um coletivo e a gente age em bloco, né? Mas aqui, ali as piadinhas, as coisas. E agora nas eleições isso foi terrível, né? O pessoal doido que “esse governo petista acabar. Acabar essa porcaria de cota, de gênero”. O pessoal é implacável e se defende como pode.

(que tipo de piadas?) É, eu posso te dar um exemplo do ponto de vista administrativo. Assim, a gente é um comitê. A gente tem demandas. E a gente precisa ter mobilidade, representação em várias regionais da EBC, mas você não tem dotação orçamentária para isso. É agora nós conseguimos uma inserção para ficar de baixo da DIP que é da presidência para pagar uma passagem para uma companheira do Rio vir aqui. Não para participar da reunião porque a gente faz por videoconferência. Mas, por exemplo, nós vamos ter a conferência das mulheres. A gente quer que o Pró-Equidade esteja lá como observador e delegadas, vamos eu e uma companheira. A gente precisa ter isso e não existe essa categoria. E quando você vai negociar uma coordenação para esse comitê. Quando você vai negociar um valor em dinheiro para as ações, tem sempre os muxoxos. E, quando não os muxoxos, tem o pior: uma burocracia que emperra e que deixa isso mmmno final da lista das prioridades. E aí não acontece. São formas de solapar, de escamotear as demandas assim, entende? Então, isso eu acho que é mais visível do que o enfnretamento. Tem assim... vamos fazer o lançamento do Pró-Equidade. Vamos nas redações para conversar e sensibilizar as pessoas. Fomos de balões lilases e (bate palmas e voz vibrante): ei, gente. Atenção! Ellen Oléria vai fazer um showzaço aqui e aí você vê que as pessoas não levantam a cabeça, se quer para dizer ... você tem três pessoas que te dão atenção e uma área de trocentas pessoas, como você vê aqui nessa redação. A área de Operação, Então, é zero. Porque eles não têm uma formação mais sensível. São ensino

médio. Acho que não tiveram a chance de estudar as questões de gênero. Às vezes, no estúdio, eu estou entrevistando um transexual que está reclamando seus direitos civis e o cara (operador) diz: (imitando e batendo leve na mesa) Pô, só faltava essa. A gente ter que dar um dinheiro para viado”. Ou Então, se você está discutindo aborto, né? , com a Débora Diniz falando sobre microcefalia: “ah, esse povo não tem religião. É pacto com o demônio”. Então, a toda hora. Se você entrar nessa bola dividida, você vai se dar mal. Eu fui vítima de um preconceito aqui dentro, um preconceito geracional, que é outra coisa. Sujeito aqui da redação (bate na mesa) por conta de uma discussão de pauta. Ele entrou no Sou+EBC, que é um grupo fechado, eu tive que ir na Ouvidoria interna e denunciá-lo. Ele disse (batendo na mesa): “essa velha não tem o que fazer mais aqui. Tem que abrir espaço e saber que a empresa é dos novos”. Então, assim. Doi muito. Você tem toda uma história. Toda uma trajetória e recebe esse tipo de desacato, de enfrentamento. Provocações, na verdade, extremamente violentas. Violentas. Eu passei mal nesse episódio. No fim das contas, aí vem de novo os panos quentes. Estruturalmente a própria empresa ainda não tem mecanismos de punição. Então, fica tudo ... “você promete que não vai fazer mais isso?”. Como um carão. E não como uma ação em que “você vai pagar por isso”. Entende? E essa entidade, pelo menos aqui na empresa em que eu ora trabalho não é assim. Deu para explicitar.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES/PROPENSÕES HOMENS

Viagens internacionais. Experiências no campo da ciência e da tecnologia, especialmente experimentações. Agora tem um projeto que agora quer levar pessoas a Marte. Então, você vai fazer aqueles testes. O futebol é o maior exemplo. Agora tem uma reação, mas até o futebol feminino há uma discrepância na valorização e desvalorização. Então, eu acho que a questão policial sempre com eles. Ganham a cena muito facilmente. Então, a cena determina o gênero. Eles trabalham ainda com essa perspectiva. E a questão da economia. A economia Então, é um campo ainda muito restrito. Já foi mais, né? É claro que eu tenho uma visão do jornalismo dos anos 1970. De quatro décadas.

RELAÇÕES DE GÊNERO – DESVANTAGEM POR SER MULHER?

Desvantagem por todos esses motivos que eu já te falei. Desvantagem. Nós vamos ouvir, mas vamos ouvir só os homens. Você não tem a mesma chance de chegar. E toda vez que você aumenta o seu protagonismo, incluindo aí, até o tom de voz. Logo conseguem achar uma identificação para você, meio jocosa. “Aí vem a nervosa. Já vem a ...”. No passado era TPM, agora é menopausa. Esses assuntos são muito comuns. “ah, tá na menopausa ... ah, tá na TPM”. Basta que alguém se arvore como mulher: “não, isso aqui é um absurdo” ...ou seja mais enfática pronto. Nossa. Já está devidamente dentro da caixinha. Já está devidamente rotulada. Rotulada era isso que eu queria falar. Eles acham sempre um rótulo para você: jocoso. E o ... “ah, mas ela é feminista”. (com desprezo?) É. Eu, por exemplo, eu sou a feminista. “Não leva muito a sério, não? Ela é feminista”. Entendeu? “Ela não consegue fazer um jornalismo imparcial”, porque você faz sempre um recorte de gênero. Então, é difícil que uma editoria assimile esse recorte. Entendeu?

RELAÇÕES DE GÊNERO – PRÁTICAS DE SEXISTAS

Nossa. O tempo inteiro. O tempo inteiro. Até na escolha no padrão. Para a tevê, a beleza. Sempre embutido ali a sedução, a troca, a passada de mão. Então, ... hoje eles estão mais cuidadosos porque tem uma legislação, né?. Mas na época em que isso não existia, era escancarado. Escancarado sem nenhum pudor. Como se fizesse parte da coisa (jornalismo).

(em favor de homens?) Ah, sim. Ah, sim. Até porque os homens são uma confraria. Eles são muito mais solidários. Porque a gente pelo complexo de Cinderela – e a Collette Dowling e fez isso magistralmente naquele livro do Complexo mesmo de Cinderela. A gente foi criada para disputar o príncipe, não é? E aí você não se solidariza não porque o espaço é tão estreito, é tão pequeno que você mais quer cavar o seu. Quem estiver por trás passa por cima... e os homens têm essa solidariedade. Observa. Aqueles que ascendem a um cargo superior, o presidente de uma empresa. Veja quem está em torno dele no primeiro escalão. São os amigos de infância. Mesmo numa empresa como a EBC que se pauta pelo concurso público e tal. Mas mesmo assim existe uma seleção.

(rede de solidariedade entre homens?) Sim. E o entendimento de que não tem nada pior do que um homem ser sustentado por uma mulher. Então, ele precisa ser o provedor da família e se voltou a discutir, inclusive, se as mulheres podem ou não amamentar os filhos em público porque isso pode parecer uma agressão aos olhos de quem vê um bebê mamando no peito de uma mãe. O que mais você vai esperar dessas pessoas? Tudo é dificuldade. “Ah, criar uma creche aqui dentro. Ter uma sala de amamentação. Ó quanto trabalho a gente vai ter com essas mulheres”. Eles não veem como uma dívida social a mesma que existe com relação aos índios e aos negros. Não veem como uma dívida social que precisa ser saldada. Não, veem como entrave. Despesa. sabe? Isso é muito visível. Pode ser, hoje, como te disse, pode ser velado, mas está imbutido. Uma série de ações que eles não vão escancarar.

(avanço na legislação, mas questões discriminatórias são mais veladas?) É.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE

Não. Não vejo ainda. Não consigo. Tanto que aqueles que você vislumbra pertencem, em primeiro lugar, a uma única rede de comunicação que é quase hegemônica no país, porque se fortaleceu sabemos como. E você contam nos dedos as jornalistas que se transformaram em âncoras e que estão ganhando fortuna. Até mesmo uma Ana Paula Padrão que ... ela é um case. Ela entrou aqui como estagiária. Um dos diretores quase que se apaixonou-se por ela. Deu todas as oportunidades. A ascensão dela de estagiária para contratada foi uma coisa assim ascendente. E dali para frente ela sai e vai para a Globo. E começa toda uma trajetória de repórter e depois vai para a Economia. Quando você pensa que essa mulher vai se consolidar nesse campo para dar justamente ... claro que ela se valia muito da produção da Valderez Caetano, né?, essa sim era um pessoa de muita dedicação e conhecimento no campo, né? Então, sei que havia uma negociação assim para edição, para a matéria emplacar, para entrar no Jornal Nacional, quando disputa espaço

assim. Aí, a sexualidade fala mais alto. Você tem que se insinuar. E onde acabou a Ana Paula Padrão? Nas manchetes, nas capas de revista como Manequim e outras tantas, né? E o corpo, né? O corpo vem primeiro e não o potencial jornalístico dessa moça ... que em que pese algumas viagens para reportagens especiais e ter ancorado um jornal da Globo por um bom tempo, né?, quando saiu a desculpa qual foi? “Ah, porque eu estou querendo engravidar e eu não posso ... preciso apostar numa vida nananan...”. Então, tem sempre a maternidade como uma justificativa ou um impedimento. Isso é ruim porque implica em especificidade em que no mundo do trabalho é desvalorizado. Entendeu? Hoje, onde ela está? No Master Chef. Encontrou o seu lugar: na cozinha. Não é?

(essa tem sido uma válvula de escape das que chegaram ao topo, não? Elas vão para o entretenimento no ambiente doméstico, né?) Inacreditavelmente. É muito apelativo. Você pega um programa Saia Justa, no GNT, que em tese seria para discussão. Mas como vem resvalando, né? Você pega uma Astrid que já teve um comportamento. Nunca foi uma jornalisssssstta, mas uma presença. Uma pessoa inquisidora. Lança uma campanha HeForShe. Onde ela estava ontem? Cobrindo carnaval da Vogue e aí assim super fantasiada e só na bobagem. Aquela coisa. Ela inclusive acho que escolheu o personagem daquela loura russa do Chacrinha ... Elke Maravilha. Então, ela estava meio travestida de Elke Maravilha com a mesma tonalidade das abordagens: “Você está com o vestido do fulano de tal. O meu também é assinado por ele”. Aí vira avenida Gomes Freire, de São Paulo. Então, assim cansa. Cansa porque onde tem que entrar a sua credibilidade. Essas coisas chamuscam o jornalismo de uma forma impiedosa, não é?

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE SALARIAL E DE CONDIÇÕES NEGRAS E NEGROS, BRANCAS E BRANCOS

Nunca. Nunca. Nunca. Por tudo o que eu já disse. Não. Não. Não. Absolutamente não. Não, no Brasil. Mas também no universo internacional eu te confesso a minha ignorância. Não domino. Mas, sabe? Você é tão raro, tão raro que acaba se tornando nome de prêmio no jornalismo como Abdias Nascimento. Um protagonismo, uma intelectualidade.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE E DESIGUALDADE

É. Aí, é preciso antes dessa divisão, você elencar as que são públicas e as que são comerciais. Porque no comercial vale tudo. É como no Sílvio Santos: “quem quer dinheiro? Tudo por dinheiro”. E aí, assim, você terá oportunidade se você se enquadrar ou não se enquadrar, porque estamos falando de Sílvio Santos, né?, e tem a (Raquel) Sherezade que adotou posturas políticas assim como o Boechat consegue fazer na Band com muito prestígio, mas que ela não tardou a ser achincalhada. Não pelas posições política, não estou falando nisso, que a mesma de uma Miriam Leitão. Mas depende também como veículo te enquadra. É como uma amálgama. Ele te reveste. Na Globo, as pessoas adotam o nome Globo como sobrenome. “Ah, é a Miriam da Globo. É o Alexandre da Globo”. Todos são da Globo. Então, para assinar, assinar é quase como um elogio. Um reconhecimento. Estou lá. Estou podendo. E os demais são píffias essas representações. Na Globo mesmo, tirando o Heraldo Pereira, não é?, você não tem ninguém com aquela honorabilidade, presença, que ele tem, de ocupar a bancada de um Jornal Nacional. E aí, no campo da reportagem, a presença é píffica, né? Não consegue identificar. As presenças negras são quase que insignificantes. Fazem o trabalho ali no

quadrado, né? Aquela matéria ali, fechadinho, dentro do que é o padrão. Mas não tem presença. E aí das mulheres você tem a Zildeide, mas também não chega a ser uma presença empoderada. Apresenta lá os jornais, mas não sai daqueles 3x4. Você tem uma Glória Maria que poucas vezes se arvora a ... enfim ... eu acho que agora ela está se tocando um pouco mais, né? Essa questão do preconceito, de se declarar negra. Agora da negação da idade à negação da cor, do cabelo, alisando, emblematicamente ela nunca se assumiu, né? A própria Astrid (Fontenele) que se diz negra agora está com o cabelo cor-de-rosa. Assim, você vê uma série de discrepâncias. Tem aquela menina, que eu não sei nem o nome, mas que é o programa da Maria Beltrão.

(A Flávia Oliveira) É a Flávia Oliveira. A Flávia Oliveira é uma exceção aí à regra. Está no Valor Econômico (na verdade é O Globo), né?, uma presença e tal. No rol das atrizes, idem, idem. É esse estágio ainda. Estamos lá atrás. Eu acho que no jornalismo não poderia ser diferente. Poderia ser diferente, mas não é.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO NEGRAS E NEGROS

Vamos pegar exemplos concretos. A Juliana Nunes que, às vezes, usa turbante, né? e aí você tem comentário em torno de dizer: “Faz tudo para aparecer. Fica aí tentando reafirmar a sua identidade”. Então, desde a maledicência, que gira em torno ... porque se a negra é muito bonita, ou o negro, aí suscita essa cobiça. E aí se um diretor abre espaço para essa pessoa ancorar ou isso ou aquilo, sempre fica a suspeição. Aqui mesmo nós temos um caso de assédio sexual em torno de uma beleza de uma apresentadora negra, que eu nós temos na TV Brasil. Deu até delegacia. Foi na DEAM. Acho até que é interessante você entrevistá-la.

(A Luciana Barreto?) Já entrevistei.

(Mas ela não contou esse caso, não.) Não?

Ela negou os preconceitos? Espero que não, né?

(Não. Ela foi bem incisiva) É, porque ela foi a DEAM lá no Rio de Janeiro denunciar o cara, porque ele a abordou, inclusive, no estacionamento da emissora. Para ... coisa seríssima. Mas teve um diretor, que recentemente, disse: “Olha, só. Nós temos aqui ela. Resolvermos dois problemas de uma vez só”. Esse caso ficou ... É penoso. É penoso. Eu, às vezes, tenho vontade de chorar. Porque se eu tivesse sofrido esse tipo de coisa, lá atrás, como mulher feminista chegando e tal, nos anos 1970... Mas chegar em 2016, numa empresa pública, com um cenário desse ...

(tu foste assediada?) Ah, também. Também. Também. Pelos diretores, sempre a cúpula maior, né? Aos 30 anos, você é uma mulher interessante, né? Até pela vivacidade, pela força da juventude. Não que eu tivesse algum dote especial. Nunca fui uma mulher bonita, mas assim é natural, é vigor, sabe? O tempo inteiro, conversinha, sabe? Essa coisa que constrange, né? Então, eu acho que você já tem exemplos mais do que suficientes aí.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO BRANCAS E BRANCOS

Os brancos... Não digo que haja assim editorialmente ... não vejo que você vai dar as grandes pautas para um e para outro, porque você precisa ter alguém que realmente escreva bem, que dê resultado do ponto de vista da produção em si. Mas acho que os brancos são mais bem-vindos, mais festejados. Assim, se você vai sair de férias e vai

deixar um substituto. Existe, eu vejo como um dado mesmo assim. Acho que não é uma coisa escancarada, mas acho que ... deixa eu pensar bem nessa resposta. Que tipos de situações, né? Acho que elas estão bem elencadas naquele, naquele, naquelas outras perguntas que você anteriormente você me fez de oportunidades de grandes coberturas, de grandes eventos. Entendeu? E até porque se você já teve mais espaço de mostrar toda a sua expressão e se você tenha uma cara bonita, seja homem ou seja mulher, que impacta. As pessoas estão atrás disso: luz, câmera, ação. Já leva uma vantagem enorme. Então, eu acho que nesse contexto os brancos levam uma vantagem enorme e os negros ainda com as desvantagens. Entendeu? Eu acho que dá para resumir assim.

RELAÇÕES RACIAIS – VANTAGENS POR SER BRANCA?

Vantagem? A própria escolha que eu tive para ancorar programas, não é? Eu acho que essa escolha partiu ... tinha outras pessoas que desempenhavam-se tão bem ... não sei, não sei se está ligado. Se eu já senti vantagem por ser uma jornalista branca? Eu acho que uma vantagem generalizada porque as brancas têm mais oportunidades, de criação, de pautas interessantes e até porque você nem tem a presença negra. Esse é um dado muito recente. Quando eu cheguei na EBC, na Radiobrás lá atrás em 1900 e vovó novinha, é o que que você tinha? Mesmo mulheres negras que se dizem pardas, que não se assumem assim na negritude. Porque assumir-se na negritude é ter uma postura social, uma cobrança, um protagonismo diferenciado como a Ju (Juliana Nunes, entrevistada neste estudo). Não é assim como aqui que tem concurso interno para CIPA ou Então, comissão dos empregados e a pessoa não se autodeclara negra não. Sabe? Em nenhum momento, nenhuma referência sobre o fato da cor da pele. E acham-se até constrangidas de: “Puxa, eu estou me valendo da cota para ascender! Que melega é essa? E o meu valor?”. Isso é um problema. Isso é um problema. Então, eu acho que, como uma mulher branca, eu fui menos testada à prova. Entendeu? Acho que é isso. Acho que as negras precisam se desdobrar. Se nós fazemos a tripla jornada, elas fazem a quarta nesse esforço de se afirmar, de mostrar o quanto são capazes. Porque o racismo embutido ou declarado, ele põe a dúvida sobre a sua capacidade. E a grande maioria, como está numa camada social mais baixa, sofre essa injunção. Eu vim de uma camada social baixa, mas eu tive algumas oportunidades na vida, né? Diferente. Se eu posso chamar de sorte. Casei com um italiano, fui morar na Inglaterra. E aí descobri o Brasil de lá pra cá, assim, no tempo da ditadura. E comecei todo um trabalho de abertura de horizonte. Mas isso não é comum. É uma excepcionalidade.

RELAÇÕES RACIAIS – PRÁTICAS RACISTAS

Sim. Ah, sim. De negros até considerações a respeito do cabelo. Essa questão estética. A cor, o cheiro, o penteado. Tudo. Tudo isso compõe esse universo. Essa paisagem nefasta de discriminação e preconceito.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE E DESIGUALDADE – AÇÃO DAS EMPRESAS

Se são públicas, elas podem aderir a programas como esse da SPM (Secretaria de Políticas para as Mulheres, Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça) enquanto existir, também, né? Eu não sei até onde isso vai. Acho que ter um programa de ascensão de igualdade de

oportunidades é uma excelente. Está sendo um tijolo na construção de uma cidadania plena. Eu acho que esse é o caminho. Agora, nas comerciais eu não vejo muito isso porque ali negros e brancos são escravizados, né?, pelos números do Ibope, pelos resultados, pela publicidade e por uma série de outras questões econômicas e sociais que aviltam a nossa dignidade e que nos faz, como jornalistas, ter direito a uma aposentadoria diferenciada porque é para enlouquecer. Eu digo isso, porque eu fui editora sênior do Bom Dia Brasil. Eu trabalhei na Globo por cinco anos. Eu sei bem o que é esse compromisso, o que é esse aviltamento. O que é você ser punida porque você privilegiou um ministro e não outro. Entendeu? Ser suspensa. Receber reprimenda. Tem um caso que eu tinha ... era o Brito (Antônio) que era o ministro. O Fona que era o assessor e eu já tinha fechado com aquele ministro da Agricultura, que era dono do Bamerindus, que a Globo tinha mil e um interesses ali. E o Fona me liga e diz: “eu tenho um furo para o Bom Dia”. E eu disse: eu não posso botar dois ministros num programa só. Vai ficar muito chapa-branca. Eu vou ver se eu falo com o Madeira para ver se ponho o ministro da Agricultura para vir amanhã aqui. Aí, chego e ligo para o Madeira e aí, imediatamente, ligou para o Alberico Souza Cruz, lá em Minas. E aí, assim, eu fui defenestrada. Recebi advertência, entendeu? E se eu não tenho a intervenção do meu editor, eu teria sido suspensa por uns bons dias sem salário. Então, assim, máquina de fazer doido, né? Porque você lida com um jornalismo de transe (risos), porque você tem que ir atrás do furo todo santo dia. É uma disputa, uma competição. E aí, é isso. Se você é considerado forte, você é mais aplaudido. Entendeu? Forte no sentido da ... digamos assim da complexidade, não óssea ... (peitar? Ir para cima?) – Ir pra cima e de se conseguir o que se quer. Eu já vi muita gente desabando. Um número de pessoas que acabaram ...

RELAÇÕES RACIAIS – TRAJETÓRIA

Exceção. Exceção porque eu sou uma jornalista muito premiada, muito reconhecida. Eu conquistei um espaço que, apesar das descontinuidades do governo Collor, fiquei fazendo programa na rua, né? Escolhi o rádio que é um veículo muito popular e aí por tudo isso esse rádio me ascendeu e o feminismo mais ainda. Agora, é um privilégio você estar há 35 anos discutindo questões de gênero que são sempre tão atacadas, tão malvistas, nos microfones, em rede nacional. Então, ... distribuindo um programa para duas mil e tantas emissoras. Muito raro. Todas as propostas... Se você for analisar a linha da vida de programas temáticos voltados para questões como racismo, feminismo, nossa ... você vai ver que é vida breve. Então, assim, acho que para não dizer que sou muito modesta, eu sou uma pessoa muito persistente. Eu consigo driblar com muita fúria as adversidades. Eu consigo. Não gosto de desistir dos projetos. Eu vou com eles até as últimas consequências. É uma questão de personalidade. Você é derrubado e você se levanta. É derrubado e você se levanta. Insiste, né? O Viva Maria é prova disso.

RELAÇÕES RACIAIS – FUTURO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

(risos) A depender do diploma, o fim dele .. não ... Eu acho que o jornalismo, o fato de você reportar, né, reportar-se e reportar é intrínseca da atividade humana e intelectual, social, cultural. É imorrível, se a gente quiser inventar um neologismo. Agora, eu vejo mais do que nunca um jornalismo caminha para uma certa superficialidade. Porque

estamos formando uma geração que dificilmente mergulha em textos mais complexos, elaborados, em livros robustos. Livros que cabem na estante sem aparador, né? Então, você tem face, está no twitter são poucos toques e ali você vai gerando ... e também uma velocidade que você tem impressão, que você está muito bem informado. Mas é como no passado, quando as pessoas só liam a orelha do livro. Não é? Numa conversa mais profunda, você flagrava que a pessoa estava boiando no tema. Então, o que tem, assim, você tem primeiro é uma massificação. Quando você abre ... por isso, é uma aposta na comunicação pública que eu não sei se vai vingar, porque é muito ousada para mexer com poderes muito bem estruturados, né?, como o das emissoras comerciais. Mas aí, quando você abre ali não tem diferente. A manchete é a mesma em todos. É pouca variação. Então, é mais do mesmo sempre. Você não tem um olhar diferenciado. Então, eu acho que a gente pode ter um caminho para a segmentação. Vejo que ... e vejo o jornalismo na internet, já que estão decretando o fim dos jornais, né?, com um certo temor. Porque acredito que ele vai se tornar ainda mais superficial. E com a falência das empresas, do jornalismo investigativo, a possibilidade de você escarafunchar e ir até as últimas consequências. Isso truncado pelo poder político que influencia. Nossa ... é uma tarefa hercúlea, entende? Porque em quaisquer instâncias vai ficando cada vez mais difícil de você fazer um bom trabalho, um bom serviço. Entende? Aqui na EBC, por exemplo, as pessoas são concursadas. E aí dão como assegurada a sua carreira. Mas por força por essa segurança, pseudosegurança, eu vejo uma acomodação. Eu vejo meninas aqui, que acabaram de chegar, com 30 e poucos anos, e elas não querem ir para rua fazer uma sonora. Elas preferem ligar para a assessoria do ministério para pegar a fonte oficial e ponto. Entende? Essa inquietude, essa vontade transformadora, eu acho que vai esperar uma próxima geração. Não vejo ainda nessa que está passando. Acho que houve uma perda da qualidade no jornalismo irrecuperável pelo menos para os próximos 50 anos, quando a política deverá, espero, se reverter, né. Porque agora nós estamos numa onda à direita que promete grandes retrocessos. Eu sou uma pessoa otimista, mas para um trabalho como esse que você está desenvolvendo eu não posso deixar de ser crítica o suficiente para te dar a real do que a gente vivencia aqui cotidianamente. Aquela geração de jornalistas que hoje estão desiludidos e cansados e aposentados, né?, não encontrou nas gerações seguintes amparo nem tampouco seguidores. Muito pouca gente. Eu mesma aqui, quando eu quero sensibilizar uma jovem jornalista para as questões de gênero, raça e etnia, existe assim um certo: “ah, eu vou preferir fazer ali o jornal não sei o quê... “. Sabe? Não querem pegar essa discussão, ir a fundo. Não querem se identificar com a temática. Sabe? Não que você precise ser militante para você ser jornalista, mas você precisa de uma sensibilidade. Um olhar, um olhar diferenciado e hoje não encontro esse olhar com facilidade. São poucos os pares que eu tenho aqui dentro e lá fora assim para essas questões, para essas abordagens, sabe? Assim de você ter coragem de botar um pé na Amazônia e denunciar o escarpelamento, não é? Você ter coragem de chegar numa cidade que foi completamente contaminada por veneno e você arriscar a própria pele. Esse heroísmo do jornalismo ele, praticamente, está com os dias contados. Você pode passar a peneira bem, bem, bem ... e até porque é assustador, né?, o número de jornalistas que vão para o front e morrem. E são vítimas de perseguição e que são alvo de ameaças muito fortes. Então, continuamos sendo uma profissão de risco (risos).

PATRÍCIA Z Aidan



ESCOLHA PROFISSIONAL

Sou de uma família de jornalistas. Quando eu era criança, o meu pai e o meu tio criaram uma emissora de rádio. Nessa emissora de rádio, a reportagem era muito forte até para os padrões de uma rádio para o interior. Eu ouvia a emissora de rádio o dia inteiro e tinha fascinação pelo trabalho dos repórteres. A gente brincava nos fundos da rádio – meus irmãos, meus primos – sempre com objetos da rádio: gravador, microfone, uma pequena mesa de edição. Tudo o que quebrava, era brinquedo da gente que era criança. A decisão de ser jornalista eu tinha 10 anos e pouco. Tinha todo esse histórico que estou te contando. Quando explodiu um quarteirão inteiro por uns fogos que foram colocados – artefatos que não sei exatamente o que era - dentro de um bar. Este bar dizia-se depois que havia reunião de comunistas. Isso era ditadura militar. Nunca se apurou de fato o que tinha acontecido sobre a origem da explosão. Eu sei que fiquei absolutamente fascinada pela cobertura da rádio, que meu pai dirigia, sobretudo do ponto de vista humano. Eles ficaram uma semana ali, acompanhando desde o acidente à recuperação das vítimas, o socorro a elas e as especulações sobre o que de fato havia acontecido na explosão. Naquele momento, eu me lembro. Eu não tinha 11 anos e falei para mim mesma: é isso o que eu quero fazer pelo resto da minha vida. Eu pensei que seria uma repórter de rádio. A coisa do ineditismo, da instantaneidade, da rapidez com que o rádio veicula informações. Era o meu verdadeiro deleite. Então, isso se tornou algo presente na minha vida. Na escola, a escrita e a produção de jornaizinhos até que, quando eu tinha quase 18 anos, eu querida testar a veia – o meu pai já não tinha mais rádio nesse momento ...

IC - Tudo isso em Uberaba? Tudo isso em Uberaba. O meu pai tinha trabalho com televisão, rádio, jornal. Tudo isso.

Quando eu tinha de 17 para 18 anos, para definir a faculdade, eu quis tirar isso a limpo para ver se era influência da família ou se eu queria realmente isso. Decidi pedir um estágio no jornal diário de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, para ver se era isso que eu queria. Eu tinha uma prima que trabalhava lá e ela me apresentou o chefe de reportagem. Ele aceitou que eu ficasse lá por dois meses, observando o movimento dos repórteres. Nos primeiros dias, acabei assumindo pautas e indo para rua como repórter. Eu adorei aquilo. Embora já tivesse entrado na faculdade de Psicologia, vi que eu queria ser jornalista. Logo, me empreguei numa revista. Depois, num jornal diário. Fui cursando a Psicologia e, mais para frente um pouquinho, fiz a faculdade de Jornalismo, de Comunicação Social.

TRABALHO COMO JORNALISTA

O meu trabalho de jornalista é muito baseado na curiosidade e, sobretudo, na observação do que está acontecendo ao meu redor. Eu acho que a rotina é a minha grande pauteira. A minha relação com o jornalismo, em qualquer circunstância, seja escrevendo Economia ou Política, a pauta sempre é a rotina. A vida das pessoas. Isso sempre me interessou. A vida do meu país. Andar pelo Brasil. Isso sempre me pautou. Estando aqui na revista [Claudia], o foco principal claro é sempre a mulher. A mulher nas diversas regiões do país. O que elas pensam. O que elas fazem. Como elas trabalham. Que movimentos elas fazem para buscar a sua independência, a sua autonomia. Como elas fazem as coisas. Tudo isso foi me aproximando para a vida das mulheres e, sobretudo, as ações de empoderamento e libertação.

SEXISMO. RACISMO. PRÁTICAS.

O que entendo por sexismo é sempre a forma autoritária e arbitrária de um sexo se sobrepor a outro. No caso, na nossa cultura, na sociedade, no mundo como um todo, o sexismo é isso em que esse outro é a mulher. A pauta é sempre definida pelo homem em detrimento do desejo, da decisão, da escolha da mulher.

Eu acho que racismo é a exacerbação da recusa do outro que é diferente em termos de cultura, em termos de cor de pele, em termos de representação cultural. Mas o que pauta o racismo é a recusa do outro, da rejeição do que o outro pensa, do que o outro faz. A tentativa de acreditar de que o outro diferente da minha raça é inferior. Que a cultura dele vale menos, que o peso da sua mão-de-obra é menor. Isso é o racismo para mim.

PRÁTICAS SEXISTAS E RACISTAS NA PROFISSÃO

Já. Sem dúvida! No começo da minha profissão, principalmente morando no interior, as redações eram exclusivamente masculinas. Lembro de ter sido a única mulher numa equipe de articulistas, jornalistas, repórteres, editores. Mesmo quando cheguei a São Paulo, no final dos anos 80, as redações tinham muitas mulheres, mas o domínio masculino era visível. As chefias eram basicamente masculinas. E na questão do racismo é mais séria ainda do que o machismo, porque não há negras quase nas redações brasileiras. Você praticamente não vê. Se tem um negro, ele foi colocado ali na tentativa de quebrar a imagem de que aquele veículo não dá oportunidades iguais. Então, é muito, muito, muito palpável, visível ainda hoje. Eu duvido que tenha uma redação sequer no país que tenha, pelo menos 20% de negros. Não tem! Não existe!

RELAÇÕES DE GÊNERO

Na verdade, fiz um histórico da falta de mulheres nas redações. Isso não ocorre mais. Até porque houve um barateamento enorme dos salários. Como o valor da mão de obra feminina é menor, as redações estão cheias de mulheres, evidentemente, brancas. Agora por ser mulher, eu não acho que alguém está mais exposto ou menos exposto dentro de uma redação. O que eu acho é que temos menos oportunidade de chefiar as equipes. Não

por competência, mas novamente por causa do salário. Os cargos de chefia nas redações em geral estão nas mãos dos homens porque são os cargos que têm um pouco mais de salário. Então, por corporativismo, as direções centrais acabam dando para os homens os melhores salários. Isso quer dizer as melhores produções. Às vezes, assim, ocorre em algumas áreas de coberturas muito específicas... Por exemplo, cobertura de guerra. Tem mulheres, mas o número é menor do que elas representam nas redações, no front de guerra ainda tem muito mais homens. E as empresas pensam duas vezes em mandar uma mulher cobrir uma guerra. As que eu conheço, entre elas uma muito boa, que é uma argentina, em geral elas vão por conta própria, como freelancer e depois vendem o seu trabalho. O número de mulheres cobrindo guerra ou áreas de conflito, enviadas pelos veículos é menor do que o número de mulheres nas redações. Eu acho que as empresas temem, ainda, que as mulheres tenham dificuldade de ficar muito tempo fora de casa por causa de filhos. Ainda pesa o fato de os veículos acreditarem que uma mulher vá sentir mais insegurança, mais dificuldade de transitar em área de risco... E aí acontece também ... tem algumas coberturas policiais muito intensas, na periferia, em geral, as mulheres têm que dizer: não, eu posso. Eu quero. Não, pode ficar tranquilo que eu vou. Nunca é assim: o chefe delega e fica sossegado. Ele primeiro quer ouvir a mulher para ver se ela segura a onda. Se ela vai e não desiste no meio do caminho. Se ela não pede substituição para poder acompanhar. Agora, outras têm muita bagagem e têm muito nome. São bem respeitadas. Quando a chefia manda para uma área de conflito ou cobertura policial tensa, no Rio de Janeiro, por exemplo, isso acontece. Aquelas mulheres que têm trajetória muito palpável, muito..., Então, são colocadas de igual para igual na cobertura de risco até mesmo aqui dentro do Brasil.

Eu me lembro de um episódio – não sei se cabem exemplos aí – eu estava cobrindo Política para o Estadão, em 89, na cobertura presidencial. O Estadão, como os outros veículos, distribuiu os repórteres nas candidaturas. Então, dois repórteres cobriam uma candidatura e outro candidato. O repórter que cobria Collor, como era o meu caso, acabava conhecendo todas as fontes. Então, era melhor manter o repórter naquela campanha. Então, eu fiquei dividindo o trabalho com outro colega em Brasília. Eu baseada em São Paulo e ele, em Brasília. E a gente viajava o Brasil inteira. Ora era um, ora era outro, quando não iam os dois porque a campanha era muito extensa no Brasil inteiro. Eu comecei a perceber que a segurança do Collor era muito truculenta e alguns envolvidos com crime. Eram da polícia militar. Como a pauta era minha, a empresa me mandou para Maceió, para ficar lá o tempo que fosse necessário para eu levantar o perfil da segurança do Collor. Para trabalhar nesse assunto, eu não precisava de um fotógrafo num primeiro momento. Era levantar muitos documentos, começar uma investigação de bastidor, conversar com juiz, auditoria militar. A quantidade de crimes que aqueles homens que acompanhavam o Collor tinham nas costas. Eram policiais à paisana. Tinham matado cinco pessoas, sete pessoas. Era esse tipo de força. Lembro que na época, o chefe muito preocupado com isso, mandou um fotógrafo – mesmo que num primeiro momento não fosse preciso imagens – só para que fosse um homem me dar algum respaldo, porque era um risco grande. Eu estaria num local distante de São Paulo. Naquela época não havia um voo direto como há hoje pra Maceió. A gente saía de São Paulo e ia pingando em várias cidades do Nordeste. Parava e esperava outro voo. Esperava até oito horas pra chegar. Em Maceió, naquela época era bem mais complicado. Era terra de ninguém. Não

existia lei. Ninguém respeitava muito a ordem das coisas. Era um bando de coronéis. Fiquei pensando que se fosse um repórter do sexo masculino será que esse chefe mandaria um guarda-costas? Na verdade, foi um colega pra garantir a minha segurança. E eu achei estranho. Mas te confesso que nenhum momento da minha carreira eu tive algum impedimento por eu ser mulher. Todas as pautas que eu propus, eu levei a cabo. Eu consegui, de alguma maneira, me impor muito nova, muito cedo, no jornalismo nos lugares por onde eu passei. Eu não tenho nenhuma queixa assim de um chefe dizer: não, você não vai, porque você é mulher. Eu não tive isso com exceção desse episódio que acabei de te contar.

HOMENS – VANTAGEM

A vantagem é sempre salarial e de cargos. Eu acho que essa é a principal vantagem. E mesmo quando tem cargos iguais, o editor de Geral ser uma mulher e o de Política ser um homem, ela acaba ganhando menos. E a justificativa é que a Política é porque a equipe de Política é uma equipe de elite. Na verdade, eu não acreditava nisso. Parecia mais por ser um homem e uma mulher em editorias diferentes, mas que tinham dentro da hierarquia do organograma da empresa, cargos semelhantes. Eu acho que os homens acabam tendo esse privilégio salarial e promoção, o que acontece em outras áreas da economia e não somente na produção de jornalismo.

MULHERES – DESVANTAGEM POR SER MULHER

Não. E acho que também é da postura que sempre adotei. Por ser mulher, eu nunca perdi nenhuma pauta. Nunca perdi uma oportunidade de trabalho. Posso ter perdido por outras questões, mas não por ser mulher. Mas isso eu atribuo à relação que eu tenho com o jornalismo. O interesse pela reportagem, pelo meu trabalho. Agora, já aconteceram episódios, estando numa área mais masculina, ser assim mal interpretada pela fonte. Dentro do trabalho, das empresas por que passei, nunca tive nenhum problema. Mas com fonte, sim. Por exemplo, Brasília. Brasília, no final dos anos 80, havia muitas mulheres, mas ainda era um número muito menor. Tinha uma certa aura de que as mulheres do jornalismo eram também muito fáceis, que podiam ser amantes de políticos. Tinham coisas assim. Isso já melhorou e praticamente não existe mais. Então, eu me lembro de ter ido entrevistar um deputado no gabinete dele. Ele sentado na ponta da mesa e eu, na lateral. Ele tirou o sapato e colocou o pé na cadeira. Eu desliguei o gravador. Olhei para pé, olhei para ele e olhei para o pé de novo bem séria. Ele ficou sem graça. Tirou o pé. E eu perguntei: podemos continuar? Aí, pronto. Nunca mais. Mas, é, já aconteceu assim de eu ligar e marcar uma entrevista. E eles: “ah, sim porque é você”. E já vim com outro tipo de entonação e com uma cantada. E eu evidentemente não deixei de ir porque era muito importante para mim. Já estou falando de outro episódio. E ali na relação olho-no-olho, finjo que não vejo e toco em frente. Não tive nenhum problema mais sério. Eu tenho ... eu lembro de colegas que saíam chorando, porque passou a mão e porque isso e aquilo. De novo, vai da postura de cada pessoa. Se você se impõe, acabou. Eu nunca tive nenhum problema mais sério.

RELAÇÕES DE GÊNERO – PRÁTICAS DE SEXISTAS OU DE DISCRIMINAÇÃO

Assédio moral.

(Discriminação?) Sim. Por exemplo, no jornalismo feminino, algumas vezes, eu notei assim que você vai falar com alguém que é um juiz importante e não sei o que lá. Ele diz assim: “mas, o que que uma revista de mulher está interessada nisso?”. Ou no final, “mas você é tão preparada. O que está fazendo numa revista de jornalismo feminino?”. Isso me acontece muito frequentemente. Como se o jornalismo feminino fosse para pessoas menos preparadas, menos espertinhas. Ou Então, que você, no jornalismo feminino, não pudesse abordar certas questões nacionais. Isso eu já reparei. E muito recentemente, inclusive, de mulheres que estão em posto bem avançado, bem elevado. Que lidam com a nata do jornalismo político. Quando vão falar com você que é da revista feminina, veem com tatibitate. Aí, eu respondo: eu sei o que o senhor está falando. Eu sei o que o senhor quer. Ponto. Aí, sempre ocorre: “mas por que você faz jornalismo feminino?”. Isso é recorrente.

(relação entre colegas, você percebeu discriminação?) Não, nunca. Nunca, nunca, nunca mesmo. Estou falando no tempo em que eu trabalhava no jornalismo em que tinha homens e mulheres. Porque hoje nas redações ... por exemplo, na revista Claudia só tem mulheres. Já houve período em que a gente tinha homens trabalhando na equipe. Mas, eu estou indo para o macro. Naquele tempo em que trabalhava no jornal diário, na televisão, em que a maioria era masculino. Eu nunca sofri assédio de colega. Pelo contrário, eles tinham respeito. Consideravam o trabalho como um bom trabalho. Pessoalmente, eu nunca sofri nada.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE SALARIAL E DE CONDIÇÕES NEGRAS E NEGROS, BRANCAS E BRANCOS

Não. De jeito nenhum. Se para nós mulheres a ascensão e o salário mais alto ainda é difícil, par aos profissionais negros, homens e mulheres, é mais ainda. Eu me lembro de um negro ocupando uma chefia, aqui, na editora Abril. Nos jornais, não me lembro de nenhum, por onde passei. Na TV Bandeirantes também não. Na Bandnews, onde eu trabalhei, também não.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE SALARIAL ENTRE MULHERES E HOMENS E AÇÕES DAS EMPRESAS

Então,. Eu acho que a desigualdade ela é sempre salarial. Essa é ... eu acho que é aí o que a coisa pega. Você não tem muitos repórteres sêniores porque significa salário maior. Você não tem mulher nessa área. Aqui, na editora Abril, por exemplo, não existe o cargo de repórter sênior para as revistas femininas. Eu acho isso incrível, né?, como tem nas revistas consideradas de informação geral, semanal. (Revista) Exame, por exemplo. É uma forma de enxergar como uma mão de obra menos importante. Menos qualificada. Enfim. Então, a questão é sempre essa. Acho que hoje o que mais pega é a questão salarial e a ascensão para cargos de chefia.

(o que as empresas deveriam fazer?) Esquecer o gênero simplesmente na hora de promover e de aumentar os salários. Só pela competência. Agora, cotas, eu sou a favor delas ... agora, na vida prática aqui dentro ou de outra empresa isso dificilmente se daria. 30% de mulheres no conselho administrativo isso é o ideal. Sem dúvida. Num primeiro momento, eu acho que tinha que ser considerado a aptidão, o desempenho, a qualificação. Não sei se deixei isso claro: eu sou a favor das cotas. Mas sobretudo nas empresas em que têm com exigência menor de mão de obra. Eu acho que nas empresas onde a mão de obra qualificada é mais comum, nas empresas de produção intelectual, a cota poderia ser uma porta de entrada. Mas não sei se na prática isso acontece num momento assim longo. Isso eu acho difícil.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO NEGRAS E NEGROS

Eu acho que ... eu já vi algumas vezes. Quando são as editorias mais barra-pesadas, tudo bem. Quando se trata das editorias que lidam com os assuntos mais de elite, que são Economia e Política, num primeiro momento, os negros não conhecidos sofrem mais. É claro que você tem hoje uma Zileide (Silva), que já se impôs, que já é conhecida. Um deputado nem pestaneja em recebê-la. Ela é muito mais conhecida do que ele. Ela é mais popular do que ele. Ela tem muito mais lastro do que ele porque ela está na televisão todo o dia e discutindo coisas da maior importância. Então, o cara não se recusaria a atendê-la porque ela é negra. Mas negros que não tenham essa popularidade, que não são conhecidos, eu acho que eles acabam sendo colocados para editorias que estão mais na linha de frente da barra-pesada: a da Polícia. Uma cobertura mais dura, mais complicada. Eu acho que aí os negros se expõem mais. Estão mais expostos à discriminação: na distribuição das editorias. Entendeu?

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO BRANCAS E BRANCOS

Por exemplo, os brancos que cobrem a criminalidade, os assuntos de Polícia têm um pouco mais de dificuldade de entrar em comunidades de periferia. Isso alguns colegas já relataram. Se eles não são da televisão, se não são conhecidos, têm um pouco mais de dificuldade. Eles são muito visíveis, eles são os diferentes ali, porque a maioria (da periferia) é preta e parda. Então, ele entenderia que um negro faria isso com mais facilidade do que ele. Então, eu acho que o branco se expõe nesse momento. Se se expõe em alguma dificuldade, é nesse momento. Ou seja, isso tudo comprova o que eu disse no começo: o Brasil é muito racista. E as dificuldades existem. Ultimamente, o Brasil está rachado. Numericamente, eu não diria isso. Mas ou se é de direita ou de esquerda, ou é negro ou é branco. Então, isso dificulta o trabalho de muita gente.

RELAÇÕES RACIAIS – VANTAGENS DOS BRANCOS

(você presenciou práticas racistas contra negros? E de privilégios em favor de brancos)

Eu acho que eu só não presenciei isso porque o número de negros é muito, muito, muito pequeno nas redações. Ahã, Então, eu não presenciei.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE DESIGUALDADE – ações empresas

Olha, é muito racista sim no trabalho. Se eu estou te dizendo que há poucos negros nas redações, é porque eles são pouco contratados. E isso é uma discriminação. Isso é uma discriminação. O que as empresas podem fazer por isso? É não sustentar que negro não

possa fazer um bom trabalho. Eu acho que na hora de contratar a questão que vem é essa que eu te descrevi anteriormente. Um negro menos conhecido pode ter mais dificuldade de ser recebido por uma fonte de elite. Então, eles são menos contratados também por isso. Você está me perguntando o que as empresas poderiam fazer. Poderiam enfrentar isso, enfrentar o racismo das pessoas que contratam. Das chefias. Das pessoas que estão embaixo fazendo o recrutamento. Nisso, a empresa é responsável pela reprodução desse modelo. Elas precisariam preparar os seus recrutadores para isso. Agora, as empresas mais ou menos reproduzem o que ela enxerga na sociedade, né?

RELAÇÕES RACIAIS – TRAJETÓRIA

Olha, por opção, por escolha ... E aí tem uma outra discrepância, no país, eu optei por não ascender a cargos de chefia, porque eu me interessei sempre pela reportagem. E você não vê chefe na reportagem. Então, eu abri mão sempre na minha vida, em todos os veículos em que eu trabalhei com exceção com a Rede Bandeirantes de Rádio e Televisão, em que ali eu assumi uma chefia. Nos outros empregos todos, eu me mantive como repórter. Aí é que está a inversão das coisas. A forma como a carreira é descrita é que eu acho que é equivocada. O jornalismo, no Brasil, ele privilegia o editor. Isso em todos os veículos. E eu acho que é uma inversão de valores, porque é o repórter quem traz informação, notícia, o melhor personagem, o melhor enfoque da cobertura. E em geral, nos veículos, você não tem uma carreira de repórter com vários níveis. É até chegar a um repórter-sênior. Você não tem quase uma televisão com repórter-sênior. São poucas. Os jornais de cobertura diária também praticamente não têm. Tem um ou dois, numa redação com 80 profissionais, com 90 profissionais. Então, a origem da sua pergunta é se a minha carreira ... você pode repetir, por favor?

(exceção ou regra em termos de oportunidades, salário e estabilidade?) Na minha escolha pessoal não houve ascensão, porque eu não queria me dedicar a atividade de cargos de chefia. Porque assumir isso seria me afastar da reportagem. Agora, eu me considero uma exceção porque eu sempre tive condição para realizar o trabalho. Então, eu passei pela equipe do Estadão, da Band, eu passei pela ... enfim ... por todos os lugares por onde eu passei, eu tive condição de trabalho. A exceção está nisso. Só nisso. E isso eu acho que não acontece com todas as profissionais.

(em que aspecto?) Porque eu vejo muita gente boa que não encontra condição de trabalho que assegure a ela uma produção legal. Então, assim jornalismo é muito caro. Reportagem é muito caro. Se você tem uma verba x para reportagem, em geral, ela vai cair em Política e em Economia. As colegas que trabalham em cobertura da cidade, que é onde tem o maior número de mulheres. Você pode olhar todas as equipes. Elas têm menos dinheiro para a reportagem, para a área delas. Entendeu? Por isso, que eu estou dizendo que é exceção. Só nesse momento.

O que mudou para as mulheres jornalistas nos últimos 30, 40 anos?) Em primeiro lugar, o aumento de mulheres nas redações do tempo em que eu comecei para cá. Eu fui uma em muitos anos na redação de empresas menores. Eu só fui ver um número maior de mulheres, mais crescente, quando eu cheguei no Estadão (O Estado de S. Paulo) no final dos anos 80. Aí já tinha um grande número de mulheres, embora naquele período, nos

anos 80, não fossem maioria. Hoje, as mulheres são maioria da redação. Esse dado ... eu acho que a Fenaj, viu.

(sim, temos) Eu acredito, no meu modo de entender, esse número de mulheres cresceu tanto porque os salários nas redações foram barateados. Infelizmente, isso é verdade.

(mais mulheres puderam chegar pelo ensino superior. Trouxe precariedade de remuneração e contratos?) Sem dúvida. Não há dúvida de que as mulheres são maioria das academias, das universidades. Isso daí é fato. E o fato de ter muitas mulheres também é porque os salários baratearam.

(o que a chega das mulheres trouxe de positivo ou negativo para o jornalismo?) Não, mas aí independe da chegada das mulheres. O jornalismo piorou, nos últimos anos, porque tem pouco recursos em reportagem. Eu acho que isso foi um grande tiro no pé. Uma valorização da opinião, do articulista em detrimento da reportagem. Então, nesse sentido, piorou. E também na diminuição de independência. Isso piorou também. É visível. Eu a primeira a falar nisso. Mas isso não passa pela quantidade de mulheres. Ter mais mulheres na redação não influenciou nisso porque a decisão não cabe a elas. A decisão se concentra num número menor de homens, nas chefias. Eu acho super complicado dizer... logo, se temos mais mulheres na redação, o jornalismo piorou. Foi porque chegou mais mulheres ... Eu não considero assim. Eu considero que as mulheres, embora maioria das redações, opinam menos do que os homens que estão nos cargos de chefia. E que o jornalismo piorou por uma série de questões. Isso tirando de lado a questão da crise e de economia que é mundial. Estou me concentrando no conceito do que se faz no jornalismo, na priorização da reportagem ... Isso daí tem um enfraquecimento de recurso e é notório. Isso daí ... e outra a falta de independência. São as duas coisas.

(O que as mulheres agregaram?) Acho que o cuidado com a informação, a mulher tem muito. Envolvimento com o tema é uma coisa nossa do que dos homens. Eu acho que trazem um pouco o olhar humanizado para o personagem também é uma coisa que as mulheres fazem muito. Não acredito numa cobertura fria dos fatos. É preciso haver um olhar ... porque aqueles fatos estão sendo feitos por homens, seres humanos, cabeça, coração ... Então, quem vai relatar esses fatos tem que ter isso também. E isso a mulher faz bem.

(O que você acha de movimentos como o #AgoraÉQueSãoElas? De as mulheres ocuparem os espaços dos homens para expor o talento e o espaço que os homens têm na mídia) Olha, não dá para avaliar ainda porque tem muito pouco tempo. Por enquanto., tudo o que vi até aqui foi uma iniciativa assim de: “olha, calem par que a gente possa mostrar que elas falam”. Tudo o que vem em bloco, em massa, eu olho de uma maneira um pouco reticente. Reticente. Não me parece que isso será uma nova ordem no jornalismo de que as mulheres ocupem mais espaço. É o que te digo: espaço a gente tem, a decisão é que a gente não tem. Espaço para você escrever a matéria, ir lá e entrevistar, a gente tem. Somos maioria nas redações. Agora, o que gente não tem é poder de decisão. Então, por enquanto me parece mais uma onda, um modismo. Hollywood está fazendo

isso. Ontem, tinha aquele prêmio dos críticos, que são os críticos escolhendo os melhores filmes e roteiros, e pelo menos uma ganha e dirá isso: “que Hollywood não dá espaço para as mulheres e lalalá”. Então, eu fico meio com o pé atrás com essas iniciativas muito rápidas, como o #AgoraÉQueSãoElas, que virou como se fosse um: “agora, deixa que elas brinquem um pouquinho com a bola”. Entende? Isso me causa um pouquinho: ah, meu Deus, que Brasilzinho eles são.

SÍLVIA SALEK



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

É ... (alguns segundos de silêncio) Eu queria, na verdade, a carreira que eu tinha mais interesse era Biomédicas, Biologia. Eu nunca tive assim uma paixão desde cedo. Às vezes, você conversa com jornalistas que dizem: “ah, eu amo jornal desde sempre”. Para mim, não foi bem por aí. No entanto, foi um pouco na base da exclusão. Entendeu? Porque a carreira de Biologia, no Brasil, para a minha geração, você estava fadada a ter uma vida de restrições. Ia trabalhar como professora que a gente sabe que é uma profissão desmerecida. Então, é bem possível que eu fosse morar em outro canto, outro lugar, outro país, eu tivesse escolhido a carreira de Biologia. Eu adorava genética enfim... eu queria fazer um estágio, no meu último período, no meu último ano de escola ... eu estudava no Pedro II que é uma escola do Rio de Janeiro, uma escola federal. No meu último ano, eu fiz um estágio no Departamento de Medicina e eu ... foi uma coisa que eu adorei. Enfim. No final, eu fiz aqueles testes vocacionais e aí deu: Biologia e também Jornalismo. Eu pensei será? Eu sempre gostei de escrever e tinha sempre uma curiosidade muito grande sobre tudo. Queria entender como as pessoas são, querer entender ... eu acho que tem uma coisa do Jornalismo que é interesse nas pessoas e querer contar as histórias, contar tudo da melhor maneira. Foi por acaso a escolha do jornalismo, não foi uma coisa tão consciente, mas que acaba e se encaixa perfeitamente na minha forma de encarar o mundo. Bate com a minha forma de ver o mundo no sentido de querer trazer as histórias, dar voz para quem não está tendo aquela voz. Não por uma questão de ideologia necessariamente, mas por achar ser importante ouvir aquela voz. E contar aquela história. É mais no sentido básico de comunicador e não necessariamente a escolha do jornalismo como uma forma de mudar o mundo. Tem muita gente que escolhe o jornalismo com vontade de mudar o mundo. Não foi bem por aí no meu caso. Mudar o mundo sim, mas

não com uma questão ideológica guiando a decisão. Mas pela comunicação mesmo. Então, foi isso. Não tem uma história bonita por trás da escolha não.

DEFINIÇÃO DO TRABALHO COMO JORNALISTA

Como eu defino o meu trabalho? (alguns segundos em silêncio)

(como desempenha a profissão?) No momento, eu acho que eu defino o meu trabalho como o trabalho de uma pessoa que está atenta aos grandes debates no Brasil e quer contribuir de uma forma construtiva a esse debate dos principais temas do Brasil. Dos temas que podem fazer o Brasil se transformar numa país melhor, num país mais transparente. Enfim que cumpra as ambições que a população brasileira tem. Em discussões políticas, tentar trazer diferentes pontos de vista. Se a onda está correndo para um lado, tentar também trazer outras visões a respeito de ... para enriquecer. Eu acho que defino como uma pessoa ... um trabalho que tenta enriquecer o debate no Brasil. E também se a gente for pensar a missão da BBC, que é informar, entreter, educar, é entender o jornalismo também cumprindo essas funções e não só aquela função hierárquica de cima para baixo: informar, informar. Mas também tentar entreter as pessoas, trazer informações que eduquem. Então, a gente também faz muita coisa didática a respeito dos grandes temas e também com todo o formato de pessoas. Não tem aquela coisa de nicho. Entendeu? Até no passado a BBC tinha aquela coisa focada nos formadores de opinião. É meio amplo alcance, com acessível e, porém, não é condescendente com a capacidade do leitor de entender e de ser exposto a uma variedade de pontos de vista.

SEXISMO

Eu entendo como sexismo ... é uma expressão que ganhou destaque para talvez se diferenciar do padrão pouco sexista até da expressão machismo. Mas basicamente você está falando de ter uma certa igualdade elevando o padrão para o sexo desprivilegiado que, geralmente, é o feminino ou Então, LGBT. Então, sexismo é quando, por meio dessa definição do que que você é em termos de gênero, você sofre preconceito e do que que pode ser aplicado a homens em certas circunstâncias especiais. Mas é uma forma de você se referir à discriminação sofrida por mulheres, gays, lésbicas, transgêneros, etc.

RACISMO

Racismo eu entendo como a manifestação de preconceitos que sejam desfavoráveis para as pessoas por meio da cor delas.

PRÁTICAS SEXISTAS OU RACISTAS NO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Sim, com certeza. Eu até descrevi naquele ... talvez você tenha chegado a mim por causa de um dos dois artigos que eu escrevi recentemente. Um para o Inglês que tinha mais a ver com sexismo e outro em Português que tinha a ver com diversidade. Então, ao longo da minha profissão, sim eu percebi só que eu não vou dar detalhes, porque eu não quero comprometer as pessoas envolvidas. Então, eu se eu for te falar vai ser de uma forma ... eu não quero falar coisas que apontem o dedo para certas pessoas até porque na época eu não tomei nenhuma atitude. Enfim. Eu não quero agora apontar o dedo. Eu posso sim

falar de uma forma geral. E até descrita nos artigos. Estão descritas nos artigos as experiências que eu tive.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES MULHERES

Olha, eu acho que as mulheres ... além do sexismo no jornalismo ... eu acho que se eu sentisse mais ... mas para essas coisas, às vezes, a gente fica anestesiado para elas e a gente não percebe tato coisas que eu precisaria refletir com tempo para ver se houve outros episódios. Mas assim sexismo na minha carreira eu creio ter sofrido pequenas experiências isoladas de assédio, que é uma questão que ... me parece que é uma questão que afeta mais as mulheres do que os homens. Então, é possível que os homens se sintam afetados também. E em relação a promoções e a ser preterida por ser mulher, eu não vi tanto isso porque eu tive a sorte na minha experiência profissional de ter chefes mulheres com bastante frequência e que eram excelentes. Tem sempre aquela questão: “ah, mas elas chegaram lá porque elas foram fantásticas e maravilhosas”. Até pode ser, mas eu não tenho como julgar isso de uma forma justa. Então, você perguntou em qual situação a mulher mais sofre. Então, como profissional eu acho que são em questões de assédio. Mas eu posso falar apenas de uma experiência que eu tenha sofrido assédio como jornalista. Então, não é algo que tenha sido tão frequente assim. Mas eu acredito que outras pessoas tenham sofrido. Não minimizando a experiência dos outros. E em relação a promoções também eu não vi isso. Eu vi sim muitas mulheres subindo e tendo bons resultados. Agora tem que ser feito ... como a minha realidade não é muito isolada. E não está um pouco muito isolada. É importante checar quantas mulheres na redação, na chefia e no segundo escalão quantas mulheres. Agora, uma forma que eu acho mais forte, uma forma mais gritante é a forma como as mulheres são representadas por nós mesmos jornalistas, nós mulheres ou homens. É a questão de você não ouvir mulheres em matérias de economia. Quantas matérias de economia, você vê e não tem uma mulher falando. A maneira como a mulher tem que ser bonita na foto e tal, sendo que o homem você não julga por esse padrão. O cara tem que ser sério, tem que ter aparência... Então, eu acho que é muito mais a representação da mulher na mídia, na imprensa do que a profissional sofre. Agora sobre o homem eu realmente não conseguiria pensar isso com conhecimento de causa. teria que parar para refletir e eu não tenho nenhum exemplo que me venha a mente como o homem pode sofrer por ser homem.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE

Eu tendo achar, como eu falei, apesar de ter a ideia teórica de que a mulher tende a ser desprivilegiada e até por tentar fazer reportagens que demonstrem isso, denunciem isso, é na minha experiência pessoal, eu não vi isso acontecer. Eu vi mulheres tendo destaque como editoras. Enfim, em O Dia, a minha a nossa editora-chefe era uma mulher, a nossa editora-executiva era uma mulher e o meu editor direto era um homem. No meu primeiro trabalho, aquele trabalho na Rocinha que eu mencionei, a diretora lá do canal era uma mulher. Aqui na BBC a chefe do serviço mundial é uma mulher, mas aí eu estou falando do Reino Unido, né, não estou falando do Brasil. Eu acho que ... eu não tenho experiência concreta que possa indicar isso apesar de ser essa a minha percepção talvez

influenciada por algum preconceito. Eu não sei. Na minha experiência direta, eu não vi isso.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE E DESIGUALDADE E AÇÕES EMPRESAS

Eu não tenho como responder pela empresa, pela indústria como um todo, pelo setor como um todo. Eu não tenho essa...

(na tua opinião) É, mas eu não gosto de dar opinião sem estar embasada. Embasada na minha experiência é o que eu disse: eu não vi. Eu não vi com base na minha experiência. Por isso, a minha opinião seria irrelevante porque ela estaria baseada em ... eu desconheço. Eu não sei e não parei para refletir, para olhar os números... Entendeu? Eu não sei te dizer. Eu não sei te dizer.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO NEGRAS E NEGROS

Que situações os jornalistas negros estariam? Isso baseado em quê?

(na tua vivência) Pela minha experiência ... Baseada na minha experiência eu não tenho o que dizer. Eu posso te dizer como a gente representa eles, os negros, os brancos. Mas como os jornalistas vivenciam eu ... eu nunca vi. O fato é há poucos jornalistas negros nas redações. Então, eu acho que essa é a principal, esse é o principal problema que o jornalista enfrenta e não o indivíduo. Acho que é a representação daquela voz ... quase não há jornalistas negros nas redações. Então, eu não saberia te dizer: ah, eles têm essa experiência porque eu acho que o caso é tão profundamente complicado que nem sequer já. São pouquíssimos. Então, isso é até mais grave de eu descrever que houve isso ou aquilo. É que não há. E em relação aos brancos, eu imagino que o branco vai ter mais acesso ... isso baseado no que a gente sabe como funciona a sociedade brasileira, né? Se a pessoa for branca, ela vai ter acesso a alguns tipos de matérias, ela vai conseguir entrar talvez melhor. Não vai ter tanto preconceito e talvez vá sentir mais autoconfiança para poder entrar em certos ambientes. Mas aí outras questões entram por trás, como em relação à classe. Então, não vejo nada negativo para o branco a não ser que tenha que fazer alguma matéria em algum ambiente com população predominantemente negra e isso faz com que ele seja menos aceito. Mas eu sei se esse tal preconceito inverte, se existe. Entendeu? Se modifica uma forma de diálogo não de igual para igual vinda de ambos os lados. Ou alguma iniciativa para isso. Mas eu não sei. Não sei.

RELAÇÕES RACIAIS – PRÁTICAS RACISTAS

É profissionais negros não, porque como falei eu não tive contato. Essa é a questão mais grave. Agora sobre a representação de negros, sim. Sempre foi conversa de um monte de jornalistas o fato de que jornais e revistas evitam colocar negros nas páginas em reportagens que não têm a ver com temas que a gente chama de típicos, né, como citei naquele meu artigo sobre os temas típicos de racismo, denúncia de preconceito e tal. Aí, você coloca uma pessoa negra. Mas se for para falar de qualquer outro tema, um economista negro ou uma coisa de ... uma matéria de sei lá ... a não ser que seja uma reportagem que delimite ... as práticas que eu vi sobre discriminação de negros tem uma sutil de que você tem que botar ... muitos descreviam: “ah, tem que ser uma pessoa de

boa aparência, bonita”. Boa aparência não, bonita. “Ah, tem que ter gente bonita. Gente bonita vende”. E por trás do gente bonita você tem que ... por trás se você tem uma leitura aloi de que ... se você traz uma pessoa negra, você pode ouvir: “ah, não tem que ser gente bonita”. Eu nunca passei por essa especificamente. Mas eu já ouvi a história ... jornalistas contando que essa era uma forma de alijar, de tirar ... não, não usar negros. Mas eu já passei por uma experiência específica que eu não quero dizer, você pode supor, mas eu não quero dizer que foi que eu trazia muitos personagens para produção jornalística e eu ia ao centro do Rio de Janeiro e buscava os personagens. Eu me aproximava das pessoas que eu ia vendo. Eu não ficava selecionado: ah, deixa eu pegar alguém que seja assim ou que seja assado. Eu ia me aproximando para pegar ilustrações para as histórias. E eu trouxe provavelmente um número de negros que dava a proporção dos que passavam pela minha frente. Eu não tive o filtro de pegar ou não pegar negros. E ouvi de uma pessoa na posição de editor para mim ... pô ... eu não me lembro da fala exatamente, mas era de uma maneira informal eu fui chamada a atenção. Tipo: “pô, você só traz negro. Tira. Para de trazer tanto negro. Vamos tentar”... eu não me lembro da frase exatamente, mas era uma chamada de atenção para que eu não trouxesse tantos negros ou que eu parasse, na verdade, de botar negros para ilustrar. Eu podia entrevistar. Mas trazer a foto e pensar que aquela fosse a foto que fosse ilustrar a matéria e pudesse ser usada numa primeira capa ... Então, a chamada foi para eu não usasse mais. Não trouxesse mais. Então, isso foi, sem dúvida, uma forma de racismo bem direta, né, na decisão da pessoa de me dar esse toque digamos assim.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE E DESIGUALDADE – ACAO DAS EMPRESAS

Eu acho que é uma profissão marcada pela desigualdade de representação dos negros. Eu não sei se é um problema ... onde está essa desigualdade. Aí vem aquela questão se as universidades já revelam essa desigualdade de acesso à profissão. Se menos negros escolhem jornalismo do que outras profissões. Então, pode ser que o problema seja bem anterior, né? É certamente uma profissão marcada pela desigualdade. Como eu já falei tem muitos poucos negros nas redações e as empresas têm que ficar atentas a isso, e elas devem levar isso em conta quando fazer os seus recrutamentos de uma forma ... Eu não quero advogar por cotas no jornalismo para negros, mas acho que todo editor e todo diretor de redação deve ter isso em mente. Se ele se depara com um profissional negro que vê competência ou mas talvez algum elemento da formação daquele profissional não é um elemento que ou enfim um elemento prejudique ele numa seleção, eu acho que essa pessoa tem que pensar e ter uma visão prática sobre o quão superável é essa deficiência (defesagem) e se não vale a pena você comprometer o seu padrão para fazer a sua escolha. Mas aí é uma decisão que cada um tem que tomar de acordo com a circunstância do momento. Mas eu acho que não dá para a gente simplesmente esquecer que isso existe. Eu acho que é importante a gente ter isso em mente e tentar, dentro do possível, mudar essa realidade, dando mais oportunidade. Por exemplo. Vou dar um exemplo concreto para você. A gente tinha um projeto aqui dentro da BBC Brasil de criar um programa para crianças. Um programa de televisão de notícias para crianças. E nós estávamos pensando em ter uma, um painel com três apresentadores que pudessem se revezar para fazer esse programa. E até mesmo por a gente estar na Inglaterra, a gente tem muita gente na nossa

equipe de nacionalidade italiana, de nacionalidade alemã, porque as pessoas já estão aqui. Falam a língua fluentemente porque tiveram a oportunidade de viajar. Então, você acaba tendo uma redação mais branca do que você deveria ter. Até com representantes que você nem vê no Brasil, gente muito alemã. Naquele programa especificamente eu pensei: nós temos que ter ... um dos apresentadores do programa tem que ser negro. A gente não pode se comunicar com as crianças do Brasil com o estilo Show da Xuxa ou Angélica, com paquitas louras. Você tem que ter representatividade. O programa ainda não foi adiante. Mas se for certamente a gente vai ter que ter uma pessoa, uma pessoa ... enfim... a cara do programa vai ter que ser uma cara que reflita a cara das crianças que vão assistir. De forma nenhuma a gente vai criar uma imagem no programa, em termos de apresentação, desconectada da realidade demográfica do Brasil. Porque eu vejo aqui uma coisa muito mais séria aqui do que se ter jornalista negro na redação, é o que você está mostrando para a crianças em formação e precisam daquilo para a noção de pertencimento na sociedade. Então, nesse caso é como se realmente eu tivesse baixando uma cota: um apresentador vai ter que ser negro. O que estou dizendo é que não há como ter uma regra determinante para tudo, mas é uma coisa que você tem que ter em mente de acordo com a sua necessidade e de acordo com a sua possibilidade, você considerar na hora que você recruta. Então, até mesmo depois desse meu artigo, eu fui procurada por vários jornalistas negros falando que queriam ... que gostaram do eu escrevi e gostariam de ter essa oportunidade. E já tem duas pessoas escrevendo reportagem para a gente. E muitas vezes as pessoas para trabalhar aqui começam tendo uma experiência como repórter free lancer. Depois, a gente conhece o trabalho e a pessoa entende como a gente funciona e ela acaba tendo mais chance em seleções. Então, não é para levantar ... dar uma oportunidade também para a pessoa que não tenha competência para romper. Não é isso. Mas é entender que, às vezes, você tem que romper e achar caminhos diferentes para se conectar com um grupo que não imediatamente está conectado com você. Qual o nosso grupo imediatamente conectado? O grupo dos europeus, porque já têm passaporte, já moram aqui. Entendeu? Então, a gente tem que se conectar com os que não estão normalmente conectados.

RELAÇÕES RACIAIS – TRAJETÓRIA

Exceção ou regra em relação ao Brasil? Porque você entende que eu moro fora do Brasil, né? Eu acho que ela talvez seja uma exceção porque eu estou numa organização que dá mais estabilidade. Se bem que nós já tivemos vários cortes e muita gente já perdeu o emprego também. Eu acho que talvez por eu estar num país que tem menos solavancos e ser uma organização que não depende tão diretamente de publicidade. Quer dizer, não depende de publicidade, né? Então, não tem aquele solavanco da crise, da recessão, demite. Então, é exceção sob esse aspecto. Tem pouco mais de previsibilidade. Mas também não tem estabilidade. Não tem estabilidade. Eu posso perder o emprego. Eu escuto sobre cortes no futuro, num curto prazo. Enfim. Eu posso perder o emprego. Qualquer pessoa da nossa equipe aqui pode perder o emprego. É uma exceção, porque é um pouco melhor. Mas não é uma estabilidade completa. E em relação a rendimento, eu acho que está dentro do padrão ... até se bobear ... aqui na Inglaterra ... isso eu acho que é uma coisa bem curiosa porque no Brasil a diferença salarial entre o repórter e o diretor de redação elas refletem um pouco o padrão de desigualdade no país. Então, tem uma

diferença enorme. Só que aqui a diferença não é tão grande. Quando você é promovido, você ganha 5% de aumento. Então, eu acho que em termos salarial, o meu salário não é um salário. No Brasil, eu estaria ganhando mais, digamos assim. As condições de trabalho também eu acho exceção. Eu acho que são favoráveis no sentido de que diferentemente das redações do Brasil, a gente aqui não tem que trabalhar longas horas. Normalmente, você é recompensado por trabalho adicional de uma maneira que, no Brasil, não ocorria. Se bem que agora, com relógio de ponto, a coisa mudou um pouco, né. Mas se você trabalha final de semana, você ganha folga. Você trabalha a mais ... São condições de trabalho muito boas. Respeitoso. Tem oportunidade de treinamento. Enfim, é um ambiente de muito respeito. Então, nesse aspecto ... não que houvesse desrespeito nas redações do Brasil, mas eu posso dizer que é bem positivo aqui. O que eu vivo aqui é bem positivo. O que eu acho que as pessoas da equipe vivem eu acho que é bem positivo em relação a situações não tão boas no Brasil.

RELAÇÕES RACIAIS – FUTURO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

É porque é uma fase que estão em transformação que é difícil vislumbrar um futuro. Mas talvez com essa coisa das redações, jornais impressos migrando para o ambiente digital e o ambiente digital está tão desorganizado ainda. Então, é difícil prever, mas algumas linhas mestras ... eu acho que apesar de ser prejudicial para os profissionais, apesar de ser vendido como algo positivo, né, porque dá liberdade, essa coisa da pessoa tem que trabalhar, vai ter mais oferta de trabalho como free lancer, autônomo, né? Então, tem todo um debate aqui na Europa de uma geração de autônomos que vêm surgindo nos últimos anos e uma coisa meio glamurizada, mas que têm condições piores de trabalho, né? Se você ficar doente, você não vai receber. Então, tem ... nesse momento de transição, as empresas não vão querer se fechar com compromissos fixos de mão de obra. Então, é ... vai ter mais trabalho de má qualidade, de ganho alto, porém curto. Vai exigir uma visão do repórter, do profissional, mais avançada em relação aos estágios de produção e edição. Então, a pessoa vai ter que ter mais autonomia e conseguir entregar um produto mais final. Aquela coisa de você ter tipo no jornal um cara, um chefe de reportagem, um editor e, mais antigamente, o revisor, Então, fica mais ... a pessoa tem que ter essas qualidades para se destacar. Então, em relação às condições de trabalho, né? Agora em relação às empresas? É os modelos de negócio ainda estão tendo de se provar, né? Ainda está difícil dizer o que vai e o que não vai funcionar. Tem que saber o que as pessoas estão dispostas a pagar e o que vai sobreviver como economicamente viável. O que eu acho que provavelmente vai acontecer é que você vai ter mais jornalismo opinativo que tem um pouco a ver com essa mentalidade que o facebook também incentiva de você ficar com aquilo que você conhece, com o que você concorda. Mais jornalismo personalizado no sentido de que tem uma voz que você conhece falando e que você confia naquela voz. Esse fenômeno que a gente vê bastante no Brasil bastante da direita ter suas vozes, da esquerda ter suas vozes. E as pessoas ficam leais aos veículos e plataformas de acordo com a orientação ideológica. Eu acho que talvez tenha mais, na mídia digital, no Brasil, de veículos estrangeiros, com veículos específicos. Quer dizer, você não vai tentar criar uma redação que cubra o Brasil inteiro. Mas você vai tentar ter aquela fatia da audiência com coisas nada específicas. A BBC já há muito tempo no Brasil. Teve O El País entrando. O The New York Times pensou em entrar, mas talvez com a economia um

pouco mais aquecida eles consigam desenvolver um modelo que funcione para o Brasil.
E que mais?

APÊNDICE C – JORNALISTAS NEGROS

DEIVISON CAMPOS



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

A escolha pelo Jornalismo foi bem cedo. Eu estava conversando esses dias com uma pessoa sobre isso, porque quando eu comecei na escola eu já sabia ler. Acabei me diferenciando dos outros colegas da primeira e segunda série em função disso. Eu lia e escrevia. As professoras sempre gostavam dos meus textos. Eu tive uma professora na segunda série, Maria Helena era o nome dela, uma professora negra e que me estimulava muito a escrever. Gostava e, às vezes, se emocionava com as coisas que eu escrevia. Eu acho que a escolha se deu assim. Na escola, eu participava do Grêmio escolar e ficava fazendo o jornal da escola. Foi uma decisão bem cedo, desde sempre. E quando eu fui fazer vestibular, eu não tinha dúvida do que eu queria estudar. Essa foi uma decisão ... parece meio estranho ... mas foi entre a primeira e a segunda série.

DEFINIÇÃO DO TRABALHO COMO JORNALISTA

Bom, essa é uma questão bastante complexa. Eu, por ter feito poucas outras coisas profissionalmente ... claro antes de entrar na universidade eu fiz várias coisas, mas depois disso sempre trabalhei com jornalismo. No período em que trabalhei na assessoria pública e depois na privada, eu acredito que eu classifique o meu trabalho com bastante experiência. Eu, por muito tempo, fiz gestão nessa área e tenho um reconhecimento das pessoas que trabalharam comigo e que se mantêm minhas amigas pelo trabalho que eu realizei. Então, eu classifico com bastante experiência e bastante conhecimento em jornalismo, mas sempre aprendendo coisas novas. Disposto a aprender coisas novas, principalmente agora que eu leciono jornalismo. Eu preciso estar sempre atualizado e juntando à essa atualização, a minha experiência. Eu me considero um bom profissional. Me considero um excelente profissional em jornalismo.

SEXISMO

Bom, acho que como sexismo eu acho que essa questão de estabelecimento de fronteiras a partir da ideia de gênero e sexualidade que as pessoas acabam por estabelecer. E essas fronteiras que, na verdade se tornaram culturalmente muros, acabam muitas vezes atrapalhando socialmente mesmo as relações entre as pessoas pelo fato que as relações sexuais encaixotadas acabam interferindo nas relações de gênero e profissionais. Isso levanta um pouco o ponto de barreiras simbólicas bem significativas e que impedem pessoas de acessarem ou lugares ou possibilidades ou oportunidades, em função dessa

confusão entre o que seria, digamos assim, normatizados por essa heterossexualidade normativa que acaba construindo não só preconceitos, mas barreiras simbólicas bem consistentes e fronteiras mesmo. A ideia de que essas fronteiras possam ser flexíveis ou possam ser atravessadas em diferentes momentos – eu até tenho pensado um pouco sobre isso, escrito um pouco sobre isso, essa ideia de ideia e sexualidade como territórios mesmo. As lógicas que regem isso são lógicas quase dos Estados nacionais. Tipo tu és brasileiro, tu és argentino. Duas coisas tu não pode ser. Ou tu é masculino ou feminino. Homem ou mulher. E as outras possibilidades não são aceitas e a própria ideia de ser mulher na nossa sociedade acaba por ser muito problematizada. Entendo sexismo não só como a construção dessas barreiras e lugares, mas a adesão a esse tipo de pensamento. Acho que é um pensamento hegemônico na nossa sociedade e acaba Então, complicando e deixando bastante complexa a relação entre as pessoas, normatizando coisas que muitas vezes não têm relação com sexualidade ou gênero, como o mercado de trabalho, por exemplo.

RACISMO

[risos] Vai no mesmo sentido. O racismo é uma construção cultural, uma construção sociohistórica e que impede ou estabelece barreiras simbólicas bem concretas na nossa sociedade, baseada em pré-conceitos negativos. Esse saber se estabelece a partir de preconceitos estereotipados, preconceitos negativos. E isso constroi lugares sociais, eu sempre tenho pensado racismo como isso, lugares sociais pré-estabelecidos e posturas sociais. No momento em que tu sai desse lugar ou tu tensiona esse lugar, geralmente quem sofre racismo são lugares negativos, lugares depreciativos, lugares à margem, tu Então, sofre um conjunto de pressões, violências simbólicas e, muitas vezes, físicas pra buscar que tu te mantenha naquele lugar. Não de uma maneira estruturalista, mas eu acho que sistêmica, a nossa sociedade foi pensada com esses lugares bem estabelecidos. Com um olhar mais processual vai ser isso: lugar construído no período escravista, principalmente no chamado Novo Mundo e os lugares das populações negra vai ser colocado e na colonização dos países da África vai ser a mesma coisa, o racismo em relação aos negros e que vai colocar o negro no lugar social de mais desprivilégio. Isso para garantir os privilégios que foram se constituindo. Com a mudança das relações, que deixa de ser o escravismo, outras formas de violências vão ser construídas para que a coisa se mantenha como está. A ideia de controle eu acho que essa alta mortalidade de jovens negros, não é um fenômeno brasileiro. É um fenômeno que a gente consegue entender num mundo negro. Ou você está dentro de uma faixa de controle ou simplesmente tu é eliminado. O racismo tem garantido ... eu gosto muito do Leroy quando ele diz que o racismo é constituinte do Ocidente. A gente não tem como pensar o Ocidente sem essa hierarquização. E o que garante isso são os racismos que controla isso, que mantêm isso por meio da violência simbólica e física e da eliminação dos indivíduos negros cada vez mais.

PRÁTICAS SEXISTAS OU RACISTAS NO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Ahhh, sim. Eu acho que as redações ainda são muito machistas, heteronormativas e brancas, né. Eu lembro de uma revista Imprensa, em 2001, que tinha uma manchete. A manchete da revista era: jornalismo é coisa de branco. Eles tinham feito uma pesquisa em

todo o país para ver quantos profissionais negros existiam em cargos de decisão nas redações do país. E lá, em 2001, eles identificaram três pessoas. Muito pouco se pensar a quantidade de grandes redações no país. E foi u ma pesquisa nacional. Então, isso diz muito sobre a seleção jornalística que é muito clara e, sobretudo hoje, que o jornalismo promoveu o que eu chamo de uma nova eugeniização, higienização. Não sei como posso chamar isso. A seleção se dá com base no conhecimento de outra língua nas grandes redações, claro, de uma experiência internacional, de uma formação mais consistente, ensino fundamental, privilegiamento de algumas universidades que se destacam, principalmente, privadas. E isso elimina já no processo seletivo muitos dos candidatos negros. Às vezes, tu passa na redação e vê um ou dois negros para ... tipo cotas assim para dizer que não existe. Então, o racismo é muito forte. O racismo é muito forte no processo seletivo, na contratação... isso vai resultar também no conteúdo que é produzido, porque no momento em que tu produz o conteúdo hegemonicamente ou as pessoas que decidem esse conteúdo a partir de um mesmo lugar, os discursos que vão ser construídos ali, as narrativas jornalísticas, elas vão ter essa perspectiva. Então, a gente vê que o resultado do trabalho jornalístico ele também tem elementos de discriminação, preconceitos, bem, bem fortes. Nos últimos tempos, além do preconceito racial e contra a mulher, as outras chamadas minorias, tu vê também uma elitização da produção jornalística. As pessoas que têm acessado as principais produtores de informação do país vêm de uma elite econômica. E isso tira um pouco dessas pessoas a visão do mundo dessas pessoas como ele é na medida em que não dá todo o acesso às informações do mundo. Quanto à questão da mulher, eu acho significativo ver que hoje, nos cursos de comunicação no país inteiro a maioria das pessoas que ingressam e cursam os cursos de comunicação são mulheres. Mas quando tu entra numa redação jornalística, a maioria, ou a grande maioria dos profissionais são homens. Então, isso já mostra também no processo seletivo um conjunto de pressupostos ali colocados. Isso de alguma forma mais forte no rádio, que eu acompanho mais. Mas nas redações de jornais, tu vê que há um privilegiamento de homens. Dificilmente nos cargos de mais, amsi, editor-chefe, tanto é que o pessoal nem usa a expressão editora-chefe, ainda são poucos. A Marta Gleish acaba sendo uma das exceções aqui na Zero Hora. Isso também já diz muita coisa. É aí que muitas leituras do mundo são feitas a partir de um lugar que é o masculino. E como existe uma pressão ou uma repressão às pessoas que, digamos assim, de falar de outro lugar, para que falem do lugar do masculino, acabam trabalhando com a ideia do macho mesmo e não do masculino enquanto possibilidade ou território. Isso tudo se dá nas redações faz com que, tirando as linhas editoriais e as políticas dos veículos que se colocam claramente ao lado do liberalismo, ao lado de outras estruturas que mantêm essa sociedade com todas as suas certezas, com todas as suas verdades. E elas passam pelo racismo, pelo sexismo. Eu até orientei um trabalho de conclusão de uma aluna que queria saber o por quê até hoje não existe repórter mulher no trabalho de campo na transmissão de rádio. Enquanto ela fazia a pesquisa com dirigentes de emissoras, dirigentes de clubes, jogadores e outros jornalistas, as respostas eram as mais óbvias assim, as mais limpas, dizendo que não havia pelo fato de a mulher se interessar há pouco tempo pelo futebol e que não havia o número de pessoas formadas e capacitadas para isso. Elas se deu conta de que as respostas não soavam tão verdadeiras e pediu para um colega homem fazer as mesmas perguntas. E aí apareceram todos os preconceitos possíveis contra a mulher, ligados ao uso do sexo para

o privilegiamento de informações num universo que é masculino. Isso mostra como pensam as pessoas que estão principalmente nesses lugares de poder ainda dentro do jornalismo. É claro que tem excelentes profissionais mulheres no jornalismo, com reconhecimento, mas mesmo essas acabam sofrendo ou sendo passíveis de comentários jocosos. Comentários machistas dos colegas. Eu lembro bem de uma redação que eu trabalhei. Tinha uma repórter policial que tinha muita informação. E aí sempre surgem os comentários: “ah, deve estar dando para alguém”. “Deve andar com alguém” para o privilegiamento de informações. Isso ainda é muito comum no universo jornalístico. Até porque o jornalismo ele como área de formação e conhecimento ele se mantém positivista. A ideia da objetividade e da imparcialidade que a gente trabalha e a epítome, digamos assim, do nosso campo ligada ao século 19. E as pessoas, ao pensar o jornalismo, de alguma forma, elas pensam desse lugar. Então, é o lugar dos grandes preconceitos. Não que influencie, mas isso cria um ambiente favorável para todos os tipos de preconceitos e discriminação.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES MULHERES

No jornalismo de cotidiano, acho que em primeiro lugar é o processo seletivo. Eu acho que dependendo da redação existem lugares reservados. Quando sai uma mulher, entra outra. Ou quando sai um homem, entra outro. E a maioria das pessoas que estão nas redações são os homens. Eu acho que uma segunda coisa que a mulher leva bastante desvantagem é na escala de pautas especiais, principalmente se forem for a do local onde fica a redação. Por que? Porque se forem locais longe, geralmente vai – se for de carro – vai o motorista, alguém que produz imagem ou vai um técnico. Então, geralmente são os homens escalados. Claro, por um lado, para baratear custo. Isso é uma questão que acaba eliminando ou reduzindo as possibilidades de mulheres. Ou pela própria ideia de que juntar homens e mulheres podem acontecer problemas. Não para o homem no sentido de que as pessoas não têm preocupação com o homem. Ou Então, sei lá com o medo de que aconteça algum relacionamento ou algo nesse sentido. Por outro lado, também é uma relação mais machista de que, dependendo do tipo de pauta, a mulher não vai dar conta. Não vai ter, não vai conseguir informações porque o jornalismo ainda é um lugar de brutos correndo atrás de informação, às vezes, acontecem casos de violência física na busca por imagens. Para garantir a melhor imagem, empurram. Nesse tipo de lugar, existem bastante barreiras que são simbólicas. Não pela qualidade do trabalho, do resultado que vai se ter, mas outros elementos vão impedir o acesso das mulheres. E eu acho que também na questão dos cargos de decisão... Dá para ver o exemplo dos telejornais, nos telejornais, geralmente, tem um casal apresentando. O editor-chefe sempre é o homem. Eu não conheço um caso de um jornal que seja apresentado em dupla e que a mulher seja a editora-chefe. Eu acho que essa é uma questão contra o feminino bem clara no jornalismo. Algumas editorias ainda são proibidas, não só a do Esporte que tem algum espaço nos últimos tempos, mas a maioria dos veículos coloca um ou duas mulheres para não dizer que não têm mulheres na editoria. Mas não só essas. Alguns outros tipos de cobertura ainda têm... a questão dos serviços de trânsito, por exemplo, acho que é um negócio ainda muito masculino. Mesmo policial, quando aparecem algumas mulheres, na editoria de Polícia. Ou Então, elas fazem pauta de cotidiano ou Então, nesse jornalismo mais sensacionalista aparecem mulheres de forma caricata. Então, elas exageram na produção

de sensação. Tentam se aproximar daquele tipo de sensacionalismo que vai ter como marco os homens. Mesmo o discurso, é um discurso machista, de enfrentamento, preconceituoso. Acho que esses lugares, essas coisas, o jornalismo ainda é bastante fechado. Mas eu acho que o principal problema é na entrada, na entrada nas redações. [VEÍCULOS RESPOSTAS PARA EVITAR REIVINDICAÇÕES, LUGARES NÃO ALARGADOS] Eu acho que antes sim. Por muito tempo, foi decisão empresarial mesmo. Uma decisão de dar resposta social e era isso. Hoje, é menos isso. Vejo uma chega de mulheres nas redações, mesmo que ainda as redações sejam muito masculinas ainda. Mas hoje, como as redações são lugares de passagem dentro do jornalismo. As grandes redações não são mais, na minha perspectiva, o principal mercado de jornalismo. Ou se ainda são constituindo como. O número de demissões no ano passado e no outro são bastante significativos. Por outro lado, em alguns veículos, tirando algumas peças-chave têm sido o lugar de começar a carreira jornalística. As pessoas começam na redação para criar uma marca, digamos assim, ou adquirir um pouco do capital que a marca tem e depois vão fazer outras coisas. Então, nesse sentido mudou um pouco a estratégia que é a justificação social, mas por outro lado, as outras barreiras se mantiveram. Até tem, em alguns lugares mais mulheres, mas elas não vão estar nos principais postos de decisão, elas não vão para as principais coberturas, não vão estar nos principais horários dos veículos eletrônicos. E mesmo nas novas redações, que são as redações online, tu vê também mesmo quando tem um projeto mais complex, tu vê um número maior de homens envolvidos e, principalmente, coordenando os projetos tu vê homens. Mesmo tendo mudado a estratégia de colocar mais mulheres em lugares estratégicos para dar uma justificação social a principal estratégia, as outras barreiras mantêm o Mercado muito parecido com o que sempre foi, o jornalismo como sempre foi porque são as mesmas pessoas definindo. E dentro das redações as relações são muito, não só nas redações, mas no campo jornalístico, tenho ouvido muitos relatos das relações de sexualidade. De mulheres jornalistas muitas vezes serem acusadas por colegas de um privilegiamento pelo fato de serem mulheres, privilegiamento no sentido de ter acesso a informações. Esse discurso ainda é muito forte. Contrariamente a isso a gente vê que na hora de escalar as pessoas tiram as mulheres. A gente vê que é uma maneira depreciativa assim de se relacionar, porque numa vez que tu acusa de que usa da sexualidade para ter as melhores informações, na hora que elas querem as melhores pautas... bom como isso não acontece, manda o homem. Então, tem uma contradição aí. Estou pensando nisso agora. Tem aí uma contradição, porque teoricamente se elas acreditassem mesmo, não como um argumento, de desconstituição da profissional jornalista de que ela efetivamente conquista as melhores informações ou colocações atrás das questões sexuais, elas seriam escaladas para as melhores pautas, o que seria um outro lugar, como as investigativas, né? Eu não conheço repórteres investigativas mulheres. Até tem produtoras, em televisão, principalmente, mas na hora de aparecer, é sempre os homens que vão aparecer com o microfone. No máximo a assinatura de produção. Vejo um movimento no mercado por isso, um mercado que está em modificação, o que algumas pessoas chamam de crise. **Eu não chamaria de crise, eu chamaria de mercado em movimento, está se deslocando, se reconfigurando, mas ainda há um desprestígio da mulher, né.** Eu até falava com algumas mulheres jornalistas mais velhas, assim que estudavam e trabalhavam nos anos 70, quando o jornalismo efetivamente não era coisa para mulher. O jornalismo, lá nos

anos 80, quem entrava nas redações eram mal-vistas socialmente quanto na redação. Eu acho que a sociedade vê isso de uma maneira diferente, com legitimidade com atuação da atuação das mulheres no campo jornalístico, não individualmente, porque tem todo um preconceito, mas como campo tem uma legitimidade do trabalho das mulheres, **mas dentro das redações as mulheres têm um tratamento de como se fossem entrusas, com muitas brincadeiras sexualizadas, muito assédio seja moral ou sexual.**

[EXEMPLOS] Eu acho que a principal questão é essa. Eu já, há poucos dias falava com uma amiga que é coordenadora de Imprensa de um órgão público, e como ela está lá há muito tempo. A coordenação geral é feita por um cargo de confiança e ela está, digamos assim, abaixo desse cargo. Essa pessoa é bem reconhecida e não fala mais com ela depois de uma série de assédio dizendo que: “ah, porque tu é mulher. Porque o presidente tem interesse em ti, ele te chama a toda hora. Passa as informações pra ti enquanto eu que mando aqui não tenho esse acesso”. Enquanto é outra coisa. Ela é de carreira. Ela está lá trabalhando. Esses dias me foi ditto isso. Outra coisa que eu acho também que nos últimos tempos eu tenho observado os departamentos de imagem dos impressos e online, que antes até tinha numa maior diversidade, hoje são muito masculinos. Não tenho muitas informações em termos de Brasil, mas no mercado que aqui eu vejo diminuiu muito o número de mulheres. Hoje se fala Departamento de Imagem, mas praticamente não tem mais mulheres atuando, só homens. Eu acho que só tem a Adriana, repórter fotográfica da Zero Hora. E fora ela, eu não me lembro de ninguém. Eu acho que por essa ideia de que o cara tem que ser multimedia, etc. Acho que tem um desprivilegiamento do feminino como multimedia, multiplataforma. E aí como cara tem que produzir para diferentes plataformas, eu acho que a figura masculina ainda tem alguma coisa... voltando aquela ideia positivista de credibilidade, alguma coisa nesse sentido, há um desprivilegiamento das mulheres.

[PRIVILÉGIOS DOS HOMENS POR SEREM HOMENS] Eu acho que sim. Dá a ideia ... dessas ideias defendidos pelo jornalismo e abandonadas pelo campo social, de maneira geral, de objetividade, credibilidade, eu acho que os caras ainda acreditam que a imagem masculina ainda causa mais credibilidade. Por isso, o editor-chefe é o homem, o âncora é masculino e assim vai. Acaba que, em alguns momentos, uma mulher alcança, geralmente, acaba sendo a personagem caricata como a Sherezade, por exemplo, dificilmente tu vê um editor-chefe como uma mulher que não, dentro do jornalismo, é referência. Eu acho que em função disso mesmo desse desprivilegiamento.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VANTAGEM POR SER HOMEM?

Dentro do jornalismo? Eu acho que principalmente nessa questão de viagem. Eu acho que sim, o jornalista masculino sempre viaja mais. Até agora com a questão tecnológica isso tem possibilitado, tem oferecido a possibilidade de que o jornalista viaje praticamente sozinho. Mas, pelo que tenho visto, os jornalistas que viajam sozinhos são homens. Geralmente, quando tu vê uma correspondente mulher, ela é uma correspondente dentro de uma redação fixa, como a Globo usa em Nova Iorque ou na Europa. Eu acho que nas principais coberturas há um desprivilegiamento feminino. E mesmo nas grandes coberturas. Eu sempre falo para os alunos, nas Olimpíadas da China, em Pequim, a repórter Sônia Bridi, ela... o principal horário de transmissão das Olimpíadas era no Jornal da Globo por causa do fuso horário. E ela fez o primeiro dia com não muita

seguraná, ela fez o segundo dia e, depois era o Tomé [Roberto Tomé] que tava fazendo. Quer dizer, ela foi retirada. Não acho que era insegurança, eu acho que o futebol começou antes. E por não acompanhar regularmente e não entrar bem, ela foi retirada. Aconteceu o mesmo na cobertura, na França, do atentado ao jornal. Também começou uma repórter mulher a fazer a cobertura e depois ela foi retirada. Acho que há um desprivilegiamento da mulher nesse sentido. Acho que no cotidiano, não. Mas dependendo da editoria, sim. Acho que no momento em que a mulher que vai receber um destaque maior, em razão do tipo de cobertura que vai fazer, aí eu vejo o universo masculino. De alguma forma, isso é bastante forte. Outra coisa é nos cargos de chefia direta. Os que tu precisa fazer gestão em jornalismo, esses cargos são masculinos. A cultura é de que ou a mulher tem que adotar aspectos do masculino para poder gerir ou ela é simplesmente eliminada do processo. Principalmente na área de coordenação de produção. Menos na edição. Na edição, eu vejo algumas. **Mas na hora de arrancar, na hora de comandar a reunião de pauta, ainda é um comando masculino no sentido de impor coisas, comandar coisas, obrigar coisas. É um lugar ainda reservado para essa ideia de masculino.**

RELAÇÕES DE GÊNERO – DESVANTAGEM POR SER JORNALISTA NEGRO?

Acho que sim. Eu acho que sim. Eu acho que sim em diferentes momentos assim da minha carreira. Em primeiro lugar, muitas brincadeiras.

[EXEMPLO] Não, assim no sentido de ... menos antes ... enquanto eu estava nos veículos menores, eu não senti. Mas quando cheguei à coordenação da Rádio Gaúcha, que eu coordenei por muito tempo, sempre tinha algum tipo de brincadeira com colegas que, de alguma maneira, com colegas que eram teoricamente envolvidos com a cultura negra. [entre risos tímidos] “Tu é a nossa cota”. “Tu tem que dar graças a Deus por ser gestor”. Coisas desse tipo. Eu acho que a surpresa com as quais tu te relaciona. Eu acho que, principalmente, com as fontes jornalísticas, porque o jornalismo lida muito com o poder tanto econômico quanto político. Sempre causava estranheza quando eles chegavam na redação, talvez a mais importante do estado, e ver um jornalista negro comandando a redação e ser a pessoa que ia dizer se iam falar ou não, ter alguma possibilidade, um direito de resposta ou não. Eu acho que isso era uma coisa e sempre tinha uma desconfiança na relação com as fontes de que aquilo era realmente aquilo. Algumas vezes, as pessoas procurando o Deivison que não eu. Essa ideia. Mas profissionalmente, eu acho que, no meu caso e eu acho que é de algumas pessoas, por eu ter um posicionamento político antes de entrar na redação, as pessoas tinham mmias cuidado, digamos assim, na relação ou na afirmação mesmo. O problema é isso. Eu acho que tem muitos jornalistas negros que chegam à redação sem uma consciência étnicorracial, que ainda são bastante complexos, e acabam sendo mais vitimados. O problema é isso. Quando tu está mais preparado para aquilo, tu não se torna – não é que tu não te torna vítima – mas tu não te vitimiza com isso. Tu está pronto para resolver a questão. Tu está pronto para confrontar aquela questão. E eu acho que isso, em termos de campo jornalístico, me deu uma vantagem, porque quando as barreiras começam a aparecer, eu estava pronto para perceber ou Então, eu chamava a atenção: “o que está acontecendo aqui?” “É efetivamente alguma questão racial ou é uma questão profissional?” Já tentava resolver e ao mesmo tempo já, digamos assim, já impedia que a barreira fosse colocada.

Principalmente quando as pessoas são flagradas numa atitude de preconceito, isso é muito silencioso ainda, as pessoas acabam – não sei se envergonhando ou dando pra trás quando tu mostra para elas que alguma coisa está acontecendo, principalmente no campo jornalístico que se diz de imparcialidade, o flagrante é bastante interessante em termos pessoais, em termos pessoais, claro. Mas eu acho que as barreiras estão colocadas assim. Estou pensando... e aí aquelas outras questões que acontecem, né? Em coberturas, como um repórter negro tu tem que te identificar mais. Às vezes, o porteiro, o segurança aquele não acredita que tu está ali trabalhando. Eu acho que isso no cotidiano acontece bastante. Mas ... Eu tava fazendo a cobertura de um grande incêndio que aconteceu numa loja na Azenha, ali, o incêndio das Casas Lu. No lado da loja, tinha um restaurante bastante pequeno e o cara do restaurante ficou muito preocupado porque ele perder tudo o que ele tinha. Eu sei que ele queria entrar para tirar algumas coisas. E ele foi contido de uma forma muito violenta pela polícia. Muito violenta mesmo. Ele foi agredido e eu estava no ar. Eu falei sobre isso e depois fui até lá. Então, eu confrontei o cara que estava comandando por causa disso, e como falei no ar, o cara ficou muito bravo. E disse: “o que que tu quer negão? Não sei o que quê? Babababababa” Aí eu falei: “Só um pouquinho. Eu não vi tu chamar ninguém aqui no entorno pela cor da pele, apelido ou qualquer coisa que seja. Então, eu exijo que tu me respeite”. Aí começou aquela discussão bastante forte. Claro, a vontade dele era me agredir. Mas tinha muitos jornalistas. Teoricamente, a coisa terminou ali. Foi ao ar. Depois, os caras ligaram para a rádio e durante um bom tempo eu tive problema com esse cara. Abriram inquérito. Ele efetivamente complicou um pouco para ele. E várias outras vezes, em outros momentos.

[RELAÇÃO COM AS FONTES – ATINGINDO NA IDENTIDADE RACIAL] Mais das fontes policiais.

Exatamente. É. Mais das fontes oficiais, assim né? Fontes policiais. Não aceitar que eu, um repórter negro, questionasse ou confrontasse a qualquer momento como qualquer repórter questiona mais incisivo, assim, né? E ... das outras fontes, mais surpresa: “Opa, existe jornalista negro?” “Esse cara é jornalista?” Esse tipo de coisa. É estranho ... até agora que eu sou coordenador de curso, eu acho ... não conheço outro coordenador de curso negro ... acho que o Juarez, agora lá em São Paulo que é um coordenador de curso de Jornalismo negro, lá em São Paulo ... eu já coordeno o curso desde 2009. Muitas vezes quando vai alguém lá tipo procurar o coordenador para pedir estágio ou pais que vão até lá ... esses lugares eu acho que são lugares ... Eu acho que quando tu ocupa um lugar que a pessoa acha que tu não deves estar – e não são poucas as pessoas que acham, que não são poucos os lugares – eu acho que dentro do Jornalismo é praticamente todos os lugares, isso causa bastante estranhamento. E aí isso se recrudescer, isso aumenta, quando se trata de uma relação mais conflituada com as forças policiais. Com certeza, como eu contei. Outras vezes eu tive ameaça tipo: “Ou tu cala a boca, ou eu posso arranjar um problema que vai te tornar o teu problema”. Claro, que aí vai a coisa de resolver aquele problema no momento, adotando uma postura firme não aceitando que o cara te coloque naquele lugar onde ele acha que tu deve estar.

RELAÇÕES DE GÊNERO – PRÁTICAS DE ASSÉDIO E DISCRIMINAÇÃO CONTRA MULHERES JORNALISTAS

Eu acho que de uma maneira geral tem muito assédio à mulher dentro das redações. Eu acho que já falei um pouco sobre isso. Eu acho que existe um certo desprivilegiamento contra as mulheres, ainda, de forma bastante acentuada. Eu trabalhei com poucas mulheres. Com questão racial, na verdade eu trabalhei com poucas mulheres negras. Se trabalhei com poucas mulheres, com mulheres negras menos ainda, tá? Eu não sei. Eu trabalhei um tempo com uma repórter que eu acho que sofria muita piada, mas não abertamente. Eu acho que a postura dela provocava uma relação bastante conflituada com os colegas. Eu acho que a maneira como ela se relacionava, provocava muito conflito. Mas também por trás existia muita brincadeira e muita piada a partir da ideia de feiúra, a partir dos estereótipos. Os caras diziam: “ah, essa negra, ou essa macaca”, como muitas vezes falam. Mas partiam da ideia de feiúra porque ela ela tinha uma fenotipia negra bem marcada. Eu acho que assim, na questão racial, foi o que mais ... era um negócio sutil porque os caras tinham cuidado comigo. Sabiam que eu ia intervir principalmente porque ali eu tinha uma relação de poder estabelecida. Mas, às vezes, eu observava que acontecia bastante. Mas aí não mais assédio. Mas uma coisa que não é, como vou dizer? Não é explícito, mas está ali acontecendo. Porque aquelas brincadeiras que acontecem quando a pessoa não está e acaba se tornando ... está ali também quando a mulher está. Então, acaba não fazendo muita diferença quanto a isso. E também são poucas as mulheres negras que conseguem ascensão no mercado jornalístico. Isso é outra coisa que eu acho que fica mais marcado.

[encontrava mais homens negros no jornalismo?] Mais homens negros. Com certeza. E eu acho assim ó... as mulheres quanto mais pretas, menos estão na redação. Então, também existe uma eliminação. Os homens pretos conseguem chegar mais à redação. Eu poderia te falar que pelo menos dez jornalistas negros que convivi, trabalhei e que não é muito. É pouco. Mas é o que posso referir. Agora de mulheres negras na redação não chegaria a cinco, lembrando das pessoas e pensando sobre isso. Eu acho que essa também é uma questão a ser colocada. O que eu lembro era de assédio, mas a partir do estereótipo de beleza contra a mulher negra dentro da redação.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE SALARIAL E DE CONDIÇÕES

As redações são bastante desiguais. As redações são bastante desiguais. E eu não sei se tem interesse da parte das empresas de fazer qualquer movimento nesse sentido. Eu, particularmente, acho que não. Acho que as empresas têm todo ... principalmente agora eu acho que está mudando o tipo de perfil da gestão das redações e também do gestor das redações. De maneira geral, hoje o gestor da redação ele é muito ... o processo de gestão das redações, eu vejo que tem ficado muito quantitativo. Existe muita pressão sobre o trabalho. E os gestores têm um perfil de opressor assim. Opressor no sentido de que aumenar ou atingir as metas que são quantitativas. Então, esse movimento eu acho que faz com que as empresas se despreocupem com essa questão de igualdade ou desigualdade. Não vejo nenhum movimento nesse sentido. Pelo contrário, aumentam as denúncias de assédio, de assédio moral, de assim, assédio profissional, de desgastes, de desligamentos, de demissões, de pedidos de demissão, as pessoas desistindo de trabalhar

em redação pelo atual cenário. Se pelos editoriais, os jornais, de alguma maneira, editorialmente já se posicionam a favor do liberalismo, isso é coerente. Daí essa ideia de igualdade e de preocupação nesse sentido, eu acho que é uma discussão mais de justificação ou mais de que não é objetiva, né? Eles não estão preocupados com isso efetivamente. Muitas vezes, eles fazem esse discurso para serem envolvidos e apontados como alguém que se preocupa com isso. Mas efetivamente não. Eu entendo que precisaria ... o campo jornalístico deveria ser regulado, né? Eu acho que a regulação é crucial, da mídia, dos veículos jornalísticos, deveria apontar uma melhora nesse processo. Eu acredito muito na regulação. Tanto é que as empresas, elas são contrárias efetivamente porque elas sabem que atuam de maneira equivocada em vários sentidos. Então, essa regulação faria uma revolução no processo, no campo mesmo jornalístico e no campo midiático de maneira mais ampliada. Então, não têm interesse. Eu acho que do movimento das empresas tu não consegue nada. Eu acho que só a regulação social poderia ... com conselhos sérios, com conselhos efetivamente com participação de pessoas e com uma observação ... daí eu não sei se a regulamentação da profissão também poderia provocar um movimento. Porque na verdade o interesse das empresas ... o silêncio das empresas no processo de regulamentação do jornalismo é que, ao mesmo tempo em que eles continuam oferecendo o principal produto do jornalismo que é a promessa de que aquilo que eles estão vendendo, estão entregando foi produzido por pessoas com formação jornalística, quer dizer, com pessoas preocupadas com a imparcialidade, com a ética e a objetividade, a categoria jornalística perdeu poder de barganha. Porque se tu não tem obrigatoriedade de contratar jornalistas, tu pode, inclusive, ameaçar ou barganhar dizendo: “tu não quer, sai”. E ali qualquer um quer. Já está acontecendo isso em alguns projetos em que não jornalistas estão fazendo o trabalho de jornalismo. É o caso do CQC [da Bandeirantes], do Oto, um canal novo aqui. Num momento tem as pessoas dizendo que o Pânico faz jornalismo. Então, esse processo de desregulamentação desempoderou a categoria, mas ao mesmo tempo manteve as empresas num lugar muito confortável porque elas continuam contratando exclusivamente jornalistas, continuam entregando o mesmo produto, mas aí na hora da negociação, negociam com “qualquer um pode fazer”. E, aos mesmo tempo, não buscam qualquer um para fazer. Então, acho que a regulação e a regulamentação poderiam ajudar no processo de negociação quando se busca melhorar as condições de trabalho dentro da redação.

RELAÇÕES RACIAIS – PRÁTICAS RACISTAS

Eu acho que hoje os profissionais negros estão ... não tem ... acho que encontraram um mercado interessante no mercado jornalístico seja produzindo conteúdos jornalísticos ou fazendo outras atividades. A redação, de maneira geral, não é mais uma preocupação. Eu vejo bons profissionais, bons projetos e isso também envolve jornalistas negros fora dentro dessas grandes redações. Acho que o lugar reservado, é um lugar quase de cota, quase de justificativa de estar ali ou Então, são pessoas que entraram no jornalismo – eu acho que nos anos 1980 foi um tempo bem profícuo para os jornalistas negros, né? – em termos de entrada nas fontes de produção. São pessoas daquele tempo, o Jones [Lopes, da Zero Hora], o Renato [Dorneles, do Diário Gaúcho], os caras que estão há mais tempo, outros já saíram. O Fernando Gomes, uns caras assim, né? Esses, digamos pela

experiência que adquiriram, isso é uma coisa valorizada, eles têm uma relativa valorização dentro do campo. Mas de uma maneira geral, são lugares periféricos. [na linha de frente?] Eu acho que ainda não estão. Eu acho que o jornalismo ainda é uma coisa de branco referindo à revista [Imprensa, já citada].

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO BRANCAS E BRANCOS

Eu acho que tem mais campo formal. Eu acho que esse campo de emprego é mais amplo. Acho que, por muito tempo o empreendedorismo, por meio de assessorias, é muito mais simples para esse jornalista negro até mesmo por conta dos lugares sociais. Se os negros abrem uma assessoria, efetivamente, vão estar quase que passíveis a atender empresas de pessoas negras. Dificilmente vão atender ... porque essa surpresa que tem assim na ... nesse processo de encontro elimina ou diminui a possibilidade que um empreendedor negro consiga gerenciar a conta de uma grande empresa. Aí eu me lembro que, quando eu estava formando fiz uma seleção de uma grande empresa para a área de comunicação, e me disseram que eu não tinha o perfil. Aí pedi melhor explicação por isso. Ah, as justificativas foram vagas. Mas a ideia é isso: não tem o perfil porque não atende aí outros elementos que é a questão do lugar mesmo, dos referenciais privilegiados da nossa sociedade que elimina negro dessa possibilidade. Então, é isso. Existe um mundo jornalístico alternativo, que tem sido bem feito, que é um campo hoje interessante para os profissionais negros. Mas dentro da redação tradicional ainda é um lugar de macho e de eliminação, de expulsão. Os profissionais ficam ali por um tempo e depois saem. Eu poderia citar vários que passaram pelas redações e que por “n” motivos, muitas vezes por assédio, muitas vezes por falta de oportunidades, por privilegiamento, por estagnação – porque aí entra na redação e fica fazendo sempre a mesma coisa – acabam desistindo e indo fazer outra coisa. Só que para os brancos isso é muito mais simples.

[saem da profissão?] Saem da profissão. Tem pessoas indo fazer outras coisas, indo estudar outras coisas dentro desse novo mercado. Eu acho que esse novo mercado tem sido potente assim para profissionais de maneira em geral e para os jornalistas negros também. Tenho uma aluna agora que pediu demissão do jornal e vai trabalhar com produção de audiovisual. Não sabe muito bem como, mas vai trabalhar. Conseguiu fazer o primeiro curta, a partir de um edital e decidiu buscar esse novo mercado, porque não ia ter oportunidade dentro da redação além do que ela já faz.

RELAÇÕES RACIAIS – PRÁTICAS RACISTAS

Eu acho que a todo momento. Essa estagnação nas redações é visível, né? O cara entra e vai fazer a mesma coisa até que peça para sair. Dificilmente ele vai conseguir alcançar cargos diferenciados. E por isso que não tem negros em cargos de decisão. Por outro lado, o cara desiste de tentar fazer qualquer outra coisa ali porque tem sempre que fazer a mesma coisa. E parte para outra empresa, outra possibilidade, às vezes, para outra profissão. Primeiro, tem a dificuldade de acessar. E depois a estagnação que provoca ... elimina. Um exemplo do Renato Dorneles que entrou na Zero Hora, lá nos anos 1980, fez algumas coisas. E ficou colocado no arquivo do jornal. Ficou lá por mais de 20 anos, fazendo pesquisa de arquivo. E depois com o lançamento de um jornal mais popular [Diário Gaúcho] ele recebeu outras oportunidades. Agora, ele está fazendo fechamento de capa. Parece uma função importante, mas isso depois de 40

anos de carreira. Então, essa imobilidade eu acho que ela é muito violenta. Isso pensando em redação. Agora se a gente for pensar nos veículos de mais posição como a televisão, tudo o que acontece não só com os jornalistas, mas com o negros de uma maneira geral, a gente vê que é um assédio constante. Aí a gente vê também contradições. No caso da Maria Júlia, o Jornal Nacional todo com a hashtag #NãoSomosRacistas. Aí a Globo continua com o Ali Kamel como diretor de produção e conteúdo, como chefe supremo, com o seu livro Não Somos Racistas. Com Maju tem racismo. Somos racistas? Ou não somos racistas? Ou somos? Então, eu acho que a situação é bem complicada e que não vai ser uma coisa a ser resolvida pelo campo, nem pelas empresas, nem pelos profissionais. Tem que vir do social, do público e do social.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE DESIGUALDADE

Não, não tem disposição. Eu acho que é muito cômodo, porque o objetivo das empresas jornalísticas é o lucro. Antes de ser jornalística, é uma empresa. Isso eu acho que é bem marcado nas relações, nas relações de mão de obra barata. O jornalismo hoje paga muito mal em relação a qualquer outro mercado. Se pensar outras profissões está na média, mas pelo faturamento dessas empresas, a remuneração é muito baixa. Existe um tratamento diferenciado para profissionais negros e brancos. Eu acho que o número dentro das redações mostra isso, o panorama das redações mostra cada vez mais. o processo de seleção busca as elites de profissionais e isso elimina a maioria da população negra, que vem das classes mais baixas da população. E também os cargos, as pautas cumpridas tem aí um desprivilegiamento com o diferencial da experiência. Você vê negros fazendo determinado tipo de cobertura de ponta como a área política ou qualquer coisa assim, mas são pessoas com muita experiência dentro do mercado jornalístico. Então, não observam se é branco ou se é negro, observam que é um repórter experiente. Por outro lado, quando a gente vê os repórteres jovens, eles são brancos. Daí os repórteres negros vão estar cobrindo questões de geral ou de outras editorias. As editorias nobres, no caso, não são cobertas por repórteres negros jovens. Só pelos muito experientes pelo fato da experiência. Então, acho que tem uma diferença de posicionamento. Claro, com algumas exceções. Isso é a regra. Eu, por exemplo, fui fechar uma redação muito cedo. Eu fui chefiar com 27, 28 anos. Isso é muito cedo, muito ovelha no campo jornalístico. Já tinha alguma experiência, não tanta, mas tinha uma boa experiência. Mas isso é uma exceção. É uma exceção, porque, geralmente, quando um profissional negro consegue chegar a um posto assim, ele já está ... os outros que conheço, estão nos 40 anos.

RELAÇÕES RACIAIS – TRAJETÓRIA

Eu acho que é exceção. A gente vê, na atuação jornalística, como uma exceção. Eu acho que eu tive uma oportunidade de estar em empresas e veículos de grande porte, comandar um dos veículos mais importantes do país. Eu acho que foi uma coisa que eu construí trabalhando muito. Eu acho que me ajudou eu ter uma experiência anterior bem sólida no jornalismo. Quando eu cheguei na rádio, eu já trabalhava há algum tempo. E quando eu assumi a coordenação eu já conhecia também o funcionamento da rádio. Já tinha feito várias coisas, muitas coisas. Busquei, dentro do possível e dentro das minhas possibilidades, principalmente econômicas, uma formação bem sólida. Acreditar no conhecimento, acreditar na educação formal. Eu acho que isso foi bastante importante e

me levou a lugares interessantes. E outra coisa a respeito do posicionamento político foi bastante importante, porque em nenhum momento eu deixei alguém dizer: “tu não pode estar aqui”. Eu continuo dizendo em nenhum momento abro espaço para qualquer tipo de questionamento, sendo que eu deveria estar num lugar onde eles imaginam. Sei lá. Tipo aquelas pichações: “tu deveria estar na cozinha do RU. Ou na senzala” [alusão às pichações contrárias às cotas raciais nos muros da UFRGS, no início da década de 2000, quando da adoção de políticas de ação afirmativa]. Eu acho que as pessoas continuam pensando isso e que não gostam de ser confrontadas. A ideia de que a pessoa que é vítima de algum preconceito, ela vai ser espezinhada se ela não reagir contra aquilo. Quando tu confronta, as pessoas se inibem nesse sentido. Eu acho que hoje também ter chegado a coordenador de curso, mesmo de uma instituição privada, digamos que as públicas são vistas com mais status, mas ser coordenador de uma instituição confessional de uma religião outra que não a minha eles tendo claro a minha religião africanista, acho que também é um exercício bom. E jovem, relativamente jovem. Acho que como coordenador e professor, a minha carreira também é uma exceção, estando construindo uma rede de pessoas que me conhecem, conhecem o meu trabalho, acho que isso também é importante. E tornou a minha carreira exitosa. Eu acho que de onde comecei e onde estou ... acho que também tem o lance de estar no lugar certo, na hora certa e fazendo a coisa certa. Então, acho que é uma exceção. Vejo muita gente falando, muitos profissionais negros falando e mesmo outros que não tiveram oportunidade de fazer “n” outras coisas. Então, eu acho que é uma exceção, realmente uma exceção e não regra ainda, esperando ... porque acho que tem uma mudança aí silenciosa pela educação. Não são somente as políticas afirmativas declaradas, como as cotas nas universidades e no serviço público que estão modificando a situação, eu acho que coisas como ProUni e outras medidas também. O ProUni tem incluído muitos alunos negros silenciosamente. E são pessoas que têm sido bem formadas. Em algumas experiências saindo alunos prontos, profissionais prontos para concorrer de uma maneira mais igual no mercado de trabalho e na vida como um todo. Eu acredito muito nisso.

RELAÇÕES RACIAIS – FUTURO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Eu acho que o jornalismo continua sendo a melhor profissão do mundo. O jornalismo continua como uma área muito promissora. Ao dizer que é a melhor profissão do mundo, eu estou fazendo referência ao García Marquez. Continua muito promissor, com muita coisa para fazer. Eu acho que a questão da informação é assim ... central na nossa sociedade, né? O jornalista tem potência para ser gestor dessa informação. A gente vê, num primeiro momento, que tem muita informação que não tem validade e circula. Eu acho que o papel do jornalista é validar essa informação, cada vez mais, e não só mais nesse formato tradicional que é a grande redação produzindo lead. Eu tenho visto outras experiências interessantes, assim, do jornalismo e entendo que os nossos referenciais culturais podem e têm muito a ver com esse novo mercado até porque historicamente a população negra soube sobreviver fora do mercado de trabalho formal. Então, nesse momento em que se tem menos emprego, mas tem muito trabalho para ser realizado, esse ethos que se constitui nas culturas negras é aquilo que o Bill Roy diz que a cultura negra é uma cultura contramoderna. E eu vejo que é uma cultura contramoderna, mas já que é pós-moderna antes mesmo que isso fosse dito. Eu acho que esses elementos culturais

podem ajudar. Eu acho que pode ajudar a partir desse lugar que é a identidade, o pertencimento negro dentro desse novo mundo do trabalho... análise, de criação, de produção, de imaginário, de circulação e gestão de informações. É uma área bastante interessante para isso.

(algo mais) Com a diminuição das redações, eu acho que a tendência é diminuir o número de profissionais negros na redação se não tiver uma regulação. Nos idos da cultura negra acabam sendo produzidos a partir da estereotipia, a partir de questões negativas, como a gente vê contra religião, contra movimentos culturais dos jovens negros. Quer dizer, o funk é absorvido, os bailes cariocas são mostrados como lugar de marginalidade. Esse tipo de coisa – o resultado, o conteúdo se dá pela ausência de pessoas que possam olhar para esse conteúdo de outro lugar, o lugar diferenciado. Eu acho que a tendência nas grandes redações, com o aumento das redações, a tendência é que isso piore. Então, a gente vai precisar de meios de comunicação mais eficazes para atender essa demanda. Por outro lado, acho que tem negros que não se deram conta da importância desse lugar da comunicação, do jornalismo mesmo dentro do movimento social e que não adianta continuar com o discurso da Globo, da RBS ou mesmo da Record, porque a gente só consegue mudar as estruturas por dentro seja dentro dessas emissoras ou dentro dessa luta pela regulação dos meios de comunicação.

HERALDO PEREIRA



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Eu escolhi ser jornalista porque eu escolhi ser radialista. Quando eu pequeno, quando eu era menino pequeno lá em Ribeirão Preto, eu adorava rádio. A gente chama Ribeirão Preto como capital do café, mas também capital do rádio. O rádio é muito forte. Então, eu ouvia muito rádio. Ouvia muito rádio e ouvia muitos programas radiofônicos. O rádio em Ribeirão era assim. Havia o rádio. O rádio fazia a crônica da vida da cidade. Eu ouvia rádio com o meu avô, eu era pequeno. O rádio fazia a crônica da vida da cidade. Foi aí que eu descobri notícia, noção de notícia, essa coisa toda. Noção muito elementar, né? Eu era um menino. Então, eu sempre quis trabalhar na rádio. E eu, enfim, comecei a trabalhar na rádio muito cedo. Logo depois de trabalhar como office boy, que lá em Ribeirão Preto a gente chama de guardinha, numa companhia telefônica. Já na companhia telefônica eu comecei a fazer um jornalzinho interno. E dali eu fui para a rádio, logo em seguida. Então, eu comecei a ser jornalista empírico, já, porque eu queria ser jornalista.

DEFINIÇÃO DO TRABALHO COMO JORNALISTA

Meu trabalho? Eu sou repórter. Aqui é o meu escritório (corredores do Supremo Tribunal Federal, risos largos). Mais do que os corredores, as calçadas. Um dia eu estive no Prêmio Comunique-se, numa das versões teve uma versão, um prêmio por computador, por internet. E eu fui escolhido. Não sei porquê também... para umas das categorias, categoria de televisão. E aí eu falei isso ... na semana anterior eu tinha estado numa das calçadas. E naquela semana eu estava, no palco, recebendo um prêmio. Mas na verdade o nosso trabalho é esse aqui. Esse aqui que você está vendo. Nós não estamos exatamente numa calçada, mas nós estamos. Nós vivemos assim. Todos nós nos conhecemos aqui. Aqui não tem ninguém que não se conheça. Nós somos repórteres. Nós somos das calçadas. Somos repórteres. Então, eu defino o meu trabalho como um trabalho das calçadas.

SEXISMO

Então,. Você sabe que essas são questões mais dos tempos atuais. Estão mais colocadas nos tempos atuais. Existem algumas expressões, algumas práticas ou algumas práticas denunciadas como, por exemplo, sexismo de se ter uma trilha a partir de uma questão distorcida de sexualidade de determinadas pessoas. São questões que estão colocadas há muito pouco tempo na nossa prática, na nossa rotina jornalística. Vocês que são pesquisadores poderão ver melhor. A partir do movimento dos direitos civis americanos, você teve tantas variações deste movimento ou não, mas decorrentes deste movimento no Estados Unidos, e que levaram a questões que a sociedade nos Estados Unidos começou a cobrar e a outras que a sociedade dos Estados Unidos passou a não suportar mais. Então, são valores ou são padrões que passaram a fazer parte do modo de vida da sociedade. A partir do paradigma americano, as questões ligadas à raciliadade, às questões ligadas à sexualidade, elas passaram a se espriair por outras sociedades que não a nossa. Mas nós acabamos importando, até talvez muito recentemente, digo recentemente a partir de 2000, essas questões. Eu não quero ser pejorativo na expressão que vou usar, mas é uma expressão de um conteúdo pejorativo, mas não quero que soe assim, a expressão do politicamente correto. Porque nessa expressão está imbutida uma carga expressiva de preconceito. Então, você passa a usar jagões e frases: “ah, isso é do politicamente correto. Precisamos abrir mão do politicamente correto”. O que são? São as denúncias das bandeiras ou das negatividades do sexismo, as bandeiras da negatividade da racialidade que são o racismo e suas derivações. Então, aí você vai dizer: “Olha, precisamos controlar essas questões porque o politicamente correto hoje estaria a abarcar toda a nossa carga de mobilização, toda a nossa vida. Precisamos deixar disso” (frases feitas e ocultas). Quando nós ainda nem praticamos uma, vamos assim dizer, uma retirada dessas questões sexistas, racistas e desses comportamentos. Percebeu o que estou dizendo? Então, realmente essas questões apareceram muito para a gente evidentemente depois da experiência americana. Depois de se ter um presidente negro de pai africano, de mãe branca americana, de origem com pé no islã. Então, surgiu ... a gente começa a discutir tanto as questões de movimento de emancipação de mulheres. Então, a gente acaba usando, dizendo: “olha, precisamos tomar cuidado com essas questões raciais ou sexistas”, quando não estamos em patamares de vida comunitária em que outras comunidades estão. Mas hoje, depois desses parênteses enormes, digo que esse hoje é um debate que encontra morada na imprensa. É um debate

incipiente, mas já encontra morada. Mas tem que levar em consideração que a gente é uma coisa muito complicada aqui. Esse debate não encontrava morada há bem pouco tempo. O fato de já encontrar morada já é alguma coisa.

RACISMO

Então,. Qual é que é a coisa importante? A coisa importante é quando não se tem a questão do sexo como o paradigma a partir do qual a gente encara determinada pessoa ou determinados grupos. A questão da racialidade, racialidade no sentido sociológico, porque a gente sabe de toda a discussão que se tem na academia. As academias incentivaram muito essa questão, por mais que a gente saiba que ... o próprio Supremo Tribunal Federal já debateu bem essa questão. Por mais que a gente saiba que a questão da racialidade não é uma questão biológica. É uma questão sociológica. Então, existe raça sociologicamente, negros. Se você tem na sociedade esse conceito político, Então, de fato você tem. O racismo me parece ... eu vejo como você referenciar pessoas ou grupos a partir de um conceito de racialidade. Ou de um conceito de segregação. De um conceito de superação. De conceito de outra qualificação, via de regra evidentemente é pejorativa, é discriminatória. Do ponto de vista do apartheid que é um apartamento em todas as suas variáveis: sociais, econômicas, culturais, de oportunidades, de vida, de oportunidades, geográficas, em detrimento de uma parcela da sociedade. No caso de nós, negros, de uma parcela mais considerável e mais integrante da sociedade majoritariamente presente no Brasil.

PRÁTICAS SEXISTAS OU RACISTAS NO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Então, você sabe o que acontece? O ideal no jornalismo é refletir questões que estão colocadas, que estão na sociedade. A gente tenta ... qual é o compromisso do jornalismo? Com a opinião pública, né? O que é a a opinião pública? Opinião pública é um conceito vago, né? Mas povo também é um conceito vago. E a gente sabe o que é povo. Então, opinião pública como um conjunto de opiniões, como um conjunto de aceitações numa determinada comunicação. No caso, a sociedade brasileira.

(segunda entrevista)

O jornalismo é uma atividade que propõe ... como um dos seus propósitos, coloca ... é refletir as questões que estão na opinião pública. Refletir os próprios sentimentos da opinião pública que eu acho que as práticas, por assim dizer, que recebem determinados segmentos da população, estão também na opinião pública. Estão também colocados na vida das pessoas. Não dá para a gente imaginar o jornalismo como algo fora da vida das pessoas. O jornalismo é uma caixa de ressonância da vida das pessoas. Nós somos jornalistas também porque estamos inseridos no meio da população. Isso num plano ideal. Agora, evidentemente, se você tem grupos que discriminam, você tem uma possibilidade de ter essa problemática também no meio jornalístico, porque nós também somos feitos de elementos da população. Porém, essa é uma questão que sempre devemos estar atentos. Nós sempre temos que buscar uma, uma ... ter assim ... uma autocontenção.

(Luiza Mahin)

O Luiz Gama que, supostamente, ao que tudo indica, seria filho dela (Luiza Mahin), foi uma figura central na formação do jornalismo. Ele antecede os grandes marcos

fundantes do jornalismo no Brasil. Porque ele é do século anterior. Entre eles, o próprio Machado, que é um fundador e que é um escritor de origem negra. O nosso maior escritor evidentemente. E os escritores tinham uma participação muito grande no jornalismo. O jornalismo também era ... hoje, nós somos jornalistas e escritores. Mas antes, nós éramos escritores que faziam os jornais periódicos. Então, o Luiz Gama precede, antecede a esses caras. E ele vai viver ali, na própria escravidão, a situação dele, uma peculiaridade muito grande. Além de ele ser supostamente o filho da Luiza Mahin, ele tem a própria situação dele como um marco. E ele vai depois fundar jornais, participar ativamente das reda... participar ativamente da formação dos órgãos de imprensa de São Paulo. Quando ele mesmo vai ter uma experiência jornalística. Por isso, que eu fazia referência à Luiza Mahin que eu acho que é uma figura primordial, indispensável, sobre a formação da família brasileira. A formação da gente brasileira. Aquilo que o Darcy Ribeiro que é um outro tipo de gente, né? O Darcy Ribeiro falava até de uma outra etnia. O Darcy Ribeiro falava que o brasileiro é outra etnia. A etnia dos tempos futuros. Nós não somos mais europeus. Nós não somos mais africanos. Nós não somos mais nada. E ele falava dessa formação. Tinha o nativo. Tinha o nativo da África. E europeus e todos os outros que passaram aqui. Eu acho que a Luiza Mahin ela vai ser central nisso porque ela agrega o que a mulher teve na formação da família brasileira, do povo brasileiro, na formação da brasilidade. Por quê? E nesse aí a formação da brasilidade no paradigma da mulher, para mim, é a mulher negra. Porque a mulher negra foi força de trabalho, força de formação doméstica, não é? Eu acho que se você o brasileiro tal qual, se você tem o Brasil tal qual, e se você tem a situação tal qual nós temos hoje é porque se deve ao papel da mulher. E no papel da mulher você tem a Luiza Mahin como símbolo. E o maior expoente é a mulher negra seja na casa-grande quando amamentava, quando cuidava das crianças, quando trabalhava na lavoura, quando trabalhava ... tinha uma atividade muito forte para os meios produtivos brancos, meios produtivos coloniais, seja na vida da senzala, ou depois da senzala, na vida doméstica, do incipiente lar que tínhamos na época escravagista, essa mulher vai ter um papel central. Aí que eu fiz o paralelo entre o Luiz Gama e a Luiza Mahin para mostrar que nisso tudo o jornalismo estava inserido pelo Luiz Gama. Tudo isso ele aprendeu ali na herança doméstica e também na herança do caso dele em si.

(embranquecimento) Às vezes eu tenho a impressão que entre as intolerâncias – e entre as intolerâncias está o racismo – quando eu estou tratando do racismo eu não estou excluindo as outras intolerâncias. Mas aqui eu estou no recorte que a gente está fazendo. **Eu acho que isso faz parte das ervas daninhas. Faz parte do joio. Do joio do trigo. Faz parte da erva daninha que você tem do jardim que você faz e tem a erva daninha. Faz parte ... se a gente for fazer a opção pela religiosidade, faz parte dos pecados capitais, por exemplo. Então, são as coisas que a todo o momento você tem de estar cuidando, porque esses desvios eles acabam puxando a gente ...** tinha um padre amigo meu que dizia ... o padre Milton dizia ... é claro que se você tem o caminho do bem, porque você pega a opção que desvia do caminho do bem. Aí ele que me alertou para essa coisa dos pecados capitais que veem embutido nas pessoas que assim o creem. **Então, eu acho que em relação às intolerâncias você tem de estar atento a isso. E no Brasil você**

tem um problema muito complicado: as pessoas não se sentem intolerantes na racialidade. Elas, inclusive, têm manifestações que são intolerantes – vamos rotular: racistas – e elas não se sentem como tal. Elas agem como se estivessem não sendo racistas, porque aquela prática acabou se tornando tão usual. Mas a escravidão também foi usual no nosso meio e não era sequer crime. Até pouco tempo, o racismo era tratado como contravenção penal até a Constituição de 88 pela Lei Afonso Arinos, que foi o primeiro diploma penal que tivemos aqui, nos tempos mais contemporâneos, dos anos 50. O racismo era uma contravenção penal. Era um crime anão. As pessoas não veem como manifestação racista. Por exemplo, se você pegar o conjunto de estatísticas do IBGE, você verá que isso é resultado de um projeto. Você verá que o que aconteceu com os descendentes de escravos no Brasil mais de século depois do fim do período escravagista, você verá que é resultado de um projeto de sucesso da população aparentemente não negra, porque culturalmente o Brasil é um país negro. Do ponto de vista da blood history, ele é um país negro. Do ponto de vista biológico, ele é um país negro. Talvez seja um dos países mais miscigenados com o elemento negro, com o elemento índio, com o elemento indígena. Mas a prática de intolerância com relação a negros – que tem em todas as estatísticas oficiais o seu resultado aritmético de sucesso – as pessoas não se veem como racista. Tem uma racialidade que nós estamos derrubando no Superior Tribunal de Justiça, estamos agora a pouco de derrubar no Supremo Tribunal Federal, que diz o seguinte: se você pratica um ato de intolerância racial contra uma pessoa – que é o caso do Paulo Henrique Amorim – você praticou injúria racial. Sabe por quê? Porque injúria racial era até este caso prescritível, afiançável. É aquele crime que de um ano e pouco, em dois, três anos, ele prescrevia. Ninguém é punido de racismo no Brasil por causa disso. O racismo foi transformado em injúria racial. E as pessoas ao praticá-lo dizem: “não, não era isso o que eu queria dizer”. E quando elas admitem, elas não admitem que praticaram contra um conjunto de negros. Aliás, para praticar racismo no Brasil você tem que pegar todo o conjunto de negros para praticar esse crime. Se você pratica esse mesmo crime contra uma mulher, contra um homem, diz que não é racismo para não prender. Vira injúria. Eu analisando esse caso ... conversando com os meus amigos, perguntei por quê acontecia isso. Aí, me disseram o seguinte: sabe por quê? Porque a pessoa, o julgador, seja o membro do Ministério Público, seja o delegado, seja o policial ou mesmo o julgador, o magistrado, ele não vê aquilo como racismo. O meu caso foi muito emblemático nesse sentido. O meu caso, que era um caso de racismo, ele foi desclassificado por uma magistrada para injúria racial. E ali foi aplicada a ele a prescrição e, depois, a decadência. Ele só foi reestabelecido lá no Superior Tribunal de Justiça, onde um magistrado, um julgador pegou aquilo e disse – ele tinha mais sensibilidade – ele disse: “não. Ah bom, é injúria racial Então, injúria racial é o mesmo que racismo. Aí, perguntei para um amigo meu, que até é negro, um promotor, doutor Libânio Alves, e falei: Libânio, por que esses caras têm tanta dificuldade seja delegado, policial, tal, tal em julgar um caso de racismo. Ele me respondeu e não ficou muito definido. E eu vou dizer uma coisa para você. Porque o cara não acha que aquilo é racismo. Porque ele pratica aquilo ali. Ele pratica aquilo ali. Ele pratica aquilo ali cotidianamente. Então, ele não vê aquilo como ... como é que eu vou poder contribuir para que essa pessoa vá para a condenação, se eu vejo

isso. Eu faço isso com o cara do futebol que eu jogo. Eu faço isso com a empregada. Eu faço isso lá na rua. Entendeu? Esta mentalidade que é de sucesso econômico, social e de oportunidade ela também está construída no direito brasileiro. Então, não dá nada. Não dá nada. Veja a situação de determinados segmentos da população que hoje gritam por direitos, por espaço verdadeiramente humanitário na população é uma situação mais assertiva. Porque esse movimento do negro, da negra, das populações negra é uma situação muito mais complicada por causa dessa situação mascarada. As pessoas acham que não é racismo porque elas praticam. Até mestiços praticam isso. A gente sabe que muitos jovens, pessoas que têm descendência negra, ascendência negra acabam tendo ... tem lá os carecas do ABC , que são grupos neonazistas que tem mulato, porque a pessoa não se sente... Então, essas coisas que a gente... eu sempre discuti isso ... eu não quero discutir isso porque eu sei que não é o objeto da sua pesquisa ... negros que eram engajados politicamente e ligados ao que o Paulo Henrique diziam ... teve brancos que vieram me dizer como eu, negro, deveria me comportar. **Eu tenho um colega chamado Leandro Fortes que escreveu que racista é a puta que o pariu. Que o Paulo Henrique não era racista e que eu não tinha um comportamento de negro, porque eu trabalho da Rede Globo. porque eu trabalho para a elite. Você percebeu? Como é que pode um branco ensinar para negro como ele tem que ser como negro? É o cúmulo. Pois, nós, negros, sabemos o que é ser negro a todo o momento. Porque não tem um lugar em que você vá. Não tem uma abordagem que não seja de negro. É ou não é? Chega num edifício. Chega num lugar. A primeira coisa que chega da gente é a negritude. Então, quem não tem a negritude assumida, é impossível.** É um contrassenso, entendeu? Eu fui fazer uma viagem. Eu estava no Jalapão e um rapaz que foi o nosso guia, ele me contando ... tem muita racialidade lá, no Tocantins, negros, quilombos, o Jalapão tinha muitos quilombos. Eu fui numa região de quilombos, lá no Jalapão, e a gente conversando sobre a questão negra ... e a gente começou ... ele contou que esteve na região Sul e, enfim, ele entrou, comprou qualquer coisa numa padaria e aí o cara falou assim ... ele tinha esquecido o troco e o cara falou assim: “oh, negão. Oh, negão. Oh, negão”. E ele ficou assim ... Aí, ele olhou assim... ele disse que nunca tinha sido chamado de negão, porque no Tocantins são todos amorenados, são todos miscigenados. E ele falou assim: “foi a primeira vez que me chamaram de negão. E eu achei que não era para mim”. (risos)

(qual foi o teu sentimento de ver reações contrárias ao teu processo) – O problema é o seguinte: a política partidária ela é muito complicada aqui no Brasil. Ela é muito complicada. Ela teve nos primórdios a questão ideológica, o componente ideológico. O componente da ideologia, que hoje não tem mais dado o desmonte dos aparatos ideológicos da Guerra Fria e essa coisa toda. Ela tem esses e outros componentes. Eu sou um jornalista de política, mas não sou político-partidário. Eu nunca tive uma participação partidária e não condeno quem tenha. Mas a questão político-partidária, estou falando deste caso porque envolveu ... teve até integrantes de movimentos que se pretendem refletir sobre a questão negra – e eu não estou falando dos movimentos negros, não. São integrantes que têm atuação político-partidária e ela se sobrepõe ... Então, é o chamado efeito bando: vamos ali fazer a defesa desse nosso grupo. Até imagino que ... é tão canalha esse negócio que ninguém diz o seguinte em relação a brancos, inclusive, integrantes de

porteiros. Eu fiz essa política em favor a brancos. Eu fiz essa política em favor a negros. Vem sempre com essa conversa sempre. Os negros ó fizemos a cota para negros. Fizemos a inclusão dos negros pelo ProUni. Fizemos ... e vira bandeira. **Quando faz para negão, vem com esse papo... e isso é incrível porque isso vira uma bandeira política.** E aí: **“ah, negão, você que está vendo tudo o que foi feito para a população... se eu estou nesse determinado segmento político ... e esse segmento político petista – e eu não estou dizendo que o PT foi um ativista em relação ao meu caso negativo ou positivo. Não, eu tenho amigos que são do PT. Minha advogada é petista. A minha advogada a Verinha, é uma advogada negra, petista, aqui de Brasília. É a Verinha.** (meu espanto) A Verinha. O promotor é o doutor Libânio, que fundou o Núcleo de Enfrentamento à Discriminação aqui em Brasília, um dos poucos negros do Ministério Público. Enfim... o que acontece? Quando você ... porque você tem que excepcionar a questão negro ... já põe o negão ali no gueto. Eh, negrada, vai para o curral. Vocês não podem ter uma manifestação essa ou aquela porque você estão tendo determinados benefícios. Parece que é assim que se pensa. **Por que eu tenho que ser ativista partidário dentro da Rede Globo, que é onde eu trabalho? Eu sou contra ativismo partidário em setores da esfera pública harbermasiana. Oh, meu Deus do céu. Eu não faço política-partidária. Aí eu vou ter que fazer ativismo político-partidário. Aqui é um lugar para fazer jornalismo. A gente é contratado para fazer jornalismo. Eles me cobravam. Eles me cobravam isso. Me cobravam isso.**

(motivação no caso)

É, assim, Isabel, eu não tenho de dúvida que esse caso só teve o desfecho que teve porque a minha advogada tinha uma qualidade muito, muito importante para essa causa. **Ela tinha uma atividade técnica para essa causa porque ela já estudava isso. O meu promotor também tinha uma qualidade técnica para essa causa, porque ele já estudava isso.** Então, eram dois elementos que conheciam isso sobre como é que se construía uma espécie de racismo judicial. Eles eram muito ... já trabalhavam nisso. Essa é a primeira importante característica. **A segunda é que eu sou um obcecado por essas questões porque eu fiz direito e a gente já discutia essas questões anteriormente.** Como é que você - não que não seja importante, tá ? – em relação aos crimes ambientais. Hoje, você tem uma legislação e uma punição de uma maneira que ela é inversamente proporcional aos crimes raciais em relação a negro. A gente discutia isso. E aí, a gente viu que ali estava construída uma questão de intolerância racial. Ali, estava construída. Depois você pega os casos, Isabel, pega, no Brasil, os casos por racismo. E aí pega, no Brasil, quantas foram as denúncias de injúria racial e quantas prescreveram. Aí, o que nós vamos construir? Tínhamos dois caminhos. Ou construíamos a inconstitucionalidade do artigo 140, parágrafo 3, ou artigo 139 do tipo da injúria racial ou construir a imprescritibilidade e a inafianciabilidade que dá na mesma coisa. **Nós conseguimos já a imprescritibilidade e a inafianciabilidade. Então, um caso de injúria racial hoje, se passar, 10, 20, 30 anos, ele continua sendo passível de punição. Pronto, já mudou. O cara não pode chegar lá na delegacia e pagar uma fiança e ir embora. Se for uma prisão em flagrante, ele ficará lá. Essa foi a diferença do caso. Evidentemente, ela foi construída no Direito e eu me inspirei muito, muito, muito no Luiz Gama. Porque o Luiz Gama construía no período escravagista a excepcionalidade para os casos**

que aos escravos interessavam a partir da norma jurídica que se tinha. Ele era um advogado, era jornalista, era advogado da ativa. Era um advogado que conseguiu assim a liberdade de uma quantidade enorme de escravos. Por conta o contato que eu tive com a Ana Maria Gonçalves, com a professora Lígia, de São Paulo, e tal ... eu fiquei pensando ... e ao longo desses anos a gente foi aprimorando isso. A gente foi discutindo, discutindo isso e fui vendo. Nós entramos aí. Foi aí que a gente entrou. Evidentemente, eu não sou uma pessoa desconhecida. Eu não sou uma pessoa desconhecida. **Agora, eu acho que não bastaria ser conhecido como eu sou. Eu também sou uma pessoa que advogada nesses mesmos tribunais. Eu já perdi – no meu caso – no Tribunal de Justiça e Territórios do Distrito Federal porque tinha uma jurisprudência construída.** Um dia, se precisar, eu te mostro como é que foi construída. E ganhei no Superior Tribunal de Justiça. Mas aí eu acho que tinha um viés deles. Mesmo tendo o Supremo Tribunal Federal dizendo que esse é o parâmetro ao julgar a questão das cotas. Um voto memorável do ministro Lewandowski. Mesmo tendo o Supremo Tribunal Federal um ministro negro presidente.

(direito à imagem – súmula 221 do STJ)

Se não podem fazer com a imagem de sei lá o quê, não podem fazer com a imagem de negros, entendeu? Quando você for ... o seu trabalho, pense nisso: o negro ... as pessoas não veem o racismo que é praticado. Assim como as pessoas não veem o racismo. Eu digo: gente, peguem as estatísticas do IBGE. Não precisamos ir longe. As pessoas não veem. Não veem. Isso que o negro tem uma situação ainda melhor do que a mulher negra que tem uma situação ainda pior. **E aí eu volto com o link com a Luiza Mahin que foi uma referência. Veja como pioramos. Veja como pioramos! Nós tínhamos uma figura que é ícone de toda essa movimentação da cidadania, da construção do país, do povo brasileiro e, hoje, nós temos um resultado ... as descendentes de Luiza Mahin têm a pior situação na escala socioeconômica do Brasil. Isso não é um modelo de sucesso?**

(história)

Claro, porque as pessoas não sabem. O problema é que se você aparta dos centros dos centros, dos setores de discussão, de debate e tal, o debate, à luz do debate, à luz da publicidade, as pessoas não sabem. Os negros não sabem. As negras não sabem. As pessoas têm que saber. Para saber, as pessoas têm de ter acesso aos códigos, códigos da leitura, códigos de grana, você ter acesso a essas coisas para você ter posicionamento... aí sim ter um posicionamento político. E se quiser estabelecer um posicionamento político-partidário.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE DESIGUALDADE EMPRESAS

Controle. Controle. Controle. Autocontrole. Autocontrole. As empresas têm de estar atentas a essa questão. Autocontrole. Elas têm capacidade de se autocontrolar. Elas têm capacidade de se autocontrolar. Têm que ter órgãos internos. Elas têm de dar satisfação para o seu público interno. Elas não podem ... uma empresa de comunicação ser uma empresa com elementos de intolerância. Como eu falei, tem os pecados capitais. Sempre vai ter. Não estamos vivendo no paraíso. Então, as

empresas têm de ter autocontenção. Trabalho de verificação. Trabalho de apuração. Elas têm de ter isso. Isso na esfera delas mesmo. Eu acho que não pode cobrar isso do Estado. Ah, tem que fazer uma lei. Não, é obrigação das próprias empresas com os seus próprios recursos. Como elas têm o espaço garantido para oferecer esse serviço, que eu acho, essencial para a população, elas têm de ter também uma contrarremuneração desse gasto. Elas mesmas internamente. Se ter que criar grupo, criar... tem que ter uma verificação. Tem que saber disso.

RELAÇÕES RACIAIS – TRAJETÓRIA

Exceção. Como jornalista negro, exceção. Eu nascia num bairro pobre de Ribeirão Preto. A minha mãe mora até hoje num conjunto da Cohab. A minha irmã mora num conjunto da Cohab que é um programa habitacional que foi fiado no governo militar. Lá para o Sudeste a gente tem muito. A Cohab é uama referência. Mas mesmo assim são bairros pobres, simples, humildes. A trajetória que eu tive foi uma exceção para as pessoas do meu meio social. Para as pessoas do meu meio étnicorracial, mais ainda, entendeu? Mais ainda.

RELAÇÕES RACIAIS – FUTURO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Não sei. Essa é a pergunta mais difícil que você me faz. Nós tivemos um momento em que para fazer comunicação profissional, comunicação jornalística, você tinha que ter até o diploma jornalístico. Aliás, isso em muito contribuiu para afastar talentos negros das redações. Essa ... os sindicatos são tão ativos com a volta do diploma, a volta dessas bobagens, aí, uma bobagem, mas vamos dizer assim... nos períodos anteriores aos militares, você tinha muito mais negros nas redações que começavam como contínuos, como motoristas, negros, como gráficos e aí eles iam ascendendo às redações. **A exigência da formação universitária ela limitou completamente isso. Eu entrei nessa exigência aí dos anos, a partir dos anos 70, o que adiantou? Uma bobagem.** E, hoje, nós temos os jornalistas profissionais por assim dizer. Os comunicadores. Os jornalistas. Mas nós temos hoje a comunicação, a copmunicação social, a comunicação para a sociedade ela é feita por todos nós. Eu costumo dizer que todos nós somos jornalistas hoje. Porque você com a sua rede de contatos, de comunicação interpessoal, intragrupos, você faz isso também. Não faz? Então, esse pessoal de grupos de internet, essas coisas de redes entre pessoas fazem comunicação. Então, em função disso também, nós não sabemos como será o futuro do jornalismo. Enfim. Nós estamos no meio da coisa. A rede de computadores já mudou tudo enfim ... democratizou, aumentou o debate, aumentou a captação de material, aumentou esse jogo, a intensidade desse jogo. Eu não sei como vai ser. Mas é isso. É isso. Eu acho que vai ser uma ... **se há uma profissão que não se sabe como será e o que será, é a profissão de jornalista por causa até que hoje a comunicação está extremamente pulverizada numa característica desafiadora.**

(trajetórias de jornalistas negros e brancos)

As mulheres, hoje, são maioria. É incrível. Eu acho que tem até muita dificuldade de contratar homens nas redações. Virou, virou... o jornalismo era uma profissão masculina, logo que eu entrei nos anos 70, nos anos 80. Mas a partir dos anos 90, passou a ser uma profissão feminina. E hoje me parece que é uma profissão sobremaneira feminina. Pelo menos chefes, o poder de contratação. Quando eu vou às faculdades, eu vejo que tem

muito mais mulher do que homem. É também, se tem mais mulher, tem uma quantidade mais crescente de mulheres negras. Eu vejo. Não vejo com tanta frequência em outros cursos. Eu vejo no jornalismo. Nas faculdades. Nas faculdades.. é louvável, mas as mulheres têm uma presença maior na formação da intelectualidade. Nos centros de formação, na escolaridade, eu acho que a mulher deu um salto. Deu um salto considerável. E acho que a mulher negra está até com mais condição, disposição aparente – é o que eu vejo, tá, não tenho dado – do que os meninos negros, homens. Mas enfim acho que não é uma questão. É apenas um olhar. Um olhar. Vamos lá. Vamos lá. **Fazendo um resumo: eu ainda acho que o jornalismo, lamentavelmente, o jornalismo ainda é uma atividade profissional em que nós precisamos de uma maior coloração. Temos de ter mais coloração no jornalismo. Como conseguir isso? Nós temos de ter uma política inclusiva. Políticas de inclusão no jornalismo. Não sei se falei na outra parte. Eu acho que tem que ter política de inclusão em toda a esfera pública. A esfera pública precisa ter inclusão num país como o Brasil. Você não fará essa inclusão, vamos dizer, de uma maneira natural. Não fará. Tem que ser uma inclusão forçada. Uma inclusão quantificada. Por que se não, cento e tantos anos depois, você via ter as mesmas estatísticas do IBGE. Não apenas no setor da educação. No setor da esfera pública habermasiana.**

(país nação)

É, se não vai ficar uma coisa assim que não se reconhece. Eu fui ao norte do Tocantins, fui ao norte de Goiás, que acho que é o Leste ou Oeste do Tocantins e é quase divisa com a Bahia, tem a presença negra na maior região árida, na maior região desértica natural do Brasil, entendeu? Quer dizer, eu que sou do Sudeste me vi representado lá. A gente tem esse negócio, né? Você é do Sul. Você se vê representada no Rio Grande do Sul, não vê? Racialmente. Você vai ao Norte. **Nós temos essa unidade. Esta unidade ela terá de ser refletida nos postos da esfera pública. Se não ela, deixará de existir como fator de unidade nacional. De nação. A gente não vai conseguir virar uma nação se a gente continuar excludente. A exclusão aqui tem cor. A exclusão no Brasil tem cor. A cor preta. Maior a coloração, maior excluído é.** Veja o que a França está passando com os filhos do que eles chamavam tres pretus, os sujeitos das ex-colônias, veja. Eu não fui tantas vezes na França. Fui algumas vezes. Mas me parece que a exclusão que eles têm lá hoje que é uma chaga social, ela tem cor. Agora, nós temos outras características. Nós tivemos outras características. Nós tivemos uma ... na hora que vai comer as negras tudo bem. Aí, vale. Mas na hora em que vai o neguinho ali, virar feitor. Na hora em que ia comer as negras, virar feitor, errar com os negros. Doutor ele não pode ser. Nem filho. Nem ter nome. Nem sobrenome. É tudo construído. É tudo construído.

JORGE FREITAS



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Eu decidi ser jornalista porque tive informação de que através do jornalismo eu poderia transformar o mundo. E a minha preocupação à época, embora já sentisse reflexo do racismo, a minha preocupação era em relação à pobreza, né? À desigualdade racial. Havia uma música até que falava: “esse jornal é o meu revólver”. Uma música cantada, acho até, que pelo Milton Nascimento ou pelo Zé Rodrigues. Eu gostava muito dessa música e muita dessa frase, desse verso: ‘esse jornal é o meu revólver’. E a partir daí eu fui fazer Jornalismo, né? Eu tinha uma coisa, um interesse com Jornalismo e com História. História eu vi um filme do Charles Bronson, em que ele era um índio, e revolvava as coisas com muita sabedoria, né? E eu não sei qual era a relação que tinha com História, mas tinha uma relação com História. E eu queria fazer História e Jornalismo que são coisas correlatas, assim né, no meu entender. Então, eu queria fazer essa formação, né?, para poder ... a ideia era ter instrumentos, ter força para participar de uma transformação social, né?, e resolver a questão da pobreza, de etnia, de raça. Mas isso aí eu nem sabia que podia haver mudança nisso. Não tinha informação. Não havia isso. Não havia. Eu fiz Jornalismo na Federal do Rio Grande do Sul.

(curso nos anos 1970) – É. Eu entrei no curso de História. Essa minha dúvida, lá. Eu entrei em História. Aí me transferi para o Jornalismo porque os meus amigos ... eu tinha uns amigos e nem todos eram negros. Pelo contrário, a maioria era branca. Eles me arrumaram emprego na Zero Hora. Não era emprego. Era estágio, né? Aí eu fui fazer estágio na Zero Hora. Perdi muitas aulas no curso de História, né? E me apaixonei pelo Jornalismo. Eu viajava... estagiava na área de Esportes, né? ... e viajava pelo interior do Rio Grande do Sul. E aí fiz transferência para o Jornalismo e fui transferido. Aí fui fazer Jornalismo. Eu cheguei já no curso de Jornalismo com alguma autoridade, digamos assim, né? Ou com uma falsa autoridade, porque eu fui trabalhar na Rádio Guaíba, uma rádio muito importante lá no Rio Grande do Sul, no setor de Esportes. Havia um setor lá de ... durante as jornadas esportivas tinha um profissional que acompanhava as loterias, né? Então, ele tinha muitos rádios. Ouvia jogos assim no interior e de outros estados. E no meio da jornada ele dizia: “ó, acabou o jogo tal”. Não era loteria esportiva, né? Era loteria esportiva o nome do jogo. Era um sorteio. Acho que não existe hoje mais. As pessoas jogavam 13 jogos e podiam ganhar dinheiro assim, né? Era um sorteio. Não era um sorteio. Tinha que acertar os 13 jogos. Aí eu era auxiliar desse homem e era redator das jornadas esportivas. Então, eu ia pouco à aula. Eu ia só nas primeiras aulas e dali dava 9h30 e eu saía para trabalhar na Rádio Guaíba e eu era famoso (risos) porque eu era da Loteria Esportiva. Então, me tratavam assim com certo ... ah, me tratavam bem como se eu fosse um profissional. Os outros não eram profissionais. Eu precisa trabalhar, né? Se

eu não trabalhasse, talvez a minha formação tivesse sido melhor, né? A verdade é essa, né? Porque quem ficava nas aulas, em algumas aulas e a convivência com colegas, né, permitia uma formação mais acadêmica. Sei lá se é acadêmica. E eu tinha uma formação profissional e no meio do Esporte. O Esporte é meio grosseiro, né? Os profissionais de Esporte são grosseiros. Ainda hoje você assistindo tem muita besteira. Eu curtia conviver com isso. E em relação ao racismo, eles eram racistas sim. Mas isso não aparecia mais do que aparece normalmente. Não havia um caso que eu possa contar de discriminação, né? Eu não tinha salário alto. Na Zero Hora, eu era um estagiário. Na Rádio Guaíba, eu não era um estagiário. Eu era um iniciante. Eu tinha um salário que era baixo, mas não era um salário ... era melhor que o da Zero Hora. E sobre o racismo, eu não tinha consciência, mas eu já brigava com as coisas. Toda vez em que eu podia escrever sobre Cassius Clay, o Mohammed Ali, né? ... eu escrevia. Na época, me revoltava muito os treinadores de futebol, eles faziam os jogos de pretos contra brancos. Os treinos ... o que é normal, né?, nos treinos os caras fazerem casados contra solteiros ou brancos contra pretos. Isso hoje não acontece. Pelo menos não se tem notícia. Na época, era comum. Havia um jogador muito interessante – até o colega Jones Lopes escreveu um livro a respeito dele – o Escurinho, que era um jogador que falava coisas a respeito do racismo, a respeito de comportamento. Ele tinha essa ... ele não era um cara culto, assim erudito, né? Mas tinha essa sensibilidade e falava essas coisas assim. O Escurinho.

DEFINIÇÃO DO TRABALHO COMO JORNALISTA

Ah, foi uma boa carreira. Eu me saí bem, porque eu já no começo eu tivesse essa experiência aí esportiva, né? Me dava um status assim. Eu chegava nos lugares e falava o meu nome e as pessoas assim: “ah, você é que é o Jorge Freitas. Não sei o quê?”. E a gente na época, a gente era meio hippie, né? Tinha os cabelos black power, usava umas alpargatas. As pessoas ficavam impressionadas com o nome e a aparência não batiam, né?, porque era do Esporte. É em relação à carreira eu me desenvolvi bem, porque eu saí de Porto Alegre. Eu achava que era ruim lá, que era muito limitado. Lá em Porto Alegre, além desses aí, eu trabalhei no Coojornal que era uma experiência assim alternativa, né? A época era a época de jornais alternativos. Era uma equipe de jornalistas, né?, e eu fui trabalhar. Fui ser uma espécie de bibliotecário, arquivista, no Coojornal e também fazia matérias. Eu me desenvolvi muito bem ali, porque os jornalistas eram muito bons. Eu acompanhei essa ... Aí fui para a oposição, tinha uma eleição no Coojornal e fomos derrotados. A situação ganhou, mas enterrou a cooperativa. Eles tinham uma visão que ia enterrar e enterraram. A gente tinha uma visão outra, né? E aí nesse cenário se fecha o mercado, né? O mercado era pequeno e a imprensa alternativa também não se desenvolveu, porque nós brigamos com os caras lá. E não tinha alternativa no meu entender. Aí, eu fui para o Rio de Janeiro para procurar trabalho. Eu achava que iria trabalhar nos grandes jornais. Isso eu não consegui. Consegui trabalhar em sucursal de jornal de São Paulo e tive que fazer curso de Economia na Cop, que era a Universidade Federal tem um centro de excelência de estudos e nós fomos. Eu e um grupo de jornalistas fomos estudar na Cop, para fazer curso de Economia Brasileira e Macroeconomia. Fomos estudar lá. Isso me ajudou muito no trabalho, né? Aí, inicialmente eu trabalhei no DCI que era um jornal de Economia, paulista, que tinha uma sucursal no Rio de Janeiro. Eu

trabalhei quatro anos no DCI. Depois disso fui para a Gazeta Mercantil que era um grande jornal. O maior jornal de Economia da América Latina, etc, que acabou e não existe mais. Acabou, mas ele teve esse status. Era o jornal em que o Fernando Collor (ex-presidente do Brasil), quando ia pegar o barco no lago, ele amparava o sol com o jornal, com exemplar da Gazeta Mercantil (risos). Era um jornal importante, né? Aí, trabalhei na Gazeta Mercantil durante nove anos. Foi bastante. Aí, nesse período também eu fui fazer Mestrado, porque sempre o Jornalismo, no entender, o Jornalismo ele tinha um limite. E a questão do racismo, ele surgia. O racismo e a formação, né?, de pessoa modesta, de pessoa pobre, né?, financeiramente. Porque na disputa dentro do jornal, você perdia. Havia pessoas que eram privilegiadas, que até tinham formação redonda, de escolas elitizadas. Eu fui de escola elitizada, eu fui de uma escola chamada Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, numa fase em que essa escola era super, hiper, né? E eu fiz ... nunca entrei com cota, né? ... não havia cota. Entrava pelos exames, fazia admissão, etc. Lá, eu cursei o ginásio e o clássico. Quando eu estava no clássico e ia fazer vestibular, houve uma modificação, né?, no esquema do ensino, né?, e o vestibular passou a exigir para todas as carreiras, para todas as profissões, Física, Química e Matemática, né? E o clássico não estudava, né? Aí, eu fui fazer cursinho etc para entrar na universidade. Mas no trabalho, faltou Matemática para mim. Faltou Matemática financeira, né?, que era o que precisava muito para trabalhar em jornal de Economia. Pois eu não tinha. E quem brilhava, quem se dava bem no jornal era quem tinha esse domínio em Matemática financeira. Aí, eram brancos no geral, né? Eu encontrei na carreira sobretudo pessoas brancas, né? Agora, é interessante que, quando eu cheguei no Rio de Janeiro, o presidente do Sindicato dos Jornalistas era um negro. Era o Carlos Alberto Caó. E lá, em Porto Alegre, também o presidente do sindicato era um negro. Uma pessoa com muito prestígio. Um negro chamado João Santos. Ele era presidente do sindicato. Lá, em Porto Alegre, a gente fez aquela revista Tição e esse cenário a gente discutia muito. Tinha mesa-redonda sobre racismo. E o João Santos ia e achava uma bobagem discutir racismo, entendeu? Ele era um cara com formação em comunismo, entendeu? Eu lembro de um debate em que eu participei, ele tinha argumentos incríveis. Era um cara culto. Era difícil debater com ele (risos), mas eu firmei posição de que havia racismo etc... e que tinha que lutar contra. Mas com argumentos de jovem. Ele quebrava os argumentos com uma facilidade imensa porque ele era muito culto, né? E ele era muito bem-sucedido. Ele era um negro presidente do sindicato, editor de Política do jornal Folha da Tarde. Ele era uma pessoa bem-querida. Não era uma pessoa má. Era uma pessoa que eu respeitava e queria ter do lado. Mas ele não. Ele era comunista, né? E os comunistas tinham como princípio que a questão é social, né? E naquela época, sobretudo, não havia ... nenhum partido tinha ... Depois todos os partidos passaram a ter setores para tratar o racismo, né? Lembro que Abdias estava em Portugal e voltou com Brizola e aí o PTB e depois PDT passaram a ter um bloco negro, né? Para lutar contra o racismo, eleger deputado negro, etc. não havia ... Nessa época não havia isso. Então, dentro da profissão havia esses exemplos. E eles eram pessoas que eram colocadas como boi de piranha, né? Porque eles iam dirigir os sindicatos. O Caó, no Rio de Janeiro, ele foi presidente e os jornalistas do Rio de Janeiro derrubaram a diretoria que era pelega, né? Aquele tal de Machado. Eles tiraram esse grupo lá do sindicato e puseram o Caó na frente. Então, a categoria usava o elemento negro como boi de piranha, quase assim, né? E dava muito prestígio ganhar. Se perdesse, era o negro que dançava.

Tanto o João Santos quanto o Caó foram presidentes. E voltando lá atrás, quando eu não trabalhava, quem fundou a ABI foi um negro, né? A Associação Brasileira de Imprensa quem funda é um negro: Lacerda. Eu não sei o nome dele direito agora. Então, no jornalismo, os negros ... havia negros sempre com posição de destaque e de luta assim, né? Eu não fui desse tipo. Eu fiz a revista em Porto Alegre. Chegando no Rio de Janeiro, eu fui trabalhar ... eu me esforcei muito para trabalhar. Havia um amigo meu, branco, que dizia: “você é o único negro da Gazeta Mercantil e vamos lá. Não sei o quê?”. Eu nunca assumi esse papel de único negro da Gazeta Mercantil. Existia um outro negro, em São Paulo, o Jesus de Cristo. Um jornalista lá que era da Abril. Esse era o negro que não era negro. Dizia-se que era não era negro porque os negros que se formam na igreja, tem formação para trabalhar nesses lugares e tem discurso que não é discurso de negro, é de branco. Então, estão perdoados. (risos)

SEXISMO

Sexismo seria um embate entre os sexos. O sexo feminino, o sexo masculino e o terceiro sexo, né, o sexo homossexual. É o sexo masculino tentando comandar, tentando direcionar as coisas, né? E não dando espaço, não considerando iniciativas desses outros sexos, né?, digamos assim.

RACISMO

O racismo é também o que ocorre quando determinada raça – não existe raça – mas determinada inscrição fenotípica e histórica, herança, se diz superior à outra, né? Então, o branco se diz superior a um negro, um branco se diz superior a um judeu e assim vai. São sempre discursos de superioridade de um fenótipo, não só de um fenótipo, mas de uma história, né?, contra a outra, né? Quer dizer: ‘eu sou melhor do que você porque eu ganhei a guerra X. Conquistei o teu território’. Coisas assim.

PRÁTICAS SEXISTAS OU RACISTAS NO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Sim, claro que sim.

(exemplos?) – Ah, racista é um pouco do que eu tentei falar anteriormente. É a ausência, o predomínio, né?, de pessoas brancas, de homens brancos na direção e na construção dos jornais, dos veículos de comunicação, na rotina. E controle. Então, se houver uma mulher é sob o controle de um branco, de um homem branco. Se for um negro, novamente sob o controle de um homem branco. E nas redações, normalmente, os chefes são os brancos. Os homens brancos. E quando forem homens negros ou mulheres, eles terão discursos que serão os discursos iguais aos discursos que o homem branco exerce para controlar. O sexismo é a ausência de mulher no comando, né? E o tratamento que se dá quando aparece a mulher. A mulher vai ser muito bonita. Ou a mulher que ganha dinheiro com o corpo, com o sexo, né? Vai ser essa. Ou Então, a mulher que não se enquandra nessa questão de ser bonita, de ganhar dinheiro com o sexo, ou de ganhar algum dinheiro com sexo por ser muito feia, por ser considerada, né?, muito feia.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES MULHERES

Ah, primeiro a falta de comando nos veículos, na direção dos veículos, nas decisões sobre o que vai ser publicado, que imagem vai ser publicada, né? Depois, o uso da sua imagem, né. A imagem, da mulher é usada como ... ah, Então, como muito linda, como muito bonita, né? Ou a mulher nua, o corpo da mulher. Agora a Playboy, né?, ela vai mudar, né? Ela não vai usar mais dessa forma, né? Eu não sei bem a solução. Ela não vai acabar.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES/PROPENSÕES HOMENS

(tem diferença entre eles?) - Ah, tem diferença! Alguns homens mandam. Outros homens obedecem (risos). E outros homens não têm acesso. Há homens que sequer entram.

(quem são os que mandam? Quem são os que obedecem? E quem são os que não têm acesso?) – Os que mandam são, normalmente, os homens brancos. Mas tem homens brancos que são poderosos. Por que eles são poderosos? Porque eles têm propriedades. Têm herança. Porque eles têm boa formação. Porque eles sabem fazer por algum motivo, né? Às vezes, é até inteligência, né? Esse é um dado que não se pode ... o cara manda porque ele é inteligente. Mas no geral não é porque ele é inteligente que manda. Em geral, ele tem esse poder conquistado por herança e outros motivos. Mas existe inteligência. Existem pessoas inteligentes entre os negros, entre os brancos, né?

(que outros fatores para a inteligência?) – Pode ter outros. Mas a inteligência, ela é importante. Agora, assim ó ... a inteligência, ela é simulada também. Você vê uma pessoa e diz: “aquele cara é inteligente”. Ele está ali, ele ocupou aquele lugar porque um outro poderoso escolheu ele para fazer aquele serviço, né? E ele se acha poderoso a vida inteira. Eu vejo no facebook pessoas que já foram chefetes e que continuam com pose de chefe. Falam com uma autoridade assim, né? E você sabe que aquelas pessoas, elas têm uma inteligência relativa. Elas sabem Português, sabem Inglês e até sabem jornal que é uma técnica que se você começa a fazer, você faz, né? Mas ele foi colocado por outro cara, que também foi colocado por outro e por motivos, né? Aí com autoritarismo você fica inteligente também. Você começa ... toda a decisão que você determina passa a ser uma maravilha, né? Tem uma coisa de ...

(seria uma rede de solidariedade? Uma cadeia entre um escolhido que alça um posto?) – Tem uma música: “o cordão dos puxa-sacos cada vez aumenta mais”. Essa rede é isso, né? O cara é poderoso. Está ali, chegou ali porque chegou por algum motivo, de prestar serviço etc e tal. Aí a inteligência dele aflora porque ele tem aquele poder, aquilo tudo. Então, ele é muito inteligente. Tudo o que ele disser se torna verdade. Aí, ele escolhe seus assessores, né? Aí, todo mundo fica muito inteligente com poder, entendeu? Depois, tem os erros históricos. Mas naquele momento eles são inteligentíssimos, né?. Aí você vê ... eu estou lembrando de um caso ... não vou dizer nomes ... mas aí o jornal O Globo ele pediu desculpas, porque ele fez barbaridades. Ele pediu desculpas 40 anos depois (apoio ao Golpe de 1964). As pessoas que estavam no poder, eram as pessoas mais inteligentes. Ou não. Ou não, né? (risos) Eles pediram desculpas. Por que? Tudo o que eles fizeram foi feito por pessoas inteligentíssimas. Não é? Tiveram de pedir desculpas 40 anos depois. Eles erraram.

(que tu pensas dessa cadeia que se estabelecem entre pessoas “bem-sucedidas” ?) – É, elas são bem-sucedidas porque têm poder, são recompensadas financeiramente. Olha, pode até haver caso de algum negro nesse grupo. Mas será sempre uma figura isolada, entendeu? Assim como nas redes de jornal, rádio e televisão, a figura do negro é sempre isolada. Você vê, por exemplo, a TV Globo. Ela agora está num esforço de captar negros de talento etc e tal. E o cara lá, o chefe, escreveu um livro dizendo que não tem racismo. Ele se vê na obrigação hoje de colocar negros. Aí, aparecem negros espetaculares, muito inteligentes e muito adequados aquele ambiente, ao convívio com ele. Ele tem dois ou três. Ele não tem mais do que isso. E são dois ou três que se envolvem com jornalismo e são inteligentes de fato no país, né. A Globo ela está em todo o país, né? Ela pega pessoas de todo o país. Não são ... não precisa ser eu ou você ... o que me deixa muito alegre em relação a isso, no discurso relativo ao negro, é que tem ... a toda hora aparece gente de todo o lugar. Aparece o negro inteligente preocupado com a questão racial. Dia desses fui à PUC. No Rio, tem um coletivo chamado Nuvem Negra. Eu não imaginava que, na PUC, se pudesse ver isso. São muitos meninos e meninas. São muito, muito bons. Então, de todo o lugar aparece. É uma coisa que me deixa muito alegre. Uma coisa que a militância ... são militantes, são militantes. Negro no Brasil ... metade da população é negra, né? Mas militante, militantes negros é crescente o número deles e isso em todo o lugar, de todos os cantos. Azar deles (brancos). Azar dos caras.

RELAÇÕES DE GÊNERO – DESVANTAGEM POR SER HOMEM?

Olha, as mulheres no jornalismo, nas casas em que eu trabalhei, tinha mulheres incríveis que são atrapalhadas por esse esquema aí. Mas tem mulheres que se aproveitam disso, né? E vivem disso, né? De serem mulheres ... na questão do sexismo mesmo, né? Tem lá a piadinha, né?, de subir na horizontal, né? Então, tem muitas moças que ficam lá fazendo essa ... tem lá uns velhos tarados, uns chefes meio ... entendeu? Que querem garotinhas e não querem homens, né?. Eu vi isso. Elas não têm grande futuro, não. Aquilo ali tem um limite, né? Esses velhos são velhos, né? Vão embora. Depois, veem outros e aí muda, né?, o tipo de ... eu já vi isso. Eu não posso acusar, né? Imagina. Mas, sobretudo, o que eu vi são mulheres muito sérias que trabalham, que são inteligentes, né? E que são ... ah, prejudicadas por esse esquema do sexismo. Mas há sempre casos há casos, né?, de negros que se vendem, de mulheres que se vendem. Isso tem, né?

(já sentiu desvantagem em ser um homem negro no jornalismo?) – Ah, eu sinto. O tempo todo. Ah, eu acho que o tempo todo. Um homem negro, um homem negro quando chega à condição de adulto e vai disputar vaga profissional, ele já tem, ele já carrega uma formação que é ... tem uma parte de precariedade assim, né? Porque demorou a ler, demorou a aprender assim as disciplinas, né?, necessárias, as habilidades necessárias para disputar, para competir, né? Então, a partir daí, sim, é uma desvantagem. Depois, você ouve piadas assim bobas sobre ser bonito e ser feio. Não foi comigo. Foi com o Vagner Love, jogador de futebol, muito competente. Dia desses um comentarista disse: “ah, é feio como Vagner Love”. O Vagner Love não é feio assim. Ele é negro. Ele é boa pinta. É rico. É todo enfeitado. Ele não é feio. Foi racismo. Racismo. Então, você ouve o tempo todo esse tipo de piadinha sobre cabelo, sobre ... e que você tem que, evidente, tem que

se desenvolver para enfrentar isso. Isso também é uma armadilha, uma forma de derrubar que o branco tem é botar em ... botar assim o racismo na mesa. E você tem que ... você não pode cair na armadilha dele, né? Porque quando você cai, você é fraco. Você tem que desenvolver esse antídoto para estar todo o tempo ... todo tempo vem essa ... e é uma armadilha. Uma armadilha, né? O racismo tem também esse ingrediente, né?, da armadilha. Que se você vai todo o tempo cair nisso, você vai ficar o tempo se defendendo disso e não vai fazer as outras coisas que você pode fazer e está habilitado a fazer. Tem isso, né? Abrir os espaços que você pode abrir. E se você parar nisso, não anda. Não vai, né?

(seja mais preciso? Que vivência? Que lembrança sobre a ação do racismo ‘o tempo todo’)
– Pois é. O negro, eu acho que tem um sentimento que carrega, eu acho pelo menos. O tempo todo de ser humilhado e relegado ao segundo plano. Aí, quando você chega num ambiente de trabalho ... o tempo todo ... você tem uma viagem, pautas boas, que você não recebe. Uma viagem para o exterior. Uma promoção que você não recebe. Aí, você acha que é porque você é negro. Ninguém diz. Ninguém diz que é porque você é negro. E vão querer que você diga isso, porque aí você se enterrou, entendeu? Vão dizer: “você é ... como é que é? Você tem problema com isso. Você é recalcado, não é?”. Vão dizer isso para você. E aí você não diz. Engole no seco e espera outra oportunidade que normalmente não vem. Aí, você se retira daquele ambiente e vai procurar outro ambiente, né? Porque haveria nesse outro ambiente uma oportunidade que você não recebeu ali, né? Mas você nunca ... ela nunca vai ser caracterizada como tal. E você entendeu como tal e se você disser isso, você vai ser acusado de recalcado, de racismo às avessas, de não se o quê. Entendeu? Essa é a armadilha. Então, eu não tenho caso assim. Ninguém me tirou: “ah, sai daqui. Você é negro”. Não eu não tenho, né?

(vivência comum aos negros?)

Isso é comum aos negros, porque você tem que sair de fininho. Você vai ter ... se você tivesse outras pessoas que te ajudassem, porque é isso o que está acontecendo hoje com muita gente. Você pode dizer e as pessoas seguram. Entendeu? É isso que está legal. Hoje, tem Secretaria, tem muitos negros. Muitos, muitos negros. Por isso que é importante ter o grupo, né? Porque você diz e ele segura. Isso é bacana. O Brasil vai mal não sei o quê, mas nesse aspecto o Brasil vai bem. Porque negros que eu nunca vi e que falam a mesma coisa que eu. Tem um discurso comum. Um sentimento comum, né? Isso é muito bom, né?

RELAÇÕES DE GÊNERO – PRÁTICAS DE SEXISTAS

Não. Eu nunca trabalhei com mulher negra na redação. Nunca, nunca, nunca. Com homem negro, sim. Poucos. Um ou outro. Eu praticamente fui o único negro nos locais em que eu trabalhei. Em relação à mulher, mulher branca, sim, né?, a questão do assédio sim. Da questão sexual, lá, do chefe querer. Bonita ou feia ele quer transar com a mulher, ele tenta, né? Isso é normal. Aí, o chefe pune a mulher. Ou a mulher aceita, né? E aí cresce até onde pode crescer. Normalmente não tem talento, porque as que têm talento não

aceitam isso, né? As que não têm talento e aí não têm como andar muito adiante assim, né?

(homens apoiam mulheres assediadas? Ou não?) – Não, eu nunca vi. Eu não vi coisa ostensiva, violenta. Tem lá uma sutileza, tem lá uma coisa qualquer, né?

(isso se naturalizou? Homens se solidarizam?) – É talvez nos escritórios de outras profissões isso ocorra também, né? As mulheres jornalistas elas são liberais. Elas resolvem essas coisas. E os homens? Solidariedade? Eu estou pensando em mim, aqui, os homens eu me incluíria, né? Eu não me lembro de eu dizendo assim: “ó, fulano tá fazendo isso. Não faça isso”. Eu nunca fiz isso. É chefe, né? Chefe (risos). Isso é feito em momentos em que eu não estou. Eu sei que existe, mas não vejo as coisas aqui. Não são ostensivas aqui. Nunca vi violento, ostensiva, né?

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE

Acho que não. Mas ao mesmo tempo. Por exemplo, aqui em Brasília, que dirige a redação é uma mulher. Você conhece. A Ana Dubeux (diretora de redação de O Correio Braziliense). Não sei. Os outros editores, tem homem e tem mulher. Eu não sei qual é o critério. Tem homem, tem mulher e tem homossexual. Critério seria ... no local onde eu trabalhava, o cara é homossexual e competentíssimo, né? O cara é bom jornalista assim mesmo. Fera. Nos outros casos, eu não saberia dizer. Eu não sei. Na Política, eu sei que tinha ... uma época em que ... o Correio Braziliense, o Diários Associados é Pernambuco, Minas, né? ... Então, vinha um cara de Minas fazer a Política, né? Aí, demorou não sei quanto tempo para tirar esses cara e um cara daqui assumir, né? Mas entre homens. Não tem mulher no meio. E a mulher que é editora aqui, ela recebe ordens de um chefe, de alguém. Não sei bem de quem é. Para mim, misterioso. Eu não tinha nenhum poder. Não sei quem mandava, né? Não deve ser alguém tão estranho assim. Mas não sei quem mandava de fato. Era num outro andar. Os caras mandavam.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE SALARIAL E DE CONDIÇÕES NEGRAS E NEGROS, BRANCAS E BRANCOS

Acho que não. Eu nem tenho muito o que comentar, assim. Tem coisas que eu não participei. Não sei como é que funciona. Mulher negra não tem como chefe. Não lembro. Não me lembro.

(de todos os lugares em que trabalhou? 30, 40 anos de carreira) – É. Não, não. Não tem não. É sempre homem branco quem manda.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE

O jornalismo está se caracterizando como uma profissão feminina, entendeu? Então, tem muita mulher trabalhando no jornalismo. Aí, a minha experiência. Eu não conheci chefes mulheres, mas se pegar estatisticamente deve ter muita chefe mulher. Porque hoje... Bem, eu conheci a Ana Dubeux, que é picona, donona... Deve ter muita porque é uma profissão que está se caracterizando como feminina. Você conhece essa questão, né? E a mulher é muito bem-sucedida no jornalismo, né? Porque ela, as práticas, as habilidades necessárias,

para o jornalismo a a mulher tem, né, que é conversar, né? Conhecer os assuntos. A mulher sabe fazer isso e faz bem.

RELAÇÕES DE GÊNERO – AÇÕES NAS EMPRESAS

É. Talvez, seja essa a questão. Como é uma profissão feminina em que a mulher predomina nas redações ... predomina ... é dar poder, dar mais cargos de mando. Poder às mulheres. Como eu trabalhei, embora em tantas redações, trabalhei em poucas redações; desconheço qual é o padrão atual. Assim não sei. Minha experiência é uma, né?, mas ela não tem a ver com o geral. Por exemplo, O Globo, que é uma grande redação, Estadão, a Folha, eu não sei quantas mulheres têm poder. Na Folha, já foi editora uma mulher, né? A Folha é um jornal bem elitizado. A Folha não tem negros, mas mulher tem. O Estadão não sei o padrão também. Tinha a Sueli Caldas, que é uma mulher, que era chefona. Em O Globo atual tem editoras, bastante editoras, bastante mulher mandando eu acho ... a Flávia (Oliveira) etc. Tem muita mulher. Aí, não tem lá em cima, né? Mas o bicho pega, né, porque a mulher quando tem poder também ela não é fácil, né? Não deixa por menos. (não é fácil como?) – Ah, não deixa por menos. É disputa, pô. Compete. Porque se trata de competição e de disputa pelo poder, né? A mulher não abre mão disso, a mulher compete. Ela só não pode quando ela tem alguém ali travando. Quando ela tem uma estrada aberta, ela vai, né? E com bastante habilidade, bastante talento. As mulheres, elas não têm limite, que elas não possam. Elas podem. Eu tive uma chefe mulher, né. Era a Rosvina. Era uma pessoa sensacional. Uma alemã, uma alemoa (risos). Ela tinha 17 anos e o Geisel ia assumir, né? Mandaram ela. Ela falava alemão. Fez a entrevista e foi um sucesso. De repórter, foi secretária de redação e depois foi sempre isso, né? Onde ela estivesse, foi secretária de redação que é um cargo importantíssimo que é quem toca a redação, né? É quem manda repórter fazer isso, fazer aquilo, editor fazer isso e fazer aquilo. Uma pessoa importantíssima que se remete ao editor, né? Eu falo ... isso ... eu não sei se todas as redações funcionam assim nessa distribuição de cargos, né? Era assim quando eu vi, né? Hoje, eu não sei se ... de repente mudou. Mas ela era uma pessoa importante, interessantíssima. A Rosvina era uma pessoa importante e não tinha homem que ... não?

(ela era dura?) – Sargento. Ela era chamada de sargento. Ela era inteligente. Ela gritava, botava a mão na cintura. Mas ela era muito inteligente.

(isso no sentido de reação? Ou era o agir natural dela?) – Não, ela se impunha. Ela se impunha. Se houvesse qualquer coisa desse tipo, ela se impunha. E elea era uma pessoa imensa. Dava porrada, entendeu? Eu nunca vi isso. Ela era uma pessoa legal. Boa, humana. Uma pessoa bacana. Mas ela era poderosa. Sabia exercer essa coisa de poder. Mas ela nunca foi a editora do jornal. Mas falava com editor de igual para igual. Mas tinha esse aspecto de ser descendente de alemã que é uma coisa, é uma característica assim também, né? A pessoa fala alto e não tem conversa, né? E pode, né? Se fosse uma mulher negra, aí não sei. Não poderia né? Não vi. Nunca existiu isso, né? Não vi. Ela podia porque ela era gringa, né? Uma alemoa mesmo.

(se fosse uma preta, falando alto e pondo a mão na cintura?) – É... chama a polícia (risos). (e manda prender).

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO NEGRAS E NEGROS

Ah, ter emprego, né. Ter emprego, ué! Ter a vaga. Hoje, hoje, você também não tem. O jornalismo ele continua sendo ... continua sendo feito jornalismo, mas os jornais mudaram. Eu não sei quantas vagas atualmente. Eu não sei onde, na cidade de Brasília. Brasília era um lugar, quando cheguei, todos os jornais grandes tinham grandes sucursais. Sucursais de 20, 30 jornalistas. Hoje, não é isso. Hoje, elas têm 10, 15 jornalistas. Algumas fecharam. No Rio de Janeiro, idem. As sucursais eram imensas, 15, 20 jornalistas. Hoje, alguns estão fechadas. Então, as vagas para jornalistas foram reduzidas. Para brancos e pretos, que estão chegando. Agora que negros estão se formando em jornalismo. Então, ele não tem mais esse mercado para disputar mais. Aí, ele não tem mais esse mercado para disputar. Aí, não é uma questão de discriminação. O mercado não existe. Aí, dentro das poucas vagas que existem, ele vai ser discriminado. Ou não. Ele vai ser empregado porque o salário é tão baixo, entendeu? Porque tem esse aspecto, né? Salário baixo. Aí pode. E tem as tarefas. Talvez as tarefas não sejam tão requintadas, né? Só buscar um papel ali, entendeu? Aí, né? Aqueles empregos sofisticados são as agências de notícias: Reuters, não sei o quê? Aí, você tem que ter Inglês. Se você fala Inglês, Alemão, você pode ser preto, vermelho. Você vai ter emprego, entendeu? Vai ter. Porque os caras, o estrangeiro, trabalha diferente essa coisa do racismo, né? O que eu estou falando do racismo exercido dentro do Brasil. O racismo existe em todo o mundo. Mas o estrangeiro, funciona diferente, né? Então, haveria emprego para um negor numa agência Reuters. Eu acredito que sim desde que falasse o Inglês, o Alemão, o Francês. Eles contratam. Eu acho que sim. Mas sé um inferno, tem que saber a cotação da soja.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO BRANCAS E BRANCOS

Acho que não. São ambientes que se fecham. Todos brancos. Então, não tem racismo, né? o racismo é ali a mulher do cafezinho de repente. O garoto que é o boy, um negro. O racismo era posto assim. Nunca vi ninguém ofender assim. Digamos que ... mas aí é pobreza também, né? sempre teve, né? A mulher do cafezinho, o boy. Sempre teve. Sempre teve. Mas nunca vi. Não sei a questão do racismo. O boy? O boy traz maconha. O boy se relaciona com o grupo lá assim, né? Um dia o chefe queria brincar com o boy e o boy disse: “vamos lá pra baixo”. entendeu? Mas não por racismo. Quer dizer por racismo certamente também, né?. Mas o que era, era a questão da pobreza. Eu sou um cara chefe aqui. Sou classe média, né? E você é um pobre, né? Um pobre, talvez negro.

(e das fontes? No exercício do trabalho?) – No Rio de Janeiro, tem um cara negro. E ele vive fazendo esse negócio da denúncia, né? Aí, as pessoas dizem que ele é maluco. Não sei o quê. Acho que não. Acho que não... as fontes Acho o seguinte ... o racismo ele é invisível também. Então, você diz que não. Você está sendo enganado. Você está sendo iludido, entende? Ou você não viu porque lhe engabelaram, lhe deram uma volta e você não viu. Você não é tão esperto. As pessoas fazem de um jeito, lá, que você não viu. Você não viu. Não sei.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE ou DESIGUALDADE

Não. Não. Não tem, não. Você veja que a maior parte dos jornalistas são brancos. Os caras de chefia. As redações são 99,9% ocupadas por brancos, né? E os motivos nunca são ditos assim. Ninguém diz: “você não vai ocupar porque você é negro”. Não é dito, né? Até porque entre os brancos o motivo é sempre aquela questão que nós falamos atrás, lá: “de quem vai fazer o que eu quero. Eu sou poderoso e quero alguém que faça o que eu quero que seja feito. Pode até ser um negro, de repente. Desde que eu mande, desde que eu controle, né?”. Mas normalmente entre os brancos se divide. Sempre tem uma promoção nisso e ele vai exercer um poder também. Por que os caras exercem o poder, né? “Eu vou para tal lugar. Eu vou chamar o fulano de tal”. Aí, o fulano de tal vem e pede para chamar o fulano de tal, né. Aí, forma um grupo, né?, que tem poder, que é bonito. São os bonitões, ali. Está feito. Aí, a questão do negro não entra.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE E DESIGUALDADE – AÇÃO DAS EMPRESAS

Ela é desigual com certeza. E as empresas devem contratar, né?, mais negros. Eu não sei como eles fazem esse filtro lá. Mas pela cor certamente é, né? deve passar por isso. Porque hoje as redações mandam cada vez menos em si mesmas. Mas a contratação de jornalistas ainda é feita pelas redações. Tem esses concursos que fazem, né? Mas sempre fura isso daí. Eles fazem concurso para dar aparência de que existe uma igualdade, um critério para contratação né? mas sempre fura. Com certeza fura. Mas eles fazem esses concursos tipo vestibularzinho, né? E quem passa no vestibular aprende a fazer o jornal de acordo com os critérios daquela direção, daquela editoria, daquela edição, daquele editor. Não sei. Esse negócio de negro... eu lembro que estava na Gazeta Mercantil um dia e tinha um cara. E o cara veio sorrindo para mim lá da porta. Pô, eu achei legal. Cumprimentei o cara e tudo. Aí, o cara me pediu emprego. Imagina, eu não tinha emprego. Anos depois eu fui numa sessão espírita e fui tomar passe com o cara. Pô, o cara teve um troço: “esse irmão não quer. Não é solidário”. Eu fiquei assustadíssimo (risos). Nunca mais. Mas aí eu aco que ele ... não foi o espírito. Foi ele. E ele achou que eu tivesse como dar emprego para ele. Eu não tinha. Eu tinha o meu emprego conquistado a ... trabalhando. Claro, quem me deu emprego foi um cara branco que gostava de mim, né? Eu trabalhava pra cacete. Estudava. Fazia um monte de coisas. Alguém me deu emprego e não foi um negro nem nada, né? Essa coisa é muito difícil de funcionar se não for um monte de gente, entendeu? Se não tiver um monte de gente trabalhando e fazendo, isso não funciona. Você vai ser o um. E como o um chega lá dentro? Vai ser um esforço federal. Estuda muito, se prepara muito. É muito inteligente e tem alguém que simpatiza. Um monte de gente vai fazer um jornal, não é? Aí vai ser diferente. Um jornal para pessoas negras. Aí vai ter vaga para negro. As mulheres vão fazer jornais para elas. Porque do contrário, você vai ter sempre. A questão do poder... o poder está presente ali. E não tem como. No caso, é o poder de branco. Se você ... você tem que ter ... é muito difícil passar. Esse pessoal lá da PUC é muita gente, das Ciências Sociais.

RELAÇÕES RACIAIS – TRAJETÓRIA

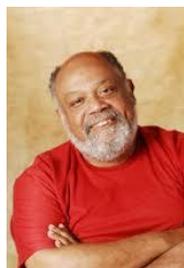
É exceção por eu ter desenvolvido a profissão, né? Em termos de salário, não. São salários baixos, né?, conforme o mercado. Eu não fui o mal pago. O mercado é que teve uma

retração. Ele caiu, o valor do trabalho e tal. Eu ganhava dez salários e no final da carreira ganhei cinco. Então, foi uma coisa horrorosa, né? Os empregos estavam nas assessorias de governo e coisa e tal, né? Aí, você termina, para manter o padrão salarial, em assessoria e coisa e tal. É o emprego que tem, né? Você não escolhe tanto assim.

RELAÇÕES RACIAIS – FUTURO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Para frente vai ter que ter, né? Não tem como não existir jornalismo, né? Vai haver jornalismo. Muita gente estuda, ainda, e se prepara para fazer jornalismo. Mas hoje, no Brasil, a legislação não exige diploma de jornalista para que se exerça a profissão. Com os meios, os meios tecnológicos aí, muita gente vai fazer trabalho de contar para os outros o que está acontecendo. Porque é isso o que nós fazemos, jornalistas, né? Nós fazemos uma narrativa do que acontece, dos fatos, etc, né? E mais gente vai contar, né? Isso não tem como parar, né? Só não sei a questão do salário, como é que vai ser, né? Uma profissão tem um ganho, tem um salário, né? Isso eu não saberia. Mas as pessoas que fizerem aí, pelas redes sociais, vão chegar uma hora em que elas vão conseguir ganhar com isso, né? Não sei o que que é, não. Só sei que a minha, o meu ... eu fiz...eu comecei a trabalhar em 1979. Lá, consegui o registro como provisionado, entendeu? E vim até 2010, 2011 um pouco antes o Supremo (Tribunal Federal) derrubou a exigência do diploma. Então, o meu itinerário foi durante a existência da carreira. Eu acho bacana. Não sei o que vai acontecer. Só sei que a profissão não vai se extinguir porque a necessidade de a sociedade se comunicar é crescente. Por exemplo, no caso do negro, no caso da mulher, são grupos que não tinham voz e vêm conquistando mais, né? Então, a tendência, o que existe é isso, né? Só não sei a profissão. Profissão você recebe, né? tem dissídio coletivo, coisa e tal. Isso eu não sei dizer. Você me falou e eu fui procurar sobre isso. Aí vi lá na Fenaj aquela menina Basthi, Angélica, escreveu junto com a Fenaj um imenso artigo, manuale, etc e tal. Acho legal aquilo e vai ajudar as pessoas a fazerem as coisas, né? Só a Fenaj ela é uma federação que está vinculada a essa questão da CLT e tal. É isso o que está em perigo. Não sei se vai sobreviver. Mas a comunicação vai continuar, né? As pessoas vão continuar se informando.

OSWALDO FAUSTINO



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Honestamente.

(sim) Ou pode mentir?

(não vale mentir) Na verdade, a profissão dos meus sonhos não era jornalismo. A minha mãe era cozinheira na Escola de Artes Dramáticas de São Paulo do Alfredo Mesquita, quando eu tinha seis para sete anos e minha irmã, oito. Então, nós estávamos diariamente lá no prédio da Pinacoteca, porque a Escola de Artes Dramáticas funcionava no porão da pinacoteca. E esse era o meu sonho. Eu assistia aulas de esgrima, aulas de expressão corporal, dicção. Esse era o grande sonho. Só que durante esse período em que a mamãe trabalhou lá fazendo a sopa para os alunos, nós ... a minha irmã ainda serviu de réprica para os caras decorar o texto. Ela conhecia Shakespeare de traz para frente de tanto que ela decorava. Eu era mais garotinho. Só circulava, fazia algumas pontas em algumas montagens. Aí, durante esse período em que a mamãe trabalhou lá uns oito, não, seis anos, teve dois alunos negros apenas que era essa moça que se chamava Ruth, eu não sei o sobrenome, mas não fez carreira, e o Bene Silva que teve uma carreira bastante turbulenta. Fez muita coisa fora das artes dramáticas do que dentro. Ele faz o Jairzinho velho. Então, no mais não passou ninguém. Então, eu sabia que nesse campo nem pensar. Aí, chega a hora do vestibular. A gente gostava de escrever. Vou fazer o quê? Ah, Jornalismo. Meio que sem muita certeza. A certeza começou mesmo no primeiro dia de faculdade. No primeiro dia de faculdade, quando um professor Hélio Alcântara disse o seguinte: “tudo o que você faz no dia seu a dia, j tudo o que você come, tudo o que você veste é um ato político. Você pode cantar: ‘quero que você me aqueça nesse inverno e que tudo o mais vá par ao inferno’ ou pode cantar ‘para quem quer me seguir, inventa um cais, inventa mais o que a solidão me dá’ “. E aí, eu falei: caramba, cara, vou ter história. Jornalismo é outra história. E naquele dia eu comecei a querer fazer um jornalismo do cotidiano mesmo. Eu fiz o vestibular em 1974 e entrei em 1975, naquele ano, ano da morte do Herzog e essas coisas. Naquele ano, levaram uma série de jornalistas para conversar com a gente e o que mais me impressionou foi o Percival de Souza. Eu falei: cara, é isso o que eu quero fazer. Ou pode ser cotidiano, ou polícia pode ser pessoal. Na Agência Folha, era editoria de Polícia. Mas quando eu fui para o Estado, era cotidiano, mas era polícia. Enquanto todo mundo queria fazer Economia e Política, aquela coisa chique, eu dizia: eu quero trabalhar com a realidade e não com a interpretação da realidade. E eu fui mesmo fazer polícia, mas a cultura sempre foi o meu espaço. Eu pertencia a um clube, aqui na São João, chamado Coimbra, um clube de negros, né? Que eles diziam que era da classe média. Porque o chique era o Aristocrata Clube. E nós frequentávamos o Coimbra. Ali, a gente fez teatro. Tinha muita música. Convivia com muita gente negra e tinha esse meu sonho por teatro e tudo mais. Então, quando surgiu uma vaga para substituição de um editor que foi fazer pós na Espanha, um amigo era secretário da redação e ele me chamou. Aí, tem uma história ótima. Porque ele me chama durante acho que umas duas ou três semanas que ainda estava lá. E ele sondando, né?, “mas você já editou aonde?. Mas você escreveu cultura para quem?”. Aquelas coisas, ainda mais negros, né? Aí, eu que sou muito transparente eu contei: não, estou lá no Estado. Faço polícia, faço cidade, faço enchente, incêndio. Ele saiu de fininho. O diretor de redação era o General Moreira Lima, um general que tinha, dizem, que tinha ido para o Diário como censor, dizem, ele nunca me falou isso, e ficou por lá e acabou virando diretor de redação. E o cara correu para o general e disse: “pô, os caras trazem aqui um cara que não sabem nada de cultura. Como é que vai fazer?”. Bom, ele foi para a Espanha. O general me chamou e disse: “olha, eu sei que você não trabalha com cultura e tal”. E

eu falei: eu tenho uma vivência muito grande com a cultura, né?, principalmente com a cultura do Diário Popular. Sou um cara que vive muito no mundo do samba, sou um cara que vive muito a realidade desse leitor e os produtos culturais que ele mesmo produz. Aí, ele falou: “vamos fazer assim. Você vai substituir o Daniel durante seis meses. Então, nos três primeiros meses, eu vou te dar um salário de repórter. O mais alto salário de repórter. Se eu ver que você não vai dar conta, eu posso te deixar como repórter. Então, preciso baixar o seu salário. Fica como repórter. Então, eu falei: Então, está bem. E durante os três meses eu recebi o salário de repórter e editando. Agora tem uma coisa ótima! Porque quando eu estava lá, uma semana, duas semanas, eu não sei quanto tempo eu trabalhei lá com o editor, o Daniel, mas eu assistia diretamente o Daniel dizer para as pessoas: “não tem espaço”. Cultura para o Diário Popular eram duas páginas. Não tem espaço. Não tem espaço. Não tem espaço. Em compensação, chega as quinta-feiras, mudança dos filmes nos cinemas. Ele dava praticamente as duas páginas para cinema. Ele ia nas cabines. Ele ... aí, depois eu descobri que ele votava, né, nos prêmios da Air France, por exemplo. Mas fazia um Diário Popular com cara de Caderno 2 (caderno de cultura do Estadão). Não tinha computador. Não existia e-mail. Cada pessoa que ia divulgar alguma coisa levava um envelope com release e um monte de fotos (risos). Era um tempo diferente. Foi em 1985 que eu entrei lá. O que aconteceu? Eu fiquei ali ... Ah, um fato foi marcante. Chegou uma assessora de imprensa que disse assim: “olha ... – tinha o Diário Popular e o Popular da Tarde, que era ao lado. Ficava no mesmo andar, mas funcionava numa redação à parte – eu tô ali do lado com o Jorginho do Império. Ele está dando entrevista para fulano e não sei o quê. Você não quer entrevista-lo?”. Aí o Daniel: “não, não dá. Não tem espaço. Só tem duas páginas”. Aí eu falei: poxa, Daniel, Jorginho do Império ele é filho do Mano Décio da Viola, um personagem. Um personagem, né, lá do Rio, do meu do samba. Ele falou: “se quiser entrevistar, entrevista. Mas eu não entrevistaria não. Faz assim entrevista e guarda. No domingo, você solta”!. Aí, eu chamei: não, pode manda-lo passar aqui. Aí, eu o entrevistei. E Jorginho do Império me deu a seguinte pérola: “quando o meu pai morreu, Oswaldo, eu saí no Rio de Janeiro procurando os meus irmãos. Onde diziam que tinha um irmão, uma irmã minha, eu ía lá. Porque o meu pai povoou o Rio de Janeiro. E aí, num dia alguém me disse assim: ‘lá no tal morro tem uma menina que é filha do seu pai. Você sobe. Não sei o quê, passa uma pracinha e tatatá. É um barraco azul’”. “E eu fui”, disse ele. “Passei a pracinha e cheguei no barraco azul. Bati na porta e abre uma menina com um bebezinho no colo. E olhei na parede e tinha um pôster do meu pai, embaixo de um aparador tinha um copo com uma lamparina acesa. Eu fiquei impressionado com essa imagem”, ele diz. Virei para a menina e disse: “eu vim aqui porque me disseram que você é filha do meu pai”. “Filha do seu pai? Eu não. Filha do seu pai é ela” e apontou o bebezinho. (risos) Ele disse: “eu botei a mão na cabeça”... Ele ia procurar os irmãos e irmãs e fazia ... punha no caderno o lance e tal, tantos anos, filho de fulana e mora não sei aonde. Ele disse: “eu tinha o maior medo que uma irmã casasse com um irmão”. Quando a menina 17 anos apontou para o bebê e disse: “a filha do seu pai é ela”, ele botou a mão na cabeça e disse: “minha missão é muito maior do que eu pensava”. Ah, o cara me dá isso de presente, entendeu? Eu falei: pô, isso é para livro e não para reportagem. Então, para essa história eu pensei: eu não posso estar aqui como editor, fazendo duas páginas. Para o Daniel era cômodo, ele trazia já pronto de cada o material e jogava coisas no lixo com o envelope fechado: exposição, peça de teatro. Ele

não era muito ligado em teatro. Botava no lixo envelope fechado. Nem abria. Aquilo me incomodou demais. E eu fui e falei com o general, dentro daqueles três meses e ganhando como repórter: general não tem como dar mais espaço. E ele falou: “no domingo, posso te dar quatro páginas”. Eu falei: pô, mas durante a semana. Foi indo e cresceu um pouquinho. Aí, eu falei: pô, agora que eu estou com quatro páginas todos os dias e é mais complicado para eu fazer. O senhor poderia me arrumar uma repórter, um repórter? Aí, ele arrumou uma repórter. Com muito ... no domingo passou a ter seis páginas, virou oito. E a quando a gente viu, tinha um caderno. Um caderno. Ah, antes de passarem os seis meses, quando passaram os três, o meu amigo que era secretário de redação me falou: “olha, Oswaldo, o general disse que ainda não está muito contente com você, não. Então, ele disse que você vai, que ele sugere que você fique mais um mês recebendo o salário de repórter”. Tá, fazer o quê, né? nessa altura, eu tinha seis páginas por dia. Depois, virou um caderno de oito. E eu lá ralando e mesmo assim trabalhando à noite no Estadão. Aí, o que aconteceu? Saiu o holerite. Eu olho e estava lá: um salário novo. Um salário de editor. Fui lá com o holerite e disse: general, o Luizinho me disse que o senhor não anda muito contente. “Não, não é que eu não estou contente, Oswaldo. É que podia ser diferente”. E eu: diferente como? “Ah, não sei. Eu sinto que ainda não e bababá”. E Então, eu disse: olha, Então, faz o seguinte. Saiu o holerite e eu estou com o salário de editor. O senhor quer mandar o departamento pessoa corrigir, porque eu acabo gastando esse dinheiro que está na minha conta. Ele levou um susto, né. Ele disse: “ah, deixa para lá. Eu já tinha avisado. E me esqueci de mandá-los corrigir. Então, fica. Parabéns e vamos em frente e tal, né”. Eu disse: poxa, essa coisa de eu não estou contente era uma estratégia, né?, para na verdade se já estava programado para dali três meses mudar o salário, né? Mas enfim ... eu disse: mesmo assim, eu gostaria que o senhor me chamasse mais. Tivesse mais críticas sobre o trabalho. Aí, o contrário; eu virei meio que confidente dele. Ele me chamava para conversar. Até atrapalhava o meu trabalho. Era para contar coisas da vida e tal. Mas tudo isso passou e completaram-se os seis meses. Eu estou lá na redação e o Daniel entra. E vem direto até a mim e disse: “cara, você é louco? Como você transforma as duas páginas num caderno?”. Aí, eu falei: ah, tudo bem. A gente tem auxiliar. “Não, agora eu vou falar com o general e vou pedir para ele para deixar você continuar aqui comigo”. Aí, falei: mas tem a Iara que é repórter e tem o Danilo que faz umas matérias especiais. “Não, esses caras eu não vou querer não. Só quero você aqui, já que você ficou esses seis meses”. Eu falei: tudo bem só que eu também não sei se a gente dá conta desse caderno. Aí, o cara foi para a sala do general. E eram aqueles aquários, com janela de vidro. Então, eu estou aqui e estou vendo lá os dois conversando, conversando. O Daniel saiu e não veio até a minha mesa. Aí toca o general e diz: “olha, você viu que o Daniel voltou e você viu?”. Sim, ele esteve comigo e veio conversar com o senhor. “Então, eu disse para ele que você vai continuar editor e ele vai ser copidesque em outra editoria”. (destronou o Daniel) E eu fiquei assim, né? Eu tenho muito essa coisa do nosso povo, né? Você não quer que as pessoas te odeiem, né? Você sabe que alguma coisa vai te acontecer, quando alguém te odeia. Eu estava escrevendo, levantava a cabeça, e o cara estava lá na frente olhando para mim. E eu: ai meu Deus do céu, o que que eu vou fazer? Eu recebi todo o material de cinema e fui até o Daniel e disse assim: o Daniel, o general me falou que você vai ficar de copi aqui. “É, eu pedi para ele que do jeito que está eu não vou querer voltar a ser editor desse jeito”. Aí, falei: você sabe que cinema para mim é

diversão. Eu não sou um expert em cinema. Você não quer fazer críticas, vai para as cabines? Ele: “oh, posso”. Com o maior prazer, você vai me quebrar um galhão. Eu realmente não sou um estudioso de cinema. Aí, o cara mudou o olhar. Foi legal porque um dia eu estava com a minha mulher num evento e ele com a mulher dele. E ele começa a falar mal do jornal. Ah, ele já tinha saído do jornal. “Ah, esse jornal está cada vez pior e não sei o quê e blábláblá”. E aí a mulher disse: “mas sempre foi assim, né, bem. E aquele que eles colocaram no teu lugar que era um analfabeto?”. (risos largos) “Ele trabalhava lá naquele jornal que exprimia e saía sangue”.

(entregou tudo?) Aí, ele: “não, aquilo ali é outra história nada a ver” (risos). Olha, o desabafo que ele fez com a mulher. Botou um analfabeto no lugar dele. Então, ali, até 1990, quando o Quercia comprou o jornal e trouxe uma equipe, a editoria de Cultura era como eu queria. Os caras que chegaram já leiloaram rapidinho a minha vaga. Eu fui demitido. Mas para mim foi o grande emprego na mídia cotidiana, né. Foi o que eu pude ... por quê? Isso eu não sei se vale dizer porque pode me comprometer, mas eu estou pouco me lichando. Pelo menos uma vez por semana, a capa do caderno era um negro, né? Uma matéria de página inteira. Eu fiz Ismael Ivo, fiz – podem até não considerarem negra – eu fiz Johnny Alf, fiz Levi Andrande, fiz Leci. Gente de cinema. Milton Gonçalves, Ruth de Souza, fui. Toda vez que eu podia, eu encascancarava um lá. Essa foi a primeira oportunidade em que eu podia fazer página inteira com artistas que não saiba nos outros segundos cadernos dos outros jornais. Então, era a minha tentativa de militância. Porque eu levava pautas no Estadão e os caras diziam: “que ótimo. Não, deixa ali e tal. Entrega para o pauteira. Nossa, é maravilhoso” e nada, né? Quando saiu a revista Raça, eu era produtor executivo do Flash e o diretor da época ... eu falei: pô, uma revista para a comunidade negra, uma revista voltada para a elevação da autoestima. Naquele primeiro número não tinha matéria minha, mas eu já tinha escrito para a revista. E aí o diretor falou: “ah, não. Isso é revista para os manos, né? Não é matéria para o Amaury fazer, né?” (risos). É muito louco isso. É muito louco. No jornalismo cotidiano, tirando esse período do Diário Popular em que eu tomava a decisão e eu tomei e consegui entender claramente o meu papel, quando teve o primeiro Free Jazz ou Rock in Rio. Chegou aquele monte de material. Material fantástico, né? Fotos lindas, muito release e não sei o quê. E eu fiz uma matéria de capa e uma geral para o evento. Então, o evento começou e eu me preparei para diariamente fazer uma matéria sobre o evento, né? Repórter etc. Ali, eu mandei o boy buscar as credenciais. E ele disse que não tinha as credenciais para o Diário Popular, porque não interessava para eles. Não era o público-alvo deles. Aí, eu falei: ah, tá. Então, eu entendi melhor o público-alvo e quem está interessado em sair nessas páginas. Só que o que eu acabei fazendo? A pedido do general, botei a Radá Abramo para fazer crítica de artes plásticas. A Radá era sensacional. Ela fazia uma crítica de uma maneira voltada mesmo para o público popular. Durante o período, eles tinham colunista social. E quando eu entrei era o Nelson Rubens. Eu achava ele muito chato. Ele fazia uma badalação. Era propaganda dos amigos e das amigas, né? E as coisas dele. Ou falava de novela da Globo. Eu não quero uma coluna social falando de novela da Globo, né? Aí. Eu falei com o cara que entrou no lugar do general, que era o Pacheco Jordão, e ele botou lá o Walcyrr Carrasco, que já estava começando essa coisa de escrever novela. Foi ótimo. Ele tinha um negocinho na coluna dele que chamava in e out. Já lendo a coluna falei: tudo bem, Walcyrr. Eu estava lendo a tua coluna e tal. Então,

in era usar a camisa com bolinha, calça listrada e gravata florida. Walcyr, isso é in? Ele falou: “claro que é. Olha para mim?” E ele estava vestindo exatamente igual. Aí eu falei: “nossa, você está atuando em causa própria”. Ou era usar roupa sóbrea. Mas vamos lá. Vamos às suas perguntas.

DEFINIÇÃO DO TRABALHO COMO JORNALISTA

Durante os 32 anos em que eu trabalhei na grande mídia... No começo da Folha, na agência, não no Folhão, né? Mas de qualquer forma, as matérias eram publicadas na Folha (de S. Paulo), no Notícias Populares e na Folha da Tarde. Esse começo... depois do Estadão, 26 anos, também começo na Agência Estadão e depois sigo para a redação ... durante esse período todo, havia um sofrimento de não ver a nossa cara nos veículos. Quando venho a notícia da criação e uma revista para a nossa comunidade, eu falei: eu trabalho de graça. Vou lá falar com os caras e tal. Mas não foi de graça. No começo, ganhava relativamente bem. Escrevi praticamente ... se não em todos os números, uma grande maioria, nos 19 anos em que atuei por lá. Ah, esqueci uma coisa. Eu fiz a TV da Gente, do Netinho. Eu era um contador de histórias num programa infantil. Eu não quis ficar no jornalismo lá. Mas entre as atividades de televisão, eu fiz TV da Gente. Mas tinha uma angústia... para ter negro numa página, você tinha que ser o melhor atleta, um artista geralmente estrangeiro. Claro que você não vai deixar de botar um Denzel Washington que está estreando e tal... mas todo o dia a nossa cara estava lá mesmo na editoria de Polícia. E isso nas palestras eu sempre falo: o primeiro lugar que nos coube no jornal foi nos classificados, né? compra e venda de escravizados. Quando criaram as editorias, o nosso papel, o nosso espaço, era a editoria de polícia. O Esporte com exceção, quando começaram a nos aceitar. Mas é muito complicado. Muito, muito, muito. Todas as nossas reivindicações eram ... eles até faziam questão, já mais tarde, com o 20 de novembro (Dia da Consciência Negra) com as denúncias de diferenças salarial, diferenças de vida, essas de qualidade de vida e tudo o mais. De educação... mas aí você vai para a página 3, onde estão os editoriais, a postura dos jornais era contra toda a nossa reivindicação. Ou seja, eu estava lá para sustentar os meus cinco filhos. Não foi à to que, quando eles me ofereceram aquela demissão voluntária, eu já estava aposentado. Mas eu trabalhei, ainda, alguns meses. Aí, vieram oferecer ... estava um rebu lá, né? Mandando todo mundo embora especialmente quem tinha mais de 15 anos de Estadão. Eles estimularam a demissão voluntária. E aí eu fui à sala do Rui Mesquita. Cheguei lá e falei com a secretária: eu poderia falar com o dr. Rui? “Mas o que eu senhor quer falar com o dr. Rui?”. Ué, quero conversar com ele. Eu trabalho há 26 anos nessa casa. “26 anos! Ah, mas Então, o senhor conheceu o Inajar (de Souza)”, disse a secretária. Claro que eu conheci o Inajá. “Ah, o Inajá é meu amigo”. Eu pensei: que engraçado ela perguntou sobre o único negro que teve importância no jornal, tirando o nosso Oswaldo de Camargo, né? O negro como repórter.

(Inajar ?) – Inajar de Souza que é nome de avenida aqui na zona Norte. Ele foi um repórter do Estadão lá dos bons tempos. Aí, eu pensei que engraçado: se fosse um branco, ele não perguntaria. Inajá foi um dos poucos negros. E aí, me enrolou, enrolou e enrolou e eu fui recebido. Quando eu cheguei no dr. Rui, ele falou: “olha, eu só quero dizer ao senhor que eu não tenho nada a ver com essa bagunça que eles estão fazendo aí”. Eu disse: mas dr. Rui, eu não vim aqui para reclamar de nada não. Ele parou. Ficou olhando para mim. E

eu falei: eu vim aqui para agradecer ao senhor, porque eu trabalhei aqui na sua casa durante 26 anos. Eu criei cinco filhos, trabalhando aqui. Então, eu vim para lhe agradecer todo esse tempo.

Apesar de que, nesses 26 anos, eu não subi um degrau na carreira. Muito pelo contrário: nos últimos cinco anos, eles me colocaram de rádioescuta. Foi tão legal, né? eu digo para as pessoas assim: é, ah, eu estou tão contente de terem me colocado de rádioescuta. Eu vou me esforçar bastante, porque quem sabe, no ano que vem, me colocam como estagiário. (risos) Nos últimos cinco anos, eu fui rádioescuta. Mas nos outros 21 (anos), eu fui repórter, né? Mas é assim. Essa é a realidade da gente nos jornais, né? Eu não posso dizer que é uma regra, mas comigo foi, né? Eu não ganhava mal, mas era o pior salário de repórter no jornal O Estado de S. Paulo. Não tinha ascensão, né? E eu dizia: se eu fosse um mau repórter, porque não me demitiram? Não, eles faziam questão de me manter, mas não tinha ascensão.

(qual era o seu sentimento?) Nesse sentido muito ruim. Eu não tinha a vaidade de ser um repórter do Estadão, né? Eu nunca esqueço uma amiga minha que eu dei carona ... eu tinha um carro grande, eu não lembro do nome, aí ela falou: “para aqui e tal”, na Peixoto Gomide, na frente de um posto de gasolina. Aí, veio o frentista e falou: “você se importa de ir mais pra frente. Aí, onde o senhor está atrapalha o posto”. Aí, ela falou assim: “viu, Oswaldo, eu te ligo lá no Estadão mais tarde, se você não sair para uma reportagem”. Eu falei que bobagem. Ela fez questão.

(Carteiraço) “O senhor não sabe com quem está falando”, essas coisas. Bobagem, né, um valor irreal, né? Ó, para você sentir a minha presença. Durante o período em que eu estava na rádioescuta, eu trabalhei com hip hop com os jovens lá de Diadema. Eu fiz assessoria no Departamento de Cultura para os cursos e oficinas de hip hop. Era assessoria de imprensa de reivindicação. Eu era o representante do hip hop lá na cidade. E, por conta disso, uma estagiária do Estadão que fez na faculdade um TCC sobre hip hop me pediu ajuda. E eu dando as dicas, procurando as pessoas para ela entrevistar etc e tal. Muito bem. Ela teve dez. Conseguiu publicar o livro e pediu para eu prefaciar o livro. E eu prefaciei. E aí, saiu no caderno Dois meia página com uma matéria sobre o livro, porque a menina era estagiária do jornal e tal. E aí, dizia assim: segundo Oswaldo Fastino tatatá... Oswaldo diz tatatá ... um amigo meu chamado Oswaldo Mendes que é jornalista e foi meu editor na revista Visão, num dos meus segundos e terceiros empregos, ele ligou para ela e que é amigo dela e disse: “nossa, Estadão falando de hip hop”. Ela falou: “Mendes, você não sabe as coisas que eu aprendi lendo esse livro da menina. Você sabe que tem um professor chamado Oswaldo Faustino que diz cada coisa. Me deu uma visão que eu não tinha”. Ele falou: “Oswaldo Faustino?”. E ela disse: “é. Mas você o entrevistou”. E ela: “não, eu não tenho contato dele”. E ele falou: “atravessa o corredor. Ele está na porta da frente. Está ali na rádioescuta”. Ela falou: “não é possível”. Aí, ela foi lá e perguntou: “você é que é Oswaldo Faustino”. E eu: é. “Mas você o Faustino que prefaciou o livro. Eu disse: é. “Não acredito, eu te vejo tantos anos aqui. Eu não sabia nem o seu nome e nem o que você fazia aqui no jornal”. (risos) Você entendeu? Isso é ... as pessoas dizem que a gente é muito chororoô, muito chororoô. Mas não! Essa é a nossa realidade mesmo, né? Eu também posso dizer que a culpa tenha sido minha, né, porque também não me interessava também ser muito visto, né? Porque talvez as exigências fossem maiores. Eu

não teria o tempo do segundo emprego, do terceiro emprego. Eu tinha que sustentar a filharada. Então, eu segurei essa onda foi isso.

(tu não quer que as pessoas te odeiem, caso Daniel e general) Não é que eu não queria. É que seguindo a linha dos nossos ancestrais, um mal pensamento interfere na tua existência. Um ódio. Um olhar. Não em aquela coisa do mau olhado? Fulano está com mau olhado? E eu levo isso um pouco a sério. Eu não tenho religião, mas eu levo isso muito a sério.

(conotação racial? Daniel e general eram homens brancos, não?) Sim, brancos. Vamos falar sério, né? Em papéis fundamentais da imprensa não tem lugar para os homens negros. Raríssimos. Lá no Estado, tirando o Inajar que foi um repórter especial e depois fez secretaria de redação, mas pouquíssimos. Tinha assim ... ali a gente na Polícia, no Esportes, enfim. Eram raros. Então, a presença da gente, a presença da gente era um incômodo mesmo. E essa coisa do olhar era muito forte. Você acha que essa história de eu receber, por três meses, salário de repórter era mesmo uma coisa para me salvar o emprego. A desculpa que ele (General) me deu. Não. Se fosse uma outra pessoa... Daniel também só foi falar aquilo para ele justamente para se garantir que na sua volta, seis meses depois com um curso de pós lá na Espanha, ele teria o seu lugar de volta. Só que perdeu. Aquela história dos Racionais: entrei pelo ralo, peguei o seu filho e você não viu, né? Quer dizer, aí é que está. O General pode fazer isso enquanto não me conhecia. Agora, quando conhece aí não tem como, né, Bel. Eu tenho acompanhado a sua história profissional. A gente corre atrás e aí depois que tá ... dificilmente neguinho ... você sabe porquê eu fui demitido da Folha, em 1982? Eu entrei em 1976 como estagiário. Eu fui demitido porque eu fazia Polícia também. Eu trabalhava à noite e eu via uma conversa de umas pessoas que iam fazer um curso que ninguém sabia o que era e não sei o quê e bababá. Eu fui fazer uma rebelião de presos, em Campinas. Quando eu voltei de manhã, o diretor de redação me chamou e disse: “você sabe que você tem direito a mais uma diária, né?. Você viajou Então, não esquece de preencher o papel”. E eu: pô, muito obrigado. O cara está interessado na minha, no meu bem-estar. E aí: “Oswaldo, depois que você terminar de escrever a matéria vem cá”. E eu disse: ah, tá. E ele falou: “olha, você já deve ter ouvido falar. Nós vamos implantar um sistema aí, vamos colocar computadores na redação. E algumas pessoas não vão se adaptar. Nós já fizemos uma avaliação aí na redação e algumas pessoas não vão se adaptar. Eu vou te dar uma carta, dizendo que você é um excelente profissional. Mas infelizmente, você não vai se adaptar ao novo sistema”. E a gente numa redação de 50 pessoas – não posso nem dizer que é racismo – 36 foram, não iam se adaptar. É muito louco isso. Criou um trauma da gente em relação a computador, né? Eu conheço computador há 40 anos. Computador desempregada, né? Imagina como é que e passei essa ferramenta inteira sem essa ferramenta. Hoje, eu não consigo ficar nenhum dia sem abrir meu notebook, sem escrever, sem trabalhar. Mas é isso. Eu não posso dizer que eu fui demitido por racismo. Mas eu posso dizer que a minha demissão não foi de todo correta, né? Como é que você diz que eu não vou me adaptar. Você fez algum teste? Me chamou? Levou lá para testar? Não. Eu acho que os nossos males todos não são só racismo. Racismo é fundante, né? Ele é fundamental. Ele é o pai de todos os males. Porém, nós temos outros males que é uma

subvalorização. Não é por acaso que o meu salário nunca mudou no Estado. Eu nunca mudei de faixa salarial. Eu continuo dizendo se eu fosse um mau repórter, a solução era demitir e não pagar mal. E você deixava barato porque você tinha tempo de fazer os outros trabalhos. Então, é isso. Eu acho que essas coisas estão todas interligadas.

SEXISMO

Sexismo. Olha, eu acho que você valorizar ou desvalorizar alguém por uma questão sexual. Isso será a tônica de uma questão. É um ato sexista. Não é? Por que você me fez essa pergunta? É uma questão de gênero, né? Então, eu penso assim ... eu sou bem explícito. Não acredito que a tua sexualidade ou o teu gênero ou seja que nome tenha, tenha importância na tua produção e no teu existir. Você tem homens negros extremamente cruéis. Você tem mulheres negras extremamente cruéis. Você tem mulheres brancas extremamente cruéis. Eu acho que enfim ... eu sempre acho que independentemente de se festeja o primeiro presidente negro dos Estados Unidos, a cor da pele é decisiva, né?, assim como não acho que o gênero masculino, o macho da espécie é o mais importante de todos os animais dessa espécie.

RACISMO

Olha, sobre o racismo eu tenho uma explicação mais científica para ele. Eu penso que o racismo é antes de mais nada uma relação de poder. Eu te filtro, eu filtro o meu olhar com relação a um ser humano a partir das questões raciais, mas estabelecendo um poder sobre esse ser humano. Sempre estabelecendo um poder. Então, não é só um preconceito, preconceituoso, discriminatório, né? Eu tenho um fundamento, o fundamento é a construção do meu poder de homem branco sobre os demais. Isso é um ato racista. E quando isso se estabelece numa sociedade tudo o que se segue passa pelo prisma do racismo. Eu não posso dizer que: ah, não a nossa sociedade não é racista. As pessoas podem não ser, mas a sociedade não. Não, o racismo é institucional. Agora, a gente tem visto uma série de tomada de decisão que tenta dar uma modificada na cara da sociedade. Mas eu vou dizer uma coisa para você: grandes ataques do racismo, grandes atacantes do racismo, pessoas que atacavam o racismo, que denunciavam o racismo, pessoas de esquerda principalmente, mostraram-se extremamente racistas no julgamento do mensalão. Você ouvia comentários assim: “esse negrão, ele está pensando o quê?” E olha que eram pessoas que eu conhecia de fazerem discurso antirracista. “O que que esse negro está pensando, né? Quando não caga na entrada, caga na saída. Olha, aí”. São nos extremos que eles acabam se revelando. Nos extremos ou, agora, com as redes sociais em que você pode ficar escondido atrás de uma ideia, né?

PRÁTICAS SEXISTAS OU RACISTAS NO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Ah, não tenho dúvida. Não tenho dúvida, quando o Pimenta matou a namorada, a gente estava lá no jornal, né? E aí, eu me lembro de comentários assim: “ah, mas ela também fazer isso com ele? Pô, ela deu para ela um cargo que ela não tinha a menor condição de exercer. Ela ganhou as funções na cama. Tinha um salário que só as mulheres da família Mesquita tinham. Não sei o quê e papapá”. A gente fica olhando e pensa que ninguém nunca disse que um homem teve ascensão porque questões sexuais, por favores sexuais.

Então, isso me incomodou muito. Lembro disso: “ela não podia fazer isso com ele”. Então, você, inclusive, culpabiliza a vítima. Isso é um ato sexista.

(houve uma rede em favor dele?) É. Não. Todo mundo também falava muito mal dele. Ele não era uma pessoa muito querida. Falavam muito mal dele, mas colocavam aquela mulher como uma aproveitadora. E mulheres aproveitadores têm de morrer mesmo. Era colocado dessa forma. Não era uma solidariedade assumida, não, não. Mas a culpavam. Se ele fosse um cara querido, provavelmente fariam diferente e ainda a penalizariam mais. Mas a penalizaram mesmo assim. Mas tinha muito, né, assim com a gente viu pessoas do sexo feminino fazer jogo, né?

(que jogo) Não é um jogo de sedução apenas no campo sexual, né? Um jogo da sedução aiii caramba como vou falar isso sem parecer um machão, um sexista. Mas esse tipo de jogo é muito comum ... porque assim todo o lugar em que você tem uma escala e seja possível ascender de alguma forma e mil formas de puxar o tapete dos outros e ganhar esse espaço. Muitas vezes, a gente observou esse jogo tão feminino, né? Agora, não posso dizer que não eram pessoas competentes. Pessoas que depois deram conta. No caso, desta menina do Pimenta punham dúvida se havia competência ou não.

(você lembra do trabalho dela?) Não, não. Nós não convivíamos. Eu trabalhava à noite. Não convivíamos. Ela era uma pessoa do editorial, né? E no horário quase comercial, lembrando que eu só podia ter três empregos porque eu cumpria aquela regra das cinco horas. Então, eu não convivia em Sandra Gomide. Mas eu me lembro sim de encontrar por ali e tão. Mas no corredor. Mas eu nunca ouvi falarem mal a não ser depois da morte. Aí, a culpabilizaram e aí me contaram: “Ah, não. Não tinha competência, Pimeta que favoreceu, etc e etc. Ela não podia fazer isso com ele!”.

(como tu te sentiu na época? Lembra dos teus pensamentos) Deixa eu colocar uma coisa para você. Quando tem um caso assim especificamente, ele tem uma característica muito especial. Você está falando de um pessoal de classe média alta, de um pessoal entre aspas culto, de um pessoal formador de opinião, né? Eu como repórter de Polícia – eu tinha feito Lindomar Castilho, né? – eu tinha feito uma série de outros. Então, era um crime, era terrível, porque era mais ... eu acho que eles nem chegaram a conviver. Claro, eram namorados, ficavam juntos. Não era aquela coisa do conviver. De você ficar assim: “ah, a violência doméstica”. Mas é uma violência doméstica de alguma forma. E eu tinha feito, durante a minha vida inteira na reportagem policial, o que eu fiz de marido incorformado com a separação. Mas no caso do Lindomar Castilho, eu nunca mais esqueço ... quando eu falei aquela a menina do Lindomar Castilho tinha um sobrenome chiquérrimo Gramond, um pessoal de esquerda, um pessoal ferrado. Mesma história. Nunca me esqueço das pessoas que eu entrevistei: “ah, mas ela não podia fazer isso com ele. Pô, né, ela estava namorando com o primo dele”. Aí, eu perguntava: mas ela ainda estava com ele?. “Não estava separados. Pô, mais ia pegar logo o primo. Depois, ia lá na boate onde ele ia e ficava lá”. Então, mais uma vez eu tinha visto a mesma cena. O que me vem à mente primeiro uma coisa muito lúcida: homem acha que tem o direito sobre a mulher mesmo depois do fim. O cara tem o direito. É minha. Minha propriedade. “Ah, mas acabou”. “Não, é minha e acabou. E se pegar com outro mato mesmo. E mato os filhos.”.

A gente viu centenas de casos assim. Mais na periferia? É mais na periferia sem sombra de dúvida, mas é muito cara de classe média. Mas eu também fiz matéria de moça que cortou o pênis do namorado depois da separação. (risos) Tem uma ótima de uma moça lá de Vitória que sise: “ah, tá bom. Você não quer mais namorar comigo, mas vamos fazer uma despedida? Ir para o motel”. E ela vapt: passou-lhe a faca.

(mas não tirou a vida, né?) Não, não tirou a vida. Segundo ele, nem a virilidade porque ele jogou no balde de gelo. Era rico. O pai botou num avião e veio operar aqui em São Paulo. E segundo a nova namorada, que ele levou quando me deu a entrevista, ele estava maravilhoso.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES MULHERES

Pelo fato de serem mulheres. Olha, o jornalismo para mim, hoje, está como o movimento negro, as mulheres dominam. Não sei se elas são melhor pagas, mas elas dominam. Tem mulheres nas melhores funções. Algumas funções que eram quase que exclusivamente masculinas, fotografia, você tem fotógrafas bárbaras. A maioria depois faz livro. Tem mulher no Esporte, né, falando sobre futebol. A realidade da mulher no jornalismo mudou muito. Eu não sei dizer se as redações têm mais mulheres do que homens hoje. Tem muita mulher. Mulher negra é mais difícil, né? Ou homem negro. Eu vejo nos encontros de ex-Diário Popular, ex-Estadão nossa você conta pouca presença negra, mas mulher tem muito. Muita mulher. Agora em função importante: chefia ade reportagem, na editoria mesmo. Mudou bastante. Eu não acho que as mulheres são tão vítimas quando eu entrei na Agência Folha, por exemplo, lá em 1976. Lá, eram pouquíssimas mulheres. Eu me lembro que eram as que mais falavam palavrões. É porque meio que você tinha que se impor. Aí, tinha que botar a boca no trombone. E aí, a gente ficava tudo miudinho.

(que outras características você lembra das mulheres jornalistas pioneiras?) As mulheres jornalistas pioneiras, a maioria foi fazer assessoria porque não segura ... Redação não é para eu desejar para o meu filho, sabe? Não é mesmo. Eu nunca passei um ano-novo em casa. Estava sempre na redação. Eu acho que as pioneiras ... eu brinquei com a história dos palavrões, mas havia sim uma postura contra essa imagem da fragilidade feminina. Era fundamental provar que ela não existe. Não existe mesmo. Mas naquela época até a gente achava que existia, né? Então, você ia para o botequim e a menina pedida logo uma cachaça. Falava o nome da cachaça. Era uma coisa marcante. Era meio você em que estar ombro-a-ombro com os caras. Agora, em termos de trabalho eram uns pés de boi, como a gente dizia. Vai para a luta. Topa tudo. Eu não sei se é com a mesma desculpa minha dos cinco filhos, mas as mulheres topavam. Elas não eram tão pioneiras assim porque as pioneiras em eram da década de 1930.

(profissionalização via universidade) Olha, era assim. Nós pegamos ... em 1978, a gente pegamos movimento estudantil. As meninas tinham muito mais facilidade para trabalhar. Eu não sei como está hoje. Mas na época, todo mundo era de esquerda, né? Então, também tinha aquela coisa de ser de esquerda fazia com que elas fossem quase umas guerrilheiras, né? Eu vejo a Lu Fernandes, aí. Eu quase levei um choque que a Lu Fernandes estava fazendo campanha para o Serra, fazendo assessoria de imprensa para a campanha do Serra. Eles criaram o Oboré. Faziam jornais para os sindicatos, né? Ela era e é. Hoje faz assessoria. Mas ela é um trator assim. Eu a conheci lá na Agência Folha bem no início

mesmo na época de estágio. Então, eu acho que as meninas eram isso mesmo. Não dava para ser dondoca. Não dava para ser dondoca.

(e a relação dos homens com essas mulheres fortes?) Eram solidários, mas pode ser que falassem mal. Eu não conviva com ninguém que falasse mal não. Pelo contrário, eu conviva com o pessoal que batia palma. Eu acho que a barra passa pelo setor de seleção. Pelo RH, lá claro na direção de redação, mas no ombro-a-ombro. Você tinha com as meninas a mesma guerra que se tinha com os meninos. Porque também no jornalismo tinha muito isso, né? Eu tenho que comer o teu fígado, né? Ah, eu nunca esqueço quando o Bóris estava na chefia da redação da Folha. Eu acho que ele levou uma menina e mais pessoas. Ele apresentou para a redação e disse assim: “Ó, vocês estão vendo essas pessoas aqui? Não tem vaga. Daqui a um mês a gente vai avaliar e vai ver quem fica e quem sai. Você acha que alguém ia ajudar aquelas seis pessoas? Aquilo foi terrorismo. Foi terrorismo. Muito pelo contrário, as pessoas queriam passar com o carro em cima delas. Isso havia muito. Essa coisa do comer fígado no sentido de que eu preciso ser melhor do que você porque você tem uma vaga de repórter especial, uma vaga de subeditor, uma vaga de editor. E quando a vaga era dada para uma mulher talvez tinha essa sensação de que sim, ela sentou no colo do diretor de redação. Como aconteceu com a Gomide, né? “ah, ela sentou no colo do diretor de redação”. Isso podia ser sim uma fala machista da redação, apesar de eu não ter convivido com essa fala.

RELAÇÕES DE GÊNERO – PROPENSÕES HOMENS

Então, deixa eu te deixar muito claro. Eu não sou um típico profissional de redação. Um repórter que era sempre colocado no ... eu não tinha convivência com redação. Eu trabalhava à noite. Por exemplo, eu trabalhei na Agência Folha à tarde numa época de muita chuva. Choveu a manhã inteira, a noite inteira, quando eu entrava às 14h tinha uma requisição para eu fazer enchente. Então, as pessoas até tiravam sarro. Faziam cuequinha de papel e botavam num quadro. Então, eu nunca vivi o cotidiano da redação dentro da sua normalidade. Então, as minhas observações são bem de uma observação de fora. Eu sempre fiz madrugada. Muita madrugada. Nos últimos cinco anos, trabalhava lá na radioescuta, afastado de todo mundo. As vantagens eram: meninos bonitos sempre levam vantagem. Meninas bonitas sempre tiveram vantagem. É mais ou menos a coisa da novela, sabe? E se puder ele vai fazer o papel de protagonista de novela. Sempre teve meninos bonitos. Meninos bem-nascidos.

(como é essa beleza?) É uma beleza branca. É uma beleza com meninos perfumados, com mens com viagens. Meninos com períodos no exterior. Tinha um menino muito bonito Estadão, que fazia Polícia. Era o Fausto Macedo, de olhos azuis, chique. Mas ele era pé no barro, né? Ele fazia Polícia durante muito tempo. Hoje, ele faz Política. Faz Política. Mas vive na Polícia Federal. Ele entrou antes de mim e está lá até hoje. Se eu fiquei 26 anos, o Fausto Macedo já tem mais de 30. Mais de 30. Mas era um menino bonito que fazia Polícia, mas por decisão pessoal. No geral, você é considerado ... para poder trabalhar em outra área, exceto Esporte ... Esporte tinha que conhecer os segredos da vida esportiva, né? E não só do futebol. Você tinha que saber os segredos. Isso sim a gente fez questão de continuar com uma bela agenda, né? Eu me lembro que a primeira vez que eu ouvi falar de Ayrton Senna foi através de um repórter negro: Nei Souza. Ele dizia assim:

“tem um menino aí ... guarda esse nome ó. Esse cara vai arrebentar e tal”. Ele veio lá da ... eu não vou saber ... eu vou chutar. Ele veio da Fórmula 3, da Fórmula Ford e falou que esse cara vai arrebentar. Ele é muito obsessivo com relação à carreira e muito competente. Veja que engraçado ... Nei Souza, cujo nome é Beraldino, não sei porquê chama assim... Mas eu quero a dizer a você: na Polícia, na Fotografia e no Esporte, a gente até que aparecia um pouco. Agora, Política, era raro. Me lembro de um menino negro que se destacou na Economia, agora eu não lembro o nome, lá no Diário. E como ele era muito bom, foi chamado para a Gazeta Mercantil. Um dia ele estava tomando uma cachaça no bar do Estadão e disse: o que aconteceu, rapaz? E ele disse: “pô, tem um cara que diariamente, eu estou escrevendo, ele fica em pé nas minhas costas lendo o que eu estou escrevendo. E quando eu paro ou apago alguma coisa ele diz assim: ‘disseram que ia ser fácil, né? Te enganaram’”.

(que horror) Não é fácil, hein, Bel. A vida em redação não é fácil. Não foi brincadeira. E era assim o cara era a estrela do Diário Popular na área de Economia, mas aí Gazeta Mercantil que era um jornal de economia e tinha cara que fazia isso o tempo todo. É para deixar o cara inseguro mesmo.

RELAÇÕES DE GÊNERO – DESVANTAGEM POR SER HOMEM?

Não, não. Por ser homem, não.

(e por ser homem negro?) Por ser homem negro sempre.

(em que situação?) O meu histórico de profissão. Nunca – mesmo lá no Diário – e assim eu sou ... eu não sou dos piores e sou um cara obcecado por trabalho. E lá eu era editor de Cultura, Variedades. Eu era um cara que saiu de duas páginas para um caderno de seis páginas diário. E trabalhando com duas pessoas a mais só. Então, você vê como era a coisa. Quando eu saí, a pessoa que me substituiu, que era meu repórter e ficou no meu lugar, mudou tudo. A estrutura. Aí, aquele caderno passa a ter importância. Então, na verdade você tem que se desdobrar e se desdobrar e desdobrar e desdobrar, mas outros não precisam se desdobrar tanto. Não que tenha ficado fácil. Eu acredito que não ficou. Mas eu lembro de as pessoas falarem num quadro de quatro, cinco repórteres. O caderno de Variedades é sempre o primeiro que fecha, né? Por isso que o Daniel também não queria mais do que duas páginas. Ele trazia as duas páginas de cada. Só. Já vinha ... era outra história. Mas eu queria ser um editor que editava. Um editor que trabalhava e mesmo assim ... você vê aquela história você vai ficar mais um mês recebendo salário (de repórter)... que queria que o senhor me apontasse ... “não” ...mas fui ficando e acabei ficando cinco anos. Doido isso, né? Na verdade, está muito claro. Dá para enrolar esse pretinho aí. (risos) O que eu não tenho ... Bel, tem uma coisa eu não posso ser hipócrita e dizer: ah, os grandes jornais não têm espaço para preto. Ora, eu estava lá. Não tive grandes oportunidades. Mas estava lá. Não posso, é muita hipocrisia. É como o Milton Gonçalves dizer das dificuldades de preto na Globo. Não pode. Agora, há pouco, ele deu uma entrevista dizendo que a direção da Globo manda representa-los mundo afora. Então, é hipocrisia dizer que para fazer isso você faz 10x mais esforço do que os demais não tenha dúvida, né? e a diferença salarial era grande mesmo. Olha, eu vou ser sincero com você. Na época em que eu fiz um levantamento, tinha repórter ganhando 4 paus, eu ganhava 2.700. Era uma coisa bem díspare, né? Por isso, que com 2.700 eu podia ficar na

radioescuta. Era coisa de piso salarial. E assim você fica sem ter ... você fica 26 anos no piso.

RELAÇÕES DE GÊNERO – PRÁTICAS DE SEXISTAS

Olha, eu não vou poder dizer para você que eu vi. Eu ouvi queixas. Eu frequentei muito sindicato. Eu ouvi queixas de pessoas que foram denunciar chefias e se sentindo assediadas não sexualmente, mas moralmente. Tem uma coisa no jornalismo, viu Bel ... você chegou a trabalhar em jornalismo diário?

(não) Jornalismo diário tem uma coisa que é ... eu preciso colocar o meu coleguinha, entendeu? Tem umas coisas assim: fulano de tal vai e ele vai levar a turma dele. E aí, vale tudo. E a turma dele também tem mulheres, né? Vale tudo para arrancar você. Por isso, que eu falei para você. Depois que o Quércia comprou, o diretor ... é foi tão engraçado, ele falou assim pra mim: “Você está aí, tá”. E eu falou: estou. “Ei, eu ouvi falar que você vai sair de férias. Pô, mas não vai dar para você sair de férias. Eu preciso de você aqui. Tira só 15 dias. A gente está reestruturando”. Eu falei: tá, eu tiro 15 dias. Quando eu voltei, ele falou: “vamos lá. Não, ó, tira os outros 15 dias e tal”. E eu: ué, mas eu não podia ficar o mês inteiro. Agora ... “É, não, eu repensei aqui e tal”. Logo, botou esse repórter que já era meu repórter e logo em seguida já trouxe alguém do Rio, porque ele era do Rio. Mas tem muito isso. Tem muito a minha turma. Jornalismo tem isso. A minha turma. A minha equipe.

(e como os negros ficam na turma?) A não ser que ele consiga quebrar barreira e fazer parte dessa turma. São raros. Mas tem. O Luís Paulo Lima é um. Luís Paulo Lima tinha carta branca no Estadão. Você vai entrevistar o Oswaldo de Camargo (escritor negro)?

(estou pensando) Posso falar do Oswaldo de Camargo?

(pode) O Oswaldo de Camargo era revisor. Ele era revisor. Trabalhava lá na revisão como outro revisor qualquer. Aí, um dia ele pegou um editorial do Rui (Mesquita) e o Rui dizia assim: “é preciso dar uma grama de confiança ao governo”. Aí, ele foi lá e riscou e pôs: um. O chefe da revisão disse: “você está louco? Você riscou a lauda do Dr. Rui”. (Oswaldo) “Eu risquei para corrigir aqui”. (chefe da revisão) “Você está brincando?” (Camargo) “Ele escreveu uma grama. Uma grama é o capim. Grama é capim. A medida de peso é um grama assim como é um quilo”. (chefe da revisão) “Você está brincando? Você não pode fazer isso. Eu não vou assinar!”. A pessoa fazia a revisão e o chefe assinava embaixo. “Você vai perder o emprego”. Isso eu cheguei a ver ... foi escrito um memorando para a redação e colocaram lá no quadro: “quero agradecer ao jornalista Oswaldo de Camargo por ter ... há 30 anos eu escrevo uma grama e ninguém nunca me corrigiu. Finalmente, alguém me corrigiu e me explicou”. E aí, colocou o Oswaldo como primeiro revisor dos editoriais dele e, depois, ultimamente, pouco antes do Oswaldo aposentar, o Oswaldo chega a escrever mesmo. Ele dava lá as coisas que queria que escrevesse e o Oswaldo escrevia. É muito legal essa história porque ele é um negro que era o cara de confiança do dono do jornal. A mulher deveria ter perguntado se eu conhecia o Oswaldo de Camargo, mas ela preferiu perguntar se eu conhecia o Inajar de Souza.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE

Eu sinto que, lendo o jornal Unidade do sindicato, eu vejo muitas mulheres em cargos de chefia. se isso é representativo eu não sei, mas eu tenho visto crescer muito a presença

feminina nas redações e não em funções menores. Vejo muita repórter especial. Muita editora e subeditora.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE SALARIAL E DE CONDIÇÕES NEGRAS E NEGROS, BRANCAS E BRANCOS

Raros. Raros. A nossa presença já é rara. A gente é lá da Cojira, né, Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial. E a gente quando criou a Cojira, a metade era de revisores. A nossa presença era muito forte na revisão, inclusive o Oswaldo de Camargo é um dos fundadores. Na redação, essa função é mais difícil. Em cargos de responsabilidade Então, ... não que não haja, mas é muito raro.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE

Desigualdade.

RELAÇÕES DE GÊNERO – AÇÕES EMPRESAS

Elas devem primeiro se reconhecer, se olhar no seu próprio espelho e ver onde estão as pessoas. Porque o jornalismo com essa história de quarto poder faz, inclusive, do jornalista - não só do dono do jornal ou dos grandes editores – faz uma coisa meio que juiz do mundo. Juiz do mundo. quanto mais jovem, mais juiz do mundo. E aí, impafioso, né? Então, o jornalismo deveria antes de tudo olhar no espelho, se reconhecer e a partir daí entender a si próprio e por que mesmo falando das desigualdades, quer na questão de gênero ou racial, no país inteiro e quiçá no mundo quando chega na página 3 os jornais são sempre contra as nossas reivindicações. São contra cotas. São contra ações afirmativas. São contra tudo. Na página 3 que é a página da palavra dos jornais. São os editoriais. Aí, eles são contra. Quando saiu a Lei 10.639, eles escreveram na Folha (de S.Paulo) o seguinte: “se essa lei fosse só na Bahia ou no Maranhão é justo, mas em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, onde não existe negro. Isso é um absurdo. Essa coisa de estudo de história e cultura afro-brasileira. Isso estava num editorial”. Quando a primeira deputada federal é de Santa Catarina. Mas não tem negro em Santa Catarina. Entendeu? É uma loucura essa visão. Primeiro porque é total desinformação. Por que que é total desinformação? Porque esse cara nunca pensou a respeito. Então, quando a gente criou a Cojira, a gente criou primeiro para estudar a questão da presença negra nas redações e, segundo, como é que os jornais trabalham as questões relacionadas conosco. Então, fizemos curso para jornalista, para entender as questões raciais. Pergunta quantos foram? Quase ninguém. Só foram estudantes. Estudantes. Raros jornalistas estiveram presentes. Editor nem pensar. Por que? Porque editor é o cara que sabe tudo. Sabe tudo. Ele não só sabe tudo da área dele. Ele sabe tudo de tudo. Editores, editorialistas. Tudo de tudo. Eles têm opinião própria, fundamentada em qualquer assunto. Essa é a cabeça do jornalista.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO NEGRAS E NEGROS

Olha, eu vou te falar uma coisa que eu conclui. Jornalistas negros – e eu conheci a Tânia Maria Pinho, uma menina que participou daquele grupo que escreveu no Versus, do Hamilton Cardoso, Afrolatino América, uma menina muito boa. Excelente – mas eu vou te dizer uma coisa. Foi bom a gente ter a Raça. Eu acho que pior do que a crítica é a autocrítica. Eu sempre fico achando que o meu patrão não vai deixar eu fazer. Por que?

Porque eu já levei pauta e ninguém: “ah, aquela matéria caiu porque pintou outra mais importante”. No bar, na hora da cerveja, na hora da cachaça, todo mundo é solidário. É favorável à questão negra. “Pô, eu não te vi lá na Marcha do 20 de Novembro. Por que você não estava lá?”. Mas é só ali, no botequim, mas no cotidiano as nossas questões não passam. E quando passam a gente ... eu ouvi uma expressão tão triste de um menino do hip hop. Ele dizia assim: o que ele mais odiava era o negro da casa-grande. Eu acho que a gente, nós negros no jornalismo, corremos o risco de virar o negro da casa-grande. A autocrítica é pior do que a crítica. Então, coisa que talvez passasse a gente dá uma relentada. Eu acho que é meio assim. Eu não fui de uma área importante, né? No Estadão, eu repórter de Polícia. E no Diário, eu tinha autonomia tanto que foi o meu primeiro momento de ... não dá para chamar de grande imprensa, porque o Diário não era grande imprensa. No Diário, eu já tinha um pouco mais de vantagem. Ninguém me disse: “isso não pode”. Então, eu aproveitava e fazia. Agora, de qualquer forma, eu tenho certeza que eu sempre ficava esperando no dia seguinte para ver o que que ia rolar. No caso da Leny Andrade, não falaram porque ela era preta. Mas eu lembro que o general falou assim: “pô, você me fez uma página com aquela mulher feia” desse jeito. Eu falei: pô, ela é uma mega cantora, né? “É mas você tem que pensar que o leitor é movido também pelas imagens. Feia”. Isso eu posso falar porque ele já morreu. A Leny não vai ficar brava com ele.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO BRANCAS E BRANCOS

Eu acho que ... eu acho que branco, jovem branco; mais do que branco, jovem branco, ele é sempre visto como um profissional promissor, né? Jovem branco, bem-nascido, ele é sempre visto como um profissional promissor. Então, eu acho que ele já começa com vantagem. Sai com vantagem. Vai na frente. E isso eu posso te dizer que eu assisti várias vezes, em todos os veículos em que eu trabalhei.

(dá para incluir as jovens brancas nisso?) Dá para incluir as jovens brancas, mas as jovens brancas bem-nascidas. Os jovens brancos podem ser bem-nascidos para pleitearem esse espaço. Agora, jovens brancas são as que são bem-nascidas mesmo que vão chegando no jornalismo. Você sabe de uma coisa? Eu não me lembro de ter trabalhado em redação que tinha gente ECA (Escola de Comunicação e Artes da USP). Eu via muito Cásper Líbero ou de outras faculdades. Mas ECA parece que é mais para fazer carreira acadêmica, né? Não tinha. Nas redações onde eu trabalhei quase não tinha.

(brancos com grana?) Com grana, com grana. Com pai já na profissão. Pai na profissão. Fora aquele caso do amigo do amigo. Nós (negros) temos mais dificuldades de sermos amigos do amigo.

RELAÇÕES RACIAIS – PRÁTICAS RACISTAS

Contra negras e negros na redação?

(colegas, fontes, público) Eu vou te dizer uma coisa ... essa coisa direta: macaco, essa coisa assim, eu não consigo me lembrar de ter visto. Mas uma relação mais difícil, muitas vezes. Mas aquele do xingamento, do confronto, etc e etc, não. Eu me lembro de um jornalista que é referência e amigo de militante, que era o Hamilton (Cardoso, ativista do movimento negro). Mas o Hamilton também tinha isso, né? O Hamilton foi repórter especial de Política do Diário. Hamilton estava lá entre os fundadores do PT (Partido do Trabalhadores), mas botaram Hamilton para acompanhar a campanha para presidente do

Maluf. Então, você vê que já era uma coisa de desafio, né? E para derrubar, se fosse necessário. Hamilton Cardoso, militante, porreta, esquerda de prima, foi botado para seguir Maluf. E tinha serenidade de ... me contou que estava na caravana e tinha 12 casinhas. O Maluf mandou os carros pararem e foi na casinha do meio. Bateu palma. Aí, saiu uma senhora. E ele: “por favor, eu gostaria de falar com a dona Maria. E ela falou: “Dona Maria sou eu”. E ele: “oh, Dona Maria, eu vim aqui porque me disseram que o seu café é o melhor café dessa vila”. E ela: “ai, eu vou pôr água no forno”. Depois a vila inteira estava lá: “olha, o Maluf está na casa da Dona Maria”. Ele me contou isso com uma certa admiração e nós odiávamos o Maluf, inclusive ele, mas ele tinha essa sensibilidade. Mas chegava no botequim, ele dava chance, né? Ele bebia muito. Ele era um negrão. E eles: “ah, negrão você é viado. Ah, negrão”. Então, eles desforravam fora da redação, né? Até quando aconteceu o acidente e foi aquela tragédia na vida dele, né? Mas ele chegou a repórter especial. Ele era repórter especial de Política no Diário Popular e repórter do telejornalismo do SBT. Um dia o Sílvio Santos chegou na redação e falou: “oh, como vai a nossa melhor aquisição?” (risos). Então, quer dizer você entendeu? Ele não poderia dizer: “oh, pobre de nós negrinhos”. Ele era um repórter especial. Ele era um militante. A questão não era ele. A questão não era seu ser editor de Cultura no Diário. A questão é a presença de nós e dos nossos. Não tinha 1% de quantidade. Sei lá. Éramos três de uma redação de cem pessoas. Muito pouco.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE DESIGUALDADE

Eu acho que você já me fez essa pergunta e eu te disse que não.
(é eu fiz, mas tinha que repetir mesmo) Ah, Então, tá. Não, não tem mesmo.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE E DESIGUALDADE – ACAO DAS EMPRESAS

Desigualdade. Acredito que as empresas jornalísticas precisam olhar no espelho. Ver a sua redação, ver os profissionais com os quais trabalha, ouvir ONGS como o CEERT que trabalham com outras empresas, de outras áreas, educando nessa questão de seleção de profissionais, entrando na questão da boa aparência ... e o jornalismo acha que não precisa de nada disso. O jornalismo não precisa de nada disso. Nós somos formadores de opinião. Nós somos os the best, né? Nós somos o poder.

RELAÇÕES RACIAIS – TRAJETÓRIA

Ela é exceção em longevidade. Em alguns casos como o Diário Popular, de postura, de cargo, né? Agora, de salário, não. Longevidade sim porque você ficar 26 anos uma empresa de comunicação é realmente ... você só vê isso no rádio, né?, porque não tem imagem. Aí, você vê lá o cara. O Moisés da Rocha fazendo 30 anos de rádio USP, né? E aí, as pessoas chegam lá e dizem: “quero falar com o Moisés da Rocha”. Aí, passa o negrão e ninguém sabe que é ele. E assim, no meu caso, em algumas coisas exceção e outras, regra. O salário foi regra. Sempre os piores salários. Eu em vez de progredir, regredi. Fui para a radioescuta. E aí: “mas alguém tem que fazer esse serviço. É um

trabalho importante”. Tá, né? E fiquei por lá. Longevidade sim. E uma outra coisa... mas sempre exceção porque estar em grande veículo de comunicação nos fazia exceção. (paternidade) Então, mas isso desenvolveu em mim um espírito de workaholic mesmo. Eu não me queixava. Aquela história de não estar no Ano-Novo em casa, de estar ... de sair de um e ir para o outro. Quando eu fazia rádio, eu estava na redação de um e botando matéria no ar por telefone, né?, no outro emprego. Então, eu trabalhei muito, mas isso desenvolveu em mim um espírito de muita labuta. Hoje que eu me dedico a literatura ...nossa, hoje eu faço as coisas com os pés nas costas. Escrevo tranquilamente. Me diverto. Isso eu não te falei. Eu não faço nada que não seja divertido. Até lá atrás eu não fazia. Eu me divertia no jornalismo também. Eu me divertia no jornalismo mesmo sabendo que poderia estar ganhando mais, que poderia estar sendo respeitado de uma outra maneira, né? E vendo que as minhas pautas, as pautas que me interessavam quando vinham mpara mim, não eram levadas. Caiam, né? Caiam.

RELAÇÕES RACIAIS – FUTURO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Primeiro, eu não vislumbro o jornalismo como uma profissão no futuro. (não?) Não, eu acredito que haverá muitos blogs. Vai ter um outro tipo de relação. Eu não acredito que as redações tenham vida muito longa não. A gente tem visto fechar muitos títulos e não é só crise econômica. Se está pensando um outro tipo de jornalismo. No meu último ano de Estadão, entrou um outro diretor... eu nunca esqueço essa cena, dizendo que o Estadão precisava mudar. O Estadão era um jornal muito sisudo, precisava ser alegre. Precisava botar mulher pelada na primeira página. Eu olhava para o cara e falava: “não, você está querendo transformar o Estadão no Notícias Populares”. (novo diretor) “Não, basta você ver. O UOL é assim. A BOL é assim. Você sempre vai ter lá uma notícia sobre a miss bumbum”. Não tinha a miss bumbum, eu que estou dando esse exemplo. Achava que precisava dessas coisas e que o jornal era sisudo demais. E ele usou capas de jornais internacionais que tinham isso, né? Não mostrou New York Times e etc, né? Mostrou jornais sensacionalistas e tal. Então, quando eu vi o cara falando aquilo e o maior exemplo que ele me deu eram coisas da internet, comunicação cibernética, aí eu falei: ai, né? Esse jornalismo está perigando. Aí, eu vi fechar o Jornal da Tarde. Vi a Abril fechar um monte de título. Tenho ouvido que a Veja vai ficar só com o eletrônico. Então, o que eu eu concluo. A profissão de jornalista não é uma profissão de vida longa não. O que vai acontecer? Vai funcionar o outro tipo de jornalismo. Como na internet, todo mundo é jornalista. Todo mundo dá notícia. Todo mundo acha que escreve. Todo mundo tem opinião. Vai haver alguma regulamentação e vai dar um pouco de fôlego para alguns profissionais. Mas não vislumbro não. Nem para homens e nem para mulheres. Nem para brancos e nem para pretos.

ROLDÃO ARRUDA



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Eu desde cedo gostei muito de ler. E com o tempo ... gostava muito de ler gibi, fotonovela. Gostava ... (você não é do tempo da fotonovela, né?) gostava de ler fotonovela. Gostava de ler livros, é ... gostava muito de ler. Eu lembro que eu estudava numa escola pública, o Instituto Estadual de Londrina, que tinha uma biblioteca muito pobrinha. Muito pobrinha. E eu lia tudo o que tinha lá. Eu acho que fui a única pessoa que lia as obras completas do AJ Cronin, que é um escritor escocês, inglês, e era uma das poucas coisas que tinha lá na biblioteca. E da leitura veio vindo a vontade de também escrever. Eu acho que o meu pensamento inicial era ser escritor. E como não tinha a carreira de escritor (risos) a coisa mais próxima que tinha era jornalismo. E como não tinha jornalismo em Londrina, eu comecei, inclusive, a fazer a faculdade de Letras, que era uma coisa mais próxima também. Depois que abriu a faculdade de Jornalismo, eu comecei a fazer Jornalismo. E aí, antes de ir para lá eu já tinha pedido emprego na Folha de Londrinha. E comecei a fazer lá o que eles chamavam de radioescuta, que era ... eu ficava ouvindo noticiário da Voz do Brasil e de outros lugares. Seleccionava algumas notícias, datilografava e entregava as laudas nas mesas que interessavam. Era um trabalho desse tipo. Então, eu entrei numa redação muito cedo, com 17 anos. E fui ficando, fui ficando, ficando.

(tu fez UEL?) Eu fiz UEL em Letras. E depois eu fiz dois anos de Jornalismo. Mas no segundo ano, eu me transferei para São Paulo. Aí eu vim estudar. A única faculdade que batia o sistema de crédito da UEL era a Alcântara Machado, a FIAM. Aí, eu terminei o meu curso aqui, em São Paulo, na FIAM.

DEFINIÇÃO DO TRABALHO COMO JORNALISTA

(silêncio por alguns segundos) Ah, eu acho que eu sou um observador da sociedade e o que ela envolve. Isso inclui aí economia, inclui comportamento, inclui as relações entre as pessoas, inclui a política. Mas eu acho que é exatamente isso. Eu sou um observador e tento entender a sociedade. Entender o que está por trás das aparências dessa sociedade e que tenta traduzir, não traduzir, mas apresentar isso para o leitor. Eu tento ajuda-lo a compreender a sociedade em que a gente vive.

(editorias por onde passou) Olha, eu trabalhei em economia, em política. Já trabalhei ... já fui até da Ilustrada da Folha de S. Paulo, mas a editoria em que estive mais tempo na minha vida foi mais relacionada a comportamento e a movimentos sociais. Então, por

exemplo, o surgimento da epidemia da aids. Eu cobri muito essa questão, no tanto do ponto de vista científico, mas tanto do impacto disso na sociedade. É ... no jornal O Estado de S. Paulo eu cobri, por longos anos, movimentos sociais. O movimento indígena, o movimento gay, o movimento negro, a questão dos sem-terra. Esses assuntos ... eu sou do tempo em que se cobria comunidades eclesiais de base, movimentos católicos. Eu também cobri religião durante muito tempo. Mas em religião, eu incluiria nessa área aí, de comportamento também e de movimentos sociais. Eu estava até olhando aqui ... eu estava arrumando umas coisas ... e achei um diploma que eu recebi por cobrir questões de negros. Tenho um diploma por cobrir questões de cobertura do menor. Umas coisas assim de reconhecimento e tal.

(prêmios) Não prêmios, porque eu não escrevi nunca minhas matérias para concurso. Mas assim eu era homenageado. Era chamado para receber uma homenagem e tal, assim, nessas áreas que eu cobria.

SEXISMO

Vixe, Maria. Começou a complicar (risos). Ah, eu não sei. Eu ... para mim é uma coisa que denota uma coisa meio preconceituosa. Eu não sei o significado exato da palavra. (não é o conceito acadêmico. E sim o que você entende) É isso. É algo meio discriminatório. O sexista ele discrimina, ele tem preconceitos em relação ao outro sexo.

RACISMO

Também ... eu entendo a mesma coisa. É uma discriminação em relação a uma pessoa diferente por cor, etnia, por costumes.

PRÁTICAS SEXISTAS OU RACISTAS NO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Do ponto de vista de racismo, uma coisa que sempre me chamou a atenção é que, às vezes eu estava em alguns lugares, rodeado de jornalistas e eu percebia que o único negro, o único pardo ali, era eu. É já teve redação em que eu era o único. É conforme você subia mais, ainda, para a chefia, era mais difícil você, ainda, notar pessoas da minha cor. Mas isso eu comecei a notar em muitos ambientes em que eu circulava e também entre as pessoas que eu ia entrevistar. Eu notava muito isso. Não só dentro ... dentro das redações. Eu vou confessar que eu nunca fui um cara muito atento. Foi mais recentemente que eu comecei a ficar mais atentos a essa questão, aos pequenos detalhes que me envolviam. Eu estou falando para você que eu sou um observador da sociedade, mas muito pouco observador de mim mesmo e do ambiente muito próximo. Mas foi ficando muito evidente para mim essa coisa da ausência de negros e pardos nos ambientes em que eu trabalhava. E era assim ... existiam, claro, mas nunca eram maioria. Nunca eram uma força muito marcante assim. Eram uma pequena minoria. Um, dois e tal. Quando você subia, era mais (escassez-ausência). E também no ambiente de pessoas com que eu saía. Nos meus entrevistados, também era marcante essa questão. Na questão do sexo, (risos) ... aí, é uma coisa que você sempre ouve, que você e tal ... você observa algumas coisas ... mas eu sempre tinha uma dúvida se as pessoas que me contaram, eram, sabiam mesmo de coisas. Ou se elas eram também estavam desmerecendo as mulheres ao espalharem coisas sobre as mulheres. Tipo: “ah, não. Aquela foi promovida porque ela se relacionou com Fulano e tal”. É (silêncio por segundos) eu não vou contar nenhum caso assim que eu conheça,

que eu tenha presenciado em que eu possa dizer: isso eu vi. Isso aconteceu. Eu não me lembro de nenhum assim não.

(percepção sobre a questão racial, o que fez acender essa questão? Esse teu despertar? E qual o teu sentimento em perceber que era o único, um dos poucos negros? Tu faz relação sobre o teu sentimento como um homem negro, considerando que pretos e pardos compõem a raça negra?) Hum, eu acho que me chamou mais atenção foi por eu ter me aproximado cada vez mais dos movimentos sociais, dos assuntos que eles discutiam, das coisas que eles falavam. Tem essa troca que você tem o tempo todo sobre o assunto que você está cobrindo. Eu lembro que eu estava ouvindo um pajé indígena, em Dourados, no Mato Grosso do Sul, e ele ... uma coisa absurda. Tem um genocídio lá. Ocorre um genocídio indígena lá diante do mundo inteiro e que o mundo inteiro fecha os olhos. Aquilo é uma coisa impressionante. E esse senhor começou a contar a história dele, de como ele tinha renegado a etnia, de como ele teve uma época, quando ele era moço, que ele ficou com vergonha de ser índio. Ele abandonou a tribo dele, que ele circulou pelo mundo, pelo Brasil afora. Ele tentou de tudo e tal e nunca se encontrou. Sempre se sentiu discriminado. E aí no meio da conversa ... ele é um pajé ... ele chamou a mulher dele e começaram a fazer uma oração para mim, uma dança indígena em Guarani. Eu achei aquilo tão emocionante (risos) porque eu falei (pensei): gente, esse povo está sendo perseguido, está sendo exterminado, está sendo massacrado há 500 anos! E eles mantêm esse guarani. E, para culminar, surge um adolescente lá que não falava Português, só falava Guarani. E me deu uma coisa de resistência e ao mesmo tempo essa sensação da perseguição, da ... e aí, você vai ficando muito atento às coisas, né? Vai ficando... você discute com o pessoal do movimento negro, você discute com os indígenas, você discute com mulheres, você discute com gays ... aí, eu acho que essas coisas todas foram chamando a minha atenção para mais o que acontece aqui próximo, né, para o que acontece aqui ... e no jornalismo tem muito disso: o sujeito discute muito as coisas sobre economia. Eu vejo muito em economia. O sujeito escreve aquelas matérias sobre RH (recursos humanos) e tal e ele mesmo (risos) está sendo sofre ... está sendo massacrado ali na redação, mas ele parece que não associa uma coisa com outra. Ou não é conveniente ou tal. Na economia (editoria), eu via isso muito claramente. Eu falava: putz, o cara está fazendo essa matéria de RH aqui e olha onde ele está trabalhando? O que ele está fazendo aqui, né? Está trabalhando em condições insalubres, está fazendo hora-extra desnecessária, ele está sendo explorado e tal, mas está discutindo as melhores empresas para se trabalhar. O RH das outras empresas e tal. E eu fui vendo, a partir dessas coisas assim eu acho ... se bem que eu não sei ... eu acho que eu sempre fui muito atento. Eu acho que eu tinha 16 anos quando eu li um caderno da revista Civilização Brasileira. Uma coisa que me marcou para o resto da vida é um texto do Martin Luther King, que eu quero achá-lo ainda, em que ele diz que violência ... a gente associa a violência somente como um tapa na cara, um chute. Mas que a violência, às vezes, é sutil. É você sentar num lugar e a pessoa se levantar. Né? É você chegar perto de uma pessoa e ela colocar a mão no bolso. Tipo assim: “vou cuidar da minha carteira”. É ... E aí, essa violência que é uma violência sutil ... é o mesma do que o marido que nunca se dirige diretamente à mulher ou que pede para ela calar a boca, quando vai dar uma opinião sobre alguma coisa, embora ele peça isso de uma forma educação. É essa violência sutil que eu comecei a observar na

relação entre homens e mulheres e entre pessoas de cores, de raça e etnias diferentes, de ... enfim ... eu acho que eu sou muito atento. (silêncio por alguns segundos) Mas como eu também era meio de esquerda também e comunista e tal, embora eu nunca tenha me filiado nem nada, eu acho que a gente vai prestando muito atenção nas grandes questões sociais e vai deixando meio de lado essas questões sutis, mais pessoais, mais ... enfim. Eu até me perdi do que você tinha perguntado, aí, mas ... Mas... Ah, como eu tinha percebido isso. Eu acho que eu sempre tive essa percepção e ela começa com esse texto, lá atrás quando eu tinha 16 anos, mas que ela foi se acentuando na medida em que eu, nos últimos anos, fui me concentrando mais na cobertura de movimentos sociais, negros, gays, mulheres e tal. E é isso. Do meu ponto de vista, assim o que eu quero acentuar... (e o sentimento de ser o único ou poucos negros numa redação?) (silêncio por segundos) Não, também eu nunca me senti como parte de um grupo discriminado, como parte de um grupo diferenciado. A grande parte disso é porque eu trabalhava no Estadão, o último jornal no qual eu trabalhei durante mais de 20 anos, e que tem um peso muito grande. As pessoas respeitam muito. Então, você pega e liga e diz: eu sou do Estadão, né? Já muda tudo na relação com a outra pessoa que está do outro lado. Então, ... a não ser que ele não queira. Que seja um assunto que ele não queira, se recusa a falar com você. É ... Eu não sei ... eu sinto que existe uma coisa, mas não sei se ela é muito pessoal. Ou se é uma coisa relacionada a uma coisa mais ampla, mas eu particularmente ... acho que ... por exemplo, eu nunca pleiteei muito salário. Eu nunca pleiteei cargo. E eu fico pensando um pouco se no fundo, no meu inconsciente, eu não estava dizendo: puxa vida, já é tão bom eu estar aqui. Para que que eu vou querer mais. É ... eu que sou meio pretinho e é ... já me aceitaram aqui. Para que eu vou reivindicar mais? É ... agora eu não sei se isso é uma coisa relacionada, no meu inconsciente, à questão de raça ou se alguma outra coisa que eu vi. Com o tempo eu fui percebendo que já tinha isso na minha mãe. Minha mãe, eu acho que ela era mais clara do que eu. Mas a minha mãe ... nós éramos de uma cidade pequena, onde as chances de mobilidade social eram ínfimas. Então, nós éramos de uma família pobre, mas nos relacionávamos com famílias ricas, porque minha mãe era cabelereira e atendia as mulheres da sociedade local. E aí, a estratégia dela, era a estratégia de ... essa estratégia de você não aparecer, de você se tornar meio invisível. Ou seja, inclusive existe uma expressão assim: “ah, a fulana é muito saliente. Fulano está aparecendo demais”. Mamãe tinha uma estratégia de ... a gente não devia se destacar muito, a gente não devia ... ou se você se destacasse muito era pelo seu esforço, porque você é muito trabalhador, porque você é muito estudioso. Mas não assim gratuitamente, não ser muito alegre em festa (risos) não reivindicar muito salário. Mamãe sempre dizia: “não, já é tão bom”... Então, eu não sei se essa é uma questão da sociedade brasileira, onde uma enorme massa dessa sociedade adota essa estratégia para conseguir sobreviver diante de uma elite muito poderosa, diante de um ... as disparidades sociais nesse país são tremendas. Então, na minha cidade, você era assim: “aquele ali é o filho da cabelereira. Aquele ali é o filho da lavadeira. Aquele ali é o filho do dono do bar”. Eles te davam um carimbo como se você nunca fosse sair dele. Você ia morrer como o filho da lavadeira e ... minha mãe tinha projetos para nós ... grandes projetos para nós, mas ela não deixava isso muito claro. Então, ela ... ela, por exemplo, era uma mulher analfabeta, mas fez questão que todos os filhos estudassem. E todos fizeram faculdade. E ela ... era uma questão de princípio dela que a gente estudasse. Ela se matava, pagava escola e tal, mas

nós tínhamos que estudar. Eu acho que ela via ali um lugar de ascensão que a gente teria. Ela mudou de cidade. Foi para uma cidade maior para a gente fazer faculdade. Então, isso era um sonho pessoal dela. Tanto que depois que ela tinha quase 60 anos e os filhos todos tinham se formado, ela voltou para a escola e fez ... foi ... ela tinha feito um processo de alfabetização, já tinha estudado algumas séries primárias, mas o pai (avó dele) tirou para que ela fosse trabalhar na roça. E ela teve uma mágoa muito grande disso. E passou a vida inteira ... quando ela tinha quase 60 anos, ela voltou (aos estudos). Fez um supletivo e foi ótimo. Então, quando eu digo a você eu não posso dizer que é isso ... eu não tenho essas coisas muito claras na minha cabeça. Eu, nas minhas análises pessoais, eu não sei se é essa coisa que eu herdei da minha mãe de que a gente tem que ... né? ... é uma estratégia de sobrevivência, você não reivindicar ... ou o que que é? Mas, ao mesmo tempo, eu fui lutando com isso, indo de lá prá cá porque eu fui presidente do diretório acadêmico da faculdade, lá em Londrina. Eu fui do diretório central dos estudantes. Eu editei um jornal estudantil. Eu ganhei prêmio com jornal estudantil. O nosso jornal ganhou prêmios. Eu fiz teatro. Eu era ... eu estava sempre saliente (risos largos).

(e estratégico quando necessário?) É eu não sei se isso é uma coisa consciente ... (ou do ambiente profissional?) É. Eu sempre trabalhei muito, mas eu nunca soube reivindicar muito assim: salário, promoção, digamos assim. E eu não sei a que que se deve isso. Não estou atribuindo a nada especificamente. Eu acho que eu não estou te ajudando.
(está sim)

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES MULHERES

Olha, embora eu tenha dito que eu nunca tenha presenciado coisas ... o que dá para presenciar, o que é visível, é o assédio permanente das mulheres. Isso é claro. As mulheres são assediadas o tempo todo pelos homens, pelos chefes. Então, é aquela coisa que vem lá um chefe, enfim na sua baia, da sua editoria, cumprimenta você. Mas chega na mulher, ele faz a questão de dar um beijo, um abraço. Uma coisa assim que, às vezes, eu sentia que as mulheres ficavam incomodadas. E eu perguntava para elas e elas se diziam mesmo incomodadas, mas não sabiam como reagir. Eu falava brincando: pô, o sujeito hein?. E elas falavam: “ele sempre faz isso e eu não sei o que fazer”. E tal... e não sei o quê? Essas são histórias muito comuns. Essas coisas eu presenciei. O que eu sei é que ... e isso é tido comol natural. É parte do homem assediar. É parte do homem ... “ah, ela é tão linda, né?”. Eu acho que isso deve ser chato para as mulheres. Deve ser ... deixá-las o tempo todo de alerta. Tem as mulheres que também vão descobrindo isso com o tempo e vão impondo limites. Vão ... mas eu via particularmente as mais jovens, as mais novas, ainda sem muita experiência das redações, que eu acho que elas sofriam mais com essa coisa de ...

(assédio sistemático. E os pesados?) Como assim?
(jogos relacionados a promoções) Eu acho que essa é a primeira parte. Essa parte é a mais visível. O que eu digo a você é que eu não sei a que que leva, mas que eu acho que ele não está fazendo aquilo só para acabar naquilo. Ele quer alguma coisa a mais. É ... embora tenham pessoas que façam isso assim o tempo todo. Acham que é o papel de macho estar

o tempo todo assediando alguém. Mas eu acho que ... aí você via que algumas ... depois você ia tomada um café e via que tinha uma conversa mais particular, lá no canto, com aquela menina. Uma conversa que ele não teria com outras pessoas, mas tem ali uma anteção maior e tal. Mas o que eu digo para você é que eu não posso assegurar que fulana foi promovida porque deu para fulano. E o que eu tenho é muito isso: “ah, fulana foi promovida porque deu para fulano. Fulana está dando para o fulano”. Mas eu dizer, eu ouvir essa história, alguém me contou, a fulana envolvida ou o fulano envolvido, eu nunca vi. Mas tem. Aí o que eu estava dizendo para você que eu também ... dependendo do narrador, eu punha meio em dúvida. Vai ver que ele é um machista e ele não suporta o mérito dessa mulher, o fato de ela ser mais competente do que ele e ter sido promovida. Isso também aconteceu, viu? De mulheres competentes e as pessoas tentarem desmerecê-la pela questão sexual, né? A gente está vendo a Dilma (Rousseff, presidenta do Brasil) aí com os ataques que vão além da questão que você está discutindo, no caso da Dilma, né?, Então, atacam ela por ser mulher. Claro discutem a questão dela como presidente, que é o que nos interessa a competência política, a competência administrativa, e começam a criticá-la como mulher. Então, às vezes, eu ficava em dúvida se essas coisas têm a ver. Dependendo do narrador, eu punha em dúvida.

RELAÇÕES DE GÊNERO – PROPENSÕES HOMENS

(pede para explicar a questão duas vezes. Refaço: Que situações são mais comuns de os homens jornalistas vivenciarem no jornalismo por serem homens?) (silêncio por segundos) Eu não sei responder isso não.

RELAÇÕES DE GÊNERO – DESVANTAGEM POR SER HOMEM?

Ah, sim. Em algumas ocasiões assim ... mas ... tipo assim.. Eu acho que foi na Amazônia que aconteceu. Eu estava numa cobertura sobre a questão indígena ... não sei se era ... se era coisa ... é junto daquelas questões. Então, tinha ... nós íamos pegar uma carona com a Polícia Federal e tinha poucos lugares. E tinha uma jornalista muito gostosona, com uma roupa ali muito justa, que a tornava mais atraente. E na hora de escolher quem ia o policial não teve dúvida e chamou ela e ... em detrimento dos outros três jornalistas homens que estavam ali. Tudo bem você falar: “ah, não, mas é que ela era mulher”. Mas eu acho. Tudo bem eu até poderia entender... ter dado a escolha a ela, mas ali não se estava discutindo gênero, se estava discutindo que jornalista teria o privilégio de chegar primeiro no lugar com a Polícia Federal. Era uma questão absolutamente profissional. Não era uma questão de quem era mais velho, de quem era mais branco. E acabou prevalecendo uma coisa que eu acho que era de gênero ali e de ... Então, esse tipo de coisa, às vezes, acontece assim. De o entrevistador (entrevistado) homem se encantar mais pela mulher. Eu tenho ... eu estava ouvindo uma pessoa que eu estava entrevistando por esses dias, para esse trabalho que eu eu estou fazendo agora, e ele me disse que trabalhava em Brasília, no governo federal, e que tinha uma relação muito próxima com uma jornalista e que, inclusive, e depois de um certo tempo eles começaram a namorar. Ele levou-a para a Europa. Fizeram viagem lá e tal. Uma viagem escondidada, porque eu acho que ela era casada, não sei ... ele também... tinha uma coisa ali meio secreta, mas eu fiquei pensando: ela teve acesso a informações privilegiadas que outros jornalistas não tiveram. Então, do ponto de vista da profissão isso é uma desvantagem. Mas eu não estou querendo dizer

que as mulheres usam isso ... eu estou dizendo que foram momentos em que eu percebi assim que eu fiquei em desvantagem em relação à mulher. Mas pode acontecer contrário também. Pode acontecer de homens muito machistas tenham mais confiança de conversar com outro homem do que uma mulher, já que o homem vai entender melhor. Vai ... mas eu acho que a situação com as mulheres é sempre pior. Eu vejo entrevistados assim que ... você chega, ele te cumprimenta assim ... igual o que eu falo na redação, mas a forma dos entrevistados. Ele te cumprimenta assim, te cumprimenta todo e quando chega na mulher, ele: (imitação) “ai como você está linda”. Não estamos ali para discutir isso, né? Ele não fez isso com nenhum homem ali. Mas tinha uma coisa o tempo todo. Você chega no Maluf (Paulo, ex-prefeito de São Paulo) ... o Maluf é um caso típico assim ... ele sempre tem uma coisa para falar com as mulheres: “você não foi lá em casa para tomar o vinho que eu comprei para você? E tal”. O próprio Alckmin (governador de São Paulo) tem essa relação de que ... eu acho que quando ele faz isso, ele dá uma desqualificada na mulher. Eu acho que ele põe ela num degrau abaixo. Eu não sei se elas entendem isso ou o que que é, mas também eu vi com o passar dos anos como que as mulheres estão mudando isso. Estão reagindo mais a isso, dando mais um chega-para-lá e eu percebo isso há muitos e muitos anos. Por exemplo, o Geisel, o presidente Ernesto Geisel, foi a Londrina, nos anos 1970, e foi visitar uma exposição na sociedade rural. Uma exposição agropecuária e tinha um monte de jornalista, todo mundo local, e da imprensa nacional. Eu era um jornalista lá da Folha de Londrina, querendo uma entrevista com ele. E minha irmã estava junto. Eu acho que eu não era da Folha, estava em outro jornal, e minha irmã estava na Folha. E minha irmã, uma mulher muiiiito bonita, uma morena muiiiito bonita, e o Geisel não teve dúvida, quando ele olhou aquele monte de jornalista. Ele chamou a minha irmã (riso) e falou: “Como você é bonita e tal. Não sei o quê. Me acompanhe”. Ou seja, ele não a conhecia. Ele nunca tinha ouvido falar dela. Ele não tinha referência. Mas chamou-a por ser mulher e uma mulher bonita e deu praticamente uma exclusiva para ela. Enquanto nós todos ficávamos isolados por um cordão de segurança, ela o acompanhou lado a lado pela exposição, conversando com ele. E bom... mas a sua pergunta era sobre o homem. Em relação ao homem, eu sinto mais essas coisas assim ... episódios isolados. Eu não acho que tinha uma coisa que me desfavorecesse em relação à mulher. Não. O que eu tinha era uma coisa assim que eu percebia das mulheres, muitas vezes, de terem que provar que eram capazes assim. É, por exemplo, assim eu já tive chefes mulheres. Às vezes, eu tinha a sensação de que elas estavam sendo constantemente desafiadas, postas à prova para dizer assim: “eu, apesar de ser mulher, eu mereço isso o que está aqui. Eu mereço esse cargo”. Mas eu particularmente nunca vi tanta diferença entre chefes homens e chefes mulheres. Para mim, não fazia diferença.

(a liderança fazia diferença? A maneira como as mulheres exerciam a chefia era diferente da dos homens? Ou não?) Estou tentando lembrar. Não, não percebia não. Eu acho que eu conversava melhor com chefes homens, mas (silêncio por segundos) mas também não era sempre não. Agora, que eu falei, eu estou percebendo que ... tinha um que eu não conversava direito, tinha outro que eu conversava melhor. Vai muito pela característica da pessoa. Gênero aí ficava muito mais apagado. Mas a maior parte dos meus chefes foram homens, para variar. Eu acho que em quarenta e poucos anos, eu tive o quê? Três chefes mulheres. E umas quatro, digamos assim, umas quatro chefes mulheres. A maior parte eram chefes homens. Nossa, eu estou vendo isso agora e é dramático, né?

(desvantagem por ser um jornalista negro?) Não, não me lembro de uma coisa. Se houve, foi sutil, assim, e eu não percebi bem. (silêncio por alguns segundos) Não. Não me lembro. Por causa da cor.... Agora, pode ser coisa que eu não tenha percebido assim como eu estou atribuindo a mim o fato de nunca ter me envolvido em reivindicar melhores salários, mais espaços e mais promoções, pode ser também que também não me tenham sido oferecidas pela questão da cor. Isso eu não posso garantir. Agora, que você está falando eu estou pensando: será que isso aconteceu. Seria uma coisa mais sutil. Ninguém te diz. Mas você também vai sendo preterido nas promoções, nas coisas. Mas eu não posso dizer que tenha sido isso não, porque eu simplesmente eu não vou afirmar ...

(colegas na mesma posição que tu – lembrando as trajetórias – tiveram mais oportunidades? Os chamados não-negros...) Olha, tem os que vão ser promovidos, que vão se destacar e tal. Mas aí não sabe o que é exatamente. É de repente o sujeito sabe se vender melhor. O sujeito sabe sei lá ... que botões apertar e que puxar, sabe? Daí, eu não sei exatamente. Para mim, não foi uma coisa que eu tivesse tido clareza sobre isso. Que eu tivesse tido clareza sobre isso? Não, tipo: puta merda eu deixei de ser promovido por causa da minha cor. Não.

(tu sempre atuou na reportagem?) Sempre atuei na reportagem. Em alguns poucos momentos, eu fui editor. Mas sempre atuei na reportagem que é a coisa que eu mais gosto mesmo, que eu gosto de ouvir pessoas. Gosto de sair. Gosto de viajar. Gosto de conversar. Gosto de ver as coisas de perto. Gosto...

RELAÇÕES DE GÊNERO – PRÁTICAS DE SEXISTAS

Eu já te contei um pouco dessas que eu vi. Acho que existe ... ó quando eu disse a você que eu tivesse poucas mulheres chefes, ao longo desses 40 anos, eu já mostro que não é porque existe menos mulheres competentes. Mas eu acho que por um longo tempo a prioridade era para homens. E ... eu fico pensando quando eu falo das mulheres que têm que provar também, eu fico pensando se nesse ... nessa coisa de que o dominado assume a ideologia do dominador. Se as mulheres também quando ... assim como eu digo assim: eu fico ali sem pedir promoção porque puxa, já é um favor eu estar aqui. Se mulheres que também são promovidas não ficam imbuídas dessa coisa: “agora eu tenho que provar mesmo que eu sou competente. Que mulher é competente”. É muito difícil analisar essas relações porque têm esse lado de assumir a ideologia do dominador, né?, que você não sabe no íntimo o que está acontecendo.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE

Eu acho que hoje as mulheres têm mais que no passado. Eu vejo de um tempo em que as condições para as mulheres eram muito piores nas redações. Existiam redações em que você contava nos dedos o número de mulheres. Então, elas já eram minoria, né, em termos números ali. Um ambiente extremamente machista, masculino. Piadas sobre mulheres o tempo todo. E as redações foram mudando. Hoje, você tem redações em que a maioria de repórteres, redatores e editores são mulheres. Isso também abriu mais oportunidade para as mulheres reivindicarem posições e tal. Então, as redações hoje, do que eu presenciei, ao longo da história, eu vi uma mudança grande. E eu não sei avaliar se hoje elas já estão totalmente em pé de igualdade, mas numa visão mais de perspectiva eu percebo que mudou muito.

(você lembra de expressões de piadas?) Ah, tem desde aquela coisa: “ah, que gostosa”. E aquelas rodas de homem de quem está comendo quem. Enfim, eram ambientes muito machistas. Ambientes muito masculinos que com o tempo foram mudando. Eram machistas em termos masculinos em todos os sentidos: desde sair da redação e encher a cara de cerveja no boteco da esquina. Muita piada sexista. Era isso. Mas era aquela coisa dos brancos. Aquela coisa que faziam piadas com viados, com negros, com mulheres. Isso no Brasil está mudando. Embora eu ache que neste momento a gente esteja enfrentando um momento mais difícil de retrocesso. Mas eu acho que faz parte desse. Acho que houve um avanço muito grande da Constituinte de 1988 para cá no campo dos direitos civis, dos gays, das mulheres, dos negros, dos índios, dos quilombolas. E o lado de lá, que ocupava todos os espaços teve de recuar e ceder uma parte do espaço e ele veio, vindo, veio, vindo e recuando. Mas em um momento que eu acho que se sentem muito ameaçado que ele faz um movimento de contra-ofensiva. E nós estamos nesse momento aqui no Brasil da contra-ofensiva eu é: “puxa vida, o lugar do meu filho na universidade estava garantido. Eu paguei as melhores escolas para ele. Os melhores cursinhos. Investi e gastei e de repente ele tem que disputar com um Zé Ninguém lá daquela escola pública lá da favela. Todos esses espaços que a elite brasileira ... tem até um amigo meu que brincava: “toda essa revolta de 2013 para cá foi por causa da lei das empregadas domésticas” (risos). Eu acho exagero, mas ali era um daqueles resquícios desse país, um dos mais acentuados. Eu acho que de fato, no inconsciente, tem uma coisa ali. Esse é um país - eu estou fazendo uma matéria sobre a questão agrária - é um país de tremendas desigualdades. Como é que você pega e traz três milhões de escravos da África, mantém eles sob escravidão durante séculos e um dia abre a porteira e diz: “caí fora que agora eu vou trazer mão de obra barata lá da ... Você não tem fundo de garantia. Você não era escolarizado, não tinha terra. E ao mesmo tempo estabelece uma lei de terras no Brasil, em 1850, que você só pode ter acesso à terra se você comprar. Enquanto que nos Estados Unidos, o Lincoln disse: “Todo mundo tem direito a um pedaço de terra e você vai lá e pega a sua terra. E eu venho aqui no cartório e registro no seu nome”. Era uma coisa assim. Eu não lembro assim qual era o nome. Mas era uma coisa de 200 hectares. Na mesma época no Brasil, estavam grilando áreas no Paraná de 400 mil hectares e o governo reconhecendo. Enfim ... Mas é um país de desigualdades tão tremendas, tão tremendas e onde uma minoria se acostumou a viver com tantos privilégios que toda vez que a gente avança um pouquinho e faz uma conquista de merda, ela reage. São coisas mínimas assim. Aqui em São Paulo as pessoas vão para rua fazer esses blocos (carnavalescos) e você não sabe o que se ouve de pessoas indignadas porque ela não consegue passar o carro dela naquela rua. Tudo é essa ideia de que as pessoas têm que ocupar espaços públicos e que as pessoas têm de reivindicar direitos iguais. E no Brasil isso é um problema gravíssimo. As pessoas reagem muito violentamente. Então, eu acho que todas essas coisas estão presentes nas redações. Estão presentes em todas as relações de trabalho, mas nem sempre são muito perceptíveis. Nem sempre são muito claras, está ali aquele tapa na cara. Às vezes, é uma coisa que é que alguém levantou porque você sentou e você nem percebeu. Que o cara levantou. Eu acho que eu era ... eu já fiquei pensando assim: será que eu não era menos convidado para eventos sociais do que outras pessoas, mas eu também não era muito sociável.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE SALARIAL E DE CONDIÇÕES NEGRAS E NEGROS, BRANCAS E BRANCOS

Eu não sei onde começa essa história. Porque como eu estava falando para você, sempre havia menos mulheres negras e homens negros nos ambientes de trabalho. Já teve ... eram sempre minoria. É evidente que a possibilidade de acesso era menor. Agora, dizer que o acesso à universidade já era menor? Porque enfim ... a resposta é que há sim menos oportunidades, mas não é ... e porque já tem menos gente também.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE E DESIGUALDADE E AÇÕES DAS EMPRESAS

Olha, por exemplo, o Estadão tem um concurso de focas (jornalistas iniciantes). Eles fazem uma seleção, uma super peneira com candidatos que vêm do Brasil inteiro. E quem passa pelo curso de foca tem uma grande oportunidade para entrar depois e trabalhar na redação. Ser contratado. Eu acho que seria uma iniciativa legal se o Estadão tivesse cotas para focas, porque esses serão jornalistas que irão trabalhar nas redações amanhã. E se você olhar os focas que estão se formando lá, você vai ver que pouquíssimos são negros. São raros. É isso que eu digo: pode ter uma peneira que comece lá na universidade. Pode. Mas o Estadão ele pode também ter uma norma para contratar pessoas com necessidades especiais, eu achava que poderia ter um estímulo desse lado no concurso de focas: “Olha, tudo bem, mas vamos ter aqui um número fixo de negros e de mulheres”. A questão das mulheres eu acho que já está bem mais solucionada nas redações em termos numéricos. No caso dos negros ainda não, eu acho que não foi resolvido. Até hoje, negros e pardos são minoria nas redações. Eu acho que você vê isso... a Globo tem lá o seu negro de plantão que é aquele apresentador, o Heraldo. Tem uma amiga minha que é a nossa negra do Paraná, a Dulcinéia Novaes. Mas você não vê toda hora na reportagem, no dia a dia, é assim. Eu acho que ainda faltam nas redações. Eu acho que na questão das mulheres seria bacana se tivesse não sei se debate, curso, orientação, mas que o RH discutisse essas coisas com as mulheres. Tipo: “se você se sentir assediada ... como você identifica? Como isso pesa?”. Se tivesse ... enfim essas coisas são melhores quando são trazidas à tona e encaradas e abordadas e conversadas do que as pessoas terem que ir descobrindo no café, de outras conversas. Eu acho que essas eram coisas que poderiam ser feitas ainda. (você vê disposição das empresas?) Eu acho pouca. Eu acho pouca disposição das empresas nesse sentido. Pouca disposição das empresas para essas questões. O RH das empresas de jornalismo, na minha opinião, é muito conservador. O do Estadão particularmente, porque foi onde eu trabalhei mais. Eu acho que o da Folha é um pouco mais avançado. Mas ... em todos os sentidos eu falo assim: para definir as carreiras, a meritocracia. As relações nas redações ainda são muito de relações pessoais. Ainda não são muito de meritocracia. Tanto que essa questão do estadão de escolher os repórteres por meio de uma seleção do curso de foca, eu acho avançado. Porque antes você só entrava lá se fosse amigo de alguém lá dentro. Se o conhecido do patrão te indicava, se um amigo indicava. Hoje, existe uma democratização maior na seleção de trabalhador. Só que eu acho que deveria ter um cuidado maior nessa questão de definir cotas para negros. Eles ainda são minoria nas redações. São.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO NEGRAS E NEGROS

De repente você está se confrontando com uma situação de discriminação. Se você viver numa sociedade onde isso não existisse, mas numa sociedade racista, a chance de se defrontar com o racismo é da forma de dar preferência para alguém que não seja negro para falar. Ou falar mais abertamente com alguém que não seja negro. Ou na hora de promover, vai promover alguém que não seja negro. Esse risco eu acho que isso acontece o tempo todo porque é uma sociedade racista, discriminatória, elitista. Eu acho que o risco de ser preterido, promoções e preterido em relação a fontes e ser preterido é maior. Não digo assim: vai acontecer. Mas existe um risco potencial, quando ele vai ocorrer e como ele vai ocorrer. Mas é um risco que uma pessoa branca, de olhos azuis, vai ter em menor escala. Eu acho que se você for uma mulher negra, você vai ter ... o risco vai ser maior. Se você é mulher e é negra, Então, eu acho que aumenta o risco. Eu estou falando de risco potencial.

(casos de discriminação) Não, não me lembro de nenhum caso mais emblemático assim, não. Eu estava falando de sociedade brasileira e eu lembro que anos atrás - eu estava num shopping em Salvador, não sei se Iguatemi... tem um shopping lá onde os ricos vão - e eu era o único escurinho que estava como cliente. Do lado de dentro do balcão, eram todos (negros). Mas do lado de fora, não. Não existia. Eram brancos. Eu estou em Salvador. Eu ia pegar um táxi para o otel, mas peguei um ônibus. Um ônibus de periferia circulando ali a orla e com trabalhadores e tal. Eram todos negros. Era o oposto do que eu tinha visto no shopping. Então, o risco dessas coisas de você ser discriminado está evidente, está ali em todos os ambientes em que você circula nesse país.

(e no ambiente da redação? Ser o escurinho da redação) Então, eu estou dizendo que, de repente, eu me sentia assim estranho de ser o único. Estar num jantar e ver: eu sou a única pessoa negra aqui. Único negro. O que isso significa? Eu nunca tive muita clareza. Mas de repente me batia essa percepção de assim como estar no shopping e perceber que eu estava lá emio sozinho do lado de fora. Eu não sei como isso funcionava para mim. Eu não sei se vinha de novo aquela coisa: ah, eu devo dar graças a Deus que eu estou do lado de cá do balcão. Eu tenho que dar graças a Deus que eu estou na redação. Isso de certa forma me ajudou ou me estimulou mais: porra, agora eu vou mostrar para eles... Mas é uma situação de exceção. Eu não sei dizer para você como eu lidei com isso. Mas eu tinha a percepção de vários momentos da minha vida, particularmente nessa última fase, quando eu cobri mais movimento negro de perceber mais essa questão.

(isso te fortaleceu? Ou te deixava sem saber o que fazer?) Me fortaleceu, me fortaleceu. Me dá uma compreensão melhor de mim, me situa melhor e, ao mesmo tempo, me dá uma questão de orgulho. Porra, eu estou aqui batalhando mesmo com essa sociedade, eu estou conquistando um espaço. Apesar de me dizerem não, eu estou aqui, porra! E eu acho que é uma coisa positiva você ter uma percepção de você melhor do que você não ter isso. Você se situa melhor. Você consegue definir melhor as suas estratégias. Você, inclusive, ajuda você a levantar mais a cabeça. E daí, vai encarar? (risos) É uma coisa positiva e que no Brasil tem esse recurso da elite para você não ter isso é dizer: “não tem racismo”. Tomar essa consciência faz parte dessa luta contra o racismo também. Essa luta individual e coletiva. Por que se não tem racismo? Não é verdade? Quando você tem a noção de quem tem racismo, de que você é vítima de que você está num ambiente em que você se pergunta: por que só estou eu de negro aqui? E as outras pessoas não? Então, eu

acho que você vai tendo essa noção. Tomar essa consciência faz parte dessa luta contra o racismo também. Essa luta individual e coletiva.

RELAÇÕES RACIAIS – PRÁTICAS RACISTAS

Não, eu já disse que não teve nenhum caso notável para mim. A única coisa que eu percebo e evidente e tal é que havia menos negros nos ambientes de trabalho. E é um ambiente de trabalho com seleção grande em que você tem que ter curso universitário e tal. Tanto que quando você for para o trabalho braçal você já vai ter menos seleção e aí há mais negros. Sobre as mulheres do que eu observei é que, ao longo dos anos, as mulheres eram minorias e não tinham nunca cargo de chefia e isso está mudando.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE DESIGUALDADE

Eu acho que não, mas eles nem têm a oportunidade de chegar nas redações. Essa é a questão principal. Eu acho que se eu estivesse lá, na redação do Estadão, numa época em que tinha 400 repórteres e redatores, se tivessem 210 negros provavelmente eles teriam uma influência maior na redação. Agora, se daqueles 400 tinha três a possibilidade deles... de um auxiliar o outro, de um puxar o outro, de um se solidarizar com o outro são muito menores, né? As redações constituem um ambiente especial. Quando eu estava falando do pessoal do RH, a gente tende a se achar meio que intelectual, meio que especial. Então, ali ninguém se declara machista, ninguém é racista, ninguém é homofóbico. A gente se acha assim meio acima da média e analisa o mundo meio olhando de cima. E eu acho que por causa disso tem menos facilidade de perceber exatamente o que acontece ali. Esse caso de escrever sobre ambientes de trabalho dos outros e analisar pouco o seu, eu peguei um exemplo clássico. Eu pegava a matéria e dizia: pô, esse cara escreveu isso aqui, mas ele não vê onde está trabalhando? Ele não consegue analisar o ambiente de trabalho dele. Ele não vai entrar numa reivindicação do sindicato. Ele não vai porque ele acha ... ele não se vê como parte de um problema, como parte de uma ... enfim.

RELAÇÕES RACIAIS – TRAJETÓRIA

Olha, considerando o que eu já disse sobre os meus ambientes de trabalho o número de negros foi sempre muito pequeno, ínfimo, se você pegar o conjunto da sociedade brasileira, eu acho que foi uma exceção. Tá! Quando eu olhava a redação do Estadão e vi que eu era um dos únicos, eu estou no topo aqui da carreira de repórter. Eu estava no topo. E eu olha quanto negros tinha ali ... não tinha. Então, é uma exceção. Aí, quanto brancos tinha? Aí, tinha 20, 30. Então, eu posso dizer, fazendo essa análise, que eu nunca tinha feito antes que eu era uma exceção. Fazia sentindo, né?

(sim) Então, está bom.

RELAÇÕES RACIAIS – FUTURO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Eu, no momento, eu não vislumbro nada porque eu acho que nós estamos no meio de uma enorme revolução em relação aos meios de comunicação. Esses dias eu estava numa mesa de bar e estava falando assim... Imagina, na Europa, no tempo das carruagens. Você saía de Paris e ia para alguma cidade, uns 200 km, você tinha que ter uma carruagem, com os

cocheiros, as parselhas de cavahho e você ia parando a 30, 40km. Você almoçava, você dormia. Então, se organizava todo uma estrutura para aquela viagem dar certo. Havia troca de cocheiros. Tinha os estábulos, onde havia troca de cavalos. Você tinha milhares de pessoas envolvidas nessas operações, porque você não viajava 30, 40km porque os cavalos cansavam. Tinha que trocar de cocheiro. Tinha que te a estalagem para você dormir e jantar. Aí, vem um trem a vapor que faz aquela viagem de uma arrancada só, 200km. Toda aquela estrutura montada para atender as carruagens foi desmontada. O Estadão construiu um prédio de sete andares ali, na Marginal. No sétimo, andar era o restaurante. No sexto andar, era a redação. E, depois, o quinto, o quarto, o terceiro, o segundo, o primeiro e lá no subsolo ficavam as máquinas impressoras. As matérias iam descendo, passado por processos de preparação por cada um desses andares até chegar lá. Então, tinha composição, não sei o quê, não sei o quê, fotolito ... hoje, o chefe do sexto andar, ele vê a página pronta no computador dele. Dá um clique e ela está entrando na impressora. Ficaram fantasmas naqueles andares do Estadão que eles estão tentando até hoje saber como ocupa aquilo lá. Profissões inteiras desapareceram: revisor, pestapista... categorias inteiras de trabalho desapareceram. Mas esse processo ainda não acabou ainda. Nós estamos enfrentando a chegada da locomotiva a vapor. Então, por isso que eu digo assim já um processo de transformação muito grande. Violento. E eu fico lembrando que o Hobsbawn, no final do livro dele que escreveu nos anos 80, a era dos extremos. Esse sobre o século 20. Ele previa que os nossos dois grandes desafios daqui para frente: é o avanço do fundamentalismo e a questão dos meios de comunicação. Ou seja. De um lado, há uma revolução enorme na fatura de como se produz a notícia e como se divulga. E de outro, uma luta pelo controle dos meios de comunicação, porque você sabe que é ali que se decide muita coisa. A gente está no meio dessa ... a gente está conversando por meio desse veículo. Mas esse veículo tem um dono, ele está nos usando. Está checando a informação que a gente usa. Está sabendo de tudo o que a gente gosta e o que a gente não gosta. Enfim, estamos no meio de uma coisa que não sei muito bem o que vai acontecer. Eu passei a minha juventude lendo Folha e Estadão, jornal Opinião, veículos que eu achava assim: eles estão me trazendo uma informação de confiança e que me ajuda a ... embora eu desconfie do que eles estão dizendo, mas me ajuda a compreender os números, a compreender o mundo para a minha opinião. Hoje, é uma diversidade enorme de meios que você já não confia tanto porque já não sabe se aquilo ali é uma cascata. Se ele está querendo te manipular ou não. No Brasil, nós estamos vivendo uma outra situação. A imprensa brasileira sempre foi muito partidária, mas ela no momento ela é ... mas existiam partidos diferentes. Quando você pega 64, a queda do Jango, você tinha toda a imprensa contra o governo, mas você tinha um grande veículo que era o Última Hora. Hoje, você já não tem esse debate da mídia. Ela está toda alinhada numa posição e enfim... e eu acho que a gente está no meio e o trem a vapor está chegando.

Ah, eu esqueci de te falar. O dono do jornal que eu trabalhei, o João Milanez, Folha de Londrina, eu entrava na sala dele e ele falava: “ah, senta aí. Eu nem sei a sua cor. Se é branco, se é preto. Se é pardo”. Mas você vê que no meu primeiro emprego ele fazia referência à minha cor. Ele era um tipo que fazia ... por isso que eu digo, nas redações, as pessoas tentam ser finas. Esse era um tipo: eu sou bem grosseirão mesmo. Era o tipo dele. Então, ele se permitia fazer esse tipo de coisa. Nossa, agora eu lembrei disso. Ele dizia: “ah, vem cá, você. Eu não sei se você é branco, se é preto, que cor é essa aí?”. Então, para

mim tem duas coisas: as pessoas percebem cor, não fala, mas eu acho uma coisa muito perceptível e, no caso tem essa coisa que você não sabe se eu sou branco ou se eu sou preto. Ou seja, as pessoas trabalham com isso. Eu acho que eu sou mais tolerável do que um negro mais escuro, de pele mais escura e de traços mais marcados. Então, eu sou uma coisa mais tolerável. O meu pai era branco. A minha mãe era mais clara do que eu. Eu acho que nós puxamos algum gene lá atrás. Mas em casa, a gente não tinha nunca essa coisa de ser reconhecido como negro. A minha mãe dizia que gente cheirava como negro. O suor. Ela tinha ... a minha mãe era preconceituosa dessa de “catinga de negro”. Minha mãe falava: “vai tirar isso. Vai tomar banho e vai não sei o quê. Na verdade, era uma coisa que a gente tinha que ocultar. Não mostrar e nem ficar ali cheirando como negro. Nossa, você está falando ... a gente está conversando e eu nem lembrava mais dessa recordação: do Almirante, da Folha de Londrina, e da minha mãe que falava. Então, faz parte que eu digo de estratégia de sobrevivência de você não se reconhecer, não se firmar como tal e não se posicionar como tal. Eu tinha um amigo na minha adolescência que batia na irmã dele. Eles eram negros. Ela queria andar, conviver com brancos e tinha as mesmas ansiedades ... ele achava que ela não se reconhecia o lugar dela. Ele era um negro absolutamente racista. E eu acho que alguma vez, ele criticou a minha irmã também. Uma coisa nessa linha de que ela não reconhecia o lugar dela e ela não devia ... minha irmã estava fazendo Direito, Jornalismo e ele ficou muito puto com ela, porque achava que ela era muito saliente.

(homossexualidade) Essa eu acho que é a mais violenta de todas porque... por exemplo, em termos de porcentagem de piadas. Essa é a que tem mais piadas. Piada de negro já virou uma coisa que pode dar cadeia. Piada de mulher, as mulheres já reagem mais. Piadas homofóbicas ... agora, recentemente, na redação do Estadão, eu tinha um subeditor que Nossa Senhora ... teve uma hora que eu cansei de falar para ele. Era uma coisa ... isso não tem controle. E isso também não aceitavam companheiros por planos de saúde, agora passam a aceitar por causa da lei de planos de saúde. Elogiavam outras empresas que aceitavam: “olha, que legal multinacional tal”. Faziam matérias, mas internamente não aceitavam. Essa é uma questão. Eu lembro que tinha o resto da redação fazia muita piada com o caderno de Cultura. Que aquilo lá era um lugar de viado. Era um bichódromo. Tudo com piada porque concentrava um monte de viados. E concentrava mesmo porque tinha mais homossexuais. E tinha aquela coisa também, que também foi sendo superado, que tinham espaços delimitados. Política era para homem. Mulher escrevia sobre culinária e não sei o quê e tal. Polícia nem pensar. Com o tempo foi ... o espaço das baías foi sendo derrubado. Os gays não estão em todas as editorias. Já começam a assumir cargos de chefia. Mas ainda é uma coisa muito forte.

NOVO CONTATO PARA INCLUIR QUESTÃO QUE ELE HAVIA ESQUECIDO

Eu tinha esquecido de uma coisa ... eu só queria lembrar uma coisa que me marcou muito do ponto de vista de machismo e que não sei se foi no ano 2000 que foi o assassinato de Sandra Gomide pelo diretor de redação do Estadão. Que era um caso evidente de machismo. Ele todo machão. Ele namorava ela. Ele a promoveu há um dos cargos mais importantes do Estadão que era o de editora de Economia. No Estadão, a editoria de Economia, é talvez a mais importante. Ele tinha um caderno próprio. Um caderno

exclusivo para a Economia. E o jornal dava muito peso a esta questão. Mais peso até que a editoria de Política. Ele a promoveu à editora de Economia. Ela tinha 32 anos e era namorada dela. E aí, quando ela resolveu romper com ele, não quis mais continuar, ele foi lá e disparou. Descarregou um revólver contra ela. E assumiu isso assim que ele tinha matado mesmo. Mas o que é mais interessante é que ele tinha dado sinais para todos na redação do jornal de que isso poderia acontecer. Eu me lembro que eu fiquei muito impressionado porque ele convocou alguns dias antes uma reunião extraordinária que acontecia poucas vezes na redação. Ele convocou todo mundo para o auditório do jornal – o jornal tem um tipo de anfiteatro – e ficou falando mal dela: “essa pessoa que era da nossa confiança e não é mais. Eu a demiti”. Era uma coisa absurda ele ficar falando mal da moça. Me parece até que ele tinha pedido demissão. Disse que não estava mais em condição, o Pimenta. E o Rui Mesquita, o diretor do jornal, pediu que ele ficasse e fizesse terapia e tal. Só para dizer que esse foi um fato que me chocou muito e me marcou muito e foi um caso evidente com questão de gênero. Ele matou a moça. Uma jornalista, jovem, porque ela o deixou. Eu não sei como você poderia classificar isso. Como entraria. (como foi o comentário na redação após o assassinato?) É evidente que ele usou o poder dele para promovê-la, já que ela era namorada dele. Então, ele tinha vindo da Gazeta Mercantil. Convidou-a para vir com ele, porque ela trabalhava lá com ele. Ele a trouxe e a promoveu dentro do jornal. Primeiro ela foi uma repórter especial com plenos poderes de edição e tal. Depois, editora de um caderno importante, que era o caderno de Economia, e depois quando ela deixou de se interessar por ela. Ele a rebaixou. Ele a afastou. Chamou nessa reunião para dizer que ela não era mais uma pessoa de confiança, que ele tinha se enganado com ela. Misturou evidentemente o trabalho com a questão pessoal dele, usando os poderes dele de diretor de redação de um dos maiores jornais do país. Era evidente que ele estava falando que se ela tivesse continuado comigo, eu a teria promovido e coisa e tal. A partir de que ela não me quer mais, eu também não a quero mais aqui, né? E depois chega ao extremo de ir lá matá-la. O que me surpreendeu na época foi o ... eu achava que o jornal tinha que ter tido uma posição mais firme, mas clara de condenação. O jornal foi meio reticente. Colocou a estrutura dele. Designou ... é claro, ele era um funcionário. Mas eu acho que tinha tido uma condenação mais enfática, de repúdio ao que ele tinha feito. Eu achei que faltou essa posição mais firme do jornal em relação a isso.

(como o meio jornalístico reagiu?) Eu acho que o sentimento maior foi de condenação e repúdio. O que acontecia mais vezes era: “ah, mas ela também”. Sabe tinha uma coisa de “ah, ela também se aproveitou dele. Ela também ...” ... e eu sempre respondi: nada justifica o ato dele não havia. Toda vez que alguém vinha com essa conversa de “sabe aquela coisa, ela estava com saído curta na rua e não queria ser estuprada”. Logo vinha: “ah, ela também não tinha essa competência. Foi promovida e se aproveitou dele. Uso a juventude para seduzi-lo”. Gente! Não tem justificativa.

(a culpabilização) É, a vítima não pode ser culpada aqui, né? Lembra muito essa história do estupro de culpar a vítima pelo que ela fez, né? Mas a sensação predominante foi de repúdio, de condenação pelo que ele tinha feito. Mais é isso. Eu só queria lembrar esse episódio. Esses sites mais alternativos, na época, publicaram: era um crime mais que anunciado. Ele já tinha dado vários sinais na redação. Eu particularmente lá vivendo lá

dentro não via muita coisa. Via que ela era muito próxima dele, que ele dava plenos poderes a ela como repórter especial e depois como editora de Economia. E que ela tinha uma sensação muito segura. Depois, tudo mudou e ele convoca uma reunião absurda, que ele convoca para falar mal de uma pessoa, para toda a redação. Tipo: “ela traiu a nossa confiança”. Nossa quem, caraa pálida? “Ela traiu. Não é mais”. Ele estava transtornado. E dias depois ele vai lá e mata ela. Esse é um episódio evidente de como as coisas se misturaram ali e como ele usou esse poder dele. E quando esse poder foi contestado, foi desafiado: “Então, se não quer mais me demita”. Ela estava dizendo isso: “eu não quero mais você. Se isso significa eu perder a minha o meu posto de editora, perder o meu emprego. Eu não quero. Eu não quero”. Ela teve uma posição muito clara. E ele não suportou. Foi isso. Ou terapeuta. Psicólogo. Analista porque ele tem relação de poder muito importante. Um padre com fiel. Um adulto com criança. O poder vai acabar tendo um preço. No caso do Pimenta, isso era muito evidente: ele era diretor de redação de uma das maiores redações. Talvez do jornal mais tradicionais do país. Ele era um homem que tinha trabalho no Banco Mundial ou Banco Interamericano. Tinha uma vasta cultura. Um poder de sedução. Conversa e tal. E o poder de mando. E ele uma repórter que tinha a metade dele. Ele devia ter uns 60 anos. Nas redações de jornais tem aquela coisa que a gente falava antes: não existe racismo. Então, “ah, aqui não existe essas coisas. Sexismo. Essas coisas”. Então, essas coisas ficam mais disfarçadas, atenuadas.

(Profissão de mulheres mais de 60%) Você vê, esse é um número representativo do ponto de vista empresarial. Os homens estão indo para outros lugares, abrindo mais espaço para mulheres com baixa remuneração. As redações estão encolhendo muito. As pessoas que estão chegando, estão assumindo as tarefas de quem está saindo. Então, a carga de trabalho é muito maior, e o nível de exigência é muito maior. Por exemplo, eu me recusava. Eu tinha que sair com um celular que era quase um desck top, um notebook... e você estava no meio de uma entrevista e tinha que mandar flashes, frases daquilo eu estava ouvindo. Eu era jornalista que tinha que voltar para a redação pensar, escolher as frases e depois fazer. Mas jovens jornalistas eles são esse negócio multimídia. Eles gravam, mandam imagens, mandam textos. Agora, a maior parte dos mais competentes está saindo. Está procurando outras carreiras, tentando carreiras universitárias, procurando assessorias porque é uma coisa meio distorcida do ponto de vista de plantões de finais de semana, jornadas prolongadas de estresse muito grande. É uma profissão muito estressante. Estou querendo dar um palpite aí. Como tem em todo lugar o assédio, a discriminação racial, a discriminação de gênero, o legal seria descrever um ambiente que se julga mais liberal. Como ele se vê, pelo menos mais liberal, as pessoas que estão ali dentro acham: “Isso aqui não ocorreria. Isso aqui com nós é diferente”. E na verdade não é. É tão ou mais do que os outros locais do ponto de vista dos abusos.

(jornalista se acha dono do jornal-Sakamoto) O Lourival Santana ele saiu do Estadão comigo. Nós somos da mesma leva. Ele me dizia assim, um dia nos encontramos na porta do jornal, nós nos encontramos no RH, ele dizia assim: “você, aqui, você não está perdendo só o emprego. Você está perdendo uma parte do seu nome. Porque até agora eu era o Lourival do Estadão. Agora eu vou ser apenas o Lourival. É uma perda muito grande no sentido ... não que você não recupera, mas é uma adaptação muito grande em que você vai chegar para as pessoas” ... Eu, hoje, eu tenho dificuldade de dizer para as pessoas, é

claro, eu estou fazendo um frila ou eu estou trabalhando para documentário da diretora tal, é de um jeito. Se você chega e diz, eu do Estadão é de outro jeito. Então, você incorpora de fato esse nome, essa aura, esse poder que o jornal traz. E sabe que você acha que está sendo protegido por aquilo. E tem muita gente que acha que por isso vale a pena você suportar certas coisas. Vale a pena se engolir um sapo e uma boiada. E eu acho que isso também pesa num lugar onde tem poucos veículos, em que eles são cada vez mais escassos. Cada vez menos influentes. Você trabalhar num ... eu via, às vezes, nas posturas tanto de homens quanto de mulheres da Globo. Quando eles chegam num lugar, eles têm uma coisa de de: “chegamos. A Globo chegou. Não sou apenas eu chegando, é a Globo que chegou, né?”. Então, eu acho que algumas pessoas suportam as coisas num lugar onde há poucos veículos, poucos meios.

(Carreira inteira. Organização de trabalho injusta. Mergulhos em si, hermenêutica do sujeito para) Você acabou suscitando várias coisas aqui na minha cabeça, na memória. (ressignificar o racismo e sexismo) É, porque passam tão natural, né? Normal.

APÊNDICE D – ENTREVISTAS JORNALISTAS BRANCOS

ANTÔNIO DE GOIS



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Eu acho que eu fui muito influenciado pelo meu pai (Ancelmo Gois). O meu pai é jornalista. Ama muito a profissão até hoje. Por mais que ele não tenha me forçado ou sugerido, eu fui influenciado por ele. E é isso.

DEFINIÇÃO DO TRABALHO COMO JORNALISTA

Hoje, eu faço a coluna em O Globo e coluna na CBN. No Canal Futura, eu sou repórter ainda com muito orgulho. Mesmo como colunista de O Globo, minhas colunas não são colunas – eu tento pelo menos – de alguém que chega e diz é isso ou aquilo, porque isso quem vai falar é um especialista. Eu sou um jornalista especializado em educação. Para mim, essa diferença é bem importante. Eu não sou especialista, eu sou especializado. E vou atrás dos especialistas para fazer minhas colunas, meus textos, minhas análises. Eu evito ao máximo dar a minha opinião pensando que sou especialista.

SEXISMO

O que eu entendo por sexismo? Eu acho que é uma postura discriminatória num ambiente de privilégios. Pode ser qualquer ambiente, mas no ambiente de redação, falando em ambiente de trabalho, que traz prejuízos para a mulher. Falando do nosso tema, né?

RACISMO

Racismo eu acho algo ... racismo para mim é uma conduta, mais que uma conduta ... é uma atitude de alguém que mais que discriminar ... além de discriminar é alguém, um grupo, porque uma raça x é inferior a outro. Para mim, racismo ... eu colocaria o racismo num patamar acima da discriminação e do preconceito. Todo racista é discriminador e preconceituoso. Mas eu acho que nem todo mundo que discrimina e tem preconceito é necessariamente racista. Às vezes, é gente que tem atitude preconceituosa, discriminatória. Eu coloco mais como algo assim que ... eu faço uma diferenciação. Para mim, o racista é o caso quase que patológico. O problema é que não tem só racismo. Tem preconceito e discriminação mesmo de pessoas que não se dizem racistas, mas têm

atitudes preconceituosas, discriminatórias. Então, o problema não é só combater o racismo, é combater também esses pequenos preconceitos e discriminações.

PRÁTICAS SEXISTAS OU RACISTAS NO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Eu, olha ... eu já percebi no sentido de ... eu nunca vi declarada ... práticas racistas declaradas, práticas sexistas declaradas. Eu nunca vi. Declaradas, tá? Agora, atitudes ... por isso que falo que a pessoa pode não se entender racista, mas ela não se dá conta do quão preconceituosa e discriminatória ela é. Então, eu diria que sim. Eu já vi atitudes sexistas e racistas ...eu, eu, eu ... se você me permite eu utilizaria assim: atitudes discriminatórias por raça e por sexo no jornalismo. Sim, eu vi.

(exemplos) Eu vi mais por gênero porque por raça ... eu não sei se você quer ... eu não sei como você chegou ao meu nome. Mas há um tempo atrás, eu fiz uma reportagem que ganhou o Prêmio Abdias Nascimento e a gente fez uma comparação de todas as carreiras do censo escolar – homem, mulher, branco e negro – e quanto cada um recebia pelo mesmo trabalho e pelas mesmas horas de trabalho. O tablao mostrou que em 90% das ocupações, os homens brancos ganham mais negros e os homens ganham mais do que as mulheres. Mesmo trabalho, mesma carga horária. Essa diferença tem. No jornalismo é a mesma coisa. Mas no jornalismo, tem uma participação feminina muito maior. Então, assim eu vi ... o que eu vejo ... eu vejo ... o que eu já vi muito nas redações foram comentários sexistas. Quando você quer criticar uma chefe, você usa um termo pejorativo feminino. É puta. É ... ou sei lá ... um termo ... não puta é ... eu não lembro de alguém ter chamado de puta, não. Mas eu acho, eu lembro de ter colegas utilizando termos pejorativos a mulheres quando na relação de trabalho. Nunca abertamente, mas veladamente. Ou entre homens. Eu sou homem, branco, heteronormativo Então, eu ... eu não sofro preconceito nenhum por ser homem branco. Eu falo o que eu percebo mais. O que eu percebo mais nas práticas discriminatórias, eu vejo muito mais elas para fora da redação do que dentro da redação. Ela existe na redação, mas o que eu mais vejo é desde quando eu comecei no jornalismo...agora vamos fazer uma reportagem tal, mas ó tem que arranjar uma foto bonita. A menina tem que ser bonita. Então, assim, isso é muito comum no jornalismo. Isso aí eu acho que você vai ouvir de montão: pessoas dizendo que você fosse lá e ouvisse o personagem e aí: “essa menina? Não. Arranja uma mais bonita para ilustrar essa matéria”. Ele não dizia assim: “eu não quero negro”. Não, nunca vi chefe nenhum dizer “não quero negro nesse jornal. Não quero negro nesse caderno ou nessa revista”. Mas eu via muito isso em relação aos negros. E em relação às mulheres eu vi mais em ser ... a menina tinha de ser bonita para aparecer com destaque. “Arranja uma menina bonita aí”. Então, a reportagem para ser ilustrada ou comportamento, o que a pessoa queria era uma mulher bonita, branca, para ser ... para ganhar uma foto na primeira página. Se o personagem fosse uma mulher negra, obesa, ele: “ah, não. Não quero não. Vamos trocar. Vamos fazer de novo a foto”. Isso eu via muito, tá?

(assédio moral? Assédio sexual) – Eu cheguei a saber sim. Sim. Teve. Eu lembro de um caso de um amigo meu que tinha uma namorada. O fotógrafo assediou ela. Eles estavam numa pauta juntos e o fotógrafo falou: “vamos subir ali em cima”. Passou perto da casa dele. Estava calor. E ele falou: “vamos subir para tomar uma água”. E a menina subiu para tomar uma água com o fotógrafo. E o fotógrafo foi em cima dela. E a menina

denunciou o cara. E isso gerou um mal-estar. Eu lembro bem disso, porque eu estava muito próximo desse meu amigo. Os dois trabalhavam no mesmo jornal. Foi uma pressão. Houve um mal-estar no jornal pela menina ter denunciado o cara. Eu acho que a maioria ... eu tenho impressão que a maioria do jornal ficou a favor da menina. Mas uma parcela bem grande do jornal preferia que a menina não tivesse falado aquilo. É ... e preferia que o meu amigo, que era namorado dela, também não tivesse tomado as dores. Aliás, no final, os dois acabaram demitidos do jornal – não a menina, mas o meu amigo e o fotógrafo do jornal acabaram demitidos. Mas aí, eu acho que é desonesto dizer que foi por causa disso, porque eles se envolveram numa briga. Então, teve depois uma briga que causou a demissão. Agora, olhando em retrospectiva, eu já acho um absurdo o fotógrafo não ter sido demitido. Ele voltou a trabalhar. O fotógrafo foi suspenso. E a menina sofreu muito. Eu não era amigo dela, mas do namorado dela. Mas ele me falava muito da barra que foi a menina ter denunciado o assédio. Esse foi o caso mais grave que eu vi. Agora, fora isso tem cantadas machistas. Ah, sim, já vi insinuações. Agora hoje em dia as coisas estão mais sutis. (PEDE PARA COLOCAR O CASO COMO GENÉRICO) Mas uma amiga minha contou para mim que foi na sala do chefe, falando de trabalho e tal e o chefe falou assim: “e aí, que está comendo quem no jornal?”. Ele não tinha nenhuma intimidade para falar isso, né? Eu acho que ele puxa um tema na esperança de que ela fosse dar trela. Ela deu um sorriso sem graça e foi embora. Depois, ela veio falar comigo: “que tosco, né? Que baixo nível um chefe chegar pra (sic) e perguntar quem está comendo quem. Eu não sou amiga dele”. Eu acho que isso também foi sexismo, embora não tenha sido assim declarado, né? Esse cara parou aí. Como a menina não deu trela, ele não foi ... não avançou mais. Mas ele era um chefe. Era o chefe dela. Então, é um tipo de atitude que você ... uma dúvida? Você vai dar o meu nome ou os casos vai usar anônimos. (intervenção) Todas as pessoas que estão dando entrevistas estão identificadas.

Tá. Não, tudo bem. Eu te contei dois casos. O primeiro caso é público e notório. Não tem nada de ... eu só não o nome, porque não estou autorizado a dar os nomes das pessoas. Mas é público e notório o caso do fotógrafo que assediou a menina. Isso aí acontece em redação. É o caso mais absurdo que eu lembro. É uma coisa muito comum. O segundo caso, se você falar que fui eu quem falei, nesse caso eu acho que as pessoas podem identificar. Então, o segundo caso também é mais sutil e menos escancarado. Você pode usar como exemplo, mas se puder apontar, ‘um dos casos apontados por um dos jornalistas entrevistado contou esse caso’. Aí tudo bem. Se disser que fui eu, pode ser que algumas pessoas vão saber de quem se trata e de quem são os personagens.

(intervenção – conto que jornalista de SP comentou caso semelhante) – Acho que apresentar de forma genérica pode ser uma saída. Mas vou avaliar. Mas fique tranquilo que não vou te expor. Imagina.

Tá. No caso, não é nem me expor. Eu estou mais preocupado é com a pessoa que me contou isso me confidenciou. Aconteceu com ela. Não aconteceu comigo. Então, eu não tenho autorização para contar o caso. E a pessoa continua trabalhando no mesmo local, com o mesmo chefe. Isso pode trazer problema para ela. Eu estou falando como um homem branco, heteronormativo. Eu não me encaixo em nenhuma categoria. Seria ridículo eu dizer que sofri preconceito por ser homem branco, heteronormativo.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES/PROPENSÕES MULHERES

Os dados da pesquisa ... da minha matéria que ganhou o Prêmio Abdias ... se você pegar os dados sobre negros ... o número de mulheres no jornalismo, se não é meio a meio, está bem próximo disso, do que homens no jornalismo. Os jornalistas negros são minoria. É minoria mesmo. Trabalhei com poucos diretamente. Eu não lembro de ver preconceito no sentido de distribuir pautas de forma diferente para eles. Não, não lembro. Eu vejo muito mais ... até mesmo ... a minha impressão dentro do jornalismo é que, apesar de ter menos negros na redação, o preconceito racial eu acho que ele é mais mal-visto na redação do que o sexismo. Porque o sexismo tem aquele machista, o cara que (diz que): “ah, foi só um galanteio”. Eu acho que no ambiente de redação os homens ... em reunião de pauta, por exemplo. Ih, já vi em várias reuniões de pauta que ... ah, aparece lá a foto da Dilma (Rousseff, presidenta da República) e da ministra Izabella Teixeira (ministra do Meio Ambiente) ... eu lembro ... teve uma charge do Chico Caruso que ele pegou “a coisa tá (sic) ficando feia”... era Dilma, a Izabella Teixeira e tinha uma terceira ministra, que eu não lembro, mas eram três mulheres e era uma charge que ... e aquelas piadinhas na hora de escolher a foto, faz o comentário. Ou Então, mesmo... vale o oposto. Destaque do dia a dia para Marcela Temer só porque ela é uma jovem bonita pelos padrões do homem, branco, macho, hetero. Eu vejo mais com mulheres. Com negros? Com negros, eu penso ... um comentário desse: “puta, só negão nessa foto?”. Eu acho que seria bem pior recebido do que um comentário: “puta, mas só tem mulher feia nessa foto, sabe?”. Eu pelo menos acho isso.

(sexismo tem ambiente mais propício para disseminação? O racismo seria mais encoberto, mais não-dito?) – Pelo menos, pela minha vivência ... eu acho ... eu percebo muito mais comentários sexistas do que comentários racistas. Apesar de ter mais mulheres nas redações do que negros. Eu acho que cabe ressaltar que a maioria dos meus chefes, a maioria das minhas chefes foram mulheres. É, eu entrei no jornal O Dia e a diretora da redação era uma mulher. E a minha chefe imediata era uma mulher. Eu não Folha de S. Paulo, eu peguei o período em que a Eleonora de Lucena era a diretora, a número 1 na redação. Acima dela só o Otávio Frias (dono do jornal). E na sucursal do Rio, por muito tempo, eu fui chefiado pela Paula Cesarino, que eu acho que ela se declara negra também. Paula, se me perguntasse se a Paula é negra, eu acho que sim. Eu acho que sim. A gente trabalhou muito e ela adorava essas pautas. E ela via que eu gostava. E em O Globo também a minha chefe era a Fernanda da Escóssia que era minha amiga de pauta. A quantidade de pautas que a gente fez sobre esses temas ... ela adorava as pautas de gênero e raça. E ela sabia que eu gostava também. Então, a gente fez muita matéria junto (sic). Depois a gente fez dobradinha: ela como editora de Política e eu como sub. A gente, em O Globo, além da cobertura de Política tinha também a cobertura de Comportamento que entrava na nossa editoria. Então, a gente fez um caderno com esses temas e aí eu sempre tive mais chefes mulheres do que homens.

(mulheres são diferentes do que os homens na chefia?) – Ah, não sei, né? Eu tenho medo de ... eu tive chefes. Minhas chefes sempre foram muito humanas. Agora sei lá ... não quero ... muito sensíveis e humans. Mas na diretoria ... nos postos mais altos que eu vi de comandos tinham mulheres muito duras também. As mulheres com quem eu trabalhei

diretamente era mais humanas, mais sensíveis ao diálogo ... mas eu não digo: “ah, mulheres são mais sensíveis, mais humanas”. As chefes que estavam em outros patamares tinham um perfil mais agressivo. Davam esporro ... O esporro delas era tão duro quando o esporro de um homem, enfim. Então, eu não ... eu tenho medo de dizer que era assim porque eu trabalhei com chefas maravilhosas e chefes maravilhosos. Eu não vi uma mudança de padrão no comportamento não. Agora, uma coisa ... nas pautas, no comportamento com os chefes, com os subordinados. Agora nas pautas eu vejo um olhar muito diferente. Aí eu vejo na pauta – aí de novo – eu não sei se é porque eu trabalhei com Paula Cesarina, Fernanda da Escóssia, duas que tinham muita essa questão de gênero e raça, que gostavam desse tema e colocavam esse tema. Então, eu tive uma boa relação com elas porque é um tema que eu sou apaixonado. Então, elas me davam corda, me davam espaço. Era uma ... eu acho que sim... tem mulheres em postos de comando em que você tem um olhar diferenciado para a pauta. Alguns temas surgem mais do que outros. Agora no dia a dia, no comportamento da redação, eu acho que dizer mais A ou mais B é cair no estereótipo de dizer: “ah, mulher é mais doce, mais sensível”. Eu não concordo, não resumiria a isso.

Ah, eu acho que elas estão muito vulneráveis foram do ambiente de redação também. Quando elas saem para ... em pautas ... uma pauta, minha mulher que é jornalista conta que está numa entrevista ... eu como homem nunca, quando entrevistando uma mulher, ouvi de uma mulher um gracejo assim: “nossa, mas você é tão bonitinho”. Ou: “ah, não posso falar com você agora, tá cheiroso?”. Minha mulher, que é jornalista, já contou. Um dia aconteceu com ela. Um homem, uns políticos famosos – alguns até com fama de bater em mulher, mas isso você não coloca, porque vai identificar a pessoa – mas ela já vivenciou. Esse tipo de comportamento fora da redação é um caso clássico para a mim de sexismo. Dentro de redação, eu acho que elas estão sujeitas também a esse tipo de comportamento. Mas isso também se resolver tendo mais mulheres em postos de comando. Você cria um constrangimento, mas algumas redações foram mais machistas do que outras que eu trabalhei.

RELAÇÕES DE GÊNERO – PROPENSÃO HOMENS

Os homens? Ah, eu sou homem, sou branco. Eu não vejo assim. Eu acho que eu sinceramente o homem não sofre por ser homem no jornalismo. Como eu te falei, numa entrevista ... o máximo que eu vi foi a Dilma chamar de minha querida, meu querido. Mas ela fala isso para todo mundo. Não. Nunca vivi isso. Nunca me senti prejudicado por ser homem em jornal. Eu acho que não tem vulnerabilidade por ser homem. Pode ter por outras razões. Jovem, inexperiente.

(situações comuns, destino em geral?) – O destino em geral dos homens? Olha, eu acho que ser homem aumenta a probabilidade dele subir mais alto em postos de chefia principalmente se na redação houver mais homens acho que aumenta a capacidade de ele subir mais rápido a postos de comando. Eu acho que também é mais relevado uma atitude, um sei lá, um comentário racista, um assédio ... vai ser mais relevado do que um assédio

feminino até porque é muito menor. Não sei. Eu acho que essa é a melhor resposta que posso te dar.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE SALARIAL E DE CONDIÇÕES

Eu não acho que têm tido as mesmas oportunidades não. Agora, eu acho que comparado com outras profissões, é uma presença que é muito grande, crescente e eu acho que ... comparado com outras profissões ... o jornalismo tem ... eu diria que tem...isso é menos prejudicial do que em outras profissões. E essas mulheres, algumas já têm ocupado postos de comando. Citei duas: a Ruth de Aquino e a Eleonora de Lucena. Duas. Da vez em que eu trabalhei em O Dia, a Ruth ... “ih, vai falar a Ruth”. Todo mundo temia a Ruth porque ela era a pessoa no posto mais alto de comando e a Eleonora também. A Eleonora era bem brava, assertiva e ela era super, super respeitada e, às vezes, temida também porque o temor vem ... acho que o temor não vem do fato de ser homem ou mulher, ou brava, ou mais suave ... é o próprio cargo. As redações têm uma hierarquia muito forte. E isso gera em qualquer pessoa que assume um posto de alto comando um respeito, um temor e, claro, é alvo de crítica também.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE.

Olha, eu acho que ainda é uma profissão com desigualdade de gênero, mas eu acho que essa desigualdade no jornalismo tem diminuído em ritmo maior do que em outras carreiras de nível universitário. Eu acho que no jornalismo tem caído mais porque as mulheres ... muitas mulheres chegaram a postos de comando. Eu acho que ainda é ... os conselhos editoriais, talvez aí você possa, você consiga ver isso ... os conselhos editoriais ... O da Folha eu sei que é publicado, o de O Globo eu acho que também é público, mas esses conselhos são muito masculinos ainda. Eles são de muito alto comando. Então, é ... eu acho que ... esses conselhos ... a minha suspeita é que esses conselhos são muito masculinos. Ainda é muito masculino nos conselhos editoriais. Agora se você for fazer uma pesquisa nas editorias, uma pesquisa nos três principais jornais do país quem é o editor ou a editora de Política, de Saúde, eu acho que você já vai ter mais diversidade. Eu arriscaria dizer que se você não tem meio-a-meio, você vai ter próximo. Há um tempo atrás O Globo só tinha mulher: a editora de Economia era mulher, a editora de Política era mulher – a Fernanda, minha chefe – a de Cidades, Adriana. Você tinha ... e eram as principais editorias. Não estou falando que tinha mulher no caderno de Moda ou no Segundo Caderno. Eu estou falando nas editorias, ali, sensíveis e ultra ... Então, assim, eu acho que nas editorias já é quase meio-a-meio se não for mais. No aquário, aí vai variar um pouco, mas é um pouquinho menos. E quando chega no corpo editorial, que é um órgão muito importante, que orienta e dá orientações de cobertura, não está no dia a dia, mas está pensando o que é o jornal, mas nesse espaço eu acho que tem menos mulher. Eu acho, né?

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO BRANCAS E BRANCOS

Olha, eu acho que em caso de negros têm um grande empecilho que é que são poucos né? Perto do que é a nossa população. É muito pouca a diversidade racial. É muito pouca. E aí tem tido uma preocupação. Eu acho que eu tenho tido uma preocupação crescente de aumentar a diversidade, mas ela ainda esbarra no fato de ter poucos negros. Eu acho que

um negro vai ter mais dificuldade de vivenciar uma ação de ascender mais rapidamente, porque precisa ter ... às vezes pode ter até um preconceito velado: “Ih, ele está aí porque é negro”. É só porque querem dar uma imagem, uma aparência de ser negro. No caso de homem branco, eu acho que não tem empecilho. Não é que ser branco que incentiva ou aumenta a probabilidade de a pessoa chegar mais rápido na redação, mas que branco tem empecilho em caso nenhum, entendeu? Você ser branco ou ser homem é zero empecilho para você exercer um cargo de comando. Essa é a vantagem: é você não ter empecilho. No caso de negro é que são poucos. São pouquíssimos hoje. em cada redaçãoq eu eu trabalhei, você contava nos dedos os jornalistas negros. E continua contando. Eu vejo muito menos progresso nesse caso específico, de crescimento de negros nas redações, do que novos, tantos alunos negros chegando. Então, e acho que é um problema que não se resolve só na redação. Agora, o que eu ... eu continuo insistindo que, para mim, isso se reflete muito no produto. Então, por exemplo, a pessoa que não se dá conta de ver que numa capa de revista só tem branco. A pessoa não percebe. “Pô, como é que não me toquei que essa publicação – do início ao fim – só tem branco. Então, tem essa ... o fato de não ter negros numa redação, eu acho que acaba prejudicando o produto nessa questão da diversidade. Você precisa conviver com vários perfis para uma pessoa da redação dizer: “puta, mas que mico. Nessa capa só tem ... não dá para produzir uma foto que tenha um negro? Só tem gente branca nessa foto? Parece que o Brasil é só isso? Durante o período em que estive com a Fernanda da Escóssia, eu fui subeditor de Política. Eu era o número 2 dela na editoria.

RELAÇÕES RACIAIS – PRÁTICAS DISCRIMINATÓRIAS

Olha, eu não lembro de ter visto práticas de racismo ou discriminação do chefe. Nunca um ... dentro de redação também por serem poucos os casos. Eu acho que isso se dá de forma muito velada. O que me revoltava mais e me ainda revolta é essa coisa de: “ah, vamos por ali. Escolhe ... é a escolha do personagem. (PEDE SIGILO) É a coisa do ... o que também ... uma coisa que eu te peço para não ... é uma coisa que ... conto com o teu sigilo. Como eu fazia muitas matérias sobre raça, às vezes, vinha um pedido de: “ah, vamos parar um pouco de falar desse assunto”. E eu, para mim, aquilo ali me incomodava porque eu ... ah, cara eu não queria parar de falar no assunto. Então, eu ... e aí ... agora numa redação não adianta você propor uma paraut aque o chefe não vá topar. Então, assim ... e às vezes eu ficava puto da vida porque a minha matéria era uma matéria que abria com caso de racismo ... bom, também foi uma vez só, para ser justo. Também parece que ... foi uma vez só que aconteceu. Eu fiz um lead abrindo uma reportagem falando sobre a temática de igualdade racial. E aí o chefe não gostou e disse que o assunto estava meio batido e falou: “vamos abrir por outro lado a matéria” (novo enfoque). E aí eu só via isso depois. Só fui ver esse caso depois. Então, isso aconteceu comigo. Eu fiquei pê da vida, mas para mim aquilo ali era um chefe que não queria que ... não que não tocasse ... isso nunca me disseram. Eu digo isso com muita sinceridade e honestidade. Nunca me disseram: “você está proibido de tocar nesses temas”. Mas já me disseram assim: “Pô, de novo! Você vai abrir por aí a matéria? Não tem outra coisa nova, não, para mostrar?”. Agora, eu também fui achando as minhas brechas. Eu fui pesquisando, pesquisando e tentava trazer a temática da desigualdade racial de uma maneira diferente para não dizer ... e aí eu confesso ... eu mesmo já falei assim. Quando chefe, eu falava ... eu me lembro

de ter dado essa orientação pra (sic) uma das repórteres que eu estava orientando. Era um material do IBGE e eu falei pra (sic) ela: não adianta dizer que negros ganham menos do que brancos. Você tem que ir além e mostrar alguma coisa a mais da desigualdade racial. Então, mergulha aí nos dados pra (sic) ir além e pegar algum gancho novo, alguma coisa que nos permita mais assunto e ganhar manchete porque ... e não necessariamente isso é ... eu agora sim, às vezes, você era meio ... me pediram pra (sic) “diminui aí. A gente está falando muito desse assunto. Vamos falar de outro assunto”. Isso já falaram mas eu peço sigilo. Sem citar o meu nome. Dizer que um dos jornalistas entrevistados já passou por uma cena de o chefe imediato pedir para não falar daquele assunto durante algum tempo. Foi exatamente isso que me pediram assim: “vamos deixar de falar desse assunto durante algum tempo. Daí ... depois de algum tempo eu voltei a falar.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE DESIGUALDADE

Não, não têm tido. Mas também porque são muito poucos. Aí a gente ainda está na fase ... no caso da mulher, a gente pode analisar o jornalismo como homens e mulheres estão meio-a-meio na profissão. Se não tem mais mulheres. É mais fácil você ver o peso da discriminação na redação. Se você for tentar pesquisar qual o peso da discriminação na redação, aí como pesquisadora você vai ter mais facilidade de ver isso porque mulher é meio-a-meio. Se você quer ver discriminação na redação. Mas o que acontece no jornalismo é que antes mesmo de chegar na redação. Tem a discriminação, a desigualdade racial nossa, de país, no jornalismo, nas redações. Então, se são poucos os negros jornalistas, vão ser poucos os negros nos cargos de chefia. Por óbvio porque são menos. Mas no caso da raça, eu acho que tem problema. No caso das mulheres, eu acho que não tem problema. O acesso aos cursos de jornalismo já está bem meio-a-meio, mulher e homem. Mas, em casos raciais não. Nos casos raciais ainda tem muito trabalho a ser feito para que mais negros cheguem ao jornalismo. Isso vale para outras profissões também.

RELAÇÕES RACIAIS – AÇÃO EMPRESAS

Raciais eu acho que elas (empresas) precisam apoiar mais ... olha eu defendo que você precisaria ter políticas afirmativas nas redações, de ações afirmativas nas redações. Não cota. Cota eu acho que é uma discussão mais para o ensino superior. Não, precisa ser cota. Mas uma preocupação de você ter mais negros em postos de comando., em redações não porque eu acho que as redações precisam ter mais diversidade para entender o valor da diversidade. Eu acho que não é para prestar contas para a sociedade: “ah, temos que”... Não, não é por isso. Mas porque eu acho que as redações têm de enxergar que a diversidade ... não, não que ela é boa, não ... ela é fundamental para a sobrevivência do produto, porque a gente está falando para uma sociedade que é diversa. Eu defendo muito que tem que ter uma preocupação na redação que você tem que ter em todos os cargos de chefia homem, mulher, negro, branco, gay, hetero, gente que veio de Nova Iguaçu, gente que foi criada no Leblon (bairros do Rio de Janeiro). Essa diversidade é fundamental para o produto jornalístico. Não porque tem que ter cota. Eu acho que as redações têm que ter ... eu sou a favor , claro, deixar claro que sou a favor das cotas ... Mas no caso das redação, o motivo deveria ser perceber que a falta de diversidade atrapalha o produto, diminui a qualidade do produto e prejudica o negócio até no sentido de não perceber que perde leitor porque você fala, quando você fala com um público só, com um uma linguagem

só. Você tem que ter gente de esquerda, comunista, petista, tucano, tem que ter ... a redação tem que ser um ambiente não de iguais, mas tem que ser um ambiente de conflitos. Os conflitos têm que aparecer porque eles estão na sociedade e essas divergências têm de estar, tem de existir nas redações para que o produto seja melhor.

RELAÇÕES RACIAIS – TRAJETÓRIA

Eu acho que sou exceção porque além de eu ser homem branco ... não sou exceção por ser homem branco, porque isso nunca me prejudicou. Mas tem uma coisa muito particular. Meu pai é um jornalista de algum conhecimento no meio, de alguma reputação. Então, assim, eu fui muito facilitado, mas fui prejudicado às vezes. Tem situações em que fui prejudicado, porque a pessoa achava que eu estava ali porque eu era filho do meu pai. Ou a pessoa achava que eu tinha conseguido a história porque eu era filho do meu pai. Então, isso me prejudicou em alguns momentos. Mas na maioria dos momentos, me colocava a favor porque me colocava ... eu era estagiário na redação e chegava ... ia lá ... sei lá, ia lá o governador do estado visitar a redação e aí alguém chamava, passava no corredor e falava: “ah, esse aqui é o filho do Ancelmo”. “Ah, você é filho do Ancelmo, é?”. Isso me beneficiou muito. Dizer que eu não fui beneficiado ... minha mulher brinca: “você fez anos de análise até conseguir colocar isso”. Mas é claro que eu fui beneficiado por ser filho do meu pai. Muito mais beneficiado do que prejudicado, porque eu estava no meio. Eram os amigos do meu pai que me conheciam. Muitos dos meus chefes era gente que frequentava a minha casa. Então, já sabia, sabia quem eu era, a minha capacidade. E eu acho que isso também gerava ... em alguns casos gerava mais tolerância e, em alguns casos, gerava até mais rigor. Eu até agradeço a um chefe que eu tinha, porque ele batia mais em mim sabendo que ... eu sou exceção por esse motivo. Eu sou exceção por esse motivo.

RELAÇÕES RACIAIS – FUTURO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Eu acho que tem futuro sim porque ... Tem futuro, tem. Mas é um futuro diferente do que se imaginava do que quando eu entrei nas redações. Acho que tem futuro porque sempre vai haver necessidade de gente falando de forma qualificada sobre determinados assuntos. Nesse sentido, vai sempre... em algum momento vão reinventar os meios e as formas de negócios para que isso exista. Agora, eu acho que não vai ser mais igual. Em algumas coisas, vai ser pior, porque as grandes redações se elas tinham, às vezes, as coisas amarradas, seus viezes, suas idiossincrasias, mas eram espaços de trocas entre novatos e experientes. Eram espaços em que ainda havia, em algumas redações, investimentos em grandes reportagens. Isso eu acho que é ... isso está ameaçado. Não é que eu acho que vai deixar de existir. Vai existir em menos escala, porque até agora ... sou pessimista o sentido assim que nenhuma nova plataforma fora de redação, até hoje, se provou sustentável ao longo prazo. Esses projetos de coletivos de jornalsitas, esses projetos de coletivos jovens contam muito com a coisa espontânea jovem. Mas esses jovens aí vão estar casados e vão ter ... não sei até quando, né? E na hora em que for cutucar um político? Uma pauta mais delicada ter mais, qual é o departamento jurídico que vai proteger um repórter como, por exemplo, o Chico Otávio (repórter investigado de O Globo) dos dez processos que ele leva por ano porque investiga A, B ou C. Eu não vejo ainda solução para isso. Esse é o espaço para jornalistas fazerem bem o seu trabalho. Esse espaço eu temo que vá diminuir,

esse espaço que é tão fundamental para a profissão, esse olhar ... investimentos em grandes reportagens. Eu sou pessimista em relação a isso.

JOÃO FREIRE



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Eu considero que o jornalismo me escolheu. Inicialmente, eu fiz Publicidade. Mas num primeiro momento, os primeiros trabalhos que apareceram eram do jornalismo. Então, eu segui, durante um tempo resisti um pouco, mas depois entrei de vez para o jornalismo.

DEFINIÇÃO DO TRABALHO COMO JORNALISTA

Em que sentido? Defina um pouco.

(como você desempenha a profissão?) – Eu sou basicamente um profissional de TV. Eu hoje trabalho mais com online, né? Notícias para o site do ICMBio (Instituto Ambiental Chico Mendes vinculado ao Ministério do Meio Ambiente), que é onde eu trabalho.

SEXISMO

É uma forma de tratar diferente as pessoas em razão do sexo, né?, seja no ambiente profissional ou pessoal.

RACISMO

Uma relação de imposição e poder, considerando que uma raça – no caso a branca – seria superior à negra.

PRÁTICAS SEXISTAS OU RACISTAS NO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

(Nas TVs, que posições você ocupou?) – Na Globonews, eu era editor. Na Anhanguera, eu era editor e, na NBr, eu era chefe de reportagem.

(considerando as tuas vivências profissionais, identificou ...) – Olha, principalmente nos primeiros anos da minha ... profissional, que já tem uns 25 anos, a presença de negros e de mulheres nas redações era muito menor. Ao longo do tempo ... é, na primeira década eu percebi isso. Depois, começou a ter uma participação maior da mulher na profissão, que hoje eu acho que é o jornalismo é tomado pelas mulheres. Vejo isso aqui na minha equipe do ICMBio que tem oito mulheres e um homem, além de mim, né? E, mais ainda, a questão e raça eu acho que é historicamente era assim e continua sendo assim: a participação do negro na profissão é bem menor. Não é proporcional à participação do negro na composição da sociedade, né, que é inclusive mais da metade da população e, nas redações, é sempre muito menos. Inclusive eu participei de uma banca de graduação,

há alguns anos atrás, que tratou desse tema. O negro meio que é tido em torno de 15% de profissionais... e na pesquisa que o estudante fez ... ele fez um levantamento nos principais veículos de capital e identificou que os negros são mais ou menos, em torno de 15% dos jornalistas atuando em veículos de mídia comercial era negros, apenas. Isso é muito visível também. Eu me lembro da minha turma de faculdade, em 1987, numa turma de 60 aluna tinha só dois negros. E hoje eu estou cursando uma especialização, em que de 35 anos – perai deixa eu recapitular – tem uma aluna negra.

(em comunicação?) – sim, em comunicação. No Uniceub.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES MULHERES

Bom, difícil essa, hein? Deixa eu pensar aqui. Hummm. Não está me ocorrendo um exemplo agora para eu te falar. Vamos passar para a outra para eu pensar mais um pouquinho?

Cargo de chefia. Eu acho que a mulher tem mais chance de sofrer assédio sexual, discriminação por conta da maternidade e acho que tem mais dificuldade de ascensão a cargos mais altos principalmente nas empresas privadas, né? Isso até é comprovado por pesquisas que mostram que executivos em cargos semelhantes, homens e mulheres, têm diferença de 20, 30% às vezes dependendo da situação.

(e a paternidade tem algum efeito prejudicial?) - Não, porque a nossa sociedade ainda vê muito a maternidade, a criação de um filho como responsabilidade mais da mãe do que o pai.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES/PROPENSÕES HOMENS

Olha, eu acho a ascensão profissional é mais fácil. Oportunidades, também, né?

(oportunidades de que tipo?) – Ah, acho que há um pouco daquela visão de que numa pauta perigosa a mulher é mais frágil. Acho que há uma visão... Não sei. Eu nunca ouvi isso declarado abertamente, mas é uma percepção que eu tenho. Posso estar equivocado, mas acho que é meio nesse sentido de situações mais complicadas para os homens e situações mais amenas para as mulheres. Isso acaba refletindo também que pautas importantes acabam sendo direcionadas para os homens. Mas eu não tenho muita certeza nessa afirmação, não.

(tua experiência, vivência nos veículos... tu não tiras do nada, né?) Não, é exatamente. Num olhar, pelo o que eu vivenciei na profissão. Mas como eu disse, nunca uma coisa declarada abertamente.

RELAÇÕES DE GÊNERO – DESVANTAGEM POR SER HOMEM?

Não. Nunca percebi nenhuma situação em que eu tive desvantagem por ser homem. Não. Acho que não.

(vantagem?) – Deixa eu pensar aqui um pouquinho. Não, nunca percebi essa distinção, por exemplo, numa seleção de emprego. Não, nunca percebi isso não.

(nem em posições destaque?) – Pois, é. Só na Globonews eu participei de um processo em que eu vi os outros candidatos. Nos outros empregos, eu não tive essa situação. Então, eu não sei com quem eu estava concorrendo se eram homens ou eram mulheres. No caso da Globonews, só tinham homens na seleção. Eram em torno de 20 candidatos. E todos homens.

(todos brancos?) – Não, tinha negros na seleção. De 20, uns dois. E já era uma seleção para um cargo de chefia.

RELAÇÕES DE GÊNERO – PRÁTICAS DE SEXISTAS

Deixa eu lembrar aqui. Não, não lembro de ter presenciado isso não. Em algumas empresas ...

(na posição de chefia, você ouviu relatos, comentários?) Olha, nessas situações, nesses empregos que eu te falei e o que eu tenho hoje, eu sempre tive posição de chefia como eu te falei. Nunca uma funcionária, mulher, da equipe, relatou uma situação desse tipo. Então, não sei se aconteceu uma situação de assédio ou se ficou calada no tempo em que trabalhei com ela.

(tu prestavas atenção nessas questões? Ou nunca te chamou a atenção?) – Não, é o que eu digo. Na minha frente, nunca vi um comportamento que pudesse se caracterizar dessa forma. Agora, não sei se na minha ausência, olhando para a equipe, aconteceu uma situação, mas nunca foi levado para mim um problema dessa natureza.

(favorecimento de homens?) – Olha, é comum que ocorra tratamentos diferenciados dentro das redações. Agora, menos por ser homem ou mulher, mas mais em função do perfil profissional. Então, essa experiência da NBr, por exemplo, eu tinha na equipe ... eram dez repórteres que eu chefiava. Era mais ou menos meio-a-meio. Era mais ou menos igual o número de mulheres e homens. Entre as mulheres, tinham algumas que se destacavam pela qualidade do trabalho e entre os homens também. Então, esses tinham mais oportunidades ou melhores pautas, pautas de maior importância em função da postura profissional. Não vi e não selecionei as pautas e as oportunidades pela questão de ser homem ou mulher.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE

Olha, eu acho que há uma mudança nesse perfil. Acho que em todas as empresas, as mulheres tinham muito menos oportunidade de ascensão e chefia, de gerência para cima e hoje não é dessa forma. Mas não tenho como afirmar se há um equilíbrio. Me parece que não. Mas assim sem ter uma alguma pesquisa ou informação que possa me comprovar de uma maneira mais clara. Mas acho que hoje tenha um equilíbrio maior sim.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE SALARIAL E DE CONDIÇÕES NEGRAS E NEGROS, BRANCAS E BRANCOS

Não, isso aí com certeza não até porque permenace sendo um número grupo muito menor dentro das reações. Pelo menos nas redações que conheço. Sempre há uma minoria de negros sejam homens ou mulheres. E não me lembro agora também de ter algum negro ou alguma negra em posição de chefia nas redações por onde eu passei. Estou falando de nível gerencial para cima.

RELAÇÕES DE GÊNERO – AÇÕES NAS EMPRESAS

Olha, eu acho que na tevê conta mais a questão da aparência. O padrão que a tevê quer tanto para os homens quanto para as mulheres. Então, não há muita margem independentemente da qualificação, da capacidade profissional, se você tem um padrão

visual que foge ao que eles querem. Aí, pode ser por uma questão de peso, de cor ou até por uma questão de origem. Por exemplo, o jornalista com sotaque nordestino na tevê dificilmente terá oportunidade numa rede, vai ficar mais restrito ao jornalismo local. No caso da tevê, eu vejo como uma diferença mais nítida. Mas a tevê é menos importante dentro do jornalismo. Você tem o online com uma presença muito forte e eu acho que ele quebra um pouco esse padrão. Você vê, no online, pessoas com padrões porque vovê no vídeo online pessoas que quebram isso, aquele padrão televisivo. Então, eu acho que há um caminho de democratização ou de igualdade sendo construído até porque a gente vive um momento de comunicação pós-massiva, né? Então, eu acho que todos podem ser produtores de conteúdo midiático, publicar conteúdo midiático. Então, eu acho que ainda não tem um equilíbrio total de forças, mas com certeza diminuiu a desigualdade.

RELAÇÕES DE GÊNERO – AÇÕES NAS EMPRESAS

Olha, eu acho que não é justo que as empresas façam isso de maneira ostensiva e acho que nenhuma delas assume que faz isso, né? Como eu disse, pode estar na regra de alguma empresa, mas não de forma escrita. Há um acordo tácito de falar: “olha, você sabe qual é o perfil que eu quero que você contrate, entendeu?”. Então, eu acho que como não é uma coisa assumida, é mais fácil de ser, de se ser, de se propor alguma mudança. Não sei, não me ocorre o que seria ... mas talvez o reconhecimento dos empresários de que a representação equilibrada dos que compõem a sociedade brasileira na tevê, principalmente, onde se tem uma visão mais clara das pessoas. Num texto de site, você não sabe que se é branco ou negro. Com o nome, claro, você vai saber se é homem ou mulher, mas não sabe se é branco ou negro. Na tevê, você tem isso de maneira mais visível. É muito recente ... é muito recente. Só lembro da TV Brasil que tem uma repórter cadeirante. Então,, eu acho que começou um processo de quebrar esses padrões, mas em algumas empresas eu não vejo isso como uma diretriz: “de ... vamos mudar o perfil dos nossos profissionais”. Eu não vejo isso.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO NEGRAS E NEGROS

Ahããã... não sei ... talvez ter menos oportunidades. Como eu falei, eu não lembro de nenhum veículo em que trabalhei de ver chefes negros. Em nenhuma delas.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO BRANCAS E BRANCOS

(que situações jornalistas brancos estão propensos?) – Eu acho que talvez uma facilidade maior de ascensão até porque são maioria das redações.

RELAÇÕES RACIAIS – VANTAGENS DOS BRANCOS

(você sentiu?) – Não. Algo claro, declarado, não.

RELAÇÕES RACIAIS – PRÁTICAS RACISTAS

Olha, é ... eu acho que há uma discriminação mais social do que racial no jornalismo. Por exemplo, um profissional de uma carreira mais humilde, por exemplo, marceneiro ou faxineiro, ele é sistematicamente identificado no jornalismo como Seu João, Dona Maria. Ele não é identificado pela profissão. Enquanto que é bem comum você ver – quando se trata de uma pessoa que tem uma posição melhor – ser identificada a engenheira Maria

ou como o empresário João, onde a própria apresentação da matéria já faz distinção. Agora como a maioria ... não sei se eu estou falando besteira ... mas eu acho que tem mais negros pobres que brancos pobres seja real. É ... acaba sendo um segundo componente de discriminação pelo conteúdo. Por exemplo, dentro desse pacote de discriminação é muito comum ter uma pessoa com posição social inferior, numa situação vulnerável, por exemplo, de parente assassinado sempre o repórter põe o microfone na cara da pessoa e fala: “o que você está sentindo?”. Coisas desse tipo que você não vê numa família de classe social mais elevada em que você vê que o próprio repórter dizendo: “a família pediu para não ser incomodada nesse momento de luto”. Eu acho que são pequenos detalhes no tratamento do conteúdo, considerado absolutamente normal, apesar de não ser, eu acho que não deveria ser. E que fazem essa distinção na forma como as pessoas são tratadas, abordadas no processo de produção jornalística.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE ou DESIGUALDADE

A igualdade com certeza não existe. O que você vê nas redações ... aí de maneira geral independente de ser online, impresso, tevê, não interessa. Você vê, hoje, uma predominância de profissionais brancos e mulheres. Hoje, tem muito mais mulheres do que homens na profissão hoje em dia. E aí é que eu digo. Eu acho que seria interesse das empresas de comunicação, embora eu acho que elas não percebem isso, de elas terem uma representatividade maior da composição da nossa sociedade. Traduzindo isso numa presença maior de negros na composição de suas equipes para você ter uma, uma aproximação maior com a sociedade. A partir do momento em que você dá mais diversidade na sua composição, você vai ter mais diversidade porque não é obrigatório e aí depende dos filtros que você tem no processo de produção. Mas há uma possibilidade de mais diversidade e de maior aproximação com a sociedade. Hoje as empresas de comunicação, as empresas comerciais, se queixam muito da perda de público. Eu acho que além do modelo de conteúdo ser um modelo repetitivo, não tem novidades ... já também esses distanciamento da vida das pessoas. A gente vê o jornalismo local, aqui de Brasília, por exemplo, eu não lembro de ver matérias que tratam de questões sociais. O que é predominante é a questão do trânsito, né? Quando você tem um movimento social quando acontece, por exemplo, uma passeata na Esplanada e você tem uma matéria que trata do transtorno para o trânsito provocado pelo movimento social e não na pauta daquele movimento social, da importância daquele movimento social. Então, acho que o conteúdo é preconceituoso, é superficial, não trata de questões de relevância para a sociedade e fica sempre muito em cima ... fica sempre na superficialidade, como eu disse, tratando a passeata como transtorno para o trânsito. Muitas matérias sobre buraco na rua e praticamente nenhuma matéria que trate dos problemas sociais. E quando você pensa que o Distrito Federal é um dos campeões de desigualdade no Brasil, eu acho que a mídia tem a obrigação de tratar desse assunto, mas não faz isso na prática.

(tem a ver com profissionais em termos de pertencimento racial?) – Olha, eu acho que é meio o que que vem antes. O ovo ou a galinha? Acho que é meio por aí. As pessoas que produzem o conteúdo não vivenciam isso no seu dia a dia e não se sentem interessadas pelo assunto ao ponto de produzir algo sobre isso. Tem até um termo que eu uso e que hoje reduz muito que são os sem mídia, os que não aparecem, os que não tem espaço na mídia. Hoje, com a popularização da tecnologia você muita gente de periferia, de classes

sociais menos favorecidas, produzindo conteúdo. Tem até algumas experiências bem interessantes. Alguns reproduzem o que veem na mídia comercial, né?, sobre as questões do seu dia a dia. Outros, não. Já fazem um trabalho bem interessante, de questionamento, voltado para os interesses da sociedade. Então, é difícil saber o que veio primeiro. Se o conteúdo que não trata desses temas por uma opção de não tratar desses temas ou se por uma questão que porque as pessoas que não produzem esses conteúdos não vivenciam isso no seu dia a dia e não enxergam aquilo como um assunto de interesse para a mídia. (pertença racial importa?) – Sim, sim, sim. Eu acho que passa por aí, sim. Vou te dar o exemplo do Distrito Federal, que é onde a gente vive. Quando é que a Ceilândia ou a Estrutural aparecem na tevê? Quando tem uma chacina, quando tem algum crime de maior repercussão e nunca para discutir as questões das necessidades, da lacuna social, da ausência do Estado. Nunca. Esses assuntos nunca são tratados. Aí me lembro de um exemplo bizarro ou assustador que foi uma matéria de tevê que mostrava as pessoas no lixo da Estrutural, que trabalham lá, e uma delas catando comida que tinha sido jogada fora pelo supermercado porque estava fora do prazo de validade e levando para casa. E aí a repórter, num determinado momento, diz: “nossa, a senhora se deu bem, né? Já garantiu o almoço de hoje”. Estava dando como uma coisa absolutamente normal como se aquela família tivesse que comer lixo e comida vencida, encontrada no lixo. Então, eu acho que o perfil dos profissionais que são escolhidos para trabalhar nessas empresas colabora para isso, por não ter responsabilidade social, por não ter vivenciado situações de vulnerabilidade social e, conseqüentemente, não conseguem se enxergar num lugar público.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE E DESIGUALDADE – AÇÃO DAS EMPRESAS

A primeira coisa seria uma autocrítica, né? Deveriam cumprir a Constituição que diz lá que a função primordial das empresas de comunicação é promover cultura, tratar de questões de interesse social. Isso está na Constituição brasileira e as empresas não cumprem. E dizer que não está regulamentado é uma grande besteira, né? Porque está lá no artigo 221 – deixa eu pesquisar aqui rapidinho para eu não esquecer – é ... exatamente. Peraí que está abrindo aqui. A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios: preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas. Então, por aí a gente já vê que elas não cumprem, né? Parágrafo segundo: promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação; regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei; respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família. Então, que emissoras de rádio e tevê cumprem isso, hoje, mesmo que parcialmente? Que eu não me lembre nenhuma. Acredito que seja uma prática, uma decisão mesmo: “vamos fazer o que a gente quer em função de determinados objetivos sei lá ... comerciais ou políticos, ignorando as questões sociais”. E aí a gente tem que lembrar do direito humano à comunicação que, quando ele é exercido, ele é um pré-requisito para que você alcance outros direitos fundamentais. Então, como eu já ouvi num hospital público de uma pessoa, depois de ficar oito horas na fila, o seguinte: “ah, isso aqui é de graça, né? Eu não posso reclamar”. Então, as pessoas desconhecem os seus

direitos, e com certeza a mídia tem um papel importante em manter as coisas como estão. Ou seja: “vamos garantir a permanência do status quo, vamos servir a interesses outros que não os da sociedade”.

RELAÇÕES RACIAIS – TRAJETÓRIA

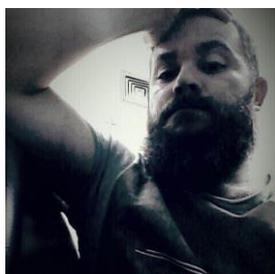
Olha, eu acho que eu estou na média. Eu não vi nada que ... não vejo nada discrepante nem para melhor nem para pior.

RELAÇÕES RACIAIS – FUTURO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Sim, mas não no modelo atual. Eu acho que a comunicação como um todo, não só o jornalismo, está mudando muito, principalmente por essa possibilidade de as pessoas com um celular de R\$ 300,00 produzir um vídeo e acompanhar o que acontece pela internet e, principalmente, ter a acesso a fontes de informações diversas que não a da mídia hegemônica. Então, eu acho que muda ... é uma possibilidade de mudança para a sociedade e que também empurra a profissão, os profissionais e as empresas para uma mudança. O modelo tradicional não tem uma sobrevida muito grande porque ... e a gente vê isso muito no ... com o certo declínio de público da tevê aberta, por exemplo, que sempre foi a principal fonte de informação das pessoas. Você vê, por exemplo, os programas de auditório são os mesmos há 50 anos. Então, é natural que as pessoas percam o interesse por uma coisa completamente repetitiva. Por outro lado, você começa a ter acesso a outras coisas. É claro que, em algumas situações ... em muitas situações, você vê as pessoas consumindo aquele entretenimento fácil, barato que você encontra na internet dos vídeos engraçados, dos vídeos de bichinho. Mas a informação bacana, a informação relevante, a informação que interessa à vida das pessoas está disponível. Embora ela não tenha percebido que ela deve buscar outras fontes de informação e não ficar só nos vídeos engraçados ou nos cliques musicais, entendeu? Então, a possibilidade já está posta, a facilidade de acesso é igual a um site de uma grande empresa de comunicação como para o seu blog pessoal. Basta que você com um clique você chega num ou chega no outro. E aí é que o você vai encontrar é uma grande diferença do que você encontra em um ou que você encontra em outro. Então, tem muita gente que tem formação na área, que tem formação em comunicação, fazendo trabalhos muito (ênfase) interessantes e essa é uma outra mudança importante. E eu acho que, quando a discussão da profissão se resume a alguns debates sobre a obrigatoriedade do diploma ou não, eu acho uma grande besteira isso porque enquanto está se discutindo uma questão legal, a vida real já atropelou isso faz muito tempo. E a obrigatoriedade do diploma já foi usada, no passado, como instrumento de repressão. Afinal, ela foi criada durante a ditadura militar. A realidade hoje é outra. A realidade é essa de que as pessoas, os movimentos sociais, as instituições não dependem mais do aval da grande mídia para que divulgar as suas ideias, seus conteúdos, suas queixas, suas reivindicações, enfim. Isso é uma reivindicação muito significativa tanto que, inclusive dentro das áreas de comunicação nas esferas de governo, a produção e conteúdo cresce e a relação com a imprensa diminui em função justamente dessa mudança. Você não precisa mais obrigatoriamente passar por um veículo de comunicação para que você se comunique com a sociedade. Então, da mesma forma que o movimento social pode falar diretamente com a sociedade, uma instituição, uma empresa privada grande pode falar direto com a sociedade. O governo pode falar direto

com a sociedade, usando os seus canais institucionais de comunicação. Isso também é uma outra mudança muito importante. E dentro desse conjunto novo de mudanças, o que vai sobreviver? Eu acho que é o conteúdo de qualidade. Se você tem formação ou não tem formação, mas se você produz um conteúdo de qualidade, relevante, isso vai ter público, vai ter consumo, vai ter interesse e tende a se manter, né? E não é só conteúdo sério. É conteúdo de entretenimento de qualidade. Não é falar que só se deve tratar de conteúdos relevantes e sociais. Você pode ter humor, você pode ter entretenimento, você pode ter lazer, porém, com qualidade para que você possa atingir o público. Então, a gente está começando uma mudança. A internet, no Brasil, tem 20 anos. A popularização da tecnologia tem menos de dez anos, porque quando você pega dez anos atrás celular com câmera não custava menos do que R\$ 1.500,00 e não tinha a qualidade de um celular que custa hoje R\$ 500,00. Então, sem descontar a inflação, já é uma redução de 75% do valor do aparelho. A internet, apesar de ser muito limitada, de baixa qualidade e muito cara, ela continua se expandindo no Brasil. E essas são mudanças que interferem na vida das pessoas e na vida das instituições.

LÚCIO PINHEIRO



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Olha, foi ...sinceramente, eu não escolhi não. Não tinha muita noção da profissão até por conta da formação. Pais com pouca instrução. Mas num dia eu fazendo um texto na aula da Inglês, um professor gostou do meu texto e sugeriu que seria uma boa área. Até Então, eu nem conhecia. Não fazia parte dos meus planos como estudante. E aí, no dia da inscrição, eu ouvindo o conselho daquele professor eu acabei me inscrevendo para o curso de Jornalismo.

DEFINIÇÃO DO TRABALHO COMO JORNALISTA

Humm. Eu acho que depois dentro da profissão ... eu vejo uma atividade de grande importância para a sociedade apesar de todas as amarras e, até um certo momento, ser uma profissão que lida com interesses pouco republicanos. Mas eu acredito que no geral é uma profissão, uma atividade essencial para uma democracia.

SEXISMO

Ah, para mim isso é uma forma rasa de compreender as pessoas, de olhar para as pessoas e até mesmo de ... uma forma de evitar, de barrar que outras pessoas sigam a sua carreira, o seu caminho. É atrelar a capacidade das pessoas a diferenças de sexo, de cor de pele.

RACISMO

Eu tenho a impressão de ser muito parecido com o sexismo. É não enxergar a pessoa como igual. Ver diferença da pessoa por diferenças de estética. É achar que uma é melhor ou pior que você por diferença de aparência.

PRÁTICAS SEXISTAS OU RACISTAS NO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Já sim. Eu vejo isso ... é nas redações vejo isso muito nas questões sobre mulheres. É uma visão ainda muito forte dentro das redações de ver a mulher como um ... primeiramente como objeto e algo a ser admirado. Então, as mulheres ... eu vejo muito isso, né. Elas ... antes de olharem para o trabalho, a atividade que elas executam, o nível de profissional que elas são há essa primeira questão que elas têm de superar: o machismo e, principalmente, a questão de vê-las como objeto. Sofrerem cantadas e até mesmo criarem situações dentro da redação menos focada no trabalho, mas mais focada no objeto que elas se tornaram naquele momento. Principalmente quando elas chega na redação.

(que tipo de situações?) Eu vejo aproximações com segundas intenções. Eu vejo piadas nos cantos. Conversas paralelas sobre a pessoa. As pessoas acham natural ficar comentando sobre uma mulher como se ela: “ah, ela é bonita. Está vendo ... não sei o quê. Ó, carne nova”. Essas coisas de machista mesmo. De homem.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES MULHERES

As mulheres eu acho que ainda rola muito essa questão do assédio e mais mesmo o assédio sexual. Eu vejo muito isso. Ouço relatos de que (elas) sofrem muito mais isso tanto por colegas, dentro das redações, quanto fora, pelas fontes. Acho que isso é algo que mais impacta e chama mais a atenção.

RELAÇÕES DE GÊNERO –PROPENSÕES HOMENS

Eu acho que para os homens há mais oportunidade. Chega-se mais fácil a cargos melhores, a salários melhores, não é? E acho que isso dentro da reação é mais gritante. Parece que as coisas ficam mais fáceis mesmo. Os homens não precisam provar tanto o seu lado profissional. Quando o homem chega: “ah, porque é competente”. Quando a mulher chega a uma posição mais elevada sempre há alguém para comentar: “ah, deve estar saindo com o chefe. Deve estar fazendo alguma coisa ... não sei o quê e não sei o quê”. Então, a carreira para o homem costuma funcionar de forma mais rápida. De negativo eu acho que os homens estão mais propícios a propostas de assédio não sexual, mas assédio mesmo: corrupção. Propostas de corrupção. Ocorre muito isso também.

(interna ou externa? Como você configura) – Eu vejo externa mesmo: das fontes para o jornalista. Eu vejo isso. No caso, eu já passei por alguns episódios assim de fontes oferecerem vantagens para matérias ou para a não publicação de matérias. Matérias

positivas ou para ocultação de matérias e informações. Eu vejo isso muito com os homens. Para as mulheres, eu vejo mais as propostas canalhas mesmo de assédio sexual.

RELAÇÕES DE GÊNERO – DESVANTAGEM OU VANTAGEM POR SER HOMEM?

Eu não tive ... apesar de acreditar que a realidade é essa, mas na minha vivência eu não vivi isso. Nas vezes em que eu fui chamando para trabalhar ou ocupar algum cargo, eu não percebi que houvesse ali uma mulher disputando aquela mesma oportunidade. Mas obviamente que isso existe. Com certeza. Quando me ligaram para fazer o primeiro estágio no jornal com certeza tinha meninas da minha turma que talvez estivesse com currículo ali e não foram chamadas.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE

Não. Ainda há uma diferença bem enorme entre os dois (mulheres e homens) principalmente na questão salário.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE E ACOES EMPRESAS

Acho que ainda há bastante desigualdade. As redações ainda refletem muito as mesmas situações da sociedade de um modo geral. E eu acho que as empresas também como outros setores da sociedade ainda estão muito insensíveis para essa realidade. Eu acho que falta mesmo olhar, preparar e refletir sobre as redações. Mas eu acho que isso ainda é uma das menores preocupações dos empresários e donos dos jornais no momento. Assim como fora das redações, nas nossas casas, nas ruas, as pessoas ainda teimam, relutam em enxergar isso. As pessoas ainda acham que é normal e até tachando de chato quem bate nesse martelo, nessa questão.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO NEGRAS E NEGROS

Eu acho que ... primeiro ... pelo menos na redação onde eu trabalho, tem poucos negros. E eu acho que isso já é um grande sintoma de que muita coisa está errada: o acesso à universidade, ao curso de Jornalismo. Os que estão dentro estão propensos a todo o tipo de preconceito. Eu acho que isso é algo muito marcante ainda.

(preconceito de que tipo?) Eu? Racial mesmo. Eu vejo preconceito racial, da questão da cor da pele. É muito forte ainda. As pessoas tentam negar, mas é muito forte.

(tem exemplo?) Não, não, não. Eu não vi. Dentro das redações ... não. Até porque eu só trabalhei numa redação até agora na vida toda profissional.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO BRANCAS E BRANCOS

Olha, eu sinceramente ... acredito ... por questão da cor da pele, nenhuma.

(teriam vantagens?) Eu acredito que sim por essa visão distorcida das pessoas. Essa visão preconceituosa. Eu acredito sim que há vantagem.

(você sentiu vantagem por ser branco?) Não, não. Não senti.

RELAÇÕES RACIAIS – VANTAGENS DOS BRANCOS

Não eu ainda não vivenci isso.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE DESIGUALDADE

Não, pelo menos na redação onde eu trabalho, eu não ... nos sete anos em que estou eu nunca vi nenhum negro ou uma negra ocupando postos de destaque na redação.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE E DESIGUALDADE – ACAO DAS EMPRESAS

Eu não acho que ainda há igualdade. E eu acho que o caminho das empresas é assim ... é selecionar melhor, é ver no momento da seleção. Dar oportunidades iguais e se atentar para essa questão. Ter consciência de que há uma grande desigualdade, uma grande barreira impedindo que pessoas negras tenham acesso, assim como à universidade, tenham acesso à redação, à vaga de emprego. Acho que o caminho é esse: a consciência da empresa e melhorar a seleção.

RELAÇÕES RACIAIS – TRAJETÓRIA

A minha trajetória é uma ... eu considero como exceção, porque, apesar de eu me considerar branco, a minha origem é humilde. Com pais sem sequer o ensino fundamental completo e eu tendo uma formação também muito frágil. Tanto que eu fui conseguir passar na universidade com 25 anos e trabalhar como vigia (vigilante) durante toda a faculdade. Eu considero uma exceção. Acho que poucos ... foi uma barreira, uma grande luta entrar na universidade, né? Mas depois dentro da universidade ... saindo da universidade as coisas até que correram um pouco fáceis. Logo eu consegui me desenvolver bem dentro da profissão, mas eu sinto que foi uma barreira assim por causa origem humilde.

(Quantos jornalistas negros na redação? E, mesmo não sendo o foco da pesquisa, quantos indígenas?) Eu vejo umas quatro pessoas negras na redação. De origem indígena mesmo não vejo. Apesar que todo mundo que nasce no Amazonas tenha essa origem bem marcantes, mas não consigo identificar pelo estereótipo. Mas negras vejo quatro pessoas assim.

(a redação tem quantas pessoas?) A redação tem uns 40 profissionais de jornalismo.

RELAÇÕES RACIAIS – FUTURO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Eu acho que o jornalista sim, sempre vai ter indiferente dos meios que vão desaparecer. Eu vejo que o jornal impresso está vivenciosos uns, mas a atividade em si sempre vai existir. O jornalismo de uma forma geral eu não acredito no fim. Eu acredito no fim de alguns meios como o jornal. Acho que vai sobreviver e a sua importância vai continuar para sempre. Não vejo uma sociedade democrática e desenvolvida sem a atividade do jornalismo.

MAICON BOCK



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Eu decidi com dez anos de idade. Eu tive muita influência de programas de televisão, tipo Aqui e Agora, que passava nos anos 90. Eu achava o máximo aquele jornalismo ... aquele jornalista que participava da notícia, que subia o morro com a polícia, que acompanhava os acidentes e que falava com as pessoas nas ruas. Aquilo me incentivou muito, sabe? Eu achava aquilo muito bacana: estar junto dos acontecimentos e ver as coisas na minha frente. Eu tive muito essa ... digamos ideia, sabe? De estar junto, de estar vivendo e de estar acompanhando as coisas junto. Eu morava no interior, em Terra de Areia, e não conhecia ninguém que era jornalista. Não conheci ninguém que quisesse ser jornalista, não conheci nenhum jornalista. Só fui conhecer com 17 anos. Uma professora de Espanhol, que apareceu na cidade, e ela só tinha se formado em jornalismo. Não exercia. Mas eu sempre tive essa influência da televisão e nunca mais tirei da cabeça. Isso aos dez anos e, aos 17, comecei a fazer a faculdade lá na Unisinos, onde a gente se encontrou.

DEFINIÇÃO DO TRABALHO COMO JORNALISTA

Pois é. Meio difícil essa pergunta, parece bem ampla. Mas, eu procuro ser um jornalista mais próximo da isenção, de ser um jornalista sem preconceito. Acho que esse é o tema do teu estudo. Eu, hoje, sou editor do jornal, né? Eu acho que o editor – não eu – mas quem tem essa função em qualquer veículo tem um poder muito grande. Eu acho que é um poder maior que o dono do veículo. Eu acho que o dono do veículo ... el, claro, pode definir algumas linhas gerais do veículo, ou definir algumas coisas: o que vai ou não vai entrar, enfoque ... mas no dia a dia é mais onde a gente tem impacto, sabe? Na escolha de uma foto. Por exemplo, você vai mostrar uma foto de praia, você vai escolher: colocar uma mulher, uma senhora mais idosa, uma senhora jovem, uma mulher negra, branca... Você tem um poder muito grande na hora de escolher uma foto, sabe? Mostrar uma versão e eu procuro ser muito isento, contemplar todo mundo... procuro dar ... acho que hoje o público, nossa audiência está muito em cima. Eu acho muito bacana isso. Eles estão muito em cima, muito participativos com os veículos de comunicação. Eles nos perguntam o porquê disso, de tal abordagem, o porquê que a gente ignorou tal assunto, né. Eu acho que isso interfere muito no nosso trabalho, né? O Jornal Metro, o que eu estou hoje, sabe? Eu acho que é um jornal muito mente aberta. A gente tem uma visão mais jovem, mais moderna do que muitos jornais que eu já trabalhei, sabe?

(em que aspecto?) Por exemplo, na escolha das pautas. A gente pode falar de algum assunto livremente que, de repente, em outros jornais eu teria mais dificuldade. Por

exemplo, temas do seu trabalho. Orientação sexual, questão sexual, questão dos negros, moradores de rua, populações excluídas. Eu acho que, hoje, eu tenho mais liberdade de abordar esses assuntos sem preconceito, sem ranço que eu acho que isso acontece nos maiores jornais, sabe? Eu procuro, como profissional, a minha linha sempre foi essa. Mas depende do veículo em que você está, você tem mais abertura para fazer as reportagens, explorar os fatos.

SEXISMO

Sexismo? Pois é. Eu associo muito com o machismo, com essa cultura que a gente tem que o homem é melhor que a mulher, tem mais direitos do que a mulher, pode fazer mais coisas do que a mulher. Eu acho que a gente vive uma sociedade muito assim. O homem pode tudo e a mulher não pode. Se a mulher tiver um comportamento igual ao de um homem, ela é tachada de forma pejorativa, é criticada. Para mim, é uma forma de machismo.

RACISMO

Racismo. Eu acredito que é sempre quando a gente não trata de forma igual todas as raças. Eu acho que ressaltar comportamentos negativos, né? Tudo isso é racismo. Outra coisa que – talvez vá surgir mais pra (sic) frente esse questionamento – a gente recebe, lá no jornal, - super conservadoras, preconceituosas. Essas cartas, eu não publico, mesmo que a pessoa não esteja cometendo um crime. Um faço uma peneira para não forçar aquelas ideias que a gente sabe que muita gente tem na sociedade.

PRÁTICAS SEXISTAS OU RACISTAS NO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Dentro da redação?

(contato com fontes, na redação, audiência)

Eu acho que sim, né? A gente está inserido numa sociedade. Então, eventualmente, tem algumas piadas. Ou colegas que acreditam que mulheres são mais fracas, né? E não são tão boas para fazer algumas pautas que outros colegas.

(exemplo de piadas?) – Eu não sou muito bom de memória.

(ideia?) – Acho que não vou lembrar neste momento. Eventualmente, a gente costuma ouvir algumas piadinhas, assim, né? No dia a dia. Ações, às vezes, nem de colegas, nem no jornalismo. Mas eu não vou saber te dizer agora. Por exemplo, na maioria dos locais, eu vejo poucas pessoas negras. No Correio do Povo, eu lembro de um colega ... Um no VS. Um no Correio do Povo. Na Zero Hora, poucos. Três ou quatro porque a redação é bem maior. Hoje, por exemplo, eu estou no Metro, nós temos cerca de 50 jornalistas pelo Brasil. São poucos negros também, sabe? O percentual é sempre muito baixo. Eu acho que essa falta de diversidade até nos ambientes de trabalho, até para a nossa profissão, até é ruim porque é importante ter gente diferente, de todas as raças, cores, orientação sexual, mulheres, homens, pessoas mais novas, mais velhas ... você vai até criar um ambiente mais harmônico, sabe?

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES MULHERES

Eu acho que é, às vezes, essa questão de os colegas acharem que elas não são aptas para fazerem determinadas pautas, tipo político. “Mulher, vai se assustar”. Eu acho que as

mulheres que são mães podem sofrer algum tipo de preconceito. “Ah, ela não vai ficar tão focada na cobertura por ter filhos”. Coisas mais assim, algumas pautas. Eu acho que também, às vezes, as mulheres acabam ouvindo determinadas coisas que eu acho que são sexismo. Tipo, se a mulher está um pouco chateada, irritada ‘naqueles dias’, alguma coisa assim, passa por um período mais irritada, diferente do humor normal. Ela ouve coisa do tipo: “ah, ela é mal comida”, sabe? Está com algum problema. Uma coisa que nunca se falaria para um homem, sabe? E eu aco isso muito, muito ruim.

(homens pais – há desconfiança?) – Não, não. Isso é muito engraçado. É do nosso meio.

RELAÇÕES DE GÊNERO – VULNERABILIDADES/PROPENSÕES HOMENS

Ah, eu acho que eles estão mais aptos a serem chefes. Normalmente, quem comanda as empresas de comunicação são homens. Eu acho que eles acham que eles têm mais potencial. Embora, tem muitas mulheres assumindo essas funções. E eu acho que coberturas de guerra, área policial... acho que lentamente a gente está mudando, mas a gente está num meio preconceituoso, sabe?

RELAÇÕES DE GÊNERO – DESVANTAGEM POR SER HOMEM?

Não, não. Acho que isso nunca aconteceu, não lembro nada que me deixou em desvantagem, sabe? Acho que não. Peraí. Acho que na época da faculdade, comigo acho que sim. Lembro que tinha uma escolha para ser apresentador de um documentário, eu falei que eu queria ser o apresentador. E senti que minha colega, por ser mulher, por ser bonita levou vantagem. Mas também pode ser impressão minha na época.

(desvantagem por ser homem branco?) – Não sei te dizer. Nunca parei para pensar nisso. Acho que para alguns meios, acho que para a televisão, o que importante é a aparência física. Acho que é o mais importante. Talvez por isso eu estou no impresso. Não reparo muito isso. Pode ter algo velado, que um nunca tenha percebido. Posso falar que ... eu sou gay. Uma vez ... eu participei de uma entrevista. Acho que a questão da diversidade sexual ... não sei se é muito o foco do teu trabalho. Já me aconteceu de eu fazer entrevista para emprego, mas eu nem sabia. Eu tinha ido mais para me apresentar para um determinado veículo e o editor do jornal viu que eu estava com uma aliança. Ele perguntou se eu era casado e eu disse eu sim, pois estava casado com um homem na época. Ele começou a me perguntar e eu senti que isso pesou e me atrapalhou. Eu acho que ele era um cara preconceituoso. Ele logo deu um jeito de encerrar a entrevista, mas senti que ele ficou impactado. Falei que no meu trabalho não muda nada. Eu falei naturalmente, mas senti que ele ficou impactado, me tratou diferente. E não me chamou para a vaga. Não tenho, claro, como dizer que eu não fui chamado para a vaga por isso. Mas senti que pesou. Mas também foi o único momento que alguém perguntou isso mais claramente. Mas eu senti um pouco na pele, eu senti que teve assim um pouco de preconceito sim.

RELAÇÕES DE GÊNERO – PRÁTICAS DE SEXISTAS

(deixo livre para expor questões referentes a orientação sexual, embora essa dimensão não esteja incluída no cerne do trabalho) – Eu acho que não. Mas o que observei em redação, é de olhares de colegas homens para mulheres. Olhares com outras intenções. Já aconteceu. Como também acho que já aconteceu de mulheres para com os homens. Eu

trabalhei em redações em que tinha muitos casais. A gente até brincava que jornalista se reproduzia em cativo. Impressionante o número de casais dentro de uma redação. (diferença entre relacionamentos consensuais e de assédio, intimidadores. Também perguntou sobre discriminações contra homossexuais) – Sim, sim. Tinha uma editora num jornal em que trabalhei que era lésbica e ela sofria alguns comentários. Claro, que quando ela não estava junto, né? Comentários assim: “ah, ela é assim mal-humorada porque nunca assumiu, nunca saiu o armário. A gente sabe, mas ela nunca comentou”. Já aconteceu assim esse tipo de comentário que eu também sei que já teve em relação a mim quando eu não estava. Colegas também comentam. Parece que depois que você trata esse assunto com naturalidade parece que até diminui o falatório, as conversas. Parece que quando você não quer comentar aquele assunto mais as pessoas se sentem aptas a continuar falando do assunto pelas costas.

(sentimento?) – No meu caso, já percebi de estarem falando de tal assunto e quando cheguei pararam de falar. Mas uma vez aconteceu isso. A gente estava numa cobertura de praia e, à noite, os colegas estavam comentando de ir num local de prostituição, sabe? E quando eu cheguei eles estavam comentando o assunto e pararam. Tipo eu não iria junto com eles, essas coisas assim. Mas o que eu mais observo, assim, nessas questões parece que no caso das mulheres lésbicas é que se são mal-humoradas é porque não têm vida sexual. As pessoas acham que normalmente não têm vida sexual, são mais velhas. Se são ... passam por momentos mais irritadas, as pessoas já ... são isso, sabe? As pessoas adoram julgar as outras, sabe?

(e em relação aos gays?) Pois é. Normalmente, eu ... onde trabalho tem muitos gays. E normalmente tem muitos comentários maldosos. Tipo: “ah, olha o jeito que o cara fala”. Tem um pouquinho disso. Uma separação de alguns colegas, de não se misturar, sabe? Interessantes essas questões né? Porque estão muito enraizadas nas cabeças das pessoas. Mas claro, hoje eu tenho uma posição de chefia. E eu tenho um grupo pequeno, mas eu não reparo isso no meu grupo. Acho que a gente fala das coisas bem abertamente. A gente tem momentos de confraternização fora da empresa. Namorado vai junto. A gente se reúne aparentemente numa boa. Um pessoal mais mente aberta hoje em dia.

(assédio mulheres negras) – Não. Com mulheres negras, não. Nos locais onde trabalhei, sempre teve muito pouco mulheres negras, pessoas negras em geral. Pouco. Então, não lembro.

(em favor de homens jornalistas?) - Negros? Não lembro, porque para mim. Na minha cabeça. Eu não separei muito essas coisas assim. Por exemplo, trabalhei num jornal em que tinha um repórter de Economia negro e ele é muito bem cotado, muito bem visto, respeitado, sabe?

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE

Talvez eu vou me contradizer. Mas eu acho que sim. Hoje, nas redações, sabe? Eu acho que eu tive mais chefes mulheres do que homens, chefes imediatos, chefes de reportagem. Geralmente, são mulheres, né? Eram mulheres. Eu acho que ... eu acho que sim. Mesmo

que no início eu tenha falado que os homens têm mais oportunidade, mas pensando mais a fundo – nos locais em que trabalhei – eu tive mais chefes mulheres do que homens.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE SALARIAL E DE CONDIÇÕES NEGRAS E NEGROS, BRANCAS E BRANCOS

Eu acho que não porque eles ainda estão em menor número nas redações, sabe? E até ... eu não sei o que acontece. Eu vejo muito pouco aqui no Rio Grande do Sul, eu vejo muito pouco. Até na faculdade. Se a gente via olhar aquela turma de 50 pessoas, numa sala de aula. São um, dois colegas negros, na época em que eu estudei, né? Já faz 11, 12 anos que eu saí da faculdade. Então, eu acho que não dá pra dizer que tem uma igualdade, proique são em menor número. Aqui no Rio Grande do Sul a porcentagem já é menor, são 13%, senão me engano. Talvez isso na faculdade isso se acentue mais essa discrepância, mas como está tão desproporcional nas redações não dá para dizer que tem igualdade.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO NEGRAS E NEGROS

Eu acho que esse ponto é muito parecido com que os gays sofrem que é ouvir piadinhas e ouvir comentários maldosos. Ser negro ou ser gay, como é o meu caso, a gente ouve coisas e parece que tem que relevar porque a sociedade é assim mesmo. A gente não via mudar as pessoas. Mas eu acho que principalmente ouvir comentários maldosos que não têm nada a ver com o exercício profissional, né?, ou a capacidade da pessoa. No caso dos gays, ouvi um colega da área comercial comentando com uma jornalista: “olha, o teu funcionário lá, ele é muito aveadado na rádio. A gente ouve ele no rádio e vê que ele é viado já num primeiro momento, né?”. E essa mulher, que é jornalista e tem um alto cargo na empresa, disse: “não, ele é muito bom. O cara é excelente e entende muito sobre cultura”, que era área que ele trabalhava, né?. Mas eu observo no geral assim que as coisas estão melhorando, né? A gente está mudando, a sociedade como um todo. Isso acaba aparecendo no jornalismo. Eu acho que gente está dando mais atenção a pautas relacionadas à diversidade como um todo. A gente está caminhando para isso, para ter menos preconceito até nos ambientes de trabalho. Isso está cada vez sendo menor, eu acho, sabe?

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO BRANCAS E BRANCOS

Pois é. Eu já não vejo muito problema, sabe? Eu já não vejo nada. (e vantagens?) - Eu acho que tem vantagens. Eu acho que a principal vantagem é não ter nenhuma desvantagem, sabe? Não ter nada contra, sabe? Eu acho que não tem nada contra, né?, na sociedade em que a gente vive.

RELAÇÕES RACIAIS – VANTAGENS DOS BRANCOS

Vantagem por ser branco? Olha, eu não vou conseguir te dizer, sabe? Eu acho que parece com a reposta anterior. Nenhuma desvantagem, né?

RELAÇÕES RACIAIS – PRÁTICAS RACISTAS

Eu acho que não. E não também por também ter poucos. Mas não lembro de nada assim. Estou tentando lembrar de situações. Mas sempre foram poucos colegas. Eu acho uma pena.

(privilégios em favor de brancas e brancos?) Também não vou lembrar porque a maioria dos locais onde trabalhei tinha pessoas brancas, sabe? Então, não sei te dizer assim.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE DESIGUALDADE

Eu acho que como nós temos pouco... é assim como eu falo, sabe? ... eu acho que todas as minhas análises ficam prejudicadas, porque é tão desparelho. São tão poucos negros nas redações que fica difícil dizer que tem, sabe? Eu acho que por ter tão poucos negros dificulta e os brancos vão acabar tendo mais chance de chegar a um cargo maior, por exemplo, porque estão em maior número. Agora, analisar se é uma questão de preconceito ... mas aparentemente eu acho que os homens brancos, as pessoas brancas teriam mais chance pela sociedade que a gente vive.

(como você classifica a sociedade em que a gente vive?) – Eu acho que é uma sociedade ainda preconceituosa, hipócrita. Todo mundo diz que não tem preconceito, que aceita os gays, os negros e que contratariam funcionários brancos, negros, gays. Mas na prática acaba não sendo assim, sabe? Acaba tendo um favorecimento. Isso acontece também tendo uma beleza física maior que outro, acho que independe da cor. Eu acho que elas acabam tendo vantagens, as pessoas mais bonitas, para algumas funções também.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE E DESIGUALDADE – ACAO DAS EMPRESAS

Perguntas muito boas. Eu acho que a gente está caminhando. Eu acho que se a gente olhar, assim, há uns 30 anos atrás tinha muito mais mulheres nas redações. Em algumas áreas elas não atuavam como na policial. Praticamente não tinha mulheres em gerência, na reportagem. Se a gente olhar para mais atrás um pouco, a gente via ver que está num momento bem melhor.

(empresas) – Eu acho que as empresas vão mudar e vão melhorar ao longo do tempo e de acordo com as pessoas que estão lá. Eu acho que as pessoas ... as novas mentes chegando elas ajudam a mudar essa mentalidade. Eu acho que as empresas devem incentivar a contratação de profissionais com perfis bem diferentes, sabe? Ter mais mulheres nas equipes, ter gays, ter pessoas de diferentes faixas etárias. Aqui, no Rio Grande do Sul, o que eu mais observo ultimamente é que as pessoas mais velhas estão tendo menos oportunidades. Cada vez mais as empresas querem demitir as pessoas que têm salários mais altos, com mais de 25, 30 anos de profissão. As empresas mandam embora essas pessoas. A gente está tendo uma juvenização das profissões. Eu acho isso um pouco ruim porque a gente aprende com quem tem uma bagagem maior. Mas eu acho também, por outro lado, vejo que está ingressando no jornalismo pessoas (sic) que têm a mente mais aberta para essas questões que a gente está falando, questões sociais. Acho que está vindo aí pessoas com mentalidades menos preconceituosas, questões como igualdade de gênero, diversidade sexual. Eu estou vendo um povo muito bacana chegando.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE E DESIGUALDADE – ACAO DAS EMPRESAS

Acho que nessa questão de raça ainda é muito desigual. Eu ainda continuo observando – eu acho que falei isso ao longo da nossa conversa – eu acho muito discrepante. Ao longo da nossa conversa, eu fui tentando lembrar do local onde trabalho, dos outros setores da empresa e são muitos poucos os colegas negros jornalistas. Acho que falta um pouco disso: ter mais pessoas para ampliar essa visão e essa harmonia que eu acho que tem que ser diferente.

RELAÇÕES RACIAIS – TRAJETÓRIA

Eu... como vou dizer? Eu acho que eu sou um cara muito iluminado, assim. Porque, por exemplo, eu nasci numa comunidade muito pobre, em Sapucaia do Sul. Meu pai era caminhoneiro. Minha mãe era dona de casa. Pessoas pobres que tiveram toda uma luta. Pessoas que depois de 20 anos de casado é que foram ter a casa própria, sabe? Moravam de aluguel, de favor. No meu caso, eu acho que dei muita sorte e acho que isso tenha sido muito importante para mim, para eu ter uma visão com menos preconceito. Nasci entre pessoas mais humildes. E, às vezes, no jornalismo, a gente acaba tendo contato com colegas que sempre tiveram muita grana, muitas oportunidades, os melhores locais. No meu caso, eu acho que tive sorte, de sair, trocar de empresa, ir melhorando profissionalmente. O cargo em que estou hoje que eu acho que é muito bacana para a idade que eu tenho. O que eu quero dizer? Pelo fato de ser gay também. Eu acho que eu não senti tanto preconceito de trocar de empresa, de postos. Apesar de ter situações pontuais sobre preconceito, eu acho que não foi contra mim. Nunca foi levado em conta porque não quer dizer nada, não me faz melhor nem pior. Eu acho que foi sorte. Não sei se ... acho que não dá pra (sic) dizer exceção, sabe? Mas acho que poderia ser tudo mais difícil. Eu acho que é por isso que eu falo, eu acho que tem tanta gente disputando as vagas. E eu me consegui me colocar e, muitas vezes, sem conhecer pessoas diretamente, sabe? Vejo os passos que eu dei e foi meio que assim eu quero trabalhar naquele local. E perguntava pra (sic) algum colega e perguntava: com quem que eu falo. Foi meio assim, me apresentando, foi por conta própria. Nunca foi vai lá e contrata o Maikon porque ele é meu amigo ou eu conheço ele. Não. Nunca tive isso. Eu tive que ir abrindo os meus caminhos.

RELAÇÕES RACIAIS – FUTURO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Eu acho que sim. Sempre vai ser necessário ter um jornalista. Alguém para ser um intermediador, digamos assim, do conteúdo. Esse intermediador sempre será necessário. A gente vê os novos meios, a internet, cada vez mais tem notícia falsa, gente mal-intencionada. Acho que cada vez mais vai precisar ter um jornalista pra (sic) distinguir o que é verdade e o que não é. Confiar em veículos. Eu acho que vai ter mudanças. Eu acho que a gente está migrando para ter uma coisa só. Telas que ... computadores que vão ser rádio e jornal, sabe? Eu acho que ... eu sempre brinco que faço parte da última geração de jornal impresso. Eu trabalho em jornal impresso, mas eu acho que o fim é inevitável. Acho que não faz mais sentido ter jornal impresso com todos os custos envolvidos, sabe? Acho que a gente vai migrar pra (sic) algo assim integrando todos os meios, rádio, tevê e jornal, numa tela assim. Mas acho que vai continuar precisando de jornalista.

MARCOS GUIMARÃES



ESCOLHA DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Olha, eu ... a comunicação nasceu em mim desde garoto. Eu sempre morei perto de veículos de comunicação, de rádio, de jornal, que tinha o Jornal de Alagoas. E a primeira porta que bati jovem, aos 16, 17 anos, foi a da comunicação, no caso o rádio. E lá ingressei aos 17 anos e esse instrumento de comunicação me fez cidadão. E aí, mais adiante, eu decidi fazer o curso de Jornalismo e uma pós-graduação.

DEFINIÇÃO DO TRABALHO COMO JORNALISTA

O jornalismo que eu faço, que é o do rádio, é uma coisa bem interessante, né? Você tem uma interatividade com o público que lhe ouve. Ele ... a notícia sempre foi primeiro do que o jornal, né? Porque ela chega primeiro no rádio e na televisão do que no impresso, que vai sair no outro dia. Eu gosto de fazer rádio, a parte de comunicação jornalística.

SEXISMO

Sexismo é a diferença dos sexos. Não é isso o que você queria saber? É uma coisa natural.

RACISMO

Racismo é um preconceito que, aos poucos, vai sendo vencido. Eu tenho esperança de que o Brasil logo, logo se livre disso.

PRÁTICAS SEXISTAS OU RACISTAS NO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Não, não, não, não, não. Inclusive ... é não, não, não. Não. Posso te dizer que não.

RELAÇÕES DE GÊNERO – PROPENSÃO MULHERES E PROPENSÃO HOMENS

Olha, as mulheres elas têm avançado muito, né? Houve abertura de mercado de trabalho tanto para mulheres quanto para homens. Eu não acho que ... os espaços são iguais, né?

RELAÇÕES DE GÊNERO – PRÁTICAS DE SEXISTAS

Não, não. Isso não é do meu tempo, não, querida. Eu acho que ... não vi tanto problema assim não, hein? Graças a Deus.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE

Olha, aqui, nós trabalhamos a base de piso. O piso está na faixa de três mil e pouco. E tanto homem quanto mulheres, eles recebem isso. Agora, eu conheço algumas companheiras jornalistas e companheiros jornalistas que ascenderam o cargo de assessor de imprensa nas empresas e aí recebe um pouco mais, né? É salário mais significativo. Mas a gente aqui somos todos iguais.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE AÇÕES DAS EMPRESAS

Olha, aqui, em Alagoas nós trabalhamos com igualdade tanto homem quanto mulher. Não tenho visto essa prática. Acompanho a mídia em outros estados. Agora, aqui, no nosso estado não.

(empresa de AL são caracterizar po igualdade ou desigualdade?) Bom, repare bem. Ser eu for para a área do rádio, que é a área em que eu trabalho, o homem predomina. Agora, nos veículos de comunicação local – hoje, nós só temos dois jornais diários, uma cooperativa e um jornal de uma empresa que é do Collor (Fernando Collor de Melo, senador da República) e eu acredito até que eles tenham mais mulheres.

RELAÇÕES DE GÊNERO – IGUALDADE OU DESIGUALDADE SALÁRIO E CONDIÇÕES DE TRABALHO

São, são, são, são. A mesma coisa.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO NEGRAS E NEGROS

Olha, aqui nós temos companheiras negras, mas ainda é uma quantidade pequena. Mas não tem tido isso porque é negra e não tem espaço não. Posso te dar ... tem companheiras negras nas assessorias de comunicação de governo, nas assessorias de comunicação de governo. Várias negras. Nós temos. Em A Gazeta nós temos. A Valdice (Gomes, presidenta do sindicato dos Jornalistas de Alagoas), é uma prova disso. Uma companheira no sindicato. E eu acredito que aqui não tem isso muito não. E nas universidades, muitas colegas, muitas alunas negras.

RELAÇÕES RACIAIS – PROPENSÃO BRANCAS E BRANCOS

Televisão. Televisão, né? No rádio ... primeiro que o rádio ele tem poucos jornalistas, ainda, né? Porque, com a minha experiência, eu digo que ele abre mais espaço para o radialista. Mas na televisão tem mais jornalistas brancas, ok?

RELAÇÕES RACIAIS – VANTAGEM POR SER HOMEM BRANCO

Não, não, não, não. Não porque no meu caso vai mais pelo talento e aí ligado ao rádio, né? Nós temos – não sei te dizer porque temos companheiras e companheiros radialistas no rádio também.

RELAÇÕES RACIAIS – PRÁTICAS RACISTAS

Olha, que eu me recorde não. Não é? Agora pode ser que tenha acontecido. Mas eu não me recorde não.

(diferença de salários, pautas, viagens) Não. A gente aqui está naquela de que todos são iguais.

RELAÇÕES RACIAIS – IGUALDADE E DESIGUALDADE – AÇÃO DAS EMPRESAS

Com igualdade.

(o que as empresas devem fazer?) Olha, aqui eu observo que somos iguais mesmo.

RELAÇÕES RACIAIS – TRAJETÓRIA

Olha, eu sou assim num lugar eu subo e de repente eu desço, né? Você vai lutando e abrindo espaço, né? Bom, eu sobrevivi até agora.

RELAÇÕES RACIAIS – FUTURO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Olha, me preocupa muito a nossa profissão porque com essa, com o avanço da tecnologia... nós temos blogs, aí, informando... a web tem ... e aí, você se prepara ... E ainda ... primeiro com a história do Gilmar Mendes quando ele cassou a nossa profissão. E ... com maior respeito aos cozinheiros, mas nos colocou iguais a quem estava numa cozinha ... Então, nós temos aí para frente que vencer essa dificuldade, para que a gente possa ... se não a gente vai continuar com fragilidade. É uma profissão que vive uma fragilidade constante.

APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1. Identificação:

Nome:

Idade:

Sexo: _____ Raça/cor:

Naturalidade: _____ Estado civil:

Filhas ou filhos (quantidade/idade):

Escolaridade:

Veículos onde trabalha e trabalhou (nomes das empresas, período de contratação e função desempenhada):

2. Trajetória profissional:

Fale um pouco da sua escolha pelo jornalismo como profissão.

Como você define o seu trabalho como jornalista?

O que você entende como sexismo? E como racismo? Você já percebeu práticas sexistas ou racistas no jornalismo como profissão?

3. Relações de gênero no jornalismo como profissão:

Que situações as mulheres estão mais vulneráveis de vivenciar no exercício do jornalismo pelo fato de serem mulheres? Que situações os homens estão mais vulneráveis de vivenciar no exercício do jornalismo pelo fato de serem homens?

Você já se sentiu em desvantagem no jornalismo por ser mulher? Você já sentiu em desvantagem no jornalismo por ser homem? Em que situação?

Ao longo da sua carreira, você verificou práticas de assédio ou discriminação contra mulheres jornalistas? E em favor de homens jornalistas?

Mulheres e homens jornalistas têm tido as mesmas oportunidades para ocupar postos com mais responsabilidade, decisão e salário nas redações?

Para você, o jornalismo tem se caracterizado como uma profissão com igualdade ou desigualdade entre mulheres e homens? Na sua opinião, o que as empresas jornalísticas devem fazer para manter a igualdade ou enfrentar as desigualdades com base em gênero?

Por fim, a sua trajetória profissional poderia ser considerada exceção ou regra em termos de oportunidades, condição de trabalho, salário e estabilidade? Por favor, justifique.

4. Relações raciais no jornalismo como profissão:

Que situações negras e negros estão mais vulneráveis de vivenciar no exercício do jornalismo pelo fato de serem negros? Que situações brancas e brancos estão mais vulneráveis de vivenciar no exercício do jornalismo pelo fato de serem brancos?

Você já se sentiu em desvantagem no jornalismo por ser negra ou negro? Você já sentiu em vantagem no jornalismo por ser branca ou branco? Em que situação?

Ao longo da sua carreira, você verificou práticas racistas e discriminatórias contra negras e negros? E de privilégios a favor de brancas e brancos?

Negros e brancos jornalistas têm tido as mesmas oportunidades para ocupar postos com mais responsabilidade, decisão e salário nas redações?

Para você, o jornalismo tem se caracterizado como uma profissão com igualdade ou desigualdade entre negros e brancos? Na sua opinião, o que as empresas jornalísticas devem fazer para manter a igualdade ou enfrentar as desigualdades raciais?

Por fim, a sua trajetória profissional poderia ser considerada exceção ou regra em termos de oportunidades, condição de trabalho, salário e estabilidade? Por favor, justifique.